CASA de TERRA
e SANGUE
+
CASA de CÉU
e SOPRO

KIT

CIDADE DA LUA CRESCENTE

SARAH J. MAAS



Galera

CASA de TERRA
e SANGUE
+
CASA de CÉU
e SOPRO

KIT

CIDADE DA LUA CRESCENTE

SARAH J. MAAS



Galera

Table of Contents

1. KIT CIDADE DA LUA CRESCENTE
2. CASA DE TERRA E SANGUE
    1. Obras da autora publicadas pela Editora Record
    2. Rosto
    3. Créditos
    4. Dedicatória
    5. Sumário
    6. As quatro casas de Midgard
        1. Nota
    7. Mapa
    8. Parte I | O vazio
        1. 1
        2. 2
        3. 3
        4. 4
        5. 5
        6. 6
        7. 7
    9. Parte II | A trincheira
        1. 8
        2. 9
        3. 10
        4. 11
        5. 12
        6. 13
        7. 14
        8. 15
        9. 16
        10. 17
        11. 18
        12. 19
        13. 20
        14. 21

15. 22
16. 23
17. 24
18. 25
19. 26
20. 27
21. 28
22. 29
23. 30
24. 31
25. 32
26. 33
27. 34
28. 35
29. 36
30. 37

10. Parte III | O Cânion
    1. 38
    2. 39
    3. 40
    4. 41
    5. 42
    6. 43
    7. 44
    8. 45
    9. 46
    10. 47
    11. 48
    12. 49
    13. 50
    14. 51
    15. 52
    16. 53
    17. 54
    18. 55
    19. 56
    20. 57

21. 58
22. 59
23. 60
24. 61
25. 62
26. 63
27. 64
28. 65
29. 66
30. 67

11. Parte IV | A Ravina
    1. 68
    2. 69
    3. 70
    4. 71
    5. 72
    6. 73
    7. 74
    8. 75
    9. 76
    10. 77
    11. 78
    12. 79
    13. 80
    14. 81
    15. 82
    16. 83
    17. 84
    18. 85
    19. 86
    20. 87
    21. 88
    22. 89
    23. 90
    24. 91
    25. 92
    26. 93

27. 94
28. 95
29. 96
30. 97

12. Epílogo
13. Agradecimentos

3. CASA DE CÉU E SOPRO
    1. Obras da autora publicadas pela Editora Record
    2. Rosto
    3. Créditos
    4. Dedicatória
    5. As quatro casas de Midgard
    6. Prólogo
    7. Parte I | - O Desfiladeiro
        1. 1
        2. 2
        3. 3
        4. 4
        5. 5
        6. 6
        7. 7
        8. 8
        9. 9
        10. 10
        11. 11
        12. 12
        13. 13
        14. 14
        15. 15
        16. 16
        17. 17
        18. 18
        19. 19
        20. 20
        21. 21
        22. 22
        23. 23

24. 24
8. Parte II | - O Abismo
    1. 25
    2. 26
    3. 27
    4. 28
    5. 29
    6. 30
    7. 31
    8. 32
    9. 33
    10. 34
    11. 35
    12. 36
    13. 37
    14. 38
    15. 39
    16. 40
    17. 41
    18. 42
    19. 43
    20. 44
    21. 45
    22. 46
    23. 47
9. Parte III | - O Fosso
    1. 48
    2. 49
    3. 50
    4. 51
    5. 52
    6. 53
    7. 54
    8. 55
    9. 56
    10. 57
    11. 58

12. 59
13. 60
14. 61
15. 62
16. 63
17. 64
18. 65
19. 66
20. 67
21. 68
22. 69
23. 70
24. 71
25. 72
26. 73
27. 74
28. 75
29. 76
30. 77
31. 78

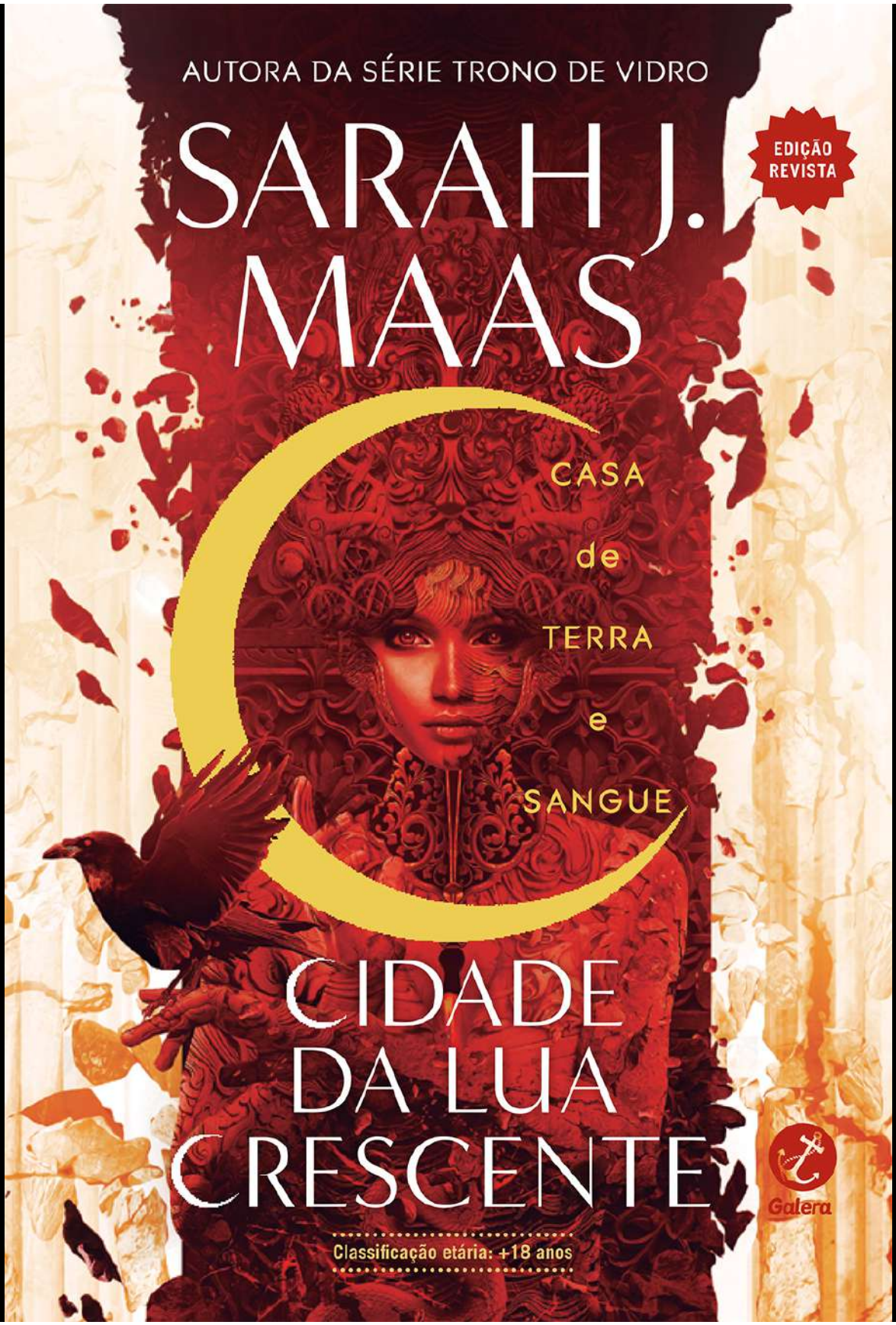
10. Epílogo
11. Bastidores de Casa de céu e sopro
    1. Bryce & Hunt
    2. Ruhn
    3. Tharion & Hypaxia
12. Agradecimentos

4. COLOFÃO
5. SAIBA MAIS

AUTORA DA SÉRIE TRONO DE VIDRO

SARAH J. MAAS

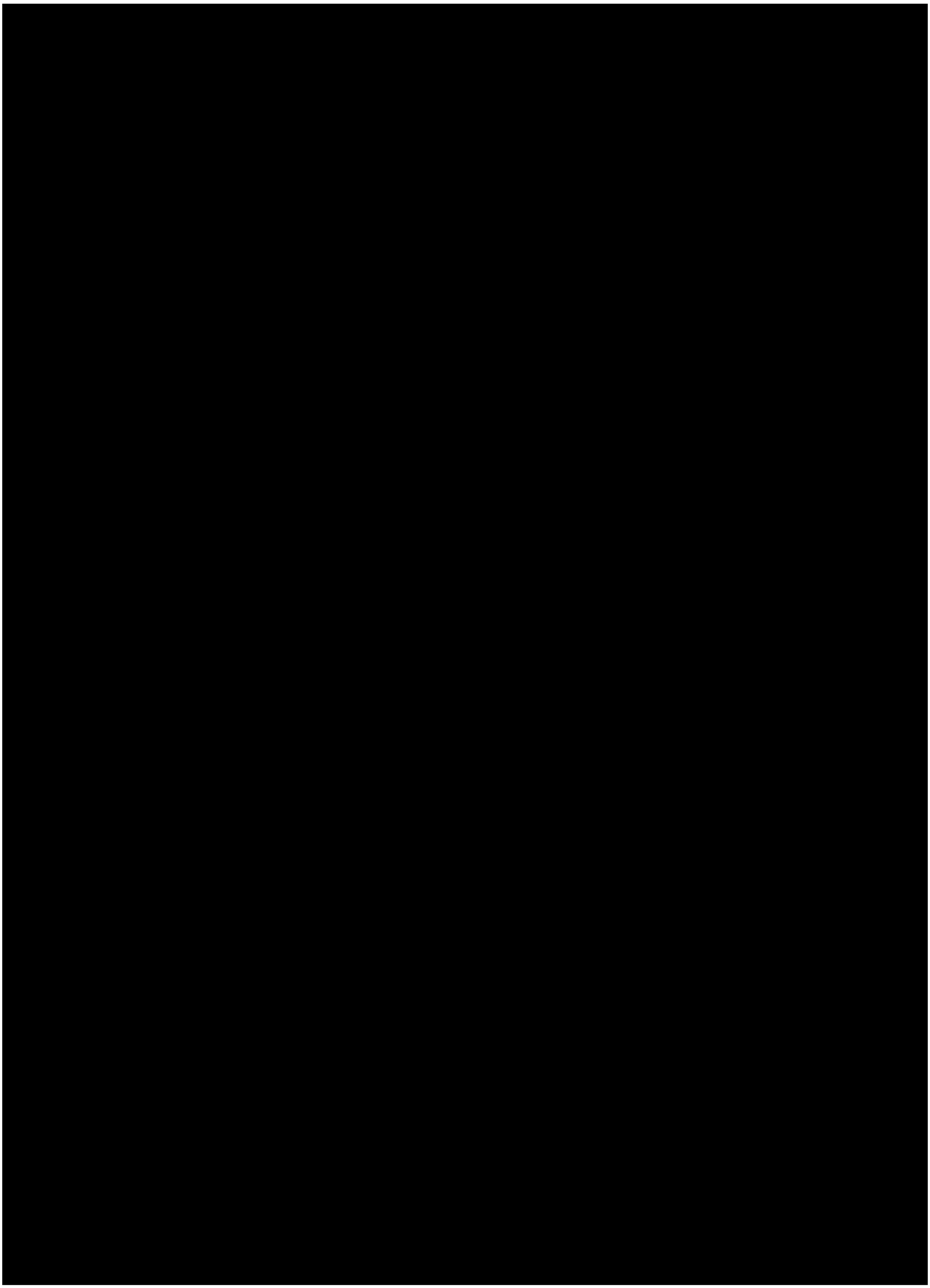
EDIÇÃO REVISTA



CIDADE DA LUA CRESCENTE

Classificação etária: +18 anos

Galera



Obras da autora publicadas pela Editora Record

Série Trono de vidro

A lâmina assassina

Trono de vidro

Coroa da meia-noite

Herdeira do fogo

Rainha das sombras

Império de tempestades

Torre do alvorecer

Reino de cinzas

Série Corte de espinhos e rosas

Corte de espinhos e rosas

Corte de névoa e fúria

Corte de asas e ruína

Corte de gelo e estrelas

Série Cidade da Lua Crescente

Casa de terra e sangue

SARAH J. MAAS

CIDADE DA LUA CRESCENTE

CASA de TERRA e SANGUE

Tradução de
Adriana Fidalgo

2ª edição

Galera

RIO DE JANEIRO

2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Maas, Sarah J.
M11c Casa de terra e sangue / Sarah J. Maas; tradução Adriana Fidalgo. – 2ª
2ª ed. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.
recurso digital (Cidade da lua crescente; 1)

Tradução de: House of earth and blood
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 978-65-5587170-8

1. Ficção americana. I. Fidalgo, Adriana. II. Título. III. Série

20-65598 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título original:
House of earth and blood

Copyright © Sarah J. Maas, 2020

Mapa: Virginia Allyn

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-147-0



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Taran...
A mais brilhante estrela em meu céu.

SUMÁRIO

As quatro casas de Midgard

Parte I | O vazio

1
2
3
4
5
6
7

Parte II | A trincheira

8
9
10
11
12
13
14
15

16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37

Parte III | O Cânion

38
39
40
41

42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67

Parte IV | A Ravina

96
97

Epílogo

Agradecimentos

AS QUATRO CASAS DE
MIDGARD

Como decretado em 33 da Era Vanir pelo Senado Imperial
na Cidade Eterna.

CASA DE TERRA E SANGUE

Metamorfos, humanos, bruxas, animais comuns e muitos outros a quem Cthona comanda, assim como alguns escolhidos de Luna

CASA DE CÉU E SOPRO

Malakim (anjos), feéricos, elementais, duendes* e aqueles abençoados por Solas, assim como alguns favorecidos por Luna

CASA DAS MUITAS ÁGUAS

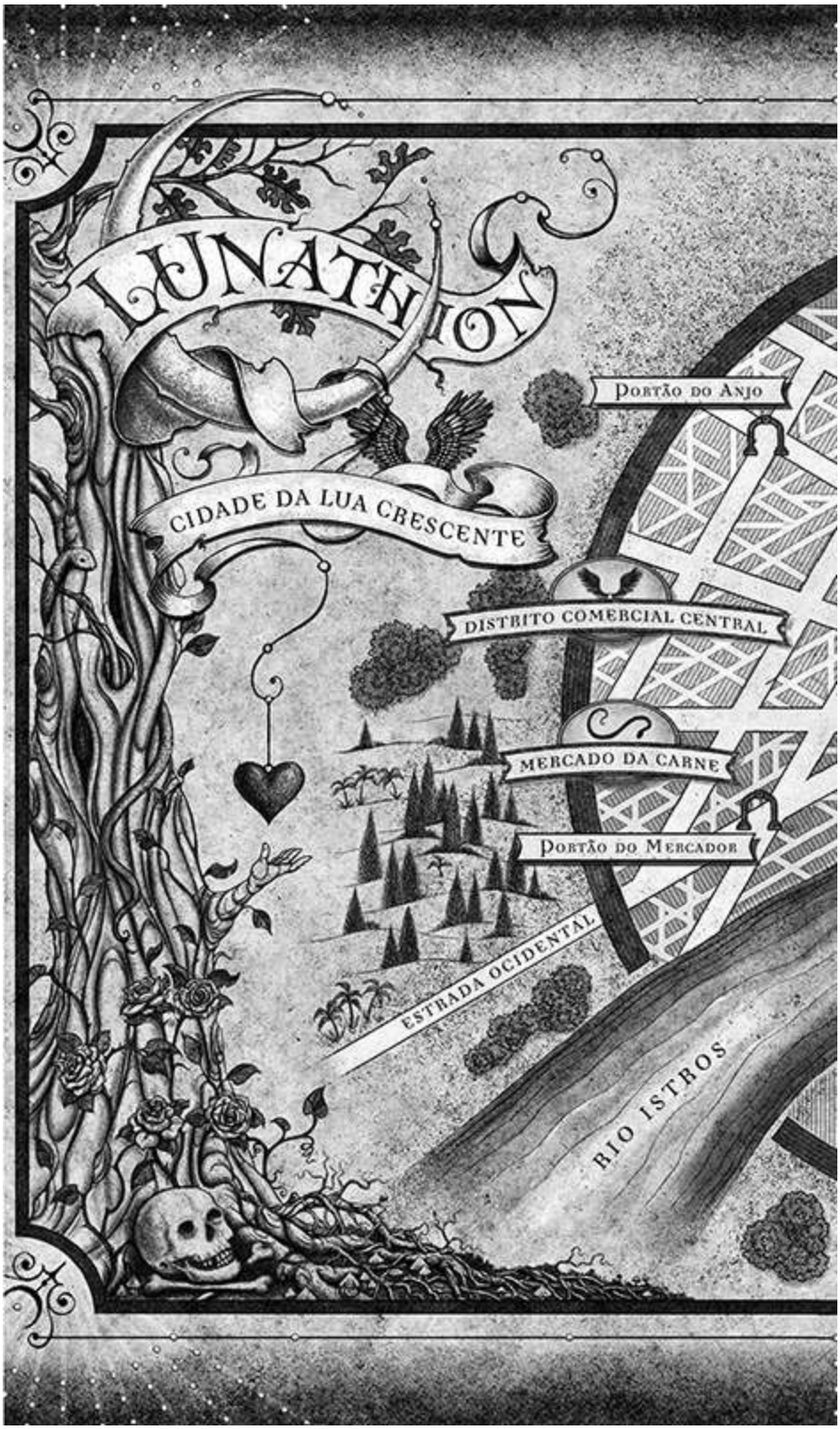
Espíritos fluviais, sereias, bestas aquáticas, ninfas, kelpies, nøkken e outros protegidos por Ogenas

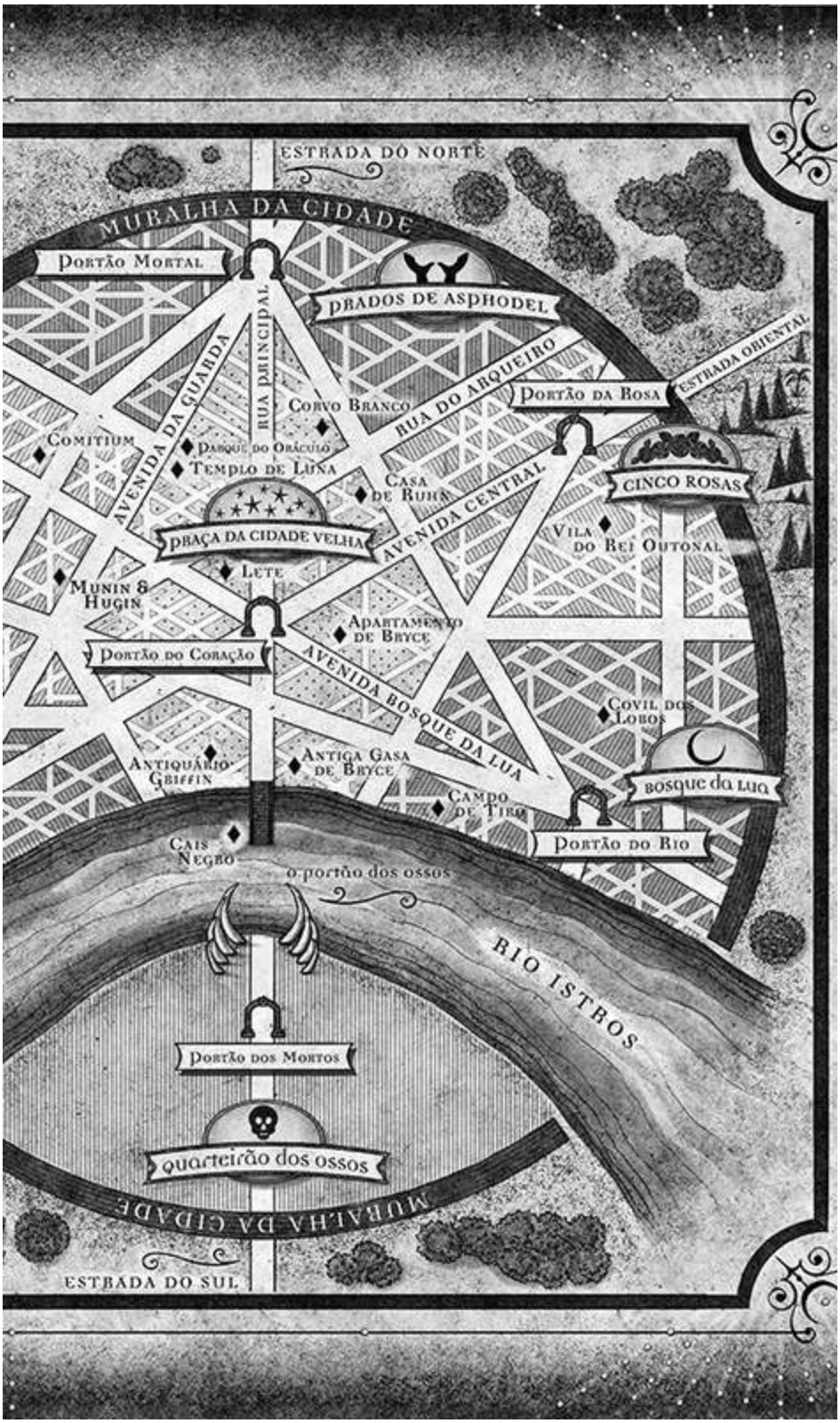
CASA DE CHAMA E SOMBRA

Daemonaki, ceifadores, espectros, vampiros, draki, dragões, necromantes e muitas criaturas perversas e inomináveis que mesmo Urd não pode ver

Nota

* *Duendes foram expulsos de sua casa como punição pela participação na Queda, e agora são considerados Inferiores, embora muitos se recusem a aceitar o fato.*


LUNATHION
CIDADE DA LUA CRESCENTE
PORTÃO DO ANJO
DISTRITO COMERCIAL CENTRAL
MERCADO DA CARNE
PORTÃO DO MERCADOR
ESTRADA OCIDENTAL
RIO ISTROS


ESTRADA DO NORTE
MURALHA DA CIDADE
Portão Mortal
Prados de Asphodel
Rua Principal
Avenida da Guarda
Rua do Arqueiro
Estrada Oriental
Portão da Rosa
Corvo Branco
Comitium
Parque do Oráculo
Templo de Luna
Casa de Ruha
Cinco Rosas
Avenida Central
Praça da Cidade Velha
Vila do Rei Outonal
Lete
Munin & Hugin
Apartamento de Bryce
Portão do Coração
Avenida Bosque da Lua
Covil dos Lobos
Antiquário Griffin
Antiga Casa de Bryce
Bosque da Lua
Campo de Tiro
Cais Negro
Portão do Rio
o portão dos ossos
Rio Istros
Portão dos Mortos
quarteirão dos ossos
MURALHA DA CIDADE
ESTRADA DO SUL

PARTE I
O VAZIO



Havia uma loba à porta da galeria.

Sinal de que devia ser quinta-feira, sinal de que Bryce devia estar *mesmo* exausta se estava confiando nas idas e vindas de Danika para determinar que dia era aquele.

A pesada porta de metal do Antiquário Griffin sacudiu com o impacto da pata da loba; uma pata que Bryce sabia terminar em unhas pintadas de roxo metálico e precisar urgentemente de uma manicure.

— Abra logo, B. Está quente como o inferno aqui fora! — rosnou uma voz feminina meio abafada pelo metal, um piscar de olhos depois.

Sentada à mesa na modesta sala de exposição da galeria, Bryce sorriu e acessou a imagem da câmera de vídeo da porta da frente.

— Por que está imunda assim? Parece que andou chafurdando no lixo — perguntou ela pelo interfone,

colocando uma mecha do cabelo cor de vinho atrás da orelha pontuda.

— O que diabo significa *chafurdando*?

Danika alternava o peso do corpo de um pé para o outro, o suor brilhando na testa. Ela enxugou o rosto com a mão suja, espalhando o líquido escuro salpicado ali.

— Saberia se pegasse em um livro, Danika.

Grata pela interrupção no que havia sido uma manhã monótona dedicada à pesquisa, Bryce sorriu ao se levantar da mesa. Na ausência de janelas, o equipamento de vigilância da galeria lhe permitia o único vislumbre de quem a aguardava além das paredes grossas. Mesmo com a aguçada audição semifeérica, ela não conseguia distinguir muita coisa do outro lado da porta de ferro, exceto o ocasional esmurrar de um punho. As paredes sem adornos do prédio de arenito escondiam tecnologia de ponta e feitiços de primeira, que o mantinham operante e preservavam muitos dos livros em seus arquivos no andar de baixo.

Como se a simples lembrança do pavimento sob os saltos altos de Bryce a tivesse invocado, uma voz baixa soou à esquerda, vinda do outro lado da porta de 15 centímetros de espessura que levava aos arquivos.

— É Danika?

— Sim, Lehabah.

Bryce torceu a maçaneta da porta da frente, os encantamentos zumbindo contra sua palma, deslizando como fumaça sobre a pele reluzente e sardenta. Ela cerrou os dentes e aguentou firme. Ainda não estava acostumada à sensação, mesmo depois de um ano trabalhando na galeria.

— Jesiba não a quer aqui — avisou Lehabah, do outro lado da ilusoriamente comum porta de metal que levava aos arquivos.

— *Você* não a quer aqui — argumentou Bryce, os olhos cor de âmbar se estreitando para a porta dos arquivos e para a pequena duende de fogo que, ela sabia, pairava do outro lado, bisbilhotando como sempre fazia quando alguém aguardava lá fora. — Volte ao trabalho.

Lehabah não retrucou, com certeza flutuando de volta ao andar inferior para vigiar os livros. Revirando os olhos, Bryce abriu a porta da frente e foi saudada por um calor tão intenso que dava a impressão de querer sugar sua alma. E o verão havia apenas começado.

Danika não apenas parecia ter chafurdado no lixo. Também cheirava como se o tivesse feito.

Mechas do cabelo louro-prateado — em geral uma suave cortina de seda — escapavam da longa trança apertada, os fios cor de ametista, cor de safira e cor-de-rosa salpicados por uma substância oleosa que fedia a metal e amônia.

— Por que demorou tanto? — gemeu Danika ao desfilar pela galeria, a espada presa às costas balançando a cada passo. A trança havia se emaranhado ao gasto punho de couro e, quando Danika parou na frente da mesa, Bryce tomou a liberdade de soltá-la.

Ela mal tinha acabado de desenrolar quando os dedos finos de Danika desafivelaram as correias que prendiam a bainha da espada à surrada jaqueta de couro estilo motoqueiro.

— Preciso guardar isto aqui por algumas horas — disse a loba, soltando a espada das costas e se dirigindo ao armário escondido atrás de um painel de madeira do outro lado da sala de exposição.

Bryce se apoiou na beirada da mesa e cruzou os braços, os dedos roçando no tecido elástico do vestido preto justo.

— Sua bolsa de ginástica já está empesteando o lugar. Jesiba volta hoje à tarde... ela vai jogar suas coisas no lixo outra vez, se ainda estiverem aqui.

Jesiba Roga libertaria as hordas de um inferno menor se provocada.

Uma feiticeira de 400 anos que nasceu bruxa e desertou, Jesiba se juntara à Casa de Chama e Sombra e agora respondia apenas ao Sub-Rei em pessoa. Chama e Sombra lhe caiu feito uma luva; ela possuía um arsenal de sortilégios digno de qualquer feiticeiro ou necromante da mais sombria das casas. Era famosa

por transformar pessoas em animais quando irritada. Bryce jamais se atrevera a perguntar se as pequenas bestas nas dezenas de tanques e terrários sempre tinham sido assim.

E tentava não irritá-la. Não que houvesse opção segura quando o assunto era os vanir — um grupo que abrangia todo ser em Midgard, com exceção de humanos e animais comuns. Até mesmo o menos poderoso deles podia ser letal.

— Volto mais tarde — prometeu Danika, apertando o painel escondido para abri-lo.

Por três vezes, Bryce já havia lhe avisado que a despensa da sala de exposição não era seu armário privativo. No entanto, Danika argumentara que a galeria, localizada no coração da Praça da Cidade Velha, era mais perto que o Covil dos Lobos, em Bosque da Lua. E aquilo encerrara o assunto.

A despensa se abriu e Danika balançou uma das mãos na frente do rosto.

— *Minha* sacola de ginástica está empesteando o lugar? — Com a ponta da bota preta, ela chutou a mochila com o equipamento de dança de Bryce, no momento espremida entre o esfregão e o balde. — Quando foi a última vez que lavou essas malditas roupas?

Bryce franziu o nariz ao sentir o cheiro de sapatos velhos e roupa suada que emanava dali. Certo... ela se esquecera de levar para casa e lavar o *collant* e as

meias após uma aula no horário do almoço, dois dias antes. Culpa de Danika, que lhe enviara um vídeo mostrando um punhado de raiz-alegre sobre o balcão da cozinha, a música estourando nas caixas de som na janela, e a chamara para voltar correndo para casa. Bryce obedecera. As duas tinham fumado tanto que havia uma boa chance de Bryce ainda estar chapada quando se arrastara até o trabalho na manhã seguinte.

Não existia, de fato, outra explicação para os dez minutos que gastara escrevendo um e-mail de duas frases naquele dia. Letra por letra.

— Não importa — respondeu Bryce. — Preciso ter uma conversa séria com você.

Danika rearranjou a bagunça no armário a fim de abrir espaço para as próprias coisas.

— Já pedi desculpas por comer o resto de seus noodles. Vou comprar mais hoje à noite.

— Não é isso, sua idiota! Se bem que, de novo: vá se foder. Era meu almoço de hoje.

Danika riu.

— Essa tatuagem dói pra diabo — reclamou Bryce. — Nem consigo encostar na cadeira.

— O tatuador avisou que ficaria dolorido por alguns dias — cantarolou Danika em resposta.

— Eu estava tão bêbada que errei ao assinar meu nome no termo de autorização. Obviamente não

tinha condições de compreender o significado de "dolorido por alguns dias".

A tatuagem de Danika, o mesmo texto que agora enfeitava as costas de Bryce, já havia cicatrizado. Um dos benefícios de ser um vanir puro-sangue: tempo de recuperação menor comparado a humanos... ou mestiços, como Bryce.

Danika jogou a espada na bagunça do armário.

— Prometo que, hoje à noite, ajudo com as compressas para aliviar a dor. Só me deixe tomar uma chuveirada. Saio daqui a dez minutos.

Não era incomum que a amiga aparecesse na galeria, especialmente às quintas-feiras, quando sua ronda da manhã acabava a apenas alguns quarteirões, mas ela jamais usava o banheiro que ficava nos arquivos do andar inferior. Bryce apontou para a sujeira e o óleo na amiga.

— O que é *isso*?

Danika franziu o cenho, enrugando o rosto anguloso.

— Tive de separar uma briga entre um sátiro e um caçador noturno. — Ela exibiu os dentes brancos ao examinar a substância escura que lhe cobria as mãos. — Adivinhe qual dos dois derramou *suco* em mim?

Bryce bufou e apontou para a porta dos arquivos.

— O chuveiro é todo seu. Há algumas roupas limpas na última gaveta da escrivaninha lá de baixo.

Os dedos imundos de Danika começaram a girar a maçaneta da porta que levava aos arquivos. Ela cerrou os dentes, a antiga tatuagem em seu pescoço — o lobo com sorriso e chifres que servia como insígnia da Matilha dos Demônios — ondulou com a tensão.

Não com o esforço, percebeu Bryce enquanto observava as costas retesadas de Danika. Bryce deu uma olhada no armário, que a amiga não se incomodara em fechar. A espada, famosa tanto naquela cidade quanto além, estava apoiada na vassoura e no esfregão, a antiga bainha de couro quase escondida pelo galão de gasolina usado para abastecer o gerador de energia nos fundos.

Bryce sempre havia refletido sobre o motivo para Jesiba se importar com um gerador ultrapassado... até o primeiro blecaute total, na semana anterior. A energia caíra e apenas o gerador tinha mantido as trancas no lugar durante os saques que se seguiram, quando patifes deixaram o Mercado da Carne e começaram a bombardear a porta da frente da galeria com contrafeitiços para romper os encantamentos.

Mas... Danika deixar a espada no escritório. A necessidade de tomar um banho. As costas tensas.

— Você tem uma reunião com os Mestres da Cidade? — perguntou Bryce.

Desde que haviam se conhecido, quando ainda eram calouras na Universidade da Cidade da Lua Crescente, cinco anos antes, Bryce podia contar em

uma das mãos as vezes em que Danika fora convocada para uma reunião com aquelas sete pessoas, importantes a ponto de merecerem um banho e uma troca de roupa. Mesmo quando se reportava ao avô, o Primo dos Lobos Valbaranos, e a Sabine, sua mãe, Danika em geral usava a jaqueta de couro, jeans e qualquer camiseta de banda vintage que não estivesse suja.

Claro, aquilo irritava profundamente Sabine, mas *tudo* em Danika — e em Bryce — irritava a Alfa da Matilha da Lua Ceifadeira, principal unidade metamorfa no Auxilia, as tropas auxiliares da cidade.

Pouco importava que Sabine fosse a Prima Presumível dos Lobos Valbaranos e a herdeira de seu velho pai havia uma eternidade, ou que Danika fosse a segunda na linha de sucessão. Não quando rumores de que Danika devia ser Prima Presumível, suplantando a mãe, vinham se intensificando ano a ano. Não quando o velho lobo dera à neta a espada, relíquia de família, quando estava prestes a morrer, mesmo depois de prometê-la a Sabine por séculos. A lâmina cantara para Danika em seu aniversário de 18 anos, como um uivo numa noite de luar, havia argumentado o Primo para explicar a súbita decisão.

Sabine jamais se esquecera de tal humilhação. Sobretudo quando Danika exibia a lâmina praticamente em todo canto — em especial na frente da mãe.

Danika hesitou sob a abertura em arco no alto dos degraus cobertos por carpete verde que levavam aos arquivos abaixo da galeria... onde se encontrava o verdadeiro tesouro do lugar, guardado dia e noite por Lehabah. Era o real motivo pelo qual a loba, que se graduara em história na UCLC, gostava de aparecer com tanta frequência: apenas apreciar a arte milenar e os livros, apesar de Bryce provocá-la em relação a seus hábitos de leitura.

Danika se virou, os olhos cor de caramelo fechados.

— Philip Briggs será solto hoje.

— *O quê?!* — exclamou Bryce, sobressaltada.

— Vão libertá-lo por algum maldito detalhe técnico. Alguém fez merda com a papelada. Vamos receber um relatório completo pela manhã. — Ela cerrou o maxilar esguio, o brilho de primalux nas arandelas de vidro ao longo da escadaria refletido no cabelo sujo. — É de foder.

Bryce sentiu o estômago embrulhar. A rebelião humana continuava confinada à região norte de Pangera, o vasto território além do mar Haldren, mas Philip Briggs tinha feito de tudo para levá-la até Valbara.

— Mas você e a matilha o detonaram naquele pequeno laboratório rebelde.

Danika bateu o pé no carpete verde.

— Maldita babaquice burocrática.

— Ele ia explodir uma *boate*. Você literalmente encontrou os planos de Briggs para destruir o Corvo Branco.

O Corvo Branco era uma das mais famosas boates da cidade, a perda de vidas teria sido catastrófica. Os atentados anteriores de Briggs, de menor proporção, mas não menos letais, haviam sido arquitetados para desencadear uma guerra entre humanos e vanir, na intenção de espelhar a que assolava os climas mais frios de Pangera. Briggs não escondia seu objetivo: um conflito global que custaria a vida de milhões de ambos os lados. Vidas descartáveis, se aquilo significasse a possibilidade de os humanos deporem quem os oprimia: os vanir, longevos e dotados de magia, e, acima destes, os asteri que, da Cidade Eterna, em Pangera, governavam o planeta Midgard.

Mas Danika e a Matilha dos Demônios deram fim à conspiração. A loba havia prendido Briggs e seus principais colaboradores, todos rebeldes da Keres, e poupado inocentes daquela peculiar espécie de fanatismo.

A Matilha dos Demônios, uma das unidades metamorfas de elite no Auxilia da Cidade da Lua Crescente, patrulhava a Praça da Cidade Velha, certificando-se de que turistas bêbados e mão boba não se tornassem turistas bêbados e mortos ao se aproximar da pessoa errada. Certificando-se de que bares e cafés e salas de concerto e lojas continuassem

a salvo de qualquer escória que houvesse se esgueirado para dentro da cidade naquele dia. E certificando-se de que pessoas como Briggs estivessem na prisão.

A 33ª Legião Imperial alegava fazer o mesmo, mas os anjos que integravam as lendárias fileiras do exército pessoal do governador apenas brilhavam e prometiam o Inferno se desafiados.

— Acredite — começou Danika, marchando escada abaixo. — Vou deixar perfeitamente claro nessa maldita reunião que a libertação de Briggs é inaceitável.

E ela faria isso. Mesmo que precisasse rosnar na cara de Micah Domitus, Danika deixaria clara sua opinião. Não havia muitos que ousassem irritar o Arcanjo da Cidade da Lua Crescente, mas Danika não hesitaria. E, visto que todos os sete Mestres da Cidade compareceriam à reunião, a probabilidade de aquilo acontecer era grande. As coisas tendiam a se acirrar com rapidez quando estavam no mesmo cômodo. Não havia demonstrações de afeto entre os seis Mestres Inferiores da Cidade da Lua Crescente, a metrópole que, oficialmente, se chamava Lunathion. Cada mestre reinava em uma parte específica da cidade: o Primo dos lobos, no Bosque da Lua; o feérico Rei Outonal, em Cinco Rosas; o Sub-Rei, no Quarteirão dos Ossos; a Rainha Víbora, no Mercado da Carne; o Oráculo, na Praça da Velha Cidade; e a

Rainha do Rio — que muito raramente fazia uma aparição e representava a Casa das Muitas Águas e sua Corte Azul —, nas profundezas, sob a superfície turquesa do Istros, que ela pouco se dignava a deixar.

Os humanos nos Prados de Asphodel não tinham mestre. Nem um assento no conselho. Philip Briggs havia atraído mais do que alguns simpatizantes por conta do fato.

Mas Micah, Mestre do Distrito Comercial Central, reinava sobre todos. Além de seus títulos, ele era Arcanjo de Valbara. Soberano de todo aquele maldito território, respondia apenas aos seis asteri, na Cidade Eterna, capital e coração pulsante de Pangera. De todo o planeta Midgard. Se alguém podia manter Briggs na cadeia, era ele.

Danika chegou ao fim da escada, tão abaixo que saiu de vista por causa da inclinação do teto. Bryce se demorou na passagem, escutando.

— Oi, Syrinx — cumprimentou Danika.

Um pequeno guincho de prazer escapou da quimera de 13 quilos e subiu pela escada.

Jesiba adquirira a criatura inferior havia dois meses, para deleite de Bryce. *Ele não é um animal de estimação*, tinha avisado Jesiba. *É uma criatura rara e dispendiosa, comprada com o único propósito de ajudar Lehabah a guardar aqueles livros. Não interfira em seus deveres.*

Até então, Bryce ainda não tinha informado a Jesiba que Syrinx estava mais interessado em comer, dormir e conseguir carinhos na barriga do que em monitorar os preciosos livros. Mesmo que sua chefe pudesse constatar aquilo a qualquer momento, caso se desse o trabalho de verificar as imagens das dezenas de câmeras de segurança na biblioteca.

— O que a deixou puta dentro das calças, Lehabah? — perguntou Danika, em tom arrastado, o riso audível na voz.

— Não uso calças. Ou roupas. Não caem bem quando se é feita de chamas, Danika — resmungou a duende.

Danika riu entre dentes. Antes que Bryce decidisse se deveria descer e apitar a partida entre a duende e a loba, o telefone em sua mesa começou a tocar. Tinha um bom palpite de quem seria.

Com os saltos afundando no carpete fofo, Bryce atendeu o telefone antes que caísse na caixa postal, poupando a si mesma de um sermão de cinco minutos.

— Oi, Jesiba.

— Por favor, diga a Danika Fendyr que se ela continuar a usar a despensa como armário privativo, vou transformá-la em um *lagarto* — respondeu uma bela e melódica voz feminina.



Quando Danika ressurgiu no andar da sala de exposição da galeria, Bryce já tinha recebido uma reprimenda levemente ameaçadora de Jesiba por causa de sua inépcia, um e-mail de uma compradora irascível, exigindo que ela expedisse a documentação da urna antiga que comprara para se pavonear na festa de sua amiga igualmente irascível e duas mensagens de membros da matilha de Danika, perguntando se a alfa estava prestes a matar alguém por conta da liberação de Briggs.

Nathalie, terceira em comando de Danika, fora direto ao ponto: *Ela já havia perdido a linha com o lance de Briggs?*

Connor Holstrom, segundo de Danika, tomou um pouco mais de cuidado com o que soltava no éter. Havia sempre a possibilidade do vazamento de

informações. *Falou com Danika?*, foi tudo o que perguntara.

Bryce estava respondendo a Connor — *Sim. Cuidei de tudo.* — quando uma grande loba cinzenta, do tamanho de um cavalo pequeno, fechou as portas de ferro dos arquivos com uma das patas, as garras estalando no metal.

— Odiou tanto assim minhas roupas? — perguntou Bryce, levantando-se da cadeira. Apenas os olhos cor de caramelo de Danika permaneciam os mesmos sob aquela forma; e apenas seus olhos atenuavam a ameaça e a elegância que a loba irradiava ao caminhar em direção à mesa.

— Estou com elas, não se preocupe. — Presas longas e afiadas reluziam a cada palavra. Danika levantou as orelhas peludas, observando o computador que tinha sido desligado, a bolsa que Bryce havia colocado sobre a mesa. — Vai sair comigo?

— Preciso investigar algumas coisas para Jesiba. — Bryce pegou o chaveiro com que abria as portas dos vários segmentos de sua vida. — Ela tem me atormentado para encontrar o Chifre de Luna outra vez. Como se eu não o tivesse procurado sem descanso na última semana.

Danika olhou para uma das câmeras visíveis na sala de exposição, colocada atrás da estátua decapitada de

um fauno dançante, datada em mais de 10 mil anos. A cauda peluda balançou uma vez.

— Por que ela quer o chifre?

Bryce deu de ombros.

— Não tive coragem de perguntar.

Danika avançou até a porta da frente, com cuidado para não deixar as garras puxarem sequer um fio do tapete.

— Duvido que ela o devolva ao templo só por bondade.

— Tenho a sensação de que Jesiba usaria a devolução a seu favor — comentou Bryce.

Elas caminharam pela rua calma, a um quarteirão do rio Istros, o sol do meio-dia cozinhando os paralelepípedos, Danika como uma sólida muralha de pelos e músculos entre Bryce e o meio-fio.

O roubo do chifre sagrado durante o blecaute fora a notícia mais importante do incidente: saqueadores haviam se aproveitado da escuridão para invadir o Templo de Luna e surrupiar a antiga relíquia feérica de seu lugar de direito, o colo da enorme entidade entronizada.

O próprio arcanjo Micah oferecera uma robusta recompensa por qualquer informação sobre seu retorno, e prometera que o bastardo que tinha roubado a relíquia seria apresentado à Justiça.

Também conhecida como crucificação pública.

Bryce sempre fizera questão de não se aproximar da praça do Distrito Comercial Central, onde em geral acontecia a punição. Em certos dias, dependendo do vento e do calor, o cheiro de sangue e carne podre chegava a atravessar quarteirões.

Bryce caminhava em sincronia com Danika conforme a enorme loba esquadrinhava a rua, as narinas farejando qualquer ameaça. Como semifeérica, Bryce podia sentir o cheiro de pessoas com mais acuidade que a maioria dos humanos. Quando criança, sempre divertira os pais ao descrever o perfume de todos na pequena cidade montanhosa de Nidaros; humanos não possuíam tal ferramenta para interpretar o mundo. Mas a habilidade de Bryce não era nada em comparação à da amiga.

Enquanto Danika cheirava a rua, sua cauda balançou outra vez... e não de alegria.

— Relaxe — pediu Bryce. — Vai apresentar sua argumentação aos mestres, em seguida eles darão a sentença.

As orelhas de Danika pareciam coladas à cabeça.

— É foda, B. Tudo isso.

Bryce franziu o cenho.

— Quer mesmo me convencer de que algum dos mestres gostaria de um rebelde como Briggs solto? Eles vão encontrar algum detalhe técnico e jogar aquele babaca de volta na cadeia — disse Bryce. E acrescentou, porque Danika ainda não a encarava: —

É impossível que a 33ª Legião não esteja vigiando cada passo de Briggs. Se ele sair da linha, o governador pode até mandar o Umbra Mortis atrás do sujeito. — O assassino particular de Micah, com o raro dom do relâmpago nas veias, podia eliminar quase qualquer ameaça.

Danika rosnou, as presas brilhando.

— Posso lidar com Briggs.

— Sei que pode. Todo mundo sabe, Danika.

Danika verificou a rua adiante, passando os olhos pelo cartaz dos seis asteri entronizados — um trono vazio para honrar a irmã caída — colado em um muro. Então suspirou.

Ela sempre carregou nos ombros fardos e expectativas com os quais Bryce jamais teria de se preocupar, e a semifeérica era grata por tal privilégio. Quando Bryce fodia com tudo, em geral Jesiba a desancava por alguns minutos e pronto. Quando Danika cometia um erro, a merda ganhava as manchetes dos noticiários e a interweb.

Sabine se certificava daquilo.

Bryce e Sabine haviam se odiado desde o instante que a alfa esnobara a inapropriada companheira de quarto mestiça da única filha, naquele primeiro dia na UCLC. E Bryce tinha adorado Danika desde o instante que sua companheira de quarto, ainda assim, havia lhe estendido a mão e, em seguida, dissera que

Sabine só estava irritada porque tivera esperança de encontrar um vampiro sarado pelo qual suspirar.

Era raro Danika deixar a opinião dos outros — em especial a de Sabine — minar seu orgulho e sua alegria. No entanto, em dias como aquele... Bryce ergueu uma das mãos e acariciou o flanco musculoso da loba, em um gesto amplo, reconfortante.

— Acha que Briggs vai se vingar de você e da matilha? — perguntou Bryce, sentindo um nó no estômago. A amiga não o pegara sozinha; seria um acerto de contas com todos.

Danika franziu o focinho.

— Não sei.

As palavras ecoaram entre as duas. Em um combate corpo a corpo, Briggs nunca derrotaria Danika. Mas uma de suas bombas poderia mudar tudo. Se Danika tivesse feito a Descida para a imortalidade, provavelmente sobreviveria. Mas, como não a fizera... como era a única na Matilha dos Demônios que ainda não mergulhara... A boca de Bryce secou.

— Tome cuidado — aconselhou Bryce, em voz baixa.

— Vou tomar — garantiu Danika, os olhos calorosos ainda cheios de sombras. Mas então ela balançou a cabeça, como se sacudisse água dos pelos; um movimento puramente canino. Com frequência, Bryce se admirava com aquilo, como Danika

conseguia espantar seus medos, ou pelo menos enterrá-los o bastante para seguir em frente. De fato, Danika mudou de assunto. — Seu irmão estará na reunião.

Meio-irmão. Bryce não se importou em corrigi-la. *Meio-irmão e completo idiota feérico.*

— E?

— Só achei melhor avisar que vou vê-lo. — A expressão da loba se suavizou de leve. — Ele vai me perguntar sobre você.

— Diga a Ruhn que estou ocupada com coisas importantes e que ele pode ir para o Inferno.

Danika bufou, rindo.

— Onde exatamente você vai conduzir sua investigação sobre o chifre?

— No Templo — respondeu Bryce, com um suspiro. — Sinceramente, tenho estudado o assunto há dias e não descobri nada. Nenhum suspeito, nenhum boato sobre a venda da relíquia no Mercado da Carne, nenhum motivo pelo qual alguém se interessaria por ela. O Chifre de Luna é famoso o bastante para que seu ladrão o mantenha *bem* escondido. — Ela franziu o cenho para o céu. — Quase me pergunto se o blecaute está ligado à relíquia... se alguém cortou o fornecimento de energia para roubá-la em meio ao caos. Existem cerca de vinte pessoas na cidade com tamanha habilidade, e metade tem os recursos para conseguir a façanha.

A cauda de Danika crispou-se.

— Se foram capazes de fazer algo assim, sugiro manter distância. Enrole Jesiba por um tempo, faça-a acreditar que você está procurando pela relíquia, depois esqueça o assunto. O chifre terá aparecido até lá, ou ela vai pensar em outra missão estúpida.

— É só que... seria bom encontrar o chifre. Para minha carreira — admitiu Bryce.

Independentemente do que diabo aquilo significasse. Um ano de trabalho na galeria não lhe trouxera nada além de indignação pela obscena quantia de dinheiro que os ricos esbanjavam em velharias.

Os olhos de Danika brilharam.

— Sim, eu sei.

Bryce deslizou um pequeno pendente dourado — um nó com três círculos entrelaçados — pela delicada corrente ao redor do pescoço.

Danika saía em patrulha com garras, espada e armas, mas a armadura diária de Bryce consistia apenas de um amuleto archesiano que ela ganhara de Jesiba em seu primeiro dia de trabalho.

Um traje de proteção em forma de cordão, Danika havia ficado admirada quando Bryce lhe mostrara a eficácia do amuleto contra a influência de vários objetos mágicos. Os amuletos archesianos eram raros, mas Bryce não se iludia nem acreditava que o presente fora dado com outro interesse em vista que não o da

própria chefe. Seria o pesadelo das seguradoras se Bryce não possuísse um.

Danika indicou o cordão.

— Não o tire do pescoço. Ainda mais se estiver se metendo em merdas como o chifre.

Muito embora o imenso poder do chifre tivesse se dissipado havia muito, se a relíquia tivesse sido roubada por alguém poderoso, Bryce precisaria de toda proteção contra os dois.

— Sim, sim — aquiesceu ela.

Danika tinha razão. Bryce jamais havia tirado o cordão desde que o ganhara. Se algum dia Jesiba a jogasse na sarjeta, sabia que teria de achar um jeito de se certificar que manteria o cordão. Danika dissera o mesmo muitas vezes, incapaz de ignorar o instinto protetor de alfa. Era parte do que Bryce amava na amiga... e o motivo pelo qual seu peito se contraiu naquele instante, com o mesmo amor e gratidão.

O telefone de Bryce vibrou na bolsa, e ela o pegou. Danika olhou de esguelha, viu quem era e balançou o rabo, orelhas em pé.

— Não diga uma palavra sobre Briggs — avisou Bryce, atendendo a ligação. — Oi, mãe.

— Oi, docinho. — A voz de Ember Quinlan encheu seu ouvido, arrancando um sorriso de Bryce, mesmo com os quase quinhentos quilômetros que as separavam. — Queria confirmar se podemos mesmo visitá-la no próximo fim de semana.

— Oi, mamãe! — latiu Danika na direção do telefone.

Ember riu. Danika a chamara de *mamãe* desde o primeiro encontro. E Ember, que jamais gerara outro bebê além de Bryce, havia ficado mais que satisfeita em acolher uma segunda filha — tão cabeça-dura e encrenqueira quanto a primeira.

— Danika, é você?

Bryce revirou os olhos e estendeu o telefone para a amiga. Entre um passo e outro, em meio a um clarão intenso, Danika se transformou. A enorme loba encolheu até se tornar uma esbelta silhueta humana.

Arrancando o telefone de Bryce, Danika o prendeu entre o ombro e a orelha conforme ajeitava a blusa de seda branca que Bryce lhe emprestara, enfiando a barra para dentro da calça jeans manchada. Tinha conseguido limpar grande parte da gosma do caçador noturno, tanto da calça quanto da jaqueta de couro, mas a camiseta, aparentemente, havia sido uma causa perdida.

— Bryce e eu estamos dando uma volta — respondeu Danika.

Com as orelhas pontudas, Bryce era capaz de ouvir a mãe com perfeição quando ela perguntou:

— Onde?

Ember Quinlan fazia da superproteção um esporte de competição.

A mudança de Bryce para Lunathion fora um duelo de vontades. Ember só cedera quando descobriu que Danika seria a colega de quarto da filha no primeiro ano... e então lhe deu um sermão sobre como manter Bryce segura. Por sorte, Randall, o padrasto de Bryce, havia interrompido a mulher depois de trinta minutos.

Bryce sabe como se defender, lembrou Randall. *Nós nos certificamos disso. E ela vai continuar o treinamento enquanto estiver aqui, não vai?*

A semifeérica com certeza o fizera. Poucos dias antes, ela havia visitado o campo de tiro, repassando os movimentos que Randall — seu verdadeiro pai, em sua opinião — tinha lhe ensinado desde a infância: montar uma arma, mirar, controlar a respiração.

Na maior parte do tempo, ela achava que armas eram máquinas assassinas brutais, e se sentia grata por serem altamente controladas pela República. Mas como seu arsenal de defesa contava apenas com rapidez e alguns golpes bem-ensaiados, havia aprendido que, para os humanos, uma arma poderia significar a diferença entre a vida e o massacre.

— Estávamos indo até uma das barracas da Praça da Cidade Velha... atrás de kebabs de cordeiro — inventou Danika. E, antes que Ember pudesse continuar com o interrogatório, acrescentou: — Ah! B deve ter se esquecido de comentar que vamos até

Kalaxos no próximo fim de semana... Ithan tem uma partida de solebol, vamos dar uma força a ele.

Era uma meia-verdade. O jogo estava previsto, mas elas não haviam combinado uma viagem para ver o irmão mais novo de Connor, estrela do time da faculdade. Naquela tarde, a Matilha dos Demônios planejava, de fato, ir ao estádio da UCLC para torcer por Ithan, mas Bryce e Danika não se dignavam a acompanhar um jogo fora de casa desde o segundo ano, quando Danika tivera um caso com um dos defensores.

— É uma pena! — lamentou Ember. Bryce praticamente podia ver o rosto da mãe se fechando pelo seu tom de voz. — Estávamos ansiosos para vê-las.

Solas Flamejante! Aquela mulher era mestre em chantagem emocional. Bryce se encolheu e pegou o telefone de volta.

— Nós também, mas vamos remarcar para o mês que vem.

— Mas ainda demora tanto...

— Merda, um freguês está descendo a rua — mentiu Bryce. — Preciso desligar.

— Bryce Adelaide Quinlan...

— Tchau, mãe.

— Tchau, mãe! — ecoou Danika, assim que Bryce desligou.

A semifeérica suspirou na direção do céu, ignorando o planar e bater de asas dos anjos, as sombras dançando nas ruas banhadas pelo sol.

— Mensagem chegando em três, dois...

O telefone vibrou.

S*e eu não a conhecesse bem, diria que está nos evitando, Bryce. Seu pai vai ficar muito magoado*, tinha escrito Ember.

Danika soltou um assovio.

— Ah, ela é boa.

Bryce grunhiu.

— Não vou deixá-los vir à cidade com Briggs à solta.

O sorriso de Danika se apagou.

— Eu sei. Vamos continuar evitando os dois até que as coisas se resolvam. — Graças a Cthona por Danika... a amiga sempre tinha um plano para tudo.

Bryce guardou o telefone na bolsa, sem responder à mensagem da mãe.

* * *

Quando chegaram ao portão no coração da Praça da Cidade Velha, seu arco de quartzo tão cristalino quanto um lago congelado, o sol mal batia na trave superior, refletindo e projetando pequenos arco-íris nas paredes de um dos prédios ao redor. No solstício de verão, quando o sol se alinhava perfeitamente ao

portão, toda a praça se enchia de arco-íris, tantos que era como se quem passasse por ali caminhasse dentro de um diamante.

Turistas perambulavam pelo local, uma fila de visitantes serpenteava pela praça, todos esperando a chance de tirar uma foto ao lado do monumento de 6 metros de altura.

O portão da Praça da Cidade Velha, um dos sete da cidade, com frequência era chamado de Portão do Coração, graças a sua localização, no centro de Lunathion, equidistante dos outros seis, todos talhados em blocos de quartzo extraídos das montanhas Laconian ao norte, cada qual servindo de passagem para uma das estradas que saía da cidade murada.

— Deviam fazer uma pista exclusiva para moradores — resmungou Bryce, enquanto as duas desviavam de turistas e vendedores ambulantes.

— E multar os turistas lerdos — retrucou Danika, mas lançou um sorriso lupino para um jovem casal de humanos boquiabertos, que a reconheceu e começou a tirar fotos.

— Me pergunto o que eles achariam se soubessem que está besuntada de molho especial de caçador noturno — murmurou Bryce.

Danika lhe deu uma cotovelada.

— Babaca. — A loba acenou amigavelmente para os turistas e seguiu caminho.

Do outro lado do Portão do Coração, em meio a um pequeno exército de barracas de comida e suvenires, uma segunda fila de pessoas aguardava para tocar o bloco dourado na faceta sul.

— Bem, vamos precisar passar por eles para atravessar — disse Bryce, franzindo o cenho para os turistas ociosos naquele calor de matar.

Mas Danika parou de forma abrupta, o rosto anguloso voltado para o portão e a placa.

— Vamos fazer um desejo.

— Não vou ficar na fila. — Em geral, elas apenas gritavam seus desejos para o éter, tarde da noite, quando cambaleavam bêbadas do Corvo Branco para casa e a praça estava vazia. Bryce verificou a hora em seu telefone. — Não precisa ir até o Comitium? — A fortaleza do governador, com suas cinco torres, ficava a pelo menos quinze minutos de caminhada.

— Tenho tempo — respondeu Danika, em seguida pegou a mão de Bryce e a puxou pela multidão, na direção da verdadeira atração turística do portão.

Em uma saliência a mais ou menos 1,20 metro do chão via-se o dial: um bloco de ouro maciço incrustado com sete diferentes pedras preciosas, uma para cada quadrante da cidade, a insígnia do distrito correspondente gravada abaixo.

Esmeralda e uma rosa, representando as Cinco Rosas; opala e um par de asas, para o Distrito Comercial Central; rubi e um coração, em

homenagem à Praça da Cidade Velha; safira e um carvalho, símbolo do Bosque da Lua; ametista e um punho humano, para os Prados de Asphodel; olho-de-tigre e uma serpente, brasão do Mercado da Carne; e ônix — tão preto que sorvia a luz — e uma caveira com dois ossos cruzados, indicando o Quarteirão dos Ossos.

Embaixo do arco de joias e emblemas, um pequeno disco dourado se erguia de leve, o metal gasto pelas inúmeras mãos e patas e barbatanas e qualquer outra espécie de membro.

Uma placa ao lado dizia: *Toque por sua conta e risco. Não use entre o crepúsculo e a aurora. Violadores serão multados.*

As pessoas na fila, à espera de chegar ao disco, pareciam não se preocupar com os riscos.

Uma dupla risonha de adolescentes metamorfos — algum tipo de felino, pelo cheiro — empurrava, acotovelava e provocava um ao outro, desafiando-se a tocar o disco.

— Patético — censurou Danika, deixando para trás a fila e as cordas, até alcançar uma entediada guarda da cidade... uma jovem feérica. Ela pegou o distintivo de dentro da jaqueta de couro e o mostrou à sentinela, que ficou tensa ao se dar conta de quem havia furado a fila. A feérica nem mesmo olhou para a insígnia exibindo um arco em meia-lua com uma flecha encaixada antes de recuar.

— Assunto oficial do Aux — declarou Danika, com uma irritante expressão impassível. — Só levará um minuto.

Bryce prendeu o riso, ciente dos olhares fixos em suas costas.

— Se não vão tocar, então sumam — rosnou Danika para os adolescentes.

Eles se viraram para ela e ficaram brancos como a morte.

Danika sorriu, mostrando quase todos os dentes. Não era uma visão agradável.

— Puta merda — sussurrou um dos adolescentes.

Bryce também disfarçou o sorriso. Nunca falhava... a admiração. Principalmente porque sabia que Danika a tinha conquistado. Todo maldito dia, Danika conquistava a admiração espelhada na expressão de estranhos quando percebiam o cabelo sedoso e a tatuagem no pescoço. E o medo que fazia com que a escória da cidade pensasse duas vezes antes de se meter com ela e a Matilha dos Demônios.

Com exceção de Philip Briggs. Bryce fez uma prece para as profundezas azuis de Ogena, para que a deusa do mar sussurrasse sua sabedoria no ouvido de Briggs e assim ele se mantivesse longe de Danika se fosse, de fato, libertado.

Os garotos se afastaram, e levou apenas alguns milésimos de segundo para que notassem Bryce. A

admiração na expressão deles se transformou em flagrante interesse.

Bryce bufou. *Vão sonhando.*

— Meu professor de história disse que os portões originalmente eram dispositivos de comunicação — gaguejou um deles, desviando a atenção de Bryce para Danika.

— Aposto que você conquista muitas garotas com esses incríveis factoides — respondeu Danika, sem encará-los, indiferente e fria.

Recado dado, eles se esgueiraram de volta à fila. Bryce sorriu e se aproximou da amiga, estudando o dial.

Mas o adolescente tinha razão. Os sete portões da cidade, cada um erguido junto a uma das linhas ley que cortavam Lunathion, haviam sido concebidos séculos antes, como um modo rápido para os guardas dos distritos conversarem entre si. Quando alguém apertava o disco dourado no centro do dial e falava, as palavras do mensageiro viajavam até os outros portões, e a pedra preciosa correspondente ao setor original da voz se acendia.

Claro, aquilo exigia uma certa dose de magia, que era literalmente sugada, como faz um vampiro, das veias da pessoa que tocava o dial, um *zap* formigante de poder consumido para sempre.

Bryce ergueu os olhos para a placa de bronze acima de sua cabeça. Os portões de quartzo eram

memoriais, embora ela não soubesse de que guerra ou conflito. Mas cada um exibia o mesmo letreiro: *O poder será de quem der a vida pela cidade.*

Como era uma declaração que poderia ser interpretada como um questionamento à autoridade dos asteri, Bryce sempre se espantou por permitirem que os portões permanecessem de pé. Mas, depois de se tornarem obsoletos com o advento do telefone, os portais haviam ganhado novo fôlego quando crianças e turistas começaram a usá-los, combinando com amigos em outros portões da cidade para sussurrar obscenidades ou se maravilhar com a absoluta novidade de um meio de comunicação tão antiquado. Não era nenhuma surpresa que, nos fins de semana, babacas bêbados — uma categoria na qual Bryce e Danika se enquadravam fielmente — causassem tantos problemas com sua gritaria através do dispositivo que a cidade instituiu um horário de funcionamento.

E, então, a tola superstição floresceu, alegando que os portões podiam transformar desejos em realidade e que fornecer uma gota de seu poder era fazer uma oferenda aos cinco deuses.

Era idiotice, Bryce sabia, mas se aquilo ajudava Danika a superar o medo da libertação de Briggs, bem, então valia a pena.

— O que vai pedir? — perguntou Bryce, quando Danika encarou o disco, as pedras escuras acima.

A esmeralda de CiRo se acendeu, a voz de uma jovem atravessando para gritar:

— *Peitos!*

As pessoas em volta gargalharam, o som como água borbulhando sobre pedra, e Bryce riu entre dentes.

Mas a expressão no rosto de Danika se tornara solene.

— Tenho muitos desejos a fazer — respondeu ela. Antes que Bryce pudesse replicar, Danika deu de ombros. — Mas acho que vou pedir que Ithan vença a partida de solebol hoje à noite.

Com isso, ela pressionou a palma contra o disco. Bryce observou enquanto a amiga estremecia e soltava uma risada abafada, dando um passo para trás. Os olhos cor de caramelo brilhavam.

— Sua vez.

— Sabe que mal tenho alguma mágica digna de roubo, mas tudo bem — argumentou Bryce, sem querer dar o braço a torcer, nem mesmo para uma loba alfa. Desde o momento em que Bryce entrou no quarto de Danika no dormitório dos calouros, elas faziam tudo juntas. Apenas as duas, como sempre seria.

Até planejaram fazer a Descida em dupla; congeladas na imortalidade ao mesmo tempo, com os integrantes da Matilha dos Demônios Ancorando as duas.

Tecnicamente, não era imortalidade; os vanir envelheciam e morriam, tanto de causas naturais como de outras tantas, mas o envelhecimento era tão retardado depois da Descida que, dependendo da espécie, poderia levar séculos para a primeira ruga aparecer. Os feéricos chegavam a 1.000 anos, os metamorfos e bruxas, a 5 séculos, os anjos ficavam entre os dois. Humanos puros não faziam a Descida, já que não possuíam magia. E comparados aos humanos e sua baixa expectativa de vida e lento processo de cura, os vanir *eram*, em essência, imortais; algumas espécies nem mesmo atingiam a maturidade antes dos 80 anos. E a maioria era muito, muito difícil de matar.

Raras vezes Bryce havia especulado sobre seu lugar no espectro... se o legado feérico lhe garantiria 100 ou 1.000 anos. Não importava, desde que Danika estivesse sempre presente. A começar pela Descida. Juntas, dariam o mergulho mortal para o interior de seu poder amadurecido, encontrariam o que as aguardava no fundo de suas almas, e, em seguida, voltariam depressa à vida, antes que a falta de oxigênio lhes causasse morte cerebral. Ou apenas morte.

Contudo, enquanto Bryce mal herdaria poder suficiente para fazer alguns truques, Danika reivindicaria um oceano de poder que superaria o de Sabine... e que provavelmente a colocaria no mesmo

nível da realeza feérica, talvez até mesmo suplantasse o Rei Outonal em pessoa.

Era sem precedentes, um metamorfo ter tamanho poder, no entanto todos os testes-padrão na infância haviam confirmado: uma vez que Danika Descesse, ela se tornaria consideravelmente poderosa entre os lobos, algo que não se testemunhava desde os dias antigos, além-mar.

Danika não apenas se tornaria Prima dos Lobos da Cidade da Lua Crescente. Não, ela tinha potencial para se tornar alfa de *todos* os lobos. Do maldito planeta.

A amiga nunca pareceu dar a mínima para aquilo. Não planejava o futuro baseado no fato.

Vinte e sete era a idade ideal para a Descida, haviam decidido juntas, depois de anos julgando, sem piedade, vários imortais que contavam a vida em séculos ou milênios. Antes de quaisquer linhas de expressão ou rugas ou cabelos brancos. A quem lhes perguntava, apenas respondiam, *Qual a vantagem de ser imortais fodonas se o peito está caído?*

Babacas fúteis, sibilara Fury quando elas haviam explicado a decisão pela primeira vez.

Fury, que tinha completado a Descida aos 21 anos, não havia escolhido a idade por si mesma. Apenas acontecera, ou a forçaram; não sabiam ao certo. A presença de Fury na UCLC tinha sido somente fachada; grande parte de seu tempo era passado em

Pangera, onde executava tarefas *verdadeiramente* repugnantes por quantias indecentes de dinheiro. Ela fazia questão de não dar detalhes.

Assassina, afirmava Danika. Mesmo Juniper, a doce fauna que ocupava o quarto vértice do quadrado de sua amizade, admitia a probabilidade de Fury ser uma mercenária. Se Fury era ou não ocasionalmente contratada pelos asteri e seu bichinho de estimação, o Senado Imperial, era uma pauta ainda em discussão. Mas nenhuma delas se importava; não quando Fury sempre as apoiou quando precisaram. E mesmo quando não era o caso.

A mão de Bryce pairou sobre o disco dourado. O olhar de Danika parecia um peso frio sobre sua pele.

— Vamos, B, não seja medrosa.

Bryce suspirou e colocou a mão no dial.

— Desejo que Danika consiga uma manicure. Suas unhas estão uma merda.

Um relâmpago a percorreu, um leve vácuo ao redor do umbigo, então Danika riu e a empurrou.

— Sua maldita *babaca*.

Bryce passou um dos braços sobre os ombros de Danika.

— Você mereceu.

Danika agradeceu à prestativa guarda, que parecia radiante com a atenção, e ignorou os turistas, ainda tirando fotos. As duas não conversaram até chegar ao lado norte da praça... de onde Danika se

encaminharia na direção dos céus cheios de anjos e torres do DCC, para o amplo complexo do Comitium em seu centro, e Bryce seguiria para o Tempo de Luna, a três quarteirões dali.

Danika indicou as ruas atrás de Bryce com o queixo.

— Vejo você em casa, certo?

— Tome cuidado. — Bryce suspirou, tentando afastar a inquietação.

— Sei como me cuidar, B — disse Danika, mas com amor nos olhos... uma gratidão que apertou o peito de Bryce... simplesmente pelo fato de alguém se importar se estava viva ou morta.

Sabine era um monte de merda. Nunca havia insinuado ou dado qualquer pista sobre a identidade do pai de Danika; então a amiga tinha crescido sem absolutamente ninguém, a não ser o avô, que era reservado e velho demais para poupar Danika da crueldade da mãe.

Bryce inclinou a cabeça na direção do Distrito Comercial Central.

— Boa sorte. Não emputeça muita gente.

— Você sabe que o farei — argumentou Danika, com um sorriso que não alcançou os olhos.



A Matilha dos Demônios já estava no apartamento quando Bryce chegou do trabalho.

Havia sido impossível ignorar a estrondosa gargalhada que a saudara antes mesmo que ela alcançasse o segundo patamar da escada... assim como os animados ganidos caninos. Ambos tinham persistido enquanto ela subia até o último andar do prédio, resmungando sobre seus malfadados planos de uma noite tranquila no sofá.

Recitando uma série de xingamentos que deixaria a mãe orgulhosa, Bryce destrancou a porta de ferro pintada de azul do apartamento, preparada para as investidas de autoritarismo, arrogância e intromissão lupina em todos os aspectos de sua vida. E isso apenas da parte de Danika.

A matilha de Danika fazia de cada uma daquelas coisas uma forma de arte. Em grande parte porque

alegavam que Bryce era parte do bando, mesmo que ela não tivesse o emblema do grupo tatuado na lateral do pescoço.

Às vezes ela sentia pena do futuro parceiro de Danika, quem quer que fosse. O pobre sujeito nem saberia o que o aguardava quando se unisse a Danika. A não ser que também fosse algum tipo de lobo, embora Danika tivesse manifestado tanto interesse em dormir com um quanto Bryce.

Ou seja, absolutamente zero.

Empurrando a porta com o ombro — as laterais empenadas agarravam com frequência, principalmente graças às brincadeiras dos capetinhas que naquele momento estavam jogados nos diversos sofás e poltronas surrados —, Bryce suspirou ao encarar seis pares de olhos. E seis sorrisos.

— Como foi o jogo? — perguntou a ninguém em particular, largando as chaves na tosca tigela de cerâmica que Danika havia feito de qualquer maneira durante uma eletiva de artesanato na universidade. Danika não dera notícias referentes à reunião sobre Briggs, só um genérico *Falo com você em casa.*

Não podia ter sido tão ruim, já que Danika conseguira ir à partida de solebol. Ela até mesmo lhe enviara uma foto com todo o bando na frente do campo, Ithan uma pequena silhueta de capacete ao fundo.

Uma mensagem da estrela do time havia pipocado mais tarde: *Da próxima vez, é melhor que esteja com eles, Quinlan.*

O filhotinho sentiu minha falta?, digitara Bryce.

Sabe que sim, respondera Ithan.

— Ganhamos — grunhiu Connor do sofá, relaxado no canto favorito *de Bryce*, a camiseta cinza do time de solebol da UCLC amarfanhada, revelando os músculos definidos e a pele reluzente.

— Ithan marcou o gol da vitória — disse Bronson, ainda vestindo a camisa azul e prateada do time, o nome *Holstrom* escrito nas costas.

O irmão caçula de Connor, Ithan, era integrante de honra da Matilha dos Demônios. Por acaso, Ithan também era a pessoa predileta de Bryce, depois de Danika. A troca de mensagens dos dois era uma corrente ininterrupta de sarcasmo e provocações, fotos e lamentos bem-humorados sobre a tirania de Connor.

— De novo? — perguntou Bryce, chutando dos pés os sapatos branco-perolados de salto 10. — Ithan não pode dividir a glória com os outros rapazes?

Normalmente, Ithan estaria sentado ao lado do irmão no sofá, forçando Bryce a se espremer entre eles enquanto assistiam a qualquer programa na TV, mas, nas noites de jogo, em geral preferia comemorar com os companheiros de time.

Um meio-sorriso curvou o canto da boca de Connor quando Bryce sustentou seu olhar por mais tempo do que as pessoas julgariam prudente. Seus cinco companheiros, dois ainda na forma de lobo, com as caudas peludas balançando, sabiamente continuaram de boca e focinho fechados.

Era de conhecimento geral que Connor teria sido o Alfa da Matilha dos Demônios se não fosse por Danika. Mas Connor não se ressentia do fato. Suas ambições não envolviam a liderança. Ao contrário das de Sabine.

Bryce afastou a sacola reserva da aula de dança na prateleira do armário a fim de abrir espaço para sua bolsa.

— Estão assistindo ao quê? — perguntou ela aos lobos.

O que quer que fosse, ela já tinha decidido se aninhar com um livro no quarto. De porta fechada.

Nathalie, folheando revistas de fofoca no sofá, nem levantou a cabeça ao responder.

— Uma nova série criminal sobre um bando de leões que derrubou uma corporação feérica do mal.

— Parece digna de um prêmio — ironizou Bryce.

Bronson grunhiu sua desaprovação. Os gostos do enorme macho tendiam mais para filmes de arte e documentários. Não era de admirar que nunca o deixassem escolher o entretenimento na Noite do Bando.

Connor passou um dedo calejado pelo braço arredondado do sofá.

— Você chegou tarde.

— Tenho um emprego — justificou Bryce. — Talvez queira arrumar um e parar de ser uma pulga em meu sofá.

Aquilo não era exatamente justo. Como segundo em comando, Connor agia como o capanga de Danika. Para manter a cidade segura, ele costumava matar, torturar, aleijar e repetir tudo outra vez, antes mesmo de o sol raiar.

Ele jamais reclamara. Nenhum deles o fizera.

De que serve choramingar, tinha respondido Danika quando Bryce perguntou como a amiga suportava a brutalidade, *se não há escolha exceto se filiar ao Auxilia?*

Os metamorfos predadores eram destinados a certos bandos Aux antes mesmo de nascer.

Bryce tentou não encarar o lobo com chifres tatuado na lateral do pescoço de Connor, prova daquela existência fadada ao serviço. De sua eterna lealdade a Danika, à Matilha dos Demônios e ao Auxilia.

Connor apenas estudou Bryce com aquele meio-sorriso. O que a fez ranger os dentes.

— Danika está na cozinha. Comendo metade da pizza antes que possamos dar uma mordida.

— *Não estou!* — Veio a resposta abafada.

O sorriso de Connor se alargou.

Bryce perdeu ligeiramente o fôlego com aquele sorriso, o brilho ferino em seus olhos.

O restante da matilha permaneceu devidamente focado na televisão, fingindo prestar atenção ao noticiário noturno.

— Algo que eu deva saber? — perguntou ela, engolindo em seco. Tradução: *A reunião sobre Briggs foi um desastre?*

Connor entendeu o que ela quis dizer. Sempre entendia. Ele acenou com a cabeça na direção da cozinha.

— Você verá.

Tradução: *Nada bem.*

Bryce estremeceu, conseguindo desgrudar os olhos de Connor e caminhar silenciosamente até a cozinha estreita. Sentiu o olhar do lobo sobre ela a cada passo.

E talvez tenha requebrado os quadris. Só um pouco.

Danika estava mesmo enfiando uma fatia de pizza garganta abaixo, os olhos arregalados em uma súplica para que Bryce ficasse calada. Bryce captou o apelo mudo e apenas assentiu.

Uma garrafa de cerveja pela metade transpirava no balcão de plástico branco em que Danika se apoiava. A blusa de seda emprestada de Bryce estava molhada de suor ao redor da gola, a trança jogada sobre o ombro delicado, as mechas coloridas

excepcionalmente apagadas. Até mesmo a pele pálida, em geral rosada e saudável, parecia macilenta.

Certo, a iluminação tosca da cozinha — dois minguados orbes embutidos de primalux — não favorecia ninguém, mas... Cerveja. Comida. A matilha mantendo distância. E aquele desânimo vazio nos olhos da amiga. Sim, alguma merda havia acontecido naquela reunião.

Bryce abriu a geladeira e pegou uma cerveja. O bando tinha suas preferências individuais e a tendência a aparecer quando sentia vontade, então o refrigerador estava abarrotado de garrafas, latas e o que ela poderia jurar ser uma jarra de hidromel... Coisa de Bronson, provavelmente.

Bryce escolheu uma das favoritas de Nathalie — uma cerveja leitosa, densa, carregada no lúpulo — e girou a tampa.

— Briggs?

— Oficialmente liberado. Micah, o Rei Outonal e o Oráculo destrincharam cada lei e estatuto e, ainda assim, não conseguiram achar uma brecha. Ruhn até obrigou Declan a tentar uma de suas sofisticadas buscas tecnológicas, mas ele não encontrou nada. Sabine ordenou que a Matilha da Lua Ceifadeira vigiasse Briggs hoje à noite, em companhia de alguns membros da 33ª.

As alcateias tinham uma noite de folga compulsória uma vez por semana, e aquela era a vez

da Matilha dos Demônios; sem negociação. De outro modo, Bryce sabia que Danika estaria lá fora, observando cada passo de Briggs.

— Então estão todos de acordo — argumentou Bryce. — Pelo menos algo de bom.

— Sim, até que Briggs exploda alguma coisa ou alguém. — Danika balançou a cabeça, enojada. — Maldita babaquice.

Bryce estudou a amiga com cautela. A tensão ao redor da boca, o pescoço suado.

— O que há de errado?

— Não há nada de errado.

As palavras foram ditas rápido demais para soarem verossímeis.

— Algo a está corroendo. Essa merda com Briggs é séria, mas você sempre dá a volta por cima. — Bryce estreitou os olhos. — O que não está me contando?

Os olhos de Danika brilharam.

— Nada. — A loba tomou um gole da cerveja.

Havia somente uma outra resposta.

— Então suponho que Sabine estivesse confiante essa tarde.

Danika apenas atacou a pizza.

Bryce engoliu dois goles de cerveja, observando Danika estudar, impassível, os armários azul-petróleo sobre o balcão, a tinta descascando nos cantos.

A amiga mastigava devagar.

— Sabine me encurralou depois da reunião. No corredor, do lado de fora do escritório de Micah — confessou ela em meio a uma mordida na massa com queijo. — De modo que todos pudessem ouvir quando me disse que dois mestrandos da UCLC foram mortos nas imediações do Templo de Luna, semana passada, durante o blecaute. Meu turno. Meu setor. Minha culpa.

Bryce estremeceu.

— Levou *uma semana* para descobrirem?

— Parece que sim.

— Quem os matou?

Os alunos da Universidade da Cidade da Lua Crescente *sempre* invadiam a Praça da Cidade Velha, sempre causavam problemas. Mesmo quando ainda estavam na graduação, frequentemente Bryce e Danika lamentavam que não houvesse uma cerca elétrica confinando os estudantes da universidade a seu quadrante da cidade. Apenas para impedi-los de vomitar e mijar a praça inteira, de sexta-feira à noite até domingo pela manhã.

Danika tomou mais um gole da cerveja.

— Nenhuma pista do culpado. — Com um tremor, seus olhos cor de caramelo escureceram. — Mesmo com o cheiro definindo-os como humanos, levou vinte minutos para identificar quem eram. Foram destrinchados e parcialmente comidos.

Bryce tentou não visualizar a cena.

— Por que motivo?

Danika engoliu em seco.

— Nenhuma ideia. Mas Sabine me comunicou, em detalhes e na frente de todos, o que pensava sobre a chacina pública ter acontecido durante a minha vigília.

— O que o Primo disse sobre o assunto?

— Nada — respondeu Danika. — O velho caiu no sono durante a reunião e Sabine não se incomodou em acordá-lo antes de me encurralar.

Faltava pouco, todos diziam... apenas uma questão de um ou dois anos até que o atual Primo dos lobos, com quase 400 anos, embarcasse no Veleiro, atravessando o Istros até o Quarteirão dos Ossos para seu descanso final. Não havia como o barco preto tombar durante o rito fúnebre... era impossível que sua alma fosse considerada indigna e oferecida ao rio. O lobo seria recebido nos domínios do Sub-Rei, com passagem livre às margens ocultas pela névoa... e, então, o reinado de Sabine teria início.

Que os deuses tivessem piedade de todos.

— Não é sua culpa, você sabe — disse Bryce, abrindo a tampa de papelão das duas embalagens de pizza mais próximas. Uma de calabresa, pepperoni e almôndegas. A outra de carnes defumadas e queijos fedorentos; sem dúvida, escolha de Bronson.

— Eu sei — resmungou Danika, tomando o resto da cerveja, jogando a garrafa na pia e procurando

outra no refrigerador. Cada músculo em seu corpo parecia contraído... prestes a reagir. Ela bateu a porta da geladeira e se apoiou ali. Danika não encarou Bryce enquanto sussurrava. — Eu estava a três quarteirões de distância naquela noite. *Três*. E não vi nem ouvi nada, nem senti o cheiro dos estudantes sendo esquartejados.

Bryce tomou consciência do silêncio no outro cômodo. A audição aguçada tanto na forma humana quanto lupina significava bisbilhotice *garantida*, infinita.

Elas podiam terminar aquela conversa mais tarde.

Bryce abriu o restante das embalagens de pizza, estudando a paisagem gastronômica.

— Não devia mostrar um pouco de compaixão e deixar que a matilha coma uma fatia antes que você acabe com tudo?

Tivera o prazer de testemunhar Danika engolir três grandes pedaços de uma só vez. Naquele humor, a loba logo quebraria o próprio recorde e chegaria a quatro.

— Por favor, deixe a gente comer — implorou Bronson da sala, em um tom de voz ruidoso, grave.

Danika tomou um gole da cerveja.

— Podem vir, seus vira-latas.

Os lobos se apressaram.

Na confusão, Bryce quase foi esmagada contra a parede dos fundos da cozinha, as costas amassando o

calendário pendurado ali.

Droga... ela amava aquela folhinha: Os *Solteiros mais Cobiçados da Cidade da Lua Crescente — Edição Vestimenta Opcional*. Aquele mês exibia o daemonaki mais gato que ela já vira, a perna sobre um banquinho, único empecilho para uma visão *total*. Ela alisou as novas rugas nos músculos e pele bronzeada, os chifres sinuosos, então se virou para os lobos com uma carranca.

A um passo de Bryce, Danika estava em meio ao bando, como uma pedra no rio. A loba sorriu para a amiga.

— Alguma novidade na caça ao chifre?

— Não.

— Jesiba deve estar exultante.

Bryce fez uma careta.

— Felicíssima.

Bryce havia visto Jesiba talvez por dois minutos à tarde, antes que a feiticeira ameaçasse transformá-la em um burro e então sumisse em um sedã com chofer, só os deuses sabiam para onde. Talvez tivesse saído em alguma missão para o Sub-Rei e a casa sombria que ele comandava.

Danika sorriu.

— Você não tem um encontro com... Como é mesmo o nome dele?

A pergunta reverberou por Bryce.

— Merda. *Merda.* Sim. — Ela estremeceu ao olhar para o relógio da cozinha. — Em uma hora.

Connor, que pegava uma embalagem inteira de pizza para si, ficou tenso. Ele tinha expressado sua opinião sobre o namorado riquinho de Bryce desde o primeiro encontro dos dois, dois meses antes. Assim como Bryce deixara bem claro que não dava a mínima para os pitacos de Connor em sua vida amorosa.

Bryce examinou as costas musculosas de Connor enquanto ele saía da cozinha, mexendo os ombros largos. Danika franziu o cenho. Jamais perdia nada.

— Preciso me vestir — avisou ela, fazendo uma careta. — E o nome dele é Reid, você sabe.

Um sorriso lupino.

— Reid é um nome estúpido — opinou Danika.

— Em primeiro lugar, *eu* acho que é um nome sexy. E em segundo, Reid *é* sexy.

Que os deuses a ajudassem, Reid Redner era muitíssimo gostoso. Embora o sexo fosse... ok. Mediano. Ela gozava, mas precisava se esforçar um bocado. E não do jeito como às vezes *curtia* se esforçar. Mais numa linha, *Devagar, Coloque aqui, Podemos mudar de posição?* Mas ela havia dormido com ele apenas duas vezes. E dissera a si mesma que podia levar tempo até encontrar o ritmo certo com um parceiro. Mesmo se...

Danika acabou por completar:

— Se ele pegar novamente o telefone para verificar as mensagens antes mesmo de tirar o pau completamente, por favor, se dê o respeito e o acerte no saco, depois volte para casa.

— Porra, Danika! — sibilou Bryce. — Não pode falar mais alto?

Os lobos tinham ficado em silêncio. Até mesmo o mastigar havia parado. Em seguida recomeçou, alguns decibéis acima do normal.

— Pelo menos ele tem um bom emprego — retrucou Bryce para Danika.

Danika cruzou os braços esguios, braços que escondiam uma força e uma ferocidade tremendas, e lhe lançou um olhar que dizia: *Sim, um emprego que o papai de Reid deu a ele.*

— E pelo menos ele não é um alfa babaca psicótico que vai exigir uma maratona de três dias de sexo e depois me chamar de parceira, me prender em sua casa e nunca mais me deixar sair — Bryce completou.

Motivo pelo qual Reid, que era humano e fazia um sexo meia-boca, era perfeito.

— Uma maratona de três dias de sexo faria bem a você — brincou Danika.

— Você é a culpada, sabe disso.

Danika acenou com a mão.

— Sim, sim. Meu primeiro e último erro: juntar vocês dois.

Danika conhecia Reid por causa do trabalho de meio-expediente como segurança na empresa do pai do rapaz — um imenso conglomerado de magitecnologia, no Distrito Comercial Central. Danika alegava que o trabalho era chato demais para suscitar uma explicação, mas pagava bem o suficiente para fazê-la aceitar. Mais que isso: aquele era um trabalho que ela *escolhera*. Não a vida na qual fora jogada. Então, entre as rondas e as obrigações junto ao Aux, a loba podia ser encontrada com frequência no arranha-céu do Distrito Comercial Central, fingindo levar uma vida normal. Não havia precedente de qualquer integrante das tropas auxiliares com um segundo emprego — em especial, um alfa —, mas Danika conseguira aquela façanha.

O fato de que, atualmente, todos queriam um pedaço das Indústrias Redner também ajudava. Até mesmo Micah Domitus investia pesado nos experimentos revolucionários. O que não era nenhuma novidade, já que o governador investia em tudo, de tecnologia a vinhedos e escolas, mas, como Micah fazia parte da perpétua lista proibida de Sabine, irritar a mãe ao trabalhar para uma empresa humana que ele apoiava era ainda mais gratificante para Danika que a sensação de liberdade e o salário generoso.

Em uma tarde, meses antes, Danika e Reid participaram da mesma apresentação. Na mesma

época, Bryce estava solteira e reclamava constantemente a respeito disso. Danika dera a Reid o telefone da amiga em um heroico e último esforço para preservar a própria sanidade.

Bryce alisou o vestido com uma das mãos.

— Preciso me trocar. Guarde uma fatia para mim.

— Vocês não vão sair para jantar?

Bryce se encolheu.

— Sim. Em um daqueles lugares frescos... onde dão a você mousse de salmão em um biscoito e chamam isso de refeição.

Danika estremeceu.

— Melhor forrar o estômago antes.

— Uma fatia — disse Bryce, apontando para Danika. — Lembre-se de minha fatia. — Ela deu uma olhada no conteúdo da caixa restante e saiu da cozinha.

Agora, com exceção de Zelda, todos os membros da Matilha dos Demônios estavam na forma humana, as embalagens de pizza equilibradas sobre os joelhos ou espalhadas pelo tapete azul puído. Bronson de fato bebia da jarra de hidromel, os olhos castanhos atentos ao noticiário noturno. A notícia da libertação de Briggs, acompanhada de um vídeo granulado de um macho humano em um macacão branco sendo escoltado para fora do complexo penitenciário, começava a surgir. Quem quer que estivesse com o controle remoto mudou rapidamente para outro

canal, que exibia um documentário sobre o delta do rio Negro.

Nathalie abriu um sorriso largo e estúpido enquanto Bryce se dirigia para o quarto, no canto oposto da sala. Ah, Bryce não se livraria tão cedo daquele pequeno detalhe sobre a performance sexual de Reid. Ainda mais quando Nathalie, com certeza, considerara aquilo reflexo das habilidades de Bryce.

— Nem vem — avisou Bryce à loba.

Nathalie pressionou os lábios, como se mal pudesse conter o malicioso uivo de prazer. O cabelo liso e preto parecia tremer com seu esforço para segurar o riso, os olhos cor de ônix quase incandescentes.

Bryce ignorou acintosamente Connor enquanto o intenso olhar dourado dele a acompanhava pelo cômodo.

Lobos. Malditos lobos enfiando o focinho em seus assuntos.

Não havia como confundi-los com humanos, embora suas silhuetas fossem praticamente idênticas. Muito altos, muito musculosos, impassíveis. Até mesmo a maneira como partiam suas pizzas, cada movimento deliberado e gracioso, era um lembrete silencioso do que podiam fazer a qualquer um que cruzasse seu caminho.

Bryce pulou as longas pernas esticadas de Zach, evitando pisar na cauda branco-neve de Zelda, deitada

no chão ao lado do irmão. Os lobos gêmeos, ambos brancos, esguios e com cabelo preto na forma humana, eram absolutamente aterrorizantes quando se transformavam. *Fantasmas*. O apelido sussurrado os acompanhava por toda parte.

Então, sim. Bryce tentou com afinco não pisar na cauda peluda de Zelda.

Thorne, pelo menos, abriu um sorriso compreensivo de seu posto na poltrona de couro meio roída que ficava perto da televisão, o boné do time de solebol da UCLC virado para trás. Era a única pessoa no apartamento, além de Bryce, que entendia como o bando podia ser intrometido. E que se importava com os sentimentos de Danika. Com a crueldade de Sabine.

Era quase impossível para um ômega como Thorne ser notado por uma alfa como Danika. Não que ele tenha dado sequer uma pista para qualquer um. Mas Bryce conseguia ver a atração gravitacional que parecia unir os dois quando Danika e Thorne estavam na mesma sala, como se fossem duas estrelas orbitando uma à outra.

Graças aos deuses, Bryce chegou ao quarto sem nenhum comentário sobre a destreza sexual de seu pseudonamorado, e fechou a porta atrás de si com uma força que queria dizer para todos aqueles lobos se foderem.

Mal dera três passos na direção da cômoda verde empenada quando uma gargalhada latida ecoou pelo apartamento. Foi silenciada logo depois por um rosnado feroz, quase inumano. Grave, ruidoso e absolutamente letal.

Não era o rugido de Danika, que parecia a morte encarnada, suave, rouco e frio. Aquele era Connor. Cheio de fogo, atitude e sentimento.

Bryce lavou o pó e a sujeira que pareciam grudar em sua pele sempre que caminhava os quinze quarteirões entre o estreito prédio de arenito do Antiquário Griffin e seu apartamento.

Alguns grampos estrategicamente colocados resolveram a falta de definição que, em geral, acometia o cabelo ruivo-escuro no fim do dia. Então, apressadamente, aplicou uma nova camada de rímel para reavivar os olhos cor de âmbar. Do chuveiro até calçar os sapatos pretos de salto alto gastou um total de vinte minutos.

Prova, se deu conta, de quão pouco se importava com aquele encontro. Ela gastava *uma maldita hora* no cabelo e na maquiagem toda manhã. Sem contar o banho de trinta minutos para deixá-la brilhando, depilada e hidratada. Mas vinte minutos? Para um jantar no Rosa e Pérola?

Sim, Danika tinha razão. E Bryce sabia que a cachorra estava de olho no relógio e que, com

certeza, perguntaria se a rapidez em se aprontar era um reflexo do tempo exato do sexo com Reid.

Bryce olhou na direção dos lobos que estavam do outro lado da porta de seu quarto acolhedor antes de observar o tranquilo refúgio a sua volta. Cada parede estava forrada com pôsteres de performances lendárias do Balé da Cidade da Lua Crescente. No passado, ela havia se imaginado no palco com os ágeis vanir, explodindo em pirueta após pirueta, ou levando o público às lágrimas com uma agonizante cena de morte. No passado, sonhara que haveria um lugar para uma humana mestiça na ribalta.

Mesmo os repetidos avisos de que tinha *o tipo físico inadequado* não a impediram de amar a dança. Não foram capazes de conter a sensação inebriante de assistir a uma apresentação de dança ao vivo, ou de impedi-la de ter aulas particulares de dança depois do trabalho, ou que acompanhasse a carreira dos bailarinos do BCLC, do mesmo modo que Connor, Ithan e Thorne seguiam seus times. Nada jamais poderia impedi-la de buscar a sublime emoção que sentia quando dançava, fosse na aula ou em uma boate ou até mesmo na maldita rua.

Juniper, pelo menos, não fora dissuadida. Havia decidido que não importava quanto demorasse, uma fauna tentaria o *impossível* e chegaria a um palco destinado a feéricos e ninfas e sílfides... e os deixaria comendo poeira. E ela assim o fizera.

Bryce soltou um longo suspiro. Hora de ir. Era uma caminhada de vinte minutos até o Rosa e Pérola, e, naqueles saltos, ela levaria vinte e cinco. Não fazia sentido pegar um táxi em meio ao caos e ao engarrafamento de uma noite de quinta-feira na Praça da Cidade Velha, quando o carro ficaria apenas *parado*.

Ela colocou os brincos de pérola nas orelhas, na esperança de que emprestassem um pouco de sofisticação a um vestido que poderia ser considerado um tanto escandaloso. Mas ela tinha 23 anos e o direito de tirar proveito da silhueta curvilínea. Enquanto girava na frente do espelho de corpo inteiro encostado à parede, Bryce sorriu para as pernas salpicadas de dourado, admirando a curva de sua bunda naquele vestido cinza colado à pele, a tatuagem ainda dolorida se insinuando pelo decote generoso. Então voltou à sala.

Danika soltou um riso malicioso que abafou o programa sobre natureza a que os lobos estavam assistindo.

— Aposto 50 marcos de prata que os seguranças não vão deixá-la entrar vestida assim.

Bryce ignorou a amiga enquanto o bando gargalhava.

— Lamento se a faço se sentir insegura quanto a sua bunda chapada, Danika.

Thorne latiu uma risada.

— Pelo menos Danika compensa com uma personalidade cativante.

Bryce sorriu para o belo ômega.

— Isso explica por que tenho um encontro e ela não tem um há... Há quanto tempo mesmo? Três anos?

Thorne deu uma piscadela, os olhos azuis se desviando para a carranca no rosto de Danika.

— Deve ser por isso.

Danika se esparramou no sofá e colocou os pés descalços em cima da mesinha de centro. Cada unha estava pintada de uma cor diferente.

— Só faz dois anos — resmungou ela. — Babacas.

Bryce deu tapinhas na cabeça sedosa de Danika quando passou pela amiga. A loba ameaçou lhe morder os dedos, os dentes à mostra.

A semifeérica riu, entrando na cozinha estreita. Tateou nos armários de cima, copos tilintando conforme procurava por...

Ah. O gin.

Ela virou uma dose. Então outra.

— Noite difícil à vista? — perguntou Connor, apoiado na soleira da porta da cozinha, braços cruzados sobre o peito musculoso.

Uma gota de gin tinha escorrido pelo queixo de Bryce. Ela quase limpou o batom vermelho-pecado dos lábios com o dorso da mão, mas, em vez disso,

optou por secá-los com um guardanapo remanescente da pizzaria. Como uma pessoa educada.

Essa cor devia se chamar Vermelho Boquete, comentara Danika na primeira vez que Bryce o havia usado. *Porque é tudo no que qualquer macho vai pensar ao vê-la com esse batom.* De fato, o olhar de Connor tinha pulado direto para seus lábios.

— Sabe que gosto de aproveitar minhas noites de quinta. Por que não começar mais cedo? — perguntou Bryce, do modo mais displicente de que foi capaz.

Ela se equilibrou na ponta dos pés enquanto guardava o gin de volta no armário, a bainha do vestido subindo ainda mais. Connor estudou o teto como se fosse muito interessante, o olhar encontrado o da semifeérica apenas quando ela fincou os pés de volta no chão. No outro cômodo, alguém aumentou o volume da televisão até um nível ensurdecedor.

Obrigada, Danika.

Nem mesmo a audição de um lobo conseguiria destrinchar aquela cacofonia para bisbilhotar.

A boca sensual de Connor se contraiu, mas ele continuou na porta.

Bryce engoliu em seco, imaginando se seria muito ruim rebater a ardência do gin com a cerveja que deixara esquentando no balcão.

— Olhe. Nós nos conhecemos há um tempo... — começou Connor.

— Ensaiou esse discurso?

Ele se endireitou, o rubor tingindo seu rosto. O Segundo da Matilha dos Demônios, o mais temido e letal das unidades do Auxilia, estava *corando*.

— Não.

— Soou como uma introdução ensaiada, para mim.

— Pode me deixar convidá-la para sair, ou antes precisamos discutir minha oratória?

Ela bufou, mas sentiu um nó no estômago.

— Não saio com lobos.

Connor lhe lançou um sorriso presunçoso.

— Abra uma exceção.

— Não. — Mas ela sorriu de leve.

— Você me quer. Eu quero você. Isso já rola há um tempo, e brincar com esses machos humanos não a ajudou em nada a me esquecer, ajudou? — constatou Connor simplesmente, com a arrogância inabalável que apenas um predador imortal podia reunir.

Não, não ajudou. Mas, com uma voz calma apesar do coração trovejante, Bryce disse:

— Connor, não vou sair com você. Danika é mandona o bastante. Não preciso de outro lobo, especialmente um *macho*, tentando controlar minha vida. Não preciso de mais um vanir se metendo em meus assuntos.

Seus olhos dourados se anuviaram.

— Não sou seu pai.

Ele não quis dizer Randall.

Bryce se afastou do balcão, marchando na direção de Connor. E da porta do apartamento. Ela chegaria atrasada.

— Ele não tem nada a ver com isso... com você. Minha resposta é não.

Connor não se mexeu, e ela parou a poucos centímetros dele. Mesmo com os saltos altos, mesmo sendo mais alta que a média, ele assomava sobre ela; dominava todo o espaço com o simples ato de respirar.

Como um perfeito alfa babaca. Como seu pai fizera com a Ember Quinlan de 19 anos, quando a tinha cortejado, seduzido, tentado prendê-la e se embrenhado tão fundo no território da possessividade que, no momento em que a mulher descobriu carregar no ventre um filho do feérico — Bryce —, ela fugiu antes que ele pudesse pressentir e trancá-la na vila em CiRo até que fosse velha demais para despertar seu interesse.

O que era algo em que Bryce não gostava de pensar. Não depois que os exames de sangue foram feitos e ela saíra do consultório da medbruxa com a certeza de que herdara do pai feérico mais do que o cabelo ruivo e as orelhas pontudas.

Bryce teria de enterrar a mãe um dia, enterrar Randall também. O que era totalmente esperado, considerando que eram humanos. Mas o fato de que

continuaria viva por mais alguns séculos, com apenas as fotos e vídeos para se lembrar de suas vozes e rostos, fazia seu estômago revirar.

Ela devia ter tomado mais uma dose de gin.

Connor continuava imóvel na soleira.

— Um encontro não desencadearia um frenesi de possessividade. Nem precisa ser um encontro. Apenas... uma pizza — concluiu ele, olhando para a pilha de embalagens.

— Você e eu já passamos muito tempo juntos. — E passavam; nas noites em que Danika era convocada para uma reunião com Sabine ou com os outros comandantes do Aux, Connor sempre aparecia no apartamento com comida, ou se encontrava com ela em um dos muitos restaurantes do vibrante quarteirão. — Se não é um encontro, qual a diferença?

— Seria um teste. Para um encontro — respondeu Connor, entre dentes.

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Um encontro para decidir se quero ter um encontro com você?

— Você é impossível. — Ele se afastou do batente da porta. — A gente se vê mais tarde.

Sorrindo, ela o seguiu para fora da cozinha, encolhendo-se diante do volume surreal da televisão a que os lobos assistiam muito, *muito* atentamente.

Até mesmo Danika sabia haver limites para o quanto Bryce podia provocar Connor sem consequências graves.

Por um instante, Bryce cogitou agarrar o segundo pelos ombros e explicar que seria melhor que arrumasse uma loba gentil e doce, cujo sonho fosse uma ninhada de filhotes, e que, na verdade, ele não gostaria de alguém tão fodida, que ainda curtia uma balada até vomitar na sarjeta como um aluno da UCLC, e que não tinha certeza se *podia* amar alguém, não quando Danika era tudo de que precisava afinal.

Mas não agarrou Connor e, quando pegou as chaves na tigela ao lado da porta, ele tinha se esparramado no sofá — novamente no lugar *dela* — e encarava a tela acintosamente.

— Tchau — Bryce se despediu de ninguém em particular.

Do outro lado da sala, Danika a encarou, a expressão ainda desconfiada, mas levemente alegre. Ela deu uma piscadela.

— Relaxe, vaca.

— Relaxe, babaca — replicou Bryce, a despedida escorregando da língua com os anos de prática.

Mas foi o *Amo você* extra, enquanto saía para o corredor sombrio, que fez Bryce hesitar com a mão na maçaneta.

Danika havia demorado alguns anos para pronunciar aquelas palavras, e ainda as usava com

parcimônia. A princípio, a loba tinha odiado quando Bryce as pronunciara — mesmo depois de a semifeérica explicar que havia passado a vida toda dizendo aquilo, para o caso de ser a última vez. Para o caso de não ter a chance de se despedir das pessoas com quem mais se importava. E foi preciso uma de suas aventuras mais dramáticas — uma batida de moto e, literalmente, armas apontadas para sua cabeça — para convencer Danika a proferir as palavras, mas, pelo menos, agora ela o fazia. Às vezes.

Esqueça a libertação de Briggs. Sabine devia mesmo ter afetado Danika.

Os saltos de Bryce ecoavam nas lajotas gastas do piso enquanto ela se dirigia para as escadas no fim do corredor. Talvez devesse cancelar o encontro com Reid. Podia comprar alguns potes de sorvete no mercado da esquina e se aninhar com Danika enquanto assistiam a uma de suas comédias absurdas favoritas.

Talvez devesse ligar para Fury e ver se ela podia fazer uma visitinha a Sabine.

Mas... nunca pediria aquilo a Fury. A amiga mantinha o profissional longe de sua vida pessoal, e já sabiam muito bem que era melhor não fazer muitas perguntas. Apenas Juniper podia se safar dos interrogatórios.

Sinceramente, não fazia sentido que fossem amigas: a futura alfa de todos os lobos, uma

mercenária assassina travando uma guerra além-mar, uma incrivelmente talentosa dançarina e *única* fauna a abrilhantar o palco do Balé da Cidade da Lua Crescente e... ela.

Bryce Quinlan. Assistente de feiticeira. Aspirante a bailarina *com tipo físico inadequado*. Pegadora crônica de humanos convencidos e frágeis, que não faziam ideia de como lidar com ela. Quanto mais com Danika, se chegassem perto o bastante da prova suprema do namoro.

Bryce desceu as escadas, franzindo o cenho para um dos orbes de primalux que banhava com um brilho tênue a tinta cinza-azulada descascada. O senhorio esbanjava mesquinharia quando o assunto era primalux, provavelmente recorrendo a um gato em vez de pagar à companhia como todo mundo.

Para ser honesta, tudo naquele prédio era um lixo.

Danika podia morar melhor. Bryce com certeza não. E Danika a conhecia bem o bastante para sequer sugerir pagar sozinha o aluguel de um daqueles sofisticados arranha-céus à margem do rio ou no DCLC. Então, depois da formatura, as duas procuraram apenas os apartamentos que caberiam no orçamento de Bryce; aquele buraco sendo o menos pior de todos.

Às vezes, Bryce desejava ter aceitado a quantia incalculável de dinheiro do pai; desejava não ter decidido desenvolver alguma noção de moral no

exato instante em que o canalha lhe oferecera montanhas de marcos de ouro em troca de seu eterno silêncio. Pelo menos agora Bryce estaria na piscina de alguma cobertura, flertando com anjos besuntados de bronzeador, e não evitando um zelador inconveniente que secava seu decote toda vez que ela precisava reclamar que a calha da lixeira estava entupida outra vez.

A porta de vidro no fim da escada se abriu para a rua escura, já apinhada de turistas, baladeiros e moradores abatidos tentando abrir caminho pela multidão barulhenta depois de um longo e quente dia de verão. Um draki macho de terno e gravata passou apressado, a bolsa-carteiro batendo no quadril enquanto ele desviava de uma família de metamorfos equinos — talvez cavalos, a julgar pelo cheiro de céu aberto e campos verdejantes —, todos muito ocupados tirando fotos de tudo, alheios a qualquer um que estivesse tentando chegar a algum lugar.

Na esquina, uma dupla de malakim entediados, vestidos com a armadura negra da 33ª, mantinha as asas dobradas junto aos corpos vigorosos, sem dúvida para evitar que algum trabalhador a caminho de casa ou um bêbado idiota as tocasse. Toque as asas de um anjo sem permissão e terá sorte de perder apenas a mão.

Fechando a porta com força atrás de si, Bryce mergulhou no caldeirão de sensações que era aquela

antiga e vibrante metrópole: o calor seco do verão que ameaçava quebrar seus ossos; as buzinas cortando o constante sibilar e gotejar de música que se derramava dos salões de festa; a brisa do rio Istros, a três quarteirões de distância, agitando as palmeiras e ciprestes; a nota de maresia do mar turquesa vizinho; o sedutor perfume noturno do jasmim agarrado à cerca de ferro do parque próximo; o fedor de vômito, mijo e cerveja choca; o chamado fumegante das especiarias do kebab de cordeiro da barraca da esquina... Tudo a atingiu como um único beijo, despertando-a.

Tentando não torcer o tornozelo nos paralelepípedos, Bryce inspirou a oferenda noturna da Cidade da Lua Crescente, bebeu-a e sumiu na rua fervilhante.



O Rosa e Pérola era a síntese de tudo o que Bryce odiava na cidade.

Mas, pelo menos, Danika lhe devia 50 marcos de prata.

Os seguranças a deixaram passar, subir os três degraus e atravessar as portas de bronze do restaurante.

Mas 50 marcos de prata não fariam a menor diferença naquela conta. Não, a refeição certamente entraria na zona do *ouro*.

Reid com certeza podia pagar. Dada a saúde de sua conta bancária, ele provavelmente mal olharia o total antes de entregar seu cartão black ao garçom.

Sentada à mesa no coração do salão de jantar dourado, sob o lustre de cristal que pendia de um teto com afrescos intrincados, Bryce tomou dois copos d'água e meia garrafa de vinho enquanto esperava.

Vinte minutos depois, seu telefone vibrou dentro da bolsa preta de seda. Se fosse Reid cancelando o encontro, ela o mataria. Nem por um decreto ela poderia pagar pelo vinho; não sem precisar desistir das aulas de dança por um mês. Na verdade, por dois.

Mas as mensagens não eram de Reid, e Bryce as leu três vezes antes de enfiar o telefone de volta na bolsa e se servir de outra taça daquele vinho muito, muito caro.

Reid era rico *e* estava atrasado. Ele ia se ver com ela.

Especialmente porque o alto escalão da Cidade da Lua Crescente parecia se divertir zombando de seu vestido, a pele à mostra — as orelhas feéricas, mas o corpo evidentemente humano.

Mestiça... quase podia ouvir o termo odioso que sussurravam. Na melhor das hipóteses, a consideravam uma trabalhadora inferior. Na pior, uma presa, uma catadora de lixo.

Bryce pegou o telefone e releu as mensagens pela quarta vez.

Connor havia escrito: *Você sabe que sou uma merda com palavras. Mas o que eu queria dizer — antes que, em vez disso, você tentasse brigar comigo, a propósito — era que acho que vale a pena. Você e eu. Darmos uma chance a nós.*

E acrescentado: *Sou louco por você. Não quero mais ninguém. Há tempos. Um encontro. Se não funcionar, lidaremos com isso. Apenas me dê uma chance. Por favor.*

Bryce ainda encarava as mensagens, a cabeça girando por conta de todo aquele maldito vinho, quando Reid enfim apareceu. Quarenta e cinco minutos atrasado.

— Desculpe, baby — disse ele, inclinando-se para beijá-la no rosto antes de se sentar. O terno cinza-chumbo continuava imaculado, a pele radiante acima do colarinho da camisa branca brilhava. Nenhum fio do cabelo escuro parecia fora de lugar.

Reid tinha o comportamento despojado de alguém criado com dinheiro e educação e que jamais ouvira um não. Os Redner eram uma das poucas famílias humanas que prosperaram na alta sociedade vanir... e se vestiam para o papel. Reid era meticuloso quanto à aparência, até os mínimos detalhes. Toda gravata, Bryce havia aprendido, era escolhida para destacar o tom esverdeado de seus olhos castanho-claros. O corte dos ternos sempre impecável no corpo sarado. Ela talvez o chamasse de fútil, como se também não se preocupasse com as próprias roupas. Se não soubesse que Reid tinha um personal trainer pela mesma razão que ela continuava a dançar... além de seu amor pela arte, queria se certificar de que o corpo estaria no auge quando sua força fosse necessária para fugir de um potencial predador à caça nas ruas.

Desde o dia em que, uma eternidade antes, os vanir haviam se esgueirado pela Fenda do Norte e tomado Midgard, um evento que os historiadores

batizaram de Travessia, fugir era a melhor opção caso um deles decidisse transformá-lo em refeição. Isso se você não tivesse nenhuma arma ou bombas ou quaisquer das coisas terríveis que pessoas como Philip Briggs haviam desenvolvido para matar até mesmo uma criatura imortal com incrível capacidade de regeneração.

Com frequência, Bryce se perguntava como tinha sido a vida antes de o planeta ser invadido por criaturas de tantos mundos diferentes, todos mais avançados e *civilizados* que aquele, quando existiam apenas humanos e animais comuns. Até seu calendário remontava à Travessia, a contagem do tempo dividida entre antes e depois, E.H. e E.V. *Era Humana* e *Era Vanir*.

Reid levantou as sobrancelhas castanho-escuras para a garrafa de vinho quase vazia.

— Boa pedida.

Quarenta e cinco minutos. Sem uma ligação ou mensagem para avisar que se atrasaria.

Bryce rangeu os dentes.

— Algum imprevisto no trabalho?

Reid deu de ombros, esquadrinhando o restaurante à procura de algum alto oficial com quem socializar. Como filho de um homem que tinha o nome estampado em letras de 6 metros em três prédios no Distrito Comercial Central, em geral as pessoas faziam fila para conversar com ele.

— Alguns malakim estão inquietos com os desdobramentos do conflito pangerano. Precisam de garantias de que seus investimentos são sólidos. A ligação demorou.

O conflito pangerano... a guerra que Briggs tanto quis trazer para aquele território. O vinho havia subido à cabeça de Bryce e rodopiava em uma poça oleosa em seu estômago.

— Os anjos acham que a guerra pode chegar até aqui?

Sem conseguir encontrar ninguém de interesse no restaurante, Reid abriu o menu forrado de couro.

— Não. Os asteri não deixarão que isso aconteça.

— Os asteri deixaram que isso acontecesse por lá.

Os lábios dele se contraíram.

— É uma questão complicada, Bryce.

Fim de conversa. Ela deixou que ele voltasse a estudar o cardápio.

Os relatos do território além do mar Haldren eram sombrios. A resistência humana preferia ser dizimada a se submeter aos asteri e ao governo de seu Senado "eleito". Por quarenta anos, a guerra havia assolado o território pangerano, devastando cidades, arrastando-se para o mar tempestuoso. Se o conflito o atravessasse, a Cidade da Lua Crescente, situada na costa sudeste de Valbara — a meio caminho da Mão, península assim chamada pelo modo como a terra

árida e montanhosa se projetava —, seria um dos primeiros lugares em sua trajetória.

Fury se recusava a falar sobre o que via por lá. O que fazia por lá. Por qual lado lutava. A maioria dos vanir não achava divertido um levante contra mais de quinze mil anos de dominação.

A maioria dos humanos também não achava divertidos quinze mil anos de quase escravidão, na condição de caça e comida e brinquedo sexual. Pouco importava que, nos últimos séculos, o Senado Imperial tivesse conferido mais direitos aos humanos... com a aprovação dos asteri, claro. O que não alterava o fato de que quem saía da linha era catapultado de volta ao ponto de partida: literalmente, escravizados da República.

Pelo menos, os escravizados existiam predominantemente em Pangera. Uns poucos viviam na Cidade da Lua Crescente, sobretudo entre os guerreiros angélicos da 33ª, a legião pessoal do governador, os punhos marcados com a tatuagem da escravidão, *SPQM*. Mas, na maior parte das vezes, passavam despercebidos.

A Cidade da Lua Crescente, apesar da elite de superbabacas, ainda era um caldeirão. Um dos poucos lugares onde ser humano não significava, necessariamente, uma vida de servidão. Muito embora não desse direito a muito mais.

Uma feérica de cabelo preto e olhos azuis chamou a atenção de Bryce enquanto ela corria os olhos pelo salão, o jovem amante a sua frente indicando que ela era alguma espécie de nobre.

Bryce jamais conseguira decidir a quem odiava mais: aos alados malakim ou aos feéricos. Provavelmente aos feéricos, cuja considerável magia e graça os faziam crer que tinham permissão para se comportar como bem entendessem, com quem bem entendessem. Um traço compartilhado com muitos membros da Casa de Céu e Sopro: os arrogantes anjos, as sublimes sílfides e os fervilhantes elementais.

Casa dos Idiotas e Degenerados, como Danika os apelidara. Muito embora a aliança com a Casa de Terra e Sangue possa ter influenciado um pouco sua opinião; em especial quando feéricos e metamorfos viviam em eterna discórdia.

Fruto de duas Casas, Bryce fora forçada a renunciar sua lealdade à Casa de Terra e Sangue, condição para aceitar a posição de civitas que o pai lhe conseguira. Fora o preço a pagar pelo cobiçado status de cidadã: ele pediria cidadania plena, mas ela teria de escolher Céu e Sopro como sua Casa. Ela havia se ressentido do bastardo por fazê-la escolher, mas até mesmo a mãe tinha compreendido que os prós superavam os contras.

Não que houvesse muitas vantagens ou proteção para os humanos dentro da Casa de Terra e Sangue.

Com certeza, não para o jovem sentado com a fêmea feérica.

Bonito, louro, não mais de 20 anos, provavelmente tinha um décimo da idade de sua acompanhante feérica. A pele bronzeada dos punhos não exibia nenhum sinal das quatro letras da tatuagem de escravizado. Portanto, estava com ela por escolha própria... ou por cobiçar o que a feérica podia lhe oferecer: sexo, dinheiro, influência. Mas era um péssimo negócio. Ela o usaria até se entediar, ou até que ficasse velho, e então lhe daria um pé naquela bunda ainda ávida pelas riquezas da fêmea.

Bryce inclinou a cabeça para a nobre, que arreganhou os dentes brancos diante da insolência. A fêmea era bonita... mas a maioria dos feéricos eram.

Ela encontrou o olhar de Reid, o cenho franzido no belo rosto. Ele balançou a cabeça — para *ela* — e continuou a ler o menu.

Bryce tomou um gole do vinho. Sinalizou para que o garçom trouxesse outra garrafa.

Sou louco por você.

Connor não toleraria o escárnio, os sussurros. Nem Danika. Bryce havia testemunhado *os dois* desancarem os babacas estúpidos que tinham lhe falado alguma gracinha, ou que a haviam confundido com umas das muitas fêmeas vanir mestiças que ganhavam a vida vendendo o corpo no Mercado da Carne.

A maioria dessas mulheres não tinha a oportunidade de completar a Descida; fosse porque não atingiam a maturidade ou porque já saíam em desvantagem, com uma expectativa de vida mortal. Havia predadores, tanto natos quanto em treinamento, que usavam o Mercado da Carne como território de caça.

O telefone de Bryce vibrou no exato momento em que o garçom enfim apareceu com uma nova garrafa de vinho. Reid franziu o cenho outra vez, sua reprovação palpável, o que fez com que Bryce desistisse de ler a mensagem até ter pedido seu sanduíche de rosbife com espuma de queijo.

Danika havia escrito: *Dê um perdido no babaca de pinto mole e tenha compaixão por Connor. Um encontro não vai matá-la. Ele está esperando há anos, Bryce. Anos. E me dê uma razão para sorrir esta noite.*

Bryce se encolheu quando guardou o telefone de volta na bolsa. Ela ergueu o olhar para flagrar Reid encarando o próprio aparelho, polegares ágeis, as feições angulosas iluminadas pelo brilho da tela. A invenção dos telefones havia acontecido cinco décadas antes, no famoso laboratório de tecnologia das Indústrias Redner, e rendido à companhia uma fortuna sem precedentes. Uma nova era na comunicação interpessoal, era o que todos alegavam. Bryce achava que apenas tinha dado às pessoas uma

desculpa para banir o contato visual. Ou se tornarem péssimas companhias.

— Reid — começou ela. Ele apenas ergueu um dedo.

Bryce tamborilou com a unha vermelha na base da taça. Ela mantinha as unhas longas... e tomava um elixir diário para mantê-las fortes. Não eram tão eficazes quanto talões e garras, mas podiam causar algum dano. Pelo menos o bastante para eventualmente se livrar de um agressor.

— Reid — ela repetiu.

Ele continuava digitando, e ergueu os olhos somente quando o primeiro prato chegou.

Era uma mousse de salmão. Sobre uma lasca de pão torrado e envolta em uma espécie de treliça de folhas verdes. Talvez samambaias. Ela engoliu o riso.

— Vá em frente e se sirva — aconselhou Reid, distante, digitando de novo. — Não espere por mim.

— Uma mordida e terei terminado — resmungou ela, levantando o garfo, mas imaginando como comer aquela coisa.

Ninguém ao redor usava os dedos, mas... A feérica a olhou com desdém novamente.

Bryce pousou o garfo. Dobrou o guardanapo em um quadrado perfeito antes de se levantar.

— Estou indo.

— Tudo bem — disse Reid, os olhos grudados na tela.

Obviamente, achava que ela estava indo ao banheiro. Bryce podia sentir os olhos do anjo elegante na mesa ao lado devorando a extensão de sua perna nua, e em seguida ouviu a cadeira guinchar quando ele se inclinou para admirar sua bunda.

Era por isso que mantinha as unhas compridas.

— Não... estou indo. Obrigada pelo jantar — esclareceu ela, então.

Aquilo o fez erguer o olhar.

— O quê? Bryce, sente-se. Coma.

Como se o atraso e o tempo que ele passava ao telefone não tivessem nada a ver com aquilo. Como se ela fosse apenas algo que ele precisava alimentar antes de trepar.

— Isso não está funcionando — explicou ela, claramente.

Reid comprimiu os lábios.

— Desculpe?

Ela duvidava de que ele já tivesse sido dispensado.

— Tchau, Reid. Boa sorte no trabalho — disse, com um sorriso doce.

— Bryce.

Mas a semifeérica tinha bastante dignidade para não o deixar se explicar, para não aceitar um sexo mediano em troca de refeições em restaurantes que nunca poderia se dar ao luxo de frequentar e de um homem que já havia literalmente saído de cima dela para olhar o telefone. Então ela pegou a garrafa de

vinho e se afastou da mesa, mas não na direção da saída.

Ela foi direto até a pedante feérica fêmea e seu brinquedinho humano e disse, em um tom de voz frio o bastante para intimidar até mesmo Danika:

— Gosta do que vê?

A fêmea avaliou Bryce, dos saltos até o cabelo ruivo e a garrafa de vinho pendente em seus dedos. A feérica deu de ombros, fazendo os cristais pretos em seu vestido brilhar.

— Pago um marco de ouro para assistir a vocês dois. — Ela indicou com a cabeça o humano em sua mesa.

Ele sorriu para Bryce, a expressão ausente sugeria que estava sob a influência de alguma droga.

Bryce sorriu com escárnio para a fêmea.

— Não sabia que as fêmeas feéricas tinham ficado tão mão de vaca. Os boatos costumavam dizer que nos pagariam pilhas de ouro para fingir que não são tão apáticos quanto ceifadores entre os lençóis.

O rosto bronzeado da feérica ficou pálido. As unhas brilhantes, afiadas como navalhas, se engancharam na toalha. O homem à frente nem mesmo piscou.

Bryce colocou a mão no ombro do humano; não tinha certeza se para confortá-lo ou para irritar a fêmea. Ela apertou de leve, mais uma vez inclinando a cabeça para a feérica, e saiu caminhando.

Tomou um gole da garrafa de vinho e mostrou o dedo para a recepcionista afetada no caminho até as portas de bronze. Em seguida, pegou um punhado de caixas de fósforos da tigela na bancada.

As desculpas sussurradas de Reid para a nobre pairavam a suas costas quando Bryce pisou na rua quente e seca.

Merda. Eram nove horas, ela estava decentemente arrumada e, se voltasse para o apartamento, caminharia de um lado para o outro até Danika surtar. E os lobos meteriam o focinho naquele assunto, o qual ela não queria discutir com eles *de forma alguma.*

O que lhe deixava uma única opção. Sua opção favorita, felizmente.

Fury atendeu ao primeiro toque.

— O quê?

— Você está deste lado do Haldren ou do lado errado?

— Estou em Cinco Rosas. — A voz fria e impassível traía um quê de divertimento; praticamente uma gargalhada retumbante, em se tratando de Fury. — Mas não vou assistir televisão com os filhotes.

— Quem diabos iria querer fazer isso?

Uma pausa na linha. Bryce se apoiou na parede de pedra pálida do Rosa e Pérola.

— Achei que tivesse um encontro com... Como é mesmo o nome dele?

— Você e Danika não prestam, sabia?

Ela praticamente ouviu o sorriso malicioso de Fury pelo telefone.

— Encontro você no Corvo daqui a meia hora. Preciso terminar um serviço.

— Pegue leve com o pobre infeliz.

— Não fui paga para isso.

A ligação ficou muda. Bryce xingou e rezou para que Fury não fedesse a sangue quando chegasse à boate preferida das duas. Ela ligou para outro número.

Juniper estava sem fôlego quando atendeu, ao quinto toque, antes que a ligação caísse na caixa postal. Ela devia estar no estúdio, ensaiando depois do expediente. Como sempre fazia. Como Bryce amava fazer sempre que encontrava tempo. Dançar e dançar e dançar, o mundo se dissipando em música, suor e respiração ofegante.

— Ah, você deu um fora no sujeito.

— Aquela filha da puta da Danika mandou mensagem para *todo mundo*?

— Não — respondeu a doce, adorável fauna. — Mas você só ficou uma hora com o cara. Como em geral a ligação com o resumo do encontro só acontece na manhã seguinte...

— Vamos ao Corvo — disparou Bryce. — Esteja lá em meia hora. — Ela desligou antes que a risada mercurial de Juniper a emputecesse.

Ah, ela acharia um meio de punir Danika por ter contado a elas. Muito embora soubesse que a amiga tinha feito aquilo com o intuito de preparar as outras caso precisassem juntar seus cacos. Do mesmo modo que Bryce tinha perguntado a Connor sobre o humor de Danika mais cedo, naquela noite.

O Corvo Branco ficava a apenas cinco minutos de caminhada, bem no coração da Praça da Cidade Velha. O que dava a Bryce tempo suficiente para se meter em uma encrenca ou encarar o que estivera evitando até então.

Ela optou pela encrenca.

Muita encrenca, o bastante para torrar os suados 7 marcos de ouro em sua bolsa, entregues a uma sorridente fêmea draki que passou para a palma estendida de Bryce tudo que a semiféerica poderia querer. A fêmea havia tentado lhe vender uma dessas novas drogas — *Sintez vai fazê-la se sentir uma deusa*, dissera ela —, mas os 30 marcos de ouro por uma única dose estavam bem acima de seu orçamento.

Ela ainda tinha cinco minutos. Parada na frente do Corvo Branco, a boate fervilhando de boêmios apesar do plano frustrado de Briggs para explodi-la, Bryce pegou o telefone e abriu a conversa com Connor. Podia apostar todo o dinheiro que acabara de gastar em raiz-alegre que o lobo checava o telefone a cada dois segundos.

Carros passavam devagar, o grave de seus sistemas de som ecoando nos paralelepípedos e ciprestes, as janelas abertas para revelar passageiros ansiosos para começarem sua quinta-feira: bebendo, fumando, acompanhando a música, mandando mensagens para amigos, traficantes ou quem quer que pudesse liberar sua entrada em uma das dezenas de boates que ladeavam a rua do Arqueiro. Filas já serpenteavam das portas, incluindo a do Corvo. Vanir espiavam ávidos a fachada de mármore branco, peregrinos bem-vestidos à espera nos portões do templo.

O Corvo era justamente aquilo: um templo. Ou tinha sido. O prédio agora abarcava as ruínas, mas a pista de dança fora preservada, as antigas pedras do templo de alguma divindade havia muito esquecida e os vários pilares de pedra lavrada ainda de pé. Dançar era adorar a um deus sem nome, sussurrado nos entalhes desgastados de sátiros e faunos, bebendo e dançando e trepando em meio a videiras. Um templo dedicado ao prazer... é o que já fora um dia. E o que se tornara de novo.

Um grupo de metamorfos leões-da-montanha à espreita passou por ela, alguns se virando para rosnar um convite. Bryce ignorou os rapazes e se espremeu até uma alcova à esquerda da porta de serviço do Corvo. Ela se apoiou na pedra lisa, prendeu a garrafa de vinho na dobra do braço, pôs um dos pés na parede a suas costas enquanto balançava a cabeça ao

som da música de um carro próximo. Enfim digitou: *Pizza. Sábado às seis. Caso se atrase, está acabado.*

No mesmo instante, Connor começou a digitar. Então o balão sumiu. Em seguida, reapareceu.

Finalmente a mensagem chegou.

Jamais a faria esperar.

Ela revirou os olhos e escreveu: *Não faça promessas que não pode cumprir.*

Mais digitar, apagar, digitar. E então: *Falou sério... sobre a pizza?*

Pareço estar de brincadeira, Connor?

Você parecia deliciosa quando saiu do apartamento.

Um calor a envolveu e Bryce mordeu o lábio. Maldito canalha charmoso. *Diga a Danika que estou no Corvo com Juniper e Fury. Vejo você em dois dias.*

Feito. E o... Como é mesmo o nome dele?

REID levou um pé na bunda oficial.

Ótimo. Já estava imaginando que teria de matá-lo.

Ela sentiu o estômago revirar.

Ele acrescentou rapidamente: *Brincadeirinha, Bryce. Não vou dar uma de alfa babaca com você, prometo.*

Antes que pudesse responder, seu telefone vibrou de novo.

Era Danika. *COMO OUSA IR AO CORVO SEM MIM? TRAIDORA.*

Bryce bufou. *Aproveite a Noite do Bando, otária.*

NÃO SE DIVIRTA SEM MIM. EU PROÍBO.

Ela sabia que, por mais que odiasse ficar em casa, Danika não abandonaria sua alcateia. Não na única noite que passavam juntos, a noite que usavam para fortalecer os laços entre eles. Não depois daquele dia de merda. E especialmente não enquanto Briggs estivesse à solta, com um motivo para se vingar da Matilha dos Demônios.

Aquela lealdade era a razão pela qual os lobos amavam Danika, razão pela qual lutavam com tanta ferocidade e iam à guerra repetidas vezes por ela, enquanto Sabine questionava, publicamente, se a filha era digna das responsabilidades e do status de segunda na linha de sucessão. A hierarquia entre os lobos da Cidade da Lua Crescente era determinada por pura dominância, mas a linhagem de três gerações que constituíram o Primo dos lobos, o Primo Presumível e o que quer que fosse Danika (a Presumível Prima Presumível?) era uma raridade. Uma poderosa casta ancestral era a explicação mais comum.

Danika havia passado incontáveis horas estudando a história dos bandos dominantes de metamorfos em outras cidades — por que leões governavam em Hilene, por que tigres dirigiam Korinth, por que falcões reinavam em Oia. Se a supremacia que determinava o status de Primo Alfa era herdada dentro de uma mesma família ou passada adiante. Metamorfos não predadores podiam chefiar as tropas

auxiliares de uma cidade, mas era raro. Sinceramente, a maior parte daquilo fazia Bryce chorar de tédio. E se Danika alguma vez descobrira por que a família Fendyr reivindicava uma fatia tão grande da torta da supremacia, jamais havia lhe contado.

Bryce voltou a escrever para Connor: *Boa sorte com Danika.*

Ele simplesmente respondeu: *Ela me desejou o mesmo em relação a você.*

Bryce estava prestes a guardar o telefone quando a tela acendeu de novo. Connor havia acrescentado: *Não vai se arrepender. Tive muito tempo para pensar nas diferentes maneiras de mimar você. Em toda a diversão que vamos ter.*

Stalker. Mas ela sorriu.

Vá se divertir. Vejo você em alguns dias. Me mande uma mensagem quando chegar em casa.

Ela releu a conversa duas vezes, porque era uma completa e absoluta idiota e estava cogitando pedir a Connor que deixasse a espera de lado e a encontrasse *já*, quando algo frio e metálico pressionou sua garganta.

— E você morre — cantarolou uma voz feminina.

Bryce ganiu, tentando acalmar o coração, que havia ido de estupidamente inebriado a estupidamente assustado em uma batida.

— Porra, *não* faça isso — sibilou ela, enquanto Fury afastava a faca de sua garganta e a embainhava às

costas.

— Não seja um alvo fácil — retrucou Fury, com frieza, o longo cabelo cor de ônix preso em um rabo de cavalo alto que destacava os traços angulosos do rosto marrom claro.

Ela analisou a fila do Corvo, os profundos olhos castanhos absorvendo tudo e prometendo morte a qualquer um que cruzasse seu caminho. Mas sob tudo aquilo... graças aos deuses, a legging de couro preto, o top de veludo justo e as botas de matar *não* cheiravam a sangue.

Fury estudou Bryce.

— Quase não se maquiou. Aquele humano deve ter dado uma olhada em você e sacado que ia levar um pé na bunda.

— Ele estava muito ocupado com o telefone para notar.

Fury olhou acintosamente para o telefone de Bryce, ainda preso no aperto mortal de seus dedos.

— Danika vai comer seu fígado quando eu contar que a peguei distraída assim.

— É culpa da própria Danika — disparou Bryce.

Um sorriso mordaz foi a única resposta. Bryce sabia que Fury era vanir, mas não fazia ideia da espécie. Também não fazia ideia de a que casa pertencia. Perguntar era falta de educação, e a mercenária, fora a velocidade, a graça e os reflexos

sobrenaturais, nunca havia revelado outra forma, nem qualquer leve indício de magia, além do básico.

Mas ela era uma civitas. Uma cidadã plena. Ou seja, Fury tinha de ser alguma coisa considerada valiosa. Levando em conta suas habilidades, a Casa de Chama e Sombra era o lugar mais adequado para ela — mesmo que Fury, com certeza, não fosse uma daemonaki, uma vampira ou mesmo um espectro. Ou uma necromante, já que seu dom parecia ser tirar vidas, não as trazer ilegalmente de volta.

— Onde está a pernuda? — perguntou Fury, pegando a garrafa de vinho da mão de Bryce e tomando um gole enquanto estudava as boates fervilhantes e os bares ao longo da rua do Arqueiro.

— Não faço ideia — respondeu Bryce. Ela deu uma piscadela para Fury e levantou o saco de raiz-alegre, balançando os doze cigarros pretos. — Descolei umas guloseimas.

O sorriso de Fury foi um lampejo de lábios vermelhos e perfeitos dentes brancos. Ela levou a mão até o bolso de trás da calça e pegou um saco de pó branco, que cintilava com uma ígnea iridescência sob o brilho do poste.

— Eu também.

Bryce estudou o pó com olhos semicerrados.

— É o que a traficante acaba de tentar me vender?

Fury ficou tensa.

— O que ela disse que era?

— Alguma nova droga recreativa... dá uma onda divina. Não sei. Supercara.

Fury franziu o cenho.

— Sintez? Fique longe disso. É uma parada sinistra.

— Certo. — Ela confiava o bastante em Fury para acatar seu conselho. Bryce espiou o pó que a amiga ainda trazia na mão. — Não posso usar nada que me faça alucinar por dias, por favor. Preciso trabalhar amanhã.

Ela precisava, ao menos, fingir ter alguma noção de como encontrar o maldito chifre.

Fury guardou a droga no sutiã preto. Tomou mais um gole do vinho antes de devolvê-lo a Bryce.

— Jesiba não será capaz de sentir nada em você, não se preocupe.

Bryce deu o braço à assassina esguia.

— Então vamos fazer nossos ancestrais se revirarem em suas tumbas.



Ter um encontro marcado com Connor não queria dizer que precisava se comportar agora.

Portanto, no santuário do Corvo Branco, Bryce saboreou cada prazer que lhe foi oferecido.

Fury conhecia o dono, Riso, fosse profissionalmente ou pelo que quer que ela fizesse na vida pessoal, e, assim, elas nunca precisavam ficar na fila. O extravagante metamorfo borboleta sempre deixava uma mesa reservada para elas.

Nenhum dos alegres garçons com roupas coloridas nem ao menos piscou para as carreiras de cintilante pó branco que Fury arrumou com um golpe da mão, ou para as plumas de fumaça que serpenteavam dos lábios entreabertos de Bryce enquanto ela inclinava a cabeça para o teto curvo e espelhado e gargalhava.

Juniper tinha um ensaio pela manhã, por isso se absteve de pó e fumaça e álcool. Mas aquilo não a

impediu de sair furtivamente com um musculoso macho feérico, que se encantou por sua pele negra, o rosto primoroso, o crespo cabelo escuro e as pernas longas que terminavam em cascos delicados, e praticamente implorou, de joelhos, para que a fauna o tocasse.

Bryce se converteu à batida pulsante da música, à euforia que cintilava em seu sangue, mais veloz que um anjo mergulhando do céu, ao suor escorrendo por seu corpo enquanto se contorcia no antigo piso de pedra. Mal seria capaz de andar no dia seguinte, teria meio cérebro, mas puta merda... *mais, mais, mais.*

Rindo, ela mergulhou na direção da mesa baixa em sua cabine privativa entre dois pilares quase em ruínas; rindo, arqueou o corpo, uma unha pressionando uma das narinas conforme ela se jogava no banco de couro escuro; rindo, entornou água e vinho de sabugueiro e tropeçou de volta à turba de dançarinos.

A vida era boa. A vida era *boa pra caralho*, e ela mal podia esperar para fazer a Descida com Danika e repetir aquela noite até a terra virar pó.

Ela encontrou Juniper dançando em meio a um bando de fêmeas sílfides que comemoravam a Descida bem-sucedida de uma amiga. As cabeças prateadas adornadas com tiaras de bastões luminosos em tons neon, repletos da cota exclusiva de primalux que a própria amiga havia gerado quando completara com

êxito o ritual. Juniper conseguira roubar um halo luminoso para si mesma, e seu cabelo brilhava com luz azulada conforme ela estendia as mãos para Bryce, seus dedos entrelaçados enquanto dançavam.

O sangue de Bryce pulsava em sincronia com a música, como se ela tivesse sido criada apenas para aquilo: o momento em que *se transmutava* em notas e ritmo e batidas, quando se tornava uma canção viva. Os olhos brilhantes de Juniper lhe diziam que ela compreendia, sempre havia compreendido a peculiar liberdade e alegria e liberação que a dança oferecia. Como se seus corpos estivessem tão cheios de som que mal podiam contê-lo, mal podiam suportá-lo, e apenas *a dança* podia expressá-lo, aplacá-lo, honrá-lo.

Machos e fêmeas se reuniram para assistir, sua luxúria cobrindo a pele de Bryce como se fosse suor. Cada movimento de Juniper espelhava os da amiga, sem nem mesmo um sopro de hesitação, como se elas fossem pergunta e resposta, sol e lua.

A bela e discreta Juniper Andromeda... era uma exibicionista. Mesmo dançando no antigo e sagrado coração do Corvo, era doce e contida, mas brilhava.

Ou talvez aquilo fosse resultado de todo caça-luz que Bryce tinha inalado.

O cabelo estava grudado no pescoço suado, os pés, totalmente entorpecidos devido ao ângulo inclinado dos saltos, a garganta arranhando de tanto gritar as músicas que explodiam pela boate.

Bryce conseguiu gravar alguns áudios para Danika... e um vídeo, porque mal conseguia ler o que chegava.

Estaria completamente ferrada se aparecesse para trabalhar no dia seguinte incapaz de *ler*.

O tempo desacelerou e se exauriu. Ali, dançando entre pilares e sobre as pedras desgastadas do templo que havia renascido, o tempo não existia afinal.

Talvez ela vivesse ali.

Abandonasse o emprego na galeria e fosse morar na boate. Eles poderiam contratá-la como dançarina de uma das gaiolas de aço penduradas no teto alto das ruínas do templo que delimitavam a pista de dança. Com certeza, não vomitariam babaquices sobre *tipo físico inadequado*. Não, eles lhe pagariam para fazer o que amava, o que a fazia se sentir mais viva que qualquer outra coisa.

Parecia um plano bem razoável, pensou Bryce enquanto tropeçava pela própria rua mais tarde, sem nenhuma lembrança de deixar o Corvo, de se despedir das amigas ou de como diabos havia chegado até ali. Táxi? Ela havia torrado todos os seus marcos em drogas. A não ser que alguém tivesse pago...

Enfim. Pensaria naquilo no dia seguinte. Isso se conseguisse dormir. Queria ficar acordada, dançar para o maldito *sempre*. Só que... Ai, os pés *doíam pra caralho*. E estavam quase pretos e *grudentos*...

Bryce hesitou do lado de fora da porta de seu prédio e gemeu enquanto desafivelava os sapatos de salto e os segurava com uma das mãos. Um código. O prédio tinha um código de entrada.

A semifeérica contemplou o teclado como se do painel fosse se abrir um par de olhos. Alguns prédios faziam aquilo.

Merda. Meeerda. Ela pegou o telefone, a ofuscante luz da tela queimava sua vista. Estreitando os olhos, conseguiu discernir algumas dezenas de alertas de mensagem. Estavam borrados. Seus olhos tentavam, sem êxito, focar o bastante para ler uma única letra que fizesse sentido. Mesmo se conseguisse, de algum modo, ligar para Danika, a amiga arrancaria seu fígado.

A campainha do interfone irritaria Danika ainda mais. Bryce se encolheu, mudando o peso do corpo de um pé para o outro.

Qual era o código? O código, o código, o cóóóóódigo...

Ah, ali estava. Enfiado em um bolso de trás de sua mente.

Com alegria, pressionou os números, em seguida ouviu o zumbido conforme a fechadura se abria com um leve sonido.

Ela fez uma careta para o fedor da escada. Aquele maldito zelador. Ela ia chutar o traseiro dele; empalá-

lo com aqueles inúteis saltos vagabundos que tinham detonado seus pés...

Bryce colocou o pé descalço no degrau e estremeceu. Aquilo ia doer. Seria como andar sobre vidro.

Largou os sapatos no piso de ladrilhos, murmurando uma promessa de encontrá-los no dia seguinte, e agarrou com as duas mãos o corrimão de metal, pintado de preto. Talvez pudesse montar ali e deslizar escada acima.

Pelos deuses, como fedia. O que as pessoas naquele prédio *comiam*? Ou, a propósito, *quem* comiam? Com sorte, não semifeéricas chapadas, megadopadas, incapazes de subir uma escada.

Se Fury tivesse batizado o caça-luz com algo mais, Bryce ia *matá-la*.

Bufando com a ideia de sequer tentar matar a infame Fury Axtar, Bryce se arrastou pela escada, degrau por degrau.

Ela cogitou dormir no patamar do segundo andar, mas o cheiro era insuportável.

Talvez tivesse sorte e Connor continuasse no apartamento. E, então, ela *realmente* teria sorte.

Deuses, como queria uma boa trepada. Sexo sem barreiras, escandaloso. Sexo de quebrar a cama. Ela sabia que seria assim com Connor. Mais que isso. Não seria apenas algo físico com ele. Sinceramente, aquilo

podia derreter o que havia sobrado de sua mente depois daquela noite.

Por isso vinha sendo uma covarde, por isso tinha evitado pensar no assunto desde o instante em que ele se apoiara no batente de sua porta cinco anos antes, quando fora dar um alô para Danika e conhecer a nova colega de quarto da loba, e os dois apenas... ficaram encarando um ao outro.

O fato de Connor morar a apenas quatro portas tinha sido o pior tipo de tentação em seu primeiro ano de faculdade. Mas Danika ordenara que ele mantivesse distância até que *Bryce* desse um sinal, e, apesar de ainda não fazerem parte da Matilha dos Demônios, Connor obedeceu. Parecia que Danika havia revogado a ordem naquela noite.

A adorável e maliciosa Danika. Bryce sorriu enquanto meio que se arrastava até o terceiro andar, recobrava o equilíbrio e pescava as chaves na bolsa... o que, por algum milagre, foi capaz de fazer. Cambaleou alguns passos pelo corredor que compartilhavam com outro apartamento.

Ah, Danika ficaria tão puta. *Tão* puta que Bryce não apenas tivesse se divertido sem ela, mas que tivesse ficado tão chapada que esquecera como se lia. Ou o código do prédio.

A radiância da primalux feria seus olhos de modo que ela semicerrou-os de novo, até quase fechá-los, e avançou pelo hall. Ela devia tomar um banho, se

conseguisse se lembrar de como abrir a torneira. Lavar os pés imundos e dormentes.

Principalmente porque havia pisado em uma poça gelada sob o vazamento de um cano no teto. Ela estremeceu, apoiando a mão na parede, mas continuou em frente.

Merda. Muitas drogas. Mesmo seu sangue feérico não conseguia metabolizá-las com rapidez suficiente.

Mas lá estava a porta. Chaves. Certo... ela já estava com elas na mão.

Havia seis. Qual delas? Uma abria a galeria; uma abria os diversos tanques e jaulas nos arquivos; uma abria a gaiola de Syrinx; uma era da corrente de sua lambreta; uma era a chave da própria lambreta... e uma era da porta. Aquela porta.

As chaves de bronze tilintavam e balançavam, brilhando sob as primaluces, então se confundiram com a tinta metálica do corredor. Elas escorregaram dos dedos de Bryce, retumbando no piso.

— *Meeeeeerda.* — A palavra saiu como um longo suspiro.

Apoiando uma das mãos no batente da porta para evitar cair de bunda no chão, Bryce se abaixou para pegar as chaves.

Algo gelado molhou a ponta de seus dedos.

Ela fechou os olhos, na tentativa de fazer o mundo parar de rodar. Quando os abriu, estudou o piso ao pé da porta.

Vermelho. E o cheiro... não era o fedor de antes.

Era sangue.

E a porta do apartamento já estava aberta.

A fechadura havia sido arrombada, a maçaneta completamente arrancada.

Ferro... a porta era de *ferro* e encantada com os melhores feitiços que o dinheiro podia comprar para repelir visitantes indesejados, agressores ou magia. Aqueles encantamentos foram a única concessão da semifeérica ao dinheiro de Danika. Bryce nem quisera saber quanto haviam custado, não quando provavelmente tinha sido o dobro do salário anual de seus pais.

Mas a porta agora parecia um pedaço de papel amassado.

Bryce se endireitou, piscando furiosa. Foda-se a droga em seu organismo... foda-se Fury. Ela havia prometido: sem alucinações.

Bryce *não* beberia ou poluiria seu corpo com aquelas drogas *nunca mais*. Seria a primeira coisa que diria a Danika pela manhã. Nunca mais. Nunca. Mais.

Ela esfregou os olhos, o rímel borrando seus dedos. Os dedos manchados de sangue...

O sangue ainda estava ali. A porta destroçada também.

— Danika? — crocitou. Se o agressor ainda estivesse dentro do apartamento... — Danika?

Aquela mão ensanguentada — sua própria mão — abriu ainda mais a porta meio destruída.

A escuridão a saudou.

O cheiro metálico de sangue... e aquele odor de podridão... golpearam Bryce.

Todo o seu corpo tensionou, cada músculo em alerta, cada instinto gritando *fuja, fuja, fuja...*

Mas sua visão feérica se ajustou ao escuro, assimilando o apartamento.

O que restava dele.

O que restava deles.

Ajuda... ela precisava buscar *ajuda*, mas...

Bryce cambaleou para dentro do apartamento revirado.

— Danika? — A palavra saiu crua, quebrada.

Os lobos tinham lutado. Não havia nem uma peça de mobília intacta, nada que não estivesse em retalhos ou estilhaçado.

Não havia nem um corpo intacto, tampouco. Membros e tufos eram tudo o que restava.

— DanikaDanikaDanika...

Ela precisava chamar alguém, precisava gritar por ajuda, precisava de Fury ou de seu irmão ou de seu pai, precisava de Sabine...

A porta do quarto de Bryce estava destruída, o batente coberto de sangue. Os pôsteres de balé em tiras. E em cima da cama...

Bryce sabia, bem no fundo, que não era uma alucinação o que via na cama, ela sabia, bem no fundo, que o que sangrava naquele peito era o próprio coração.

Danika estava deitada ali. Em frangalhos.

E, no pé da cama, o monte sobre o carpete rasgado, em pedaços ainda menores, como se tivesse tombado enquanto defendia Danika... ela sabia ser Connor.

Sabia que a pilha do lado direito da cama, mais perto de Danika... Aquele era Thorne.

Bryce encarava. E encarava.

Talvez o tempo tivesse parado. Talvez ela estivesse morta. Não podia sentir o próprio corpo.

Um estampido metálico ecoou do lado de fora. Não no apartamento, mas no corredor.

Ela se moveu. O apartamento se deformou, encolhendo e expandindo, como se respirasse, o piso subindo a cada inspiração. Mas ela conseguiu se mexer.

A pequena mesa da cozinha estava em pedaços. Seus dedos trêmulos e escorregadios por causa do sangue envolveram uma das pernas de madeira, levantando-a, em silêncio, acima do ombro. Ela espiou o corredor.

Levou algumas piscadas até a visão clarear. As malditas drogas...

A portinhola da lixeira estava aberta. Sangue com cheiro de lobo cobria a superfície de metal enferrujada, e pegadas que não pertenciam a um humano manchavam o piso de ladrilhos na direção das escadas.

Era real. Ela piscou, repetidas vezes, cambaleando contra a porta...

Real. O que significava...

De muito longe, ela se viu disparar pelo corredor.

Ela se viu bater na parede oposta e ricochetear, então se atrapalhar em uma arrancada até a escada.

O que quer que os houvesse matado devia ter ouvido quando ela chegou e se escondido dentro do duto da lixeira, esperando para surpreendê-la ou fugir despercebido...

Bryce chegou aos degraus, uma brilhante névoa branca se esgueirando em sua visão. Aquilo queimou qualquer inibição, ignorou qualquer alarme.

A porta de vidro no pé das escadas já estava estilhaçada. Pessoas gritavam do lado de fora.

Bryce saltou do alto do patamar.

Os joelhos estalaram e dobraram quando deixou para trás a escada, os pés descalços se cortando no vidro espalhado pelo chão do hall de entrada. Em seguida, se rasgaram ainda mais ao se arremessar pela porta e para a rua, procurando...

À direita, pessoas arfavam. Outras gritavam. Carros haviam parado, motoristas e passageiros olhando

fixamente para o beco estreito entre seu prédio e o do lado.

Seus rostos embaçados e distendidos, transmutando o horror em algo grotesco, algo bizarro e primitivo e...

Aquilo não era nenhuma alucinação.

Bryce disparou pela rua, seguindo os gritos, o *fedor*...

A respiração rasgava seus pulmões conforme ela corria pelo beco, desviando de pilhas de lixo. O que quer que estivesse perseguindo tivera apenas uma pequena vantagem.

Onde estava? Onde estava?

Todo pensamento racional era como uma fita tremulando sobre sua cabeça. Ela os lia, como cotações da bolsa projetadas na lateral de um prédio no Distrito Comercial Central.

Um vislumbre, mesmo que não pudesse matar o assassino. Um vislumbre, apenas para identificá-lo, por Danika...

Bryce cruzou o beco, dobrando na movimentada avenida Central, a rua cheia de pessoas apressadas e buzinas de carros. Ela pulou sobre os capôs, escalando um após o outro, cada movimento suave como seus passos de dança. *Salto, giro, arco* — o corpo não a traiu. Não enquanto perseguia o fedor de podridão até outra viela. E outra e outra.

Estavam quase no Istros. Um rosnar e rugir cortou o ar à sua frente. Vinha de outro beco, quase uma alcova sem saída entre dois prédios de tijolos.

Ela ergueu a perna da mesa, desejando, em vez disso, ter trazido a espada de Danika, imaginando se a loba tivera tempo de desembainhá-la...

Não. A espada estava na galeria, onde Danika, ignorando o aviso de Jesiba, a deixara dentro do armário. Bryce dobrou a esquina do beco.

Sangue por toda parte. *Por toda parte.*

E a coisa a meio caminho do beco... não era um vanir. Pelo menos, não um que Bryce tivesse visto antes.

Um demônio? Algo feroz, com suave pele cinzenta, quase translúcida. Andava de quatro, membros espigados, mas parecia vagamente humanoide. E estava se deliciando com alguém.

Com... com um malakh.

Sangue cobria o rosto do anjo, encharcando seu cabelo e ocultando as feições inchadas, brutalizadas. As asas brancas estavam abertas e quebradas, o corpo forte arqueado em agonia conforme a besta lhe rasgava o peito com uma mandíbula de presas claras, cristalinas, que se enterravam com facilidade em pele e osso...

Bryce não pensou, não sentiu.

Ela se moveu, rápida como Randall havia lhe ensinado, brutal como ele a fizera aprender a ser.

Desceu a perna da mesa com tanta força na cabeça da criatura que osso e madeira racharam.

A criatura foi jogada para longe do anjo e girou, as pernas traseiras crispadas sob o corpo, enquanto as dianteiras — *os braços* — talhavam sulcos no paralelepípedo.

A criatura não tinha olhos. Apenas uma extensão lisa de osso sobre gretas profundas... o nariz.

E o sangue que pingava de sua têmpora... era translúcido, não vermelho.

Bryce ofegou, o macho malakh gemendo alguma súplica ininteligível enquanto a criatura a farejava.

A semifeérica piscou e piscou, forçando o caça-luz e a raiz-alegre a saírem de seu organismo, forçando a imagem adiante a parar de embaçar...

A criatura atacou. Não a ela... mas ao anjo. De volta ao torso e ao coração que tentava alcançar. A presa mais notável.

Bryce se lançou à frente, a perna da mesa de novo em riste. O choque contra o osso ecoava em sua palma. A criatura rugiu, investindo às cegas.

A semifeérica se desviou, mas as presas afiadas e cristalinas rasgaram sua coxa conforme ela se virava.

Bryce gritou, perdendo o equilíbrio, e golpeou para cima enquanto a criatura saltava de novo, daquela vez para sua garganta.

Madeira acertou aqueles dentes claros. O demônio guinchou, tão alto que os tímpanos feéricos quase se

romperam, e Bryce ousou apenas olhar...

Raspar de garras, um sibilar, e então o monstro se foi.

Já virava a esquina do prédio em que o malakh se apoiava. Ela podia seguir a criatura pelas ruas, não perdê-la de vista pelo tempo necessário para que o Aux ou a 33ª chegassem...

Bryce ousara dar um passo adiante quando o anjo gemeu de novo. A mão contra o peito, pressionando debilmente. Não com a força necessária para estancar o sangue que corria da ferida mortal. Mesmo com a cicatrização rápida, mesmo que tivesse completado a Descida, os ferimentos eram graves o bastante para serem fatais.

Alguém gritou em uma rua próxima quando a criatura saltou entre os prédios.

Vá, vá, *vá*.

O rosto do anjo estava tão ferido que era pouco mais que um pedaço de carne inchada.

A perna da mesa retumbou em uma poça de sangue quando Bryce se precipitou na direção do anjo, engolindo o grito de dor pelo talho ardente em sua coxa. Alguém havia vertido *ácido* em sua pele, seus ossos.

Uma escuridão insuportável e impenetrável a envolvia como um cobertor.

Mas ela enfiou a mão na ferida do anjo, não se permitindo sentir o sangue, a carne rasgada, o osso

partido do esterno fendido... A criatura tentara abrir caminho a dentadas até seu coração...

— Telefone — ofegou ela. — Você tem um telefone?

A asa branca do anjo estava tão destroçada que parecia feita de aguilhões rubros. Mas ele se virou de leve para revelar o bolso do jeans preto. O volume quadrado no interior.

Como ela conseguiu pegar o telefone com apenas uma das mãos era um mistério. O tempo ainda rasgava, acelerava e parava; a dor em sua perna lancinante a cada respiração.

Mas ela agarrou o lustroso aparelho preto nas mãos trêmulas, as unhas vermelhas quase se quebrando com a força com que digitou o número de emergência.

Uma voz masculina atendeu ao primeiro toque.

— Emergência da Cidade da Lua Crescente...

— Socorro. — A voz falhou. — *Socorro.*

Uma pausa.

— Senhorita, preciso que especifique onde está, qual a situação.

— Praça da Cidade Velha. Rio... à margem do rio, perto da rua Cisne Novo... — Mas aquele era seu endereço. Estava a quarteirões de lá. Não conhecia as transversais. — Por favor... por favor, me ajude.

O sangue do anjo empapava seu colo. Seus joelhos estavam sangrando, em carne viva.

E Danika estava

E Danika estava

E Danika estava

— Senhorita, preciso que me diga onde está... podemos mandar lobos até o local em um minuto.

Então ela soluçou, e os dedos flácidos do anjo roçaram seu joelho ferido. Como se para confortá-la.

— Telefone — conseguiu dizer, interrompendo o atendente. — O telefone dele... rastreie o aparelho, nos rastreie. Ache a gente.

— Senhorita, você...

— *Rastreie esse número de telefone.*

— Senhorita, preciso de um minuto para...

Ela abriu a tela inicial do telefone, passando apressada pelos aplicativos, até que encontrou o número sozinha.

— *112 03 0577.*

— Senhorita, os registros são...

— *112 03 0577*! — berrou ela no telefone, repetidas vezes. — *112 03 0577*!

Era tudo de que conseguia se lembrar. Aquele estúpido número.

— Senhorita... pelos deuses. — A linha crepitou. — Eles estão indo — sussurrou o atendente.

Ele tentou perguntar sobre os ferimentos do macho, mas Bryce deixou o telefone do anjo cair quando as drogas a reivindicaram outra vez, puxando-

a para baixo, e então ela cambaleou. O beco parecia disforme e ondulante.

O olhar do anjo encontrou o seu, tão cheio de agonia que Bryce imaginou se tratar da própria alma.

O sangue do malakh fluía entre os dedos da semifeérica. E não parou.



A fêmea semifeérica parecia um demônio.

Não, não um demônio, Isaiah Tiberian se deu conta ao observá-la pelo espelho falso do centro de detenção da legião. Ela parecia a morte.

Parecia os soldados que ele vira entrincheirados nos sangrentos campos de batalha de Pangera.

Ela estava sentada à mesa de metal no meio da sala de interrogatório, olhando para o vazio. Como fizera nas últimas horas.

Bem diferente da fêmea que Isaiah e sua unidade encontraram aos gritos e se debatendo no beco da Praça da Cidade Velha, o vestido cinza rasgado, a coxa esquerda jorrando sangue suficiente para ele acreditar que ela desmaiaria. Havia parecido quase enlouquecida, talvez por conta do terror que testemunhara, do pesar que lhe dominava ou das drogas que corriam em suas veias.

Provavelmente uma combinação dessas três coisas. E, levando em conta que não apenas era uma fonte de informação sobre o ataque, como também um perigo para si mesma, Isaiah tomou a decisão de levá-la ao estéril centro de triagem subterrâneo, a alguns quarteirões do Comitium. Uma testemunha, deixara bem claro nos registros. Não uma suspeita.

Ele suspirou profundamente, resistindo ao impulso de encostar a testa no vidro da janela de observação. Apenas o incessante zumbido das primaluces sobre sua cabeça enchia o espaço.

O primeiro momento de tranquilidade de que havia gozado em horas. Não tinha a menor dúvida de que acabaria em breve.

Como se a ideia tivesse tentado a própria Urd, uma ríspida voz de macho perguntou da porta a suas costas.

— Ela ainda não falou?

Foram precisos quase dois séculos de treinamento, dentro e fora do campo de batalha, para que Isaiah não se encolhesse ao som daquela voz. Para que se virasse lentamente na direção do anjo que sabia estar apoiado no batente da porta, vestido com o costumeiro traje de batalha preto; um anjo que tanto a razão quanto a história lhe lembravam que era um aliado, embora seu instinto bradasse o contrário.

Predador. Assassino, Monstro.

Entretanto, os cortantes olhos sombrios de Hunt Athalar permaneciam fixos na janela. Em Bryce Quinlan. Nem uma das penas cinzentas de suas asas farfalhou. Desde os primeiros dias na 17ª Legião, no sul de Pangera, Isaiah tentara ignorar o fato de que Hunt parecia existir dentro de um permanente ondular de quietude. Era o silencioso arauto do trovão, como se toda a terra prendesse o fôlego em sua presença.

Levando em conta o que vira Hunt fazer com inimigos e alvos designados, não parecia nenhuma surpresa.

O olhar de Hunt se desviou em sua direção.

Certo. Ele lhe fizera uma pergunta.

— Ela não disse uma palavra desde que foi trazida para cá.

Mais uma vez, Hunt observou a fêmea através do vidro.

— A ordem para transferi-la de sala já chegou?

Isaiah sabia muito bem a que tipo de sala Hunt se referia. Salas destinadas a fazer as pessoas falarem. Até mesmo testemunhas.

Isaiah endireitou a gravata de seda preta e dirigiu uma hesitante súplica aos cinco deuses, pedindo que seu terno cinza-chumbo não acabasse manchado de sangue antes do nascer do sol.

— Ainda não.

Hunt assentiu uma vez, o rosto marrom não traía emoção alguma.

Isaiah examinou o anjo, já que tinha certeza absoluta de que Hunt não iria dizer nada sem que ele perguntasse. Nenhum sinal do elmo em forma de caveira que lhe rendera o apelido sussurrado em cada corredor e rua da Cidade da Lua Crescente: o *Umbra Mortis*.

A Sombra da Morte.

Incapaz de decidir se ficava aliviado ou preocupado pela ausência do infame elmo de Hunt, Isaiah entregou, sem dizer uma palavra, o dossiê fino ao assassino particular de Micah.

Ele se certificou de que os dedos não tocassem a mão enluvada de Hunt. Não quando sangue ainda manchava o couro, o forte odor se esgueirando pela sala. Ele reconheceu a essência angélica naquele sangue, então o outro cheiro tinha de ser o de Bryce Quinlan.

Isaiah acenou com o queixo para a sala de interrogatório revestida de azulejos brancos.

— Bryce Quinlan, 23 anos, semifeérica, mestiça humana. Testes de sangue feitos há dez anos confirmam expectativa de vida imortal. Nível de poder quase insignificante. Ainda não fez a Descida. Listada como civitas plena. Encontrada no beco, tentando impedir, com as próprias mãos, que o coração de um dos nossos pulasse para fora.

As palavras soaram absurdamente técnicas. Mas ele julgava Hunt bem versado nos detalhes. Aliás, ambos. Afinal, os dois haviam estado naquele beco. E sabiam que, mesmo ali, na segurança da sala de observação, seria uma tolice arriscar dizer qualquer coisa delicada em voz alta.

Foram necessários os dois para ajudar Bryce a se levantar, apenas para que ela desmoronasse contra Isaiah; não de angústia, mas de dor.

Hunt fora o primeiro a perceber: a coxa da semifeérica tinha sido lacerada.

Mesmo assim, ela se comportara de modo quase selvagem, debatendo-se quando os dois a sentaram de novo no chão; Isaiah chamara uma medbruxa enquanto o sangue jorrava da ferida. Uma artéria havia sido atingida. Fora um maldito milagre que não tivesse morrido antes que chegassem.

Hunt havia soltado uma sucessão de impropérios ao se ajoelhar a sua frente, e Bryce reagira, quase acertando-o no saco. Mas, então, ele havia tirado o elmo. E a olhado nos olhos.

E mandado que se acalmasse, porra.

Ela ficara em completo silêncio. Apenas encarara Hunt, impassível e apática. Nem mesmo piscara a cada golpe do grampeador que Hunt havia pegado no pequeno estojo de primeiros-socorros embutido em sua armadura. Bryce havia apenas encarado e encarado e encarado o Umbra Mortis.

Hunt, por sua vez, não tinha se demorado depois de fechar o ferimento na perna da fêmea. Havia se lançado na noite para fazer o que fazia melhor: caçar seus inimigos e eliminá-los.

Como se percebendo o sangue nas luvas, Hunt xingou e as descalçou, jogando-as na lixeira de metal ao lado da porta.

Em seguida, o macho folheou o pequeno arquivo sobre Bryce Quinlan, o cabelo preto na altura dos ombros escondia a expressão indecifrável.

— Parece que é a típica garota festeira e mimada — disse ele, virando as páginas, o canto de sua boca curvando-se em um meio-sorriso que era tudo, menos divertido. — E, que surpresa: ela divide apartamento com Danika Fendyr, a Princesa Baladeira em pessoa.

Ninguém além da 33ª usava aquele apelido... porque ninguém mais em Lunathion, nem mesmo a realeza feérica, teria ousado. Mas Isaiah sinalizou para que prosseguisse. Hunt havia deixado o beco antes que conhecesse o verdadeiro escopo daquela tragédia.

Hunt continuou a ler. As sobrancelhas dele se ergueram.

— Puta Urd.

Isaiah estava preparado.

Os olhos sombrios de Hunt se arregalaram.

— Danika Fendyr está morta? — Ele leu mais um pouco. — Assim como toda a Matilha dos Demônios.

— Hunt balançou a cabeça e repetiu: — Puta Urd.

Isaiah pegou o arquivo de volta.

— Estamos completa e totalmente fodidos, meu amigo.

Hunt rangeu os dentes.

— Não encontrei nenhuma pista do demônio que fez isso.

— Eu sei. — Diante do olhar questionador de Hunt, Isaiah esclareceu: — Se tivesse encontrado, estaria segurando uma cabeça decapitada em suas mãos neste exato momento, e não um arquivo.

Isaiah estivera presente nas diversas ocasiões em que Hunt havia feito exatamente aquilo: retornado triunfante de uma missão caça-demônios para a qual fora recrutado por qualquer que fosse o arcanjo no comando.

A boca de Hunt se franziu de leve, como se o anjo se lembrasse da última vez que apresentara uma execução de tal maneira, mas ele cruzou os braços fortes. Isaiah ignorou a inerente superioridade naquela postura. Havia uma hierarquia entre eles, o time de cinco guerreiros que compunha a triários — a elite entre todas as unidades da Legião Imperial. A pequena cabala de Micah.

Embora Micah tivesse nomeado Isaiah Comandante da 33ª, jamais o havia declarado oficialmente seu líder. Mas Isaiah sempre presumira

estar no topo... implícito, o melhor soldado entre os triários, apesar do terno e gravata sofisticados.

Onde Hunt se encaixava, entretanto... na verdade ninguém tinha decidido desde que chegara de Pangera, fazia dois anos. E Isaiah tampouco estava bem certo de que queria saber.

Rastrear e eliminar quaisquer demônios que se esgueiravam pelas rachaduras na Fenda do Norte ou entravam naquele mundo por invocação ilegal era sua função oficial, e mais que adequada ao peculiar conjunto de habilidades de Hunt. Somente os deuses sabiam quantos demônios ele havia caçado ao longo dos séculos, desde aquela primeira unidade pangerana em que serviram juntos, a 17ª, dedicada a mandar as criaturas para o além-túmulo.

Mas o trabalho que Hunt executava nas sombras para os arcanjos — no momento para Micah — era o que havia lhe rendido sua alcunha. Hunt respondia diretamente a Micah, e o restante da Legião ficava fora de seu caminho.

— Naomi acaba de prender Philip Briggs pelos assassinatos — revelou Isaiah, referindo-se à capitã da infantaria da 33ª. — Briggs saiu da cadeia hoje... e Danika e a Matilha dos Demônios foram os responsáveis por sua prisão em primeiro lugar. — Que tal honra tenha escapado à 33ª era algo que irritava profundamente Isaiah. Pelo menos, Naomi tinha sido quem o recapturara naquela noite. — Como diabos

um humano como Briggs conseguiu invocar um demônio tão poderoso, não faço ideia.

— Suponho que logo iremos descobrir — disse Hunt, sombrio.

Sim, com certeza.

— Briggs precisa ser um imbecil completo para planejar uma chacina de tal porte logo depois de ter sido libertado.

Mas o líder dos rebeldes da Keres — um ramo da insurreição maior, Ophion — jamais parecera um imbecil. Apenas um fanático determinado a começar um conflito que espelhasse a guerra travada além-mar.

— Ou talvez Briggs tenha aproveitado para agir em sua única chance de liberdade, antes que encontrássemos uma desculpa para colocá-lo sob custódia outra vez — argumentou Hunt. — Ele sabia que seu tempo era curto, e fez questão de levar a melhor sobre os vanir.

Isaiah balançou a cabeça.

— Que bagunça. — Era o eufemismo do século.

Hunt suspirou.

— A imprensa desconfia de algo?

— Ainda não — respondeu Isaiah. — E há pouco recebi ordens para ficarmos de boca fechada... mesmo se o assunto estampar as manchetes amanhã pela manhã.

Os olhos de Hunt brilharam.

— Não tenho a quem contar.

De fato, Hunt desconhecia o conceito de *amigos*. Mesmo entre os triários, depois de dois anos de convivência, ele continuava reservado. Ainda trabalhava incansavelmente em busca de uma coisa: liberdade. Ou melhor, a vaga hipótese de liberdade.

Isaiah suspirou.

— Quanto tempo até Sabine chegar?

Hunt checou seu telefone.

— Sabine está a caminho neste... — A porta se escancarou. Os olhos de Hunt pestanejaram. — Instante.

Sabine parecia pouca coisa mais velha que Bryce Quinlan, o rosto anguloso e comprido, o cabelo louro platinado, a raiva imortal brilhando em seus olhos azuis.

— Onde está aquela puta mestiça... — A loba fervilhava quando avistou Bryce pela janela. — Vou *matá-la*...

Isaiah estendeu uma asa branca para barrar o caminho da Prima Presumível até a porta e a sala de interrogatório, alguns passos à esquerda.

Hunt assumiu uma postura relaxada do outro lado de Sabine. Relâmpagos dançavam nos nós de seus dedos.

Uma leve demonstração do poder que Isaiah já testemunhara ser disparado contra seus inimigos: raios capazes de destruir um prédio.

Quando se tratava de um anjo comum ou arcanjo, o poder era sempre alguma variação do mesmo tema: chuva, tempestades, um tornado ocasional... O próprio Isaiah podia conjurar ventos capazes de repelir um ataque, mas não havia registro de ninguém que possuísse a habilidade de Hunt para comandar relâmpagos. Tinha sido sua salvação e sua destruição.

Isaiah soprou uma de suas brisas gélidas pelo cabelo cor de trigo de Sabine, até onde estava Hunt.

Os dois sempre trabalharam bem juntos; Micah tivera consciência do fato quando colocou Hunt com Isaiah dois anos antes, apesar da coroa de espinhos tatuada em suas testas. A maior parte da marca de Hunt ficava escondida sob o cabelo escuro, mas não havia como disfarçar a fina faixa em seu cenho.

Isaiah mal se lembrava da aparência do amigo antes que aquelas bruxas pangeranas o marcarem, entrelaçando os feitiços infernais na própria tinta para que seus crimes jamais fossem esquecidos, de modo que a bruxaria controlasse a maior parte de seu poder.

O halo, como o chamavam... um arremedo da auréola divina com a qual os primeiros humanos retrataram os anjos.

Não havia como esconder na testa de Isaiah, tampouco, a tatuagem igual à de Hunt e às dos quase dois mil anjos rebeldes que tinham sido tão idealistas, tolos corajosos, dois séculos atrás.

Os asteri haviam criado os anjos para serem perfeitos soldados e servos leais. Os anjos, dotados de tamanho poder, haviam apreciado seu lugar no mundo. Até Shahar, a arcanja que um dia chamaram de Estrela da Manhã. Até Hunt e os outros que haviam voado em sua unidade de elite, a 18ª Legião.

Sua rebelião tinha fracassado... apenas para que os humanos começassem a própria, quarenta anos antes. Uma causa diferente, um grupo e uma espécie de guerreiros diferentes, mas o sentimento era essencialmente o mesmo: a República era o inimigo, as rígidas hierarquias, pura bobagem.

Quando os rebeldes humanos começaram sua guerra, um dos idiotas devia ter perguntado aos anjos caídos como sua rebelião terminara, muito antes daqueles humanos sequer terem nascido. Com certeza, Isaiah poderia ter lhes dado algumas dicas do que não fazer. E explicado sobre as consequências.

Porque não havia como esconder a segunda tatuagem, estampada em seu punho direito: *SPQM*.

As quatro letras adornavam cada bandeira e papel timbrado da República — cercadas por sete estrelas — e adornavam o punho de cada ser possuído por ela. Até mesmo se Isaiah arrancasse o braço fora, o membro regenerado ostentaria a marca. Tamanho o poder da tinta de bruxa.

Um destino pior que a morte: tornar-se um eterno escravizado daqueles a quem tentaram derrubar.

Decidido a poupar Sabine do método Hunt de solução de problemas, Isaiah perguntou, suavemente:

— Entendo que esteja sofrendo, mas tem algum motivo, Sabine, para querer Bryce morta?

Sabine rosnou, apontando para Bryce.

— Ela pegou a espada. Aquela aspirante à loba pegou a espada de Danika. Sei que foi ela. Não está no apartamento... e é *minha*.

Isaiah havia repassado aqueles detalhes: que a relíquia da família Fendyr tinha desaparecido. Mas não havia provas de que Bryce Quinlan estava com ela.

— O que a espada tem a ver com a morte de sua filha?

Raiva e angústia guerreavam no semblante feroz da loba. Sabine balançou a cabeça, ignorando a pergunta.

— Danika não conseguia ficar longe de problemas. Jamais conseguira manter a boca *fechada*. Não sabia quando se calar na presença de inimigos. E veja o que lhe aconteceu. Aquela cadela estúpida está ali, respirando, e Danika *não* — disse ela, a voz quase falhando. — Danika devia ter tido mais juízo.

— Ter tido mais juízo sobre o quê? — perguntou Hunt, com um tom mais gentil.

— Tudo — disparou Sabine, e de novo balançou a cabeça, espantando a dor. — A começar por aquela

vadia com quem dividia o apartamento. — Ela se virou para Isaiah, o retrato da ira. — Conte-me *tudo*.

— Ele não tem de lhe dizer porra nenhuma, Fendyr — retrucou Hunt, com frieza.

Como Comandante da 33ª Legião Imperial, Isaiah ocupava a mesma posição hierárquica que Sabine: ambos tinham assentos nos mesmos conselhos governamentais, ambos respondiam a machos de grande poder nas próprias fileiras e casas.

Os caninos de Sabine se alongaram enquanto a loba estudava Hunt.

— Por acaso falei com você, Athalar?

Os olhos de Hunt brilharam. Mas Isaiah pegou seu telefone enquanto interrompia calmamente os dois.

— Ainda estamos reunindo provas. No momento, Viktoria está a caminho para conversar com a Srta. Quinlan.

— Vou falar com ela — sibilou Sabine, os dedos crispados, como se prontos a rasgar a garganta de Hunt.

O anjo lhe lançou um sorriso incisivo como se a desafiasse a tentar, os relâmpagos se enrodilhando dos nós dos dedos até o punho dele.

E, para a sorte de Isaiah, a porta da sala de interrogatório se abriu e uma mulher de cabelo escuro, em um imaculado tailleur azul-marinho, entrou.

Eram uma fachada, aqueles terninhos que Viktoria usava. Uma espécie de armadura, sim, mas também uma tentativa desesperada de fingir que eram, ao menos remotamente, mundanos.

Não era de admirar que Hunt jamais tenha se importado com aquilo.

Conforme Viktoria se aproximava graciosamente, Bryce nem tomou conhecimento da deslumbrante fêmea que, em geral, virava a cabeça das pessoas de *todas* as casas ao passar.

Mas Bryce estivera daquela maneira havia horas. Sangue ainda manchava a atadura branca em sua coxa nua. Viktoria farejou com delicadeza, os olhos verde-claros se estreitando abaixo do halo tatuado em sua testa. A espectro tinha sido um dos poucos não malakim que se rebelara dois séculos antes. Ela fora entregue a Micah pouco depois, e sua punição extrapolara a tatuagem no cenho e as marcas de escravidão. Nem remotamente tão brutal quanto a que Isaiah e Hunt sofreram no calabouço dos asteri e, posteriormente, nas várias masmorras dos arcanjos, mas uma forma particular de tormento, que perdurou mesmo depois que o deles havia acabado.

— Srta. Quinlan — disse Viktoria.

Bryce não respondeu.

A espectro pegou uma cadeira de metal de perto da parede e a arrastou até o outro lado da mesa.

— Pode me dizer quem foi o responsável pelo massacre de hoje à noite?

Nem mesmo um suspiro. Sabine rosnou suavemente.

A espectro cruzou as mãos cor de alabastro no colo, a excepcional elegância era o único sinal do poder milenar que ondulava sob a superfície calma.

Vik não possuía um corpo próprio. Embora a espectro tenha lutado na 18ª, Isaiah só tomara conhecimento da história dela quando chegara ali, dez anos antes. Como Viktoria tinha adquirido aquele corpo em particular, a quem pertencera antes, ele jamais perguntou. Ela não lhe contara. Espectros vestiam corpos como as pessoas compravam carros. Espectros vaidosos os trocavam com frequência, em geral ao primeiro sinal de desgaste, mas Viktoria se apegara àquele por mais tempo que o normal, gostava do biotipo e da mobilidade, dissera.

Agora ela se agarrava a ele porque não tinha escolha. Fora o castigo por sua rebelião: Micah prendeu-a dentro daquele corpo. Para sempre. Sem mais mudanças, sem mais trocas por um modelo mais novo e sofisticado. Por duzentos anos, Vik fora contida, forçada a suportar a lenta erosão do corpo, já plenamente visível: as linhas finas ao redor dos olhos, o vinco profundo na testa, acima da coroa de espinhos tatuada ali.

— Quinlan está em choque — observou Hunt, monitorando cada respiração de Bryce. — Não vai falar.

Isaiah estava inclinado a concordar, até que Viktoria abriu a pasta e examinou um pedaço de papel.

— Na minha opinião, acredito que você não esteja em completo controle de seu corpo e de suas ações no momento — comentou a espectro.

Em seguida, leu uma lista de drogas e álcool capaz de parar um coração humano. A propósito, o de um vanir menor também.

Hunt xingou de novo.

— Há alguma coisa que ela não tenha cheirado ou fumado esta noite?

Sabine se eriçou.

— Lixo mestiço...

Isaiah lançou um olhar para Hunt. Era tudo de que precisava para dar seu recado.

Nunca uma ordem... ele jamais ousaria mandar em Hunt. Não quando o macho possuía um temperamento explosivo que já havia transformado unidades inteiras do exército imperial em cinzas. Mesmo que os feitiços do halo restringissem aqueles relâmpagos a um décimo da força, a habilidade do anjo como guerreiro mais que compensava.

Mas Hunt baixou o queixo, único sinal de que concordara com o pedido de Isaiah.

— Vai precisar preencher uma papelada lá em cima, Sabine. — Hunt suspirou, como se lembrasse que a loba era uma mãe que havia perdido a única filha naquela noite, e acrescentou: — Se precisar de um tempo sozinha, tudo bem, mas precisa assinar...

— Foda-se assinar coisas e foda-se um tempo para mim. Crucifique a vadia se precisar, mas faça-a depor.

Sabine cuspiu nos ladrilhos aos pés das botas de Hunt.

Éter saturou a língua de Isaiah conforme Hunt lançava à loba um olhar frio, único aviso a seus oponentes no campo de batalha. Nenhum jamais havia sobrevivido ao que acontecia em seguida.

Sabine pareceu se lembrar daquilo e, sabiamente, se precipitou pelo corredor. Flexionou a mão quando o fez, quatro garras afiadas como navalhas aparecendo, e golpeou a porta de metal.

Hunt sorriu para a silhueta em retirada. Um alvo sob sua mira. Não naquele dia, nem sequer no dia seguinte, mas em algum momento no futuro...

E as pessoas alegavam que metamorfos se davam melhor com anjos que com feéricos.

— Temos imagens de vídeo da Corvo Branco que confirmam sua localização. Temos imagens de sua caminhada para casa — dizia Viktoria para Bryce, com gentileza.

Câmeras monitoravam toda Lunathion, com cobertura audiovisual sem precedentes, mas o prédio

de Bryce era velho e os monitores obrigatórios nos corredores não tinham sofrido reparos em décadas. O senhorio receberia uma visita naquela noite, por causa das violações do código que haviam fodido com toda a investigação. Um fiapo mínimo de áudio foi tudo o que as câmeras do prédio conseguiram captar... apenas o áudio. Não mostravam nada que já não soubessem. Os telefones de toda a Matilha dos Demônios haviam sido destruídos no ataque. Nenhuma mensagem fora enviada.

— O que não temos, Bryce — continuou Viktoria —, são imagens do que aconteceu naquele apartamento. Pode me contar?

Devagar, como se flutuasse de volta ao corpo maltratado, Bryce virou os olhos cor de âmbar para Viktoria.

— Onde está a família da garota? — perguntou Hunt, ríspido.

— A mãe humana vive com o parceiro em uma cidade nas montanhas do norte... ambos peregrini — respondeu Isaiah. — Pai desconhecido ou se recusou a assumir a paternidade. Feérico, claro. E provavelmente de alguma projeção, já que se preocupou em lhe conseguir status de civitas.

A maioria dos filhos de mães humanas herdava sua condição de peregrini. E, embora Bryce tivesse algo da elegante beleza feérica, o rosto a distinguia como humana — a pele reluzente, o punhado de sardas no

nariz e os malares angulosos, os lábios cheios. Mesmo que as mechas de sedoso cabelo ruivo e as orelhas pontudas fossem puramente feéricos.

— Os pais humanos foram notificados?

Isaiah passou a mão pelos curtos cachos castanhos. Ele fora despertado pelo toque agudo do telefone às duas da manhã, deixara o quartel às pressas um minuto depois, e agora começava a sentir os efeitos de uma noite insone. Com certeza, a aurora não tardava.

— A mãe ficou histérica. Não parava de perguntar se sabíamos por que atacaram o apartamento, ou se fora Philip Briggs. Ela viu no noticiário que ele tinha sido libertado por algum detalhe técnico, e está certa de seu envolvimento. Despachei uma patrulha da 31ª imediatamente; os pais estarão no ar em uma hora.

A voz de Viktoria vazou pelo intercomunicador enquanto continuava o interrogatório.

— Pode descrever a criatura que atacou seus amigos?

Mas Bryce Quinlan se retraíra outra vez, olhos vagos.

Eles tinham imagens indistintas graças às câmeras da rua, mas o demônio havia se movido mais rápido que o vento, com o cuidado de se manter fora do alcance das lentes. Ainda não haviam sido capazes de identificá-lo. Tudo o que tinham era um borrão vago e cinzento, que nenhuma câmera lenta podia

elucidar. E Bryce Quinlan, correndo descalça pelas ruas.

— Aquela garota não está pronta para um depoimento — constatou Hunt. — Isso é perda de tempo.

— Por que Sabine odeia tanto Bryce... por que insinuar que a garota tem alguma coisa a ver com isso? — perguntou Isaiah, no entanto. Quando Hunt não respondeu, Isaiah indicou com o queixo os dois arquivos sobre a mesa. — Dê uma olhada no de Quinlan. Apenas um crime comum antes disso... por atentado ao pudor durante o desfile do Solstício de Verão. Ela se animou contra um muro e foi pega no flagra. Passou a noite na cadeia, pagou a fiança no dia seguinte, fez serviço comunitário por um mês e saiu com a ficha limpa.

Isaiah poderia jurar que uma sombra de sorriso curvou os lábios de Hunt.

Mas bateu com o dedo calejado na impressionante pasta ao lado.

— Esta é parte de *um* dos arquivos sobre Danika Fendyr. De sete. Começa com um pequeno furto aos 10 anos, continua até atingir a maioridade, há cinco anos. Então, misteriosamente, silêncio. Se quer saber minha opinião, Bryce foi levada para o mau caminho... e, depois, talvez tenha guiado Danika para fora do mesmo.

— Não o bastante para impedi-la de cheirar caça-luz o suficiente para derrubar um cavalo — argumentou Hunt. — Suponho que ela não tenha festejado sozinha. Havia outras pessoas com ela?

— Duas. Juniper Andromeda, fauna solista do Balé da Cidade, e... — Isaiah abriu o arquivo e resmungou uma prece. — Fury Axtar.

Hunt praguejou baixinho ao ouvir o nome da mercenária.

Fury Axtar tinha licença para matar em meia-dúzia de países. Incluindo aquele.

— Fury estava com Quinlan esta noite? — perguntou Hunt.

Seus caminhos haviam cruzado com o da mercenária vezes o bastante para preferirem manter distância. Micah até mesmo ordenara a Hunt que a matasse. Duas vezes.

Mas a assassina tinha aliados poderosos. Alguns, diziam os boatos, no Senado Imperial. Portanto, em ambas as ocasiões, Micah havia decidido que a transformação de Fury Axtar em torrada pelas mãos do Umbra Mortis traria mais problemas do que valia a pena.

— Sim — respondeu Isaiah. — Fury estava com ela na boate.

Hunt franziu o cenho. Viktoria se inclinou para falar uma vez mais com Bryce.

— Estamos tentando descobrir o culpado. Pode nos dar a informação de que precisamos?

Sentada à frente da espectro havia apenas uma casca.

— Quero ajudá-la. Quero encontrar quem fez isso. E puni-lo — continuou Viktoria naquele ronronar que, geralmente, fazia as pessoas comerem em sua mão.

Viktoria enfiou a mão no bolso, pegou o telefone e o colocou sobre a mesa, a tela voltada para cima. Imediatamente, seu conteúdo digital apareceu no pequeno monitor da sala de Isaiah e Hunt. Os anjos alternavam o olhar entre o espectro e a tela em que uma série de mensagens se abria.

— Baixamos os dados de seu telefone. Pode repassá-los comigo?

Olhos vidrados acompanharam uma pequena tela que se ergueu de um compartimento secreto no piso de linóleo. O monitor exibia as mesmas mensagens que Isaiah e Hunt liam naquele momento.

A primeira, enviada por Bryce, dizia: *Noites de TV são para filhotes de rabinho abanando. Venha brincar com as cachorronas.*

Em seguida, um vídeo curto, escuro e tremido, ao fundo uma gargalhada, enquanto Bryce virava a câmera, se inclinava sobre uma carreira de pó branco — caça-luz — e cheirava com o nariz sardento. Ela ria, tão viva e alegre que a mulher à frente dos anjos

naquela sala parecia um cadáver estripado, então gritou para a câmera: *RELAXE, DANIKAAAAA!*

A resposta de Danika era precisamente o que Isaiah esperava da Prima Presumível dos lobos, a quem somente tinha visto a distância, em ocasiões formais, e que lhe havia parecido pronta a espalhar o caos por onde passasse: *CARALHO, ODEIO VOCÊ. PARE DE CHEIRAR CAÇA-LUZ SEM MIM. BABACA.*

Uma princesa baladeira, de fato.

Bryce havia escrito vinte minutos depois: *Acabo de pegar alguém no banheiro. Não conte a Connor.*

Hunt balançou a cabeça.

Mas Bryce continuou sentada ali, enquanto Viktoria lia as mensagens em voz alta, a expressão da espectro impassível.

Danika retrucou: *Foi bom?!!?*

Apenas para desopilar.

— Isso não é relevante — murmurou Hunt. — Tire Viktoria de lá.

— Temos nossas ordens.

— Fodam-se as ordens. Aquela mulher está próxima do colapso, e não de um modo vantajoso.

Então Bryce parou de responder a Danika.

Mas Danika continuou a enviar mensagens. Uma após a outra. Por duas horas.

O programa acabou. Onde vocês estão, babacas?

Por que não está atendendo o telefone? Vou ligar para Fury.

Onde DIABOS está Fury?

Juniper nunca leva o telefone, por isso nem vou me incomodar em tentar. Onde você está?!!!

Devo ir até a boate? A matilha sai em dez minutos. Pare de trepar com estranhos no banheiro, porque Connor vai comigo.

BRYYYYCE. Quando olhar seu telefone, espero que os 1.000 alertas te deixem puta.

Thorne está dizendo para eu não mandar mais mensagens. Mandei ele cuidar da própria vida.

Connor pede que você cresça e pare de usar drogas sinistras, porque só idiotas fazem essa merda. Ele não ficou nada feliz quando eu disse que não tinha certeza de poder deixar você namorar um puritano caga-regra.

Ok, vamos sair em cinco. Vejo você em breve, boqueteira. Se anime.

Bryce encarava a tela sem nem piscar, o rosto de uma palidez doentia devastado sob a luz do monitor.

— Quase todas as câmeras do prédio estão quebradas, mas a do corredor ainda foi capaz de registrar algum som, embora as imagens de vídeo não estejam disponíveis — explicou Viktoria, com calma. — Devo reproduzi-lo?

Nenhuma resposta. Então Viktoria rodou a gravação.

Um rosnar abafado e gritos encheram os alto-falantes... tão baixo que parecia óbvio que a câmera do corredor tinha registrado apenas os sons mais altos

vindo do apartamento. E, em seguida, alguém rugia... um feroz rosnado lupino. *Por favor, por favor...*

As palavras foram interrompidas. Mas o áudio da câmera não.

Danika Fendyr gritava. Alguma coisa rolou e se espatifou ao fundo... como se ela tivesse sido lançada contra a mobília. E a câmera do corredor continuou a gravar.

A gritaria prosseguiu, mais e mais. Interrompida apenas pelo sistema defeituoso da câmera. Os grunhidos e rugidos pareciam molhados e perversos. E Danika implorava, chorando enquanto pedia por misericórdia, urrava e gritava que aquilo parasse...

— Desligue isso — ordenou Hunt, saindo da sala. — Desligue isso *agora*.

Ele se moveu tão rápido, cruzando o espaço até a porta e a abrindo sem hesitação, que Isaiah não conseguiu impedi-lo antes que se fosse.

Mas ali estava Danika, o áudio falhando, o som de sua voz, ainda implorando por misericórdia, crepitava dos alto-falantes no teto. Danika, sendo devorada e dilacerada.

O silêncio do assassino era tão assustador quanto os gritos soluçados de Danika.

Viktoria se virou quando Hunt irrompeu pela porta, a expressão carregada de fúria, as asas abertas. A Sombra da Morte enfim liberta.

Isaiah sentiu gosto de éter. Relâmpagos serpenteavam pelos dedos de Hunt.

Os infindáveis gritos abafados de Danika enchiam a sala.

Isaiah entrou na câmara a tempo de testemunhar a explosão de Bryce.

Ele invocou uma muralha de vento ao redor de Vik e de si mesmo, com certeza Hunt também o fizera, quando Bryce disparou da cadeira e virou a mesa. O móvel pairou sobre a cabeça da espectro e se espatifou contra a janela de observação.

Um grunhido feroz tomou a sala conforme ela agarrava a cadeira em que estivera sentada e a jogava na parede com tanta força que a armação de metal trincou e amassou.

Ela vomitou todo o chão. Se o poder do anjo não blindasse Viktoria, o jorro teria borrifado os absurdamente caros sapatos feitos sob medida.

Finalmente, o áudio foi cortado quando a câmera do corredor travou de novo... e continuou assim.

Bryce ofegava, encarando o que fizera. Então caiu de joelhos no meio da bagunça.

E vomitou de novo. E de novo. E, em seguida, abraçou os joelhos, o cabelo sedoso varrendo o vômito enquanto ela se balançava no silêncio atônito.

Ela era semifeérica, seu nível de poder mal chegava à curva. O que acabara de fazer àquela mesa, àquela cadeira... Era raiva, pura e física. Até mesmo o

mais reservado dos feéricos não podia reprimir uma manifestação de fúria primitiva quando o sentimento o acometia.

Impassível, Hunt se aproximou, as asas cinzentas levantadas para não se arrastarem pelo vômito.

— Ei.

Hunt se ajoelhou ao lado de Bryce. Estendeu o braço para seu ombro, mas abaixou a mão. Quantas pessoas o Umbra Mortis já havia tocado sem uma insinuação de violência?

Hunt assentiu na direção da mesa destruída e da cadeira.

— Impressionante.

Bryce se encolheu ainda mais, os nós dos dedos bronzeados quase brancos se cravavam às costas com força o bastante para machucar. Sua voz parecia um sussurro rouco.

— Quero ir para casa.

Os olhos castanhos de Hunt brilharam. Mas ele não disse nada.

Viktoria franziu o cenho e saiu atrás de alguém para limpar a bagunça.

— Temo que não possa ir para casa — disse Isaiah. — É uma cena de crime. E tão devastada que, nem mesmo se a esfregassem com alvejante, um vanir seria capaz de entrar ali e não sentir o cheiro da carnificina. Não é seguro voltar até que descubramos quem fez isso. E por quê.

Então Bryce suspirou.

— S... Sabine...

— Sim — interrompeu Isaiah, com gentileza. — Todos que faziam parte da vida de Danika foram informados.

O mundo inteiro saberia em algumas horas.

— Podemos transferi-la para um quarto com cama e banheiro. Conseguir algumas roupas — grunhiu Hunt, ainda ajoelhado ao seu lado.

O vestido de Bryce estava tão rasgado que deixava à mostra uma grande extensão de pele; um rasgo na cintura revelava a tatuagem em suas costas. Ele havia visto prostitutas no Mercado da Carne com roupas mais castas.

O telefone no bolso de Isaiah vibrou. Naomi. A voz da capitã da infantaria da 33ª parecia tensa quando o comandante atendeu.

— Deixe a garota ir. Agora. Tire-a do prédio, e por tudo o que é mais sagrado, *não* coloque ninguém em sua cola. Especialmente Hunt.

— Por quê? O governador nos ordenou o contrário.

— Recebi uma ligação — respondeu Naomi. — Do maldito Ruhn Danaan. Ele está furioso porque não notificamos Céu e Sopro sobre a prisão da garota. Diz que faz parte da jurisdição feérica e essas merdas. Então foda-se o que o governador quer... ele vai nos agradecer mais tarde por evitar essa maldita dor de

cabeça colossal. Deixe a garota ir *já*. Ela pode voltar com um acompanhante feérico, se é o que aqueles babacas querem.

Hunt, que ouviu toda a conversa, brindou Bryce com um minucioso exame predatório. Como uma dos triários, Naomi Boreas respondia apenas a Micah e não lhes devia qualquer explicação, mas desobedecer uma ordem direta em favor dos feéricos...

— Obedeça, Isaiah — ela acrescentou, e em seguida desligou.

Apesar das orelhas feéricas pontudas, o olhar vidrado de Bryce não exibia nenhum sinal de que ela tivesse ouvido.

Isaiah guardou o telefone no bolso.

— Está livre para ir.

Ela esticou as pernas, surpreendentemente firmes apesar do curativo em uma delas. No entanto, sangue e sujeira cobriam os pés descalços. Bastante do primeiro para que Hunt dissesse:

— Temos uma medbruxa disponível.

Mas Bryce o ignorou e saiu mancando pela porta aberta, até o corredor.

Os olhos de Hunt continuaram fixos na soleira enquanto o arrastar dos passos da fêmea desvanecia.

Por um longo minuto, ninguém falou. Então Hunt suspirou e se levantou.

— Em que sala Naomi vai colocar Briggs?

Isaiah não teve a chance de responder antes que passos ecoassem pelo corredor, se aproximando com rapidez. Definitivamente, não eram de Bryce.

Mesmo dentro de um dos lugares mais seguros da cidade, Isaiah e Hunt levaram as mãos às armas, o primeiro cruzando os braços de modo a sacar a arma escondida sob o terno, o último deixando a mão ao lado da coxa, a centímetros da faca de punho negro embainhada ali. Relâmpagos outra vez crepitavam nos dedos de Hunt.

Um macho feérico de cabelo longo e preto como as asas de um corvo irrompeu pela porta da sala de interrogatório. Apesar da argola de prata no lábio inferior, apesar da lateral da cabeça raspada, apesar do braço repleto de tatuagens escondido sob a jaqueta de couro, não havia como disfarçar a linhagem que a beleza estonteante daquele rosto transmitia.

Ruhn Danaan, Príncipe Herdeiro dos Feéricos Valbaranos. Filho do Rei Outonal e atual senhor de Áster, notória lâmina dos antigos feéricos Estrelados. Prova do status de Escolhido entre os feéricos... independentemente do que diabos aquilo significasse.

Aquela espada estava agora embainhada às costas de Ruhn, o punho negro devorando as cintilantes primaluces. Certa vez, Isaiah ouvira que a lâmina era feita de iridium extraído de um meteorito, forjada em

outro mundo... antes da passagem dos feéricos pela Fenda do Norte.

Os olhos azuis de Danaan brilhavam como o coração de uma chama... embora o próprio Ruhn não possuísse tal magia. Magia de fogo era comum entre os feéricos valbaranos, empunhada pelo Rei Outonal em pessoa. Mas havia boatos de que a magia de Ruhn se alinhava com a dos parentes que governavam a ilha sagrada de Avallen, além-mar: o poder de conjurar sombras e névoa, que poderiam não apenas velar o mundo físico, como a mente. Talvez até telepatia.

Ruhn olhou para o vômito, farejando a fêmea que acabara de partir.

— Onde diabos ela está?

Hunt ficou imóvel com o comando frio no tom do príncipe.

— Bryce Quinlan foi liberada — respondeu Isaiah. — Nós a mandamos para cima há alguns minutos.

Ruhn devia ter entrado por uma porta lateral se não havia cruzado com ela e se os anjos não foram avisados de sua chegada pela recepção. Talvez ele tivesse usado aquela magia para se esgueirar pelas sombras.

O príncipe se virou para a saída.

— O que você tem a ver com isso? — perguntou Hunt.

Ruhn estremeceu.

— Ela é minha prima, idiota. Cuidamos dos nossos.

Uma prima distante, já que o Rei Outonal não tinha irmãos, mas, aparentemente, o príncipe conhecia Bryce bem o bastante para intervir.

Hunt abriu um sorriso para Ruhn.

— Onde esteve esta noite?

— Vá se foder, Athalar! — Ruhn arreganhou os dentes. — Suponho que tenha ouvido que Danika e eu nos desentendemos por causa de Briggs na reunião dos mestres. Que pista! Bom trabalho. — Cada palavra soou mais trincada que a anterior. — Se eu quisesse matar Danika, não teria invocado um maldito demônio para fazê-lo. Onde diabos está Briggs? Quero falar com ele.

— Está chegando. — Hunt ainda sorria. Aquele relâmpago ainda dançava em seus dedos. — E você não será o primeiro a tentar a sorte com ele. — Em seguida, acrescentou: — O dinheiro e a influência do papai têm limites, príncipe.

Não fazia diferença que Ruhn chefiasse a divisão feérica do Aux e que fosse tão competente quanto qualquer outro dos guerreiros de elite. Ou que a espada a suas costas não fosse apenas decorativa.

Não importava para Hunt. Não quando se tratava de membros da realeza e hierarquias rígidas.

— Continue falando, Athalar. Vamos ver aonde isso o leva — provocou Ruhn.

Hunt sorriu com malícia.

— Estou tremendo.

Isaiah pigarreou. Solas Flamejante, a última coisa de que precisava naquela noite era uma briga entre um de seus triários e um príncipe feérico.

— Pode nos dizer se o comportamento da Srta. Quinlan antes dos assassinatos desta noite parecia incomum ou...

— O dono do Corvo me disse que ela estava bêbada e cheirou uma pilha de caça-luz — disparou Ruhn. — Mas você vai encontrar essa merda em sua corrente sanguínea ao menos uma noite por semana.

— Por que ela faz isso, afinal? — perguntou Isaiah.

Ruhn cruzou os braços.

— Ela faz o que quer. Sempre fez. — Havia bastante amargura para sugerir uma história pregressa... ruim.

— Vocês são muito próximos? — perguntou Hunt, em um tom arrastado.

— Se está perguntando se a gente trepa — sibilou Ruhn —, a resposta, babaca, é não. Ela é da família.

— Família distante — salientou Hunt. — Ouvi dizer que os feéricos não gostam de manchar a linhagem.

Ruhn sustentou seu olhar. E, quando Hunt sorriu de novo, éter encheu a sala, a promessa de uma tempestade serpenteando pela pele de Isaiah.

— Estamos apenas tentando fazer nosso trabalho, príncipe — explicou Isaiah, rápido, imaginando se seria idiota o bastante para se colocar entre os dois quando Ruhn tentasse quebrar os dentes de Hunt e o anjo transformasse o príncipe em uma pilha fumegante de ossos.

— Se vocês, idiotas, houvessem vigiado Briggs, como era sua obrigação, talvez nada disso tivesse acontecido.

As asas cinzentas de Hunt se agitaram de leve; uma postura comum quando malakim se preparavam para um confronto físico. E aqueles olhos sombrios... eram os olhos do temido guerreiro, o anjo caído. Aquele que havia destroçado os campos de batalha sobre os quais fora enviado para lutar. Aquele que matava por mero capricho de um arcanjo, e o fazia tão bem que o batizaram Sombra da Morte.

— Cuidado — aconselhou Hunt.

— Fique longe de Bryce — rosnou Ruhn antes de marchar porta afora, presumivelmente atrás da prima. Pelo menos, Bryce teria uma escolta.

Hunt fez um gesto obsceno para a soleira vazia.

— O rastreador que Quinlan ingeriu com a água. Qual o tempo de ação? — sussurrou ele, após um momento.

— Três dias — respondeu Isaiah.

Hunt examinou a faca embainhada em sua coxa.

— Danika Fendyr era uma das mais poderosas vanir da cidade, mesmo sem fazer a Descida. Ela implorou como uma humana no fim.

Sabine jamais superaria a vergonha.

— Não conheço um demônio que mate assim — ponderou Hunt. — Ou que desapareça com tamanha facilidade. Não consegui nenhuma pista... como se ele tivesse desaparecido de volta para o Inferno.

— Se Briggs está por trás dos assassinatos, logo descobriremos sobre o demônio — argumentou Isaiah.

Se Briggs falasse, afinal. Com certeza, não o fizera quando o capturaram no laboratório de bombas, apesar dos esforços dos inquisidores da 33ª e do Aux.

— Vou pedir a toda patrulha disponível que vigie as jovens alcateias nas tropas auxiliares — acrescentou Isaiah. — Se acabar não tendo relação com Briggs, então pode ser o início de um padrão.

— E se encontrarmos o demônio? — perguntou Hunt, sombrio.

Isaiah deu de ombros.

— Então certifique-se de que não será mais um problema, Hunt.

Os olhos de Hunt se estreitaram em uma expressão letal.

— E Bryce Quinlan... quando os três dias chegarem ao fim?

Isaiah franziu o cenho ao olhar para a mesa, a cadeira amassada.

— Se for esperta, vai ficar quieta e não atrair a atenção de qualquer outro imortal poderoso pelo resto da vida.



Os degraus pretos que margeavam a costa enevoada do Quarteirão dos Ossos machucaram a pele de Bryce quando ela se ajoelhou na frente dos enormes portões de marfim.

O Istros se derramava como um espelho cinzento a suas costas, silencioso sob a luz do quase amanhecer.

Tão silencioso e imóvel quanto ela havia se tornado, vazia e sem chão.

A névoa se enrodilhava a seu redor, velando tudo, exceto os degraus de obsidiana nos quais Bryce se ajoelhara e os portões de osso entalhado que assomavam a sua frente. O pútrido barco preto atrás de Bryce era sua única companhia, a corda bolorenta e antiga amontoada nos degraus que faziam as vezes de atracador. Ela pagara o pedágio... o barco ficaria ali até que tivesse terminado. Até que tivesse dito o que precisava dizer.

O reino dos vivos permanecia a um mundo de distância, as torres e os arranha-céus da cidade escondidos no rodopio da bruma, as buzinas dos carros e o burburinho das vozes emudecidas. A semifeérica havia deixado para trás quaisquer posses materiais. Não teriam valor algum ali, entre ceifadores e mortos.

Ficara feliz por deixá-las... especialmente o telefone, tão cheio de raiva e ódio.

A última mensagem deixada por Ithan na caixa postal tinha chegado havia apenas uma hora, despertando Bryce do estupor insone no qual passara as últimas seis noites, encarando o teto sombrio do quarto de hotel que dividia com a mãe; ignorando cada ligação e cada mensagem.

Mas as palavras de Ithan a haviam marcado quando Bryce se esgueirou até o banheiro para ouvir.

Não assista à passagem do Veleiro amanhã. Você não é bem-vinda.

Ela as havia ouvido repetidas vezes, as primeiras palavras a ecoar em sua mente silenciosa.

A mãe não tinha despertado na cama ao lado da sua quando Bryce deixara o quarto de hotel com suaves passos feéricos, pegado o elevador de serviço e saído despercebida pela porta lateral. Ela não tinha deixado o quarto por seis dias, apenas ficara ali, encarando com expressão vazia o papel de parede floral do hotel. E agora, na alvorada do sétimo dia...

Sairia somente para aquilo. Lembraria como mover o próprio corpo, como falar.

O Veleiro de Danika partiria ao amanhecer, e os Veleiros do restante da matilha navegariam em seguida. Bryce não estaria presente para assistir. Mesmo que os lobos não a tivessem banido da cerimônia, ela não teria suportado. Ver o barco preto se afastar do cais, levando consigo tudo que restava de Danika, sua alma prestes a ser julgada merecedora ou não de entrar na ilha sagrada na margem oposta do rio.

Havia apenas silêncio ali. Silêncio e bruma.

Seria assim a morte? Silêncio e névoa?

Bryce correu a língua pelos lábios ressecados, feridos. Não se lembrava da última vez que havia bebido qualquer coisa. Ou comido uma refeição. Somente da mãe insistindo para que bebesse um gole de água.

Uma luz se apagara dentro de si. Uma luz fora extinta.

Podia muito bem estar olhando para dentro de si mesma. Escuridão. Silêncio. Bruma.

Bryce ergueu a cabeça, espiando através dos portões de osso entalhado, esculpidos das costelas de um leviatã morto havia muito tempo, que outrora assolara os profundos mares do norte. A névoa rodopiou mais perto, a temperatura caía. Prenúncio da chegada de algo antigo e terrível.

Bryce continuou ajoelhada. Inclinou a cabeça.

Não era bem-vinda na cerimônia. Então precisou ir até ali para se despedir. Para dar a Danika aquele último adeus.

A criatura que vivia na névoa emergiu e até o rio a suas costas tremeu.

Bryce abriu os olhos. E, lentamente, ergueu o olhar.

PARTE II
A TRINCHEIRA



VINTE E DOIS MESES DEPOIS

Bryce Quinlan tropeçou para fora do banheiro do Corvo Branco, um metamorfo leão fuçando seu pescoço, as mãos largas agarrando sua cintura.

Foi, fácil, o melhor sexo que tivera em três meses. Talvez mais que isso. Talvez ela ficasse com ele por um tempo.

Talvez devesse perguntar o nome dele. Não que aquilo importasse. Seu encontro era no bar VIP no outro extremo da boate em... bem, merda. Naquele instante.

A batida da música reverberava em seus ossos, ecoando dos pilares entalhados, um incessante chamado que Bryce ignorou, negou. Como fizera todos os dias dos últimos dois anos.

— Vamos dançar. — As palavras do leão de cabelo dourado ressoaram no ouvido de Bryce quando ele pegou a mão dela para arrastá-la na direção da multidão fervilhante nas pedras seculares da pista de dança.

Ela fincou os pés com toda a firmeza que os saltos de 10 centímetros permitiam.

— Não, obrigada. Tenho uma reunião de negócios. — Não era mentira, mas ela o teria dispensado de qualquer forma.

Os cantos da boca do leão se ergueram enquanto ele estudava o vestido preto de Bryce, curto como o pecado, as pernas nuas que lhe haviam enlaçado a cintura alguns momentos antes. Que Urd a ajudasse, as maçãs daquele rosto eram irreais. Assim como os olhos dourados que se estreitavam, divertidos.

— Você sempre se veste assim para reuniões de negócios?

Sim, quando os clientes de sua chefe insistiam em um encontro em solo neutro, como o Corvo, temerosos de quaisquer feitiços de monitoramento que Jesiba usasse na galeria.

Bryce jamais teria entrado ali — muito raramente havia voltado — por vontade própria. Estivera bebendo água gasosa no bar *comum* dentro da boate, não no VIP do mezanino, onde supostamente deveria ter se sentado, quando o leão se aproximou com aquele sorriso espontâneo e aqueles ombros largos.

Bryce sentira tamanha necessidade de uma distração para esquecer a tensão que se avolumava a cada minuto passado ali que mal havia terminado o drinque antes de arrastá-lo para o banheiro. O leão tinha ficado mais que contente em obedecer.

— Obrigada pela companhia — agradeceu Bryce. *Seja qual for seu nome.*

Levou o tempo de um piscar de olhos para que o metamorfo se desse conta de que ela falava sério sobre a reunião de negócios. Rubor corou suas bochechas bronzeadas.

— Não posso pagá-la — disparou então.

Foi a vez de Bryce piscar. Em seguida, jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Simplesmente perfeito: ele achava que ela era uma das prostitutas a serviço de Riso. Prostituição *sagrada*, explicara o empresário certa vez... Como a boate fora construída sobre as ruínas de um templo do prazer, era seu dever manter a tradição.

— É por conta da casa — cantarolou ela, dando um tapinha na bochecha do leão antes de se virar na direção do cintilante bar dourado no mezanino de vidro debruçado sobre o espaço cavernoso.

Bryce não se permitiu olhar para a cabine aninhada entre os dois pilares desgastados. Não se permitiu ver quem poderia estar sentado ali. Não era Juniper, ocupada demais para algo além de um brunch ocasional, e com certeza não era Fury, que

nem se importava em atender suas ligações ou responder a suas mensagens ou mesmo visitar a cidade.

Bryce endireitou os ombros, afastando aqueles pensamentos.

Os metamorfos jaguares, montando guarda no topo da luzente escadaria dourada que ligava o templo convertido ao mezanino VIP, afastaram a corda de veludo preto para deixá-la passar. Vinte banquetas de vidro ladeavam o bar de ouro maciço, e apenas um terço delas estava ocupado. Vanir de todas as casas se sentavam ali. Nenhum humano, no entanto.

Exceto Bryce, se é que a semifeérica contava.

Seu cliente já ocupava um assento na extremidade oposta do bar, o terno preto apertado na silhueta avantajada, o longo cabelo esticado para trás, revelando um rosto anguloso e olhos retintos.

Bryce desfiou os detalhes para si mesma enquanto caminhava até ele, rezando para que não fosse o tipo capaz de salientar que ela estava tecnicamente dois minutos atrasada.

Maximus Tertian: vampiro, 200 anos; solteiro e sem parceiros; filho de Lorde Cedrian, o mais rico e mais monstruoso dos vampiros pangeranos, se havia alguma verdade nos boatos. Conhecido por encher banheiras com o sangue de virgens humanas,

banhando-se em juventude, em sua gélida fortaleza nas montanhas...

Nada de grande valia. Bryce estampou um sorriso no rosto e se apossou do banco ao lado do dele, pedindo uma água com gás ao barman.

— Sr. Tertian — disse ela, à guisa de cumprimento, estendendo a mão.

O sorriso do vampiro era tão sedutor que Bryce tinha certeza de que dez mil calcinhas haviam entrado em combustão espontânea com aquela visão ao longo dos séculos.

— Srta. Quinlan — ronronou ele, pegando a mão de Bryce e roçando um beijo no dorso. Os lábios do vampiro se demoraram o bastante para que ela precisasse suprimir o impulso de puxar os dedos. — É um prazer conhecê-la pessoalmente. — O olhar dele encontrou seu pescoço, em seguida desceu para o colo exposto pelo decote do vestido. — Sua empregadora pode ter uma galeria cheia de arte, mas é você a verdadeira obra-prima.

Ah, por favor.

Bryce abaixou a cabeça, forçando um sorriso.

— Você diz o mesmo para todas as garotas.

— Apenas para as apetitosas.

Uma oferta de como aquela noite poderia acabar, se quisesse: com ela sendo chupada e fodida. Ela não se importou em informar a ele que já tinha saciado aquela necessidade em particular, exceto a parte da

chupada. Gostava de seu sangue onde estava, muito obrigada.

Ela enfiou a mão na bolsa, pegando uma estreita pasta de couro; uma réplica perfeita das usadas no Corvo para entregar a conta aos clientes mais exclusivos.

— Seu drinque é por minha conta. — Ela deslizou a pasta na direção dele com um sorriso.

Maximus espiou a documentação de propriedade do busto de ônix, com mais de 5 mil anos, de um lorde vampiro morto havia muito. O acordo tinha sido um triunfo pessoal de Bryce, depois de semanas sentindo o terreno, estudando potenciais compradores com a chance de arrematar um artefato raro antes dos rivais. Havia observado Maximus e, durante as intermináveis conversas telefônicas e mensagens, ela o enganara direitinho, aproveitando-se de seu ódio pelos outros lordes vampiros, seu ego frágil, sua insuportável arrogância.

Foi preciso força de vontade para suprimir o sorriso quando Maximus — *nunca Max* — assentiu enquanto lia. Dando a ele a ilusão de privacidade, Bryce girou no banco para observar a boate fervilhante abaixo.

Um grupo de jovens fêmeas enfeitadas com halos luminosos feitos de bastões de primalux dançava perto de um pilar, rindo e cantando e compartilhando uma garrafa de espumante.

Bryce sentiu um aperto no peito. No passado, havia planejado fazer sua festa da Descida no Corvo. Havia planejado ser tão vulgar quanto aquelas fêmeas, festejando com os amigos desde o momento que emergisse da Ascensão até desmaiar ou ser jogada na sarjeta.

Com sinceridade, a festa era no que queria se concentrar. No que a maioria das pessoas se concentrava. Em vez de no puro horror do ritual da Descida por si só.

Mas era um rito necessário. Porque a rede de energia era alimentada pela luz pura e íntegra emitida por cada vanir ao mergulhar. E apenas durante a Descida o lampejo da primalux surgia... magia crua, bruta. Podia curar e destruir, e qualquer coisa entre os dois.

Capturada e engarrafada, a primalux era sempre usada nas curas, mas o restante era enviado para as usinas de energia, a fim de abastecer lâmpadas e carros e máquinas e tecnologia. Uma parte era usada em feitiços e outra reservada para qualquer merda secreta orquestrada pela República.

A “doação” de primalux por cada cidadão era um elemento-chave da Descida, parte do motivo pelo qual o ritual sempre era feito em uma instalação governamental: uma sala esterilizada onde a luz da pessoa em meio ao mergulho era coletada durante a transição para a imortalidade e o verdadeiro poder.

Tudo rastreado pelo sistema eleusiano, capaz de monitorar cada movimento através das vibrações na magia do mundo. De fato, às vezes familiares assistiam a tudo de uma sala vizinha.

A Descida era a parte fácil: cair dentro do próprio poder. Mas, uma vez que se chegava ao fundo, o corpo mortal morria. E, então, começava a contagem regressiva.

Poucos minutos eram concedidos para a corrida de volta à vida antes que o cérebro desligasse por completo pela falta de oxigênio. Seis minutos para começar a percorrer uma pista psíquica ao longo do cerne do próprio poder, uma única tentativa desesperada de se lançar na direção do céu e da vida. Caso o tempo não fosse suficiente, a alternativa era cair em um infinito buraco negro e esperar a morte.

Motivo pelo qual outra pessoa devia agir como Âncora — um farol, uma corda de segurança, um elástico de bungee jumping que traria o companheiro de volta à vida assim que se lançasse daquela pista. Fazer a Descida sozinho era morrer... chegar ao fundo do próprio poder, sentir o coração parar de bater ao atingir aquele nadir. Ninguém sabia se a alma continuava viva lá embaixo, perdida para sempre, ou se morria com o corpo deixado em vida.

Por isso, Âncoras geralmente eram da família — pais ou irmãos — ou amigos leais. Alguém que não o deixaria para trás. Ou um funcionário público que

tinha a obrigação legal de não o fazer. Alguns alegavam que os seis minutos eram a Busca... que, durante esse tempo, a pessoa encarava as profundezas da própria alma. Mas, depois disso, não havia esperança de sobrevivência.

Apenas ao se fazer a Ascensão e alcançar o limiar da ressurreição, transbordando com poder renovado, era que a imortalidade podia ser conquistada, o processo de envelhecimento retardado a um gotejar glacial e o corpo tornado quase indestrutível depois de banhado em toda aquela primalux subsequente, tão brilhante que chegaria a cegar a olho nu. E, no fim de tudo, quando os sofisticados painéis de energia do Centro de Descida tivessem desviado a primalux, tudo que restava como marco da ocasião era uma migalha daquela luz em uma garrafa. Um belo suvenir.

Atualmente, com as festas de Descida, como aquela a todo vapor no andar de baixo, os recém-imortais transformavam o suprimento da própria primalux em lembranças para presentear os amigos. Bryce havia imaginado bastões luminosos e chaveiros com os dizeres *Beije Meu Traseiro Brilhante!* Danika só queria copos de shot.

Bryce enterrou a antiga dor no peito enquanto Maximus fechava a pasta com um estalo, a leitura concluída. Uma pasta idêntica aparecera na mão do

vampiro, em seguida ele a deslizou pela superfície dourada do bar.

Bryce deu uma olhada no cheque em seu interior — na quantia exorbitante que o vampiro oferecia, como se não passasse de papel colorido — e sorriu outra vez. Mesmo que alguma parte da semifeérica se encolhesse devido ao pequeno detalhe de que ela não receberia nenhuma parte da comissão por aquela peça. Por qualquer peça na galeria de Jesiba. Aquele dinheiro tinha outro destino.

— Foi um prazer negociar com você, Sr. Tertian.

Pronto. Feito. Hora de ir para casa, pular na cama e se aninhar com Syrinx. A melhor comemoração em que podia pensar no momento.

Mas uma forte e pálida mão pousou na pasta.

— Já de saída? — O sorriso de Maximus se alargou de novo. — Seria uma pena uma belezinha como você sair quando eu estava prestes a pedir uma garrafa de Serat.

A garrafa do espumante do sul de Valbara custava no mínimo cem marcos de ouro. E, aparentemente, fazia babacas como aquele acreditarem que lhes dava direito a companhia feminina.

Bryce lhe deu uma piscadela, tentando guardar a pasta com o cheque na bolsa aberta.

— Achei que seria você a lamentar caso uma belezinha como eu partisse, Sr. Tertian.

A mão do vampiro continuava sobre a pequena pasta de couro.

— Pelo que paguei a sua chefe por esse acordo, imagino que tenha direito a algumas regalias.

Bem, aquilo era um recorde: ser confundida com uma prostituta duas vezes em menos de dez minutos. Ela não tinha o menor desprezo pela profissão mais antiga do mundo, apenas respeito e, às vezes, pena. Mas ser confundida com uma daquelas mulheres havia levado a mais incidentes infelizes do que gostaria.

— Lamento, mas tenho outro compromisso — disse Bryce, mantendo a calma.

A mão de Maximus deslizou para seu punho, segurando com força, deixando claro que poderia quebrar cada osso sem pensar duas vezes.

Ela se recusou a permitir que o próprio cheiro mudasse conforme o estômago se revirava.

— Tire as mãos de mim, por favor.

Ela acrescentou as últimas palavras como uma tentativa de soar educada, em consideração a Jesiba.

Mas Maximus estudou seu corpo com toda a arrogância de um macho imortal.

— Alguns gostam de presas difíceis. — Ele sorriu novamente. — Por acaso sou um deles. Vou fazer valer a pena, você vai ver.

Bryce sustentou seu olhar, odiando que uma parte de si quisesse recuar. Que reconhecesse a ele como

predador, e a ela como a presa que teria sorte de sequer conseguir correr antes de ser devorada inteira.

— Não, obrigada.

O mezanino VIP ficou mudo, a onda de silêncio um sinal claro de que um predador maior, mais perigoso, havia chegado. Ótimo.

Talvez aquilo distraísse o vampiro tempo o bastante para que ela recuperasse o pulso. E aquele cheque. Jesiba a esfolaria viva se saísse sem ele.

De fato, o olhar de Maximus pairava acima do ombro da semifeérica, na direção de quem quer que tivesse entrado. O aperto no punho de Bryce se intensificou. Apenas o bastante para que ela olhasse.

Um macho feérico caminhava até a outra ponta do bar. Olhando diretamente para ela.

Bryce tentou não gemer. E não do modo como gemeu com aquele leão metamorfo.

O macho feérico continuava a encará-la quando Maximus arreganhou os dentes, revelando os caninos alongados que tanto queria cravar em Bryce. O vampiro rosnou um aviso.

— Você é minha. — As palavras tão guturais que ela mal conseguiu entender.

Bryce suspirou quando o macho feérico se sentou no bar e pediu uma bebida ao sílfide de cabelo prateado atrás do balcão.

— É meu primo — disse Bryce. — Relaxe.

O vampiro piscou.

— O quê?

A surpresa cobrou seu preço: os dedos do vampiro relaxaram, e Bryce guardou a pasta com o cheque na bolsa conforme se afastava. Pelo menos sua herança feérica lhe garantia movimentos rápidos quando necessário.

— Para sua informação... não curto o tipo possessivo-agressivo — ronronou por sobre o ombro, indo embora.

Maximus rosnou outra vez, mas havia visto quem era o "primo" de Bryce. Não ousou segui-la.

Mesmo que o mundo julgasse serem apenas parentes distantes, ninguém fodia com a família de Ruhn Danaan.

Se soubessem que Ruhn era seu irmão — bem, tecnicamente meio-irmão —, nenhum macho jamais se aproximaria de Bryce. Mas, por sorte, o mundo acreditava que eram primos, e ela estava feliz com o estado das coisas. Não somente por causa da identidade do pai e do segredo que tinha jurado manter havia tanto tempo. Não somente porque Ruhn era filho legítimo, o maldito Escolhido, e ela era... nada.

Ruhn já bebericava seu uísque, os impressionantes olhos azuis fixos em Maximus. Uma promessa de morte.

Bryce estava quase tentada a deixar Ruhn escorraçar Maximus de volta ao castelo dos horrores

do papai, mas tinha trabalhado duro naquele acordo, havia convencido o idiota a pagar quase o triplo do preço pelo busto. E seria preciso apenas um telefonema de Maximus a seu banqueiro para aquele cheque em sua bolsa ganhar asas.

Então Bryce se aproximou de Ruhn, enfim desviando sua atenção do vampiro.

A camiseta preta e a calça jeans escura do irmão pareciam justas o bastante para exibir os músculos pelos quais os feéricos se matavam, e que um bocado de pessoas no andar VIP agora secava. Os braços marrons, completamente tatuados, entretanto, eram coloridos o suficiente para irritar seu pai. Assim como a fileira de argolas em uma orelha pontuda e o liso cabelo preto que batia na cintura, exceto na lateral, raspada. O conjunto anunciava aos berros: *Vá se foder, pai!*

Mas Ruhn ainda era um macho feérico. Ainda cinquenta anos mais velho. Ainda um babaca tirânico sempre que Bryce o encontrava ou a seus amigos; ou seja, sempre que não podia evitar.

— Ora, ora, ora — começou Bryce, acenando um agradecimento ao barman quando uma garrafa de água gasosa apareceu a sua frente. Ela tomou um gole, bochechando as bolhas para limpar o gosto de leão e alfa babaca. — Veja quem decidiu parar de frequentar boates de rock *poseur* e começar a andar

com as crianças descoladas. Parece que o Escolhido finalmente ficou legal.

— Sempre esqueço como você é irritante — comentou Ruhn à guisa de cumprimento. — E não que seja de sua conta, mas não estou aqui para me divertir.

Bryce observou o irmão. Nenhum sinal de Áster naquela noite... e, olhando para ele, salvo pelos óbvios sinais do legado físico da linhagem Estrelada, nada indicava que pudesse ser ungido por Luna ou pela genética a fim de alçar seu povo aos píncaros. Mas fazia anos que não conversavam de verdade. Talvez Ruhn tenha rastejado de volta à fenda. O que seria uma pena, levando em conta a merda que fora tirá-lo de lá em primeiro lugar.

— Há uma razão para sua presença aqui, outra que não arruinar minha noite? — perguntou Bryce.

Ruhn bufou.

— Vejo que ainda fica feliz em bancar a secretária vadia.

Babaca mimado. Por alguns cintilantes anos, os dois haviam sido melhores amigos, uma dupla dinâmica contra o Filho da Puta Número Um, também conhecido como o macho feérico que os gerou, mas aquilo eram águas passadas. Ruhn havia se certificado disso.

Ela franziu o cenho para a pista lotada abaixo, esquadrinhando a multidão em busca de qualquer

sinal dos dois amigos que seguiam Ruhn para todo canto, ambos um pé no saco.

— Como entrou aqui, afinal?

Mesmo um príncipe feérico tinha de enfrentar a fila para entrar no Corvo. No passado, Bryce havia se deleitado em assistir a feéricos esnobes e babacas serem barrados.

— Riso é meu camarada — respondeu Ruhn. — Ele e eu jogamos pôquer nas noites de terça.

Claro que Ruhn havia, de algum modo, conseguido fazer amizade com o dono do Corvo. De uma rara espécie de metamorfo borboleta, o que lhe faltava em tamanho, Riso compensava com uma personalidade vibrante, sempre rindo, sempre esvoaçando pela boate e dançando sobre a multidão. Alimentando-se da alegria, como se fosse néctar. Mas era exigente em sua escolha de amigos... gostava de cultivar grupos *interessantes* de pessoas para entretê-lo. Bryce e Danika jamais preencheram os requisitos, mas apostava que Fury participava do pôquer. Pena que a mercenária não atendesse mais as ligações de Bryce, para que ela pudesse ao menos perguntar.

Ruhn arreganhou os dentes para Maximus quando o vampiro se dirigiu aos degraus dourados.

— Riso me ligou há alguns minutos, disse que você estava aqui. Com aquele maldito verme.

— Desculpe? — A voz de Bryce soou aguda. Nenhuma relação com o fato de que ela muito

duvidava de que o diplomático dono da boate tivesse usado aquelas palavras. Riso era mais o tipo que diria: *Ela está com alguém que talvez acabe com a dança.* O que teria correspondido à ideia que Riso fazia do Inferno.

— Riso não pode se dar ao luxo de expulsar Tertian... mas insinuou que o babaca estava cheio de mãos e que você precisava de ajuda. — Um brilho puramente predatório iluminou os olhos do irmão. — Não sabe o que o pai de Tertian *faz*?

Bryce riu, mas sentiu que o sorriso não havia chegado a seus olhos. Nos últimos tempos, nenhum de seus sorrisos o fazia.

— Sei — respondeu, com doçura.

Ruhn balançou a cabeça, enojado. Bryce se inclinou para a frente e estendeu a mão para a sua bebida, cada movimento controlado... mesmo que apenas com o intuito de evitar pegar a água para jogá-la no rosto do irmão.

— Não deveria estar em casa? — perguntou Ruhn. — É dia de semana. Você tem de *trabalhar* daqui a seis horas.

— Obrigada, mamãe — ironizou ela.

Embora voltar para casa e tirar o sutiã soasse mesmo fantástico. Ela havia acordado antes do amanhecer outra vez, ofegante e encharcada de suor, e o dia só havia piorado dali em diante. Talvez naquela noite ficasse cansada o bastante para, de fato, dormir.

Mas, quando Ruhn não deu nenhuma indicação de que estava de saída, Bryce suspirou.

— Desembuche.

Havia outro motivo para Ruhn ter se despencado até ali; sempre havia, considerando quem os gerara.

Ruhn tomou um gole da bebida.

— O Rei Outonal quer que seja discreta. A Cimeira será daqui a pouco mais de um mês, e ele quer todas as pontas soltas amarradas.

— O que a Cimeira tem a ver comigo?

A reunião de cúpula acontecia a cada dez anos, um encontro dos poderes vigentes em Valbara, com a finalidade de debater quaisquer questões e diretrizes que os asteri assim ordenassem. Cada território da República organizava a própria Cimeira, em um esquema de rodízio, de modo que havia uma anualmente... e Bryce tinha prestado atenção a exatamente zero delas.

— O Rei Outonal exige comportamento exemplar de qualquer um associado aos feéricos; há boatos de que os asteri vão enviar alguns de seus mais estimados comandantes. E ele quer que todos nós pareçamos súditos bons e obedientes. Sinceramente, não dou a mínima, Bryce. Só recebi ordens de lhe dizer que não... se meta em confusão até o fim do encontro.

— Quer dizer, não faça nada embaraçoso.

— Basicamente — disse ele, tomando outro gole. — E olhe: além disso, a merda engrossa durante a

Cimeira, então tome cuidado, ok? As pessoas saem da obscuridade para defender os próprios interesses. Fique atenta.

— Não sabia que papai se importava com minha segurança.

Ele nunca o fizera.

— Não se importa — argumentou Ruhn, pressionando os lábios, a argola de prata no inferior se torcendo com o movimento. — Mas vou obrigá-lo a se importar.

Bryce estudou a raiva nos olhos azuis de Ruhn... não era direcionada a ela. Ruhn ainda não entrara na linha, então. Não havia embarcado naquele lance de Escolhido. Ela tomou outro gole de água.

— Desde quando ele ouve você?

— Bryce. Apenas fique longe de confusão... em todos os sentidos. Seja qual for o motivo, a Cimeira é importante para o rei. Ele tem estado uma pilha... muito além de toda essa besteirada de "todos precisam se comportar". — Ruhn suspirou. — Não o vejo tão aborrecido há dois anos, desde que...

As palavras morreram quando ele se conteve. Mas ela sabia o que ele quisera dizer. Dois anos. Desde Danika. E Connor.

O copo nas mãos dela trincou.

— Calma — murmurou Ruhn. — Calma.

Bryce não conseguia parar de apertar o copo, não conseguia conter a fúria primitiva que assomava,

assomava...

O pesado copo de cristal explodiu em suas mãos, salpicando de água o bar dourado. O barman deu meia-volta, mas se manteve a distância. Ninguém ao redor se atreveu a olhar por mais que um segundo... não para o Príncipe Herdeiro dos Feéricos Valbaranos.

Ruhn segurou o rosto de Bryce com uma das mãos.

— *Respire.*

Aquele horrível e inútil lado feérico obedeceu à autoridade daquela ordem, o corpo seguindo os instintos incutidos em seu âmago, apesar das tentativas de ignorá-los.

Bryce inspirou, mais uma vez. Um som arfado e tremido.

Mas, a cada inspiração, a raiva cega recuava. Desvanecia.

Ruhn sustentou seu olhar até que ela parasse de rosnar, até que pudesse enxergar com clareza. Em seguida, devagar, soltou seu rosto...

— Porra, Bryce.

Parada sobre pernas trêmulas, Bryce ajustou a alça da bolsa no ombro, verificando se o ultrajante cheque de Maximus ainda estava ali dentro.

— Mensagem recebida. Vou ficar na minha e agir como uma dama até a Cimeira.

Ruhn franziu o cenho e deslizou do banco com a familiar graça feérica.

— Deixe eu acompanhá-la até sua casa.

— Não precisa.

Além do mais, ninguém ia até o apartamento dela. Que, tecnicamente, nem sequer era *dela*, mas aquilo não vinha ao caso. Somente a mãe e Randall, e Juniper, quando eventualmente deixava o estúdio de dança. Ninguém mais tinha permissão de entrar. Era seu santuário, e ela não queria nenhuma essência feérica nem perto dali.

Mas Ruhn ignorou a recusa e examinou o bar.

— Onde está seu casaco?

Ela rangeu os dentes.

— Não trouxe.

— A primavera mal chegou.

Ela marchou por ele, desejando estar de botas, em vez de saltos.

— Então meu suéter de álcool vem bem a calhar, não?

Uma mentira. Não havia tocado em um drinque em quase dois anos.

Mas Ruhn não sabia. Nem ninguém mais.

Ele a seguiu.

— Você é hilária. Fico feliz que todo o dinheiro gasto em sua educação tenha servido de alguma coisa.

Ela desceu a escada.

— Pelo menos fiz faculdade, não fiquei em casa sentada em uma pilha de dinheiro do papai, jogando videogame com meus amigos panacas.

Ruhn grunhiu, mas Bryce já estava entre a escada e a pista de dança. Um momento depois, abria caminho a cotoveladas pela multidão espremida entre os pilares, em seguida flanava pelos poucos degraus do pátio envidraçado — dois lados ainda margeados pelas paredes de pedra originais do templo — e em direção às enormes portas de ferro. Não esperou para ver se Ruhn ainda a acompanhava antes de sair, acenando para os seguranças, metade lobo, metade daemonaki, que devolveram o gesto.

Eram bons rapazes; anos antes, em noites intensas, sempre se asseguravam de que Bryce conseguisse um táxi. E de que o motorista entendesse perfeitamente o que aconteceria se ela não chegasse em casa sem um arranhão.

Percorreu um quarteirão antes de pressentir a aproximação de Ruhn, uma tempestade de mau humor a suas costas. Não perto o bastante para que alguém pensasse que eram um casal, mas quase o bastante para que seus sentidos fossem bombardeados pelo perfume e pela irritação de Ruhn.

Pelo menos, aquilo mantinha predadores em potencial a distância.

Quando Bryce chegou ao saguão de mármore e vidro de seu prédio, Marrin, o metamorfo ursino da

recepção, liberou sua entrada com um aceno amigável. Hesitante, a mão na porta de vidro, Bryce olhou por cima do ombro para Ruhn, apoiado em um poste pintado de preto. Ele ergueu a mão em um gesto de adeus... ou o arremedo de um.

Ela o ignorou e entrou no prédio. Um rápido olá para Marrin, uma subida de elevador até a cobertura, cinco andares acima, e o pequeno corredor cor de creme surgiu. Ela suspirou, os saltos afundando na felpuda passadeira azul-cobalto que ligava seu apartamento ao do outro lado do corredor, e abriu a bolsa. Achou as chaves com a ajuda do brilho do orbe de primalux do abajur sobre a mesa de madeira preta encostada à parede, sua radiância banhando a orquídea branca derramada sobre a madeira.

Bryce destrancou a porta, primeiro com a chave, em seguida pôs o dedo no leitor ao lado da maçaneta. As sólidas travas e os feitiços sibilaram conforme se dissipavam, e ela entrou no apartamento sombrio. O perfume de óleo de lilases do difusor a acariciou quando Syrinx uivou um cumprimento e exigiu ser imediatamente libertado da gaiola. Mas Bryce recostou-se contra a porta.

Odiava saber que Ruhn ainda espreitava da rua, o Príncipe Herdeiro dos Alfas Babacas Possessivos-Agressivos, encarando a enorme parede envidraçada na extremidade da sala a sua frente, esperando que as luzes se acendessem.

A batida na porta em três minutos seria inevitável se ela se recusasse a acender a luz. Marrin não seria estúpido o bastante para impedi-lo. Não a Ruhn Danaan. Nunca houve uma porta fechada em seu caminho, sequer uma vez em toda a sua vida.

Mas ela não estava com disposição para a batalha. Não naquela noite.

Apertou o interruptor de luz ao lado da porta, iluminando o piso de madeira pálida, os sofás de camurça branca, as coordenadas paredes brancas. Tudo tão impecável quanto no dia em que havia se mudado, quase dois anos antes... tudo muito acima de seu orçamento.

E tudo pago por Danika. Por aquele estúpido testamento.

Syrinx rosnou, a gaiola tremeu. Outro alfa babaca possessivo-agressivo. Mas, pelo menos, um pequeno e felpudo.

Com um suspiro, Bryce chutou os sapatos dos pés, tirou finalmente o sutiã e foi libertar a pequena fera de sua jaula.



— Por favor.

O lamento do macho era quase ininteligível com o sangue que enchia sua boca e suas narinas. Mas ele tentou de novo.

— Por favor.

A espada de Hunt Athalar pingava sangue no carpete do apartamento sombrio nos Prados. Respingos pontilhavam a viseira de seu elmo, manchando sua linha de visão conforme ele estudava o homem solitário parado ali.

Tecnicamente, ajoelhado.

Os amigos do macho maculavam o chão da sala de estar, um deles ainda jorrando sangue do que era agora um pescoço mutilado. A cabeça decepada estava no sofá deformado, o rosto boquiaberto voltado para as almofadas estropiadas.

— Vou contar tudo que sei — implorou o macho, soluçando enquanto pressionava a mão contra o talho em seu ombro. — Eles não disseram tudo, mas eu direi.

O terror do homem enchia o cômodo, sobrepujando o cheiro de sangue, seu odor tão forte quanto mijo rançoso em um beco.

A mão enluvada de Hunt apertou o punho da lâmina. O macho percebeu e começou a tremer, uma nódoa mais pálida que sangue se alastrava em suas calças.

— Vou contar mais. — Arriscou outra vez.

Hunt fincou os pés, enraizando a força no chão, e a lâmina cortou o ar.

As entranhas do macho espirraram sobre o tapete com uma pancada úmida. Ele ainda continuou a gritar.

Então Hunt prosseguiu com seu trabalho.

* * *

Hunt chegou ao quartel-general do Comitium sem que ninguém o visse.

Àquela hora, a cidade ao menos parecia adormecida. Os cinco prédios que integravam o complexo do Comitium também. Mas as câmeras espalhadas pelo quartel da 33ª Legião — segundo pináculo do Comitium — viam tudo. Ouviam tudo.

Os corredores de azulejos brancos pareciam sombrios, sem sinal do burburinho que viria com o amanhecer.

O visor do elmo deixava tudo em evidência, os receptores de áudio captando sons por trás das portas fechadas dos quartos que ladeavam o corredor: sentinelas subalternas em um jogo de videogame, tentando ao máximo não se exaltar ao xingar uns aos outros; uma sentinela mulher ao telefone; dois anjos trepando loucamente e vários roncadores.

Hunt passou pela porta de seu quarto, preferindo se dirigir ao banheiro comunitário no meio do corredor comprido, acessível apenas pela sala comunal. Qualquer esperança de um retorno despercebido se esvaiu ao perceber a luz dourada pelo vão embaixo da porta e o som de vozes além dela.

Muito cansado, muito sujo, Hunt não se incomodou em cumprimentar ninguém quando entrou na sala comunal, passando pelos sofás e poltronas espalhados, na direção do banheiro.

Naomi estava esparramada no velho sofá verde em frente à TV, as asas negras abertas. Viktoria relaxava na poltrona ao lado, assistindo ao noticiário esportivo, e, ocupando a outra ponta do sofá, Justinian, ainda usando a negra armadura de legionário.

A conversa morreu quando Hunt entrou.

— Ei — cumprimentou Naomi, a trança retinta se derramando sobre o ombro. Vestia o habitual preto, o habitual preto dos triários, embora não houvesse vestígio de suas impiedosas armas nos coldres.

Viktoria parecia contente em respeitar o silêncio de Hunt. Era por isso que ele gostava mais da espectro que de qualquer outra pessoa no círculo restrito de guerreiros de Micah Domitus; gostara dela desde o início, na 18ª, quando tinha sido um dos poucos não anjos que aderiram à causa. Vik nunca pressionava Hunt quando ele não queria ser incomodado. Já Justinian...

O anjo fungou, farejando o sangue nas roupas de Hunt, nas armas. A quantas pessoas diferentes pertencia. Justinian assoviou.

— Você é um maldito doente, sabia?

Hunt continuou na direção da porta do banheiro. O relâmpago nem mesmo sibilava dentro de si.

— Teria sido mais limpo usar uma arma — insistiu Justinian.

— Micah não queria uma arma para o serviço — explicou Hunt, a voz vazia até mesmo para os próprios ouvidos. Fora assim por séculos; mas, naquela noite, as pessoas que havia matado, o que tinham feito para despertar a ira do arcanjo... — Eles não mereciam uma arma — emendou ele. Ou o súbito raio de seu relâmpago.

— Não quero saber — resmungou Naomi, aumentando o volume da televisão. Então apontou o controle remoto para Justinian, o mais jovem dos triários. — E nem você. Portanto, cale a boca.

Não, não queriam mesmo saber.

— Isaiah me disse que Micah quer que vocês dois banquem os detetives amanhã, algo sobre uma merda na Praça da Cidade Velha. Isaiah vai ligar depois do café com os detalhes — avisou Naomi, a única dos triários que não havia Caído.

As palavras mal faziam sentido. Isaiah. Amanhã. Cidade Velha.

— Boa sorte, cara — bufou Justinian, tomando um gole de sua cerveja. — Odeio a Praça da Cidade Velha; só tem universitários mimados e turistas bizarros.

Naomi e Viktoria grunhiram em concordância.

Hunt não perguntou por que estavam acordados, ou onde estava Isaiah para que não pudesse dar o recado. Provavelmente, em companhia do belo macho da vez.

Como Comandante da 33ª, Isaiah tinha aproveitado cada segundo desde que chegara à cidade, havia mais de uma década. Em quatro anos, Hunt ainda não tinha entendido o apelo de Lunathion, apenas uma versão mais limpa e organizada de qualquer metrópole pangerana, com avenidas amplas em vez de ruelas sinuosas que, com

frequência, se dobravam sobre si mesmas, como se não tivessem pressa de chegar a lugar algum.

Mas, pelo menos, não era Ravilis. E, pelo menos, era governada por Micah, não por Sandriel.

Sandriel... Arcanjo e Governadora do Quadrante Noroeste de Pangera, e antiga senhora de Hunt antes de Micah tê-lo negociado, ávido por livrar a Cidade da Lua Crescente de quaisquer inimigos. Sandriel, a irmã gêmea de sua amante morta.

Os documentos oficiais estipulavam que os deveres de Hunt incluíam rastrear e se livrar de quaisquer demônios intrusos. Mas, levando em conta que aquele tipo de episódio acontecia somente uma ou duas vezes por ano, era notoriamente óbvio o verdadeiro motivo pelo qual havia sido recrutado. Ele tinha assassinado em nome de Sandriel — a arcanjo cuja face espelhava a de sua amada — pelos cinquenta e três anos que ela o possuíra.

Uma rara ocorrência... duas irmãs ostentarem o título e poder de um arcanjo. Um bom presságio, haviam acreditado as pessoas. Até Shahar — até Hunt liderar seu exército — ter se rebelado contra tudo em que os anjos acreditavam. E traído a irmã no processo.

Sandriel havia sido sua terceira dona depois da derrota no monte Hermon, e fora arrogante o suficiente para acreditar que, apesar do fracasso dos dois arcanjos que a precederam, seria ela a dobrá-lo. Primeiro, na casa de horrores de sua masmorra. Em

seguida, na arena encharcada de sangue, no coração de Ravilis, onde duelava com guerreiros que jamais tiveram a menor chance. Por último, obrigando Hunt a fazer o que fazia melhor: se esgueirar nos locais e exterminar vidas. Uma após outra, ano após ano, década após década.

Com certeza, Sandriel tinha motivos para subjugá-lo. Durante a breve batalha no Hermon, foram seus exércitos que Hunt dizimara, os relâmpagos do Umbra Mortis que transformaram soldado após soldado em crostas carbonizadas, antes que pudessem desembainhar as espadas. Sandriel tinha sido o alvo principal de Shahar, e Hunt havia recebido ordens de eliminá-la. Custasse o que custasse.

E Shahar tinha razão em hostilizar a irmã. Seus pais eram arcanjos cujos títulos passaram para as filhas depois que um assassino, de algum modo, conseguiu rasgá-los em pedaços.

Ele nunca se esquecera da teoria de Shahar: de que Sandriel tinha matado os pais e incriminado o assassino. Que ela o fizera por si mesma e pela irmã, para que pudessem governar sem *interferência*. Jamais encontraram provas para responsabilizar Sandriel, mas Shahar acreditou em sua culpa até o dia de sua morte.

Shahar, a Estrela da Manhã, havia se rebelado contra os companheiros arcanjos e os asteri por causa disso. Ela ambicionara um mundo livre de hierarquias

rígidas, sim... teria levado sua rebelião até o palácio de cristal dos asteri se tivesse sido bem-sucedida. Mas ela também desejara que a irmã pagasse por seus atos. Então Hunt fora libertado.

Tolos. Todos eles foram tolos.

Não fez diferença que tivesse admitido sua insensatez. Sandriel acreditava que ele havia atraído sua irmã gêmea para a rebelião, que *ele* tinha jogado Shahar contra ela. Que, de algum modo, quando irmã ergueu espada contra irmã, quase tão idênticas fisicamente e em técnica de luta que era como assistir a alguém combater o próprio reflexo, fora *sua maldita culpa* que uma delas acabasse morta.

Pelo menos, Micah havia lhe oferecido uma chance de redenção. De provar sua total lealdade e submissão aos arcanjos, ao império, e, então, um dia ter o halo removido. Dali a décadas, possivelmente séculos, mas levando em conta que o mais velho dos anjos viveu até os 800 anos... talvez conquistasse a liberdade em tempo de aproveitar a velhice. Ele poderia, virtualmente, morrer livre.

Micah propusera a barganha no primeiro dia de Hunt na Cidade da Lua Crescente: uma morte para cada vida que ele ceifara naquele maldito dia no monte Hermon. Ele teria de pagar cada vida angélica que havia dizimado durante aquela malfadada batalha. Na forma de mais morte. *Morte por morte*,

decretara Micah. *Quando tiver pagado sua dívida, Athalar, discutiremos a remoção da tatuagem em sua testa.*

Hunt jamais havia contado quantos matara naquele dia. Mas Micah, que estivera no campo de batalha, que assistira quando Shahar caiu pela mão da irmã gêmea, tinha a lista. Ele tivera de pagar a comissão de cada um dos legionários. Hunt quase perguntara como tinham sido capazes de precisar quais golpes mortais foram fruto de sua lâmina, e não da de outro guerreiro, quando vira o número.

Dois mil duzentos e dezessete.

Parecia impossível que tivesse matado tantos em uma única batalha. Sim, seu relâmpago havia sido libertado; sim, ele tinha explodido unidades inteiras, mas tudo aquilo?

Ele ofegara. *Você era o general de Shahar*, disse Micah. *Você comandou a 18ª. Então você terá de expiar, Athalar, não apenas as vidas que tirou, mas também aquelas que sua legião traidora tomou.* Diante do silêncio de Hunt, Micah havia acrescentado: *Não é uma tarefa impossível. Algumas de minhas missões contarão por mais de uma vida. Comporte-se, obedeça e será capaz de atingir esse número.*

Por quatro anos, ele havia se comportado. Havia obedecido. E naquela noite alcançara um total de malditas oitenta e duas mortes.

Era o melhor que podia fazer. Tudo pelo que havia trabalhado. Nenhum outro arcanjo sequer havia lhe

oferecido a oportunidade. Por isso tinha feito tudo que Micah ordenara que fizesse naquela noite. Motivo pelo qual cada pensamento parecia distante, o corpo lhe escapava, a cabeça cheia de um rugido abafado.

Micah era um arcanjo. Um governador nomeado pelos asteri. Era um rei entre anjos, e a lei personificada, especialmente em Valbara... tão longe das sete colinas da Cidade Eterna. Se ele considerasse alguém uma ameaça ou passível de punição, então não haveria investigação nem julgamento.

Apenas seu comando. Em geral, dado a Hunt.

Chegaria a sua caixa de correio no quartel, na forma de uma pasta, com o selo imperial na frente. Nenhuma menção a seu nome. Apenas *SPQM*, e as sete estrelas ao redor das letras.

O arquivo continha tudo de que precisava: nomes, datas, crimes e um cronograma para Hunt fazer o que fazia melhor. Mais quaisquer exigências de Micah quanto ao método empregado.

Naquela noite, havia sido bem simples... nenhuma arma. Hunt leu nas entrelinhas: faça-os sofrer. Então ele fez.

— Tem uma cerveja com seu nome aguardando você na volta — avisou Viktoria, o olhar encontrando o de Hunt dentro do elmo. Nada além de um convite frio, casual.

Hunt seguiu para o banheiro, as primaluces despertando tremeluzentes conforme ele empurrava a

porta com o ombro e se aproximava de um dos chuveiros. Ele ajustou a temperatura da água antes de caminhar de volta para a fileira de pias.

No espelho acima de uma delas, o reflexo que o encarava de volta era tão vil quanto um ceifador. Pior.

Sangue salpicava o elmo, logo acima da caveira pintada de prata. Um brilho tênue nas intrincadas escamas de couro de sua armadura, nas luvas pretas, nas espadas gêmeas despontando sobre os ombros. Gotas manchavam as asas cinzentas.

Hunt arrancou o elmo e apoiou as mãos na pia.

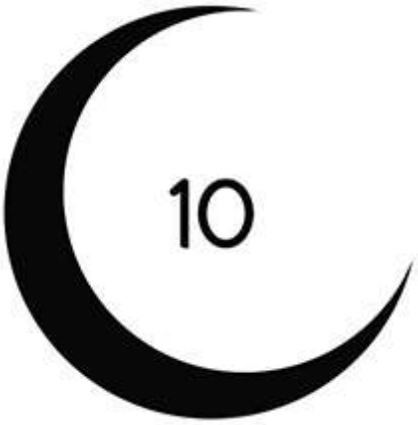
Sob a forte iluminação do banheiro, a pele marrom-clara parecia pálida em contraste com a negra coroa de espinhos em sua testa. A tatuagem... aprendera a viver com ela. Mas se encolheu com o brilho nos olhos sombrios. Vidrados. Vazios. Era como encarar o Inferno.

Orion, sua mãe o batizara. Hunter... caçador. Ele duvidava de que ela o tivesse feito, de que o chamaria tão carinhosamente de Hunt, se soubesse no que se transformaria.

Hunt olhou para onde as luvas haviam deixado manchas vermelhas na pia de porcelana.

Descalçando-as com brutal eficiência, marchou para o chuveiro, onde a água tinha atingido uma temperatura quase escaldante. Desafivelou as armas, em seguida a armadura, deixando mais manchas de sangue nos ladrilhos.

Ele entrou debaixo do jato e se submeteu ao calor implacável.



Não eram nem dez da manhã, e a terça-feira já parecia cagada.

Com um sorriso estampado no rosto, Bryce aguardou perto da mesa de pau-ferro enquanto um casal de feéricos perambulava pela sala de exposição da galeria.

O elegante dedilhar de violinos se derramava dos alto-falantes embutidos no espaço de pé-direito duplo revestido de madeira, o movimento de abertura de uma sinfonia que ela havia sintonizado assim que o interfone tocara. A julgar pelos trajes do casal — uma saia plissada bege e uma blusa de seda branca para a fêmea, e um terno cinza para o macho —, ela duvidava de que teriam apreciado a batida vibrante da trilha sonora de seu treino.

Mas eles já estavam observando as peças havia dez minutos, tempo bastante para que Bryce perguntasse,

com educação:

— Estão procurando algo específico, ou só dando uma olhadinha?

O macho feérico, louro e envelhecido para sua espécie, a dispensou com a mão, guiando a companheira até a vitrine mais próxima: um fragmento de mármore das ruínas de Morrah, recuperado de um templo destruído. A peça era do tamanho de uma mesinha de centro, um hipocampo rampante ocupava quase toda a sua extensão. As criaturas, metade cavalo, metade peixe, haviam habitado as águas cerúleas do mar Rhagan, em Pangera, até que guerras imemoriais as tivessem dizimado.

— Dando uma olhadinha — respondeu o macho, com frieza, a mão repousando na curva das costas esbeltas da parceira enquanto os dois estudavam as ondas cinzeladas.

Bryce conjurou um outro sorriso.

— Fiquem à vontade. Estou à disposição.

A fêmea assentiu, em agradecimento, mas o macho abriu uma careta de desdém. A companheira franziu o cenho para ele.

O silêncio na pequena galeria parecia palpável.

Bryce havia deduzido, desde o momento em que os dois entraram na galeria, que o macho estava ali para impressionar a fêmea, fosse comprando algo absurdamente caro ou fingindo ter os meios para

tanto. Talvez aquele fosse um relacionamento arranjado, e eles estivessem testando as águas antes de assumir um compromisso.

Se Bryce fosse uma feérica puro-sangue, se o pai a tivesse reconhecido como herdeira, talvez precisasse se sujeitar àquelas coisas. Ruhn, em especial por causa de seu status de Estrelado, um dia se curvaria a um casamento arranjado, quando surgisse uma jovem fêmea considerada digna de dar continuidade à preciosa linhagem real.

Ruhn talvez gerasse algumas crianças antes, mas não seriam reconhecidas como parte da realeza a não ser que o pai escolhesse tal caminho. A não ser que fossem consideradas *merecedoras*.

O casal de feéricos passou pelo mosaico do pátio do outrora grandioso palácio de Altium, então examinou a intrincada caixa-segredo de jade, que pertencera a uma princesa de uma esquecida terra ao norte.

Jesiba era a responsável pela maior parte das aquisições, por isso suas frequentes ausências, mas Bryce em pessoa havia rastreado e comprado um bom número de peças. E depois as revendido com um lucro considerável.

O casal havia se aproximado de um conjunto de estátuas da fertilidade de Setmek quando a campainha da porta da frente soou.

Bryce olhou para o relógio em cima da mesa. A reunião com o cliente da tarde só aconteceria dali a três horas. Ter vários curiosos na galeria era uma raridade, levando em conta os preços exorbitantes dos objetos expostos, mas talvez desse sorte e vendesse alguma coisa naquele dia.

— Com licença — murmurou Bryce, dando a volta na enorme mesa e abrindo as imagens da câmera externa em seu computador. Ela mal havia clicado no ícone quando a campainha tocou outra vez.

Bryce contemplou quem estava parado na calçada e congelou.

De fato, a terça-feira estava cagada.

* * *

Nenhuma janela adornava a fachada de arenito do estreito prédio de dois andares a um quarteirão do rio Istros. Apenas uma placa de bronze do lado direito da pesada porta de ferro indicava a Hunt Athalar se tratar de um estabelecimento comercial.

Antiquário Griffin fora gravado ali em grossas letras arcaicas. Sob as palavras, um par de atentos olhos de coruja entalhados, como um desafio a eventuais clientes. Abaixo, o interfone com botão de bronze combinando.

Isaiah, com o costumeiro terno e gravata, havia observado a campainha por tanto tempo que Hunt

enfim dissera:

— Não há nenhum encantamento na campainha, você sabe. — Apesar da identidade da dona.

Isaiah lhe lançou um olhar, ajeitando a gravata.

— Eu devia ter tomado uma segunda xícara de café — murmurou ele, enquanto pressionava o dedo no botão de metal. Um zumbido fraco soou através da porta.

Ninguém atendeu.

Hunt esquadrinhou o exterior do prédio, à procura de uma câmera escondida. Nenhum brilho ou sinal. Na verdade, a mais próxima estava presa à porta cromada do abrigo antibombas a meio caminho da esquina.

O anjo observou a fachada de arenito outra vez. Parecia impossível que Jesiba Roga não tivesse câmeras monitorando cada centímetro do prédio, tanto do lado de fora quanto do de dentro.

Ele liberou uma fração do próprio poder, pequenas línguas de relâmpago provando campos de energia.

Quase invisíveis no sol da manhã, os relâmpagos ricochetearam em um encantamento viscoso, que revestia as pedras, a argamassa, a porta. Um feitiço inteligente, frio, que parecia zombar de qualquer tentativa de invasão.

— Roga não está de brincadeira, está? — murmurou Hunt.

Isaiah apertou a campainha de novo, com mais força que o necessário. Eles tinham ordens... urgentes o bastante para que mesmo Isaiah, apesar da falta de café, parecesse impaciente.

Embora aquilo também pudesse ter a ver com o fato de que Isaiah ficara fora até quatro da manhã. Mas Hunt não o havia questionado. Tinha apenas ouvido Naomi e Justinian fofocando na sala comunal, cogitando se aquele novo namorado significava que Isaiah estava enfim recuperado.

Hunt não se importara em responder que nem fodendo. Não quando Isaiah só obedecia Micah por causa do generoso salário semanal que o arcanjo pagava a todos, independentemente de a lei declarar não ser obrigatório remunerar escravizados. O dinheiro que Isaiah economizava compraria a liberdade de outro alguém. Assim como a merda que Hunt fazia para Micah garantiria a própria.

Isaiah apertou a campainha uma terceira vez.

— Talvez ela não esteja.

— Ela está — disse Hunt.

O cheiro da semifeérica ainda permanecia na calçada, lilás e noz-moscada e algo que ele não conseguia identificar... como o brilho das primeiras estrelas ao anoitecer.

E, de fato, um momento depois, uma sedosa voz feminina que, definitivamente, não pertencia à dona da galeria irrompeu pelo interfone.

— Não pedi pizza.

A contragosto, apesar da contagem regressiva mental, Hunt engoliu uma risada.

Isaiah farfalhou as asas brancas, e estampou um sorriso charmoso.

— Somos da 33ª Legião. Estamos aqui para ver Bryce Quinlan — disse ao interfone.

— Estou com clientes. Voltem mais tarde. — O tom de voz era incisivo.

Hunt tinha quase certeza de que "voltem mais tarde" queria dizer "vão se foder".

O sorriso charmoso de Isaiah vacilou.

— É um assunto urgente, Srta. Quinlan.

Um zumbido baixo.

— Lamento, mas precisam marcar uma hora. Que tal... em três semanas? Estou livre no dia 28 de abril. Vou agendá-los para o meio-dia.

Bem, ela tinha coragem, Hunt precisava admitir.

Isaiah afastou as pernas. Uma típica postura de luta da legião, incutida em ambos desde os primeiros dias como recrutas.

— Infelizmente, precisamos conversar agora.

Nenhuma resposta. Como se ela tivesse apenas se afastado do interfone.

O grunhido de Hunt fez o pobre fauno que passava atrás dos anjos disparar pela rua, os delicados cascos ecoando pelos paralelepípedos.

— Ela é uma vadia mimada. O que esperava?

— Ela não é idiota, Hunt — argumentou Isaiah.

— Tudo o que vi e ouvi sugere o contrário.

O que o anjo tinha descoberto ao dissecar o arquivo de Bryce dois anos antes, somado ao que ouvira naquela manhã e às fotos que analisara, pintava um retrato fiel de como acreditava que aquele encontro se desenrolaria. Era uma pena para ela que as coisas estivessem prestes a ficar bem mais sérias.

Hunt indicou a porta com o queixo.

— Veremos se há mesmo um freguês aí dentro.

Ele recuou até o lado oposto da rua, onde se apoiou em um carro azul estacionado. Algum bêbado tinha usado o capô como tela para um grafite desnecessariamente detalhado de um imenso pau... alado. Uma sátira, percebeu, ao símbolo da 33ª Legião: uma espada com asas. Ou apenas o logotipo despido de qualquer pretensão.

Isaiah também se deu conta e riu, seguindo o exemplo de Hunt e se encostando no carro.

Um minuto se passou. Hunt não se moveu um centímetro. Não tirou os olhos da porta de ferro. Tinha coisas melhores a fazer do que brincar com uma pirralha, mas ordens eram ordens. Depois de cinco minutos, um lustroso sedã preto apareceu e a porta de ferro se abriu.

O motorista feérico saltou do carro, que valia mais do que a maioria das famílias humanas economizava em uma vida inteira. Em um piscar de olhos, chegou

ao outro lado do veículo e abriu a porta de passageiros. Dois feéricos desfilaram para fora da galeria, um macho e uma fêmea. Cada respiração da bela feérica irradiava o tipo de autoconfiança nascida de uma vida de riqueza e privilégio.

Ao redor do pescoço, um fio de diamantes, cada pedra do tamanho de uma das unhas de Hunt. O macho embarcou no sedã, a expressão carregada enquanto batia a porta antes que o chofer pudesse fazê-lo. A fêmea milionária apenas disparou pela rua, o telefone já encostado à orelha, resmungando com quem quer que estivesse do outro lado da linha, *Sem mais encontros às escuras, pelo amor de Urd.*

A atenção de Hunt voltou para a porta da galeria, onde uma ruiva curvilínea aguardava.

Somente quando o carro dobrou a esquina Bryce desviou os olhos na direção dos anjos.

Ela inclinou a cabeça, as mechas sedosas deslizando sobre o ombro do vestido branco colado ao corpo, e sorriu com vivacidade. Acenou. O delicado amuleto de ouro brilhou no pescoço bronzeado.

Hunt se afastou do carro e caminhou até ela, as asas cinzentas se abrindo.

Um lampejo dos olhos cor de âmbar assimilou Hunt, da tatuagem até a ponta das botas matadoras. Seu sorriso se alargou.

— Vejo vocês em três semanas — disse a semifeérica, alegre, e bateu a porta.

Hunt atravessou a rua em poucos passos. Um carro freou, cantando os pneus, mas o motorista não foi tolo de apertar a buzina. Não quando relâmpagos serpenteavam pelo punho de Hunt conforme ele esmurrava o botão do interfone.

— Não desperdice meu maldito tempo, Quinlan.

Isaiah deixou o motorista quase histérico passar antes de seguir Hunt, semicerrando os olhos castanhos.

— Minha chefe não gosta de legionários em sua loja. Lamento — retrucou Bryce, com doçura.

Hunt esmurrou a porta de ferro. Aquele mesmo soco havia amassado carros, destruído paredes e estilhaçado ossos. E isso sem o auxílio da tempestade em suas veias. O ferro nem mesmo tremeu; o raio ricocheteou.

Ao Inferno com ameaças, então. Ele miraria direto na jugular, tão certeiro e violento como qualquer um de seus golpes físicos.

— Viemos por causa de um assassinato — disse Hunt pelo interfone.

Isaiah estremeceu, escaneando a rua e os céus à procura de qualquer um que pudesse ter ouvido.

Hunt cruzou os braços enquanto o silêncio se alongava.

Então a porta de ferro sibilou e estalou, e uma fresta se abriu.

Na mosca.

Ao abrigo do sol, Hunt precisou de um piscar de olhos para se adaptar ao interior sombrio, e usou aquele primeiro passo dentro da galeria para examinar cada ângulo e cada saída e detalhe.

O felpudo carpete verde-floresta se estendia de parede a parede na sala de exposição de pé-direito duplo. Pontilhando o cômodo, nichos com iluminação indireta exibiam artefatos: pedaços de afrescos antigos, pinturas e estátuas de vanir tão estranhos e raros que até mesmo Hunt desconhecia seus nomes.

Bryce Quinlan se encostou na grande mesa de pau-ferro no centro do salão, o vestido branco-neve marcando cada reentrância e curva generosa.

Hunt abriu um sorriso preguiçoso, mostrando todos os dentes.

Esperou pela reação: a percepção de quem ele era. Esperou que ela se encolhesse, que se atrapalhasse ao procurar o botão de alarme ou a arma ou o que quer que acreditasse que a salvaria de criaturas como ele.

Mas talvez ela fosse estúpida, afinal, porque seu sorriso em resposta parecia sacarino ao extremo. As unhas pintadas de vermelho tamborilavam indolentes na imaculada superfície de madeira.

— Vocês têm quinze minutos.

Hunt não esclareceu que, provavelmente, aquele encontro se prolongaria por bem mais que aquilo.

Isaiah se virou para fechar a porta, mas Hunt sabia que já estava trancada. Assim como sabia, graças à informação reunida pela inteligência da legião ao longo dos anos, que a pequena porta de madeira atrás da mesa levava ao andar de cima e ao escritório de Jesiba Roga — onde uma janela envidraçada do chão ao teto dava para a sala onde estavam —, e a porta simples de ferro à direita levava a outro andar, onde estavam guardadas coisas que legionários não deveriam encontrar. Os encantamentos naquelas duas portas, com certeza, eram ainda mais potentes do que os do lado de fora.

Isaiah soltou um de seus longos suspiros sofridos.

— Houve um assassinato nos arredores do Mercado da Carne ontem à noite. Acreditamos que você conhecia a vítima.

Hunt registrou cada reação fugaz daquele rosto enquanto ela continuava empoleirada no canto da mesa: o ligeiro arregalar de olhos, a pausa no tamborilar de unhas, a piscada única, que sugeria que ela tinha uma pequena lista de possíveis vítimas e nenhuma das opções parecia agradável.

— Quem? — Foi tudo o que ela disse, a voz firme.

Os filetes de fumaça do difusor em formato cônico ao lado do computador pairavam ao redor, carregando o aroma vibrante e limpo de menta. Claro

que ela era uma daquelas fanáticas por aromaterapia, induzida a trocar seus marcos pela promessa de se sentir mais feliz, ou se tornar boa de cama, ou desenvolver meio cérebro, para combinar com a metade que já possuía.

— Maximus Tertian — respondeu Isaiah. — Temos relatos de que você se encontrou com ele no mezanino VIP do Corvo Branco, duas horas antes do assassinato.

Hunt podia jurar que os ombros de Bryce se curvaram ligeiramente.

— Maximus Tertian está morto — disse ela. Eles assentiram. Ela inclinou a cabeça. — Quem fez isso?

— É o que estamos tentando descobrir — respondeu Isaiah, neutro.

Hunt ouvira falar de Tertian; um vampiro canalha que não aceitava não como resposta e a quem o pai rico e sádico havia ensinado bem. E protegido de qualquer consequência resultante de seu comportamento hediondo. Se Hunt fosse honesto, diria que Midgard estava melhor sem ele. A não ser pela dor de cabeça que teriam quando o pai de Tertian descobrisse que o filho predileto havia sido assassinado... Aquela reunião seria apenas o começo.

— Você deve ter sido uma das últimas pessoas a vê-lo com vida. Pode recapitular seu encontro com ele? Nos mínimos detalhes.

Bryce olhou de um anjo para o outro.

— Esse é o jeito de vocês sondarem se eu o matei ou não?

Hunt abriu um sorriso cínico.

— Não parece triste com a morte de Tertian.

Aqueles olhos cor de âmbar se voltaram para ele com um brilho de indignação.

Tinha de admitir: machos fariam coisas bem execráveis por alguém com aquela aparência.

No passado, fizera precisamente tais coisas por Shahar. Como consequência, agora ostentava o halo tatuado em seu cenho e a marca de escravizado no punho. Sentiu um aperto no peito.

— Tenho certeza de que alguém já disse que Maximus e eu nos despedimos de modo hostil. Nós nos encontramos para fechar um acordo para a galeria, e, quando terminamos, ele achou que tinha direito a... um tratamento especial.

Hunt a entendeu perfeitamente. Aquilo batia com tudo o que ouvira sobre Tertian e o pai. Também configurava um bom motivo.

— Não sei para onde ele foi depois do Corvo — prosseguiu Bryce. — Se foi morto nas imediações do Mercado da Carne, creio que estivesse atrás do que tentou conseguir comigo. — Palavras frias, incisivas.

A expressão de Isaiah se tornou impassível.

— O comportamento do vampiro na noite passada diferiu de como agia em reuniões prévias?

— Só havíamos interagido antes por e-mail e telefone, mas eu diria que não. Na noite passada, em nosso primeiro encontro cara a cara, ele agiu exatamente de acordo com suas atitudes anteriores.

— Por que não o encontrou aqui? Por que o Corvo? — perguntou Hunt.

— Ele parecia empolgado em agir como se nossa reunião fosse secreta. Alegou que não confiava que minha chefe não gravaria a conversa, mas, na verdade, apenas queria que as pessoas o notassem... o vissem fechando um acordo. Tive de passar a papelada em uma pasta de couro, e ele me devolveu uma igual, esse tipo de coisa. — Seu olhar encontrou o de Hunt. — Como ele morreu?

A pergunta foi direta, e ela não sorriu ou hesitou. Uma garota acostumada a ser respondida, obedecida, atendida. Os pais não eram ricos — ou, pelo menos, era o que o arquivo dizia —, no entanto, seu apartamento, a quinze quarteirões de distância, sugeria uma riqueza exorbitante. Resultado daquele trabalho ou de alguma merda nebulosa que tinha escapado até mesmo aos vigilantes olhos da legião.

Isaiah suspirou.

— Todos os detalhes são confidenciais.

Ela balançou a cabeça.

— Não posso ajudá-los. Tertian e eu fechamos o acordo, ele tentou uma mão boba e foi embora.

Cada quadro da gravação da câmera de vigilância e os depoimentos das testemunhas oculares confirmavam aquilo. Mas não era o motivo da presença dos anjos. O que foram enviados para fazer.

— E quando o príncipe Ruhn apareceu? — perguntou Isaiah.

— Se já sabem de tudo, por que o incômodo de me interrogar? — Ela não esperou uma resposta antes de continuar. — A propósito, vocês não me disseram seus nomes.

Hunt não conseguia ler sua expressão, a linguagem corporal relaxada. Não haviam travado contato desde aquela noite no centro de detenção da legião... e nenhum deles tinha se apresentado então. Ela sequer registrara o rosto deles naquela apatia induzida pelas drogas?

Isaiah ajeitou as imaculadas asas brancas.

— Sou Isaiah Tiberian, Comandante da 33ª Legião Imperial. E esse é Hunt Athalar, meu...

Isaiah vacilou, como se tivesse se dado conta de que havia se passado um longo tempo desde que tiveram de se apresentar com alguma espécie de patente. Então Hunt fez um favor ao anjo e terminou por ele.

— Seu segundo em comando.

Se Isaiah ficou surpreso ao ouvir aquilo, o rosto calmo e bonito não demonstrou. O comandante era, tecnicamente, seu superior nos triários e na 33ª como

um todo, mesmo que a merda que Hunt fizesse para Micah o colocasse diretamente sob as ordens do governador.

Isaiah nunca havia se aproveitado da posição. Como se lembrasse daqueles dias antes da Queda, e quem estivera no comando então.

Como se aquilo tivesse alguma maldita importância.

Não, tudo o que importava naquela merda toda era que Isaiah tinha matado pelo menos três dezenas de legionários imperiais naquele dia, aos pés do monte Hermon. E Hunt carregava o fardo de pagar cada uma dessas vidas à República. Para honrar a barganha com Micah.

Os olhos de Bryce dardejaram para suas testas... para as tatuagens gravadas ali. Hunt se preparou para o comentário zombeteiro... para qualquer umas das observações idiotas que as pessoas ainda gostavam de fazer sobre a Legião Caída e sua rebelião fracassada. Mas ela disse somente:

— Então o quê... vocês investigam crimes nas horas vagas? Achei que fosse jurisdição do Auxilia. Não têm nada melhor para fazer na 33ª do que bancarem os detetives?

— Alguém pode confirmar onde você estava depois que saiu do Corvo Branco? — perguntou Isaiah, um pouco rude, nada feliz, ao que parecia, por alguém naquela cidade não cair a seus pés.

Bryce sustentou o olhar de Isaiah. Em seguida, desviou os olhos para Hunt. E ele ainda não conseguia ler a máscara de tédio enquanto ela se afastava da mesa e dava alguns passos deliberados na direção de ambos, antes de cruzar os braços.

— Só meu porteiro... e Ruhn Danaan, mas vocês já sabiam disso.

Como alguém podia caminhar com aqueles saltos estava além de sua compreensão. Como alguém conseguia respirar em um vestido tão justo também era um mistério. Era comprido o bastante para cobrir a área onde a cicatriz daquela noite, dois anos antes, estaria... quer dizer, se ela não tivesse pago a alguma medbruxa para apagá-la. Ele não tinha a menor dúvida de que uma pessoa que obviamente se esforçava tanto para se vestir bem já a teria removido.

Garotas baladeiras não gostavam de cicatrizes estragando sua aparência em um biquíni.

As asas brancas de Isaiah se moveram.

— Considera Ruhn Danaan um amigo?

Bryce deu de ombros.

— Ele é um primo distante.

Mas, aparentemente, dedicado o bastante para invadir a sala de interrogatório dois anos antes. E aparecer no bar VIP na véspera. Se ele se preocupava tanto assim com Quinlan, aquilo também podia ser um maldito motivo. Mesmo que Ruhn e o pai transformassem o inquérito em um pesadelo.

Bryce abriu um sorriso perspicaz, como se também se lembrasse da ocasião.

— Boa sorte ao conversar com ele.

Hunt rangeu os dentes, mas ela caminhou até a porta da frente, requebrando os quadris, como se soubesse precisamente quanto sua bunda era espetacular.

— Só um instante, Srta. Quinlan — disse Isaiah. A voz do comandante parecia calma, mas resoluta.

Hunt disfarçou um sorriso. Ver Isaiah zangado era sempre divertido. Contanto que não fosse o alvo de sua ira.

Quinlan ainda não sabia do detalhe quando olhou por cima do ombro.

— Sim?

Hunt a observava conforme Isaiah, enfim, revelava a verdadeira razão para aquela visita.

— Não viemos aqui apenas para perguntar sobre seu paradeiro.

Ela indicou a galeria.

— Querem comprar algo bonito para o governador?

Hunt abriu um meio-sorriso.

— Engraçado ter tocado no assunto. Ele está a caminho neste exato momento.

Um piscar lento. Ainda, nenhum sinal ou cheiro de medo.

— Por quê?

— Micah apenas nos mandou interrogá-la sobre a noite passada, e então nos certificarmos de que estivesse disponível, e que a fizéssemos colocar sua chefe na linha.

Levando em conta a raridade com que Hunt era chamado para ajudar nas investigações, o anjo havia ficado perplexo com a ordem. Mas como Isaiah e ele tinham estado presentes no beco naquela noite, supunha que o fato os tornava a escolha ideal para chefiar tal tipo de coisa.

— Micah está vindo para cá. — Ela engoliu em seco uma vez.

— Vai chegar em dez minutos — confirmou Isaiah, assentindo para o telefone. — Sugiro que ligue para sua chefe, Srta. Quinlan.

A respiração de Bryce tornou-se levemente ofegante.

— Por quê?

Hunt enfim soltou a bomba.

— Porque os ferimentos de Maximus Tertian eram idênticos aos sofridos por Danika Fendyr e a Matilha dos Demônios.

Triturados e desmembrados.

Os olhos da semifeérica se fecharam.

— Mas... Philip Briggs os matou. Invocou aquele demônio para acabar com eles. E está na prisão. — A voz ficou aguda. — Está na prisão há *dois anos*.

Em um lugar pior que a prisão, mas aquilo não vinha ao caso.

— Nós sabemos — disse Hunt, mantendo o rosto impassível.

— Ele não pode ter matado Tertian. Como poderia invocar um demônio da cadeia? — argumentou Bryce. — Ele... — Bryce engoliu em seco, se contendo. Compreendendo, talvez, o motivo da visita de Micah. Várias pessoas que conhecera haviam sido assassinadas, poucas horas depois de interagir com ela. — Acham que Briggs não é o culpado. Que ele não matou Danika e seu bando.

— Não sabemos ao certo — interrompeu Isaiah. — Mas os detalhes específicos de como todos morreram jamais vazaram, então temos bons motivos para acreditar que não se trata de um imitador.

— Vocês se encontraram com Sabine? — perguntou Bryce, sem rodeios.

— *Você* se encontrou? — rebateu Hunt.

— Fazemos o máximo para que nossos caminhos não se cruzem.

Talvez fosse a única coisa inteligente que Bryce já decidira fazer. Hunt se lembrava da malícia com que Sabine a fuzilara com os olhos pela janela da sala de observação, dois anos antes, e ele não tinha a menor dúvida de que a loba apenas aguardava o tempo necessário para que a infeliz e prematura morte da

semifeérica não fosse considerada nada além de uma eventualidade.

Bryce caminhou de volta a sua mesa, evitando-os. A seu favor, o andar continuava firme e compassado. Ela pegou o telefone sem nem mesmo um olhar para os dois.

— Vamos esperar lá fora — propôs Isaiah.

Hunt abriu a boca para protestar, mas o comandante lhe lançou um olhar de aviso.

Certo. Ele e Quinlan poderiam duelar mais tarde.

* * *

Com o fone preso em um aperto visceral, Bryce ouviu um toque do outro lado da linha. Dois. Então...

— Bom dia, Bryce.

O coração de Bryce reverberava em seus braços, pernas, estômago.

— Dois legionários estão aqui. — Ela engoliu em seco. — O Comandante da 33ª Legião e... — Suspirou. — O Umbra Mortis.

Tinha reconhecido Isaiah Tiberian... ele estampava o noticiário noturno e as colunas de fofoca com frequência suficiente para que não houvesse a menor possibilidade de confundir o belo comandante.

E também tinha reconhecido Hunt Athalar, embora ele nunca aparecesse na televisão. Todos

sabiam quem era Hunt Athalar. Ela ouvira falar do anjo ainda na infância, em Nidaros, quando Randall relembrava suas batalhas em Pangera e sussurrava ao mencionar Hunt. O *Umbra Mortis*. A Sombra da Morte.

Na época, o anjo não trabalhava para Micah Domitus e sua legião, mas para a arcanjo Sandriel... ele havia voado em sua 45ª Legião. Caça-demônios, os boatos diziam ser seu trabalho. E pior.

— Por quê? — sibilou Jesiba.

Bryce apertou o telefone.

— Maximus Tertian foi morto ontem à noite.

— *Solas* Flamejante...

— Do mesmo modo que Danika e o bando.

Ela bloqueou qualquer imagem vaga, inalando a essência leve e calmante dos vapores de menta dispersados pelo difusor sobre a mesa. Havia comprado o estúpido cone plástico dois meses depois que Danika fora assassinada, imaginando que não faria mal apelar para a aromaterapia durante as longas e silenciosas horas do dia, quando seus pensamentos fervilhavam e a invadiam, corroendo-a de dentro para fora. No final da semana, tinha comprado mais três e os espalhado pela casa.

Bryce suspirou.

— Parece que Briggs pode não ter matado Danika.

Por dois anos, parte da semifeérica havia se agarrado àquilo... que nos dias seguintes ao crime,

eles haviam encontrado evidências suficientes para condenar Briggs, que quisera se vingar de Danika por ter desbaratado seu círculo rebelde de atentados. Briggs tinha negado, mas tudo se encaixava: ele fora flagrado comprando sais pretos para invocação nas semanas anteriores a sua prisão, aparentemente a fim de alimentar algum novo e horrível tipo de arma.

Que Danika houvesse sido morta por um demônio do Fosso — que teria exigido o mortal sal preto para ser conjurado — não podia ter sido mera coincidência. Parecia claro que Briggs havia sido libertado, colocado as mãos no sal preto, invocado o demônio e o instigado contra Danika e a Matilha dos Demônios. O monstro atacara o soldado da 33ª que patrulhava o beco e, missão cumprida, fora enviado de volta ao Inferno por Briggs. Embora o rebelde jamais tivesse confessado ou revelado de que espécie era a criatura, ela não havia sido vista novamente em dois anos. Desde que Briggs fora preso. Caso encerrado.

Por dois anos, Bryce se apegara àqueles fatos. Que, mesmo que seu mundo tivesse desmoronado, a pessoa responsável estava atrás das grades. Para sempre. E merecia cada horror que seus carcereiros lhe infligissem.

Jesiba soltou um longo, longo suspiro.

— Os anjos a acusaram de alguma coisa?

— Não. — Não exatamente. — O governador está vindo para cá.

Outra pausa.

— Para interrogá-la?

— Espero que não. — Bryce gostava de seus membros onde estavam. — Ele também quer falar com você.

— O pai de Tertian sabe que ele morreu?

— Não sei.

— Preciso fazer algumas ligações — disse Jesiba, mais para si mesma. — Antes que o governador chegue. — Bryce entendeu muito bem sua intenção: não queria que o pai de Maximus aparecesse na galeria exigindo respostas. Culpando Bryce por sua morte. Seria o caos.

Bryce enxugou as palmas das mãos suadas nas coxas.

— O governador logo estará aqui.

Uma tênue batida ecoou da porta de ferro dos arquivos.

— BB? Você está bem? — sussurrou Lehabah.

Bryce cobriu o bocal do telefone.

— Volte para seu posto, Lele.

— Aqueles dois eram anjos?

Bryce trincou os dentes.

— Sim. Volte para baixo. Mantenha Syrinx quieto.

Lehabah soltou um suspiro, audível mesmo através dos 15 centímetros de ferro. Mas a duende de fogo

não falou mais nada, indicando que ou tinha retornado aos arquivos embaixo da galeria ou ainda estava xeretando. Bryce não se importava, contanto que ela e a quimera ficassem quietas.

— Quando Micah chega? — Jesiba estava perguntando.

— Em oito minutos.

Jesiba ponderou.

— Tudo bem.

Bryce tentou não se surpreender com o simples fato de a chefe não exigir mais tempo; em especial diante da morte de um cliente.

Mas até mesmo Jesiba sabia que era melhor não se meter com um arcanjo. Ou talvez tivesse, finalmente, cultivado um pouco de empatia quando se tratava do assassinato de Danika. Com certeza, não havia demonstrado nenhuma quando ordenara que Bryce voltasse ao trabalho, ou seria transformada em uma porca, duas semanas depois da morte da loba.

— Não preciso lhe dizer para se certificar de que tudo está sob controle — avisou Jesiba.

— Vou verificar uma segunda vez. — Mas havia se assegurado antes de os anjos colarem o pé na galeria.

— Então sabe o que fazer, Quinlan — disse a chefe, o som do farfalhar de papel ou de roupas ao fundo. Duas vozes masculinas grunhiram em protesto. Em seguida, a linha ficou muda.

Soltando um suspiro, Bryce entrou em ação.



O arcanjo apertou a campainha exatamente sete minutos mais tarde.

Acalmando a respiração ofegante, Bryce examinou a galeria pela décima vez, conferindo se tudo estava no lugar, a arte espanada, qualquer contrabando escondido no andar inferior...

As pernas pareciam bambas, a antiga dor em sua coxa chegando até o osso, mas as mãos continuaram firmes enquanto estendia o braço para a porta da frente e a abria.

O arcanjo era lindo. Terrível e indecentemente lindo.

Hunt Athalar e Isaiah Tiberian estavam parados atrás dele, quase tão bonitos quanto; o último dirigia a Bryce um sorriso suave que obviamente acreditava ser charmoso. O primeiro... Os olhos sombrios de Hunt nada perdiam.

Bryce inclinou a cabeça para o governador, recuando um passo, os estúpidos saltos instáveis no carpete.

— Seja bem-vindo, Vossa Graça. Por favor, entre.

Os olhos castanhos de Micah Dominus a devoravam. O poder comprimia sua pele, sugava o ar da sala, de seus pulmões. Enchia o espaço com a tessitura de tempestades à meia-noite, sexo e morte.

— Presumo que sua chefe vá se juntar a nós por vídeo — disse o arcanjo, deixando a ofuscante luz da rua.

Maldito Inferno, aquela *voz*... seda e aço e pedra arcaica. Com certeza, conseguiria fazer alguém gozar apenas sussurrando obscenidades em seu ouvido.

Mesmo que não tivesse aquela voz, teria sido impossível esquecer o que Micah era, o que o governador irradiava a cada sopro, a cada piscar de olhos. No momento, havia dez arcanjos que governavam os vários territórios da República, todos ostentando o título de governador... todos se reportando apenas aos asteri. A magia de um anjo comum, considerado poderoso, podia alimentar um prédio. O poder de um arcanjo podia sustentar uma metrópole inteira. Não havia como prever de onde vinha a força extra que diferenciava um arcanjo de um anjo. Às vezes era herdada, em geral por meio de cuidadosas ordens de procriação ditadas pelos asteri. Às vezes surgia em linhagens ordinárias.

Ela não conhecia muito da biografia de Micah; jamais prestara atenção nas aulas de história, ocupada demais em admirar aquele rosto perfeito, agora a sua frente, para dar ouvidos ao discurso da professora.

— A Srta. Roga está esperando sua ligação — conseguiu dizer, tentando não respirar alto demais enquanto o Governador de Valbara passava por ela.

Uma das imaculadas penas brancas roçou sua clavícula. Teria se arrepiado... não fossem os dois anjos no encalço de Micah.

Isaiah apenas lhe fez um aceno de cabeça enquanto seguia Micah até as cadeiras atrás da mesa.

Hunt Athalar, entretanto, se demorou, sustentando seu olhar, antes de estudar sua clavícula. Como se a pena tivesse deixado uma marca. A tatuagem de espinhos na testa do anjo ficou mais sombria.

E, simples assim, aquele cheiro de sexo exsudado pelo arcanjo se transmutou em podridão.

Os asteri e arcanjos podiam facilmente ter encontrado outra maneira de conter o poder dos anjos caídos, no entanto os escravizaram com os feitiços urdidos nas tatuagens mágicas que estamparam na testa deles como malditas coroas. E as tatuagens em seus punhos: *SPQM*.

Senatus Populesque Midgard.

Senado e Povo de Midgard. Total babaquice. Como se o Senado fosse algo além de uma marionete. Como se

os asteri não fossem imperadores e imperatrizes, governando a tudo e a todos pela eternidade, as almas pervertidas regenerando-se de uma forma para outra.

Bryce afastou aquele pensamento enquanto fechava a porta de ferro atrás de Hunt, por pouco não acertando as penas cinzentas. Os olhos castanho-escuros brilharam em advertência.

Ela abriu um sorriso para expressar suas emoções em relação àquela emboscada, tudo o que não ousava dizer em voz alta. *Enfrentei coisa bem pior que você, Umbra Mortis. Não tenho medo de cara feia.*

Hunt piscou, um único sinal de sua surpresa, mas Bryce já se virava para a mesa, tentando não mancar quando a dor atravessou sua perna. A semifeérica tinha arrastado uma terceira cadeira da biblioteca, o que havia sobrecarregado ainda mais o músculo.

Ela não se atreveu a massagear a cicatriz curva e grossa em sua coxa, escondida pelo vestido branco.

— Deseja alguma coisa, Vossa Graça? Café? Chá? Algo mais forte?

Ela já havia arrumado garrafas de água mineral gasosa nas mesinhas entre as cadeiras.

O arcanjo havia reivindicado o assento do meio, e, enquanto Bryce lhe sorria de maneira polida, o peso de seu olhar a envolvia como um cobertor macio.

— Estou bem. — Bryce olhou para Hunt e Isaiah, que haviam ocupado suas cadeiras. — Eles também estão bem — acrescentou Micah.

Muito bem, então. Ela deu a volta na mesa, deslizando a mão sob a borda para apertar o botão de bronze, e rezou à misericordiosa Cthona para que a voz permanecesse calma, muito embora sua mente insistisse em se apegar a um único pensamento: *Briggs não matou Danika, Briggs não matou Danika, Briggs não matou Danika...*

O painel de madeira na parede atrás de Bryce se abriu, revelando uma tela grande. Conforme o monitor brilhava, tomando vida, ela pegou o telefone na mesa e discou.

Briggs fora um monstro, que planejara machucar pessoas e merecia estar na cadeia, mas... fora acusado injustamente de assassinato.

O assassino de Danika ainda estava livre.

— A tela está pronta? — perguntou Jesiba ao primeiro toque.

— Quando quiser. — Bryce digitou os códigos em seu computador, tentando ignorar o governador, que a olhava como se ela fosse um filé e ele... alguma coisa que comia filés. Crus. E gemendo. — Estou conectando você — declarou.

Um instante depois, Jesiba Roga apareceu na tela... e as duas desligaram seus telefones.

Atrás da feiticeira, a suíte do hotel exibia o esplendor pangerano: painéis brancos com molduras douradas, felpudos carpetes cor de creme e cortinas de seda rosa-claras, uma cama de dossel feita em

carvalho, grande o bastante para Jesiba e os dois machos que Bryce ouvira quando ligou mais cedo.

Jesiba se divertia tão intensamente quanto trabalhava em suas viagens pelo imenso território à procura de peças para a galeria; fosse visitando escavações arqueológicas ou cortejando clientes poderosos.

Apesar de terem se passado menos de dez minutos e apesar de usar a maior parte daquele tempo para fazer algumas ligações muito importantes, o vestido azul-marinho esvoaçante de Jesiba parecia imaculado, revelando tentadores vislumbres de um voluptuoso corpo feminino adornado com pérolas de água doce nas orelhas e no pescoço. O curtíssimo cabelo louro-acinzentado brilhava sob as lâmpadas de primalux... mais curto nas laterais, mais comprido no topo. Chique e casual, sem esforço. Seu rosto...

Seu rosto parecia ao mesmo tempo jovem e sábio, acessível e sinistro. Os olhos cinza-pálidos reluziam com magia cintilante, sedutores e mortais.

Bryce jamais se atrevera a perguntar por que Jesiba havia desertado das bruxas séculos antes. Por que havia se aliado à Casa de Chama e Sombra e a seu líder, o Sub-Rei, e o que fazia para ele. Ela se autodenominava feiticeira. Nunca bruxa.

— Bom dia, Micah — cumprimentou Jesiba, com suavidade. Um tom de voz cortês e vulnerável se comparado ao de outros membros de Chama e

Sombra... o raspar rouco dos ceifadores, ou o timbre sedoso dos vampiros.

— Jesiba — ronronou Micah.

Jesiba abriu um ligeiro sorriso, como se tivesse ouvido aquele ronronar múltiplas vezes, de múltiplos machos.

— Por mais que me agrade ver seu belo rosto, gostaria de saber por que convocou essa reunião. A não ser que o lance de Danika seja uma desculpa para conversar com a doce Bryce.

O lance de Danika. Bryce manteve a expressão neutra, mesmo sob o escrutínio de Hunt. Parecia que ele podia ouvir as batidas de seu coração, farejar o suor umedecendo suas palmas.

Mas Bryce respondeu com um olhar entediado.

Micah se recostou na cadeira, cruzando as longas pernas.

— Por mais tentadora que seja sua assistente, temos assuntos mais importantes a tratar — disse o arcanjo, sem sequer olhar para Bryce.

Ela ignorou a permissividade descarada. O timbre daquela voz. *Tentadora...* como se ela fosse um pedaço de sobremesa em um prato. Estava habituada àquilo, mas... os malditos machos vanir.

Jesiba acenou com graça etérea para que continuasse, as unhas prateadas brilhando sob a iluminação do hotel.

— Acredito que meus triários informaram à Srta. Quinlan sobre o assassinato de ontem à noite. Cujo *modus operandi* foi o mesmo das mortes de Danika Fendyr e da Matilha dos Demônios, há dois anos — explicou Micah, devagar.

Bryce se manteve imóvel, imperturbável. Com sutileza, inspirou os fiapos calmantes de menta do difusor ali perto.

Micah continuou:

— O que eles não informaram foi a outra conexão.

Os dois anjos ladeando o governador enrijeceram de forma quase imperceptível. Claramente, era a primeira vez que ouviam aquilo.

— Ah? — fez Jesiba. — E preciso pagar por essa informação?

Um poder vasto e frio crepitou na galeria, mas o rosto do arcanjo continuou indecifrável.

— Estou compartilhando essa informação para que possamos combinar esforços.

Jesiba arqueou uma sobrancelha loura com sobrenatural fleuma.

— Para fazer o quê?

— Para que Bryce Quinlan encontre o verdadeiro assassino por trás desses crimes, é claro — respondeu Micah.



Bryce havia ficado tão imóvel que Hunt imaginou se ela sabia que aquilo era uma prova cabal. Não de seu autocontrole, mas de sua origem. Apenas feéricos conseguiriam ficar tão imóveis.

Sua chefe, a feiticeira de rosto jovem, suspirou.

— A 33ª anda tão incompetente que precisa mesmo da ajuda de minha assistente? — A voz adorável não foi suficiente para suavizar a pergunta. — Embora, eu suponha, você já tem minha resposta, uma vez que condenou equivocadamente Philip Briggs.

Hunt não ousou sorrir diante do franco desafio. Poucas pessoas sairiam impunes ao empregar aquele tom com Micah Domitus, ou com qualquer outro arcanjo.

Ele observou a feiticeira de 400 anos na tela. O anjo tinha ouvido os rumores: de que Jesiba

respondia ao Sub-Rei, de que podia transformar pessoas em animais comuns se provocada, de que um dia havia sido uma bruxa que desertou de seu clã por razões ainda desconhecidas. Provavelmente péssimas, se ela havia acabado como membro da Casa de Chama e Sombra.

— Não sei nada sobre isso. Ou sobre quem gostaria de matar Tertian — murmurou Bryce.

Jesiba semicerrou os olhos.

— De qualquer forma, você é *minha* assistente. Não trabalha para a 33ª.

Micah pressionou os lábios. Hunt pôs-se de prontidão.

— Eu a convidei para esta reunião por cortesia, Jesiba. — Os olhos castanhos se estreitaram em desagrado. — Realmente, ao que tudo indica, Philip Briggs foi injustamente condenado. Mas isso não muda o fato de que Danika Fendyr e a Matilha dos Demônios o prenderam em seu laboratório, com evidência irrefutável dos planos para explodir inocentes no Corvo Branco. E, muito embora ele tenha sido inicialmente libertado por uma brecha legal, nos últimos dois anos reunimos provas suficientes de sua participação em crimes anteriores para condená-lo. Assim, Briggs vai continuar atrás das grades e cumprir sua pena pelas ações cometidas enquanto líder da agora inativa seita Keres e por sua participação na ampla rebelião humana.

Bryce pareceu relaxar, aliviada.

Mas, então, Micah prosseguiu:

— Entretanto, isso significa que continua à solta nesta cidade um perigoso assassino capaz de conjurar um demônio letal. Se por diversão ou por vingança, não sabemos. Admito que minha 33ª e o Auxilia exauriram seus recursos. Mas a Cimeira será em menos de um mês. Alguns participantes vão encarar esses assassinatos como prova de que mal consigo controlar minha cidade, quanto mais o território, e tentar usar esse fato contra mim.

Era óbvio que aquilo não tinha a ver com a prisão de um assassino mortal. Não, aquilo era puramente relações públicas.

Mesmo com a Cimeira ainda distante, Hunt e os outros triários vinham se preparando havia semanas, aprontando as unidades da 33ª para a pompa e a babaquice que cercavam o encontro dos poderes de Valbara a cada dez anos. Líderes de todo o território iam comparecer, manifestando suas preocupações, talvez com algumas aparições especiais dos líderes babacas do outro lado do Haldren.

Hunt ainda não havia comparecido a uma reunião de cúpula em Valbara, mas tinha participado de muitas Cimeiras em Pangera, com governantes que fingiam ter algum arremedo de autonomia. Em geral, as Cimeiras se resumiam a uma semana de discussões entre poderosos vanir até o arcanjo supervisor

decretar suas leis. Ele não tinha dúvida de que com Micah não seria diferente. Isaiah já estivera em uma e o avisara de que o arcanjo gostava de exibir seu poderio militar durante o encontro. Gostava de fazer a 33ª Legião desfilar, na terra e nos céus, seus membros paramentados com a pompa imperial.

O peitoral marrom já estava sendo polido. A ideia de vestir a armadura formal, as sete estrelas do brasão dos asteri estampadas sobre o coração, provocava em Hunt ânsia de vômito.

Jesiba estudou as unhas prateadas.

— Algo emocionante vai acontecer na Cimeira dessa vez?

— A nova rainha-bruxa será formalmente reconhecida — respondeu Micah, enquanto parecia pesar a expressão casual de Jesiba.

Jesiba não demonstrou um pingo de emoção.

— Soube da morte de Hecuba — disse a feiticeira. Nenhum sinal de pesar ou satisfação. Apenas constatava um fato.

Mas Quinlan ficou tensa. Sua vontade era gritar que voltassem ao assassinato.

— E os asteri estão enviando Sandriel para apresentar um relatório do Senado sobre o conflito rebelde — acrescentou Micah.

Todo pensamento se esvaiu da cabeça de Hunt. Até mesmo o normalmente inabalável Isaiah enrijeceu.

Sandriel. *Ali.*

— Sandriel chegará ao Comitium na próxima semana, e, a pedido dos asteri, será minha hóspede até a Cimeira — explicava Micah.

Um mês. Aquele maldito monstro ficaria na cidade por um mês.

Jesiba inclinou a cabeça com graça enervante. Ela podia não ser uma ceifadora, mas com certeza se movia como uma.

— O que minha assistente tem a oferecer na busca pelo assassino?

Hunt reprimiu... o rugido, o tremor, o silêncio. Reprimiu bem fundo e fundo e fundo, até que não passasse de outra onda bramindo no abismo profundo dentro de si. Ele se forçou a se concentrar na conversa. E não na psicopata que estava a caminho da cidade.

O olhar de Micah pousou em Bryce, que empalidecera de tal modo que as sardas pareciam sangue salpicado na ponte do nariz.

— A Srta. Quinlan é, até agora, a única testemunha do demônio que o assassino invocou.

— E quanto ao anjo no beco? — Bryce teve a audácia de perguntar.

A expressão de Micah continuou impassível.

— Ele não se lembra do ataque. Foi uma emboscada. — Antes que Bryce pudesse pressioná-lo, o arcanjo continuou: — Dada a natureza delicada da

investigação, agora estou disposto a pensar fora da caixa, como dizem por aí. E buscar ajuda para solucionar esses assassinatos, antes que se tornem um problema real.

Ou seja, o arcanjo precisava manter as aparências diante das autoridades. Diante de Sandriel, que reportaria tudo aos asteri e a seu Senado de estimação.

Um assassino à solta, capaz de invocar um demônio que podia matar um vanir com a mesma facilidade de um humano? Ah, aquilo era precisamente o tipo de merda que Sandriel adoraria contar aos asteri. Em especial se custasse a Micah seu posto. E ela o conseguisse para si. O que era o quadrante noroeste de Pangera comparado a *toda* Valbara? E a queda de Micah significava que seus escravizados — Hunt, Isaiah, Justinian e tantos outros — seriam passados para quem quer que herdasse o título de governador.

Sandriel jamais honraria o acordo de Micah e Hunt.

Micah se virou para Hunt, os lábios num ângulo cruel.

— Pode imaginar, Athalar, quem Sandriel trará com ela. — Hunt ficou petrificado. — Pollux também adoraria relatar suas descobertas.

Hunt lutou para controlar a respiração, para manter a expressão neutra.

Pollux Antonius, o comandante triário de Sandriel... o *Malleus*, como o chamavam. O Martelo. Tão cruel e impiedoso quanto Sandriel. E um maldito filho da puta.

Jesiba pigarreou.

— Ainda não sabe de que tipo de demônio se trata? — Ela se reclinou na cadeira, um esgar nos lábios cheios.

— Não — respondeu Micah, entre os dentes.

Era verdade. Nem mesmo Hunt havia sido capaz de identificá-lo, e o anjo tivera o distinto prazer de matar mais demônios do que podia se lembrar. Eles vinham em inúmeras raças e níveis de inteligência, variando de bestas que pareciam híbridos felino-caninos até humanoides, príncipes metamorfos que reinavam sobre os sete territórios do Inferno, cada um mais sombrio que o anterior: o Vazio, a Trincheira, o Cânion, a Ravina, o Desfiladeiro, o Abismo e o pior de todos... o Fosso.

Mas, mesmo sem uma identificação específica, considerando a velocidade e o que fizera, a criatura parecia pertencer ao Fosso, talvez uma mascote do Comedor de Estrelas. Somente nas profundezas do Fosso algo assim se desenvolveria... um demônio que jamais vira luz, que nunca havia precisado dela.

Não importava, imaginou Hunt. Se a criatura fosse ou não suscetível à luz, as habilidades específicas do Umbra Mortis ainda poderiam transformá-la em

pedaços calcinantes de carne. Um raio de luz, e o demônio iria fugir ou estrebuchar de dor.

A voz de Bryce invadiu a tempestade na cabeça de Hunt.

— Você disse que havia outra ligação entre os assassinatos do passado e o de agora. Além do... estilo.

Micah a encarou. A seu favor, Bryce não baixou os olhos.

— Maximus Tertian e Danika Fendyr eram amigos.

As sobrancelhas de Bryce se uniram em uma linha.

— Danika não conhecia Tertian.

Micah suspirou para o teto forrado em madeira.

— Suspeito que havia muita coisa que ela não contava a você.

— Eu saberia se ela fosse amiga de Maximus Tertian — insistiu Bryce.

O poder de Micah ciciou pelo cômodo.

— Cuidado, Srta. Quinlan.

Ninguém falava assim com um arcanjo, pelo menos ninguém com praticamente zero poder nas veias. Foi o bastante para Hunt esquecer Sandriel e se concentrar na conversa.

— Há também o detalhe de que *você* conhecia tanto Danika quanto Maximus Tertian — continuou Micah. — De que você estava no Corvo Branco nas noites em que os assassinatos ocorreram. A similaridade é suficiente para torná-la... suspeita.

Jesiba se endireitou.

— Está insinuando que Bryce tem alguma culpa?

— Ainda não — respondeu Micah, com frieza. — Mas tudo é possível.

Os dedos de Bryce se crisparam em punhos cerrados, os nós embranquecendo conforme ela, sem dúvida, tentava se controlar para não ofender o arcanjo. Ela optou por mudar de assunto.

— E quanto a investigar os outros membros da Matilha dos Demônios? Qualquer um podia ter sido o alvo!

— Já investigamos e descartamos a hipótese. Danika continua sendo o nosso foco.

— Acha realmente que posso descobrir alguma coisa, quando nem o Auxilia nem a 33ª Legião conseguiram? Por que não pedir aos asteri que mandem alguém como a Corça?

A questão reverberou pelo cômodo. Bryce não podia ser tão estúpida a ponto de desejar aquilo. Jesiba lançou um olhar de censura para a assistente.

Micah, imperturbável com a menção a Lidia Cervos, a mais notória caça-espiões — e torturadora — da República, retrucou:

— Como já disse, não gostaria que o conhecimento desses... fatos ultrapasse as muralhas de minha cidade.

Hunt leu nas entrelinhas: apesar de fazer parte dos triários de Sandriel, a metamorfa cervídea conhecida

como a Corça se reportava diretamente aos asteri e era amante declarada de Pollux.

O Martelo e a Corça... o devastador de campos de batalha e a destruidora dos inimigos da República. Hunt havia visto a Corça algumas vezes na fortaleza de Sandriel, e sempre batera em retirada, perturbado por seus imperscrutáveis olhos dourados. Lidia era tão linda quanto era implacável em sua caça a espiões rebeldes. O par perfeito para Pollux. A única que poderia ser ainda mais compatível que a Corça era a Harpia, mas, sempre que podia evitar, Hunt tentava não pensar na segunda em comando de Sandriel.

Ele sufocou sua angústia crescente.

— As estatísticas criminais sugerem que é provável que Danika conhecesse o assassino. — Outro silêncio sugestivo, que deixou Bryce indignada. — E, apesar das coisas que ela pode não ter lhe contado, você continua a ser a pessoa que melhor conhecia Danika Fendyr. Acredito que possa oferecer uma percepção sem precedentes.

Jesiba se inclinou para a tela em seu luxuoso quarto de hotel, toda graça e poder contido.

— Muito bem, governador. Digamos que determine que Bryce investigue o assunto. Eu gostaria de uma compensação.

Micah sorriu, um gesto incisivo e vibrante que Hunt somente testemunhara antes de o arcanjo explodir alguém em cacos varridos pelo vento.

— Independentemente de sua lealdade ao Sub-Rei, e da proteção que acredita que o juramento lhe confere, você ainda é uma cidadã da República.

E me deve obediência, ele não precisou acrescentar.

— Achei que fosse versado nas leis, governador. Seção 57: se um oficial do governo contrata os serviços de um empregado terceirizado, deve pagar...

— Certo. Mande um recibo para mim. — As asas de Micah farfalharam, único sinal de sua impaciência. Mas, pelo menos, a voz soou gentil quando se dirigiu a Bryce. — Estou sem opções e logo ficarei sem ideias. Se há alguém capaz de refazer os últimos passos de Danika e descobrir quem a matou, é você. É o único elo entre as vítimas.

Ela apenas arfou.

— Creio que seu posto aqui na galeria também lhe garanta acesso a indivíduos talvez pouco dispostos a conversar com a 33ª ou com o Auxilia. Isaiah Tiberian vai reportar a mim qualquer progresso e ficará atento à investigação. — Os olhos castanhos do arcanjo avaliaram Hunt, como se pudessem ler cada linha de tensão no corpo do anjo, o pânico inundando-lhe as veias com a notícia da chegada de Sandriel. — Hunt Athalar é um experiente caça-demônios. Ele será seu guarda-costas, protegendo-a durante a busca pelo responsável.

Os olhos de Bryce se estreitaram, mas Hunt não ousou dizer uma palavra. Nem piscar seu desprazer...

e alívio.

Ao menos teria uma desculpa para não ficar no Comitium durante a visita de Sandriel e Pollux. Mas ser uma babá de luxo, impossibilitado de trabalhar na diminuição de sua *dívida*...

— Muito bem — concedeu Jesiba, o olhar se desviando para sua assistente. — Bryce.

— Vou encontrá-lo — assegurou Bryce calmamente, os olhos cor de âmbar brilhando com um fogo gélido. Em seguida, encarou o arcanjo. — E então quero que você o varra do maldito planeta.

Sim, Bryce era corajosa. Era estúpida e impetuosa, mas pelo menos não era covarde. A combinação, no entanto, provavelmente a mataria antes que completasse a Descida.

Micah sorriu, como se também se desse conta do fato.

— O destino do assassino cabe ao sistema judiciário.

Um castigo leve e burocrático, embora o poder do arcanjo trovejasse pela sala, quase uma promessa de que Micah faria exatamente o que Bryce desejava.

— Certo — resmungou ela.

Jesiba Roga franziu o cenho para a assistente, percebendo que seu rosto queimava com o mesmo brilho frio.

— Tente não morrer, Bryce. Eu odiaria o inconveniente de ter de treinar um substituto.

A transmissão foi cortada.

Bryce se levantou naqueles sapatos absurdos. Deu a volta na mesa, jogando a sedosa cortina de cabelo ruivo por sobre o ombro, as pontas levemente cacheadas quase tocando a curva do quadril.

Micah ficou de pé, os olhos deslizando pela semiféerica como se ele também houvesse percebido aquele detalhe.

— Acabamos por aqui — disse ele, para ninguém em particular.

O vestido de Bryce era tão justo que Hunt conseguia discernir a contração dos músculos das coxas enquanto ela abria a porta de ferro para o arcanjo. Um ligeiro crispar marcou suas feições... depois desapareceu.

Hunt a alcançou enquanto o arcanjo e o comandante aguardavam do lado de fora. Ela apenas abriu um sorriso afável e radiante, e começou a fechar a porta em cima do anjo antes que ele houvesse saído para a rua empoeirada. Ele enfiou um pé entre a porta e o batente, e os encantamentos tiniram e estalaram contra sua pele conforme buscavam se alinhar a sua volta.

— *O que foi?* — Os olhos cor de âmbar de Bryce flamejaram.

Hunt abriu um sorriso sugestivo.

— Faça uma lista de suspeitos ainda hoje. Qualquer um que pudesse querer Danika e seu bando

mortos. — Se a loba conhecia o assassino, era provável que Bryce também o conhecesse. — E faça uma lista com as últimas atividades de Danika, os locais visitados nos dias antes do assassinato.

Bryce apenas sorriu de novo, como se não tivesse ouvido nenhuma maldita palavra do que ele dissera. Então, apertou um botão ao lado da porta que fez com que os encantamentos *queimassem* feito ácido...

Hunt deu um pulo para trás, seu relâmpago cintilando em resposta a um inimigo ausente.

A porta se fechou.

— Eu entrarei em contato. Não me incomode até lá — ronronou ela pelo interfone.

Que Urd tivesse piedade dele.



Pouco depois, no telhado da galeria com Isaiah em silêncio ao seu lado, Hunt observava o sol do fim da manhã dourar as impecáveis asas brancas de Micah e tornar as mechas de ouro em seu cabelo quase incandescentes enquanto o arcanjo inspecionava a cidade murada espraiada ao redor.

Hunt, por sua vez, examinava o telhado plano cortado apenas por equipamentos e pelo alçapão para a galeria abaixo.

As asas de Micah tremeram, único sinal de que estava prestes a falar.

— O tempo não é nosso aliado.

— Acha mesmo que Quinlan pode encontrar quem está por trás disso? — Foi a única coisa que Hunt falou. Ele deixou que a pergunta resumisse a dimensão da própria fé na semifeérica.

Micah inclinou a cabeça. Um predador primitivo e letal avaliando a presa.

— Acho que esse assunto exige cada arma de nosso arsenal, não importa quão heterodoxa seja. — Ele suspirou ao encarar outra vez a cidade.

Lunathion foi construída nos moldes das antigas cidades da margem do mar Rhagan, quase uma réplica, que incluía as muralhas de arenito, o clima árido, os olivais, as pequenas fazendas que ladeavam as distantes colinas ao norte, além das fronteiras da cidade, e até mesmo o grande templo em seu centro, dedicado a uma deusa protetora. Mas, ao contrário daquelas cidades, a da Lua Crescente pudera se adaptar: as ruas dispostas de forma ordenada, e não em um emaranhado; os prédios modernos se projetando como lanças do coração do Distrito Comercial Central, ultrapassando os estritos gabaritos de altura de Pangera.

Micah havia sido o responsável por tudo aquilo... por enxergar a cidade como um tributo a um velho modelo, mas também como um lugar de futuro próspero. Ele até mesmo abraçara o nome de Cidade da Lua Crescente em vez de Lunathion.

Um macho progressista. Tolerante, diziam.

Com frequência, Hunt se perguntava qual seria a sensação de rasgar a garganta do arcanjo.

Havia cogitado aquilo tantas vezes que perdera a conta. Havia cogitado lançar um raio de seu

relâmpago no rosto bonito, a máscara perfeita, que escondia o brutal e exigente bastardo em seu interior.

Talvez fosse injusto. Micah nascera com aquele poder, jamais vivenciara uma existência que não a de uma das maiores potências do planeta. Um semideus que não estava acostumado a ter sua autoridade questionada, e que aniquilaria quaisquer ameaças a ela.

Uma rebelião liderada por uma camarada arcanjo e três mil guerreiros fora justamente aquilo. Muito embora quase a totalidade dos triários fosse composta dos Caídos. Aparentemente, a oferta de uma segunda chance. Hunt não conseguia imaginar por que Micah tinha se importado em demonstrar tamanha misericórdia.

— Sabine com certeza já colocou gente sua no caso e vai me visitar para dizer em detalhes como fodemos tudo com Briggs. — Um olhar gélido entre os dois. — Quero que sejamos *nós* a encontrar o assassino, não os lobos.

— Morto ou vivo? — perguntou Hunt, com frieza.

— Vivo, de preferência. Mas morto é melhor do que livre.

— E essa investigação conta para minha meta? Pode levar meses. — Hunt se atreveu a perguntar.

Isaiah enrijeceu. Mas a boca de Micah se curvou para cima. Por um longo momento, não disse nada. Hunt nem mesmo piscou.

— O que me diz deste incentivo, Athalar: você soluciona rapidamente o caso, antes da Cimeira, e diminuo sua dívida para dez — disse, então, Micah.

O próprio vento pareceu estagnar.

— Dez — Hunt conseguiu dizer — missões?

Era ultrajante. Micah não tinha motivo para lhe oferecer nada. Não quando apenas sua palavra bastava para que Hunt obedecesse.

— Mais dez missões — confirmou Micah, como se não houvesse jogado uma bomba no meio da vida de Hunt.

Podia ser um embuste. Micah podia arrastar aquelas dez missões por décadas, mas... Solas Flamejante.

— Não conte a ninguém, Athalar — completou o arcanjo.

Que ele não tivesse se incomodado em também alertar Isaiah deixava implícito quanto confiava em seu comandante.

— Tudo bem — concordou Hunt, com a calma de que foi capaz.

Mas o olhar de Micah se tornou impiedoso. Ele estudou Hunt da cabeça aos pés. Em seguida, a galeria sob suas botas. A assistente ali dentro.

— Mantenha o pau dentro das calças e as mãos em si mesmo — grunhiu Micah. — Ou vai ficar sem eles por um longo tempo.

Os membros se regenerariam, é claro. Todo imortal que completou a Descida podia se recuperar de qualquer ferimento, desde que não tivesse sido decapitado ou severamente mutilado, as artérias esguichando sangue, mas... a recuperação seria dolorosa. Lenta. E virar um eunuco, mesmo que por alguns meses, não estava nos planos de Hunt.

De qualquer forma, trepar com uma assistente mestiça não era prioridade, ainda mais com sua liberdade em potencial a apenas dez mortes.

Isaiah assentiu para ambos.

— Vamos ser profissionais.

Micah se virou na direção do Distrito Comercial Central, apreciando a brisa do rio, as imaculadas asas se contraindo.

— Esteja em meu escritório em uma hora — disse para Isaiah.

O comandante fez uma reverência para o arcanjo, um gesto pangerano que fez os pelos de Hunt se eriçarem. Ele foi forçado a fazer o mesmo, sob risco de ter as penas arrancadas, queimadas, cortadas. As primeiras décadas pós-Queda não foram gentis.

As asas que ele sabia estarem expostas em uma parede na sala do trono dos asteri eram a prova.

Mas Isaiah sempre soubera como dançar conforme a música, como tolerar os protocolos e hierarquias. Como se vestir como eles, comer e foder como eles. Ele havia Caído e ascendido de volta ao posto de

comandante por conta disso. Não seria surpresa se Micah recomendasse aos asteri que o halo de Isaiah fosse retirado durante o Conselho do Governador, após o Solstício de Inverno.

Sem necessidade de assassinatos, massacres ou tortura.

Micah nem lhes dirigiu o olhar antes de disparar para o céu. Em poucos segundos, ele se tornou um ponto branco em meio ao azul.

Isaiah suspirou, franzindo o cenho para os pináculos no topo das cinco torres do Comitium, uma coroa de metal e vidro se projetando do coração do DCC.

— Acha que é algum ardil? — perguntou Hunt ao amigo.

— Micah não é um conspirador. — Como Sandriel e a maioria dos arcanjos. — Ele fala a sério. Deve estar desesperado, se está disposto a oferecer esse tipo de motivação.

— Ele é meu dono; seu desejo é uma ordem.

— Com a chegada de Sandriel, talvez ele tenha se dado conta de que seria vantajoso se você estivesse inclinado a ser... leal.

— De novo: escravizado.

— Então não faço a menor ideia, Hunt. Talvez apenas esteja disposto a ser generoso. — Isaiah balançou a cabeça outra vez. — Não morda a mão que Urd lhe ofereceu.

Hunt suspirou.

— Eu sei.

Era provável que a verdade fosse uma combinação de tudo aquilo.

Isaiah arqueou a sobrancelha.

— Acha que pode descobrir quem está por trás das mortes?

— Não tenho escolha.

Não com aquele novo acordo sobre a mesa. Ele provou o vento seco, quase ouvindo a música farfalhada através dos ciprestes sagrados ladeando a rua abaixo… os milhares plantados na cidade em honra da deusa protetora.

— Você vai encontrar os assassinos — disse Isaiah. — Sei que vai.

— Não consigo parar de pensar na visita de Sandriel. — Hunt suspirou, passando as mãos pelo cabelo. — Não posso acreditar que ela esteja vindo para *cá*. Com aquele canalha do Pollux.

— Diga para mim que tem noção de que Micah lhe fez *outra* grande concessão ao ordenar que proteja Quinlan em vez de mantê-lo no Comitium durante a estada de Sandriel — comentou Isaiah, com cautela.

Hunt sabia disso, sabia que Micah estava ciente de como ele se sentia em relação a Sandriel e Pollux, mas revirou os olhos.

— Dane-se. Pode apregoar à vontade o quanto Micah é fantástico, mas lembre-se de que aquele

bastardo a está recebendo de braços abertos.

— Os asteri ordenaram que ela comparecesse à Cimeira — argumentou Isaiah. — É praxe mandarem um dos arcanjos como emissário para essas reuniões. O governador Ephraim veio à última. Micah também o recebeu.

— O fato é que ela ficará aqui por um mês inteiro. Naquele maldito complexo — disse Hunt, apontando para os cinco prédios do Comitium. — Lunathion não faz seu gênero. Não há nada para entretê-la aqui.

Com a maioria dos Caídos espalhados aos quatro ventos ou mortos, Sandriel adorava passear pelas masmorras de seu castelo, entupidas de humanos rebeldes, e escolher um, dois ou três de uma vez. A arena no coração de sua cidade era destinada apenas ao prazer de destruir aqueles prisioneiros de diferentes maneiras. Duelos até a morte, tortura pública, libertar Inferiores e colocar animais primitivos contra eles... Não havia limites para sua criatividade. Hunt havia testemunhado e suportado tudo aquilo.

Com a atual escalada do conflito, aqueles calabouços, com certeza, estavam lotados. Sandriel e Pollux deviam estar adorando a dor que fluía do coliseu.

O pensamento fez Hunt se enrijecer.

— Pollux será uma maldita ameaça nesta cidade.

O Martelo era conhecido por suas atividades favoritas: carnificina e tortura.

— Pollux será enquadrado. Micah sabe como ele é... o que faz. Os asteri podem ter ordenado que o arcanjo receba Sandriel, mas ele não dará carta branca a Pollux. — Isaiah hesitou, o olhar distante conforme parecia sopesar algo internamente. — Mas posso deixar você indisponível durante a visita de Sandriel... em caráter permanente.

Hunt ergueu uma sobrancelha.

— Se está se referindo a promessa de Micah de cortar meu pau, eu passo.

Isaiah sorriu discretamente.

— Micah ordenou que você ajudasse Quinlan na investigação. E essa ordem vai deixá-lo muito, muito ocupado. Especialmente se ele quer Bryce resguardada.

Hunt lhe lançou um meio-sorriso.

— Tão ocupado que não terei tempo de visitar o Comitium.

— Tão ocupado que terá de ficar no telhado em frente ao prédio de Quinlan para monitorá-la.

— Já dormi em condições piores. — Assim como Isaiah. — E será uma boa desculpa para ficar de olho em Quinlan, e não apenas para protegê-la.

Isaiah franziu o cenho.

— Acha mesmo que ela pode ser culpada?

— Não descarto essa possibilidade — respondeu Hunt, dando de ombros. — Micah também não. Então, até que ela prove o contrário, não está fora de *minha* lista de suspeitos. — Hunt se perguntava quem estaria na lista de Quinlan. Quando Isaiah apenas assentiu, ele indagou: — Você vai contar a Micah que pretendo vigiá-la o tempo todo?

— Se ele perceber que você não está dormindo no quartel, sim. Mas, até lá, o que os olhos não veem, o coração não sente.

— Obrigado.

Não era uma palavra comum no vocabulário de Hunt, nem no de qualquer um com asas, mas foi sincero. Isaiah sempre foi o melhor deles... o melhor dos Caídos e dos legionários com que Hunt já serviu. Isaiah devia fazer parte da Guarda Asteriana, com suas habilidades e imaculadas asas brancas, mas, assim como Hunt, o anjo viera da sarjeta. Apenas a nobreza era boa o bastante para a privada legião de elite dos asteri. Mesmo que aquilo excluísse ótimos soldados, como Isaiah.

Hunt, com asas cinzentas e sangue plebeu, apesar dos relâmpagos, nunca estivera no páreo. O convite para se juntar à 18ª, a legião de elite de Shahar, já havia sido privilégio o bastante. Toda a 18ª fora recrutada assim: soldados que ela escolhera não pelo status, mas pelas habilidades. Pelo verdadeiro valor.

Isaiah gesticulou para o DCC e o Comitium no centro dele.

— Pegue seu equipamento no quartel-general. Preciso fazer uma parada antes de me encontrar com Micah. — Hunt pestanejou. Isaiah estremeceu. — Farei uma visita ao príncipe Ruhn para confirmar o álibi de Quinlan.

Era a última maldita coisa que Hunt queria fazer, e a última maldita coisa que, sabia, Isaiah queria fazer, mas protocolos eram protocolos.

— Quer que eu o acompanhe? — indagou Hunt. Era o mínimo que podia oferecer.

O canto da boca de Isaiah se ergueu.

— Levando em conta que você quebrou o nariz de Danaan na última vez que ocuparam o mesmo cômodo, vou passar a oferta.

Sábia decisão.

— Ele mereceu — grunhiu Hunt.

Micah, misericordiosamente, havia achado todo o episódio — o Incidente, como Naomi o batizara — divertido. Não era todo dia que um feérico levava a pior em um confronto, então até mesmo o governador havia, de forma discreta, se vangloriado da altercação durante as celebrações do Equinócio da Primavera, no ano anterior. Ele dera a Hunt uma semana de folga como recompensa. *Uma suspensão*, havia alegado... mas aquela suspensão viera

acompanhada de um gordo cheque. E de menos três mortes para expiar.

— Ligo mais tarde para saber como estão as coisas — disse Isaiah.

— Boa sorte.

Isaiah abriu um sorriso cansado, abatido — único indício do peso de todos aqueles anos com as duas tatuagens — e foi atrás de Ruhn Danaan, o Príncipe Herdeiro dos Feéricos.

* * *

Bryce percorreu a sala de exibição duas vezes, sibilando com a dor na perna, e descalçou os sapatos com tanta força que um pé acertou a parede, fazendo um vaso antigo tremer.

— Quando pregar as bolas de Hunt Athalar na parede, pode me fazer um favor e tirar uma foto? — pediu uma voz fria a suas costas.

Ela fuzilou com os olhos o monitor, que havia acendido outra vez... e a feiticeira sentada ali.

— Quer mesmo se meter nisso, chefe?

Jesiba se recostou na cadeira dourada, uma rainha à vontade.

— A boa e velha vingança perdeu o apelo?

— Não faço a menor ideia de quem queria Danika e o bando mortos. Nenhuma. — Fizera sentido quando parecia que Briggs havia invocado o demônio

para assassinar seus amigos: ele fora libertado naquele dia, Danika estava tensa e chateada com o fato e, em seguida, morreu. Mas, se não tinha sido Briggs, e com a morte de Maximus Tertian... Bryce não sabia por onde começar.

Mas ela começaria. Acharia quem quer que tivesse planejado aquilo. Em parte, porque gostaria de fazer Micah engolir a declaração de que ela podia ser *suspeita* no caso, mas sobretudo... Cerrou os dentes. Bryce encontraria o responsável por aquilo e o faria se arrepender de ter nascido.

Tentando não mancar, a semifeérica caminhou até a mesa e se empoleirou na beirada.

— O governador deve estar desesperado.

E louco, se queria sua ajuda.

— Não me importo com as intenções do governador — disse Jesiba. — Pode bancar a detetive vingativa quanto quiser, Bryce, mas lembre-se de que tem um emprego. Reuniões com clientes não devem ficar em segundo plano.

— Eu sei. — Bryce mordeu a própria bochecha. — Se quem quer que seja o culpado é forte o bastante para conjurar um demônio como aquele para fazer seu trabalho sujo, provavelmente vou acabar morta também.

Muito provavelmente, visto que ainda não havia decidido fazer a Descida.

Aqueles brilhantes olhos cinzentos examinaram seu rosto.

— Então mantenha Athalar por perto.

Bryce se eriçou. Como se ela fosse uma fêmea indefesa que necessitasse de um forte e grande guerreiro para protegê-la.

Mesmo que *fosse*, em parte, verdade. Completamente verdade.

Total e definitivamente verdade, se aquele demônio aparecesse de novo.

Mas... fazer uma lista de suspeitos, de fato. E a outra tarefa que ele lhe designara, fazer uma lista dos últimos locais que Danika visitara... Seu corpo enrijeceu com aquela ideia.

Ela podia aceitar a proteção de Athalar, mas não precisava facilitar as coisas para aquele babaca arrogante.

O telefone de Jesiba tocou. A fêmea olhou para a tela.

— É o pai de Tertian. — Ela lançou um olhar de advertência a Bryce. — Se eu começar a perder dinheiro porque você está brincando de detetive com o Umbra Mortis, vou transformá-la em uma tartaruga. — Ela levou o telefone ao ouvido, e a imagem se apagou.

Bryce soltou um longo suspiro antes de apertar o botão que embutia a tela na parede.

O silêncio na galeria espiralava ao seu redor, corroendo seus ossos.

Pela primeira vez, Lehabah parecia não estar bisbilhotando. Nenhuma pancada na porta de ferro ressoava no silêncio. Nenhum murmúrio da pequena, e irremediavelmente abelhuda, duende de fogo.

Bryce encostou o braço na superfície fria da mesa, apoiando a testa na mão.

Danika jamais mencionara conhecer Tertian. Elas nunca haviam falado do vampiro... nem sequer uma vez. E aquela era sua única pista?

Sem Briggs como o assassino e invocador, a chacina não fazia sentido. Por que o demônio havia escolhido aquele apartamento, se ficava no terceiro andar de um prédio supostamente monitorado? Com certeza, fora intencional. Danika e os outros, inclusive Tertian, deviam ter sido os alvos, a ligação de Bryce com o último apenas uma coincidência doentia.

Bryce brincou com o amuleto preso à corrente dourada, deslizando-o de um lado para o outro.

Mais tarde. Pensaria naquilo à noite, porque... olhou para o relógio. Merda.

Ela tinha um cliente em quarenta e cinco minutos, ou seja, precisava organizar o tsunami de burocracia relativo à escultura em madeira de Svadgard, comprada na véspera.

Ou talvez devesse trabalhar naquela candidatura de emprego que arquivara sob o secreto, enganoso

nome de *Planilha de Fornecedores de Papel*.

Jesiba, que a deixara no comando de tudo, desde a reposição do papel higiênico até as encomendas de papel para a impressora, jamais abriria o arquivo. Ela nunca perceberia que, entre os documentos que Bryce salvara ali, havia uma pasta — *Faturas Material de Escritório Março* — que não continha nenhuma planilha. E sim uma carta de apresentação, um currículo e fichas de inscrição incompletas para inúmeras vagas em pelo menos dez diferentes lugares.

Algumas eram ambiciosas. *Curador-Assistente do Museu de Arte da Cidade da Lua Crescente*. Como se ela fosse conseguir o emprego, quando não tinha um diploma de arte nem de história. E quando a maioria dos museus acreditava que lugares como o Antiquário Griffin deveriam ser proibidos.

Outras funções — *Assistente-Pessoal da Srta. Advogada Esnobe* — seriam mais do mesmo. Um ambiente diferente e uma chefe diferente, mas a velha palhaçada de sempre.

Mas eram uma saída. Sim, ela precisaria entrar em alguma espécie de acordo com Jesiba em relação a sua dívida, e evitar descobrir se a simples menção do desejo de partir a transformaria em um animal rastejante. Procrastinar com as fichas, porém, burilando o currículo indefinidamente... a fazia se sentir melhor, pelo menos. Às vezes.

Entretanto, se o assassino de Danika havia reaparecido, se continuar naquele emprego sem perspectivas podia ajudar a pegá-lo... Os currículos eram perda de tempo.

A tela escura de seu telefone mal refletia as luzes do teto alto.

Suspirando de novo, Bryce digitou a senha e abriu o feed de mensagens.

Não vai se arrepender. Tive muito tempo para pensar nas diferentes maneiras de mimar você. Em toda a diversão que vamos ter.

Ela poderia recitar de cor as mensagens de Connor, mas vê-las doía ainda mais. O bastante para reverberar por todo o corpo, pelos recônditos sombrios de sua alma. Então ela sempre olhava.

Vá se divertir. Vejo você em alguns dias.

A tela branca queimava seus olhos. *Me mande uma mensagem quando chegar em casa.*

Ela fechou aquela janela. E não ousou abrir a caixa postal. Em geral, a semifeérica tinha de vivenciar um de seus espirais da morte mensais para fazer aquilo; ouvir a voz animada de Danika outra vez.

Bryce soltou um longo suspiro, então outro, e mais outro.

Encontraria a pessoa por trás daquilo. E o faria por Danika, pela Matilha dos Demônios. Faria qualquer coisa por eles.

Ela abriu o telefone novamente e começou a digitar uma mensagem no grupo que tinha com Juniper e Fury. Não que Fury fosse responder... não, o grupo se resumia a uma conversa bilateral entre Bryce e June. A semifeérica já havia escrito metade da mensagem — *Philip Briggs não matou Danika. Os assassinatos recomeçaram, e eu* — quando a apagou. Micah lhe dera ordens de manter o assunto em segredo, e, se seu telefone tivesse sido hackeado... Ela não arriscaria ser afastada do caso.

Fury já devia saber. Que sua suposta *amiga* não a tivesse procurado... Bryce baniu aquele pensamento. Contaria a Juniper pessoalmente. Se Micah tivesse razão e existisse uma ligação entre Bryce e o modo como as vítimas eram escolhidas, não podia arriscar deixá-la sem saber. Não perderia mais ninguém.

Bryce olhou para a porta de ferro fechada. Massageou a dor profunda na perna uma vez antes de se levantar.

O silêncio a acompanhou durante todo o percurso até o andar inferior.



Parado à frente das imponentes portas de carvalho do escritório do pai, Ruhn Danaan inspirou fundo para se acalmar e tomar coragem.

Aquilo nada tinha a ver com a corrida de trinta quarteirões entre seu escritório não oficial, na sobreloja de um boteco na Praça da Cidade Velha, e a ampla vila de mármore do pai, no coração de CiRo. Ruhn suspirou e bateu.

Não era tolo de invadir.

— Entre. — A voz fria do macho se esgueirou pelas portas, por Ruhn. Mas o príncipe abafou qualquer indício do coração trovejante e avançou, fechando a porta atrás de si.

O escritório pessoal do Rei Outonal era maior que a casa de muitas famílias. Em cada parede, estantes recobriam o pé-direito duplo, atulhadas de tomos e artefatos tanto antigos quanto novos, mágicos e

ordinários. Um balcão dourado dividia o espaço retangular, acessível por qualquer uma das escadas em caracol, na frente ou nos fundos, e pesadas cortinas de veludo preto bloqueavam a luz da manhã filtrada pelas janelas altas, que se abriam para o pátio interno da vila.

O planetário no outro extremo da sala atraiu a atenção de Ruhn: um modelo eficaz de seu sistema de sete planetas, luas e sol. Feito de ouro maciço. O objeto havia maravilhado Ruhn quando criança, quando ainda era ingênuo o bastante para acreditar que o pai se importava de verdade com ele e passava horas ali dentro, observando o rei registrar quaisquer anotações e cálculos nos cadernos de couro preto. Certa vez, tinha perguntado ao pai o que procurava, exatamente.

Padrões, foi tudo que ele respondeu.

O Rei Outonal estava sentado a uma das quatro enormes escrivaninhas, cada qual bagunçada com livros e uma variedade de dispositivos de metal e vidro. Experiências para o que quer que o pai pretendesse com aqueles malditos *padrões*. Ruhn passou por uma das mesas, sobre a qual um líquido iridescente borbulhava dentro de um orbe de vidro em cima de um queimador — a chama com certeza obra do pai —, lufadas de fumaça violeta espiralando da substância.

— Devia ter vestido um traje de proteção? — perguntou Ruhn, dirigindo-se à estação de trabalho onde o pai olhava através de um prisma de 30 centímetros, embutido em alguma delicada engenhoca prateada.

— Diga a que veio, príncipe — ordenou o rei, sem rodeios, um olho cor de âmbar fixo no aparato de visualização acima do prisma.

Ruhn se absteve de comentar sobre qual seria a reação dos contribuintes da cidade se soubessem como um de seus sete mestres gastava o dinheiro. Os seis mestres inferiores foram todos indicados por Micah, e não eleitos por qualquer processo democrático. Havia conselhos dentro de conselhos, destinados a dar aos cidadãos a ilusão de controle, mas a ordem principal das coisas era simples: o governador mandava, e os Mestres da Cidade lideravam os próprios distritos, sob a chancela do arcanjo. Além disso, a 33ª Legião respondia ao governador, enquanto o Auxilia obedecia aos mestres, dividido em unidades organizadas por distritos e espécies. A partir desse ponto, a organização ficava nebulosa. Os lobos alegavam que os bandos de metamorfos eram os comandantes do Aux... mas os feéricos insistiam que a honra, em vez disso, pertencia a eles. O que tornava dividir — *e assumir* — responsabilidades uma tarefa complicada.

O príncipe já vinha chefiando a divisão feérica do Aux havia quinze anos. O pai lhe dera o comando, e ele obedecera. Não tinha outra escolha. Felizmente, havia treinado a vida toda para ser um matador letal, eficiente.

Não que aquilo lhe trouxesse qualquer alegria.

— Aconteceu uma grande merda — avisou Ruhn, parando do outro lado da mesa. — Acabo de receber a visita de Isaiah Tiberian. Maximus Tertian foi assassinado ontem à noite... exatamente do mesmo modo que Danika e seu bando perderam a vida.

O pai ajustou um dial no artefato do prisma.

— Recebi o relatório mais cedo. Parece que Philip Briggs não era o assassino.

Ruhn ficou tenso.

— Quando você ia me contar?

Seu pai desviou o olhar do prisma.

— Devo obediência a você, príncipe?

O bastardo com certeza não devia, independentemente do título. Embora fossem próximos em poder, a verdade era que Ruhn, apesar do status de Estrelado e da posse de Áster, teria sempre um pouco menos de magia que o pai. Ele jamais se decidira, após ter passado por seu Ordálio e completado a Descida, cinquenta anos antes, se aquilo era um alívio ou uma maldição... sua ineficiência no quesito poder. Por um lado, se tivesse suplantado o

pai, o jogo teria virado a seu favor. Por outro, aquilo o teria definido de vez como um rival.

Tendo visto o que o pai fazia com os inimigos, foi melhor não entrar na lista.

— Essa informação é vital. Já dei ordens a Flynn e Declan para ampliarem as patrulhas no CiRo. Vamos vigiar cada rua.

— Então não me parece que eu precisava avisá-lo, parece?

O pai tinha quase 500 anos, usara a coroa dourada de Rei Outonal durante a maior parte desse tempo e fora um babaca completo na totalidade do mesmo. E ainda não mostrava sinais de envelhecimento... não como era comum aos feéricos, com o gradual desgaste até a morte, como uma blusa lavada vezes demais.

Então seriam mais alguns séculos daquilo. Bancar o príncipe. Precisar bater à porta e esperar a permissão para entrar. Ajoelhar e obedecer.

Ruhn era um entre quase uma dezena de príncipes feéricos em todo o planeta de Midgard... e havia conhecido a maioria deles ao longo das décadas. Mas se destacava como o único Estrelado entre eles. Entre todos os feéricos.

Como Ruhn, os outros príncipes serviam a reis vaidosos e fúteis, lotados nos vários territórios como mestres de distritos municipais ou faixas de mata. Alguns vinham esperando por um trono havia

séculos, contando cada década como se fossem meros meses.

Aquilo o enojava. Sempre o fizera sentir assim. Bem como o fato de que tudo que possuía era financiado pelo canalha a sua frente: o escritório em cima do bar, a vila em CiRo, decorada com antiguidades que ganhara do pai quando conquistara Áster durante seu Ordálio, a provação por que passara. Ruhn nunca usava a vila, preferia morar na casa que dividia com seus dois melhores amigos, perto da Praça da Cidade Velha.

Também comprada com o dinheiro do pai.

Oficialmente, o dinheiro vinha do "salário" que Ruhn recebia por chefiar as patrulhas do Auxilia feérico. Mas a assinatura do pai autorizava os pagamentos semanais.

O Rei Outonal ergueu o dispositivo do prisma.

— O Comandante da 33ª Legião disse algo digno de nota?

O encontro tinha beirado o desastre.

Primeiro, Tiberian o havia questionado sobre o paradeiro de Bryce na noite anterior até que o feérico estivesse prestes a acertar a cara do anjo, fosse ele o comandante da 33ª ou não. Então Tiberian tivera a audácia de perguntar sobre o paradeiro de *Ruhn*.

O príncipe se recusara a informar ao comandante que sentira tentado a esmurrar Maximus Tertian por ter assediado Bryce.

Ela teria arrancado a cabeça do irmão em resposta. E Bryce havia se saído bem, poupando Ruhn do pesadelo diplomático de começar um feudo de sangue entre suas duas casas. Não apenas entre Céu e Sopro e Chama e Sombra, mas entre os Danaan e os Tertian. E, por conseguinte, entre cada feérico e cada vampiro de Valbara e Pangera. Os feéricos não desrespeitavam feudos de sangue. Nem os vampiros.

— Não — respondeu Ruhn. — Mas Maximus Tertian morreu poucas horas depois de uma reunião de negócios com Bryce.

O pai abaixou o prisma, franzindo os lábios.

— Mandei você avisar àquela garota que ficasse *quieta*.

Aquela garota. Bryce sempre fora *aquela garota* ou *a garota* para o pai. Ruhn não ouvira o macho pronunciar seu nome em doze anos. Não desde sua primeira e última visita àquela vila.

Tudo tinha mudado depois daquela visita. Bryce fora até ali pela primeira vez, uma garota vivaz de 13 anos, pronta para enfim conhecer o pai e seu povo. Para conhecer Ruhn, que estava intrigado com a perspectiva de descobrir uma meia-irmã depois de ser filho único por mais de sessenta anos.

O Rei Outonal tinha insistido que a visita fosse discreta... silenciando o óbvio: *até que o Oráculo sussurre sobre seu futuro*. O que se passara tinha sido um desastre completo, não apenas para Bryce, mas

também para Ruhn. Ele ainda sentia o peito se confrangir quando lembrava da irmã deixando a vila em lágrimas de raiva, recusando-se a olhar para trás sequer uma vez. O modo como o pai havia tratado Bryce abrira os olhos de Ruhn para a verdadeira natureza do Rei Outonal... e o frio macho feérico a sua frente nunca se esquecera daquele fato.

Nos três anos seguintes, Ruhn visitara Bryce com frequência na casa dos pais da meia-irmã. Ela fora o lado bom… o melhor, se fosse sincero. Até aquela estúpida e vergonhosa briga entre os dois, que arruinara as coisas de tal forma que Bryce ainda o odiava. Ele não a culpava; não depois das palavras que lhe dissera, das quais se arrependera imediatamente, assim que saíram de sua boca.

— O encontro de *Bryce* com Maximus antecedeu meu aviso para que ela se comportasse. Cheguei quando ela se preparava para partir — dizia Ruhn no momento. Quando recebeu a ligação de Riso Sergatto, a voz risonha do metamorfo borboleta excepcionalmente séria, Ruhn correu para o Corvo Branco, não se permitindo um segundo para sopesar a sensatez de sua reação. — Sou seu álibi, de acordo com Tiberian... Eu disse a ele que a acompanhei até em casa, e que fiquei lá até bem depois da hora da morte de Tertian.

O rosto do pai não revelava nada.

— No entanto, não parece muito animador que a garota estivesse na boate em ambas as noites, e que interagisse com as vítimas horas antes.

— Bryce não tem nada a ver com os assassinatos — disse Ruhn, resoluto. — Apesar do álibi de merda, o governador também deve acreditar em sua inocência, porque Tiberian jurou que Bryce está sendo protegida pela 33ª.

Teria sido admirável que tivessem se dignado a fazê-lo, se todos os anjos não fossem babacas arrogantes. Por sorte, não havia sido o mais arrogante daqueles babacas quem lhe fizera aquela visita em particular.

— Aquela garota sempre teve um talento espetacular para se meter onde não deve.

Ruhn sufocou a raiva trovejando em si, a magia das sombras querendo velar o príncipe, ocultá-lo. Outro motivo pelo qual o pai se ressentia: além dos dons de Estrelado, a maior parte da magia de Ruhn se alinhava aos parentes da mãe; os feéricos que regiam Avallen, a ilha envolta em bruma ao norte. O coração sagrado do Reino Feérico. O pai teria incinerado Avallen se pudesse. Que Ruhn não envergasse as chamas do pai, as labaredas da maioria dos feéricos valbaranos, que em vez disso ostentasse — mais do que o príncipe deixava transparecer — as habilidades avallenas de chamar e caminhar pelas sombras, tinha sido um insulto imperdoável.

O silêncio ecoou entre pai e filho, interrompido apenas pelo tiquetaquear de metal do planetário no outro extremo da sala, conforme os astros se moviam em suas órbitas.

O pai ergueu o prisma, segurando-o contra as primaluces que cintilavam em um dos três candelabros de cristal.

— Tiberian disse que o governador quer discrição quanto aos assassinatos, mas eu gostaria de sua permissão para avisar a minha mãe.

Cada palavra uma ofensa. *Gostaria de sua permissão.*

O pai gesticulou com uma das mãos.

— Permissão concedida. Que ela respeite o aviso.

Tal como a mãe de Ruhn havia obedecido a todos a vida inteira.

Ela ouviria e evitaria chamar atenção, e, sem dúvida, aceitaria feliz as sentinelas extras enviadas a sua vila, a um quarteirão de distância da do filho, até que a merda tivesse sido resolvida. Talvez ele até mesmo passasse aquela noite com a mãe.

Ela não era rainha... nem mesmo consorte ou parceira. Não, sua doce e gentil mãe fora selecionada para um único propósito: reprodução. O Rei Outonal havia decidido, depois de alguns séculos no poder, que queria um herdeiro. Como filha de uma proeminente e nobre casa, que desertara da corte de Avallen, ela tinha cumprido seu dever de bom grado, grata pelo eterno privilégio que lhe fora concedido.

Em todos os seus 75 anos de vida, Ruhn jamais a ouvira falar mal do pai. Da vida para a qual havia sido recrutada.

Mesmo quando Ember e o rei mantiveram seu secreto e nefasto caso amoroso, a mãe não sentira ciúmes. Existiram tantas fêmeas antes dela, e outras tantas depois. No entanto, nenhuma havia sido formalmente escolhida, não como ela, para continuar a linhagem real. E, quando Bryce entrara em cena, nas poucas vezes que a encontrara, a mãe havia sido gentil. Até mesmo amorosa.

Ruhn não sabia dizer se admirava a mãe por nunca questionar a gaiola dourada em que vivia. Se havia algo de errado com *ele* por ressentir-se disso.

Talvez jamais entendesse a mãe. No entanto, aquilo não diminuía o orgulho atroz de ter puxado a sua linhagem, que seu caminhar pelas sombras o destacasse daquele babaca a sua frente, um constante e bem-vindo lembrete de que não *precisava* se transformar em um imbecil tirânico. Mesmo que a maioria de seus parentes de Avallen fosse pouco melhor. Em especial os primos.

— Talvez devesse ligar para ela — sugeriu Ruhn. — Dar o aviso você mesmo. Ela apreciaria sua preocupação.

— Já tenho outros planos — avisou o pai, calmamente. A frieza do pai, apesar da chama ardente em suas veias, era algo que sempre havia deixado

Ruhn atônito. — Você pode informá-la. E abstenha-se de me dizer como conduzir meu relacionamento com sua mãe.

— Não é um relacionamento. Você a montou como uma égua e a soltou no pasto.

Brasas brilharam no cômodo.

— E você se beneficiou o bastante dessa *montada*, Estrelado.

Ruhn não ousou pronunciar as palavras que lhe subiram à boca. *Mesmo que meu estúpido título tenha lhe trazido ainda mais influência no Império e entre seus colegas reis, ainda o incomoda, não? Que seu filho, não você, tenha retirado Áster da Caverna dos Príncipes, no coração sombrio de Avallen. Que seu filho, não você, tenha se destacado entre os Príncipes Estrelados, há muito recolhidos em seus sarcófagos, e fosse considerado digno de libertar a espada de sua bainha? Quantas vezes você tentou desembainhar a espada quando era jovem? Quanta pesquisa fez neste mesmo escritório para encontrar meios de empunhá-la apesar de não ser o Escolhido?*

O pai crispou um dedo em sua direção.

— Tenho uma missão para seu *dom*.

— Por quê?

As habilidades de Estrelado de Ruhn eram pouco mais que um brilho de luz na palma de sua mão. Os talentos sombrios eram seu dom mais interessante. Nem mesmo sensores de temperatura em câmeras de

alta tecnologia espalhadas pela cidade eram capazes de detectá-lo ao caminhar pelas sombras.

O pai ergueu o prisma.

— Convirja um feixe de luz estelar por aqui. — Sem esperar resposta, mais uma vez o pai colocou um dos olhos no visor de metal acima do prisma.

Normalmente, era preciso muita concentração a fim de que Ruhn invocasse a magia estelar, e em geral aquilo o deixava com dor de cabeça por horas, mas... estava suficientemente intrigado para tentar.

Pousando o dedo indicador no cristal do prisma, Ruhn fechou os olhos e se concentrou em sua respiração. Deixou o tique-taque do planetário guiá-lo cada vez mais fundo no abismo profundo dentro de si, além do poço vibrante de suas sombras, até o vazio abaixo delas. Ali, enrolada sobre si mesma como uma criatura em hibernação, jazia a singular semente de luz iridescente.

Com gentileza, ele a segurou nas mãos em concha, despertando-a enquanto, cuidadosamente, a trazia para a superfície, como se carregasse água nas mãos. Através de si mesmo, o poder cintilava em antecipação, quente e adorável, praticamente a única parte de si mesmo de que gostava.

Ruhn abriu os olhos e viu a luz estelar dançando na ponta dos dedos, sendo refratada através do prisma.

O pai ajustou alguns discos no aparelho, tomando notas com a outra mão.

A semente de luz se tornou escorregadia, desintegrando-se no ar ao redor.

— Só mais um instante — ordenou o rei.

Ruhn cerrou os dentes, como se o gesto, de algum modo, impedisse a luz de desvanecer.

Outro clique da engenhoca, e outra anotação feita por mão rígida, milenar. A Velha Língua dos Feéricos; o pai registrava tudo na língua quase esquecida que seu povo usara quando tinha chegado a Midgard, através da Fenda do Norte.

A luz estelar estremeceu, tremeluziu e desapareceu. O Rei Outonal grunhiu, aborrecido, mas Ruhn mal o escutou devido ao latejar em sua cabeça.

Ele havia se controlado o bastante para prestar atenção enquanto o pai completava suas notas.

— Que diabo está fazendo com essa coisa?

— Estudando como a luz se move pelo mundo. Como pode ser moldada.

— Não temos cientistas na UCLC fazendo essa merda?

— Os interesses deles não são os mesmos que os meus. — O pai o observou, então acrescentou, sem sombra de aviso: — Está na hora de analisar fêmeas para um casamento apropriado.

Ruhn piscou.

— Para você?

— Não se faça de bobo. — O pai fechou o caderno e se recostou na cadeira. — Você deve a sua linhagem um herdeiro... e a expansão de nossas alianças. O Oráculo previu que seria um rei justo e bom. Esse é o primeiro passo na direção certa.

Aos 13 anos, todo feérico, macho ou fêmea, fazia uma visita ao Oráculo como parte de um dos dois Grandes Ritos de passagem: primeiro o Oráculo, e então, alguns anos ou décadas mais tarde, o Ordálio.

Ruhn sentiu um nó no estômago ao se lembrar do primeiro rito, de muitos modos pior que o angustiante Ordálio.

— Não vou me casar.

— Casamento é um contrato político. Gere um herdeiro, então volte a foder quem bem entender.

Ruhn rosnou.

— *Não vou me casar.* Muito menos um casamento arranjado.

— Vai fazer o que lhe mandam.

— Você não é casado.

— Eu não precisava da aliança.

— Mas agora precisamos?

— Há uma guerra sendo travada além-mar, caso não tenha percebido. O conflito se agrava a cada dia e pode muito bem chegar até aqui. Não pretendo lutar sem garantias.

Com a pulsação martelando, Ruhn encarou o pai. O rei parecia absolutamente sério.

— Planeja me obrigar a casar para que tenhamos aliados sólidos na guerra? Não somos aliados dos asteri? — Ruhn conseguiu perguntar.

— Somos. Mas a guerra é um prelúdio. Estruturas de poder podem facilmente ser rearranjadas. Devemos mostrar como somos vitais e influentes.

Ruhn avaliou as palavras.

— Está se referindo a um casamento com alguém que não é feérico.

O pai devia estar mesmo preocupado, para sequer considerar algo tão raro.

— A rainha Hecuba morreu mês passado. Sua filha, Hypaxia, foi coroada a nova rainha-bruxa de Valbara.

Ruhn havia assistido aos noticiários. Hypaxia Enador era jovem, não tinha mais do que 26 anos. Não havia fotos da princesa, já que a mãe a mantivera enclausurada em sua fortaleza nas montanhas.

— Seu reinado será oficialmente reconhecido pelos asteri na Cimeira, no mês que vem. Vou uni-la aos feéricos pouco depois — continuou o pai.

— Está se esquecendo de que Hypaxia tem a própria opinião. Pode muito bem rir de sua proposta.

— Meus espiões dizem que ela vai acatar a velha amizade da mãe com nosso povo... estará insegura o

bastante como jovem monarca para aceitar a mão amiga que oferecemos.

Ruhn tinha a nítida sensação de estar sendo conduzido para uma teia, o Rei Outonal o atraindo cada vez mais para seu centro.

— Não vou me casar com ela.

— Você é o Príncipe Herdeiro dos Feéricos Valbaranos. Não tem escolha. — O rosto frio do pai se tornou tão parecido com o de Bryce que Ruhn se virou, incapaz de suportar. Era um milagre que ninguém ainda tivesse descoberto seu segredo. — O Chifre de Luna continua desaparecido.

Ruhn se voltou para o pai.

— E daí? O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Quero encontrá-lo.

O príncipe olhou para os cadernos, o prisma.

— Está desaparecido há dois anos.

— E agora tenho interesse em localizá-lo. O chifre pertencia aos feéricos. O interesse público em reavê-lo esmoreceu; agora é a hora de recuperá-lo.

O rei tamborilou um dedo na mesa. Algo o havia aborrecido. Ruhn repassou o que havia visto na agenda do pai naquela manhã, quando fez sua varredura superficial como comandante das tropas auxiliares feéricas. Reuniões com a nobreza feérica, um treino com sua guarda privada e...

— O encontro com Micah esta manhã correu bem, imagino.

O silêncio do pai confirmou suas suspeitas. O Rei Outonal o perfurou com os olhos cor de âmbar, assimilando a postura de Ruhn, sua expressão, tudo. Ruhn sabia que sempre deixaria a desejar, mas o pai disse:

— Micah queria discutir o fortalecimento das defesas da cidade, caso o conflito além-mar chegue até aqui. Ele deixou claro que os feéricos... não são mais o que um dia foram.

Ruhn enrijeceu.

— As unidades do Aux feérico estão tão em forma quanto as dos lobos.

— Não tem a ver com nossa força bruta, mas com nossa força como povo. — A voz do pai exsudava desgosto. — Há muito os feéricos têm esvanecido... nossa magia mingua a cada geração, como vinho aguado. Ele franziu o cenho para Ruhn. — O primeiro Príncipe Estrelado podia cegar um inimigo com um lampejo da própria luz. Você mal consegue invocar um brilho momentâneo.

Ruhn cerrou os dentes.

— O governador o provocou. E daí?

— Ele insultou nossa força. — O cabelo do pai fervilhava com fogo, como se os fios tivessem derretido. — Ele disse que primeiro desistimos do chifre, depois o perdemos, dois anos atrás.

— Foi roubado do Templo de Luna. Porra, não o *perdemos*. — Ruhn não sabia nada sobre o objeto, nem

se importara quando sumiu, dois anos antes.

— Deixamos um artefato sagrado de nosso povo ser usado como atração turística barata — disparou o pai. — E quero que *você* o encontre. — Para que pudesse esfregá-lo na cara de Micah.

Um macho mesquinho e irritante. Era tudo o que o pai era.

— O chifre não tem poder — lembrou Ruhn.

— É um símbolo... e símbolos sempre carregam um poder próprio. — O cabelo do pai brilhou mais forte.

Ruhn controlou a vontade de se encolher, o corpo ficando tenso com a lembrança da sensação da mão ardente do rei ao redor de seu braço, escaldando sua carne. Nenhuma sombra jamais fora capaz de apagá-la da memória.

— Ache o chifre, Ruhn. Se a guerra chegar a nossas praias, nosso povo vai precisar da relíquia de um jeito ou de outro.

Os olhos cor de âmbar do pai se inflamaram. O macho não havia lhe contado tudo.

Ruhn só podia pensar em uma coisa capaz de despertar tamanha ira: mais uma vez, a sugestão de Micah para que Ruhn substituísse o pai como Mestre de Cinco Rosas. Os rumores haviam circulado por anos, e o príncipe não tinha dúvida de que o arcanjo era esperto o bastante para saber quanto aquilo enfureceria o Rei Outonal. Com a proximidade da

Cimeira, Micah sabia que irritar o rei feérico com uma alusão a seu poder debilitado era um bom modo de assegurar que o Aux feérico se comportaria à altura, independentemente de qualquer guerra.

Ruhn arquivou a informação.

— Por que *você* não procura o chifre?

O pai soltou um suspiro pelo longo e fino nariz, e o fogo em sua postura se fundiu em brasas. O rei assentiu para a mão de Ruhn, onde a luz estelar brilhara.

— Tenho procurado. Por dois anos. — Ruhn piscou, mas o pai continuou: — O chifre pertencia, originalmente, a Pelias, o primeiro Príncipe Estrelado. É possível que os semelhantes se atraiam. Uma simples pesquisa pode revelar coisas a você que permanecem veladas aos outros.

Ruhn mal se importava em ler qualquer coisa atualmente, com exceção das manchetes e os relatórios do Aux. A perspectiva de se debruçar sobre tomos antigos para o caso de alguma coisa o surpreender enquanto um assassino corria solto...

— Vamos ter problemas com o governador se ficarmos com o chifre para nós.

— Então seja discreto, príncipe.

O pai abriu o caderno novamente. Fim de conversa.

Sim, aquilo nada mais era que uma massagem política no ego. Micah havia provocado o rei,

insultado sua força... e agora seu pai queria mostrar do que os feéricos eram capazes.

Ruhn rangeu os dentes. Ele precisava de uma bebida. Um maldito drinque.

A cabeça girava conforme caminhava até a porta, a dor de conjurar a luz estelar serpenteando com cada palavra arremessada contra ele.

Mandei você avisar àquela garota que ficasse quieta.

Ache o chifre.

Semelhantes se atraem.

Um casamento apropriado.

Gere um herdeiro.

Você deve a sua linhagem.

Ruhn bateu a porta atrás de si. Somente quando estava no meio do corredor foi que soltou uma gargalhada, um som áspero e penoso. Pelo menos o idiota ainda não sabia que o filho havia mentido sobre a previsão do Oráculo, tantas décadas antes.

A cada passo que dava para longe da vila do pai, Ruhn podia mais uma vez ouvir o sussurro sobrenatural do Oráculo interpretando a fumaça, enquanto ele tremia na sombria câmara de mármore:

A linhagem real acabará com você, príncipe.



Syrinx bateu com a pata na janela, o focinho espremido contra a vidraça. Havia sibilado sem descanso pelos últimos dez minutos, e Bryce, ansiosa para se acomodar nas almofadas fofas do sofá em L e assistir ao seu reality show favorito de terça à noite, enfim se virou para ver o motivo da confusão.

Pouco maior que um terrier, a quimera bufou e deu patadas na janela, o sol poente dourando a eriçada pelagem loura. A cauda comprida, com um tufo de penugem escura na ponta, como a de um leão, balançava de um lado para o outro. As pequenas orelhas caídas estavam coladas à cabeça redonda e peluda, as dobras de gordura e os pelos longos do pescoço — não exatamente uma juba — vibravam com seu ronronar, e as patas enormes, que terminavam em unhas como as de aves, agora pareciam...

— *Pare com isso!* Está arranhando o vidro!

Syrinx olhou por sobre as costas fortes e musculosas, o focinho enrugado, mais canino que qualquer outra coisa, e estreitou os olhos escuros. Bryce devolveu o olhar.

O restante do dia fora longo e bizarro e exaustivo, em especial depois que ela recebera a mensagem de Juniper dizendo que Fury a tinha alertado sobre a inocência de Briggs e o novo assassinato, e pedindo que Bryce tomasse cuidado. Ela duvidava de que a amiga soubesse de seu envolvimento na investigação, ou o anjo designado para trabalhar com a semifeérica, mas aquilo a havia magoado... só um pouco. Que Fury não tivesse se dignado a avisá-la pessoalmente. E que mesmo June o tivesse feito por mensagem, e não cara a cara.

Bryce tinha a impressão de que o dia seguinte seria igualmente cansativo... se não pior. Por isso brincar de cabo de guerra com uma quimera de mais de dez quilos não era sua definição de descontração.

— Você acabou de dar um passeio — lembrou a Syrinx. — *E* de ganhar uma porção extra de ração.

Syrinx soltou um *hmpf* e arranhou a janela outra vez.

— *Pare!* — sibilou ela. Sem convicção, claro, mas *tentou* soar autoritária.

Quando se tratava da pequena besta, controle era algo que ambas fingiam que a semifeérica possuía.

Gemendo, Bryce se levantou do ninho de travesseiros e, silenciosamente, caminhou pelo piso de madeira e carpete até a janela. Na rua abaixo, os carros passavam, alguns retardatários se arrastavam de volta para casa, e alguns clientes perambulavam de braços dados até um dos sofisticados restaurantes ao longo do rio, no fim do quarteirão. Acima deles, o sol poente manchava o céu de vermelho e dourado e cor-de-rosa, palmeiras e ciprestes oscilavam na fresca brisa primaveril, e... E um macho alado estava sentado no telhado em frente. Olhando para ela.

Ela conhecia aquelas penas cinzentas e o cabelo preto na altura dos ombros e o desenho dos ombros largos.

Guarda-costas, Micah dissera.

Besteira. Bryce tinha a nítida impressão de que o governador não confiava nela, independentemente do álibi que ela tivesse.

A semifeérica abriu um sorriso ofuscante para Hunt Athalar e fechou as cortinas pesadas.

Syrinx uivou quando foi surpreendido pelo movimento, desenganchando o pequeno corpo troncudo das dobras do tecido. A cauda chicoteava de um lado para o outro, e Bryce se preparou, as mãos no quadril.

— Estava *admirando* a vista?

Syrinx exibiu os dentes pontudos enquanto soltava outro uivo, trotava até o sofá e se jogava nas almofadas

aquecidas em que a semifeérica estivera sentada. O retrato do desespero.

Um momento depois, seu telefone vibrou na mesinha de centro. Bem na hora que o programa começava.

Ela não reconheceu o número, mas não ficou surpresa quando atendeu, jogando-se nas almofadas, e ouviu Hunt grunhir:

— Abra as cortinas. Quero ver o programa.

Ela colocou os pés descalços na mesa.

— Não sabia que anjos se permitiam assistir a porcarias na TV.

— Preferiria assistir ao jogo de solebol que está sendo transmitido agora, mas me contento com qualquer coisa.

A ideia do Umbra Mortis assistindo a uma competição de namoro era hilária o bastante para que Bryce pausasse o programa ao vivo. Pelo menos, poderia avançar os comerciais. — O que está fazendo no telhado, Athalar?

— Recebi ordens.

Que os deuses a livrassem.

— O fato de ter de me proteger não lhe dá o direito de invadir minha privacidade. — Ela podia ver a vantagem de tê-lo como guarda-costas, mas não precisava passar dos limites.

— Outras pessoas discordariam. — Ela abriu a boca, mas ele a interrompeu: — Recebo ordens. Não

posso desobedecê-las.

Ela sentiu um nó no estômago. Não, Hunt Athalar, com certeza, não desobedeceria suas ordens.

Nenhum escravizado o faria, vanir ou humano.

— E como, exatamente, conseguiu esse número? — perguntou ela, então, mudando de assunto.

— Está em seu arquivo.

Ela batucou o pé na mesa.

— Você fez uma visita ao príncipe Ruhn? — Ela teria dado um marco de ouro para ver o irmão enfrentar o assassino particular de Micah.

Hunt grunhiu.

— Isaiah fez. — Ela sorriu. — Procedimento-padrão.

— Então mesmo depois que seu chefe me incumbiu de encontrar o assassino, vocês acharam necessário checar meu álibi?

— Eu não criei as malditas regras, Quinlan.

— Hmm.

— Abra as cortinas.

— Não, obrigada.

— Ou você poderia me convidar e facilitar meu trabalho.

— Definitivamente não.

— Por quê?

— Porque você pode fazer seu trabalho muito bem desse telhado.

A risada de Hunt reverberou por seus ossos.

— Recebemos ordens de investigar esses assassinatos a fundo. Então odeio lhe dizer isso, amor, mas nossa relação está prestes a se tornar íntima e pessoal.

O modo como ele disse *amor* — com uma arrogância condescendente e depreciativa — a fez cerrar os dentes.

Bryce se levantou, andando na ponta dos pés até a janela sob o olhar atento de Syrinx, e abriu as cortinas o suficiente para ver o anjo parado no telhado à frente, telefone na orelha, as asas cinzentas ligeiramente afastadas, como contrapeso ao vento.

— Tenho certeza de que você se excita com todo esse lance de donzela em perigo, mas pediram a *mim* que chefiasse a investigação. Você é o reforço.

Mesmo do outro lado da rua, ela o viu revirar os olhos.

— Podemos ignorar essa babaquice de hierarquia?

Syrinx enfiou o focinho na panturrilha de Bryce, então se esfregou nas pernas dela para espiar o anjo.

— O que *é* esse seu bichinho de estimação?

— É uma quimera.

— Parece caro.

— Foi.

— Seu apartamento também parece bem caro. Aquela feiticeira deve pagá-la bem.

— Ela paga. — Verdade e mentira.

As asas do anjo se abriram.

— Já tem meu número. Me ligue se algo der errado ou parecer errado, ou se precisar de alguma coisa.

— Como uma pizza?

Ela viu com clareza o dedo médio que Hunt ergueu sobre a cabeça. Sombra da morte, com certeza.

— Você daria um ótimo entregador, com essas asas — ronronou Bryce. Mas anjos em Lunathion jamais desciam tão baixo. Nunca.

— Mantenha as malditas cortinas abertas, Quinlan. — Ele desligou.

Ela apenas acenou com ironia. E fechou as cortinas completamente.

O telefone vibrou com uma mensagem assim que ela se sentou de novo.

Você tem feitiços de proteção para o apartamento?

Ela revirou os olhos, digitando uma resposta: *Pareço estúpida?*

Hunt disparou uma réplica: *Alguma merda está acontecendo na cidade, e você foi agraciada com proteção de primeira... no entanto, está torrando meu saco por causa de limites. Acho que isso diz bastante sobre sua inteligência.*

Os dedos de Bryce correram pela tela enquanto ela franzia o cenho e digitava, *Por gentileza, vá voando se foder.*

Ela apertou enviar antes que pudesse refletir sobre a sensatez de dizer aquilo ao Umbra Mortis.

Ele não respondeu. Com um sorriso presunçoso, Bryce pegou o controle remoto.

Um *baque* contra a vidraça a sobressaltou, fazendo Syrinx disparar para as cortinas, uivando como se a cabeça peluda fosse explodir.

Bryce marchou ao redor do sofá, abrindo as cortinas, imaginando o que diabos Hunt havia jogado em sua janela...

O anjo caído pairava bem ali. Fuzilando-a com o olhar.

Bryce se recusou a recuar, apesar do coração acelerado. Recusou-se a fazer qualquer coisa, exceto abrir a janela com força, o vento das poderosas asas desarrumando seu cabelo.

— *O quê?*

Os olhos castanhos nem mesmo piscaram. Formidável... foi a única palavra que Bryce encontrou para descrever o belo rosto do anjo, cheio de linhas poderosas e malares angulosos.

— Você pode levar essa investigação do jeito mais fácil, ou escolher o mais difícil.

— Eu não...

— Me poupe. — O cabelo preto de Hunt balançava ao vento. O farfalhar e bater das asas abafava o tráfego abaixo... humanos e vanir agora o encarando boquiabertos. — Você não gosta de ser vigiada, ou paparicada, ou o que seja. — Ele cruzou os braços musculosos. — Nenhum de nós tem voz ativa

nesse acordo. Então, em vez de gastar saliva falando de limites, por que não faz aquela lista de suspeitos e dos movimentos de Danika?

— E por que você não para de me dizer o que devo fazer com meu tempo?

Ela podia jurar que sentiu cheiro de éter quando ele grunhiu.

— Vou ser bem claro com você.

— Óóótimo!

Hunt dilatou as narinas.

— Farei o que for preciso para resolver o caso. Mesmo que precise amarrá-la em uma cadeira até que escreva essas listas.

Ela sorriu.

— Sadomasoquismo. Bacana.

Os olhos de Hunt se anuviaram.

— Não. Se. Meta. Comigo.

— Sim, sim, você é o Umbra Mortis.

Ele arreganhou os dentes.

— Me chame do que quiser, Quinlan, desde que faça o que lhe mandam.

Maldito alfa babaca.

— Imortalidade é um tempo muito longo para se ter um pau gigante enfiado no rabo. — Bryce colocou as mãos no quadril. Pouco importava que sua bravata perdesse efeito com Syrinx pulando e dançando a seus pés.

Desviando o olhar da semifeérica, o anjo observou a mascote com as sobrancelhas arqueadas. A cauda de Syrinx acenou e abanou. Hunt bufou, como se a contragosto.

— Você é um bichinho esperto, não é? — Ele lançou um olhar condescendente para Bryce. — Mais esperto que a dona, ao que parece.

Mude o título para Rei dos Alfas Babacas.

Mas Syrinx se empinou. E Bryce sentiu o impulso estúpido e avassalador de esconder a quimera de Hunt, de qualquer um, de qualquer coisa. Era *sua*, de mais ninguém, e a semifeérica não parecia particularmente inclinada a receber outro alguém em sua pequena bolha...

O olhar de Hunt encontrou novamente o de Bryce.

— Tem alguma arma? — O puro brilho masculino naquele olhar lhe dizia que ele supunha que ela não tivesse.

— Me incomode novamente — disse Bryce, com doçura, antes de fechar a janela na cara do anjo. — E vai descobrir.

* * *

Hunt se perguntou em quanta confusão se meteria se jogasse Bryce Quinlan no Istros.

Depois da manhã que tivera, começava a achar que qualquer punição de Micah, ou até ser transformado em porco por Jesiba Roga, valeria a pena.

Apoiado em um poste, o rosto úmido pela garoa que pairava sobre a cidade, Hunt cerrou os dentes com força o bastante para doer. Àquela hora, os trabalhadores entupiam as ruas estreitas da Praça da Cidade Velha; alguns a caminho de seus postos nas inúmeras lojas e galerias, outros se dirigindo aos pináculos do DCC. Todos, entretanto, contemplavam suas asas, seu rosto, e desviavam dele.

Hunt os ignorou e checou as horas em seu telefone. Oito e quinze.

Havia esperado o bastante para fazer a ligação. Digitou o número e levou o telefone à orelha, ouvindo o toque uma, duas vezes...

— Por favor, me diga que Bryce está viva — atendeu Isaiah, a voz ofegante, de um modo que dizia a Hunt que o comandante estava no ginásio do quartel ou desfrutando da companhia do namorado.

— Por enquanto.

Uma máquina apitou, como se Isaiah diminuísse a velocidade de uma esteira.

— Vou querer saber por que está me ligando tão cedo? — instou ele. — Por que está na rua Samson?

Embora provavelmente Isaiah tenha rastreado sua localização através do sinal do telefone, Hunt ainda franziu o cenho para a câmera visível mais próxima.

Havia algumas escondidas nos ciprestes e palmeiras que ladeavam as calçadas, ou disfarçadas como irrigadores, despontado da grama úmida nos canteiros de flores, ou embutidas nos postes de ferro, como aquele em que se apoiava.

Alguém estava sempre observando. Em toda aquela maldita cidade, aquele maldito território, aquele maldito mundo, sempre havia alguém observando, as câmeras tão enfeitiçadas e tão bem guardadas que eram à prova de bombas. Mesmo que a cidade virasse pó sob a magia letal dos mísseis de enxofre da Guarda Asteriana, as câmeras continuariam a gravar.

— Está ciente — começou Hunt, a voz um grasnado baixo conforme uma fila de codornas serpenteava pela rua; alguma pequena família metamorfa, sem dúvida — que quimeras são capazes de arrombar fechaduras, abrir portas e saltar entre dois lugares como se estivessem caminhando de uma sala a outra?

— Não...? — respondeu Isaiah, arfando.

Aparentemente, Quinlan também não, já que se preocupava em manter uma gaiola para a criatura. Embora, talvez, a maldita criatura se destinasse, mais que qualquer outra coisa, a um tipo de distração específica, como as pessoas faziam com seus cães. Pois não havia como a quimera ser contida sem um conjunto de encantamentos.

Os Inferiores, classe de vanir à qual a quimera pertencia, tinham todo um arsenal de pequenos e interessantes poderes como aqueles. Era parte do motivo pelo qual atingiam preços exorbitantes no mercado. E por que, mesmo um milênio mais tarde, o Senado e os asteri haviam derrubado quaisquer tentativas de mudar as leis que os definiam como propriedade negociável. Os Inferiores eram muito poderosos, tinham alegado... incapazes de compreender as leis, com poderes e feitiços que poderiam se tornar disruptivos se eximidos dos vários encantamentos e tatuagens mágicas que os controlavam.

E eram muito lucrativos, em especial para os poderes vigentes, cujas famílias faturavam com o comércio.

Então permaneciam Inferiores.

Hunt recolheu as asas, uma de cada vez. A água refletia nas penas cinzentas como gemas cristalinas.

— Isso parece um pesadelo.

Isaiah tossiu.

— Você vigiou Quinlan por uma noite.

— Dez horas, para ser exato. Até sua quimera de estimação simplesmente *aparecer* do meu lado pela manhã, morder minha bunda para me despertar de um suposto cochilo, e, então, sumir novamente... de volta ao apartamento. Assim que Quinlan saiu do quarto e abriu as cortinas para me flagrar segurando

meu traseiro como um maldito idiota. *Você sabe* como são afiados os dentes de uma quimera?

— Não. — Hunt podia jurar que ouviu o riso na voz de Isaiah.

— Quando voei até sua janela para me explicar, ela ligou a música no máximo e me ignorou como uma pirralha mimada. — Com encantamento ao redor do apartamento suficiente para manter afastada uma horda de anjos, Hunt nem mesmo tentara entrar pela vidraça, já que tinha testado todas elas durante a noite. Então fora forçado a olhar ameaçadoramente pela janela... e retornar ao telhado pouco depois de Bryce sair do quarto vestindo nada mais que um top preto e uma calcinha fio-dental. O sorriso irônico para suas asas em retirada foi praticamente felino. — Só a vi de novo quando saiu para correr. Ela me mostrou o dedo do meio ao passar por mim.

— Então você foi até a rua Samson só para se aborrecer. Por que a urgência?

— A urgência, babaca, é que talvez eu a mate antes de encontrarmos o verdadeiro assassino. — Ele tinha muito a perder naquele caso.

— Só está puto porque ela não está se encolhendo de medo ou puxando seu saco.

— Como se eu quisesse alguém *puxando*...

— Onde está Quinlan agora?

— Fazendo as unhas.

A pausa de Isaiah soava como se ele estivesse prestes a explodir em uma gargalhada.

— Daí sua presença na rua Samson antes das nove.

— Espiando pela janela de um *salão de beleza* como um maldito stalker.

O fato de que Quinlan parecia indiferente ao assassino o irritava tanto quanto o comportamento dela. E Hunt não conseguia evitar a suspeita. Ele não sabia como ou por que ela teria matado Danika, o bando e Tertian, mas a semifeérica estivera ligada a todas aquelas mortes. Ela sabia alguma coisa... ou tinha feito algo

— Vou desligar agora. — O idiota estava sorrindo. Hunt sabia. — Você enfrentou exércitos inimigos, sobreviveu à arena de Sandriel, lidou com os arcanjos de igual para igual. — Isaiah riu. — Com certeza, uma garota baladeira não será um desafio. — O telefone ficou mudo.

Hunt cerrou os dentes. Através da janela de vidro do salão, ele podia discernir perfeitamente a silhueta de Bryce, sentada a uma mesa de mármore, as mãos esticadas para uma bela draki fêmea de escamas vermelho-douradas, que passava *outra* camada de esmalte em suas unhas. De quantas *precisava*?

Àquela hora, apenas algumas freguesas estavam sentadas ali dentro, unhas ou garras em meio ao processo de serem lixadas e pintadas e o que quer que

se fizesse em um salão de beleza. Mas todas continuavam a olhar pela janela. Para ele.

O anjo já havia recebido um olhar de advertência da metamorfa falcão de cabelo azul na recepção, mas ela não se atrevera a sair e pedir que parasse de incomodar as clientes e fosse embora.

Bryce continuava sentada, ignorando-o solenemente. Conversando e rindo com as fêmeas em meio à manicure.

Levara apenas alguns minutos para Hunt se lançar aos céus quando Bryce saíra do apartamento. Ele a seguira de cima, ciente de que as pessoas que se deslocavam para o trabalho o filmariam se aterrissasse ao lado da semifeérica no meio da rua e a estrangulasse.

Aparentemente, a corrida a guiou por quinze quarteirões. Bryce sequer tinha suado quando chegou ao salão, as roupas esportivas e justas molhadas pela garoa, e lhe lançou um olhar de advertência para que ficasse do lado de fora.

Aquilo havia acontecido uma hora antes. Uma hora inteira de brocas e lixas e tesouras sendo aplicadas em suas unhas, de um modo que teria feito a Corça em pessoa estremecer. Pura tortura.

Cinco minutos. Quinlan tinha mais cinco malditos minutos, então ele iria arrancá-la de lá. Micah devia ter enlouquecido... era a única explicação para pedir a ajuda da garota, em especial se ela priorizava as

unhas em detrimento de solucionar o assassinato da amiga.

O anjo não sabia por que estava surpreso. Depois de tudo que vira, de todos que conhecera e suportara, aquele tipo de merda deveria ter parado de aborrecê-lo havia muito tempo.

Alguém com a aparência de Quinlan teria se acostumado às portas que aquele corpo e rosto lhe abriam, sem nem um murmúrio de protesto. Ser mestiça tinha algumas desvantagens, sim... muitas, se fosse honesto sobre o funcionamento do mundo. Mas ela havia se dado bem. Na verdade, bem pra caralho, se o apartamento servia como indicativo.

A draki deixou o vidro de lado e agitou os dedos terminados em garras sobre as unhas de Bryce. A magia cintilou, esvoaçando o rabo de cavalo de Bryce como se um vento seco houvesse soprado.

Como a magia dos feéricos valbaranos, a dos drakis pendia para o fogo ou o vento. Nos climas ao norte de Pangera, ele havia conhecido drakis e feéricos cujo poder era capaz de conjurar água, chuva, bruma — magia elemental. Mas, até mesmo entre os reclusos, drakis e feéricos não empunhavam o relâmpago. Ele sabia, porque tinha procurado desesperadamente, na juventude, por qualquer um que pudesse ensiná-lo como controlar aquilo. No fim, teve de aprender sozinho.

Bryce examinou as unhas e sorriu. Em seguida, abraçou a fêmea. Ela a *abraçou*, porra. Como se fosse uma maldita heroína de guerra por ter feito suas unhas.

Hunt ficou surpreso que não tivesse desgastado os dentes até cotocos de tanto rangê-los quando a semifeérica enfim se dirigiu à saída, acenando para a metamorfa falcão na recepção, que presumivelmente lhe emprestara um guarda-chuva transparente.

A porta de vidro se abriu, e os olhos de Bryce encontraram os de Hunt.

— Está *brincando* comigo? — As palavras irromperam do anjo.

Ela abriu a sombrinha, quase arrancando um olho de Hunt.

— Tem algo melhor a fazer com seu tempo?

— Você me fez esperar na chuva.

— Você é um macho grande e durão. Acho que pode aguentar um pouco de água.

Hunt emparelhou com ela.

— Eu a mandei fazer aquelas listas. Não ir a um maldito salão de beleza.

Ela parou em um cruzamento, esperando que a fila de carros, para-choque com para-choque, passasse, e se aprumou. Não era nem de longe tão alta quanto ele, mas, de algum modo, parecia olhá-lo de cima, enquanto o encarava *de baixo*.

— Se é tão bom em investigar coisas, por que não se vira sozinho e me poupa o trabalho?

— Você recebeu uma ordem do governador. — As palavras soaram ridículas até mesmo para ele. Ela atravessou a rua, e ele a seguiu. — E achei que se sentiria pessoalmente motivada a descobrir quem está por trás disso.

— Não faça suposições sobre meus motivos. — Ela se desviou de uma poça de chuva. Ou de mijo. Na Praça da Cidade Velha, era impossível afirmar.

Ele se conteve para não empurrá-la para dentro da poça.

— Você tem algum problema comigo?

— Na verdade, não me importo o bastante com você para ter um problema.

— Idem.

Então os olhos de Bryce brilharam de verdade, como se um fogo distante fervilhasse dentro da semifeérica. Ela o estudou, medindo cada milímetro, e, de alguma maneira, de alguma maldita maneira, fez Hunt se sentir com 3 centímetros de altura.

Ele não disse nada até finalmente dobrarem na rua de Bryce.

— Você precisa fazer a lista de suspeitos e das atividades de Danika em sua última semana de vida — grunhiu ele.

Ela estudou as unhas, agora pintadas em um dégradé que ia do cor-de-rosa ao violeta. Como o céu

da aurora.

— Ninguém gosta de um resmungão, Athalar.

Eles chegaram ao arco em vidro do prédio de Bryce — concebido como uma barbatana, ele se dera conta na noite anterior —, e as portas se abriram, deslizando.

— Tchau — disse ela, alegre, o rabo de cavalo balançando.

— As pessoas podem vê-la procrastinando, Quinlan, e pensar que está tentando obstruir uma investigação oficial — disse ele, pausadamente. Se não podia forçá-la a trabalhar no caso, talvez conseguisse assustá-la para tanto.

Em especial com a verdade: ela não estava livre. Nem mesmo perto disso.

Os olhos dela faiscaram de novo, e, caramba, foi gratificante.

— Melhor se apressar. Não vai querer se atrasar para o trabalho — acrescentou ele, a boca em um meio-sorriso.

* * *

A ida à manicure havia valido a pena em tantos níveis, mas o ponto alto talvez tenha sido irritar Athalar.

— Não entendo por que não pode deixar o anjo entrar — queixou-se Lehabah, empoleirada sobre um velho círio. — Ele é tão bonito.

Nas entranhas da biblioteca da galeria, a papelada de clientes espalhada na mesa a sua frente, Bryce olhou de esguelha para a labareda em forma de fêmea.

— *Não* pingue cera nesses documentos, Lele.

A duende de fogo resmungou e sentou a bunda no pavio da vela mesmo assim. A cera escorreu pelos lados, o emaranhado de cabelos amarelos flutuando sobre sua cabeça... como se fosse, de fato, uma chama no formato de uma fêmea voluptuosa.

— Ele só fica sentado no telhado, nesse tempo horrível. Deixe ele descansar no sofá aqui embaixo. Syrinx disse que o anjo pode acariciar seus pelos, se precisar de uma tarefa.

Bryce suspirou para o teto pintado... o céu noturno retratado com amorosa dedicação. O imenso candelabro dourado pendurado no centro do espaço foi moldado como um sol, todas as outras luminárias em perfeito alinhamento com os sete planetas.

— A presença do anjo — começou ela, franzindo o cenho para a figura adormecida de Syrinx, no sofá de veludo verde — não é permitida aqui.

Lehabah soltou um muxoxo.

— Um dia, a chefe vai trocar meus serviços pelos de algum velhaco lascivo e você vai se arrepender de um dia ter me negado alguma coisa.

— Um dia, aquele velhaco lascivo vai obrigá-la a fazer seu trabalho e guardar esses livros, então você

vai se arrepender de ter passado todas essas horas de relativa liberdade emburrada.

A cera chiou na mesa. Bryce jogou a cabeça para cima.

Lehabah estava esparramada de bruços na vela, uma das mãos pendurada ao lado do corpo. Perigosamente perto dos documentos sobre os quais Bryce havia se debruçado pelas últimas três horas.

— *Não* ouse.

Lehabah girou o braço, de modo que a tatuagem em meio à carne incandescente ficasse à mostra. As letras tinham sido estampadas em seu braço logo depois do nascimento, confessara a duende. *SPQM*. Desenhadas na pele de todo duende — de fogo ou água ou terra, não importava. Punição por terem se juntado à rebelião dos anjos duzentos anos antes, quando ousaram protestar contra seu status de peregrini. De Inferiores. Os asteri foram ainda mais longe do que escravizar e torturar os anjos. Após o levante, haviam decretado que todo duende — não apenas os que se juntaram a Shahar e a sua legião — seriam escravizados e expulsos da Casa de Céu e Sopro. Todos os seus descendentes seriam andarilhos e escravizados também. Para sempre.

Foi um dos episódios mais espetacularmente fodidos da história da República.

Lehabah suspirou.

— Compre minha liberdade de Jesiba. E então posso ir morar em seu apartamento e aquecer sua comida e seus banhos.

Ela podia fazer bem mais que aquilo, Bryce sabia. Tecnicamente, a magia de Lehabah ultrapassava a de Bryce. Mas a maioria dos não humanos podia alegar o mesmo. E, muito embora maior que o de Bryce, o poder de Lehabah era ainda uma brasa quando comparado às chamas dos feéricos. Às chamas de seu pai.

Bryce pousou o recibo de compras do cliente.

— Não é tão fácil, Lele.

— Syrinx me disse que você se sente sozinha. Eu posso animá-la.

Em resposta, a quimera expôs a barriga, a língua pendurada para fora do focinho, e roncou.

— Primeiro, meu prédio não permite duendes de fogo. *Ou* de água. São o pesadelo das seguradoras. Segundo, não posso simplesmente pedir a Jesiba para levá-la. Ela pode muito bem querer se livrar de você *porque* eu pedi alguma coisa.

Lehabah apoiou o queixo redondo na mão e pingou outra gota de cera perigosamente próximo da papelada.

— Ela lhe vendeu Syrinx.

Cthona lhe desse paciência!

— Jesiba *me deixou comprar* Syrinx porque minha vida estava fodida e eu tinha surtado quando ela ficou

entediada e tentou se livrar da quimera.

— Porque Danika morreu — disse a duende de fogo, baixinho.

Bryce fechou os olhos por um instante.

— Sim — admitiu então.

— Não devia xingar tanto, BB.

— Então você não vai gostar nada do anjo.

— Ele liderou meu povo em batalha... *e* é um membro de minha casa. Mereço conhecê-lo.

— Até onde sei, essa batalha acabou mal e, graças a ela, os duendes de fogo foram expulsos da Casa de Céu e Sopro.

Lehabah se sentou, pernas cruzadas.

— A filiação às casas não é algo que um governo possa decretar. Nosso banimento foi apenas no papel.

Era verdade. Mas, ainda assim, Bryce argumentou:

— O que os asteri e seu Senado dizem é o que vale.

Lehabah tinha sido a guardiã da biblioteca da galeria por décadas. A lógica ditava que sagrar um duende de fogo para vigiar uma biblioteca era uma ideia idiota, mas, quando um terço dos livros no local não queria outra coisa se não fugir, matar ou comer alguém — não necessariamente nessa ordem —, ter um duende de fogo para mantê-los na linha valia o risco. Assim como aturar o incansável tagarelar de Lehabah, ao que parecia.

Uma pancada no mezanino. Como se um livro tivesse mergulhado da estante por vontade própria.

Lehabah sibilou naquela direção, ficando de um azul profundo. Papel e couro sussurraram quando o livro encontrou seu lugar novamente.

Bryce sorriu, em seguida o telefone do escritório tocou. Uma olhada para a tela a fez estender a mão para o aparelho enquanto sibilava para a duende:

— Volte para o seu poleiro, *agora*.

Lehabah havia acabado de alcançar o domo de vidro, de onde mantinha sua vigília de fogo sobre os errantes livros da biblioteca, quando Bryce atendeu.

— Boa tarde, chefe.

— Algum progresso?

— Ainda investigando. Como está Pangera?

Jesiba não se dignou a responder.

— Temos um cliente às duas horas — disse a feiticeira em vez disso. — Esteja pronta. E pare de deixar Lehabah fofocar. Ela tem trabalho a fazer. — A linha ficou muda.

Bryce se levantou da mesa em que estivera trabalhando durante toda a manhã. Os painéis de carvalho da biblioteca abaixo da galeria pareciam antigos, mas eram equipados com tecnologia avançada e os melhores encantamentos que o dinheiro podia comprar. Sem contar o sistema de som de primeira, do qual se aproveitava com frequência quando Jesiba estava na outra margem do Haldren.

Não que dançasse ali embaixo... não mais. Atualmente, a música servia apenas para evitar que o zumbido das primaluces a enlouquecesse. Ou para abafar os monólogos de Lehabah.

Prateleiras revestiam cada parede, intercaladas apenas por mais ou menos uma dúzia de pequenos tanques e terrários, ocupados por toda sorte de pequenos animais comuns: lagartos e cobras e tartarugas e vários roedores. Bryce sempre se perguntava se eram pessoas que haviam irritado Jesiba. Nenhum exibia sinais de consciência, o que parecia ainda mais aterrorizante se fosse verdade. Não teriam apenas sido transformados em animais, mas também se esquecido totalmente de que um dia foram algo mais.

Naturalmente, Lehabah havia batizado todos eles, cada nome mais ridículo que o outro. *Noz-moscada* e *Gengibre* eram os nomes das lagartixas no tanque perto de Bryce. Irmãs, alegara Lehabah. *Srta. Papoula* era como se chamava a cobra alvinegra no mezanino.

Mas Lehabah nunca dera nome a nada no tanque maior. O enorme aquário que ocupava uma parede inteira da biblioteca e cuja extensão de vidro emanava um brilho aquoso. Por misericórdia, no momento estava vazio.

No ano anterior, Bryce tentou advogar em favor de Lehabah pela compra de algumas enguias iridescentes para encher o azul sombrio com uma

cintilante luz de arco-íris. Jesiba havia negado e, em vez disso, adquirido um kelpie de estimação, que se esfregava no vidro com toda a *finesse* de um universitário doidão.

Bryce havia se assegurado de que aquele filho da puta fosse presenteado a um cliente *bem* depressa.

A semifeérica se preparou para o trabalho que a aguardava. Não a papelada ou o cliente... mas o que tinha de fazer naquela noite. Que os malditos deuses a ajudassem quando Athalar descobrisse.

Mas a ideia da expressão do anjo quando percebesse o que ela planejara... Sim, seria satisfatório.

Se ela sobrevivesse.



A raiz-alegre que Ruhn fumara com Flynn havia dez minutos talvez fosse mais potente do que o amigo insinuara.

Deitado na cama, com fones de ouvido feéricos especialmente desenhados para as orelhas pontudas, o príncipe fechou os olhos e deixou o baque surdo e o fervilhar crescente do sintetizador da música o alçar às alturas.

O pé calçado na bota marcava o ritmo constante, o batucar dos dedos entrelaçados sobre o estômago ecoando cada tremor das notas bem, bem acima. Cada fôlego o afastava ainda mais da consciência, como se a própria mente tivesse sido arrancada uns bons metros de onde em geral repousava, como um capitão no leme do navio.

Uma calma densa o derreteu, osso e sangue se metamorfoseando em ouro líquido. Cada nota

ondulava através do feérico. Cada agressão e palavra afiada e irritação se esvaía dele e rastejava da cama, como uma serpente.

Ruhn ignorou esses sentimentos conforme se esgueiravam para longe. Sabia que havia sido tão afetado pela raiz-alegre de Flynn graças às horas que passara ruminando as ordens idiotas do pai.

Seu pai podia ir para o Inferno.

A raiz-alegre envolveu sua mente com braços macios e doces, e o arrastou para sua piscina brilhante.

Ruhn se deixou afogar, sereno demais para fazer outra coisa que não deixar a música inundá-lo, o corpo afundando no colchão, até que atravessasse sombra e luz estelar. Os acordes da música pairavam acima, fios dourados que brilhavam com som. Ainda mexia o próprio corpo? As pálpebras pareciam muito pesadas para que as abrisse e verificasse.

O perfume de lilás e noz-moscada encheu o quarto. Fêmea, feérica...

Se uma das fêmeas se divertindo no andar de baixo tivesse invadido seu quarto, na esperança de uma boa e suada cavalgada em um príncipe dos feéricos, ficaria profundamente desapontada. Ele não estava em condições de trepar no momento. Pelo menos, não uma foda que valesse a pena.

Suas pálpebras pareciam absurdamente pesadas. Ele devia abri-las. Onde diabo estava o controle de seu

corpo? Até mesmo suas sombras o abandonaram, longe demais para invocá-las.

O perfume se intensificou. Ele conhecia aquele cheiro. Conhecia tão bem quanto...

Ruhn se levantou, sobressaltado, os olhos se abrindo para se deparar com a irmã, parada ao pé da cama.

A boca de Bryce se movia, olhos da cor do uísque cheios de humor ácido, mas ele não conseguia ouvir uma palavra do que ela dizia, nem uma...

Ah. Certo. Os fones de ouvido. A música estrondosa.

Piscando com força, rangendo os dentes para resistir às tentativas da droga de arrastá-lo outra vez para baixo, baixo, baixo, Ruhn tirou os fones e apertou o botão de pausa.

— O que foi?

Bryce se recostou na cômoda de madeira lascada. Pelo menos, vestia roupas normais para variar. Mesmo que o jeans parecesse pintado no corpo e que o suéter cor de creme não deixasse nada à imaginação.

— Eu disse que você vai explodir os tímpanos ouvindo música nessa altura.

A cabeça de Ruhn girou conforme ele estreitava os olhos, piscando diante do halo de luz estelar que dançava ao redor da cabeça da irmã a seus pés. Ele piscou de novo, sufocando as auras que enevoavam sua visão, e o brilho se foi. Outro piscar, e estava lá.

Bryce bufou.

— Não está alucinando. Estou parada aqui.

A boca do príncipe parecia a milhares de quilômetros, mas ele conseguiu falar.

— Quem a deixou entrar?

Declan e Flynn estavam no andar de baixo, acompanhados de meia-dúzia de seus melhores guerreiros feéricos. O tipo de gente que não queria nem a um quarteirão da irmã.

Bryce ignorou a pergunta, franzindo o cenho para o canto do quarto. Para uma pilha de roupa suja coroada por Áster, que ele havia jogado ali. A espada também brilhava com luz estelar. Ele poderia jurar que a maldita espada cantava. Ruhn balançou a cabeça, como se para clarear os ouvidos.

— Preciso falar com você — dizia Bryce enquanto isso.

A última vez que havia visitado aquele quarto, Bryce tinha 16 anos e Ruhn passara as horas anteriores limpando o lugar... e a casa toda. Cada bong e garrafa de álcool, cada calcinha que jamais fora devolvida à dona, cada traço e cheiro de sexo e de drogas e de toda merda estúpida que ele fazia ali haviam sido escondidos.

E a irmã tinha ficado naquele mesmo lugar em sua última visita. Parada ali enquanto gritavam um com o outro.

Passado e presente se confundiam, a silhueta de Bryce encolhendo e expandindo, o rosto adulto se fundindo à suavidade adolescente, a luz nos olhos cor de âmbar quente e fria, a visão do príncipe assimilando a cena que cintilava com luz estelar, luz estelar, luz estelar.

— Droga — resmungou Bryce, e se encaminhou para a porta. — Você é patético.

— Aonde vai? — Ruhn conseguiu perguntar.

— Pegar água. — Ela escancarou a porta. — Não posso falar com você assim.

Ocorreu a ele, então, que aquilo tinha de ser importante, se ela não apenas havia ido até ali, como parecia ansiosa para deixá-lo desperto. E que ainda existia uma chance de tudo não passar de alucinação, mas ele não a deixaria se aventurar por aquele antro de pecado desacompanhada.

Com pernas que pareciam ter 15 quilômetros de extensão, pés que pesavam meia tonelada, Ruhn saiu tropeçando atrás da irmã. O corredor sombrio escondia a maior parte das manchas na tinta branca... fruto das inúmeras festas que ele e os amigos haviam organizado nos cinquenta anos em que haviam dividido a casa. Bem, eles tinham aquela casa havia vinte anos... e só se mudaram porque a primeira tinha literalmente começado a desabar. A bem da verdade, a casa atual talvez não durasse mais que dois anos.

Bryce estava na metade da grande escadaria em curva, as primaluces do candelabro de cristal refletiam o cabelo ruivo naquele halo brilhante. Como não notara que o lustre estava torto? Devia ter acontecido quando Declan pulara do corrimão e se pendurara ali, tomando impulso e bebendo goles da garrafa de uísque. Ele caíra um instante depois, bêbado demais para conseguir se segurar.

Se o Rei Outonal ou qualquer Mestre da Cidade soubesse das merdas que faziam naquela casa, jamais permitiria que Ruhn liderasse a divisão feérica do Aux. E Micah jamais o indicaria como sucessor do pai naquele conselho.

Mas ficar chapado era apenas para as noites de folga. Nunca quando estava de serviço ou de sobreaviso.

Bryce alcançou o piso gasto de carvalho no primeiro andar, contornando a mesa de beer-pong que ocupava quase todo o hall de entrada. Alguns copos se espalhavam pela manchada superfície de compensado, decorada com o que todos consideravam uma obra-prima de Flynn: uma enorme cabeça de um macho feérico devorando um anjo inteiro, apenas as asas esfarrapadas visíveis entre os dentes. A pintura parecia ondular conforme Ruhn descia as escadas, e o príncipe poderia jurar que a imagem havia piscado para ele.

Sim, água. Precisava de água.

Bryce cruzou a sala de estar, onde a música retumbava tão alta que fez os dentes de Ruhn chacoalharem dentro do crânio.

Ele chegou em tempo de ver Bryce passando pela mesa de bilhar nos fundos do cômodo longo e cavernoso. Alguns guerreiros do Aux reunidos ao seu redor, fêmeas também, estavam concentrados no jogo.

Tristan Flynn, filho de Lorde Hawthorne, presidia a competição de uma poltrona ali perto, com uma bela dríade no colo. A luz vidrada em seus olhos castanhos espelhava os de Ruhn. Flynn abriu um sorriso torto quando Bryce se aproximou. Em geral, bastava um olhar e as fêmeas se esgueiravam para o colo de Tristan Flynn, como a ninfa das árvores, ou — se o olhar fosse mais ameaçador — os inimigos batiam em retirada.

Charmoso como o diabo e letal pra caralho. Deveria ter sido o lema da família Flynn.

Bryce não parou ao cruzar por ele, indiferente à clássica beleza feérica e aos músculos consideráveis, mas exigiu, por sobre o ombro:

— Que porra deu a ele?

Flynn se inclinou para a frente, desenganchando o curto cabelo castanho dos dedos longos da dríade.

— Como sabe que fui eu?

Bryce caminhou na direção da entrada em arco para a cozinha, nos fundos do cômodo.

— Porque você também parece chapado.

Declan chamou do sofá em L no outro canto da sala, um laptop no colo e um macho draki *muito* interessante meio esparramado sobre ele, passando as garras por seu cabelo ruivo escuro.

— Ei, Bryce, a que devemos o prazer da visita?

Bryce apontou o polegar na direção de Ruhn.

— Tomando conta do Escolhido. Como andam as frescuras tecnológicas?

Em geral, Declan Emmet não gostava que ninguém depreciasse a lucrativa carreira que havia construído para si, calcada em invasões a websites da República, seguidas de cobranças indecentes para revelar as fragilidades do sistema, mas o feérico sorriu.

— Ainda acumulando marcos.

— Bacana — disse Bryce, entrando na cozinha e saindo de vista.

Alguns dos guerreiros do Aux agora encaravam a cozinha com flagrante interesse nos olhos.

— Ela não é para o bico de vocês, idiotas — rosnou Flynn, devagar.

Bastou apenas aquilo. Não foi preciso nem mesmo um açoite com a hera mágica da terra de Flynn, rara entre os feéricos valbaranos, propensos ao fogo. Os outros imediatamente voltaram sua atenção ao jogo de sinuca. Ruhn lançou um olhar agradecido ao amigo e seguiu a irmã...

Mas Bryce já estava de volta à soleira, garrafa de água na mão.

— Sua geladeira é pior que a minha — declarou ela, empurrando a garrafa para ele e voltando à sala. Ruhn tomou um gole enquanto o sistema de som ao fundo martelava as notas de abertura de uma canção, guitarras trinando, e ela inclinou a cabeça, ouvindo, analisando.

Era um instinto feérico... a atração, e o amor, pela música. Talvez o único aspecto de sua herança que ela não renegava. Ele se lembrou de quando, adolescente, ela lhe mostrava suas coreografias. A irmã sempre lhe parecera tão incrivelmente feliz. Ruhn nunca tivera a chance de perguntar por que parara de dançar.

Ruhn suspirou, procurando se *concentrar*.

— Por que está aqui? — perguntou a ela.

Bryce parou perto do sofá em L.

— Já disse: preciso falar com você.

Ruhn manteve a expressão impassível. Não se lembrava da última vez que a irmã havia se importado em procurá-lo.

— Por que sua prima precisaria de um motivo para conversar conosco? — perguntou Flynn, murmurando algo ao ouvido delicado da dríade, que a fez caminhar até o grupo de três amigas perto da mesa de bilhar, os quadris estreitos balançando, como um lembrete do que ele perderia se esperasse demais.

— Flynn grunhiu: — Ela sabe que somos os machos mais charmosos da cidade.

Nenhum de seus amigos jamais desconfiou da verdade... ou, pelo menos, revelou suas suspeitas. Bryce afastou o cabelo do ombro enquanto Flynn levantava da cadeira.

— Tenho coisas melhores a fazer...

— Que perder tempo com feéricos fracassados — terminou Flynn por ela, caminhando até o bar embutido na parede. — Sim, sim. Você já disse isso centenas de vezes. Mas veja só: aqui está você, perdendo tempo conosco em nosso humilde lar.

Apesar do jeito despreocupado, um dia Flynn herdaria o título do pai: Lorde Hawthorne. O que significava que, nas últimas décadas, o guerreiro fez tudo o que podia para se esquecer daquele pequeno detalhe... e dos séculos de responsabilidades que isso implicava. Ele se serviu de um drinque, em seguida preparou um segundo, que deu a Bryce.

— Beba, docinho.

Ruhn revirou os olhos. Mas... era quase meia-noite e ela estava na casa deles, em uma das ruas mais perigosas da Praça da Cidade Velha, com um assassino à solta.

— Você recebeu ordens para *ser discreta*...

Ela acenou com a mão, sem tocar o uísque na outra.

— Minha escolta imperial está lá fora espantando todo mundo, não se preocupe.

A dupla de amigos ficou imóvel. O macho draki interpretou aquilo como a deixa para se afastar, indo na direção do jogo de bilhar atrás deles enquanto Declan se virava para encará-la.

— Quem? — perguntou Ruhn, apenas.

Um sorriso discreto.

— Esta casa é mesmo digna do *Escolhido*? — perguntou Bryce, girando o uísque no copo.

Os lábios de Flynn tremeram. Ruhn lhe lançou um olhar de aviso, como se desafiasse o amigo a trazer à tona aquela merda de Estrelado. Fora da vila e da corte do pai, tudo que aquilo lhe trouxera fora uma vida de provocações dos amigos.

— Vamos ouvir Bryce — grunhiu Ruhn.

Era bem provável que ela estivesse ali apenas para irritá-lo.

Mas ela não respondeu de imediato. Não, Bryce traçava círculos em uma almofada, completamente alheia aos três guerreiros feéricos. Tristan e Declan eram os melhores amigos de Ruhn desde que ele podia se lembrar, e sempre o defenderam, incondicionalmente. Que fossem guerreiros altamente treinados e eficientes era irrelevante, muito embora tenham salvado um ao outro mais vezes do que Ruhn poderia enumerar. Passar por seus Ordálios juntos havia apenas consolidado aquela ligação.

O Ordálio por si só variava de acordo com cada pessoa: para algumas, podia ser tão simples quanto superar uma doença ou um conflito íntimo. Para outras, podia ser matar uma hidra ou um demônio. Quanto maior o feérico, maior o Ordálio.

Ruhn estivera aprendendo a controlar suas sombras com os detestáveis primos de Avallen, acompanhado dos dois amigos, quando todos passaram pelo Ordálio, quase morrendo no processo. Tudo culminara com a entrada de Ruhn na nubilosa Caverna dos Príncipes, então sua aparição com Áster, salvando a todos.

E, quando ele havia completado a Descida semanas depois, fora Flynn, recém-saído da própria experiência, que o tinha ancorado.

— O que está havendo? — perguntou Declan, a voz profunda trovejando sobre a música e as conversas.

Por um segundo, a confiança de Bryce pareceu vacilar. Ela os estudou: suas roupas casuais, os esconderijos onde guardavam as armas naquela casa, as botas pretas e as facas ali dentro. Os olhos de Bryce encontraram os de Ruhn.

— Sei o que essa expressão significa — gemeu Flynn. — Significa que não quer que a gente escute.

Bryce não desviou os olhos de Ruhn ao dizer:

— Sim.

Declan fechou o laptop.

— Vai mesmo ficar cheia de mistério e essas merdas?

Ela olhou de Declan para Flynn, inseparáveis desde o nascimento.

— Vocês, babacas, são dois bocudos.

Flynn deu uma piscadela.

— Achei que gostasse de minha boca.

— Vai sonhando, lordezinho. — Bryce sorriu com malícia.

Declan riu, o que lhe rendeu uma cotovelada de Flynn e o copo de uísque de Bryce.

Ruhn tomou um gole de sua água, na tentativa de clarear as ideias.

— Chega dessa merda — vociferou ele. Toda aquela raiz-alegre ameaçava cobrar seu preço conforme guiava Bryce de volta ao quarto. Quando chegaram, ele se sentou na cama. — E aí?

Bryce se apoiou na porta, a madeira salpicada pelos buracos de todas as facas que Ruhn cravara ali em preguiçosos treinos de pontaria.

— Preciso que me diga se ouviu algum boato sobre o que a Rainha Víbora anda tramando.

Aquilo não era nada bom.

— Por quê?

— Porque preciso falar com ela.

— Você ficou *maluca*?

De novo, aquele sorriso irritante.

— Maximus Tertian foi morto em seus domínios. O Aux tem alguma informação sobre a movimentação da rainha naquela noite?

— Sua chefe mandou você investigar? — Aquilo cheirava a Roga.

— Talvez. Sabe de alguma coisa? — Ela inclinou a cabeça outra vez, a sedosa cortina de cabelo, igual à do pai, oscilou com o gesto.

— Sim. O assassinato de Tertian foi... igual ao de Danika e do bando.

Qualquer traço de sorriso sumiu do rosto da irmã.

— Não foi Philip Briggs. Quero descobrir o que a Rainha Víbora andou aprontando naquela noite. Se o Aux sabe algo sobre seus movimentos.

Ruhn balançou a cabeça.

— Por que está metida nisso?

— Porque me pediram para investigar.

— Não se meta nessa merda. Peça dispensa a sua chefe. Isso é um problema para o governador.

— E o governador ordenou que eu procurasse o assassino. Ele acredita que sou a ligação entre os crimes.

Ótimo. Simplesmente fantástico. Isaiah Tiberian havia se esquecido de mencionar aquele detalhe.

— Você falou com o governador?

— Apenas responda à pergunta. O Aux sabe alguma coisa sobre o paradeiro da Rainha Víbora na noite do assassinato de Tertian?

Ruhn suspirou.

— Não. Ouvi dizer que ela tirou seu pessoal das ruas. Alguma coisa a assustou. Mas é tudo que sei. E, mesmo que soubesse do álibi da Rainha Víbora, não diria a você. Fique longe dessa porra. Vou ligar para o governador e avisá-lo de que sua carreira de detetive particular chegou ao fim.

Aquela expressão gélida — a expressão do pai — cruzou o rosto de Bryce. O tipo de expressão que lhe dizia haver uma tempestade cruel e selvagem se armando sob o exterior frio. E poder e adrenalina, tanto para pai quanto para filha, não tinham a ver com força bruta, mas com controle pessoal, dos impulsos.

O mundo via sua Bryce como impulsiva, descontrolada... mas Ruhn sabia que a irmã havia se tornado senhora do próprio destino antes mesmo de conhecê-la. Ela apenas era uma daquelas pessoas que, quando decidia o que queria, não deixava nada se colocar em seu caminho. Se queria trepar por aí, ela o fazia. Se queria farrear por três dias, ela o fazia. Se queria pegar o assassino de Danika...

— Vou descobrir quem está por trás das mortes — disse ela, com fúria velada. — Se tentar interferir, vou transformar sua vida num Inferno.

— O demônio que aquele assassino conjurou é *letal*. — Ele havia visto as fotos da cena do crime. A ideia de que Bryce fora salva por meros minutos, por

pura estupidez alcoólica, ainda o consumia. Ruhn continuou antes que ela pudesse responder: — O Rei Outonal *ordenou* que você se mantivesse discreta até a Cimeira... isso é o completo oposto, Bryce.

— Bem, faz parte de minhas funções agora. Jesiba assinou embaixo. Não posso simplesmente recusar, posso?

Não. *Ninguém* dizia não àquela feiticeira.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça jeans.

— Ela já mencionou alguma coisa sobre o Chifre de Luna?

Bryce ergueu as sobrancelhas com a mudança de assunto, mas, considerando a área de atuação de Jesiba Roga, a irmã era a pessoa ideal para responder.

— Ela me pediu para procurá-lo, há dois anos — respondeu Bryce, desconfiada. — Mas não encontrei nada. Por quê?

— Deixe pra lá. — Ruhn encarou o pequeno amuleto de ouro no pescoço da irmã. Pelo menos Jesiba havia providenciado aquele grau de proteção. Cara... e poderosa. Amuletos archesianos não eram baratos, não quando havia tão poucos no mundo. Ele assentiu para o pendente. — Não o tire do pescoço.

Bryce revirou os olhos.

— Todo mundo nesta cidade acha que sou idiota?

— Falo sério. Além das merdas de sua vida profissional, se está procurando por alguém forte o

bastante para invocar um demônio como aquele, não tire o cordão.

Ao menos podia lembrá-la de ser esperta.

Ela apenas abriu a porta.

— Se ouvir qualquer coisa sobre a Rainha Víbora, me ligue.

Ruhn enrijeceu, o coração retumbante.

— *Não a provoque.*

— Tchau, Ruhn.

O feérico estava desesperado o bastante para dizer:

— Vou com você para...

— *Tchau.* — Em seguida, ela desceu as escadas, acenando daquele jeito irritante pra caralho para Declan e Flynn, antes de rebolar porta afora.

Os amigos lançaram olhares curiosos na direção de Ruhn, parado no patamar do segundo andar. Declan interrompeu um gole no uísque a meio caminho dos lábios.

Ruhn contou até dez, no mínimo para não partir o objeto mais próximo em dois, depois pulou sobre a balaustrada e aterrissou com tanta força que as arranhadas tábuas de carvalho tremeram.

Ele sentiu, mais do que viu, os amigos se posicionarem a suas costas, as mãos alcançando as armas escondidas, drinques esquecidos quando viram a fúria em seu semblante. Ruhn irrompeu pela porta da frente para a noite vibrante.

Bem a tempo de ver Bryce desfilando pela rua. Na direção do maldito Hunt Athalar.

— Que diabos — murmurou Declan, parando ao lado de Ruhn no alpendre.

O Umbra Mortis parecia irritado, braços cruzados, asas ligeiramente abertas, mas Bryce apenas valsou por ele sem nem um olhar. Obrigando Athalar a se virar *devagar*, os braços relaxando na lateral do corpo, como se tal coisa jamais tivesse acontecido em sua longa e miserável existência.

Foi a gota d'água para deixar Ruhn com um humor assassino.

O príncipe atravessou a varanda e o gramado, parando no meio da rua, e ergueu a mão para um carro que freou, guinchando os pneus. A mão acertou o capô, dedos crispados. O metal dentado abaixo do punho.

O motorista, sabiamente, não gritou.

Ruhn marchava entre dois sedãs estacionados, Declan e Flynn logo atrás, no momento que Hunt deu meia-volta para descobrir o motivo da confusão.

Um brilho de compreensão surgiu nos olhos do anjo, rapidamente substituído por um meio-sorriso.

— Príncipe.

— Que diabo está fazendo aqui?

Hunt ergueu o queixo na direção de Bryce, já desaparecendo rua abaixo.

— Serviço de proteção.

— Certamente não a está vigiando. — Isaiah Tiberian havia se esquecido de mencionar *aquilo* também.

Um dar de ombros.

— Não por escolha. — O halo em sua testa pareceu mais sombrio conforme avaliava Declan e Flynn. A boca de Athalar arqueou, os olhos cor de ônix faiscando com um desafio mudo.

A concentração do poder de Flynn fez a terra sob a calçada vibrar. O sorriso presunçoso de Hunt apenas se alargou.

— Diga ao governador que coloque outra pessoa no caso — ordenou Ruhn.

O sorriso de Hunt se aguçou.

— Sem chance. Não quando se trata de minha especialidade.

O príncipe se exasperou com a arrogância. Claro, Athalar era um dos melhores caça-demônios que havia, mas, porra, Ruhn aceitaria até Tiberian naquele caso no lugar do Umbra Mortis.

Um ano antes, o Comandante da 33ª Legião não fora estúpido o bastante para se interpor entre os dois quando Ruhn, já farto dos comentários ferinos de Athalar, atracou-se com o anjo na requintada festa do Equinócio de Primavera, que Micah organizava todo mês de março. Ele havia quebrado algumas costelas do anjo, mas o babaca havia acertado um soco que tinha deixado o nariz do guerreiro feérico quebrado e

espirrado sangue pelo piso de mármore do salão de baile na cobertura do Comitium. Nenhum dos dois havia se enfurecido o bastante para libertar seus poderes no meio de um salão lotado, mas os punhos de ambos fizeram um bom trabalho.

Ruhn avaliou em quanta encrenca se meteria se socasse o assassino particular do governador outra vez. Talvez fosse o bastante para fazer Hypaxia Enador recusar sua mão.

— Já descobriu que tipo de demônio fez aquilo? — perguntou Ruhn.

— O tipo que come princesinhas no café da manhã — cantarolou Hunt.

Ruhn arreganhou os dentes.

— Vá se foder, Athalar.

Um relâmpago cintilou nos dedos do anjo.

— Deve ser fácil rosnar quando se é bancado pelo papai. — Hunt apontou para a casa. — Ele a comprou para você também?

As sombras de Ruhn assomaram para encarar o relâmpago que coroava os punhos de Athalar, fazendo os carros parados a suas costas cintilarem. Ele havia aprendido com os primos de Avallen como tornar as sombras sólidas... e a empunhá-las como chicotes e escudos e a provocar puro tormento. Físico e mental.

Mas misturar magia e drogas nunca foi uma boa ideia. Então os punhos teriam de bastar. E só precisaria de um golpe, bem no rosto de Athalar...

— Não é a hora nem o lugar — rosnou Declan.

Não, não era. Até mesmo Athalar pareceu notar as pessoas atônitas, os telefones erguidos, gravando tudo. E a fêmea ruiva que chegava ao fim do quarteirão.

— Tchau, babacas. — Hunt sorriu, irônico, e seguiu Bryce, relâmpagos lambendo a calçada em seu encalço.

— Não a deixe encontrar a porra da Rainha Víbora — grunhiu Ruhn para as costas do anjo.

Athalar olhou por sobre o ombro, as asas cinzentas recolhidas. Um piscar de olhos disse a Ruhn que o Umbra Mortis não estava ciente dos planos de Bryce. Um arrepio de satisfação trespassou o feérico. Mas Athalar continuou a descer a rua, as pessoas coladas aos prédios para lhe abrir passagem. A atenção do guerreiro permanecia no pescoço exposto de Bryce.

Flynn sacudiu a cabeça como um cão molhado.

— Literalmente não sei dizer se estou alucinando no momento.

— Bem que eu queria estar — resmungou Ruhn.

Ele precisaria fumar outra montanha de raiz-alegre para relaxar novamente. Mas, se Hunt Athalar estava vigiando Bryce... Ele ouvira rumores suficientes para saber o que Hunt era capaz de fazer a um adversário. Além de ser um desgraçado de primeira, ele tinha a fama de ser incansável, obstinado e absolutamente brutal quando se tratava de eliminar ameaças.

Hunt tinha de obedecer a ordem de protegê-la. Custasse o que custasse.

Ruhn os estudou conforme se afastavam. Bryce acelerava; Hunt a alcançava. Ela diminuía o passo; ele fazia o mesmo. Ela o forçava para fora, para fora, para fora do meio-fio, na direção do trânsito; ele mal evitava um carro se desviando e voltava à calçada.

O príncipe ficou tentado a segui-los, apenas para assistir ao cabo de guerra.

— Preciso de um drinque — murmurou Declan.

Flynn concordou, e os dois voltaram para a casa, deixando Ruhn sozinho na rua.

Podia ser mesmo coincidência os assassinatos recomeçarem justo quando o pai lhe dera a ordem para achar um objeto que havia desaparecido uma semana antes da morte de Danika?

Parecia... estranho. Como um sussurro de Urd, guiando a todos.

Ruhn planejava descobrir o motivo. Começando por achar aquele chifre.



— Vou ganhar uma explicação para o motivo de precisar segui-la como um cachorro a noite toda? — perguntou Hunt, assim que a semifeérica havia conseguido empurrá-lo para o meio do trânsito.

Bryce enfiou a mão no bolso do jeans e pegou um pedaço de papel. Depois o entregou ao anjo, sem dizer uma palavra.

Ele franziu o cenho.

— O que é isso?

— Minha lista de suspeitos — respondeu ela, deixando que ele lesse os nomes antes de arrancar o papel de suas mãos.

— Quando fez isso?

— Na noite passada. No sofá — respondeu ela, com doçura.

Um músculo latejou no queixo de Hunt.

— E quando ia me dizer?

— Depois que você passasse um dia inteiro me imaginando como uma fêmea insípida e idiota, mais interessada em fazer as unhas do que em resolver o caso.

— Você *fez* as unhas.

Ela balançou as belas unhas pintadas em dégradé diante do rosto dele. Hunt parecia quase inclinado a mordê-las.

— Sabe o que *mais* fiz na noite passada? — O silêncio do anjo soava delicioso. — Pesquisei um pouco sobre Maximus Tertian. Porque, apesar do que o governador alega, não há como Danika tê-lo conhecido. E sabe do que mais? Eu tinha razão. E sabe como eu sei que tinha razão?

— Cthona, dai-me a porra da paciência — murmurou ele.

— Porque xeretei o perfil do vampiro no Spark.

— O site de relacionamentos?

— O site de relacionamentos. Acontece que, bem lá no fundo, até mesmo vampiros esquisitos querem encontrar o amor. E dizia que ele estava em um relacionamento. O que, aparentemente, não o impediu de dar em cima de mim, mas isso não vem ao caso. Então eu investiguei um pouco *mais*. E descobri a namorada.

— Porra.

— Não tem gente na 33ª que devia estar fazendo essas coisas? — Quando ele se recusou a responder,

ela sorriu. — Adivinhe onde a namorada de Tertian trabalha?

Os olhos de Hunt faiscaram.

— No salão de beleza da rua Samson — respondeu ele, entre os dentes.

— E adivinhe quem fez minhas unhas e fofocou sobre a terrível perda do namorado podre de rico?

Ele passou as mãos pelo cabelo, parecendo tão incrédulo que ela soltou uma gargalhada.

— Pare com a porra das perguntas e apenas me diga, Quinlan — rosnou ele.

Ela examinou as lindas unhas novas.

— A namorada de Tertian não sabia nada sobre quem poderia querê-lo morto. Ela disse que a 33ª a interrogou vagamente, mas só isso. Então eu lhe disse que também tinha perdido alguém. — Precisou se esforçar para manter a voz firme quando se lembrou daquele apartamento sujo de sangue. — Ela me perguntou quem, eu respondi, então me encarou com uma expressão tão perplexa que sondei se Tertian era amigo de Danika. Ela me disse que não. Disse que saberia se fosse o caso, porque Danika era famosa o bastante para Maximus se gabar de uma amizade com ela. O mais próximo de Danika que ela ou Tertian haviam chegado fora a dois graus de separação... por intermédio da Rainha Víbora. Cujas unhas ela faz aos domingos.

— Danika conhecia a Rainha Víbora?

Bryce ergueu a lista.

— O trabalho de Danika nas tropas auxiliares a fazia amiga e inimiga de muitas pessoas. A Rainha Víbora era uma delas.

Hunt empalideceu.

— Acha mesmo que a Rainha Víbora matou Danika?

— Tertian foi encontrado morto em seus domínios. Ruhn disse que ela recolheu seu pessoal naquela noite. E ninguém sabe que tipo de poderes a rainha empunha. Pode muito bem ter conjurado aquele demônio.

— É uma acusação bem grave de se fazer.

— Motivo pelo qual preciso sondá-la. É a única pista que temos.

Hunt balançou a cabeça.

— Tudo bem. Posso engolir essa teoria. Mas precisamos acionar os canais certos para contatá-la. Pode levar dias ou semanas até que ela se digne a nos receber. Até mais, se desconfiar de nossas intenções.

Para alguém como a Rainha Víbora, até a lei era flexível.

Bryce bufou.

— Não seja tão caga-regra.

— As regras foram feitas para nos manter vivos. Nós as seguiremos ou esqueça a rainha.

Ela acenou com a mão.

— Certo.

Um músculo latejou no queixo do anjo novamente.

— E quanto a Ruhn? Acaba de arrastar seu primo para essa confusão.

— Meu primo — começou ela, tensa — vai ser incapaz de resistir à tentação de contar ao pai que um membro da raça feérica foi recrutado para uma investigação imperial. Como ele vai reagir, com quem vai se comunicar, pode ser digno de nota.

— O que... Acha que o Rei Outonal pode ser o responsável?

— Não. Mas, na noite do assassinato de Tertian, Ruhn recebeu ordens para me avisar que ficasse longe de problemas... talvez o maldito velho saiba de alguma coisa também. Sugiro que avise a sua gente para vigiá-lo. O que faz e aonde vai.

— Pelos Deuses — murmurou Hunt, passando pelos atônitos pedestres. — Você quer que eu coloque alguém na cola do Rei Outonal, como se isso não violasse umas dez leis diferentes?

— Micah disse para fazer o que fosse necessário.

— O Rei Outonal tem carta branca para matar qualquer um que seja surpreendido vigiando-o.

— Então é melhor pedir a seus espiões que sejam discretos.

Hunt estalou as asas.

— Não faça mais joguinhos. Se souber de algo, me conte.

— Eu ia contar tudo essa manhã, quando terminasse no salão. — Ela colocou as mãos no quadril. — Mas então você surtou.

— Dane-se, Quinlan. Não repita isso. Precisa me contar antes de fazer qualquer coisa.

— Estou ficando de saco cheio de suas ordens e proibições.

— Dane-se — repetiu ele.

Ela revirou os olhos, mas haviam chegado a seu prédio.

Nenhum deles se incomodou em se despedir antes que Hunt se lançasse aos céus, na direção do telhado oposto, o telefone já colado ao ouvido.

Bryce pegou o elevador até seu andar, remoendo tudo aquilo em silêncio. Falara a sério quando conversara com Hunt... não acreditava que o pai estivesse por trás das mortes de Danika e do bando. Mas não tinha dúvidas de que ele havia matado outras pessoas. E de que faria qualquer coisa para manter a coroa.

O título de Rei Outonal era uma cortesia que acompanhava o papel do pai como Mestre da Cidade, assim como acontecia com os demais reis feéricos. Nenhum reino era realmente deles. Até mesmo Avallen, a ilha verde governada pelo Rei Cervo, ainda se curvava à República.

Os feéricos tinham convivido com a República desde sua fundação, obedecendo às leis, mas, em

última instância, tendo a permissão de governar a si mesmos e preservar os antigos títulos de reis e príncipes e coisas afins. Ainda eram respeitados por todos... e temidos. Não tanto quanto os anjos, com seus hediondos e destrutivos poderes de tempestade, mas podiam infligir dor, se assim quisessem. Estrangular o ar dos pulmões ou congelar e queimar alguém de dentro para fora. Solas sabia que Ruhn e seus dois amigos podiam criar o caos se provocados.

Mas ela não queria provocar caos naquela noite. Queria deslizar, discretamente, para seu equivalente em Midgard.

Precisamente por isso, esperou trinta minutos antes de enfiar uma faca na bota de cano curto de couro preto e esconder algo ainda mais perigoso na parte de trás da cintura da calça jeans escura, coberto pela jaqueta de couro. Deixou as luzes e a televisão ligadas, as cortinas parcialmente fechadas... apenas o suficiente para impedir a visão que Hunt tinha da porta da frente enquanto saía.

Bryce se esgueirou pela escada dos fundos até o beco estreito onde sua lambreta estava estacionada, e inspirou fundo para tomar coragem antes de colocar o capacete.

O trânsito estava engarrafado quando desacorrentou a Firebright 3500 marfim do poste e a guiou até os paralelepípedos. Ela esperou outras lambretas, riquixás e motos passarem antes de se

lançar no fluxo, o mundo afunilado pela viseira de seu capacete.

A mãe ainda reclamava da lambreta, implorando que guiasse um carro até completar a Descida, mas Randall sempre insistiu que Bryce ficaria bem. Claro, ela nunca contara a eles sobre os vários *incidentes* envolvendo a máquina, mas a mãe tinha uma expectativa de vida humana. Bryce não precisava subtrair mais anos do total.

Bryce desceu uma das principais vias da cidade, perdendo-se no ritmo de costurar entre os carros e se desviar de pedestres. O mundo era um borrão de luz dourada e sombras profundas, néon berrante acima, tudo acentuado pelos estouros e brilhos tremeluzentes de magia de rua. Até mesmo as estreitas pontes que atravessava, espraiadas sobre os pequenos afluentes do Istros, eram enfeitadas por luzes cintilantes, que dançavam sobre a sombria correnteza abaixo.

Bem acima da rua Principal, uma luminosidade prateada cobria o céu noturno, pintando as nuvens fugidias onde os malakim se divertiam e jantavam. Apenas um reflexo vermelho interrompia o brilho pálido, cortesia do imenso letreiro luminoso sobre o arranha-céu das indústrias Redner, no coração do Distrito Comercial Central.

Poucas pessoas caminhavam pelas ruas do DCC àquela hora, e Bryce se certificou de atravessar os

cânions de arranha-céus o mais rápido possível. Soube que havia chegado ao Mercado da Carne não por qualquer rua ou referência, mas por conta da mudança nas trevas.

Nenhuma luz manchava os céus acima do amontoado de prédios de tijolos. E, ali, as sombras pareciam permanentes, presas aos becos e embaixo dos carros, a maioria dos postes de luz quebrados e nunca consertados.

Bryce entrou em uma rua apertada, onde alguns caminhões de entrega amassados estavam no processo de descarregar caixas de espinhosas frutas verdes e engradados de criaturas com jeito de crustáceo, que pareciam muito cientes de sua prisão e iminente morte nas panelas de água fervente em uma das muitas barracas de comida.

Tentou não encarar os olhos sombrios esbugalhados daquelas coisas que imploravam por ajuda através das barras de madeira enquanto estacionava a alguns metros de um armazém duvidoso, tirava o capacete e aguardava.

Vendedores e comerciantes a observavam para apurar se estava vendendo ou à venda. Nos viveiros abaixo, talhados a fundo no seio de Midgard, havia três diferentes níveis apenas para carne. A maioria humana; a maioria viva, embora a semifeérica tenha ouvido falar de alguns locais especializados em atender determinados gostos. Todo fetiche podia ser

comprado; nenhum tabu era vil demais. Mestiços eram valorizados: podiam cicatrizar mais rápido e mais satisfatoriamente do que humanos puros. Um investimento melhor a longo prazo. Um vanir eventual se encontrava escravizado, preso com tantos encantamentos que não tinha a menor esperança de escapar. Apenas os mais ricos podiam se dar o luxo de pagar algumas horas em sua companhia.

Bryce verificou as horas no relógio do painel da lambreta. Cruzando os braços, ela se recostou no assento de couro preto.

O Umbra Mortis se chocou contra o chão, rachando os paralelepípedos em um círculo encrespado.

Os olhos de Hunt praticamente brilharam conforme dizia, na frente de todos que se encolhiam na rua:

— *Vou matá-la.*



Hunt investiu contra Bryce, pisando nos fragmentos de paralelepípedos de sua aterrissagem. Havia captado seu perfume de lilás e noz-moscada no vento assim que a semifeérica saíra pela porta dos fundos do prédio, e, quando ele descobriu para onde, exatamente, ela dirigia aquela lambreta...

Bryce tivera a ousadia de arregaçar a manga da jaqueta de couro, franzir o cenho para o punho, como se estivesse usando um maldito relógio, e dizer:

— Está dois minutos atrasado.

Ele ia esganá-la. Alguém devia ter feito isso há muito tempo.

Bryce sorriu como se dissesse que gostaria de vê-lo tentar e rebolou até o anjo, lambreta e capacete esquecidos.

Inacreditável. Inacreditável, porra.

— Não existe a menor chance de a lambreta estar aqui quando voltarmos.

Bryce pestanejou, ajeitando o cabelo amassado pelo capacete.

— Ainda bem que você fez uma entrada dramática. Ninguém vai ousar tocar nela agora. Não com o Umbra Mortis como meu companheiro irascível.

De fato, as pessoas se encolhiam sob seu escrutínio, algumas se escondendo atrás de engradados enquanto Bryce se dirigia para as portas abertas de um labirinto de armazéns, interconectados pelo subterrâneo, que compunha os quarteirões do distrito.

Nem mesmo Micah postava legionários ali. O Mercado da Carne tinha as próprias leis e os próprios meios de cumpri-las.

— Eu disse a você que há protocolos a observar se quisermos a chance de encontrar a Rainha Víbora...

— Não estou aqui para encontrar a Rainha Víbora

— O quê? — A Rainha Víbora tinha governado o Mercado da Carne por mais tempo do que qualquer um podia lembrar. Hunt fazia questão, assim como qualquer civil ou legionário, de ficar fora da porra do caminho da metamorfa serpentina cuja forma de cobra, diziam os rumores, era um verdadeiro horror de se contemplar. Antes que Bryce pudesse responder,

ele continuou: — Estou cansado dessa merda, Quinlan.

Ela arreganhou os dentes.

— Lamento — sibilou a semifeérica — se seu frágil ego não consegue lidar com o fato de que *eu sei o que estou fazendo, porra.*

Hunt abriu e fechou a boca. Tudo bem, ele a havia julgado mal naquela manhã, mas ela não tinha lhe dado o menor sinal de que estivesse remotamente interessada na investigação. Ou de que não estivesse tentando obstruí-la.

Bryce atravessou as portas do armazém sem mais nenhuma palavra.

Ser da 33ª Legião — ou qualquer outra — era como exibir um alvo pintado nas costas, e, antes de seguir Bryce, Hunt havia verificado se as armas estavam posicionadas nas bainhas ardilosamente embutidas em sua armadura.

O ranço de corpos e fumaça recobria o lugar como óleo. Hunt recolheu bem as asas.

Qualquer medo que houvesse incutido nas pessoas das ruas não tinha relevância no mercado, abarrotado de tendas decrépitas, vendedores e barracas de comida, a fumaça pairando por toda parte, o fedor de sangue e centelha de magia acre em suas narinas. E, acima de tudo, de encontro à parede ao fundo do enorme espaço, havia um imponente mosaico, os azulejos retirados de um antigo templo em Pangera,

restaurado e recriado nos mínimos detalhes, apesar de sua horrível representação: a morte com seu manto, o rosto esquelético sorrindo do capuz, foice em uma das mãos; ampulheta na outra. Sobre sua cabeça, palavras foram talhadas na mais antiga língua da República.

Memento Mori.

Lembre-se de que és mortal. O propósito era um convite à diversão, ao gozo de cada momento como se fosse o último, como se o amanhã não fosse garantido, mesmo para os longevos vanir. *Lembre-se de que você vai morrer e aproveite cada prazer que o mundo tem a oferecer. Lembre-se de que você vai morrer e nada dessa merda ilegal fará a menor diferença. Lembre-se de que você vai morrer, então, que importa quantas pessoas possam sofrer devido a suas ações?*

Bryce passou pela imagem, o cabelo brilhando como o coração de um rubi. As luzes iluminavam o couro gasto da jaqueta, deixando em evidência as palavras pintadas em letras coloridas e femininas. A tradução foi instintiva, também da antiga língua, como se a própria Urd tivesse escolhido aquele momento para esfregar as velhas palavras em seu rosto.

Por amor, tudo é possível.

Uma frase tão bonita parecia piada em um lugar como aquele. Olhos brilhantes, que cobiçavam

Quinlan das barracas e sombras, rapidamente se desviavam quando o notavam ao seu lado.

Hunt precisou de força de vontade para não a arrastar daquele buraco. Muito embora quisesse solucionar o caso, com apenas dez lindas mortes entre ele e a liberdade, ir até ali fora um risco colossal. De que lhe valeria a liberdade se acabasse em uma lixeira atrás de um daqueles armazéns?

Talvez aquele fosse o objetivo da semifeérica. Atraí-lo até ali... usar o próprio Mercado da Carne para matá-lo. Parecia improvável, mas ele ficaria de olho na fêmea.

Bryce conhecia o caminho. Conhecia alguns dos vendedores, pelos acenos trocados. Hunt catalogou cada um: o metalúrgico especializado em intrincados mecanismos; a vendedora de frutas com exóticos produtos em exibição; a fêmea com rosto de coruja e seu mostruário de pergaminhos e livros encadernados em materiais que eram tudo, menos couro de vaca.

— O metalúrgico me ajuda a identificar se um artefato é falso — explicou Bryce, sussurrando, enquanto serpenteavam pelo vapor e pela fumaça de um mercado de comida. Como ela notara que ele estava observando, Hunt não fazia ideia. — E a mulher das frutas recebe remessas de durião no início da primavera e do outono... a comida predileta de Syrinx. Empesteia a casa toda, mas ele adora. — Ela se desviou de uma lata de lixo quase transbordando com

pratos descartáveis e ossos e guardanapos sujos antes de subir uma escada instável até o mezanino que ladeava o piso do armazém, com portas a cada poucos metros.

— E os livros? — Hunt não conseguiu se controlar.

Ela parecia estar contando as portas, em vez de olhar a numeração. Não *havia* números, ele percebeu.

— Os livros — respondeu Bryce — são história para outra ocasião.

Ela parou na frente de uma porta verde-ervilha, descascada e profundamente lascada em alguns pontos. Hunt farejou, tentando discernir o que havia por trás. Nada, até onde conseguia detectar. Sutilmente, ele assumiu uma posição de ataque, levando as mãos às armas.

Bryce abriu a porta sem se importar em bater, revelando velas luzidias e... salmoura. Sal. Fumaça e algo mais que ressecou os olhos do anjo.

Ela atravessou o corredor estreito até a espaçosa sala de estar deteriorada à frente. Franzindo o cenho, Hunt fechou a porta e a seguiu, as asas bem fechadas para evitar que tocassem as paredes oleosas e em ruínas. Se ela morresse, Micah retiraria sua oferta.

Velas brancas e marfim queimavam de modo irregular enquanto Bryce caminhava sobre o tapete verde puído, e Hunt controlou a agitação. Um sofá velho e rasgado parecia jogado contra uma parede, uma suja poltrona de couro, com metade do

enchimento exposta, estava encostada na outra, e, ao redor da sala, sobre mesas e pilhas de livros e cadeiras meio quebradas, havia jarras e tigelas e xícaras cheias de sal.

Sal branco, sal preto, sal cinzento... em grãos de todos os tamanhos: de quase pó e flocos, até enormes e grosseiros pedaços. Sais para proteção contra poderes sombrios. Contra demônios. Muitos vanir haviam construído suas casas com placas de sal como pedra angular. Havia boatos de que toda a fundação do palácio de cristal dos asteri era uma laje de sal. De que ele fora erguido sobre um depósito natural.

Maldito Inferno. Ele nunca havia visto um sortimento assim. Quando Bryce espiou pelo corredor à esquerda, onde as sombras davam lugar a três portas, Hunt sibilou:

— Por favor, me diga...

— Guarde a cara feia e o revirar de olhos para si mesmo — vociferou ela na escuridão. — Estou aqui para comprar, não cobrar.

Uma das portas se entreabriu, e um sátiro de pele pálida e cabelo preto gingou até eles, as pernas peludas escondidas por calças. O chapéu de mensageiro devia ocultar pequenos chifres curvos. O som de cascos o denunciava.

O macho mal batia no peito de Bryce, o corpo encolhido e sinuoso tinha a metade do tamanho dos touros que Hunt já vira destroçar pessoas nos campos

de batalha. E que ele mesmo havia enfrentado nas arenas de Sandriel. As pupilas horizontais do macho, com cantos arredondados como as de um bode, se expandiram.

Medo... e não pela presença de Hunt, o anjo se deu conta, sobressaltado.

Bryce mergulhou os dedos em uma vasilha de estanho com sal rosa, pegando alguns cristais e os deixando cair no prato com um tamborilar fraco e oco.

— Preciso de obsidiana.

O sátiro se remexeu, batendo os cascos de leve, e esfregou o pálido pescoço peludo.

— Não trabalho com isso.

Ela sorriu com suavidade.

— Ah? — Ela foi até outra tigela, mexendo o sal fino e preto. — Rocha pura de sal de obsidiana da melhor qualidade. Sete quilos e sete gramas. Agora.

— É ilegal. — O macho engoliu em seco.

— Está citando o lema do Mercado da Carne ou tentando me dizer que, de algum modo, *não* tem o que preciso?

Hunt esquadrinhou o cômodo. Sal branco para limpeza; rosa para proteção; cinza para feitiços, vermelho para... esqueceu para que diabos servia aquele. Mas obsidiana... Merda.

Recorreu a séculos de prática para manter a expressão impassível. Sais pretos eram usados para

conjurar demônios diretamente — evitando por completo a Fenda do Norte — ou para vários feitiços sombrios. Um sal que ia além do preto, um como a *obsidiana*... podia invocar algo grande.

O Inferno fora segregado de seu mundo no tempo e no espaço, mas ainda era acessível através dos portais gêmeos selados nos polos Norte e Sul, a Fenda do Norte e a Fenda do Sul, respectivamente. Ou por idiotas que tentavam conjurar demônios através de sais de diferentes intensidades.

Um monte de merda, sempre pensara Hunt. A vantagem do uso de sais, pelo menos, era que apenas um demônio podia ser invocado por vez. Embora, se as coisas corressem mal, o invocador pudesse acabar morto. E o demônio acabar preso em Midgard, faminto.

Era o motivo pelo qual as aberrações existiam em seu mundo, afinal: a maioria tinha sido caçada depois daquelas guerras havia muito travadas entre os reinos, mas, de vez em quando, demônios se libertavam. Eles se reproduziam, em geral pela força.

O resultado daquelas uniões horríveis: os daemonaki. A maioria dos que andavam por aí eram encarnações mais fracas, diluídas e híbridas dos demônios puro-sangue no Inferno. Muitos eram párias, não por qualquer pecado cometido, mas pela própria genética, e, em geral, trabalhavam duro pela inclusão na República. Mas o mais débil demônio

puro-sangue recém-saído do Inferno podia parar uma cidade inteira em sua voracidade. E, por séculos, Hunt fora encarregado da tarefa de rastreá-los.

Aquele sátiro devia ser um excepcional traficante, se negociava sal de obsidiana.

Bryce deu um passo na direção do sátiro. O macho recuou. Os olhos cor de âmbar brilhavam com diversão feroz, sem dúvida uma herança de seu lado feérico. Muito diferente da baladeira de unhas feitas.

Hunt ficou tenso. Ela não podia ser tão tola, podia? A ponto de lhe mostrar que sabia como e quão facilmente adquirir o mesmo tipo de sal que provavelmente fora usado para conjurar o demônio que matara Tertian e Danika? Outro *X* se desenhou na coluna de "Suspeita" na mente do anjo.

Bryce ergueu um dos ombros.

— Posso chamar sua rainha. Ver o que ela acha disso.

— Você... você não tem hierarquia para *convocá-la.*

— Não — concordou Bryce. — Não tenho. Mas aposto que se for até o andar principal e começar a chamar pela Rainha Víbora, ela vai se arrastar daquela arena para ver o motivo da confusão.

Solas Flamejante, ela falava sério, não?

Suor brotou da testa do sátiro.

— Obsidiana é muito perigosa. Não posso, em sã consciência, vendê-la.

— Foi o que falou quando a vendeu a Philip Briggs para fabricar suas bombas? — cantarolou Bryce.

Hunt enrijeceu. O sátiro exibia uma palidez doentia. Ele olhou para Hunt, notando a tatuagem em seu cenho, a armadura que usava.

— Não sei do que está falando. Eu... eu fui inocentado pelos investigadores. Nunca vendi nada a Briggs.

— Tenho certeza de que ele pagou à vista para não rastrearem o dinheiro — argumentou Bryce, bocejando. — Olhe, estou cansada e faminta, e nada a fim de brincar. Diga seu preço para que eu possa ir embora.

Aqueles olhos caprinos encontraram os da semifeérica.

— Cinquenta mil marcos de ouro.

Bryce sorriu enquanto Hunt segurava a língua.

— Sabia que minha chefe pagou cinquenta mil para assistir a um bando de cães infernais destroçarem um sátiro? Disse que foi o melhor minuto de toda a sua miserável vida.

— Quarenta e cinco.

— Não me faça perder tempo com ofertas sem sentido.

— Meu mínimo é trinta. Para esse absurdo de obsidiana.

— Dez.

Dez mil marcos de ouro ainda era uma quantia exorbitante. Mas sais de invocação eram extraordinariamente valiosos. Quantos demônios Hunt havia caçado por causa deles? Quantos corpos desmembrados tinha visto, fruto de conjurações malsucedidas? Ou bem, se fosse um ataque coordenado?

Bryce ergueu o telefone.

— Em cinco minutos, devo ligar para Jesiba, dizendo que o sal está em meu poder. Em seis minutos, se eu *não* fizer a ligação, alguém vai bater àquela porta. E não vai estar atrás de mim.

Sinceramente, Hunt não sabia dizer se Quinlan estava blefando. Com certeza, não teria lhe contado... podia ter recebido a ligação da chefe enquanto ele ainda estava sentado no telhado. Se Jesiba Roga lidava com qualquer merda que exigisse obsidiana, tanto para uso próprio quanto em nome do Sub-Rei... Talvez Bryce não fosse culpada, mas, em vez disso, cúmplice.

— Quatro minutos — anunciou Bryce.

Suor escorria pela têmpora e caía na barba cerrada do sátiro. Silêncio.

Apesar das próprias suspeitas, Hunt tinha o péssimo pressentimento de que a missão ia ser uma moleza ou um pesadelo. Se lhe rendesse o prêmio desejado, pouco importava qual dos dois.

Bryce se empoleirou no braço puído da cadeira e começou a digitar no telefone, o retrato de uma jovem mulher evitando interação social.

O sátiro se virou para Hunt.

— Você é o Umbra Mortis. — Ele engoliu em seco, nitidamente. — É um dos triários. Você nos protege... serve ao governador.

Antes que Hunt conseguisse responder, Bryce ergueu o telefone para lhe mostrar a foto de dois filhotes gordos, rechonchudos.

— Veja o que meu primo acaba de adotar — comentou ela. — Este aqui é Osíris, e o da direita, Set. — Ela abaixou o telefone antes que ele pudesse responder, os polegares voando sobre a tela.

Mas ela olhou para Hunt por entre os cílios fartos. *Siga minha deixa*, parecia dizer.

— Cachorros fofos — disse ele, então.

O sátiro soltou um pequeno ganido de desespero. Bryce levantou a cabeça, a cortina de cabelo ruivo banhado de prata pela luz da tela.

— Achei que estaria correndo para pegar o sal a essa altura. Talvez devesse, considerando que tem... — um olhar para o telefone, dedos voando — ah. Noventa segundos.

Ela abriu o que parecia ser uma tela de conversa e começou a digitar.

— V-vinte mil — sussurrou o sátiro.

Ela ergueu um dedo.

— Estou respondendo a meu primo. Me dê dois segundos.

O sátiro tremia tanto que Hunt quase sentiu pena. Quase, até...

— Dez, dez, maldição! Dez!

Bryce sorriu.

— Não precisa gritar — ronronou ela, e pressionou um botão que fez o telefone começar a chamar.

— Sim? — A feiticeira atendeu ao primeiro toque.

— Prenda seus cachorros.

Uma risada rouca, feminina.

— Feito.

Bryce abaixou o telefone.

— Bem?

O sátiro se apressou até os fundos, cascos ecoando no piso gasto, e, um minuto depois, apresentou um pacote embrulhado. Cheirava a mofo e sujeira. Bryce ergueu uma das sobrancelhas.

— Coloque em uma sacola.

— Não tenho uma...

Bryce o encarou. O sátiro encontrou uma. Uma sacola de compras manchada e reaproveitada, mas melhor que carregar a lasca em público.

Bryce pesou o sal em suas mãos.

— Tem peso a mais.

— Tem sete e sete! Exatamente o que pediu! Está tudo dividido em sete!

Sete... o número sagrado. Ou profano, dependendo de a quem se adorava. Os sete asteri, as sete colinas da Cidade Eterna, os sete distritos e sete portões da Cidade da Lua Crescente; os sete planetas e os sete círculos do Inferno, com seus sete príncipes, cada um mais sombrio que o anterior.

Bryce inclinou a cabeça.

— Se eu pesar e não tiver...

— Tem! — gritou o sátiro. — Inferno Sombrio, tem!

Bryce apertou alguns botões em seu telefone.

— Dez mil, transferidos para você!

Hunt ficou a suas costas quando ela saiu, o sátiro meio furioso meio trêmulo atrás dos dois.

Ela abriu a porta, sorrindo, e Hunt estava prestes a exigir respostas quando ela estacou. Quando ele também contemplou quem estava do lado de fora.

A mulher alta, de pele clara como a lua, vestia um macacão dourado e trazia, penduradas nas orelhas, argolas de esmeralda mais compridas que o cabelo preto, cortado na altura do queixo. Os lábios cheios estavam pintados com um roxo tão escuro que parecia preto, e os impressionantes olhos verdes... Hunt a reconheceu apenas pelos olhos.

Humanoide em todos os aspectos, exceto por eles. Completamente verdes, um mármore jade e dourado. Cortado apenas por uma pupila vertical, no momento

fina como uma lâmina sob as luzes do armazém. Os olhos de uma serpente.

Ou da Rainha Víbora.



Bryce ajeitou a bolsa de lona no ombro, observando a Rainha Víbora.

— Belo traje.

A metamorfa serpentina sorriu, revelando brilhantes dentes brancos... e caninos ligeiramente alongados. E ligeiramente afiados demais.

— Belo guarda-costas.

Bryce deu de ombros quando aqueles olhos de cobra se demoraram em cada centímetro de Hunt.

— Não tem nada no andar de cima, mas tudo funciona bem onde importa.

Hunt enrijeceu. Mas os lábios roxos da fêmea se curvaram para cima.

— Jamais ouvi Hunt Athalar ser descrito assim, mas tenho certeza de que o general aprova.

À menção do título já quase esquecido, o anjo cerrou os dentes. Sim, a Rainha Víbora provavelmente

já existia durante a Queda. Teria conhecido Hunt não como um dos triários da 33ª ou como a Sombra da Morte, mas como o General Hunt Athalar, Alto-Comandante das Legiões de Arcanjos de Shahar.

E Bryce o havia enrolado por dois dias. Ela olhou por sobre o ombro e flagrou Hunt avaliando a Rainha Víbora e os quatro machos feéricos que a flanqueavam. Desertores da corte de seu pai; assassinos treinados não apenas em armas, mas na especialidade da rainha: veneno e peçonha.

Nenhum dos guerreiros se dignou a cumprimentá-la.

A Rainha Víbora inclinou a cabeça de lado, o penteado impecável ondulando como seda negra. No andar de baixo, clientes perambulavam, alheios ao fato de que a soberana os havia agraciado com sua presença.

— Parece que está fazendo compras.

Bryce encolheu um ombro.

— Barganhar é um hobby. Seu reino é o melhor lugar para isso.

— Pensei que sua chefe lhe pagasse bem o bastante para que não precisasse apelar para descontos. E para sais.

Bryce se forçou a sorrir, a acalmar os batimentos cardíacos, sabendo muito bem que a fêmea podia ouvi-los. Podia farejar o medo. Podia, provavelmente,

farejar a variedade exata de sal guardada na sacola pendurada em seu ombro.

— Só porque ganho bem não significa que posso ser explorada.

A Rainha Víbora alternava o olhar entre os dois.

— Ouvi dizer que foram vistos juntos pela cidade.

— É confidencial — rosnou Hunt.

A Rainha Víbora arqueou uma das bem-feitas sobrancelhas pretas, o pequeno sinal logo abaixo do canto externo do olho se deslocando com o movimento. As unhas pintadas de dourado cintilaram quando ela levou a mão ao bolso do macacão, pegando um isqueiro com rubis incrustados no desenho de uma víbora em meio ao bote. Um cigarro apareceu entre os lábios roxos um segundo depois, e eles a observaram em silêncio, os guardas vigiando cada respiração dos dois conforme a soberana acendia a ponta e inalava profundamente. Fumaça serpenteou daqueles lábios enquanto ela falava.

— A porra toda anda ficando interessante esses dias.

Bryce deu meia-volta em direção à saída.

— Sim. Vamos, Hunt.

Um dos guardas cortou seu caminho, 1,98 metro de pura graça e músculos feéricos.

Bryce parou de súbito, Hunt quase se chocando em suas costas... o grunhido do anjo possivelmente o primeiro e último aviso ao macho. Mas o guarda

apenas lançou um olhar para sua rainha, vago e subserviente. Com certeza viciado no veneno que a metamorfa secretava e distribuía para seu círculo íntimo.

A semifeérica olhou por sobre o ombro para a Rainha Víbora, ainda encostada no corrimão, ainda fumando aquele cigarro.

— É um bom momento para os negócios — comentou a rainha. — Quando peças-chave convergem para a Cimeira. Tantas elites dominantes, cada uma com os... próprios interesses.

Hunt estava tão próximo das costas de Bryce que ela podia sentir o tremor atravessando o corpo poderoso do anjo, podia jurar que relâmpago formigava em sua coluna. Mas ele não disse nada.

A Rainha Víbora apenas estendeu a mão para a passarela a suas costas, unhas douradas refletindo a luz.

— Meu escritório, por favor.

— Não — disse Hunt. — Estamos de saída.

Bryce se aproximou da Rainha Víbora.

— Mostre o caminho, Majestade.

A rainha obedeceu. Hunt parecia impaciente ao lado de Bryce, mas a semifeérica não tirava os olhos do balanço do cabelo sedoso da fêmea a sua frente. Os guardas vinham um pouco atrás... longe o bastante para que o anjo achasse seguro sussurrar:

— Isso é uma péssima ideia.

— De manhã, você estava reclamando que eu não fazia nada de útil — resmungou Bryce, enquanto seguiam a Rainha Víbora por um arco e um lance de escadas nos fundos. Do andar de baixo, gritos e aplausos subiam para saudá-los. — E agora que estou fazendo algo, você também reclama? — Ela bufou. — Tente se controlar, Hunt Athalar.

Ele cerrou os dentes outra vez. Mas olhou para sua bolsa, o bloco de sal a deformava.

— Comprou o sal porque sabia que chamaria a atenção da rainha.

— Você me disse que levaria semanas para conseguirmos um encontro com ela. Decidi pegar um atalho para cortar a babaquice. — Ela deu tapinhas na bolsa, o sal emitindo um ruído oco sob sua mão.

— Pelas tetas de Cthona — murmurou ele, balançando a cabeça.

Eles desceram mais um andar, as paredes agora de concreto maciço. Mas a Rainha Víbora flanava à frente, atravessando portas de metal enferrujadas. Até abrir uma indistinta e entrar, sem nem mesmo olhar para trás. Bryce não pode evitar um sorriso presunçoso.

— Não pareça tão satisfeita — sibilou Hunt. — Podemos nem sair vivos deste lugar. — Verdade. — Eu faço as perguntas.

— Não.

Eles se fuzilaram com o olhar, e Bryce podia jurar que viu raios cortarem os olhos do anjo. Mas os dois alcançaram a porta, que se abria para...

Ela havia imaginado a opulência confortável do Antiquário Griffin escondida atrás daquela porta: espelhos com molduras douradas e divãs de veludo e cortinas de seda e uma escrivaninha de carvalho tão velha quanto aquela cidade.

Não aquela... bagunça. Pouco melhor que o estoque de um boteco. Uma mesa de metal amassada ocupava grande parte do espaço apertado, uma cadeira roxa, toda arranhada, por trás dela... tufos do forro saindo pelo encosto de cima, e a tinta verde-clara das paredes estava descascada em dezenas de lugares. Sem falar nas manchas de umidade enfeitando o teto, agravadas pelo brilho fluorescente das primaluces. Encostada a uma das paredes, uma estante exibia de tudo, de arquivos a engradados de bebida e armas descartadas; na oposta, caixas de papelão em pilhas mais altas que a semifeérica.

Um olhar para Hunt e Bryce soube que ele pensava o mesmo: a Rainha Víbora, senhora do submundo, temida especialista em venenos e regente do Mercado da Carne chamava aquele pardieiro de escritório?

A fêmea se sentou na cadeira, entrelaçando os dedos sobre a confusão de papéis espalhados na mesa. Um computador, defasado em pelo menos vinte anos,

parecia uma pedra roliça a sua frente, uma pequena estátua de Luna sobre o monitor, o arco da deusa apontado para o rosto da metamorfa.

Um dos guardas fechou a porta, incitando Hunt a levar a mão ao quadril, mas Bryce já havia se sentado em uma das cadeiras vagabundas de alumínio.

— Não tão chique quanto o escritório de sua chefe — disse a Rainha Víbora, lendo a incredulidade na expressão de Bryce. — Mas dá pro gasto.

Bryce não se incomodou em concordar que aquele espaço estava longe de parecer algo digno da metamorfa serpentina cuja forma era uma píton albina, com escamas que brilhavam como opalas... e cujo poder tinha fama de ser... distinto. Algo *extra* mesclado a seu veneno, algo peculiar e antigo.

Hunt se sentou ao lado de Bryce, virando a cadeira ao contrário para acomodar as asas. O estrondo da arena ressoava pelo piso de concreto a seus pés.

A Rainha Víbora acendeu outro cigarro.

— Estão aqui para perguntar sobre Danika Fendyr.

Bryce manteve a expressão impassível. Para seu bem, Hunt fez o mesmo.

— Estamos tentando obter uma imagem clara da situação — disse o anjo, com cautela.

Os olhos notáveis se estreitaram com prazer.

— Se é o que preferem alegar, então tudo bem. — Fumaça serpenteava de seus lábios. — Mas vou direto ao ponto. Danika era uma ameaça para mim, e em

mais sentidos do que vocês talvez entendam. Mas ela era esperta. Nosso relacionamento era estritamente profissional. — Outra baforada. — Tenho certeza de que Athalar pode confirmar minha alegação — falou devagar, atraindo um olhar de advertência do anjo. — Mas, para resolver algumas merdas, às vezes o Aux e a 33ª precisam trabalhar com aqueles de nós que habitam nas sombras.

— E Maximus Tertian? Ele foi morto nos limites de seu território — perguntou Hunt.

— Maximus Tertius era um canalha mimado, mas eu não seria estúpida a ponto de comprar uma briga com seu pai. Só me traria dor de cabeça.

— Quem o matou? — Quis saber Bryce. — Fui informada de que tirou seu pessoal das ruas. Você sabe de algo.

— Por precaução. — Ela deslizou a língua pelos dentes inferiores. — Nós, serpentes, podemos pressentir quando alguma merda está prestes a acontecer. Como uma descarga no ar. Posso senti-la agora... envolvendo a cidade.

O relâmpago de Hunt trovejou pela sala.

— Não cogitou avisar ninguém?

— Avisei meu povo. Contanto que o problema não cruze as fronteiras de meu distrito, não me importo com o que acontece no restante de Lunathion.

— Quanta nobreza de sua parte — ironizou Hunt.

— Quem você acha que matou Tertian? — insistiu Bryce.

Ela deu de ombros.

— Sinceramente? É o Mercado da Carne. Merdas acontecem. Ele provavelmente veio comprar drogas, e foi o preço que pagou.

— Que tipo de drogas? — perguntou Bryce, mas Hunt emendou:

— O relatório do legista diz que não havia drogas no organismo dele.

— Então não posso ajudá-los — alegou a metamorfa. — Não faço a menor ideia. — Bryce nem se incomodou em perguntar sobre as câmeras de vídeo, não quando a 33ª já havia destrinchado o assunto.

A Rainha Víbora pegou algo de uma gaveta e jogou em cima da mesa. Um pendrive.

— Meus álibis para a noite em que Tertian foi morto e para o dia dos assassinatos de Danika e sua alcateia e os dias que os antecederam.

Bryce não tocou no minúsculo pendrive de metal, menor que um batom.

Os lábios da Rainha Víbora se curvaram outra vez.

— Eu estava no spa na noite do assassinato de Tertian. E, na noite da morte de Danika e da Matilha dos Demônios, um de meus associados deu uma festa de Descida para a filha. Acabou descambando para três dias de... Bem, vocês verão.

— Esse pendrive contém imagens de uma orgia de três dias? — perguntou Hunt.

— Me avise se ficar excitado, Athalar. — A Rainha Víbora deu outra tragada no cigarro, os olhos verdes se desviando para o colo do anjo. — Ouvi dizer que você é uma excelente montaria quando esquece o mau humor por tempo suficiente.

Ah, por favor. Hunt arreganhou os dentes em um rosnado silencioso, então Bryce disse:

— Deixando de lado a orgia e a destreza sexual de Hunt, você tem um traficante de sal neste mercado. — Ela deu um tapinha na sacola equilibrada nos joelhos.

— Não uso o que vendo — respondeu a Rainha Víbora, incisiva, desgrudando os olhos do ainda enfurecido Hunt. — Embora não ache que você siga essa regra em sua sofisticada galeria. — Ela deu uma piscadela. — Quando se cansar de rastejar por aquela feiticeira, me procure. Tenho clientes fiéis que rastejariam por você. E pagariam para isso.

A mão de Hunt parecia quente no ombro da semifeérica.

— Ela não está à venda.

Bryce se desvencilhou de seu toque, lançando um olhar de advertência ao anjo.

— Todo mundo, general, está à venda. Só é preciso descobrir o preço — argumentou a Rainha Víbora. Fumaça saía de suas narinas como um dragão

cospe-fogo. — Me dê um dia ou dois, Athalar, e vou descobrir o seu.

O sorriso de Hunt era algo de uma beleza letal.

— Talvez eu já tenha descoberto o seu.

A Rainha Víbora sorriu.

— Torço para que sim. — Ela amassou o cigarro e encarou Bryce. — Um pequeno conselho para sua investigação. — Bryce enrijeceu diante da fria ironia. — Procure onde dói mais. É onde as respostas sempre estão.

— Obrigada pelo aviso — grunhiu Bryce.

A metamorfa apenas estalou os dedos de pontas douradas. A porta do escritório se abriu, e aqueles machos feéricos viciados em veneno apareceram.

— Eles estão de saída — disse a Rainha Víbora, ligando a antiguidade que era seu computador — Certifiquem-se de que saiam. *E de que não bisbilhotem por aí.*

Bryce colocou a bolsa com o bloco de sal no ombro conforme Hunt agarrava o pendrive e o guardava no bolso.

O guarda foi esperto o bastante para se afastar enquanto Hunt guiava Bryce pela porta. A semifeérica deu três passos antes que a Rainha Víbora dissesse:

— Não subestime o sal de obsidiana, Quinlan. Ele pode invocar o pior tipo de Inferno.

Um calafrio percorreu a espinha de Bryce, mas ela apenas ergueu uma das mãos sobre o ombro e acenou

quando chegou ao corredor.

— Bem, pelo menos vou me divertir, não?

* * *

Deixaram o Mercado da Carne incólumes, graças aos malditos cinco deuses... em especial à própria Urd. Hunt não tinha certeza de como haviam conseguido escapar da Rainha Víbora sem o corpo cravejado de balas peçonhentas, mas... Franziu o cenho para a ruiva agora inspecionando a lambreta branca à procura de danos. Até mesmo o capacete fora deixado em paz.

— Acredito nela — disse Hunt. Nem fodendo assistiria ao vídeo daquele pendrive. Ele o enviaria direto para Viktoria. — Não acho que tenha alguma coisa a ver com as mortes.

Quinlan e Roga, entretanto... Ele ainda não as tinha riscado de sua lista mental.

Bryce encaixou o capacete na dobra do braço.

— Concordo.

— O que nos leva de volta à estaca zero.

Ele controlou o impulso de andar em círculos, imaginando sua contagem de morte ainda em milhares.

— Não — argumentou Bryce. — Não leva. — Ela prendeu a sacola de sal no pequeno compartimento

na garupa da lambreta. — A rainha disse para procurar por respostas onde dói mais.

— Ela estava apenas vomitando besteiras para nos confundir.

— Provavelmente — concordou Bryce, colocando o capacete na cabeça antes de abrir a viseira e revelar os olhos cor de âmbar. — Mas, talvez, esteja involuntariamente certa. Amanhã... — Seus olhos se anuviaram. — Tenho de refletir um pouco amanhã. Na galeria, ou então Jesiba vai ter um treco.

— Acha que conseguiu uma pista? — Hunt se sentia intrigado o bastante para perguntar.

— Ainda não. Mais uma diretriz geral. Melhor que nada.

Ele apontou com o queixo para o compartimento em sua lambreta.

— Para que o sal de obsidiana? — Ela devia ter outro destino para aquilo. Apesar de Hunt rezar para que não fosse tão idiota a ponto de usá-lo.

— Temperar meus hambúrgueres — respondeu apenas, mordaz.

Certo. Ele havia pedido por aquilo.

— Como pagou pelo sal? — Não acreditava que ela tivesse dez mil disponíveis na conta bancária.

Bryce fechou o zíper da jaqueta de couro.

— Coloquei na conta de Jesiba. Ela gasta muito dinheiro em produtos de beleza por mês, então duvido que perceba.

Hunt não fazia ideia de como responder àquilo, então cerrou os dentes e a examinou, sentada na moto.

— Sabe, até mesmo uma lambreta é algo estúpido de pilotar antes de completar a Descida.

— Obrigada, mamãe.

— Devia pegar o ônibus.

Ela apenas soltou uma gargalhada e zuniu pela noite.



Procure onde dói mais.

Bryce se esquivara de dizer a Athalar como o conselho da Rainha Víbora havia sido certeiro. Já tinha dado a ele sua lista de suspeitos... mas o anjo não havia perguntado sobre sua outra exigência.

Então, eis o que decidira fazer: compilar uma lista com cada um dos movimentos de Danika uma semana antes de sua morte. No entanto, no momento em que terminava de abrir a galeria para o dia de trabalho, no momento em que descia até a biblioteca para fazer a lista... a náusea a golpeara.

Então ela ligou o laptop e começou a esmiuçar os e-mails trocados com Maximus Tertian, seis semanas antes. Talvez encontrasse alguma ligação ali... ou, pelo menos, uma pista dos planos do vampiro para aquela noite.

A cada mensagem profissional e insípida que relia, porém, as lembranças dos últimos dias de Danika raspavam a porta vedada de sua mente. Sibilavam e sussurravam como espectros ameaçadores, e Bryce tentava ignorá-las, procurando se concentrar nos e-mails de Tertian, mas...

Lehabah a olhou de onde estava, esparramada no minúsculo divã que Bryce havia lhe dado muitos anos antes, cortesia de uma casa de bonecas de sua infância. Assistia a sua série predileta, um drama vanir, no tablet. A redoma de vidro da duende estava atrás dela, em cima de uma pilha de livros, e as pétalas de uma orquídea roxa se inclinavam sobre sua cabeça.

— Você podia deixar o anjo descer aqui e ajudá-la com o que quer que esteja lhe causando tanta dificuldade.

Bryce revirou os olhos.

— Seu fascínio por Athalar está beirando o assédio.

Lehabah suspirou.

— Sabe o que Hunt Athalar *parece*?

— Considerando que ele está morando no telhado em frente ao meu apartamento, eu diria que sim.

Lehabah pausou a série, reclinando a cabeça no encosto de seu pequeno divã.

— Ele parece um *sonho*.

— Sim, experimente falar com ele.

Bryce fechou a mensagem que estivera lendo... uma das centenas trocadas entre ela e Tertian, e a primeira em que o vampiro parecia ligeiramente sedutor.

— Hunt é bonito o bastante para estrelar uma série. — Lehabah apontou com um dos delicados dedos do pé para o tablet posicionado a sua frente.

— Infelizmente, acho que a diferença de tamanho entre você e Athalar seria um problema na cama. Acho que você não conseguiria nem abraçar o pau daquele anjo.

Fumaça rodopiou ao redor de Lehabah com seu suspiro de embaraço.

— BB!

Bryce riu, então gesticulou para o tablet.

— Não sou eu quem está maratonando uma série que é basicamente um pornô com trama. Qual é o nome mesmo? *Fadas e Fodas?*

Lehabah ficou roxa.

— Não é esse o título, você sabe muito bem! E é *artístico*. Eles fazem *amor*. Não... — Ela engasgou.

— Fodem? — sugeriu Bryce, seca.

— Exatamente — disse Lehabah, com um aceno afetado.

Bryce riu, deixando aquilo espantar o enxame de fantasmas do passado, e a duende, apesar de pudica, a acompanhou.

— Duvido que Hunt Athalar seja do tipo que *faz amor*.

Lehabah escondeu o rosto com as mãos, cantarolando de vergonha.

Bryce acrescentou, apenas para torturá-la um pouco mais:

— Ele é do tipo que a amarra em uma mesa e...

O telefone tocou.

Bryce olhou para o teto, imaginando se Athalar havia, de algum modo, escutado a conversa, mas... não. Era pior.

— Oi, Jesiba — cumprimentou ela, acenando para que Lehabah voltasse ao seu poleiro de guardiã, caso a feiticeira as estivesse vigiando pelas câmeras da biblioteca.

— Bryce. Fico feliz em ver que Lehabah está trabalhando duro.

Lehabah rapidamente desligou o tablet e se esforçou para parecer atenta.

— Era a pausa do meio da manhã. Ela tem direito a uma — argumentou Bryce.

Lehabah lhe lançou um olhar agradecido que penetrou fundo.

Jesiba apenas começou a vociferar ordens.

* * *

Trinta minutos depois, à mesa da sala de exposição da galeria, Bryce encarava a porta fechada. O tique-taque do relógio enchia o espaço, um constante lembrete de cada segundo perdido. Cada segundo em que o assassino de Danika e do bando vagava pelas ruas enquanto ela ficava ali sentada, verificando aquela papelada idiota.

Inaceitável. No entanto, a ideia de abrir a porta para aquelas memórias...

Ela sabia que se arrependeria. Sabia que, provavelmente, era uma estupidez sem fim. Mas ligou antes que pudesse pensar duas vezes.

— Qual o problema? — A voz de Hunt soou incisiva, cheia de espinhos.

— Por que acha que há um problema?

— Porque você nunca me ligou antes, Quinlan.

Aquilo era burrice... uma maldita burrice. Bryce pigarreou, pensando em inventar uma desculpa sobre pedir comida para o almoço, mas ele perguntou:

— Descobriu alguma coisa?

Por Danika, pela Matilha dos Demônios, ela podia fazer aquilo. Faria aquilo. Não havia espaço para orgulho.

— Preciso... de sua ajuda com uma coisa.

— Com o quê?

Antes que as palavras terminassem de soar, um punho esmurrou a porta. Bryce não precisava

consultar a imagem da câmera de segurança para saber que era ele.

A semifeérica abriu a porta e foi recebida por asas e cedro molhado de chuva.

— Vai me fazer implorar para entrar ou podemos pular essa babaquice? — perguntou Hunt, irônico.

— Apenas entre. — Bryce deixou Hunt na soleira, caminhou até a mesa e abriu a gaveta do fundo para pegar uma garrafa reutilizável. Ela bebeu direto do gargalo.

Hunt fechou a porta atrás de si.

— Um pouco cedo para um drinque, não?

Ela não se incomodou em corrigi-lo, apenas tomou mais um gole e se sentou.

Ele a observou.

— Vai me dizer do que se trata?

Um polido, porém insistente, *tum-tum-tum* veio da porta de ferro da biblioteca. As asas de Hunt se recolheram com um estalo e ele virou a cabeça na direção da grossa placa de metal.

Outro *tap tap tap* encheu o átrio da sala de exposição.

— BB — choramingou Lehabah do outro lado da porta. — BB, você está bem?

Bryce revirou os olhos. Que Cthona lhe desse paciência.

— Quem é essa? — perguntou Hunt, num tom casual.

Um terceiro *toc toc toc* de leve.

— BB? BB, por favor, diga que está bem.

— Estou bem — gritou Bryce. — Volte para baixo e para o trabalho.

— Quero ver com meus próprios olhos — exigiu Lehabah, soando, para quem quisesse ouvir, como uma tia preocupada. — Não posso me concentrar no trabalho enquanto não o fizer.

As sobrancelhas de Hunt se franziram no mesmo instante em que seus lábios se projetavam para a frente.

— Primeiro, a hipérbole é uma arte para ela — disse a semifeérica.

— Ah, BB, você pode ser tão terrivelmente cruel...

— *Segundo*, poucas pessoas têm permissão para descer, então, se você contar a Micah a respeito dessa visita, acabou.

— Prometo — garantiu Hunt, desconfiado. — Embora Micah tenha meios para me fazer falar, se insistir.

— Então não alimente a curiosidade dele.

Bryce pousou a garrafa na mesa e descobriu que suas pernas estavam surpreendentemente firmes. Hunt ainda assomava sobre ela. A terrível coroa de espinhos tatuada em sua testa parecia sugar a luz da sala.

Mas Hunt esfregou o queixo.

— Muitas das coisas lá embaixo foram contrabandeadas, não foram?

— Imagino que saiba que *a maioria* dessas merdas aqui são contrabando. Alguns daqueles livros e pergaminhos são a última cópia existente conhecida. — Ela franziu os lábios, então acrescentou, calmamente: — Muita gente sofreu e morreu para preservar o que está arquivado naquela biblioteca.

Mais que aquilo, ela não revelaria. Bryce ainda não tinha conseguido ler a maioria dos livros, já que foram escritos em línguas mortas havia muito tempo, ou em códigos tão complexos que apenas linguistas e historiadores eram capazes de decifrá-los, mas, no ano anterior, tinha enfim descoberto do que a maioria tratava. E que os asteri e o Senado haviam ordenado sua destruição. Tinham destruído todas as outras cópias. Havia livros normais, também, que Jesiba comprara sobretudo para uso próprio... possivelmente para o Sub-Rei. Mas os que Lehabah guardava... aqueles eram os que as pessoas matariam para ter. Já haviam matado.

Hunt assentiu.

— Não direi uma palavra.

Ela o estudou por um momento, em seguida se virou para a porta de ferro.

— Considere isso seu presente de aniversário, Lele — murmurou através do metal.

A porta de ferro se abriu com um suspiro, revelando a escadaria acarpetada em verde-floresta que levava direto à biblioteca. Hunt quase se chocou contra ela quando Lehabah flutuou entre eles, seu fogo brilhando intensamente, e ronronou:

— Olá.

O anjo examinou a duende de fogo que pairava a centímetros de seu rosto. Ela era menor que a mão de Bryce, o cabelo flamejante rodopiando sobre a cabeça.

— Ora, mas você é linda — elogiou Hunt, a voz baixa e suave, de um modo que mexeu com cada instinto de Bryce.

Lehabah lampejou conforme envolvia o corpo com os braços roliços e abaixava a cabeça.

Bryce ignorou os efeitos da voz do anjo.

— Pare de fingir que é tímida.

Lehabah lhe lançou um olhar zangado, mas Hunt ergueu um dedo para a duende se empoleirar.

— Vamos?

Lehabah brilhou como um rubi. Em seguida, flutuou até o dedo coberto de cicatrizes dele e se sentou, sorrindo para o anjo por entre os cílios.

— Ele é muito agradável, BB — comentou Lehabah, enquanto Bryce descia a escada, o candelabro em formato de sol despertando para a vida outra vez. — Não sei por que reclama tanto.

Bryce franziu o cenho por sobre o ombro. Mas Lehabah encarava, extasiada, o anjo, que lançou a Bryce um sorriso zombeteiro enquanto a seguia até o coração da biblioteca.

Bryce olhou depressa para a frente.

Talvez Lehabah tivesse razão sobre a aparência de Athalar.

* * *

A semiféerica estava ciente de cada passo, de cada farfalhar das asas de Hunt a poucos centímetros a suas costas. De cada sopro de ar que ele enchia com seu hálito, seu poder, sua vontade.

Com exceção de Jesiba, Syrinx e Lehabah, apenas Danika já a havia acompanhado até ali embaixo.

Syrinx despertou o suficiente de sua soneca para reparar no visitante... e a pequena cauda de leão chicoteou o sofá de veludo.

— Syrie diz que você pode coçá-lo agora — avisou Lehabah a Hunt.

— Hunt está ocupado — interrompeu Bryce, seguindo para a mesa onde deixara o livro aberto.

— Syrie fala, não fala?

— De acordo com Lehabah, sim — resmungou Bryce, esquadrinhando a mesa à procura de... certo, ela havia deixado a lista na mesa da duende. Ela se dirigiu para lá, os saltos afundando no carpete.

— Deve haver milhares de livros aqui — comentou Hunt, estudando as imponentes estantes.

— Ah, sim — confirmou Lehabah. — Mas metade é da coleção particular de Jesiba. Alguns livros datam do tempo...

— Ahãm — pigarreou Bryce.

Lehabah fez uma careta.

— BB está mal-humorada porque não conseguiu terminar a lista — explicou a duende para Hunt, em um sussurro conspiratório.

— Estou mal-humorada porque estou com fome e você passou a manhã enchendo meu saco.

Lehabah flutuou depressa do dedo de Hunt até a própria mesa, onde se esparramou em seu sofá de boneca e disse para o anjo, que parecia indeciso entre rir ou franzir o cenho.

— BB finge ser má, mas é um doce. Ela comprou Syrie porque Jesiba ia dá-lo de presente a um senhor da guerra nas montanhas Farkaan...

— *Lehabah…*

— É verdade.

Hunt estudou os vários tanques espalhados pelo cômodo e a variedade de répteis dentro deles, em seguida as águas vazias do imenso aquário.

— Achei que ele era um tipo de bichinho de estimação chique.

— Ah, ele é — disse Lehabah. — Syrinx foi roubado da mãe quando era filhote, então

comercializado por dez anos ao redor do mundo, até que Jesiba o comprou para ser seu animal de estimação, e aí *Bryce* o comprou... comprou a liberdade dele, quero dizer. Ela até mandou homologar a prova de sua liberdade. Ninguém pode comprá-lo novamente. — Ela apontou para a quimera. — Não dá para ver com ele deitado assim, mas Syrie tem a marca da liberdade na pata dianteira direita. O *C* oficial e tudo.

Hunt deixou para trás as águas sombrias a fim de observar Bryce.

Ela cruzou os braços.

— O que foi? Você tirou as próprias conclusões.

Os olhos de Hunt brilharam. Independentemente do que diabos aquilo significava.

Bryce tentou não olhar para o punho do anjo... o *SPQM* tatuado ali. Ela se perguntou se ele resistia ao mesmo impulso; se imaginava algum dia conseguir aquele *C*.

— Quanto *você* custa, Athie? — perguntou, então, Lehabah.

Bryce interrompeu.

— Lele, isso foi grosseiro. E não o chame de Athie.

A duende soltou uma lufada de fumaça.

— Ele e eu somos da mesma casa, e ambos somos escravizados. Minha tataravó lutou na 18ª Legião durante a rebelião. Tenho o direito de perguntar.

O rosto inteiro de Hunt se anuviou à menção da rebelião, mas ele se aproximou do sofá, deixou Syrinx lhe farejar os dedos, então coçou atrás das orelhas aveludadas da quimera. Syrinx emitiu um rosnado baixo de prazer, a cauda de leão relaxando.

Bryce tentou reprimir o aperto em seu peito com aquela visão.

As asas de Hunt farfalharam.

— Fui vendido a Micah por 85 milhões de marcos de ouro.

Os saltos de Bryce se agarraram ao tapete enquanto ela avançava para a pequena escrivaninha de Lehabah e pegava o tablet. Mais uma vez, a duende flutuou até o anjo.

— Custei 90 mil marcos de ouro — confessou Lehabah. — Syrie custou 233 mil marcos de ouro.

Os olhos de Hunt dispararam até Bryce.

— Você pagou tudo isso?

Bryce se sentou à escrivaninha e indicou a cadeira vazia ao lado da sua. Hunt aquiesceu obedientemente, para variar.

— Tenho um desconto de funcionária de quinze por cento. E chegamos a um acordo.

Assunto encerrado.

Até que Lehabah declarou:

— Jesiba desconta um pouco de cada contracheque. — Bryce gemeu, controlando a vontade de sufocar a duende com um travesseiro. —

BB ainda vai estar pagando quando tiver trezentos anos. A não ser que ela não faça a Descida. Então vai morrer primeiro.

Hunt se jogou na cadeira, a asa roçando o braço de Bryce. Mais macia que veludo, mais suave que seda. Ele a recolheu ao toque, como se não pudesse suportar o contato.

— Por quê?

— Porque aquele senhor da guerra queria machucá-lo e subjugá-lo até que se transformasse em uma fera de combate, e Syrinx é meu amigo, e eu já estava farta de perder amigos.

— Achei que fosse rica.

— Não. — Ela terminou a palavra com um som estalado.

Hunt franziu o cenho.

— Mas seu apartamento...

— O apartamento é de Danika. — Bryce não conseguia encará-lo. — Ela o comprou como investimento. Fez a escritura em nosso nome. Eu nem sabia da existência do lugar até ela morrer. E eu o teria vendido, mas a segurança era bastante reforçada, com encantamentos de primeira...

— Entendo — disse ele, e ela se retraiu diante da gentileza naquele olhar. Da pena.

Danika havia morrido, e ela estava sozinha e... Bryce não conseguia respirar.

Havia se recusado a fazer terapia. A mãe tinha agendado sessão após sessão naquele primeiro ano, e Bryce fugira de todas. Havia comprado um difusor de aromaterapia, pesquisado sobre técnicas de respiração, e só.

Bryce sabia que devia ter comparecido às sessões. A terapia ajudava tantas pessoas... salvava tantas vidas. Juniper tinha uma terapeuta desde a adolescência, e dizia, a quem quisesse ouvir, quão vital e brilhante era o tratamento.

Mas Bryce não tinha aparecido; não porque não acreditasse que funcionaria. Não, sabia que funcionaria, e a ajudaria, e, com certeza, a faria se sentir melhor. Ou pelo menos lhe daria as ferramentas para tentar.

E esse era precisamente o motivo que a impedira de ir.

Pelo modo como Hunt a olhava, ela se perguntou se o anjo sabia daquilo... se era capaz de adivinhar o motivo para seu longo suspiro.

Procure onde dói mais.

Idiota. A Rainha Víbora podia ir para o Inferno com seus conselhos.

Ela ligou o tablet de Lehabah. A tela revelou uma vampira e um lobo entrelaçados, gemendo, nus...

Bryce riu.

— Você parou de assistir no meio *dessa* cena para vir me incomodar, Lele?

A atmosfera na biblioteca se desanuviou, como se a mágoa de Bryce tivesse evaporado com a visão do lobo penetrando o corpo da vampira escandalosa.

Lehabah corou como um rubi.

— Queria conhecer Athie — murmurou ela, voltando ao sofá.

Hunt, mesmo a contragosto, riu.

— Você assiste a *Fadas e Fodas*?

Lehabah se sobressaltou.

— *Não é* esse o título! Você mandou ele dizer isso, Bryce?

Bryce mordeu o lábio para não rir. Em vez disso, pegou seu laptop, acessando os e-mails trocados com Tertian.

— Não, não mandei.

Hunt ergueu uma sobrancelha, com aquele humor cauteloso.

— Vou tirar uma soneca com Syrie — declarou Lehabah para ninguém em especial.

Assim que terminou de falar, algo pesado caiu no mezanino.

A mão de Hunt foi para o flanco, com certeza para a arma escondida ali, mas a duende ciciou para o teto:

— *Não interrompam minha soneca.*

Um sibilo encheu a biblioteca, seguido de um baque e um farfalhar. Não veio do tanque da Srta. Papoula.

— Não deixe os livros o convencerem a levá-los com você — avisou Lehabah a Hunt.

Ele abriu um meio-sorriso.

— Você está fazendo um ótimo trabalho se certificando de que isso não aconteça.

Lehabah ficou radiante e se aninhou ao lado de Syrinx. Ele ronronou com o deleite daquele calor.

— Eles fariam qualquer coisa para dar o fora daqui: se esgueirar para sua bolsa, para o bolso de seu casaco, até saltitar pelas escadas. Estão desesperados para ver o mundo outra vez. — Ela flutuou até as prateleiras mais distantes, atrás dos dois, onde um livro havia caído nos degraus. — Livro feio! — ralhou ela.

Os dedos de Hunt deslizaram para perto da faca em sua coxa quando o livro, como se carregado por mãos invisíveis, pairou sobre os degraus, flutuou até a prateleira e encontrou seu lugar novamente, zumbindo uma vez com uma luz dourada... como se tivesse sido contrariado.

Lehabah lançou um lampejo de advertência em sua direção, em seguida enrolou a cauda de Syrinx em volta do corpo, como um xale de pelos.

Bryce balançou a cabeça, mas um olhar de esguelha lhe disse que Hunt agora a encarava. Não do modo como os machos costumavam encará-la.

— Qual é o lance com todas essas pequenas criaturas?

— São antigos amantes e rivais de Jesiba — sussurrou a duende de seu cobertor de pelos.

As asas de Hunt farfalharam.

— Ouvi os rumores.

— Jamais a vi transformar ninguém em um animal — revelou Bryce. — Mas tento não irritá-la. Gostaria mesmo de não ser transformada em uma porca se Jesiba ficar puta comigo por ferrar algum acordo.

Os lábios de Hunt se arquearam para cima, como se presos entre o riso e o horror.

Lehabah abriu a boca, com certeza para revelar a Hunt os nomes com que batizara todas as criaturas da biblioteca, mas Bryce a cortou, dizendo para o anjo:

— Liguei para você porque comecei a fazer a lista com os movimentos de Danika em seus últimos dias de vida. — Ela deu um tapinha na página meio rabiscada.

— Sim? — Os olhos sombrios ainda a encaravam.

Bryce pigarreou.

— É, hmm, difícil — admitiu Bryce — me obrigar a lembrar. Pensei... talvez você pudesse me fazer algumas perguntas. Me ajudar a... fazer as lembranças fluírem.

— Ah. Ok. — O silêncio pareceu mais uma vez se agitar enquanto ela aguardava que ele a lembrasse de que o tempo não estava do seu lado, de que ele tinha um maldito trabalho a fazer e ela não devia ser tão fraca, blá-blá-blá.

Mas Hunt observou os livros; os tanques; a porta para o banheiro nos fundos; as lâmpadas muito acima, camufladas como as estrelas espalhadas pelo teto. E então, em vez de perguntar sobre Danika, ele quis saber:

— Estudou antiguidades na faculdade?

— Fiz algumas aulas, sim. Gostava de aprender sobre velharias. Eu era a típica formanda de literatura clássica. — E acrescentou: — Aprendi a Velha Língua dos Feéricos quando era criança.

Ela aprendera sozinha graças a uma súbita curiosidade em saber mais sobre seu legado. Quando havia visitado a casa do pai um ano depois, pela primeira vez na vida, tivera esperanças de usá-la para impressioná-lo. Depois que a merda bateu no ventilador, Bryce havia se recusado a estudar outra língua. Era uma atitude infantil, mas ela não se importava.

Ao menos o domínio da mais antiga das línguas feéricas tinha sido proveitoso para seu trabalho. Para a caça às poucas antiguidades feéricas que não estavam guardadas nos cofres cintilantes de seu povo.

Hunt mais uma vez observou o espaço.

— Como conseguiu esse emprego?

— Depois que me formei, não conseguia emprego em lugar nenhum. Os museus não me queriam porque não tinha experiência, e as outras galerias de arte da cidade eram administradas por canalhas que

me achavam... apetitosa. — Os olhos do anjo ficaram sombrios, e Bryce se forçou a ignorar a raiva solidária que via ali. — Mas minha amiga Fury... — Hunt enrijeceu de leve à menção do nome; claramente conhecia sua reputação. — Bem, ela e Jesiba trabalharam juntas em Pangera, em dado momento. E, quando Jesiba comentou que precisava de uma nova assistente, Fury praticamente lhe enfiou meu currículo goela abaixo. — Ela bufou com a lembrança. — Jesiba me ofereceu o emprego porque não queria ninguém metido à besta. O trabalho é muito sujo, os clientes, muito nebulosos. Ela precisava de alguém com traquejo social e algum conhecimento de arte antiga. E foi isso.

— Qual sua ligação com Fury Axtar? — perguntou Hunt, depois de pensar um pouco.

— Ela está em Pangera. Fazendo o que Fury faz de melhor. — Não era exatamente uma resposta.

— Alguma vez Axtar lhe contou o que fazia por lá?

— Não. E gosto das coisas assim. Meu pai me contou histórias suficientes sobre o que acontece na região. Não gosto de pensar no que Fury vê ou em que está metida. — Sangue e lama e morte, ciência *versus* magia, máquinas *versus* vanir, bombas químicas e primalux, balas e presas.

O próprio alistamento de Randall tinha sido obrigatório, uma condição de vida para qualquer não Inferior entre os peregrini: todos os humanos tinham

de servir no Exército por três anos. Randall jamais dissera nada, mas Bryce sempre soubera que os anos no front tinham deixado cicatrizes além das visíveis. Ser forçado a matar a própria espécie não era tarefa fácil. Mas a ameaça dos asteri permanecia: quem recusasse, perderia a vida. E então a vida de seus familiares. Quaisquer sobreviventes seriam escravizados, os punhos para sempre marcados com as mesmas letras que desfiguravam a pele de Hunt.

— Há alguma chance de que o assassino de Danika esteja ligado a...

— Não — rosnou Bryce. Sua amizade com Fury podia estar fodida no momento, mas Bryce tinha certeza daquilo. — Os inimigos de Fury não eram os inimigos de Danika. Assim que Briggs foi preso, ela desapareceu. — A semifeérica não a vira desde então. Procurando qualquer coisa para mudar de assunto, perguntou: — Quantos anos você tem?

— Duzentos e trinta e três.

Ela fez as contas, franzindo o cenho.

— Era assim tão novo quando se rebelou? E já comandava uma legião?

A fracassada rebelião dos anjos havia acontecido duzentos anos antes; ele era incrivelmente jovem, pelos padrões dos vanir, para tê-la liderado.

— Meus dons me tornaram inestimável para meu povo. — Ele ergueu uma das mãos, o relâmpago

serpenteava ao redor de seus dedos. — O assassino perfeito.

Bryce resmungou, concordando. Hunt a olhou.

— Já matou antes?

— Sim.

Um brilho de surpresa se acendeu nos olhos do anjo. Mas ela não queria tocar no assunto... no que havia acontecido com Danika e ela no ano da formatura, como acabaram no hospital, seu braço estilhaçado e uma carcaça de moto roubada.

— BB pare de ser misteriosa! — interrompeu Lehabah, do outro lado da biblioteca. — Venho perguntando há anos, Athie, mas ela nunca me conta nada que preste...

— Esqueça, Lehabah. — As lembranças daquela viagem a alvejaram. O rosto sorridente de Danika no leito ao lado do seu. Como Thorne havia carregado Danika pelas escadas até seu dormitório quando chegaram em casa, apesar dos protestos da loba. Como a matilha as havia paparicado por uma semana, a noite que Nathalie e Zelda expulsaram os machos para que pudessem fazer uma maratona de filmes exclusiva para garotas. Mas nada daquilo tinha se comparado ao que havia mudado entre as duas naquela viagem. A última barreira que ruíra, a verdade nua e crua.

Eu amo você, Bryce. Lamento tanto.

Feche os olhos, Danika.

Um buraco se abriu em seu peito, soluçando e uivando.

Lehabah ainda resmungava. Mas Hunt observava o rosto de Bryce.

— Que lembrança feliz tem de Danika daquela última semana da loba?

Bryce sentiu o sangue latejar por todo o seu corpo.

— Eu... eu tenho várias lembranças felizes daquela semana.

— Escolha uma, e vamos começar daí.

— É assim que faz as testemunhas falarem?

Ele se recostou na cadeira, as asas se ajustando ao encosto baixo.

— É como você e eu vamos fazer a lista.

Ela sopesou aquele olhar, aquela presença sólida, pulsante. Engoliu em seco.

— A tatuagem em minhas costas... ela e eu a fizemos naquela semana. Bebemos demais uma noite, e fiquei tão doida que nem mesmo soube o que ela tinha mandado escrever em minha coluna até curar a ressaca.

Os lábios do anjo se contraíram.

— Espero que tenha sido algo agradável, pelo menos.

Seu peito doía, mas ela sorriu.

— Foi.

Hunt se inclinou e indicou o papel.

— Escreva.

Ela obedeceu.

— O que Danika fez naquele dia, antes da tatuagem? — perguntou ele.

A pergunta soou calma, mas Hunt analisava cada movimento de Bryce. Como se estivesse lendo alguma coisa nela, avaliando algo que a semifeérica não podia ver.

Ansiosa por escapar daquele exame minucioso, Bryce pegou a caneta e começou a escrever, uma lembrança após a outra. Continuou escrevendo suas reminiscências dos movimentos de Danika naquela semana: o desejo bobo na Praça da Cidade Velha; a pizza que Danika e ela haviam devorado no balcão da lanchonete, enquanto bebiam cerveja e falavam besteira; o salão de beleza onde Bryce tinha folheado revistas de fofoca enquanto Danika retocava as mechas roxas, azuis e cor-de-rosa; a mercearia a dois quarteirões do apartamento, onde Thorne e ela encontraram Danika se entupindo de batata frita antes mesmo de chegar ao caixa, então a sacanearam por horas; a arena de solebol da UCLC, onde Danika e ela secaram os jogadores gatos do time de Ithan durante os treinos, dividindo-os entre as duas... Ela continuou a escrever e escrever, até que as paredes a sufocaram outra vez.

O joelho balançava sem descanso embaixo da mesa.

— Acho que podemos encerrar por hoje.

Hunt abriu a boca, estudando a lista... mas o telefone de Bryce vibrou.

Agradecendo a Urd pela intervenção providencial, a semifeérica olhou a mensagem na tela e franziu o cenho. Ao que parecia, sua expressão era intrigante o suficiente para que Hunt espiasse por sobre seu ombro.

Ruhn havia escrito: *Me encontre no Templo de Luna em trinta minutos.*

— Acha que tem a ver com a noite passada? — perguntou Hunt.

Bryce não respondeu enquanto digitava: *Por quê?*

Ruhn replicou: *Porque é um dos poucos lugares sem câmeras nessa cidade.*

— Interessante — murmurou ela. — Acha que devo avisá-lo que estamos a caminho?

O sorriso de Hunt era pura malícia.

— Porra, não.

Bryce não conseguiu segurar um sorriso.



Ruhn Danaan se apoiou em um dos pilares de mármore do santuário interno do Templo de Luna e esperou pela chegada da irmã. Os turistas passavam, tirando fotos, mas nenhum percebia sua presença, graças ao véu de sombras que havia conjurado ao seu redor.

A câmara era longa, o teto, abobadado. Tinha de ser, para acomodar a estátua entronizada ao fundo.

Com 9 metros de altura, Luna ocupava um trono esculpido em dourado, a deusa cuidadosamente retratada em brilhante pedra da lua. A coroa de prata, uma lua cheia sustentada por duas luas crescentes, enfeitava o cabelo cacheado preso em um coque. Aos pés calçados em sandálias da estátua, jaziam dois lobos gêmeos, os olhos sinistros desafiando qualquer peregrino a se aproximar. Na parte de trás do trono, um arco de ouro maciço havia sido pendurado, a

aljava cheia de flechas de prata. As pregas da túnica na altura das coxas se dobravam sobre seu colo, escondendo os dedos finos pousados ali.

Tanto lobos como feéricos reivindicavam Luna como sua deusa protetora — guerrearam por seus favores havia muitos milênios. E, enquanto a ligação dos lobos com a deusa fora talhada na estátua em impressionantes detalhes, o vínculo com os feéricos estava perdido havia dois anos. Talvez o Rei Outonal tivesse razão quanto a restaurar a glória dos feéricos. Não do modo arrogante e desdenhoso pretendido pelo pai, mas... a ausência do legado feérico na estátua enervava Ruhn.

Passos ecoaram no pátio além das portas do santuário, seguidos de sussurros e o clique de câmeras.

— O próprio pátio foi inspirado no da Cidade Eterna — dizia uma voz feminina, enquanto um novo bando de turistas entrava no templo, seguindo a guia como patinhos.

E na retaguarda do grupo... uma cabeça de cabelo ruivo.

E um par facilmente identificável de asas cinzentas.

Ruhn rangeu os dentes, ainda envolto em sombras. Pelo menos, ela havia aparecido.

A horda de turistas parou no centro do santuário interno, a guia falando mais alto conforme todos se

espalhavam, as câmeras pipocando na escuridão, como os relâmpagos de Athalar.

— E aqui está, pessoal: a estátua da própria Luna. A deusa protetora de Lunathion foi esculpida em um único bloco de mármore, talhado das famosas pedreiras Caliprian, ao norte do rio Melanthos. Este templo foi a primeira construção da cidade na ocasião de sua fundação, há quinhentos anos; a localização escolhida precisamente pelo modo como o rio Istros forma uma enseada na costa. Alguém pode me dizer qual o desenho que o rio faz?

— Uma lua crescente! — gritou alguém, as palavras ecoando das colunas de mármore, cortando a fumaça ondeante da tigela de incenso colocada entre os lobos aos pés da deusa.

Ruhn observou Bryce e Hunt esquadrinharem o santuário a sua procura, então se despiu das sombras tempo suficiente para que percebessem sua localização. A expressão de Bryce não revelava nada. Athalar apenas sorriu.

Ah, que ótimo.

Com os turistas concentrados na guia, ninguém notou a inusitada dupla cruzar o espaço. Ruhn manteve as sombras a distância até que Bryce e Hunt o alcançaram... em seguida, ordenou que os envolvessem também.

— Belo truque — disse Hunt, apenas.

Bryce não disse nada. Ruhn tentou não se lembrar de como, no passado, a irmã ficava encantada sempre que ele demonstrava como suas sombras e sua luz estelar funcionavam; ambas metades de seu poder, trabalhando unidas.

— Pedi que você viesse. Não ele — protestou Ruhn.

Bryce passou o braço pelo de Athalar, a imagem que transmitiam era hilária: Bryce usando o vestido sofisticado de trabalho e salto alto; o anjo usando sua armadura de batalha.

— Infelizmente para você, somos unha e carne agora. Melhores amigos da vida.

— Os melhores — ecoou Hunt, o sorriso inabalável.

Luna o trespassasse. Aquilo não acabaria bem.

Bryce assentiu para o grupo de turistas ainda seguindo sua líder pelo templo.

— Este lugar pode não ter câmeras, mas eles sim.

— Estão concentrados na guia — argumentou Ruhn. — E o barulho que fazem vai abafar nossa conversa.

As sombras podiam apenas mascarar visão, não som.

Através das ondulações das sombras, podiam discernir um jovem casal se aproximando da estátua, tão concentrados nas fotos que nem sequer perceberam o adensar da escuridão naquele canto

distante. Mas Ruhn emudeceu, e Bryce e Athalar o imitaram.

Enquanto esperavam que o casal se afastasse, a guia continuou:

— Vamos nos aprofundar em outras maravilhas arquitetônicas do santuário interno em um minuto, mas agora prestem atenção à estátua. A aljava, claro, é de ouro verdadeiro, as flechas, de prata pura com pontas de diamante.

Alguém soltou um assovio de admiração.

— De fato — concordou a guia. — Foram doadas pelo arcanjo Micah, que é benfeitor e investidor de várias instituições de caridade, fundações e empresas inovadoras. — A guia prosseguiu: — Infelizmente, há dois anos, o terceiro dos tesouros de Luna foi roubado deste templo. Alguém sabe me dizer o quê?

— O chifre — respondeu alguém. — Apareceu em todos os noticiários.

— Foi um roubo terrível. Um artefato que não pode ser substituído facilmente.

O casal se afastou, e Ruhn descruzou os braços.

— Certo, Danaan. Vá direto ao ponto. Por que pediu a Bryce que viesse? — exigiu Hunt.

Ruhn gesticulou na direção dos turistas, que tiravam fotos da mão da deusa. Em especial, dos dedos, agora crispados no vazio, onde outrora um rachado chifre de caça de marfim repousava.

— Porque o Rei Outonal me incumbiu de encontrar o Chifre de Luna.

Hunt inclinou a cabeça, mas Bryce bufou.

— Por isso perguntou por ele ontem?

Foram interrompidos de novo pelas palavras da guia enquanto se dirigia para os fundos do salão.

— Se me seguirem, temos uma autorização especial para ver a câmara onde os cervos eram sacrificados e preparados para queimar em homenagem a Luna.

Pelas sombras brumosas, Bryce podia discernir uma pequena porta se abrindo na parede.

— O que é o chifre, exatamente? — perguntou Hunt, quando os turistas a haviam atravessado.

— Um bando de besteira de contos de fadas — resmungou Bryce. — Você me arrastou até aqui para isso? Para... impressionar seu papai?

Rosnando, Ruhn pegou o telefone, certificando-se de que o escudo de sombras os escondia, e abriu as fotos que havia tirado nos Arquivos Feéricos na noite anterior.

Mas não as compartilhou, não antes de responder a Athalar:

— O Chifre de Luna era uma arma, empunhada por Pelias, o primeiro Príncipe Estrelado, durante as Primeiras Guerras. Os feéricos o forjaram em seu mundo natal, batizando-o em homenagem à deusa em seu novo lar, e o usaram em batalha para

combater as hordas de demônios quando estes fizeram a Travessia. Pelias empunhou o chifre até sua morte. — Ruhn levou a mão ao peito. — Meu antepassado... cujos poderes correm em minhas veias. Não sei como funcionava, como Pelias o enchia com sua magia, mas o chifre se tornou um estorvo tão grande para os príncipes do Inferno que eles fizeram de tudo para tomá-lo.

Ruhn ergueu o telefone, a foto do manuscrito iluminado brilhava forte nas sombras densas. A ilustração do chifre entalhado colado aos lábios de um macho feérico que usava um elmo parecia tão nítida como quando fora pintada, um milênio antes. Sobre a figura cintilava uma estrela de oito pontas, o emblema do Estrelado.

Bryce ficou completamente imóvel. A quietude feérica, como um cervo paralisado em um bosque.

— O Comedor de Estrelas em pessoa criou um novo horror apenas para caçar o chifre, usando um pouco do sangue que conseguiu derramar do príncipe Pelias em batalha e a própria essência terrível. Uma besta tecida do choque entre luz e escuridão — continuou Ruhn, então deslizou o dedo pela tela e a nova ilustração apareceu. A razão pela qual havia ido até ali... o motivo pelo qual havia assumido o risco.

Bryce se recolheu diante do corpo pálido, grotesco, os dentes translúcidos arreganhados em um

rugido.

— Você o reconhece — constatou Ruhn, com suavidade.

Bryce estremeceu, como se para voltar à realidade, e esfregou a coxa, distraída.

— É o demônio que vi atacar o anjo no beco, naquela noite.

Hunt lhe lançou um olhar incisivo.

— O que também a atacou?

Bryce deu um aceno curto, afirmativo.

— O que é?

— A criatura habita as profundezas mais sombrias do Abismo — respondeu Ruhn. — Tão sem luz que o Comedor de Estrelas o batizou de Kristallos, pelos dentes e sangues vítreos.

— Nunca ouvi falar — comentou Athalar.

Bryce admirou o desenho.

— A coisa... Jamais houve qualquer menção a um maldito *demônio* em minha pesquisa sobre o chifre. — Ela o encarou. — Ninguém ligou os pontos há dois anos?

— Acredito que *levou* dois anos para juntar os pontos — argumentou Ruhn, com cautela. — O livro estava enterrado nos Arquivos Feéricos, junto de documentos cuja cópia é proibida. Nenhuma pesquisa que você fizesse sequer o encontraria. A maldita coisa estava toda escrita na Velha Língua dos Feéricos.

E a tradução custara a Ruhn a maior parte da noite. O persistente entorpecimento da raiz-alegre não tinha ajudado.

Bryce franziu o cenho.

— Mas o chifre estava quebrado... era basicamente um acessório, certo?

— Certo — respondeu Ruhn. — Durante a batalha final das Primeiras Guerras, o príncipe Pelias e o Príncipe do Fosso se enfrentaram. Os dois lutaram por três malditos dias até que o Comedor de Estrelas desferiu o golpe fatal. Mas não antes que Pelias fosse capaz de invocar todo o poder do chifre e banir o Príncipe do Fosso, os irmãos e seus Exércitos de volta ao Inferno. Ele selou a Fenda do Norte para sempre... de modo que agora apenas pequenas fissuras ou conjurações com sal podem trazê-los para nosso mundo.

Hunt franziu o cenho.

— Então está querendo me dizer que esse artefato mortal, que fez o Príncipe do Fosso *literalmente* criar uma nova espécie de demônio apenas para caçá-lo, estava simplesmente exposto aqui? Neste templo? E *ninguém* deste mundo ou do Inferno tentou roubá-lo até o blecaute? Por quê?

Bryce encontrou o olhar incrédulo do anjo.

— O chifre se partiu em dois quando Pelias selou a Fenda do Norte. Seu poder estava exaurido. Por anos, os feéricos e os asteri tentaram, sem sucesso, reavivá-lo

através de magia e feitiços, e toda essa bobagem. Foi dado a ele um lugar de honra nos Arquivos dos Asteri, mas, quando fundaram Lunathion, alguns milênios mais tarde, eles o consagraram ao templo local.

Ruhn balançou a cabeça.

— Que os feéricos tenham aberto mão do artefato sugere que subestimaram seu valor... que mesmo meu pai pode ter se esquecido de sua importância. — Até que ele foi roubado... e o rei havia metido na cabeça que o chifre seria um revivido símbolo de poder em uma possível guerra.

— Pensei que se tratava de uma réplica até Jesiba me mandar começar a procurá-lo — acrescentou Bryce. Ela se virou para Ruhn. — Então acha que alguém vem invocando esse demônio para caçar o chifre? Mas por que, quando não possui mais nenhum poder? E como esse fato explica qualquer uma das mortes? Acha que, de algum modo, as vítimas... tiveram contato com o chifre, e isso atraiu o kristallos? — Ela prosseguiu antes que qualquer um dos dois pudesse responder: — E por que o intervalo de dois anos?

— Talvez o assassino tenha esperado as coisas se acalmarem o bastante para retomar a busca — arriscou Hunt.

— Não faço a menor ideia — admitiu Ruhn. — Mas não me parece coincidência que o chifre tenha

desaparecido pouco antes da aparição do demônio, e, se os assassinatos começaram de novo...

— Pode significar que alguém está procurando mais uma vez o chifre — completou Bryce, franzindo o cenho.

— A presença do kristallos em Lunathion sugere que o chifre ainda está dentro das muralhas da cidade — disse Hunt.

Bryce o fuzilou com o olhar.

— Por que o súbito interesse do Rei Outonal no chifre?

Ruhn escolheu as palavras com cautela.

— Chame de orgulho. Ele o quer de volta às mãos dos feéricos. E quer que eu o encontre discretamente.

— Mas por que pedir a *você* que procure o chifre? — perguntou Hunt.

A cortina de sombras ondulou.

— Porque o poder Estrelado do príncipe Pelias foi urdido no próprio chifre. E está em meu sangue. Meu pai acredita que eu possa ter algum dom sobrenatural para encontrá-lo — confessou Ruhn. — Quando estava pesquisando nos Arquivos ontem à noite, esse livro... pulou em mim.

— Literalmente? — perguntou Bryce, as sobrancelhas arqueadas.

— Simplesmente pareceu... faiscar. Não sei, porra. Tudo que sei é que eu estava lá embaixo havia horas,

então senti o livro e, quando vi aquela ilustração do chifre... Pronto. A merda que traduzi confirmou tudo.

— Então o kristallos pode rastrear o chifre — disse Bryce, os olhos brilhando. — Assim como *você*.

A boca de Athalar se curvou em um meio-sorriso, entendendo aonde Bryce queria chegar.

— Pegamos o demônio, pegamos quem está por trás das mortes. E, se encontrarmos o chifre...

Ruhn fez uma careta.

— O kristallos virá até nós.

Bryce olhou para a estátua de mãos vazias atrás dos três.

— Melhor se apressar, Ruhn.

* * *

Hunt se apoiou nas colunas de entrada no alto da escadaria do Templo de Luna, o telefone colado ao ouvido. Tinha deixado Bryce do lado de dentro com o primo, já que precisava fazer aquela ligação antes de organizar toda a logística. O anjo teria feito a ligação de imediato, mas, assim que acessara a lista de contatos, havia recebido uma reprimenda de Bryce sobre celulares em lugares sagrados.

Cthona lhe desse paciência. Desistindo de mandar a semifeérica se foder, tinha decidido evitar um escândalo e marchar pelo pátio ladeado de ciprestes até os degraus da frente.

Cinco acólitas saíram da espaçosa vila atrás do templo carregando vassouras e mangueiras para limpar a escadaria e as lajes à frente, na limpeza do meio-dia.

Desnecessário, queria dizer às jovens fêmeas. Com a garoa mais uma vez coroando a cidade, as mangueiras eram supérfluas.

Cerrando os dentes, o anjo ouviu o telefone chamar e chamar.

— Atende, porra — resmungou ele.

Uma acólita de pele negra, cabelo preto, túnica branca e não mais que 12 anos passou por ele, boquiaberta, segurando a vassoura junto ao peito. Hunt quase se encolheu ao se dar conta do retrato de ira que encarnava, e controlou a expressão.

A garota feérica ainda mantinha distância, o crescente dourado, pendurado em uma delicada corrente sobre a testa, brilhava na luz cinzenta. Uma lua crescente... até que se tornasse uma sacerdotisa plena, ao atingir a maioridade, quando trocaria o crescente pelo círculo completo de Luna. E, quando seu corpo imortal começasse a envelhecer e murchar, e seu ciclo com ele, ela trocaria de novo o pendente, dessa vez por uma lua minguante.

Cada sacerdotisa tinha as próprias razões para se doar a Luna. Para renunciar à vida além dos jardins do templo e adotar a eterna virgindade da deusa.

Como Luna não tivera parceiro ou amante, assim elas viveriam.

Hunt sempre havia considerado o celibato um tédio. Até Shahar tê-lo arruinado para qualquer outra.

O anjo ofereceu à tímida acólita sua melhor tentativa de sorriso. Para surpresa dele, a garota feérica sorriu de volta. A menina tinha coragem.

Justinian Gelos atendeu ao sexto toque.

— Como está o trabalho de babá?

Hunt se endireitou.

— Não soe tão feliz.

Justinian deu uma gargalhada.

— Tem certeza de que Micah não o está punindo?

Hunt havia analisado a questão minuciosamente nos últimos dois dias. Do outro lado da rua vazia, as palmeiras pontilhando os gramados molhados de chuva do Parque do Oráculo brilhavam na luz cinzenta e o abobadado prédio cor de ônix do Templo do Oráculo estava escondido pela bruma que havia soprado do rio.

Até mesmo ao meio-dia, o Parque do Oráculo estava quase deserto, exceto pelas silhuetas curvadas e sorumbáticas dos vanir e dos humanos desesperados que vagavam pelos caminhos e jardins esperando a vez de entrar nos corredores carregados de incenso.

E, se as respostas buscadas não fossem o que imaginavam... Bem, o templo de pedras brancas em

cujos degraus Hunt estava poderia oferecer algum consolo.

O anjo olhou por sobre o ombro para o interior sombrio do templo, visível pelas imponentes portas de bronze. Sob a primalux de uma fileira de faiscantes braseiros, ele mal conseguia discernir o brilho do cabelo vermelho na silenciosa escuridão do santuário interno, reluzindo como metal derretido conforme Bryce conversava animadamente com Ruhn.

— Não — respondeu Hunt enfim. — Não creio que essa missão seja um castigo. Ele não tinha alternativa e sabia que eu causaria mais problemas se me colocasse na equipe de segurança de Sandriel. — E Pollux.

Não mencionou a barganha que fizera com Micah. Não quando Justinian ostentava o mesmo halo e Micah jamais havia demonstrado interesse pelo triário além de sua popularidade com a infantaria da 33ª. Se existia qualquer acordo para comprar sua liberdade, Justinian nunca dissera uma palavra.

Justinian suspirou.

— Sim... a merda está engrossando por aqui. As pessoas parecem no limite, e ela ainda nem chegou. Você está melhor aí.

Um macho feérico de olhar vidrado tropeçou nos degraus do templo, deu uma boa olhada em quem estava obstruindo a entrada do santuário... e se dirigiu para a rua, marchando na direção do Parque do

Oráculo e do prédio abobadado no meio dele. Outra alma condenada, procurando por respostas na fumaça e nos sussurros.

— Não tenho certeza disso — argumentou Hunt. — Preciso que pesquise uma coisa para mim... um demônio da velha-guarda. O kristallos. Apenas acesse os arquivos e veja se algo aparece.

Ele teria pedido a Vik, mas a espectro estava ocupada com o vídeo do álibi da Rainha Víbora.

— Vou checar — disse Justinian. — Mando os resultados por mensagem. Boa sorte — desejou.

— Vou precisar — admitiu Hunt. De uma centena de malditas maneiras diferentes.

— Mas já ajuda que sua *parceira* seja uma visão tão agradável — acrescentou Justinian, com malícia.

— Preciso ir.

— Ninguém ganha uma medalha por sofrer mais que todos, sabia? — pressionou Justinian, a voz ganhando um incomum tom sério. — Já faz dois séculos que Shahar morreu, Hunt.

— Tanto faz.

Ele não queria ter aquela conversa. Nem com Justinian, nem com ninguém.

— É admirável que ainda espere por ela, mas vamos ser realistas...

Hunt desligou. Cogitou arremessar o telefone contra um dos pilares.

O anjo tinha de ligar para Isaiah e Micah para falar sobre o chifre. Merda. Quando o artefato desaparecera dois anos antes, os melhores investigadores da 33ª e do Aux haviam varrido o templo. Não tinham encontrado nada. E como câmeras não eram permitidas no interior do santuário, não havia sequer uma pista de quem podia tê-lo roubado. Não havia sido nada mais que uma brincadeira idiota, disseram todos.

Todos, exceto o Rei Outonal, ao que parecia.

Hunt não havia prestado muita atenção ao roubo do chifre e, com certeza, também não havia prestado atenção às aulas sobre as Primeiras Guerras quando criança. E, depois dos assassinatos de Danika e da Matilha dos Demônios, tivera coisas mais importantes com que se preocupar.

Não sabia o que era pior: o chifre supostamente ser uma peça vital para o caso, ou o fato de que agora teria de trabalhar com Ruhn Danaan para encontrá-lo.



Bryce esperou que as costas musculosas e as belas asas de Hunt tivessem desaparecido atrás dos portões do santuário interno antes de se virar para Ruhn.

— O Rei Outonal tem algo a ver com isso?

Os olhos azuis de Ruhn cintilaram em seu ninho de sombras ou como quer que se chamasse aquilo.

— Não. Ele é um monstro de muitos modos, mas não mataria Danika.

Ela havia chegado à mesma conclusão na outra noite.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou a semifeérica mesmo assim. — Você não faz a menor ideia das malditas intenções dele a longo prazo.

Ruhn cruzou os braços.

— Por que me pediria para procurar o chifre se está invocando o kristallos?

— Dois rastreadores são melhores que um? — O coração dela ribombava no peito.

— Ele não está por trás disso. Está apenas tentando se aproveitar da situação... para alçar os feéricos a sua antiga glória. Você sabe como ele gosta de se iludir com essa babaquice.

Bryce passou os dedos através da muralha de sombras, a escuridão lambendo sua pele como bruma.

— Ele sabe que você veio me encontrar?

— Não.

Ela sustentou o olhar do irmão.

— Por que... — Bryce lutou para encontrar as palavras. — Por que se importa?

— Porque quero ajudá-la. Porque essa merda põe toda a cidade em risco.

— Que... Escolhido de sua parte.

O silêncio se prolongou entre eles, tão tenso que vibrava.

— Só porque estamos trabalhando juntos não significa que as coisas entre nós vão mudar — disparou ela. — Você vai encontrar o chifre, e vou encontrar quem está por trás disso. Ponto final.

— Ótimo — disse Ruhn, os olhos frios. — Jamais tive esperança de que me desse ouvidos, afinal.

— Por que eu lhe daria ouvidos? — sibilou ela. — Sou apenas uma *vadia mestiça*, certo?

Ruhn se retesou, corando.

— Sabe que foi uma discussão idiota e que eu não *quis dizer* aquilo...

— Sim, você quis — cuspiu ela, dando meia-volta. — Você pode se vestir como um punk rebelde contrariando as regras do papai, mas, bem no fundo, não é melhor que o restante dos babacas feéricos que puxam seu saco de Escolhido.

Ruhn rosnou, mas Bryce nem esperou para se arremessar contra as sombras, piscando quando a onda de luz a saudou, e seguir na direção de Hunt, que estava parado à porta.

— Vamos — disse ela, sem se importar com o que ele tivesse ouvido.

Hunt se demorou no lugar, os olhos castanhos cintilando conforme olhava para o canto sombrio do cômodo, onde o suposto primo de Bryce estava mais uma vez oculto pela escuridão. Felizmente, o anjo não disse nada enquanto a alcançava, e ela não disse mais nada a ele.

* * *

Bryce praticamente correu de volta à galeria. Em parte, para recomeçar sua pesquisa sobre o chifre, mas também graças à enxurrada de mensagens de Jesiba exigindo saber onde ela estava, se ainda queria o emprego e se preferia ser transformada em um rato

ou uma pomba. E, em seguida, uma ordem para voltar *imediatamente* para receber um cliente.

Cinco minutos depois de Bryce chegar, o cliente de Jesiba — o babaca furioso de um metamorfo leopardo que acreditava ter o direito de colocar as patas na bunda de Bryce — estava à espreita e comprou uma estátua de Solas e Cthona, retratados como um sol com feições masculinas enterrando o rosto em um par de montanhas em formato de seios. A imagem sagrada era conhecida simplesmente como o Abraço. Sua mãe até usava a versão simplificada — um círculo aninhado no topo de dois triângulos — em um pendente de prata. Mas Bryce sempre achara o Abraço piegas e banal em qualquer interpretação. Trinta minutos e duas rejeições aos avanços pegajosos do cliente depois, misericordiosamente Bryce se viu sozinha de novo.

Pelo tempo que pesquisou, porém, o banco de dados da galeria sobre o Chifre de Luna não revelou nada além do que ela já sabia e do que o irmão havia contado naquela manhã. Nem mesmo Lehabah, a excepcional rainha da fofoca, sabia nada sobre o chifre.

Com a volta de Ruhn aos Arquivos Feéricos para checar se alguma outra informação evocava sua sensibilidade Estrelada, Bryce imaginava que teria de esperar por alguma novidade.

Hunt havia voado para reassumir sua vigília no telhado. Aparentemente, tinha de ligar para o chefe — ou o que quer que Micah fingisse ser — e Isaiah para contar do chifre. O anjo não havia tentado voltar à biblioteca, como se sentisse que ela precisava de espaço.

Procure onde dói mais. É onde as respostas sempre estão.

Bryce se pegou olhando para a lista inacabada que havia começado naquela manhã.

Talvez não fosse capaz de descobrir muito sobre o chifre por conta própria, mas talvez conseguisse entender como diabos Danika se encaixava em tudo aquilo.

Com as mãos trêmulas, ela se obrigou a terminar a lista com os últimos passos de Danika... até onde sabia.

Quando o sol estava quase se pondo e Syrinx parecia pronto para ser levado para casa, Bryce sentia que poderia vender o que restava da própria alma a um ceifador em troca do conforto silencioso de sua cama. Tinha sido um dia longo, cheio de informações que precisava processar e uma lista que abandonara na gaveta da escrivaninha.

Também devia ter sido um dia longo para Hunt, porque ele seguiu a quimera e a semifeérica dos céus sem lhes dirigir uma palavra.

Ela estava na cama às oito, e nem mesmo se lembrava de ter caído no sono.



Na manhã seguinte, Bryce estava sentada à mesa da recepção, na sala de exibição da galeria, olhando para a lista dos últimos locais visitados por Danika, quando o telefone tocou.

— O acordo com o leopardo foi fechado — disse ela a Jesiba à guisa de cumprimento.

A papelada havia ficado pronta uma hora antes.

— Preciso que vá até meu escritório e me mande um arquivo de meu computador.

Bryce revirou os olhos, tentando não soltar um *De nada.*

— Está sem acesso? — perguntou.

— Fiz questão de não salvá-lo em rede.

Bufando, Bryce se levantou, a perna latejando de leve, e caminhou até a pequena porta na parede adjacente à mesa. Com uma das mãos, desativou os

encantamentos no painel ao lado, a porta se abrindo para revelar uma estreita e acarpetada escadaria.

— Quando peço alguma coisa, Bryce, faça. Sem perguntas.

— Sim, Jesiba — resmungou a semiféerica, subindo a escada.

Ao se desviar dos avanços do metamorfo leopardo na véspera, tinha dado algum mau jeito na perna ruim.

— Gostaria de ser um verme, Bryce? — ronronou Jesiba, a voz se aproximando assustadoramente do triscar de um ceifador. Pelo menos, Jesiba não era um... mesmo que Bryce soubesse que a feiticeira sempre lidava com eles na Casa de Chama e Sombra. Graças aos deuses, nenhum jamais havia aparecido na galeria. — Gostaria de ser um besouro do esterco ou uma centopeia?

— Prefiro uma libélula. — Bryce entrou no pequeno e confortável escritório no andar de cima. Uma das paredes era uma vidraça que se debruçava sobre a galeria abaixo, o material totalmente à prova de som.

— Tenha cuidado com o que deseja — continuou Jesiba. — Vai descobrir que essa sua insolência seria bem fácil de calar se eu a transformasse. Não teria voz nenhuma, afinal.

Bryce calculou o fuso horário entre Lunathion e a costa ocidental de Pangera e se deu conta de que

Jesiba tinha, muito provavelmente, acabado de voltar do jantar.

— O vinho pangerano é o melhor, não?

Já estava quase na mesa quando as primaluces piscaram. Uma fileira de lâmpadas iluminava o rifle desmontado e pendurado na parede atrás da mesa. O Matador de Deuses brilhava tão novo como no dia em que fora forjado. Bryce poderia jurar que um lamento fraco irradiava do ouro e do aço... como se a lendária e letal arma ainda cantasse após um disparo.

A presença do rifle a enervava, apesar de Jesiba tê-lo dividido em quatro partes, dispostas como uma obra de arte atrás da escrivaninha. Quatro partes que ainda podiam ser montadas com facilidade, mas aquilo deixava os clientes à vontade, mesmo quando os lembrava de quem estava no comando.

Bryce sabia que a feiticeira nunca lhes contara sobre a bala de ouro gravada que ficava no cofre ao lado do quadro na parede da direita. Jesiba a mostrara a ela apenas uma vez, deixando que Bryce lesse as palavras desenhadas na lateral: *Memento Mori.*

As mesmas palavras exibidas no mosaico do Mercado da Carne.

Tinha soado melodramático, mas uma parte da semifeérica havia se maravilhado com aquilo... com a bala e o rifle, tão raro que existiam apenas alguns em Midgard.

Bryce ligou o computador de Jesiba, deixando a feiticeira ditar instruções antes de enviar o arquivo.

— Soube de alguma novidade sobre o Chifre de Luna? — perguntou, quando já estava de volta no meio da escada.

Uma longa e contemplativa pausa.

— Isso tem algo a ver com essa sua investigação?

— Talvez.

A voz fria e baixa de Jesiba parecia a personificação da casa a que servia.

— Não ouvi nada. — Então desligou.

Bryce rangeu os dentes conforme voltava para sua mesa, na sala de exibição.

— Posso ver Athie agora? — Lehabah interrompeu-a, sussurrando, pela porta de ferro.

— Não, Lele.

Ele havia mantido distância naquela manhã também. Ótimo.

Procure onde dói mais.

Bryce tinha a lista dos paradeiros de Danika. Infelizmente, sabia o que precisava fazer em seguida. O que ela temia ao acordar naquela manhã. O telefone tocou em sua mão crispada, e Bryce se preparou para ouvir Jesiba desancá-la porque tinha ferrado com o arquivo, mas era Hunt.

— Sim? — perguntou ela, à guisa de cumprimento.

— Houve outro assassinato. — A voz do anjo era tensa... fria.

Ela quase deixou cair o telefone.

— Quem...

— Ainda estou reunindo os detalhes. Mas foi a uns dez quarteirões daqui... perto do portão na Praça da Cidade Velha.

O coração de Bryce batia tão rápido que ela mal conseguia tomar fôlego.

— Alguma testemunha?

— Não. Mas vamos até lá.

— Estou ocupada — mentiu ela, as mãos trêmulas.

Hunt hesitou.

— Não estou de brincadeira, Quinlan.

Não. Não, ela não podia fazer aquilo, suportar, rever...

Bryce se forçou a respirar, praticamente inalando os vapores de menta do difusor.

— Tem um cliente a caminho...

Ele esmurrou a porta da galeria, selando seu destino.

— Estamos indo.

* * *

O corpo inteiro de Bryce parecia retesado ao ponto de tremer quando o anjo e ela se aproximaram das

magicercas que bloqueavam o beco a alguns quarteirões do Portão do Coração.

Ela tentou respirar pausadamente, tentou todas as técnicas sobre as quais aprendera ou lera para controlar a sensação de pânico, a náusea que pressionava seu estômago. Nada funcionou.

Anjos, feéricos e metamorfos perambulavam pelo beco, alguns falando ao rádio ou ao telefone.

— Um corredor encontrou os restos — disse Hunt, enquanto as pessoas abriam caminho para deixá-los passar. — Acham que aconteceu em algum momento da noite passada. — Ele acrescentou, com cautela: — A 33ª ainda está tentando conseguir uma identificação, mas, pelas roupas, parece uma acólita do Templo de Luna. Isaiah já está interrogando as sacerdotisas do templo para descobrir quem pode estar ausente.

Todos os sons se mesclaram em um zumbido estridente. Ela não se lembrava direito da caminhada até ali.

Hunt se desviou de uma magicerca que ocultava a cena do crime, deu uma olhada no que o aguardava ali e xingou. Então se virou para Bryce, como se enfim percebesse o que aquilo a fazia recordar, mas já era tarde demais.

Sangue havia espirrado nos tijolos do prédio e estava empoçado nas pedras gretadas do chão do beco, salpicado nas laterais da lixeira. Ao lado da

lixeira, como se alguém os tivesse jogado fora, havia pedaços de polpa vermelha. Uma túnica rasgada jazia ao lado da carnificina.

O zumbido se tornou um rugido. O corpo de Bryce se desligou ainda mais.

Danika uivando de rir, Connor piscando para ela, Bronson e Zach e Zelda e Nathalie e Thorne, todos histéricos...

Então nada além de polpa vermelha. Todos eles, tudo que tinham sido, tudo o que ela havia sido com eles se tornou nada mais que pilhas de polpa vermelha.

Mortos, mortos, mortos...

Um punho apertou seu ombro. Mas não era o de Hunt. Não, ele continuava onde estava, a expressão agora dura como pedra.

Ela se encolheu quando Ruhn disse ao seu ouvido:

— Você não precisa ver isso.

Aquele era outro assassinato. Outro corpo. Outro ano.

Uma medbruxa até mesmo se ajoelhara ao lado do corpo, a varinha vibrando com a primalux em suas mãos, tentando remendar o cadáver... a *garota*.

Ruhn a puxou na direção da cerca e do céu aberto.

O movimento a libertou do transe. Interrompeu o zumbido em seus ouvidos.

Ela se desvencilhou do irmão, sem se importar se alguém veria, sem se importar com o fato de que ele, como líder das unidades do Aux feérico, tivesse o direito de estar ali.

— Não toque em mim.

Ruhn comprimiu os lábios. Mas olhou por sobre o ombro, para Hunt.

— Você é um babaca.

Os olhos de Hunt faiscaram.

— Eu a avisei sobre a situação no caminho. — O anjo acrescentou, com pesar: — Não me dei conta da bagunça que encontraríamos.

Ele a avisara, não? Ela havia se distanciado tanto que mal ouvira Hunt. Tão atordoada como se tivesse cheirado uma carreira de caça-luz.

Ele emendou:

— Ela é uma mulher adulta. Não precisa de você para decidir o que consegue suportar. — O anjo assentiu para a saída do beco. — Não devia estar pesquisando? Ligaremos para você, caso sua presença seja necessária, principezinho.

— Vá se foder — vociferou Ruhn, sombras rodopiando em seu cabelo. Outros reparavam agora. — Não acha que é coincidência demais que uma acólita tenha sido assassinada depois de visitarmos o templo?

As palavras não faziam sentido. Nada daquilo fazia.

Bryce deu as costas para o beco, para os investigadores.

— Bryce... — começou Ruhn.

— Me deixe em paz — interrompeu ela, com calma, e continuou andando.

Não devia ter deixado Athalar convencê-la a acompanhá-lo, não devia ter visto aquilo, não devia ter sido obrigada a lembrar.

No passado, talvez tivesse ido direto para o estúdio de dança. Teria dançado e se movido até que o mundo entrasse nos eixos outra vez. Sempre fora seu refúgio, seu modo de entender o mundo. Havia visitado o estúdio sempre que tivera um dia de merda.

Já fazia dois anos que não pisava em um. Ela havia jogado fora todas as roupas de dança e sapatilhas. As sacolas. Aquela no apartamento tinha ficado toda salpicada de sangue; o de Danika, Connor e Thorne nas roupas no quarto, e o de Zelda e Bronson em sua sacola reserva, que ela havia deixado pendurada ao lado da porta. Padrões de respingo iguais...

Um perfume de chuva acariciou seu nariz quando Hunt a alcançou. E lá estava ele. Outra memória daquela noite.

— Ei — disse Hunt.

Ei, tinha sussurrado ele havia tanto tempo. Bryce tinha se sentido destruída, um fantasma, e então ele aparecera, ajoelhado a seu lado, aqueles olhos sombrios indecifráveis conforme dizia: *Ei.*

Ela não contara a ele... que se lembrava daquela noite na sala de interrogatório. E, com certeza, não confessaria naquele momento.

Se tivesse de conversar com alguém, ia explodir. Se tivesse de fazer *qualquer coisa* naquele instante, Bryce se entregaria a um daqueles ataques de ira primal dos feéricos...

Sua visão começou a se anuviar, os músculos tensionados de forma dolorosa, a ponta dos dedos crispada, como se fantasiasse cravá-las...

— Dê tempo ao tempo — murmurou Hunt.

— Me deixe em paz, Athalar.

Ela se recusava a encará-lo. Não conseguia engolir o anjo ou o irmão ou *ninguém*. Se o assassinato daquela acólita *tivesse* a ver com sua presença no templo, talvez um aviso ou, quem sabe, porque ela vira algo relacionado ao chifre, se eles acidentalmente foram os responsáveis por aquela morte... Suas pernas continuavam a se mover, cada vez mais rápido. Hunt não hesitou nem por um segundo.

Ela não ia chorar. Não ia se dissolver em um caos histérico na esquina. Não ia gritar ou vomitar...

— Eu estava lá naquela noite — disse Hunt rouco, depois de outro quarteirão.

Ela continuou andando, os passos comendo a calçada.

— Como sobreviveu ao kristallos? — perguntou o anjo.

Sem dúvida, ele estava analisando seu corpo naquele exato instante, imaginando a resposta. Como ela, uma patética mestiça, havia sobrevivido quando vanir puros-sangues não conseguiram?

— Não sobrevivi — murmurou ela, cruzando uma rua e se desviando de um carro que fechava o cruzamento. — Ele escapou.

— Mas o kristallos imobilizou Micah, rasgou o peito dele...

Ela quase tropeçou no meio-fio e deu meia-volta, queixo caído.

— Aquele era Micah?



Bryce salvara Micah Domitus naquela noite.

Não um legionário qualquer, mas o maldito arcanjo. Não era de admirar que o atendente do serviço de emergência tivesse entrado em ação quando rastreou o número do telefone.

A informação reverberou em Bryce, distorcendo e dispersando um pouco o nevoeiro que encobria suas lembranças.

— Salvei o governador naquele beco.

Hunt apenas assentiu, lenta e dolorosamente.

— Por que o segredo? — A voz dela era incisiva.

Hunt esperou até que um grupo de turistas tivesse passado antes de responder:

— Pelo bem do arcanjo. Se viesse a público que o governador fora completamente subjugado, pegaria muito mal.

— Em especial quando ele foi salvo por uma mestiça?

— Ninguém em nosso grupo *jamais* usou esse termo... sabe disso, certo? Mas sim. De fato, cogitamos como seria a repercussão se soubessem que uma semifeérica humana de 23 anos, que ainda não havia completado a Descida, salvara o arcanjo quando ele próprio não fora capaz de se salvar.

O sangue latejava nos seus ouvidos.

— Mas por que não *me* contar? Procurei em todos os hospitais, apenas para saber se ele havia sobrevivido.

Mais que aquilo, na verdade. Ela havia exigido respostas sobre a recuperação do guerreiro, mas foi colocada em espera ou ignorada ou convidada a se retirar.

— Eu sei — confessou Hunt, estudando seu rosto. — Foi considerado mais sábio manter segredo. Em especial quando seu telefone foi hackeado logo depois...

— Então, eu seria mantida na ignorância para sempre...

— Queria uma medalha ou algo assim? Um desfile?

Bryce estacou tão rápido que Hunt precisou abrir as asas a fim de parar também.

— *Vá se foder*. O que eu queria... — Ela tentou reprimir a respiração brusca e entrecortada que a

cegava, assomando e assomando sob a pele. — O que eu queria — sibilou, voltando a andar enquanto ele apenas a encarava — era saber que *alguma atitude* que tomei naquela noite fez diferença. Achei que o tivessem jogado no Istros... que fosse algum legionário raso, indigno da honra de um Veleiro.

Hunt balançou a cabeça.

— Olhe, sei que foi uma cagada. E lamento, ok? Lamento por tudo, Quinlan. Lamento que não tenhamos contado a você e lamento que esteja em minha lista de suspeitos e lamento...

— Estou na sua *o quê*? — cuspiu ela. Uma cortina vermelha toldou sua visão conforme ela arreganhava os dentes. — Depois de tudo *isso* — sibilou ela —, você me considera uma *maldita suspeita*? — Ela berrou as últimas palavras. Apenas a pura força de vontade a impediu de pular no anjo e dilacerar o rosto dele.

Hunt ergueu as mãos.

— Isso... Merda, Bryce. Isso não soou como devia. Veja bem... eu precisava levar em consideração cada ângulo, cada possibilidade, mas sei agora... Solas, quando vi seu rosto naquele beco, eu me dei conta de que jamais poderia ter sido você, e...

— Saia da *porra* da minha frente.

O anjo a observou, curioso, então estendeu as asas. Ela se recusou a recuar, dentes ainda à mostra. O vento daquelas asas despenteou seu cabelo, soprando

o perfume de cedro e chuva em seu rosto enquanto ele se lançava aos céus.

Procure onde dói mais.

Foda-se a Rainha Víbora. Foda-se *tudo aquilo.*

Bryce saiu em disparada... uma corrida firme, rápida, apesar das frágeis sapatilhas que havia calçado na galeria. Não corria para algum lugar ou de alguma coisa, mas tão somente... movimento. Os golpes dos pés na calçada, a respiração ofegante.

Ela correu e correu, até que os sons retornassem e o nevoeiro retrocedesse e ela conseguisse escapar do labirinto turbulento da própria mente. Não era dança, mas teria de bastar.

* * *

Bryce correu até o corpo implorar que parasse. Correu até que o telefone vibrasse e ela se perguntasse se a própria Urd havia lhe estendido a mão. A ligação foi rápida, sem fôlego.

Minutos depois, Bryce passou a caminhar conforme se aproximava do Corvo Branco. E, em seguida, parou completamente diante da alcova embutida na parede ao lado da porta de serviço. O suor escorria pelo pescoço, pelo vestido, ensopando o tecido verde quando ela mais uma vez pegou o telefone.

Ela não ligou para Hunt. O anjo não a havia interrompido, mas ela sabia que ele estava lá em cima.

Algumas gotas de chuva salpicaram a calçada. Ela desejou que as nuvens se derramassem sobre Hunt Athalar a noite inteira.

Os dedos hesitaram sobre a tela, e ela suspirou, sabendo que não devia.

Mas o fez. Parada ali, naquela mesma alcova em que trocara com Danika algumas de suas últimas mensagens, ela abriu a conversa. Aquilo queimou seus olhos.

Ela deslizou para cima, passando por aquelas derradeiras palavras felizes e provocações. Até a foto que Danika havia lhe enviado naquela tarde: a loba e a matilha no jogo de solebol, enfeitados com as cores da UCLC. Ao fundo, Bryce podia discernir os jogadores em campo... a silhueta poderosa de Ithan entre eles.

Seu olhar, porém, se desviou para o rosto de Danika. Aquele sorriso largo que Bryce conhecia tão bem quanto o seu próprio.

Amo você, Bryce. A lembrança já gasta daquele dia de maio do ano da formatura a provocava, a consumia.

A estrada quente pinicava os joelhos de Bryce através do jeans rasgado, as mãos arranhadas tremiam enquanto as mantinha entrelaçadas na nuca, onde haviam mandado que as colocasse. A dor no braço cortava como uma faca.

Quebrado. Os machos tinham obrigado a semifeérica a levantá-lo mesmo assim.

A moto roubada parecia ferro-velho na estrada empoeirada, o reboque sem identificação estava parado uns 6 metros à frente, motor ligado. O rifle fora jogado em um olival além da estrada montanhosa, arrancado das mãos de Bryce no acidente que as colocara naquela situação. O acidente em que Danika a protegera, envolvendo o corpo de Bryce com o seu. Danika havia sofrido o impacto no asfalto pelas duas.

A uns 3 metros, mãos também na nuca, Danika sangrava em tantos lugares que as roupas pareciam ensopadas. Como chegaram àquilo? Como as coisas tinham dado tão errado?

— Onde estão as malditas *balas? — guinchou o macho do reboque para seus comparsas, a arma descarregada, aquela arma milagrosa e inesperadamente descarregada, nas mãos.*

Os olhos cor de caramelo de Danika se arregalaram, inquisitivos, conforme permaneciam no rosto de Bryce. Mágoa e dor e medo e arrependimento… tudo escrito ali.

— Amo você, Bryce. — Lágrimas rolavam pelo rosto de Danika. — E lamento.

Ela jamais dissera aquelas palavras antes. Nunca. Bryce a havia atormentado nos últimos três anos com o assunto. Mas Danika tinha se recusado a enunciá-las.

Um movimento à esquerda chamou a atenção de Bryce. Balas foram encontradas na cabine do caminhão. Mas seu

olhar continuava fixo em Danika. Naquele rosto lindo, selvagem.

Ela se libertou, como uma chave girando em uma maçaneta. Os primeiros raios de sol no horizonte.

E Bryce sussurrou, conforme aquelas balas se aproximavam da arma à espera e do monstruoso macho que a empunhava:

— Feche os olhos, Danika.

Bryce piscou, a vívida lembrança substituída pela foto ainda brilhando em sua tela. De Danika e da Matilha dos Demônios anos mais tarde... tão felizes e jovens e vivos.

A poucas horas do fim.

Os céus se abriram, e asas farfalharam acima, lembrando a ela da presença vigilante de Hunt. Mas Bryce não se deu o trabalho de olhar enquanto entrava na boate.



Hunt sabia que tinha ferrado com tudo. E que estaria fodido... *se* Micah descobrisse que ele havia contado a verdade sobre aquela noite.

Duvidava de que Bryce tivesse dado aquele telefonema — fosse para a feiticeira ou para o escritório de Micah —, e se certificaria de que não o fizesse. Talvez pudesse suborná-la com um novo par de sapatos ou uma bolsa ou qualquer coisa tentadora o bastante para que ficasse calada. Um erro, um deslize, e não tinha ilusões sobre como Micah reagiria.

Deixou que a semiféerica corresse pela cidade, seguindo-a da Praça da Cidade Velha até os terrenos baldios dos Prados de Asphodel, em seguida pelo Distrito Comercial Central e de volta à Praça.

Hunt planava acima da fêmea, ouvindo a sinfonia das buzinas de carros, das batidas da música e dos

sussurros do irrequieto vento de abril através das palmeiras e dos ciprestes. Bruxas em vassouras voavam pelas ruas, algumas baixo o bastante para tocar o capô dos carros pelos quais passavam. Tão diferente dos anjos, que sempre se mantinham acima dos prédios enquanto estavam no ar. Como se as bruxas quisessem se tornar parte do burburinho que os anjos evitavam por definição.

Enquanto Hunt seguia Bryce, Justinian havia ligado com a informação sobre o kristallos, que totalizava um monte de nada. Alguns mitos que corroboravam o que já sabiam. Vik tinha entrado em contato cinco minutos depois: o álibi da Rainha Víbora era sólido.

Em seguida, fora a vez de Isaiah, confirmando que a vítima no beco era, de fato, uma acólita desaparecida. Hunt soube que as suspeitas de Danaan estavam certas: não podia ser coincidência que tivessem visitado o templo na véspera, para falar sobre o chifre e o demônio que havia matado Danika e a Matilha dos Demônio, e que agora uma das acólitas estivesse morta pelas garras do kristallos.

Uma garota feérica. Pouco mais que uma criança. Hunt sentiu o estômago queimar com o pensamento.

Não devia ter levado Bryce à cena do crime. Não devia tê-la obrigado a ir. Cego pela maldita necessidade de resolver o caso rapidamente, não titubeou diante da hesitação da jovem.

Ele não havia se dado conta — até que a vira olhar para aquele corpo destroçado, até o rosto dela ter ficado pálido como a morte — que sua quietude não era calma, afinal. Era choque. Trauma. Horror. E o anjo a havia jogado naquilo.

Tinha fodido com tudo, e Ruhn tivera razão quando o acusara, mas... merda.

Hunt olhara uma única vez para o rosto cinzento de Bryce e soubera que ela não estava por trás daqueles assassinatos, nem remotamente envolvida. E ele era um grandíssimo babaca por sequer contemplar a hipótese. Por sequer *dizer* a ela que a havia colocado na lista.

O anjo esfregou o rosto. Queria que Shahar estivesse ali, planando ao seu lado. Ela sempre o deixara desabafar diversas estratégias ou problemas durante os cinco anos que passaram juntos na 18ª, sempre ouvia e o questionava. Ela o desafiava de um modo que ninguém mais ousava.

Quando havia se passado uma hora e a chuva começado a cair, Hunt tinha ensaiado um discurso completo. Duvidava de que Bryce quisesse ouvi-lo, ou de que admitiria como havia se sentido naquele dia, mas ele lhe devia desculpas. Ele perdera muitas partes essenciais de si mesmo ao longo dos séculos de escravidão e guerra, mas gostava de pensar que não tinha perdido a decência. Pelo menos, não ainda.

Entretanto, depois de executar aquelas duas mil almas a mais que ainda teria de matar se fracassasse em resolver o caso, não conseguia imaginar se ainda lhe restaria alguma. Se a pessoa que seria àquela altura mereceria a liberdade, não sabia. Não queria pensar no assunto.

Mas então Bryce recebeu uma ligação — recebeu, não fez, ainda bem — e não diminuiu o ritmo para atender. Muito alto para ouvir, só lhe restava observar enquanto ela mudava de direção novamente e embicava — percebeu dez minutos depois — para a rua do Arqueiro.

Assim que a chuva apertou, ela havia parado do lado de fora do Corvo Branco e passado alguns minutos ao telefone. Mas, apesar da visão aguçada, Hunt não foi capaz de discernir o que ela estava fazendo no aparelho. Então a observara do telhado adjacente, e devia ter checado o próprio telefone uma centena de vezes naqueles cinco minutos, como um patético babaca apaixonado, na esperança de que Bryce tivesse lhe enviado uma mensagem.

E, no exato momento que a chuva se transformou em um aguaceiro, ela guardou o telefone, passou pelos seguranças com um aceno e desapareceu no interior do Corvo Branco, sem nem mesmo um olhar para cima.

Hunt aterrissou, dispersando vanir e humanos pela calçada. O segurança — meio lobo, meio daemonaki

— teve a audácia de erguer uma das mãos.

— A fila é à direita — trovejou o macho a sua esquerda.

— Estou com Bryce — informou Hunt.

— Caguei. A fila é à direita — disse o outro segurança.

Apesar de ainda ser cedo, a fila já chegava ao fim do quarteirão.

— Estou aqui para um assunto oficial da legião — avisou Hunt, procurando o distintivo, onde quer que o tivesse colocado...

A porta se entreabriu, e uma deslumbrante garçonete feérica espiou.

— Riso disse para deixá-lo entrar, Crucius.

O segurança que havia falado primeiro apenas sustentou o olhar do anjo.

Hunt abriu um sorriso irônico.

— Fica pra próxima. — E seguiu a fêmea para dentro.

O cheiro de sexo e bebida e suor que o atingiu deixou seus instintos em alerta com desconcertante rapidez conforme cruzavam o salão envidraçado e subiam a escada. Os pilares em ruínas estavam iluminados por lâmpadas roxas.

O anjo jamais havia pisado no clube; sempre enviara Isaiah ou um dos outros. Em grande parte porque sabia que não era melhor que os palácios e as casas de campo dos arcanjos pangeranos, onde

banquetes se transformavam em orgias que duravam dias enquanto o povo passava fome a poucos passos daquelas vilas e tanto humanos quanto vanir reviravam o lixo na esperança de encontrar qualquer coisa para alimentar os filhos. Hunt conhecia o próprio temperamento e seus gatilhos bem o bastante para ficar longe dali.

Algumas pessoas sussurravam ao vê-lo passar. Mas ele não desviava os olhos de Bryce, que já ocupava uma cabine entre duas colunas esculpidas, bebericando um copo de algo transparente; vodca ou gin. Com tantos cheiros ali dentro, ele não conseguia diferenciar.

Os olhos da semifeérica o fitaram por cima da borda do copo enquanto ela bebia.

— Como *você* conseguiu entrar?

— É um lugar público, não é?

Ela não disse nada. Hunt suspirou e estava prestes a se sentar e se desculpar quando sentiu perfume de jasmim e baunilha e...

— Com licença, senhor... Ah. Hmm. Err. — Ele se viu cara a cara com uma adorável fauna que usava um top branco e uma saia curta o bastante para exibir as longas pernas nuas e os cascos delicados. Os chifres, levemente arqueados, estavam quase escondidos pelo cabelo crespo, preso em um coque bagunçado, a pele negra parecia salpicada de dourado e brilhava na luz da boate. Deuses, ela era linda.

Juniper Andromeda: a amiga de Bryce do balé. Ele também lera os arquivos sobre ela. A dançarina olhava de Hunt para Bryce.

— Eu... Eu espero não ter interrompido nada...

— Ele já estava de saída — disse Bryce, virando a bebida.

Hunt enfim deslizou para a cabine.

— Acabei de chegar. — Ele estendeu a mão para a fauna. — Prazer em conhecê-la. Sou Hunt.

— Sei quem você é — admitiu a fauna, com voz rouca.

O aperto de Juniper foi breve, mas firme. Bryce reabasteceu o copo com o líquido cristalino de um decantador e bebeu avidamente.

— Pediu comida? — perguntou Juniper. — Acabei de sair do ensaio e estou *faminta*.

Apesar de magra, a fauna era musculosa e forte como um demônio sob o exterior gracioso.

Bryce ergueu seu drinque.

— Estou na dieta líquida.

Juniper franziu o cenho. Mas perguntou a Hunt:

— Quer algo para comer?

— Claro que sim.

— Pode pedir o que quiser... eles providenciam. — Ela ergueu a mão, chamando a garçonete. — Vou querer o hambúrguer vegetariano, sem queijo, com fritas, óleo vegetal apenas para cozinhar, e dois pedaços de pizza; queijo à base de plantas, por favor.

— Ela mordeu o lábio, então explicou para Hunt: — Não como produtos de origem animal.

Como fauna, carne e laticínios eram repugnantes. Leite era apenas para bebês.

— Entendi — disse ele. — Se importa se eu comer? — Ele havia lutado ao lado de faunos ao longo dos séculos. Alguns não eram capazes nem de suportar a visão de carne. Alguns não se importavam. Sempre valia a pena perguntar.

Juniper piscou, mas balançou a cabeça.

Ele abriu um sorriso para a garçonete.

— Vou querer um filé de costela, com osso, e vagem grelhada — pediu.

Que diabos. Ele olhou para Bryce, que estava atacando seu drinque como se fosse um shake de proteína.

A semifeérica não jantara na véspera, e, muito embora Hunt estivesse distraído pela manhã quando ela deixou o quarto usando apenas um sutiã de seda rosa-shocking e calcinha combinando, notara, pela janela da sala, que ela também tinha pulado o café da manhã; e, como não levara comida para a galeria ou pedido almoço, seria capaz de apostar que ainda não tinha comido nada.

Então Hunt disse:

— Ela vai querer kafta de cordeiro com arroz, grão-de-bico assado e picles para acompanhar. Obrigado.

Ele a vira sair para almoçar algumas vezes, e havia sentido precisamente o que estava nas embalagens para viagem. Bryce abriu a boca, mas a garçonete já tinha partido. Juniper os observava, nervosa. Como se soubesse exatamente o que Bryce estava prestes a fazer...

— Vai dar comida na minha boca também?

— O quê?

— Só porque você é um grande babaca durão não significa que tem o direito de decidir quando devo comer... ou quando *eu* não estou cuidando de meu corpo. Sou eu que vivo nele, *eu* sei quando quero comer. Então mantenha sua babaquice possessiva-agressiva para si mesmo.

Juniper engoliu em seco, um som nítido por sobre a música.

— Dia longo no trabalho, Bryce?

Bryce estendeu o braço para o copo outra vez. Mas Hunt foi mais rápido, a mão lhe envolvendo o punho e o prendendo na mesa antes que ela pudesse entornar mais álcool.

— Tire sua maldita mão de mim — rosnou ela.

Hunt abriu um meio-sorriso.

— Não seja tão clichê. — Os olhos da fêmea faiscaram. — Você teve um dia ruim e vem afogar as mágoas em vodca? — O anjo bufou, soltando o punho de Bryce e pegando o copo. Ele o levou aos lábios, sustentando o olhar de Bryce por sobre a

borda conforme dizia: — Ao menos me diga que tem bom gosto em... — Ele cheirou o drinque. Provou. — Isto é água.

Os dedos de Bryce se fecharam sobre a mesa.

— Eu não bebo.

— Eu convidei Bryce esta noite. Já fazia tempo que não nos víamos, e tenho de encontrar alguns dos bailarinos da companhia aqui mais tarde, então...

— Por que não bebe? — perguntou Hunt a Bryce.

— Você é o Umbra Mortis. Tenho certeza de que pode descobrir. — Bryce se espremeu para fora da cabine, forçando Juniper a se levantar. — Mas, levando em conta que acreditava que eu tinha matado minha melhor amiga, talvez não consiga. — Hunt se eriçou, mas Bryce apenas declarou: — Vou ao banheiro. — Em seguida, ela atravessou a multidão na antiga pista de dança, a massa a engolindo conforme serpenteava na direção de uma porta distante, entre duas colunas nos fundos.

— Vou com ela. — O rosto de Juniper parecia tenso.

Então a fauna se foi, movendo-se com rapidez e leveza, enquanto dois machos a fitavam, boquiabertos. Juniper os ignorou. Ela alcançou Bryce no meio da pista de dança, parando a semifeérica com a mão em seu braço. Juniper sorriu — tão radiante quanto as luzes ao seu redor — e começou a falar, gesticulando

para a cabine, a boate. O rosto de Bryce continuava frio como pedra. Mais frio.

Os machos se aproximavam, viam aquela expressão, e não se aventuravam a chegar mais perto.

— Bem, se ela está puta com você, talvez eu tenha uma chance — falou pausadamente uma voz de macho ao seu lado.

Hunt não se preocupou em parecer agradável.

— Me diga que encontrou alguma coisa.

O Príncipe Herdeiro dos Feéricos Valbaranos se reclinou contra o limite da cabine, os deslumbrantes olhos azuis presos em Bryce. Com certeza, havia recorrido àquelas sombras para se esgueirar até ali sem que Hunt percebesse.

— Negativo. Recebi uma ligação do dono do Corvo me dizendo que ela estava aqui. Bryce parecia péssima quando deixou a cena do crime, e quis me certificar de que estava bem.

Hunt não podia refutar aquilo. Então ficou calado.

Ruhn assentiu para as fêmeas paradas no meio do mar de dançarinos.

— Ela costumava dançar, sabia? Se fosse possível, teria entrado no balé com Juniper.

Ele não sabia... não de verdade. Aqueles fatos eram apenas detalhes em seu arquivo.

— Por que ela desistiu?

— Vai ter de perguntar a ela. Mas ela parou de dançar de vez depois da morte de Danika.

— E de beber, ao que tudo indica. — Hunt olhou para o copo de água esquecido.

Ruhn seguiu sua linha de visão. Se estava surpreso, o príncipe não demonstrou.

Hunt tomou um gole da água de Bryce e balançou a cabeça. Não era uma baladeira afinal... apenas parecia ficar feliz em deixar que o mundo pensasse o pior dela.

Inclusive ele. Hunt balançou os ombros, as asas acompanhando o movimento, enquanto a observava na pista de dança. Sim, ele havia fodido com tudo. Solenemente.

Bryce virou o rosto na direção da cabine e, quando viu o primo ali... Havia trincheiras no Inferno mais calorosas que o olhar que dirigiu a Ruhn.

Juniper seguiu o olhar da amiga.

Bryce mal deu um passo na direção da cabine quando a boate explodiu.



Num minuto, Hunt e Ruhn estavam conversando. Num minuto, Bryce estava prestes a desancar os dois por conta de sua proteção alfa babaca, que a sufocava mesmo à distância. Num minuto, ela tentava apenas não se perder na força que a tinha arrancado da familiar superfície preta. Por mais que corresse, não conseguiria se livrar daquilo, ter um respiro.

No outro, seus ouvidos estalaram, a terra foi arrancada de sob seus pés, o teto choveu sobre ela, pessoas gritaram, sangue espirrou, medo perfumou o ar e ela se virou, se lançando na direção de Juniper...

* * *

Zumbido estridente, incessante, lhe enchia cabeça.

O mundo havia saído dos eixos.

Ou talvez assim lhe parecesse porque ela estava caída no piso destruído, detritos e estilhaços e *partes de corpos* ao seu redor.

Mas Bryce ficou calma, continuou inclinada sobre Juniper, que podia estar gritando...

Aquele zumbido estridente não cessava. Engolia qualquer outro som. Líquido metálico em sua boca... sangue. Gesso revestia sua pele.

— *Levante-se.* — A voz de Hunt penetrou o zumbido, os gritos, o pânico; e os braços fortes envolveram seus ombros.

Bryce se debatia, estendendo os braços para Juniper...

Mas Ruhn já estava lá, sangue escorrendo de sua têmpora enquanto ele ajudava sua amiga a ficar de pé...

Bryce examinou cada centímetro da fauna: gesso e poeira e o sangue verde de alguém, mas nem um arranhão, nem um arranhão...

A semifeérica se voltou para Hunt, que segurava seus ombros.

— Precisamos sair... *agora* — dizia o anjo para Ruhn, dando ordens a seu irmão como se o feérico fosse um soldado raso. — Pode haver mais.

Juniper se desvencilhou das mãos de Ruhn e gritou para Bryce:

— *Está louca?*

Seus ouvidos... seus ouvidos não paravam de zunir, talvez fosse o cérebro escorrendo por eles, porque ela não conseguia andar, não parecia capaz de se lembrar de como usar as pernas...

Juniper golpeou. Bryce não sentiu o impacto no rosto. Juniper soluçava como se o corpo fosse estilhaçar.

— *Eu fiz a Descida, Bryce! Há dois anos! Você não! Perdeu completamente o juízo?*

Um braço forte e quente envolveu sua cintura, amparando-a.

— Juniper, ela está em choque. Dê um tempo — disse Hunt, a boca colada ao ouvido de Bryce.

— *Fique fora disso!* — disparou a fauna.

Mas as pessoas estavam lamentando, gritando, e destroços ainda choviam do teto. Colunas jaziam ao redor, como árvores caídas. June pareceu perceber, pareceu se dar conta...

Seu corpo, deuses, seu corpo não funcionava...

* * *

O anjo não fez objeção quando Ruhn lhe deu um endereço próximo e mandou que o esperassem no local. Era mais perto que o apartamento de Bryce, e, sinceramente, Hunt não tinha certeza se ela o deixaria entrar lá... e se a fêmea estivesse em choque e ele não conseguisse passar pelos encantamentos...

Bem, Micah espetaria sua cabeça em uma lança nos portões do Comitium se ela morresse sob seus cuidados.

O arcanjo poderia muito bem fazê-lo porque Hunt não pressentiu o ataque iminente.

Bryce não parecia notar que ele a carregava no colo. Era mais pesada do que aparentava; a pele bronzeada escondia mais músculos do que ele havia imaginado.

Hunt encontrou a familiar casa de colunas brancas a alguns quarteirões de distância; a chave que Ruhn lhe dera abria uma porta pintada de verde. No imenso hall de entrada, o cheiro de mais dois machos se misturava ao do príncipe. Um toque no interruptor de luz revelou uma grandiosa escadaria, que parecia ter sobrevivido a uma guerra, pisos de carvalho arranhados e um candelabro de cristal pendurado de modo precário.

Abaixo do lustre, uma mesa de beer pong, pintada com habilidade impressionante, retratava um gigantesco macho feérico engolindo um anjo inteiro.

Ignorando aquele peculiar *foda-se* a sua espécie, ele se dirigiu à sala de estar, à esquerda da entrada. Um sofá em L manchado ocupava a parede oposta do cômodo comprido, e Hunt colocou Bryce em cima das almofadas enquanto corria até o bar igualmente detonado a meio caminho. Água... ela precisava de água.

Não havia ataques na cidade fazia anos... desde Briggs. Ele sentira o poder da bomba conforme a onda de choque atravessava a boate, despedaçando o antigo templo e seus frequentadores. Deixaria a cargo dos investigadores saber do que se tratava exatamente, mas...

Nem mesmo seu relâmpago tinha sido rápido o bastante para pôr fim àquilo. Não que seu poder fosse de grande valia contra uma bomba em uma emboscada como aquela... Ele havia causado destruição suficiente nos campos de batalha para saber como interceptá-la com seu poder, como combater morte com morte, mas aquilo não fora um míssil de longo alcance disparado de um tanque.

Os explosivos foram plantados em algum lugar da boate e detonados em um momento predeterminado. Havia um punhado de pessoas capazes de tal feito, e, no topo da lista de Hunt, novamente estava... Philip Briggs. Ou seus seguidores, pelo menos; o próprio Briggs continuava encarcerado na prisão de Adrestia. O anjo analisaria aquilo mais tarde, quando sua cabeça deixasse de rodar, quando o relâmpago deixasse de estalar em seu sangue faminto por eliminar o inimigo.

Hunt voltou sua atenção para a mulher sentada no sofá, olhando para o nada.

O vestido verde de Bryce estava arruinado; a pele, coberta de gesso e do sangue de outra pessoa; o rosto,

pálido... exceto pela marca vermelha em sua bochecha.

Hunt pegou um saco de gelo no freezer embaixo do balcão do bar e um pano de prato para enrolá-lo. Pousou o copo de água na mesinha de madeira manchada, em seguida entregou o gelo à semifeérica.

— Ela acertou você em cheio.

Devagar, aqueles olhos cor de âmbar se ergueram. Sangue coagulara dentro de seus ouvidos.

Uma busca rápida na cozinha lamentável e no armário do banheiro revelou mais toalhas e um estojo de primeiros socorros.

Ele se ajoelhou à frente dela no gasto tapete cinzento, recolhendo bem as asas para evitar que esbarrassem nas latas de cerveja espalhadas pela mesinha de centro.

Ela continuou encarando o vazio enquanto ele lhe limpava as orelhas ensanguentadas.

O anjo não possuía medmagia, como uma bruxa, mas acumulara bastante experiência em cuidados emergenciais nos campos de batalha para cuidar das orelhas pontudas. A audição feérica devia ter amplificado horrivelmente a explosão... e o sangue humano retardava o processo de cura. Graças aos deuses, não encontrou mais sinais de hemorragia ou danos.

Começou pelo ouvido esquerdo. Quando havia terminado, percebeu os joelhos esfolados, com

pedaços de pedra presos à carne.

— Juniper tem chance de ser promovida a primeira bailarina — disse enfim Bryce, com voz rouca. — A primeira fauna na história. A temporada de verão começará em breve... ela é a substituta da bailarina principal em dois dos espetáculos. Solista em cinco deles. Essa temporada é crucial. Se ela se machucasse, poderia atrapalhar.

— Ela completou a Descida. Teria se recuperado rapidamente.

Hunt pegou um par de pinças no estojo.

— Ainda assim.

Bryce sibilou quando, com cuidado, ele retirou os estilhaços de metal e pedras de seu joelho. Ela havia acertado o chão com força. Mesmo com a explosão, ele a vira agir.

A semifeérica tinha se jogado por cima de Juniper, protegendo-a do ataque.

— Isso vai arder — disse a ela, franzindo o cenho para o frasco de solução cicatrizante. Coisa sofisticada, cara. Era de surpreender que estivesse ali, visto que o príncipe e os colegas já haviam todos feito a Descida.
— Mas vai impedir que deixe uma cicatriz.

Ela deu de ombros, estudando uma enorme e escura tela de TV por sobre o ombro do anjo.

Hunt encharcou a perna de Bryce com a solução, e ela se debateu. Ele agarrou sua panturrilha

esquerda com força o bastante para imobilizá-la, mesmo enquanto ela xingava.

— Eu avisei.

Bryce suspirou entre dentes. A barra do vestido já curto tinha subido ainda mais com os movimentos, e Hunt tentou se convencer de que olhava apenas para checar se havia outros ferimentos, mas...

A cicatriz grossa e vermelha marcava a macia e irritantemente perfeita coxa.

Hunt ficou imóvel. Ela jamais a mandara apagar.

E sempre que a flagrara mancando, de rabo de olho... Não era por causa dos malditos sapatos idiotas. Mas por causa daquilo. *Dele*. De seus toscos instintos de guerreiro, que a haviam grampeado como um soldado.

— Quando machos se ajoelham entre minhas coxas, Athalar, em geral não fazem cara feia — zombou ela.

— O quê?

Mas as palavras atingiram o alvo, assim que Hunt se deu conta de que ainda segurava aquela panturrilha, a pele sedosa roçando contra os calos em sua palma. Assim que se deu conta de que estava, de fato, ajoelhado entre as coxas de Bryce, e de que tinha se inclinado ainda mais para perto a fim de ver a cicatriz.

Hunt cambaleou para trás, incapaz de evitar o calor lhe invadindo o rosto. Ele soltou a perna dela.

— Desculpe — balbuciou.

— Quem você acha que fez aquilo... na boate? — perguntou Bryce, nenhum traço de zombaria nos olhos.

O calor daquela pele suave ainda queimava a palma do anjo.

— Não faço ideia.

— Pode ter alguma coisa a ver com nossa investigação?

A culpa já anuviava seus olhos, e ele sabia que a lembrança do corpo da acólita irrompera em sua mente.

Ele balançou a cabeça.

— Provavelmente, não. Se alguém quisesse nos parar, uma bala na cabeça seria um modo bem mais preciso do que explodir uma boate. Pode facilmente ter sido um rival do dono. Ou um dos rebeldes remanescentes da Keres, tentando começar alguma merda na cidade.

— Acha que a guerra chegará aqui? — perguntou Bryce.

— Alguns humanos desejam isso. Alguns vanir desejam isso. Para se livrar dos humanos, dizem.

— Algumas partes de Pangera foram destruídas na guerra — murmurou ela. — Vi os vídeos. — Ela o encarou, deixando a pergunta no ar. *Foi muito ruim?*

— Magia e máquinas. Nunca uma boa combinação — disse Hunt, apenas.

As palavras pairavam entre os dois.

— Quero ir para casa — suspirou ela. O anjo tirou a jaqueta e a colocou sobre os ombros de Bryce. A peça praticamente a engolia. — Quero lavar tudo isso. — Ela gesticulou para o sangue na pele nua.

— Ok.

Mas a porta do hall de entrada se abriu. Um par de pés calçados com botas.

Enquanto se virava, Hunt sacou a arma que levava escondida junto à coxa. Ruhn entrou, as sombras em seu encalço.

— Vocês não vão gostar disso — anunciou o príncipe.

* * *

Bryce queria ir para casa. Queria ligar para Juniper. Queria ligar para a mãe e para Randall, apenas para ouvir suas vozes. Queria ligar para Fury e descobrir o que a mercenária sabia, apesar de ela nunca atender ou responder suas mensagens. Queria ligar para Jesiba e *obrigá-la* a investigar o que tinha acontecido. Mas, de modo geral, só queria *ir para casa e tomar um banho.*

Ruhn, o rosto impassível e coberto de sangue, hesitou na passagem em arco.

Hunt devolveu a pistola ao coldre na coxa antes de se sentar ao lado de Bryce no sofá.

O feérico foi até o bar e encheu um copo com água da pia. Cada movimento contido, o sussurro das sombras ao seu redor. Mas o príncipe suspirou e as sombras e a tensão desapareceram.

Hunt poupou Bryce de pedir que Ruhn se explicasse.

— Presumo que isso tenha a ver com a pessoa por trás da explosão da boate.

Ruhn assentiu e bebeu um gole d'água.

— Todos os indícios apontam para os rebeldes humanos. — O sangue de Bryce gelou. Ela e Hunt se entreolharam. A discussão de momentos antes não estava longe da verdade. — A bomba foi contrabandeada para dentro da boate na forma de um novo explosivo líquido, escondido em uma entrega de vinho. Deixaram o cartão de visitas no engradado... a própria marca.

— Alguma possível conexão com Philip Briggs? — cortou Hunt.

— Briggs continua atrás das grades — respondeu Ruhn. Um modo educado de descrever a punição a que o líder rebelde estava submetido, pelas mãos dos vanir, na prisão de Adrestia.

— O restante de seu grupo não — crocitou Bryce. — Foi Danika que liderou o ataque a Briggs em primeiro lugar. Mesmo que ele não a tenha matado, ainda está cumprindo pena por seus crimes de

rebelde. Pode ter instruído seus seguidores a continuar com os atentados.

Ruhn franziu o cenho.

— Achei que tinham debandado... se juntado a outras facções ou voltado para Pangera. Mas eis o que não vão gostar: ao lado do logo, no engradado, havia uma imagem gravada. Meu time e o seu pensaram se tratar de um *C*, de Cidade da Lua Crescente, mas analisei melhor as imagens do estoque antes da detonação da bomba. É difícil discernir, mas também pode se tratar de um chifre curvo.

— O que o chifre tem a ver com a revolta dos humanos? — perguntou Bryce. Então sua boca ficou seca. — Espere. Acha que era uma mensagem para *nós*? Para nos dissuadir de procurar pelo Chifre de Luna? Como se a acólita não fosse o bastante?

— Pode ser apenas coincidência que estivéssemos na boate no momento da explosão — ponderou Hunt. — Ou que uma das imagens no engradado se pareça com o chifre, quando estamos envolvidos até o pescoço na investigação. Antes de ser preso por Danika, Briggs planejava explodir o Corvo. A facção Keres está inativa desde que ele foi mandado para a prisão, mas...

— Podem estar se reorganizando — insistiu Bryce. — Procurando continuar o legado de Briggs, ou até seguindo suas ordens, mesmo agora.

Hunt parecia soturno.

— Ou foi um dos seguidores de Briggs o tempo todo... o atentado fracassado, a morte de Danika, *este* atentado... Briggs pode não ser culpado, mas talvez saiba quem é. Pode estar protegendo alguém. — Ele pegou o telefone. — Precisamos falar com ele.

— Ficou maluco? — perguntou Ruhn.

Hunt o ignorou e discou o número, ficando de pé.

— Ele está na prisão de Adrestia, então a autorização pode levar alguns dias — explicou a Bryce.

— Certo.

Ela reprimiu o pensamento de como, exatamente, o encontro seria. Danika havia se irritado com o fanatismo de Briggs em relação à causa humana, e raramente quisera falar sobre ele. Capturar a ele e a seu grupo, a Keres, uma dissidência da aliança rebelde principal, chamada Ophion, tinha sido um triunfo, uma legitimação da Matilha dos Demônios. Mas não fora o bastante para conquistar a aprovação de Sabine.

Hunt levou o telefone ao ouvido.

— Ei, Isaiah. Sim, estou bem.

Ele foi para o hall de entrada, e Bryce o observou se afastar.

— O Rei Outonal sabe que a envolvi na procura pelo chifre — revelou Ruhn, em voz baixa.

Ela ergueu olhos graves para o irmão.

— Quão puto ele ficou?

O sorriso sombrio de Ruhn não servia de consolo.

— Ele me advertiu contra o *veneno* que você iria destilar em meu ouvido.

— Devo encarar como um elogio, acho.

Ruhn não sorriu daquela vez.

— Ele quer saber o que vai fazer com o chifre se o encontrarmos.

— Usá-lo como caneco nos dias de jogo.

Hunt soltou uma risada conforme voltava à sala, a ligação encerrada.

— Ele falou sério — apenas advertiu Ruhn.

— Vou devolvê-lo ao templo — disse Bryce. — Não a ele.

Ruhn olhou de uma para o outro quando Hunt novamente se sentou no sofá.

— Meu pai disse que, já que a envolvi em algo tão perigoso, Bryce, precisa de um guarda-costas que... fique com você o tempo todo. More com você. Eu me voluntariei.

Cada parte de seu corpo doía.

— Nem sobre meu maldito cadáver.

Hunt cruzou os braços.

— Por que seu rei se importa se Quinlan vive ou morre?

Os olhos de Ruhn ficaram frios.

— Perguntei a mesma coisa. Ele argumentou que, como semifeérica, ela cai em sua jurisdição, e que ele

não quer ter de limpar nenhuma bagunça. *A garota é um risco*, decretou o rei.

Bryce podia ouvir o tom cruel em cada palavra que Ruhn imitou. Podia ver o rosto do pai enquanto as pronunciava. Repetidas vezes, ela imaginou a sensação de acertar aquele rosto perfeito com os punhos. De lhe dar uma cicatriz como a que a mãe exibia na maçã do rosto; pequena e fina, não mais que uma unha, mas um lembrete do golpe que o rei tinha desferido quando o temperamento desprezível o fizera perder o controle.

O golpe que incitara Ember Quinlan a fugir... grávida de Bryce.

Canalha. Canalha velho e detestável.

— Então ele está apenas preocupado com o pesadelo para a sua imagem que seria a morte de Quinlan antes da Cimeira — resumiu Hunt, a expressão carregada de asco.

— Não pareça tão chocado — disse Ruhn, então acrescentou para Bryce: — Sou apenas o mensageiro. Pense bem se é inteligente fazer disso um cavalo de batalha.

Nenhuma chance de ela receber *Ruhn* e seus desmandos em seu apartamento. Sem contar aqueles seus amigos. Já era ruim o bastante ter de trabalhar com o irmão naquele caso.

Deuses, a cabeça de Bryce latejava.

— Muito bem — concordou ela, contendo a irritação. — Ele disse que eu precisava de um guarda-costas... não de você especificamente, certo? — Diante do silêncio tenso de Ruhn, Bryce continuou: — Foi o que pensei. Athalar fica comigo em vez disso. Ordem cumprida. Feliz?

— Ele não vai gostar disso.

Bryce sorriu com malícia, mesmo com o sangue fervendo.

— Ele não disse o nome da sentinela. O maldito devia ter sido mais preciso com as palavras.

Nem mesmo Ruhn pôde contestar.

* * *

Se Hunt tinha ficado surpreso com a escolha de Bryce, não demonstrou.

Ruhn observou o olhar do anjo se alternar entre os dois... cuidadosamente.

Merda. Será que Hunt Athalar tinha, enfim, começado a juntar as peças e perceber... que eles eram mais ligados do que primos deveriam ser? Que o pai de Ruhn *não devia* estar tão interessado na semifeérica?

— Você contou ao seu pai o que aconteceu? — sibilou Bryce.

— Não — respondeu Ruhn. O pai o havia interrogado sobre a visita ao templo assim que ele

deixou os escombros da boate. Sinceramente, do jeito que o rei estava furioso, parecia um milagre que Ruhn não estivesse morto em uma sarjeta. — O rei tem uma rede de espionagem que até eu desconheço.

Bryce o olhou com desconfiança, mas a expressão se tornou uma careta quando ela se levantou do sofá, a mão de Hunt a poucos centímetros de seu cotovelo, caso precisasse de ajuda.

O celular de Ruhn vibrou e ele o tirou do bolso pelo tempo de ler a mensagem na tela. Outras começaram a entrar.

Declan havia escrito no grupo que eles tinham com Flynn: *Cadê você, caralho?*

Flynn respondera: *Estou na boate. Sabine mandou Amelie Ravenscroft para liderar as matilhas do Aux na varredura dos destroços e socorro aos feridos. Amelie disse que o viu sair da boate, Ruhn. Você está bem?*

Ruhn respondeu, apenas para que não ligassem: *Estou bem. Encontro vocês na boate em breve.*

Apertou o celular em seu punho enquanto Bryce se dirigia para a porta da frente e para o caos lá fora. Sirenes azuis e vermelhas soavam, lançando sua luz sobre as tábuas de carvalho do vestíbulo.

Mas a irmã hesitou antes de segurar a maçaneta, então se virou.

— Por que estava no Corvo? — perguntou a Ruhn.

Pronto. Se mencionasse o telefonema de Riso, se confessasse que a vinha rastreando, ela arrancaria sua

cabeça. Optou por uma meia verdade.

— Quero visitar a biblioteca de sua chefe.

Hunt estacou, um passo atrás de Bryce. Era impressionante, na verdade, assistir aos dois talharem expressões confusas no rosto.

— Que biblioteca? — perguntou ela, a imagem da inocência.

Ruhn podia jurar que Hunt tentava não rir.

— A que todos dizem ficar debaixo da galeria — respondeu Ruhn, tenso.

— É a primeira vez que ouço falar no assunto — comentou Hunt, com um dar de ombros.

— Vá se foder, Athalar. — O maxilar de Ruhn doía depois de cerrar os dentes com tanta força.

— Veja bem, entendo que queira entrar em nosso grupo dos populares, mas há um rigoroso processo seletivo.

Sim, Hunt se controlava bastante para não rir.

— Quero pesquisar os livros da biblioteca. Ver se alguma coisa sobre o chifre se apresenta — grunhiu Ruhn.

Ela hesitou diante do tom em sua voz, o quê de dominância com o qual Ruhn a imbuiu. O príncipe não era contra se valer da hierarquia. Não quando se tratava do chifre.

— Visitei os Arquivos Feéricos duas vezes e... — disse ele para a irmã, embora Hunt o fuzilasse com o olhar. Ruhn balançou a cabeça. — Não paro de

pensar na galeria. Talvez isso signifique que há algo por lá.

— Vasculhei o lugar — argumentou Bryce. — Não há nada sobre o chifre além de referências vagas.

Ruhn abriu um meio-sorriso.

— Então admite que existe uma biblioteca.

Bryce franziu o cenho. Ele conhecia aquela expressão pensativa.

— O quê?

Bryce jogou o cabelo por sobre um ombro sujo, machucado.

— Faço uma troca com você: pode caçar o chifre na biblioteca, e vou ajudar da maneira como puder. Se... — Hunt virou a cabeça em sua direção, o ultraje em sua expressão quase encantador. Bryce continuou, assentindo para o telefone na mão de Ruhn: — Se colocar Declan a minha disposição.

— Então vou ter de contar a ele sobre o caso. E o que ele fica sabendo, Flynn descobre dois segundos depois.

— Certo. Vá em frente e lhes dê os detalhes. Mas diga a Dec que preciso de informações sobre os últimos passos de Danika.

— Não sei onde ele pode conseguir isso — admitiu Ruhn.

— O Covil tem as informações — revelou Hunt, encarando Bryce quase com admiração. — Diga a Emmet para hackear os arquivos do Covil.

Em seguida, Ruhn assentiu.

— Certo. Vou pedir a ele mais tarde.

Bryce abriu aquele sorriso que não chegava a seus olhos.

— Nesse caso, passe na galeria amanhã.

Ruhn precisou de um instante para controlar o espanto pela facilidade com que conseguira acesso.

— Tome cuidado lá fora — disse ele por fim.

Se Hunt e Bryce estivessem certos e aquilo *fosse* obra de alguns rebeldes da Keres, agindo a mando ou em honra de Briggs... o caos político seria um pesadelo. E se Ruhn não se enganara sobre aquele *C* ser, na verdade, a imagem do chifre, se aquele atentado e o assassinato da acólita foram avisos destinados a eles por causa de sua busca pelo artefato... então a ameaça a todos havia se tornado bem mais letal.

— Diga a seu papai que mando lembranças... e que ele pode se foder — disse Bryce, com doçura, antes de sair.

Ruhn rangeu os dentes novamente, o que lhe rendeu outro sorriso de Hunt. Babaca alado.

Os dois atravessaram a porta, e o celular de Ruhn tocou um piscar de olhos depois.

— Sim — disse ele.

Ruhn podia jurar que conseguiu ouvir o pai enrijecer antes que grunhisse:

— É assim que se dirige a seu rei?

Ruhn não se preocupou em responder.

— Já que parece incapaz de manter segredo, quero deixar um ponto claro em relação ao chifre. — Ruhn se preparou. — Não quero que caia nas mãos dos anjos.

— Certo. — Se dependesse de Ruhn, o chifre não cairia nas mãos de *ninguém*. A relíquia voltaria direto para o templo, com uma escolta feérica permanente.

— Não tire o olho daquela garota.

— Os olhos.

— Falo sério, garoto.

— Eu também. — Deixou o pai ouvir o rosnado de sinceridade em sua voz.

— Você, como Príncipe Herdeiro, revelou os segredos de seu rei àquela garota e a Athalar. Tenho todo o direito de puni-lo, você sabe — continuou o pai.

Vá em frente, Ruhn queria dizer. *Vá em frente e me castigue. Faça-me um favor e aproveite para retirar meu título. A linhagem real termina comigo, afinal.*

Ruhn havia vomitado depois de ouvir o presságio pela primeira vez, aos 13 anos, quando fora enviado ao Oráculo para um vislumbre do futuro, como todos os feéricos. No passado, o ritual tinha o objetivo de prever casamentos e alianças. Atualmente, era mais um teste vocacional para as crianças, um sinal sobre se seriam ou não absolutamente inúteis. Para Ruhn — e para Bryce, anos mais tarde — havia sido um desastre.

Ruhn tinha implorado ao Oráculo para lhe explicar se ele morreria antes de gerar um filho, ou se quisera dizer que ele era estéril. O Oráculo apenas repetiu as palavras. *A linhagem real acabará com você, príncipe.*

Tinha sido covarde demais para contar ao rei o que descobrira. Então havia mentido, incapaz de suportar o desapontamento e a raiva do pai. *O Oráculo previu que eu seria um rei justo e bom.*

Seu pai havia ficado desapontado, mas apenas porque a falsa profecia não tinha sido mais grandiosa.

Então, sim. Se o rei queria confiscar seu título, estaria lhe fazendo um favor. Ou até mesmo, involuntariamente, cumprindo aquela profecia afinal.

Ruhn havia se preocupado com seu significado um dia... o dia em que descobrira que tinha uma irmã caçula. Havia imaginado que aquilo previa uma morte prematura para a menina. Mas seus medos tinham sido aplacados pelo fato de que ela não foi, e jamais seria, reconhecida oficialmente como parte da linhagem real. Para seu alívio, ela nunca questionara — naqueles primeiros anos, quando ainda eram próximos — o motivo pelo qual ele não havia insistido que o pai a assumisse publicamente.

— Infelizmente, o castigo que você merece o deixaria incapacitado de procurar pelo chifre — prosseguiu o Rei Outonal.

As sombras de Ruhn o envolveram.

— Vou fazer um vale, então.
O pai rosnou, mas Ruhn desligou.



As ruas estavam abarrotadas de vanir saindo do ainda caótico Corvo Branco, todos procurando por respostas para o que diabos tinha acontecido. Vários legionários, feéricos e membros das matilhas das tropas auxiliares haviam erguido uma barricada ao redor do local, uma parede mágica, opaca e bruxuleante, mas as pessoas ainda convergiam para a boate.

Hunt olhou para Bryce, caminhando ao seu lado, em silêncio, olhos vidrados. Descalça, ele percebeu.

Estava descalça havia quanto tempo? Devia ter perdido os sapatos na explosão.

O anjo cogitou carregá-la no colo novamente, ou sugerir que voassem até seu apartamento, mas ela se abraçava com tanta força que ele tinha a impressão de que uma palavra poderia empurrá-la para um poço sem fundo de ira.

O olhar que Bryce dirigira a Ruhn antes de sair... Fez Hunt agradecer por ela não ser uma víbora cospe-ácido. O rosto do feérico teria *derretido*.

Que os deuses os ajudassem quando o príncipe chegasse à galeria no dia seguinte.

O porteiro de Bryce se levantou de um pulo quando eles entraram no saguão impecável, perguntando se ela estava bem, se havia visitado a boate. Ela balbuciou que estava bem, e o metamorfo ursino observou Hunt com uma concentração predatória. Percebendo aquele olhar, ela acenou para ele, apertando o botão do elevador, e os apresentou. *Hunt, este é Marrin; Marrin, este é Hunt; ele vai ficar comigo pelo futuro próximo, infelizmente.* Em seguida, entrou no elevador, na ponta dos pés, e precisou se apoiar na barra cromada no fundo, como se estivesse prestes a desabar...

Hunt se espremeu para dentro quando as portas estavam se fechando. O elevador era muito pequeno, muito apertado para suas asas, e ele as manteve junto ao corpo enquanto disparavam para a cobertura...

A cabeça de Bryce pendeu para a frente, os ombros curvados…

— Por que não faz a Descida? — soltou Hunt.

As portas do elevador se abriram, e ela se apoiou ali antes de entrar no elegante corredor creme e azul-cobalto. Mas estacou à porta do apartamento. Em seguida, virou-se para ele.

— Minhas chaves estavam em minha bolsa.

A bolsa estava agora nos escombros do templo.

— O porteiro tem uma chave reserva?

Ela grunhiu uma confirmação, olhando para o elevador como se fosse uma montanha a escalar.

Marrin encheu o saco de Hunt por quase um minuto, verificando se Bryce ainda estava viva, perguntando pelo videocom no hall se ela aprovava... o que lhe rendeu um sinal de positivo com o polegar.

Quando voltou, Hunt a encontrou sentada, apoiada na porta, as pernas encolhidas e um pouco separadas, deixando à mostra a calcinha rosa-shocking. Felizmente, as câmeras do corredor não tinham visão daquele ângulo, mas Hunt não tinha dúvida de que o metamorfo as monitorava enquanto ele a ajudava a se levantar e lhe dava a chave reserva.

Devagar, ela enfiou a chave na fechadura, depois colocou a palma no painel enfeitiçado ao lado da porta.

— Eu estava esperando — murmurou ela, quando as trancas se abriram e as luzes no apartamento escuro se acenderam. — Devíamos fazer a Descida juntas. Daqui a dois anos.

Ele sabia de quem Bryce falava. A razão pela qual a semifeérica não mais bebia, ou dançava, ou parecia viver a própria vida. A razão pela qual ela mantinha aquela cicatriz na coxa macia e bonita. Ogenas e todos os seus Mistérios sabiam que Hunt punira a si

mesmo por um longo tempo depois do fracasso colossal que havia sido a Batalha do Monte Hermon. Mesmo enquanto era torturado nas masmorras dos asteri, havia se punido, martirizando a própria alma de um modo que nenhum inquisidor jamais poderia fazer.

Então talvez fosse uma pergunta estúpida, mas ele a fez mesmo assim, quando entraram no apartamento.

— Por que esperar agora?

Hunt avançou e deu uma boa olhada no lugar que Bryce chamava de lar. O apartamento de conceito aberto lhe havia parecido bacana da janela, mas pelo lado de dentro...

Danika, ou a semifeérica, não havia poupado na decoração: um macio sofá branco ocupava o terço direito do espaço, colocado diante de uma mesa de centro de madeira de demolição e a enorme televisão sobre o aparador de carvalho trabalhado. Uma mesa de jantar de vidro jateado, com cadeiras de couro branco, ocupava o terço esquerdo do apartamento, e no centro ficava a cozinha — armários brancos, eletrodomésticos de inox e balcões de mármore branco. Tudo impecavelmente limpo, suave, aconchegante.

Hunt assimilou tudo, parado como um dois de paus ao lado da ilha da cozinha conforme Bryce

atravessava um corredor de carvalho claro para soltar Syrinx, que uivava dentro da gaiola.

Ela estava no meio do corredor quando respondeu, sem olhar para trás:

— Sem Danika... Devíamos ter feito o ritual juntas — insistiu. — Connor e Thorne iriam nos Ancorar.

A escolha da Âncora durante a Descida era primordial... e uma escolha sobretudo pessoal. Mas Hunt afastou da lembrança o antipático funcionário público que ele designara, já que não lhe havia mesmo restado família ou amigos para Ancorá-lo. Não quando a mãe tinha morrido apenas poucos dias antes.

Syrinx disparou pelo apartamento, as garras ecoando no piso claro de madeira, guinchando enquanto pulava em Hunt, lambendo suas mãos. Bryce se arrastava, passo a passo, até o balcão da cozinha.

— Você e Danika eram amantes? — perguntou o anjo, não suportando a pressão do silêncio.

Ele fora informado, dois anos antes, de que não era o caso, mas amigos não lamentavam a perda um do outro se fechando completamente para o mundo, como Bryce parecia ter feito. Como ele fizera por Shahar.

O tamborilar de ração batendo na lata encheu o apartamento antes que Bryce pousasse a tigela no chão e Syrinx, abandonando Hunt, praticamente se

jogasse dentro da vasilha enquanto engolia sua comida.

Hunt se virou enquanto Bryce contornava a ilha e abria a enorme geladeira para examinar o conteúdo escasso.

— Não — respondeu ela, a voz inexpressiva, fria. — Danika e eu não tínhamos esse tipo de relacionamento. — O aperto no puxador da geladeira se intensificou, os nós dos dedos brancos. — Connor e eu... Quer dizer, Connor Holstrom. Ele e eu... — Ela hesitou. — Era complicado. Quando Danika morreu, quando todos eles morreram... uma luz se apagou em mim.

Ele se lembrou dos detalhes do relacionamento entre ela e o mais velho dos irmãos Holstrom. Ithan também não estivera presente naquela noite... e era agora o segundo em comando da matilha de Amelie Ravenscroft. Um fraco substituto para o que a Matilha dos Demônios havia sido. Aquela cidade também perdera algo naquela noite.

Hunt abriu a boca para dizer a Bryce que entendia. Não apenas o lance do relacionamento complicado, mas a perda. Acordar numa manhã cercado de amigos e de sua amante... e, então, terminar o dia com todos mortos. O anjo compreendia como aquilo dilacerava os ossos e o sangue e a própria alma de uma pessoa. Como nada, jamais, poderia atenuar a dor.

Como cortar o álcool e as drogas, como abrir mão das coisas que mais amava — a dança — ainda não atenuaria a dor. Mas as palavras ficaram engasgadas na garganta dele. Hunt não sentira vontade de desabafar duzentos anos antes, e, com certeza, não sentia vontade de desabafar agora.

Um telefone fixo em algum lugar do apartamento começou a tocar, e uma agradável voz feminina cantarolou, *Ligação de... Casa.*

Bryce fechou os olhos, como se reunisse forças, então atravessou o corredor que levava até seu quarto. Um instante mais tarde, disse, com um tom de voz alegre, que deveria lhe render um prêmio de Melhor Atriz da Porra Toda em Midgard:

— Oi, mãe. — O colchão gemeu. — Não, eu não estava lá. Meu celular caiu na privada do trabalho... Sim, totalmente morto. Vou comprar um novo amanhã. Sim, estou bem. June também não estava lá. Estamos todas bem. — Uma pausa. — Eu sei... Tive um dia puxado no trabalho. — Outra pausa. — Olhe, tenho companhia. — Uma risada rouca. — Não esse tipo de companhia. Não se anime. Falo sério. Sim, eu o deixei entrar por livre e espontânea vontade. Por favor, não ligue para a recepção. O nome? Não vou contar. — Uma leve hesitação. — *Mãe.* Ligo amanhã. Não vou mandar um alô para ele. Tchau… *Tchau,* mãe. Amo você.

Syrinx tinha acabado a ração e encarava Hunt com expectativa... silenciosamente implorando por mais, abanando a cauda de leão.

— *Não* — sibilou ele para a quimera no momento que Bryce voltava para a sala.

— Ah! — exclamou ela, como se tivesse se esquecido de sua presença ali. — Vou tomar um banho. O quarto de hóspedes é todo seu. Use o que precisar.

— Vou passar no Comitium amanhã para pegar mais roupas. — Bryce apenas assentiu como se a cabeça pesasse uma tonelada. — Por que mentiu? — Ele havia decidido que deixaria por conta da semifeérica qual das desculpas usar.

Ela hesitou, Syrinx trotando pelo corredor até o quarto.

— Minha mãe ficaria preocupada à toa e viria me visitar. Não a quero por perto se as coisas se complicarem. E não contei a ela sobre você porque só levaria a mais perguntas. É mais fácil assim.

Mais fácil não aproveitar a vida, mais fácil manter todo mundo a distância.

A marca dos dedos de Juniper em seu rosto mal havia esmaecido. Mais fácil se jogar sobre uma amiga em meio a uma explosão do que arriscar perdê-la.

— Preciso encontrar quem fez isso, Hunt — disse ela, baixinho.

Ele encontrou seu olhar vulnerável, doído.

— Eu sei.

— Não — argumentou ela, rouca. — Não sabe. Não me importo com os motivos de Micah... Se não encontrar quem está por trás disso, vai me *comer viva*. — Não o assassino ou o demônio, mas a dor e o luto que ele apenas começava a vislumbrar como a corroíam. — Preciso encontrar o responsável.

— Nós vamos — prometeu ele.

— Como pode ter tanta certeza? — Ela balançou a cabeça.

— Porque não temos outra escolha. *Eu* não tenho outra escolha. — Diante do olhar confuso, Hunt suspirou e disse: — Micah me ofereceu um acordo.

Os olhos da semifeérica brilharam desconfiados.

— Que tipo de acordo?

Hunt cerrou o maxilar. Ela havia oferecido um pedaço de si mesma. Ele podia devolver a gentileza. Em especial agora que dividiriam um maldito apartamento.

— Quando cheguei à cidade, Micah me ofereceu uma barganha: se eu compensasse cada vida que a 18ª tirou naquele dia, no monte Hermon, teria minha liberdade. Todas as duas mil duzentas e dezessete. — O anjo se aprumou, compelindo-a a ler nas entrelinhas.

Bryce mordeu a lábio.

— Imagino que *compensar* seja um eufemismo...

— Sim — grunhiu ele. — Significa fazer aquilo em que sou bom. Morte por morte.

— Micah tem mais de duas mil pessoas para assassinar?

Hunt soltou uma gargalhada ríspida.

— Micah é governador de todo um território e deve viver por, pelo menos, outros duzentos anos. Provavelmente, vai ter o dobro desse número em sua lista antes de partir. — O horror se infiltrou nos olhos da semifeérica, e Hunt se apressou em apagar aquilo, incerto do porquê. — Faz parte das funções. Dele e minhas. — O anjo passou uma das mãos pelo cabelo. — Olhe, é horrível, mas ao menos ele me ofereceu uma saída. E, quando os assassinatos recomeçaram, o arcanjo me fez uma nova proposta: se eu pegar o assassino antes da Cimeira, ele vai reduzir minha dívida a dez vidas.

Hunt esperou pelo julgamento de Bryce, a repugnância que sentia por ele e Micah. Mas ela inclinou a cabeça.

— Por isso você tem sido um babaca prepotente.

— Sim — respondeu, tenso. — Mas Micah me proibiu de dizer qualquer coisa. Então se deixar escapar uma palavra...

— A oferta será revogada.

Hunt assentiu, estudando o rosto abatido. Ela não disse mais nada.

— E? — exigiu ele, depois de um piscar de olhos.

— E, o quê? — Ela se dirigia outra vez para o quarto.

— Não vai me dizer que sou um egoísta de merda?

Ela estacou novamente, um leve raio de luz se infiltrando em seu olhar.

— Por que me dar o trabalho, Athalar, se você acaba de fazê-lo por mim?

Ele não pôde evitar. Embora ela estivesse coberta de sangue e detritos, ele a perscrutou. Cada centímetro e cada curva. Tentando não pensar na lingerie rosa-shocking sob o justo vestido verde.

— Lamento se a considerei suspeita. E, mais que isso, lamento tê-la julgado — disse ele, no entanto. — Achei que fosse apenas uma garota baladeira, e agi como um babaca.

— Não há nada de errado em ser uma garota que curte se divertir. Não entendo por que todo mundo acha que há. — Mas ela sopesou as palavras. — É mais fácil para mim... quando as pessoas acreditam no pior a meu respeito. Me deixa ver quem são de verdade.

— Então está me dizendo que acha que sou mesmo um idiota? — Um canto de sua boca se ergueu.

Mas os olhos da semifeérica demonstravam total seriedade.

— Já lidei com muitos babacas, Hunt. Você não é um deles.

— Não era o que pensava um minuto atrás.

Ela apenas voltou a se encaminhar para o quarto.

— Quer que eu peça comida? — perguntou Hunt, então.

De novo, ela hesitou. Parecia prestes a dizer que não, mas no lugar respondeu:

— Cheesebúrguer... com batata frita. E um milk-shake de chocolate.

Hunt sorriu.

— Feito.

* * *

O elegante quarto de hóspedes, do outro lado da cozinha, era espaçoso, decorado em tons de cinza e creme, com detalhes em rosa-pálido e azul-centáurea. A cama parecia grande o bastante para as asas de Hunt, felizmente — com certeza comprada com os vanir em mente —, e algumas fotos em porta-retratos sofisticados estavam dispostos ao lado de uma tosca e lascada tigela de cerâmica que enfeitava uma cômoda do lado direito da porta.

Havia pedido sanduíches e fritas para os dois, e Bryce tinha atacado o dela com uma ferocidade que Hunt só vira antes entre leões reunidos ao redor da presa. Ele havia jogado algumas batatas para Syrinx por baixo da mesa de vidro, já que a semifeérica, com certeza, não parecia inclinada a compartilhar.

O cansaço havia se instaurado de modo tão absoluto que nenhum dos dois falava, e, assim que terminara de traçar o milk-shake, Bryce simplesmente recolhera o lixo, jogara-o na lixeira e se retirara para o quarto. Deixando Hunt encontrar o dele.

A essência da mortalidade pairava no ar, o que presumiu ser cortesia dos pais de Bryce, e, conforme Hunt abria as gavetas, encontrou algumas cheias de roupas; suéteres leves, meias, calças, roupas de ginástica... Estava xeretando. Admitia ser parte do trabalho, mas, ainda assim, era bisbilhotice.

Fechou as gavetas e estudou as fotos.

Ember Quinlan tinha sido deslumbrante. Não era de admirar que aquele babaca feérico a houvesse perseguido até que ela tivesse fugido. Longos cabelos pretos emolduravam um rosto que poderia estampar um outdoor: pele sardenta, lábios cheios e maçãs do rosto que tornavam os olhos sombrios e insondáveis acima magníficos.

O rosto de Bryce; apenas a coloração era diferente. Um macho humano de cabelo preto e pele marrom, igualmente atraente, o braço ao redor de seus ombros, sorria como um maníaco para quem quer que estivesse atrás da câmera. Hunt mal conseguia discernir as letras na placa de identificação que pulava da camisa cinza do homem.

Bem, puta merda.

Randall Silago era o padrasto de Bryce? O atirador de elite e lendário herói de guerra? Hunt não fazia ideia de como tinha deixado passar aquele fato, embora suspeitasse de que havia apenas passado os olhos pela informação quando estudara a ficha da semifeérica, anos antes.

Não era de admirar que a filha fosse tão destemida. E ali, à direita de Ember, estava Bryce.

Não tinha mais de 3 anos, aquele cabelo ruivo preso em marias-chiquinhas. Ember encarava a filha — com uma expressão levemente exasperada — como se Bryce, *supostamente*, devesse estar vestida com as mesmas roupas sofisticadas que os dois adultos. Mas lá estava ela, devolvendo o olhar petulante à mãe, as mãos nos quadris gorduchos, pernas separadas em uma inegável postura de luta. Coberta de lama da cabeça aos pés.

Hunt riu e desviou a atenção para a outra foto em cima da cômoda.

Um belo registro de duas mulheres — garotas, na verdade — sentadas em pedras avermelhadas no topo de uma montanha no deserto, de costas para a câmera, ombro a ombro, enquanto encaravam a vegetação e a areia abaixo delas. Uma era Bryce; ele podia dizer pela cortina de cabelo ruivo. A outra usava uma familiar jaqueta de couro, as costas pintadas com aquelas palavras, na mais antiga língua da República. *Por amor, tudo é possível.*

Só podiam ser Bryce e Danika. E... era a jaqueta de Danika que Bryce agora vestia.

Ela não tinha nenhuma outra foto da loba no apartamento.

Por amor, tudo é possível. Era um ditado milenar, que remontava a algum deus de que não conseguia se lembrar. Cthona, provavelmente... que presidia todas as coisas ligadas ao sagrado feminino. Havia muito Hunt deixara de frequentar os templos, ou de prestar atenção às ultrazelosas sacerdotisas que apareciam nos programas de entrevista matinais de tempos em tempos. Nenhum dos cinco deuses jamais o havia ajudado... ou a qualquer um que amou. Urd, em especial, tinha fodido com sua vida muitas vezes.

O rabo de cavalo louro de Danika caía pelas costas de Bryce, a cabeça da Loba no ombro da amiga. Bryce vestia uma camiseta branca folgada, que deixava à mostra um braço enfaixado sobre o joelho. Hematomas cobriam seu corpo. E, deuses... aquilo era uma espada jogada à esquerda de Danika. Embainhada e limpa, mas... ele conhecia aquela lâmina.

Sabine tinha enlouquecido à procura da espada quando descobriram que não estava no apartamento onde a filha havia sido assassinada. Aparentemente, era alguma relíquia dos lobos. Mas ali estava ela, ao lado de Bryce e Danika, no deserto.

Sentadas naquelas pedras, empoleiradas sobre o mundo, elas pareciam dois soldados que haviam acabado de atravessar os salões mais sombrios do Inferno e desfrutavam de um merecido descanso.

Hunt deu às costas para o retrato e esfregou a tatuagem em sua testa. Uma faísca de seu poder fez as pesadas cortinas cinzentas se fecharem diante das janelas duplas com um vento gélido. Ele tirou a roupa, peça por peça, e descobriu que o banheiro era tão espaçoso quanto o quarto.

O anjo tomou um banho rápido e caiu na cama com a pele ainda úmida. A última coisa que viu antes de cair no sono foi a foto de Bryce e Danika, imortalizadas em um momento de paz.



Hunt acordou no instante em que farejou o macho em seu quarto, os dedos envolvendo a faca sob seu travesseiro. Abriu um dos olhos, o aperto se intensificando no cabo, e repassou cada janela e porta, cada arma em potencial que podia usar em vantagem própria...

Ele deu de cara com Syrinx sentando no travesseiro ao seu lado, o rosto enrugado da quimera espreitando o seu.

Hunt gemeu, um suspiro explodindo de seus lábios. Syrinx apenas acertou seu rosto.

O anjo rolou para longe.

— Bom dia para você também — resmungou, esquadrinhando o quarto. *Definitivamente*, tinha trancado a porta na noite anterior. Agora estava escancarada. Ele verificou o relógio.

Sete. Não havia pressentido Bryce se arrumando para o trabalho... não a ouvira zanzando pelo apartamento ou a música que ela gostava de escutar.

Reconhecia que também não havia ouvido a própria porta se abrir. Tinha dormido como um morto. Syrinx pousou a cabeça no ombro de Hunt e bufou um lamento.

Solas lhe desse paciência.

— Por que tenho a impressão de que, se eu lhe der o café, vai ser sua segunda ou terceira refeição do dia?

Um inocente piscar dos olhos redondos.

Incapaz de se conter, Hunt coçou a pequena besta atrás das orelhas idiotas.

O apartamento ensolarado além do quarto estava silencioso, a luz aquecia o piso de madeira clara. Ele saiu da cama, vestindo a calça. A camisa estava uma bagunça por conta dos eventos da véspera, então a deixou no chão e... Merda. O telefone. Ele o pegou na mesinha de cabeceira e checou as mensagens. Nada novo, nenhuma *missão* de Micah, graças aos deuses.

Deixou o telefone em cima da cômoda ao lado da porta e seguiu descalço até a sala.

Nenhum som ou sinal. Se Bryce tivesse *saído*...

Ele atravessou o espaço, até o corredor do outro lado. A porta do quarto da semifeérica estava aberta, como se Syrinx tivesse se soltado e...

Adormecida. As cobertas estavam enroladas e reviradas, e ela estava deitada de bruços na cama, abraçada a um travesseiro. A posição quase idêntica àquela da véspera, jogada sobre Juniper.

Hunt tinha quase certeza de que a maioria das pessoas confundiria a decotada camisola cinza, debruada com renda cor-de-rosa, com uma camiseta. Syrinx passou trotando, pulou na cama e fuçou o ombro nu de Bryce.

A tatuagem nas costas da semifeérica — belas letras cursivas de um alfabeto que Hunt não conhecia — subia e descia a cada respiração. Hematomas que ele não havia notado na noite anterior salpicavam a pele reluzente, já esverdeados graças ao sangue feérico.

E ele a estava espionando. Como um maldito tarado.

Hunt se virou para o corredor, as asas subitamente muito grandes, a pele muito tensa, quando a porta da frente se abriu. Um movimento suave e ele empunhava a faca atrás do corpo...

Juniper valsou para dentro do apartamento, um saco de papel marrom que cheirava a folhado de chocolate em uma das mãos, um par de chaves extras na outra. Ela hesitou quando o viu no corredor do quarto.

Sua boca formou um silencioso *Ah.*

A fauna o encarou; não do modo que as fêmeas costumavam fazer quando percebiam as tatuagens, mas de um modo que sugeria que se dera conta de que havia um *macho* seminu no apartamento da amiga, às sete da manhã.

Ele abriu a boca para explicar que aquilo não era o que parecia, mas Juniper apenas passou batido, os cascos delicados ecoando no piso de madeira. Ela invadiu o quarto, equilibrando o saco, e Syrinx ficou louco, a cauda enrolada balançando enquanto Juniper cantarolava:

— Trouxe croissants de chocolate, então levante o rabo nu dessa cama e vista umas calças.

Bryce ergueu a cabeça para flagrar Juniper, seguida de Hunt, no corredor. Não se preocupou em puxar a barra da camisola sobre a lingerie azul-petróleo enquanto estreitava os olhos.

— O quê?

Juniper marchou até a cama e parecia prestes a pular no colchão, mas encarou o anjo.

Hunt enrijeceu.

— Não é o que parece.

Juniper apenas sorriu com doçura.

— Então um pouco de privacidade viria a calhar.

Hunt voltou pelo corredor, na direção da cozinha. Café. Aquilo parecia uma boa ideia.

Abriu um armário, pegando algumas canecas. A voz das duas o alcançou mesmo assim.

— Tentei ligar para você, mas seu telefone estava desligado... Imaginei que talvez o tivesse perdido — disse Juniper.

Farfalhar de cobertores.

— Você está bem?

— Perfeitamente bem. A imprensa continua especulando, mas acham que os rebeldes humanos de Pangera estão por trás do atentado, querendo causar problemas por aqui. Há imagens de vídeo do estoque que mostram a insígnia do grupo em uma caixa de vinho. Acham que foi assim que levaram a bomba para dentro.

Então a teoria se sustentara durante a noite. Se tinha algo a ver com o chifre ainda era uma incógnita. Hunt fez uma anotação mental para verificar com Isaiah, assim que Juniper saísse, o status do requerimento para encontrar Briggs.

— O Corvo foi totalmente destruído?

Um suspiro.

— Sim... completamente. Não temos a menor ideia de quando vai reabrir. Na noite passada, consegui finalmente falar com Fury, e ela disse que Riso está tão puto que ofereceu uma recompensa pela cabeça do responsável.

Nenhuma surpresa. O anjo havia ouvido rumores de que, apesar da natureza alegre, o metamorfo borboleta não tinha escrúpulos quando se irritava.

— Com certeza, Fury vai voltar para casa por conta disso. Sabe que ela não resiste a um desafio — continuou a fauna.

Solas Flamejante. Adicionar Fury Axtar àquela bagunça era uma péssima ideia. Hunt colocou uma colher de grãos de café na brilhante máquina cromada embutida na parede da cozinha.

— Então ela voltaria por uma recompensa, mas não para nos ver? — perguntou Bryce, inflexível.

Silêncio. Em seguida...

— Você não foi a única que perdeu Danika naquela noite, B. Cada uma de nós reagiu de um modo diferente. A resposta de Fury à própria dor foi fugir.

— Foi sua terapeuta que lhe disse isso?

— Não vou brigar com você de novo por causa desse assunto.

Mais silêncio. Juniper pigarreou.

— B, me desculpe pelo que eu fiz. Seu rosto...

— Tudo bem.

— Não, não está...

— Está. Eu entendo, eu...

Hunt ligou o moedor de café para dar alguma privacidade às duas. Talvez tenha exagerado na moagem e acabado com um pó fino em vez de pequenos cristais, mas, quando terminou, Juniper dizia:

— Então, e o anjo deslumbrante que está fazendo seu café neste exato instante...

Hunt sorriu para a máquina de café. Fazia um longo, longo tempo desde que alguém se preocupara em descrevê-lo como algo além de *Umbra Mortis, a Lâmina dos Arcanjos.*

— Não, não e não — interrompeu Bryce. — Jesiba me delegou um serviço confidencial, e Hunt foi designado para me proteger.

— Vagar sem camisa por seu apartamento faz parte da missão?

— Sabe como são esses machos vanir. Vivem para exibir os músculos.

Hunt revirou os olhos enquanto Juniper soltava uma gargalhada.

— Estou passada que o tenha deixado ficar aqui, B.

— Não tive escolha.

— Humm.

Um bater de pé descalço no chão.

— Sabe que ele está ouvindo, certo? As penas devem estar tão eriçadas que ele, provavelmente, nem vai passar pela porta.

O anjo se apoiou no balcão, a máquina de café grunhindo por ele conforme Bryce marchava pelo corredor.

— Eriçado?

Com certeza Bryce não havia se preocupado em obedecer à exigência da amiga no quesito vestimenta. A cada passo, a renda rosa-clara da bainha de sua camisola se agarrava a suas coxas, subindo de leve para revelar aquela cicatriz grossa e brutal na perna esquerda. O estômago do anjo se embrulhou com a visão do que fizera a ela.

— Olhos aqui em cima, Athalar — indicou Bryce.

Hunt franziu o cenho.

Mas Juniper vinha logo atrás da semifeérica, os cascos batendo no piso de madeira enquanto levantava o saco com os croissants.

— Só vim deixar isso aqui. Tenho um ensaio em... — A fauna pegou o telefone no bolso de trás da legging preta. — Ah, merda. *Agora*. Tchau, B. — Ela correu para a porta, jogando o saco na mesa com pontaria perfeita.

— Boa sorte... me ligue mais tarde — disse Bryce, já indo inspecionar a oferta de paz da amiga.

Juniper se demorou na porta tempo o bastante para dizer:

— Faça seu trabalho, *Umbra*.

Em seguida, se foi.

Bryce se sentou em uma das cadeiras de couro branco à mesa de vidro e suspirou enquanto pegava um dos croissants de chocolate. Ela o mordeu e gemeu.

— Legionários comem croissants?

Ele continuou apoiado no balcão.

— Isso é uma pergunta séria?

Nhac-chomp-chomp-gulp.

— Por que se levantou tão cedo?

— São quase sete e meia. Não configura cedo para a maioria das pessoas. Mas sua quimera praticamente sentou na minha cara, então como eu podia *não* acordar? E quantas pessoas têm a chave deste lugar?

Ela terminou o croissant.

— Meus pais, Juniper e o porteiro. E, falando nele... vou precisar devolver aquelas chaves e fazer outra cópia para mim.

— E uma para mim.

O segundo croissant estava a meio caminho da boca de Bryce quando ela o pousou.

— Não vai acontecer.

Ele sustentou o olhar dela.

— Sim, vai. E você vai mudar o encantamento para que eu tenha acesso...

Ela deu uma mordida no croissant.

— Não é *exaustivo* ser um alfabaca o tempo todo? Vocês têm um manual? Talvez grupos de apoio secretos?

— Alfa *o quê*?

— Alfabaca. Possessivo-agressivo. — Ela apontou para o torso nu de Hunt. — Você sabe... vocês, machos que rasgam a camisa à menor provocação, que sabem como matar uma pessoa de vinte maneiras

diferentes, que têm uma legião de fêmeas a seus pés e, quando enfim trepam com uma, ficam neuróticos com o relacionamento, se recusando a deixar outro macho olhar ou conversar com ela, decidindo o que e quando ela precisa comer, o que deve vestir, quando vê os amigos...

— Do que *diabos* você está falando?

— Seus passatempos prediletos são ficar emburrado, lutar e rugir; têm especialização em trinta grunhidos e rosnados diferentes; têm um bando de amigos gostosos e, assim que um de vocês encontra uma parceira, os outros também caem, como peças de um dominó, e os deuses os ajudem quando começarem a ter filhos...

Ele arrancou o croissant de sua mão. Aquilo a calou.

Bryce olhou para ele boquiaberta, em seguida para o croissant, e Hunt se perguntou se ela morderia sua mão quando levou o doce à boca. Porra, mas estava uma delícia.

— *Um* — enumerou ele, puxando uma cadeira e a virando para se acomodar. — A última coisa que quero é trepar com você, então podemos tirar esse lance de Sexo, Relacionamento e Bebês da jogada. *Dois*, não tenho amigos, então com certeza não vão rolar programas a quatro tão cedo. *Três*, se está reclamando de meu estilo de vestimenta... — Ele terminou o croissant e a encarou, incisivo. — Não sou

eu quem desfila pelo apartamento de calcinha e sutiã toda manhã enquanto me apronto para o trabalho.

Ele havia se esforçado para se esquecer daquele detalhe em particular. De como, depois da corrida matinal, ela fazia cabelo e maquiagem, numa rotina que demorava mais de uma hora do início ao fim. Usando apenas o que parecia uma extensa e espetacular coleção de lingeries.

Hunt imaginava que, se tivesse aquela aparência, vestiria a mesma merda.

Bryce apenas o encarou — a boca, a mão — e resmungou:

— Esse croissant era meu.

A máquina de café apitou, mas ele continuou sentado.

— Vai me conseguir uma nova chave. E me adicionar aos encantamentos. Porque faz parte do *meu trabalho*, e ser assertivo não é sinônimo de ser um *alfa babaca*... mas um sinal de que quero me assegurar de que você não acabe *morta*.

— Pare de praguejar tanto. Está perturbando Syrinx.

Ele se aproximou o bastante para discernir as pintas douradas nos olhos cor de âmbar dela.

— Tem a boca mais suja que já vi, amor. E do modo como *você* age, acho que talvez seja o alfa babaca da relação.

Ela sibilou.

— Viu? — incitou ele. — O que foi que você disse mesmo? Uma variedade de rosnados e grunhidos? — Ele acenou. — Bem, aí está.

Ela tamborilou as unhas azul-escuras no tampo de vidro.

— Nunca mais coma meu croissant. E pare de me chamar de amor.

Hunt abriu um sorriso malicioso e se levantou.

— Preciso ir até o Comitium pegar mais roupas. Onde você vai estar?

Bryce franziu o cenho e não disse nada.

— A resposta — continuou Hunt — é comigo. De agora em diante, onde quer que um de nós vá, o outro irá junto. Entendeu?

Ela o ignorou. Mas não discutiu mais.



Micah Domitus podia ser um babaca, mas, pelo menos, dava aos triários o fim de semana de folga; ou o equivalente, caso uma missão em particular exigisse que trabalhassem em meio ao descanso.

Jesiba Roga, nenhuma surpresa, parecia não acreditar em fins de semana. E, já que Bryce era esperada no trabalho, Hunt havia decidido que os dois iriam ao quartel do Comitium na hora do almoço, enquanto a maioria das pessoas estava distraída.

A densa névoa matinal ainda não havia se dissipado, mas Hunt já seguia Bryce no caminho até o trabalho. Nenhuma novidade sobre o atentado fora enviada ao anjo, e não havia nenhuma menção a outros ataques com o modus operandi do kristallos.

Mas Hunt ainda se mantinha atento, analisando cada um que passava pela ruiva abaixo. A maioria das

pessoas dava uma olhada em Syrinx, desfilando em sua coleira, e se afastava. Quimeras eram animais de estimação voláteis... propensos a pequenas magias e mordidas. Pouco importava que Syrinx parecesse mais interessado em qualquer petisco que pudesse extorquir das pessoas.

Naquele dia, Bryce escolhera um vestido preto e curto, a maquiagem mais sutil, olhos mais marcados, lábios mais suaves... Eram como uma armadura, ele se deu conta conforme ela e Syrinx ziguezagueavam pelos outros pedestres e turistas, se desviando de carros que já buzinavam com impaciência em meio ao habitual engarrafamento da Praça da Cidade Velha. As roupas, o cabelo, a maquiagem; eram como o couro e o aço e as armas que ele vestia toda manhã.

Só que ele não usava lingerie por baixo.

Independentemente do motivo, ele se descobriu pousando nos paralelepípedos atrás da semifeérica. Ela nem mesmo titubeou, os altíssimos saltos pretos inabaláveis. Era impressionante que ela conseguisse caminhar pelas velhas ruas sem torcer o tornozelo. Syrinx bufou um cumprimento e continuou trotando, orgulhoso como um cavalo em um desfile imperial.

— Sua chefe nunca lhe dá uma folga?

Ela bebericou o café que equilibrava na mão livre. Consumia uma quantidade sem dúvida ilegal daquela coisa ao longo do dia. A começar por não menos de três xícaras antes de deixar o apartamento.

— Tenho os domingos livres — respondeu ela. Acima deles, folhas de palmeira oscilavam na brisa fresca. A pele bronzeada de suas pernas se arrepiou com o frio. — Muitos de nossos clientes são ocupados e não podem vir durante a semana. Sábado é seu dia de lazer.

— Pelo menos folga nos feriados?

— A loja fecha nos principais. — Ela mexia distraída no amuleto de três nós em seu pescoço.

Um amuleto archesiano como aquele tinha de ter custado... Solas Flamejante, devia ter custado uma fortuna. Hunt pensou na pesada porta de ferro dos arquivos. Talvez não tivesse sido posta ali para manter os ladrões do lado de fora... mas para manter coisas do lado de *dentro*.

Tinha a sensação de que ela não lhe contaria nenhum detalhe sobre o motivo de peças de arte exigirem que usasse aquele amuleto, então, em vez disso, perguntou:

— Qual é o problema entre você e seu primo?

Ruhn visitaria a galeria em algum momento daquela manhã.

Bryce puxou a coleira de Syrinx, com gentileza, quando a quimera se lançou na direção de um esquilo que escalava uma palmeira.

— Ruhn e eu fomos próximos por alguns anos, na adolescência, e então tivemos uma briga horrível.

Parei de falar com ele depois disso. E as coisas... bem, você viu como as coisas estão agora.

— Qual o motivo da briga?

A névoa da manhã rodopiava ao seu redor quando ela emudeceu, como se sopesasse o que revelar.

— Começou como uma discussão sobre o pai de Ruhn — respondeu ela. — Sobre como o Rei Outonal é um merda, e como Ruhn faz tudo que ele quer. Acabou descambando para uma gritaria sobre os defeitos de cada um. Fui embora quando Ruhn me disse que eu estava dando em cima de seus amigos como uma vadia e me mandou ficar longe deles.

Ruhn dissera coisa bem pior, lembrou Hunt. No Templo de Luna, o anjo havia ouvido Bryce mencionar que ele a chamara de *vadia mestiça*.

— Sempre soube que Danaan era um idiota, mas até para ele isso foi baixo.

— Foi — admitiu ela, com suavidade. — Mas... sinceramente, acho que ele só queria me proteger. Na verdade, esse foi o motivo da discussão. Seu comportamento autoritário, como o de qualquer feérico. Como o de meu pai.

— Alguma vez entrou em contato com ele? — perguntou Hunt. Havia algumas dezenas de nobres feéricos que podiam ser cruéis o bastante para encorajar Ember Quinlan a fugir anos antes.

— Só quando não posso evitar. Acho que o odeio mais que qualquer coisa em Midgard. Exceto Sabine.

— Ela suspirou para o céu, observando anjos e bruxas zunindo entre os prédios ao redor. — Quem é o número um em sua lista proibida?

Hunt esperou até que passassem por um vanir de aparência reptiliana, digitando ao telefone, antes de responder, ciente de cada câmera colocada nos prédios ou escondida nas árvores ou latas de lixo.

— Sandriel.

— Ah. — Apenas o primeiro nome de Sandriel já bastava para qualquer um em Midgard. — Pelo que vi na TV, ela parece... — Bryce fez uma careta.

— O que quer que tenha visto é seu lado agradável. A realidade é dez vezes pior. É um monstro, sádica. — No mínimo. Ele acrescentou: — Fui forçado a... trabalhar para ela por mais de meio século. Até Micah. — Não conseguia dizer a palavra... *dona*. Jamais deixaria Sandriel exercer aquele tipo de poder sobre ele. — Ela e o comandante de seus triários, Pollux, elevaram crueldade e castigo a novos patamares. — Hunt cerrou os dentes, afastando as memórias sanguinárias. — Não são histórias para uma rua lotada. — Nem para lugar algum.

Mas ela o encarou.

— Quando quiser desabafar, Athalar, estou aqui.

A semifeérica disse aquilo de modo casual, mas Hunt podia ver a sinceridade em seu rosto.

— Idem. — Assentiu.

Passaram pelo Portão da Praça da Cidade Velha, onde turistas já se enfileiravam para tocar o disco no centro do dial, ofertando, felizes, uma gota de seu poder ao fazê-lo. Nenhum parecia ciente do corpo que havia sido encontrado a alguns quarteirões de distância. Sob o véu de bruma, o portão de quartzo parecia quase etéreo, como se tivesse sido talhado em gelo milenar. Nem um arco-íris enfeitava os prédios ao redor... não naquele nevoeiro.

Syrinx farejava uma lata de lixo transbordando com restos de comida das barracas em volta da praça.

— Já tocou o disco e fez um pedido? — perguntou Bryce.

Ele balançou a cabeça.

— Achei que era coisa apenas de crianças e turistas.

— Verdade. Mas é divertido. — Ela jogou o cabelo por sobre o ombro, sorrindo para si mesma. — Fiz um desejo quando tinha 13 anos... quando visitei a cidade pela primeira vez. Ruhn me trouxe.

Hunt ergueu uma sobrancelha.

— E o que desejou?

— Que meus peitos crescessem.

Uma gargalhada irrompeu do anjo, dispersando quaisquer sombras que a conversa sobre Sandriel tivesse invocado.

— Parece que seu desejo se realizou, Quinlan — disse ele, mas evitando olhar para o decote de Bryce.

Eufemismo. Grande, maldito, envolto em renda.

Ela riu.

— Cidade da Lua Crescente: onde os sonhos viram realidade.

Hunt cutucou Bryce na costela, incapaz de se impedir de tocá-la.

Ela o afastou.

— O que desejaria, se soubesse que seu pedido seria realizado?

A mãe viva, segura e feliz. A morte de Sandriel e Micah e de todos os arcanjos e asteri. O fim do acordo com Micah e a remoção do halo e das tatuagens de escravizado. A derrocada das rígidas hierarquias dos malakim.

Mas não podia dizer nada daquilo. Não estava pronto para dizer a ela aquelas coisas em voz alta.

— Como sou perfeitamente feliz com o tamanho de meus *atributos*, desejaria que você parasse de ser um pé no saco — respondeu ele, em vez disso.

— Babaca.

Mas Bryce ria, e até o sol da manhã, enfim, resolvera dar o ar de sua graça à visão daquele sorriso.

* * *

A biblioteca embaixo do Antiquário Griffin despertaria a inveja até mesmo do Rei Outonal.

Ruhn Danaan estava sentado à escrivaninha no coração do cômodo, ainda se ambientando ao espaço... e à duende de fogo que havia flertado com ele e lhe perguntado se seus piercings tinham doído.

Bryce e Hunt estavam sentados do outro lado da mesa; ela digitando em um laptop, ele folheando uma pilha de livros antigos. Lehabah se encontrava no que parecia um divã de boneca, um tablet apoiado a sua frente, assistindo a um dos mais populares dramas vanir.

— Então — começou Bryce, sem desviar os olhos do computador. — Vai explorar a biblioteca ou apenas ficar sentado aí, admirando?

Hunt riu entre dentes, mas não disse nada, o dedo traçando uma linha de texto.

Ruhn o fuzilou com o olhar.

— O que está fazendo?

— Pesquisando sobre o kristallos — respondeu Hunt, erguendo os olhos sombrios do livro. — Matei uma dezena de demônios nível 6 ao longo dos séculos, e queria ver se são similares.

— O kristallos é um nível 6? — perguntou Ruhn.

— Presumo que sim — retrucou Hunt, estudando o livro outra vez. — Os nível 6 são de uso exclusivo dos príncipes, e, pelo que essa coisa consegue fazer, aposto que é considerado um 6. — O anjo tamborilou os dedos na antiga página. — Mas não encontrei muitas similaridades.

— Talvez esteja procurando no lugar errado — cantarolou Bryce. — Talvez... — Ela virou o laptop para Hunt, os dedos voando sobre o teclado. — Estamos procurando informações sobre algo que não entra neste mundo há quinze mil anos. O fato de que ninguém conseguiu identificá-lo sugere que não deve figurar em muitos livros de história, e apenas alguns desses livros resistiriam todo esse tempo. Mas... — Ela digitou mais um pouco e Ruhn inclinou o pescoço para verificar os dados que ela recolhera. — Onde estamos agora? — perguntou a Hunt.

— Em uma biblioteca.

— Uma galeria de *antiguidades*, estúpido.

Uma página carregou, cheia de imagens de vasos e ânforas, mosaicos e estátuas. Bryce havia digitado *demônio* + *feérico* na barra de pesquisa. Ela deslizou o laptop até Hunt.

— Talvez possamos encontrar o kristallos em arte antiga.

Hunt resmungou, mas Ruhn notou o brilho de admiração em seu olhar antes de começar a estudar as páginas de resultados.

— Jamais conheci um príncipe — suspirou Lehabah do sofá.

— São supervalorizados — disse Ruhn por sobre o ombro.

Hunt grunhiu sua aprovação.

— Como é — perguntou a duende, apoiando a cabeça flamejante no punho em brasa — ser o Escolhido?

— Um tédio — confessou Ruhn. — Nada além da espada e de alguns truques de mágica.

— Posso ver Áster?

— Eu a deixei em casa. Não estava a fim de lidar com o assédio dos turistas, pedindo uma foto a cada quarteirão.

— Pobre pequeno príncipe — arrulhou Bryce.

Hunt grunhiu sua aprovação novamente.

— Tem alguma coisa a dizer, Athalar? — disparou Ruhn.

O anjo ergueu os olhos do laptop.

— Ela já disse tudo.

Ruhn rosnou, mas Bryce perguntou, estudando os dois:

— Qual o problema de vocês?

— Ah, por favor, contem — implorou Lehabah, pausando seu programa para se endireitar no sofá.

Hunt voltou a analisar os resultados.

— Quebramos a cara um do outro em uma festa. Danaan ainda está magoado.

O sorriso de Bryce era a definição de deboche.

— Por que vocês brigaram?

— Porque ele é um babaca arrogante — disparou Ruhn.

— Idem — disse Hunt, a boca se curvando em um meio-sorriso.

Bryce lançou um olhar condescendente para Lehabah.

— Garotos e seus paus na mesa.

Lehabah soltou um ganido afetado.

— Não são maduros como nós, garotas.

Ruhn revirou os olhos, surpreso ao flagrar Hunt fazendo o mesmo.

Bryce apontou para as inúmeras estantes que enchiam a biblioteca.

— Bem, primo — disse ela —, fique à vontade. Deixe seus poderes Estrelados guiarem você até a revelação.

— Engraçadinha — retrucou ele, mas começou a caminhar até as estantes, esquadrinhando os títulos. Ele hesitou junto aos vários tanques e terrários embutidos nas prateleiras, os animais em seu interior completamente indiferentes a sua presença. Ele não ousou perguntar se os boatos sobre sua origem eram verdadeiros, em especial não quando Lehabah berrava do sofá.

— O nome da tartaruga é Marlene!

Ruhn lançou um olhar de pânico para a irmã, mas Bryce estava digitando algo no telefone.

Música começou a tocar um instante depois, fluindo dos alto-falantes escondidos em painéis de madeira. Ruhn ouviu os primeiros acordes da

canção... apenas uma guitarra e duas magníficas vozes femininas.

— Ainda gosta dessa banda? — Quando criança, ela havia sido obcecada pela dupla folk de irmãs.

— Josie e Laurel continuam fazendo boa música, então sigo ouvindo.

Ela deslizou o dedo pela tela do telefone.

Ruhn continuou sua busca indolente.

— Você sempre teve bom gosto.

Ele havia jogado uma corda no mar tempestuoso que era aquele relacionamento.

— Obrigada — agradeceu, com tranquilidade, sem erguer o olhar.

Hunt, sabiamente, não abriu a boca.

Ruhn estudou as prateleiras, na esperança de sentir uma afinidade com qualquer coisa que não a irmã, com quem trocara mais palavras naqueles dias que nos últimos nove anos. Os títulos estavam na língua comum, na Antiga Língua dos Feéricos, na das sereias e em alguns outros alfabetos que não reconhecia.

— A coleção é incrível.

Ruhn estendeu o braço para um tomo azul cuja lombada brilhava com lâminas de ouro. *Palavras dos deuses.*

— Não toque nisso — avisou a duende. — Pode mordê-lo.

Ruhn recolheu a mão conforme o livro despertava, ressoando na prateleira. As sombras murmuraram dentro de si, prontas para atacar. Ele as apaziguou.

— Por que o livro *se move*?

— Porque é especial... — começou Lehabah.

— Basta, Lele — advertiu Bryce. — Ruhn, não toque em nada sem permissão.

— Sua ou do livro?

— Ambas — disse ela.

Como resposta, um livro numa prateleira alta farfalhou. Ruhn virou o pescoço para encará-lo, e viu um tomo verde brilhando. Chamando-o. As sombras sussurraram, como se o encorajassem. Tudo bem, então.

Foi uma questão de instantes até arrastar uma escada de bronze e subir os degraus.

— Ignorem-no — disse Bryce, aparentemente para a própria biblioteca, antes que Ruhn retirasse um livro de seu local de descanso. Ele passou os olhos pelo título. *Grandes romances dos feéricos.*

Poder Estrelado, de fato. Prendendo o livro na curva do braço, desceu a escada e voltou para a mesa.

Bryce engoliu uma risada ao ver o título.

— Tem certeza de que seu poder Estrelado não é para achar pornografia? — Ela chamou Lehabah. — Esse é a sua cara.

Lehabah ficou da cor de uma framboesa.

— BB, você é horrível.

Hunt piscou para o príncipe.

— Divirta-se.

— Eu vou — disparou Ruhn, abrindo o livro. Seu telefone vibrou antes que pudesse começar a leitura. Ele o pegou no bolso de trás e olhou para a tela. — Dec conseguiu a informação que você queria.

Bryce e Hunt ficaram imóveis. Ruhn abriu o e-mail, em seguida os dedos pararam sobre o campo de encaminhar mensagem.

— Eu, ahn... seu e-mail continua o mesmo? — perguntou a ela. — E não tenho o seu, Athalar.

Hunt rabiscou o dele, mas Bryce franziu o cenho para Ruhn por um longo instante, como se cogitasse se queria abrir outra porta em sua vida.

— Sim, continua — respondeu então, suspirando.

— Pronto — disse Ruhn, e abriu o arquivo que Declan havia enviado.

Estava cheio de coordenadas e os locais correlatos. A rotina diária de Danika como Alfa da Matilha dos Demônios a fazia se deslocar pela Praça da Cidade Velha e além. Sem contar sua saudável vida social noturna. A lista cobria tudo, do apartamento ao Covil e ao escritório do Mestre da Cidade, no Comitium, passando por um tatuador, uma hamburgueria, muitas pizzarias para sequer enumerar, bares, um lugar de shows, o campo de solebol na UCLC, salões de beleza, academia... Porra, a loba dormira em algum momento? A lista datava de duas semanas antes

do assassinato. Pelo silêncio ao redor da mesa, sabia que Bryce e Hunt também a estavam estudando. Então...

Um brilho de surpresa acendeu os olhos de Hunt conforme o anjo encarava Bryce.

— Danika não patrulhava apenas os arredores do Templo de Luna — murmurou ela. — Aqui diz que ela estava posicionada *no* Templo de Luna por dois dias antes do roubo do chifre. E durante a noite do blecaute.

— Acha que ela testemunhou o roubo e o culpado a matou para encobrir o crime? — perguntou Hunt.

Poderia ser assim tão simples? Ruhn rezou para que fosse.

Bryce balançou a cabeça.

— Se Danika visse o chifre ser levado, teria reportado o roubo. — Ela suspirou novamente. — Em geral, Danika não ficava aquartelada no templo, mas Sabine mudava sua agenda com frequência, por despeito. Talvez Danika tivesse absorvido um pouco do cheiro do chifre em sua vigília e o demônio a rastreou.

— Olhe de novo — insistiu Ruhn. — Talvez haja algo que passou despercebido.

Um dos cantos da boca de Bryce se curvou, o retrato do ceticismo.

— Melhor que nada — disse Hunt, no entanto.

Bryce sustentou o olhar do anjo por mais tempo do que as pessoas julgariam prudente.

Nada de bom resultaria daquilo... Bryce e Hunt trabalhando juntos. Morando juntos.

Mas Ruhn manteve a boca fechada e começou a ler.

* * *

— Alguma boa cena de sexo? — perguntou Bryce a Ruhn, inutilmente repassando os dados com os passos de Danika pela terceira vez.

As primeiras movimentações da loba, ela se deu conta, a tinham levado até o laboratório de explosivos de Philip Briggs, além das muralhas da cidade. Inclusive na noite da prisão dele.

Ela ainda se lembrava de Danika e Connor mancando de volta ao apartamento naquela noite, depois de prender Briggs e seu grupo da Keres, dois anos antes. Danika parecia bem, mas Connor ostentara um lábio cortado e um olho roxo, prova de que alguma merda havia acontecido. Jamais lhe disseram o que, e ela não tinha perguntado. Apenas fizera Connor se sentar à mesa detonada da cozinha e o obrigou a deixar que o limpasse.

Ele não desviara os olhos de seu rosto, de sua boca, durante todo tempo em que a semifeérica havia gentilmente cuidado do corte na boca do lobo. Ela

percebera, naquele instante, o que estava por vir... que Connor estava farto de esperar. Aqueles cinco anos de amizade, de pisar em ovos na presença um do outro, iriam mudar, e ele agiria em breve. Pouco importava que estivesse saindo com Reid. Connor a deixara cuidar de seus machucados, os olhos quase cintilantes, e ela tinha entendido que chegara a hora.

Quando Ruhn não respondeu de imediato à provocação, Bryce ergueu o olhar do laptop. O irmão havia continuado a ler... e não parecia ouvi-la.

— Ruhn.

Hunt parou a própria busca no banco de dados da galeria.

— Danaan.

Ruhn ergueu a cabeça, piscando.

— Achou alguma coisa? — perguntou Bryce.

— Sim e não — respondeu Ruhn, se recostando na cadeira. — Isto é apenas um relato de três páginas sobre o príncipe Pelias e sua noiva, Lady Helena. Mas não me dei conta de que Pelias era, na verdade, alto general da rainha feérica Theia quando fizeram a Travessia para este mundo; Helena era filha de Theia. Pelo que parece, a rainha *também* era Estrelada, e a filha possuía o mesmo poder. Theia tinha uma irmã mais nova com o mesmo dom, mas apenas Lady Helena é citada. — Ruhn pigarreou e leu: — *Helena, cabelo como a noite, e cuja pele vertia luz estelar e sombras.*

Parece que Pelias era apenas um dos vários feéricos com o poder Estrelado naquela altura.

Bryce piscou.

— E daí? O que isso tem a ver com o chifre?

— Diz aqui que os artefatos sagrados foram criados apenas para feéricos como eles. Que o chifre só funcionava quando luz estelar fluía através dele, quando estava repleto de poder. O relato alega que a magia Estrelada, somada a um monte de besteira, pode ser canalizada pelos artefatos sagrados... trazendo-os à vida. Tenho certeza de que jamais fui capaz de fazer nada assim, mesmo com Áster. O texto fala que o Príncipe do Fosso teve de roubar o sangue de Pelias para conseguir que o kristallos rastreasse o chifre... pois continha sua essência. Mas acho que o chifre poderia ter sido empunhado por qualquer um dos Estrelados.

— Mas se o Príncipe do Fosso tivesse colocado as mãos no chifre, não poderia tê-lo usado a não ser que conseguisse um feérico Estrelado para operar o artefato. — Hunt assentiu para Ruhn. — Mesmo que a pessoa que esteja atrás do chifre o encontre agora, vai precisar de você.

Ruhn considerou a hipótese.

— Mas não vamos nos esquecer de que, seja lá quem for que esteja conjurando o demônio para rastrear o chifre e matar pessoas, o assassino ainda não *tem* o chifre. Outra pessoa o roubou. Então, em

suma, estamos procurando por duas pessoas diferentes: o assassino e o ladrão do chifre.

— Bem, de qualquer modo, o chifre está quebrado — argumentou Bryce.

Ruhn bateu de leve no livro.

— Ao que parece, permanentemente quebrado. Diz aqui que, uma vez rachado, alegam os feéricos, pode ser reparado apenas pela *luz que não é luz; magia que não é magia*. Resumindo, um modo hermético de dizer que nem fodendo ele funcionaria de novo.

— Então precisamos descobrir por que alguém precisaria do chifre — argumentou Hunt, franzindo o cenho para Ruhn. — Seu pai o quer para quê... alguma campanha de divulgação sobre os velhos e bons tempos do domínio feérico?

Ruhn bufou, e Bryce sorriu de leve. Com tiradas assim, Hunt corria o risco de se tornar uma de suas pessoas preferidas.

— Basicamente, sim — admitiu Ruhn. — Os feéricos estão em *declínio*, de acordo com ele, há vários milênios. Ele alega que nossos antepassados podiam incinerar florestas inteiras com meio pensamento... ao passo que ele consegue, no máximo, queimar um bosque, e olhe lá. — Ruhn cerrou o maxilar. — E o fato de meus poderes de Escolhido serem pouco mais que um grão o deixa louco.

Bryce tinha noção de que a própria falta de poder fora um dos motivos da decepção do pai com ela.

Prova da decadente influência feérica.

Ela sentiu o olhar de Hunt, como se ele pudesse enxergar a amargura que a agitava.

— Meu próprio pai jamais mostrou nenhum interesse em mim pelo mesmo motivo. — Uma meia-verdade.

— Em especial depois de sua visita ao Oráculo — emendou Ruhn.

As sobrancelhas de Hunt se ergueram, mas Bryce balançou a cabeça, franzindo o cenho.

— É uma longa história.

Mais uma vez, o anjo a encarava daquele modo especulativo, perspicaz. Então Bryce espiou o livro de Ruhn, passou os olhos por algumas linhas, e, em seguida, encarou o irmão novamente.

— Toda essa seção é dedicada a seus primos chiques de Avallen. Caminhar pelas sombras, leitura de mentes... Fico surpresa que não reclamem o status de Estrelados.

— Bem que queriam — resmungou Ruhn. — São um bando de babacas.

A semifeérica tinha uma vaga lembrança de Ruhn lhe contar os detalhes do porquê, exatamente, ele se sentia daquele jeito. Mas perguntou:

— Nada de leitura de mentes para você?

— É telepatia — grunhiu ele. — E não tem nada a ver com o lance de Estrelado. Ou com o caso.

Hunt, aparentemente, parecia concordar, porque interrompeu:

— E se perguntarmos ao Oráculo sobre o chifre? Talvez ele consiga ver por que alguém estaria atrás de uma relíquia quebrada.

Bryce e Ruhn enrijeceram.

— Melhor apelar para os místicos — disse Bryce.

Hunt se encolheu.

— Os místicos são uma merda sombria e fodida. Melhor consultar o Oráculo primeiro.

— Bem, eu não vou — avisou logo Bryce.

Os olhos de Hunt ficaram sombrios.

— Por causa do que aconteceu em sua visita?

— Sim — respondeu ela, tensa.

Ruhn se intrometeu.

— Vá você então — disse ao anjo.

Hunt riu entre dentes.

— Também teve uma experiência ruim, Danaan?

Bryce se flagrou observando o irmão com cautela. Ruhn jamais mencionara o Oráculo.

— Sim — confessou ele, dando de ombros.

Hunt levantou as mãos.

— Certo, idiotas. Eu vou. Nunca visitei o Oráculo. Sempre me pareceu muito enigmático.

Não era. Bryce bloqueou a imagem da esfinge dourada que havia se sentado em um buraco a sua frente, no piso da sombria câmara... como o rosto da mulher tinha monitorado cada fôlego seu.

— Precisa agendar. — Ela conseguiu dizer.

Silêncio. Um zumbido cortou o ar, e Hunt suspirou ao pegar seu telefone.

— Preciso atender — avisou, sem esperar pela resposta de ambos antes de marchar escada acima e sair da biblioteca.

Um momento depois, a porta da frente da galeria bateu.

Com Lehabah ainda assistindo a sua série atrás dos dois, Ruhn disse:

— Sabe que a intensidade de seu poder jamais importou para mim, certo, Bryce?

Ela retomou a análise dos últimos passos de Danika.

— Sim, eu sei. — Ela ergueu uma das sobrancelhas. — Qual seu problema com o Oráculo?

A expressão do irmão se anuviou.

— Nenhum. Ela me disse tudo o que o Rei Outonal queria ouvir.

— O quê... ficou chateado que não era nada tão desastroso quanto minha previsão?

Ruhn se levantou, os piercings brilhando sob as primaluces.

— Olhe, tenho uma reunião do Aux essa tarde para a qual preciso me preparar, mas vejo você mais tarde.

— Certo.

Ruhn hesitou, como se cogitasse falar mais, então seguiu até as escadas e saiu.

— Seu primo é um sonho — suspirou Lehabah do sofá.

— Achei que Hunt Athalar fosse seu verdadeiro amor — comentou Bryce.

— Não podem ser os dois?

— Considerando que nenhum deles aprendeu a compartilhar, acredito que o poliamor não seja uma opção para você.

Seu e-mail apitou no laptop. Já que seu telefone estava em frangalhos nos escombros do Corvo, Hunt havia enviado uma mensagem: *Vi seu primo sair. Partimos para o Comitium em cinco minutos.*

Ela respondeu: *Não me dê ordens, Athalar.*

Quatro minutos, amor.

Já disse: não me chame de amor.

Três minutos.

Rosnando, ela se levantou e massageou a perna. Os saltos já a castigavam, e, conhecendo Hunt, o anjo a faria caminhar todo o caminho até o complexo do Comitium. O vestido ficaria ridículo com outro par de sapatos, mas, felizmente, ela guardava uma muda de roupas na última gaveta da escrivaninha da biblioteca, para o caso de um dia chuvoso ameaçar arruinar o look do dia.

— É bacana... ter companhia — disse Lehabah.

Bryce sentiu um aperto no peito.

— Volto mais tarde — disse a semifeérica, simplesmente.



Hunt mantinha uma distância casual de Bryce enquanto eles atravessavam o saguão do Comitium lado a lado, na direção do grupo de elevadores que os levaria até o quartel da 33ª. Os outros halls de elevadores espalhados pelo átrio central envidraçado levavam às quatro diferentes torres do complexo: uma para as salas de reunião dos Mestres da Cidade e a administração de Lunathion, uma para a residência e o escritório oficial de Micah, outra para a babaquice administrativa generalizada e a última para as reuniões públicas e eventos. Milhares e milhares de pessoas viviam e trabalhavam entre aquelas paredes, mas, mesmo em meio à efervescência do lobby, Bryce, de algum modo, se destacava.

A semifeérica havia trocado de roupa e usava sapatilhas de camurça vermelhas e uma blusa branca de botão enfiada para dentro da calça jeans. Ela havia

prendido os cachos sedosos em um rabo de cavalo alto que balançava de modo atrevido a cada passo sincronizado com os de Hunt.

Ele colocou a palma sobre o disco circular ao lado das portas do elevador, liberando o acesso até seu piso, trinta andares acima. Em geral, voava até o balcão de pouso do quartel, tanto pela facilidade quanto para evitar os intrometidos que agora o encaravam, boquiabertos, no saguão. Com certeza se perguntando se Hunt havia levado Bryce até ali para trepar com ela ou para interrogá-la.

O legionário sentado em um sofá baixo não parecia particularmente habilidoso em disfarçar seus olhares para a bunda da semifeérica. Bryce olhou por sobre o ombro, como se um sexto sentido lhe dissesse que alguém a observava, e abriu um sorriso para o soldado.

O legionário enrijeceu, Bryce mordeu o lábio, os cílios se fechando de leve.

Hunt esmurrou o botão do elevador com força quando o macho lançou para Bryce um meio-sorriso que, Hunt tinha certeza, o canalha dirigia a qualquer fêmea que cruzasse seu caminho. Como engrenagens de uma grande máquina, legionários — mesmo os da famosa 33ª — não podiam ser exigentes.

As portas do elevador se abriram, e legionários e burocratas saltaram — aqueles sem asas tomando o

cuidado de não pisar nas penas de ninguém. E todos tomando o cuidado de não encarar Hunt.

Não que ele fosse hostil. Se alguém lhe abria um sorriso, o anjo em geral se esforçava para devolver o gesto. Mas todos haviam ouvido as histórias. Todos sabiam para quem ele havia trabalhado — cada um de seus *mestres* — e o que fazia para eles.

Eles se sentiriam mais confortáveis em dividir o elevador com um tigre faminto.

Então Hunt mantinha distância, diminuindo as chances de interação. Bryce deu meia-volta para encarar o elevador, o rabo de cavalo quase chicoteando o rosto do anjo.

— Cuidado com essa coisa — disparou Hunt, enquanto o elevador enfim esvaziava e eles embarcavam. — Vai arrancar um olho meu.

Ela se apoiou displicentemente na parede de vidro. Por sorte, não havia ninguém ali dentro com eles. Hunt não era ingênuo a ponto de acreditar que fora puro acaso.

Os dois haviam parado apenas uma vez no caminho, para comprar um novo telefone para Bryce e substituir o que ela perdera na boate. Ela havia até desembolsado alguns marcos a mais por um feitiço de proteção padrão para o aparelho.

A loja, feita de vidro e aço, estava praticamente vazia, mas Hunt não pudera deixar de notar quantos consumidores em potencial o avistavam pelas janelas

e mantinham distância. Bryce não parecia ter se dado conta e, enquanto esperavam que o vendedor lhe trouxesse um novo aparelho, tinha pedido o do anjo emprestado, para que pudesse checar os feeds de notícias atrás de qualquer novidade sobre o ataque à boate. De algum modo, ela acabara bisbilhotando as fotos dele. Ou a ausência delas.

— Tem 36 fotos neste celular — dissera ela, sem rodeios.

Hunt tinha franzido a testa.

— E?

Ela deslizou a barra pelo álbum insignificante.

— Em *quatro anos*. — Desde que havia chegado a Lunathion e conseguido o primeiro telefone e o gostinho de uma vida sem um monstro como mestre. Bryce quase vomitara quando abriu a foto de uma perna amputada em cima de um tapete ensanguentado. — Que *porra* é essa?

— Às vezes sou requisitado em cenas de crime e preciso tirar algumas fotos como evidência.

— Algumas dessas pessoas fazem parte de sua barganha com...

— Não — respondeu ele. — Não as fotografo.

— Há um total de 36 fotos em seu celular de quatro anos, e todas de corpos desmembrados — constatou ela.

Alguém arfou do outro lado da loja.

Hunt rangeu os dentes.

— Fale mais alto, Quinlan.

Ela franziu o cenho.

— Nunca tira nenhuma outra?

— Do quê?

— Ah, sei lá... da *vida*? Uma flor bonita ou uma boa refeição ou algo do gênero?

— Para quê?

Ela piscou, em seguida balançou a cabeça.

— Bizarro.

E, antes que Hunt pudesse impedi-la, ela havia inclinado o telefone na frente do próprio rosto, sorrido de orelha a orelha, tirado uma selfie e devolvido o celular a ele.

— Pronto. Uma foto de um não cadáver.

Hunt tinha revirado os olhos, mas guardou o telefone.

O elevador zumbia ao seu redor, disparando para cima. Bryce observava os números em ordem crescente.

— Sabe quem era aquele legionário? — perguntou, de modo displicente.

— Qual deles? O que estava babando no tapete traskiano, aquele cuja língua estava no chão ou o que olhava para sua bunda como se ela fosse falar com ele?

Ela riu.

— Eles devem mantê-los famintos por sexo nos quartéis, se a presença de uma fêmea os deixa tão

excitados. Então... sabe o nome dele? Daquele que queria conversar com minha bunda?

— Não. Somos mais de três mil só na 33ª. — Ele a olhou de soslaio, observando-a monitorar o número dos andares. — Talvez não valha a pena conhecer um sujeito que seca sua bunda antes mesmo de dizer oi.

As sobrancelhas da semifeérica se ergueram quando o elevador parou e as portas se abriram.

— É *precisamente* esse tipo de pessoa que procuro.

Bryce saiu para o corredor e o anjo a seguiu, hesitando ao perceber que era *ele* quem sabia o caminho, enquanto ela apenas fingia que sabia.

Virou à esquerda. Seus passos ecoavam no piso de granito bege do longo corredor. A pedra estava rachada e lascada em alguns pontos — pela queda de armas, disputas idiotas envolvendo magia, brigas de verdade —, mas, ainda assim, o piso era polido o bastante para refletir a silhueta de ambos.

Bryce observou o corredor, os nomes em cada porta.

— Machos, apenas, ou misto?

— Misto — respondeu ele. — Embora haja mais machos que fêmeas na 33ª.

— Tem namorada? Namorado? Alguém cuja bunda *você* admire?

Ele balançou a cabeça, tentando combater o gelo em suas veias enquanto parava diante de sua porta e a abria, deixando-a entrar. Esforçando-se para bloquear

a imagem de Shahar despencando até o chão, empalada com a espada de Sandriel, as asas brancas das duas manchadas de sangue. As duas irmãs gritando, o rosto de uma a imagem espelhada da outra.

— Nasci bastardo.

Ele fechou a porta atrás de ambos, observando-a enquanto ela estudava o pequeno cômodo. A cama era grande o bastante para suas asas, mas não havia espaço para nada além de um armário e uma cômoda, uma mesa com livros e papéis e armas abandonadas.

— E?

— E minha mãe não tinha dinheiro ou uma linhagem nobre que compensasse o fato. Não há uma fila de fêmeas na minha porta, apesar desse rostinho. — A risada soou amarga enquanto ele abria o armário de pinho barato e pegava uma grande bolsa de viagem. — Tive alguém no passado, alguém que não se importava com status, mas não acabou bem. — Cada palavra queimava sua língua.

Bryce envolveu o corpo com os braços, as unhas enterradas na seda delicada da camisa. Ela parecia ter percebido a quem ele se referia. A semifeérica deu uma olhada ao redor, como se procurando algo a dizer.

— Quando fez a Descida? — De algum modo, foi o que escolheu perguntar.

— Eu tinha 28.

— Por que nessa idade?

— Minha mãe tinha acabado de morrer.

A tristeza invadiu os olhos de Bryce. Hunt não conseguia suportar o olhar dela, não podia abrir aquela ferida. Então acrescentou:

— Fiquei descontrolado depois do que aconteceu. Então requisitei um Âncora público e completei a Descida. Mas não fez diferença. Mesmo que eu tivesse herdado o poder de um arcanjo, ou de uma ratazana, quando recebi as tatuagens, cinco anos mais tarde, a tinta de bruxa me deixou de joelhos.

Ele podia ouvi-la acariciando seu cobertor.

— Alguma vez se arrependeu da rebelião dos anjos?

Hunt olhou por sobre o ombro e a encontrou apoiada na cama.

— Ninguém nunca me perguntou isso. — Ninguém ousaria. Mas ela sustentou o olhar dele. Hunt admitiu: — Não sei o que pensar.

Ele deixou o olhar transmitir o restante. *E não diria uma maldita palavra sobre esse assunto neste lugar.*

Ela assentiu. Em seguida, olhou para as paredes; nenhum quadro, nenhum pôster.

— Não curte decoração?

O anjo enfiou as roupas na sacola, lembrando que a semifeérica tinha uma máquina de lavar no apartamento.

— Micah pode me vender quando bem entender. Dá azar fincar raízes assim.

Ela esfregou os braços, embora o quarto estivesse quente, quase abafado.

— Se o governador tivesse morrido naquela noite, o que teria acontecido a você? E a todos os Caídos e escravizados que ele possui?

— Nosso título de propriedade seria transferido para seu substituto. — Ele odiou cada palavra que saía de sua boca. — Se ele não deixasse herdeiros, seus bens seriam divididos entre os outros arcanjos.

— Que não honrariam seu acordo.

— Definitivamente, não.

Hunt começou a separar as armas guardadas nas gavetas da mesa.

Podia sentir os olhos de Bryce observando cada movimento seu, como se contasse cada lâmina e arma que tirava do lugar.

— O que você faria se conquistasse sua liberdade? — perguntou ela.

Hunt verificou a munição para as armas que havia colocado em cima da mesa e ela se aproximou para olhar. Ele jogou algumas na bolsa. Bryce pegou uma faca comprida como se fosse uma meia suja.

— Ouvi dizer que seu relâmpago é único entre os anjos... nem mesmo os arcanjos conseguem reproduzi-lo.

Ele recolheu as asas.

— Sim?

Um dar de ombros.

— Então por que Isaiah é o Comandante da 33ª?

Ele pegou a faca de sua mão e a colocou na sacola.

— Porque emputeço muita gente e não dou a mínima.

Sempre fora assim, mesmo antes do monte Hermon. No entanto, Shahar havia encarado aquilo como uma vantagem. Ela fizera dele seu general. Ele tinha tentado honrar tal confiança. E falhara.

Bryce abriu um sorriso cúmplice.

— Temos algo em comum, Athalar.

* * *

Certo. O anjo não era de todo ruim. Havia feito os curativos nela depois do atentado, sem prepotência machista. E tinha uma puta razão para querer o caso. E irritava Ruhn infinitamente.

Quando acabara de arrumar suas coisas, ele tinha recebido uma ligação de Isaiah, que revelara que a solicitação para visitar Briggs fora aprovada; mas levaria alguns dias para preparar Briggs e transferi-lo da Prisão de Adrestia. Bryce escolhera ignorar o que exatamente aquilo dizia sobre o atual estado do humano.

A boa notícia, segundo informou Isaiah, era que o Oráculo havia encaixado Hunt em sua agenda, na

manhã do dia seguinte.

Bryce encarou Hunt conforme entravam outra vez no elevador, seu estômago dando voltas enquanto mergulhavam para o saguão central do Comitium. Qualquer que fossem as credenciais do anjo, de algum modo incluíam ignorar os comandos do elevador de parar em outros andares. Fofo.

Na verdade, Bryce jamais conhecera um malakim além dos legionários em patrulha ou dos membros de sua elite se pavoneando pela cidade. A maioria preferia os bares nos rooftops do Distrito Comercial Central. E como putas mestiças não eram permitidas ali, a semifeérica nunca tivera a chance de levar um para casa.

Bem, agora ela *estava* levando um para casa, embora não do modo como imaginara enquanto admirava aqueles músculos. Certa vez, no verão, ela e Danika haviam levado duas semanas inteiras passando o intervalo de almoço sentadas em um telhado vizinho à área de treinamento de uma legião. Com o calor, os machos se despiam da cintura para cima enquanto duelavam. E ficavam suados. Muito, muito suados.

Ela e Danika teriam continuado a passar cada hora de almoço ali, se não tivessem sido flagradas pelo zelador do prédio, que as chamou de pervertidas e impediu para sempre o acesso ao telhado.

O elevador diminuiu a velocidade até parar, fazendo o estômago de Bryce rodar outra vez. As portas se abriram, e eles foram saudados por uma muralha de legionários impacientes... que trataram de rearrumar a expressão para uma de cuidadosa reserva quando viram Hunt.

A Sombra da Morte. Ela havia espiado o elmo infame no quarto dele, guardado ao lado da mesa. Ele o havia deixado para trás, graças aos deuses.

O saguão do Comitium além dos elevadores estava lotado. Cheio de asas e halos e aqueles encantadores corpos musculosos, todos olhando para as portas da frente, esticando o pescoço para ver por cima um do outro, mas nenhum sobrevoava o espaço aéreo do átrio...

Hunt enrijeceu no limite da multidão, que praticamente bloqueava o hall de elevadores do quartel. Bryce mal deu um passo na direção do anjo quando o elevador a sua direita se abriu e Isaiah disparou para fora, estacando quando se deparou com Hunt.

— Acabei de saber...

Uma onda de poder no outro extremo do saguão fez as pernas da semifeérica fraquejarem.

Como se aquele poder tivesse derrubado a multidão, todos se ajoelharam e curvaram a cabeça.

Deixando os três com uma visão perfeita da arcanjo que estava parada à gigantesca porta de vidro

do átrio, com Micah ao seu lado.



Sandriel se virou na direção de Hunt, Bryce e Isaiah no mesmo instante em que Micah o fez. Um brilho de reconhecimento faiscou nos olhos da fêmea de cabelos escuros quando seu foco parou em Hunt, ignorando completamente Bryce, e passou para Isaiah.

Bryce a reconheceu, claro. Ela aparecia na TV com frequência suficiente para que ninguém no planeta deixasse de identificá-la.

Um passo a sua frente, Hunt tremia como uma vara verde. Bryce jamais o vira assim.

— Abaixe-se — murmurou Isaiah, e se ajoelhou.

Hunt não se mexeu. Não o faria, Bryce se deu conta. As pessoas olharam por sobre os ombros, ainda ajoelhadas.

— Pollux não está com ela. Apenas se ajoelhe, porra — grunhiu Isaiah.

Pollux... o Martelo. Hunt relaxou um pouco, mas continuou de pé.

Parecia perdido, paralisado em algum lugar entre a raiva e o terror. Nem mesmo um lampejo de relâmpago na ponta de seus dedos. Bryce se postou ao lado do anjo, jogando o rabo de cavalo sobre um dos ombros. Ela pegou seu telefone novo em folha no bolso, certificando-se de que o volume estivesse no máximo, de forma que todo mundo pudesse ouvir o alto *clique clique clique* enquanto ela tirava fotos dos dois arcanjos. Em seguida, ela se virou, enquadrando-se na tela, para fazer uma selfie com os governadores ao fundo...

As pessoas murmuravam em choque. Bryce inclinou a cabeça, um sorriso largo no rosto, e tirou outra foto.

Então se virou para Hunt, ainda trêmulo, e disse, da maneira mais irreverente que conseguiu:

— Obrigada por me trazer para vê-los. Vamos?

Não deu ao anjo a chance de fazer mais nada enquanto passava o braço pelo dele, virando a ambos para tirar uma foto com os dois impassíveis arcanjos e a multidão boquiaberta ao fundo. E então o puxou para o hall dos elevadores.

Aquele fora o motivo da pressa de entrar de alguns legionários. Fugir.

Talvez houvesse outra saída além da parede de portas de vidro. A multidão se levantou.

Bryce apertou o botão, rezando que lhe desse acesso a qualquer um dos andares da torre. Hunt ainda tremia. Ela segurava o braço dele com força, batendo o pé conforme...

— Explique-se. — Micah estava parado atrás deles, bloqueando o caminho da multidão até os elevadores.

Hunt fechou os olhos.

Bryce engoliu em seco e se virou, quase chicoteando o rosto do anjo com o cabelo. De novo.

— Bem, ouvi dizer que você tinha uma convidada especial, então pedi a Hunt que me trouxesse para tirar uma foto...

— Não minta.

Hunt abriu os olhos. Em seguida, virou-se lentamente para o governador.

— Precisei pegar algumas provisões e roupas. Isaiah me deu permissão para trazê-la aqui.

Como se a menção de seu nome o tivesse conjurado, o Comandante da 33ª Legião cruzou a fileira de guardas.

— É verdade, Vossa Graça — confirmou ele. — Hunt veio buscar alguns itens e não quis arriscar deixar a Srta. Quinlan sozinha enquanto o fazia.

O arcanjo encarou Isaiah, depois Hunt. E então Bryce.

O olhar de Micah passeou pelo corpo da semifeérica. Por seu rosto. Ela reconhecia aquele olhar, aquele exame minucioso.

Pena que Micah fosse tão caloroso quanto um peixe no fundo de um lago na montanha.

Pena que usasse Hunt como uma arma, acenando-lhe com a liberdade como se fosse um petisco dado a um cão.

Pena que encontrasse seu pai com frequência para tratar dos problemas da cidade ou dos assuntos de sua casa... pena que *lembrasse* o pai dela.

Uma. Puta. Pena.

— Foi bom vê-lo outra vez, Vossa Graça.

As portas do elevador se abriram, como se algum deus os brindasse com uma boa saída.

Bryce guiou Hunt para dentro e já o seguia, mas uma mão fria e forte segurou seu cotovelo. Ela pestanejou para Micah enquanto ele a segurava entre as portas do elevador. Hunt não parecia respirar.

Como se esperasse que o governador rescindisse seu acordo.

— Gostaria de levá-la para jantar, Bryce Quinlan — ronronou, no entanto, Micah.

Ela se desvencilhou, juntando-se a Hunt no elevador.

— Não estou interessada — disse ela, sustentando o olhar do Arcanjo de Valbara enquanto as portas se fechavam.

* * *

Hunt fora informado da chegada de Sandriel, mas não imaginava encontrá-la naquele dia... Ela devia ter querido surpreendê-los, já que nem mesmo Isaiah soubera de nada. Queria pegar o governador e a legião desprevenidos, ver como era aquele lugar *antes* da pompa e circunstância reforçarem suas defesas, aumentarem suas riquezas. *Antes* que Micah pudesse convocar uma de suas outras legiões para torná-los ainda mais impressionantes.

Que baita azar que tivessem dado de cara com ela.

Mas pelo menos Pollux não a tinha acompanhado. Ainda não.

O elevador disparou de novo, e Bryce permanecia em silêncio. Controlada.

Não estou interessada.

Duvidava de que Micah Domitus já tivesse ouvido aquelas palavras antes.

Duvidava de que Sandriel alguma vez tivesse sido fotografada daquele modo.

Tudo em que conseguira pensar enquanto contemplava Sandriel fora no peso da lâmina na lateral do corpo. Tudo que pudera farejar fora o ranço daquela arena, sangue e merda e mijo e areia...

Então Bryce tinha agido. Bancado a baladeira irreverente e insípida que queria que acreditassem ser, que ele havia acreditado que era, tirando aquelas fotos, dando a ele uma saída...

Hunt colocou a mão no disco ao lado do painel e apertou o botão de outro andar, suplantando o comando anterior.

— Podemos sair pelo balcão de pouso. — Sua voz era como cascalho. Ele sempre se esquecia de como Sandriel e Shahar eram parecidas. Não gêmeas idênticas, mas a coloração e silhueta eram quase as mesmas. — Mas vou ter de carregá-la.

Ela enrolou o sedoso rabo de cavalo no punho, alheia ao fato de que, com o movimento, desnudara a coluna de seu pescoço para o anjo.

Não estou interessada.

Ela soara tão segura. Não satisfeita, não esnobe, mas... firme.

Hunt não queria pensar em como aquela rejeição poderia afetar seu acordo com Micah, imaginar se, de algum modo, o arcanjo o culparia.

— Nada de porta dos fundos? — perguntou Bryce.

— Existe uma, mas precisaríamos descer outra vez.

Hunt podia sentir a curiosidade fervilhante da semifeérica e, antes que ela pudesse perguntar qualquer coisa, disse:

— O segundo de Sandriel, Pollux, é ainda pior que ela. Quando ele chegar, evite-o a todo custo.

Não podia sequer conjurar a lista dos horrores que Pollux havia infligido a inocentes.

Bryce estalou a língua.

— Como se existisse qualquer possibilidade de nossos caminhos se cruzarem, no que depender de mim.

Depois daquela cena no saguão, havia uma chance. Mas Hunt não lhe disse que Sandriel não estava acima de vingança mesquinha por leves e menores ofensas. Não lhe disse que era provável que Sandriel nunca se esquecesse do rosto de Bryce. Podia já estar perguntando a Micah quem a semifeérica era.

As portas se abriram para um andar calmo. Os corredores eram sombrios, silenciosos, e ele a guiou por um labirinto de aparelhos de ginástica. Um caminho largo levava direto à parede de janelas e ao balcão além. Não havia grades, apenas uma saliência de pedra. Ela hesitou.

— Jamais deixei ninguém cair — prometeu ele.

Com cautela, ela o seguiu até lá fora. O vento seco chicoteava os dois. Bem abaixo, a rua estava cheia de espectadores e vans de reportagem. Acima deles, anjos voavam, alguns se afastando completamente, outros circulando as cinco torres do Comitium atrás de um vislumbre de Sandriel.

Hunt se inclinou, passando uma das mãos pela parte de trás dos joelhos de Bryce, deslizando a outra para as costas dela, e a pegou no colo. A essência da semifeérica invadiu seus sentidos, apagando qualquer memória residual do fedor daquelas masmorras.

— Obrigado — agradeceu ele, encontrando o olhar da fêmea. — Por me tirar de lá.

Ela deu de ombros o melhor que pode em seu abraço, mas se encolheu quando se aproximaram da borda.

— Pensou rápido — continuou ele. — Foi ridículo de muitas maneiras, mas te devo uma.

Ela abraçou o pescoço dele, o aperto quase sufocante.

— Você me ajudou ontem à noite. Estamos quites.

Hunt não lhe deu a chance de mudar de ideia ao bater as asas em um impulso poderoso e saltar da plataforma. Ela se segurou a ele, com força o bastante para machucá-lo, e ele a abraçou com firmeza, a sacola atravessada ao peito batendo de modo desajeitado em sua coxa.

— Pelo menos está aproveitando a vista? — perguntou o anjo por sobre o sopro do vento, enquanto navegava forte e rápido, voando para cima, para cima, ao largo do arranha-céu vizinho ao Distrito Comercial Central.

— Claro que não — respondeu ela em seu ouvido.

Ele riu enquanto se nivelava, planando sobre os pináculos do DCC, o brilho serpenteante do Istros à direita, a ilha oculta pela bruma do Quarteirão dos Ossos assomando além. À esquerda, Hunt mal conseguia discernir as muralhas da cidade, e depois a extensão de terra além do Portão do Anjo. Nenhuma

casa ou prédio ou estrada. Nada além do aereoporto. Mas do portão a sua direita — o Portão do Mercador, no Mercado da Carne —, a larga e pálida linha da Estrada Ocidental ziguezagueava pelas ondulantes colinas pontilhadas de ciprestes.

Uma bela e agradável cidade... em meio a uma bela e agradável zona rural.

Em Pangera, as cidades eram pouco mais que currais para os vanir criarem humanos e se alimentarem deles... e de seus filhos. Não era de admirar que os humanos tivessem se rebelado. Não era de admirar que estivessem acabando com aquele território com suas bombas e máquinas.

Um arrepio de raiva atravessou a espinha de Hunt ao pensar naquelas crianças, e o anjo se forçou a se concentrar na cidade novamente. O Distrito Comercial Central era separado da Praça da Cidade Velha pela clara fronteira da avenida da Guarda. A luz do sol refletia nas pedras brancas do Templo de Luna e, como se espelhada bem à frente, parecia ser absorvida pelo domo escuro do Templo do Oráculo. Seu destino na manhã seguinte.

Ele olhou para além da Praça da Cidade Velha, para onde o verde de Cinco Rosas brilhava na neblina densa. Imponentes ciprestes e palmeiras se erguiam, assim como explosões brilhantes de magia. No Bosque da Lua, mais carvalhos, menos firulas. Hunt não se preocupou em ver mais nada. Os Prados de

Asphodel não tinham nenhum apelo. No entanto, os Prados eram um avanço considerável se comparados aos distritos humanos em Pangera.

— Por que quis morar na Praça da Cidade Velha? — perguntou ele, depois de voar vários minutos em silêncio, ouvindo apenas a música do vento.

Ela ainda não estava olhando, e ele começou uma descida suave na direção de sua quadra, a apenas um quarteirão do rio e a alguns do Portão do Coração. Até mesmo daquela distância, podia vê-lo, o quartzo translúcido cintilando como uma lança de gelo a empalar o céu cinzento.

— É o coração da cidade — respondeu ela. — Por que não morar aqui?

— CiRo é mais limpo.

— E cheio de feéricos arrogantes que desprezam *mestiços*. — Ela cuspiu o termo.

— Bosque da Lua?

— O território de Sabine? — Uma risada áspera e ela se afastou para encará-lo. Suas sardas se enrugaram conforme ela franzia o rosto. — Sinceramente, a Praça da Cidade Velha é o único lugar remotamente seguro para alguém como eu. Além do mais, é perto do trabalho *e* cheio de restaurantes, casas de show e museus. Nunca preciso sair.

— Mas você sai... visita a cidade inteira quando corre pela manhã. Por que muda tanto de percurso?

— Pela novidade e pela diversão.

Seu prédio ficou mais claro, o telhado vazio. Um braseiro, algumas espreguiçadeiras e uma churrasqueira ocupavam quase todo o espaço. Hunt deu uma guinada, circulou o terraço e aterrissou suavemente, colocando Bryce no chão com cuidado. Ela se agarrou a ele até firmar as pernas, então se afastou.

O anjo ajeitou a sacola, caminhando até a porta no telhado. Ele a segurou para a semifeérica, a primalux aquecendo a escadaria mais além.

— Falou sério... quando recusou Micah?

Ela trotou escada abaixo, o rabo de cavalo quicando.

— Claro que falei. Por que diabos iria querer sair com ele?

— Micah é o Governador de Valbara.

— E daí? Só porque salvei a vida dele não significa que estou destinada a ser sua namorada. Seria como trepar com uma estátua, afinal.

Hunt sorriu, zombeteiro.

— Justiça seja feita, as fêmeas que tiveram uma amostra dizem o contrário.

Ela destrancou a porta, a boca se curvando.

— Como já disse, não estou interessada.

— Tem certeza de que não é apenas porque está evitando...

— Viu? É exatamente esse o problema. Você e o mundo inteiro parecem achar que vivo *somente* para conquistar alguém como ele. Que, *claro*, não posso *não* estar genuinamente interessada, porque como *não iria* querer um macho forte e poderoso para me proteger? Na verdade, se sou bonita e solteira, estou *destinada* a tirar a calcinha no segundo que *qualquer* vanir demonstre interesse. De fato, sequer tive *vida* até que ele aparecesse... nunca fiz bom sexo, jamais me senti *viva*...

Inferno Sombrio, que mulher.

— Você é bem rancorosa, sabe?

Bryce bufou uma risada.

— Na verdade, você torna isso bem fácil, *sabe*?

Hunt cruzou os braços. Ela fez o mesmo.

Até aquele estúpido rabo de cavalo pareceu cruzar os metafóricos braços.

— Então — disse Hunt, entre dentes, enquanto largava a sacola, roupas e armas batendo com força no chão. — Vai comigo ao Oráculo amanhã ou o quê?

— Ah, não, Athalar. — As palavras ronronadas acariciaram a pele do anjo, e o sorriso era pura malícia. Hunt se preparou para o que quer que estivesse prestes a sair daquela boca. Mesmo quando se flagrou ansioso por isso. — Vai precisar lidar com isso sozinho.



Depois de deixar suas coisas no apartamento, Hunt seguiu Bryce até o trabalho, onde ela pretendia repassar os dados sobre o paradeiro de Danika enviados por Declan e cruzá-los com sua lista... e os locais dos homicídios até então.

Mas a ideia de ficar no subterrâneo por algumas horas o remoía tanto que decidiu se sentar no telhado em vez disso. Precisava de ar fresco, livre. Mesmo que anjos ainda passassem voando, deixando a cidade. Fez questão de não olhar para o Comitium, ameaçador a suas costas.

Pouco antes do pôr do sol, Syrinx a reboque, Bryce saiu da galeria, exibindo uma expressão sombria que rivalizava com a de Hunt.

— Nada? — perguntou ele, pousando na calçada ao lado da semifeérica.

— Nada — confirmou ela.

— Recomeçaremos amanhã, com novos olhos.

Talvez houvesse alguma coisa que tinham deixado passar. Aquele dia fora longo e horrível e estranho, e ele estava mais que pronto a desabar no sofá.

— Há um jogo importante de solebol essa noite. Se importa se eu assistir? — perguntou ele, o mais casual que pôde.

Ela o olhou de esguelha, erguendo as sobrancelhas.

— O quê? — indagou ele, incapaz de impedir que o canto da boca se curvasse.

— É só que... você é tão... *homem*. — Ela apontou para ele. — Com todo esse lance de esporte.

— As fêmeas gostam de esportes tanto quanto os machos.

Ela revirou os olhos.

— Esse lance de fã de solebol não combina com a imagem mental que faço do Sombra da Morte.

— Lamento desapontá-la. — Hunt se virou e ergueu uma sobrancelha. — O que *acha* que faço em meu tempo livre?

— Não sei. Imagino que maldiga as estrelas e fique amuado e trame vinganças contra seus inimigos.

Ela não sabia de nada. Mas Hunt bufou uma risada.

— De novo, lamento desapontá-la.

Os olhos de Bryce se estreitaram, joviais, os últimos raios de sol transformando-os em ouro líquido. Ele se

forçou a monitorar as ruas ao redor.

Estavam a um quarteirão de seu apartamento quando o telefone de Hunt tocou. Bryce ficou tensa, espiando a tela no mesmo instante que o anjo.

O celular tocou uma segunda vez. Os dois olharam o nome que surgiu, os pedestres passando por eles.

— Vai atender? — perguntou ela, baixinho.

Um terceiro toque.

Hunt sabia. Antes de apertar o botão, já sabia.

Motivo pelo qual se afastou de Bryce, levando o telefone ao ouvido.

— Oi, chefe — disse, debilmente.

— Tenho trabalho para você essa noite — avisou Micah.

Hunt sentiu um nó nas entranhas.

— Certo.

— Espero não estar interrompendo sua diversão com a Srta. Quinlan.

— Estamos bem — replicou Hunt, tenso.

O silêncio de Micah parecia carregado.

— O que aconteceu hoje pela manhã, no saguão, jamais se repetirá. Entendido?

— Sim. — Ele cuspiu a palavra.

Mas ele a pronunciara com vontade, porque a alternativa a Micah estava agora na residência do governador, no Comitium. E Sandriel prolongaria sua punição por ter se recusado a ajoelhar, por constrangê-la, por dias, semanas. Meses.

Micah, porém, lhe daria aquele aviso e o obrigaria a matar naquela noite, para lembrá-lo de seu lugar na ordem das coisas, e pararia por ali.

— Ótimo — disse o arcanjo. — O arquivo o aguarda em seu alojamento no quartel. — Ele hesitou, como se pressentindo a pergunta que martirizava Hunt. — A oferta está de pé, Athalar. Não me faça reconsiderá-la. — A ligação foi encerrada.

Hunt cerrou dolorosamente os dentes.

A testa de Bryce exibia rugas de preocupação.

— Está tudo bem?

O anjo enfiou o telefone no bolso.

— Tudo. — Ele continuou a caminhar. — Apenas assunto da legião. — Não uma mentira. Não totalmente.

As portas de vidro do prédio da semifeérica se abriram. Hunt indicou o saguão com a cabeça.

— Vá na frente. Tenho algo a fazer. Ligo se me passarem a data e a hora da visita a Briggs.

Os olhos cor de âmbar de Bryce se estreitaram. Sim, ela enxergava através de suas mentiras. Ou melhor, ouvia tudo que ele não estava dizendo. Sabia o que Micah lhe mandara fazer.

— Certo — disse ela apenas, virando-se para o saguão. Mas acrescentou por sobre o ombro: — Boa sorte.

Ele não se importou em responder antes de disparar para os céus, o telefone já colado ao ouvido

conforme ligava para Justinian a fim de lhe pedir que ficasse de guarda por algumas horas. O triário choramingou sobre perder o jogo de solebol, mas Hunt apelou para a hierarquia, arrancando do anjo a promessa de que estaria no telhado do prédio vizinho em dez minutos.

Ele chegou em oito. Deixando o irmão de armas de vigia, Hunt inspirou uma lufada de ar seco e poeirento, a fita cerúlea do Istros à esquerda, e tratou de fazer o que fazia melhor.

* * *

— Por favor.

Sempre as mesmas palavras. As únicas palavras que as pessoas tendiam a dizer na presença do Umbra Mortis.

Através do sangue salpicado em seu elmo, Hunt observava o metamorfo puma encolhido a sua frente. As mãos em garra erguidas, trêmulas.

— Por favor — implorava o macho.

Cada palavra dissociava ainda mais Hunt da cena. Até que o braço estendido se desligasse, até que a arma apontada para a cabeça do macho fosse apenas um pedaço de metal.

Morte por morte.

— Por favor.

O macho havia feito coisas terríveis. Coisas indescritíveis. Ele merecia a morte. Merecia punição pior.

— Porfavorporfavorporfavor.

Hunt não era senão uma sombra, um fiapo de vida, um instrumento de morte.

Não era nada nem ninguém.

— *Por...*

Ele puxou o gatilho.

* * *

Hunt voltou cedo. Bem, cedo para seus padrões.

Felizmente, ninguém entrou no banheiro do quartel enquanto ele lavava o sangue. Em seguida, ele se sentou sob o jato escaldante por tanto tempo que perdeu a noção das horas.

Teria demorado mais se não soubesse que Justinian o aguardava.

Então se remendou, se recompôs. Praticamente se arrastou do chuveiro fervente para dentro de quem costumava ser quando não era forçado a enfiar uma bala entre os olhos de alguém.

Precisou parar algumas vezes antes de retornar ao apartamento de Bryce. Mas conseguiu voltar, liberando Justinian de suas funções e atravessando a porta às onze.

Ela estava no quarto, a porta fechada, mas Syrinx emitiu um uivo de boas-vindas. A repreensão sussurrada era prova de que a semifeérica tinha ouvido Hunt chegar. O anjo rezou para que ela não saísse para o corredor. Ainda lhe faltavam as palavras.

A maçaneta girou. Mas Hunt já estava no quarto e não ousou olhar para a suíte principal enquanto ela dizia, tensa:

— Você voltou.

Mesmo do outro lado do cômodo, ele podia sentir as perguntas que ela se fazia.

— Gravei o jogo para você. Se ainda quiser assistir — disse ela, com suavidade.

Hunt sentiu um aperto insuportável no peito. Mas não se virou.

Entrou no quarto murmurando um boa-noite e fechou a porta.



A câmara negra do Oráculo fedia a enxofre e carne assada — o primeiro, por causa dos gases naturais oriundos do buraco no centro do cômodo; o segundo resultado da pilha de ossos de boi queimando sobre o altar na parede oposta, uma oferenda a Ogenas, a Senhora dos Mistérios.

Depois da noite anterior, do que fizera, um templo sagrado era o último lugar em que Hunt queria estar. O último lugar em que merecia estar.

As portas de 6 metros de altura se fecharam atrás do anjo enquanto ele marchava pela câmara silenciosa, na direção do buraco no centro e da parede de fumaça mais adiante. Seus olhos ardiam, consequência dos vários odores acres, e ele invocou uma brisa para afastá-los de seu rosto.

Atrás da fumaça, uma figura se movia.

— Eu me perguntava quando a Sombra da Morte traria o crepúsculo a minha câmara — disse uma voz adorável. Jovem, cheia de leveza e alegria... e, ainda assim, tingida de crueldade milenar.

O anjo estacou no limite do poço, reprimindo o impulso de espiar a escuridão sem fim.

— Não vou tomar muito de seu tempo — disse ele, a voz engolida pela câmara, o fosso, a fumaça.

— Eu lhe darei o tempo que Ogenas oferece.

A fumaça se dissipou, e Hunt arfou ao ver o ser desvelado.

Esfinges eram raras; apenas algumas dezenas agraciavam a terra com sua presença, e todas tinham sido chamadas ao serviço dos deuses. Ninguém sabia sua idade, e aquela a sua frente... Era tão linda que o anjo esqueceu o que fazer com o próprio corpo. A silhueta dourada de leoa se movia com graça fluida. Asas cor de ouro estavam recolhidas junto ao corpo esbelto, cintilando como se fossem feitas de metal líquido. E, no alto daquele corpo de leão alado... o rosto da mulher loura era tão perfeito quanto o de Shahar havia sido.

Ninguém sabia seu nome. Apenas seu título: Oráculo. O anjo se perguntou se ela teria se esquecido do próprio nome.

A esfinge piscou com os grandes olhos castanhos, os cílios roçando as bochechas cor de cobre.

— Faça sua pergunta e lhe revelarei os sussurros da fumaça.

As palavras ressoaram nos ossos de Hunt, atraindo-o. Não do modo como, às vezes, era atraído por belas fêmeas, mas da mesma maneira que uma aranha atraía uma mosca para sua teia.

Talvez Bryce e o primo tivessem razão de não querer ir até ali. Maldição, ela havia se recusado até mesmo a pisar no parque que circundava o templo de pedra preta, decidindo esperar com Ruhn em um banco nos arredores.

— O que digo aqui é confidencial, certo? — perguntou ele.

— Quando os deuses falam, eu me torno o canal pelo qual suas palavras fluem. — O Oráculo se colocou no chão, em frente ao buraco, cruzando as patas dianteiras, as garras brilhando sob a luz fraca dos braseiros que queimavam de ambos os lados. — Mas sim... será confidencial.

Aquilo soava como um monte de babaquice, mas Hunt suspirou, encontrando aqueles olhos castanhos, e perguntou:

— Por que alguém busca o Chifre de Luna?

Ele não perguntou quem o havia roubado... lera nos relatórios que já haviam lhe feito a pergunta e que a esfinge se recusara a responder.

Ela piscou, asas farfalhando, talvez surpresa, mas se aprumou. Inspirou os vapores que flutuavam sobre

o fosso. Minutos se passaram, e a cabeça de Hunt começou a latejar com tantos cheiros... em especial o odor do enxofre.

Fumaça rodopiava, escondendo a esfinge, muito embora estivesse a apenas três metros.

O anjo se forçou a ficar quieto.

Uma voz rouca se esgueirou da fumaça.

— Para abrir a porta entre mundos. — Um calafrio tomou Hunt. — Querem usar o chifre para reabrir a Fenda do Norte. O propósito do chifre não é apenas fechar portas... mas também abri-las. Depende do desejo do arauto.

— Mas o chifre está quebrado.

— Ele pode ser curado.

O coração de Hunt parou.

— Como?

Uma longa, longa pausa. Então...

— Está velado. Não posso ver. Ninguém pode.

— As lendas feéricas dizem que não pode ser consertado.

— São apenas lendas. Isto é a verdade: o chifre pode ser reparado.

— Quem quer fazê-lo? — Ele precisava perguntar, mesmo que fosse tolice.

— Isso também está velado.

— Grande ajuda.

— Fique grato, Lorde do Relâmpago, por ter descoberto alguma coisa, afinal. — Aquela voz...

aquele título. Sua boca ficou seca. — Quer saber o que o futuro lhe reserva, Orion Athalar?

Ele se encolheu ao som de seu nome de batismo, como se tivesse levado um soco no estômago.

— Ninguém pronuncia esse nome há duzentos anos — sussurrou ele.

— O nome que sua mãe lhe deu.

— Sim — grunhiu ele, o estômago se revirando à memória do rosto da mãe, do amor que sempre havia brilhado em seus olhos.

Um amor totalmente imerecido... em especial porque ele não estivera presente para protegê-la.

— Devo dizer o que vejo, Orion? — sussurrou o Oráculo.

— Não tenho certeza se quero saber.

A fumaça se dispersou o suficiente para que ele vislumbrasse os lábios sensuais da esfinge se abrindo em um sorriso que não pertencia àquele mundo.

— As pessoas afluem de toda Midgard para implorar por minhas visões, no entanto você não deseja saber?

Hunt sentiu os pelos de sua nuca se arrepiaram.

— Obrigado, mas não. — O agradecimento parecia apropriado... algo que poderia apaziguar um deus.

Os dentes da leoa brilharam, os caninos longos o bastante para rasgar a carne.

— Bryce Quinlan lhe contou o que aconteceu quando ela visitou esta câmara, há doze anos?

O sangue do anjo congelou.

— É assunto de Quinlan.

Aquele sorriso não vacilou.

— Tampouco deseja saber o que previ para ela?

— Não. — Ele foi sincero. — Não é de minha conta — insistiu.

Seu relâmpago despertou, crepitando contra um inimigo que não podia matar.

O Oráculo piscou, um lento balançar dos cílios grossos.

— Você me lembra daquilo há muito perdido — disse ela, devagar. — Não havia me dado conta de que poderia um dia reaparecer.

Antes que Hunt ousasse perguntar o que ela queria dizer, a cauda de leoa — uma versão maior da de Syrinx — varreu o chão. As portas atrás do anjo se abriram com um vento fantasma, a dispensa clara. Mas o oráculo disse, antes de sumir nos vapores:

— Faça um favor a si mesmo, Orion Athalar: fique bem longe de Bryce Quinlan.



Bryce e Ruhn estavam aguardando Hunt nos limites do Parque do Oráculo, cada minuto parecendo se arrastar. Quando o anjo retornou, analisando cada centímetro de seu rosto... Bryce soube que havia sido ruim. O que quer que ele tivesse descoberto.

Hunt esperou até que atravessassem um calmo quarteirão residencial colado ao parque antes de lhes contar o que o Oráculo havia revelado sobre o chifre.

As palavras ainda pairavam no ar brilhante da manhã quando Bryce suspirou. Hunt fez o mesmo a seu lado.

— Se alguém descobriu como consertar o chifre depois de tanto tempo — disse ele, por fim —, é capaz de desfazer o que o príncipe Pelias fez. E *abrir* a Fenda do Norte. Parece um bom motivo para matar quem possa delatá-lo.

Ruhn passou a mão pelo lado raspado da cabeça.

— Como a acólita do templo... ou um aviso para nos manter longe da porra do chifre ou para impedir que ela revelasse alguma coisa se descobriu algo, de algum modo.

Hunt assentiu.

— Isaiah interrogou os outros funcionários do templo; disseram que a garota era a única acólita de serviço na noite do roubo do chifre, e foi ouvida na ocasião, mas alegou não saber de nada.

A culpa se contorcia e serpenteava dentro de Bryce.

— Talvez estivesse com medo de contar o que sabia. E quando aparecemos... — começou Ruhn.

— Quem quer que esteja procurando pelo chifre não nos quer perto do artefato. — finalizou Hunt. — Podem ter descoberto que a acólita estava de serviço naquela noite e decidiram extrair alguma informação da menina. Queriam se assegurar de que ela não revelaria o que sabia a ninguém... e de que permaneceria em silêncio. Para sempre.

Bryce acrescentou a morte da garota à lista das outras que teria de expiar antes que aquilo terminasse.

— Se aquela marca no engradado era mesmo o chifre... — disse ela. — Talvez a Ophion, ou até mesmo a facção Keres, esteja procurando o artefato para auxiliar a revolução. Para abrir o portal do Inferno e trazer os príncipes de volta, em algum tipo

de aliança com o intuito de derrubar os asteri. — Ela estremeceu. — Milhões morreriam. Diante do silêncio perplexo de ambos, Bryce continuou: — Talvez Danika tenha descoberto seus planos para o chifre... e tenha sido morta por isso. E a acólita também.

Hunt esfregou a nuca, o rosto pálido.

— Precisariam da ajuda de um vanir para conjurar um demônio tão poderoso, mas é uma possibilidade. Há alguns vanir aliados a sua causa. Ou talvez uma das bruxas o tenha invocado. A nova rainha bruxa poderia estar testando seu poder, ou algo assim.

— É improvável que uma bruxa esteja envolvida — disse Ruhn, ligeiramente tenso, os piercings em sua orelha refletindo o sol. — As bruxas obedecem aos asteri; um milênio de lealdade inquebrantável.

— Mas o chifre só pode ser usado por um feérico Estrelado... por você, Ruhn — argumentou Bryce.

As asas de Hunt farfalharam.

— Então talvez estejam procurando uma alternativa para essa merda de Estrelado.

— Sinceramente — disse Ruhn. — Nem tenho certeza de que eu *conseguiria* usar o chifre. O príncipe Pelias possuía basicamente um oceano de luz estelar a sua disposição. — Ruhn franziu as sobrancelhas, e uma pequena centelha de luz apareceu em seu dedo. — É o máximo que consigo espremer.

— Bem, você não vai usar o chifre, mesmo que o encontremos, então não faz diferença — lembrou

Bryce.

Ruhn cruzou os braços.

— Se alguém conseguir consertar o chifre... nem mesmo sei como seria possível. Li algumas referências à possibilidade de o chifre ser senciente... quase como se fosse algo vivo. Talvez um feitiço de cura pudesse ser aplicado? Uma medbruxa talvez tenha alguma ideia.

— Elas curam pessoas, não objetos — retrucou Bryce. — E o livro que encontrou na biblioteca da galeria dizia que o chifre podia apenas ser restaurado pela luz que não é luz, pela magia que não é magia.

— Lendas — disse Hunt. — Não verdade.

— Vale a pena dar uma olhada — disse Ruhn, então parou, olhando de Bryce para Hunt, que observava a semifeérica de esguelha, desconfiado. O que quer que aquilo significasse. Ruhn continuou: — Vou contatar algumas medbruxas e fazer visitas discretas.

— Certo — disse Bryce. Quando Ruhn enrijeceu, ela acrescentou: — Parece uma boa ideia.

Mesmo que nada mais sobre o caso parecesse.

* * *

Bryce bloqueou o som de Lehabah enquanto a duende assistia a uma de suas séries e tentou se concentrar no mapa com os últimos passos de Danika.

Tentou, mas fracassou, já que podia sentir os olhos de Hunt a estudando do outro lado da mesa da biblioteca. Pela centésima vez apenas naquela hora. Ela o encarou, e ele desviou os olhos rapidamente.

— O quê?

Ele balançou a cabeça e continuou a busca.

— Você passou a tarde me olhando com essa maldita expressão estranha no rosto.

Ele tamborilou os dedos na mesa.

— Gostaria de me dizer por que o Oráculo me aconselhou a ficar longe de você? — disse ele, então.

Bryce soltou uma risada curta.

— Foi por isso que parecia atordoado quando saiu do templo?

— O Oráculo disse que me revelaria a previsão que fez para você... como se guardasse algum rancor.

Um arrepio se esgueirou pela espinha de Bryce.

— Não posso culpá-lo.

Hunt empalideceu, mas Bryce continuou:

— Na cultura feérica, há um costume: quando as meninas têm a primeira menstruação, ou quando completam 13 anos, consultam o Oráculo. A visita fornece um vislumbre do tipo de poder ao qual podem aspirar ao amadurecerem, e assim os pais conseguem planejar suas uniões anos antes da real Descida. Os meninos vão também, quando fazem 13 anos. Nos dias de hoje, se os parentes são modernos, é só uma antiga tradição para descobrir a carreira certa

para os filhos. Soldados ou curandeiros ou o que quer que feéricos façam, quando não podem se dar ao luxo de ficar deitados o dia todo, comendo uvas.

— Feéricos e malakim podem se odiar, mas têm um bando de merda em comum.

Bryce murmurou em concordância.

— Meu ciclo começou quando eu tinha quase 13 anos. E minha mãe teve essa... não sei. Crise? Um medo súbito por ter me afastado de parte de minha herança. Então entrou em contato com meu pai biológico. Duas semanas mais tarde, os documentos chegaram, me declarando cidadã plena. Mas vieram com um porém: eu tinha de jurar lealdade à Casa de Céu e Sopro. Recusei, mas minha mãe insistiu que eu o fizesse. Ela viu aquilo como algum tipo de... proteção. Não sei. Aparentemente, estava tão convencida do instinto protetor de meu pai que perguntou se ele queria me ver. Pela primeira vez. E eu já tinha superado aquela coisa de submissão à casa para perceber que também queria conhecê-lo.

Hunt leu nas entrelinhas.

— Não correu muito bem.

— Não. Aquela visita também foi a primeira vez que encontrei Ruhn. Vim para cá... me hospedei em CiRo por um verão. Conheci o Rei Outonal. — A mentira fluiu com facilidade. — Também conheci meu pai — acrescentou. — Nos primeiros dias, a visita não foi tão ruim quanto minha mãe temera. Gostei do

que vi. Mesmo que algumas das outras crianças feéricas sussurrassem que eu era uma mestiça, eu sabia o que eu era. Nunca deixei de me orgulhar de minha condição... de ser humana, quero dizer. E sabia que meu pai havia me convidado, então pelo menos ele me queria ali. Não me importava com a opinião dos outros. Até o Oráculo.

Ele estremeceu.

— Estou com um mau pressentimento.

— Foi uma catástrofe. — Ela engoliu em seco diante daquela lembrança. — Quando analisou a fumaça, o Oráculo gritou. Arrancou os próprios olhos. — Não havia sentido em esconder o fato. A experiência tinha se tornado conhecida em alguns círculos. — Ouvi dizer que ficou cego por uma semana.

— Puta merda.

Bryce riu consigo mesma.

— Ao que parece, meu futuro é péssimo *assim*.

Hunt não sorria.

— O que aconteceu?

— Voltei para a antecâmara. Tudo que se podia ouvir era o Oráculo gritando e me amaldiçoando... as acólitas vieram correndo.

— Estava falando de seu pai.

— Ele me chamou de desgraça indigna, marchou porta afora pela saída VIP para que ninguém percebesse que estava comigo, e, quando enfim o

alcancei, já havia pegado o carro e partido. Quando voltei para sua casa, encontrei minhas malas na calçada.

— Babaca. Danaan não disse nada sobre ele ter jogado a prima na sarjeta?

— O rei proibiu que Ruhn interferisse. — Ela examinou as unhas. — Acredite. Ruhn tentou brigar. Mas o rei o sujeitou. Então peguei um táxi para a estação de trem. Ruhn conseguiu enfiar o dinheiro da corrida em minha mão.

— Sua mãe deve ter surtado.

— Sim. — Bryce hesitou por um momento, depois acrescentou: — Parece que o Oráculo ainda está puto.

Ele abriu um meio-sorriso.

— Para mim, é um elogio.

A contragosto, Bryce devolveu o sorriso.

— Com certeza, você é o único que pensa assim.

Os olhos do anjo se demoraram em seu rosto, e ela sabia que não tinha nada a ver com o que o Oráculo havia previsto.

Bryce pigarreou.

— Descobriu alguma coisa?

Entendendo a deixa para mudar de assunto, Hunt virou o laptop em sua direção.

— Venho pesquisando essa merda antiga por dias... e isso foi tudo que encontrei.

O vaso de terracota datava de quase quinze mil anos. Praticamente um século depois do príncipe

Pelias, mas o kristallos ainda não havia sumido da memória coletiva. Ela leu o breve texto do catálogo.

— É de uma galeria em Mirsia — disse a semifeérica. O que colocava a peça a um mar e mais de 3 mil quilômetros de Lunathion. Ela puxou o computador para si e clicou na miniatura. — Mas as fotos devem bastar.

— Posso ter nascido antes dos computadores, Quinlan, mas sei como usá-los.

— Eu só estava tentando manter sua fama de Umbra Mortis malvado. Não podemos permitir que saibam que você é um nerd de computador.

— Obrigado pela preocupação. — Os olhos dele encontraram os dela, o canto de sua boca se curvando para cima.

Bryce sentiu os dedos dos pés se encolherem nas sandálias. De leve.

Ela se endireitou.

— Tudo bem. Me diga para o que estou olhando?

— Um bom sinal.

Hunt apontou para a imagem, estampada em preto contra o laranja queimado da terracota, do demônio kristallos rugindo enquanto uma espada, empunhada por um guerreiro de elmo, lhe atravessava a cabeça.

Ela se inclinou na direção da tela.

— Em que sentido?

— De que o kristallos pode ser morto do jeito tradicional. Pelo que parece, não foi usada magia ou um artefato especial para matá-lo aqui. Apenas a velha e boa força bruta.

Bryce sentiu um nó no estômago.

— O vaso pode ser apenas interpretação artística. Aquela coisa matou Danika e a Matilha dos Demônios, acertou Micah de jeito, também. E está me dizendo que algum guerreiro matou um kristallos apenas com um golpe de espada na cabeça?

Embora o seriado de Lehabah ainda tocasse ao fundo, Bryce sabia que a duende ouvia cada palavra dos dois.

— Talvez o kristallos tivesse o elemento surpresa do seu lado naquela noite — argumentou Hunt.

Ela tentou, e fracassou, bloquear a lembrança das pilhas de polpa vermelha, dos respingos de sangue nas paredes, do modo como todo o seu corpo parecera desabar mesmo enquanto continuava de pé e observava o que havia restado dos amigos.

— Ou talvez isso seja apenas uma representação idiota, feita por algum artista que ouviu uma canção romanceada ao redor de uma fogueira e criou a própria versão.

Bryce começou a bater o pé debaixo da mesa, como se aquilo, de algum modo, pudesse acalmar o *staccato* de seu coração.

Hunt sustentou seu olhar, os olhos sombrios resolutos e sinceros.

— Tudo bem. — Ela esperou que o anjo pressionasse, sondasse, mas Hunt deslizou o computador de volta para seu lado da mesa. Então estreitou os olhos. — Estranho. Aqui diz que o vaso é original de Parthos. — Ele inclinou a cabeça. — Pensei que Parthos fosse um mito. Um conto de fadas humano.

— Porque humanos eram pouco mais que animais brincando com pedras antes da chegada dos asteri?

— Não me diga que você acredita nessa teoria da conspiração sobre uma biblioteca no coração de uma pré-civilização humana? — Quando ela não respondeu, Hunt a desafiou: — Se algo assim *de fato* existiu, onde está a evidência?

Bryce deslizou o amuleto pelo cordão e assentiu na direção da imagem na tela.

— O vaso foi feito por uma ninfa — disse ele. — Não por algum humano místico e iluminado.

— Talvez, àquela altura, Parthos ainda não tivesse sido completamente varrido do mapa.

Hunt a encarou com as sobrancelhas franzidas.

— Sério, Quinlan? — Quando mais uma vez ela não respondeu, ele ergueu o queixo para o tablet. — Em que pé está a informação sobre o paradeiro de Danika?

O telefone de Hunt vibrou antes que Bryce tivesse a chance de responder, mas ela disse, vacilando conforme a imagem do kristallos morto se confundia com o que fora feito com Danika, o que sobrara da amiga:

— Ainda estou eliminando o que parece não ter ligação com o caso, mas... Na verdade, o único ponto fora da curva aqui é o fato de Danika estar de vigia no Templo de Luna. Às vezes ela era posicionada na área, mas nunca no próprio templo. E, por alguma razão, dias antes de morrer, foi colocada de sentinela no santuário? E a informação a situa *bem ali* quando o chifre foi roubado. A acólita *também* estava lá naquela noite. Está tudo relacionado de algum modo.

Hunt baixou o telefone.

— Talvez Philip Briggs possa esclarecer as coisas hoje à noite.

Ela ergueu a cabeça de súbito.

— Hoje à noite?

Lehabah parou de assistir a sua série à menção daquilo.

— Acabo de receber a mensagem de Viktoria. Eles o transferiram de Adrestia. Vamos encontrá-lo em uma hora em uma cela provisória no Comitium. — Hunt estudou a informação espalhada à frente dos dois. — Ele não vai facilitar.

— Eu sei.

O anjo se reclinou na cadeira.

— Ele não vai ter boas coisas a dizer sobre Danika. Tem certeza de que pode lidar com esse tipo de veneno?

— Estou bem.

— Mesmo? Porque esse vaso foi um gatilho, e imagino que encontrar o sujeito cara a cara não vá ser mais fácil.

As paredes pareceram se fechar a seu redor.

— Saia. — As palavras soaram afiadas entre ambos. — Só porque estamos trabalhando juntos, isso não lhe dá o direito de se meter em meus assuntos pessoais.

Hunt apenas a examinou. Enxergou através da máscara.

— Quero partir para o Comitium em vinte minutos. Espero você lá fora — avisou ele, no entanto, sem rodeios.

Bryce seguiu Hunt até a saída, certificando-se de que não tocasse em nenhum dos livros e de que os volumes não se prendessem ao anjo, em seguida, mal o anjo pisou na rua, fechou a porta.

Ela deslizou contra o ferro até se sentar no tapete e abraçou os joelhos.

Eles se foram... todos eles. Graças àquele demônio retratado no vaso antigo. Todos se foram, e não haveria mais lobos em sua vida. Nada mais de programas no apartamento. Nada mais de danças bêbadas e estúpidas em esquinas, ou música alta às

três da manhã, até os vizinhos ameaçarem chamar a 33ª.

Nenhum amigo que diria *amo você* com sinceridade. Syrinx e Lele chegaram de mansinho, a quimera se aninhando sob suas pernas dobradas, a duende deitando de bruços no antebraço de Bryce.

— Não desconte em Athie. Acho que ele quer ser nosso amigo.

— Não dou a mínima para o que Hunt Athalar quer.

— June está ocupada com o balé, e Fury sumiu. Talvez seja hora de fazer mais amigos, BB. Você parece triste outra vez. Como há dois invernos. Bem em um momento, então nada bem no outro. Você não dança, não sai com ninguém, não...

— Chega, Lehabah.

— Hunt é legal. E o príncipe Ruhn é legal. Mas Danika jamais foi legal comigo. Sempre mordendo e rosnando. Ou me ignorando.

— *Cuidado.*

A duende rastejou para fora de seu braço e flutuou na frente da semifeérica, os braços ao redor da barriga redonda.

— Às vezes você é fria como um ceifador, Bryce.

Então ela se foi, zunindo, para impedir que um grosso volume de capa de couro se esgueirasse escada acima.

Bryce soltou um longo suspiro, tentando tapar o buraco em seu peito.

Vinte minutos, dissera Hunt. Ela tinha vinte minutos antes de sair para interrogar Briggs. Vinte minutos para se recompor. Ou, pelo menos, fingir que o fizera.



As varinhas fluorescentes de primalux zumbiam através do corredor impecável e forrado de branco bem abaixo do Comitium. Hunt parecia uma tempestade de preto e cinza contra os azulejos brancos brilhantes, os passos precisos enquanto se dirigia para uma das portas de metal trancadas no fim da longa passagem.

Um passo atrás do anjo, Bryce apenas observava os movimentos de Hunt; o modo como atravessava o mundo, o modo como os guardas no saguão de entrada mal checaram sua identificação antes de liberá-lo.

Ela nunca imaginara que aquele lugar existisse abaixo das cinco cintilantes torres do Comitium. Que eles tinham celas. Salas de interrogatório.

Aquela para a qual fora levada na noite da morte de Danika ficava a cinco quarteirões dali. Uma

instalação regida por protocolos. Mas aquele lugar... Bryce tentou não pensar na finalidade do local. Que leis deixavam de ser aplicadas quando a pessoa cruzava a soleira.

A ausência de qualquer odor, à exceção de alvejante, sugeria que era lavado com frequência. Os ralos que via a cada poucos metros sugeriam...

A semifeérica não queria saber o que os ralos sugeriam.

Eles chegaram a uma sala sem janelas, e Hunt tocou a fechadura circular de metal à esquerda com a palma. Um silvo e um assovio, e o anjo abriu a porta com o ombro, espiando o interior antes de acenar para ela.

As primaluces acima zumbiam como vespas. Bryce se perguntou para onde iria a própria primalux, por menor que fosse, quando fizesse a Descida. Com Hunt, a explosão de luz que sem dúvida irrompeu de seu campo energético provavelmente tinha abastecido uma cidade inteira.

Às vezes ela se perguntava de quem havia sido a primalux que alimentava seu telefone, ou seu aparelho de som, ou sua máquina de café.

Mas aquela não era a hora de pensar em merdas aleatórias, ela se censurou enquanto seguia Hunt para dentro da cela e contemplava o homem pálido sentado ali.

Duas cadeiras haviam sido dispostas à frente da mesa de metal no centro da sala — à qual, no momento, as algemas de Briggs estavam presas. Seu macacão branco parecia impecável, mas...

Bryce considerou o estado do rosto esquelético e encovado, e tentou não se encolher. O cabelo escuro tinha sido raspado e, muito embora nenhum hematoma ou arranhão maculasse sua pele, os olhos azul-escuros eram... vazios e desenganados.

Briggs não disse nada enquanto Hunt e ela se sentavam à mesa. A cada canto, as luzes vermelhas de câmeras de segurança piscavam, e a semifeérica não tinha dúvidas de que alguém os escutava em uma sala de controle algumas portas adiante.

— Não vamos tomar muito de seu tempo — avisou Hunt, como se também notasse aqueles olhos assombrados.

— Tempo é tudo o que tenho agora, anjo. E aqui é melhor que... lá.

Lá, onde o mantinham na Prisão de Adrestia. Onde lhe faziam coisas que resultavam naqueles olhos mortos, terríveis.

Bryce podia sentir o apelo silencioso de Hunt para que ela desse início ao interrogatório, então tomou fôlego, preparando-se para encher o diminuto e sibilante espaço com sua voz.

Mas Briggs perguntou:

— Em que mês estamos? Que dia é hoje?

O horror comprimia as entranhas de Bryce. Aquele homem quisera matar pessoas, lembrou a si mesma. Mesmo que tudo indicasse que não havia assassinado Danika, ele tinha planejado matar muitos outros, para desencadear uma guerra de larga escala entre humanos e vanir. Para derrubar os asteri. Por isso estava atrás das grades.

— Vinte de abril — respondeu Hunt, em voz baixa — de 15035.

— Só faz dois anos?

Bryce engoliu a secura da própria boca.

— Temos algumas perguntas sobre o que aconteceu há dois anos. E também sobre alguns eventos recentes.

Briggs então a encarou. Realmente a encarou.

— Por quê?

Hunt se recostou na cadeira, uma indicação silenciosa de que ela estava no comando.

— O Corvo Branco sofreu um atentado a bomba alguns dias atrás. Considerando que a boate era um de seus alvos principais há alguns anos, a evidência indica que a Keres está ativa outra vez.

— E acha que estou por trás da explosão? — Um sorriso amargo curvou o rosto anguloso, cruel. Hunt ficou tenso. — Nem sei em que *ano* estamos, moça. E acha que, de algum modo, sou capaz de fazer contato com o exterior?

— E quanto a seus seguidores? — interrompeu Hunt, com cautela. — Teriam feito algo assim em seu nome?

— Por que se importariam? — Briggs se reclinou na cadeira. — Falhei com eles. Falhei com nosso povo. — Ele assentiu para Bryce. — E falhei com pessoas como você... os indesejáveis.

— Você jamais me representou — rebateu Bryce, em voz baixa. — Abomino o que tentou fazer.

Briggs riu, um som raspado.

— Quando os vanir lhe dizem que não é boa o bastante para algum trabalho por causa de seu sangue humano, quando machos como este babaca ao seu lado a veem apenas como uma bela bunda para foder e então descartar, quando você testemunha sua mãe... sua mãe é humana, não é? Sempre é... sendo tratada como lixo... Essas noções hipócritas logo desaparecem.

Ela se recusou a argumentar. A se lembrar das vezes que tinha visto a mãe ser ignorada ou humilhada...

— Então está dizendo que não tem nada a ver com o atentado — cortou Hunt.

— De novo — disse Briggs, repuxando as algemas —, as únicas pessoas que vejo diariamente são as que querem me desmembrar como um cadáver, e então me costurar de novo antes do anoitecer, as medbruxas consertando tudo.

O estômago de Bryce se revirou. Até a garganta de Hunt oscilou conforme o anjo engolia em seco.

— Seus seguidores não teriam planejado bombardear a boate por vingança?

— Contra quem? — indagou Briggs.

— Nós. Por investigar o assassinato de Danika Fendyr e procurar o Chifre de Luna.

Os olhos azuis de Briggs se anuviaram.

— Então os idiotas da 33ª enfim se deram conta de que eu não a matei.

— Não foi inocentado de nada oficialmente — argumentou Hunt, sem rodeios.

Briggs balançou a cabeça, encarando a parede à esquerda.

— Não sei nada sobre o Chifre de Luna, e tenho certeza de que nenhum soldado da Keres sabe de porra nenhuma, mas eu gostava de Danika Fendyr. Mesmo quando me prendeu, gostava dela.

* * *

Hunt encarou o homem esquelético e atormentado; uma casca do adulto de porte poderoso de dois anos antes. O que faziam com ele naquela prisão... Maldito Inferno.

O anjo podia imaginar os tipos de tortura. As lembranças de ter sofrido o mesmo ainda lhe tiravam o sono.

Bryce piscava para Briggs.

— O que quer dizer com *gostava* dela?

Briggs sorriu, saboreando a surpresa de Bryce.

— Ela me sondou, e a meus agentes, por semanas. Até me encontrou duas vezes. Me pediu para parar com meus planos... ou teria de me prender. Bem, essa foi a primeira vez. Na segunda, ela me avisou de que tinha evidências suficientes para *ser obrigada* a me prender, mas que eu poderia escapar facilmente se admitisse o que estava planejando e parasse de imediato. Não lhe dei ouvidos novamente. Na terceira vez... Ela trouxe sua matilha, e foi tudo.

Hunt controlou as emoções, forçando uma expressão impassível.

— Danika pegou leve com você? — O rosto de Bryce empalideceu.

Para surpresa do anjo, foi preciso um grande esforço para não tocar a mão de Bryce.

— Ela tentou. — Os dedos nodosos de Briggs alisavam o impecável macacão branco. — Para um vanir, ela parecia justa. Não creio que necessariamente discordasse de nós. De nossos métodos, sim, mas acho que talvez fosse uma simpatizante. — Ele observou Bryce outra vez com uma rispidez que eriçou Hunt.

O anjo reprimiu um grunhido com o uso do termo.

— Seus seguidores sabiam disso?

— Sim. Acho que ela até deixou alguns deles escaparem naquela noite.

Hunt suspirou.

— Essa é uma acusação gravíssima a se fazer contra uma líder das tropas auxiliares.

— Ela está morta, não está? Quem se importa?

Bryce se encolheu. O bastante para que Hunt não contivesse o grunhido daquela vez.

— Danika não era uma simpatizante da rebelião — sibilou Bryce.

Briggs a olhou, condescendente.

— Talvez ainda não fosse — concordou ele. — Mas podia estar enveredando por esse caminho. Talvez *ela* visse como sua bela amiga mestiça era tratada pelos outros e não estivesse muito satisfeita também.

Ele sorriu deliberadamente quando Bryce piscou diante do palpite correto sobre seu relacionamento com Danika. Com certeza, ele lera as emoções em seu rosto.

Biggs continuou:

— Meus seguidores sabiam que Danika era um trunfo em potencial. Discutimos o assunto, mesmo antes do ataque surpresa. E, naquela noite, Danika e a matilha foram justos conosco. Lutamos e até conseguimos acertar alguns bons golpes naquele seu segundo em comando. — Ele assoviou. — Connor Holstrom. — Bryce enrijeceu por completo. — O cara era durão. — Pela curva cruel em seus lábios, Briggs

tinha claramente percebido como ela havia ficado tensa à menção do nome de Connor. — Holstrom era seu namorado? Pena.

— Não é de sua conta. — As palavras tão vazias quanto os olhos de Briggs.

Hunt sentiu um aperto no peito ao ouvir aquelas palavras. A ausência no tom da semifeérica.

— Não mencionou nada disso quando foi preso pela primeira vez — declarou o anjo.

— Por que *diabos* deduraria uma vanir tão poderosa e potencial simpatizante como Danika Fendyr? — cuspiu Briggs. — Eu poderia ter sido decapitado por *isso*. — Ele gesticulou para a cela ao seu redor. — Mas a causa teria sobrevivido. *Tinha* de sobreviver, e eu sabia que alguém como Danika seria uma poderosa aliada para nosso lado.

— Mas por que não mencionar nada disso durante seu julgamento por assassinato? — interrompeu Hunt.

— Meu julgamento? Você quer dizer aquela farsa de dois dias que televisionaram? Com aquele *advogado* que o governo me designou? — Briggs gargalhou. Hunt precisou se lembrar de que ele era um prisioneiro, vítima de inenarrável tortura. E não alguém cujo rosto poderia socar. Nem mesmo pelo modo como seu riso fizera Bryce se remexer no lugar. — Sabia que eles poriam a culpa em mim independentemente de qualquer coisa. Sabia que,

mesmo que falasse a verdade, acabaria aqui. Então, pela chance de que Danika pudesse ter amigos ainda vivos que compartilhavam de seus sentimentos, guardei segredo.

— Mas está contando agora — constatou Bryce.

Briggs não respondeu e, em vez disso, estudou a amassada mesa de metal.

— Eu disse há dois anos e repito: a Keres não matou Danika ou a Matilha dos Demônios. Quanto ao atentado ao Corvo Branco, no entanto... podem ter sido bem-sucedidos. Bom para eles, se foi o caso.

Hunt rangeu os dentes. Teria estado tão fora da realidade quando seguira Shahar? Teria sido aquele nível de fanatismo que o havia encorajado a liderar os anjos da 18ª no monte Hermon? Naqueles últimos dias, ele nem sequer teria *escutado* se alguém tentasse chamá-lo à razão.

Uma vaga lembrança ressurgiu, de Isaiah fazendo exatamente aquilo, berrando na tenda de guerra de Hunt. Porra.

— Muitos vanir morreram na explosão? — perguntou Briggs.

A repulsa toldou o semblante de Bryce.

— Não — respondeu ela, se levantando. — Nem um. — Ela falava com a altivez de uma rainha. Hunt somente foi capaz de imitá-la.

Briggs estalou a língua.

— Que pena.

Hunt cerrou os punhos. Tinha estado tão apaixonado por Shahar, pela causa... teria sido melhor que aquele homem?

— Obrigada por responder a nossas perguntas — disse Bryce, tensa.

Sem esperar pela réplica de Briggs, ela se apressou na direção da porta. Hunt se colocou a suas costas, mesmo com Briggs acorrentado à mesa.

Que tivesse encerrado a reunião de forma tão abrupta provou a Hunt que Bryce compartilhava de sua opinião: Briggs não havia, de fato, matado Danika.

Ele mal alcançara a soleira quando Briggs falou:

— É um dos Caídos, hein? — Hunt hesitou. Briggs sorriu. — Meus respeitos, cara. — Ele examinou Hunt dos pés à cabeça. — Em que unidade da 18ª você serviu?

Hunt não respondeu. Mas os olhos azuis de Briggs brilhavam.

— Vamos derrubar esses bastardos um dia, irmão.

Hunt vislumbrou Bryce, já na metade do corredor, passos ligeiros. Como se não suportasse respirar o mesmo ar que o homem preso à mesa, como se precisasse sair daquele lugar horrível. O próprio Hunt tinha estado ali, interrogado pessoas, mais vezes do que gostaria de se lembrar.

E a vida que ceifara na noite anterior... aquilo o assombrava. Menos uma morte devida, mas o assombrava.

Briggs ainda o encarava, esperando a resposta de Hunt. O sim que Hunt teria proferido semanas antes agora se dissolvia em sua língua.

Não, não havia sido melhor que aquele homem.

O anjo não sabia o que aquilo o tornava.

* * *

— Então Briggs e seus seguidores estão fora da lista — disse Bryce, acomodando os pés sob o corpo no sofá da sala de estar. Syrinx já roncava a seu lado. — A não ser que ache que ele mentiu.

Hunt, sentado no outro canto do sofá em L, franziu o cenho para a partida de solebol na TV.

— Ele disse a verdade. Lidei com muitos... prisioneiros para perceber quando alguém está mentindo.

As palavras soaram tensas. O anjo tinha estado apreensivo desde que haviam deixado o Comitium pela mesma porta secundária que usaram para entrar. Nenhuma chance de encontrar Sandriel daquele modo.

Hunt apontou para os papéis que Bryce trouxera da galeria, notando alguns dos movimentos de Danika e a lista de nomes que a semifeérica tinha compilado.

— Refresque minha memória: quem é o próximo em sua lista de suspeitos?

Bryce não respondeu. Ela estudava o perfil do anjo, a luz da tela refletindo em suas maçãs do rosto, aprofundando as sombras abaixo do maxilar marcado.

Ele era mesmo bonito. E, de fato, parecia estar de péssimo humor.

— O que houve?

— Nada.

— Diz o cara que está rangendo os dentes com tanta força que posso ouvir daqui.

Hunt a fuzilou com o olhar e esticou um braço musculoso nas costas do sofá. Havia se trocado quando chegaram, meia hora antes, tendo parado para uma rápida refeição em uma barraquinha de noodles e dumplings no fim do quarteirão, e, no momento, vestia uma camiseta cinza macia, moletom preto e um boné de solebol branco, virado para trás.

Aquilo havia se provado tão desconcertante... tão comum e... *masculino*, na falta de uma palavra melhor, que ela passara os últimos quinze minutos o observando de modo sorrateiro. Mechas soltas do cabelo escuro cacheado se enrolavam nas pontas, a faixa ajustável do boné quase cobria a tatuagem em sua testa, e ela não fazia ideia do porquê, mas era tudo tão... levianamente perturbador.

— O que foi? — perguntou o anjo, ao flagrar seu olhar.

Bryce esticou o braço, a longa trança escorregando pelo ombro, e pegou o telefone do anjo na mesa. Tirou uma foto e mandou uma cópia para si mesma, em grande parte porque duvidava de que alguém acreditaria se dissesse que Hunt Athalar em pessoa estava sentado em seu sofá, vestindo roupas descontraídas, boné de solebol virado para trás, assistindo à TV e bebendo uma cerveja.

A Sombra da Morte, pessoal.

— Isso é irritante — disse ele, entre dentes.

— Assim como seu rosto — rebateu ela, com doçura, jogando o telefone para ele. Hunt o pegou, tirou uma foto *dela*, e então o guardou, olhos de novo no jogo.

Ela o deixou em paz por um minuto.

— Você está emburrado desde que encontramos Briggs — disse ela, então.

A boca do anjo se curvou para o lado.

— Lamento.

— Por que está se desculpando?

Os dedos do guerreiro traçaram um círculo na almofada do sofá.

— Aquilo despertou algumas merdas pesadas. Sobre... sobre o modo como ajudei a liderar a rebelião de Shahar.

Ela ponderou, relembrando cada horrível palavra e interação naquela cela sob o Comitium.

Ah. *Ah.*

— Você não se parece nada com Briggs, Hunt — disse ela, com cuidado.

Os olhos castanhos deslizaram até ela.

— Não me conhece bem o bastante para afirmar.

— Você arriscou, alegre e voluntariamente, a vida de inocentes para promover sua rebelião?

Ele comprimiu os lábios em uma linha fina.

— Não.

— Bem, aí está sua resposta.

Mais uma vez, ele contraiu o maxilar. Então disse:

— Mas eu estava cego. Sobre muitas coisas.

— Como o quê?

— Muitas coisas — desconversou. — Ver Briggs, o que estão fazendo com ele... não sei por que me afetou dessa vez. Visitei diversos prisioneiros lá embaixo para... quer dizer... — Seu joelho balançou. Ele continuou, sem encará-la: — Sabe o tipo de merda que tenho de fazer.

— Sim — disse ela, com gentileza.

— Mas, independentemente do motivo, ver Briggs daquele jeito hoje me fez lembrar de meu próprio... — Ele hesitou de novo e tomou um gole da cerveja.

Um pavor gelado e oleoso encheu seu estômago, revirando o macarrão frito que havia comido trinta minutos antes.

— Por quanto tempo fizeram o mesmo com você... depois do monte Hermon?

— Sete anos.

Ela fechou os olhos enquanto o peso daquelas palavras a atingia.

— Perdi a noção do tempo também — revelou Hunt. — As masmorras dos asteri eram tão enterradas, tão carentes de luz que os dias pareciam anos, e anos pareciam dias e... Quando me libertaram, fui enviado direto ao arcanjo Ramuel. Meu primeiro... *feitor*. Ele continuou o castigo por mais dois anos, ficou entediado e se deu conta de que eu seria mais útil despachando demônios e sendo seu mensageiro do que apodrecendo em suas câmaras de tortura.

— Solas Flamejante, Hunt — sussurrou ela.

Ele ainda não a encarava.

— Quando Ramuel decidiu me deixar servir como seu assassino, fazia nove anos que eu não via a luz do sol. Que não ouvia o vento ou cheirava a chuva. Que eu não via grama, ou um rio, ou uma montanha. Que eu não voava.

As mãos de Bryce tremiam tanto que ela cruzou os braços, aninhando os dedos junto ao corpo.

— Eu... lamento.

Os olhos do anjo se tornaram distantes, vidrados.

— Ódio era o único combustível que me alimentava. O mesmo ódio de Briggs. Nenhuma esperança, nenhum amor. Apenas um implacável e raivoso ódio. Pelos arcanjos. Pelos asteri. Por tudo aquilo. — Ele enfim a encarou, os olhos tão vazios quanto os de Briggs. — Então, é isso. Talvez eu jamais

tenha estado disposto a matar inocentes para ajudar a rebelião de Shahar, mas é a única diferença entre mim e Briggs. Continua sendo.

Ela não se permitiu pensar duas vezes antes de pegar sua mão.

Não havia se dado conta do quão maior era a mão de Hunt até que a envolveu com a sua. Não havia se dado conta de quantos calos havia naquelas palmas e naqueles dedos até que lhe arranhassem a pele.

Hunt olhou para as mãos de ambos, as unhas pintadas de cor pastel contrastando com o marrom da própria pele. Bryce se viu prendendo o fôlego, esperando que ele se soltasse.

— Ainda acha que ódio é tudo que o alimenta?

— Não — respondeu ele, os olhos se erguendo de suas mãos para estudar o rosto da semifeérica. — Às vezes, para algumas coisas, sim, mas... Não, Quinlan.

Ela assentiu, mas ele ainda a observava, então estendeu a mão para pegar os papéis.

— Não tem mais nada a dizer? — O canto da boca de Hunt se retorceu. — Você, a pessoa que tem sempre uma opinião sobre tudo e sobre todos não tem nada a dizer depois do que lhe contei?

Ela ajeitou a trança por sobre o ombro.

— Você não é como Briggs — declarou ela, simplesmente.

Ele franziu o cenho. E começou a puxar a mão.

Bryce pressionou os dedos ao redor dos do anjo.

— Você pode se ver assim, mas eu também o vejo, Athalar. Vejo sua bondade e sua... sei lá. — Ela apertou a mão dele para dar ênfase. — Vejo a merda que convenientemente esquece. Briggs é uma pessoa ruim. Pode ter se juntado à rebelião humana pelos motivos certos, mas ele é uma *pessoa ruim*. Você não. Nunca será. Fim de papo.

— O acordo que tenho com Micah sugere o contrário...

— Você não é como ele.

O peso do olhar do anjo acariciava a pele de Bryce, aquecia seu rosto.

Ela puxou a mão com toda a displicência de que foi capaz, tentando não notar como os dedos de Hunt pareciam hesitantes em soltá-la. Mas ela se inclinou, esticando o braço, e bateu no boné.

— A propósito, qual é a desse lance?

Ele afastou sua mão.

— É um boné.

— Não combina com sua imagem de predador noturno.

Por um piscar de olhos, ele ficou em completo silêncio. Em seguida, soltou uma gargalhada, jogando a cabeça para trás. A coluna forte e bronzeada de seu pescoço oscilou com o movimento, e Bryce cruzou os braços outra vez.

— Ah, Quinlan — disse ele, balançando a cabeça. Ele tirou o boné da própria cabeça e colocou na da

semifeérica. — Você é cruel.

Ela sorriu, virando o boné ao contrário, do mesmo modo que ele o usara, e folheou os papéis, afetada.

— Vamos examinar tudo de novo. Já que Briggs foi um embuste e a Rainha Víbora está fora... Talvez haja algo sobre a presença de Danika no Templo de Luna, na noite do roubo do chifre, que deixamos passar.

Ele chegou mais perto, a coxa roçando no joelho dobrado de Bryce, e espiou os papéis em seu colo. Ela observou os olhos do anjo passearem pela informação conforme estudava a lista com os últimos passos da loba. E tentou não pensar no calor daquela coxa contra sua perna. Os músculos ali contidos.

Então ele ergueu a cabeça.

Estava tão próximo que ela percebeu que seus olhos não eram pretos, afinal, e sim de um tom de castanho profundo.

— Nós somos idiotas.

— Obrigada pelo *nós*.

Ele bufou uma risada, mas não se afastou. Não moveu aquela perna poderosa.

— O templo tem câmeras externas. Estavam gravando na noite em que o chifre foi roubado.

— Você faz parecer que a 33ª não verificou isso há dois anos. Disseram que o blecaute tornou qualquer gravação essencialmente inútil.

— Talvez não tenhamos feito os testes certos na gravação. Checado os campos certos. Pedido às

pessoas certas que a examinassem. Se Danika estava lá naquela noite, por que ninguém sabia do fato? Por que *ela* não confessou estar no templo quando o chifre foi roubado? Por que a acólita não disse nada sobre sua presença?

Bryce mordeu o lábio. Os olhos de Hunt acompanharam o gesto. Ela podia jurar que tinham escurecido. Que a coxa pressionou ainda mais a sua. Como se a desafiasse... a provocasse para ver se recuaria.

Ela não o fez, mas a voz estava rouca ao dizer:

— Acha que Danika pode ter descoberto quem levou o chifre... e tentado encobrir? — Ela balançou a cabeça. — Danika não faria isso. Ela mal parecia se importar com o roubo do chifre, afinal.

— Não sei — admitiu ele. — Mas vamos começar pela gravação, mesmo que seja apenas chuvisco. E mandar para alguém que possa fazer uma análise mais abrangente. — Ele tirou o boné da cabeça de Bryce e o recolocou na sua... ainda ao contrário, ainda com aquelas mechas cacheadas escapando pela borda. Para completar, ele puxou a ponta da trança de Bryce, em seguida cruzou as mãos na nuca enquanto voltava a atenção ao jogo.

A ausência daquela perna contra a sua foi como um choque de realidade.

— Quem você tem em mente?

A boca de Hunt apenas se curvou para cima.



Os três andares do campo de tiro no Bosque da Lua serviam a uma clientela letal e criativa. Ocupando um armazém reformado que se estendia por quatro quarteirões ao longo do Istros, o campo se orgulhava de ter a única galeria de longo alcance da cidade.

Hunt visitava o campo a cada poucas semanas para manter as habilidades em dia, em geral no meio da noite, quando ninguém podia admirar o Umbra Mortis equipado com um par de abafadores e óculos militares enquanto caminhava pelos corredores de concreto até as galerias privativas.

Já era tarde quando tivera a ideia daquele encontro, e então Jesiba havia entupido Bryce de trabalho no dia seguinte, e eles decidiram esperar até a noite para ver aonde sua fonte os levaria. Hunt havia apostado um marco de ouro com Bryce de que seria até um tatuador, e ela havia coberto a aposta e

somado mais um marco de ouro de que seria para um bar pseudogrunge. Mas, quando receberam a resposta à mensagem da semifeérica, acabaram naquele endereço.

A galeria dos snipers ficava na parte norte do prédio, acessível por uma grossa porta de metal que impedia a passagem de qualquer som. No caminho, pegaram fones de ouvido táticos, projetados para abafar o estrondo das armas sem impedir que ouvissem a voz um do outro. Antes de entrar na galeria, Hunt olhou por sobre o ombro para Bryce, verificando se os fones dela estavam no lugar.

Ela notou o olhar cuidadoso e riu.

— Mamãe coruja.

— Não quero que suas lindas orelhas explodam, Quinlan.

Ele não deu a ela chance de responder enquanto abria a porta, a batida da música ecoando para saudá-los, e encontrava três machos alinhados ao longo de uma barreira de vidro que lhes chegava na cintura.

Lorde Tristan Flynn tinha um rifle de longo alcance apontado para um alvo de papel no formato de uma pessoa, colocado tão, tão distante que um mortal mal o veria. O guerreiro havia optado por usar uma mira telescópica, em vez de confiar em sua acurada visão feérica, enquanto Ruhn Danaan e Declan Emmet estavam parados a seu lado, os próprios rifles pendurados no ombro.

Ruhn assentiu na direção de Bryce e Hunt e sinalizou para que esperassem um momento.

— Ele vai errar — observou Declan por sobre o grave da música, mal se dignando a olhar para Hunt e Bryce. — Por mais de um centímetro.

— Vá se foder, Dec — resmungou Flynn, e atirou.

O tiro irrompeu pelo espaço, o som absorvido pelo revestimento das paredes e teto, e, no canto oposto da galeria, o pedaço de papel balançou, o torso ondulando.

Flynn baixou o rifle.

— Na mosca, babacas. — Ele ergueu a mão para Ruhn. — Pode pagar.

Ruhn revirou os olhos e pôs uma moeda dourada na palma do lorde enquanto se virava para encarar Hunt e Bryce.

Hunt olhou para os dois amigos do príncipe, que o estudavam enquanto tiravam os fones e óculos. Ele e Bryce os imitaram.

O anjo não esperava sentir a inveja coalhando suas entranhas ao ver os amigos juntos. Uma olhada para os ombros tensos de Bryce o fez imaginar se ela sentia o mesmo; como se estivesse se lembrando das noites com Danika e a Matilha dos Demônios, quando não tinham nada melhor a fazer do que irritar um ao outro.

Bryce se recuperou antes de Hunt.

— Lamento interromper a brincadeira dos soldados, mas temos alguns assuntos de adulto para discutir — disse ela, devagar.

Ruhn pousou o rifle na mesa de metal a sua esquerda e se apoiou na barreira de vidro.

— Podia ter ligado.

Bryce caminhou até a mesa para estudar a arma que o primo havia largado ali. As unhas cintilaram contra o preto fosco. Uma arma furtiva, projetada para não trair o portador com algum brilho.

— Não queria a informação jogada nas redes.

Flynn abriu um sorriso.

— Lance secreto. Bacana. — Ele se postou ao lado da semifeérica à mesa, tão perto que Hunt se eriçou. — Estou intrigado.

O dom de Bryce para colocar machos mais altos que ela no lugar em geral irritava Hunt. Mas vê-la usá-lo em outro macho era um verdadeiro prazer.

No entanto, aquele olhar parecia apenas alargar o sorriso de Flynn, especialmente quando Bryce disse:

— Não estou aqui para conversar com você.

— Você me magoa, Bryce — grunhiu Flynn.

Declan Emmet bufou uma risada.

— Está a fim de fazer mais uma dessas merdas de hacker? — perguntou ela.

— Chame de merda outra vez, e vamos ver se ajudo você — respondeu Declan, frio.

— Desculpe, desculpe. De usar seu dom... para a tecnologia. — Ela acenou com a mão. — Precisamos que analise a imagem das câmaras de vídeo do Templo de Luna na noite do roubo do chifre.

Ruhn ficou imóvel, os olhos azuis faiscando quando perguntou a Hunt:

— Tem uma pista sobre o chifre?

— Só juntando algumas peças — respondeu o anjo.

Declan esfregou o pescoço.

— Ok. O que estão procurando exatamente?

— Tudo — admitiu Hunt. — Qualquer coisa que possa pinçar do áudio ou do infravermelho, ou se existe uma maneira de limpar o vídeo apesar do blecaute.

Declan pousou o rifle ao lado do de Ruhn.

— Talvez eu tenha alguns softwares que ajudem, mas não posso prometer nada. Se os investigadores não acharam nada há dois anos, as chances de que eu possa encontrar alguma anomalia agora são mínimas.

— Nós sabemos — disse Bryce. — Quanto tempo até ter uma resposta?

Ele parecia fazer algum cálculo mental.

— Me dê alguns dias. Vou ver o que posso fazer.

— Obrigada.

Flynn soltou um arquejo exagerado.

— Acho que foi a primeira vez que já nos dirigiu essa palavra, B.

— Não se acostume. — De novo, ela os estudou com aquela indiferença fria e zombeteira que fez o pulso de Hunt começar a martelar no ritmo insano da música ecoando pelos alto-falantes da câmara. — Por que estão aqui?

— Trabalhamos de verdade para o Auxilia, Bryce. Isso requer certo treinamento ocasional.

— Então onde está o restante de sua unidade? — Ela olhou ao redor de modo exagerado. Hunt não se preocupou em disfarçar sua satisfação. — Ou é apenas um lance para colegas de quarto?

Declan riu entre dentes.

— É uma sessão para convidados apenas.

Bryce revirou os olhos.

— Estou certa de que o Rei Outonal lhe pediu relatórios de nossos passos — disse ela, cruzando os braços. — Mantenha isso — ela gesticulou para todos — em segredo por alguns dias.

— Está me pedindo que minta para meu rei — argumentou Ruhn, franzindo o cenho.

— Estou lhe pedindo que não conte a ele por enquanto — esclareceu Bryce.

Flynn ergueu uma sobrancelha.

— Está insinuando que o Rei Outonal é um dos suspeitos?

— Estou afirmando que quero manter essa merda entre nós. — Ela sorriu para Ruhn, mostrando os dentes brancos, a expressão mais selvagem que

contente. — Estou dizendo que se vocês, idiotas, vazarem qualquer informação para seus companheiros do Aux ou para alguma peguete alcoolizada, vou ficar *muito* chateada.

Sinceramente, Hunt teria adorado um pouco de pipoca e cerveja, então se jogar numa poltrona para assistir a Bryce descascar verbalmente aqueles babacas.

— Parece muita garganta — disse Ruhn, em seguida apontou para um alvo nos fundos da sala. — Que tal uma pequena demonstração para Athalar, Bryce?

Ela sorriu com malícia.

— Não preciso provar minha destreza com uma arma enorme para andar com os meninos. — A pele de Hunt pareceu tensionar diante do prazer ferino nos olhos da semifeérica quando disse *arma enorme*. Outras partes de seu corpo também ficaram tensas.

— Aposto 20 marcos de ouro que vencemos você — disse Tristan Flynn.

— Apenas riquinhos babacas têm 20 marcos de ouro para torrar em desafios idiotas — rebateu Bryce, os olhos cor de âmbar faiscando de alegria ao dar uma piscadela para Hunt. O sangue do anjo rugiu, o corpo enrijecendo tão completamente como se ela tivesse agarrado seu pau. Mas o olhar da fêmea já tinha se voltado para o alvo distante.

Ela colocou os fones sobre as orelhas pontudas.

Flynn esfregou as mãos.

— Lá vamos nós.

Bryce pôs os óculos, ajeitou o rabo de cavalo e ergueu o rifle de Ruhn. Ela sentiu o peso da arma nos braços, e Hunt não conseguia desviar os olhos do modo como seus dedos roçavam o cano, acariciando toda a extensão até a coronha.

O anjo engoliu em seco, mas ela simplesmente encaixou a arma no ombro, cada movimento tão natural como ele teria esperado de alguém criado por um lendário atirador de elite. Ela soltou a trava de segurança e não se preocupou em usar a mira enquanto dizia, para ninguém em particular:

— Permitam-me demonstrar por que vocês podem todos se foder.

Três tiros suplantaram a música, um após outro, seu corpo absorvendo o coice da arma como um veterano. A boca de Hunt ficou completamente seca.

Todos olharam para a moldura com o alvo.

— Você acertou apenas um — bufou Flynn, examinando o buraco no coração do alvo.

— Não, ela acertou todos — murmurou Emmet, no momento que Hunt também percebeu: o círculo não era perfeito. Não, parecia abaulado dos lados... de modo quase imperceptível.

Três tiros, tão precisos que atravessaram o mesmo buraco.

Um arrepio que nada tinha a ver com medo trespassou o corpo de Hunt quando Bryce apenas recolocou a trava, devolveu o rifle à mesa e tirou fones e óculos.

Ela se virou, e os olhos encontraram novamente os de Hunt; um brilho de vulnerabilidade espreitando sob o olhar presunçoso. Um desafio lançado. À espera de como o anjo reagiria.

Quantos machos haviam fugido daquela parte da semifeérica, os egos de alfas babacas ameaçados? Hunt os odiou por sequer plantarem a dúvida naqueles olhos.

Ele não ouviu que merda Flynn dizia conforme colocava os fones e os óculos e pegava o rifle que Bryce tinha acabado de largar, o metal ainda quente com o calor de seu corpo. Não ouviu a pergunta de Ruhn conforme mirava.

Não, Hunt apenas encarou Bryce enquanto destravava a arma.

Aquele clique reverberou entre os dois, alto como um trovão. A fêmea engoliu em seco.

O anjo desgrudou os olhos dos dela e disparou a primeira saraivada. Com sua visão de águia, não precisou da mira telescópica para ver a bala atravessar o mesmo buraco que ela havia aberto.

Quando baixou a arma, flagrou as bochechas coradas de Bryce, os olhos como uísque aquecido.

Uma espécie de luz silenciosa brilhava em suas profundezas.

Ainda não ouvia nada do que os machos diziam, somente tinha uma vaga ideia de Ruhn xingando em aprovação. Hunt apenas sustentava o olhar de Bryce.

Eu vejo você, Quinlan, transmitia ele, silenciosamente. *E gosto de tudo o que vejo.*

Idem, o meio-sorriso de Bryce parecia replicar.

O telefone de Hunt tocou, desviando sua atenção daquele sorriso que parecia deixar o chão um pouco instável. Ele o pegou no bolso com dedos surpreendentemente trêmulos. *Isaiah Tiberian* brilhava na tela.

— O que foi? — respondeu ele, de imediato.

Hunt sabia que Bryce e os guerreiros feéricos podiam ouvir cada palavra dita por Isaiah.

— Andem logo, vamos para os Prados de Asphodel. Temos outro assassinato.



— Onde? — perguntou Hunt pelo telefone, de olho em Bryce, braços cruzados enquanto ouvia. Todo o brilho havia se extinguido de seus olhos.

Isaiah lhe deu o endereço. Uns bons 3 quilômetros dali.

— Temos uma equipe no local já isolando a área — disse o comandante.

— Estamos indo — respondeu Hunt, e desligou.

Os três machos feéricos, tendo ouvido também, começaram a empacotar o equipamento com ágil eficiência. Bem treinados. Um pé no saco, mas eram todos bem treinados.

Mas Bryce parecia inquieta, as mãos trêmulas na lateral do corpo. Ele havia visto aquele olhar rígido antes. E a falsa calma que a invadiu conforme Ruhn e os amigos a encaravam.

Na ocasião, Hunt havia se deixado enganar, praticamente a obrigando a visitar aquela outra cena de crime.

— Acredito que tenham ouvido o endereço — disse o anjo, sem olhar para os machos. Não esperou que confirmassem antes de ordenar: — Encontraremos vocês lá. — Os olhos de Bryce faiscaram, mas Hunt não desviou a atenção da semifeérica enquanto se aproximava. Ele sentiu a saída de Ruhn, Flynn e Declan da galeria, mas não olhou para confirmar enquanto parava diante de Bryce.

A vastidão fria da galeria de tiros se estendia ao redor dos dois.

De novo, as mãos de Bryce se crisparam, os dedos se agitando na lateral do corpo. Como se ela pudesse sacudir o medo e a dor.

— Quer que eu cuide disso? — perguntou Hunt, calmamente.

As bochechas sardentas da semifeérica ficaram ruborizadas. Ela apontou um dedo trêmulo para a porta.

— Alguém *morreu* enquanto estávamos brincando.

Hunt envolveu o dedo com a mão. Abaixou-o para o espaço entre ambos.

— Essa culpa não é sua. É de quem quer que esteja fazendo isso.

Pessoas como ele, matando na noite.

Ela tentou soltar o dedo, e ele deixou que o fizesse, lembrando de sua aversão aos machos vanir. Aos alfas babacas.

Bryce engoliu em seco e espiou ao redor de sua asa.

— Quero ir até a cena do crime. — Ele esperou pelo restante. Ela suspirou, incerta. — Preciso ir — insistiu, mais para si mesma. Seu pé batia no piso de concreto ao ritmo da música que ainda ecoava. Ela se encolheu. — Mas não quero que Ruhn e os amigos me vejam assim.

— Assim como?

Era normal, esperado, que ela se sentisse abalada depois do que havia sofrido.

— Destruída desse jeito. — Seus olhos brilhavam.

— Por quê?

— Porque não é da conta de ninguém, mas vão achar que é da conta deles se me virem assim. São machos feéricos... enfiar o nariz onde não foram chamados é uma arte para eles.

Hunt bufou uma gargalhada.

— Verdade.

Ela suspirou mais uma vez.

— Ok — murmurou. — Ok. — As mãos ainda tremiam conforme as lembranças sangrentas a invadiam.

O instinto de Hunt o fez segurar as mãos de Bryce nas suas.

Tremiam como copos chacoalhando em uma prateleira. Pareciam igualmente delicadas, mesmo com o suor escorregadio e úmido que as cobria.

— Inspire — disse Hunt, apertando os dedos de Bryce com gentileza.

Ela fechou os olhos, a cabeça se curvando conforme obedecia.

— Outra vez — ordenou ele.

Ela o fez.

— Outra vez.

Então Bryce respirou, e Hunt não soltou suas mãos até que o suor secasse. Até que ela levantasse a cabeça.

— Ok — repetiu ela, e, dessa vez, a palavra saiu firme.

— Está bem?

— Tão bem quanto jamais ficarei — respondeu ela, mas o olhar tinha clareado.

Incapaz de se conter, ele afastou uma mecha solta do cabelo de Bryce. Parecia seda em seus dedos conforme a prendia atrás da orelha pontuda.

— Estamos juntos, Quinlan.

* * *

Bryce deixou o anjo voar com ela até a cena do crime. O beco nos Prados de Asphodel parecia decadente ao máximo: lixeiras abarrotadas, poças de líquido brilhante, animais raquíticos revirando o lixo, cacos

de vidro refletindo a primalux de um poste enferrujado.

Brilhantes magicercas azuis já bloqueavam a entrada do beco. Alguns técnicos e legionários perambulavam pela cena, Isaiah Tiberian, Ruhn e os amigos entres eles.

O beco saía da rua Principal, à sombra do Portão Norte... o Portão Mortal, como a maioria das pessoas o chamava. Prédios assomavam a distância, quase todos conjuntos habitacionais, todos em urgente necessidade de reparos. Os barulhos da avenida movimentada além do beco ecoavam das paredes de tijolo em ruínas, o ranço enjoativo de lixo invadindo suas narinas. Bryce tentou não inalar muito.

Hunt esquadrinhou a cena.

— Não precisa olhar, Bryce — murmurou ele, a mão forte na curva de suas costas.

O que ele fez por ela havia pouco no campo de tiro... Ela jamais havia deixado que ninguém, nem mesmo os pais, a visse daquele jeito antes. Naqueles momentos em que não conseguia respirar. Em geral, se escondia no banheiro ou sumia por algumas horas ou saía para correr.

O instinto de fuga tinha sido quase irresistível enquanto o pânico e o medo lhe queimavam o peito, mas... ela vira o anjo voltar da missão na outra noite. Sabia que ele, dentre todas as pessoas, podia entendê-la.

E ele o fez. E não havia recuado nem por um segundo.

Assim como não havia recuado ao vê-la atirar naquele alvo, mas, em vez disso, respondera com um tiro próprio. Como se fossem duas faces de uma mesma moeda, como se ela pudesse pressioná-lo à vontade que ele aguentaria. Responderia a cada desafio com aquele sorriso selvagem e malicioso.

Ela podia jurar que o calor daquelas mãos ainda aquecia as suas.

Independentemente da discussão que estivessem tendo com Isaiah mais além, Flynn e Declan caminharam até a magicerca. Ruhn estava parado 3 metros à frente, conversando com uma bela medbruxa de cabelo escuro. Sem dúvida sondando o que ela havia descoberto.

Ao espiar pela cerca azul brilhante a fim de ver o corpo escondido mais adiante, Flynn e Declan praguejaram.

Bryce sentiu um nó no estômago. Talvez ir até ali tivesse sido uma péssima ideia. Ela se aconchegou um pouco mais ao toque de Hunt.

Os dedos do anjo se cravaram em suas costas em um conforto mudo.

— Posso olhar por nós — murmurou ele então.

Nós, como se fossem uma unidade contra o maldito caos do mundo.

— Estou bem — assegurou ela, a voz misericordiosamente firme. Mas ela não se aproximou da divisória.

— Quanto tempo desde a morte? — perguntou Flynn a Isaiah, depois de se afastar do corpo isolado.

— Estamos estimando a hora da morte há trinta minutos — respondeu Isaiah, sério. — Pelos restos da roupa, parece que era uma das sentinelas do Templo de Luna. Estava voltando para casa.

Uma onda de silêncio pairou sobre eles. Bryce sentiu o estômago se contrair.

Hunt xingou.

— Meu palpite é que estava de serviço na noite em que o chifre foi roubado.

Isaiah assentiu.

— Foi a primeira coisa que verifiquei.

Bryce engoliu em seco.

— Devemos estar chegando perto, então. Ou o assassino está um passo à frente, interrogando, e em seguida matando, quem possa saber do paradeiro do chifre.

— As câmeras não registraram nada? — perguntou Flynn, o belo rosto incomumente sério.

— Nada — confirmou Isaiah. — É como se soubesse onde estavam. Ou quem quer que tenha conjurado o demônio sabia. Ele se manteve fora de vista.

Hunt passou a mão pela coluna de Bryce, um gesto firme e tranquilizador, e então se dirigiu ao Comandante da 33ª, o tom de voz baixo.

— Saber a posição de cada câmera na cidade, em especial das secretas, exigiria alguma habilitação de segurança — argumentou o anjo. As palavras pairavam entre eles, ninguém ousando dizer mais, não em público. Hunt perguntou: — Alguém reportou a aparição de um demônio?

Uma técnica de DNA irrompeu da cena, sangue manchando os joelhos do uniforme branco. Como se ela tivesse se ajoelhado em uma poça enquanto recolhia as amostras do estojo que trazia pendurado nas mãos enluvadas.

Bryce desviou os olhos outra vez, de volta à rua Principal.

Isaiah balançou a cabeça.

— Nenhum relatório de civis ou das patrulhas.

Bryce mal o ouvia enquanto os fatos penetravam em sua mente. Rua Principal.

Ela pegou o telefone, carregando o mapa da cidade. Sua localização apitou, um ponto vermelho na rede de ruas.

Os machos ainda discutiam a falta de evidências quando ela colocou alguns marcadores no mapa, então estreitou os olhos para o terreno abaixo. Ruhn havia se afastado, conversando com os amigos conforme ela os ignorava.

Mas Hunt percebeu sua concentração e se virou para ela, as sobrancelhas escuras erguidas.

— O que foi?

Ela se inclinou para a sombra de sua asa e poderia jurar que ele a envolveu ainda mais a seu redor.

— Aqui está o mapa de onde todos os assassinatos aconteceram.

A semifeérica permitiu que Ruhn e os amigos espreitassem. Até se dignou a lhes mostrar a tela, as mãos tremendo de leve.

— Nós — disse ela, apontando para um ponto brilhante — estamos aqui. — Apontou para outro, próximo. — Este é onde Maximus Tertian morreu. — Ela apontou para outro, perto da avenida Central. — Este é o assassinato da acólita. — Sua garganta pareceu fechar, mas Bryce se forçou a falar enquanto apontava para outro ponto, alguns quarteirões ao norte: — Aqui é onde... — As palavras queimavam. Porra. Porra, precisava dizer, pronunciar em voz alta...

— Danika e a Matilha dos Demônios foram mortos — completou Hunt.

Bryce lhe lançou um olhar agradecido.

— Sim. Veem o mesmo que eu?

— Não — respondeu Flynn.

— Você não frequentou uma escola feérica sofisticada? — perguntou ela. Diante da carranca de Flynn, ela suspirou, dando um zoom na tela. — Vejam: todos os assassinatos ocorreram a poucos

metros das principais avenidas. Sobre linhas ley... canais naturais por onde a primalux atravessa a cidade.

— Avenidas de poder — disse Hunt, os olhos brilhando. — Elas fluem diretamente pelos portões. — Sim, o anjo tinha entendido. Ele foi até onde Isaiah conversava com uma ninfa alta e loira usando um jaleco forense, a 6 metros dali.

— Talvez quem quer que esteja conjurando o demônio retire o poder das linhas ley sob a cidade a fim de conseguir a força para controlá-lo. Se todos os assassinatos acontecem perto de uma das linhas, talvez seja como o demônio apareça — disse Bryce aos machos feéricos, ao irmão de olhos arregalados.

Um dos membros das tropas auxiliares chamou o nome de Ruhn, e seu irmão apenas lhe deu um aceno impressionado antes de ir ao encontro do guerreiro. Ela ignorou o que aquela admiração lhe causava, virando-se para observar Hunt enquanto o anjo caminhava pelo beco, os músculos poderosos daquelas pernas se contraindo. Ela o ouviu chamar Isaiah enquanto se aproximava do comandante.

— Peça a Viktoria que faça uma busca nas imagens das câmeras ao longo da Principal, Central e da Guarda. Para checar se houve algum pico de poder; qualquer aumento ou queda de temperatura que possa acompanhar a invocação de um demônio. — O kristallos podia se manter fora de vista, mas, com

certeza, as câmeras captariam um ligeiro distúrbio no fluxo de energia ou na temperatura. — E peça que também verifique a rede de primalux por volta do mesmo horário. Para ver se alguma coisa ficou registrada.

Declan observou o anjo se afastar.

— Sabe o que ele faz, certo? — perguntou, então, a Bryce.

— Fica incrível de preto? — rebateu ela, com doçura.

Declan rosnou.

— A caça aos demônios é fachada. Ele faz o trabalho sujo do governador. — O feérico cerrou o maxilar definido por um segundo. — Hunt Athalar é problema.

Ela pestanejou.

— Ainda bem que adoro um bad boy.

Flynn soltou um assovio baixo.

Mas Declan balançou a cabeça.

— Os anjos não dão a mínima para ninguém, B. Os objetivos de Hunt não são os mesmos que os *seus*. Os objetivos de Athalar podem nem ser os mesmos de Micah. Tome cuidado.

Ela assentiu para onde o irmão conversava novamente com a deslumbrante medbruxa.

— Já levei um sermão de Ruhn, não se preocupe.

No fim do beco, Hunt conversava com Isaiah.

— Ligue para mim se Viktoria conseguir um vídeo de alguma coisa. — Então acrescentou, como se não estivesse muito acostumado à palavra: — Obrigado.

À distância, as nuvens cobriam o céu. Havia previsão de chuva para o meio da noite, mas parecia que cairia antes.

Hunt marchou de volta até onde estavam.

— Eles vão checar.

— Vamos ver se a 33ª descobre algo dessa vez — resmungou Declan. — Vou esperar sentado.

O anjo se endireitou. Bryce esperou que os defendesse, mas ele deu de ombros.

— Eu também.

Flynn indicou com a cabeça os anjos trabalhando na cena.

— Nada de lealdade?

Hunt leu a mensagem que pipocou na tela de seu telefone, depois o guardou no bolso.

— Não tenho outra escolha senão ser leal.

E pagar todas aquelas mortes, uma por uma. O estômago de Bryce se revirou.

Os olhos cor de âmbar de Declan buscaram a tatuagem no punho de Hunt.

— É uma merda.

Flynn grunhiu em concordância. Pelo menos os amigos do irmão pensavam como ela quando o assunto era a política dos asteri.

Hunt encarou os machos de novo. Crítico.

— Sim — concordou, baixinho. — É.

— É o eufemismo do século — disse Bryce.

Ela estudou a cena do crime, o corpo enrijecendo mais uma vez, não querendo olhar. Hunt a encarou, como se pressentisse sua tensão, a mudança em seu cheiro. Ele lhe deu um sutil aceno de cabeça.

Bryce ergueu o queixo.

— Vamos embora — declarou ela.

Declan acenou.

— Ligo em breve, B.

Flynn lhe soprou um beijo.

A semifeérica revirou os olhos.

— Tchau.

Ela encontrou o olhar de Ruhn e acenou em despedida. O irmão devolveu o gesto e continuou a conversa com a medbruxa.

Eles quase chegaram ao fim do quarteirão antes de Hunt perguntar, um pouco descontraído demais:

— Você e Tristan Flynn já tiveram um caso?

Bryce piscou.

— Por que a pergunta?

Ele recolheu as asas.

— Porque ele flerta com você o tempo todo.

Ela bufou.

— Vai me contar sobre todo mundo que já pegou, Athalar?

O silêncio foi resposta o bastante. Ela abriu um sorriso malicioso.

Mas então o anjo respondeu, como se precisasse de algo para distraí-lo dos restos pastosos que haviam deixado para trás:

— Nenhum de meus *casos* é digno de nota. — Ele hesitou de novo, tomando fôlego, antes de continuar: — Mas apenas porque Shahar me arruinou para qualquer outra.

Me arruinou. As palavras ecoaram em Bryce.

Hunt prosseguiu, olhos perdidos na memória:

— Cresci no território de Shahar, no sudeste de Pangera, e conforme batalhava para subir nas fileiras de suas legiões, me apaixonei por ela. Por sua visão de mundo. Por suas ideias sobre como as hierarquias angélicas deviam mudar. — Ele engoliu em seco. — Shahar foi a única que sequer insinuou o que me fora negado por nascer bastardo. Ela me promoveu nas tropas até que eu me tornasse seu braço direito. Até que eu me tornasse seu amante. — Ele soltou um longo suspiro. — Ela liderou a rebelião contra os asteri e eu liderei suas forças... a 18ª Legião. Você conhece o fim da história.

Todos em Midgard conheciam. A Estrela da Manhã teria liderado os anjos — talvez a todos — na direção de um mundo mais livre, mas havia sido extinta. Outra sonhadora esmagada sob as botas dos asteri.

— Então... você e Flynn? — insistiu Hunt.

— Você me conta essa trágica história de amor e espera que eu confesse minha baboseira?

O silêncio do anjo foi sua resposta. Bryce suspirou. Mas... tudo bem. Ela também precisava falar de *alguma coisa* para esquecer aquela cena de crime. E para dispersar as sombras que haviam se esgueirado para os olhos do anjo quando falara de Shahar.

E apenas por aquela razão, respondeu:

— Não. Flynn e eu nunca tivemos nada. — Ela sorriu suavemente. — Quando visitei Ruhn na adolescência, mal conseguia *funcionar* na frente de Flynn e Declan. — A boca de Hunt se curvou em um sorriso. — Eles alimentavam meu flerte descarado, e, por um tempo, tive a louca convicção de que Flynn seria meu marido um dia.

Hunt riu entre dentes, e Bryce lhe deu uma cotovelada.

— É verdade. Escrevi *Lady Bryce Flynn* em todos os meus cadernos do colégio por dois anos seguidos.

— Você não fez isso — disse ele, boquiaberto.

— Fiz. E posso provar: ainda guardo todos os meus cadernos na casa de meus pais, já que minha mãe se recusa a jogar qualquer coisa fora.

O sorriso de Bryce vacilou. E ela não contou a Hunt sobre a vez que, no último ano de faculdade, ela e Danika haviam encontrado Flynn e Declan em um bar. Sobre como Danika tinha voltado para casa com

Flynn, porque Bryce não tivera coragem de bagunçar as coisas entre o lorde e Ruhn.

— Quer ouvir sobre meu pior peguete? — continuou ela, abrindo um sorriso forçado.

Ele riu.

— Tenho até medo de ouvir, mas claro.

— Saí com um vampiro por, tipo, três semanas. Meu primeiro e único caso com alguém da Chama e Sombra.

Os vampiros haviam trabalhado duro para fazer as pessoas se esquecerem do pequeno detalhe de que tinham todos vindo do Inferno, eles mesmos demônios menores. Que seus ancestrais desertaram dos exércitos dos sete príncipes durante as Primeiras Guerras, e então alimentaram as Legiões Imperiais com informações cruciais que auxiliaram os asteri em sua vitória. Traidores e vira-casacas... que ainda carregavam a fome de sangue dos demônios.

Hunt ergueu uma das sobrancelhas.

— E?

Bryce estremeceu.

— E não conseguia parar de me perguntar que parte de mim ele mais desejava: meu sangue ou... você sabe. E então ele sugeriu se alimentar *enquanto* se alimentava, se é que me entende?

Levou um segundo para Hunt compreender. Então os olhos castanhos se arregalaram.

— Ah, porra. *Sério*? — Ela não pôde deixar de notar o olhar do anjo para suas pernas... para o ponto onde se encontravam. O modo como seus olhos pareceram ficar ainda mais sombrios, algo se afiando em suas profundezas. — Não dói?

— Não me interessei em descobrir.

Hunt balançou a cabeça, e a semifeérica se perguntou se o anjo estava em dúvida se ria ou ficava constrangido. Mas a luz voltou àqueles olhos.

— Nenhum vampiro depois disso?

— Definitivamente, não. Ele alegou que o mais puro prazer vinha da dor, mas eu lhe mostrei a porta da rua.

Hunt grunhiu sua aprovação.

— Ainda sente algo por Shahar? — perguntou Bryce, com cuidado, mesmo sabendo que, provavelmente, não deveria.

Um músculo pulsou em seu maxilar. Ele esquadrinhou os céus.

— Até o dia de minha morte.

Nenhuma saudade ou mágoa enfeitaram suas palavras, mas ela ainda não estava completamente certa do que fazer com o nó em seu estômago.

Os olhos do anjo encontraram os seus afinal. Desolados e sombrios.

— Não vejo como posso superar esse amor, não quando ela desistiu de *tudo* por mim. Pela causa. —

Ele balançou a cabeça. — Toda vez que fico com alguém, eu me lembro disso.

— Ah.

Não havia argumento possível. Qualquer coisa que ela dissesse pareceria egoísta e implicante. E talvez fosse idiota, pela maneira como interpretou o toque de sua perna contra a dela ou o olhar que lhe lançara no campo de tiro ou a ajuda com o ataque de pânico ou com todo o resto.

Ele a encarava. Como se visse tudo aquilo. O anjo engoliu em seco.

— Quinlan, isso não quer dizer que eu não...

As palavras foram interrompidas pela aproximação de um grupo de pessoas do outro extremo da rua.

Bryce vislumbrou cabelo louro platinado e perdeu o fôlego.

Hunt praguejou.

— Vamos sair daqui...

Mas Sabine os havia visto. O rosto pálido e estreito contorcido em um rosnado.

A semifeérica odiou o tremor que lhe tomou as mãos. O tremor em seus joelhos.

— Continue andando, Fendyr — avisou Hunt.

Sabine o ignorou. Seu olhar parecia salpicado de lascas de gelo.

— Ouvi dizer que estava dando o ar de sua graça por aí — ciciou a loba para Bryce. — Cadê a *porra* da minha espada, Quinlan?

Bryce não conseguia concatenar as ideias, qualquer resposta ou explicação. Apenas deixou Hunt a afastar de Sabine, o anjo uma verdadeira parede de músculos entre as duas.

A mão de Hunt repousava nas costas de Bryce conforme a guiava para longe.

— Vamos.

— Vadia estúpida — sibilou Sabine, cuspindo aos pés de Bryce quando a semifeérica passou.

Hunt enrijeceu, um grunhido escapando dos lábios, mas Bryce segurou seu braço em um apelo silencioso para que ignorasse a loba.

Os dentes do anjo brilharam quando os arreganhou para Sabine por sobre o ombro.

— Por favor — implorou Bryce.

Ele lhe estudou o rosto, a boca se abrindo em um protesto. Ela os obrigou a continuar andando, mesmo quando o escárnio de Sabine lhe queimava as costas.

— Por favor — sussurrou de novo.

O peito de Hunt arfava, como se fosse preciso toda a sua força para controlar a raiva, mas ele olhou para a frente. A risada baixa e presunçosa de Sabine ondeou até eles.

O corpo de Hunt travou, e Bryce apertou ainda mais seu braço, a tristeza lhe corroendo as entranhas.

Talvez ele tenha farejado, talvez lido em seu rosto, mas os passos de Hunt se equilibraram. A mão do anjo outra vez encontrou a curva de suas costas, uma

presença constante conforme caminhavam, enfim cruzando a rua.

Estavam a meio caminho da Principal quando Hunt a pegou no colo, sem dizer uma palavra, e se lançou aos céus brilhantes.

Bryce encostou a cabeça no ombro dele. Deixou o vento abafar o tumulto em sua mente.

Eles aterrissaram no telhado de seu prédio cinco minutos depois, e ela teria ido direto para o apartamento se Hunt não tivesse segurado seu braço para impedi-la.

Mais uma vez o anjo estudou seu rosto. Seus olhos.

Nós, havia dito antes. Uma unidade. Um time. Uma matilha de dois.

As asas de Hunt farfalharam de leve na brisa do Istros.

— Vamos descobrir quem está por trás disso, Bryce. Prometo.

E, por alguma razão, ela acreditou no anjo.

* * *

Ela estava escovando os dentes quando seu telefone tocou.

Declan Emmet.

Bryce cuspiu a pasta antes de atender.

— Oi.

— Ainda tem meu nome na agenda? Que meigo, B.

— Sim, sim, sim. E aí?

— Descobri algo interessante na gravação. Os contribuintes dessa cidade deveriam se revoltar com o dinheiro dos impostos gasto empregando analistas de segunda em vez de pessoas como eu.

Bryce caminhou descalça até o corredor, em seguida até a sala... então até a porta de Hunt. Ela bateu uma vez.

— Vai me dizer do que se trata ou apenas se gabar? — perguntou ela.

Hunt abriu a porta.

Caralho. De Solas. Flamejante.

Ele estava sem camisa e, ao que parecia, também estivera escovando os dentes. Mas ela não dava a mínima para higiene bucal quando ele tinha *aquela* aparência.

Músculos sobre músculos sobre músculos, tudo coberto por uma pele marrom que brilhava sob as primaluces. Era revoltante. Ela já o vira sem camisa antes, mas não tinha prestado atenção... não assim.

Bryce havia visto sua cota de belos e definidos corpos masculinos, mas Hunt Athalar deixava todos no chinelo.

Ele estava sofrendo por um amor perdido, ela lembrou a si mesma. Tinha deixado aquilo *bem* claro naquela mesma noite. Por pura força de vontade,

ergueu o olhar e encontrou o sorriso presunçoso naquele rosto.

Mas o sorriso arrogante desapareceu quando ela colocou Declan no viva-voz.

— Não sei se devo aconselhá-la a se sentar ou não — avisou Dec.

Hunt entrou na sala, franzindo a testa.

— Apenas desembuche — disse Bryce.

— Ok, admito que alguém pode ter cometido um erro. Graças ao blecaute, a gravação é apenas uma tela preta com alguns sons. Barulhos comuns da cidade, pessoas reagindo ao blecaute. Então separei cada canal de áudio da rua do lado de fora do templo. Amplifiquei os ruídos de fundo, algo que os computadores do governo talvez não tenham a tecnologia necessária para fazer. Sabe o que ouvi? Pessoas dando risadinhas, se desafiando a *tocar*.

— Por favor, diga que isso não vai ser nojento — pediu Bryce. Hunt bufou.

— Eram pessoas no Portão da Rosa. Pude ouvir as pessoas no Portão da Rosa, em CiRo, desafiando umas às outras a tocar o disco no dial durante o blecaute, para ver se ainda funcionava. A propósito, funcionava. Mas também pude ouvi-las exclamando sobre damas-da-noite desabrochando no próprio portão.

Hunt se inclinou para a frente, seu perfume envolvendo-a, deixando-a tonta.

— O Portão da Rosa fica no lado oposto da cidade a partir do Templo de Luna — argumentou o anjo.

Declan riu.

— Ei, Athalar. Está se divertindo brincando de casinha com Bryce?

— Apenas responda — disse Bryce, rangendo os dentes, então deu um longo e cuidadoso passo para longe de Hunt.

— Alguém trocou a gravação do templo durante o roubo do chifre. Foi um trabalho bem inteligente... eles mixaram as imagens de modo perfeito, nem um piscar no cronômetro. Escolheram uma gravação de áudio que se aproximava dos sons nos arredores do templo, com o ângulo dos prédios e tudo mais. Espertos pra cacete. Mas não espertos o bastante. A 33ª devia ter me procurado. Eu não deixaria passar um erro assim.

A cabeça de Bryce latejava.

— Pode encontrar o responsável?

— Já fiz isso. — Qualquer vaidade sumiu da voz de Declan. — Pesquisei quem foi o designado para liderar a investigação das imagens de vídeo naquela noite. Seria o único com a autorização necessária para fazer uma troca desse tipo.

Bryce bateu o pé no chão, e Hunt acariciou seu ombro com a asa para tranquilizá-la.

— *Quem*, Dec?

Declan suspirou.

— Veja bem, não estou cem por cento certo de que é essa pessoa... mas o oficial que liderou essa parte da investigação foi Sabine Fendyr.

PARTE III
O CÂNION



— Faz sentido — disse Hunt, cauteloso, observando Bryce, que estava sentada no braço bojudo do sofá mordendo o lábio inferior. Ela mal havia agradecido a Declan antes de desligar. — O demônio tem se esquivado das câmeras da cidade. Sabine saberia onde as câmeras estão, especialmente se tivesse autoridade para supervisionar o conteúdo das filmagens de casos criminais — continuou.

O comportamento de Sabine mais cedo naquela noite... Ele tivera vontade de matá-la.

Tinha visto Bryce rir na cara da Rainha Víbora, enfrentar Philip Briggs de igual para igual e provocar três dos mais letais guerreiros feéricos da cidade... e, ainda assim, ela tremera diante de Sabine.

Ele não fora capaz de suportar ver o medo e o sofrimento e a culpa de Bryce.

— Faz sentido que Sabine possa estar por trás de tudo — insistiu, quando a semifeérica não respondeu.

Estava sentado ao lado dela no sofá em L. Havia colocado uma camisa um momento antes, muito embora tenha adorado o olhar de pura admiração no rosto de Bryce quando o vira.

— Sabine não mataria a única filha.

— Acredita mesmo nisso?

Bryce abraçou os joelhos.

— Não.

Com um short de pijama e uma camiseta velha e larga, ela parecia mais jovem. Pequena. Exausta.

— Todo mundo sabe que o Primo pensava em pular Sabine e declarar Danika sua herdeira. Isso me parece a porra de um motivo — argumentou Hunt. Então refletiu melhor, uma velha lembrança o incomodando. Pegou o telefone e pediu: — Espere um instante.

Isaiah respondeu ao terceiro toque.

— Sim?

— Quão facilmente pode acessar suas anotações da sala de observação na noite da morte de Danika? — Não esperou que Isaiah respondesse antes de prosseguir. — Mais especificamente: você registrou o que Sabine disse para nós?

A hesitação do comandante parecia carregada de tensão.

— Não me diga que acha que Sabine a matou?

— Tem como me conseguir suas notas? — pressionou Hunt.

Isaiah praguejou, mas, um momento depois, disse:

— Tudo bem. Estou com elas.

Hunt se aproximou de Bryce de modo que ela pudesse ouvir a voz do comandante, conforme este dizia:

— Quer que eu recite a coisa toda?

— Somente o que ela disse sobre Danika. Você pegou?

Sabia que sim. O macho tomava nota de tudo.

— Sabine disse: *Danika não conseguia ficar longe de problemas.*

Bryce enrijeceu, e Hunt colocou a mão livre sobre o joelho dela, apertando levemente.

— *Jamais conseguia manter a boca* fechada *nem sabia quando se calar na presença de inimigos. E veja o que lhe aconteceu. Aquela cadela estúpida está ali, respirando, e Danika não. Danika devia ter tido mais juízo.* Então você perguntou sobre o que Danika devia ter tido mais juízo, e Sabine respondeu: *Tudo. A começar por aquela vadia com quem dividia o apartamento.*

Bryce se encolheu, e Hunt acariciou seu joelho com o polegar.

— Obrigado, Isaiah.

O Comandante pigarreou.

— Tome cuidado.

A ligação foi encerrada.

Os olhos arregalados de Bryce brilhavam.

— O que Sabine disse pode ser interpretado de várias maneiras — admitiu ela. — Mas...

— Soa como se Sabine quisesse que Danika mantivesse segredo sobre alguma coisa. Talvez Danika houvesse ameaçado acusá-la do roubo do chifre, e Sabine a tenha matado por isso.

Bryce engoliu em seco conforme assentia.

— Mas por que esperar dois anos, então?

— Suponho que seja o que vamos descobrir com ela.

— O que Sabine iria querer com um artefato quebrado? E, mesmo que soubesse como consertá-lo, o que faria com ele?

— Não sei. E não sei se outra pessoa tem o chifre e ela o quer, mas...

— Se Danika viu Sabine roubá-lo, seu silêncio faria sentido. Assim como o da sentinela e o da acólita. Com certeza, estavam muito apavoradas para se pronunciar.

— Isso explicaria por que Sabine trocou as gravações. E por que ela surtou quando fomos ao templo. Talvez isso a tenha instigado a assassinar qualquer um que pudesse ter testemunhado alguma coisa naquela noite. A bomba na boate foi, provavelmente, um modo de nos intimidar. Ou nos matar, e ainda colocar a culpa nos humanos.

— Mas... não creio que ela esteja com o chifre — ponderou Bryce, brincando com os dedos do pé.

As unhas estavam pintadas de um vermelho-escuro. Aquilo era ridículo, disse Hunt a si mesmo. Não a hipótese de Bryce. Mas o fato de ele querer provar todo e cada um daqueles dedos e então, lentamente, subir por aquelas pernas macias e nuas. Pernas nuas que estavam a meros centímetros dele, a pele reluzente brilhando sob as primaluces. Ele se forçou a tirar a mão do joelho da semifeérica, mesmo que seus dedos lhe implorassem para que ele os movesse, para acariciar aquela coxa. Mais para cima.

Bryce continuou, alheia à linha de raciocínio obscena do anjo.

— Não vejo por que Sabine ainda invocaria o kristallos se estivesse com o chifre.

Hunt pigarreou. Havia sido um dia de merda. Um dia bizarro, se era aquele o rumo de seus pensamentos. Sinceramente, aquele havia sido o rumo de seus pensamentos desde o campo de tiro. Desde que ele a vira segurar aquela arma como uma maldita profissional.

Ele tentou se concentrar. Prestar atenção à conversa em vez de se perguntar se as pernas de Bryce Quinlan seriam tão suaves sob sua boca quanto pareciam.

— Não se esqueça de que Sabine odeia Micah. Além de silenciar as vítimas, as mortes, justo nesse

momento, podem ter a intenção de prejudicá-lo. Você viu quanto ele está determinado a resolver tudo antes da Cimeira. Assassinatos como esses, causados por um demônio desconhecido, durante a estadia de Sandriel na cidade? Seriam uma vergonha. Maximus Tertian era suficientemente importante a ponto de criar uma dor de cabeça política para Micah; a morte dele pode foder com a posição do arcanjo. Pelo amor dos deuses, Sandriel e Sabine podem até estar nisso juntas, na esperança de enfraquecê-lo aos olhos dos asteri, de modo que Sandriel seja designada para Valbara em seu lugar. Ela poderia facilmente tornar Sabine a Prima de Todos os Metamorfos Valbaranos... não apenas dos lobos.

O rosto de Bryce empalideceu. Tal título não existia, mas fazia parte dos direitos do governador criá-lo.

— Sabine não faz esse tipo. É obcecada por poder, mas nem tanto. Ela pensa pequeno... *é* pequena. Você a ouviu reclamando sobre a espada desaparecida de Danika. — Bryce trançava o longo cabelo, distraída. — Não devíamos gastar nosso fôlego adivinhando seus motivos. Pode ser qualquer coisa.

— Você está certa. Temos uma boa razão para acreditar que ela matou Danika, mas nada sólido o bastante para explicar os novos assassinatos. — Ele observou os longos e delicados dedos de Bryce entrelaçados ao cabelo. Então se forçou a olhar para a

tela escura da televisão. — Flagrá-la com o demônio provaria seu envolvimento.

— Acha que Viktoria pode encontrar a filmagem que requisitamos?

— Espero que sim — respondeu ele.

Hunt sopesou a ideia. Sabine... se fosse ela, que merda...

Bryce se levantou do sofá.

— Vou sair para correr.

— Uma da manhã?

— Preciso correr um pouco ou não vou conseguir dormir.

Hunt se ergueu de um pulo.

— Acabamos de chegar da cena de um crime, e Sabine está querendo seu sangue, Bryce...

Ela se dirigiu para o quarto, sem olhar para trás.

Voltou dois minutos depois, vestida com as roupas de ginástica, e o encontrou parado à porta, vestindo as dele. A semifeérica franziu o cenho.

— Quero correr sozinha.

Hunt abriu a porta e saiu para o corredor.

— Que pena.

* * *

Havia sua respiração, a batida de seus pés nas ruas úmidas e o estrondo da música em seus ouvidos. Bryce ligara o som tão alto que era praticamente

apenas barulho. Ruído ensurdecedor com algum ritmo. Jamais ouvira música naquele volume durante as corridas matinais, mas, com Hunt a seu lado, podia colocar o som nas alturas sem se preocupar que um predador tirasse vantagem do fato.

Então ela correu. Pelas largas avenidas, pelos becos, pelas ruas laterais. Hunt a acompanhava, cada movimento gracioso e entrelaçado de poder. Bryce podia jurar que o relâmpago ribombava em sua esteira.

Sabine. Ela havia matado Danika?

Bryce não conseguia se conformar com a ideia. Cada respiração cortava como vidro.

Eles precisavam pegá-la no ato. Achar evidências contra a loba.

A perna começou a doer, uma queimação ácida ao longo da coxa. A semifeérica a ignorou.

Bryce cortou caminho pelos Prados de Asphodel. A rota era tão familiar que ela estava surpresa que suas pegadas não tivessem sido gravadas nos paralelepípedos. Dobrou uma esquina bruscamente, engolindo um gemido de dor conforme a perna se ressentia. O olhar de Hunt disparou para ela, mas Bryce o ignorou.

Sabine. Sabine. Sabine.

Sua perna queimava, mas ela continuou. Através dos Prados. Através de CiRo.

Continuou correndo. Continuou respirando. Não ousava parar.

* * *

Bryce sabia que Hunt fazia um esforço consciente para manter a boca fechada quando enfim chegaram a seu apartamento, uma hora mais tarde. Ela precisou agarrar o batente para se manter de pé.

Os olhos do anjo se estreitaram, mas ele não disse nada. Não mencionou que ela mancava de modo tão acentuado que mal fora capaz de correr os últimos dez quarteirões. Bryce sabia que o claudicar e a dor estariam piores pela manhã. Cada novo passo arrancava um grito de sua garganta, que ela engolia e engolia e engolia.

— Tudo bem? — perguntou ele, tenso, levantando a camiseta para enxugar o suor do rosto. Bryce pegou um rápido vislumbre daqueles ridículos músculos abdominais que brilhavam com a transpiração. O anjo a acompanhara todo o tempo... não havia reclamado ou falado. Apenas mantivera o ritmo.

Bryce fez questão de não se apoiar na parede enquanto caminhava até o quarto.

— Estou bem — respondeu ela, sem fôlego. — Só precisava correr.

Ele apontou para a perna dela, um músculo latejando no maxilar.

— Isso acontece com frequência?

— Não — mentiu ela.

Hunt apenas a encarou.

Ela não conseguiu impedir a oscilação no passo seguinte.

— Às vezes — corrigiu, fazendo uma careta. — Vou colocar gelo. De manhã estará ok.

Se fosse uma feérica puro-sangue, ela estaria curada em uma ou duas horas. Se bem que, se fosse uma feérica puro-sangue, o ferimento não continuaria a incomodá-la depois de tanto tempo.

— Alguém examinou essa perna? — perguntou o anjo, a voz rouca.

— Sim — mentiu Bryce mais uma vez, e esfregou o pescoço suado. Antes que ele pudesse insistir no assunto, ela agradeceu. — Obrigada por me acompanhar.

— Sim. — Não exatamente uma resposta, mas, graças aos deuses, Hunt não disse mais nada enquanto ela mancava pelo corredor e fechava a porta do quarto.



Apesar da entrada voltada para a agitada Praça da Cidade Velha, Ruhn achou a clínica da medbruxa agradavelmente silenciosa. As paredes pintadas de branco da sala de espera refletiam a luz do sol filtrada pelas janelas que se abriam para o congestionamento quase permanente, e o gorgolejar da pequena fonte de quartzo no balcão de mármore branco se mesclava de modo agradável à sinfonia que pulsava dos alto-falantes no teto.

Ele já estava aguardando havia cinco minutos, enquanto a bruxa que fora consultar terminava de atender outro paciente, e se sentia perfeitamente feliz em relaxar sob o vapor com perfume de lavanda do difusor na mesinha ao lado de sua cadeira. Até as próprias sombras adormeceram dentro dele.

Revistas e panfletos tinham sido dispostos na mesa de centro de carvalho branco a sua frente, os últimos

anunciando de tratamentos de fertilidade até retirada de cicatrizes e alívio da artrite.

Uma porta se abriu no estreito corredor além do balcão, e uma cabeça de cabelo preto e levemente cacheado apareceu.

— Por favor, me ligue se surgirem outros sintomas — disse uma voz musical.

A porta se fechou, provavelmente para dar privacidade ao paciente.

Ruhn se levantou, sentindo-se deslocado, vestido de preto da cabeça aos pés em meio aos suaves tons de branco e creme da clínica, e ficou completamente imóvel conforme a medbruxa se aproximava do balcão.

Na cena de crime da noite anterior, ele a havia procurado para perguntar se tinha percebido algo de interessante no corpo. Ficara tão impressionado com sua lucidez e perspicácia que pedira para vê-la naquela manhã.

A medbruxa sorriu ligeiramente conforme rodeava o balcão, os olhos castanho-escuros brilhando em boas-vindas.

Então, lá estava. Aquele rosto cativante. Não a beleza refinada das estrelas de cinema ou modelos; não, aquilo era beleza em sua forma mais crua, dos grandes olhos castanhos até os lábios cheios e as maçãs definidas, tudo em quase perfeita simetria. O conjunto irradiava uma fria serenidade e atenção. Ele

fora incapaz de desviar os olhos da bruxa, mesmo com um corpo esparramado entre eles dois.

— Bom dia, príncipe. — E lá estava, também. A bela e clara voz.

Feéricos eram sensíveis a sons, graças à audição acurada. Podiam ouvir notas dentro de notas, acordes dentro de acordes. Certa vez, Ruhn quase fugiu de um encontro com uma jovem ninfa quando a risada estridente da garota tinha soado como o guincho de um golfinho. E na cama... porra, quantas parceiras ele deixara de procurar outra vez, não porque o sexo tivesse sido ruim, mas porque os sons que elas faziam pareciam intoleráveis? Ele perdera a conta.

Ruhn ofereceu um sorriso à medbruxa.

— Oi. — Ele assentiu para o corredor. — Sei que está ocupada, mas tinha esperança de que pudesse dispor de alguns minutos para discutirmos um caso no qual estou trabalhando.

Vestindo uma calça azul-marinho solta e uma camiseta branca de algodão com mangas três-quartos que destacava a brilhante pele negra, a medbruxa estava parada com impressionante imobilidade.

Eram um grupo estranho, único, as bruxas. Embora parecessem humanas, a magia considerável e a longevidade as marcavam como vanir, seu poder passado, na maior parte, pela linhagem feminina. Todas tinham status de civitas. O poder era herdado de alguma fonte ancestral que alegavam ser uma

deusa de três rostos, mas bruxas surgiam em famílias ordinárias vez por outra. Seus dons pareciam variados, de videntes e guerreiras a fazedoras de poções, mas curandeiras eram as mais comuns na Cidade da Lua Crescente. Sua formação criteriosa e longa o bastante para que a jovem bruxa a sua frente fosse incomum. Ela tinha de ser habilidosa para já trabalhar em uma clínica quando não devia ter mais de trinta anos.

— Tenho um paciente em breve — disse ela, olhando por sobre o ombro para a rua movimentada além. — Mas meu intervalo de almoço é logo depois. Se importa de esperar meia hora? — Ela acenou para o corredor a suas costas, onde a luz do sol entrava por uma porta de vidro na outra extremidade. — Temos um jardim interno. O dia está agradável o bastante para que possa aguardar ali.

Ruhn concordou, olhando para o nome na placa no balcão.

— Obrigado, Srta. Solomon.

Ela piscou, aqueles cílios aveludados, densos, trêmulos de surpresa.

— Ah... não sou... Esta clínica é de minha irmã. Ela saiu de férias e me pediu para cuidar de tudo em seu lugar. — Mais uma vez, ela gesticulou para o corredor, graciosa como uma rainha.

Ruhn a seguiu, tentando não inspirar seu aroma de eucalipto e lavanda muito profundamente.

Não seja um maldito pervertido.

A luz do sol dançava nos cabelos pretos como a noite da bruxa enquanto ela alcançava uma porta e a abria com o ombro, revelando um pátio calçado com ardósia, cercado por jardins de ervas em terraços. De fato, o dia estava adorável, a brisa do rio agitava e embalava as plantas, espalhando suas fragrâncias calmantes.

Ela apontou para um conjunto de mesa e cadeiras de ferro trabalhado, colocado ao lado de um canteiro de hortelã.

— Volto logo.

— Ok — disse ele, e a bruxa não esperou que se sentasse antes de voltar para dentro.

Os trinta minutos se passaram rapidamente, em grande parte graças à enxurrada de ligações que Ruhn recebeu de Dec e Flynn, assim como de alguns de seus capitães nas forças auxiliares. Quando a porta de vidro se abriu outra vez, ele tinha acabado de pousar o telefone, na intenção de desfrutar de alguns minutos do silêncio perfumado.

O príncipe se levantou de um pulo ao ver a pesada bandeja que a bruxa carregava, abarrotada com uma chaleira, xícaras e um prato com queijo, mel e pão.

— Imaginei que, se o estou afastando do almoço, podíamos muito bem comer juntos — argumentou ela, enquanto Ruhn pegava a bandeja.

— Não precisava ter trazido nada para mim — disse ele, com o cuidado de não derrubar o bule de

chá ao colocar a bandeja na mesa.

— Não foi incômodo algum. Não gosto mesmo de comer sozinha. — Ela ocupou o assento na frente dele e começou a distribuir os talheres.

— De onde é seu sotaque?

A bruxa não falava com a dicção acelerada típica da Cidade da Lua Crescente. Em vez disso, parecia alguém que escolhia cada palavra cuidadosamente.

Ela espalhou um pouco de queijo em uma fatia de pão.

— Meus tutores vinham de uma parte antiga de Pelium... nas margens do mar Rhagan. Suponho que tenham me contaminado.

Ruhn se serviu de chá, em seguida encheu a xícara da medbruxa.

— Toda aquela área é antiga.

Os olhos castanhos dela faiscaram.

— Verdade.

— Consultei algumas outras medbruxas da cidade, mas nenhuma foi capaz de me responder. Tenho plena noção de que posso soar desesperado — disse ele, depois de aguardar que ela tomasse um gole do chá. — Mas, antes de falar mais, gostaria de saber se posso contar com sua discrição.

Ela colocou algumas uvas e tâmaras no prato.

— Pode me perguntar o que quiser. Não vou repetir uma palavra.

Ele inspirou o aroma do chá; hortelã e alcaçuz e algo mais, uma sugestão de baunilha e outra coisa... amadeirada. O príncipe se recostou na cadeira.

— Tudo bem. Sei que seu tempo é curto, então serei direto: você conhece algum modo de reparar um artefato mágico quebrado quando ninguém, nem bruxas, nem feéricos, nem os próprios asteri, foi capaz de fazê-lo? Uma maneira de... curá-lo?

A bruxa derramou mel sobre o queijo.

— O objeto nasceu da magia ou era um objeto comum, imbuído com poder depois?

— A lenda diz que foi feito com magia... e só podia ser empunhado com o dom dos Estrelados.

— Ah. — Os olhos límpidos o estudaram, notando sua coloração. — Então é um artefato feérico.

— Sim. Das Primeiras Guerras.

— Está falando do Chifre de Luna?

Nenhuma das outras bruxas chegara àquela conclusão tão rapidamente.

— Talvez — esquivou-se ele, deixando que ela lesse a verdade em seus olhos.

— Magia e o poder de sete estrelas sagradas não poderiam repará-lo — argumentou ela. — E bruxas bem mais sábias que eu estudaram o assunto e declararam ser uma missão impossível.

O desapontamento pesou no estômago de Ruhn.

— Apenas pensei que talvez as medbruxas tivessem alguma ideia de como curá-lo, considerando seu

campo de atuação.

— Vejo por que possa pensar assim. Esta clínica é repleta de maravilhas cuja existência eu desconhecia... meus tutores desconheciam. Lasers e câmeras e máquinas que podem espreitar dentro de seu corpo do mesmo modo que a magia. — Os olhos dela brilhavam a cada palavra, e, por mais que tentasse, Ruhn não conseguia desviar os dele. — E talvez... — Ela inclinou a cabeça, encarando um canteiro de lavanda.

Ruhn manteve a boca fechada, deixando a bruxa refletir. O telefone vibrou com uma mensagem, e ele rapidamente o silenciou.

A bruxa ficou imóvel. Os dedos delicados se contraíram sobre a mesa. Apenas um movimento, um murmúrio de reação, a sugestão de que alguma coisa havia se encaixado naquela bela cabeça. Mas ela não disse nada.

Quando a bruxa encontrou novamente o olhar de Ruhn, os olhos dela se tornaram sombrios. Estavam cheios de alarme.

— É possível que, com todos os atuais avanços da medicina, alguém tenha encontrado um modo de consertar um objeto de poder quebrado. De tratar o artefato não como algo inerte, mas como uma coisa viva.

— Então acha que... um laser poderia ser usado para recuperá-lo?

— Laser, droga, enxerto de pele, transplante... as atuais pesquisas abriram muitas portas.

Merda.

— Soaria familiar se eu dissesse que os antigos feéricos alegavam que o chifre somente poderia ser consertado pela luz que não é luz, pela magia que não é magia? Parece com tecnologia moderna?

— Admito que não sou tão versada no assunto quanto minhas irmãs. Meu conhecimento de cura está enraizado nos velhos costumes.

— Tudo bem — disse ele, levantando-se da cadeira. — Obrigado por seu tempo.

Ela encontrou o olhar de Ruhn com uma franqueza surpreendente. Nada intimidada ou impressionada por ele.

— Tenho certeza de que você o fará, mas aconselho que prossiga com cautela, príncipe.

— Eu sei. Obrigado. — Ele esfregou a nuca, tomando coragem. — Acha que sua rainha pode ter uma resposta?

A medbruxa inclinou a cabeça outra vez, todo aquele glorioso cabelo se derramando sobre o ombro.

— Minha... Ah. — Ruhn podia jurar que a tristeza toldou aqueles olhos. — Você quer dizer a nova rainha.

— Hypaxia. — O nome queimava em sua língua. — Lamento pela perda da rainha anterior.

— Eu também — disse a bruxa. Por um instante, seus ombros pareceram se estreitar, a cabeça pender com um peso fantasma. Hecuba havia sido amada por seu povo... sua perda seria sentida. A bruxa suspirou e se endireitou novamente, como se despisse um manto de tristeza. — Hypaxia está de luto pela mãe. Não vai receber visitantes até sua apresentação na Cimeira. — Ela sorriu debilmente. — Talvez possa perguntar a ela na ocasião.

Ruhn estremeceu. Por outro lado, pelo menos não precisava encontrar a mulher com que o pai queria que se casasse.

— Infelizmente, o caso é urgente demais para esperar a Cimeira.

— Vou pedir a Cthona para que você encontre as respostas em outro lugar, então.

— Com sorte, ela vai ouvir.

Ele caminhou alguns passos na direção da porta.

— Espero vê-lo de novo, príncipe — disse a medbruxa, voltando a seu almoço.

As palavras não eram uma cantada, algum convite pouco sutil. Porém, mesmo mais tarde, quando estava sentado nos Arquivos Feéricos, pesquisando sobre avanços médicos, Ruhn ainda avaliava o tom e a promessa daquele adeus.

E se deu conta de que ela não lhe dissera seu nome.



Viktoria levou dois dias para descobrir algo fora do comum nas câmeras e na rede de energia da cidade. Mas, quando o fez, não ligou para Hunt. Não, a espectro enviou um mensageiro.

— Vik me pediu que arrastasse sua bunda até o escritório dela... o do laboratório — disse Isaiah, à guisa de cumprimento, enquanto pousava no telhado da galeria.

Apoiado no batente da porta que levava até o andar de baixo, Hunt estudou seu comandante. O habitual brilho de Isaiah tinha esmaecido, e havia sombras sob seus olhos.

— As coisas estão tão ruins assim com a chegada de Sandriel?

Isaiah encolheu as asas. Mantendo-as bem fechadas.

— Micah a mantém na linha, mas passei a noite em claro, lidando com pessoas atônitas.

— Soldados?

— Soldados, funcionários, empregados, vizinhos... Ela abalou a todos. — Isaiah balançou a cabeça. — Sandriel também tem mantido o dia da chegada de Pollux em segredo, para nos deixar apreensivos. Sabe o medo que o anjo desperta.

— Talvez tenhamos sorte e aquele monte de merda fique em Pangera.

— Nunca fomos sortudos, fomos?

— Não. Não fomos. — Hunt soltou uma risada amarga. — Ainda falta um mês para a Cimeira. — Um mês tolerando a presença de Sandriel. — Eu... Se precisar de mim para qualquer coisa, avise.

Isaiah piscou, observando Hunt da cabeça à ponta da bota. Aquilo não devia tê-lo envergonhado, a expressão de surpresa no rosto do comandante com sua oferta. Isaiah voltou o olhar para as telhas abaixo das botas iguais às suas, como se cogitasse o que, ou quem, poderia ter sido responsável pela guinada altruísta do Umbra Mortis.

— Acha que Jesiba Roga realmente transforma seus ex-amantes e seus inimigos em animais? — perguntou Isaiah, apenas.

— Espero que não. — Tendo observado as criaturas nos pequenos tanques espalhados pela biblioteca, aquilo era tudo que Hunt podia responder.

Em especial pelo bem da assistente que tinha tentado fingir que não estava caindo de sono na mesa quando ele havia ligado para verificar as coisas vinte minutos antes.

Desde que Declan soltara a bomba sobre Sabine, Bryce havia ficado acabrunhada. Hunt a aconselhara a tomar cuidado ao lidar com a futura Prima dos Lobos, e a semifeérica tinha parecido inclinada a esperar que Viktoria encontrasse alguma pista dos padrões do demônio; qualquer prova de que Sabine estava, de fato, usando o poder das linhas ley para conjurá-lo, já que os próprios poderes não eram fortes o suficiente. A maioria dos poderes de metamorfos não o era, embora Danika tivesse sido uma exceção. Outra razão para o ciúme da mãe... e mais um motivo para o crime.

Ruhn ainda não havia mandado notícias, apenas uma mensagem na véspera, em que dizia estar pesquisando sobre o chifre. Mas, se Vik tinha descoberto algo...

— Vik não pode vir até aqui contar as novidades? — perguntou Hunt.

— Ela queria mostrar pessoalmente. E duvido que Jesiba fique feliz com a visita de Vik.

— Quanta consideração de sua parte.

Isaiah deu de ombros.

— Jesiba está nos ajudando... precisamos de seus recursos. Seria estupidez testar seus limites. Não

tenho interesse em ver nenhum de vocês transformado em porco se sairmos muito da linha.

E lá estava. Aquele olhar demorado, sugestivo.

Hunt ergueu as mãos com um sorriso.

— Não precisa se preocupar comigo.

— Micah vai acertá-lo como um martelo se colocar a missão em risco.

— Bryce já disse a Micah que não estava interessada.

— O Arcanjo não vai se esquecer disso tão cedo.

Hunt sabia daquilo. A morte que Micah lhe havia encomendado na semana anterior como punição pelo constrangimento que Bryce e ele lhe causaram no saguão do Comitium... ele ainda a sentia.

— Mas não foi isso que eu quis dizer — prosseguiu Isaiah. — Estava me referindo ao fato de que, se não descobrirmos quem está por trás das mortes, e se você estiver enganado quanto a Sabine... não apenas sua sentença reduzida será revogada, como Micah vai encontrar um modo de *responsabilizá-lo*.

— É claro que vai. — O telefone de Hunt vibrou, e ele o tirou do bolso.

O anjo engasgou. Não apenas com a mensagem de Bryce: *O telhado da galeria não é um poleiro, sabia?*, mas com seu novo nome de contato, provavelmente alterado pela própria quando ele tinha ido ao banheiro ou tomado banho ou apenas deixado o telefone na mesa de centro. *Bryce Fodástica*.

E ali, abaixo daquele nome ridículo, ela havia adicionado sua foto ao contato: a que havia tirado na loja de aparelhos celulares, sorrindo de orelha a orelha.

Hunt reprimiu um rosnado de irritação e digitou: *Você não devia estar trabalhando?*

Bryce Fodástica respondeu um segundo depois: *Como posso trabalhar com vocês dois sapateando aí em cima?*

Ele escreveu de volta: *Como conseguiu minha senha?* Ela não precisava da senha para ativar a câmera, mas, para ter acesso a seus contatos, a combinação de sete dígitos seria necessária.

Prestei atenção. E então acrescentou, um segundo depois: *E talvez tenha observado você digitando algumas vezes, enquanto assistia a alguma partida idiota de solebol.*

Hunt revirou os olhos e guardou o telefone sem responder. Bem, pelo menos a semifeérica parecia estar saindo do torpor em que estivera havia dias.

Ele flagrou Isaiah o observando cuidadosamente.

— Há destinos piores que a morte, você sabe.

Hunt olhou para o Comitium, a arcanjo espreitando em seu interior.

— Eu sei.

* * *

Bryce franziu o cenho para a porta da galeria.

— A previsão não indicava chuva. — Ela fez uma careta para o céu. — *Alguém* deve estar fazendo merda.

— É ilegal interferir no tempo — recitou Hunt a seu lado, digitando uma mensagem no telefone.

Ele não havia mudado o novo nome de contato que ela se dera, Bryce notou. Ou apagado aquela foto absurda que havia adicionado a sua entrada.

— Eu não trouxe guarda-chuva — disse ela, depois de silenciosamente articular as palavras do anjo.

— Não é um voo longo até o laboratório.

— Seria mais fácil chamar um carro.

— Numa hora dessas? — O anjo enviou a mensagem e guardou o telefone no bolso. — Vai levar uma hora só para atravessar a avenida Central.

A chuva varria a cidade.

— Posso ser eletrocutada lá em cima.

Os olhos de Hunt brilhavam enquanto ele lhe oferecia a mão.

— Ainda bem que está comigo.

Com todo aquele relâmpago nas veias, ela supôs que fosse verdade.

Bryce suspirou e franziu o cenho para seu vestido, os sapatos de salto de camurça preta que com certeza estragariam.

— Não estou usando roupas apropriadas para voar...

A frase terminou em um grito quando Hunt disparou com Bryce para o céu.

Ela se agarrou ao anjo, sibilando como uma gata.

— Precisamos voltar para buscar Syrinx antes de fechar.

Hunt planava sobre as ruas congestionadas e fustigadas pela chuva enquanto vanir e humanos se abrigavam debaixo de marquises e toldos para escapar do mau tempo. Os únicos nas ruas eram aqueles com guarda-chuvas ou escudos mágicos. Bryce enterrou o rosto no peito do anjo, como se aquilo pudesse protegê-la da água... e da incrível altura. O que conseguiu foi sentir o perfume dele lhe inundando o rosto e o calor daquele corpo contra a bochecha.

— Devagar — ordenou ela, os dedos cravados nos ombros e pescoço do anjo.

— Não seja boba — murmurou ele em seu ouvido, a intensidade daquela voz acariciando cada osso de seu corpo. — Olhe em volta, Quinlan. Aproveite a vista. — E acrescentou: — Gosto da cidade quando chove.

Como Bryce continuou com o rosto em seu peito, ele a apertou.

— Vamos — provocou, acima do barulho das buzinas e do cantar de pneus nas poças. Ele acrescentou, a voz quase um ronronar: — Compro um milk-shake se você olhar.

Os dedos da semifeérica se encolheram dentro do sapato com aquela voz baixa, provocante.

— Só pelo sorvete — resmungou ela, o que lhe rendeu uma risada do anjo, e abriu um dos olhos.

Ela se forçou a abrir também o outro. Agarrada aos ombros de Hunt com força o bastante para machucar, combatendo cada instinto que lhe gritava que se encolhesse, a semifeérica estreitou os olhos através da água que acertava seu rosto, olhando para a cidade além.

Na chuva, os prédios de mármore brilhavam como se feitos de pedra da lua, as ruas de paralelepípedos cinzentos pareciam polidas até um azul-prateado, salpicadas pelo dourado dos postes de primalux. À direita, o Portão do Coração, Bosque da Lua e CiRo se erguiam sobre a paisagem, como a corcova de alguma besta retorcida rompendo a superfície de um lago, o cristal das janelas cintilava como gelo derretido. Daquela altura, as avenidas que os ligavam — as linhas ley abaixo dos dois — cortavam a cidade como lanças.

O vento agitava as palmeiras, jogando as copas de um lado para o outro, seu sibilar quase abafava o ruído mal-humorado das buzinas dos motoristas presos no engarrafamento. Na verdade, a cidade inteira parecia ter parado por um momento; exceto por eles, que disparavam por cima de tudo.

— Nada mal, hein?

Bryce beliscou o pescoço de Hunt, e a risada em resposta lhe acariciou a orelha. Ela talvez tenha pressionado o corpo com mais força contra aquela sólida parede de músculos. O anjo talvez tenha intensificado o abraço, também. Apenas um pouco.

Em silêncio, os dois observavam os prédios mudarem de pedra antiga e tijolo para metal polido e vidro. Os carros ficaram mais sofisticados também — táxis detonados dando lugar a sedãs pretos com vidro fumê, motoristas de uniforme no banco da frente preguiçosamente aguardando em fila, do lado de fora de imponentes arranha-céus. Menos pessoas ocupavam ruas mais limpas... com certeza, não havia música ou restaurantes abarrotados de comida e bebida e riso. Aquele era um bolsão higienizado e organizado da cidade, onde a questão não era olhar em volta, mas para *cima*. Bem acima do escuro véu de chuva que coroava o topo dos prédios, luzes e espirais coloridas cintilantes pintavam as brumas. Um borrão vermelho brilhou à esquerda, e ela não precisou olhar para saber que vinha do quartel-general das Indústrias Redner. Bryce não havia visto ou tido notícias de Reid nos dois anos desde a morte de Danika; ele jamais lhe mandara condolências. Muito embora a própria Danika tenha trabalhado meio período na companhia. Babaca.

Hunt se dirigiu para um prédio sólido de concreto que Bryce tinha tentado apagar da memória e pousou

com suavidade em um balcão no segundo andar.

— Viktoria é um espectro — disse o anjo, enquanto abria as portas de vidro, mostrando algum tipo de crachá em um escâner.

Bryce quase respondeu *Eu sei*, mas apenas assentiu, seguindo-o porta adentro. Ela e Hunt mal haviam conversado sobre aquela noite. Sobre suas lembranças.

O ar-condicionado estava no máximo, e imediatamente Bryce se abraçou, os dentes tiritando com o choque de sair da tempestade para aquele frio gélido.

— Ande depressa. — Foi a única ajuda que Hunt lhe ofereceu, secando a chuva do rosto.

Um elevador apertado e dois corredores depois, Bryce se viu tremendo na soleira de um escritório espaçoso, com vista para um pequeno parque.

Observando enquanto Hunt e Viktoria apertavam as mãos por sobre a mesa de vidro curvo da espectro.

— Bryce Quinlan, esta é Viktoria Vargos. — Hunt gesticulou para ela.

A seu favor, Viktoria fingiu que era a primeira vez que a via.

Tanta coisa daquela noite parecia um borrão. Mas Bryce se lembrava da sala estéril. Ela se lembrava de Viktoria ter tocado aquela gravação.

Pelo menos, agora Bryce podia apreciar a beleza a sua frente: o cabelo escuro e a pele pálida e os

deslumbrantes olhos verdes eram um legado pangerano, falavam de vinhedos e palácios talhados em mármore. Mas a graça com que Viktoria se movia... A espectro devia ser velha como o Inferno para ter aquele tipo de beleza fluida. Para ser capaz de mexer o corpo de modo tão etéreo.

Um halo também havia sido tatuado em sua testa. Bryce disfarçou a surpresa... sua memória falhara em prover aquele detalhe. A semifeérica sabia que os duendes tinham lutado ao lado dos anjos na rebelião, mas não se dera conta de que outros não malakim haviam marchado sob o estandarte de Shahar Estrela da Manhã.

— Prazer — ronronou Viktoria, os olhos irradiando afabilidade.

De algum modo, Hunt parecia ainda mais gostoso ensopado de chuva, a camiseta realçando cada músculo firme, definido. Bryce estava muito ciente, conforme estendia a mão, de como o próprio cabelo estava colado na cabeça graças à chuva, e de como a maquiagem provavelmente tinha escorrido pelo rosto.

Viktoria pegou a mão de Bryce num aperto firme, mas amigável, e sorriu. Deu uma piscadela.

— Vik dá esse sorriso sedutor para qualquer um, então não se sinta lisonjeada — grunhiu Hunt.

Bryce se sentou em uma das duas cadeiras de couro preto em frente à mesa, pestanejando para Hunt.

— Ela faz o mesmo com você?

Viktoria soltou uma gargalhada, o som rico e adorável.

— Você mereceu essa, Athalar.

Hunt franziu o cenho, se jogando na outra cadeira... uma com o encosto baixo, Bryce percebeu, para acomodar as asas de um anjo.

— Isaiah disse que você descobriu alguma coisa — começou Hunt, cruzando o tornozelo sobre o joelho.

— Sim, embora não o que me pediu.

Viktoria contornou a mesa e entregou uma pasta a Bryce. Hunt se inclinou para espiar sobre seu ombro. A asa roçava a nuca da semifeérica, mas ele não a recolheu.

Bryce estreitou os olhos para a foto granulada, uma única pata no canto inferior direito.

— Isso é...

— Visto no Bosque da Lua na noite passada. Eu estava investigando flutuações de temperatura ao redor das principais avenidas, como você pediu, e notei uma queda... por apenas dois segundos.

— Uma invocação — disse Hunt.

— Sim — concordou Viktoria. — A câmera pegou somente esse pequeno detalhe da pata... o restante da criatura ficou fora de vista. Mas foi perto de uma avenida principal, como vocês suspeitavam. Temos mais algumas capturas pixeladas de outros locais

durante a noite, mas são ainda menores... uma garra, em vez de uma pata completa.

A foto estava desfocada, mas ali... aquelas garras afiadas que ela nunca esqueceria.

Precisou se controlar para não tocar a perna. Para não se lembrar daquelas presas translúcidas que a haviam rasgado.

Os dois a encaravam. À espera.

— É um demônio kristallos. — Bryce conseguiu dizer.

A asa de Hunt a envolveu um pouco mais, mas o anjo nada disse.

— Não consegui encontrar flutuações de temperatura na noite de cada um dos assassinatos — explicou Vik, a expressão sombria. — Mas encontrei algo quando Maximus Tertian morreu. A dez minutos e dois quarteirões de distância. Nenhum vídeo, mas foi a mesma queda de 7 graus, num intervalo de dois segundos.

— A coisa atacou alguém noite passada? — A voz de Bryce parecia um pouco distante até para os próprios ouvidos.

— Não — respondeu Viktoria. — Até onde sabemos.

Hunt continuava a estudar a imagem.

— O kristallos visitou algum lugar específico?

Viktoria apresentou outro documento. Um mapa do Bosque da Lua, cheio de parques amplos e

caminhos à beira do rio, vilas majestosas e complexos para vanir e alguns humanos ricos, pontilhado pelas melhores escolas e muitos dos mais sofisticados restaurantes da cidade. No centro: o Covil. Cerca de seis pontos vermelhos o rodeavam. A criatura havia se esgueirado entre seus imponentes muros. Bem no coração do território de Sabine.

— Solas Flamejante — arquejou Bryce, um arrepio gelado atravessando sua coluna.

— A besta teria encontrado uma maneira de invadir os muros do Covil se aquilo que caça estivesse ali dentro — refletiu Hunt, em voz baixa. — Talvez apenas seguisse um antigo rastro.

Bryce percorreu os pontos com os dedos.

— Nenhum padrão mais amplo, no entanto?

— Pesquisei no sistema, e nada surgiu além do que vocês já descobriram sobre a proximidade com as linhas ley, abaixo dessas estradas, e as variações de temperatura. — Viktoria suspirou. — Parece que a criatura está procurando alguma coisa. Ou alguém.

Sangue e osso e entranha, salpicado e retalhado e em nacos...

Vidro cortando seus pés; presas rasgando sua carne...

Dedos fortes e quentes agarraram sua coxa. Apertaram uma vez.

Mas, quando Bryce encarou Hunt, a atenção do anjo estava voltada para Viktoria... mesmo enquanto a

mão permanecia em sua coxa, a asa ligeiramente curvada ao seu redor.

— Como você perdeu a pista do demônio?

— Em um momento estava lá; no outro, desapareceu.

O polegar de Hunt acariciava a coxa de Bryce, logo acima do joelho. Um toque displicente, reconfortante.

Que a distraía demais enquanto Viktoria se inclinava para indicar outro ponto no mapa, os olhos verdes se erguendo mesmo que apenas para registrar a mão de Hunt. Prudência brilhou em seu olhar, mas ela disse:

— Essa foi a última localização conhecida, pelo menos até onde nossas câmeras puderam captar. — O Portão da Rosa, em CiRo. Nada próximo do território de Sabine. — Como já disse, em um momento estava lá, no outro havia desaparecido. Designei duas unidades diferentes e uma matilha das Tropas Auxiliares para caçá-lo, mas sem sucesso.

A mão de Hunt deslizou para longe da perna de Bryce, deixando apenas frio em seu lugar. Um olhar e a semifeérica viu o motivo: Viktoria agora sustentava o olhar do anjo, o da espectro carregado de censura.

Bryce tamborilou as unhas rosadas no braço cromado da cadeira.

Bem, pelo menos sabia o que fariam depois do jantar daquela noite.



A chuva não dava trégua.

Hunt não conseguia se decidir se era uma bênção, já que aquilo mantinha as ruas quase vazias, com exceção dos vanir afiliados à água, ou se era um puta de um azar, já que certamente a chuva lavaria qualquer possibilidade de encontrar o cheiro de um demônio à espreita nas ruas.

— Vamos... *embora* — grunhiu Bryce.

Encostado na parede ao lado da porta de entrada da galeria, o sol prestes a se pôr, Hunt cogitou pegar o telefone para filmar a cena à frente: Syrinx com as garras cravadas no carpete, uivando como louco, e Bryce tentando arrastá-lo pelas patas traseiras até a porta.

— É. Só. *Água* — grasnou ela, puxando de novo.

— *Eeettzzz!* — gemeu Syrinx em resposta.

Bryce tinha anunciado que os dois deixariam a quimera no apartamento antes de se dirigirem até CiRo para investigar.

A semifeérica grunhiu de novo, as pernas tensas com o esforço enquanto ela levantava a quimera.

— Nós. Vamos. Para. *Casa!*

O tapete verde começou a se erguer, unhas se soltando, conforme Syrinx se agarrava obstinadamente.

Cthona o livrasse. Bufando, Hunt fez um favor a Jesiba Roga antes que Syrinx passasse para os painéis de madeira e envolveu a quimera em uma brisa fresca. Cenho franzido em concentração, o anjo içou Syrinx do carpete, fazendo-o flutuar em um torvelinho de vento até seus braços.

Syrinx piscou para ele, então se eriçou, os pequenos dentes brancos à mostra.

— Nada disso, bestinha — disse Hunt, calmo.

Syrinx protestou, em seguida relaxou.

Hunt flagrou Bryce piscando também. Ele abriu um sorriso malicioso.

— Nem um pio?

Ela resmungou, as palavras abafadas pela noite chuvosa. Syrinx se retesou nos braços de Hunt quando eles saíram para a noite molhada, a semifeérica fechando e trancando a porta atrás deles. Ela mancava de leve. Como se o cabo de guerra com a quimera tivesse forçado ainda mais sua coxa.

Hunt manteve a boca fechada enquanto passava Syrinx para os braços de Bryce, a quimera praticamente abrindo buracos no vestido da semifeérica. O anjo sabia que a perna a incomodava. Sabia que tinha sido a causa, com seu grampeador de guerra. Mas, se ela ia bancar a estúpida e não cuidar do ferimento, então tudo bem. Tudo bem.

Não disse uma palavra conforme Bryce abraçava Syrinx, o cabelo já emplastrado na cabeça, e se aproximava. Hunt estava dolorosamente ciente de cada parte de seu corpo encostada a cada parte do corpo da semifeérica quando a pegou nos braços, bateu as asas e disparou para o céu tempestuoso, Syrinx bufando e sibilando.

Syrinx já os havia perdoado enquanto pingavam água, parados na cozinha, e Bryce acumulou pontos de redenção pela porção extra de ração que derramou em sua tigela.

Bryce trocou de roupa, escolhendo algo mais esportivo, e, trinta minutos depois, os dois estavam na frente do Portão da Rosa. Suas rosas, glicínias e incontáveis outras flores brilhavam com a chuva sob a primalux dos postes que ladeavam o anel viário ao redor. Alguns carros ziguezagueavam para desaparecer nas ruas da cidade, ou ao longo da avenida Central, que cruzava o portão e se transformava na longa e escura Estrada Oriental.

Hunt e Bryce estreitavam os olhos na chuva para esquadrinhar a praça, o portão, a rotatória.

Nenhuma pista do demônio que tinha se esgueirado pelos registros de Viktoria.

De rabo de olho, Hunt observou Bryce esfregar a coxa, controlando uma careta. Ele rangeu os dentes, mas engoliu a reprimenda.

Não tinha a menor vontade de ouvir outro sermão sobre comportamento alfa babaca opressor.

— Certo — disse Bryce, as pontas de seu rabo de cavalo cacheando com a umidade. — Já que você é o doente com dezenas de fotos de cenas de crime no celular, vou deixar a investigação por sua conta.

— Engraçadinha. — Hunt pegou o aparelho, fotografou a semifeérica, parada na chuva e emputecida, e em seguida abriu a foto que fizeram das várias imagens que Viktoria imprimira.

Bryce se aproximou para examinar a foto, o calor de seu corpo um chamado sedutor. Ele ficou perfeitamente imóvel, se recusando a atendê-lo, enquanto ela erguia a cabeça.

— Aquela câmera ali — disse ela, apontando para uma das dez colocadas apenas no portão. — Foi essa que captou o pequeno movimento.

Hunt assentiu, observando o Portão da Rosa e os arredores. Nenhum sinal de Sabine. Não que tivesse esperança de que a futura Prima se revelasse, conjurando demônios como algum charlatão

mambembe. Principalmente em um lugar tão visado, em geral abarrotado de turistas.

Séculos depois que os feéricos decidiram cobrir seu portão com flores e trepadeiras, o Portão da Rosa havia se tornado uma das principais atrações turísticas da cidade, com milhares de pessoas afluindo até a praça a cada dia, a fim de dar uma gota de poder em troca de um desejo no dial quase escondido sob a hera e para tirar fotos das deslumbrantes criaturinhas que agora faziam seus ninhos e casas dentro do emaranhado verde. Mas àquela hora, naquele tempo, até mesmo o Portão da Rosa estava silencioso. Escuro.

Bryce esfregou a maldita coxa outra vez. Hunt engoliu sua irritação e perguntou:

— Acha que o demônio saiu da cidade?

— Estou rezando para que não.

A larga Estrada Oriental cortava colinas ondulantes e ciprestes escuros. Algumas primaluces douradas pontilhavam o espaço, a única indicação das fazendas e vilas espalhadas pelos vinhedos, pastagens e olivais. Todos ótimos esconderijos.

Bryce se manteve por perto conforme atravessava a rua, na direção do coração do pequeno parque no centro da rotatória. Ela esquadrinhou as árvores molhadas de chuva ao redor.

— Nada?

Hunt começou a balançar a cabeça, mas parou. Viu alguma coisa do outro lado do círculo de

mármore em que se erguia o portão. Pegou o telefone, a luz da tela refletida nos ângulos marcantes de seu rosto.

— Talvez estejamos enganados. Sobre as linhas ley.

— O que quer dizer?

Mostrou a ela o mapa da cidade que havia baixado, traçando a avenida da Guarda com o dedo. Então a Central. Principal.

— O kristallos apareceu perto de todas essas ruas. Achamos que foi porque ficavam próximas às linhas ley. Mas nos esquecemos do que existe bem abaixo das ruas e permite que o demônio apareça e desapareça sem ninguém notar. O lugar perfeito para Sabine invocar algo e ordenar que se mova pela cidade.

Ele apontou para o outro lado do portão. Para uma grade de esgoto.

Bryce gemeu.

— Está de sacanagem.

* * *

— Deuses, como fede! — exclamou Bryce por sobre o som da água corrente abaixo, pressionando o rosto na dobra do cotovelo ao ajoelhar ao lado de Hunt e espiar o esgoto aberto. — Que merda.

Ensopado de chuva e ajoelhado na calçada sobre sabia lá Ogenas o que, o anjo disfarçou o sorriso

conforme o facho de sua lanterna varria os tijolos escorregadios do túnel em um movimento minucioso, em seguida o rio turvo, cheio graças a cachoeira de chuva que se derramava pelas grades.

— É um esgoto — argumentou ele. — O que esperava?

Ela o ignorou.

— Você é um guerreiro/investigador/dane-se. Não pode descer e achar alguma pista?

— Acha mesmo que Sabine deixaria um rastro assim tão fácil?

— Talvez haja alguma marca de garras ou qualquer coisa. — Ela examinou a pedra antiga. Hunt não entendia por que a semifeérica se incomodava. Havia marcas de garras e arranhões *por toda parte*.

— Não estamos em uma série criminal, Quinlan. Não é tão simples.

— Ninguém gosta de um babaca condescendente, *Athalar*.

A boca do anjo se curvou para cima. Bryce estudou a escuridão abaixo, pressionando os lábios, como se pudesse conjurar o kristallos ou Sabine por pura força de vontade. Ele já havia enviado uma mensagem a Isaiah e Vik para instalar câmeras extras no portão e na entrada do esgoto. Assim como outras na vizinhança. Se alguém se mexesse sequer um centímetro, eles saberiam. O anjo não ousava pedir que seguissem Sabine. Não ainda.

— Devíamos descer — declarou Bryce. — Talvez a gente consiga pegar o cheiro de Sabine.

— Você não fez a Descida — argumentou ele, com cautela.

— Me poupe dessa babaquice de proteção.

Inferno sombrio, aquela mulher!

— Não vou descer a não ser com uma tonelada a mais de armas. — Ele só havia levado duas pistolas e uma faca. — Com demônio ou sem demônio, se Sabine estiver aí embaixo...

O anjo podia superar Sabine em termos de poder, mas com os feitiços das bruxas tolhendo a potência de seus relâmpagos através da tinta do halo, suas mãos estavam atadas.

Então tudo se resumiria à força bruta e, embora a vantagem também fosse sua nesse quesito, Sabine era letal. Motivada. E traiçoeira como uma víbora.

Bryce franziu o cenho.

— Sei me cuidar.

Após vê-la no campo de tiro, tinha certeza daquilo.

— Não se trata de você, querida. E sim de *eu* não querer acabar morto.

— Não pode usar esse lance de relâmpago para nos proteger?

Hunt segurou o riso com o *lance de relâmpago*, mas disse:

— Tem água lá embaixo. Adicionar relâmpago à mistura não me parece inteligente.

Ela o encarou. Ele sustentou o olhar.

O anjo tinha a impressão de que havia passado em algum tipo de teste quando ela sorriu.

Evitando aquele pequeno sorriso, ele esquadrinhou o rio de sujeira correndo abaixo.

— Todos os esgotos desaguam no Istros. Talvez o povo das Muitas Águas tenha visto alguma coisa.

Bryce ergueu as sobrancelhas.

— Por que teriam?

— Um rio é um bom lugar para desovar um corpo.

— Mas o demônio só deixou sobras. A criatura, ou Sabine, não parece preocupada em escondê-los. Não se sua intenção faz parte de algum esquema para prejudicar Micah.

— Por enquanto é apenas uma teoria — argumentou Hunt. — Meu contato das Muitas Águas pode ter alguma informação.

— Então vamos até o cais. É mesmo mais provável que passemos despercebidos à noite.

— Mas duas vezes mais provável que encontremos um predador à caça de comida. Vamos esperar até amanhecer. — Os deuses sabiam que já tinham se arriscado demais indo até ali. Hunt colocou a tampa de esgoto no lugar com um *tum*. Deu uma olhada no rosto irritado e sujo e riu. Antes que pudesse refletir, confessou: — Eu me divirto com você, Quinlan. Apesar do quão terrível é esse caso, apesar de tudo, não me divertia assim fazia um tempo.

Desde *sempre*.

Ele poderia jurar que ela corou.

— Continue comigo, Athalar — disse ela, tentando limpar a sujeira das pernas e das mãos, consequência de se ajoelhar na entrada da grade —, e pode se livrar desse pau enfiado no rabo afinal.

Ele não respondeu. Houve apenas um *clique*.

A semifeérica se virou e o flagrou com o telefone na mão. Tirando uma foto sua.

O sorriso de Hunt era um talho branco na escuridão chuvosa.

— Prefiro ter um pau no rabo do que parecer um rato molhado.

* * *

Bryce usou a mangueira do telhado para lavar os sapatos, as mãos. Não queria levar a sujeira da rua para dentro de casa. Chegou ao ponto de obrigar Hunt a tirar as botas no corredor, e não parou para ver se ele planejava tomar uma chuveirada antes de correr para o próprio quarto e ligar a água em segundos.

Ela deixou as roupas em uma pilha no canto, ajustou a temperatura ao máximo que podia tolerar, e começou um processo de esfregar e ensaboar e esfregar um pouco mais. Ao se lembrar de como havia

se ajoelhado na rua imunda e inalado um baforada de ar de esgoto, ela se esfregou novamente.

Hunt bateu na porta vinte minutos depois.

— Não se esqueça de lavar entre os dedos.

Mesmo com a porta fechada, ela se cobriu.

— Vá se foder.

A risada do anjo retumbou sobre o barulho da água.

— Acabou o sabonete no quarto de hóspedes. Tem outra barra? — perguntou ele.

— Tem alguns no roupeiro do corredor. Pegue qualquer um.

Ele grunhiu um agradecimento e se foi um piscar de olhos depois. Bryce se lavou e ensaboou de novo. Nojento. Aquela cidade era tão nojenta. A chuva apenas piorava tudo.

Então Hunt bateu outra vez.

— Quinlan.

O tom sério a fez fechar a água.

— Qual o problema?

Ela enrolou a toalha em volta do corpo, deslizando pelo chão de mármore até chegar à porta. Hunt estava sem camisa, apoiado na maçaneta do quarto de Bryce. Até teria admirado os músculos que o cara exibia se aquele rosto não ostentasse uma expressão séria como o Inferno.

— Quer me dizer alguma coisa? — perguntou ele.

Ela engoliu em seco, examinando o anjo da cabeça aos pés.

— Sobre?

— Sobre que porra é essa? — Ele estendeu a mão. Abriu o grande punho.

Um brilhante unicórnio roxo na palma.

Ela pegou o brinquedo de sua mão.

— Por que está xeretando minhas coisas? — perguntou Bryce, enquanto os olhos castanho-escuros do anjo faiscavam com zombaria.

— Por que tem uma caixa de unicórnios no roupeiro?

— Este é um unicórnio *Pégaso*. — Ela acariciou a crina lilás. — Geleia Geladinha.

Ele apenas a encarou. Bryce empurrou-o e foi para o corredor, onde a porta do roupeiro estava aberta, a caixa de brinquedos agora em uma das prateleiras mais baixas. Hunt a seguiu. Ainda sem camisa.

— O sabonete está *bem ali* — disse ela, apontando a pilha na altura dos olhos dele. — E, ainda assim, você pegou uma caixa da prateleira mais alta?

Podia jurar que as bochechas do anjo coraram.

— Vi glitter roxo.

Ela piscou.

— Você achou que era um brinquedo erótico, não achou?

Hunt não disse nada.

— Acha que guardo o vibrador no meu *roupeiro*?

Ele cruzou os braços.

— O que quero saber é por que tem uma caixa dessas coisas.

— Porque adoro unicórnios. — Com gentileza, ela colocou Geleia Geladinha na caixa, mas pegou um brinquedo laranja e amarelo. — Este é meu Pégaso, Delícia de Pêssego.

— Você tem 25 anos.

— E? São brilhantes e molinhos. — Ela deu um leve apertão em Delícia de Pêssego, em seguida o guardou de volta na caixa e pegou um terceiro, um unicórnio de patas longas, com pelagem verde-menta e crina cor-de-rosa. — E esta é Princesa Profiterole. — A semifeérica quase riu da justaposição enquanto segurava o brinquedo cintilante na frente do Umbra Mortis.

— O nome nem combina com as cores. E essa obsessão com nomes de doce?

Bryce passou o dedo sobre o glitter roxo salpicado no flanco do boneco.

— É que eles são tão fofos que dá vontade de comer. O que fiz, quando tinha 6 anos.

A boca do anjo tremeu.

— Você não fez isso.

— O nome dele era Mousse de Abacaxi, e as pernas eram tão macias e cintilantes que não consegui resistir e simplesmente... dei uma mordida. Acontece que o interior é mesmo feito de geleia. Mas não do

tipo comestível. Minha mãe precisou chamar o centro de controle toxicológico.

Ele examinou a caixa.

— E ainda os guarda porque...?

— Porque me alegram. — Diante do olhar perplexo de Hunt, ela acrescentou: — Certo. Se quer chegar ao fundo disso, Athalar, o único momento em que as outras crianças não me tratavam como uma aberração era quando eu brincava com eles. Os cavalos Extravagância de Estrelas eram o brinquedo número um na lista de desejos das meninas para o Solstício de Inverno quando eu tinha 5 anos. E *não* eram todos iguais. A pobre Princesa Profiterole aqui era comum como um sapo. Mas Geleia Geladinha... — Ela sorriu para o unicórnio roxo, para a memória que ele despertava. — Minha mãe deixou Nidaros, pela primeira vez em anos, para comprá-la em uma das grandes cidades a duas horas de distância. O derradeiro troféu da Extravagância de Estrelas. Não apenas um unicórnio ou um Pégaso... mas *as duas coisas*. Mostrei esse bebê na escola e fui imediatamente aceita.

Os olhos do anjo brilhavam conforme ela gentilmente depositava a caixa na prateleira mais alta.

— Jamais vou rir deles outra vez.

— Ótimo. — A semifeérica se virou para ele, lembrando que ainda estava apenas de toalha e que ele ainda estava sem camisa. Pegou uma embalagem

de sabonete e jogou para o anjo. — Aqui. Da próxima vez que quiser verificar meus vibradores, é só perguntar, Athalar. — Ela indicou a porta de seu quarto com a cabeça e piscou. — Estão na mesinha da esquerda.

Outra vez, as bochechas do anjo coraram.

— Eu não estava... você é um pé no saco, sabia?

Bryce fechou o roupeiro com o quadril e rebolou de volta a seu quarto.

— Prefiro ser um pé no saco — disse ela, maliciosa, por sobre o ombro nu — que um pervertido enxerido.

O rosnado do anjo a seguiu todo o caminho até o banheiro.



À luz da manhã, o rio Istros brilhava com um azul intenso, as águas cristalinas o bastante para revelar os detritos espalhados entre as rochas pálidas e as gramíneas ondulantes. Séculos de artefatos da Cidade da Lua Crescente enferrujavam em seu leito, garimpados incessantemente pelas diversas criaturas que ganhavam a vida catando o lixo jogado no rio.

Havia boatos de que as autoridades municipais, certa vez, tentaram instituir multas rígidas para qualquer um que fosse flagrado jogando lixo no rio, mas os catadores tinham descoberto e feito tamanho escarcéu que a Rainha do Rio não teve escolha a não ser derrubar a lei quando ela foi oficialmente proposta.

Acima da água, anjos, bruxas e metamorfos alados planavam, evitando a bruma sombria do Quarteirão dos Ossos. A chuva da noite anterior tinha se

dispersado em um agradável dia de primavera; nenhum sinal do brilho das luzes que, com frequência, dardejavam abaixo da superfície do rio, visíveis somente ao cair da noite.

Bryce franziu o cenho para o crustáceo — algum tipo de siri-azul imenso — que esquadrinhava o caminho pelo chão ao lado do cais de pedra e remexia em uma pilha de garrafas de cerveja. Os restos da orgia de bebidas da noite anterior.

— Já visitou a cidade das sereias?

— Não. — Hunt farfalhou as asas, uma delas roçando o ombro da semifeérica. — Fico feliz em me manter sobre a superfície. — A brisa do rio soprava, gélida apesar do dia quente. — E você?

Ela esfregou os braços por sobre a velha e macia jaqueta de couro de Danika, tentando aquecê-los.

— Nunca fui convidada.

A maioria das pessoas jamais seria. O povo do rio era notoriamente reservado, sua cidade submersa — a Corte Azul — um lugar que poucos habitantes da terra firme veriam um dia. Um submarino de vidro fazia o trajeto diariamente, e os passageiros viajavam somente a convite. Nem mesmo aqueles que possuíam a capacidade pulmonar ou meios artificiais para nadar até lá eram estúpidos o bastante para fazer isso. Não com o que espreitava naquelas águas.

Uma cabeça de cabelo castanho-avermelhado irrompeu na superfície algumas centenas de metros à

frente, e um musculoso braço parcialmente coberto de escamas acenou antes de desaparecer, os dedos terminados em cinzentas unhas afiadas, cintilantes ao sol.

Hunt olhou para Bryce.

— Conhece alguma sereia?

Bryce curvou o canto da boca.

— Tinha uma no meu dormitório no primeiro ano da UCLC. Mais baladeira do que todas nós juntas.

Sereias e tritãos conseguiam se metamorfosear em humanos completos por curtos períodos, mas, quando o faziam por muito tempo, a transformação se tornava permanente, as escamas secavam e se desmanchavam como pó e as guelras se encolhiam até sumir. A sereia do dormitório de Bryce tinha conseguido um quarto com uma imensa banheira, e assim não precisava interromper os estudos para retornar ao Istros uma vez ao dia.

Ao fim do primeiro mês de curso, ela havia transformado o quarto em um salão de festas. Festas a que Bryce e Danika compareciam alegremente, Connor e Thorne a reboque. No final daquele ano, todo o andar ficara tão detonado que cada um deles recebeu uma polpuda multa pelos danos.

Bryce se certificara de interceptar a carta antes que os pais a pegassem na caixa de correios, e discretamente pagou a multa com os marcos que

havia economizado trabalhando na sorveteria da cidade durante o verão.

Sabine tinha recebido a carta, pagado a multa e obrigado Danika a passar o restante das férias catando lixo nos Prados.

Aja como lixo, dissera ela à filha, *e pode passar seus dias com ele.*

Naturalmente, Bryce e Danika haviam se fantasiado de latas de lixo na celebração do Equinócio de Outono do ano seguinte.

A água do Istros estava límpida o bastante para que Bryce e Hunt acompanhassem o progresso do poderoso corpo do macho, as escamas marrom-avermelhadas da longa cauda refletindo a luz como cobre queimado. Listras pretas as cruzavam, uma padronagem que se estendia ao torso e aos braços. Como se fosse um tigre aquático. A pele nua dos antebraços e do peito parecia bem bronzeada, o que sugeria horas passadas perto da superfície ou se banqueteando ao sol sobre as rochas de alguma caverna escondida ao longo da costa.

A cabeça do macho surgiu novamente na superfície e as mãos em garra afastaram do rosto o cabelo ruivo na altura do queixo conforme abria um sorriso para Hunt.

— Há quanto tempo.

* * *

Hunt sorriu para o tritão que boiava na água.

— Fico feliz que não esteja ocupado demais com o novo título para dar um alô.

O macho ignorou o comentário com um aceno, e Hunt chamou Bryce para a frente.

— Bryce, esse é Tharion Ketos. — Ela se aproximou da beirada de concreto do cais. — Um velho amigo.

Tharion sorriu mais uma vez para Hunt.

— Não tão velho quanto você.

Bryce abriu um meio-sorriso para o tritão.

— Prazer em conhecê-lo.

Os olhos castanho-claros de Tharion brilharam.

— O prazer, Bryce, é todo meu.

Que os deuses lhe dessem paciência. Hunt pigarreou.

— Viemos em missão oficial.

Tharion nadou os metros restantes até o cais, derrubando o crustáceo na imensidão azul com um displicente golpe da cauda. Apoiando as mãos com garras no concreto, içou com facilidade o forte corpo para fora d'água, as guelras abaixo das orelhas se fechando enquanto delegavam o controle da respiração ao nariz e à boca. Ele indicou o agora molhado concreto ao seu lado e piscou para Bryce.

— Sente-se, pernuda, e me conte tudo.

Bryce bufou uma risada.

— Você é encrenca.

— Na verdade, encrenca é meu nome do meio.

Hunt revirou os olhos. Mas Bryce se sentou ao lado do macho, aparentemente sem se importar que o vestido verde que usava por baixo da jaqueta de couro acabasse, com certeza, ensopado. Ela descalçou os sapatos de salto bege e mergulhou os pés na água, chapinhando suavemente. Em condições normais, Hunt a teria arrastado da beira do rio e avisado que seria sortuda se perdesse apenas a perna por enfiar o pé na água. Mas, com Tharion ao lado, nenhum dos habitantes do rio ousaria se aproximar.

— Faz parte da 33ª ou do Auxiliar? — perguntou Tharion a Bryce.

— Nenhum dos dois. Estou trabalhando com Hunt como consultora em um caso.

— O que seu namorado pensa de você estar trabalhando com o infame Umbra Mortis? — cantarolou o tritão.

Hunt se sentou do outro lado do macho.

— Bem sutil, Tharion.

No entanto, um sorriso largo brotou nos lábios de Bryce.

Quase igual ao que ela abrira para Hunt naquela manhã, quando o anjo enfiou a cabeça no quarto da semifeérica para ver se ela já estava pronta. Os olhos dele, óbvio, foram direto para a mesinha de cabeceira da esquerda. E, então, aquele sorriso se tornou ferino,

como se ela soubesse exatamente no que ele estava pensando.

Com certeza, Hunt não estava à procura de nenhum brinquedo erótico quando abriu o roupeiro na noite anterior. Ele apenas havia vislumbrado um brilho roxo e — bem, talvez a ideia tenha lhe passado pela cabeça — pegado a caixa sem nem mesmo pensar.

E agora que ele sabia onde aquilo estava, não conseguia evitar olhar para aquela mesinha e imaginar Bryce ali, naquela cama, encostada nos travesseiros e...

O pensamento pode ter atrapalhado um pouco seu sono na noite anterior.

Tharion se reclinou, apoiado nas mãos, exibindo os músculos abdominais.

— O que foi que eu disse? — perguntou, inocentemente.

Bryce riu, sem tentar disfarçar a óbvia admiração pelo corpo definido do tritão.

— Não tenho namorado. Quer o emprego?

Tharion abriu um sorriso malicioso.

— Gosta de nadar?

E aquilo foi tudo que Hunt conseguiu suportar com apenas uma xícara de café no estômago.

— Sei que está ocupado, Tharion — disse Hunt entre dentes, irritado o bastante para que Tharion

desviasse a atenção de Bryce. — Por isso vou ser rápido.

— Ah, leve o tempo que precisar — retrucou Tharion, os olhos brilhando diante daquele desafio masculino. — A Rainha do Rio me deu a manhã de folga, então sou todo seu.

— Você trabalha para a Rainha do Rio? — indagou Bryce.

— Sou um simples peão em sua corte, mas sim.

Hunt se inclinou para encarar Bryce.

— Tharion acaba de ser promovido a Capitão da Inteligência. Não se deixe enganar por seu charme e irreverência.

— Charme e irreverência são minhas qualidades favoritas — confessou Bryce, piscando para Tharion daquela vez.

O sorriso do tritão se alargou.

— Cuidado, Bryce. Posso decidir que gosto de você e carregá-la para as Profundezas.

Hunt lançou um olhar de advertência para Tharion. Alguns tritões tinham feito justamente aquilo, havia muito tempo. Carregado noivas humanas para suas cortes submersas e as mantido ali, presas dentro de imensas bolhas que abarcavam palácios e cidades, incapazes de voltar à superfície.

Bryce ignorou a terrível história.

— Temos algumas perguntas para você, tudo bem?

Tharion gesticulou de maneira indolente com os dedos encimados por garras e entremeados por membranas. As características das sereias eram variadas e vibrantes: coloração diversa — listras ou pintas ou cores sólidas —, caudas de barbatanas finas ou curtas, ou translúcidas. A magia em grande parte se relacionava ao elemento em que viviam, embora algumas pudessem conjurar tempestades. A Rainha do Rio, parte sereia, parte espírito fluvial, podia invocar coisa pior, diziam. Possivelmente, purgar toda Lunathion, se provocada.

De acordo com a lenda, era filha de Ogenas, nascida do Todo-Poderoso Rio Que Abraça O Mundo, e irmã da Rainha do Oceano, a reclusa monarca dos cinco grandes mares de Midgard. Havia cinquenta por cento de chance de que o lance de deusa fosse verdadeiro no caso da Rainha do Rio, supunha Hunt. Mas, ainda assim, os moradores da cidade tentavam ao máximo não a irritar. Até mesmo Micah mantinha uma saudável e respeitosa relação com ela.

— Viu algo incomum nos últimos tempos? — perguntou Hunt.

A cauda de Tharion se agitou preguiçosamente na água cristalina.

— Que tipo de caso é esse? Assassinato?

— Sim — respondeu Hunt.

O rosto de Bryce se anuviou.

As garras de Tharion tamborilaram no concreto.

— Um serial killer?

— Apenas responda à pergunta, babaca.

Tharion espiou Bryce.

— Se ele falar com você assim, espero que lhe dê um chute no saco.

— Ela adoraria — murmurou Hunt.

— Hunt já aprendeu o que acontece quando me irrita — disse Bryce, com doçura.

O sorriso de Tharion era ardiloso.

— *Essa* história eu gostaria de ouvir.

— Claro que gostaria — resmungou Hunt.

— Isso tem a ver com o fato de a Rainha Víbora ter recolhido seu pessoal na outra semana?

— Sim — admitiu Hunt, cauteloso.

Os olhos de Tharion ficaram sombrios, um lembrete de que o macho podia ser letal quando a ocasião exigia e de que havia um bom motivo para as criaturas do rio não se meterem com as sereias.

— Alguma merda sinistra está rolando, não é?

— Estamos tentando impedir — respondeu o anjo.

O tritão assentiu, soturno.

— Vou perguntar por aí.

— Seja discreto, Tharion. Quanto menos pessoas souberem que algo está acontecendo, melhor.

Tharion deslizou de volta para a água, outra vez perturbando o pobre caranguejo que havia voltado a escalar o cais. A poderosa cauda do macho se agitou,

mantendo-o no lugar com facilidade enquanto ele estudava Hunt e Bryce.

— Devo pedir a minha rainha que também tire seu pessoal de circulação?

— Não é um padrão por enquanto — respondeu Hunt. — Mas não custa avisar.

— Devo avisá-la de quê?

— Um demônio da velha-guarda chamado kristallos — respondeu Bryce, baixinho. — Um monstro vindo direto do Fosso, criado pelo próprio Comedor de Estrelas.

Tharion ficou calado por um instante, o rosto bronzeado empalidecendo. Então...

— Merda. — Ele passou uma das mãos pelo cabelo. — Vou perguntar por aí — prometeu novamente.

Mais adiante, no rio, uma movimentação chamou a atenção de Hunt. Um Veleiro preto boiava na direção da bruma do Quarteirão dos Ossos.

No Cais Negro, destacado do litoral brilhante da cidade como uma espada sombria, um grupo enlutado se reunia embaixo dos arcos retintos, rezando para que o barco levasse o caixão de pinho em segurança através das águas.

Ao redor da embarcação de madeira, largos dorsos com escamas rompiam a superfície, serpenteando e rondando. À espera do julgamento final... e do almoço.

Tharion seguiu o olhar de Hunt.

— Aposto cinco marcos que vira.

— Isso é revoltante — sibilou Bryce.

Tharion chicoteou a cauda, brincalhão, molhando as pernas de Bryce.

— Não vou apostar quando seu veleiro passar, pernuda. Prometo. — O tritão jogou um pouco de água em Hunt. — E já sabemos que a porra de *seu* barco vai virar assim que zarpar.

— Engraçadinho.

Atrás deles, uma lontra com um colete refletivo amarelo saltou adiante, um tubo de mensagem selado com cera firme nas presas. Mal olhou para o grupo antes de mergulhar no rio e desaparecer. Bryce mordeu o lábio, deixando escapar um gritinho agudo.

Era difícil resistir aos destemidos mensageiros peludos, até mesmo para Hunt. Embora fossem animais de verdade, não metamorfos, possuíam um excepcional grau de inteligência, graças à magia antiga em suas veias. Haviam encontrado seu lugar na cidade como emissários de comunicados analógicos entre aqueles que viviam nos três reinos que compunham a Cidade da Lua Crescente: as sereias do Istros, os ceifadores do Quarteirão dos Ossos e os residentes de Lunathion propriamente ditos.

Tharion riu ante o puro deleite no rosto de Bryce.

— Acha que os ceifadores caem de amor por eles também?

— Aposto que até mesmo o Sub-Rei dá gritinhos ao vê-los — respondeu Bryce. — São parte do motivo pelo qual quis me mudar para cá, em primeiro lugar.

Hunt ergueu uma sobrancelha.

— Sério?

— Eu os vi quando criança e pensei que eram a coisa mais mágica que já havia encontrado. — Os olhos dela brilhavam. — Ainda acho.

— Levando em conta sua linha de trabalho, é uma declaração e tanto.

Tharion inclinou a cabeça na direção da dupla.

— E qual a natureza desse trabalho?

— Antiguidades — respondeu Bryce. — Se algum dia encontrar algo interessante nas profundezas, me avise.

— Vou mandar uma lontra exclusiva.

Hunt se levantou, oferecendo uma das mãos para que Bryce fizesse o mesmo.

— Nos mantenha informados.

Tharion o saudou, irreverente.

— A gente se esbarra por aí — disse ele, as guelras se abrindo, e submergiu.

Bryce e Hunt o observaram nadar até o coração do rio, seguindo o mesmo caminho da lontra, então mergulhar mais fundo, mais fundo... até as faiscantes luzes à distância.

— Ele é um sedutor — murmurou Bryce enquanto Hunt a puxava, a outra mão do anjo a segurando pelo

cotovelo, o calor a queimando mesmo através do couro da jaqueta.

— Espere até vê-lo em sua forma humana. Causa comoção.

Ela gargalhou.

— Como se conheceram?

— Tivemos uma série de assassinatos de sereias ano passado. — Os olhos da semifeérica se anuviaram com a lembrança. A imprensa inteira havia noticiado. — A irmã caçula de Tharion foi uma das vítimas. Relevante o bastante para que Micah me recrutasse para ajudar. Tharion e eu trabalhamos juntos no caso pelas poucas semanas que a coisa durou.

Micah havia baixado a dívida de Hunt em *três* com aquele caso.

Ela estremeceu.

— Foram vocês que pegaram o assassino? A mídia jamais divulgou... só disseram que ele havia sido preso. Nada mais... nem mesmo a identidade.

Hunt soltou o cotovelo de Bryce.

— Fomos nós. Um metamorfo pantera renegado. Eu o entreguei a Tharion.

— Imagino que a pantera jamais tenha chegado à Corte Azul.

O anjo estudava a superfície brilhante do rio.

— Não, não chegou.

* * *

— Bryce está sendo boazinha com você, Athie?

— Ah, por favor — resmungou a semifeérica, sentada à mesa da recepção da sala de exibição da galeria. Então, continuou repassando a papelada que Jesiba havia lhe enviado.

Hunt, esparramado na cadeira a sua frente, o retrato da arrogância angelical, apenas perguntou à duende de fogo que espreitava pela porta de ferro:

— O que você faria se eu dissesse que não, Lehabah?

A duende flutuava na soleira, sem ousar entrar no salão. Não quando Jesiba provavelmente a veria.

— Queimaria todos os lanches de Bryce por um mês.

Hunt riu, o som deslizando pelos ossos da semifeérica. A contragosto, Bryce sorriu.

Alguma coisa pesada caiu, a batida audível até mesmo no andar acima da biblioteca, e Lehabah disparou pelas escadas, sibilando.

— *Livro feio!*

Bryce encarou Hunt conforme o anjo folheava as fotos do demônio tiradas algumas noites antes. O cabelo lhe cobria a testa, as mechas cor de zibelina brilhando como seda negra. Os dedos da semifeérica se curvaram sobre o teclado.

Hunt levantou a cabeça.

— Precisamos de mais informação sobre Sabine. O fato de que ela trocou a gravação do roubo do chifre

do templo é suspeito. E o que ela disse na sala de observação naquela noite é bem suspeito também. Mas isso não significa que ela seja uma assassina. Não posso envolver Micah sem uma prova concreta.

Ela esfregou a nuca.

— Ruhn também não conseguiu nenhuma pista do paradeiro do chifre para que possamos atrair o kristallos.

Silêncio. Hunt cruzou o tornozelo sobre o joelho, em seguida esticou o braço na direção da cadeira ao lado, onde Bryce havia largado a jaqueta de Danika por preguiça de pendurá-la.

— Vi Danika vestindo isso em uma foto no quarto de hóspedes. Por que ainda guarda?

Bryce suspirou, grata pela mudança de assunto.

— Danika costumava deixar as coisas dela no armário da sala de exibição em vez de se preocupar em levar de volta ao apartamento ou ao Covil. Ela tinha deixado a jaqueta aqui naquele dia... — Ela suspirou de novo, e olhou para o banheiro nos fundos do cômodo, onde Danika havia se trocado poucas horas antes de sua morte. — Eu não queria dá-la a Sabine. Ela teria lido a inscrição e a jogado no lixo.

Hunt pegou a jaqueta.

— Por amor, tudo é possível. — Leu.

Bryce assentiu.

— A tatuagem em minhas costas diz o mesmo. Bem, em algum alfabeto chique que ela desenterrou

on-line... Danika era obcecada por essa frase. Ao que parece, foi tudo que o Oráculo lhe disse. O que não faz o menor sentido, já que Danika era a pessoa menos sentimental que já conheci, mas... — Bryce brincou com o amuleto em seu pescoço, deslizando-o pelo cordão. — Alguma coisa na frase a tocava. Então, depois que ela morreu, fiquei com a jaqueta. E comecei a usá-la.

O anjo devolveu a jaqueta à cadeira com cuidado.

— Entendo... de objetos pessoais. — Parecia que ele não falaria mais nada, mas então continuou: — Sabe aquele boné de solebol que você ridicularizou?

— Eu não ridicularizei. Só acho que você não parece o tipo de macho que usa essas coisas.

Ele riu entre dentes de novo... daquele jeito que acariciava sua pele.

— Aquele boné foi a primeira coisa que comprei quando cheguei à cidade. Com o primeiro pagamento que recebi de Micah. — O canto de sua boca se curvou para cima. — Eu o vi em uma loja de artigos esportivos, e parecia tão comum. Não faz ideia de como Lunathion é diferente da Cidade Eterna. De qualquer coisa em Pangera. E aquele boné...

— Representava isso?

— Sim. Parecia um recomeço. Um passo na direção de uma existência mais normal. Bem, tão normal quanto uma existência que alguém como eu pode ter.

Ela se controlou para não olhar para o punho do anjo.

— Então... você tem seu boné, e eu, minha Geleia Geladinha.

O sorriso de Hunt iluminou as sombras da galeria.

— Estou surpreso que não tenha uma tatuagem da Geleia Geladinha em algum lugar. — Os olhos a acariciaram, se demorando no curto e justo vestido verde.

Os dedos do pé da semifeérica se contraíram.

— Quem disse que não tenho uma em um lugar que não pode ver, Athalar?

Ela o observou repassar tudo o que *já* havia visto. Desde que ele tinha se mudado para seu apartamento, Bryce deixara de desfilar de lingerie enquanto se vestia, mas sabia que o anjo a havia visto pela janela nos dias anteriores. Sabia que ele se dava conta de que havia um número limitado, e muito íntimo, de locais onde outra tatuagem podia estar escondida.

Bryce era capaz de jurar que a voz de Hunt havia caído uma oitava ou duas ao perguntar:

— Tem?

Se fosse qualquer outro macho, ela teria respondido: *Por que não vem descobrir?*

Se fosse qualquer outro macho, ela já estaria do outro lado da mesa. Sentada em seu colo. Desabotoando sua calça. E, então, empalada em seu

pau, cavalgando-o até que estivessem ambos gemendo e sem fôlego e...

Ela se obrigou a voltar a atenção para a papelada.

— Há alguns poucos machos que podem responder a essa pergunta, se está curioso. — Como sua voz soou tão firme, não fazia ideia.

Mas os olhos do anjo continuaram fixos em Bryce, queimando-a como ferro em brasa.

O coração trovejava em seu peito. Perigoso, estúpido, imprudente...

Hunt soltou um suspiro longo, tenso. A cadeira que ocupava gemeu enquanto ele se mexia, as asas farfalhando. Ela ainda não ousava encará-lo. Sinceramente, não sabia o que faria caso o olhasse.

Mas, então, Hunt disse, a voz rouca:

— Precisamos nos concentrar em Sabine.

Ouvir aquele nome foi como levar um banho de água fria.

Certo. Sim. Claro. Sarrar o Umbra Mortis não era uma possibilidade. Os motivos começavam com o luto dele por um amor perdido e terminavam com o fato de que o anjo era propriedade do maldito governador. Com um milhão de outros obstáculos no meio.

Ela ainda não conseguia encará-lo quando Hunt perguntou:

— Alguma ideia de como conseguir mais informações sobre ela? Mesmo que apenas um

vislumbre de seu atual estado de espírito?

Sentindo necessidade de ocupar as mãos, o corpo muito quente, Bryce imprimiu, em seguida assinou e datou, a papelada que Jesiba havia enviado.

— Não podemos levar Sabine para um interrogatório oficial sem que ela saiba que estamos na sua cola — argumentou Bryce, enfim encarando Hunt.

O rosto do anjo parecia afogueado, e os olhos... Solas Flamejante, os olhos escuros faiscavam, completamente fixos em seu rosto. Como se estivesse pensando em tocá-la.

Prová-la.

— Ok — disse ele, sem rodeios, passando a mão pelo cabelo. Os olhos se acalmaram, o fogo em suas profundezas se extinguindo. Graças aos deuses.

Uma ideia a assaltou, e Bryce disse, em uma voz estrangulada, o estômago se contorcendo de ansiedade:

— Então acho que temos de levar as perguntas até Sabine.



O Covil dos Lobos, no Bosque da Lua, ocupava dez quarteirões da cidade, uma vila espaçosa construída ao redor de um emaranhado de floresta e grama, que a lenda dizia estar ali desde antes de qualquer um chegar àquelas terras. Através dos portões de ferro embutidos nos imponentes arcos de calcário, Bryce podia vislumbrar o parque privado, onde o sol da manhã instigava as flores dormentes a desabrochar para o dia. Filhotes de lobo criavam laços, pulando uns nos outros, perseguindo as próprias caudas, vigiados pelos anciãos grisalhos cujos dias brutais no Aux tinham ficado para trás.

Bryce sentiu o estômago embrulhar, grata por ter dispensado o café da manhã. Mal havia dormido naquela noite, enquanto pensava e repensava o plano. Hunt tinha se oferecido para fazer aquilo, mas ela

recusara. Já tinha ido até ali... precisava criar coragem. Por Danika.

Em seu habitual traje de batalha, Hunt tinha parado a um passo de distância, em silêncio, como se mantivera por todo o caminho até ali. Parecia saber que ela mal conseguia impedir o tremor nas pernas. Devia ter calçado um par de tênis. A altura de seus saltos havia irritado o ferimento em sua coxa. A dor a fez cerrar os dentes conforme se apresentavam diante do Covil.

Hunt fixou o olhar nas quatro sentinelas posicionadas nos portões.

Três fêmeas, um macho. Todos na forma humana, todos de preto, todos armados com pistolas e espadas embainhadas às costas. Uma tatuagem de uma rosa cor de ônix, com três marcas de garras rasgando as pétalas, adornava a lateral de seus pescoços, identificando-os como membros da Matilha da Rosa Negra.

Bryce sentiu um peso no estômago ao ver o punho das espadas sobre os ombros da armadura. Mas ela afastou a lembrança de uma trança platinada, com fios roxos e cor-de-rosa, sempre emaranhados no cabo da antiga e preciosa lâmina.

Embora jovem, a Matilha dos Demônios fora reverenciada como os mais talentosos lobos em gerações. Guiados pela mais poderosa alfa a agraciar o solo de Midgard.

A Matilha da Rosa Negra não chegava nem perto. Nem um maldito passo.

Os olhos dos lobos faiscavam com deleite predatório quando avistaram Bryce.

A boca da semifeérica secou. E se tornou absolutamente árida conforme uma quinta loba emergia da guarita de vidro à esquerda do portão.

O cabelo escuro da alfa estava preso numa trança, o que destacava os ângulos incisivos de seu rosto enquanto ela encarava Bryce e Hunt com desdém. Disfarçadamente, a mão de Hunt tocou a faca na bainha da coxa.

— Oi, Amelie — cumprimentou Bryce, do modo mais casual que foi capaz.

Amelie Ravenscroft arreganhou os dentes.

— O que diabo você quer?

Hunt devolveu o rosnado.

— Viemos ver o Primo. — Ele mostrou seu distintivo da legião, o dourado refletindo o sol. — Em nome do governador.

Amelie desviou os olhos amarelos para Hunt, para o halo tatuado. Para sua mão na faca e para o *SPQM* que, com certeza, sabia estar tatuado no lado interno do punho. Seus lábios se franziram.

— Bem, pelo menos você arrumou uma companhia interessante, Quinlan. Danika teria aprovado. Que inferno, talvez vocês tivessem fodido com ele juntas. — Amelie apoiou um dos ombros na

lateral da guarita. — Costumavam fazer isso, certo? Ouvi falar de vocês e aqueles dois daemonaki. Clássico.

Bryce sorriu com suavidade.

— Na verdade, foram três daemonaki.

— Vadia estúpida — rosnou Amelie.

— Cuidado — rugiu Hunt em resposta.

Os lobos da matilha de Amelie se reuniram às costas da alfa, encarando Hunt e mantendo distância. Aparentemente, aquela era uma das vantagens de andar com o Umbra Mortis.

Amelie riu, um som carregado de ódio. Não apenas de Bryce, a semifeérica percebeu. Mas dos anjos. As Casas de Terra e Sangue e Céu e Sopro eram rivais em um dia bom, inimigas em um não tão bom.

— Ou o quê? Vai usar seu relâmpago em mim? — rebateu ela. — Se o fizer, vai se meter em tanta merda que seu *mestre* vai enterrá-lo vivo. — Um ligeiro sorriso para a tatuagem na testa de Hunt.

O anjo se retesou. E, por mais interessante que fosse enfim testemunhar como Hunt Athalar matava, sua presença ali tinha um motivo. Então Bryce disse para a líder da alcateia:

— Você é um doce, Amelie Ravenscroft. Passe um rádio para sua chefe e diga que estamos aqui para ver o Primo. — Ela ergueu as sobrancelhas para enfatizar o desprezo que sabia que irritaria a alfa.

— Feche essa sua boca — disse Amelie. — Antes que eu arranque sua língua.

— Por que não vai foder alguém em um banheiro, Quinlan? — provocou um lobo de cabelo castanho parado atrás de Amelie.

Ela bloqueou cada palavra. Mas Hunt bufou uma gargalhada, a promessa de ossos quebrados.

— Mandei tomar cuidado.

— Vá em frente, anjo — zombou Amelie. — Vejamos o que pode fazer.

Bryce mal podia se mexer sob o impacto do pânico e do pavor, mal podia respirar.

— Há seis filhotes no campo de visão deste portão — disse Hunt, no entanto, baixinho. — Quer mesmo expô-los ao tipo de luta que teríamos, Amelie?

Bryce piscou. Hunt nem mesmo a olhou enquanto continuava a se dirigir a uma fervilhante Amelie:

— Vou acabar com você na frente das crianças. Então, ou nos deixa passar ou vamos voltar com um mandado. — Seu olhar não vacilou. — Não creio que Sabine Fendyr vá gostar da opção B.

Amelie sustentou o olhar dele, mesmo diante do nervosismo dos outros. Aquela arrogância orgulhosa havia feito Sabine nomeá-la Alfa da Matilha da Rosa Negra, em detrimento de Ithan Holstrom, agora segundo de Amelie. Mas Sabine tinha desejado alguém igual a si mesma, independentemente da classificação de poder mais elevada de Ithan. E, talvez,

uma pessoa um pouco menos alfa também... para que a mantivesse com firmeza sob suas garras.

Bryce esperou que Amelie pagasse para ver. Esperou por um comentário zombeteiro ou o surgimento de presas.

No entanto, Amelie pegou o rádio no cinto e disse:

— Temos visita para o Primo. Venham pegá-los.

No passado, a semifeérica já havia atravessado as portas atrás da loba. Passava horas brincando com os filhotes nas árvores e na grama daquele lugar sempre que Danika era recrutada para a função de babá.

Afastou a lembrança de como aquilo a afetara — observar Danika brincando com filhotes peludos ou crianças barulhentas, que veneravam o chão que ela pisava. Sua futura líder, sua protetora, que levaria os lobos a novos patamares.

Sentiu um aperto no peito. Hunt a olhou de soslaio, as sobrancelhas erguidas.

Ela não podia fazer aquilo. Entrar naquele lugar.

Amelie sorriu, como se percebesse sua relutância. Como se farejasse seu pânico e sua dor.

E ver aquela cadela parada ali, onde Danika um dia estivera... A visão de Bryce ficou turva, e ela disse, em tom arrastado:

— É bom saber que a criminalidade anda em baixa, se tudo que precisa fazer é guardar uma porta.

Amelie sorriu, devagar. Passos soaram do outro lado do portão, logo antes de ser aberto, mas Bryce

não ousou olhar. Não enquanto Amelie retrucava:

— Sabe, às vezes acho que devia agradecer a você... Dizem que se Danika não estivesse tão distraída respondendo suas mensagens babacas de bêbada, talvez tivesse antecipado o ataque. E, então, eu não estaria onde estou, estaria?

As unhas de Bryce se cravaram nas palmas. Mas sua voz, graças aos deuses, estava firme ao retrucar:

— Danika era mil vezes mais loba que você. Não importa *onde esteja*, você jamais será como *ela*.

Amelie empalideceu de raiva, o nariz enrugado, lábios arreganhados para exibir as presas agora alongadas.

— Amelie — grunhiu uma voz vinda das sombras do arco do portão.

Ah, deuses. Bryce fechou os dedos em punho para impedir que tremessem enquanto encarava o jovem lobo.

Mas os olhos de Ithan Holstrom disparavam de Amelie para ela conforme se aproximava de sua alfa.

— Não vale a pena. — As palavras implícitas faiscavam em seus olhos. *Bryce não vale a pena.*

Amelie bufou, se virando para a guarita, uma fêmea de cabelos castanhos e mais baixa a seguia. A ômega da matilha, se não lhe falhava a memória.

— Volte para a lixeira de onde saiu — sibilou Amelie para Bryce por sobre o ombro.

Em seguida fechou a porta. Deixando Bryce parada na frente do irmão mais novo de Connor.

Não havia nenhuma gentileza no rosto bronzeado de Ithan. O cabelo castanho-dourado parecia mais longo do que da última vez que o vira, mas, na época, ele era um jogador de solebol, calouro da UCLC.

Aquele macho imponente diante deles havia completado a Descida. Tinha seguido os passos do irmão e se juntado à matilha que substituíra a de Connor.

O roçar aveludado das asas de Hunt em seu braço a fez começar a caminhar. Cada passo na direção do lobo acelerava seu coração.

— Ithan. — Bryce conseguiu dizer.

O irmão caçula de Connor não disse nada quando se virou para os pilares que ladeavam o caminho.

Ela ia vomitar. Ia vomitar naquilo tudo: nas lajotas de calcário, nas colunas pálidas, nas portas de vidro que se abriam para o parque no centro da vila.

Não devia ter aceitado a companhia de Hunt. Devia tê-lo obrigado a ficar em algum telhado, de modo que não pudesse testemunhar o espetacular colapso que sofreria em três segundos.

Os passos de Ithan Holstrom eram deliberados, a camiseta cinza esticada sobre a considerável extensão das costas musculosas. Ele era um arrogante macho de 21 anos quando Connor morreu, um estudante de história, como Danika, estrela do time de solebol da

UCLC, que se profissionalizaria, diziam os boatos, assim que o irmão lhe desse permissão. Poderia ter virado profissional assim que saiu do ensino médio, mas Connor, que criara Ithan desde a morte dos pais, cinco anos antes, havia insistido que o diploma vinha em primeiro lugar, o esporte em segundo. Ithan, que sempre idolatrara Connor, tinha obedecido, apesar das súplicas de Bronson para que o menino se profissionalizasse.

A Sombra de Connor, haviam apelidado Ithan.

Ele tinha encorpado desde aquela época. Enfim começava a, de fato, lembrar o irmão mais velho... até mesmo o tom do cabelo castanho-dourado era como uma lança trespassando o peito da semifeérica.

Sou louco por você. Não quero mais ninguém. Por muito tempo.

Não conseguia respirar. Não conseguia parar de visualizar, de escutar aquelas palavras, sentir o maldito rasgo no *continuum* espaço-tempo onde Connor deveria estar, em um mundo onde nada de ruim nunca, jamais poderia acontecer...

Ithan parou na frente de outro par de portas de vidro. Abriu uma delas, os músculos do braço se contraindo conforme a segurava para que passassem.

Hunt seguiu primeiro, sem dúvida esquadrinhando o lugar em um piscar de olhos.

Bryce conseguiu erguer o olhar ao passar por Ithan.

Os dentes brancos brilharam quando ele rosnou para ela.

O garoto presunçoso que ela provocava já não existia; o garoto que havia ensaiado flertar com ela de modo que pudesse usar as técnicas em Nathalie — que tinha rido quando Ithan a chamara para sair e pedido que esperasse mais alguns anos — já não existia; o garoto que havia questionado Bryce incessantemente sobre quando, enfim, daria uma chance a seu irmão, e não aceitava *nunca* como resposta, já não existia.

Um predador primoroso agora ocupava seu lugar. Um que, com certeza, não havia se esquecido das mensagens recebidas e enviadas por Bryce naquela noite terrível, depois vazadas. Que ela estivera trepando com um cara qualquer no banheiro da boate enquanto Connor — que havia acabado de se declarar — era assassinado.

Bryce baixou os olhos, odiando cada segundo daquela maldita visita.

Ithan sorriu, como se saboreasse sua vergonha.

O lobo tinha largado a UCLC depois da morte de Connor. Desistido do solebol. Ela somente soubera do fato porque havia assistido a um jogo na TV certa noite, dois meses depois, e os comentaristas ainda repercutiam o assunto. Ninguém, nem seus treinadores, nem seus amigos, nem os companheiros de matilha, conseguiu convencê-lo a retornar. Ele

tinha virado as costas para o esporte e jamais olhado para trás, aparentemente.

A semifeérica não o vira desde os dias seguintes às mortes. A última foto que tinha de Ithan era a que Danika havia tirado após a partida, comemorando ao fundo. Aquela com que tinha se torturado na noite anterior por horas, enquanto se preparava para o que a manhã traria.

Mas, antes daquela, houvera centenas de fotos dos dois juntos. Ainda arquivadas em seu telefone, como uma cesta cheia de cobras ansiosas por picá-la caso chegasse a abrir a tampa.

O sorriso cruel do lobo não vacilou enquanto ele fechava a porta atrás deles.

— O Primo está tirando uma soneca. Sabine virá encontrá-los.

Bryce olhou para Hunt, que lhe deu um aceno curto. Precisamente o que haviam planejado.

A semifeérica estava ciente de cada respiração de Ithan a suas costas enquanto se dirigiam para os degraus que os levariam até o andar do escritório de Sabine. Hunt também parecia cônscio de Ithan, e permitiu que a quantidade certa de relâmpago lhe coroasse as mãos, os punhos, de modo que o jovem lobo se afastou.

Pelo menos, alfas babacas tinham sua utilidade.

* * *

Ithan não os deixou. Não, parecia que tinha sido nomeado seu guarda e torturador silencioso pela duração daquele miserável percurso.

Bryce conhecia cada passo na direção do escritório de Sabine, no segundo andar, mas Ithan os guiava: pelos degraus de calcário marcados por tantos riscos e ranhuras que ninguém se importava mais em consertá-los; pelo corredor de teto abobadado e brilhante, cujas janelas se abriam para a rua agitada do lado de fora; e, finalmente, pela porta gasta de madeira. Danika havia crescido ali... e se mudado assim que entrara para a UCLC. Depois da formatura, ela havia voltado apenas para eventos formais e feriados dos lobos.

Ithan caminhava sem pressa. Como se pudesse farejar o sofrimento de Bryce e quisesse prolongá-la o máximo possível.

Ela supunha que merecia. *Sabia* que merecia.

Tentou reprimir a lembrança que emergiu.

As vinte e uma ligações perdidas de Ithan, todas nos poucos dias após a chacina. A meia dúzia de mensagens na caixa postal. A primeira havia sido um soluço de pânico, deixado poucas horas depois. *É verdade, Bryce? Eles estão mortos?*

E, então, as mensagens tinham ganhado um tom preocupado. *Onde você está? Está tudo bem? Liguei para os principais hospitais e você não deu entrada, mas ninguém fala nada. Por favor, me ligue.*

E, por fim, aquela última mensagem de Ithan, com nada além de uma frieza cortante. *Os inspetores da legião me mostraram todas as mensagens. Connor praticamente disse a você que a amava, e você enfim concordou em sair com ele só para em seguida trepar com algum estranho no banheiro do Corvo? Enquanto ele* morria*? Está de sacanagem comigo? Não vá à passagem do Veleiro amanhã. Você não é bem-vinda.*

Bryce jamais havia lhe respondido, nunca o procurara. Não fora capaz de suportar a ideia de encará-lo. De ver o luto e a dor no rosto de Ithan. Lealdade era o traço mais valorizado entre os lobos. Aos olhos das matilhas, ela e Connor eram algo inexorável. Quase parceiros. Apenas uma questão de tempo. Seus relacionamentos anteriores não tinham importância, e nem os dele, porque nada ainda havia sido declarado.

Até que ele finalmente a convidara para sair. E Bryce tinha respondido sim. Havia escolhido seu caminho.

Para os lobos, ela era de Connor, e ele era dela.

Me mande uma mensagem quando chegar em casa.

Sentiu um aperto crescente no peito, as paredes se fechando, esmagando-a...

Ela se obrigou a respirar fundo. A inalar até que as costelas se retesassem com o esforço. E, então, a exalar, empurrando, empurrando, empurrando, até

vomitar o puro e visceral pânico que lhe queimava o corpo inteiro, como ácido.

Bryce não era uma loba. Não seguia suas regras de namoro. Fora idiota e estivera assustada com o que o sim àquele encontro tinha significado, e, com certeza, Danika pouco se importava se Bryce pegava um cara qualquer, mas... a semifeérica jamais tivera coragem de explicar a Ithan, depois que tinha visto e escutado suas mensagens.

Ela as havia guardado. Todas. Ouvi-las era o sólido arco central de sua espiral da morte. O ápice, claro, sendo as últimas, idiotas e felizes mensagens de Danika.

Ithan bateu à porta de Sabine, abrindo-a para revelar um escritório ensolarado e branco cujas janelas davam para o bosque verdejante do parque do Covil. Sabine estava sentada à mesa, o cabelo louro e sedoso quase brilhando na luz.

— Tem muita coragem de aparecer aqui.

As palavras entalaram na garganta de Bryce conforme a semifeérica assimilava o rosto pálido, as mãos finas entrelaçadas sobre a mesa de carvalho, os ombros estreitos que escondiam uma tremenda força; Danika havia sido puro fogo selvagem; a mãe era gelo sólido. E se Sabine a tinha matado, se Sabine tinha feito aquilo...

Um rugido despertou na cabeça de Bryce.

Hunt deve tê-lo sentido, farejado, porque se colocou ao seu lado, Ithan se demorando no corredor, e disse:

— Queremos uma audiência com o Primo.

Irritação cintilou nos olhos de Sabine.

— Sobre?

— Sobre o assassinato de sua filha.

— Fique fora de nossos assuntos — latiu Sabine, fazendo o vidro em sua mesa chacoalhar. Bile queimou a garganta de Bryce, e ela se concentrou em não gritar ou atacar a mulher.

A asa de Hunt acariciou as costas da semifeérica, um gesto casual para quem estivesse assistindo, mas aquele calor e suavidade a encorajaram. Danika. Ela faria aquilo por Danika.

Os olhos de Sabine faiscaram.

— Onde está minha espada?

Bryce se recusou a responder, até mesmo rebater que a espada era, e sempre seria, de Danika, então disse:

— Temos informações que sugerem que Danika estava posicionada no Templo de Luna na noite em que o chifre foi roubado. Precisamos da confirmação do Primo.

Bryce mantinha os olhos fixos no tapete, o retrato da submissão, envergonhada e aterrorizada, e deixou Sabine cavar a própria cova.

— O que essa merda tem a ver com a morte de Danika? — retrucou Sabine.

— Estamos tentando traçar um retrato dos movimentos de Danika antes de o demônio kristallos matá-la. Com quem ela pode ter se encontrado, o que pode ter visto ou feito.

Mais um vislumbre de isca: Bryce queria ver a reação da loba à menção da raça do demônio, algo que ainda não tinha sido noticiado. Sabine nem mesmo piscou. Como se já estivesse familiarizada com ele; talvez porque o vinha invocando todo aquele tempo. Embora talvez apenas não se importasse, supôs Bryce.

— Danika não estava no templo naquela noite. Não teve nada a ver com o roubo do chifre — sibilou Sabine.

Bryce reprimiu o impulso de fechar os olhos diante da mentira que confirmava tudo.

Garras surgiram nos nós dos dedos de Sabine, cravando-se na mesa.

— Quem disse a vocês que Danika estava no templo?

— Ninguém — mentiu Bryce. — Achei ter me lembrado de ela mencionar qualquer coisa...

— Você *achou*? — ironizou Sabine, o tom de voz se elevando para imitar o de Bryce. — É difícil lembrar, não é, quando se está chapada, bêbada e trepando com estranhos.

— Você tem razão — suspirou Bryce, mesmo enquanto Hunt grunhia. — Isso foi um erro. — A semifeérica não deu a Hunt a oportunidade de protestar conforme se virava e saía, arfando.

Como manteve a postura e o estômago dentro do corpo, não fazia ideia.

Mal ouviu Hunt quando o anjo a alcançou. Não conseguiu encarar Ithan ao sair para o corredor e encontrá-lo esperando, encostado à parede mais distante.

Voltou pelas escadas. Não ousou olhar para os lobos enquanto passava.

Ela sabia que Ithan os seguia, mas não se importava, não se importava...

— Quinlan. — A voz de Hunt ecoou pela escadaria de mármore. Ela desceu mais um lance antes que ele insistisse: — *Quinlan.*

Soou incisivo o bastante para que ela vacilasse. Olhasse por sobre o ombro. O olhar de Hunt estudava seu rosto... espelhando não triunfo pela flagrante mentira de Sabine, mas preocupação.

— Me diga do que se trata — perguntou Ithan, no entanto, parado entre os dois nos degraus, os olhos inflexíveis como pedras.

— É confidencial, babaca — disse Hunt, devagar.

O rosnado de Ithan trovejou pela escadaria.

— Está começando de novo — revelou Bryce, o tom baixo, ciente das câmeras, da ordem de Micah

para manter aquilo em segredo. A voz soava áspera. — Estamos tentando descobrir quem está por trás disso tudo e por quê. Três assassinatos até agora. As mesmas características. Tome cuidado... avise sua matilha para tomar cuidado.

A expressão de Ithan continuou inescrutável. Aquele era um de seus principais trunfos como jogador de solebol; sua habilidade de não revelar seus movimentos aos adversários. Ele havia sido brilhante... marrento como o diabo, sim, mas aquela arrogância fora legitimada por horas de treino e pela disciplina brutal.

O rosto de Ithan permanecia gélido.

— Aviso se ouvir alguma coisa.

— Precisa dos nossos números? — perguntou Hunt, friamente.

Os lábios de Ithan se franziram.

— Tenho o dela. — Bryce se esforçou para encará-lo, em especial quando ele perguntou: — Vai se dar ao trabalho de responder dessa vez?

A semifeérica deu meia-volta e desceu correndo as escadas até o saguão de entrada.

O Primo dos Lobos estava ali agora. Conversando com a recepcionista, curvado sobre a bengala de sequoia, o avô de Danika ergueu o rosto enrugado quando a semifeérica estacou na sua frente.

Os calorosos olhos castanhos... aqueles eram os olhos de Danika a encarando.

O velho macho abriu um sorriso triste, gentil. Pior do que qualquer escárnio e rosnado.

Bryce conseguiu curvar a cabeça antes de disparar pelas portas de vidro.

Chegou até os portões sem encontrar mais ninguém. Estava quase na rua quando Ithan a alcançou, Hunt logo atrás.

— Você nunca o mereceu — acusou Ithan.

Foi como se ele tivesse desembainhado uma faca escondida na bota e a enfiado em seu peito.

— Eu sei — sussurrou ela.

Os filhotes ainda estavam brincando, pulando pela grama alta. Ele indicou o segundo andar, de onde o escritório de Sabine se abria para a vegetação.

— Você fez algumas escolhas bem idiotas, Bryce, mas jamais a considerei idiota. Ela a quer morta. — Outra confirmação, talvez.

As palavras libertaram algo dentro da semifeérica.

— Idem. — Ela apontou para os portões, incapaz de controlar a raiva que fervilhava dentro de si ao se dar conta de que todas as pistas levavam a Sabine. — Connor teria vergonha de você por deixar Amelie reinar soberana. Por deixar aquela merdinha ser a alfa.

Um vislumbre de garras nos dedos de Ithan.

— Nunca, *jamais* diga o nome dele outra vez.

— Afaste-se — avisou Hunt, com suavidade. Relâmpagos lambiam suas asas.

Ithan parecia inclinado a lhe rasgar a garganta, mas o anjo já estava ao lado de Bryce, seguindo-a pela rua banhada de sol. Ela não ousou encarar Amelie ou sua alcateia nos portões, rosnando e zombando dos dois.

— Você é um lixo, Quinlan! — gritou Amelie, enquanto passavam por ela, e os amigos da loba gargalharam.

Bryce não teve coragem de ver se Ithan ria com eles.



— Sabine mentiu sobre a presença de Danika no templo. Mas precisamos de um plano sólido para pegá-la, caso seja ela a responsável por invocar o demônio — argumentou Hunt, vinte minutos depois, no almoço.

O anjo devorara nada menos que três tigelas de cereal, uma atrás da outra. Bryce não havia falado uma palavra na volta ao apartamento. Tinha precisado de todo o percurso para se recompor.

A semifeérica brincava com o floco de arroz que boiava na própria tigela. Tinha zero interesse em comida.

— Estou farta de esperar. Apenas a prenda.

— Ela é a Mestre não oficial do Bosque da Lua e, em essência, a Prima dos Lobos — advertiu Hunt. — Se não em título, então em tudo mais. Temos de ser

cuidadosos ao abordar o assunto. As consequências podem ser catastróficas.

— Certo.

Bryce cutucou o cereal de novo. Sabia que devia estar gritando, sabia que devia marchar de volta ao Covil para matar aquela maldita vaca. Ela cerrou os dentes. Tampouco tiveram notícias de Tharion ou Ruhn.

Hunt tamborilou um dedo na mesa de vidro, sopesando sua expressão. Então, graças aos deuses, mudou de assunto.

— Entendo as razões de Ithan, mas qual o problema de Amelie com você?

Talvez fosse apenas cansaço, mas Bryce respondeu:

— Chegou a vê-las... as mensagens daquela noite? Todos os jornais as estamparam na primeira página depois que vazaram.

Hunt ficou imóvel.

— Sim — respondeu, gentil. — Eu vi.

Ela deu de ombros, mexendo o cereal na tigela. Rodando e rodando.

— Amelie tinha... uma queda. Por Connor. Desde que eram crianças. Acho que ainda tem.

— Ah.

— E... você sabe sobre Connor e eu.

— Sim. Lamento.

Ela odiava aquela palavra. Tinha a ouvido tantas vezes que simplesmente *odiava* aquela porra.

— Quando viu as mensagens daquela noite, acho que ela enfim se deu conta de por que seu sentimento não era correspondido.

Ele franziu o cenho.

— Já se passaram dois anos.

— E?

Aquela merda de tempo não a tinha ajudado em nada a se sentir melhor.

Hunt balançou a cabeça.

— As pessoas ainda se lembram delas? Daquelas mensagens?

— Claro. — Bryce bufou, sacudindo a cabeça. — Pesquise meu nome on-line, Athalar. Precisei excluir todas as minhas redes sociais. — A lembrança embrulhou seu estômago, o pânico nauseante tensionando cada músculo e veia de seu corpo. Ela havia se aperfeiçoado em administrar aquilo, aquela sensação, mas não muito. — As pessoas me odeiam. Literalmente me *odeiam*. Algumas matilhas até escreveram uma música e a publicaram on-line; eles a batizaram de *Peguei um estranho no banheiro, não conte a Connor*. Eles a cantam sempre que me veem.

O rosto do anjo ficou frio como gelo.

— Quais matilhas?

Bryce balançou a cabeça. Obviamente não revelaria os nomes, não quando ele exibia aquela expressão assassina.

— Não importa. As pessoas são babacas.

Era simples assim, havia aprendido. A maioria das pessoas era idiota, e aquela cidade estava repleta delas.

Às vezes imaginava o que diriam se soubessem sobre aquela ocasião, dois invernos antes, quando alguém enviara milhares de partituras da canção para seu novo apartamento, junto de uma arte de um álbum fictício, feita a partir das fotos que ela havia tirado naquela noite. Se soubessem que tinha subido ao telhado para queimá-las; mas, em vez disso, acabara na beirada. A semifeérica se perguntava o que teria acontecido se Juniper, em um rompante, não houvesse ligado para ver como ela se sentia naquela noite. Bem no momento que Bryce tinha colocado as mãos no gradil.

Somente aquela voz amigável no outro lado da linha a tinha impedido de se jogar do telhado.

Juniper mantivera Bryce ao telefone... tagarelando sobre o nada. Até seu táxi estacionar na frente do prédio. Ela se recusara a desligar até estar lado a lado com Bryce no telhado, rindo de tudo. A amiga só sabia onde encontrá-la porque Bryce havia balbuciado algo sobre estar sentada ali. E talvez ela tivesse corrido até lá por causa do tom vazio na voz da semifeérica quando dissera aquilo.

A fauna tinha ficado para queimar as cópias da canção, em seguida descera para o apartamento, onde viram TV na cama até caírem no sono. Bryce havia

despertado em algum momento para desligar a televisão e usar o banheiro; quando voltou, Juniper já estava acordada, esperando.

A amiga não saíra do seu lado por três dias.

Elas jamais tocaram no assunto. Mas Bryce se perguntava se Juniper mais tarde havia contado a Fury como fora por um triz, como ela tivera de se esforçar para prolongar aquela ligação telefônica enquanto corria até Bryce, sem alarmá-la, pressentindo que alguma coisa estava muito errada.

Bryce não gostava de pensar naquele inverno. Naquela noite. Mas jamais poderia agradecer Juniper por aquela premonição... por aquele amor que a impedira de cometer um erro terrível, estúpido.

— Sim — concordou Hunt. — As pessoas são babacas.

Imaginou que o anjo sofrera mais que ela. Bem mais.

Dois séculos de escravidão mal disfarçada como algum tipo de atalho sórdido para a redenção. A barganha de Micah, reduzida ou não, era uma desgraça.

Ela se obrigou a engolir um bocado do cereal, agora mole... e se obrigou a perguntar alguma coisa, qualquer coisa, para desanuviar.

— Foi você quem inventou seu apelido? A Sombra da Morte?

Hunt pousou a colher.

— Pareço o tipo de pessoa que precisa inventar apelidos para si mesma?

— Não — admitiu Bryce.

— Só me chamam assim porque sou obrigado a fazer esse tipo de merda. E faço bem. — Deu de ombros. — Faria mais sentido se me chamassem de Escravizado da Morte.

Ela mordeu o lábio e tomou outra colherada de cereal.

Hunt pigarreou.

— Sei que a visita de hoje foi difícil. E sei que não demonstrei a princípio, Quinlan, mas estou feliz que você esteja no caso. Você tem sido... ótima.

A semifeérica disfarçou o que o elogio fez a seu coração, como aquilo dissipou as nuvens que haviam adensado sobre ela.

— Meu pai era um capitão draconiano na 25ª Legião. Esteve no front pelos três anos do serviço militar. Ele me ensinou alguns truques.

— Eu sei. Quer dizer, não sobre o que você aprendeu. Mas sobre seu pai. Randall Silago, certo? Foi ele quem lhe ensinou a atirar.

Ela assentiu, um estranho orgulho a perpassando.

— Nunca lutei ao lado dele, mas ouvi falar de seu nome na última vez que fui enviado ao front, há cerca de vinte e seis anos. Ouvi falar sobre sua pontaria, quero dizer. O que ele acha de... — Um aceno de mão na direção de Bryce, da cidade ao redor.

— Ele quer que eu volte para casa. Precisei enfrentá-lo, literalmente, no tatame para vencer a discussão sobre cursar a UCLC.

— Você lutou com ele fisicamente?

— Sim. Ele disse que, se eu conseguisse imobilizá-lo, então já saberia o bastante para me defender na cidade por conta própria. Acontece que eu estava prestando mais atenção do que o levei a acreditar.

A risada baixa de Hunt acariciou sua pele.

— E ele lhe ensinou a usar um rifle de longa distância?

— Rifles, pistolas, facas, espadas.

Armas eram a especialidade de Randall. Ele a havia ensinado de maneira implacável, repetidas vezes.

— Já colocou os ensinamentos em prática alguma vez?

Eu amo você, Bryce.

Feche os olhos, Danika.

— Quando precisei — respondeu, rouca. Não que aquilo fizesse diferença quando era para valer.

Seu telefone vibrou. Ela conferiu a mensagem de Jesiba e gemeu.

Temos um cliente em trinta minutos. Esteja na galeria ou vai ganhar um bilhete só de ida para uma existência como uma ratazana.

Bryce pousou a colher, ciente do olhar de Hunt sobre si, e começou a digitar. *Estarei na…*

Jesiba enviou outra mensagem antes que Bryce pudesse responder. *E onde está a papelada de ontem?*

A semifeérica deletou o que havia escrito e começou a digitar: *Vou pegar...*

Outra mensagem de Jesiba: *Eu quero ela antes do meio-dia.*

— Alguém está puta — observou Hunt, e Bryce fez uma careta, pegando a tigela e levando-a até a pia.

As mensagens continuaram a chegar durante o trajeto, assim como meia dúzia de ameaças de transformá-la em diversas criaturas patéticas, indicação de que alguém havia, de fato, emputecido solenemente Jesiba. Quando chegaram à porta da galeria, Bryce destrancou as fechaduras físicas e mágicas e suspirou.

— Talvez você deva ficar no telhado essa tarde. Provavelmente, ela vai me monitorar através das câmeras. Não sei se ela o viu aqui dentro antes, mas...

O anjo colocou a mão em seu ombro.

— Entendo, Quinlan. — A jaqueta preta vibrou, e ele pegou o telefone. — É Isaiah — murmurou, e acenou com a cabeça para a porta da galeria, então aberta, através da qual podia vislumbrar Syrinx arranhando a porta da biblioteca, uivando em cumprimento a Lehabah. — Volto mais tarde — avisou ele.

Hunt só voou até o telhado, Bryce sabia, depois que ela trancou a porta da galeria atrás de si. Uma

mensagem do anjo pipocou quinze minutos depois. *Isaiah precisa de minha opinião em um outro caso. Saindo agora. Justinian ficará de vigília. Volto em algumas horas.*

Ela escreveu em resposta: *Justinian é gato?*

Ele respondeu: *Quem é a pervertida agora?*

Um sorriso repuxava o canto de sua boca.

Seus dedos voavam sobre o teclado para responder quando o telefone tocou. Suspirando, ela levou o aparelho ao ouvido para atender.

— Por que não está pronta para o cliente? — exigiu Jesiba.

* * *

Aquela manhã havia sido o caos. De guarda no telhado da galeria horas mais tarde, Hunt não conseguia parar de pensar naquilo. Sim, eles pegaram Sabine na mentira, e todos os indícios apontavam para a loba como assassina, mas... Que merda. Não tinha se dado conta de como seria difícil para Bryce, mesmo que Sabine a odiasse. Não tinha se dado conta de que os outros lobos guardavam rancor da semifeérica. Nunca a devia ter levado ao Covil. Devia ter ido sozinho.

As horas passavam, uma a uma, enquanto ele ruminava o assunto.

Hunt se certificou de que ninguém sobrevoava o telhado antes de consultar o vídeo de segurança,

acessado dos arquivos da 33ª. Alguém havia compilado o rolo, sem dúvida na tentativa de conseguir uma imagem mais nítida do demônio que não um dedo ou uma garra.

O kristallos parecia um borrão cinzento conforme explodia da portaria. Não foram capazes de conseguir imagens efetivas da entrada da criatura no prédio, o que sugeria que fora invocada no local ou que havia se esgueirado pelo telhado e nenhuma câmera das redondezas a detectara. Mas ali estava, estilhaçando a porta da frente, tão rápido que parecia fumaça cinza.

E em seguida... lá estava *ela*. Bryce. Arremessando-se contra a porta, descalça e correndo sobre cacos de vidro, a perna da mesa em sua mão, pura raiva lhe contorcendo as feições.

Hunt havia visto a gravação dois anos antes, mas fazia um pouco mais de sentido agora, quando descobriu que ela fora treinada por Randall Silago. Os saltos sobre os carros, a corrida pelas ruas, tão rápida quanto um macho feérico. O rosto coberto de sangue, os lábios curvados em um rosnado que ele não podia ouvir.

Mas até mesmo no vídeo granulado seus olhos pareciam vagos. Ainda lutando contra os efeitos das drogas.

Definitivamente, ela não se lembrava de que ele estivera naquela sala de interrogatório, se havia lhe perguntado sobre as mensagens na hora do almoço. E

porra... ele sabia que todo o conteúdo do telefone da semifeérica tinha vazado, mas jamais havia imaginado como devia ter sido para ela.

Bryce tinha razão: as pessoas eram babacas.

A semifeérica saíra da rua Principal, escorregando sobre o capô de um carro, e em seguida a filmagem chegava ao fim.

Hunt soltou um suspiro. Se Sabine estava mesmo por trás daquilo... Micah tinha lhe dado permissão para eliminar o culpado. Mas Bryce seria capaz de resolver o assunto com as próprias mãos.

Hunt franziu o cenho na direção do nevoeiro apenas visível do outro lado do rio, as brumas impenetráveis mesmo sob o sol da tarde. O Quarteirão dos Ossos.

Ninguém sabia o que acontecia na Cidade Adormecida. Se os mortos vagavam pelos mausoléus, se os ceifadores patrulhavam e reinavam como monarcas, se era apenas névoa e pedra talhada e silêncio. Ninguém sobrevoava o local... ninguém ousava.

Mas, às vezes, Hunt tinha a sensação de que o Quarteirão dos Ossos os observava, e algumas pessoas alegavam que seus entes queridos, mortos, podiam se comunicar através do Oráculo ou de médiuns.

Dois anos antes, Bryce não tinha acompanhado a passagem do Veleiro de Danika. Ele havia pesquisado. As mais importantes personalidades da Cidade da Lua

Crescente tinham comparecido, mas ela não estivera presente. Ou para evitar que Sabine a matasse na hora, ou por motivos pessoais. Depois do que ele testemunhara naquele dia, apostava na primeira opção.

Então Bryce não havia testemunhado Sabine empurrar o antigo barco preto para o Istros, a seda cinza velando o pequeno caixão — tudo que restara de Danika — em seu centro. Não havia contado os segundos conforme o esquife boiava nas águas lamacentas, prendendo o fôlego, como todos naquela margem, à espera de que o barco fosse levado pela corrente até as praias do Quarteirão dos Ossos ou se emborcasse, os restos indignos de Danika dados ao rio e às bestas que nele nadavam.

Mas o Veleiro de Danika seguira direto para a ilha velada pela bruma do outro lado do rio, o Sub-Rei considerando-a digna, e mais de uma pessoa respirou aliviada. A porcaria do áudio da câmera do corredor do prédio, com Danika implorando por misericórdia, havia vazado um dia antes.

Hunt suspeitara de que metade das pessoas que haviam comparecido à passagem do Veleiro tinha esperança de que as súplicas de Danika significassem que ela acabaria no leito do rio, e então poderiam considerar a arrogante e selvagem ex-alfa uma covarde.

Sabine, sem dúvida ciente daqueles que antecipavam tal desfecho, tinha apenas esperado até que os portões do rio se abrissem para revelar as brumas rodopiantes do Quarteirão dos Ossos, o barco puxado para dentro por mãos invisíveis, para então partir. Ela não havia ficado para ver os Veleiros do restante da Matilha dos Demônios.

Mas Hunt e todos os outros sim. Tinha sido a última vez que vira Ithan Holstrom. Chorando enquanto empurrava o barco do irmão para as águas azuis, tão desesperado que os colegas do time de solebol tiveram de ampará-lo. O macho de olhar frio que os escoltara naquela manhã era uma pessoa completamente diferente daquele garoto.

Talentoso, Hunt ouvira Naomi descrever Ithan em seus intermináveis comentários sobre as matilhas das tropas auxiliares e como se equiparavam à 33ª. Além de sua habilidade no campo de solebol, Ithan Holstrom era um guerreiro hábil, que havia completado a Descida e retornado com um poder equivalente ao de Connor. Naomi sempre disse que, apesar de presunçoso, Ithan era um macho confiável: de mente aberta, esperto e leal.

E um maldito babaca, ao que parecia.

Hunt balançou a cabeça, mais uma vez encarando o Quarteirão dos Ossos.

Danika Fendyr vagava por aquela ilha enevoada? Ou parte da loba, pelo menos? Ela se lembrava da

amiga que, mesmo tanto tempo depois de sua morte, não tolerava que insultassem sua memória? Sabia que Bryce faria qualquer coisa, possivelmente mergulhar no nível de raiva para sempre preservado naquele vídeo, para aniquilar seu assassino? Mesmo que o assassino fosse a mãe de Danika?

Leal até a morte e além.

Seu telefone tocou, o nome de Isaiah surgiu novamente, mas Hunt não respondeu de pronto. Não quando olhou para o telhado da galeria sob seus pés e imaginou como seria... ter um amigo assim.



— Então acredita que vai ser promovida a primeira depois da temporada?

Com o telefone preso entre o ombro e a orelha, Bryce descalçou os sapatos na porta do apartamento e caminhou até a parede de janelas. Syrinx, livre da coleira, correu para a tigela de comida a fim de aguardar seu jantar.

— Improvável — respondeu Juniper, a voz baixa e suave. — Eugenie está perfeita este ano. Acho que vai ser escolhida para primeira bailarina em seguida. Não fui bem em alguns de meus solos, sei disso.

Bryce espiou pela janela, localizou Hunt exatamente onde ele disse que estaria até que ela sinalizasse estar sã e salva em seu apartamento, e acenou.

— Você sabe que foi ótima. Não finja que não está mandando bem também.

Hunt ergueu uma das mãos e se lançou aos céus, piscando para ela enquanto voava pela janela, então seguia até o Munin & Hugin.

Não fora capaz de convencê-la a se juntar a seus companheiros triários no bar, e a fez jurar por todos os cinco deuses que não sairia do apartamento ou abriria a porta para ninguém na sua ausência.

Bem, para *quase* ninguém.

Pela breve conversa, ela pescara que Hunt era convidado com frequência, mas jamais tinha aceitado. Por que decidira naquela noite aceitar pela primeira vez... Talvez ela o estivesse enlouquecendo. Não tinha tido essa sensação, mas talvez ele precisasse da noite de folga.

— Tenho me saído bem, acho — admitiu Juniper.

Bryce estalou a língua.

— Você é tão cheia de merda com esse lance de "bem".

— Eu estava pensando, B — disse Juniper, com cuidado. — Minha instrutora mencionou que estava iniciando uma aula de dança aberta ao público em geral. Você devia participar.

— Sua instrutora é a professora mais requisitada da cidade. Eu jamais conseguiria uma vaga — dispensou Bryce, observando o fluxo de carros e de pedestres abaixo de sua janela.

— Eu sei — concordou Juniper. — Por isso pedi a ela que segurasse um lugar para você.

Bryce enrijeceu.

— Estou muito ocupada no momento.

— É uma aula de duas horas, duas vezes por semana. Depois do expediente.

— Obrigada, mas estou de boa.

— Você era, Bryce. Era *boa*.

Bryce cerrou os dentes.

— Não boa o bastante.

— Não se importava com isso antes da morte da Danika. Apenas vá à aula. Não é uma audição... é literalmente apenas uma aula para pessoas que amam dançar. E você ama.

— *Amava*.

Juniper estalou a língua ao telefone.

— Danika ficaria arrasada se soubesse que você não dança mais. Mesmo por diversão.

Bryce fingiu cantarolar em consideração.

— Vou pensar.

— Ótimo — disse Juniper. — Vou mandar os detalhes.

Bryce mudou de assunto.

— Quer vir para cá, assistir a alguma tranqueira na TV? *Pegação na Casa de Praia* começa às nove, hoje à noite.

— O anjo está aí? — perguntou Juniper, maliciosa.

— Ele foi tomar cerveja com seu pequeno bando de assassinos.

— São chamados de triários, Bryce.

— Sim, pergunte a eles. — Bryce deu as costas à janela e se dirigiu para a cozinha. Syrinx ainda aguardava ao lado da tigela de comida, abanando a cauda de leão. — Faria diferença se Hunt estivesse aqui?

— Eu chegaria bem mais rápido.

Bryce riu.

— Devassa. — Então despejou a ração na tigela. As garras de Syrinx estalavam no piso conforme a quimera se empinava no lugar, contando cada pequeno pedaço. — Para seu azar, acho que ele ainda está ligado a alguém.

— Para *seu* azar.

— Por favor. — A semifeérica abriu a geladeira e tirou uma variedade de comida. Um jantar solitário, então. — Conheci um tritão outro dia, tão sarado que dava para lavar roupa naquele abdômen.

— Nada do que você disse faz o menor sentido, mas acho que peguei o essencial.

Bryce riu outra vez.

— Devo esquentar um hambúrguer vegano para você ou não?

— Queria poder, mas...

— Mas precisa ensaiar.

Juniper suspirou.

— Não vou chegar à primeira bailarina sentada em um sofá a noite toda.

— Vai acabar se machucando se exagerar no treino. Já está se apresentando oito vezes por semana.

A voz suave ganhou um tom incisivo.

— Estou bem. Talvez no domingo, ok? — Era o único dia em que a companhia de dança não se apresentava.

— Claro — respondeu Bryce. Sentiu um aperto no peito, o bastante para dizer: — Me ligue quando estiver livre.

— Pode deixar.

A despedida foi rápida, e Bryce mal desligara a chamada quando discou outro número.

O telefone de Fury caiu direto na caixa postal. Bryce nem se preocupou em deixar recado, pousou o telefone e abriu uma embalagem de homus, em seguida uma com restos de noodles, depois uma de ensopado de porco, provavelmente estragado. A magia conservava a maior parte da comida em seu refrigerador. Mas havia limites racionais.

Grunhindo, ela jogou o porco no lixo. Syrinx franziu o focinho para a semifeérica.

— Nem mesmo você comeria aquilo, meu amigo — argumentou ela.

A quimera abanou o rabo de novo e pulou no sofá.

O silêncio no apartamento parecia carregado.

Uma amiga... era ao que tinha se resumido seu círculo social. Fury havia deixado claro que não tinha mais interesse em se encontrar com ela.

Então, no momento, com sua única amiga ocupada demais para se tornar uma presença confiável, em especial naqueles meses de verão, quando a companhia se apresentava todos os dias da semana... Bryce imaginou ter chegado à estaca zero.

A semifeérica comeu o homus sem vontade, mergulhando cenouras ligeiramente molengas na mistura. O mastigar dos legumes encheu o silêncio do apartamento.

A familiar onda de autopiedade a atingiu, e Bryce jogou as cenouras e o homus no lixo antes de caminhar para o sofá.

Zapeou pelos canais até encontrar as notícias locais. Syrinx a observava em expectativa.

— Apenas você e eu esta noite, companheiro — disse ela, ajeitando-se ao lado da quimera.

No noticiário, Rigelus, Radiante Mão dos Asteri, apareceu em uma tribuna dourada, fazendo algum tipo de discurso sobre novas leis de comércio. Atrás dele, os outros cinco asteri, sentados em seus tronos na câmara de cristal, rostos impassíveis, irradiavam riqueza e poder. Como sempre, o sétimo trono continuava vazio, em homenagem à irmã havia muito morta. Bryce mudou de canal novamente, daquela vez para um de notícias, exibindo imagens de fileiras de armaduras mecânicas de fabricação humana enfrentando a elite das Legiões Imperiais, em meio à lama de um campo de batalha. Outro canal mostrava

humanos famintos em uma fila de pão na Cidade Eterna, as crianças gemendo de fome.

Bryce mudou para um programa sobre a compra de casas de veraneio às cegas, e assistiu àquilo sem pensar.

Quando foi a última vez que havia lido um livro? Não para trabalho ou pesquisa, mas por prazer? Sempre lera muito antes de tudo o que acontecera a Danika, mas aquela parte de seu cérebro parecia ter sido desligada logo depois.

Ela havia procurado afogar qualquer silêncio e tranquilidade. O barulho da televisão tinha se tornado seu companheiro na luta contra o silêncio. Quanto mais idiota o programa, melhor.

A semifeérica se aninhou nas almofadas, Syrinx aconchegado em suas pernas enquanto ela lhe coçava as orelhas macias como veludo. A quimera se contorceu, pedindo mais.

O silêncio a pressionava, forte e denso. A boca secou, os membros pareciam ocos e leves. Os acontecimentos no Covil ameaçavam invadir suas memórias, principalmente o rosto frio de Ithan.

Ela espiou o relógio. Quase cinco e meia.

Bryce suspirou profundamente. Lehabah estava enganada; não se sentia como naquele inverno. Nada jamais poderia ser tão ruim quanto aquele primeiro inverno sem Danika. Não permitiria.

Ela se levantou, e Syrinx bufou, irritado com o incômodo.

— Volto logo — prometeu ela, apontando para o corredor e a gaiola.

A quimera lhe lançou um olhar maligno e entrou na jaula, fechando a porta com uma garra em gancho.

Bryce trancou a porta, tranquilizando a quimera com a garantia de que não demoraria, então calçou os sapatos de novo. Havia prometido a Hunt que ficaria em casa... havia jurado pelos deuses.

Pena que o anjo não soubesse que ela não rezava mais para nenhum dos cinco.

* * *

Hunt tinha bebido apenas metade da cerveja quando seu telefone tocou.

Sabia exatamente o que havia acontecido antes mesmo de atender.

— Ela saiu, não saiu?

Naomi soltou uma risada discreta.

— Sim. E toda montada.

— Em geral é estilo dela — resmungou o anjo, esfregando a têmpora.

Na outra ponta do bar de carvalho entalhado, Vik ergueu uma sobrancelha graciosa, o halo franzindo com o movimento. Hunt balançou a cabeça e pegou a carteira. Não devia ter saído naquela noite. O convite

havia sido feito muitas vezes nos últimos quatro anos, e ele jamais o aceitara, não quando aquilo lembrava demais seus tempos na 18ª. Mas, daquela vez, quando Isaiah o havia chamado com a clássica ressalva — *Sei que vai dizer não, mas...* —, havia dito sim.

Hunt não sabia por que, mas tinha ido.

— Para onde ela foi? — perguntou o anjo.

— Estou seguindo-a neste instante — respondeu Naomi, o vento açoitando seu lado da linha. Ela não havia feito perguntas quando Hunt a chamara, uma hora antes, para pedir que vigiasse Bryce e abrisse mão da confraternização daquela noite. — Parece que está indo para CiRo.

Talvez à procura do primo para alguma atualização.

— Fique por perto... e atenta — aconselhou ele. Sabia que não precisava ter dito nada. Naomi era uma das mais talentosas guerreiras que ele já encontrara, e não aceitava provocação de ninguém. Uma olhada para o cabelo escuro trançado, a tatuagem colorida que cobria suas mãos e a variedade de armas espalhadas pelo corpo musculoso, e a maioria das pessoas não mexia com ela. Talvez até Bryce obedecesse a ordem de ficar em casa, se fosse dada por Naomi. — Me mande suas coordenadas.

— Com certeza. — A ligação ficou muda.

Hunt suspirou.

— Já devia saber, meu amigo — disse Viktoria.

Hunt passou a mão pelo cabelo.

— Sim.

Ao seu lado, Isaiah tomou um gole da cerveja.

— Você pode deixar Naomi cuidar da semifeérica.

— Tenho a impressão de que isso resultaria nas duas aprontando o diabo, e eu ainda teria de ir até lá acabar com a festa.

Vik e Isaiah riram entre dentes, e Hunt deixou um marco de prata no balcão. A espectro ergueu a mão em protesto, mas o anjo a ignorou. Podiam ser todos escravizados, mas ele tinha como pagar pela maldita bebida.

— Vejo vocês dois mais tarde.

Isaiah levantou a cerveja como saudação, e Viktoria exibiu um sorriso presunçoso antes de Hunt abrir caminho pelo bar lotado. Justinian, jogando sinuca nos fundos, ergueu a mão em um aceno. Hunt jamais havia perguntado por que os triários preferiam o espaço apertado do bar térreo a um dos lounges na cobertura que a maioria dos anjos frequentava. Pelo visto, não teria a chance de descobrir a resposta naquela noite.

O anjo não estava surpreso com a fuga de Bryce. Sinceramente, a única coisa que o surpreendera tinha sido a demora para que o fizesse.

Ele abriu a porta de vidro e chumbo com o ombro, e saiu para a rua abafada. Clientes apoiavam suas bebidas em velhos barris de carvalho reciclados, e um

grupo barulhento de algum tipo de matilha de metamorfos — talvez lobos ou um dos grandes felinos — baforava seus cigarros.

Hunt fez uma careta para o ranço que o seguiu até o céu, então franziu o cenho para as nuvens sopradas do oeste, o cheiro de chuva já carregado no vento. Fantástico.

Naomi enviou as coordenadas dentro de Cinco Rosas, e, depois de um voo de cinco minutos, Hunt chegou a um de seus jardins noturnos, apenas começando a desabrochar no crepúsculo. As asas negras de Naomi pareciam uma mancha em contraste com a escuridão que se infiltrava conforme ela planava sobre uma fonte repleta de trombeteiras, as flores bioluminescentes já abertas e emitindo uma luz azul-pálida.

— Por ali — apontou Naomi, os ângulos severos de seu rosto banhados pelo brilho suave das plantas.

Hunt assentiu para a anjo.

— Obrigado.

— Boa sorte.

As palavras foram o bastante para deixá-lo tenso, e Hunt nem se preocupou em se despedir antes de planar pelo caminho. Carvalhos estrelados o ladeavam, as folhas brilhando em um dossel vivo. A iluminação suave dançava no cabelo de Bryce enquanto ela vagava pelo caminho de pedras, as damas da noite se abrindo a sua volta. O perfume de

jasmim saturava o ar do crepúsculo, doce e hipnotizante.

— Não podia me dar nem uma hora de paz?

Bryce nem piscou quando ele aterrissou a seu lado.

— Precisava de ar fresco. — Ela admirou uma samambaia que se desenrolava, as folhas acesas por dentro, iluminando cada veio.

— Estava indo a algum lugar específico?

— Apenas... por aí.

— Ah.

— Estou esperando você começar a gritaria. — Ela passou pelos canteiros de açafrão noturno, as pétalas roxas cintilando em meio à grama vibrante. O jardim parecia despertar para ela, dando-lhe as boas-vindas.

— Vou gritar quando descobrir o que é tão importante que a fez quebrar sua promessa.

— Nada.

— Nada?

— Nada é importante.

Ela disse as palavras com tamanha suavidade que ele a observou, cauteloso.

— Você está bem?

— Sim. — Definitivamente *não*, então.

— Às vezes o silêncio me incomoda — confessou ela.

— Eu a convidei para o bar.

— Não queria ir a um bar cheio de triários.

— Por que não?

Ela o olhou de esguelha.

— Sou uma civil. Não conseguiriam relaxar.

Hunt abriu a boca para negar, mas ela o encarou.

— Ok — admitiu ele. — Talvez.

Caminharam em silêncio por mais alguns passos.

— Você pode voltar para seu drinque, sabe. A anjo de aparência sinistra que designou como minha babá pode lidar com a situação.

— Naomi se foi.

— Ela parece intensa.

— Ela é.

Bryce insinuou um sorriso.

— Vocês dois...?

— Não. — Embora Naomi tivesse dado a entender seu interesse ocasionalmente. — Complicaria as coisas.

— Humm.

— Pretendia encontrar suas amigas?

Ela balançou a cabeça.

— Só tenho uma amiga hoje em dia, Athalar. E ela está muito ocupada.

— Então saiu sozinha. Para fazer o quê?

— Passear por este jardim.

— Sozinha.

— Sabia que você indicaria uma babá.

Hunt agiu antes que pudesse refletir, agarrando seu cotovelo.

Ela o encarou.

— É agora que você começa a gritar?

Relâmpago cortou o céu e ecoou nas veias do anjo conforme ele se inclinava para mais perto.

— Gostaria que eu gritasse, Bryce Quinlan? — ronronou.

O coração da semifeérica bateu em falso, os olhos faiscando com fogo dourado.

— Talvez?

Hunt soltou uma risada baixa. Não tentou impedir a onda de calor que o invadiu.

— Isso pode ser providenciado.

Toda a atenção de Hunt estava concentrada no movimento dos olhos da semifeérica, que procuraram sua boca. No rubor que tingiu as bochechas sardentas, convidando-o a provar cada centímetro rosado.

Nada nem ninguém existia... a não ser Bryce.

Não ouviu o farfalhar da folhagem escura a suas costas. Nem ouviu o estalar de galhos.

Não até que o kristallos o atingiu e cravou os dentes em seu ombro.



O kristallos se chocou contra Hunt com a força de uma picape.

Bryce soube que ele só tinha tempo para sacar uma arma ou tirá-la do caminho. Hunt a escolheu.

Ela caiu no asfalto alguns metros à frente do anjo, os ossos protestando, e congelou. Anjo e demônio foram ao chão, o kristallos imobilizando Hunt com um rugido que fez o jardim noturno tremer.

Parecia pior. Tão pior que naquela noite.

Sangue borrifou, e uma faca brilhou quando o anjo a desembainhou e a enfiou no flanco cinzento e quase translúcido do demônio.

Veios de relâmpagos adornaram as mãos de Hunt... e desvaneceram.

Pessoas gritavam e corriam, gritos de *fujam!* ecoavam pelos arbustos. Bryce mal os ouvia enquanto ficava de joelhos.

Hunt rolou, jogando a criatura para longe do caminho, libertando a faca no processo. Sangue cristalino pingava da lâmina conforme Hunt a empunhava a sua frente, o braço estraçalhado esticado para proteger Bryce. Relâmpagos acendiam e apagavam na ponta de seus dedos.

— Chame reforços — ofegou ele, sem desviar a atenção do demônio, que avançou um passo, a pata em garras... brilhantes unhas cristalinas se estendendo para a ferida na lateral.

A semifeérica jamais havia visto algo assim. Algo tão sobrenatural, tão primal e raivoso. Sua lembrança daquela noite fora amortecida por raiva e dor e drogas, então aquilo, a coisa real, pura...

Bryce estendeu a mão para seu telefone, mas a criatura atacou Hunt.

A lâmina do anjo encontrou seu alvo. Não fez diferença alguma.

Mais uma vez, os dois se engalfinharam na trilha, e Hunt gritou quando as presas do demônio se fecharam em seu antebraço e a besta o *mordeu*.

O relâmpago se extinguiu completamente.

Mexa-se. *Mexa-se*, ela precisava *se mexer*...

O punho livre de Hunt acertou o focinho da criatura com força o bastante para quebrar osso, mas os dentes de cristal continuaram cerrados.

Aquela coisa o havia imobilizado com tanta facilidade. Fora aquilo que fizera a Danika?

Simplesmente a estraçalhara?

Hunt gemeu, o cenho contraído de dor e concentração. O relâmpago havia sumido. Nem um crepitar despertou novamente.

Cada parte do corpo da semifeérica tremia.

Hunt esmurrou o focinho do demônio outra vez.

— *Bryce...*

Ela se mexeu. Não em busca do telefone, mas da arma no coldre do quadril de Hunt.

O demônio cego a farejou, as narinas se abrindo conforme os dedos de Bryce se fechavam em torno da pistola. Ela liberou a trava de segurança, mirando enquanto se levantava.

A criatura soltou o braço do anjo e a atacou. Bryce disparou, mas tarde demais. O demônio pulou de lado, desviando-se da bala. A semifeérica recuou conforme a besta rugia e pulava em sua direção mais uma vez...

A cabeça do kristallos pendeu para o lado, sangue cristalino esguichando como chuva quando uma faca foi enterrada até o punho acima de seu focinho.

Hunt atacou de novo, desembainhando outra faca de um compartimento secreto nas costas da armadura, e cravou a lâmina bem no crânio, na direção da coluna da besta.

A coisa se contorceu, fechando as mandíbulas em busca de Bryce, os dentes transparentes manchados com o sangue do anjo. A semifeérica acabou no

caminho de algum modo, e se afastou, rastejando, conforme o demônio tentava saltar sobre ela. Mas falhou quando Hunt envolveu a lâmina com as mãos e *torceu*.

O estalo do pescoço quebrado foi abafado pelas árvores cobertas de limo.

Bryce ainda empunhava a pistola.

— Saia da frente.

Hunt soltou a criatura, deixando-a cair na trilha musgosa. A língua negra pendurada para fora da boca de presas cristalinas.

— Por desencargo — disse Bryce, e atirou. Não errou daquela vez.

Sirenes tocaram, e asas encheram o ar. Um zumbido apitou em sua cabeça.

Hunt libertou a lâmina do crânio da criatura e, com uma só mão, a desceu em um golpe poderoso. A cabeça decapitada rolou para longe. O anjo se moveu mais uma vez, e cortou a cabeça em dois pedaços. Então em quatro.

Mais um golpe e o detestável coração foi trespassado também. Sangue translúcido escorria por toda parte, como um vidro de sérum emborcado.

Bryce encarava a cabeça destroçada, o corpo horrível e monstruoso.

Silhuetas poderosas pousaram entre eles, e em um instante aquela malakh de asas negras estava ao lado de Hunt.

— Puta merda, Hunt, o que...

Bryce mal ouviu as palavras. Alguém a ajudou a se levantar. Luz azul piscava, e uma magicerca rodeava o local, impedindo a visão de quem ainda não havia fugido. Ela devia estar gritando, devia pular no demônio, rasgar o cadáver com as próprias mãos. Mas apenas um silêncio retumbante enchia sua mente.

Olhou para o parque, estúpida e lentamente, como se pudesse encontrar Sabine ali.

Hunt gemeu, e ela deu meia-volta enquanto o anjo caía de cara no chão. A anjo de asas negras o amparou, o corpo vigoroso sustentando aquele peso com facilidade.

— Tragam uma medbruxa, *agora*!

O ombro de Hunt jorrava sangue. Assim como o antebraço. Sangue e algum tipo de gosma prateada.

Ela conhecia a queimadura daquela gosma, como fogo vivo.

Uma cabeça de sedosos cachos escuros passou batida, e Bryce piscou quando uma mulher jovem e curvilínea, usando um macacão azul de medbruxa, soltou a bolsa presa ao peito e a pousou a seus joelhos, ao lado de Hunt.

Ele estava curvado, a mão no antebraço, respirando com dificuldade. As asas cinzentas flácidas, salpicadas tanto de sangue translúcido como de vermelho.

A medbruxa disse alguma coisa, a insígnia com a vassoura e o sino no braço direito refletia a luz azul das cercas. As mãos negras não vacilaram ao usar pinças para extrair o que parecia ser um pequeno verme de uma jarra de vidro cheia de musgo e colocá-lo no antebraço de Hunt.

Ele fez uma careta, arreganhando os dentes.

— Sugam o veneno — explicou uma voz feminina ao lado de Bryce. A anjo de asas negras. Naomi. Ela apontou um dedo tatuado para Hunt. — São sanguessugas mitridadas.

O corpo da sanguessuga rapidamente inchou. A bruxa colocou outra na ferida do ombro de Hunt. Em seguida outra no antebraço.

Bryce nada disse.

O rosto de Hunt estava pálido, os olhos fechados enquanto ele parecia se concentrar na própria respiração.

— Acho que o veneno anulou meu poder. Assim que o demônio me mordeu... — Ele sibilou diante de qualquer que fosse a agonia que atravessava seu corpo. — Não fui capaz de invocar meu relâmpago.

Compreensão disparou por Bryce. Aquilo explicava muita coisa. Por que o kristallos havia sido capaz de suplantar Micah, por exemplo. Se tinha emboscado o arcanjo e lhe dado uma boa mordida, somente restaria a Micah a força física. O governador provavelmente nem se dera conta do que aconteceu.

Com certeza atribuiu o ocorrido ao choque ou à rapidez do ataque. Talvez a mordida também tivesse anulado a força natural de Danika e da Matilha dos Demônios.

— Ei. — Naomi pôs a mão no ombro de Bryce. — Está ferida?

A medbruxa desgrudou o suga-veneno do ombro de Hunt, devolveu-o à jarra de vidro, em seguida colocou outro em seu lugar. Uma luz suave emanava de suas mãos enquanto avaliava os outros ferimentos do anjo, então começava o processo de cura. Ela não se preocupou com os frascos de primalux brilhando em sua bolsa; panaceia para todos os males para tantos médicos. Como se preferisse usar a magia contida nas próprias veias.

— Estou bem.

O corpo de Hunt podia se regenerar sozinho, mas teria levado mais tempo. Com aquele veneno nas feridas, Bryce bem sabia que talvez nem se curasse afinal.

Naomi passou uma das mãos no cabelo retinto.

— Devia deixar uma medbruxa examiná-la.

— Não.

Os olhos cor de ônix se estreitaram.

— Se Hunt permite que a medbruxa o examine, então você...

Um poder amplo e gélido irrompeu pelo local, pelo jardim, por todo o quarteirão da cidade. Naomi

se virou enquanto Micah pousava. Fez-se silêncio, vanir de todos os tipos recuaram enquanto o arcanjo caminhava na direção do demônio morto e de Hunt.

Naomi era a única com coragem para se aproximar.

— Eu estava de vigia pouco antes da chegada de Hunt, e não havia sinal de...

Micah passou por ela, os olhos presos ao demônio. A medbruxa, a seu favor, não parou as aplicações, mas Hunt conseguiu erguer a cabeça para encarar a pergunta de Micah.

— O que houve?

— Emboscada — respondeu Hunt, a voz séria.

As asas brancas de Micah pareciam brilhar com poder. E, apesar de todo o silêncio que ecoava na cabeça de Bryce, apesar da distância entre seu corpo e o que restava de sua alma, ela o enfrentou. Para o Inferno, aquilo não ameaçaria a barganha entre Micah e Hunt.

— Ele pulou das sombras — explicou a semifeérica.

O arcanjo a perscrutou.

— Qual de vocês o demônio atacou?

Bryce apontou para Hunt.

— Ele.

— E qual de vocês o matou?

Bryce começou a repetir *ele*, mas Hunt a interrompeu.

— Foi um esforço conjunto. — Bryce lhe lançou um olhar para que se calasse, mas Micah já havia se virado para o corpo do demônio. O arcanjo o acertou com a ponta da bota, franzindo o cenho.

— Não podemos deixar que vaze para a imprensa — advertiu Micah. — Ou para qualquer dos convidados da Cimeira. — A parte implícita da declaração pairava no ar. *Sandriel não pode ouvir uma palavra.*

— Vamos manter tudo fora do noticiário — prometeu Naomi.

Mas Micah balançou a cabeça e estendeu a mão.

Antes que Bryce sequer pudesse piscar, uma chama branca irrompeu ao redor do corpo e da cabeça do demônio. Em um segundo, não havia nada além de cinzas.

— Precisávamos examiná-lo em busca de evidências.

— Sem imprensa — insistiu Micah, em seguida se virou na direção do grupo de comandantes angélicos.

A medbruxa começou a retirar as sanguessugas e a fazer os curativos em Hunt. Cada tira de seda estava imbuída com seu poder, comandando pele e músculo a se regenerar e combater a infecção. As ataduras se dissolveriam quando as feridas cicatrizassem, como se jamais tivessem existido.

A pilha de cinzas jazia ali, um débil desafio quando se levava em conta o verdadeiro terror causado pelo

kristallos. Havia sido aquele o demônio que matara Danika, ou simplesmente um de milhares à espera do outro lado da Fenda do Norte?

O chifre estaria ali, naquele parque? Bryce havia, inadvertidamente, se aproximado do artefato? Ou talvez quem o buscasse — Sabine? — havia simplesmente enviado o kristallos como um outro aviso. Não estavam nem perto do Bosque da Lua, mas as patrulhas de Sabine a faziam percorrer a cidade.

A ferroada da arma ainda ardia nas palmas de Bryce, o coice ricocheteando em seus ossos.

A medbruxa removeu as luvas ensanguentadas. Um crepitar de relâmpago nos dedos de Hunt indicou o retorno de seu poder.

— Obrigado — agradeceu ele à bruxa, que o dispensou.

Em poucos segundos, ela havia guardado as sanguessugas inchadas com o veneno nos potes e sumido atrás das magicercas.

O olhar de Hunt encontrou o de Bryce. As cinzas, os oficiais atarefados e os guerreiros ao seu redor se desvaneceram.

Naomi se aproximou, a trança balançando às costas.

— Por que o demônio alvejaria você?

— Todo mundo quer me arrancar um pedaço — desconversou Hunt.

Naomi os encarou de um jeito que disse a Bryce que ela não havia acreditado naquilo nem por um segundo, mas se afastou para conversar com uma fêmea feérica do Aux.

Hunt tentou se levantar, e Bryce se aproximou para lhe oferecer a mão. Ele balançou a cabeça, fazendo uma careta enquanto apoiava a mão no joelho e se erguia.

— Acho que irritamos Sabine — declarou ele. — Ela deve ter descoberto que a estamos investigando. Ou isso foi um aviso, como a explosão da boate, ou uma tentativa frustrada de resolver o problema, como fez com a acólita e a sentinela.

Ela não respondeu. Uma brisa soprou, agitando as cinzas.

— Bryce. — O anjo se aproximou, os olhos castanhos límpidos, apesar do ferimento.

— Não faz sentido — sussurrou ela enfim. — Você... nós o matamos tão rápido.

Hunt não respondeu, dando a ela oportunidade de pensar, de falar.

— Danika era forte. Connor era forte. Qualquer um dos dois poderia ter derrotado aquele demônio e sobrevivido. Toda a Matilha dos Demônios estava no apartamento naquela noite. Mesmo que o veneno anulasse alguns de seus poderes, toda a alcateia junta poderia... — Sentiu um nó na garganta.

— Nem mesmo Mic... — Hunt se interrompeu, desviando o olhar para o arcanjo, que ainda conversava com os comandantes em um canto. — Ele não escapou.

— Mas eu sim. Duas vezes.

— Talvez a besta tenha alguma fraqueza feérica.

Ela balançou a cabeça.

— Não acho. É só... que não faz sentido.

— Amanhã vamos resolver tudo. — Hunt assentiu para Micah. — Acredito que esta noite apenas provou que é hora de contar a ele nossas suspeitas em relação a Sabine.

Bryce se sentiu enjoada. Mas concordou.

Os dois esperaram a maior parte dos comandantes de Micah se retirarem em suas respectivas missões antes de se aproximarem; Hunt estremecia a cada passo.

— Precisamos conversar — grunhiu.

Micah apenas cruzou os braços. E então Hunt, rápida e eficientemente, contou tudo. Sobre o chifre, sobre Sabine, sobre suas suspeitas. Sobre a possibilidade de reparar o artefato... embora ainda não soubessem por que a loba iria querer ou precisar abrir um portal para outro mundo.

Os olhos de Micah passaram de entediados a irritados e francamente glaciais.

Quando Hunt terminou, o governador olhou de um para o outro.

— Precisam de evidências.

— Vamos consegui-las — prometeu Hunt.

Micah os observou, o rosto sombrio como o Fosso.

— Me procurem quanto tiverem provas concretas. Ou se encontrarem aquele chifre. Se alguém está disposto a tanto por causa da relíquia, existe uma maldita chance de terem encontrado um jeito de consertá-la. Não vou colocar a cidade em risco por causa de uma cadela com sede de poder. — Bryce podia jurar que a tatuagem de espinhos na testa de Hunt escureceu quando seus olhos encontraram os do arcanjo. — Não faça cagada, Athalar. — Sem outra palavra, Micah bateu as asas e disparou para o céu noturno.

Hunt suspirou, observando a pilha de cinzas.

— Babaca.

Bryce esfregou os braços com as mãos. O olhar do anjo disparou para ela, percebendo o gesto. O frio que a invadia nada tinha a ver com a noite de primavera. Ou com a tempestade prestes a desabar.

— Vamos — disse ele, com suavidade, girando o braço ferido para testar sua força. — Acho que consigo nos voar até seu apartamento.

Ela observou as equipes ocupadas, os metamorfos rastreadores já se embrenhando entre as árvores à caça de pegadas antes que a chuva as varresse.

— Não precisamos ser interrogados?

Ele estendeu a mão.

— Sabem onde nos encontrar.

* * *

Ruhn chegou ao jardim noturno pouco depois da partida de sua irmã e de Hunt Athalar, de acordo com Naomi Boreas, comandante da 33ª Infantaria. A anjo que não levava desaforo para casa tinha dito apenas que ambos estavam bem, e dera meia-volta para receber uma atualização de um capitão de unidade sob seu comando.

Tudo que restou do kristallos foi uma mancha calcinada e alguns esguichos de sangue cristalino, como gotas de água da chuva sobre pedra e musgo.

O príncipe se aproximou de uma rocha talhada na lateral do caminho. Abaixando-se, pegou a faca da bota e dirigiu a lâmina para uma poça do sangue incomum agarrada a algum líquen antigo.

— Eu não faria isso.

Ele conhecia a bela voz... a cadência firme, controlada. Olhou por sobre o ombro e viu a medbruxa da clínica parada atrás de si, o cabelo cacheado preto emoldurando o belo rosto. Mas aqueles olhos fitavam o sangue.

— A saliva é venenosa — explicou ela. — Mas não sabemos que outros horrores se escondem no sangue.

— Não afetou o musgo — argumentou ele.

— Sim, mas era um demônio criado para um propósito específico. Seu sangue pode parecer inofensivo para seres não sencientes, mas perigoso para todo o restante.

Ruhn se sobressaltou.

— Reconheceu o demônio?

A bruxa pestanejou, como se tivesse sido flagrada.

— Meus tutores eram bem velhos, como já disse. Exigiam que eu estudasse textos antigos.

Ruhn se levantou.

— Podíamos tê-la consultado no passado.

— Não havia completado meu treinamento na época. — Uma evasiva. Ruhn franziu o cenho. A bruxa deu um passo para trás. — Eu estava pensando, príncipe — disse ela, recuando. — Sobre o que me perguntou. Investiguei a questão, e existe uma pesquisa... com potencial. Preciso sair da cidade por uns dias para cuidar de um assunto pessoal, mas, quando voltar e revisar tudo minuciosamente, vou enviar para você.

— Ruhn! — O grito de Flynn cortou o caos do time de investigação que os rodeava.

O feérico olhou por sobre o ombro para pedir que o amigo esperasse dois malditos segundos, mas um movimento da bruxa chamou sua atenção.

Não havia visto a vassoura estacionada ao lado da árvore, mas com certeza a avistou naquele momento,

quando a jovem disparou para o céu, o cabelo como uma cortina escura às costas.

— Quem era aquela? — perguntou Flynn, apontando com a cabeça na direção da bruxa que se distanciava.

— Não sei — respondeu Ruhn, baixinho, encarando-a através da noite.

47

A tempestade desabou quando estavam a dois quarteirões do prédio de Bryce, ensopando-os em segundos. A dor lancetava o antebraço e o ombro de Hunt quando ele pousou no telhado, mas o anjo a engoliu. Bryce ainda estava trêmula, o rosto alheio o suficiente para que ele não a soltasse de imediato ao colocá-la de pé no piso molhado de chuva.

Ela ergueu o olhar para o anjo quando percebeu os braços dele ainda em sua cintura.

Hunt não conseguiu reprimir a carícia do polegar nas costelas da semifeérica. Não conseguiu evitar repeti-la uma segunda vez.

Bryce engoliu em seco, e ele acompanhou cada oscilar daquela garganta. A chuva que corria pelo pescoço, o pulso latejando delicadamente sob a pele.

Antes que ele pudesse reagir, ela se inclinou, abraçando o anjo. Apertou com força.

— Hoje foi um dia ruim — disse ela, contra o peito encharcado dele.

Hunt a envolveu nos braços, desejando que o próprio calor aquecesse o corpo trêmulo.

— Sim.

— Fico feliz que não tenha morrido.

Hunt bufou uma risada, enterrando o rosto no pescoço da fêmea.

— Eu também.

Os dedos de Bryce se crisparam na coluna do anjo, gentis e exploradores. Cada um dos sentidos de Hunt se resumia àquele toque. Subitamente desperto.

— Devíamos sair da chuva — murmurou ela.

— Devíamos — ecoou ele. E não se mexeu.

— Hunt.

Não sabia dizer se o nome era um aviso ou uma exigência ou algo mais. Pouco se importou enquanto roçava o nariz na coluna molhada de chuva daquele pescoço. Porra, como ela cheirava bem.

Ele repetiu o gesto, incapaz de se conter ou de se fartar daquele perfume. Ela inclinou o queixo de leve. Apenas o bastante para expor mais o pescoço ao anjo.

Inferno, sim. Hunt quase gemeu as palavras conforme se permitia aconchegar o rosto naquele pescoço macio, delicioso, ávido como um maldito vampiro por aquilo, cheirá-la, prová-la.

A sensação suplantando cada instinto, cada dolorosa lembrança, cada promessa que já fizera.

Os dedos de Bryce apertaram suas costas... em seguida começaram a acariciá-las. O anjo praticamente ronronou.

Não se permitiu pensar, não enquanto roçava os lábios no ponto em que havia aninhado o rosto. Ela se arqueou ligeiramente contra ele. Contra a rigidez contida pelo couro reforçado da armadura.

Engolindo outro gemido no pescoço de Bryce, Hunt abraçou com mais força o corpo macio, quente, e desceu as mãos para aquela bunda perfeita e linda, que o havia atormentado desde o maldito primeiro dia, e...

A porta de metal para o terraço se abriu. Hunt já tinha empunhado a arma e a apontava na direção do barulho quando Sabine a atravessou, rosnando.

— *Para trás.*



Hunt sopesou suas opções cuidadosamente.

Ele tinha uma arma apontada para a cabeça de Sabine. A loba tinha uma arma apontada para o coração de Bryce.

Qual dos dois era mais rápido? A pergunta martelava em seu crânio.

Bryce obedeceu à ordem de Sabine e colocou as mãos para cima. Hunt podia apenas imitá-la, posicionando-se atrás de Bryce, de modo que a semifeérica ficasse colada em seu peito e ele pudesse lhe envolver a cintura com a mão livre e apertá-la contra si. Conseguiria levantar voo rápido o bastante para se esquivar de uma bala?

Bryce não sobreviveria a um tiro à queima-roupa no coração. Morreria em segundos.

— Onde está seu amiguinho demônio? — Ela conseguiu perguntar sobre o tamborilar da chuva.

Sabine fechou a porta do telhado com um chute. As câmeras haviam sido desativadas. Algo necessário, ou a legião já estaria ali, tendo sido alertada por Marrin. As imagens deviam estar rodando em looping, exibindo algo inofensivo; como Sabine havia feito no Templo de Luna. Sinal de que ninguém, absolutamente ninguém, sabia o que se passava ali.

Devagar, Hunt começou a subir o braço bom pelo corpo trêmulo e ensopado de Bryce.

— Nem pense nisso, Athalar — cuspiu Sabine.

Ele interrompeu o movimento antes de conseguir proteger os seios de Bryce... o coração batendo ali embaixo. Sua armadura tinha blindagem suficiente para desviar uma bala. Para absorver o impacto. Era melhor que ele perdesse um braço, que poderia se regenerar, do que ela...

Não podia conceber a última palavra.

— Mandei ficarem fora disso. E, ainda assim, não me deram ouvidos... precisavam aparecer no Covil, fazendo perguntas que não tinham *nenhum direito* de fazer.

— Fizemos as perguntas porque você matou Danika, sua vadia psicótica — rosnou Bryce.

Sabine ficou completamente imóvel. Quase tão imóvel quanto um feérico.

— Acha que fui *eu*?

Hunt sabia que a loba era um livro aberto cujas páginas ela jamais tentara esconder. Seu choque era

genuíno.

— Acha que matei minha própria filha? — sibilou ela, enquanto a chuva pingava de seu rosto estreito e anguloso.

Bryce tremia tanto que Hunt precisou ampará-la com mais força, então explodiu:

— Você a matou porque Danika ia tomar seu lugar como a Prima, você roubou o chifre para diminuí-la, e tem invocado aquele demônio para matar qualquer um que possa ter testemunhado algo e humilhar Micah na Cimeira...

Sabine riu, um som baixo e oco.

— Quanta besteira.

— Você apagou a gravação do roubo do chifre do templo. Nós conferimos — rosnou Hunt. — Você mentiu sobre a presença de Danika no local naquela noite. E resmungou sobre sua filha ser incapaz de manter a boca fechada na noite de sua morte. Tudo de que precisamos para provar que matou Danika é ligá-la ao demônio kristallos.

Sabine abaixou a arma, recolocando a trava. A loba tremia de raiva mal contida.

— Não roubei coisa alguma, seus malditos idiotas. E não matei minha filha.

Hunt não ousou baixar a própria arma. Nem soltar Bryce.

Não enquanto Sabine declarava, fria e abatida:

— Eu a estava protegendo. *Danika* roubou o chifre.



— Danika não roubou coisa alguma — sussurrou Bryce.

O frio a engolfava. Apenas o braço de Hunt em sua cintura a mantinha de pé, o corpo do anjo uma parede cálida a suas costas.

Os olhos castanho-claros de Sabine — o mesmo tom dos de Danika, mas despidos de calor — brilhavam impiedosos.

— Por que acha que troquei as imagens? Ela pensou que o blecaute a protegeria, mas não foi esperta o suficiente para cogitar que o áudio poderia estar sendo gravado e que captaria cada um de seus passos conforme deixava seu posto para roubar o chifre e então retornava um minuto mais tarde, de volta à patrulha, como se não tivesse cuspido na cara da deusa. Se ela provocou o blecaute para roubar a relíquia ou se aproveitou a oportunidade, não sei.

— Por que ela roubaria o chifre? — Bryce mal conseguiu pronunciar as palavras.

— Porque era uma pirralha mimada que queria testar os próprios limites. Assim que recebi o alerta sobre o roubo do chifre, examinei os vídeos e troquei os arquivos em todos os bancos de dados. — O sorriso de Sabine parecia um talho cruel. — Limpei as merdas que ela fez... como fiz a vida toda. E, vocês dois, ao fazerem suas *perguntas*, ameaçaram destruir o legado que ela deixou.

As asas de Hunt se abriram de leve.

— Você mandou aquele demônio atrás de nós hoje à noite...

As sobrancelhas pálidas de Sabine formaram um traço.

— Que demônio? Fiquei esperando aqui a noite toda. Pensei sobre sua maldita e estúpida visita ao *meu* Covil, e cheguei à conclusão de que precisavam de um lembrete efetivo para ficarem longe do caso. — Ela arreganhou os dentes. — Amelie Ravenscroft está do outro lado da rua, prestes a fazer uma ligação caso saia da linha, Athalar. Ela diz que estavam dando um espetáculo há poucos instantes. — Um sorriso presunçoso, maldoso.

Bryce corou e deixou que Hunt checasse a informação. Pelo modo como enrijeceu, soube que era verdade.

— E quanto ao que eu disse na noite em que ela morreu — continuou Sabine. — Danika não conseguia manter o bico fechado... sobre nada. Eu sabia que ela havia roubado o chifre, e sabia que provavelmente alguém a tinha matado por isso, porque ela não conseguia ficar calada. — Outra risada fria. — Tudo que fiz foi para proteger minha filha. Minha filha arrogante e imprudente. Tudo que *você* fez foi ser uma má influência.

O rugido de Hunt varou a noite.

— Cuidado, Sabine.

Mas a alfa apenas bufou.

— Vão se arrepender de ter cruzado meu caminho. — Ela caminhou até a beirada do telhado, o poder ribombando em uma fraca aura a seu redor enquanto analisava o mesmo salto que Bryce cogitara dar um ano e meio antes. Mas Sabine seria capaz de aterrissar graciosamente na calçada. A loba olhou sobre o ombro esbelto, as presas se alongando conforme concluía: — Não matei minha filha. Mas, se colocarem seu legado em risco, vou matar *vocês*.

Em seguida saltou, transmutando-se em um clarão suave enquanto Hunt corria até a beirada. Mas Bryce já sabia o que ele iria ver: uma loba, pousando na calçada com leveza e desaparecendo na escuridão.



Hunt não tinha percebido como a revelação de Sabine havia abalado Bryce até a manhã seguinte. A semifeérica não saiu para correr. Quase se atrasou para o trabalho.

Tomou uma xícara de café, mas dispensou os ovos que ele havia feito. Mal trocara três palavras com o anjo.

Sabia que ela não estava irritada com ele, que estava apenas... processando tudo.

Se aquele processo envolvia o que quase haviam feito no telhado, não ousou perguntar. Não era o momento. Mesmo que ele tivesse precisado de um banho frio, muito frio, logo depois. E resolver o problema com as próprias mãos. Foi na intenção do rosto de Bryce, da lembrança de seu perfume e daquele gemido rouco que ela deixara escapar

quando colou o corpo ao seu, que ele gozara, com tamanha intensidade que tinha visto estrelas.

Mas aquilo era o menor de seus problemas, aquela coisa entre os dois. Fosse o que fosse.

Graças aos deuses, o ataque no parque não havia vazado para a imprensa.

Bryce mal conversou depois do trabalho. Ele lhe fizera o jantar, e ela brincou com a comida, então se recolheu antes das nove. Com certeza não rolou qualquer abraço terminado em sarrada.

O dia seguinte foi igual. E o seguinte.

Estava disposto a deixá-la em paz. Os deuses sabiam que, às vezes, até ele precisava de um tempo. Toda vez que matava para Micah, por exemplo.

Tinha mais juízo do que sugerir que Sabine mentira, afinal não havia desculpa melhor do que acusar alguém morto. Sabine era, sim, um monstro, mas Hunt jamais a acusaria de mentirosa.

A investigação estava cheia de impasses, e Danika morrera... pelo quê? Por um antigo artefato que não funcionava. Que não funcionava havia quase quinze mil anos, e nunca funcionaria de novo.

Danika teria tentado ela própria consertar e usar o chifre? Por qual motivo, não fazia ideia.

Sabia que tais pensamentos inquietavam Bryce. Por cinco malditos dias, a semifeérica mal comera. Apenas saía para o trabalho, dormia e voltava ao trabalho.

Toda manhã ele preparava o café. Toda manhã ela ignorava o prato que o anjo lhe servia.

Micah havia ligado apenas uma vez, para perguntar se tinham conseguido alguma prova contra Sabine. Hunt mal tinha respondido que *Era um beco sem saída*, e o governador desligara, a raiva pelo caso ainda não solucionado quase tangível.

Aquilo fora dois dias antes. Hunt ainda estava à espera do inevitável.

— Achei que procurar armas fatais e antigas seria excitante — lamentou Lehabah, sentada em seu pequeno divã, assistindo a programas vespertinos genuinamente idiotas sem prestar muita atenção.

— Eu também — resmungou Bryce.

Hunt ergueu os olhos de um relatório de evidências que estivera folheando, prestes a responder, quando a campainha tocou. O rosto de Ruhn apareceu na imagem da câmera de segurança, e Bryce deixou escapar um longo suspiro antes de, silenciosamente, apertar o botão e deixar o feérico entrar.

Hunt girou o ombro rígido. O braço ainda latejava um pouco, eco do veneno letal que havia extirpado a magia de seu corpo.

As botas pretas apareceram nos degraus acarpetados segundos depois. Aparentemente a porta aberta da biblioteca tinha fornecido ao príncipe a pista de onde o grupo se encontrava. De imediato,

Lehabah zuniu pelo espaço, faíscas em seu rastro, conforme sorria e dizia:

— *Vossa Alteza!*

Ruhn abriu um meio-sorriso, os olhos logo pousando em Bryce. Não lhe passou despercebida a exaustão silenciosa e preocupada.

— A que devemos a honra?

Ruhn se sentou em uma cadeira do lado oposto da mesa coberta de livros. Áster, embainhada a suas costas, não refletia as luzes da biblioteca.

— Vim ver como andam as coisas. Algo novo?

Nenhum deles havia lhe contado sobre Sabine. E, aparentemente, nem Declan.

— Não — respondeu Bryce. — Alguma novidade sobre o chifre?

Ruhn ignorou a pergunta.

— O que há de errado?

— Nada. — Bryce endireitou a coluna.

Ruhn parecia prestes a discutir com sua prima, então Hunt fez aos dois — e a si mesmo, se fosse honesto — um favor e disse:

— Estamos esperando o retorno de um contato na Casa das Muitas Águas sobre um possível padrão nos ataques do demônio. Descobriu alguma informação sobre a capacidade de anular magia do kristallos?

Dias haviam se passado e ele ainda não conseguia parar de pensar no assunto. Na sensação de ver o poder apenas estalar e morrer em suas veias.

— Não. Ainda não descobri nada sobre a criação do kristallos, exceto que foi feito a partir do sangue do primeiro Príncipe Estrelado e da essência do próprio Comedor de Estrelas. Nada sobre a capacidade de anular magia. — Ruhn assentiu para o anjo. — Nunca encontrou um demônio capaz disso?

— Nunca. Feitiços de bruxa e pedras gorsianas renegam magia, mas aquilo foi diferente.

Ele havia lidado com ambos. Antes que o tivessem tolhido com a tinta de bruxa em sua testa, eles o haviam acorrentado com algemas de pedras gorsianas, das montanhas Dolos. Um metal raro, cujas propriedades entorpeciam o fluxo da magia, destinado a altos inimigos do império; a própria Corça era particularmente adepta de seu uso conforme ela e seus inquisidores subjugavam os vanir entre os espiões rebeldes e seus líderes. Por anos, boatos de que os rebeldes vinham testando modos de transformar o metal em um spray que pudesse ser aspergido sobre os guerreiros vanir nos campos de batalha circulavam pelos quartéis da 33ª.

Ruhn indicou o antigo livro que havia deixado na mesa dias antes, ainda aberto no trecho sobre os feéricos Estrelados.

— Se o próprio Comedor de Estrelas imbuiu o kristallos com sua essência, é daí que vem a capacidade do demônio de absorver magia. Assim

como o sangue do príncipe Pelias lhe deu a habilidade de rastrear o chifre.

Bryce franziu o cenho.

— E aí, seu sentido de Escolhido não captou nenhum indício do chifre?

Ruhn cutucou a argola de prata em seu lábio inferior.

— Não. Mas pela manhã recebi uma mensagem de uma medbruxa que conheci outro dia... a que atendeu Hunt no jardim noturno. É um tiro no escuro, mas ela mencionou que existe uma droga relativamente nova no mercado, cujo uso começou a ser liberado. Magia de cura sintética. — Hunt e Bryce se enrijeceram. — Pode ter alguns efeitos colaterais sinistros se não for administrada com cautela. A bruxa não teve acesso à fórmula ou aos testes, mas disse que pesquisas comprovaram que seu poder de cura é quase o dobro do da primalux.

— Acha que uma coisa assim pode consertar o chifre? — indagou Bryce.

— É uma possibilidade. E se encaixa naquela charada da luz que não é luz, magia que não é magia para curar o chifre. É meio do que se trata esse composto sintético.

Os olhos da semifeérica faiscaram.

— E... já está disponível?

— Ao que parece, chegou ao mercado em algum momento dos últimos anos. Ninguém testou a droga

em objetos inanimados, mas quem sabe? Se magia real não pode consertá-lo, talvez uma substância sintética consiga.

— Jamais ouvi falar de magia sintética — argumentou Hunt.

— Nem eu — admitiu Ruhn.

— Então descobrimos um potencial modo de reparar o chifre — refletiu Bryce. — Mas não o paradeiro do chifre. — Ela suspirou. — E ainda não sabemos se Danika roubou o chifre em um impulso ou com algum propósito definido.

Ruhn se sobressaltou.

— Danika fez *o quê*?

Bryce abriu uma careta, em seguida inteirou o príncipe de tudo o que haviam descoberto. Quando terminou, o feérico se recostou na cadeira, a perplexidade visível em cada traço do rosto.

— Independentemente de Danika ter roubado o chifre por diversão ou com alguma finalidade, não muda o fato de que ela o roubou. — Hunt quebrou o silêncio.

— Acha que ela o queria para si? Para consertá-lo e usá-lo? — perguntou Ruhn, com cautela.

— Não — respondeu Bryce, em voz baixa. — Não, Danika pode ter escondido coisas de mim, mas eu conhecia sua índole. Ela jamais teria cobiçado uma arma tão perigosa quanto o chifre... uma ameaça de tamanho vulto para o mundo. — Ela esfregou as mãos

no rosto. — Seu assassino ainda está à solta. Danika deve ter roubado o chifre para impedir que o pegassem. E a mataram por isso, mas não devem ter encontrado a relíquia, se ainda estão conjurando o kristallos para caçá-lo. — Ela gesticulou para a espada de Ruhn. — Essa coisa não pode ajudá-lo a achar o chifre? Ainda penso que atrair o assassino com ele é a maneira mais eficaz de o pegarmos.

Ruhn balançou a cabeça.

— A espada não funciona assim. Além de ser exigente sobre quem a empunha, Áster não tem poder sem o punhal.

— O punhal? — perguntou Hunt.

Ruhn desembainhou a espada, o metal cantando, e a pousou na mesa entre eles. Bryce se inclinou para longe da lâmina quando um ponto de luz estelar cantou ao longo do guarda-mão e brilhou na ponta.

— Chique — disse Hunt, recebendo um olhar feio de Ruhn, que havia erguido uma sobrancelha para Bryce, sem dúvida esperando algum tipo de reverência diante de uma espada mais antiga que aquela cidade, mais antiga que o primeiro passo dos vanir em Midgard.

— A espada faz parte de um duo — explicou Ruhn. — Um longo punhal foi forjado com o irídio extraído do mesmo meteorito que se chocou contra nosso velho mundo. — O mundo que os feéricos haviam abandonado para atravessar a Fenda do Norte

e entrar em Midgard. — Mas perdemos o punhal faz eras. Nem mesmo os Arquivos Feéricos têm o registro de como se extraviou, mas parece que foi em algum momento durante as Primeiras Guerras.

— É uma das inúmeras e insanas profecias feéricas — resmungou Bryce. — *Quando punhal e espada se unirem, então o mesmo fará nosso povo.*

— Está literalmente gravado sobre a entrada dos Arquivos Feéricos... seja lá o que quer dizer — emendou Ruhn.

Bryce abriu um sorriso discreto diante da interrupção.

Hunt sorriu. Aquele pequeno sorriso foi como um raio de sol depois de dias de chuva.

Bryce fingiu não notar a expressão do anjo, mas Ruhn lhe lançou um olhar incisivo.

Como se o príncipe soubesse de cada pensamento obsceno que tinha lhe passado pela cabeça, tudo o que havia imaginado enquanto se tocava, desejando que fosse a boca de Bryce a fazê-lo, suas mãos, o corpo macio.

Merda... estava atolado até o pescoço naquela merda.

Ruhn apenas bufou, como se soubesse daquilo também, e embainhou a espada novamente.

— Gostaria de visitar os Arquivos Feéricos — suspirou Lehabah. — Imagine toda aquela história milenar, todos aqueles gloriosos objetos.

— Acesso restrito, apenas para os olhos dos herdeiros puro-sangue — finalizou Bryce, com um olhar penetrante para Ruhn.

O príncipe ergueu as duas mãos.

— Tentei mudar as regras — disse ele. — Sem sucesso.

— Eles permitem visitantes nos principais feriados — comentou Lehabah.

— A partir de uma lista pré-aprovada — argumentou Bryce. — E duendes de fogo *não* estão nela.

Lehabah virou de lado, apoiando a cabeça na mão flamejante.

— Eles me deixariam entrar. Sou descendente da Rainha Ranthia Drahl.

— Sim, e eu sou a sétima asteri — rebateu Bryce, com ironia.

Hunt tomou o cuidado de não reagir ao tom. A primeira centelha que havia visto em dias.

— Eu sou — insistiu a duende, virando-se para Ruhn. — Ela era minha tatara-tataravó, que foi deposta nas Guerras dos Elementais. Nossa família caiu em desgraça...

— A história muda toda vez — explicou Bryce a Hunt, cujos lábios se retorciam.

— Não muda — queixou-se Lehabah. Ruhn também estava rindo agora. — Tivemos uma chance

de recuperar o título, mas minha tatara-tataravó foi expulsa da Cidade Eterna por...

— Expulsa.

— Sim, *expulsa*. Falsamente acusada de tentar roubar o consorte real da rainha impostora. Ela estaria se revirando nas próprias cinzas se soubesse o que aconteceu a sua última descendente. Pouco mais que um pássaro numa gaiola.

Bryce tomou um gole de água.

— É neste momento, rapazes, que ela arrecada dinheiro para comprar a própria liberdade.

Lehabah enrubesceu.

— *Não* é verdade. — Ela apontou um dedo para Bryce. — Minha *bis*avó lutou ao lado de Hunt contra os anjos... e *isso* foi o fim da liberdade de meu povo.

As palavras crepitaram pelo anjo. Todos o encaravam.

— Lamento. — Não tinha outras palavras em sua mente.

— Ah, Athie — disse Lehabah, voando até ele e enrubescendo. — Não quis dizer... — Ela apoiou o rosto nas mãos. — Não culpo *você*.

— Liderei todos em batalha. Não vejo como culpar outra pessoa pelo que aconteceu com seu povo por causa da rebelião. — As palavras soaram tão vazias quanto pareciam.

— Mas Shahar liderou *você* — disse Danaan, os olhos azuis atentos a tudo.

Hunt se arrepiou ao som daquele nome nos lábios do príncipe. Mas se pegou olhando para Bryce para se torturar com a maldita anuência que encontrou em seu semblante.

Apenas tristeza brilhava ali. E algo como compreensão. Como se ela o enxergasse, como ele a enxergou no campo de tiro, assimilando cada um de seus cacos e pouco se importando com quão afiados eram. Sob a mesa, a ponta do sapato de salto roçou sua bota. Uma pequena confirmação de que sim... ela via sua culpa, a dor, e não iria se esquivar. O anjo sentiu um aperto no peito.

Lehabah pigarreou.

— Alguma vez visitou os Arquivos Feéricos de Avallen? — perguntou a Ruhn. — Ouvi dizer que são ainda mais grandiosos que os daqui. — Ela rodopiou uma espiral de chamas no dedo.

— Não — respondeu Ruhn. — Mas os feéricos da ilha das brumas são ainda menos acolhedores que os daqui.

— Gostam de ostentar sua riqueza, não gostam? — comentou Lehabah, encarando Bryce. — Igual a você, BB. Gastando só com você e nunca comprando nada bonito para mim.

Bryce afastou o pé.

— Não compro narguilé de morango quase toda semana?

Lehabah cruzou os braços.

— Não conta como presente.

— Diz a duende que se tranca naquela pequena redoma de vidro, queima fumo a noite toda e me manda deixá-la em paz até ter acabado. — Ela se recostou na cadeira, presunçosa como um gato, e Hunt quase riu de novo ao ver o brilho naquele olhar.

Bryce pegou o telefone do anjo de cima da mesa e tirou uma foto sua antes que ele pudesse protestar. Em seguida uma de Lehabah. E outra de Syrinx.

Se Ruhn percebeu que ela não se preocupou em tirar uma foto dele, não disse nada. Embora Hunt pudesse jurar que a sombras se adensaram no cômodo.

— Tudo que quero, BB — começou Lehabah —, é um pouco de reconhecimento.

— Deuses me livrem — resmungou Bryce. Até mesmo Ruhn sorriu com aquela declaração.

O telefone do príncipe tocou, e ele o atendeu antes que Hunt pudesse ver quem era.

— Flynn.

Hunt ouviu vagamente a voz de Flynn.

— Precisam de você no quartel. Alguma briga idiota sobre a namorada de alguém ter dormido com outra pessoa. E, sinceramente, estou cagando para isso, mas eles se machucaram de verdade.

Ruhn suspirou.

— Chego aí em quinze minutos — disse ele, e desligou.

— Precisa mesmo moderar esse tipo de briga? — perguntou Hunt.

Ruhn passou a mão pelo punho de Áster.

— Por que não?

— Porque você é um príncipe.

— Não sei como consegue fazer disso um insulto — grunhiu Ruhn.

— Por que não... cuidar das merdas importantes? — argumentou Hunt.

— Porque o papai tem medo dele. — Bryce respondeu por ele.

Ruhn lhe lançou um olhar de aviso.

— Ele me suplanta em poder *e* hierarquia.

— E, no entanto, o rei fez questão de subjugá-lo desde sempre; como se você fosse alguma espécie de animal a ser domado. — Ela pronunciou as palavras com suavidade, mas Ruhn enrijeceu.

— Estava tudo bem — disse Ruhn, tenso. — Até você chegar.

Hunt se preparou para a tempestade iminente.

— Ele estava vivo da última vez que um Príncipe Estrelado surgiu, sabe. Nunca se perguntou o que aconteceu a ele? Por que morreu antes de fazer a Descida? — perguntou Bryce.

Ruhn empalideceu.

— Não seja estúpida. Houve um acidente durante o Ordálio.

Hunt manteve a expressão neutra, mas Bryce apenas se recostou na cadeira.

— Se é o que diz.

— Você ainda acredita naquela merda da qual tentou me convencer quando criança?

Ela cruzou os braços.

— Queria abrir seus olhos para a verdadeira natureza do rei antes que fosse tarde demais para você também.

Ruhn pestanejou, mas se endireitou, balançando a cabeça enquanto se erguia da cadeira.

— Acredite em mim, Bryce, sei há tempos o que ele é. Porra, tive de conviver com ele. — Ruhn assentiu na direção da mesa bagunçada. — Se eu descobrir algo novo sobre o chifre ou a magia sintética de cura, aviso. — Então encontrou o olhar de Hunt e acrescentou: — Tome cuidado.

Hunt abriu um sorriso franco que dizia ao príncipe que sabia exatamente em relação a que devia *tomar cuidado*. E não dava a mínima.

* * *

Dois minutos depois da partida de Ruhn, a campainha da porta da frente tocou de novo.

— O que diabo ele quer agora? — resmungou Bryce, pegando o tablet que Lehabah tinha usado

para assistir a seus programas toscos e consultando a imagem da câmera da frente.

A semifeérica deixou escapar um gritinho. Uma lontra em um colete refletivo amarelo se erguia nos flancos traseiros, uma pequena pata no botão mais baixo do interfone, que Bryce havia obrigado Jesiba a instalar para os clientes verticalmente deficientes. Na esperança de que um dia, de algum modo, encontraria um mensageiro peludo e bigodudo parado na soleira.

Bryce disparou da cadeira um segundo depois, os passos rápidos sobre o carpete conforme corria pelas escadas.

A mensagem que a lontra trazia vinha de Tharion, doce e curta.

Acredito que seja de seu interesse. Beijos, Tharion.

— Beijos? — perguntou Hunt.

— Obviamente, são para você — respondeu ela, ainda sorrindo por causa da lontra. Tinha lhe dado um marco de prata, em troca do qual recebera um torcer de bigodes e um pequeno vislumbre de presas.

Aquele tinha sido, facilmente, o ponto alto de seu dia. De sua semana. De seu ano.

Sinceramente, de toda sua vida.

À mesa da sala de exposição, Bryce tirou a carta de Tharion de cima da pilha enquanto Hunt começou a folhear algumas das páginas abaixo.

O sangue se esvaiu de seu rosto ao ver a foto na mão do anjo.

— Isso é um corpo?

Hunt grunhiu.

— O que restou de um depois que Tharion o arrancou do covil de um sobek.

Bryce não conseguiu reprimir o arrepio que lhe atravessou a coluna. Tendo em média 7 metros e mais de uma tonelada de músculos cobertos de escamas, sobeks estavam entre os mais letais predadores a habitar o rio. Perversos, fortes e com dentes que podiam partir uma pessoa ao meio, um macho sobek adulto podia afugentar quase quaisquer vanir.

— Ele é louco.

Hunt bufou uma risada.

— Ah, com certeza.

Bryce franziu o cenho para a foto macabra, em seguida leu as anotações de Tharion.

— Ele diz que as marcas de mordida no torso não são compatíveis com presas de sobek. Essa pessoa já estava morta quando foi desovada no Istros. O sobek deve ter visto uma refeição fácil e a arrastou para sua toca a fim de saboreá-la mais tarde. — Engoliu em seco e de novo observou o corpo. Uma fêmea dríade. A cavidade torácica havia sido rasgada, coração e órgãos internos removidos, e marcas de mordida pontilhavam... — Esses ferimentos parecem com os que você recebeu do kristallos. E o laboratório das

sereias calcula que a morte foi há cinco dias, julgando pelo estado de decomposição do corpo.

— A noite em que fomos atacados.

Bryce estudou o relatório.

— Havia veneno cristalino nas feridas. Tharion diz que conseguia senti-lo mesmo depois dos testes da perícia. — A maioria dos integrantes da Casa das Muitas Águas podia sentir o que fluía pelo corpo de alguém; doença e fraquezas e, aparentemente, venenos. — Mas, quando o testaram... — ela soltou o ar — a substância anulava a magia. — Tinha de ser o kristallos. Bryce se encolheu, continuando a leitura: — Ele pesquisou os registros de todos os corpos encontrados por sereias nos últimos anos. Encontrou dois com ferimentos idênticos e o mesmo veneno, na mesma época... — A semifeérica engoliu em seco. — Na época em que Danika e a matilha morreram. Uma dríade e um metamorfo raposa. Os dois dados como desaparecidos. Este mês, encontraram *cinco corpos* com as marcas e o veneno. Todos dados como desaparecidos algumas semanas depois do fato.

— Então são pessoas que não devem ter amigos íntimos ou família — argumentou Hunt.

— Talvez.

Bryce estudou a fotografia mais uma vez. Ela se obrigou a examinar os ferimentos. Um silêncio se abateu sobre eles, interrompido apenas pelo som

distante do programa a que Lehabah assistia no andar de baixo.

— Não foi essa criatura que matou Danika — disse ela, em um tom de voz baixo.

Hunt passou a mão pelo cabelo.

— Podem ser múltiplos kristallos...

— Não — insistiu ela, pousando os papéis. — O kristallos não foi o que matou Danika.

Hunt franziu o cenho.

— Mas você estava presente. Você o viu.

— Eu o vi no corredor, não no apartamento. Danika, a matilha e as outras três vítimas recentes viraram *pasta*. — Ela mal conseguia suportar dizer aquilo, pensar naquilo outra vez.

Aqueles últimos cinco dias não foram... nada fáceis. Um passo depois do outro era o único modo de continuar depois do encontro desastroso com Sabine. Depois da bomba que a loba jogara a respeito de Danika. E se eles tivessem procurado a coisa errada todo aquele tempo...

Bryce ergueu a foto.

— As feridas não são iguais. O kristallos queria seu coração, seus órgãos. Não o transformar em um... monte de carne. Danika, a Matilha dos Demônios, Tertian, a acólita e a sentinela do templo... *nenhum* apresentava ferimentos assim. E *nenhum* tinha veneno no organismo. — Hunt apenas piscou para ela. A voz de Bryce falhou. — E se outra coisa apareceu? E se o

kristallos foi invocado para procurar o chifre, mas algo pior esteve no apartamento naquela noite? Se alguém tem o poder de conjurar o kristallos, por que não invocaria múltiplos tipos de demônio?

Hunt ponderou a ideia.

— Mas não conheço nenhum demônio que desintegra suas vítimas assim. A não ser que seja outro horror antigo, direto do Fosso. — Ele esfregou o pescoço. — Se o kristallos matou a dríade... matou as pessoas cujos corpos acabaram jogados no rio pelos esgotos... então por que invocar duas espécies de demônios? O kristallos já é letal como o Inferno. — Literalmente.

Bryce jogou as mãos para cima.

— Não faço ideia. Mas, se tudo o que sabemos da morte de Danika está errado, então precisamos descobrir *como* ela morreu. Precisamos de alguém que possa dar outra opinião.

Ele esfregou o queixo.

— Alguma sugestão?

Ela assentiu devagar, o pavor revirando suas entranhas.

— Me prometa que não vai surtar.



— Invocar um demônio é uma péssima ideia — sussurrou Hunt, enquanto a noite caía além das cortinas fechadas do apartamento. — Especialmente se levarmos em consideração que foi o que nos meteu nessa confusão, em primeiro lugar.

Parados na sala do apartamento, com a iluminação suave e velas acesas ao redor de ambos, Syrinx aninhado em cobertores e trancado na gaiola no quarto da semifeérica, um círculo de sal branco os protegia.

O que os rodeava e jazia à frente no piso pálido, com um ranço de mofo e de podridão, era o oposto.

Bryce havia moído o bloco de sal de obsidiana em algum momento; provavelmente, usando o maldito processador de alimentos. Para algo que havia custado dez paus, Bryce não demonstrava o menor respeito. Ela havia enfiado o bloco de sal em um dos

armários da cozinha, como se fosse um saco de batatas fritas.

Hunt não tinha se dado conta de que a semifeérica estava apenas esperando a hora de usá-lo.

Agora, havia desenhado dois círculos com o sal de obsidiana. O mais próximo da janela devia ter 1,50 metro de diâmetro. O outro era grande o bastante para abrigar ela e Hunt.

— Não vou perder meu tempo bisbilhotando pela cidade atrás de respostas sobre o tipo de demônio que matou Danika. Ir direto à fonte vai me poupar muita dor de cabeça — disse Bryce.

— Ir direto à fonte vai fazer com que acabe pulverizada em uma parede. Ou então presa por conjurar um demônio em uma zona residencial. — Merda. *Ele* devia prendê-la. Não?

— Ninguém gosta da polícia, Athalar.

— Eu *sou* da polícia.

Uma sobrancelha ruivo-escura se arqueou.

— Quase me enganou, Sombra da Morte.

Ela se uniu a ele dentro do círculo de sal. O longo rabo de cavalo aninhado na gola da jaqueta de couro, a luz das velas realçando os fios vermelhos.

Os dedos do anjo coçavam, como se ansiosos por tocar o sedoso rabo de cavalo. Percorrer as mechas. Enrolá-las no punho e puxar a cabeça de Bryce para trás, expondo de novo aquele pescoço a sua boca. Sua língua. Seus dentes.

— Meu *trabalho* é impedir que demônios entrem neste mundo — rosnou Hunt.

— Não vamos soltar o demônio — sibilou ela em resposta. — Isso é tão seguro quanto uma ligação telefônica.

— Então vai invocá-lo com um número profano? — Muitos demônios tinham um número associado a eles, como um antiquado endereço de e-mail.

— Não, não preciso de um. Sei onde encontrar esse demônio. — Ele começou a retrucar, mas ela o interrompeu: — O sal de obsidiana vai segurá-lo.

Hunt olhou para os círculos que Bryce desenhara, e em seguida suspirou. Tudo bem. Muito embora discutir com ela fosse tão estimulante quanto preliminares, também não queria perder tempo.

Mas, então, a temperatura na sala começou a cair. Rapidamente.

E, quando a respiração de Hunt começou a condensar, um macho humanoide apareceu, vibrando com um poder sombrio que embrulhou seu estômago...

Bryce sorriu para Hunt enquanto o coração do anjo parava de bater.

— Surpresa.

* * *

Bryce havia perdido a porra do juízo. Ele ia matá-la... isso se não acabassem os dois mortos nos próximos segundos.

— Quem é esse?

Gelo se formava na sala. Nenhuma roupa podia protegê-los do frio que aquele demônio trouxera consigo. Penetrava em cada camada, roubando o fôlego do peito de Hunt com garras crispadas. Um inalar trêmulo foi o único sinal do desconforto de Bryce enquanto ela continuava a encarar o círculo do outro lado do cômodo. O macho agora contido no interior da borda negra.

— Aidas — respondeu ela, com suavidade.

Hunt sempre havia imaginado o Príncipe do Desfiladeiro como os demônios de nível inferior que havia caçado ao longo dos séculos: escamas ou presas ou garras, força bruta, e rosnando com fúria cega e bestial.

Não aquele esbelto e pálido... garoto bonito.

O cabelo louro de Aidas chegava aos ombros em ondas suaves, solto, no entanto bem cortado ao redor do rosto de traços delicados. Sem dúvida, para destacar os olhos de opalas azuis, emoldurados por cílios densos, dourados. Aquelas pestanas se mexeram uma vez em um piscar apressado. Então a boca cheia, sensual, se abriu em um sorriso que revelou os dentes muito brancos e alinhados.

— Bryce Quinlan.

A mão de Hunt deslizou para sua arma. O Príncipe do Desfiladeiro sabia o nome da semifeérica... conhecia seu rosto. E o modo como o havia pronunciado era tanto uma saudação quanto uma pergunta, a voz aveludada.

Aidas reinava no quinto círculo do Inferno... O Desfiladeiro. E respondia apenas a dois outros: ao Príncipe do Abismo e ao Príncipe do Fosso, o sétimo e mais poderoso dos príncipes demônios. O Comedor de Estrelas em pessoa, cujo nome jamais era repetido daquele lado da Fenda do Norte.

Ninguém ousava pronunciar seu nome, não depois que o Príncipe do Fosso se tornou o primeiro e único indivíduo a matar um asteri. O assassinato da sétima estrela sagrada — Sirius, a Estrela do Lobo — durante as Primeiras Guerras continuava a canção predileta ao redor das fogueiras dos acampamentos de guerra. E o que ele havia feito a Sirius depois de matá-la lhe rendera seu terrível apelido: Comedor de Estrelas.

— Você apareceu como um gato da última vez. — Foi tudo o que Bryce disse.

Tudo. Que. Disse.

Hunt ousou desgrudar os olhos do Príncipe do Desfiladeiro para flagrar Bryce inclinando a cabeça em reverência.

Aidas enfiou as mãos nos bolsos do terno bem-cortado — o tecido mais preto do que o Desfiladeiro que habitava.

— Você era muito jovem na época.

Hunt firmou os pés no chão para impedir a vertigem. A semifeérica havia encontrado o príncipe antes... como?

O choque devia estar escrito em seu rosto, porque ela lhe dirigiu um olhar que apenas podia ser interpretado como *Fica calmo, porra*, mas disse:

— Eu tinha 13 anos... não era *tão* jovem.

Hunt reprimiu o grunhido que teria sugerido o contrário.

Aidas inclinou a cabeça para o lado.

— Você também estava muito triste na ocasião.

Hunt precisou de um tempo para digeri-las... as palavras. O lance do passado, o lance de agora.

Bryce esfregou as mãos.

— Vamos falar de *você*, Vossa Alteza.

— Fico sempre feliz em fazê-lo.

Frio queimava os pulmões de Hunt. Suportariam apenas alguns minutos àquela temperatura, antes que suas habilidades de cura começassem a convulsionar. E, apesar do sangue feérico de Bryce, havia uma boa chance de que ela nem se recuperasse. Sem ter completado a Descida, a queimadura de frio poderia ser permanente para ela. Assim como qualquer dedo ou membro amputado.

— Você e seus colegas parecem estar agitados lá na escuridão.

— Sério? — Aidas franziu o cenho para os brilhantes sapatos de couro, como se conseguisse enxergar o Fosso dali. — Talvez você tenha invocado o príncipe errado, pois é a primeira vez que ouço falar do assunto.

— Quem está conjurando o demônio kristallos nesta cidade? — Palavras diretas, incisivas. — E o que matou Danika Fendyr?

— Ah, sim, fomos informados sobre... como Danika gritava enquanto era destrinchada.

O súbito silêncio de Bryce mostrou a Hunt que Aidas havia tocado em um ponto nevrálgico. Pelo sorriso enfeitando o rosto de Aidas, o Príncipe do Desfiladeiro também sabia.

— Sabe que demônio fez aquilo?

— Apesar do que sua mitologia alega, não estou ciente de todo movimento de cada ser no Inferno.

— Mas você sabe? Ou sabe quem o conjurou? — insistiu ela, tensa.

Os cílios dourados cintilaram quando piscou.

— Acha que eu o enviei?

— Não estaria parado aí se eu acreditasse nisso.

Aidas riu com suavidade.

— Nada de lágrimas dessa vez.

Bryce abriu um sorriso discreto.

— Você disse para que eu não os deixasse me ver chorar. Segui o conselho à risca.

O que diabo havia acontecido naquele primeiro encontro, doze anos antes?

— Informação não vem de graça.

— Diga seu preço.

Um tom azul tingia os lábios de Bryce. Teriam de cortar a conexão em breve.

Hunt ficou completamente imóvel conforme Aidas a estudava. Então os olhos do demônio registraram o anjo.

Ele piscou uma vez. Como se não tivesse percebido sua presença até aquele momento. Como se não tivesse se preocupado em notá-lo, não com Bryce a sua frente. Hunt registrou o fato, assim que Aidas murmurou:

— Quem é você.

Uma ordem.

— Colírio para os olhos — disse Bryce, passando o braço pelo de Hunt e se aproximando. Se atrás de calor ou suporte, ele não sabia dizer. Ela tremia. — E não está à venda. — Ela apontou para o halo na testa do anjo.

— Meus mascotes gostam de estraçalhar penas... seria uma troca justa.

Hunt sustentou o olhar do príncipe. Bryce o olhou de esguelha, o gesto esvaziado pelo bater dos dentes.

Aidas sorriu, estudando o anjo novamente.

— Um guerreiro Caído com o poder do... — As sobrancelhas bem-cuidadas do príncipe se ergueram

em surpresa. Os olhos azuis como opalas se estreitaram em fendas... então faiscaram com a chama mais quente. — O que *você* faz com uma coroa negra na testa?

Hunt não ousou demonstrar surpresa com a pergunta. Nunca ouvira ninguém se referir a sua tatuagem assim... coroa negra. Halo, tinta de bruxa, marca da vergonha, mas jamais aquilo.

Aidas olhava de um para o outro. Com cautela. Não se importou em deixar Hunt responder à pergunta antes de abrir aquele terrível sorriso outra vez.

— Os sete príncipes habitam na escuridão e não se perturbam. Não temos interesse em seu reino.

— Eu até acreditaria nisso se você e seus irmãos não tivessem passado as últimas duas décadas forçando a Fenda do Norte — argumentou Hunt. — E se eu não tivesse de limpar sua bagunça.

Aidas inspirou, como se saboreando o ar em que as palavras de Hunt haviam sido lançadas.

— Você se dá conta de que pode não ser meu povo? A Fenda do Norte se abre para outros lugares... outros reinos, sim, mas também outros planetas. O que é o Inferno, se não um planeta distante, ligado ao seu por um sussurro no espaço e no tempo?

— O Inferno é um planeta? — Hunt franziu as sobrancelhas. A maioria dos demônios que havia

matado e com que lidara não tinha sido capaz ou sentido inclinação de falar.

Aidas encolheu um dos ombros.

— É um lugar tão real quanto Midgard, embora a maioria de nós prefira que vocês não pensem assim. — O príncipe apontou para ele. — Sua espécie, Caído, foi criada em Midgard pelos asteri. Mas os feéricos, os metamorfos e muitos outros vieram dos próprios mundos. O universo é imenso. Alguns acreditam que infinito. Ou que nosso universo seja um em múltiplos, tão abundante quanto as estrelas no céu, ou os grãos de areia na praia.

Bryce lançou um olhar para Hunt que parecia dizer que ela também se perguntava o que diabo o príncipe andava fumando no Desfiladeiro.

— Está tentando desviar nossa atenção — disse Bryce, cruzando os braços. Cristais de gelo se esgueiravam pelo piso. — Não está forçando a Fenda do Norte?

— Os príncipes menores se ocupam disso... círculo um ao quatro — respondeu Aidas, a cabeça inclinada outra vez. — Aqueles de nós na verdadeira escuridão não têm necessidade ou interesse na luz do sol. Mas mesmo eles não mandaram o kristallos. Nossos planos não envolvem tais coisas.

— Sua espécie já quis viver aqui, no passado. Por que mudaria de ideia? — rosnou Hunt.

Aidas bufou uma risada.

— É tremendamente divertido ouvir as histórias que os asteri inventam para vocês. — Ele sorriu para Bryce. — O que cega um Oráculo?

Toda cor se esvaiu do rosto de Bryce à menção de sua visita ao Oráculo. Como Aidas sabia daquilo, Hunt podia apenas imaginar, mas ela somente rebateu:

— Que tipo de gato consulta um Oráculo?

— Uma resposta à altura. — Aidas colocou as mãos nos bolsos novamente. — Não sabia das suas preferências, agora que cresceu. — Um sorriso malicioso para Hunt. — Mas posso me apresentar mais como ele, se é o que lhe agrada, Bryce Quinlan.

— Melhor ainda: jamais se apresente de novo — sugeriu Hunt ao príncipe demônio.

Bryce apertou seu braço. Ele pisou no pé da semifeérica com força o bastante para fazê-la parar.

Mas Aidas riu, entre dentes.

— Sua temperatura está caindo. Devo partir.

— Por favor — implorou Bryce. — Apenas me diga se sabe o que matou Danika. Por favor.

Uma risada suave.

— Refaça os testes. Descubra o que está no meio.

O príncipe começou a desvanecer, como se uma ligação telefônica estivesse, de fato, sendo interrompida.

— Aidas — soltou ela, caminhando até o limite do círculo. Hunt sufocou o impulso de puxá-la para si.

Em especial conforme a escuridão esgarçava a silhueta de Aidas. — Obrigada. Por aquele dia.

O Príncipe do Desfiladeiro vacilou, como se tentando se agarrar àquele mundo.

— Faça a Descida, Bryce Quinlan. — Ele tremeluziu. — E me encontre quando completá-la.

Aidas quase havia desaparecido quando emendou, as palavras como um fantasma se esgueirando pelo cômodo:

— O Oráculo não viu. Mas eu sim.

O silêncio pulsou em seu encalço conforme a sala se aquecia, a geada desaparecendo.

Hunt se virou para Bryce.

— Antes de mais nada — sibilou o anjo. — *Vá se foder* pela surpresa.

Ela esfregou as mãos, aquecendo-as.

— Você nunca me deixaria invocar Aidas se eu tivesse avisado antes.

— Porque podíamos estar *mortos* agora, porra! — Boquiaberto, continuou: — Você é louca?

— Eu sabia que ele não iria me machucar. Ou qualquer um que estivesse comigo.

— Quer me contar como *conheceu* Aidas quando você tinha 13 anos?

— Eu... Eu disse a você o que aconteceu entre mim e meu pai biológico depois de minha visita ao Oráculo. — A raiva do anjo amainou ao ver a dor refletida naquele rosto. — Então, depois, quando eu

estava chorando em um dos bancos do parque do templo, um gato branco se aproximou. Tinha os mais etéreos olhos azuis. Eu sabia, mesmo antes de ele falar, que não era um gato... tampouco um metamorfo.

— Quem o invocou na época?

— Não sei. Jesiba me disse que os príncipes conseguem se esgueirar por fissuras em ambas as Fendas, assumido a forma de animais comuns. Mas, então, ficam confinados a esses corpos... sem nenhum poder, salvo a habilidade de falar. E só podem ficar por pouco tempo de cada vez.

Um tremor percorreu as asas cinzentas de Hunt.

— O que Aidas falou?

— Ele me perguntou: *O que cega um Oráculo?* E eu respondi: *Que tipo de gato consulta um Oráculo?* Ele havia ouvido os gritos quando entrou. Suponho que o tenham intrigado. Ele me pediu que parasse de chorar. Disse que aquilo apenas serviria para entreter aqueles que tinham me magoado. Que não devia lhes dar a satisfação de meu sofrimento.

— Por que o Príncipe do Desfiladeiro visitou o Oráculo?

— Ele jamais me contou. Mas ficou comigo até eu tomar coragem de voltar à casa de meu pai. Quando me lembrei de agradecer, ele já tinha partido.

— Estranho.

E... tudo bem, Hunt podia entender por que a semifeérica não havia se furtado de conjurá-lo, se o príncipe havia sido gentil no passado.

— Talvez um pouco da essência felina o tenha impregnado e ele estivesse apenas curioso sobre mim.

— Aparentemente, ele sentiu sua falta. — Uma questão importante.

— Ao que parece — esquivou-se ela. — Embora não nos tenha dado nenhuma pista.

O olhar de Bryce ficou vago conforme ela encarava o círculo vazio diante deles, em seguida pegava o telefone no bolso. Hunt conseguiu vislumbrar para quem a semifeérica ligava. *Declan Emmet.*

— Oi, B. — Ao fundo, o estrondo da música e o ribombar de riso masculino.

Bryce não se preocupou com amenidades.

— Recebemos uma dica para refazermos os testes... Imagino que se trate das vítimas e cenas de crime de alguns anos atrás. Você se lembra de alguma coisa que deva ser reexaminada?

— Eu faria um teste olfativo. Vai precisar das roupas — respondeu Declan, enquanto ao fundo Ruhn perguntava: *É Bryce?*

— Eles devem ter feito um teste olfativo há dois anos — argumentou a semifeérica.

— Fizeram o comum ou o Mimir? — perguntou Declan.

Hunt sentiu um nó no estômago. Em especial quando Bryce respondeu:

— Qual a diferença?

— O Mimir é melhor. É relativamente novo.

Bryce encarou Hunt, e o anjo balançou a cabeça devagar.

— Ninguém fez um teste Mimir — respondeu ela, a voz baixa ao telefone.

Declan hesitou.

— Bem... É basicamente tecnologia feérica. Nós a emprestamos para a Legião nos casos mais graves. — Uma pausa. — Alguém devia ter falado algo.

Hunt se preparou.

— Você tinha acesso a esse tipo de coisa há dois anos? — perguntou Bryce.

Declan hesitou novamente.

— Ah... merda.

Então Ruhn entrou na conversa.

— Bryce, recebemos ordens de não seguir essa linha de investigação. Foi considerada uma questão fora da alçada dos feéricos.

Desolação, raiva, mágoa explodiram em seu semblante. Os dedos se crisparam na lateral do corpo.

— O Rei Outonal é um verdadeiro babaca, sabe disso — disse Hunt, ciente de que Ruhn podia ouvi-lo.

— Vou dizer a ele pessoalmente — vociferou Bryce, e desligou.

— O quê? — exigiu o anjo. Mas ela já saía apressada do apartamento.



O sangue de Bryce fervia enquanto ela corria pela Praça da Cidade Velha, atravessando as ruas molhadas de chuva, até Cinco Rosas. As vilas brilhavam na garoa, casas suntuosas com gramados e jardins impecáveis, rodeados de grades de ferro trabalhado. Feéricos impassíveis ou sentinelas metamorfas das Tropas Auxiliares montavam guarda em cada esquina.

Como se seus moradores vivessem em abjeto terror de que os peregrini e os poucos escravizados da Cidade da Lua Crescente fossem saqueá-los a qualquer momento.

Ela disparou pela monstruosidade de mármore que era o prédio dos Arquivos Feéricos, coberto por cascatas de flores que adornavam suas muitas colunas. Rosas, jasmins, glicínias... tudo em perpétua floração, independentemente da estação do ano.

Correu por todo o caminho até a espaçosa vila branca revestida de rosas cor-de-rosa e até o portão de ferro fundido guardado por quatro guerreiros feéricos.

Eles bloquearam seu caminho enquanto Bryce estacava no lugar, as lajotas da rua escorregadias com a chuva.

— Deixem-me passar — disse ela, entre dentes, ofegante.

Eles sequer piscaram.

— Tem uma reunião com Sua Majestade? — perguntou um deles.

— Deixem-me passar — repetiu.

Ele soubera. O pai sempre soubera que havia testes para confirmar o que tinha matado Danika, e não fizera *nada*. Havia deliberadamente se esquivado.

Ela precisava vê-lo. Precisava ouvir de sua boca. Pouco lhe importava que horas eram.

A brilhante porta preta estava fechada, mas as luzes lá dentro estavam acesas. Ele estava em casa. Tinha de estar.

— Não sem hora marcada — disse o mesmo guarda.

Bryce deu um passo em sua direção e foi repelida... com força. Uma muralha de calor cercava o complexo, sem dúvida gerada pelos machos feéricos a sua frente. Um dos guardas sorriu com desdém. O rosto da jovem enrubesceu, os olhos ardiam.

— Vá dizer a seu *rei* que Bryce Quinlan precisa falar com ele. *Agora*.

— Volte quando tiver hora marcada, mestiça — retrucou uma das sentinelas.

Bryce esmurrou o escudo. O objeto nem se mexeu.

— *Diga a ele...*

Os guardas enrijeceram quando o poder sombrio e pujante pulsou às costas de Bryce. Um relâmpago lambeu os paralelepípedos. As mãos das sentinelas tocaram as espadas.

— A dama quer uma audiência com Sua Majestade — disse Hunt, a voz como um trovão.

— Sua Majestade não está disponível. — O guarda que falou havia obviamente notado o halo no cenho de Hunt. O desprezo que tomou seu rosto foi uma das coisas mais hediondas que Bryce já vira na vida. — Em especial para a escória Caída e vadias mestiças.

Hunt deu um passo em sua direção.

— Repita o que disse.

A zombaria ainda contorcia as feições do guarda.

— Uma vez não foi o bastante?

As mãos de Hunt se crisparam na lateral do corpo. O anjo faria aquilo, ela se deu conta. Ia pulverizar aqueles idiotas por ela, abrir caminho à força pelos portões de modo que ela pudesse falar com o rei.

No fim do quarteirão, Ruhn surgiu, envolto em sombras, o cabelo preto colado à cabeça. Flynn e Declan vinham logo atrás.

— Se afastem — ordenou Ruhn aos guardas. — Recuem já.

Não o fizeram.

— Nem mesmo você, príncipe, está autorizado a nos ordenar tal coisa.

As sombras de Ruhn rodopiavam sobre seus ombros como um par de asas fantasmas. Ele se virou para Bryce:

— Há outras batalhas mais valiosas para travar com ele. Esta não é uma delas.

Bryce se afastou alguns passos do portão, muito embora os guardas provavelmente pudessem ouvir cada palavra.

— Ele deliberadamente escolheu não ajudar com o que aconteceu a Danika.

— Alguns podem interpretar como obstrução de uma investigação imperial — argumentou Hunt.

— Vá se foder, Athalar — grunhiu Ruhn, então estendeu a mão para o braço de Bryce, mas ela recuou. Ele cerrou os dentes. — Você é membro dessa corte, sabe disso. Esteve envolvida em uma bagunça colossal. Ele decidiu que a melhor coisa para sua segurança era abandonar o caso, não apurar mais.

— Como se ele se importasse com minha segurança.

— Ele se importou o bastante para me designar como seu guarda-costas. Mas você preferiu brincar de casinha com Athalar.

— O rei quer encontrar o chifre para *si mesmo* — explodiu ela. — Não tem *nada* a ver comigo. — Apontou para a casa além do portão de ferro. — Entre ali e diga àquele monte de merda que não vou esquecer. *Jamais*. Duvido que ele se importe, mas diga a ele.

As sombras de Ruhn serenaram, dissipando-se em seus ombros.

— Lamento, Bryce. Sobre Danika...

— *Não* — sibilou ela. — Não se atreva a tocar no nome de Danika. Jamais repita o nome dela para mim outra vez.

Ela podia jurar... nem mesmo as sombras foram capazes de esconder a mágoa que cintilou no rosto do irmão, mas Ruhn deu meia-volta e encontrou Hunt a observando de braços cruzados.

— Vejo você no apartamento — Bryce comunicou ao anjo, e não se preocupou em dizer mais nada antes de sair em disparada.

* * *

Ela fizera uma cagada ao não contar a Hunt quem estava invocando. Bryce tinha de admitir.

Mas não uma cagada tão grande quanto os testes feéricos a que o pai havia recusado o acesso.

A semifeérica não voltou para casa. A meio caminho, tinha decidido ir para outro lugar. O Corvo

Branco estava fechado, mas seu velho bar favorito serviria muito bem.

O Lete estava aberto e a todo vapor. O que veio a calhar, porque sua perna latejava de modo inclemente, e correr com aquelas sapatilhas estúpidas enchera seus pés de bolhas. Ela tirou os sapatos assim que se empoleirou em uma das banquetas de couro do bar, e suspirou quando os pés tocaram o bronze gelado da barra de apoio ao longo do balcão de madeira escura.

O bar não havia mudado nos dois anos desde que havia pisado pela última vez naquele assoalho, que se prestava a uma ilusão de ótica, pintado de preto e cinza, com cubos brancos. As colunas de cerejeira ainda se erguiam, como árvores, para formar o teto abobadado e trabalhado sobre o bar feito de vidro jateado e metal, linhas limpas e cantos quadrados.

Ela tinha enviado uma mensagem de texto para Juniper cinco minutos antes, convidando a amiga para um drinque. Ainda não recebera resposta. Então tinha prestado atenção às notícias na TV acima do balcão, que exibiam cenas dos lamacentos campos de batalha de Pangera, as cascas de armaduras mecânicas empilhadas como brinquedos quebrados, corpos, tanto humanos como de vanir, espalhados por quilômetros, os corvos já se deleitando.

Até mesmo o ajudante de garçom humano havia parado para assistir, o rosto contraído enquanto

observava a carnificina. Uma ordem gritada pelo barman o fizera se mexer, mas Bryce flagrara o brilho nos olhos castanhos do jovem. A fúria e a determinação.

— Que diabo — murmurou ela, e virou uma golada do uísque a sua frente.

O gosto era tão acre e vil quanto lembrava... queimou ao descer. Precisamente o que queria. Bryce tomou outro gole.

Uma garrafa de algum tipo de tônico roxo foi colocada no balcão perto de seu copo.

— Para sua perna — explicou Hunt, sentando-se na banqueta ao lado da sua. — Beba.

Ela estudou o frasco de vidro.

— Você foi a uma medbruxa?

— Há uma clínica virando a esquina. Imaginei que você não sairia daqui tão cedo.

Bryce bebericou o uísque.

— Imaginou certo.

Ele deslizou o tônico mais para perto da semifeérica.

— Tome antes de terminar o drinque.

— Nenhum comentário sobre eu estar quebrando a regra do Nada de Álcool?

Ele se inclinou sobre o balcão, dobrando as asas.

— A regra é sua... pode revogá-la quando quiser.

Dane-se. Ela pegou o tônico, destampando o frasco, e tomou o líquido. Fez uma careta.

— Parece refrigerante de uva.

— Pedi a ela que o fizesse doce.

Ela bateu as pestanas.

— Porque eu sou doce, Athalar?

— Porque eu sabia que não ia tomar o remédio se tivesse gosto de desinfetante.

Ela levantou o uísque.

— Permita-me discordar.

Hunt gesticulou para o barman, pediu uma água.

— Então hoje correu tudo bem — disse a Bryce.

Ela bufou, rindo, e tomou mais um gole do uísque. Deuses, que gosto horrível. Por que engolia aquela droga?

— Magnificamente.

Hunt bebeu a água.

— Olhe, vou ficar aqui do seu lado até ficar completamente bêbada, se é o que quer, mas antes preciso dizer que existem melhores maneiras de lidar com tudo isso — avisou o anjo, depois de observá-la por um longo instante.

— Obrigada, mamãe.

— Falo sério.

O barman colocou outro uísque na frente de Bryce, mas ela não o tocou.

— Você não é a única pessoa a perder alguém que ama — disse ele, com cautela.

Ela apoiou a cabeça na mão.

— Me conte tudo sobre ela, Hunt. Vamos ouvir enfim a triste história, completa e sem censura.

Ele sustentou seu olhar.

— Não seja babaca. Estou tentando conversar com você.

— E eu estou tentando beber — rebateu ela, erguendo o copo para fazê-lo.

O telefone da semifeérica vibrou, e os dois olharam para o aparelho. Juniper havia finalmente respondido.

Não posso, desculpe. Ensaio. Então outro vibrar de Juniper. *Espere um pouco... por que está bebendo no Lete? Está bebendo de novo? O que houve?*

— Talvez sua amiga também esteja tentando lhe dizer algo — disse Hunt, em voz baixa.

Bryce cerrou os punhos, mas então pousou o telefone, com o visor para baixo, no vidro jateado e brilhante do balcão.

— Você não ia me contar a comovente história de sua incrível namorada? O que *ela* iria pensar do modo como você me agarrou e praticamente devorou meu pescoço naquela noite?

Ela se arrependeu das palavras assim que as proferiu. Havia muitas razões para ter se arrependido do que acabara de dizer, entre elas o fato de não ter sido capaz de parar de pensar naquele momento de insanidade no terraço, quando a boca do anjo

encontrara seu pescoço e ela havia começado a se desfazer.

Como tinha sido gostoso... *ele* tinha sido gostoso.

Hunt a encarou por um longo instante. Ela se sentiu enrubescer.

Mas tudo o que ele disse foi:

— Vejo você em casa. — As palavras ecoaram entre eles conforme o anjo pousava outro frasco de tônico no balcão. — Beba esse daqui a trinta minutos.

Em seguida ele se foi, caminhando pelo bar vazio, até a rua lá fora.

* * *

Hunt tinha acabado de se sentar no sofá para assistir a um jogo de solebol quando Bryce entrou no apartamento, duas bolsas de compras nas mãos. Já não era sem tempo.

Syrinx pulou do sofá e saltitou até ela, erguendo-se nas patas traseiras, pedindo beijos. Ela aquiesceu, acariciando a pelagem dourada antes de encarar Hunt, sentado no sofá. Ele apenas tomou um gole da cerveja e lhe deu um aceno tenso.

A semifeérica assentiu em resposta, evitando seu olhar, e seguiu para a cozinha. A perna parecia melhor, mas ainda não completamente boa.

O anjo havia enviado Naomi para vigiar a rua, do lado de fora da sofisticada uisqueria, enquanto ele se

exercitava na academia para digerir a raiva.

Agarrado. A palavra ainda o perseguia. Assim como a verdade: ele não tinha pensado em Shahar nem por um segundo enquanto estavam naquele telhado. Ou nos dias seguintes. E quando ele havia acariciado o pau no chuveiro naquela noite, e em todas as noites depois, não fora na arcanjo que pensara. Nem uma vez.

Quinlan devia saber daquilo. Devia saber em que ferida tinha tocado.

Então suas opções eram berrar com ela ou se exercitar. Ele tinha escolhido a segunda.

Aquilo acontecera fazia duas horas. Ele tinha limpado todo o sal de obsidiana, passeado com Syrinx e o alimentado, e depois se sentou no sofá para esperar.

Bryce colocou as compras no balcão da cozinha, Syrinx agora a seus pés, inspecionando cada item. Entre as jogadas, Hunt lançava olhares para o que a semifeérica desempacotava. Vegetais, frutas, carne, leite de aveia, leite de vaca, arroz, pão integral...

— Vamos receber visitas? — perguntou o anjo.

Ela pegou uma frigideira e a colocou sobre uma das bocas do fogão.

— Pensei em fazer um jantar tardio.

As costas dela estavam tensas, os ombros eretos. Ele teria pensado que estava irritada, mas o fato de estar cozinhando o jantar sugeria o contrário.

— É uma boa ideia cozinhar depois de entornar tanto uísque?

Ela o encarou por sobre o ombro.

— Estou tentando fazer algo legal, mas você não está facilitando.

Hunt ergueu as mãos.

— Tudo bem. Desculpe.

Ela voltou a atenção ao fogão, ajustou o fogo e abriu um pacote de algum tipo de carne moída.

— Eu não estava entornando uísque — disse ela. — Saí do Lete logo depois de você.

— Para onde foi?

— Para um guarda-móveis perto de Bosque da Lua. — Ela começou a separar os temperos. — Deixei muita coisa de Danika ali. Sabine ia confiscar tudo, mas consegui pegar antes dela. — Bryce colocou um pouco da carne moída na frigideira e acenou para uma terceira sacola que tinha deixado perto da porta. — Só queria ter certeza de que não havia nenhuma pista do chifre por lá, qualquer coisa que eu pudesse ter deixado passar na época. E peguei algumas das roupas de Danika... as que estavam em meu quarto naquela noite e que não foram confiscadas como evidência. Sei que eles já têm roupas de antes, mas pensei... Talvez haja algo nessas também.

Hunt abriu a boca para dizer alguma coisa... o quê, exatamente, não sabia... mas Bryce continuou:

— Depois disso, passei no mercado. Já que, aparentemente, temperos não configuram comida.

Hunt levou a cerveja consigo enquanto caminhava até a cozinha.

— Quer ajuda?

— Não. É um jantar de desculpas. Vá assistir a seu jogo.

— Não precisa se desculpar.

— Agi como uma babaca. Me deixe cozinhar alguma coisa para você como compensação.

— Pelo tanto de pimenta que você colocou na panela, não tenho certeza se quero aceitar esse pedido de desculpas em particular.

— Merda, esqueci o cominho! — Ela se virou para a frigideira, abaixando o fogo e acrescentando o tempero, misturando-o ao que cheirava à carne de peru moída. Ela suspirou. — Estou doida.

Ele aguardou, esperando que ela organizasse os pensamentos.

Bryce começou a picar uma cebola, os movimentos precisos e suaves.

— Sinceramente, eu estava um pouco surtada antes do que aconteceu com Danika e... — Ela fatiou a cebola em círculos perfeitos. — Não melhorei muito desde então.

— Por que estava confusa na época da morte de Danika?

Bryce despejou a cebola na frigideira.

— Sou uma mestiça humana com um diploma quase inútil. Todas as minhas amigas estavam seguindo adiante, fazendo alguma coisa da vida. — Um dos cantos de sua boca se ergueu. — Eu sou uma secretária metida à besta. Sem um plano a longo prazo para nada. — Ela mexeu a cebola. — O lance das baladas... era o único momento em que estávamos no mesmo nível. Quando não importava que Fury era algum tipo de mercenária, Juniper, uma bailarina tão incrivelmente talentosa, e Danika, uma loba que um dia seria todo-poderosa.

— Alguma vez elas jogaram isso na sua cara?

— Não. — Os olhos cor de âmbar examinaram o rosto do anjo. — Não, elas nunca fariam nada assim. Mas eu jamais conseguia esquecer.

— Seu primo comentou que você costumava dançar. Que parou depois da morte de Danika. Nunca pensou em seguir esse caminho?

Ela apontou para a curva dos quadris.

— Me disseram que meu corpo mestiço era *muito desajeitado*. Também me disseram que meus seios são muito grandes e que minha bunda poderia ser usada como pista de pouso.

— Sua bunda é perfeita. — As palavras escaparam.

Ele se absteve de comentar como também gostava de outras partes da semifeérica. Como ele as queria venerar. A começar por aquela bunda.

Bryce enrubesceu.

— Bem, obrigada. — Ela mexeu o conteúdo da panela.

— Mas não dança nem por diversão?

— Não. — O olhar se tornou frio. — Não danço.

— E nunca pensou em fazer outra coisa?

— Claro que sim. Tenho dez formulários de emprego escondidos no computador do trabalho, mas não consigo me concentrar o bastante para terminá-los. Faz tanto tempo que vi os anúncios que é bem provável que as vagas já tenham sido preenchidas. Pouco importa que também tenha de encontrar um modo de convencer Jesiba de que eu continuaria a pagar minha dívida. — Ela continuou a mexer. — Uma vida humana parece um bocado, mas uma imortal? — Ela colocou o cabelo para trás da orelha. — Não tenho ideia do que fazer.

— Tenho 233 anos e ainda não descobri.

— Sim, mas você... você *fez* algo. Lutou por algo. Você *é* alguém.

O anjo indicou a tatuagem em seu punho.

— E veja aonde isso me levou.

Ela se virou para o fogão.

— Hunt, me desculpe pelo que eu disse antes, sobre Shahar.

— Não se preocupe.

Bryce apontou o queixo para a porta aberta do quarto de Hunt, a foto com Danika mal visível sobre a cômoda.

— Minha mãe a tirou no dia que saímos do hospital, em Rosque.

Ele sentiu que ela estava querendo lhe contar alguma coisa, e decidiu entrar no jogo.

— Por que estavam no hospital?

— A tese de monografia de Danika era sobre a história do tráfico ilegal de animais. Ela descobriu uma quadrilha de contrabandistas, mas ninguém no Aux ou na 33ª a levou a sério, então ela e eu decidimos agir por conta própria. — Bryce bufou. — A operação era chefiada por cinco metamorfos viperinos, que nos flagraram tentando libertar seu estoque. Nós os xingamos de cuzões, e as coisas degringolaram a partir daí.

Claro que sim.

— Degringolaram como?

— Uma perseguição de moto e uma batida, meu braço direito quebrado em três lugares, a pélvis de Danika fraturada. Ela foi baleada duas vezes na perna.

— Pelos deuses!

— Devia ter visto os cuzões.

— Vocês os mataram?

Os olhos de Bryce ficaram sombrios. Nada além de puro instinto predador feérico brilhava ali.

— Alguns. Os que atiraram em Danika... Cuidei deles. A polícia pegou o restante. — Solas Flamejante. Ele tinha a impressão de que havia bem mais naquela história. — Sei que as pessoas julgavam Danika uma

baladeira imprudente com problemas com a mãe, que Sabine pensa assim, mas... Danika foi libertar aqueles animais porque, literalmente, não conseguia dormir à noite sabendo que estavam em jaulas, aterrorizados e sozinhos.

A Princesa Baladeira, Hunt e os triários haviam zombado da loba pelas costas.

— Danika sempre fazia esse tipo de coisa... ajudava pessoas que Sabine julgava inferiores. Em parte, talvez, para irritar a mãe, sim, mas em geral porque *queria* ajudar. Foi por isso que ela pegou leve com Philip Briggs e seu grupo, porque ela lhe deu tantas chances. — Ela soltou um longo suspiro. — Ela não era fácil, mas era boa.

— E quanto a você? — perguntou o anjo, prudente.

Ela passou a mão pelo cabelo.

— Na maioria dos dias, me sinto tão gelada como quando Aidas esteve aqui. Na maioria dos dias, tudo que quero é voltar no tempo. Ao que era antes. Não consigo suportar continuar.

Hunt a encarou por um longo tempo.

— Alguns Caídos aceitaram o halo e a tatuagem de escravizado, sabe. Depois de algumas décadas, eles os aceitaram. Pararam de lutar.

— Por que você nunca parou?

— Porque estávamos certos na ocasião, e ainda estamos certos agora. Shahar foi apenas a ponta de

lança. Eu a segui cegamente em uma batalha que jamais poderíamos ter vencido, mas acreditei em tudo que ela representava.

— Se pudesse fazer tudo de novo, marchar sob o estandarte de Shahar outra vez... você faria?

Hunt sopesou a ideia. Normalmente, não se permitia se prender ao que havia acontecido, ao que havia se passado desde aquela época.

— Se eu não tivesse me rebelado com ela, provavelmente meu poder do relâmpago teria sido notado por outro arcanjo. Com certeza, estaria servindo como comandante em uma das cidades pangeranas, na esperança de um dia economizar o bastante para minha dispensa. Mas jamais liberariam alguém com meus dons. E eu tinha poucas opções além de me alistar em uma legião. Foi o caminho que me coube, e o relâmpago, e a carnificina... nunca pedi para ser bom nisso. Abriria mão de tudo em um piscar de olhos se pudesse.

Os olhos da semifeérica brilharam em compreensão.

— Eu entendo. — Ele ergueu uma das sobrancelhas. — O lance de ser bom em alguma coisa na qual não gostaria de se sobressair. Aquele talento de que desistiria em um piscar de olhos. — Ele inclinou a cabeça. — Quer dizer, olhe para mim: sou *imbatível* em atrair babacas.

Hunt bufou uma risada.

— Você não respondeu minha pergunta — insistiu ela. — Ainda teria se rebelado se soubesse o que iria acontecer?

Hunt suspirou.

— Era o que estava tentando dizer: mesmo que não tivesse me revoltado, acabaria em uma versão mascarada de minha vida atual. Porque ainda sou um legionário sendo explorado por causa de meus dons... apenas *oficialmente* um escravizado, em vez de ser forçado a servir por falta de opção. A única outra diferença é que fui postado em Valbara, em uma barganha fraudulenta com um arcanjo, esperando que um dia possa ser perdoado por meus supostos pecados.

— Você não os vê como pecados.

— Não. Acho que a hierarquia angélica é babaquice. Estávamos certos em nos rebelar.

— Mesmo que tenha lhe custado tudo?

— Sim. Então acho que tem minha resposta. Ainda o faria, mesmo sabendo o desfecho. E... se um dia for libertado... — Bryce parou de mexer a comida. Encontrou o olhar franco do anjo conforme ele continuava: — Eu me lembro de cada um que estava naquele campo de batalha, que derrubou Shahar. E todos os anjos e asteri, o Senado, os governadores... todos que estavam presentes em nossa condenação. — Ele se apoiou no balcão a suas costas e tomou um gole

da cerveja, deixando que a semifeérica completasse as lacunas.

— E depois que matasse todos eles? E então?

Ele piscou diante da falta de medo, de julgamento.

— Quer dizer, supondo que eu sobreviveria.

— Supondo que você sobreviveria ao depor os arcanjos e os asteri, e depois?

— Não sei. — Ele abriu um meio-sorriso. — Talvez você e eu pudéssemos descobrir, Quinlan. Temos séculos para pensar.

— Se eu fizer a Descida.

Ele se sobressaltou.

— Escolheria não fazer? — Era raro... muito, muito raro para um vanir se recusar a completar a Descida e viver apenas uma expectativa de vida mortal.

A semifeérica acrescentou mais vegetais e temperos à frigideira antes de enfiar um pacote de arroz instantâneo no micro-ondas.

— Não sei. Vou precisar de uma Âncora.

— E quanto a Ruhn? — Mesmo que nenhum dos dois quisesse admitir, Ruhn enfrentaria cada besta do Fosso para protegê-la.

Bryce lhe dirigiu um olhar carregado de desdém.

— Nem fodendo.

— Juniper, então? — Alguém em que ela de fato confiava, a quem amava.

— Ela aceitaria, mas não parece certo. E usar uma Âncora pública não é para mim.

— Eu usei uma. E correu tudo bem. — Ele contemplou as perguntas que brilhavam naqueles olhos e a interrompeu antes que as fizesse. — Talvez mude de ideia.

— Talvez. — Ela mordeu o lábio. — Lamento que tenha perdido seus amigos.

— Lamento que tenha perdido os seus.

Bryce assentiu em agradecimento, voltando a mexer a comida.

— Sei que as pessoas não entendem. É só que... uma luz se apagou em mim quando tudo aconteceu. Danika não era minha irmã ou minha amante. Mas era a única pessoa com quem eu podia ser eu mesma, sem me sentir julgada. A única pessoa que sempre me atenderia ou ligaria de volta. Era a única pessoa que fazia eu me sentir corajosa, porque, não importava o que acontecesse, não importava quão embaraçoso ou fodido o assunto, eu sabia que podia contar com ela. Que, se tudo fosse para o Inferno, podíamos conversar, e as coisas se ajeitariam.

Os olhos de Bryce brilhavam, e foi apenas aquilo que impediu Hunt de cruzar os poucos passos que os separavam e segurar suas mãos enquanto ela prosseguia:

— Mas... não está tudo bem. *Nunca* conversarei com ela de novo. Acho que as pessoas esperavam que

eu já tivesse superado. Mas não consigo. Toda vez que chego perto da verdade de minha nova realidade, quero me desligar de novo. Para não precisar *ser* eu. Não consigo dançar porque me faz lembrar dela... do tanto que dançamos nas boates ou nas ruas ou em nosso apartamento ou dormitório. Não *vou* me permitir mais dançar, porque me traz alegria, e... Não quis, não quero mais sentir essas coisas. — Ela engoliu em seco. — Sei que soa patético.

— Não soa — disse ele, em voz baixa.

— Lamento ter jogado meus problemas em seu colo.

Um dos cantos da boca do anjo se ergueu.

— Pode usar meu colo sempre que quiser, Quinlan.

Ela bufou, balançando a cabeça.

— Você fez parecer tão vulgar.

— Você falou primeiro. — A boca de Bryce tremeu.

Maldição, se aquele sorriso não o fez sentir um aperto no peito.

Mas Hunt apenas disse:

— Sei que você vai seguir adiante, Quinlan... mesmo que doa.

— Como tem tanta certeza?

Os pés do anjo eram silenciosos enquanto ele cruzava a cozinha. Ela inclinou a cabeça para encará-lo.

— Porque você finge ser irreverente e preguiçosa, mas, bem no fundo, não desiste. Porque sabe que, se o fizer, então eles vencem. Todos os cuzões, como você os chamou, vencem. Então viver, e viver bem... é o melhor *foda-se* que você pode dar a eles.

— É por isso que você ainda luta.

Ele passou a mão pela tatuagem na testa.

— Sim.

Ela soltou um *humm*, mexendo novamente a mistura na panela.

— Pois bem, Athalar. Acho que seremos você e eu nas trincheiras por mais um tempo.

Ele sorriu para ela, do modo mais franco que ousara fazer em um longo tempo.

— Sabe — começou ele. — Acho que gosto da ideia.

Os olhos da semifeérica se aqueceram ainda mais, um rubor se espalhou pelas bochechas sardentas.

— Você disse *casa*, mais cedo. No bar.

Ele dissera. Havia inclusive evitado pensar no assunto.

— Sei que, teoricamente, você deve morar no quartel, ou onde quer que Micah determine — continuou ela. — Mas se, de algum modo, resolvermos esse caso... o quarto é seu, se você quiser.

A oferta o atingiu como uma onda. E ele não conseguiu pensar em outra resposta que não *Obrigado*. Era a única necessária, ele se deu conta.

O arroz terminou de cozinhar, e ela o dividiu em duas tigelas, antes de jogar a mistura de carne por cima. Então lhe entregou uma delas.

— Nada gourmet, mas... tome. Desculpe por mais cedo.

Hunt examinou o fumegante monte de carne e arroz. Havia visto refeições mais sofisticadas serem servidas a cachorros. Mas sorriu de leve, o peito inexplicavelmente apertado de novo.

— Desculpas aceitas, Quinlan.

* * *

Um gato estava sentado em sua cômoda.

A exaustão pesava em suas pálpebras, tão maciça que ela mal conseguia abri-las.

Olhos como o céu antes da aurora a prendiam no lugar.

O que cega um Oráculo, Bryce Quinlan?

Sua boca articulou uma palavra, mas o sono a envolveu de novo em seu abraço.

Os olhos azuis do gato faiscavam.

O que cega um Oráculo?

Ela lutava para manter os olhos abertos diante da pergunta, da urgência.

Você sabe, tentou responder.

A única filha do Rei Outonal... jogada fora, como lixo.

O gato havia adivinhado no templo, anos antes, ou a seguido até em casa, então confirmado em que vila ela havia tentado entrar.

Ele me mata se souber.

O gato lambeu uma pata.

Então faça a Descida.

Ela tentou falar de novo. O sono a segurava firme, mas enfim conseguiu.

E então?

Os bigodes do gato tremeram.

Já disse. Venha até mim.

As pálpebras se fecharam... a descida final na direção do sono.

Por quê?

O gato inclinou a cabeça.

Para que possamos terminar tudo.



Ainda chovia na manhã seguinte, o que Bryce decidiu ser um presságio.

Aquele dia seria um saco. A noite anterior tinha sido um saco.

Syrinx se recusou a sair de baixo das cobertas, muito embora Bryce tenha tentando convencê-lo com a promessa de café da manhã *antes* do passeio, e, quando enfim a semifeérica conseguiu arrastá-lo até a rua, com Hunt vigiando da janela, a chuva tinha evoluído de uma garoa agradável para um total dilúvio.

Um sapo gordo, encolhido em um canto da entrada do prédio, embaixo da pequena marquise, esperava que qualquer pequeno e desafortunado vanir passasse voando. Ele encarou Bryce e Syrinx enquanto os dois chapinhavam por ali, angariando

um bufar de bigodes do último, e se aninhou mais à lateral do prédio.

— Pervertido — murmurou ela, sobre o tamborilar da chuva no capuz do casaco, sentindo o olhar do sapo enquanto desciam o quarteirão.

Para uma criatura menor que seu punho, eles encontravam um meio de ser uma ameaça. Todo e qualquer tipo de duende. Até confinada na biblioteca, Lehabah os odiava e temia.

Apesar da capa de chuva azul-marinho, a legging preta e a camiseta branca logo estariam encharcadas. Como se a chuva, de algum modo, *subisse* do chão. A água também empoçava dentro das galochas verdes, espirrando a cada passo dado através da chuva inclemente, as palmeiras balançando e uivando acima.

A primavera mais chuvosa já registrada, o noticiário falara na noite anterior. Ela não duvidava.

O sapo ainda estava ali quando voltaram, Syrinx tendo completado a rotina matinal em tempo recorde, e Bryce talvez tenha, ou não, saído de seu caminho para pisar em uma poça próxima.

O sapo havia lhe mostrado a língua, mas pulou para longe.

Hunt estava parado no fogão, cozinhando algo que cheirava a bacon. Ele olhou por sobre o ombro enquanto ela despia a capa, respingando todo o chão.

— Está com fome?

— Estou bem.

O anjo estreitou os olhos.

— Devia comer alguma coisa antes de sairmos.

Ela o dispensou com um aceno, despejando ração na tigela de Syrinx.

Quando se levantou, encontrou Hunt lhe oferecendo um prato. Bacon e ovos e uma grossa torrada dourada.

— Eu a vi brincando com a comida cinco dias da última semana — disse ele, sem rodeios. — Não vamos começar de novo.

Ela revirou os olhos.

— Não preciso de um macho me dizendo quando comer.

— E que tal um amigo lhe dizendo que teve uma noite compreensivelmente difícil e que fica perversa como um demônio quando está com fome?

Bryce franziu o cenho. Hunt apenas continuou a segurar o prato.

— É natural ficar nervosa, sabe — disse ele. E assentiu para a sacola de papel que ela havia deixado ao lado da porta... as roupas de Danika, dobradas e prontas para a análise. Bryce tinha ouvido a ligação de Hunt para Viktoria, meia hora antes, em que ele pedia que mandasse fazer o teste Mimir dos feéricos. A espectro dissera que Declan já havia providenciado tudo.

— Não estou nervosa. São apenas roupas. — Ele somente a encarou. Bryce grunhiu: — Não estou. Dane-se se perderem as roupas no depósito de evidências.

— Então coma.

— Não gosto de ovos.

A boca do anjo se curvou para cima.

— Já a vi comer três dúzias deles.

Seus olhares se encontraram, e não se desviaram.

— Quem ensinou você a cozinhar, afinal? — Com certeza, era muito melhor cozinheiro que ela. O deplorável jantar que havia feito na véspera servia de prova.

— Aprendi sozinho. É um talento útil para um soldado. Aumenta a popularidade em um campo da legião. Além do mais, tive dois séculos a meu favor. Seria patético não saber cozinhar a essa altura. — O anjo aproximou ainda mais o prato. — Coma, Quinlan. Não vou deixar ninguém perder aquelas roupas.

Ela cogitou jogar o prato na cara de Hunt, mas enfim o pegou e se sentou na cadeira da cabeceira da mesa. Syrinx veio trotando até ela, já encarando o bacon, esperançoso.

Uma xícara de café apareceu na mesa um piscar de olhos depois, o creme ainda rodopiando por cima.

Hunt sorriu com malícia.

— Não quer enfrentar o mundo sem as provisões adequadas.

Bryce o ignorou, pegou o telefone que ele havia deixado sobre a mesa e tirou algumas fotos: da refeição, do café, do sorriso estúpido, de Syrinx ao seu lado e da própria careta. Mas bebeu o café mesmo assim.

Quando colocou a xícara na pia, Hunt terminava o café na mesa a suas costas, e a semifeérica sentiu os passos mais leves do que nos últimos tempos.

* * *

— Não perca essas roupas — avisou Hunt a Viktoria, enquanto ela inspecionava a sacola em sua mesa.

A espectro ergueu o olhar de uma desbotada camiseta de banda cinza, com a estampa de uma figura encapuzada e gritando na frente. *The Banshees.*

— Temos roupas de Danika Fendyr e das outras vítimas no depósito de evidências.

— Certo, mas use essas também — disse Hunt. Para o caso de alguém ter adulterado as evidências nas outras... e para que Bryce sentisse como se tivesse contribuído com algo. Ela estava na galeria, lidando com algum cliente esnobe, com Naomi de vigília. — Conseguiu o teste Mimir com Declan?

— Como disse ao telefone, sim. — Vik espiou o conteúdo da sacola novamente. — Ligo para você se

tiver alguma novidade.

Hunt esticou um papel sobre a mesa.

— Veja se encontra algum traço dessas coisas também.

Viktoria leu as palavras e empalideceu, o halo acentuado na testa.

— Acha que foi algum desses demônios?

— Espero que não.

O anjo havia feito uma lista de demônios em potencial que podiam estar trabalhando em conjunto com o kristallos, todos antigos e terríveis, seu pavor crescendo a cada nome acrescentado. Muitos eram pesadelos que habitavam histórias de ninar. Todos catastróficos se entrassem em Midgard. Ele havia enfrentado dois deles antes... e quase não sobrevivera àqueles encontros.

Hunt indicou a sacola outra vez.

— Falo sério: não perca essas roupas — insistiu.

— Está amolecendo, Athalar?

Hunt revirou os olhos e se dirigiu para a porta.

— Apenas gosto de minhas bolas onde estão.

* * *

Naquela noite, Viktoria avisou a Hunt que ainda estava fazendo os testes. A tecnologia feérica Mimir era bastante minuciosa, de modo que ainda demoraria um bocado para terminar o diagnóstico.

Ele rezou para que o resultado não fosse tão devastador quanto imaginava.

Havia mandado uma mensagem para Bryce sobre o assunto assim que ela encerrara o expediente, rindo quando viu que ela novamente tinha mudado a informação de contato em seu telefone: *Bryce É Uma Rainha*.

Ficaram acordados até meia-noite, maratonando um reality show sobre um grupo de jovens e belos vanir que trabalhavam em um clube de praia, nas ilhas Coronal. Ele havia se recusado a princípio, mas, ao fim do primeiro episódio, fora ele que apertara o play para o segundo. E então o seguinte.

Também ajudou o fato de terem começado a assistir à TV em cantos opostos do sofá, para depois acabarem lado a lado, a coxa do anjo pressionada contra a da semifeérica. Ele talvez tenha brincado com sua trança; ela talvez tenha permitido.

Na manhã seguinte, Hunt seguia Bryce até o elevador quando seu telefone tocou. Deu uma olhada no número e fez uma careta antes de atender.

— Oi, Micah.

— Meu escritório. Quinze minutos.

Bryce apertou o botão do elevador, mas Hunt apontou para a porta do telhado. Ele voaria com ela até a galeria, então continuaria até o DCC.

— Tudo bem — disse ele, cauteloso. — Quer que a Srta. Quinlan me acompanhe?

— Apenas você. — A ligação ficou muda.



Hunt entrou na torre por uma porta dos fundos, com o cuidado de evitar qualquer área possivelmente frequentada por Sandriel. Isaiah não havia atendido sua ligação, e ele achava melhor não continuar ligando, à espera de que o comandante o fizesse.

Micah olhava pela janela quando ele chegou, seu poder já armando uma tempestade.

— Por que — começou o arcanjo — está ocupando o laboratório com testes feéricos em evidências antigas?

— Temos razões para suspeitar que o demônio que identificamos não está por trás da morte de Danika Fendyr. Se pudermos descobrir o verdadeiro culpado, isso pode nos levar ao conjurador.

— A Cimeira será em duas semanas.

— Eu sei. Estamos trabalhando duro.

— Está? Beber em uma uisqueria com Bryce Quinlan configura trabalho?

Babaca.

— Estamos focados. Não se preocupe.

— Sabine Fendyr me ligou, sabia? Para comer meu fígado por ser considerada *suspeita*. — Não havia nada humano naqueles olhos. Apenas um gélido brilho predador.

— Foi um erro, admitimos, mas tínhamos razões suficientes para acreditar que...

— Resolva. O. Caso.

— Vamos resolver — grunhiu Hunt.

Micah o observou, com frieza.

— Sandriel tem perguntado sobre você — disse o arcanjo, em seguida. — Sobre a Srta. Quinlan também. Fez generosas ofertas para comprá-lo de novo. — Hunt sentiu um peso no estômago. — Eu as recusei até agora. Disse que você era muito valioso para mim.

Micah jogou uma pasta sobre a mesa, então se voltou para a janela outra vez.

— Não me faça reconsiderar, Hunt.

* * *

Hunt folheou o arquivo... a ordem que continha. Sua punição. Por causa de Sabine, pela demora, por existir. Morte por morte.

Parou no quartel para pegar o elmo.

Micah havia feito uma anotação na margem da lista de alvos, seus crimes. *Sem armas.*

Então Hunt pegou mais algumas das adagas de punho preto e também sua faca de cabo longo.

Cada movimento, cuidadoso. Deliberado. Cada meneio de corpo ao colocar a armadura negra acalmava sua mente, distanciando-o ainda mais de si mesmo.

Seu telefone vibrou sobre a mesa, e ele o olhou tempo o bastante para ver que *Bryce É Uma Rainha* havia enviado uma mensagem: *Tudo bem?*

Hunt calçou as luvas negras.

O telefone vibrou novamente.

Vou pedir sopa de bolinho de porco para o almoço. Servido?

Hunt virou o telefone para baixo, escondendo a tela. Como se aquilo a impedisse de descobrir o que estava prestes a fazer. O anjo reuniu as armas com séculos de eficiência. Em seguida, colocou o elmo.

O mundo se resumiu a frios cálculos, as cores abafadas.

Somente então ele pegou o telefone e respondeu a Bryce, *Estou bem. Vejo você mais tarde.*

A semifeérica havia escrito outra vez, quando ele chegou à pista de pouso do quartel. Ele tinha visto o balão com os três pontos aparecer, desaparecer, depois pipocar de novo. Como se ela tivesse escrito

dez diferentes respostas antes de se decidir por um *Ok*.

Hunt desligou o telefone conforme abria a porta com o ombro e se lançava pelos ares.

Era uma mancha contra a claridade. Uma sombra em contraste com o sol.

Um bater de asas o levou aos céus. E não olhou para trás.

* * *

Algo estava errado.

Bryce soubera assim que se dera conta de que não tivera notícias do anjo depois de uma hora no Comitium.

A sensação apenas piorou diante da vaga resposta à própria mensagem. Sem contar o motivo pelo qual ele fora convocado, o que planejava fazer.

Como se outra pessoa tivesse respondido por ele.

Ela havia digitado uma dúzia de respostas diferentes para o silêncio de Hunt.

Por favor, diga que está tudo bem.

Digite 1 se precisa de ajuda.

Fiz algo que o aborreceu?

O que houve?

Precisa de mim no Comitium?

Esnobando uma oferta de sopa de bolinhos de porco... alguém roubou esse telefone?

Assim por diante, digitando e deletando, até que havia digitado, *Estou preocupada. Por favor, me ligue.* Mas não tinha o direito de se preocupar, de exigir aquilo do anjo.

Então se decidira por um patético *Ok.*

E não tivera mais notícias dele. Havia checado o telefone obsessivamente durante todo o expediente.

Nada.

A preocupação embrulhava seu estômago. Ela nem havia pedido a sopa. Uma olhada nas imagens das câmeras do telhado mostrava Naomi sentada ali o dia todo, o rosto tenso.

Bryce havia subido até lá por volta das três.

— Tem alguma ideia de aonde ele pode ter ido? — perguntou, os braços apertados em volta do corpo.

Naomi a encarou.

— Hunt está bem — respondeu ela. — Ele... — Ela hesitou, lendo algo na expressão de Bryce. Um brilho de surpresa acendeu seus olhos. — Ele está bem — disse a anjo, com gentileza.

Quando chegou em casa, com Naomi postada no telhado vizinho, a semifeérica já não acreditava mais nela.

Então decidiu mandar tudo para o Inferno. Para o Inferno a cautela ou as aparências ou coisa do gênero.

Parada na cozinha conforme o relógio chegava perto das oito, escreveu para Hunt, *Por favor, me ligue. Estou preocupada com você.*

Pronto. Que caísse no éter ou onde quer que as mensagens flutuavam.

Ela levou Syrinx para passear uma última vez naquela noite, o telefone colado à mão. Como se, quanto mais forte o apertasse, mais alta a probabilidade de o anjo lhe responder.

Eram onze horas quando fraquejou e ligou para um número familiar. Ruhn atendeu ao primeiro toque.

— O que há de errado?

Como ele sabia, não importava.

— Eu... — Ela engoliu em seco.

— Bryce. — A voz de Ruhn se tornou incisiva. Música tocava ao fundo, mas pareceu mudar, como se ele houvesse se afastado para um canto mais quieto de onde quer que estivesse.

— Viu Hunt em algum lugar hoje? — A voz soou aguda e exagerada.

— Está tudo bem? — perguntou Flynn ao fundo.

— O que aconteceu? — perguntou Ruhn a ela, simplesmente.

— Tipo, encontrou Hunt no campo de tiro ou em qualquer lugar...

A música se extinguiu. Uma porta bateu.

— Onde você está?

— Em casa. — Ela se deu conta, então, de como aquela ideia fora estúpida, ligar para ele, perguntar se

Ruhn, dentre todas as pessoas, sabia o que o assassino particular do governador estava fazendo.

— Me dê cinco minutos...

— Não, não precisa vir até aqui. Estou bem. Só... — Sua garganta queimava. — Não consigo encontrá-lo. — E se Hunt tivesse deitado por aí, uma pilha de ossos e carne e sangue?

Quando o silêncio se arrastou, Ruhn disse, com uma calma intensidade:

— Vou colocar Dec e Flynn no caso imediatamente...

Os encantamentos cantaram, e a porta da frente se destrancou.

Bryce enrijeceu conforme a porta se abria devagar. Conforme Hunt, vestido no traje preto de batalha e usando o infame elmo, entrava.

Cada passo parecia exigir toda a concentração do anjo. E seu cheiro...

Sangue.

Não o dele.

— Bryce?

— Ele chegou — sussurrou ao telefone. — Ligo para você amanhã — disse ao irmão, e desligou.

Hunt vacilou no meio da sala.

Sangue manchava suas asas. Brilhava no couro da armadura. Salpicava o visor do elmo.

— O que... o que aconteceu? — Ela conseguiu perguntar.

O anjo recomeçou a andar. Passou por ela, o ranço de todo aquele sangue... diferentes tipos de sangue... empesteando o ar. Ele não disse uma palavra.

— Hunt. — Qualquer alívio que a tinha perpassado agora se transformava em algo mais afiado.

Ele se dirigiu para o quarto e não se deteve. A semifeérica não ousou se mover. O anjo era um espectro, um demônio, uma... sombra da morte.

Aquele macho, de capacete e roupas de batalha... ela não o conhecia.

Hunt chegou ao quarto, nem mesmo a encarando enquanto fechava a porta a suas costas.

* * *

Ele não podia suportar.

Não podia suportar o olhar de puro, vertiginoso alívio no rosto de Bryce ao vê-lo entrar no apartamento. Havia voltado direto para casa depois de completar a missão porque achou que ela estaria dormindo, e então ele poderia lavar o sangue sem precisar ir ao quartel do Comitium. Mas Bryce tinha ficado na sala. Esperando por ele.

E, quando ele entrou no apartamento, ela havia visto e cheirado o sangue...

O anjo tampouco conseguiu suportar o horror e dor em sua expressão.

Vê o que essa vida fez comigo?, quis perguntar. Mas as palavras lhe escapavam. Havia apenas gritos até então. Dos três machos que passara horas torturando, seguindo as ordens de Micah.

Hunt seguiu para o banheiro e abriu a água quente no máximo. Ele tirou o elmo; sem a viseira para abafá-la, a luz brilhante ferroou seus olhos. Em seguida descalçou as luvas.

Bryce havia parecido tão horrorizada. Nenhuma surpresa. Ela não poderia ter compreendido de fato o que ele era, quem ele era, até aquele momento. Por que as pessoas o evitavam. Não o encaravam.

Hunt despiu o traje, os hematomas já desapareciam. Os barões do tráfico que havia matado naquela noite tinham tentado alguns golpes antes que ele os subjugasse. Antes que ele os prendesse ao chão, empalados com suas lâminas.

E os deixasse ali, gritando de dor, por horas.

Nu, entrou no chuveiro, os azulejos brancos já suados de vapor.

A água escaldante empolava sua pele, como ácido.

Ele engoliu o grito, o soluço, o choro, e não se esquivou do jato fervente.

Não fez nada enquanto deixava que aquilo o purgasse.

* * *

Micah o havia enviado em uma missão. Tinha ordenado que Hunt matasse alguém. Vários alguéns, pelos diferentes cheiros no anjo. Teria cada uma dessas vidas amortizado sua hedionda *dívida*?

Aquele era seu trabalho, o caminho para a liberdade, o que fazia para o governador, e, no entanto... E, no entanto, Bryce jamais havia pensado no assunto. O que fazia a ele. Quais as consequências.

Não era um caminho para a liberdade. Era um caminho para o Inferno.

Bryce se demorou na sala, esperando que ele terminasse o banho. A água continuava correndo. Vinte minutos. Trinta. Quarenta.

Quando o ponteiro marcou quase uma hora, ela se flagrou batendo à porta do quarto do anjo.

— Hunt?

Nenhuma resposta. A água continuava.

Ela abriu a porta, perscrutando a penumbra do cômodo. A porta do banheiro estava aberta, vapor pairando dali. Tanto vapor que o quarto tinha se tornado sufocante.

— Hunt? — Ela avançou, inclinando o pescoço para ver dentro do banheiro brilhante. Nenhum sinal do anjo no chuveiro...

A silhueta de uma asa cinzenta molhada se erguia por trás do vidro do boxe.

Ela se moveu, não pensou. Não se importou.

Estava no banheiro em um piscar de olhos, o nome do anjo nos lábios, preparada para o pior, desejando ter trazido o telefone do balcão da cozinha...

Mas lá estava ele. Sentado, nu, no piso do boxe, a cabeça entre os joelhos. A água açoitava suas costas, molhando seu cabelo. A pele salpicada de dourado brilhava com um vermelho furioso.

Bryce deu um passo para dentro do chuveiro e sibilou. A água estava escaldante. A ponto de queimar.

— Hunt — chamou ela. Ele nem mesmo piscou.

A semifeérica desviou o olhar do anjo para o chuveiro. O corpo de Hunt estava curando as queimaduras; cicatrizando e, em seguida, escaldando, cicatrizando e escaldando. Parecia pura tortura.

Ela engoliu um grito conforme esticava a mão para o chuveiro, a água quase fervente ensopando sua camisa, as calças, então abaixou a temperatura.

Ele não se moveu. Nem mesmo a olhou. Ele havia feito aquilo muitas vezes, se deu conta. Cada vez que Micah o enviara em uma missão, e para todos os arcanjos que tinha servido antes daquilo.

Syrinx veio bisbilhotar, farejou as roupas ensanguentadas, depois se deitou no tapete de banho, a cabeça sobre as patas dianteiras.

Hunt não deu nenhuma indicação de que percebia sua presença.

Mas a respiração se acalmou. Tornou-se mais fácil.

E, embora não conseguisse explicar os próprios motivos, ela pegou o frasco do xampu e o sabonete de lavanda do nicho nos azulejos. Em seguida se ajoelhou à frente do anjo.

— Vou lavar você — disse ela, baixinho. — Se estiver tudo bem.

Um leve, mas terrivelmente claro, aceno de cabeça foi a única resposta. Como se as palavras ainda lhe escapassem.

Então Bryce derramou xampu nas mãos, depois entrelaçou os dedos no cabelo do anjo. Os fios grossos pesavam, e ela esfregou com suavidade, lhe inclinando a cabeça para enxaguá-la. Os olhos de Hunt se ergueram enfim. Encontraram os dela conforme se inclinava na direção do jato de água.

— Você é o reflexo de como me sinto — sussurrou ela, a garganta fechada — todo dia.

Ele piscou, o único sinal de que havia ouvido.

Bryce tirou as mãos de seu cabelo e pegou o sabonete. O anjo estava nu, percebeu, tendo, de algum modo, esquecido o fato. Completamente nu. Não se permitiu pensar no assunto enquanto começava a lhe ensaboar o pescoço, os ombros poderosos, os braços musculosos.

— Vou deixar que se divirta sozinho da cintura para baixo — disse ela, o rosto enrubescido.

Ele apenas a observava com franca vulnerabilidade. Mais íntimo que qualquer toque de

lábios no pescoço. Como se, de fato, o anjo enxergasse tudo o que ela era, tinha sido e viria a ser.

A semifeérica esfregou seu torso o melhor que pode.

— Não consigo lavar suas asas com você apoiado na parede.

Hunt se levantou em um poderoso e gracioso movimento.

Ela desviou os olhos do que a posição havia, exatamente, colocado em sua linha de visão. O considerável detalhe com o qual ele não parecia se importar ou de que nem se dava conta.

Então tampouco ela se importou. Bryce se levantou, espirrando água em si mesma, e o virou com gentileza. Também não se permitiu apreciar a vista traseira. Aqueles músculos e perfeição.

Sua bunda é perfeita, havia dito o anjo.

Idem, agora podia atestar.

Ela ensaboou suas asas, cinza-escuras com a água.

Ele assomava sobre ela, tanto que a semifeérica precisou ficar na ponta dos pés para alcançar a ponta daquelas asas. Em silêncio, ela o lavou, e Hunt apoiou as mãos nos azulejos, de cabeça baixa. Ele precisava descansar, e do conforto do esquecimento. Então Bryce o enxaguou, se certificando de que cada pena estivesse limpa, e em seguida esticou a mão ao redor do anjo para fechar o registro.

Apenas o pingar da água pelo ralo enchia o banheiro fumegante.

Bryce pegou uma toalha, mantendo os olhos erguidos enquanto Hunt se virava para encará-la. Ela enrolou aquela em seus quadris, pegou uma segunda do porta-toalhas ao lado do boxe e a esfregou na pele bronzeada. Gentilmente, secou suas asas. Depois esfregou o cabelo do anjo.

— Vamos — murmurou ela. — Cama.

O rosto de Hunt ficou mais alerta, mas ele não se opôs quando ela, pingando água das roupas ensopadas e do cabelo, puxou-o para fora do chuveiro. Não se opôs quando ela o levou até o quarto, até a cômoda em que havia guardado suas coisas.

Ela escolheu um par de cuecas pretas e se abaixou, os olhos grudados no chão conforme esticava o elástico.

— Vista.

Hunt obedeceu, primeiro um pé, depois o outro. Ela se levantou, deslizando a cueca pelas coxas grossas e soltando o elástico com um leve estalido quando chegou à cintura. Bryce pegou uma camiseta branca de outra gaveta, franziu o cenho para as complicadas aberturas para acomodar aquelas asas, e a deixou de lado.

— Roupa de baixo é o que vai ser — declarou ela, afastando o cobertor da cama que ele diligentemente

fazia toda manhã. Deu um tapinha no colchão. — Durma um pouco, Hunt.

De novo, ele obedeceu, deslizando sob as cobertas com um gemido suave.

Ela desligou a luz do banheiro, escurecendo o quarto, e voltou para onde ele agora estava deitado, ainda a encarando. Ousando afastar o cabelo molhado da testa, os dedos de Bryce roçaram a odiosa tatuagem. Os olhos do anjo se fecharam.

— Estava tão preocupada com você — sussurrou ela, acariciando seu cabelo novamente. — Eu... — Ela não conseguiu terminar a frase. Então se forçou a recuar, para se dirigir até o próprio quarto e vestir roupas secas, e, talvez, dormir um pouco também.

Mas aquela mão forte, quente, lhe segurou o punho; impedindo-a.

Ela olhou para trás e flagrou Hunt a encarando outra vez.

— O quê?

Um pequeno puxão lhe disse tudo.

Fique.

Sentiu um aperto doloroso no peito.

— Ok. — Ela tomou fôlego. — Ok, claro.

E, por algum motivo, a ideia de voltar até o quarto, de deixá-lo sequer um instante, parecia muito arriscada. Como se ele pudesse desaparecer de novo se ela saísse para se trocar.

Então ela pegou a camiseta branca que tivera a intenção de vestir no anjo e se virou, tirando a própria blusa e sutiã, e jogando tudo no banheiro. As roupas aterrissaram nos azulejos com um som de bofetada, abafando o som do deslizar da camiseta macia do anjo sobre sua pele. A peça batia em seus joelhos, fornecendo cobertura suficiente para que ela se livrasse do moletom e da calcinha molhados e também os jogasse no banheiro.

Syrinx havia subido na cama, aninhando-se na parte de baixo. E Hunt tinha se afastado, dando a ela espaço suficiente.

— Ok — repetiu ela, mais para si mesma.

Os lençóis estavam aquecidos e cheiravam ao anjo... cedro molhado de chuva. A semifeérica tentou inspirá-lo sem parecer óbvia, conforme se ajeitava, sentada contra a cabeceira. E ela tentou não parecer muito chocada quando ele deitou a cabeça em sua coxa, o braço a envolvendo para repousar no travesseiro.

Uma criança pousando a cabeça no colo da mãe. Um amigo em busca de um toque reconfortante para lembrá-lo de que era um ser vivo. Uma boa pessoa, não importando o que o obrigassem a fazer.

Hesitante, Bryce mais uma vez afastou seu cabelo da testa.

Os olhos de Hunt se fecharam, mas ele se inclinou na direção do toque. Um pedido silencioso.

Então Bryce continuou acariciando seu cabelo, repetidas vezes, até que a respiração do anjo se tornou profunda e estável, até que o corpo poderoso relaxou ao seu lado.

* * *

Tinha perfume de paraíso. De lar e eternidade e do lugar exato em que devia estar.

Hunt abriu os olhos para suavidade feminina e calor e gentil respiração.

Na penumbra, ele se viu meio esparramado sobre o colo de Bryce, a mulher em questão desmaiada contra a cabeceira, a cabeça inclinada para o lado. Uma das mãos ainda em seu cabelo, a outra no lençol ao seu lado.

O relógio exibia três e meia. Não foi a hora que o surpreendeu, mas o fato de que estava consciente o bastante para assimilá-la.

Ela havia cuidado dele. Lavado e vestido e acalmado. Não se lembrava da última vez que alguém fizera aquilo.

Com cuidado, Hunt desgrudou o rosto daquele colo, se dando conta das pernas nuas. De que ela não vestia nada sob sua camiseta. E do quão perto estava seu rosto.

Os músculos protestaram apenas um pouco quando ele se levantou. Bryce nem mesmo se mexeu.

Ela havia lhe vestido as cuecas, pelo amor dos deuses.

Sentiu as bochechas enrubescerem, mas saiu da cama; Syrinx abriu um olho para ver o motivo da comoção. O anjo dispensou a besta com um aceno e caminhou até o lado do colchão em que Bryce dormia.

Ela se remexeu apenas um pouco quando a pegou nos braços e a carregou até seu quarto. Então ele a deitou na cama e ela grunhiu em protesto pelos lençóis frios, mas o anjo logo a cobriu com o edredom e a deixou antes que pudesse despertar.

Estava a meio caminho da sala quando o telefone da semifeérica, abandonado sobre o balcão da cozinha, brilhou. Hunt deu uma olhada, incapaz de se controlar.

Uma série de mensagens de Ruhn enchia a tela, todas das últimas horas.

Athalar está bem? Mais tarde, *Você está bem?*

Então, uma hora atrás, *Liguei para a recepção de seu prédio, e o porteiro me garantiu que os dois estão aí, então presumo que estejam bem. Mas me ligue pela manhã.*

E em seguida, de trinta segundos antes, como se em uma reflexão, *Fico feliz que tenha me ligado hoje à noite. Sei que as coisas estão fodidas entre nós, e sei que muito por minha culpa, mas, se precisar de mim, estou aqui. A qualquer hora, Bryce.*

Hunt olhou para o corredor do quarto da fêmea. Ela havia ligado para Ruhn... por isso estivera ao telefone quando ele voltou. Esfregou o peito.

Voltou a dormir em sua cama, onde o perfume de Bryce ainda permanecia, como um toque fantasma, caloroso.



Os raios dourados da aurora persuadiram Bryce a acordar. As cobertas estavam aquecidas, a cama macia, e Syrinx ainda roncava...

Seu quarto. Sua cama.

Ela se sentou, sacudindo Syrinx para acordá-lo. A quimera uivou sua irritação e se esgueirou mais para baixo das cobertas, chutando as costelas da semifeérica com as patas traseiras em protesto.

Bryce o deixou em paz, escorregando para fora da cama e saindo do quarto em segundos. Hunt devia tê-la levado para lá durante a noite. Ele não lhe parecera pronto a fazer nada assim, e se havia sido forçado a sair de novo...

Suspirou enquanto vislumbrava uma asa cinzenta esparramada na cama do quarto de hóspedes. A pele marrom-clara reluzente das costas musculosas. Subindo e descendo. Ainda adormecido.

Graças aos deuses. Esfregando as mãos no rosto, voltar a dormir uma causa perdida, ela caminhou até a cozinha e começou a preparar o café. Precisava de uma xícara forte, seguida de uma corrida rápida. Ela ligou o automático e, conforme a máquina de café apitava e zumbia, pegou o telefone no balcão.

As mensagens de Ruhn compunham a maior parte de seus alertas. Ela as leu duas vezes.

Ele teria largado tudo e ido até seu apartamento. Recrutado os amigos para encontrar Hunt. Teria feito aquilo sem questionar. Ela já sabia... mas tinha se forçado a esquecer.

Sabia o porquê também. Sempre estivera ciente de que a própria reação à briga de ambos, anos antes, havia sido justificada, porém exagerada. Ele tinha tentado se desculpar, e ela apenas usara o fato contra ele. E o irmão devia ter se sentido culpado o bastante para jamais questionar por que ela o havia cortado de sua vida. Para nunca ter se dado conta de que não fora apenas uma pequena mágoa que a havia forçado a afastá-lo de sua vida, mas medo. Puro terror.

Ele a havia machucado, e saber que ele tinha tal poder a apavorara. Saber que tinha esperado tantas coisas dele, imaginado fazer tantas coisas com o irmão — aventuras e feriados e momentos comuns — e que ele tinha a habilidade de destroçar tudo.

Os polegares de Bryce pairavam sobre o teclado do telefone, como se procurassem as palavras certas.

Obrigada seria bom. Ou, quem sabe, *Ligo mais tarde* seria suficiente, desde que ela talvez fosse, de fato, capaz de pronunciá-las em voz alta.

Mas seus dedos continuaram suspensos, as palavras escapando e a atropelando.

Então ela as deixou de lado e passou para a outra mensagem que tinha recebido... de Juniper.

Madame Kyrah me disse que você não apareceu na aula. Que Inferno, Bryce? Precisei implorar para que ela guardasse a vaga para você. Ela está bem irritada.

Bryce rangeu os dentes. E respondeu, *Desculpe. Diga a ela que estou no meio de uma missão do governador e que fui convocada.*

A semifeérica pousou o telefone e se virou para a máquina de café. O celular vibrou um segundo depois. Pelo visto, Juniper devia estar a caminho do ensaio matinal.

Essa mulher não aceita desculpas. Trabalhei duro para fazê-la gostar de mim, Bryce.

June estava decididamente puta se optou por *Bryce* em vez de B.

Bryce escreveu em resposta, *Me desculpa, ok? Não dei certeza. Você não devia tê-la feito acreditar que eu iria.*

Juniper retrucou, *Que seja. Preciso ir.*

A semifeérica soltou um suspiro, forçando-se a desgrudar os dedos do telefone. Envolveu a xícara de café quente.

— Ei.

Ela deu meia-volta e flagrou Hunt com o quadril apoiado na ilha de mármore. Para alguém tão musculoso e com asas, o anjo conseguia ser furtivo, tinha de admitir. Ele havia vestido camiseta e calças, mas o cabelo ainda estava bagunçado do sono.

— Como está se sentindo? — perguntou, rouca, os joelhos vacilando de leve.

— Bem. — A palavra não trazia crítica, apenas tácita resignação e um pedido para não insistir. Então Bryce pegou outra xícara, colocou-a na máquina de café e apertou alguns botões até fazê-la funcionar.

O olhar de Hunt lhe acariciava cada centímetro como um toque físico. Ela olhou para si mesma e se deu conta do motivo.

— Desculpe ter pegado uma de suas camisetas — disse ela, juntando o tecido branco nas mãos. Deuses, ela não vestia nenhuma lingerie. Ele percebeu?

Os olhos do anjo se desviaram para as pernas nuas e ganharam um tom mais sombrio. Definitivamente, ele percebeu.

Hunt se afastou da ilha, indo na direção de Bryce, e ela se preparou. Para o quê, não sabia, mas...

Ele apenas passou por ela. Direto para a geladeira, de onde tirou ovos e uma fatia de bacon.

— Correndo o risco de soar como um alfa babaca clichê — argumentou ele, sem encará-la, enquanto colocava uma frigideira no fogão —, gosto de ver você em minha camiseta.

— Total alfa babaca clichê — disse ela, mesmo com os dedos se encolhendo no piso de madeira clara.

Hunt quebrou os ovos em uma tigela.

— Sempre acabamos na cozinha.

— Não me importo — confessou Bryce, bebendo um gole do café. — Desde que você cozinhe.

Hunt bufou, em seguida ficou imóvel.

— Obrigado — agradeceu ele. — Pelo que fez.

— Deixe para lá — disse ela, tomando outro gole do café. Lembrando-se do que tinha passado para ele, ela estendeu a mão para a xícara, agora cheia.

Hunt se virou do fogão conforme ela lhe entregava o café. O olhar se alternando entre a caneca e o rosto da semifeérica.

E, quando a mão larga envolveu a xícara, ele se inclinou, diminuindo o espaço entre ambos. A boca roçou a bochecha de Bryce. Breve e leve e doce.

— Obrigado — agradeceu de novo, então se afastou e voltou para o fogão. Como se nem percebesse que ela não conseguia mover um único músculo, não conseguia encontrar uma palavra para dizer.

O impulso de agarrá-lo, de puxar aquele rosto na direção do seu e provar cada parte do anjo quase a cegava. Os dedos estremeceram na lateral do corpo, praticamente capazes de sentir aqueles poderosos músculos.

Ele tinha um antigo amor por quem ainda chorava. E ela não fazia sexo havia muito tempo. Pelas tetas de Cthona, fazia semanas desde aquele rolo com o metamorfo leão, no banheiro do Corvo. E, com Hunt ali, ela não havia ousado abrir a gaveta da mesa de cabeceira da esquerda para resolver a questão por si mesma.

Continue se enganando, lhe disse uma vozinha.

Os músculos das costas de Hunt enrijeceram. As mãos pararam de fazer o que estavam fazendo.

Merda, ele podia farejar aquele tipo de coisa, não podia? A maioria dos machos vanir podia. As alterações no odor das pessoas: medo e excitação sendo as duas principais.

Ele era o Umbra Mortis. Fora dos limites de dez milhões de modos diferentes. E o Umbra Mortis não namorava... não, com ele seria tudo ou nada.

— No que está pensando? — perguntou ele, sem se virar do fogão, a voz rouca como cascalho.

Você. Como uma maldita idiota, estou pensando em você.

— Há uma venda de amostras em uma loja de grife essa tarde — mentiu.

Hunt a olhou por sobre o ombro. Porra, aqueles olhos pareciam nublados.

— É verdade?

Ele estava ronronando?

Ela não conseguiu evitar um passo para trás, batendo na ilha da cozinha.

— Sim — respondeu, incapaz de desviar o olhar.

Os olhos de Hunt ficaram mais sombrios. O anjo não disse nada.

Bryce não conseguia respirar direito com aquele olhar fixo em si. Aquele olhar que lhe dizia que ele farejava tudo o que se passava em seu corpo.

Os mamilos se retesaram com a intensidade daquele olhar.

Hunt ficou imóvel, de modo sobrenatural. Os olhos desceram. Para seus seios. As coxas apertadas juntas... como se para impedir o latejar que começava a torturá-la.

A expressão se tornou claramente ferina. Um leão da montanha pronto para o bote.

— Não sabia que comprar roupas a excitava tanto, Quinlan.

Ela quase gemeu. E se obrigou a se manter quieta.

— São os pequenos prazeres da vida, Athalar.

— É nisso que pensa quando abre a gaveta da mesinha da esquerda? Comprar roupas? — Ele a encarava em cheio agora. Ela não ousou baixar o olhar.

— Sim — sussurrou a semifeérica. — Todas aquelas roupas, deslizando sobre meu corpo. — Não tinha ideia do que diabo lhe saía da boca.

Como era possível que o ar no apartamento, na cidade, tivesse sido sugado?

— Talvez devesse comprar lingerie nova — murmurou ele, assentindo para suas pernas. — Parece que está sem.

Ela não conseguiu evitar... a imagem que invadiu seus sentidos: Hunt envolvendo sua cintura com aquelas mãos enormes e a colocando sobre o balcão que, no momento, pressionava sua coluna, levantando a camiseta sobre sua barriga — a camiseta dele, na verdade — e lhe abrindo as pernas. Então a fodendo com a língua, depois com o pau, até que ela estivesse gemendo de prazer, gritando, sem se importar, desde que ele a tocasse, a invadisse...

— Quinlan. — O anjo agora parecia trêmulo. Como se apenas um fiapo de pura força de vontade o segurasse no lugar. Como se ele tivesse visto a mesma imagem ardente e apenas esperasse seu sinal.

Aquilo complicaria tudo. A investigação, o que quer que ele sentisse por Shahar, a própria vida...

Para o maldito Inferno com tudo. Dariam um jeito depois. Eles iriam...

Cheiro de queimado encheu o ar. Nojento e acre.

— Merda — sibilou Hunt, se virando para o fogão e os ovos que havia deixado no fogo.

Como se o feitiço tivesse sido quebrado, Bryce piscou, o calor inebriante desaparecendo. Ah, deuses. As emoções do anjo deviam estar surtadas depois daquela noite, e as dela eram uma zona em um dia bom, e...

— Preciso me trocar para o trabalho. — Ela conseguiu dizer, e correu de volta ao quarto antes que ele pudesse desviar a atenção do café da manhã queimado.

* * *

Ela havia perdido a cabeça, disse a si mesma no chuveiro, na caminhada tranquila até o trabalho em companhia de Syrinx, Hunt pairando acima. Mantendo distância. Como se tivesse chegado à mesma conclusão.

Torne-se vulnerável, dê poder para que alguém o magoe, e no fim fazem exatamente isso.

Ela não podia permitir. Suportar aquilo.

Bryce já havia se resignado com o fato quando chegou à galeria. Uma olhada para o alto revelou a descida rápida de Hunt conforme Syrinx latia feliz, e a ideia de um dia enclausurada com o anjo, tendo apenas Lehabah como escudo...

Graças à maldita Urd, o telefone tocou assim que abriu a porta da galeria. Mas não era Ruhn ligando para ver como estava nem Juniper com um sermão por perder a aula de dança.

— Jesiba.

A feiticeira não se preocupou em ser cordial.

— Abra a porta dos fundos. Agora.

* * *

— Ah, é horrível, BB — sussurrou Lehabah na penumbra da biblioteca. — Simplesmente horrível.

Encarando o imenso tanque mal iluminado, Bryce sentiu os pelos do braço se arrepiarem conforme assistia à nova aquisição explorar o ambiente. Hunt cruzou os braços e perscrutou a penumbra. Qualquer pensamento de vê-lo nu havia sumido uma hora atrás.

A mão escura, coberta de escamas, golpeou o vidro grosso, as garras de marfim arranhando a superfície.

Bryce engoliu em seco.

— Gostaria de saber como alguém sequer encontrou um nøkken nessas águas. — Pelo que tinha ouvido, viviam apenas nos mares gelados do norte, em geral em Pangera.

— Preferia um kelpie — murmurou Lehabah, se encolhendo atrás do pequeno divã, sua chama de um trêmulo amarelo.

Como se os tivesse ouvido, o nøkken parou perto do vidro e sorriu.

Com mais de 2,5 metros de comprimento, o nøkken podia muito bem ser uma cópia diabólica de sereia. Mas, em vez de feições humanoides, a criatura exibia um maxilar inferior protuberante e uma boca muito larga e sem lábios, cheia de dentes finos como agulhas. Os enormes olhos pareciam leitosos, como os de alguns peixes das profundezas. A cauda era quase

translúcida, ossuda e afiada, e, sobre ela, o músculo do torso se elevava, retorcido.

Não exibia pelos no peito ou na cabeça, e as mãos de quatro dedos terminavam em garras, tipo adagas.

A extensão do tanque ocupava toda a lateral da biblioteca, então não havia como escapar de sua presença, a não ser que o nøkken submergisse para as rochas escuras do fundo. A criatura arrastou aquelas garras no vidro outra vez. A tatuagem *SPQM* brilhava em branco contra o punho cinza-esverdeado.

Bryce ergueu o telefone até o ouvido. Jesiba atendeu ao primeiro toque.

— Sim?

— Temos um problema.

— Com o contrato Korsaki? — A voz de Jesiba soava baixo, como se não quisesse ser ouvida.

— Não. — Bryce franziu o cenho para o nøkken. — A bizarrice no aquário precisa partir.

— Estou em uma reunião.

— Lehabah está apavorada.

Ar era letal para nøkkens; se a criatura fosse exposta, mesmo que por poucos segundos, os órgãos vitais logo começariam a falhar, a pele empolando, como se queimada. Mas, ainda assim, Bryce tinha subido a pequena escada ao lado do tanque para se certificar de que a portinhola de alimentação embutida na grade sobre a água estava devidamente trancada. A escotilha em si era uma plataforma

quadrada, que podia ser erguida e baixada na água, operada por um painel de controle nos fundos do espaçoso aquário, e Bryce havia verificado três vezes se a engrenagem continuava desligada por completo.

Quando retornou à biblioteca, a semifeérica encontrou Lehabah encolhida atrás de um livro, as chamas da duende de uma amarelo intermitente.

— Ele é uma criatura odiosa, horrível — sussurrou Lehabah do divã.

Bryce a mandou se calar.

— Não pode presenteá-lo a algum macho babaca em Pangera?

— Estou desligando agora — avisou Jesiba.

— Mas ele...

A linha ficou muda. Bryce se recostou no assento à mesa.

— Agora ela vai ficar com ele para sempre — disse à duende.

— O que ele vai comer? — perguntou Hunt, enquanto o nøkken novamente testava a parede de vidro, tateando com aquelas mãos terríveis.

— Adoram humanos — sussurrou Lehabah. — Eles arrastam banhistas para as profundezas em lagos e lagoas e os afogam para em seguida saborear seus corpos lentamente, por dias e dias…

— Carne — disse Bryce, o estômago embrulhando conforme observava a pequena porta de acesso da

escada até o topo do tanque. — Vai ganhar alguns filés por dia.

Lehabah se encolheu.

— Não podemos instalar uma cortina?

— Jesiba apenas a rasgaria.

— Posso empilhar alguns livros na mesa... bloquear a visão em vez disso — ofereceu Hunt.

— Mas ele ainda vai saber onde estou. — Lehabah fez beicinho para Bryce. — Não posso dormir com essa coisa aqui.

Bryce suspirou.

— E se você fingisse que é um príncipe encantado ou algo assim?

A duende apontou para o tanque. Para o nøkken boiando na água, a cauda batendo. Sorrindo para eles.

— Um príncipe do Inferno.

— Quem iria querer um nøkken de estimação? — perguntou o anjo, abrindo os braços.

— Uma feiticeira que escolheu se unir à Chama e Sombra e transformar seus inimigos em animais. — Bryce gesticulou para os tanques menores e terrários embutidos nas prateleiras ao redor, então esfregou a persistente dor em sua coxa por baixo do vestido cor-de-rosa. Quando, enfim, tomara coragem de sair do quarto naquela manhã depois do vexame na cozinha, Hunt a havia encarado por um longo, longo instante. Mas não tinha dito nada.

— Devia consultar uma medbruxa sobre essa perna — aconselhava ele agora. Hunt não ergueu o olhar de onde folheava algum relatório que Justinian havia enviado aquela manhã para uma segunda opinião. A semifeérica tinha perguntado do que se tratava, mas ele respondera ser confidencial, e pronto.

— Minha perna está boa. — Ela não se preocupou em se virar de onde recomeçou a digitar os detalhes do contrato Korsaki, que Jesiba estava tão ansiosa em ver finalizado. Trabalho automático, mas trabalho que tinha de ser feito em algum momento.

Em especial quando chegaram a um beco sem saída. Não tiveram notícias de Viktoria sobre os resultados do teste Mimir. Por que Danika havia roubado o chifre, quem o queria tanto a ponto de matá-la... Bryce ainda não fazia ideia. Mas se Ruhn tinha razão sobre o método para curar o artefato... Tudo precisava estar ligado de alguma forma.

E ela sabia que, embora tivessem matado um demônio kristallos, havia outros que ainda podiam ser conjurados para caçar o chifre. E, se a espécie falhara até então, quando criada literalmente pelos Príncipes do Inferno para rastrear a relíquia... Como ela podia sequer alimentar alguma esperança de encontrar o chifre?

Ainda havia a questão daquelas mortes grotescas, destruidoras... que nada tinham a ver com um

kristallos. Hunt já requisitara acesso às gravações novamente, mas nada novo surgiu.

O telefone do anjo vibrou e ele o tirou do bolso, olhou, e em seguida o guardou de volta. Do outro lado da mesa, Bryce mal podia ver a mensagem na tela.

— Não vai responder?

A boca do anjo se franziu.

— É apenas um colega pegando no meu pé. — Mas os olhos faiscaram quando ele a encarou. E quando ela sorriu para ele, dando de ombros, ele engoliu em seco... somente de leve. — Preciso dar uma saída — disse um pouco rouco. — Naomi ficará de guarda. Venho buscá-la quando estiver pronta para ir.

Antes que pudesse ser questionado, ele se foi.

* * *

— Sei que já faz um tempo — disse Bryce, o telefone equilibrado entre a orelha e o ombro.

Hunt ficara esperando do lado de fora da galeria enquanto ela fechava tudo, sorrindo para os arranhões de Syrinx à porta. A quimera uivou em protesto quando se deu conta de que Bryce ainda não a levaria consigo, e Hunt parou de coçar a peluda cabeça dourada antes de a semifeérica fechar a porta, trancando-a.

— Vou precisar consultar minha agenda — dizia Bryce, acenando para Hunt.

Ela estava linda naquele dia, em um vestido cor-de-rosa, pérolas nas orelhas e o cabelo preso nas laterais, com presilhas combinando.

Porra, *linda* nem sequer era a palavra certa.

Quando Bryce deixara o quarto naquela manhã, ele ficou paralisado.

A semifeérica não tinha parecido notar que *ele* havia notado, embora o anjo supusesse que ela sabia como era deslumbrante. No entanto, naquele dia, Bryce emanava uma luz, uma cor que não estivera ali antes, um brilho nos olhos cor de âmbar e um rubor na pele.

Mas aquele vestido cor-de-rosa... o distraíra o dia todo.

Assim como o encontro daquela manhã, na cozinha. Ele havia tentado ao máximo ignorá-lo... esquecer o quanto chegara perto de implorar que ela o tocasse, que deixasse que a tocasse. Aquilo não o tinha impedido de ficar meio excitado o dia todo.

O anjo precisava se controlar. Levando em conta que a investigação havia desacelerado na última semana, não podia se dar o luxo de perder o foco. Não podia se dar o luxo de admirá-la quando ela não estava olhando. Aquela tarde, Bryce ficara na ponta dos pés, o braço esticado para pegar algum livro em

uma prateleira alta, e foi como se o vestido cor-de-rosa fosse o maldito chifre, e ele, o demônio kristallos.

Tinha pulado da cadeira no mesmo instante, alcançado a semifeérica em um piscar de olhos, e pegado o livro para ela.

Mas Bryce havia ficado parada enquanto ele lhe entregava o tomo. Não tinha recuado um passo conforme olhava do livro para seu rosto. O sangue do anjo começou a latejar nos ouvidos, a pele parecia muito tensa. Como naquela manhã, quando ele vira seus mamilos intumescerem e farejara o rumo dos pensamentos da semifeérica.

Porém, ela apenas tinha pegado o livro e se afastado. Imperturbável e inconsciente da completa estupidez do anjo.

O passar das horas em nada ajudou. E, quando ela sorrira para ele mais cedo... O anjo ficara quase aliviado de ser afastado da galeria um minuto depois. Foi quando retornava, inspirando a brisa fresca do Istros, que Viktoria havia enviado a mensagem: *Descobri algo. Me encontre no Munin e Hugin em 15.*

Cogitou pedir à espectro que esperasse. Para que adiasse as inevitáveis e más notícias, para ter mais alguns dias com o lindo sorriso no rosto de Bryce e o desejo queimando naqueles olhos, mas... O aviso de Micah ecoava em seus ouvidos. Faltavam duas semanas para a Cimeira, mas Hunt sabia que a presença de Sandriel havia esgotado a paciência do

arcanjo. Que, se ele demorasse muito mais, a barganha perderia efeito.

Então, independentemente da informação que Vik conseguira, por pior que fosse... ele encontraria um modo de lidar com aquilo. Ligou para *Bryce detona* e disse a *ela* para mexer o traseiro e se encontrar com ele.

— Não sei, mãe — dizia Bryce ao telefone, emparelhando com Hunt conforme começavam a descer a rua. O crepúsculo banhava a cidade de dourado e laranja, enfeitando até as poças de sujeira. — Claro que sinto saudade, mas talvez mês que vem?

Os dois cruzaram um beco alguns quarteirões adiante, letreiros de néon apontavam para as pequenas casas de chá e antigas barracas de comida amontoadas no espaço. Vários estúdios de tatuagem intercalados, alguns artistas e clientes fumando do lado de fora antes da onda noturna de bêbados idiotas.

— O que... nesse fim de semana? Bem, tenho um hóspede... — Ela estalou a língua. — Não, longa história. Ele é, tipo... um colega? O nome? Uh, Athie. *Não*, mãe. — A semifeérica suspirou. — Esse fim de semana não rola *mesmo*. Não, não estou dispensando vocês outra vez. — Trincou os dentes. — Que tal uma chamada por vídeo então? Mmhmm, sim, claro que arranjarei tempo. — Ela se encolheu de novo. — Ok, mãe. Tchau.

Bryce se virou para ele, fazendo uma careta.

— Sua mãe parece... insistente — disse Hunt, com cautela.

— Vou conversar com meus pais, por vídeo, às sete. — Ela suspirou para o céu. — Eles querem conhecê-lo.

* * *

Viktoria já estava no bar quando chegaram, um copo de uísque a sua frente. Abriu um sorriso encorajador aos dois, em seguida deslizou uma pasta pelo balcão enquanto se acomodavam a sua esquerda.

— O que descobriu? — perguntou Bryce, abrindo o envelope cor de creme.

— Leia — respondeu Viktoria, depois olhou para as câmeras no bar. Gravando tudo.

Bryce assentiu, pegando a deixa, e Hunt se inclinou para mais perto a fim de ler e, incapaz de se conter, esticou a asa, bem de leve, ao redor da semifeérica.

Ele esqueceu de tudo, no entanto, quando checou o resultado do teste.

— Isso não pode estar certo — argumentou ele, em tom baixo.

— Foi o que eu disse — concordou Viktoria, o rosto estreito impassível.

Ali, na varredura do Mimir feérico, o resultado: pequenos pontos de algo sintético. Não orgânico, não tecnológico, não mágico, mas uma combinação dos três.

Descubra o que está no meio, havia dito Aidas.

— Danika trabalhou como freelancer para as Indústrias Redner — revelou Bryce. — Eles fazem todo tipo de experiência por lá. Poderia explicar isso?

— Talvez — admitiu Viktoria. — Mas estou executando o Mimir em todas as amostras que temos... dos outros. Os testes iniciais também deram positivo nas roupas de Maximus Tertian. — A tatuagem na testa de Viktoria se contraiu quando ela franziu o cenho. — Não é pura magia, ou tecnologia, ou orgânico. Mas um híbrido, com suas outras características anulando sua definição nessas categorias. Quase um mecanismo de camuflagem.

Bryce franziu a testa.

— O que é, exatamente?

Hunt conhecia Viktoria bem o bastante para ler a cautela nos olhos da espectro.

— É algum tipo de... droga — respondeu ela a Bryce. — Pelo que pude descobrir, parece basicamente destinada a fins médicos, em doses pequenas, mas pode ter vazado para as ruas... o que levou a doses bem menos seguras.

— Danika não teria tomado uma droga assim.

— Claro que não — disse Viktoria, rapidamente. — Mas foi exposta a ela... todas as suas roupas o foram. Entretanto, não está claro se antes ou na ocasião de sua morte. Estamos prestes a fazer os testes nas amostras que colhemos da Matilha dos Demônios e de duas das vítimas recentes.

— Tertian estava no Mercado da Carne — murmurou Hunt. — Pode tê-la tomado.

— Como é chamada? Essa coisa? — exigiu Bryce.

Viktoria indicou os resultados.

— Exatamente o que parece. Sintez.

Bryce virou a cabeça para Hunt.

— Ruhn disse que aquela medbruxa mencionou um composto sintético de cura que poderia, possivelmente, reparar... — Ela não terminou a declaração.

Os olhos de Hunt estavam sombrios como o Fosso, um brilho assombrado nas profundezas.

— Pode se tratar do mesmo.

Viktoria ergueu as mãos.

— Repetindo, ainda estou testando as outras vítimas, mas... achei que deviam saber.

Bryce desceu da banqueta.

— Obrigada.

Hunt esperou que a espectro chegasse à porta da frente antes de murmurar:

— Mantenha segredo, Vik.

— Já apaguei os arquivos do sistema da legião — revelou ela.

* * *

Mal se falaram quando retornaram para a galeria, pegaram Syrinx e se dirigiram para casa. Foi somente ao chegar à cozinha e se encostar no balcão que Hunt disse:

— Investigações podem ser demoradas. Estamos chegando perto. Isso é bom.

Ela despejou ração na tigela de Syrinx, a expressão indecifrável.

— O que acha dessa sintez?

Hunt escolheu as palavras com cuidado.

— Como você disse, Danika pode ter sido exposta na Redner. Tertian pode ter usado uma dose por diversão antes de morrer. E ainda precisamos esperar para ver se aparece nas roupas das vítimas restantes.

— Quero saber sobre a droga — argumentou ela, pegando o telefone e discando.

— Pode não valer seu...

Ruhn atendeu.

— Sim?

— Aquele remédio sintético de que a medbruxa falou. O que sabe sobre o assunto?

— Ela me enviou trechos da pesquisa há alguns dias. A maior parte censurada pelas Indústrias

Redner. Mas ainda estou lendo. Por quê?

Bryce olhou para a porta aberta do quarto de Hunt... para a foto dela e de Danika sobre a cômoda, se deu conta o anjo.

— Havia traços de algo chamado sintez nas roupas de Danika... é um fármaco relativamente novo. E parece que vazou para as ruas e está sendo usado em concentrações maiores como uma substância ilegal. Fiquei imaginando se seriam a mesma coisa.

— Sim, a pesquisa é sobre a sintez. — Páginas farfalharam ao fundo. — Pode fazer umas coisas incríveis. Há uma lista de ingredientes aqui... repetindo, muita coisa foi cortada, mas...

O silêncio de Ruhn caiu como uma bomba.

— Mas o quê? — insistiu Hunt ao telefone, se inclinando tanto que ouviu o trovejar do coração de Bryce.

— Sal de obsidiana é listado como um dos ingredientes.

— Obsidiana... — Bryce piscou para Hunt. — Sintez poderia ser usada para conjurar um demônio? Se alguém não tivesse o poder, o sal de obsidiana na droga poderia lhe dar a capacidade de invocar algo como o kristallos?

— Não tenho certeza — admitiu Ruhn. — Vou terminar de ler e conto o que descobrir.

— Ok. — Bryce soltou o fôlego, e Hunt recuou um passo enquanto ela começava a andar de um lado

para o outro. — Obrigada, Ruhn.

A hesitação de Ruhn veio diferente daquela vez.

— Sem problemas, Bryce. — Ele desligou.

Hunt encontrou seu olhar.

— Precisamos descobrir quem está vendendo essa coisa — disse a semifeérica. — Tertian devia saber antes de morrer. Vamos ao Mercado da Carne. — Porque, se existisse um lugar naquela cidade onde uma droga como aquela estaria disponível, seria naquela fossa.

Hunt engoliu em seco.

— Precisamos ser *cuidadosos*...

— Quero respostas. — Ela se dirigiu para a porta da frente.

Hunt bloqueou seu caminho.

— Vamos amanhã. — Ela arfou, a boca abrindo. Mas Hunt balançou a cabeça. — Tire a noite de folga.

— Não pode...

— Sim, pode esperar, Bryce. Fale com seus pais hoje à noite. Vou me trocar — acrescentou ele, gesticulando para a armadura. — E então, amanhã, vamos ao Mercado da Carne apurar. Pode esperar. — A contragosto, Hunt pegou sua mão. Passou o polegar pelo dorso. — Aproveite a conversa com seus pais, Bryce. Eles estão *vivos*. Não desperdice um momento. Não por isso. — Ela ainda parecia prestes a protestar, insistir que fosse atrás da sintez, mas ele disse: — Queria poder me dar esse luxo.

Ela olhou para a mão que segurava a sua, por um segundo... por uma vida.

— O que aconteceu com seus pais? — perguntou ela.

— Minha mãe jamais me disse quem era meu pai — começou ele, com um aperto na garganta. — E ela... ela era uma anjo do baixo escalão. Limpava as vilas de alguns dos anjos mais poderosos, porque eles não confiavam em humanos ou mesmo em outros vanir para tanto. — Seu peito doía com a memória do rosto belo e gentil da mãe. O sorriso suave e os olhos tristes e angulosos. As canções de ninar que ainda podia ouvir, mais de duzentos anos depois. — Ela trabalhava noite e dia para me alimentar e nunca reclamou, sequer uma vez, porque sabia que, se o fizesse, seria demitida e precisava pensar em mim. Quando me tornei soldado e passei a mandar para casa cada cobre que ganhava, ela se recusou a gastá-los. Aparentemente, alguém ouviu o que eu fazia, achou que minha mãe tinha pilhas de dinheiro escondidas no apartamento e o invadiu uma noite. A pessoa a matou e roubou o dinheiro. Todos os quinhentos marcos de prata que ela havia economizado na vida, e os cinquenta de ouro que consegui lhe enviar em cinco anos de serviço.

— Lamento muito, Hunt.

— Nenhum dos anjos... os poderosos, adorados anjos... para os quais minha mãe trabalhava se

importou que tivesse sido assassinada. Nenhum investigou o culpado, e nenhum me deu licença para o luto. Ela não era nada para eles. Mas... era tudo para mim. — Sua garganta doía. — Fiz a Descida e me juntei à causa de Shahar pouco depois. Lutei no monte Hermon naquele dia por ela... minha mãe. Em sua memória. — Shahar havia pegado aquelas lembranças e as transformado em armas.

Os dedos de Bryce apertaram os do anjo.

— Ela parecia ser uma pessoa notável.

— Ela era. — Ele soltou sua mão enfim.

Mas Bryce ainda sorria para ele, e Hunt sentiu um aperto no peito conforme ela dizia:

— Tudo bem. Vou ligar para meus pais. Brincar de legionário com você pode esperar.

* * *

Bryce passou a maior parte da noite na faxina. Hunt a ajudou, se oferecendo para voar até o boticário mais perto e comprar um feitiço de limpeza instantânea, mas Bryce o dispensou. A mãe era obsessiva e alegava ser capaz de diferenciar banheiros limpos por magia dos fisicamente esfregados. Mesmo no bate-papo por vídeo.

É aquele cheiro de alvejante que me diz que foi feito de modo apropriado, Bryce, a filha a tinha imitado para

Hunt em um tom impassível, sem frescuras, que o deixou um pouco nervoso.

Bryce havia usado o telefone do anjo para tirar fotos de Hunt limpando, de Syrinx pegando rolos de papel higiênico do pacote e os rasgando no carpete que tinham acabado de aspirar, de si mesma com ele ao fundo, enfiado na privada, esfregando o interior do vaso.

Quando ele arrancou o telefone das mãos enluvadas, ela já havia trocado o nome de seu contato, agora *Bryce é Mais Legal Que Eu.*

Mas, apesar do sorriso que aquilo trouxe ao seu rosto, Hunt continuava a ouvir a voz de Micah, as ameaças claras e veladas. *Descubra quem está por trás disso. Faça. Seu. Trabalho. Não me faça reconsiderar nosso acordo. Antes que o tire do caso. Antes que o venda de volta a Sandriel. Antes que faça você e Bryce Quinlan se arrependerem.*

Assim que resolvesse o caso, acabariam, não? Ainda restariam dez mortes para Micah, o que poderia facilmente levar anos a cumprir. Ele teria de voltar ao Comitium. Para a 33ª.

Hunt se flagrou a observando enquanto os dois limpavam. Pegou o telefone e tirou algumas fotos da semifeérica também.

Ele sabia demais. Aprendeu demais. Sobre tudo aquilo. Sobre o que ele poderia ter tido, sem o halo e as tatuagens de escravizado.

— Posso abrir uma garrafa de vinho se precisar de coragem líquida — dizia Bryce quando se sentaram no computador à ilha da cozinha, o aplicativo de videochamada discando para seus pais. Ela havia comprado um saco de folhados do mercado da esquina, no caminho de casa; um mecanismo de alívio de estresse, presumia o anjo.

Hunt apenas examinou o rosto de Bryce. Aquela... ligação para os pais, sentados coxa contra coxa... Puta merda.

Estava em rota de colisão. Não conseguia parar.

Antes que o anjo pudesse abrir a boca para sugerir que aquilo podia ser um erro, uma voz feminina disse:

— E por que exatamente ele precisaria de coragem líquida, Bryce Adelaide Quinlan?



Uma mulher deslumbrante, na casa dos 40 anos, apareceu na tela, a cortina de cabelo preto ainda intocada pelo cinza, o rosto sardento apenas começando a mostrar os sinais de uma expectativa de vida humana.

Pelo que Hunt podia ver, Ember Quinlan estava sentada em um sofá verde encostado em uma parede forrada de carvalho, as longas pernas, dentro de uma calça jeans, encolhidas sob o corpo.

Bryce revirou os olhos.

— Diria que a maioria das pessoas precisa de coragem líquida ao lidar com você, mãe. — Mas ela sorria. Um daqueles sorrisos largos que mexia com o equilíbrio de Hunt.

Os olhos escuros de Ember se voltaram para o anjo.

— Acho que Bryce está me confundindo com ela.

A semifeérica ignorou o comentário.

— Onde está papai?

— Ele teve um dia longo no trabalho... está fazendo um pouco de café para não cair no sono.

Mesmo pelo vídeo, Ember possuía um tipo de magnetismo que chamava atenção.

— Você deve ser Athie — disse ela.

Antes que ele pudesse responder, um macho se sentou no sofá ao lado de Ember.

Bryce brilhou de um jeito que Hunt jamais vira.

— Oi, pai.

Randall Silago segurava duas xícaras de café, uma das quais entregou a Ember conforme sorria para a filha. Ao contrário da esposa, os anos de guerra haviam deixado suas marcas no homem: o trançado cabelo escuro estava salpicado de cinza, a pele marrom marcada por cicatrizes brutais. Mas os olhos escuros eram amistosos enquanto ele bebericava da caneca; branca e lascada, com os dizeres *Insira Piada Clichê de Pai Aqui.*

— Ainda tenho medo daquela máquina de café chique que você nos deu no Solstício de Inverno — comentou ele, à guisa de cumprimento.

— Literalmente mostrei como usá-la três vezes.

A mãe bufou uma risada, brincando com o pingente de prata no pescoço.

— Ele é velha-guarda.

Hunt pesquisara o quanto a máquina embutida do apartamento custou... se Bryce havia comprado algo remotamente semelhante, devia ter torrado uma porção considerável do contracheque no presente. Dinheiro que ela não tinha. Não com a dívida para com Jesiba.

Duvidava de que os pais desconfiassem, duvidava de que teriam aceitado a máquina se soubessem que o dinheiro podia ter sido usado para pagar aquelas dívidas.

Os olhos de Randall se desviaram para Hunt, o afeto esfriando em algo duro. Os olhos do lendário atirador de elite; o homem que havia ensinado à filha como se defender.

— Você deve ser meio que o colega de apartamento de Bryce.

Hunt viu o homem assimilar as tatuagens — na testa, no punho. Reconhecimento brilhou no semblante de Randall.

No entanto, ele não zombou. Não se encolheu.

Bryce deu uma cotovelada nas costelas de Hunt, lembrando o anjo de *falar*.

— Sou Hunt Athalar — apresentou-se, olhando para Bryce. — Ou Athie, como ela e Lehabah me chamam.

Devagar, Randall pousou seu café. Sim, havia sido reconhecimento nas feições do homem um momento antes. Mas Randall estreitou os olhos para a filha.

— Quando, exatamente, ia mencionar isso?

Bryce fuçou no saco de folhados sobre o balcão e pegou um croissant de chocolate. Ela o mordeu e disse:

— Ele não é tão legal quanto pensa, pai.

Hunt bufou.

— Obrigado.

Ember nada disse. Nem se moveu. Mas observava cada mordida de Bryce.

Randall encontrou o olhar de Hunt pela tela.

— Você estava aquartelado em Meridan quando servi lá. Eu fazia o reconhecimento no dia que você derrubou aquele batalhão.

— Batalha difícil. — Foi tudo o que Hunt disse.

Sombras escureceram os olhos de Randall.

— Sim, foi.

Hunt bloqueou a lembrança daquele massacre unilateral, de quantos humanos e seus poucos aliados vanir não haviam escapado de sua espada ou relâmpago. Ele estivera sob o comando de Sandriel então, e suas ordens tinham sido brutais: sem prisioneiros. A arcanjo enviara Pollux e ele naquele dia, à frente da legião, para interceptar a pequena força rebelde acampada na passagem da montanha.

O anjo tinha cumprido a ordem da melhor maneira que pode. Optara por mortes rápidas.

Pollux havia levado seu tempo. E adorado cada segundo.

E, quando não conseguiu mais escutar os gritos pela misericórdia de Pollux, Hunt acabara com aquelas vidas também. O Martelo tinha se enfurecido, a discussão deixou os dois anjos cuspindo sangue no terreno rochoso. Sandriel se deliciara com aquilo, apesar de jogar Hunt nas masmorras por alguns dias, como punição por acabar com a diversão de seu comandante cedo demais.

Debaixo do balcão, Bryce roçou a mão cheia de migalhas sobre a de Hunt. Não houvera ninguém depois daquela batalha para lavar o sangue e colocá-lo na cama. Teria sido melhor ou pior se conhecesse Bryce na época? Ter lutado, sabendo que retornaria para ela?

Bryce apertou seus dedos, deixando uma trilha de flocos, e abriu o saco atrás de um segundo croissant.

Ember observava a filha selecionar os folhados e, de novo, brincou com o pingente de prata; um círculo sobre dois triângulos. O Abraço, se deu conta. A união de Solas e Cthona.

Ember franziu o cenho.

— Por que — perguntou a Bryce — Hunt Athalar está dividindo apartamento com você?

— Ele foi expulso da 33ª pelo questionável senso de moda — respondeu ela, mordendo o croissant. — Eu disse que não me importo com suas roupas pretas e tediosas, e o deixei ficar aqui.

Ember revirou os olhos. A exata expressão que ele havia visto no rosto de Bryce momentos antes.

— Consegue uma resposta direta de minha filha, Hunt? Eu a conheço por vinte e cinco anos, mas ela nunca me deu uma.

Bryce fuzilou a mãe com o olhar, em seguida se voltou para Hunt.

— Não se sinta obrigado a responder.

Ember estalou a língua, ultrajada.

— Queria poder dizer que a cidade grande corrompeu minha adorável filha, mas ela já era rude antes de partir para a faculdade.

Hunt não conteve o riso baixo. Randall se recostou no sofá.

— É verdade — disse o homem. — Devia ter visto as brigas das duas. Acho que não existe uma só pessoa em Nidaros que não as ouvia berrando uma com a outra. Os gritos ecoavam pelas malditas montanhas.

Ambas as mulheres Quinlan franziram o cenho para ele. Aquela expressão também era a mesma.

Ember pareceu espiar por sobre os ombros dos dois.

— Quando foi a última vez que limpou a casa, Bryce Adelaide Quinlan?

Bryce ficou rígida.

— *Vinte minutos atrás.*

— Posso ver poeira na mesa de centro.

— Você. Não. Pode.

Os olhos de Ember dançavam com prazer diabólico.

— Athie sabe sobre GG?

Hunt não conseguiu evitar a tensão. GG... um ex? Ela jamais o havia mencionado... Ah. Claro. O anjo sorriu.

— Geleia Geladinha e eu somos bons amigos.

Bryce resmungou algo que ele não conseguiu ouvir.

Ember se inclinou para mais perto da tela.

— Tudo bem, Hunt. Se ela lhe mostrou GG, então gosta mesmo de você. — Bryce, graças aos deuses, se absteve de revelar aos pais como ele descobriu sua coleção de bonecos em primeiro lugar. Ember continuou: — Então me fale sobre você.

— Ele é Hunt Athalar — disse Randall, sem rodeios.

— Eu sei — admitiu Ember. — Mas tudo o que ouvi são horríveis histórias de guerra. Quero conhecer o macho por trás. E conseguir uma resposta franca sobre o porquê de estar vivendo no quarto de hóspedes de minha filha.

Bryce o havia avisado enquanto limpavam: Não *fale uma palavra sobre os assassinatos.*

Mas ele tinha um palpite de que Ember Quinlan podia farejar mentiras como um cão de caça, então Hunt enfeitou a verdade.

— Jesiba está trabalhando com meu chefe na busca de uma relíquia roubada. Com a Cimeira acontecendo em duas semanas, o quartel está lotado de hóspedes, então Bryce generosamente me ofereceu um quarto para facilitar o trabalho.

— Claro — disse Ember. — Minha filha, que nunca sequer dividiu seus brinquedos Extravagância de Estrelas com uma única criança de Nidaros, mas apenas os deixava *olhar* para aquelas coisas estúpidas, ofereceu um quarto de hóspedes de boa vontade.

Randall cutucou a esposa com um joelho, um apelo silencioso, talvez, de um homem acostumado a manter a paz entre duas mulheres altamente teimosas.

— Por isso eu o aconselhei a tomar um drinque antes de ligarmos — argumentou Bryce.

Ember bebeu um gole do café. Randall pegou o jornal de uma mesa e começou a folheá-lo.

— Então você não vai nos receber no fim de semana por conta desse caso? — perguntou a mulher.

Bryce se encolheu.

— Sim. Não é o tipo de coisa na qual possam me acompanhar.

Um quê de guerreiro surgiu quando os olhos de Randall se estreitaram.

— É perigoso?

— Não — mentiu Bryce. — Mas precisamos ser discretos.

— E levar dois humanos com você — começou Ember, irritada — é o oposto disso?

Bryce suspirou para o teto.

— Levar meus *pais* — argumentou ela — mancharia minha imagem de antiquária descolada.

— Antiquária *assistente* — contra-argumentou a mãe.

— Ember — censurou Randall.

Bryce comprimiu os lábios. Aparentemente, aquela era uma conversa recorrente. Ele se perguntou se Ember percebia o brilho de mágoa nos olhos da filha.

Foi o bastante para que Hunt se pegasse dizendo:

— Bryce conhece mais pessoas na cidade que eu... ela é uma profissional em navegar tudo isso. Um verdadeiro trunfo para a 33ª.

Ember o analisou, o olhar franco.

— Micah é seu chefe, não é?

Um modo educado de descrever o papel de Micah em sua vida.

— Sim — respondeu Hunt. Randall o observava agora. — O melhor que já tive.

O olhar de Ember caiu sobre a tatuagem em seu cenho.

— O que não quer dizer muito.

— Mãe, por favor? — Bryce suspirou. — Como está o negócio de cerâmica?

Ember abriu a boca, mas Randall cutucou seu joelho outra vez, um apelo mudo para mudar de assunto.

— Os negócios — respondeu Ember — estão ótimos.

* * *

Bryce sabia que a mãe estava armando uma tempestade.

Hunt foi gentil com os dois, amigável até, ciente de que sua mãe estava agora em uma missão para descobrir o motivo da presença do anjo no apartamento e o que existia entre eles. Mas ele perguntou a Randall sobre o trabalho como corresponsável de uma organização de assistência a humanos traumatizados pelo serviço militar, e perguntou a sua mãe sobre a barraca de beira de estrada, que vendia bebês gorduchos de cerâmica aninhados em diferentes mudas de vegetais.

No momento, sua mãe e Hunt discutiam qual era o melhor jogador de solebol da temporada, e Randall folheava o jornal, participando de quando em quando.

Ouvir o que havia acontecido com a mãe de Hunt deixara Bryce arrasada. Então demorou mais tempo na ligação. Porque ele tinha razão. Esfregando a perna doída por baixo da mesa — ela a havia forçado

em algum momento da faxina —, a semifeérica mordeu o terceiro croissant e disse a Randall:

— Ainda não é tão bom quanto o seu.

— Volte para casa — disse o pai. — E você pode comê-los todo dia.

— Sim, sim — dispensou ela, dando outra bocada. Ela massageou a coxa. — Achei que era para você ser o pai descolado. Ficou ainda pior que mamãe, ainda mais insistente.

— Sempre fui pior que sua mãe — confessou ele, com suavidade. — Apenas escondi melhor.

— Por isso meus pais precisam me emboscar se quiserem me visitar. Jamais os deixaria passar da porta.

Hunt apenas olhou para seu colo — sua coxa — antes de perguntar a Ember:

— Tentou levá-la a uma medbruxa para ver essa perna?

Bryce congelou no mesmo segundo da mãe.

— O que há de errado com ela? — Os olhos de Ember desceram para a parte inferior da tela, como se, de algum modo, pudesse ver a perna de Bryce abaixo do alcance da câmera. Randall logo a imitou.

— Nada — respondeu a semifeérica, fuzilando-o com o olhar. — Um anjo intrometido, é isso.

— É o ferimento de dois anos atrás — respondeu Hunt. — Ainda a incomoda. — Ele farfalhou as asas,

como se incapaz de reprimir o gesto de impaciência. — E ainda insiste em correr.

Os olhos de Ember se encheram de alarme.

— Por que faria isso, Bryce?

A semifeérica pousou o croissant.

— Não é de sua conta.

— Bryce — chamou Randall. — Se a incomoda, devia ver uma medbruxa.

— Não me incomoda — assegurou Bryce, entre dentes.

— Então por que estava esfregando sua perna sob o balcão? — rosnou o anjo.

— Porque estava tentando convencê-la a não chutar sua cara, babaca — sibilou Bryce.

— *Bryce* — arfou a mãe. Os olhos de Randall se arregalaram.

Mas Hunt riu. Ele se levantou, pegando e amassando o saco de papel, e o jogou na lata de lixo com a perícia de um de seus amados jogadores de solebol.

— Acho que a ferida ainda está contaminada pelo veneno do demônio que a atacou. Se ela não checar antes da Descida, sentirá dor por séculos.

Bryce se levantou de um pulo, escondendo a careta causada pela dor na coxa. Eles nunca haviam discutido o assunto... que o veneno do kristallos podia ainda, de fato, estar em sua perna.

— Não preciso que decida o que é melhor para mim, seu...

— Alfa babaca? — sugeriu Hunt, se dirigindo para a pia e abrindo a torneira. — Somos parceiros. Parceiros tomam conta um do outro. Se você não me ouve quando o assunto é sua maldita perna, então talvez ouça seus pais.

— Está muito ruim? — perguntou Randall, em tom baixo.

Bryce se virou de volta ao computador.

— Está tudo *bem*.

Randall apontou para o chão atrás da filha.

— Se equilibre nessa perna e responda de novo.

Bryce se recusou a se mexer. Enchendo um copo com água, Hunt sorriu, pura satisfação masculina.

Ember estendeu a mão para o telefone, que havia descartado nas almofadas ao seu lado.

— Vou encontrar a medbruxa mais próxima e ver se pode encaixá-la amanhã...

— Não vou à medbruxa — grunhiu Bryce, e pegou a moldura do laptop. — Foi ótimo conversar com vocês. Estou cansada. Boa noite.

Randall começou a protestar, os olhos fuzilando Ember, mas Bryce fechou o laptop.

Na pia, Hunt, o retrato da arrogância angelical, presunçosa. Ela se dirigiu para o quarto.

Ember, ao menos, esperou dois minutos antes de fazer uma chamada de vídeo para o telefone de Bryce.

— Seu pai está por trás desse *caso*? — perguntou Ember, o veneno pingava de cada palavra. Mesmo através da câmera, sua raiva era palpável.

— Randall não está por trás disso — respondeu ela, seca, se jogando na cama.

— Seu *outro* pai — disparou Ember. — Esse tipo de arranjo fede a ele.

Bryce manteve a expressão neutra.

— Não. Jesiba e Micah estão trabalhando juntos. Hunt e eu somos meros peões.

— Micah Domitus é um monstro — murmurou Ember.

— Todos os arcanjos são. Ele é um babaca arrogante, mas não tão ruim.

Os olhos de Ember faiscaram.

— Está tomando cuidado?

— Ainda tomo anticoncepcional, sim.

— Bryce Adelaide Quinlan, não se faça de boba.

— Hunt está pronto para me defender. — Mesmo que ele a tivesse jogado aos lobos ao mencionar a perna para os pais.

A mãe não se convenceu.

— Nunca tive dúvidas de que aquela feiticeira a jogaria nos braços do perigo se a fizesse lucrar. Micah não é melhor. Hunt pode estar disposto a protegê-la, mas lembre-se de que esses vanir só cuidam de si mesmos. Ele é o assassino particular de Micah, pelo

amor dos deuses. E um dos Caídos. Os asteri o *odeiam*. Ele é um escravizado por isso.

— Ele é um escravizado porque vivemos em um mundo fodido. — Fúria indistinta enevoou sua visão, mas ela piscou para afastá-la.

O pai chamou da cozinha, perguntando onde estava a pipoca de micro-ondas. Ember respondeu que estava no lugar de sempre, os olhos jamais se desviando da câmera do telefone.

— Sei que vai me odiar, mas preciso falar.

— Deuses, mãe...

— Hunt pode ser um bom colega, e pode ser agradável de se olhar, mas ele é um macho vanir. Um macho vanir muito, *muito* poderoso, mesmo com aquelas tatuagens o mantendo na linha. Ele, e qualquer macho como ele, é letal.

— Sim, e você nunca me deixa esquecer. — Precisou se esforçar para não olhar para a pequena cicatriz na maçã do rosto da mãe.

Velhas sombras anuviaram os olhos da mãe, e Bryce estremeceu.

— Ver você com aquele macho vanir mais velho...

— Não estou *com* ele, mãe...

— Me transporta direto para aquele lugar, Bryce. — Ela passou a mão pelo cabelo escuro. — Desculpe.

Foi como se a mãe lhe cravasse um punhal no coração.

Bryce desejou que pudesse atravessar a câmera e abraçar a mãe, sentindo o perfume de madressilva e noz-moscada.

— Vou fazer umas ligações e arrumar uma consulta com uma medbruxa para sua perna — disse, em seguida, Ember.

Bryce franziu o cenho.

— Não, obrigada.

— Você vai à consulta, Bryce.

A semifeérica virou o telefone e esticou a perna sobre a colcha para que a mãe pudesse vê-la. Ela girou o pé.

— Está vendo? Nenhum problema.

O rosto da mãe endureceu como o metal da aliança em seu dedo.

— Só porque Danika morreu não significa que você precisa sofrer também.

Bryce encarou a mãe, que sempre fora mestre em retalhar seu coração, em deixá-lo em frangalhos com simples palavras.

— Não tem nada a ver com isso.

— *Besteira*, Bryce. — Os olhos da mãe brilhavam com lágrimas. — Acha que Danika iria querer que você mancasse de dor pelo restante de sua existência? Acha que ela iria querer que tivesse desistido da dança?

— Não quero falar sobre Danika. — A voz soou trêmula.

Ember balançou a cabeça em desgosto.

— Vou mandar uma mensagem com o endereço da medbruxa e o telefone quando marcar a consulta para você. Boa noite.

Ela desligou sem outra palavra.



Trinta minutos mais tarde, Bryce havia colocado o short do pijama e estava emburrada na cama quando uma batida soou na porta.

— Você é um maldito traidor, Athalar — gritou ela.

Hunt abriu a porta e se inclinou no batente.

— Não me admira que tenha se mudado para cá, se você e sua mãe brigam tanto.

— Jamais vi minha mãe desistir de uma briga. Acho que isso pega — disse ela, apesar do instinto irresistível de estrangular o anjo. Ela franziu o cenho. — O que você quer?

Hunt se afastou da porta e se aproximou de Bryce. O quarto se tornava menor a cada passo. Sem ar. Ele parou no pé do colchão.

— Vou à consulta da medbruxa com você.

— Eu não vou.

— Por quê?

Ela inspirou. Em seguida explodiu.

— Porque, assim que a ferida desaparecer, parar de doer, então *Danika* terá desaparecido. A Matilha dos Demônios terá desaparecido. — Ela afastou as cobertas, exibindo as pernas nuas, e arregaçou o short de seda para exibir a cicatriz torta e grossa. — Será alguma lembrança, algum sonho que aconteceu em um instante e se foi. Mas esta cicatriz e a dor... — Seus olhos ardiam. — Não posso permitir que sejam apagadas. Não posso deixar que *eles* sejam apagados.

Calmamente, Hunt se sentou ao seu lado na cama, dando a ela tempo para protestar. O cabelo do anjo roçava a testa, a tatuagem, quando ele estudou a cicatriz. E passou um dedo calejado pela pele.

O toque lhe arrepiou.

— Não vai apagar Danika e a matilha se você se ajudar.

Bryce balançou a cabeça, olhando para a janela, mas os dedos do anjo se fecharam em seu queixo. Com gentileza, ele virou o rosto da semifeérica para que o encarasse. Os olhos escuros, profundos, pareciam suaves. Compreensivos.

Quantas pessoas haviam visto aqueles olhos assim? Sequer *o* viram assim?

— Sua mãe a ama. Ela não pode... literalmente, em um nível biológico, Bryce... suportar a ideia de

que você esteja sofrendo. — Ele soltou seu queixo, mas os olhares permaneceram unidos. — Nem eu.

— Você mal me conhece.

— Você é minha amiga. — As palavras pairaram entre os dois. O anjo inclinou a cabeça outra vez, como se pudesse esconder sua expressão enquanto emendava: — Se quiser minha amizade.

Por um instante, ela o encarou. A oferta lançada. A vulnerabilidade discreta. Aquilo apagou a irritação ainda em suas veias.

— Não sabia, Athalar? — A tímida esperança naquele rosto quase a destroçou. — Somos amigos desde o segundo que achou que Geleia Geladinha era um vibrador.

Ele inclinou a cabeça para trás e gargalhou, e Bryce se afastou na cama. Ajeitou os travesseiros e ligou a TV. Ela deu um tapinha no espaço livre.

Sorrindo, os olhos cheios de uma luz que ela jamais vira, o anjo se sentou ao seu lado. Depois pegou o telefone e tirou uma foto da semifeérica.

Bryce suspirou, o sorriso se apagando enquanto o observava.

— Minha mãe passou por muita coisa. Sei que não é fácil, mas obrigada por ser tão legal com ela.

— Gostei de sua mãe — admitiu Hunt, e ela acreditou nele. — Como ela e seu pai se conheceram?

Bryce sabia que ele perguntava sobre Randall.

— Minha mãe fugiu de meu pai biológico antes que ele descobrisse que estava grávida. Acabou em um templo de Cthona, em Korinth, e sabia que as sacerdotisas a acolheriam, protegeriam, já que era um receptáculo sagrado ou qualquer coisa assim. — Bryce bufou. — Ela deu à luz ali, e passei meus três primeiros anos enclausurada atrás dos muros do templo. Minha mãe lavava roupa para pagar nosso sustento. Resumindo, meu pai biológico ouviu boatos de que tinha um filho e mandou os capangas atrás dela. — Ela cerrou os dentes. — Ele lhes disse que, se houvesse uma criança que fosse sem sombra de dúvida sua, deviam retorná-la a ele. A qualquer custo.

Hunt comprimiu os lábios.

— Merda.

— Eles tinham olhos em cada entreposto, mas as sacerdotisas nos tiraram da cidade... na esperança de nos levar até o quartel-general da Casa de Terra e Sangue, em Hilene, onde minha mãe poderia pedir asilo. Até mesmo meu pai não ousaria violar seu território. Mas era uma viagem de três dias e nenhuma das sacerdotisas de Korinth tinha a habilidade para nos defender de guerreiros feéricos. Então dirigimos por cinco horas até o Tempo de Solas, em Oia, em parte para repousar, mas também para pegar nosso guarda sagrado.

— Randall. — Hunt sorriu. Mas arqueou a sobrancelha. — Espere... Randall era um sacerdote do

sol?

— Não exatamente. Ele havia voltado do front um ano antes, mas as coisas que viu e fez em serviço... Aquilo mexeu com ele. Muito mesmo. Ele não queria voltar para casa, encarar a família. Então se ofereceu como acólito de Solas, na esperança de expiar o passado. Ele estava a duas semanas dos votos definitivos quando o Sumo Sacerdote pediu que nos escoltasse até Hilene. Muitos dos sacerdotes eram guerreiros treinados, mas Randall era o único humano, e o Sumo Sacerdote imaginou que minha mãe não confiaria em um macho vanir. Pouco antes de chegarmos a Hilene, os homens de meu pai nos alcançaram. Esperavam encontrar uma fêmea indefesa e histérica. — Bryce sorriu novamente. — O que encontraram foi um lendário atirador de elite e uma mãe que moveria a própria terra para ficar com a filha.

Hunt se endireitou.

— O que aconteceu?

— O que era de se esperar. Meus pais lidaram com a bagunça resultante. — Ela o encarou. — Por favor, não conte a ninguém. É... Nunca houve perguntas sobre o motivo de aqueles feéricos não voltarem à Cidade da Lua Crescente. Não quero que surja alguma agora.

— Não direi uma palavra.

Bryce sorriu, sombria.

— Depois daquilo, a Casa de Terra e Sangue declarou minha mãe um receptáculo de Cthona, e Randall de Solas, e blá-blá-blá babaquice religiosa, mas, sobretudo, isso gerou uma ordem protetiva com a qual meu pai não ousou foder. E Randall enfim voltou para casa, nos levando com ele, e, óbvio, não fez os votos a Solas. — Seu sorriso se tornou mais caloroso. — Ele pediu minha mãe em casamento no fim daquele ano. Estão insuportavelmente apaixonados desde então.

Hunt devolveu o sorriso.

— É bom ouvir que, às vezes, as coisas dão certo para pessoas boas.

— Sim. Às vezes.

Um silêncio tenso caiu sobre eles. Em sua cama... Estavam em sua cama, e, ainda naquela manhã, ela havia fantasiado com o anjo a fodendo com a boca no balcão da cozinha...

Bryce engoliu em seco, com vontade.

— *Fadas e Fodas* começa em cinco minutos. Quer ver?

Hunt sorriu devagar, como se soubesse precisamente por que ela havia engolido em seco, mas se deitou nos travesseiros, as asas esparramadas sob o corpo. Um predador satisfeito em esperar a presa ir até ele.

Puta merda. Mas Hunt piscou para ela, colocando o braço sob a cabeça. O movimento fez os músculos

de seu bíceps se contraírem. Os olhos faiscaram, como se ele também tivesse ciência do fato.

— Porra, sim.

* * *

Hunt não tinha se dado conta do quanto precisava perguntar. O quanto precisava daquela resposta.

Amigos. A palavra nem remotamente cobria o que existia entre ambos, mas era verdade.

Ele se recostou na cabeceira, os dois assistindo à série erótica. Mas, quando chegaram à metade do episódio, ela havia começado a fazer comentários sobre o enredo insano. E o anjo tinha começado a acompanhá-la.

Outra série começou, uma competição real com diferentes vanir realizando façanhas de força e agilidade, e apenas pareceu natural assistir também. Tudo apenas parecia natural. Ele se deixou se acostumar à sensação.

E não era a coisa mais perigosa que já havia feito?



A mãe havia enviado uma mensagem enquanto ela se vestia para o trabalho na manhã seguinte, com a hora e o endereço da consulta da medbruxa. *Hoje, às onze. Cinco quadras da galeria. Por favor, vá.*

Bryce não respondeu. Com certeza, não compareceria àquele compromisso.

Não quando tinha outro marcado no Mercado da Carne.

Hunt havia pensado em esperar até a noite, mas Bryce sabia que os vendedores estariam mais propensos a conversar durante as horas tranquilas do dia, quando não precisavam tentar enfeitiçar os habituais clientes noturnos.

— Está quieto de novo hoje — murmurou Bryce, conforme serpenteavam pelos corredores atulhados do armazém. Aquele era seu terceiro dia de visita... os outros dois haviam se provado infrutíferos.

Não, os vendedores não sabiam nada sobre drogas. Não, aquele era um estereótipo do Mercado da Carne que não apreciavam. Não, não conheciam ninguém que podia ajudá-los. Não, não estavam interessados em marcos pela informação, porque não sabiam mesmo nada de útil.

O anjo tinha ficado a algumas barracas de distância durante cada discussão, porque ninguém iria conversar com um legionário e um escravizado Caído.

Hunt trazia as asas bem encolhidas.

— Não pense que esqueci que está perdendo a consulta com a medbruxa neste exato instante.

Ela nunca devia ter mencionado aquilo.

— Não me lembro de ter lhe dado permissão para enfiar o nariz em meus assuntos.

— Voltamos a isso? — Ele bufou uma risada. — Achei que assistir à TV de conchinha me dava permissão para, pelo menos, *verbalizar* minhas opiniões sem ser desancado.

Ela revirou os olhos.

— Não ficamos de conchinha.

— O que você quer, exatamente? — perguntou Hunt, examinando uma barraca cheia de facas antigas. — Um namorado ou parceiro ou marido que apenas fique sentado, sem nenhuma opinião, e concorde com tudo o que você diz e nunca ouse questionar nada?

— Claro que não.

— Só porque sou macho e tenho uma opinião, isso não me transforma em algum babaca prepotente e psicótico.

Ela enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro de Danika.

— Olhe, minha mãe passou por maus bocados nas mãos de alguns babacas prepotentes e psicóticos.

— Eu sei. — Os olhos do anjo se suavizaram. — Mas, mesmo assim, olhe para ela e seu pai. Ele expressa suas opiniões. E me parece bem psicótico quando o assunto é proteger vocês.

— Você não faz ideia — resmungou Bryce. — Não tive um encontro até entrar na UCLC.

As sobrancelhas de Hunt se ergueram.

— Sério? Pensei que... — Ele balançou a cabeça.

— Pensou o quê?

Ele deu de ombros.

— Que os garotos humanos rastejassem atrás de você.

Bryce precisou se esforçar para não o fuzilar com o olhar pelo jeito que disse *garotos humanos*, como se fossem de uma espécie diferente da própria... um macho malakh maduro.

Ela imaginou que fossem, tecnicamente, mas aquele quê de arrogância masculina...

— Bem, se era a intenção, eles não ousaram agir. Randall era praticamente um deus para eles, e,

embora ele nunca tenha dito nada, todos já haviam decidido que eu estava fora dos limites.

— Não seria razão suficiente para me manter longe.

Suas bochechas coraram com o tom baixo do anjo.

— Bem, idolatria a Randall de lado, eu também era diferente. — Ela gesticulou para as orelhas. O corpo alto. — Muito feérica para humanos. Tadinha de mim, não?

— É edificante — argumentou ele, estudando uma barraca cheia de opalas de todas as cores: brancas, negras, vermelhas, azuis, verdes. Veios iridescentes as cortavam, como artérias preservadas da própria terra.

— Para que servem? — perguntou ele para a humanoide de penas negras no estande. Uma pega.

— São amuletos da sorte — respondeu a pega, acenando com a mão emplumada por sobre as pedras. — Branca é para alegria; verde para riqueza; vermelha para amor e fertilidade; azul para sabedoria... Pode escolher.

— Para que serve a negra? — perguntou Hunt.

A boca cor de ônix da pega se curvou para cima.

— Para o oposto de sorte. — Ela deu um tapinha em uma das opalas negras, guardada em um domo de vidro. — Coloque-a debaixo do travesseiro de seu inimigo e veja o que acontece a ele.

Bryce pigarreou.

— Por mais interessante que seja...

Hunt estendeu um marco de prata.

— Pela branca.

Bryce ergueu as sobrancelhas, mas a pega apanhou o marco e depositou a opala branca na palma de Hunt. Eles se foram, ignorando sua gratidão pela venda.

— Não achei que fosse do tipo supersticioso — comentou Bryce.

Mas Hunt parou no fim da fileira de barracas e pegou sua mão. Ele colocou a opala ali, a pedra quente ao toque. Do tamanho de um ovo de corvo, faiscava com as primaluces acima.

— Achei que precisava de alguma alegria — argumentou ele, em um tom de voz baixo.

Algo luminoso brilhou no peito da semifeérica.

— Assim como você — disse ela, tentando devolver a opala à palma do anjo.

Mas Hunt se afastou.

— É um presente.

O rosto de Bryce esquentou outra vez, e ela olhou para tudo, exceto para ele, conforme sorria. Muito embora pudesse lhe sentir o olhar sobre o rosto enquanto guardava a opala no bolso da jaqueta.

* * *

A opala tinha sido uma ideia estúpida. Impulsiva.

Provavelmente babaquice, mas Bryce a tinha guardado no bolso. Não havia comentado o quanto ele estava enferrujado, já que havia mais de duzentos anos que tinha pensado em comprar um presente para uma fêmea.

Shahar teria sorrido para a opala... e a esquecido logo depois. A arcanjo tinha baús de joias em seu palácio de alabastro: diamantes do tamanho de bolas de solebol; sólidos blocos de esmeralda empilhados como tijolos; autênticas banheiras repletas de rubis. Uma pequena opala branca, mesmo para alegria, teria sido como um grão de areia em uma praia quilométrica. Ela teria apreciado o presente, mas, no fim, o abandonaria em uma gaveta qualquer. E ele, tão dedicado a sua causa, com certeza também esqueceria o assunto.

Hunt cerrou o maxilar conforme Bryce caminhava para uma barraca escondida. Uma adolescente — uma metamorfa felina, pelo cheiro — na esbelta forma humanoide os observou se aproximarem, empoleirada em uma banqueta. A trança de cabelo castanho jogada sobre o ombro quase batia no telefone que segurava preguiçosamente nas mãos.

— Ei — disse Bryce, apontando para a pilha de tapetes peludos. — Quanto custa?

— Vinte pratas — respondeu a metamorfa, soando tão entediada quanto parecia.

Bryce sorriu com malícia, passando a mão pelo couro branco. A pele de Hunt pareceu se esticar nos ossos. Ele havia sentido aquele toque na outra noite, acariciando-o até dormir. E podia senti-lo agora, enquanto ela afagava a pele de ovelha.

— Vinte marcos de prata por pele de carneiro das neves. Não é meio barato?

— Minha mãe me obriga a trabalhar no fim de semana. Ela ficaria puta se fosse vendido pelo real valor.

— Quanta lealdade de sua parte — disse Bryce, rindo. Ela se inclinou para mais perto, o tom de voz mais baixo. — Isso vai soar *tão* aleatório, mas tenho uma pergunta para você.

Hunt se manteve afastado, observando a semifeérica em ação. A garota irreverente, baladeira comum, apenas atrás de alguma droga nova.

A metamorfa mal ergueu o olhar.

— Sim?

— Sabe onde consigo... diversão por aqui? — perguntou Bryce.

A garota revirou os olhos castanhos.

— Tudo bem. Pode falar.

— Falar o quê? — perguntou Bryce, de maneira inocente.

A metamorfa ergueu o telefone, digitando com unhas pintadas em arco-íris.

— Sobre esse teatrinho que fez para todo mundo por aqui, e em dois outros armazéns. — Ela exibiu o telefone. — Temos um grupo. — A adolescente gesticulou para todos no mercado ao redor. — Recebi, tipo, dez avisos de que vocês dois estavam vindo para cá, fazendo perguntas toscas sobre drogas ou sei lá.

Foi, talvez, a primeira vez que Hunt tinha visto Bryce sem palavras. Então ele se postou ao seu lado.

— Tudo bem — admitiu ele para a adolescente. — Mas *ouviu* alguma coisa?

A garota o estudou.

— Acha que a Víbora ia deixar merda como aquela sintez entrar aqui?

— Ela permite qualquer outro crime ou devassidão — argumentou o anjo, entre dentes.

— Sim, mas ela não é estúpida — disse a metamorfa, jogando a trança por sobre o ombro.

— Então você já ouviu falar da droga — insistiu Bryce.

— A Víbora me mandou dizer a vocês que é uma droga sórdida, e ela não a negocia e nunca o fará.

— Mas alguém o faz? — perguntou Bryce, tensa.

Aquilo era péssimo. Não acabaria bem de jeito algum...

— A Víbora também me mandou dizer que você deve checar o rio. — Ela voltou a atenção ao telefone, presumivelmente para avisar *à Víbora* de que havia

transmitido a mensagem. — É o lugar para esse tipo de merda.

— O que quer dizer? — perguntou a semifeérica.

Um dar de ombros.

— Pergunte às sereias.

* * *

— Devíamos analisar os fatos — argumentou Hunt, enquanto Bryce disparava para as docas do Mercado da Carne. — Antes de correr até as sereias, acusando-as de ser traficantes de drogas.

— Tarde demais — disse Bryce.

Não tinha conseguido impedi-la de mandar uma mensagem para Tharion, via lontra, vinte minutos antes, e com certeza não fora capaz de impedi-la de se dirigir até a beira do rio para esperar.

Hunt agarrou seu braço, a doca poucos metros à frente.

— Bryce, as sereias *não* veem com bons olhos falsas acusações...

— Quem disse que são falsas?

— Tharion não é um traficante e, com certeza, não está vendendo algo tão nocivo como a sintez parece ser.

— Ele pode conhecer alguém que esteja. — Ela se libertou com um safanão. — Já assuntamos por aí tempo o bastante. Quero respostas. Agora. — A

semifeérica estreitou os olhos. — Não quer logo acabar com isso? Para ter sua sentença *reduzida*?

Ele queria. Mas disse:

— É provável que a sintez não tenha nada a ver com isso. Não devíamos...

Mas ela já havia chegado às tábuas do cais, não ousando olhar para as águas turbulentas abaixo. O cais do Mercado da Carne era um local famoso de desova. E campo de caça para necrófagos aquáticos.

Borrifos d'água e, em seguida, um poderoso corpo masculino estava sentado na ponta de uma doca.

— Essa parte do rio é nojenta — disse Tharion, à guisa de cumprimento.

Bryce não sorriu. Não disse outra coisa que não:

— Quem está vendendo sintez no rio?

O sorriso desapareceu do rosto de Tharion. Hunt começou a protestar, mas o tritão retrucou:

— Não no rio, pernuda. — Ele balançou a cabeça. — *Sobre* o rio.

— Então é verdade. O que isso... é? Uma droga farmacêutica que vazou de um laboratório? Quem está por trás?

Hunt se postou ao seu lado.

— Tharion...

— Danika Fendyr — respondeu o tritão, os olhos brandos. Como se soubesse o que Danika tinha significado para a semifeérica. — A informação veio

um dia antes da morte da loba. Ela foi vista negociando em um bote, logo adiante.



— O que quer dizer com Danika estava negociando?

Tharion balançou a cabeça.

— Não sei se ela estava vendendo ou comprando, mas pouco antes da sintez começar a aparecer nas ruas, a loba foi vista em um bote do Auxiliar, na calada da noite. Havia um engradado de sintez a bordo.

— Sempre volta a Danika — murmurou Hunt.

— Talvez ela o estivesse confiscando — argumentou Bryce, por sobre o rugido em sua cabeça.

— Talvez — admitiu Tharion, em seguida passou a mão pelo cabelo ruivo. — Mas essa sintez... é coisa pesada, Bryce. Se Danika estava envolvida com a droga...

— Não estava. Ela jamais teria feito nada assim. — Seu coração batia tão acelerado que ela achou que iria vomitar. Bryce se voltou para Hunt. — Mas isso

explica por que havia traços da droga em suas roupas, se ela a tinha confiscado para o Aux.

A expressão de Hunt era sombria.

— Talvez.

Ela cruzou os braços.

— O que é, exatamente?

— Magia sintética — respondeu Tharion, os olhos se alternando entre os dois. — Começou como um auxiliar para a cura, mas, aparentemente, alguém se deu conta de que, em doses superconcentradas, podia dar aos humanos força maior que a dos vanir. Por curtos períodos, mas é potente. Eles tentaram sintetizá-la por séculos, mas parecia impossível. A maioria das pessoas acreditava que era semelhante à alquimia... tão improvável quanto transformar algo em ouro. Mas, pelo visto, a ciência moderna conseguiu o feito. — Ele inclinou a cabeça. — Isso tem algo a ver com o demônio que andam caçando?

— É uma possibilidade — respondeu Hunt.

— Aviso se receber qualquer outro relatório — disse Tharion, não esperando uma despedida antes de mergulhar de volta na água.

Bryce encarava o rio ao sol do meio-dia, segurando a opala branca em seu bolso.

— Sei que não era o que queria ouvir — disse Hunt com cautela, ao seu lado.

— Ela foi assassinada por quem quer que esteja fabricando a sintez? Estava naquele barco para

apreender o equipamento? — Bryce colocou uma mecha de cabelo para trás da orelha. — Talvez a pessoa negociando a sintez e a pessoa à procura do chifre sejam a mesma, se a sintez tem o potencial de reparar a relíquia?

Ele esfregou o queixo.

— Pode ser. Mas também pode ser um beco sem saída.

Ela suspirou.

— Não entendo por que ela nunca tocou no assunto.

— Talvez nem valesse a pena — sugeriu ele.

— Talvez — murmurou ela. — Talvez.

* * *

Bryce esperou até Hunt se dirigir à academia do prédio antes de ligar para Fury.

A semifeérica nem sabia por que se incomodava. Fury não tinha atendido uma ligação sua em meses.

A ligação quase caiu na caixa postal antes que ela atendesse.

— Ei.

Bryce se recostou na cama.

— Estou chocada que atendeu — soltou ela.

— Você me pegou entre trabalhos.

Ou talvez Juniper tenha desancado Fury por conta do sumiço.

— Achei que estivesse voltando para caçar o culpado pelo atentado no Corvo — comentou Bryce.

— Também achei, mas acabou que não precisei cruzar o Haldren para isso.

Bryce se reclinou contra a cabeceira, esticando as pernas.

— Então a rebelião humana foi mesmo a responsável? — Talvez aquele *C* nos engradados, que Ruhn pensou ser o chifre, fosse apenas aquilo: uma letra.

— Sim. Mas detalhes e nomes são confidenciais.

Fury havia repetido aquilo tantas vezes no passado que a semifeérica tinha perdido a conta.

— Pelo menos me diga se você os encontrou?

Havia uma boa chance de que Fury estivesse afiando seu arsenal de armas, na mesa de qualquer hotel sofisticado em que se escondera, naquele exato momento.

— Eu disse entre trabalhos, não disse?

— Parabéns?

Uma risada suave que ainda surtava Bryce.

— Claro. — Fury hesitou. — O que houve, B?

Como se aquilo apagasse quase dois anos de quase silêncio.

— Danika alguma vez mencionou sintez para você?

Bryce podia ter jurado que algo pesado e metálico caiu ao fundo.

— Quem lhe falou da sintez? — perguntou Fury, em voz baixa.

Bryce se endireitou.

— Acho que está se espalhando por aqui. Hoje encontrei um tritão que disse que Danika foi vista em um barco do Aux com um carregamento da droga, logo antes de morrer. — Ela soltou o fôlego.

— É perigoso, Bryce. Perigoso de verdade. Não fode com isso.

— Não vou. — Deuses. — Não toco em drogas há dois anos. — Então acrescentou, incapaz de se conter: — Se tivesse se preocupado em atender minhas ligações ou fazer uma visita, saberia disso.

— Estive ocupada.

Mentirosa. Maldita mentirosa e covarde.

— Olhe, só queria saber se Danika alguma vez falou da sintez para você antes de morrer, porque ela nunca a mencionou para mim.

Mais uma daquelas pausas.

— Ela falou, não falou? — Mesmo agora, Bryce não compreendia por que o ciúme lhe cortava o peito.

— Ela pode ter comentado que havia uma merda sórdida no mercado — admitiu Fury.

— Não lhe ocorreu contar a ninguém?

— Eu contei. Para você. No Corvo Branco, no dia em que Danika morreu. Alguém tentou lhe vender na

ocasião, pelo amor dos deuses. Eu mandei que ficasse longe daquilo.

— E, ainda assim, não teve a oportunidade de mencionar na ocasião, ou depois da morte de Danika, que ela a avisou sobre a droga em primeiro lugar?

— Um demônio a rasgou em pedaços, Bryce. Batidas de drogas não têm relação.

— E se tiver?

— Como?

— Não sei, apenas... — Bryce tamborilou o pé na cama. — Por que ela não me contaria?

— Porque... — Fury se interrompeu.

— Porque *o quê*? — disparou Bryce.

— Tudo bem — concedeu Fury, a voz incisiva. — Danika não queria lhe contar porque não queria você perto da droga. Sequer *pensando* em experimentar sintez.

Bryce se levantou de um pulo.

— Por que *porra* eu sequer...

— Porque nós vimos você experimentar literalmente de tudo.

— Estava comigo o tempo todo, experimentando comigo, você...

— Sintez é *magia sintética*, Bryce. Para substituir magia *real*. Que você não tem *nenhuma*. Dá aos humanos poderes de vanir e força por, tipo, uma hora. E então pode te foder seriamente. Torná-la viciada ou pior. Para os vanir, é ainda mais arriscada...

uma onda louca e superforça, mas pode dar merda fácil. Danika nem mesmo queria que você soubesse da existência de algo assim.

— Como se eu estivesse tão desesperada para ser uma grande e durona vanir que tomaria algo...

— Sua intenção era protegê-la. *Sempre*. Até de você mesma.

As palavras a atingiram como um tapa na cara. A garganta de Bryce se fechou.

Fury suspirou.

— Olhe, sei que soei grossa. Mas acredite em mim: não se meta com sintez. Se conseguiram mesmo produzi-la em larga escala e em concentrações ainda maiores fora de um laboratório oficial, então é grave. Fique longe dela, e de quem quer que negocie a droga.

As mãos de Bryce estavam trêmulas, mas ela conseguiu dizer *Tudo bem* sem parecer à beira das lágrimas.

— Bem, tenho de ir — disse Fury. — Compromissos à noite. Mas volto a Lunathion em alguns dias. Sou esperada na Cimeira em duas semanas... será em algum complexo fora da cidade.

Bryce não perguntou por que Fury Axtar compareceria à Cimeira dos vários líderes valbaranos. Na verdade, pouco se importava com a volta da amiga.

— Talvez pudéssemos sair para jantar — sugeriu Fury.

— Claro.

— Bryce. — Seu nome soou tanto uma reprimenda quanto uma desculpa. Fury suspirou. — Vou vê-la.

Sua garganta queimava, mas ela desligou. Inspirou profundamente algumas vezes. Fury que fosse para o Inferno.

Bryce esperou para contatar o irmão até que tivesse sentado no sofá, aberto o laptop e carregado o navegador. Ele atendeu ao segundo toque.

— Sim?

— Quero que me poupe do sermão e dos avisos e de toda essa merda, ok?

Ruhn hesitou.

— Ok.

Ela colocou a ligação no viva-voz e apoiou os braços nos joelhos, o cursor piscando na barra de busca.

— O que está acontecendo entre você e Athalar? — perguntou Ruhn.

— Nada — respondeu Bryce, esfregando os olhos. — Ele não faz meu tipo.

— Estava perguntando por que ele não está presente, não se estão namorando, mas é bom saber.

Ela rangeu os dentes e digitou *magia sintética* na barra de pesquisa. Quando os resultados pipocaram, ela disse:

— *Athalar* está deixando aqueles músculos ainda mais impressionantes.

Ruhn bufou uma risada.

Ela consultou os resultados: pequenos artigos curtos sobre os usos de magia de cura sintética para auxiliar a cicatrização em humanos.

— Aquela medbruxa que enviou a informação sobre magia sintética... ela ofereceu algum insight sobre como a droga chegou às ruas?

— Não. Acho que está mais preocupada com a origem... e um antídoto. Ela me disse que, de fato, testou um pouco do veneno do kristallos que tirou de Athalar na outra noite contra o sintez, na tentativa de sintetizar uma cura. Ela acha que a própria magia pode agir como uma espécie de estabilizante para o veneno, de modo a produzir um antídoto, mas precisa de mais veneno para continuar os testes. Não sei. Me pareceu uma parada complexa. — Ele acrescentou, irônico: — Se encontrar um kristallos, peça um pouco de veneno, por favor?

— Apaixonado, Ruhn?

Ele bufou.

— Ela nos fez um grande favor. Eu gostaria de compensá-la de alguma forma.

— Tudo bem. — Ela clicou em mais alguns resultados, incluindo um formulário de patente das Indústrias Redner para a droga, datado de dez anos. Bem antes de Danika trabalhar ali.

— A papelada da pesquisa diz que apenas pequenas quantidades são liberadas, mesmo para as medbruxas e suas práticas. É incrivelmente caro e difícil de produzir.

— E se... a fórmula e um carregamento vazaram da Redner há dois anos, e Danika foi enviada para rastreá-lo? E talvez tenha se dado conta de que quem quer que tenha roubado a sintez planejava usá-la para reparar o chifre, e então escondeu o artefato antes que pudessem fazê-lo. E foi morta por isso.

— Mas por que o segredo? — argumentou Ruhn. — Por que não expor o culpado?

— Não sei. É apenas uma teoria. — Melhor que nada.

Ruhn caiu em silêncio novamente. A semifeérica tinha a sensação de que uma Conversa Séria estava a caminho e se preparou.

— Acho admirável, Bryce. Que você ainda se importe tanto com Danika e a Matilha dos Demônios para continuar investigando.

— Recebi ordens de minha chefe e do governador, lembra?

— Você teria se metido de qualquer forma, assim que ouvisse que não foi Briggs. — O feérico suspirou. — Sabe, Danika quase me arrebentou uma vez.

— Não, não arrebentou.

— Ah, foi quase. Nós nos encontramos no saguão da Torre Redner, quando fui me encontrar com

Declan depois de uma reunião importante que ele tivera com os mandachuvas. Espere... você namorou aquele babaca, filho do Redner, não?

— Sim — admitiu ela, tensa.

— Nojento. Simplesmente nojento, Bryce.

— Me fale sobre Danika esfregando o chão com sua bunda patética.

Quase podia ouvir o sorriso do irmão pelo telefone.

— Não sei como discutimos por sua causa, mas discutimos.

— O que você disse?

— Por que acha que eu a provoquei? Não conhecia Danika? A loba tinha um vocabulário como nunca vi. — Ele estalou a língua, a admiração no gesto provocando um aperto no peito de Bryce. — Enfim, eu disse a ela que lamentava. Ela me disse para me foder, e que se fodessem minhas desculpas.

Bryce piscou.

— Danika jamais me contou que se encontrou com você.

— *Encontro* é um eufemismo. — Ele assoviou. — A loba nem havia completado a Descida e quase me humilhou no saguão. Declan teve de... se envolver para nos separar.

Aquilo era a cara de Danika. Mesmo que tudo o mais que Bryce aprendera nos últimos tempos não o fosse.



— É uma possibilidade — disse Hunt, uma hora depois, de seu lugar ao lado da semifeérica no sofá. Ela o havia atualizado com a última teoria, as sobrancelhas do anjo se erguendo a cada palavra dita.

Bryce zapeou pelas páginas do site das Indústrias Redner.

— Danika trabalhava em meio período na Redner. Mal falava das merdas que fazia para eles. Algum tipo de departamento de segurança. — Ela carregou a página de login. — Talvez sua antiga conta de trabalho ainda tenha alguma informação sobre suas missões.

Os dedos tremeram apenas de leve conforme ela digitava o nome de usuário de Danika, tendo o visto no telefone da loba tantas vezes no passado: *dfendyr*.

DFendyr... Defender. Jamais havia se dado conta até então. As duras palavras de Fury ecoavam em sua

mente. Bryce as ignorou.

A semifeérica digitou uma das senhas clássicas de Danika: 1234567. Nada.

— Repetindo — disse Hunt, desconfiado. — É uma possibilidade. — Ele se recostou contra as almofadas. — Seria melhor apoiarmos Danaan na busca pelo chifre, não correr atrás dessa droga.

— Danika estava envolvida com esse lance de sintez e nunca disse uma palavra. Não acha esquisito? Não acha que pode significar alguma coisa? — argumentou Bryce.

— Ela também não contou a você a verdade sobre Philip Briggs — disse Hunt, com cautela. — Ou que ela roubou o chifre. Esconder coisas de você pode ter sido um padrão para a loba.

Bryce apenas digitou outra senha. Em seguida outra. E outra.

— Precisamos do quadro geral, Hunt — disse, tentando de novo. *Ela* precisava do quadro geral. — De algum modo, tudo isso está ligado.

Mas toda senha falhou. Cada uma das combinações usuais de Danika.

Bryce fechou os olhos, o pé balançando no tapete enquanto recitava:

— O chifre pode ser curado pela sintez em uma dose forte o suficiente. Magia sintética tem obsidiana como um de seus ingredientes. O kristallos pode ser invocado pelo sal de obsidiana... — Hunt permanecia

em silêncio conforme ela repassava os pensamentos. — O kristallos foi criado para caçar o chifre. O veneno do kristallos pode neutralizar a magia. A medbruxa quer algum veneno para testes a fim de tentar criar um antídoto para a sintez com sua magia ou sei lá.

— O quê?

Os olhos de Bryce se abriram.

— Ruhn me contou. — Ela lhe deu os detalhes do pedido meio brincalhão de Ruhn por mais veneno para entregar à medbruxa.

Os olhos do anjo se anuviaram.

— Interessante. Se a sintez está prestes a se tornar uma droga mortal nas ruas... devíamos ajudá-la a conseguir o veneno.

— E o chifre?

Hunt cerrou o maxilar.

— Vamos continuar a procurar. Mas, se o consumo explodir... não apenas na cidade, como no território, no mundo... o antídoto é vital. — Ele estudou seu rosto. — Como podemos botar as mãos em algum veneno para ela?

— Se conjurarmos um kristallos... — sussurrou Bryce.

— Não vamos correr o risco — rosnou Hunt. — Vamos descobrir como conseguir o veneno de outro modo.

— Posso me virar...

— *Eu* não posso me virar, Quinlan, porra. Não se você estiver em perigo.

As palavras pairavam entre ambos. Emoção brilhava nos olhos do anjo, se ela ousasse ler a mensagem ali.

Mas o telefone de Hunt vibrou, e ele desgrudou o quadril do sofá para tirá-lo do bolso de trás. O anjo olhou para a tela, e suas asas se moveram, encolhendo de leve.

— Micah? — Ela ousou perguntar.

— Só umas merdas da legião — murmurou ele, e se levantou. — Preciso dar uma saída. Naomi ficará de vigia. — Ele apontou para o computador. — Continue tentando se quiser, mas vamos *pensar*, Bryce, antes de fazer algo drástico para descolar aquele veneno.

— Sim, sim.

Ao que parecia, foi o bastante para Hunt partir, mas não sem antes bagunçar seu cabelo e se inclinar para sussurrar, os lábios roçando a curva de sua orelha:

— GG ficaria orgulhosa.

Seus pés se curvaram nos chinelos, e assim ficaram muito depois da partida de Hunt.

Depois de arriscar mais algumas opções de senha, Bryce suspirou e desligou o computador. Estavam se aproximando da verdade. Ela podia sentir.

Mas estaria pronta para ela?

* * *

Sua menstruação chegou na manhã seguinte, como se um maldito trem lhe atropelasse o corpo, o que Bryce achou pertinente, devido a data.

Ela entrou na sala e encontrou Hunt fazendo o café da manhã, o cabelo ainda bagunçado do sono. Mas ficou tenso quando ela se aproximou. Então se virou, os olhos a observando. O sobrenatural sentido de olfato não perdia nada.

— Você está sangrando.

— A cada três meses, como um relógio.

Feéricos puro-sangue raramente tinham sequer um ciclo; humanos o tinham mensalmente… ela ocupava algum lugar intermediário.

Bryce deslizou para uma banqueta no balcão da cozinha. Uma olhada rápida no telefone mostrou a ausência de mensagens de Juniper ou Fury. Nem mesmo uma da mãe, comendo seu fígado por ter faltado à consulta da medbruxa.

— Precisa de alguma coisa? — Hunt estendeu um prato com bacon e ovos em sua direção. Em seguida, uma xícara de café.

— Tomei algo para a cólica. — Ela bebericou o café. — Mas obrigada.

Ele grunhiu, voltando ao preparo do próprio café. Parado do outro lado do balcão, engoliu algumas garfadas antes de dizer:

— Além do lance da sintez e do antídoto, acho que o chifre liga tudo. Devíamos nos concentrar na busca. Não houve nenhum assassinato desde a sentinela do templo, mas duvido que a pessoa tenha desistido da busca na qual já investiu tanto. Se colocarmos as mãos no chifre, ainda acho que o assassino vai nos poupar o trabalho de encontrá-lo e vir ao nosso encontro.

— Ou talvez encontre onde Danika o escondeu. — Ela deu outra mordida. — Talvez esteja apenas esperando até a Cimeira ou algo assim.

— Talvez. Se for esse o caso, então precisamos descobrir quem está com a relíquia. Imediatamente.

— Nem mesmo Ruhn consegue encontrar o chifre. Danika não deixou nenhuma pista de onde o escondeu. Nenhuma de suas últimas localizações é um esconderijo provável.

— Então talvez devêssemos voltar ao início hoje. Analisar tudo o que descobrimos e...

— Hoje não posso. — Bryce terminou o café da manhã e levou o prato até a pia. — Tenho algumas reuniões.

— Remarque.

— Jesiba precisa que sejam feitas hoje.

Ele a encarou por um longo momento, como se pudesse ver através de todos os seus subterfúgios, mas enfim assentiu.

A semifeérica ignorou o desapontamento e a preocupação naquele rosto, seu tom de voz quando ele disse:

— Tudo bem.

* * *

— Você está sendo má hoje, BB — suspirou Lehabah. — E não coloque a culpa em seu ciclo menstrual.

Sentada à mesa no coração da biblioteca da galeria, Bryce massageava as sobrancelhas entre o polegar e o indicador.

— Desculpe.

O telefone permanecia apagado e silencioso ao seu lado, sobre a mesa.

— Você não convidou Athie para almoçar aqui.

— Não queria me distrair. — A mentira saiu fácil. Hunt tampouco a confrontou sobre a outra mentira... a de que Jesiba estava vigiando as câmeras da galeria naquele dia, então ele teria de ficar no telhado.

Mas, apesar de precisar que o anjo, que todo mundo, mantivesse distância no momento, e apesar de alegar que não procuraria o chifre, ela havia examinado vários textos sobre o assunto por horas. Não tinha encontrado novidades, mas a mesma informação, repetidamente.

Um leve som de arranhado ecoou através do andar da biblioteca. Bryce pegou o tablet de Lehabah e

aumentou o volume dos alto-falantes, injetando música no ambiente.

Um *baque* alto e zangado se fez ouvir. Pelo canto do olho, ela observou a evolução do nøkken, a cauda translúcida cortando a água escura.

Música pop: quem diria que seria um impeditivo tão forte à criatura?

— Ele quer me matar — sussurrou Lehabah. — Eu sei.

— Duvido que seja um petisco satisfatório — disse Bryce. — Mal uma bocada.

— Ele sabe que, se eu entrar na água, estou morta em um piscar de olhos.

Era outra forma de tortura para a duende, tinha se dado conta Bryce, mais cedo. Um modo de Jesiba manter Lehabah na linha ali embaixo, encarcerada dentro do próprio cárcere, tão certo como os outros animais espalhados pelo cômodo. Não havia melhor maneira de intimidar uma duende de fogo do que a ameaça de um tanque de quase 400 litros de água.

— Ele quer matá-la também — murmurou Lehabah. — Você o ignora, e ele odeia. Posso ver a raiva e a cobiça em seus olhos quando a encara, BB. Tome cuidado quando o alimentar.

— Eu tomo. — De qualquer maneira, a portinhola de alimentação era uma passagem muito estreita. E como o nøkken não ousava erguer a cabeça sobre a água pelo medo do ar, apenas seus braços

representavam uma ameaça quando a escotilha era aberta e a plataforma de alimentação submersa. Mas ele permanecia no fundo do tanque, escondido entre as rochas, sempre que a semifeérica jogava os filés, deixando que despencassem preguiçosamente.

A criatura queria caçar. Queria algo grande e suculento e assustado.

Bryce olhou para o tanque sombrio, iluminado por três refletores embutidos.

— Jesiba logo vai se cansar do nøkken e dá-lo de presente a algum cliente — mentiu para Lehabah.

— Por que ela nos coleciona? — sussurrou a duende. — Também não sou uma pessoa? — Ela indicou a tatuagem em seu punho. — Por que insistem nisso?

— Porque vivemos em uma república que decidiu que ameaças à ordem estabelecida devem ser punidas... e punidas tão rigorosamente que desencorajem outros a se rebelar também. — Suas palavras eram diretas. Frias.

— Já imaginou como seria... sem os asteri?

Bryce disparou um olhar em sua direção.

— Quieta, Lehabah.

— Mas BB...

— *Quieta*, Lehabah. — Havia câmeras em todos os cantos daquela biblioteca, todas com áudio. Aquelas eram exclusivas de Jesiba, sim, mas falar daquilo ali...

Lehabah flutuou até seu pequeno divã.

— Athie conversaria comigo.

— Athie é um escravizado sem nada a perder.

— Não fale assim, BB — sibilou Lehabah. — *Sempre* há o que perder.

* * *

Bryce estava com um humor péssimo. Talvez estivesse acontecendo algo com Ruhn ou Juniper. Hunt a tinha visto checar o telefone com frequência naquela manhã, como se à espera de uma ligação ou mensagem. Nenhuma havia chegado. Pelo menos, até onde podia dizer no caminho da galeria. E, julgando pela distante e incisiva expressão em seu rosto quando saíram ao pôr do sol, tampouco havia chegado alguma durante o dia.

Mas ela não se dirigiu para casa. Foi a uma padaria.

Hunt se manteve nos telhados adjacentes, observando quando ela entrou no espaço pintado de verde-água e saiu, três minutos mais tarde, com uma caixa branca em mãos.

Em seguida, ela se virou para os degraus perto do rio, desviando de trabalhadores e turistas e fregueses, todos aproveitando o fim do dia. Se estava ciente de que ele a seguia, não pareceu se importar. Não olhou para cima nem mesmo uma vez ao caminhar para um banco de madeira no passeio do rio.

O sol poente dourava a cortina de brumas do Quarteirão dos Ossos. Alguns metros adiante, na passarela pavimentada, os escuros arcos do Cais Negro se erguiam. Nenhuma família em luto estava parada sob suas pedras naquele dia, à espera de que o barco de ônix levasse seu caixão.

Bryce se sentou no banco de frente para o rio e para a Cidade Adormecida, a caixa branca da padaria ao seu lado, e verificou o telefone outra vez.

Cansado de esperar que ela se dignasse a lhe contar o que a incomodava, Hunt pousou com suavidade antes de deslizar para as ripas de madeira do banco, a caixa entre ambos.

— E aí?

Bryce encarava o rio. Parecia esgotada. Como naquela primeira noite que a encontrara, no centro de detenção da legião.

— Danika faria 25 anos hoje — respondeu, ainda sem encará-lo.

Hunt ficou paralisado.

— É... Hoje é o aniversário de Danika.

Ela olhou para o telefone, abandonado ao seu lado.

— Ninguém lembrou. Nem Juniper, nem Fury... Nem mesmo minha mãe. Ano passado elas lembraram, mas... Acho que foi uma coisa única.

— Você podia tê-las procurado.

— Sei que estão ocupadas. E... — Ela passou a mão pelo cabelo. — Sinceramente, achei que iriam lembrar. Queria que lembrassem. Até mesmo uma mensagem dizendo uma merda qualquer, como *Sinto falta dela*, ou sei lá.

— O que tem na caixa?

— Croissants de chocolate — respondeu ela, rouca. — Danika sempre os pedia no aniversário. Eram seus prediletos.

Hunt olhou da caixa para a semifeérica, então para a silhueta do Quarteirão dos Ossos, do outro lado do rio. Quantos croissants ele a vira comer naquelas semanas? Talvez porque, em parte, eram uma ligação com Danika, do mesmo modo que a cicatriz na coxa. Quando ele a encarou novamente, a boca de Bryce era uma linha fina, trêmula.

— É uma merda — disse ela, a voz grave. — É uma merda que todo mundo tenha apenas... seguido adiante e esquecido. Eles esperam que eu esqueça. Mas não consigo. — Ela esfregou o peito. — *Não* consigo esquecer. E talvez seja bizarro que eu tenha comprado um monte de croissants de chocolate para minha amiga morta. Mas o mundo seguiu em frente. Como se ela nunca tivesse existido.

Ele a observou por um longo instante.

— Shahar representava o mesmo para mim — disse então. — Jamais conheci ninguém como ela. Acho que me apaixonei assim que a vi no palácio,

muito embora me parecesse tão fora de alcance quanto a lua. Mas ela me viu também. E, de algum modo, me escolheu. De todos eles, ela me escolheu. — O anjo balançou a cabeça, as palavras crepitando conforme se esgueiravam da caixa em que as trancara todo aquele tempo. — Eu teria feito qualquer coisa por ela. *Fiz* qualquer coisa por ela. Tudo o que ela pediu. E, quando tudo desmoronou, quando me disseram que estava acabado, me recusei a acreditar. Como ela poderia ter partido? Foi como se o sol tivesse sumido. Apenas... não existia mais nada se ela não estava presente. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Não serve de consolo, mas levei quase cinquenta anos antes de acreditar mesmo nisso. Que tinha acabado. No entanto, mesmo agora...

— Ainda a ama tanto assim?

Ele sustentou seu olhar, sem pestanejar.

— Depois que minha mãe morreu, basicamente me entreguei ao luto. Mas Shahar... ela me trouxe de volta. Fez eu me sentir vivo pela primeira vez. Ciente de mim mesmo, de meu potencial. Sempre vou amá-la, mesmo que apenas por isso.

Ela olhou para o rio.

— Nunca tinha me dado conta — murmurou ela. — Que somos reflexos um do outro.

Ele também não tinha. Mas uma voz pairou até ele. *Você é o reflexo de como me sinto todo dia*, sussurrara

ela quando o havia lavado depois da última missão de Micah.

— É algo ruim?

Um meio-sorriso ergueu o canto da boca da semifeérica.

— Não. Não, não é.

— Nenhum escrúpulo em ter o Umbra Mortis como seu gêmeo emocional?

Mas sua expressão se tornou séria outra vez.

— É como o chamam, não o que é.

— E quem eu sou?

— Um pé no saco. — Seu sorriso brilhava mais que o sol se pondo sobre o rio. Ele riu.

— Você é meu amigo — acrescentou ela. — Que assiste a programas de TV toscos comigo e atura minhas merdas. É a pessoa para a qual não preciso me explicar... não quando importa. Você vê tudo o que sou, e não sai batido.

Ele sorriu para ela, demonstrando tudo o que cintilava dentro de si diante daquelas palavras.

— Gosto disso.

A cor tingiu suas bochechas, mas ela suspirou conforme se virava para a caixa.

— Bem, Danika — disse ela. — Feliz aniversário.

Seu sorriso sumiu. Ela fechou a tampa antes que Hunt pudesse ver o que havia dentro.

— O que foi?

Bryce balançou a cabeça, ameaçando pegar a caixa... mas Hunt o fez antes, colocando-a no colo e abrindo a tampa.

Dentro havia uma dúzia de croissants cuidadosamente dispostos em uma pilha. E, no de cima, escrito artisticamente com calda de chocolate, uma palavra: *Lixo*.

Não foi a palavra odiosa que o dilacerou. Não, foi o modo como as mãos de Bryce tremiam, o modo como seu rosto corou e a boca se tornou uma linha fina.

— Apenas jogue fora — sussurrou ela.

Nenhum traço de desafio leal e raiva. Somente dor humilhante e penosa.

A mente do anjo ficou muda. Terrivelmente muda.

— Apenas jogue fora, Hunt — insistiu ela. Lágrimas brilhavam em seus olhos.

Então Hunt pegou a caixa. E se levantou.

O anjo tinha uma boa ideia de quem fizera aquilo. De quem havia alterado a mensagem. Quem tinha gritado a mesma palavra — *lixo* — para Bryce na semana anterior, quando haviam deixado o Covil.

— Não — implorou Bryce. Mas Hunt já estava no ar.

* * *

Amelie Ravenscroft estava rindo com os amigos, bebendo uma cerveja, quando Hunt irrompeu no bar do Bosque da Lua. As pessoas gritaram e se afastaram, magia crepitou.

Mas Hunt tinha olhos apenas para a loba. As garras se alongando conforme ela sorria com malícia para o anjo. Ele pousou a caixa de doces no bar de madeira com precisão minuciosa.

Uma chamada telefônica para o Aux havia lhe dado a informação de que precisava sobre o paradeiro da metamorfa. E Amelie parecia tê-lo estado esperando, ou pelo menos Bryce, quando se inclinou no balcão e zombou:

— Ora, se não é...

Hunt a imobilizou contra a parede pela garganta.

Os grunhidos e tentativas de ataque de sua matilha contra a muralha de relâmpago ondulante eram um ruído de fundo. Pânico brilhou nos olhos arregalados e atônitos de Amelie enquanto Hunt rosnava em seu rosto.

Mas o anjo disse com suavidade:

— Não fale com ela, não chegue perto dela, nem mesmo *pense* nela de novo. — Ele exsudou um relâmpago que sabia cortar o corpo da loba de dor. Amelie arfou. — Está entendendo?

As pessoas estavam ao telefone, discando para a 33ª Legião ou o Auxiliar.

Amelie arranhou os punhos do anjo, as botas quicando suas canelas. Ele apenas intensificou o aperto. Relâmpago envolveu a garganta da metamorfa.

— Está entendendo? — Sua voz era gélida. Completamente calma. A voz do Umbra Mortis.

Um macho se aproximou de sua visão periférica. Ithan Holstrom.

Mas os olhos do lobo estavam em Amelie.

— O que você fez, Amelie? — perguntou ele.

— Não se faça de bobo, Holstrom — retrucou Hunt, rosnando de novo no rosto de Amelie.

Então Ithan notou a caixa de doces no bar. Amelie se debateu, mas Hunt a segurava firme enquanto o segundo em comando abria a tampa e olhava o conteúdo.

— O que é isso? — perguntou Ithan, com voz baixa.

— Pergunte a sua alfa — vociferou Hunt.

Ithan ficou completamente imóvel. Mas o que quer que estivesse pensando não era problema de Hunt, não quando reencontrou o olhar ardente de Amelie.

— Deixe-a em paz. *Para sempre*. Entendeu?

Amelie parecia prestes a cuspir no anjo, mas ele enviou outra displicente onda de poder, fritando a loba de dentro para fora. Ela se encolheu, sibilando e engasgando. Mas assentiu.

De imediato, Hunt a soltou, mas seu poder a manteve presa à parede. Ele a observou, em seguida estudou a matilha. Então Ithan, cuja expressão foi do horror para algo semelhante a mágoa quando pareceu se dar conta de que dia era aquele, juntando os pontos... lembrando de quem sempre queria croissants de chocolate naquela data.

— Vocês são patéticos — disse Hunt.

E, então, ele se foi. Levou seu tempo para voar para casa.

Bryce o esperava no telhado. Um telefone em sua mão.

— Não — dizia a alguém na linha. — Não, ele voltou.

— Ótimo. — Ele ouviu Isaiah dizer, e soou como se o macho estivesse prestes a acrescentar algo quando ela desligou.

Bryce se abraçou.

— Você é um maldito idiota.

Hunt não a contestou.

— Amelie está morta? — Havia medo... medo real... em sua expressão.

— Não. — A palavra trovejou do anjo, relâmpago sibilando em seu rastro.

— Você... — Ela esfregou o rosto. — Eu não...

— Não me diga que sou um alfa babaca, ou possessivo-agressivo, ou qualquer termo que usa.

Ela baixou as mãos, o rosto rígido de pavor.

— Vai se meter em tanto problema por conta disso, Hunt. Não tem como você não...

Era medo por *ele*. Pavor por *ele*.

Hunt cruzou a distância entre os dois. Pegou suas mãos.

— Você é meu reflexo. Você mesma disse.

Ele tremia. Por alguma razão, ele tremia enquanto esperava sua resposta.

Bryce olhou para as próprias mãos, entre as dele.

— Sim. — respondeu.

* * *

Na manhã seguinte, Bryce mandou uma mensagem para o irmão. *Qual o telefone de sua medbruxa?*

Ruhn enviou o número imediatamente, sem perguntas.

Bryce ligou para o consultório um minuto depois, mãos trêmulas. A medbruxa de voz agradável podia encaixá-la... já. Então Bryce não se permitiu reconsiderar conforme se enfiava no short de corrida e camiseta, em seguida enviava uma mensagem para Jesiba:

Consulta médica essa manhã. Chego à galeria no almoço.

Ela encontrou Hunt fazendo o café da manhã. As sobrancelhas do anjo se ergueram quando ela apenas o encarou.

— Sei onde podemos conseguir veneno de kristallos para os testes de antídoto da medbruxa — disse ela.



A imaculadamente limpa clínica branca da medbruxa era pequena, nada parecida com os grandes consultórios que Bryce havia visitado no passado. E, em vez do clássico letreiro em néon azul, pendurado em quase cada quarteirão daquela cidade, a insígnia do sino e vassoura tinha sido gravada com carinho especial em uma placa dourada de madeira do lado de fora. A única coisa de ar antiquado do local.

A porta no fim do corredor atrás do balcão se abriu, e uma medbruxa apareceu, o cabelo preto cacheado preso em um coque que evidenciava o elegante rosto negro.

— Você deve ser Bryce — disse a mulher, o sorriso franco deixando a semifeérica à vontade de imediato. Ela olhou para Hunt, acenando em reconhecimento. Mas não fez nenhuma menção ao encontro no jardim noturno antes de se voltar para Bryce: — Seu parceiro

pode entrar com você se desejar. A sala de tratamento tem espaço para as asas.

Hunt encarou Bryce, e ela viu a pergunta em sua expressão: *Você quer que eu a acompanhe?*

Bryce sorriu para a bruxa.

— Meu parceiro adoraria participar.

* * *

A sala de tratamento branca, apesar do pequeno tamanho da clínica, exibia a mais moderna tecnologia. Uma bancada de computadores ocupava uma das paredes, um longo braço mecânico de luz cirúrgica estava afixado à outra. A terceira parede exibia uma prateleira com vários tônicos, poções e pós em sofisticados frascos de vidro, e um armário cromado na quarta parede com certeza guardava os instrumentos cirúrgicos propriamente ditos.

Que diferença das casas forradas de madeira que Hunt havia visitado em Pangera, onde bruxas ainda faziam as próprias poções em caldeirões de ferro, passados de geração em geração.

Distraída, a bruxa indicou a maca de couro branco no centro da sala. Painéis escondidos brilhavam nas laterais, extensões para abrigar vanir de todos os tamanhos e formatos.

Hunt escolheu uma solitária cadeira de madeira perto do armário enquanto Bryce subia na mesa de

exame, o rosto ligeiramente pálido.

— Você disse ao telefone que esse ferimento foi feito por um demônio kristallos e que jamais se curou... o veneno ainda está em seu organismo.

— Sim — admitiu Bryce, em tom baixo. Hunt odiou cada travo de dor que revestia aquela palavra.

— E você me dá permissão para usar o veneno extraído em minhas experiências na busca de um antídoto para sintez?

Bryce olhou para o anjo, e ele assentiu em encorajamento.

— Um antídoto para sintez parece algo bem importante de se conseguir — disse ela. — Então você tem minha permissão.

— Ótimo. Obrigada. — A medbruxa folheou um prontuário, aparentemente o que Bryce havia preenchido no website da mulher, assim como o histórico médico que acompanhava seu registro de civitas. — Vejo que o trauma em sua perna aconteceu há quase dois anos?

Bryce remexeu na bainha de sua blusa.

— Sim. A ferida, hmm... cicatrizou, mas ainda dói. Quando corro ou ando muito, queima, bem ao longo do osso. — Hunt se absteve de vociferar uma censura.

A bruxa franziu o cenho e olhou da ficha para a perna de Bryce.

— Desde quando a dor se instalou?

— Desde o início — admitiu Bryce, sem encará-lo.

A medbruxa olhou para Hunt.

— Também esteve presente nesse ataque?

Bryce abriu a boca para responder, mas Hunt se adiantou:

— Sim. — Bryce virou a cabeça rapidamente para encarar o anjo. Ele manteve os olhos na bruxa. — Cheguei três minutos depois do ocorrido. A perna tinha um talho na coxa, cortesia dos dentes do kristallos. — As palavras soaram atropeladas, a confissão escapando de seus lábios. — Usei um dos grampeadores de sutura da legião para selar a ferida da melhor maneira que pude. — Hunt continuou, incerto do motivo do trovejar em seu peito. — A anotação médica sobre o ferimento é de minha autoria. Ela não recebeu qualquer tratamento depois disso. Por isso a cicatriz... — Ele engoliu em seco a culpa que lhe subia à garganta. — Por isso tem essa aparência. — Ele encontrou os olhos de Bryce, permitindo que a semifeérica visse a desculpa ali. — É minha culpa.

Bryce o encarou. Nenhum traço de condenação no rosto... apenas pura compreensão.

A bruxa olhou de um para o outro, como se cogitasse lhes dar um momento. Mas perguntou a Bryce:

— Então não consultou uma medbruxa depois daquela noite?

Bryce ainda sustentava o olhar de Hunt quando respondeu:

— Não.

— Por quê?

— Porque queria sentir a dor — respondeu com voz rouca, os olhos ainda colados aos do anjo. — Queria uma recordação constante. — Eram lágrimas em seus olhos. Lágrimas brotavam, e ele não sabia o motivo.

Com gentileza, a bruxa ignorou suas lágrimas.

— Muito bem. Os *porquês* e *comos* não são tão importantes quanto o que permanece na ferida. — Ela franziu a testa. — Posso tratá-la hoje, e, se continuar por aqui, é bem-vinda para assistir enquanto testo sua amostra. Para ser um antídoto efetivo, o veneno precisa ser estabilizado, de modo que possa interagir com a sintez e reverter seus efeitos. Minha magia de cura é capaz disso, mas preciso estar presente para estabilizar a mistura. Estou tentando encontrar um meio para que a magia preserve o efeito, e assim o antídoto possa ser lançado e usado amplamente.

— Parece complexo — argumentou Bryce, enfim desviando os olhos de Hunt. Ele sentiu a ausência daquele olhar, como se uma chama quente houvesse se apagado.

A bruxa ergueu as mãos, luz branca brilhou na ponta de seus dedos e desapareceu, como se fosse

uma pequena amostra da prontidão de sua magia.

— Fui criada por tutores versados nas antigas práticas. Eles me ensinaram uma matriz de conhecimento especializado.

Bryce soltou o ar pelo nariz.

— Tudo bem. Vamos começar então.

Mas a expressão no rosto da bruxa ficou séria.

— Bryce, preciso abrir a ferida. Posso anestesiá-la para que não sinta essa parte, mas o veneno... se está tão fundo quanto suspeito... não conseguirei usar sanguessugas mitridadas para extraí-lo. — Ela gesticulou para Hunt. — Com o ferimento daquela noite, o veneno ainda não havia enraizado. Já uma ferida como a sua, profunda e antiga... O veneno é uma espécie de organismo. Se alimenta de você. Não vai querer se separar, especialmente depois de tanto tempo se enredando em seu corpo. Talvez eu tenha de usar minha magia para extirpá-lo. E o veneno pode muito bem tentar me convencer a parar. Através da dor.

— Então vai doer muito? — perguntou Hunt.

A bruxa se encolheu.

— O bastante para que a anestesia local não faça efeito. Se preferir, posso agendar um centro cirúrgico e deixá-la inconsciente, mas pode levar um dia ou dois...

— Faremos hoje. Agora — decidiu Bryce, os olhos encontrando os do anjo outra vez. Ele pôde apenas

oferecer um forte aceno como resposta.

— Tudo bem — concordou a bruxa, caminhando com graciosidade até a pia para lavar as mãos. — Vamos começar.

* * *

O estrago era tão ruim quanto havia temido. Pior.

A bruxa foi capaz de escanear a perna de Bryce, primeiro com uma máquina, em seguida com seu poder, os dois combinados para formar uma imagem na tela da parede oposta.

— Vê essa faixa escura ao longo do fêmur? — A bruxa apontou para uma linha irregular, forqueada como um relâmpago, na coxa de Bryce. — É o veneno. Toda vez que você corre ou anda muito, ele se infiltra na área adjacente e provoca a dor. — Ela apontou para uma mancha branca acima. — Isso é tudo tecido cicatrizado. Primeiro, preciso atravessá-lo, mas deve ser rápido. A extração levará um tempo.

Bryce tentou esconder o tremor enquanto assentia. Já havia assinado meia dúzia de termos de consentimento.

Hunt estava sentado na cadeira, assistindo.

— Certo — disse a bruxa, lavando as mãos novamente. — Coloque uma bata e podemos começar. — Ela estendeu a mão para o armário de metal perto do anjo, e Bryce tirou o short. A camiseta.

Hunt desviou o olhar, e a bruxa ajudou Bryce a vestir a bata leve de algodão, amarrando-a para a semifeérica.

— Sua tatuagem é adorável — elogiou a medbruxa. — Mas não reconheço o alfabeto... o que diz?

Bryce podia sentir cada agulhada que compôs as linhas do texto em suas costas. — *Por amor, tudo é possível*. Em resumo: meu coração e eu jamais nos separaremos.

Um murmurar de aprovação conforme a medbruxa olhava de Bryce para Hunt.

— Vocês têm uma ligação muito poderosa.

Bryce não se preocupou em corrigir a suposição da bruxa de que a tatuagem tinha a ver com Hunt. A tatuagem que uma Danika bêbada havia insistido que fizessem uma noite, alegando que colocar o voto de eterna amizade em outra língua tornaria tudo menos piegas.

Quando Hunt se voltou novamente para elas, a bruxa perguntou:

— Esse halo machuca?

— Somente quando ativado.

— Quem o marcou?

— Alguma bruxa imperial — respondeu Hunt, entre dentes. — Uma das Antigas.

O rosto da bruxa se anuviou.

— É um aspecto sombrio de nosso trabalho... que acorrentemos indivíduos com o halo. Deveria ser cessado totalmente.

Ele abriu um meio-sorriso que não chegou aos olhos.

— Quer apagar para mim?

A bruxa ficou completamente imóvel, Bryce prendeu o fôlego.

— O que você faria se eu o tirasse? — perguntou a bruxa, com suavidade, os olhos escuros cintilando de interesse... e poder milenar. — Puniria aqueles que o escravizaram?

Bryce abriu a boca para avisá-los de que aquela era uma conversa perigosa, mas felizmente Hunt se adiantou.

— Não estou aqui para falar de minha tatuagem.

Jazia em seus olhos, no entanto... a resposta. A confirmação. Sim, mataria aqueles que lhe fizeram aquilo. A bruxa inclinou a cabeça de leve, como se visse aquela resposta.

Ela se virou para Bryce e deu um tapinha na mesa de exames.

— Muito bem. Deite de costas, Srta. Quinlan.

Bryce começou a tremer conforme obedecia. Conforme a bruxa despia seu torso, então suas pernas, e ajustava o braço de luz cirúrgica. Um carrinho chacoalhou quando a médica puxou uma

bandeja com vários instrumentos prateados e brilhantes, cotonetes e um frasco vazio de vidro.

— Vou anestesiá-la primeiro — avisou a bruxa, em seguida uma agulha apareceu nas mãos enluvadas.

Bryce tremeu com mais intensidade.

— Respire fundo — aconselhou, batendo na injeção para estourar as bolhas.

Uma cadeira guinchou, e então uma calejada mão aquecida envolveu a de Bryce.

Os olhos de Hunt encontraram os seus.

— Respire fundo, Bryce.

A semifeérica inspirou. A agulha cravou em sua perna, a picada lhe arrancando lágrimas. Ela apertou a mão do anjo com tanta força que sentiu o ranger de ossos. Ele nem mesmo piscou.

A dor logo amainou, a dormência formigando em sua perna. Bem fundo.

— Sente isso? — perguntou a bruxa.

— Sentir o quê?

— Ótimo — declarou a bruxa. — Vou começar agora. Posso colocar uma divisória se você...

— Não — vociferou Bryce. — Apenas faça.

Sem demoras. Sem espera.

Ela viu a bruxa erguer o bisturi, e, em seguida, sentiu uma pressão firme contra a coxa. Bryce tremeu outra vez, soltando o fôlego entre dentes.

— Firme agora — pediu a bruxa. — Estou abrindo caminho pelo tecido cicatrizado.

Os olhos castanhos de Hunt sustentavam os seus enquanto ela se forçava a pensar no anjo, não na perna. Ele estivera lá naquela noite. No beco.

A lembrança aflorou, a névoa de dor e terror e mágoa se desanuviando levemente. Mãos quentes, fortes, segurando-a. Assim como ele segurava sua mão agora. Uma voz dirigida a ela. Então completa imobilidade, como se a voz do anjo fosse um sino. Em seguida aquelas mãos fortes e quentes em sua coxa, segurando-a enquanto soluçava e gritava.

Estou com você, tinha repetido incessantemente. *Estou com você.*

— Acredito que posso retirar a maior parte do tecido necrosado — observou a bruxa. — Mas... — Xingou baixinho. — Luna do céu, olhe isso!

Bryce se recusou a obedecer, mas os olhos de Hunt se desviaram para a tela atrás da semifeérica, onde a ferida ensanguentada estava exposta. Um músculo latejou em seu maxilar. Claro sinal do que havia dentro da ferida.

— Não entendo como sequer está andando — murmurou a bruxa. — Você disse que não toma analgésicos?

— Somente durante as crises — sussurrou Bryce.

— Bryce... — A bruxa hesitou. — Vou precisar que fique completamente imóvel. E que inspire o mais fundo que puder.

— Ok. — Sua voz soou miúda.

A mão de Hunt agarrou a sua. Bryce tomou fôlego para se preparar...

Era como se tivessem jogado ácido em sua perna. A pele parecia queimar, ossos derretendo...

Inspirar, expirar, sua respiração entre dentes. Ah, deuses, ah, deuses...

Hunt entrelaçou os dedos aos seus, apertou.

Queimava e queimava e queimava e queimava...

— Quando cheguei ao beco naquela noite — disse o anjo acima do som frenético de sua respiração —, você estava sangrando muito. Ainda assim, você tentou protegê-lo. Você não permitiu que nós nos aproximássemos até que mostrássemos nossos distintivos e provássemos ser da legião.

Ela choramingou, a respiração incapaz de vencer o afiado escarafunchar, escarafunchar, escarafunchar...

Os dedos de Hunt acariciaram sua testa.

— Pensei comigo mesmo, *Está aí alguém que eu gostaria ao meu lado. Uma amiga que gostaria de ter.* Acho que fui tão duro quando nos encontramos de novo porque... porque uma parte de mim sabia disso, e tinha medo do que significava.

Bryce não conseguiu conter as lágrimas.

Os olhos do anjo não deixaram os seus.

— Eu estava na sala de interrogatório também. — Os dedos roçavam o cabelo da semifeérica, gentis e tranquilizadores. — Estive presente o tempo todo.

A dor calou fundo, e ela não conseguiu evitar o grito que escapou de si.

Hunt se inclinou para a frente, tocando a testa fria com a sua.

— Sempre soube quem você era. Jamais a esqueci.

— Estou começando a extração e a estabilização do veneno — explicou a bruxa. — Vai piorar, mas está quase no fim.

Bryce não conseguia respirar. Não conseguia pensar em nada além de Hunt e de suas palavras e da dor na perna, a cicatriz na própria alma.

— Você consegue. Você consegue, Bryce — murmurou o anjo.

Ela não conseguiu. E o Inferno que brotou de sua perna a fez forçar as amarras, as cordas vocais tensionando quando o grito encheu a sala.

O aperto de Hunt jamais vacilou.

— Está quase fora — sibilou a bruxa, grunhindo com o esforço. — Aguente firme, Bryce.

Ela o fez. Por Hunt, por aquela mão, pela suavidade em seus olhos, ela aguentou. Com tudo o que tinha.

— Estou com você — murmurou ele. — Amor, estou com você.

Ele nunca dissera aquilo daquele modo... aquela palavra. Sempre fora com zombaria, provocação. Ela sempre havia julgado aquilo meio irritante.

Não dessa vez. Não quando ele lhe sustentava a mão e o olhar e tudo que era. Vivenciando a dor com ela.

— Respire — ordenou ele. — Você consegue fazer isso. Consegue passar por isso.

Passar por tudo... juntos. Passar por aquele caos de vida juntos. Pela bagunça daquele mundo. Bryce soluçou, não apenas de dor então.

E Hunt, como se também sentisse o mesmo, se inclinou outra vez. Tocou os lábios nos seus.

Apenas a insinuação de um beijo... um roçar de lábios sobre os seus.

Uma estrela brilhou dentro da semifeérica com o gesto. Uma luz havia muito adormecida aflorou em seu peito, em suas veias.

— Solas Flamejante! — sussurrou a bruxa, e a dor cessou.

Como um interruptor desligado, a dor se foi. Foi abrupto o bastante para que Bryce desviasse o olhar de Hunt e espiasse o próprio corpo, o sangue sobre si, a ferida aberta. Ela poderia ter desmaiado com a visão do corte de 15 centímetros aberto se não fosse a coisa que a bruxa segurava em uma pinça, como se fosse, de fato, um verme.

— Se minha magia não o estivesse estabilizando assim, seria líquido — explicou a bruxa, movendo com cautela o veneno, um verme translúcido e

contorcido com pintas negras, na direção de um vidro. Aquilo se retorcia, como uma coisa viva.

A bruxa o depositou no vidro e fechou a tampa, a magia zumbindo. O veneno instantaneamente se dissolveu em uma poça no interior, mas ainda vibrava. Como se procurasse uma saída.

Os olhos de Hunt ainda encaravam Bryce. Como fizeram todo o tempo. Jamais a abandonaram.

— Deixe-me limpá-la e suturá-la, em seguida testaremos o antídoto — falou a bruxa.

Bryce mal ouviu a mulher enquanto assentia. Mal ouviu nada além do eco das palavras de Hunt. *Estou com você.*

Seus dedos se curvaram sobre os do anjo. Ela deixou que seus olhos expressassem tudo o que sua garganta devastada não conseguia. *Também estou com você.*

* * *

Trinta minutos depois, Bryce estava sentada, o braço e a asa de Hunt ao seu redor, ambos assistindo à magia brilhante e pálida da bruxa envolver a poça de veneno dentro do frasco e embrulhá-la com um fino casulo.

— Me perdoem se meu método de testagem do antídoto não se qualifica como um experimento médico apropriado — declarou ela, enquanto caminhava até onde uma pílula branca comum

aguardava em uma caixa de plástico. Ao abrir a tampa, a bruxa jogou ali o casulo de veneno. Aquilo tremulou como uma fita, pairando sobre a pílula antes que a médica fechasse de novo a tampa. — O que está sendo usado nas ruas é uma versão muito mais potente — disse ela. — Mas quero ver se essa quantidade de minha magia curativa, estabilizando o veneno e se misturando a ele, vai dar resultado com a sintez.

Com cuidado, a bruxa deixou o casulo de veneno infundido com magia ardente no comprimido. Sumiu com um piscar de olhos, sugado pela pílula. Mas o rosto da bruxa continuou contraído em concentração. Como se focado no que acontecia dentro do remédio.

— Então, no momento, sua magia está estabilizando o veneno naquele comprimido? Parando a sintez?

— Essencialmente — respondeu a bruxa, distante, ainda atenta à pílula. — Requer quase toda a minha concentração para manter a mistura estável tempo o bastante a fim de interromper a sintez. Motivo pelo qual gostaria de encontrar um meio de me retirar da equação e fazer com que o método possa ser usado por qualquer um, mesmo sem mim.

Bryce ficou em silêncio depois daquilo, deixando a bruxa trabalhar em paz.

Nada aconteceu. A pílula apenas continuava lá.

Um minuto se passou. Dois. E, quando já estava chegando aos três minutos...

O comprimido ficou cinza. E, então, se dissolveu em nada mais que minúsculas partículas, que em seguida também desapareceram. Até que não restasse nada.

— Funcionou? — Hunt cortou o silêncio.

A bruxa piscou para a caixa agora vazia.

— Parece que sim. — Ela se virou para Bryce, suor porejando sua testa. — Gostaria de continuar os testes, encontrar um meio de o antídoto funcionar sem a necessidade de minha magia para estabilizar o veneno. Mas posso enviar um frasco para você quando terminar, se quiser. Algumas pessoas gostam de guardar tais suvenires de suas batalhas.

Bryce assentiu, ausente. E se deu conta de que não tinha ideia do que fazer a seguir.



Jesiba não parecera se importar quando Bryce explicou que precisava do restante do dia de folga. Apenas exigira que a semifeérica estivesse na galeria logo pela manhã do dia seguinte, ou seria transformada em um burro.

Hunt a levou do consultório para casa, chegando ao ponto de carregá-la pelo telhado do prédio até o apartamento. O anjo a colocou no sofá, onde insistiu que ficasse pelo restante do dia, enrolada ao seu lado, aninhada em seu calor.

Ela podia ter ficado assim toda a tarde, e a noite também, se o telefone de Hunt não houvesse tocado.

O anjo estivera em meio à preparação do almoço quando atendeu.

— Oi, Micah.

Mesmo do outro lado da sala, Bryce conseguiu ouvir a voz linda e fria do arcanjo.

— Meu escritório. Imediatamente. Traga Bryce Quinlan com você.

* * *

Enquanto vestia a armadura e pegava elmo e armas, Hunt cogitou pedir a Bryce que entrasse em um trem e sumisse da cidade. Ele sabia que a reunião com Micah não seria agradável.

Bryce mancava, a ferida ainda dolorida o bastante para que ele separasse largas calças de ginástica e a ajudasse a vesti-las no meio da sala de estar. A semifeérica havia agendado uma consulta de acompanhamento em um mês, e somente agora ocorria ao anjo que podia não estar presente para lhe fazer companhia.

Fosse porque o caso teria sido resolvido ou por causa da porra que estava prestes a acontecer no Comitium.

Bryce tentou dar um passo antes que Hunt a pegasse, carregando a semifeérica porta afora, e se lançasse aos céus. Ela mal falou, nem ele. Depois daquela manhã, de que valiam palavras? Aquele beijo muito breve havia dito tudo. Assim como a luz que o anjo poderia ter jurado que brilhou naqueles olhos quando ele se afastou.

Haviam cruzado uma linha, uma que não tinha volta.

Hunt pousou no balcão do pináculo do governador... o central dos cinco do Comitium. O burburinho comum do saguão de seu gabinete oficial parecia silenciado. Mau sinal. O anjo carregou Bryce pela câmara. Se as pessoas haviam fugido, ou sido expulsas por Micah...

Se ele visse Sandriel naquele momento, se ela percebesse que Bryce estava ferida...

O temperamento de Hunt se tornou algo vivo, mortal. Seu relâmpago forçava a pele, armando o bote, uma cobra pronta para o ataque.

Com gentileza, soltou Bryce diante das portas jateadas do escritório. Ele se certificou de que ela tivesse se equilibrado antes de soltá-la, recuando um passo para estudar cada centímetro daquele rosto.

Havia um brilho de preocupação em seus olhos, o bastante para que ele se inclinasse, roçasse um beijo em sua têmpora.

— Queixo para cima, Quinlan — murmurou ele contra a pele sedosa. — Vamos ver se consegue fazer aquele truque de olhar de cima alguém muito mais alto que você.

Ela bufou uma risada, dando um tapa no braço do anjo. Hunt se afastou com um meio-sorriso próprio, antes de abrir as portas e guiá-la com a mão nas costas. Sabia, com certeza, que aquele seria seu último sorriso por um bom tempo. Mas ele morreria antes de

deixar Quinlan perceber. Mesmo ao ver quem estava no escritório de Micah.

Parada à esquerda da mesa do governador, Sabine, braços cruzados e coluna rígida, era o retrato da fúria gélida. Uma Amelie de expressão tensa permanecia ao seu lado.

Ele sabia precisamente do que se tratava a reunião.

Micah estava à janela, o rosto com uma reprovação glacial. Isaiah e Viktoria ladeavam sua mesa. Os olhos do primeiro brilhavam com advertência.

— A presença de Quinlan não é necessária — disse Hunt, em tom baixo, para Micah, para Sabine.

— Ah, é sim. Eu a quero aqui para cada segundo — disse Sabine, o cabelo louro platinado faiscando sob as lâmpadas de primalux.

* * *

— Não vou me dignar a perguntar se é verdade — disse Micah a Hunt, conforme Bryce e o anjo paravam no centro da sala. As portas se fecharam atrás dos dois. Trancadas.

Hunt se preparou.

— Havia seis câmeras naquele bar — comunicou Micah. — Todas capturaram o que você fez e disse a Amelie Ravenscroft. Ela relatou seu comportamento para Sabine, e Sabine se reportou diretamente a mim.

Amelie corou.

— Apenas mencionei a ela — emendou a loba. — Não choraminguei como um filhote sobre o fato.

— É inaceitável — sibilou Sabine para Micah. — Acha que pode soltar seu assassino em cima de um membro de *minhas* alcateias? Minha herdeira?

— Vou repetir, Sabine — disse Micah, entediado. — Não soltei Hunt Athalar em cima de Amelie. Ele agiu por conta própria. — Um olhar para Bryce. — Em defesa de sua companheira.

— Bryce não tem nada a ver com isso — rebateu Hunt, rápido. — Amelie pregou uma peça babaca, e decidi lhe fazer uma visita. — Ele arreganhou os dentes para a jovem alfa, que engoliu em seco.

— Você atacou minha capitã — disparou Sabine.

— Avisei a Amelie que ficasse longe — rosnou Hunt. — Deixasse Bryce em paz. — Ele inclinou a cabeça, incapaz de engolir as palavras. — Ou não está ciente de que Amelie tem visado Bryce desde que sua filha morreu? Provocando-a com isso? Chamando-a de lixo?

A expressão de Sabine nem mesmo vacilou.

— E que me importa se é verdade?

A cabeça de Hunt se encheu de ruído. Mas Bryce apenas ficou parada. E baixou os olhos.

— O fato não pode passar sem punição. Você obstruiu a investigação do assassinato de minha filha. Permitiu que esses dois enfiassem o nariz onde não eram chamados, *me* acusando de tê-la matado. E agora

isso. Estou a um sopro de dizer à cidade como não mantém seus *escravizados* na linha. Tenho certeza de que seus atuais hóspedes ficarão bem interessados nesse pequeno detalhe.

O poder de Micah ribombou à menção de Sandriel.

— Athalar será punido.

— Agora. Aqui. — A expressão de Sabine era absolutamente lupina. — Onde posso testemunhar.

— Sabine — murmurou Amelie. Sabine rosnou para sua jovem capitã.

A loba tinha esperado por aquele momento... havia usado Amelie como desculpa. Sem dúvida arrastou a loba até ali. Sabine tinha jurado que se vingaria por terem a acusado da morte de Danika. E Sabine era, supunha Hunt, uma mulher de palavra.

— Sua posição entre os lobos — começou Micah, com calma aterrorizante — não lhe dá o direito de dizer a um Governador da República o que fazer.

Sabine não recuou. Nem um centímetro.

Micah apenas suspirou fundo. Encontrou os olhos de Hunt, desapontado.

— Você agiu de forma tola. Pensei que, pelo menos você, teria mais juízo.

Bryce tremia. Mas Hunt não ousou tocá-la.

— A história mostra que um escravizado que ataca um cidadão livre deve automaticamente entregar sua alma.

Hunt reprimiu uma risada amarga diante daquelas palavras. Não era o que vinha fazendo pelos arcanjos havia séculos?

— Por favor — implorou Bryce.

E talvez tenha sido empatia que suavizou a expressão do arcanjo conforme dizia:

— Essas são tradições antigas. Para Pangera, não Valbara. — Sabine abriu a boca para protestar, mas Micah ergueu a mão. — Hunt Athalar será punido. E ele morrerá... como morrem os anjos.

Bryce deu um passo hesitante na direção de Micah. Hunt a segurou pelo ombro, impedindo-a.

— A Morte em Vida — decretou Micah.

O sangue de Hunt gelou. Mas ele inclinou a cabeça. Estivera pronto a encarar as consequências desde que disparou aos céus na véspera, a caixa de doces em mãos.

Bryce encarou Isaiah, cuja expressão estava soturna, em busca de uma explicação.

— A Morte em Vida é quando cortam as asas de um anjo — esclareceu o comandante para Bryce e para uma Amelie confusa.

A semifeérica balançou a cabeça.

— Não, por favor...

Mas Hunt encontrou o firme olhar do arcanjo, leu a justiça ali. Ele se ajoelhou e tirou a jaqueta, em seguida a blusa.

— Não quero prestar queixa — insistiu Amelie. — Sabine, *não quero* isso. Esqueça.

Micah foi até Hunt, uma brilhante espada dupla surgiu em sua mão.

Bryce se jogou no caminho do arcanjo.

— Por favor... *por favor...* — O perfume de suas lágrimas encheu o escritório.

Em um instante, Viktoria apareceu ao seu lado. Contendo-a. O sussurro da espectro tão suave que Hunt mal o ouviu.

— Elas vão crescer. Em algumas semanas, as asas vão se regenerar.

Mas aquilo iria doer como o Inferno. Doer tanto que Hunt agora inspirava longamente, se preparando. Recolhendo-se para dentro de si, para aquele lugar onde enfrentava tudo o que lhe fora feito, cada missão que tinha recebido, cada vida que lhe fora ordenado ceifar.

— Sabine, *não* — insistiu Amelie. — Foi longe demais.

Sabine não disse nada. Apenas ficou parada ali.

Hunt abriu as asas e as ergueu, mantendo-as bem acima das costas para um corte limpo.

Bryce começou a gritar alguma coisa, mas Hunt apenas encarou Micah.

— Faça.

Micah nem mesmo assentiu quando a espada se mexeu.

Dor, do tipo que Hunt não vivenciara em duzentos anos, o atravessou, causando um curto-circuito em cada...

* * *

Hunt voltou à consciência com os berros de Bryce.

Parecia uma forte convocação, mesmo com a agonia em suas costas, em sua alma.

Ele devia ter apagado por um instante, porque suas asas ainda vertiam sangue de onde estavam, como dois galhos caídos no chão do escritório de Micah.

Amelie parecia prestes a vomitar; Sabine sorria com malícia, e Bryce estava agora ao seu lado, o sangue ensopando suas calças, suas mãos, enquanto soluçava.

— *Ah, deuses, ah, deuses...*

— Estamos quites — disse Sabine para Micah, que apertou um botão em seu telefone para chamar uma medbruxa.

Ele havia enfrentado as consequências de seus atos, fim, e podia voltar para casa com Bryce...

— Você é uma desgraça, Sabine. — As palavras de Bryce cortaram a sala conforme ela arreganhava os dentes para a Prima Presumível. — Você é uma desgraça para cada lobo que já pisou nesse planeta.

— Não me importa o que uma mestiça pensa de mim — disse Sabine.

— Você não merecia Danika — rosnou Bryce, trêmula. — Nem por um segundo.

Sabine hesitou.

— Não merecia uma pirralha egoísta e fraca como filha, mas foi o que aconteceu, não foi?

Baixo, de muito longe, o rosnado de Bryce suplantou a dor de Hunt. Mas o anjo não conseguiu alcançá-la a tempo enquanto ela saltava de pé, se encolhendo em agonia pela perna ainda em recuperação.

Micah se colocou a sua frente. Bryce ofegou, soluçando entre dentes. Mas Micah se manteve firme, imóvel como uma montanha.

— Leve Athalar daqui — disse o arcanjo, calmamente, a dispensa clara. — Para sua casa, o quartel, pouco importa.

Mas Sabine, ao que parecia, tinha decidido ficar. Para brindar Bryce com uma pérola de sua mente pérfida.

— Procurei o Sub-Rei no inverno passado, sabia disso? — disse a loba para a semifeérica, em tom baixo e venenoso. — Para conseguir algumas respostas de minha filha, de qualquer fagulha de energia remanescente na Cidade Adormecida.

Bryce enrijeceu. A pura imobilidade feérica. Terror invadiu seus olhos.

— Sabe o que ele me disse? — O rosto de Sabine parecia inumano. — Ele disse que Danika não viria. Não obedeceria a meu chamado. Minha patética filha sequer se dignaria a me encontrar no pós-vida. Por *vergonha* do que fez. Como morreu, indefesa e gritando, implorando igual a pessoas como *você*. — Sabine parecia vibrar de raiva. — E sabe o que o Sub-Rei me disse quando exigi mais uma vez que a conjurasse?

Ninguém ousou falar.

— Me disse que *você*, seu monte de lixo, havia feito uma barganha com ele. Por *ela*. Que *você* o procurou após o assassinato e trocou o próprio lugar no Quarteirão dos Ossos em troca da passagem de Danika. Que estava preocupada que o acesso de minha filha lhe fosse negado pelo modo covarde como morreu, então *implorou* que a levasse no lugar.

Até mesmo Hunt vacilou diante da informação.

— Não foi por isso que eu o fiz! — disparou Bryce. — Danika não foi covarde um *maldito* instante de sua vida! — A voz falhou conforme gritava as últimas palavras.

— Você *não* tinha o *direito* — explodiu Sabine. — Ela *era* covarde e morreu como uma, e merecia ser jogada no rio! — A alfa gritava. — E agora está condenada a uma eternidade de *vergonha* por sua causa! Porque ela não devia *estar lá*, sua vadia *estúpida*. E agora ela deve *sofrer* por isso!

— Basta! — exclamou Micah, as palavras carregadas de autoridade. *Saia.*

Sabine apenas soltou uma risada fria e morta, então deu meia-volta.

Bryce ainda soluçava quando a alfa marchou porta afora, uma Amelie atônita em seu encalço. A última murmurou ao passar pela porta:

— Lamento.

Bryce cuspiu na loba.

Foi a última coisa que Hunt viu antes que a escuridão o engolfasse novamente.

* * *

Ela jamais os perdoaria. Nenhum deles.

Hunt permaneceu inconsciente enquanto as medbruxas trabalhavam no escritório de Micah, suturando o anjo, de modo que os cotocos das asas amputadas parassem de sangrar no chão, e, em seguida, enfaixaram as feridas com ataduras que promoveriam um rápido crescimento. Nenhuma primalux... aparentemente, seu auxílio na cicatrização não era permitido na Morte em Vida. Teria deslegitimado a punição.

Bryce ficou ajoelhada ao lado de Hunt o tempo todo, a cabeça do anjo em seu colo. Não ouviu quando Micah disse que a alternativa seria a morte de Hunt... oficial e irrevogavelmente morto.

Ela lhe acariciou o cabelo enquanto estavam deitados em sua cama uma hora mais tarde, a respiração do anjo ainda profunda e regular. *Dê a poção de cura de seis em seis horas,* ordenou a medbruxa. *Vai ajudar com a dor também.*

Isaiah e Naomi o haviam trazido para casa, e ela mal os deixara deitá-lo de bruços em seu colchão antes de mandá-los sair.

A semifeérica não tivera esperança de que Sabine compreendesse o motivo pelo qual havia abdicado de seu lugar no Quarteirão dos Ossos por Danika. A loba nunca escutou Danika falar sobre como um dia seria enterrada ali, com todas as honras, junto de todos os outros grandes heróis de sua Casa. Subsistindo daquela pequena partícula de energia pela eternidade. Ainda parte da cidade que tanto amava.

Bryce tinha testemunhado o veleiro de outras pessoas tombarem. Jamais esqueceria a súplica abafada no áudio da câmera do corredor do prédio.

Não estivera disposta a arriscar a possibilidade de o barco não chegar à margem. Não em se tratando de Danika.

Tinha jogado um Marco da Morte no Istros, o pagamento ao Sub-Rei; uma moeda cunhada de ferro puro, de um antigo, havia muito perdido, reino além-mar. Passagem para um barco mortal.

E, então, Bryce se ajoelhara nos decrépitos degraus de pedra, o rio a poucos metros às costas, os arcos dos

portões de ossos sobre si, e esperou.

O Sub-Rei, velado em preto e silêncio, tal qual a morte, tinha aparecido momentos depois.

Faz uma era desde que um mortal ousou colocar os pés em minha ilha.

A voz havia soado velha e jovem, masculina e feminina, gentil e odiosa. Ela jamais ouvira algo tão hediondo... e atraente.

Quero ceder meu lugar.

Sei por que está aqui, Bryce Quinlan. A passagem de quem deseja barganhar. Uma pausa divertida. *Não quer, um dia, conviver com os honrados mortos? A balança pende para sua aceitação... continue seu caminho e será bem-vinda quando a hora chegar.*

Quero ceder meu lugar. Para Danika Fendyr.

Faça isso e saiba que nenhum outro Reino de Quietude de Midgard há de se abrir para você. Nem o Quarteirão dos Ossos, nem as Catacumbas da Cidade Eterna, nem as Ilhas de Verão do Norte. Nenhum, Bryce Quinlan. Barganhar seu local de descanso aqui é barganhá-lo em qualquer lugar.

Quero ceder meu lugar.

Você é jovem e está tomada pela dor. Lembre-se de que sua vida pode parecer longa, mas é um mero tremular na eternidade.

Quero ceder meu lugar.

Está tão certa de que será negada a passagem a Danika Fendyr? Tem tão pouca fé nos feitos e ações de sua amiga que precisa da barganha?

Quero ceder meu lugar. Havia soluçado as palavras.

Não há como ser desfeito.

Quero ceder meu lugar.

Então diga, Bryce Quinlan, e a troca estará feita. Diga uma sétima e última vez, e deixe os deuses e os mortos e todos no intermédio ouvirem seu juramento. Diga, e estará feito.

Ela não havia hesitado, sabendo que aquele era um rito antigo. Havia pesquisado nos arquivos da galeria. Roubado o Marco da Morte de lá também. Tinha sido dado a Jesiba pelo Sub-Rei em pessoa, lhe dissera a feiticeira, quando havia jurado lealdade à Casa de Chama e Sombra.

Quero ceder meu lugar.

E assim fora feito.

Bryce não havia sentido nenhuma diferença depois, quando fora enviada de volta ao rio. Ou nos dias depois daquilo. Nem mesmo a mãe fora capaz de dizer... não havia notado que Bryce tinha se esgueirado para fora do quarto de hotel, na calada da noite.

Nos últimos dois anos, Bryce algumas vezes se perguntara se havia sonhado tudo aquilo, mas, então, tinha procurado na gaveta da galeria em que todas as moedas eram guardadas, e viu o lugar vazio e escuro onde o Marco da Morte havia estado. Jesiba jamais notara o sumiço.

Bryce gostava de pensar que sua chance de descanso eterno havia sumido com ela. De imaginar

as moedas aninhadas em seus compartimentos de veludo na gaveta, como todas as almas de quem amava, vivendo juntas para sempre. E lá estava a dela... sumida e vagando, apagada no momento da morte.

Mas o que Sabine tinha alegado sobre o sofrimento de Danika no Quarteirão dos Ossos... Bryce se recusava a acreditar naquilo. Porque a alternativa... Não. Danika havia merecido seu lugar no Quarteirão dos Ossos, não tinha nada do que se envergonhar, independentemente de Sabine e outros babacas discordarem ou não. De o Sub-Rei ou qualquer entidade que julgasse suas almas *dignas* discordarem ou não.

Bryce passou a mão pelo cabelo sedoso de Hunt, o som da respiração do anjo enchia o quarto.

Era um saco. Aquele maldito mundo onde viviam.

Era um saco e cheio de pessoas horríveis. E as boas sempre pagavam por tudo.

Ela pegou o telefone da mesinha de cabeceira e começou a digitar uma mensagem.

A semifeérica a disparou um instante depois, não se permitindo tempo para reconsiderar o que havia escrito para Ithan. Sua primeira mensagem para o lobo em dois anos. As mensagens frenéticas do amigo naquela noite terrível, então sua ordem fria para que se afastasse, ainda eram as últimas frases em um feed que datava de cinco anos antes.

Diga a sua alfa que Connor jamais a notou porque sempre soube o monte de merda que Amelie era. E diga a Sabine que, se eu a vir de novo, vou matá-la.

Bryce se deitou ao lado de Hunt, não ousando tocar em suas costas destroçadas.

Seu telefone vibrou. Ithan havia respondido, *Não tenho nada a ver com o que aconteceu hoje.*

Bryce escreveu de volta, *Vocês me enojam. Todos vocês.*

Ithan não respondeu, e ela colocou o telefone no silencioso antes de soltar um longo suspiro e encostar a testa no ombro de Hunt.

Ela arrumaria um modo de consertar tudo. De algum modo. Algum dia.

* * *

Os olhos de Hunt se abriram, a dor um latejar constante. Sua intensidade fora entorpecida; com certeza por algum coquetel de remédios.

O reconfortante contrapeso que deveria estar em suas costas se fora. A ausência o atingiu como um trator. Mas uma respiração suave e feminina enchia a escuridão. Um perfume de paraíso encheu suas narinas, reconfortando-o. Acalmou a dor.

Os olhos se acostumaram o bastante ao escuro para que ele soubesse estar no quarto de Bryce. Que ela estava deitada ao seu lado. Suprimentos médicos e frascos jaziam perto da cama. Tudo para ele, muitos já

usados. O relógio exibia quatro da manhã. Quantas horas ficara acordada, cuidando dele?

As mãos da semifeérica estavam unidas junto ao peito, como se tivesse caído no sono em meio a uma prece.

Ele articulou seu nome, a língua seca como lixa.

Dor atravessou seu corpo, mas ele conseguiu esticar um braço. Conseguiu abraçar a cintura de Bryce e trazê-la para si. Ela soltou um muxoxo delicado e aninhou a cabeça em seu pescoço.

Algo bem fundo dentro de Hunt estremeceu e se acalmou. O que ela havia dito e feito naquele dia, o que havia revelado ao mundo em sua súplica por ele... Era perigoso. Para ambos. Tão, tão perigoso.

Se fosse esperto, acharia um modo de se afastar. Antes que aquela coisa entre os dois chegasse ao inevitável, horrível fim. Como todas as coisas na República chegavam a um horrível fim.

E, no entanto, Hunt não parecia capaz de afastar seu braço. De evitar o instinto de inspirar aquela essência e ouvir a respiração suave.

Ele não se arrependia de nada do que havia feito. Nem um pouco.

Mas poderia chegar o dia em que aquilo não fosse mais verdade. Um dia que poderia raiar em breve.

Então Hunt saboreou a sensação de Bryce. Seu perfume e respiração.

Saboreou cada segundo.



— Athie está bem, BB?

Bryce esfregou os olhos enquanto estudava a tela do computador, na biblioteca da galeria.

— Ele se recupera enquanto dorme.

Lehabah havia chorado naquela manhã, quando Bryce tinha entrado para lhe contar o ocorrido. Ela mal notara que a perna não doía... nem um sussurro de câimbra. Queria ter ficado em casa para cuidar de Hunt, mas, quando havia telefonado para Jesiba, a resposta fora clara: *Não*.

A semifeérica tinha passado a primeira metade da manhã preenchendo candidaturas de emprego.

E havia enviado cada uma delas.

Não sabia onde aquilo acabaria, mas sair daquele lugar era o primeiro passo. De muitos.

Tinha dado mais alguns naquele dia.

Ruhn havia atendido ao primeiro toque e ido direto para o apartamento.

Hunt ainda estava dormindo quando ela o deixara aos cuidados do irmão. Não queria ninguém da maldita legião em sua casa. Não queria ver Isaiah ou Viktoria ou qualquer triário tão cedo.

Ruhn dera uma olhada nas costas mutiladas do anjo e quase vomitara. Mas tinha prometido cumprir a rotina de comprimidos e cuidados com a ferida que ela especificara.

— Micah pegou leve com ele — disse Ruhn, brincando com um de seus piercings, quando ela apareceu na hora do almoço. — Leve para caralho. Sabine tinha o direito de exigir sua morte.

Como escravizado, Hunt não tinha direitos. Nenhum.

— Nunca esquecerei enquanto viver — jurou Bryce, a voz monocórdia. O lampejo da espada de Micah. O grito de Hunt, como se sua alma tivesse sido destroçada. O sorriso de Sabine.

— Devia ter sido eu a calar a boca de Amelie. — Sombras estalaram no cômodo.

— Bem, você não o fez. — Ela mediu a dose da poção para que Ruhn desse a Hunt na hora certa.

Ruhn esticou o braço sobre o encosto do sofá.

— Gostaria de ter sido eu, Bryce.

Ela sustentou o olhar do irmão.

— Por quê?

— Porque você é minha irmã.

Ela não tinha uma resposta... Não ainda.

Podia ter jurado ver um vislumbre de dor nos olhos do irmão diante de seu silêncio. Estava fora do apartamento no segundo seguinte, e mal havia chegado à galeria antes de Jesiba ligar, atormentando Bryce por não estar pronta para a reunião das duas horas com o metamorfo que pretendia comprar uma estatueta de 3 milhões de marcos de ouro.

Bryce conduziu a reunião, a venda, e não ouviu metade do que foi dito.

Assinatura, carimbo, adeus.

A semifeérica voltou à biblioteca às três. Lehabah aquecia seu ombro enquanto ela abria o laptop.

— Por que está no site das Indústrias Redner?

Bryce apenas encarava os dois pequenos campos:

Usuário. Senha.

Digitou *dfendyr*. O cursor passou para senha.

Alguém poderia ser avisado de uma tentativa de entrada. E, se ela não conseguisse acesso, alguém talvez recebesse um alerta. Mas... era um risco que valia a pena. Estava sem opções.

Lehabah leu o nome de usuário.

— Isso tem alguma ligação com o chifre?

— Danika sabia de algo... alguma coisa grande — ponderou Bryce.

Senha. Qual seria a senha de Danika?

As Indústrias Redner teriam pedido que escolhesse algo aleatório e cheio de símbolos.

A loba teria odiado receber ordens, e teria feito o oposto.

Bryce digitou *SabineChata*.

Sem sorte. Embora tenha feito o mesmo no outro dia, tentou de novo o aniversário de Danika. O próprio aniversário. Os números sagrados. Nada.

Seu telefone vibrou, e uma mensagem de Ruhn iluminou a tela.

Ele acordou, tomou as poções como um bom menino e exigiu saber onde você estava.

Ruhn acrescentou, *Ele não é um macho mau.*

Ela respondeu, *Não, não é.*

Ruhn retrucou, *Está dormindo de novo, mas parece de bom humor, apesar de tudo.*

Uma pausa, e então o irmão continuou, *Ele me disse para agradecer a você. Por tudo.*

Bryce leu as mensagens três vezes antes de retornar a atenção à interface. E digitou a única outra senha em que conseguia pensar. As palavras escritas nas costas da jaqueta de couro que usava constantemente nos últimos dois anos. As palavras tatuadas nas próprias costas, em um antigo alfabeto. A frase favorita de Danika, sussurrada pelo Oráculo em seu aniversário de 16 anos.

A Velha Língua dos Feéricos não funcionou. Nem a língua formal dos asteri.

Então ela apelou para a comum.

Por amor, tudo é possível.

A tela de login desapareceu. E uma lista de arquivos surgiu.

* * *

A maioria eram relatórios dos últimos projetos da Redner: melhoria da qualidade de rastreamento dos telefones; comparação de velocidade de transformação de metamorfos; análises das taxas de cura de magia bruxa versus fármacos da Redner. Tediosa ciência diária.

Estava quase desistindo quando notou uma subpasta: *Convites de Festa.*

Danika jamais fora organizada o bastante para guardar aquele tipo de coisa, quanto mais colocá-los em uma pasta. Ela os teria deletado de uma vez, ou deixado que apodrecessem em sua caixa de entrada, sem resposta.

Era bizarro o bastante para que Bryce clicasse na pasta e encontrasse uma lista de subpastas. Inclusive uma denominada *Bryce.*

Um arquivo com seu nome dentro. Escondido em outra pasta. Exatamente como Bryce havia escondido as próprias candidaturas de emprego naquele computador.

— O que é isso? — sussurrou Lehabah em seu ombro.

Bryce abriu o arquivo.

— Não sei. Nunca enviei convites para o endereço de trabalho de Danika.

A pasta continha uma única foto.

— Por que ela tem uma foto dessa jaqueta velha? — perguntou Lehabah. — Queria vender?

Bryce encarou e encarou a imagem. Então se moveu, desconectando-se antes de correr escada acima até a sala de exposição da galeria, onde pegou a jaqueta de couro da cadeira.

— Era uma pista — disse ela, sem fôlego, para Lehabah, conforme disparava de volta pelas escadas, os dedos correndo e apertando cada costura da jaqueta. — A foto era uma maldita pista.

Algo duro espetou seus dedos. Um caroço. Bem ao longo da linha horizontal do *A* em *amor*.

— Por amor, tudo é possível — murmurou Bryce, e pegou um par de tesouras da caneca sobre a mesa. Danika tinha até mesmo tatuado a pista nas malditas *costas* de Bryce, porra. Lehabah espiou por sobre o ombro da semifeérica enquanto esta cortava o couro.

Um estreito retângulo pequeno de metal caiu na mesa. Um pendrive.

— Por que ela esconderia isso no casaco? — perguntou a duende, mas Bryce já estava se movendo

outra vez, as mãos trêmulas, enquanto levava o dispositivo até a porta USB em seu laptop.

Três vídeos sem nome surgiram.

Ela abriu o primeiro. Ela e Lehabah assistiram em silêncio.

O sussurro da duende de fogo encheu a biblioteca, mais alto até que o arranhar do nøkken.

— Que os Deuses tenham piedade de nós.



Hunt havia conseguido se levantar da cama e se provar bem o bastante para que Ruhn enfim se fosse. Não tinha dúvida de que o príncipe feérico havia ligado para Bryce a fim de deixá-la a par de tudo: ela chegou em casa em quinze minutos.

Seu rosto estava pálido como a morte, tão cinzento que as sardas sobressaíam como sangue salpicado. Nada mais parecia errado, nenhuma costura do vestido preto fora do lugar.

— O quê. — O anjo estava na porta em um piscar de olhos, estremecendo quando disparou do sofá em que assistia ao belo discurso de Rigelus, Radiante Mão dos Asteri, sobre o conflito rebelde em Pangera no noticiário noturno. Ainda levaria um dia ou dois antes que conseguisse andar sem dor. Mais algumas semanas antes que suas asas se regenerassem. Alguns dias depois disso até que pudesse tentar voar. No dia

seguinte, provavelmente, a coceira insuportável começaria.

Ele se lembrava de cada miserável segundo daquela primeira vez que tivera as asas cortadas. Todos os anjos Caídos sobreviventes passaram por aquilo. Assim como pelo insulto de ter as asas expostas no palácio de cristal dos asteri, como troféus e advertência.

— Como está se sentindo? — perguntou ela primeiro, no entanto.

— Bem. — Mentira. Syrinx pulava a seus pés, lambendo sua mão. — O que houve?

Sem dizer uma palavra, Bryce trancou a porta. Fechou as cortinas. Arrancou o telefone do bolso da jaqueta, abriu um e-mail... dela para si mesma... e clicou no anexo.

— Danika escondeu um pendrive no forro da jaqueta — revelou Bryce, a voz trêmula, e o guiou de volta ao sofá, ajudando-o a se sentar enquanto o vídeo carregava. Syrinx pulou nas almofadas, se aninhando ao lado do anjo. Bryce se sentou do outro lado, tão perto que suas coxas se tocavam. Ela não parecia notar. Depois de um instante, Hunt também não.

Era uma sequência granulada e sem som de uma cela acolchoada.

No pé do vídeo, uma legenda dizia: *Amplificação Artificial para Disfunção de Poder, Cobaia 7.*

Uma fêmea humana extremamente magra estava sentada na sala, vestida em um avental médico.

— Que porra é essa? — perguntou Hunt. Mas ele já sabia.

Sintez. Aqueles eram os testes experimentais da sintez.

Bryce grunhiu... *continue assistindo.*

Um jovem macho draki em um jaleco entrou na sala, segurando uma bandeja de suprimentos. O vídeo acelerou, como se alguém tivesse aumentado a velocidade de gravação em nome da urgência. O draki mediu os sinais vitais da mulher e, em seguida, injetou algo em seu braço.

Então se foi. Trancou a porta.

— Eles estão... — Hunt engoliu em seco. — Ele acabou de injetar sintez naquela mulher?

Bryce deu um muxoxo de confirmação.

A câmera continuou a gravar. Um minuto se passou. Cinco. Dez.

Dois vanir entraram na sala. Dois metamorfos serpentinos, que avaliaram a fêmea humana trancada com eles. Hunt sentiu um embrulho no estômago. Sentiu ainda mais quando viu as tatuagens de escravizado em seus braços, e soube que eram prisioneiros. Soube, pelo modo como sorriram para a fêmea encolhida contra a parede, porque haviam sido trancados juntos.

Eles a atacaram.

Mas a fêmea humana também avançou.

Aconteceu tão rápido que Hunt mal conseguiu acompanhar. A pessoa que havia editado as imagens voltou atrás e desacelerou também.

Então ele assistiu, golpe a golpe, enquanto a fêmea humana atacava os dois machos vanir.

E os rasgava em pedaços.

Era impossível. Completamente impossível. A menos que...

Tharion havia comentado que a sintez podia dar a humanos poder temporário maior que o da maioria dos vanir. Poder o bastante para matar.

— Sabe como os rebeldes humanos gostariam de botar a mão nisso? — comentou Hunt. Bryce apontou o queixo para a tela em que a sequência continuava.

Eles mandaram mais dois machos. Maiores que os anteriores. E eles, também, acabaram em pedaços.

Pilhas.

Ah, deuses.

Outros dois. Então três. Depois cinco.

Até que o quarto inteiro ficou vermelho. Até que os vanir arranhassem as portas, implorando para sair. Implorando enquanto os amigos, então eles mesmos, eram chacinados.

A fêmea humana gritava, a cabeça inclinada para o teto. Se gritava de raiva ou dor ou por qualquer outra coisa, ele não saberia dizer sem o som ligado.

Hunt sabia o que estava por vir. Sabia e não conseguia se impedir de assistir.

A mulher atacou a si mesma. Ela se retalhou. Até que, também, fosse uma pilha no chão.

A imagem foi cortada.

— Danika deve ter descoberto no que trabalhavam nos laboratórios — disse Bryce, em tom baixo. — Acha que alguém envolvido nesses testes... Poderia ter vendido a fórmula para algum barão das drogas? Quem quer que tenha matado Danika e a matilha e os outros devia estar chapado de sintez. Ou injetado alguém com a droga e o soltado contra as vítimas.

Hunt balançou a cabeça.

— Talvez, mas qual a ligação com os demônios e o chifre?

— Talvez tenham invocado o kristallos por conta da cura em seu veneno... nada mais. Queriam tentar produzir um antídoto para si mesmos, caso a sintez fosse usada contra eles. Talvez não tenha ligação como chifre afinal — argumentou Bryce. — Talvez isso seja o que devíamos descobrir. Há mais dois vídeos como este, de outras duas cobaias humanas. Danika os deixou para *mim*. Devia saber que estavam atrás dela. Já devia saber quando estava naquele barco do Aux, confiscando a carga de sintez, que logo a pegariam. Não há uma segunda espécie de demônio caçando com o kristallos. Apenas uma pessoa... *deste* mundo. Alguém sob o efeito da sintez e que usou seu

poder para invadir os encantamentos de nosso apartamento. E, portanto, tinha o poder de matar Danika e toda a matilha.

Hunt sopesou as palavras seguintes com cuidado, controlando a mente galopante.

— Pode ser, Bryce. Mas o chifre ainda está por aí, com uma droga capaz de repará-lo, coincidência ou não. E não estamos próximos de encontrá-lo. — Não, aquilo somente sinalizava muito mais problemas. Ele acrescentou: — Micah já demonstrou o que acontece se sairmos da linha. Precisamos prosseguir com calma na caçada à sintez. Ter certeza dessa vez. E cautela.

— *Nenhum* de vocês foi capaz de descobrir nada assim. Por que eu deveria ser cautelosa com a única pista que tenho sobre o assassino de Danika e da Matilha dos Demônios? Tudo se encaixa, Hunt. Sei que sim.

E porque ela abria a boca para protestar novamente, ele disse o que sabia que a impediria.

— Bryce, se seguirmos essa linha de investigação e estivermos errados, se Micah souber de outro engano, esqueça o fim da barganha. Posso não sobreviver ao próximo castigo.

Ela se encolheu.

Todo o corpo do anjo doeu quando ele estendeu a mão para tocar o joelho da semifeérica.

— Essa merda de sintez é terrível, Bryce. Eu... eu jamais vi nada assim. — Aquilo mudava tudo. *Tudo.*

Ele nem sabia por onde começar a dissecar o que havia testemunhado. Devia fazer algumas ligações... *precisava* fazer algumas ligações. — Mas para encontrar o assassino, talvez o chifre, e me certificar de que vai haver um depois para você e eu... — porque haveria um *você e eu* para os dois; ele faria de tudo para garantir — precisamos ser *espertos*. — Ele assentiu para a filmagem. — Encaminhe os arquivos para mim. Vou me certificar de que cheguem ao servidor encriptado de Viktoria. Ver o que ela consegue desenterrar sobre esses testes.

Bryce esquadrinhou seu rosto. A franqueza naquela expressão quase o colocou de joelhos a sua frente. Hunt esperava que ela argumentasse, que o desafiasse. Que dissesse que era um idiota.

— Ok — disse ela apenas. Ela soltou um longo suspiro, relaxando contra as almofadas.

Ela era tão linda que ele mal podia resistir. Mal podia resistir ao ouvi-la perguntar, baixinho:

— Que tipo de depois tem em mente para nós, Athalar?

Ele não fugiu daquele olhar curioso.

— Do tipo bom — respondeu ele, com igual tranquilidade.

Mas ela não perguntou. Sobre como era possível. O quanto seria possível para ele, para os dois. O que ele teria de fazer para tornar aquilo realidade.

Os lábios da semifeérica se curvaram para cima.

— Parece um plano para mim.

Por um momento, uma eternidade, eles se encararam.

— É? — disse Hunt, apesar do que tinham acabado de assistir, do que espreitava no mundo além daquele apartamento.

— É. — Ela brincou com as pontas do cabelo. — Hunt... Você me beijou... no consultório da medbruxa.

Ele sabia que não devia, sabia que era uma estupidez tamanha, mas disse:

— E aí?

— Foi para valer?

— Sim. — Hunt jamais dissera algo tão verdadeiro. — Você quer que seja para valer?

O coração do anjo batia rápido, rápido o bastante para que ele se esquecesse da dor nas costas quando ela respondeu:

— Você sabe a resposta, Athalar.

— Quer que eu faça de novo? — Porra, sua voz caiu uma oitava.

Os olhos de Bryce estavam claros, brilhantes. Sem medo e com esperança, e tudo o que tornava impossível pensar em outra coisa quando ela estava por perto.

— *Eu* quero fazer isso. — Ela acrescentou: — Se você estiver de acordo.

Porra, claro. Ele lhe lançou um meio-sorriso.

— Capriche, Quinlan.

Ela soltou uma risada rouca e virou o rosto para ele. Hunt nem mesmo respirava, com receio de que ela se assustasse. Syrinx, aparentemente pegando a dica, se enfiou na gaiola.

As mãos de Bryce tremeram conforme se erguiam para o cabelo do anjo, afastando uma mecha, então roçaram o traçado do halo.

Hunt agarrou os dedos trêmulos.

— O que foi? — murmurou ele, incapaz de afastar a boca das unhas escuras. Quantas vezes havia sonhado com aquelas mãos? Acariciando seu rosto, afagando seu peito, segurando seu pau?

Ela engoliu em seco de modo audível. Ele pressionou outro beijo naqueles dedos.

— Isso não devia acontecer... entre nós — sussurrou ela.

— Eu sei — concordou ele, beijando os dedos trêmulos outra vez. Gentilmente, ele os abriu, expondo o coração da palma. Ele pressionou os lábios ali também. — Mas graças a Urd por isso.

As mãos da semifeérica pararam de tremer. Hunt ergueu os olhos da mão de Bryce para ver a própria envolta em prata... e cheia de fogo. Ele entrelaçou seus dedos.

— Porra, apenas me beije, Quinlan.

Ela o fez. Puta merda, ela o fez. As palavras do anjo mal tinham acabado de soar quando ela deslizou a

mão por seu queixo, em volta do pescoço, e puxou os lábios na direção dos dela.

* * *

No momento que os lábios de Hunt encontraram os seus, Bryce entrou em erupção.

Não sabia se foram as semanas sem sexo ou o próprio Hunt, mas ela se libertou. Era o único modo de descrever a sensação conforme ela enterrava as mãos no cabelo do anjo e lhe saboreava a boca.

Nada de beijos tímidos, doces. Não para eles. Nunca para eles.

Sua boca se abriu ao primeiro toque, e a língua de Hunt a invadiu, provando-a em estocadas selvagens, implacáveis. O anjo gemeu diante daquela primeira degustação... e o som foi abrasador.

Ela se pôs de joelhos, dedos enterrados no cabelo macio do anjo, e não conseguia ter o bastante, saborear o bastante… chuva e cedro e sal e puro relâmpago. As mãos de Hunt roçaram seus quadris, lentas e firmes apesar da boca que devorava a sua com beijos ardentes, profundos.

A língua bailava com a sua. Ela choramingou, e ele soltou uma risada sombria quando a mão deslizou por baixo de seu vestido, por sua coluna, os calos a arranhando. Bryce arqueou sob o toque, e ele afastou a boca.

Antes que ela pudesse trazê-lo de volta, os lábios encontraram seu pescoço. Ele depositou beijos ali, mordendo a pele sensível abaixo das orelhas.

— Diga o que quer, Quinlan.

— Tudo. — Não havia dúvidas. Nenhuma.

Hunt arrastou os dentes por seu pescoço, e ela arfou, toda a consciência focada na sensação.

— Tudo?

Ela passou a mão pela frente do corpo do anjo. Até suas calças... o volume duro e considerável que as deformava. Que Urd tivesse piedade. Ela alisou aquele pau, provocando um assovio.

— Tudo, Athalar.

— Porra, obrigado — sussurrou em seu pescoço, e ela gargalhou.

Seu riso morreu quando ele tomou sua boca outra vez, como se precisasse provar o som também.

Línguas e dentes e fôlego. Com habilidade, as mãos desabotoaram o sutiã sob o vestido. Ela acabou montando em seu colo, acabou se esfregando na linda e perfeita ereção ali. Acabou com o vestido enrolado na cintura, o sutiã perdido, e então a boca de Hunt e os dentes em volta de seu seio, sugando e mordendo e beijando, e nada, nada, nada jamais lhe parecera tão gostoso, tão certo.

Bryce não se preocupou com seus gemidos, tão escandalosos que todo demônio do Fosso podia ouvir. Não quando Hunt passou para seu outro seio,

sugando o mamilo com a boca. Ela forçou os quadris contra os dele, o orgasmo já ondulando dentro de si.

— Porra, Bryce — murmurou ele contra seu seio.

A semifeérica enfiou a mão pela cintura das calças do anjo. Mas ele segurou seu punho. Impediu-a a milímetros do que por meses ela queria em suas mãos, sua boca, seu corpo.

— Ainda não — grunhiu ele, passando a língua sob seu seio. Feliz em se banquetear com Bryce. — Não até que eu tenha tido minha chance.

As palavras provocaram um curto-circuito em seu pensamento lógico. E qualquer objeção caiu por terra conforme ele deslizava a mão sob seu vestido, acariciando sua coxa. Mais para cima. A boca encontrou seu pescoço de novo, enquanto um dedo explorava a renda na frente de sua lingerie.

Ele sibilou outra vez quando a encontrou completamente molhada, a renda inútil para esconder a prova do quanto ela queria aquilo, o queria. Correu os dedos pela extensão da fêmea... e de volta.

Em seguida, aquele dedo pousou naquele ponto no ápice de suas coxas. O polegar pressionou com gentileza sobre o tecido, arrancando um gemido do fundo de sua garganta.

Ela o sentiu sorrir contra seu pescoço. O polegar fazia círculos lentos, cada roçar uma tortuosa bênção.

— Hunt. — Não sabia se o nome era uma súplica ou uma pergunta.

Ele apenas afastou a calcinha e colocou o dedo diretamente sobre ela.

Bryce gemeu novamente, e Hunt a acariciou, dois dedos roçando para cima e para baixo com leveza irritante. Ele lambeu a lateral de seu pescoço, os dedos brincavam com ela sem perdão.

— Você é tão gostosa quanto parece, Bryce? — sussurrou ele contra sua pele.

— Por favor, descubra imediatamente. — Ela conseguiu soluçar.

O riso do anjo ribombou por ela, mas seus dedos não pararam a exploração preguiçosa.

— Ainda não, Quinlan.

Um de seus dedos achou sua abertura e ficou ali, massageando.

— Faça — ordenou ela. Se não o sentisse dentro de si... os dedos ou o pau, qualquer coisa... logo acabaria implorando.

— Tão mandona — ronronou Hunt contra seu pescoço, em seguida exigiu sua boca de novo. E, enquanto os lábios pousavam sobre os seus, mordendo e provocando, ele deslizou aquele dedo bem fundo.

Os dois gemeram.

— Porra, Bryce — repetiu ele. — Porra.

Os olhos da semifeérica quase reviraram com a sensação daquele dedo. Ela balançou os quadris, desesperada para senti-lo mais fundo, e ele a atendeu, enfiando o dedo quase todo, adicionando um segundo, e mergulhando ambos em seu corpo.

Ela pulou, as unhas se enterrando no peito do anjo. O trovejante palpitar furioso contra suas palmas. Ela enfiou o rosto em seu pescoço, mordendo e lambendo, faminta por qualquer bocado do anjo enquanto ele movimentava aquela mão de novo.

— Vou foder você até que esqueça seu maldito nome — sussurrou Hunt em seu ouvido.

Deuses, sim.

— Idem — grasnou ela.

O orgasmo faiscou dentro de si, uma canção selvagem e imprudente, e ela fodeu aquela mão para alcançá-lo. A outra mão do anjo agarrou sua bunda.

— Não pense que esqueci esse trunfo em particular — murmurou ele, apertando para dar ênfase. — Tenho planos para essa bunda linda, Bryce. Planos sórdidos, sórdidos.

Ela gemeu novamente, e os dedos a invadiram, de novo e de novo.

— Goza para mim, amor — ronronou ele contra seu seio, a língua lambendo seu mamilo assim que um de seus dedos se curvou dentro da semifeérica, acertando aquele maldito ponto.

Bryce obedeceu. O nome de Hunt nos lábios, ela inclinou a cabeça para trás e se soltou, cavalgando aquela mão com abandono, conduzindo os dois contra as almofadas do sofá.

Ele gemeu, e ela engoliu o som com um beijo de boca aberta enquanto cada nervo de seu corpo explodia em gloriosa luz de estrelas.

Então havia apenas respiração, e ele... seu corpo, seu cheiro, sua força.

A luz de estrelas retrocedeu, e ela abriu os olhos para vê-lo com a cabeça para trás, dentes arreganhados.

Não de prazer. De dor.

Ela havia o forçado contra as almofadas. Empurrado as costas feridas bem de encontro ao sofá.

O horror a invadiu como água gelada, apagando qualquer fogo de suas veias.

— Ah, deuses. Me desculpe...

O anjo abriu os olhos. Aquele gemido que ele havia soltado quando ela gozou tinha sido de *dor*, e estivera tão doida por ele que nem notara...

— Está machucado? — perguntou ela, saindo de seu colo, estendendo a mão para afastar os dedos do anjo, ainda fundos dentro de si.

Ele a impediu com a outra mão em seu punho.

— Vou sobreviver. — Os olhos ficaram sombrios conforme encaravam os seios nus, ainda a centímetros de sua boca. O vestido enrolado na cintura. — Tenho

outras coisas com as quais me distrair — murmurou ele, se inclinando para um mamilo intumescido.

Ou tentando. Uma careta contorceu seu rosto.

— Maldito Inferno, Hunt — vociferou ela, se desvencilhando de seu abraço, se afastando de seus dedos, quase caindo de seu colo. Ele nem mesmo a impediu quando ela pegou seu ombro para lhe examinar as costas.

Sangue fresco ensopava as ataduras.

— Está maluco? — gritou ela, procurando por alguma coisa por perto que pudesse conter a hemorragia. — Por que não disse nada?

— Como você gosta de dizer — ofegou ele, tremendo de leve. — É meu corpo. Eu decido meus limites.

Ela controlou o impulso de estrangulá-lo, pegando o telefone.

— Vou chamar a medbruxa.

Ele pegou seu punho novamente.

— Não terminamos ainda.

— Ah, terminamos sim — sibilou ela. — Não vou fazer sexo com você enquanto jorra sangue como uma fonte. — Um exagero, mas ainda assim.

Os olhos do anjo estavam sombrios... ardentes. Então Bryce apertou suas costas, uns bons 15 centímetros abaixo da ferida. A dor em resposta encerrou a discussão.

Ajeitando a roupa de baixo e recolocando o vestido no lugar, ela ligou para o número da medbruxa.

* * *

A medbruxa chegou e se foi em uma hora. Tudo estava certo com o ferimento de Hunt, havia declarado, para alívio supremo de Bryce.

Então Hunt teve a cara de pau de perguntar se podia fazer sexo.

A seu favor, a bruxa não riu. Apenas disse, *Quando for capaz de voar de novo, então diria que já é seguro ser sexualmente ativo também.* Ela assentiu para as almofadas do sofá... a mancha de sangue que iria requerer magia para ser limpa. *Sugiro que qualquer... interação que causou a lesão desta noite seja adiada até suas asas estarem curadas.*

Hunt parecera prestes a argumentar, mas Bryce tinha se livrado da médica. Em seguida o ajudou a deitar na cama. Apesar das perguntas, o anjo oscilou a cada passo. Quase desmaiou no colchão. Havia respondido algumas mensagens no telefone e estava adormecido antes que Bryce apagasse a luz.

Liberado para o sexo, com certeza.

Bryce dormiu profundamente na própria cama, apesar do que havia descoberto e visto sobre a sintez.

Mas acordou às três. E sabia o que tinha de fazer.

Ela enviou o e-mail com seu pedido e, apesar do avançado da hora, recebeu a resposta em minutos: ela precisava esperar até sua solicitação ser aprovada pela 33ª. Bryce franziu o cenho. Não tinha tempo para aquilo.

Ela se esgueirou para fora do quarto. A porta de Hunt estava fechada, o quarto escuro além da entrada. O anjo nem mesmo viera investigar quando ela saiu do apartamento.

E seguiu para o antigo.

* * *

A semifeérica não tinha visitado aquele quarteirão em dois anos.

Mas, conforme dobrava a esquina e via as luzes piscando e a multidão aterrorizada, soube.

Soube que o prédio no meio do quarteirão havia pegado fogo.

Alguém devia ter percebido que ela acessou a conta de Danika nas Indústrias Redner, ou talvez alguém estivesse monitorando sua conta de e-mail... e tivesse visto a mensagem que enviara para o senhorio. Quem quer que houvesse feito aquilo devia ter agido rápido, se dando conta de que ela gostaria de procurar por quaisquer pistas que Danika pudesse ter deixado no apartamento.

Tinha de haver mais coisa. Danika era esperta o bastante para não ter colocado tudo o que descobriu em um só lugar.

Pessoas em pânico, chorosas — seus antigos vizinhos — tinham se amontoado na rua, abraçando uns aos outros e observando as chamas com incredulidade. O fogo lambia cada peitoril de janela.

Ela havia feito aquilo... trazido a tragédia para as pessoas que assistiam ao incêndio de seus lares. Sentiu um aperto no peito, a dor mal aplacada quando ouviu uma ninfa das águas anunciar para a equipe de bombeiros que cada residente fora computado.

Havia causado aquilo.

Mas... significava que estava chegando perto. *Procure onde dói mais*, havia aconselhado a Rainha Víbora, semanas antes. Bryce tinha pensado que a metamorfa queria apenas magoá-la. Mas talvez fosse sobre o assassino o tempo todo.

E ao rondar a sintez... Aparentemente, tinha atingido um ponto sensível.

Estava a meio caminho de casa quando seu telefone vibrou. Ela o tirou da jaqueta, consertada às pressas, a opala branca no bolso batendo na tela, já preparada para as perguntas de Hunt.

Mas era Tharion.

Há uma transação acontecendo no rio neste instante. Um barco está na água, sinalizando. Logo depois do Cais Negro. Esteja lá em cinco minutos, e eu a levo para ver.

Ela apertou a opala branca no punho antes de responder, *Uma transação de sintez?*

Tharion replicou, *Não, uma venda de algodão doce.*

Ela revirou os olhos, *Estarei aí em três minutos.*

E, então, disparou em uma corrida. Não chamou Hunt. Ou Ruhn.

Sabia o que diriam. *Não vá sozinha, Bryce. Me espere.*

Mas ela não tinha tempo a perder.



Bryce segurava a cintura de Tharion com tanta força que era um milagre que ele conseguisse respirar. Abaixo deles, a moto aquática cortava a corrente do rio. Apenas um brilho ocasional sob a superfície indicava que havia algo ou alguém ao redor.

Ela havia hesitado quando o tritão chegou ao píer, a moto preta e fosca boiando. *É isso ou nadar, pernuda*, dissera ele.

Tinha optado pela moto, mas passara os últimos cinco minutos arrependida da decisão.

— Lá adiante — murmurou Tharion, desligando o já silencioso motor. Devia ser um veículo de espionagem do arsenal da Rainha do Rio. Ou do próprio Tharion, como Capitão da Inteligência.

Bryce contemplou a pequena barcaça boiando no rio. A névoa os envolvia, transformando as primaluces da embarcação em orbes oscilantes.

— Contei seis pessoas — observou Tharion.

Ela espreitou a escuridão à frente.

— Não consigo discernir o que são. Formas humanoides.

O corpo de Tharion vibrou, e a moto aquática seguiu adiante, carregada pela correnteza produzida por si mesma.

— Belo truque — murmurou ela.

— Sempre impressiona as damas — sussurrou em resposta.

Bryce teria rido se não estivessem próximos da barcaça.

— Continue contra o vento para que não possam nos farejar.

— Sei como passar despercebido, pernuda. — Mas ele a obedeceu.

As pessoas no barco estavam encapuzadas na garoa, mas, conforme eles se aproximavam...

— É a Rainha Víbora — disse Bryce, a voz abafada. Ninguém mais naquela cidade teria a coragem de usar a ridícula capa de chuva roxa. — *Filha da puta* mentirosa. Ela disse que não traficava sintez.

— Nenhuma surpresa — grunhiu Tharion. — Sempre lidou com merdas nebulosas.

— Sim, mas ela está vendendo ou comprando?

— Só há um jeito de descobrir.

Eles se aproximaram. A barcaça, perceberam, exibia a pintura de um par de olhos de serpente. E os

engradados empilhados na traseira da embarcação...

— Vendendo — observou Tharion. Ele apontou o queixo para uma silhueta alta de frente para a Rainha Víbora, aparentemente em uma acalorada discussão com alguém ao lado deles. — Aqueles são os compradores. — Um aceno para a pessoa meio escondida nas sombras, argumentando com a figura alta. — Provavelmente, discordando do valor.

A Rainha Víbora vendia sintez. Teria sido ela todo aquele tempo? Por trás das mortes de Danika e da matilha também, apesar do álibi? Ou apenas colocou as mãos na substância assim que vazou do laboratório?

O comprador beligerante balançou a cabeça com desgosto evidente. Mas seus associados pareceram ignorar o que foi dito e entregaram à Rainha Víbora o que se assemelhava a um saco preto. Ela examinou o interior e tirou algo ali de dentro. Ouro brilhou na bruma.

— Aquilo é dinheiro pra caralho — murmurou Tharion. — O bastante para todo o carregamento, aposto.

— Pode chegar mais perto para que possamos ouvir?

Tharion assentiu, e eles flutuaram adiante mais uma vez. A barcaça assomava, a atenção de todos a bordo no acordo em andamento em vez de nas sombras ao redor.

— Acho que vão ver que é o suficiente para seus objetivos — dizia a Rainha Víbora.

Bryce sabia que deveria chamar Hunt e Ruhn e cada legionário e integrante das tropas auxiliares antes que mais sintez invadisse as ruas ou acabasse em mãos mais perigosas. Nas mãos de fanáticos, como Philip Briggs e seu culto.

Pegou o telefone no bolso da jaqueta, apertando um botão para impedir que a tela se acendesse. Com o apertar de outro botão, a câmera foi acionada. Ela tirou algumas fotos do barco, da Rainha Víbora, da silhueta alta e sombria que a encarava. Humano, metamorfo ou feérico, não saberia dizer com a jaqueta e o capuz.

Bryce selecionou o número de Hunt.

— Acho que é o início de uma bela amizade, não acham? — disse a Rainha Víbora para os compradores.

O mais alto deles não respondeu. Apenas deu as costas para os companheiros, rígido, o descontentamento nítido em cada movimento enquanto as primaluces iluminavam o rosto por baixo do capuz.

— Puta merda — sussurrou Tharion.

Não havia mais nada em Bryce além de silêncio gritante quando o rosto de Hunt se tornou claro.



Bryce não sabia dizer como chegou à barcaça. O que havia falado a Tharion para fazê-lo se aproximar. Como saltara da moto aquática e subira a bordo.

Mas foi rápido. Rápido o bastante para que Hunt conseguisse dar apenas três passos antes de ela parar ali, ensopada e se perguntando se vomitaria.

Armas engatilharam, apontadas em sua direção. Ela não as viu.

Viu apenas Hunt dar meia-volta, olhos arregalados.

Claro que ela não o havia reconhecido a distância. Ele não tinha as asas. Mas a constituição forte, a altura, o ângulo da cabeça... Era tudo o anjo.

E o colega a suas costas, aquele que havia entregado o dinheiro... Viktoria. Justinian emergiu das sombras além, as asas pintadas de preto para escondê-las ao luar.

Bryce estava ligeiramente ciente de Tharion atrás de si, dizendo à Rainha Víbora que estava presa em nome da Rainha do Rio. Levemente ciente da risada da metamorfa.

Mas tudo o que ouviu foi o sussurro de Hunt.

— Bryce.

— Que porra é essa? — murmurou ela. A chuva castigava seu rosto. Ela não conseguia ouvir, não conseguia respirar, não conseguia pensar ao repetir, a voz vacilando: — Que *porra* é essa, Hunt?

— É exatamente o que parece — respondeu uma voz fria e profunda a suas costas.

Em uma tempestade de asas brancas, Micah surgiu da névoa e pousou, ladeado por Isaiah, Naomi e seis outros anjos, todos armados até os dentes no preto da legião. Mas não fizeram menção de prender a Rainha Víbora ou seus capangas.

Não, todos encaravam Hunt e seus companheiros. Armas apontadas para eles.

Hunt encarou o governador... em seguida a Rainha Víbora.

— Sua maldita vaca — rosnou ele, baixinho.

A Rainha Víbora riu.

— Me deve um favor agora, governador — disse ela a Micah.

Micah mexeu o queixo em anuência.

— Você nos traiu — sibilou Viktoria, franzindo a testa.

A Rainha Víbora cruzou os braços.

— Sabia que valeria a pena ver quem viria atrás dessa merda quando a informação de que botei as mãos em um carregamento vazasse — argumentou ela, apontando para a sintez. Seu sorriso era puro veneno enquanto encarava Hunt. — Tinha esperança de que fosse você, Umbra Mortis.

A cabeça de Bryce trovejava.

— Do que está falando?

Hunt se virou para ela, o rosto pálido sob os holofotes.

— Não era para ser assim, Bryce. Talvez a princípio, mas vi aquele vídeo hoje à noite e tentei impedir, impedi-los, mas não quiseram *ouvir*...

— Esses três acharam que a sintez seria um modo fácil de recuperar o que lhes foi tirado — explicou a Rainha Víbora. Uma pausa perversa. — O poder para depor seus mestres.

O mundo oscilou sob seus pés.

— Não acredito em você — disse a semifeérica.

Mas o lampejo de dor nos olhos de Hunt lhe disse que a fé cega e estúpida em sua inocência o havia abalado.

— É verdade — disse Micah, a voz como gelo. — Esses três descobriram sobre a sintez dias atrás, e, desde então, têm procurado um modo de comprar a droga... e distribuí-la para seus amigos rebeldes em potencial. De obter seu poder por tempo o bastante

para quebrar os halos e terminar o que Shahar começou no monte Hermon. — Ele assentiu na direção da Rainha Víbora. — Ela foi honrosa em nos informar do plano, depois que Justinian tentou recrutar uma fêmea sob sua... influência.

Bryce balançou a cabeça. Tremia tanto que Tharion a segurou pela cintura.

— Eu lhe disse que descobriria seu preço, Athalar — comentou a Rainha Víbora.

Bryce começou a chorar. Odiou cada lágrima, cada tremor, cada soluço estúpido. Odiou a dor nos olhos de Hunt quando a encarou, apenas ela, e disse:

— Lamento.

— Dias *atrás*? — perguntou ela, apenas.

Silêncio.

— Sabia sobre a sintez há *dias*? — insistiu.

Seu coração... era seu coração idiota que se partia e partia e partia...

— Micah me designou alguns alvos. Três barões das drogas — respondeu o anjo. — Eles confessaram que, há dois anos, uma pequena dose de sintez vazou dos laboratórios Redner. Mas acabou depressa... muito depressa. Disseram que, enfim, depois de dois anos tentando replicar a droga, alguém finalmente havia descoberto a fórmula, e estava sendo produzida... e tinha a capacidade de amplificar nosso poder. Não achei que tivesse nada a ver com o caso...

até recentemente. Não sabia o que diabo podia *fazer* de verdade até ver a gravação dos testes.

— Como. — A palavra cortou a chuva. — Como a droga vazou?

Hunt balançou a cabeça.

— Não importa.

— Danika Fendyr — respondeu Micah.

Bryce recuou um passo dentro do abraço de Tharion.

— Não é possível.

— Danika vendia a droga, Bryce — disse Hunt, com uma gentileza que a dizimou. — Foi por isso que a viram em um barco com um engradado de sintez. Descobri há quase uma semana. Ela roubou a fórmula, vendeu o estoque e... — Ele se interrompeu.

— E *o quê*? — sussurrou ela. — E *o quê*, Hunt?

— E Danika usou ela mesma. Era viciada.

Ela ia vomitar.

— Danika *jamais* faria isso. Nunca teria feito *nada* disso.

Hunt balançou a cabeça.

— Ela o fez, Bryce.

— Não.

— Veja as evidências — disse Hunt, quando Micah não os interrompeu, a voz afiada como uma navalha. — Veja as últimas mensagens que vocês trocaram. As drogas que encontramos em seu organismo naquela noite... eram coisa comum para vocês duas. Então o

que era mais uma droga? Uma que, em pequenas doses, poderia dar uma onda muito mais intensa? Uma que podia relaxar Danika depois de um longo dia, depois de Sabine desancá-la mais uma vez? Uma que lhe deu o gostinho do que seria se tornar a Prima dos Lobos, *deu* aquele poder, enquanto esperava para fazer a Descida com você?

— *Não.*

A voz de Hunt vacilou.

— Ela a tomou, Bryce. Todos os sinais a apontam como a assassina dos dois estudantes da UCLC, na noite do roubo do chifre. Eles a viram roubá-lo, e ela os perseguiu e matou.

Bryce se lembrava da palidez de Danika quando lhe contara sobre a morte dos estudantes, de seus olhos assombrados.

— Não é verdade.

Hunt balançou a cabeça. Como se pudesse desfazer aquilo, desaprender.

— Aqueles barões da droga que matei disseram que Danika foi vista no Mercado da Carne. Falando sobre sintez. Foi como conheceu Maximus Tertian... Ele era um viciado, como ela. A namorada não fazia ideia.

— Não.

Mas Hunt olhou para Micah.

— Imagino que estejamos de partida. — Ele estendeu os punhos. Para as algemas. De fato, aquelas

eram pedras gorsianas... correntes grossas, mágicas... brilhando nas mãos de Isaiah.

— Não vai contar a ela o restante? — perguntou o arcanjo.

Hunt enrijeceu.

— Não é necessário. Vamos.

— Me contar o quê? — sussurrou Bryce. Tharion apertou seus braços como aviso.

— Que ele já sabe a verdade sobre o assassinato de Danika — respondeu o arcanjo, friamente. Entediado. Como se tivesse feito aquilo milhares de vezes, de milhares de modos. Como se já houvesse adivinhado.

Bryce encarou Hunt e viu em seus olhos. Começou a balançar a cabeça, chorando.

— Não.

— Danika usou sintez na noite de sua morte. Tomou demais. Ficou fora de controle. Ela trucidou a própria alcateia. E, então, a si mesma.

Apenas o apoio de Tharion a mantinha de pé.

— Não, não, não...

— Por isso não há nenhum áudio do assassino, Bryce — disse Hunt.

— Ela estava implorando pela própria vida...

— Ela estava se implorando para que parasse — explicou Hunt. — Os únicos rosnados na gravação são os da loba.

Danika. Danika havia assassinado a matilha. Matado Thorne. Matado Connor.

E, então, destroçado a si mesma.

— Mas o chifre...

— Ela deve tê-lo roubado para irritar Sabine. E, depois, com certeza o vendeu no mercado clandestino. Não tem nada a ver com isso. Sempre foi sobre a sintez para ela.

— Sei de fonte segura que Danika roubou as gravações dos testes da sintez dos laboratórios Redner — interrompeu Micah.

— Mas o kristallos...

— Um efeito colateral da droga, quando usada em dosagens maiores — explicou o arcanjo. — A onda de absurda magia que dá ao usuário traz a habilidade de abrir portais, graças ao sal de obsidiana na fórmula. Danika fez justamente isso, invocou o kristallos de modo acidental. O sal preto na sintez pode ter vontade própria. Certa senciência. A quantidade na fórmula da sintez bate com o número profano do kristallos. Com altas doses de sintez, o poder do sal toma o controle e pode conjurar o demônio. Por isso os temos visto nos últimos tempos... a droga está nas ruas agora, em doses muitas vezes maiores do que a recomendada. Como você suspeitava, o kristallos se alimenta de órgãos vitais, usando os esgotos para depositar os corpos no canal. As duas vítimas recentes,

a acólita e a sentinela do templo... foram vítimas infelizes de alguém chapado de sintez.

Silêncio os envolveu outra vez. E Bryce se virou novamente para Hunt.

— Você sabia.

Ele sustentou seu olhar.

— Lamento.

A voz da semifeérica se tornou um grito.

— *Você sabia!*

Hunt avançou um passo em sua direção.

Uma arma brilhou no escuro, pressionada contra sua cabeça, e o parou no ato.

Bryce conhecia aquela pistola. As asas prateadas cunhadas no cano preto.

— Mexa-se e está morto, anjo.

Hunt levantou os braços. Mas os olhos não deixaram Bryce conforme Fury Axtar emergia das sombras além dos engradados de sintez.

Bryce não questionou como Fury havia chegado sem que nem mesmo Micah notasse, ou como sabia que devia aparecer. Fury Axtar era noite líquida... infame por descobrir os segredos do mundo.

Fury se desviou de Hunt, parando ao lado de Bryce. Ela guardou a arma no coldre da coxa, o costumeiro traje preto colado à pele brilhava com a chuva, e o cabelo preto, na altura do queixo, pingava com suas gotas, mas ela disse à Rainha Víbora:

— Suma da minha frente.

Um sorriso malicioso.

— O barco é meu.

— Então se meta onde eu não possa ver sua cara.

Bryce não encontrou forças para ficar chocada com a obediência da Rainha Víbora à ordem de Fury.

Não tinha forças para nada, a não ser encarar Hunt.

— Você sabia — repetiu.

Os olhos de Hunt estudaram os seus.

— Jamais quis magoá-la. Jamais quis que soubesse...

— *Você sabia, você sabia, você sabia!* — Ele havia descoberto a verdade e, por quase uma semana, não lhe contara. Tinha deixado que ela continuasse falando sobre como amava a amiga, como Danika tinha sido ótima, e a *enrolara*. — Toda aquela conversa sobre investigar a sintez ser uma perda de tempo... — Mal conseguia pronunciar as palavras. — Porque já tinha descoberto a verdade. Porque você *mentiu*. — Ela estendeu o braço na direção dos engradados. — Porque você descobriu a verdade, então se deu conta de que queria a sintez para si mesmo? E quando quis ajudar a medbruxa a encontrar um antídoto... foi por *você*. E tudo isso... para se rebelar outra vez?

Hunt caiu de joelhos, como se implorasse seu perdão.

— A princípio, sim, mas eram apenas boatos. Então hoje à noite vi a filmagem que você conseguiu e

quis cancelar o acordo. Sabia que não era certo... nada disso. Até mesmo com o antídoto, era muito arriscado. Eu me dei conta de que *tudo* isso é um caminho sem volta. Mas você e eu, Bryce... *Você* é tudo o que eu quero. Uma vida... com *você*. *Você* é meu maldito caminho. — Ele apontou para Justinian e Viktoria, impassíveis e algemados. — Mandei uma mensagem avisando a eles que era o fim, mas eles surtaram, entraram em contato com a Rainha Víbora e insistiram para que acontecesse *esta noite*. Juro, vim aqui apenas para impedi-los, para dar um maldito *fim* a tudo, antes que se tornasse um desastre. *Nunca*...

Ela pegou a opala branca do bolso e jogou no anjo.

Com tanta força que a pedra bateu na cabeça de Hunt. O sangue fluía de sua têmpora. Como se o próprio halo sangrasse.

— Jamais quero vê-lo de novo — sussurrou ela, enquanto Hunt olhava para a opala ensanguentada no convés.

— Não será um problema — disse Micah, e Isaiah se adiantou, algemas de pedra gorsiana brilhando com um fogo ametista. Iguais às que adornavam os punhos de Viktoria e Justinian.

Bryce não conseguiu conter um tremor conforme se inclinava para Tharion, Fury uma força silenciosa ao seu lado.

— Bryce, me desculpe — pediu Hunt, enquanto um Isaiah de expressão soturna fechava as algemas. — Não posso suportar a ideia de você...

— Basta — disse Fury. — Já disse e fez o suficiente. — A mercenária olhou para Micah. — Deixem ela em paz. Todos vocês. — Ela guiou Bryce até sua moto aquática, boiando placidamente ao lado da de Tharion, o tritão vigiando a retaguarda. — Incomode-a outra vez, e *eu* lhe farei uma visita, governador.

Bryce nem percebeu quando foi colocada na moto. Quando Fury se sentou a sua frente e ligou o motor. Quando Tharion deslizou para a dele e as seguiu, para fazer a segurança delas até a costa.

— Bryce. — Hunt tentou novamente, conforme ela abraçava a cintura esbelta de Fury. — Seu coração já estava quebrado, e a última coisa que eu queria era...

Ela não se virou para encará-lo enquanto o vento fustigava seu cabelo e a moto aquática cortava chuva e escuridão.

— *BRYCE!* — rugiu Hunt.

Ela não se virou.



Ruhn estava no saguão do prédio quando Fury a deixou ali. Tharion se despediu no cais, dizendo que estava voltando para ajudar a rebocar a carga de sintez confiscada, e a mercenária se foi rápido o bastante para que Bryce soubesse que fora se certificar de que a Rainha Víbora não sumiria com nenhum grama, tampouco.

O príncipe não disse nada enquanto subiam no elevador.

Mas ela sabia que Fury havia lhe contado. Convocado o irmão.

A amiga estivera mandando mensagens para alguém no caminho de volta até as docas. E ela havia espiado Flynn e Declan montando guarda nos telhados de seu quarteirão, armados com rifles de longo alcance.

O irmão não disse nada até que chegassem ao apartamento, o lugar sombrio e vazio e alheio. Cada peça de roupa e equipamento de Hunt parecia uma serpente prestes a dar o bote. Aquela mancha de sangue no sofá era o pior de tudo.

Bryce tinha chegado ao meio da sala antes de vomitar no tapete.

De imediato, Ruhn apareceu ao seu lado, braços e sombras a amparando.

Ela podia sentir os próprios soluços, ouvi-los, mas pareciam distantes. O mundo inteiro estava distante quando Ruhn a pegou no colo e a carregou até o sofá, evitando o ponto em que ela havia se rendido completamente a Hunt. Mas ele não fizera nenhum comentário sobre a mancha de sangue e o perfume remanescente.

Não era verdade. Não podia ser verdade.

Nada menos que um bando de viciados. Fora o que Hunt insinuara. Danika e ela não tinham sido melhores que duas viciadas, inalando e cheirando tudo em que colocavam as mãos.

Não foi assim. Nunca fora assim. Tinha sido estupidez, mas por diversão, para distrair e relaxar, jamais com intenção sombria...

Ela tremia tanto que achou que os ossos poderiam se partir.

O aperto de Ruhn se intensificou, como se a quisesse conter.

Hunt devia ter desconfiado que ela estava perto de descobrir a verdade quando havia lhe mostrado os vídeos dos testes. Então tinha tecido mentiras sobre um final feliz para os dois, um *futuro* para eles, tinha a distraído com suas mãos e boca. E, em seguida, como parte dos triários, havia recebido um alerta de seu antigo senhorio sobre a solicitação para visitar o apartamento... e escapulido, deixando que pensasse que estava dormindo. Com certeza, um raio de seu relâmpago começou as chamas.

Ela se lembrou da declaração da ninfa das águas de que não houve vítimas; teria algum fiapo de decência feito o anjo acionar o alarme de incêndio em uma tentativa de avisar às pessoas? Precisava acreditar naquilo.

No entanto, assim que tinha incendiado o prédio de modo que não restasse nenhuma evidência, Hunt havia se encontrado com a Rainha Víbora para barganhar pelos meios de alimentar sua rebelião. A semifeérica não acreditava naquela babaquice de acordo cancelado. Nem por um minuto. Ele sabia a tortura que o aguardava. Teria dito qualquer coisa.

Danika havia matado a Matilha dos Demônios. Matado Thorne e Connor. E, então, a si mesma.

E agora Danika vivia, em vergonha, entre os mausoléus da Cidade Adormecida. Sofrendo. Por causa de Bryce.

Não era verdade. Não podia ser verdade.

Quando Fury voltou, Bryce estivera encarando o mesmo ponto na parede por horas. Ruhn a havia deixado no sofá para conversar com a assassina na cozinha.

Ela ouvia os sussurros de qualquer modo.

Athalar está em uma das celas nos porões do Comitium, disse Fury.

Micah não o executou?

Não. Justinian e Viktoria... Ele crucificou o anjo e fez alguma coisa bizarra com a espectro.

Estão mortos?

Pior. Justinian ainda sangra no saguão do Comitium. Deram a ele alguma coisa para retardar a cicatrização. Estará morto em breve, se tiver sorte.

E quanto à espectro?

Micah a arrancou de seu corpo e enfiou a essência em uma caixa de vidro. E a colocou aos pés do crucifixo de Justinian. Há rumores de que vai jogar a caixa... e Viktoria... na Fossa Melinoë, e a deixar cair até o leito do mar para que enlouqueça com o isolamento e a escuridão.

Puta merda. Não pode fazer nada?

São traidores da República. Foram pegos conspirando contra ela. Então não.

Mas Athalar não foi crucificado ao lado de Justinian?

Acho que Micah pensou em um castigo diferente para ele. Algo pior.

O que poderia ser pior do que o que os outros dois estão sofrendo?

Uma pausa longa, terrível.

Muitas coisas, Ruhn Danaan.

Bryce deixou as palavras a inundarem. Sentada no sofá, encarava a tela escura da televisão. E encarava o abismo dentro de si.

PARTE IV
A RAVINA



Por alguma razão, Hunt havia imaginado uma masmorra de pedra.

Não sabia o porquê, já que estivera naquelas celas temporárias abaixo do Comitium inúmeras vezes para deixar alguns inimigos que Micah queria vivos, mas o anjo tinha visualizado sua captura como um reflexo do que acontecera em Pangera: os imundos calabouços sombrios dos asteri, tão similares aos do palácio de Sandriel.

Não aquela cela branca, as barras cromadas zumbindo com magia para anular a sua. Uma tela na parede do corredor exibia a imagem do átrio do Comitium: o corpo pregado ao crucifixo de ferro no centro e a caixa de vidro, coberta em sangue, posta a seus pés.

Justinian ainda gemia de vez em quando, os dedos dos pés e das mãos tremiam conforme ele era

asfixiado aos poucos, o corpo tentando, e falhando, regenerar os pulmões perfurados. As asas já haviam sido cortadas. Jogadas no chão de mármore abaixo.

Viktoria, a essência invisível naquela caixa de vidro, era forçada a assistir. A suportar o gotejar do sangue de Justinian na tampa de sua prisão.

Hunt havia sentado no estreito catre e assistido a cada segundo do que fora feito aos dois. Como Viktoria tinha gritado quando Micah a arrancara do corpo em que fora aprisionada por tanto tempo. Como Justinian havia lutado, mesmo quando o contiveram e martirizaram seu corpo no crucifixo, mesmo quando os pregos de ferro o atravessaram. Mesmo quando ergueram o crucifixo e ele tinha começado a urrar de dor.

Uma porta se abriu no fim do corredor. Hunt não se levantou do catre para ver quem se aproximava. A ferida em sua têmpora tinha cicatrizado, mas ele não havia se preocupado em lavar a mancha de sangue do rosto e maxilar.

Os passos no corredor eram firmes, sem pressa. Isaiah.

Hunt continuou sentado enquanto o velho companheiro parava diante das barras.

— Por quê. — Não havia nenhum charme, nenhum afeto no belo rosto. Apenas raiva, cansaço e medo.

— Porque isso precisa parar em algum momento — respondeu Hunt, ciente da câmera e pouco se importando.

— Termina quando você está *morto*. Quando *todo mundo que amamos* está morto. — Isaiah apontou para a tela atrás de si, para o corpo destroçado de Justinian e a caixa ensopada de sangue de Viktoria. — Isso o faz sentir que está no caminho certo, Hunt? Valeu a pena?

Quando o anjo havia recebido a mensagem de Justinian sobre o prosseguimento da transação conforme deitava na cama, tinha se dado conta de que *não* valia a pena. Nem mesmo com o antídoto da medbruxa. Não depois daquelas semanas com Bryce. Não depois do que acontecera naquele sofá.

— Nada mudou desde o monte Hermon, Isaiah — respondeu ele, no entanto, porque ainda era verdade. — Nada ficou melhor.

— Há quanto tempo os três vinham planejando essa merda?

— Desde que matei aqueles traficantes. Desde que me contaram sobre a sintez e o que a droga podia fazer. Desde que me disseram que tipo de poder deu a Danika Fendyr quando ela tomou a dose certa. Decidimos que era hora. Sem mais malditas barganhas com Micah. Nada de morte por morte. Apenas aquelas que *nós* escolhemos.

Os três tinham descoberto que havia um lugar, uma pessoa que podia conseguir a droga. Ele havia feito uma visita discreta à Rainha Víbora alguns dias antes. Tinha a encontrado em um de seus covis de peçonha e dito o que queria. Vik tinha ouro, graças aos pagamentos que economizara por séculos.

Não lhe ocorrera que a serpente estaria no bolso do arcanjo. Ou procurando um caminho até ele.

Isaiah balançou a cabeça.

— E achou que *você*, você e Vik e Justinian e quaisquer idiotas que os seguissem poderiam tomar a sintez e o quê? Matar Micah? Sandriel? Todos eles?

— Era a ideia. — Planejavam fazê-lo na Cimeira. Depois, seguiriam até Pangera. Até a Cidade Eterna. E acabariam o que tinham começado havia tanto tempo.

— E se desse errado... se você tomasse demais e se trucidasse em vez disso?

— Eu estava tratando de pôr minhas mãos em um antídoto. — Hunt deu de ombros. — Mas já confessei tudo, então me poupe do interrogatório.

Isaiah bateu com a mão nas barras da cela. Vento soprou no corredor a sua volta.

— Não podia ter deixado para lá, não podia ter servido e provado seu valor e...

— Tentei parar tudo, porra. Estava naquela barcaça porque me dei conta de que... — Ele balançou a cabeça. — Não faz nenhuma diferença

agora. Mas tentei. Vi a gravação do que a droga realmente fazia a quem a tomava, e vi que, até mesmo com um antídoto, era muito perigosa. Mas Justinian e Vik se recusaram a desistir. Quando Vik deu o ouro à Rainha Víbora, eu apenas queria sair dali.

Isaiah sacudiu a cabeça com repulsa.

— Você pode ser capaz de aceitar o cabresto em sua boca, mas *jamais* o farei — cuspiu Hunt.

— Não aceito — sibilou Isaiah. — Mas tenho um motivo para trabalhar por minha liberdade, Hunt. — Um lampejo em seus olhos. — Achei que também tivesse.

O anjo sentiu um embrulho no estômago.

— Bryce não tem nada a ver com isso.

— Claro que não tem. Você estilhaçou seu coração na frente de todos. Era óbvio que ela não fazia ideia.

Hunt se encolheu, o peito apertado.

— Micah não vai atrás dela...

— Não. Você é um maldito sortudo, mas não. Ele não vai crucificá-la para puni-lo. Mas não seja ingênuo o bastante para crer que a ideia não lhe passou pela cabeça.

Hunt não conseguiu conter um arrepio de alívio.

— Micah sabe que você tentou abortar a operação. Viu as mensagens trocadas com Justinian sobre o assunto. Por isso ele está no saguão neste instante, e você aqui.

— O que ele vai fazer comigo?

— Ainda não anunciou. — Sua expressão suavizou um pouco. — Vim me despedir. Para o caso de não conseguir mais tarde.

Hunt assentiu. Ele tinha aceitado seu destino. Havia tentado, e fracassado, e pagaria o preço. Outra vez.

Era um fim melhor que a morte lenta de sua alma conforme tirava vida após vida por Micah.

— Diga a ela que lamento — pediu Hunt. — Por favor.

Afinal, apesar de Vik e Justinian, apesar do fim brutal a caminho, era a visão do rosto de Bryce que o assombrava. A visão das lágrimas que ele tinha provocado.

Ele havia lhe prometido um futuro, e então colocado dor e desespero e mágoa em seu rosto. Jamais se odiara mais.

Os dedos de Isaiah se ergueram na direção das barras conforme estendia a mão para a de Hunt, mas então a baixou de volta à lateral do corpo.

— Direi.

* * *

— Faz três dias — disse Lehabah. — E o governador ainda não anunciou o que vai fazer com Athie.

Bryce ergueu o olhar do livro que lia na biblioteca.

— Desligue a televisão.

Lehabah não fez aquilo, o rosto cintilante fixo na tela do tablet. Nas notícias do saguão do Comitium e do corpo agora apodrecido do soldado dos triários crucificado ali. Na caixa de vidro incrustada em sangue embaixo dele. Apesar da infinita bobajada dos âncoras e analistas, nenhuma informação havia vazado sobre o motivo da execução tão brutal de dois soldados de elite de Micah. *Um golpe frustrado* foi tudo o que haviam sugerido. Nenhuma menção a Hunt. Se estava vivo.

— Ele está vivo — sussurrou a duende. — Sei que está. Posso sentir.

Bryce correu o dedo por uma linha do texto. Era a décima vez que tentava lê-la nos vinte minutos desde que o mensageiro havia partido, deixando um vidro de antídoto da medbruxa que tinha tirado o veneno do kristallos de sua perna. Aparentemente, ela havia descoberto um modo de fazer o antídoto funcionar sem sua presença. Mas Bryce não se impressionou. Não quando o frasco jazia como uma lembrança silenciosa do que ela e Hunt haviam compartilhado naquele dia.

Tinha cogitado jogá-lo fora, mas optara por trancar o antídoto no cofre do escritório de Jesiba, bem ao lado da bala de 15 centímetros do Matador de Deuses. Vida e morte, salvação e destruição, agora sepultadas juntas.

— Violet Kappel disse no noticiário da manhã que podia haver mais rebeldes em potencial...

— Desligue essa tela, Lehabah, antes que eu a jogue no maldito tanque.

As palavras incisivas cortaram a biblioteca. As criaturas rastejantes em suas gaiolas estacaram. Até mesmo Syrinx se remexeu em meio à soneca.

Lehabah desvaneceu a um cor-de-rosa pálido.

— Tem certeza de que não há nada que possamos...

Bryce fechou o livro e o levou consigo, na direção das escadas.

Não ouviu as palavras seguintes de Lehabah por causa da campainha da porta da frente. Estava mais ocupada que de hábito; um total de seis compradores tomaram seu tempo com perguntas sobre merdas que não tinham a menor intenção de comprar. Se ela tivesse de lidar com mais um idiota naquele dia...

Ela olhou para os monitores. E congelou.

* * *

O Rei Outonal estudava a galeria, a sala de exposição abastecida com artefatos inestimáveis, a porta que levava ao escritório de Jesiba e a janela que se abria para o andar. Ele observou a janela por tempo o suficiente para que Bryce se perguntasse se ele conseguia, de algum modo, enxergar pelo vidro

espelhado o Rifle Matador de Deuses, preso à parede atrás da mesa de Jesiba. Se sentia sua presença letal, assim como da bala dourada no cofre da parede adjacente. Mas os olhos do feérico se desviaram para a porta de ferro fechada à direita, e, enfim, para a própria Bryce.

Ele nunca fora visitá-la. Em todos aqueles anos, jamais o fizera. Por que se incomodar?

— Há câmeras por toda a parte — comunicou ela, sentada atrás da mesa, odiando cada lufada do perfume de cinzas e noz-moscada que a transportava doze anos antes, à menina de 13 anos chorosa que tinha sido na última vez que conversaram. — Caso esteja pensando em roubar alguma coisa.

Ele ignorou a provocação e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans preta, ainda conduzindo seu estudo silencioso da galeria. Estava deslumbrante, seu pai. Alto, musculoso, com um rosto absurdamente bonito sob o comprido cabelo ruivo, do tom e textura exatos do seu. Ele parecia apenas poucos anos mais velho que ela — vestido como um jovem, com aquela calça jeans escura e uma camiseta de manga comprida combinando. Mas os olhos cor de âmbar brilhavam cruéis e antigos quando disse afinal:

— Meu filho me contou o que aconteceu no rio, quarta-feira à noite.

Como ele conseguiu transformar a leve ênfase em *meu filho* em um insulto estava além de sua

compreensão.

— Ruhn é um bom cão.

— O *príncipe* Ruhn julgou necessário que eu soubesse, já que você poderia estar... em perigo.

— E, ainda assim, esperou três dias? Tinha esperanças de que eu também fosse crucificada?

Os olhos do pai faiscaram.

— Vim para avisar que sua segurança está garantida, e que o governador sabe que é inocente na questão e não ousará lhe fazer nenhum mal. Mesmo para punir Hunt Athalar.

Ela bufou. O pai ficou tenso.

— É incrivelmente tola se acha que isso não seria o bastante para enfim dobrar Athalar.

Ruhn devia ter lhe contado sobre aquilo também. O desastre que fora seu relacionamento com Hunt. O que quer que tivesse sido; como quer que usá-la pudesse ser chamado.

— Não quero falar no assunto. — Não com ele nem com ninguém. Fury havia sumido de novo, e, apesar de Juniper ter mandado mensagens, Bryce não se aprofundou nas conversas. Então as ligações da mãe e Randall tinham começado. E as grandes mentiras também.

Não sabia por que havia mentido sobre o envolvimento de Hunt. Talvez porque explicar a própria estupidez em deixar Hunt se aproximar... ser tão *cega* ao fato de que o anjo a iludira quando todos a

tinham avisado, de que ele havia lhe dito que amaria Shahar até o dia de sua morte... fosse demais. Deixava a semifeérica arrasada que ele tivesse escolhido a arcanjo e sua rebelião no lugar dela, no lugar *deles*... Ela não podia falar com a mãe sobre aquilo. Não sem perder o que lhe restava de controle.

Então Bryce havia voltado ao trabalho, porque o que mais podia fazer? Não tinha recebido resposta de nenhuma das propostas de emprego.

— *Não* vou falar desse assunto — insistiu ela.

— Você vai falar disso. Com seu rei. — Um crepitar de seu poder fez as primaluces oscilarem.

— Você não é meu rei.

— Legalmente, sou — argumentou o pai. — Você está listada como uma cidadã semifeérica. O que a coloca sob minha jurisdição tanto nesta cidade quanto como membro da Casa de Céu e Sopro.

Ela estalou as unhas.

— É sobre isso que quer falar, *Vossa Majestade*?

— Parou de procurar o chifre?

Ela pestanejou.

— De que importa agora?

— É um artefato letal. Só porque descobriu a verdade sobre Danika e Athalar não significa que quem quer que cobice usá-lo sossegou.

— Ruhn não lhe disse? Danika roubou o chifre para pregar uma peça. Jogou a relíquia em um lugar qualquer enquanto estava chapada. É um beco sem

saída. — Diante da careta do pai, ela explicou: — Os kristallos foram invocados acidentalmente por Danika e pelos outros que tomaram sintez, graças ao sal preto na composição. Estávamos enganados em sequer procurar pelo chifre. Não há ninguém atrás da relíquia.

Ela não conseguia decidir quem odiava mais: Hunt, Danika ou ela mesma por não enxergar as mentiras. Por se *recusar* a ver. Aquilo assombrava cada passo, cada fôlego, cada fúria. Queimava dentro de si.

— Mesmo que nenhum inimigo o procure, vale a pena assegurar que o chifre não caia em mãos erradas.

— Apenas mãos feéricas, certo? — Ela riu, com frieza. — Achei que seu Escolhido estivesse no rastro do chifre.

— Ele está ocupado com outras coisas. — Ruhn devia ter mandado o rei se foder.

— Bem, se lhe ocorrer onde Danika pode tê-lo guardado em meio ao estupor induzido pela sintez, sou toda ouvidos.

— Não é uma bobagem. Mesmo que o chifre esteja há muito inerte, ainda tem um lugar de destaque na história feérica. Imaginei que, com sua *linha de atuação*, tal busca despertasse seu interesse. E o de sua empregadora.

Ela voltou o olhar para a tela do computador.

— Não importa.

Ele hesitou, em seguida seu poder zumbiu, envolvendo cada gravação de áudio, antes de admitir:

— Eu amava muito sua mãe, você sabe.

— Sim, tanto que deixou uma cicatriz no rosto dela.

Ela podia jurar que o pai estremeceu.

— Não pense que se passou um só instante em que não me arrependi de minhas ações. Vivi em vergonha.

— Quase me enganou.

Seu poder ribombou pela sala.

— Você se parece tanto com ela. Mais do que pensa. Ela jamais perdoou ninguém por nada.

— Vou considerar um elogio. — Aquele fogo queimava, impregnando de raiva sua mente, seus ossos.

— Eu a teria feito minha rainha. Já tinha a papelada pronta — disse o pai, em tom baixo.

Ela piscou.

— Que pouco elitista de sua parte. — A mãe jamais havia sugerido nada, nunca insinuara algo do gênero. — Ela teria odiado ser rainha. Teria dito não.

— Ela me amava o bastante para dizer sim. — A certeza adornava suas palavras.

— Acha que, de algum modo, isso apaga o que fez?

— Não. Nada jamais apagará o que fiz.

— Vamos parar por aqui. Apareceu depois de todos esses anos para me dizer essa merda?

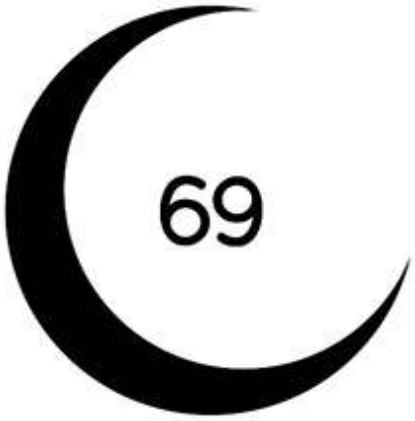
O pai a encarou por um longo momento. Então caminhou até a porta, abrindo-a em silêncio. Antes de sair para a rua, o cabelo ruivo brilhando à luz do sol da tarde, disse:

— Vim aqui depois de todos esses anos para dizer que você pode ser como sua mãe, mas saiu a mim mais do que imagina. — Os olhos cor de âmbar dele... iguais aos de Bryce... faiscaram. — E isso não é nada bom.

A porta se fechou, a galeria escurecendo. Bryce olhou fixamente a tela de computador a sua frente, em seguida digitou algumas palavras.

Ainda não havia nada sobre Hunt. Nenhuma menção ao anjo nos noticiários. Nem um sussurro sobre se o Umbra Mortis estava preso ou sendo torturado, vivo ou morto.

Como se ele nunca tivesse existido. Como se tudo tivesse sido um sonho.



Hunt comeu apenas porque seu corpo exigia, dormiu porque não havia outra coisa a fazer, e assistiu à TV no corredor diante da cela porque foi o responsável pelo que aconteceu a si mesmo, a Vik e a Justinian, e não tinha como voltar atrás.

Micah havia deixado o corpo do legionário pendurado; Justinian iria ficar ali por sete dias completos, depois seria descido do crucifixo... e jogado no Istros. Nada de Veleiros para traidores. Apenas as entranhas das bestas do rio.

A caixa de Viktoria já tinha sido lançada na Fossa Melinoë.

A ideia da espectro aprisionada no leito do oceano, o lugar mais profundo de Midgard, nada além de escuridão e silêncio e aquele espaço tão, tão apertado...

Pesadelos com aquele sofrimento haviam levado Hunt para a privada, a fim de vomitar as tripas.

E, então, a coceira tinha começado. Entranhada nas costas, irradiando através do esqueleto agora em regeneração, aquilo pinicava e pinicava e pinicava. Suas asas incipientes continuavam sensíveis o bastante para que coçá-las resultasse em dor quase insuportável, e, conforme as horas passavam, cada centímetro recomposto o fez cerrar o maxilar para se conter.

Um desperdício, disse silenciosamente ao corpo. Um maldito desperdício regenerar as asas quando estava, muito provavelmente, a horas ou dias de uma execução.

Ele não recebera nenhuma visita desde a de Isaiah, seis dias antes. Havia contado o tempo pela mudança na luz do sol que incidia no saguão exibido pela TV.

Nem um sussurro de Bryce. Não que ousasse ter esperança de que ela acharia um modo de vê-lo, ainda que apenas para que pudesse implorar de joelhos seu perdão. Para que lhe dissesse o que precisava dizer.

Talvez Micah o deixasse apodrecer ali embaixo. Deixasse o anjo enlouquecer como Vik, debaixo da terra, incapaz de voar, incapaz de sentir o ar fresco no rosto.

As portas no fim do corredor sibilaram, e Hunt piscou, despertando do silêncio. Até o miserável comichão torturante nas asas cessou.

Mas o perfume feminino que o atingiu um piscar de olhos mais tarde não era o de Bryce.

Era um cheiro que Hunt conhecia tão bem quanto o dela; que jamais esqueceria enquanto estivesse vivo. Um cheiro que o perseguia em pesadelos, aguçava sua raiva, impedia-o de raciocinar.

A Arcanjo do Quadrante Noroeste de Pangera sorriu enquanto aparecia diante de sua cela. Ele nunca se acostumaria com aquilo: como ela era parecida com Shahar.

— Isso parece familiar — disse Sandriel, a voz suave, bela. Como música. O rosto também.

E, no entanto, os olhos da cor do solo recém-cultivado a denunciavam. Eram incisivos, cunhados por um milênio de crueldade e poder quase absoluto. Olhos que se deleitavam com dor, banhos de sangue e desespero. Aquela sempre fora a diferença entre Shahar e ela... os olhos. Calor nos de uma; morte nos da outra.

— Ouvi dizer que quer me matar, Hunt — disse a arcanjo, cruzando os braços esbeltos. Ela estalou a língua. — Voltamos mesmo ao velho jogo?

Ele não disse nada. Apenas se sentou na cama estreita e a encarou.

— Sabe, quando confiscaram seus pertences, encontraram umas coisas bem interessantes, que Micah foi gentil o bastante em compartilhar. — Ela

pegou um objeto no bolso. O telefone do anjo. — Em especial, isto.

Ela balançou uma das mãos, e a tela do telefone apareceu na TV a suas costas, a conexão sem fio mostrando cada movimento de seus dedos pelos vários aplicativos.

— Seu e-mail, claro, estava cheio de lixo. Você nunca apaga nada? — Ela não esperou uma resposta antes de continuar: — Mas suas mensagens... — Franziu os lábios e clicou na troca mais recente.

Ao que aprecia, Bryce havia mudado o nome de seu contato uma última vez.

Bryce Acha que Hunt é o Cara havia escrito:

Sei que não vai ver isso. Nem mesmo sei por que estou escrevendo para você.

Ela havia enviado uma mensagem um minuto depois. *Eu só...* Em seguida, outra pausa. *Deixa pra lá. Quem quer que esteja vendo isso, deixa pra lá. Pode ignorar.*

E então mais nada. A mente do anjo ficou completamente silenciosa.

— E sabe o que achei absolutamente fascinante? — perguntou Sandriel, saindo das mensagens e clicando nas fotos. — Isso. — Ela riu. — *Olha* só isso. Quem diria que você poderia agir de modo tão... *prosaico*?

Ela apertou a função *slideshow*. Hunt apenas ficou sentado ali, enquanto as fotos apareciam na tela.

O anjo nunca vira aquelas imagens. As fotos que Bryce e ele tinham tirado naquelas semanas.

Lá estava ele, bebendo uma cerveja no sofá, fazendo carinho em Syrinx enquanto assistia a um jogo de solebol.

Lá estava ele, preparando o café da manhã para Bryce, porque tinha passado a gostar da ideia de tomar conta da semifeérica. Ela havia tirado outra foto do anjo trabalhando na cozinha: de sua bunda. Com a própria mão em destaque, num sinal de aprovação.

Ele teria gargalhado, ou sorrido, se a foto seguinte não houvesse aparecido. Uma foto tirada por ele daquela vez, de Bryce no meio de uma frase.

Então uma dos dois na rua, Hunt visivelmente irritado por ser fotografado, enquanto ela sorria de maneira desagradável.

A foto que ele havia feito da semifeérica suja, ensopada e irritada, na grade do esgoto.

Uma foto de Syrinx de barriga para cima, de pernas abertas. Uma foto de Lehabah na biblioteca, posando como uma *pin-up* no pequeno divã. Em seguida, uma foto de sua autoria, do rio ao pôr do sol quando o sobrevoava. Uma foto das costas tatuadas de Bryce no espelho do banheiro enquanto dava uma piscadela atrevida por sobre o ombro. Uma foto que ele havia batido, de uma lontra em seu colete

amarelo, então uma que conseguiu tirar, um segundo depois, da expressão encantada de Bryce.

Não ouviu o que Sandriel dizia.

As fotos tinham começado como uma piada irritante, mas se tornaram reais. Agradáveis. Havia mais dos dois. E mais fotos que Hunt tinha tirado também. Dos pratos que haviam comido, grafites interessantes ao longo dos becos, de nuvens e coisas a que ele geralmente nunca prestava atenção, mas que, de repente, quisera captar. E, então, aquelas em que olhou para a câmera e sorriu.

Aquelas em que o rosto de Bryce parecia brilhar mais intensamente, o sorriso mais suave.

As datas se aproximaram do presente. Lá estavam eles, no sofá, a cabeça da semifeérica em seu ombro, sorrindo de modo franco enquanto ele revirava os olhos. Mas seu braço a envolvia. Os dedos descontraidamente emaranhados no cabelo ruivo. Em seguida, uma foto que ele havia tirado de Bryce com seu boné de solebol. Então uma série ridícula que ela tinha tirado de Geleia Geladinha, Delícia de Pêssego e Princesa Profiterole deitadas na cama do anjo. Dispostas em sua cômoda. Em seu banheiro.

E, depois, algumas outras do rio novamente. Ele tinha uma vaga lembrança da semifeérica pedir a um turista para tirar aquelas. Uma a uma, as diferentes imagens se desenrolavam.

Primeiro, uma foto de Bryce enquanto falava, e ele fazendo careta.

Em seguida, uma da semifeérica sorrindo, e Hunt encarando-a.

A terceira a mostrava ainda sorrindo... e Hunt ainda a encarava. Como se ela fosse a única pessoa no planeta. Na galáxia.

Seu coração trovejava. Nas poucas seguintes, o rosto de Bryce se virou para o seu. Os olhos tinham se encontrado; o sorriso dela, hesitado.

Como se percebesse o modo que ele a olhava.

Na seguinte, estava sorrindo para o chão, os olhos do anjo ainda sobre ela. Um sorriso suave, secreto. Como se soubesse, e não se importasse nem um pouco.

E, então, a última. Ela havia encostado a cabeça no peito dele e abraçado sua cintura. Ele a envolvera com o braço e a asa. E os dois tinham sorrido.

Sorrisos verdadeiros, abertos. Das pessoas que poderiam ter sido, sem a tatuagem em sua testa e a mágoa no coração da semifeérica, o maldito e estúpido mundo ao redor.

Uma vida. Aquelas fotos eram de alguém com uma *vida*, e uma vida muito boa. Um lembrete do que era ter um lar e alguém que se importava caso vivesse ou morresse. Alguém que o fazia sorrir somente de entrar em um cômodo.

O anjo jamais tivera aquilo antes. Com ninguém.

A tela ficou preta, e, em seguida, a apresentação de slides recomeçou.

E ele conseguiu ver, então. Como os olhos de Bryce... tinham parecido tão frios a princípio. Como mesmo com aquelas fotos e poses ridículas, o sorriso não havia alcançado aqueles olhos. Mas, a cada foto, mais luz havia se esgueirado para dentro deles. Alegrando-os. Alegrando os dele também. Até aquelas últimas fotos. Quando Bryce quase brilhava de alegria.

Ela era a coisa mais linda que já vira.

Sandriel sorria como um gato.

— É mesmo isso que queria, Hunt? — Ela apontou para as fotos. Para o rosto sorridente de Bryce. — Ser libertado um dia, casar com a garota, viver uma vida comum, simples? — A arcanjo riu. — O que Shahar diria?

O nome não ressoou. E a culpa que ele julgou que o consumiria nem mesmo chamuscou.

Os lábios cheios de Sandriel se curvaram para cima, um arremedo do sorriso da irmã gêmea.

— Desejos tão simples, doces, Hunt. Mas não é assim que essas coisas terminam. Não para pessoas como você.

Sentiu um nó no estômago. As fotos eram tortura, ele se deu conta. Para lembrar a ele da vida que poderia ter tido. O que ele havia provado naquele sofá com Bryce, na outra noite. O que desperdiçara.

— Sabe, se tivesse bancado o cão obediente — disse Sandriel —, Micah teria eventualmente feito uma petição por sua liberdade. — As palavras acertaram o alvo. — Mas você foi impaciente. Nada esperto. Não conseguiu escolher isso — ela indicou as fotos — em vez de sua vingança mesquinha. — Outro sorriso de cobra. — Então, aqui estamos. Aqui está *você*. — Ela estudou a foto que Hunt havia tirado de Bryce com Syrinx, os pequenos dentes afiados da quimera arreganhados em algo terrivelmente parecido com um sorriso. — Com certeza, a garota vai chorar por um tempo. Mas, então, vai esquecer você e encontrar outro alguém. Talvez haja algum macho feérico que tenha estômago para uma parceira inferior.

Os sentidos de Hunt se inflamaram, o temperamento despertando.

Sandriel deu de ombros.

— Ou ela vai acabar em uma lixeira, com os outros mestiços.

Os dedos do anjo se curvaram em punhos. Não havia ameaça nas palavras de Sandriel. Somente o horrível pragmatismo com que o mundo tratava pessoas como Bryce.

— A questão é — continuou Sandriel —, ela vai superar. E você vai superar, Hunt.

Afinal, ele desviou os olhos de Bryce e das fotos da vida, do lar que os dois construíram. A vida que ele

ainda queria desesperadamente, estupidamente. Suas asas recomeçaram a pinicar.

— O quê.

O sorriso de Sandriel se tornou afiado.

— Não lhe contaram?

O pavor o tomou conforme olhava para o telefone nas mãos da arcanjo. Conforme se dava conta do porquê fora deixado vivo, e do porquê Sandriel recebera permissão de pegar seus pertences.

Eram os pertences *dela* agora.

* * *

Bryce entrou no bar quase vazio logo depois das onze. A falta de uma presença masculina ensimesmada guardando suas costas era como um membro fantasma, mas ela a ignorou, forçou-se a esquecer o assunto ao avistar Ruhn sentado ao balcão, bebendo seu uísque.

Apenas Flynn havia se juntado a ele, o macho muito ocupado no momento, seduzindo uma fêmea com quem jogava sinuca, para dispensar mais que um aceno cauteloso e condoído a Bryce. Ela o ignorou e deslizou para um banco perto de Ruhn, o vestido guinchando contra o couro.

— Oi.

Ruhn a olhou de esguelha.

— Ei.

O barman caminhou até ela, as sobrancelhas erguidas em uma pergunta muda. Bryce balançou a cabeça. Não planejava ficar ali tempo o bastante para um drinque, água ou outra coisa. Queria terminar com aquilo o mais rapidamente possível, então voltar para casa, tirar o sutiã e colocar o pijama.

— Queria passar aqui para agradecer — disse Bryce. Ruhn apenas a encarou. Ela assistia ao jogo de solebol na TV acima do bar. — Pelo outro dia. Noite. Por cuidar de mim.

Ruhn estreitou os olhos para o teto.

— O quê? — perguntou ela.

— Estou apenas verificando se o céu está caindo, já que você está me agradecendo por algo.

Ela acertou seu ombro.

— Babaca.

— Você podia ter ligado ou mandado uma mensagem. — Ele tomou um gole do uísque.

— Achei que seria mais adulto agradecer cara a cara.

O irmão a estudou cuidadosamente.

— Como está se sentindo?

— Já estive melhor — admitiu ela. — Me sinto como uma maldita imbecil.

— Você não é.

— Ah, é? Meia dúzia de pessoas me avisou, inclusive você, para tomar cuidado com Hunt, e ri na

cara de todos. — Ela soltou um suspiro. — Eu devia ter percebido.

— Em sua defesa, não pensei que Athalar ainda fosse tão cruel. — Os olhos azuis faiscaram. — Achei que suas prioridades haviam mudado nos últimos tempos.

Ela revirou os olhos.

— Sim. Você e nosso velho e querido pai.

— Ele foi vê-la?

— Sim. E me disse que sou um monte de merda igualzinho a ele. Tal pai, tal filha. O fruto não cai longe da árvore ou qualquer coisa assim.

— Você não se parece em nada com ele.

— Não minta para uma mentirosa, Ruhn. — Ela deu um tapinha no bar. — Enfim, foi tudo o que vim dizer. — Ela notou Áster pendurada no quadril do irmão, o punho preto refletindo as primaluces do local. — Está de patrulha hoje à noite?

— Não até meia-noite. — Com seu metabolismo feérico, o uísque teria sido eliminado de seu organismo muito antes.

— Bem... Boa sorte. — Ela desceu da banqueta, mas Ruhn a parou ao tocar seu cotovelo.

— Vou fazer uma reunião em minha casa em algumas semanas, para assistir à grande partida de solebol. Por que não aparece?

— Passo.

— Apenas para o primeiro tempo. Se não curtir, sem problemas. Saia quando quiser.

Ela examinou o rosto do irmão, sopesando a oferta ali. A mão estendida.

— Por quê? — perguntou ela, em tom baixo. — Por que ainda se preocupa?

— Por que continua me afastando, Bryce? — A voz estava tensa. — Não tem a ver apenas com aquela briga.

Ela engoliu em seco, a garganta fechada.

— Você era meu melhor amigo — respondeu ela. — Antes de Danika, você era meu melhor amigo. E eu... Não importa mais. — Ela havia se dado conta, então, que a verdade não importava... não iria *deixar* que importasse. Deu de ombros, como se aquilo fosse ajudar a aliviar o peso em seu peito. — Talvez possamos recomeçar. Em caráter experimental *apenas*.

Ruhn começou a sorrir.

— Então vai assistir ao jogo lá em casa?

— Juniper disse que passaria no apartamento nesse dia, mas vamos ver se vai se animar mesmo. — Os olhos azuis de Ruhn cintilaram como estrelas, mas Bryce o cortou: — Mas sem promessas.

Ele ainda sorria quando ela se levantou do banco.

— Vou guardar um lugar para você.



Fury estava sentada no sofá quando Bryce voltou do bar. No mesmo lugar em que a semifeérica tinha se acostumado a ver Hunt.

Bryce jogou as chaves na mesa ao lado da porta e soltou Syrinx em cima da amiga.

— Ei — disse.

— Ei, você. — Fury lançou a Syrinx um olhar que o paralisou. Aquilo o fez sentar o traseiro felpudo no tapete, a cauda de leão balançando, e esperar até que ela se dignasse a cumprimentá-lo. Fury o fez em um piscar de olhos, acariciando as orelhas caídas, aveludadas.

— E aí? — Bryce descalçou os sapatos de salto, girou os pés doloridos algumas vezes e esticou o braço para descer o zíper do vestido. Deuses, era incrível não sentir nenhuma dor na perna... nem sequer um lampejo. Ela caminhou descalça até o quarto antes

que Fury pudesse responder, sabendo que a ouviria mesmo assim.

— Tenho novidades — disse Fury, descontraída.

Bryce despiu o vestido, suspirando enquanto tirava o sutiã, e colocou um short e uma velha camiseta antes de prender o cabelo em um rabo de cavalo.

— Deixe-me adivinhar — falou do quarto, enfiando os pés em chinelos. — Enfim se deu conta de que usar preto o tempo todo é um tédio e quer minha ajuda para encontrar roupas normais?

Uma risada discreta.

— Espertinha.

Bryce saiu do quarto, e Fury a encarou com aquele olhar ágil de assassina. Tão diferente do de Hunt.

Mesmo quando Fury e ela saíam para se divertir, a amiga nunca abandonava, de fato, aquele brilho gélido. Aquela determinação e distância. Mas o olhar de Hunt...

Ela interrompeu sua linha de raciocínio. A comparação. Aquele fogo bramindo em suas veias se acendeu.

— Olhe — disse Fury, se levantando do sofá. — Estou a caminho da Cimeira uns dias mais cedo. Portanto, achei que era melhor que soubesse algo antes de minha partida.

— Você me ama e vai escrever sempre?

— Deuses, você é impossível — disse Fury, passando a mão pelo corte elegante. Bryce sentia falta

do rabo de cavalo comprido que a amiga tinha usado na faculdade. De algum modo, o novo look fazia Fury parecer ainda mais letal. — Desde que a conheci naquela aula idiota, você tem sido impossível.

— Sim, mas você adora. — Bryce se dirigiu para a geladeira.

Um bufar.

— Olhe, vou lhe contar esse lance, mas primeiro quero que me prometa que não vai fazer nada estúpido.

Bryce estacou com os dedos no puxador da geladeira.

— Como já me disse várias vezes, *estúpida* é meu nome do meio.

— Estou falando sério. Não acho que algo possa sequer ser feito, mas preciso que me prometa.

— Prometo.

Fury analisou seu rosto, em seguida se apoiou no balcão da cozinha.

— Micah deu Hunt.

Aquele fogo em suas veias se transformou em cinzas.

— Para quem?

— Quem você acha? Para a maldita Sandriel.

Ela não conseguia sentir os braços, as pernas.

— Quando.

— Você disse que não faria nada estúpido.

— Perguntar por detalhes é estupidez?

Fury balançou a cabeça.

— Essa tarde. Aquele bastardo sabia que devolver Hunt a Sandriel seria uma punição maior que crucificá-lo publicamente, ou enfiar sua alma em uma caixa e jogá-la no mar.

Era. Por muitas razões.

— Amanhã à tarde, ela e os outros anjos seguirão para a Cimeira. — continuou Fury. — Sei de fonte segura que assim que o encontro acabar, na próxima semana, ela voltará para Pangera a fim de lidar com os rebeldes da Ophion. Com Hunt a reboque.

E ele nunca mais seria livre. O que Sandriel faria com ele... O anjo merecia. O maldito merecia *tudo aquilo*.

— Se está tão preocupada que eu faça algo estúpido, por que me contar afinal?

Os olhos escuros de Fury esquadrinharam seu rosto outra vez.

— Porque... apenas achei que devia saber.

Bryce se virou para a geladeira e a abriu.

— Hunt cavou a própria cova.

— Então vocês dois não...

— Não.

— Mas o cheiro do anjo está em você.

— Moramos juntos neste apartamento por um mês. Imagino que acabaria acontecendo.

Ela havia gastado uma indecente quantia de marcos de prata para tirar o sangue do sofá. Assim

como todos os traços do que tinham feito sobre o estofado.

Uma pequena e forte mão fechou a porta do refrigerador. Fury a fuzilava com o olhar.

— Não me faça de idiota, Quinlan.

— Não estou fazendo. — Bryce deixou a amiga ver seu verdadeiro rosto. Aquele de que o pai havia falado. Aquele que não ria ou se importava com nada nem ninguém.

— Hunt é um mentiroso. Ele *mentiu* para mim.

— Danika fazia umas paradas escrotas, Bryce. Sabe disso. Sempre soube e deixou para lá, desviou o olhar. Não tenho certeza se Hunt estava mentindo sobre isso.

Bryce arreganhou os dentes.

— Já superei isso.

— Isso o quê?

— Tudo. — Ela abriu a porta do refrigerador de novo, afastando Fury do caminho. Para sua surpresa, a amiga permitiu que o fizesse. — Por que não volta para Pangera e me ignora por mais dois anos?

— Não a ignorei.

— Uma porra que *não* — cuspiu Bryce. — Você fala com June o tempo todo, mas foge de minhas ligações e mal responde minhas mensagens?

— June é diferente.

— Sim, eu sei. É especial.

Fury pestanejou.

— Você quase *morreu* naquela noite, Bryce. E Danika morreu *de fato*. — A assassina engoliu em seco. — Eu lhe dei drogas...

— Comprei minha raiz-alegre.

— E eu comprei caça-luz. Não me importo, Bryce. Fiquei muito próxima de vocês, e *coisas ruins* acontecem quando faço isso com as pessoas.

— Mas ainda pode conversar com Juniper? — A garganta de Bryce se fechou. — Eu não valia o risco?

— Juniper e eu temos algo que não é da *porra* de sua conta — sibilou Fury. Bryce conteve um soluço. Juniper jamais tinha dado qualquer pista, jamais sugerido... — Seria mais fácil arrancar meu coração do que parar de falar com ela, ok?

— Saquei, saquei — disse Bryce, soltando um longo suspiro. — O amor supera tudo.

Pena que Hunt não tivesse aprendido aquilo. Ou tinha, mas havia escolhido a arcanjo que ainda era dona de seu coração, e a *causa*. Pena que Bryce tivesse sido tola o bastante para acreditar nas bobagens do amor... e permitir que a cegassem.

A voz de Fury vacilou.

— Você e Danika eram minhas amigas. Eram esses dois malditos *filhotinhos* estúpidos, que invadiram minha vida perfeita, e então uma de vocês foi assassinada. — Fury arreganhou os dentes. — E. Não. Consegui. Lidar. Com. Essa. Porra.

— Precisei de você. Precisei de você *aqui*. Danika morreu, mas foi como se eu perdesse você também. — Bryce não lutou contra as lágrimas. — Você se foi como se não fosse nada.

— Não foi assim. — Fury suspirou. — Merda, Juniper não disse *nada* a você? — Diante do silêncio de Bryce, ela xingou outra vez. — Olhe, ela e eu estivemos trabalhando muitas de minhas merdas, ok? Sei que meu sumiço foi cagada. — Ela passou os dedos pelo cabelo. — É só que... é mais fodido do que pensa, Bryce.

— Dane-se.

Fury inclinou a cabeça.

— Preciso ligar para Juniper?

— Não.

— Isso é uma reprise de dois invernos atrás?

— Não. — Juniper devia ter lhe contado sobre aquela noite no telhado. Aparentemente, contavam tudo uma à outra.

Bryce pegou um vidro de manteiga de amêndoas, destampou e enfiou uma colher.

— Bem, divirta-se na Cimeira. Vejo você em dois anos.

Fury não riu.

— Não me faça me arrepender de ter lhe contado tudo isso.

Ela encontrou o olhar sombrio da amiga.

— Já superei — repetiu.

Fury suspirou.

— Tudo bem. — Seu telefone vibrou, e ela olhou para a tela antes de dizer: — Volto em uma semana. Então vamos passar um tempo juntas, ok? Talvez sem gritar uma com a outra.

— Claro.

Fury seguiu para a porta, mas parou na soleira.

— Vai ficar tudo bem, Bryce. Sei que os últimos dois anos foram uma merda, mas vai melhorar. Já aconteceu comigo, e prometo que melhora.

— Ok. — Bryce acrescentou, porque preocupação verdadeira iluminou o rosto normalmente frio de Fury: — Obrigada.

Fury estava com o telefone colado à orelha antes que a semifeérica fechasse a porta.

— Sim, estou a caminho — disse a mercenária. — Bem, por que não cala a porra da boca e me deixa dirigir para que eu possa chegar em tempo, babaca?

Pelo olho mágico, Bryce a observou entrar no elevador. Em seguida, cruzou a sala e olhou através da janela conforme Fury entrava em um sofisticado carro esporte preto, ligava o motor e rugia pelas ruas.

Bryce olhou para Syrinx. A quimera balançava sua pequena cauda de leão.

Hunt tinha sido dado. Ao monstro que ele odiava e temia acima de todos os outros.

— Já *superei* — repetiu para Syrinx.

Ela olhou para o sofá e quase podia ver Hunt sentado ali, o boné de solebol ao contrário, assistindo a um jogo na TV. Quase podia ver seu sorriso ao encará-la por sobre o ombro.

Aquele fogo rugindo em suas veias parou... e se redirecionou. Ela não perderia outro amigo.

Especialmente não Hunt. Nunca Hunt.

Não importava o que ele havia feito, o que e quem escolhera, mesmo que fosse a última vez que visse o anjo... ela não iria permitir que acontecesse. Que ele fosse para o Inferno depois, mas ela o faria. Por ele.

Syrinx ganiu, andando em círculos, as garras estalando no piso de madeira.

— Prometi a Fury não fazer nada *estúpido* — argumentou Bryce, os olhos na tatuagem de Syrinx. — Não disse nada sobre fazer algo esperto.



Hunt tinha uma noite para vomitar as tripas.

Uma noite naquela cela, provavelmente o último resquício de segurança que teria pelo restante de sua existência.

Sabia o que aconteceria depois da Cimeira. Quando Sandriel o levasse de volta ao castelo, nas montanhas enevoadas e selvagens do noroeste de Pangera. À cidade cinzenta e seu seio.

Afinal, tinha vivido aquilo por mais de cinquenta anos.

Ela havia deixado as fotos rodando na tela da TV do corredor, então ele podia ver Bryce repetidas vezes. Ver o modo como ela o olhara no fim, como se não fosse um completo desperdício.

Não era apenas para torturá-lo com o que tinha perdido.

Era um lembrete. De quem sofreria se ele desobedecesse. Se resistisse. Se reagisse.

Pela manhã, ele havia parado de vomitar. Lavado o rosto na pequena pia. Uma muda de roupas tinha chegado para ele. Sua habitual armadura preta. Sem capacete.

As costas coçaram incessantemente enquanto se vestia, a roupa arranhando as asas que tomavam forma. Logo estariam regeneradas por completo. Uma semana de cuidadosa fisioterapia depois daquilo, e ele estaria nos céus.

Se um dia Sandriel o deixasse sair das masmorras.

Ela o havia perdido uma vez, para pagar suas dívidas. O anjo alimentava poucas ilusões de que ela permitiria que o fato se repetisse. Não até encontrar um meio de fazê-lo pagar pelo modo como dizimou suas forças no monte Hermon. Como Shahar e ele estiveram perto de destruí-la completamente.

Não foi até o pôr do sol que vieram buscá-lo. Como se Sandriel quisesse cozinhá-lo em banho-maria o dia todo.

Hunt deixou que o algemassem com as pedras gorsianas outra vez. Sabia o que as pedras fariam se fizesse sequer um movimento abrupto. Desintegração de osso e sangue, o cérebro se tornaria uma sopa antes de escorrer pelo nariz.

A escolta armada, dez ao todo, levou o anjo da cela e até o elevador. Onde Pollux Antonius, o

comandante louro dos triários de Sandriel, o aguardava com um sorriso no rosto bronzeado.

Hunt conhecia bem aquele sorriso morto, cruel. Fez o que pôde para esquecê-lo.

— Sentiu saudade, Athalar? — perguntou Pollux, a voz cristalina em contraste com o monstro à espreita no interior. O Martelo podia esmagar campos de batalha e se deliciar com cada segundo da carnificina. Do medo e da dor. A maioria dos vanir jamais escapava. Nenhum humano jamais o fez.

Mas Hunt não deixou sequer um vislumbre de sua raiva, de seu ódio diante daquela visão sorridente e bela transparecer em seu semblante. Um brilho de irritação surgiu nos olhos cor de cobalto de Pollux, as asas brancas farfalhando.

Sandriel aguardava no saguão do Comitium, os últimos raios do sol poente iluminando o cabelo cacheado.

O saguão. Não a plataforma de pouso vários andares acima. Então ele talvez visse...

Talvez visse...

Justinian ainda preso ao crucifixo. Apodrecendo.

— Achamos que quisesse se despedir — ronronou Pollux em seu ouvido enquanto atravessavam o saguão. — A espectro, claro, está no fundo do mar, mas tenho certeza de que sabe que você sentirá saudade.

Hunt deixou as palavras do macho flutuarem através de si, para além. Seriam apenas o começo. Tanto para o Martelo quanto para a própria Sandriel.

A arcanjo sorriu para Hunt conforme se aproximavam, a crueldade em sua expressão fazia o sorriso de Pollux parecer descaradamente agradável. Mas ela não disse nada quando deu meia-volta na direção das portas do saguão.

Uma van de transporte blindada aguardava do lado de fora, as portas traseiras abertas. Esperando por ele, já que nem fodendo poderia voar. Pelo brilho debochado nos olhos de Pollux, Hunt tinha a impressão de que sabia quem o acompanharia.

Anjos dos cinco prédios do Comitium enchiam o recinto.

Ele notou a ausência de Micah... covarde. Com certeza, o bastardo não queria manchar sua imagem ao testemunhar o horror que havia infligido. Mas Isaiah estava parado em meio à multidão reunida, a expressão soturna. Naomi deu a Hunt um aceno sério.

Era tudo que ousava, o único adeus que poderiam trocar.

Em silêncio, os anjos observavam Sandriel. Pollux. Hunt. Não tinham vindo para provocar, para testemunhar seu desespero e humilhação. Eles, também, tinham vindo para se despedir.

Cada passo na direção das portas de vidro levou uma eternidade, era impossível. Cada passo parecia uma abominação.

Era culpa sua, havia feito aquilo a si mesmo e aos companheiros, e pagaria de novo e de novo e...

— *Espere!* — A voz feminina cortou o saguão.

Hunt congelou. Todo mundo congelou.

— *Espere!*

Não. Não, ela não podia estar ali. Ele não conseguiria suportar que ela o visse assim, joelhos trêmulos e quase vomitando novamente. Porque Pollux estava a suas costas, e Sandriel se postou a sua frente, e eles a destruiriam...

Mas lá estava Bryce. Correndo na direção deles. Na direção dele.

Medo e dor lhe contraíam o rosto, mas os olhos arregalados estavam colados em Hunt enquanto ela gritava outra vez, para Sandriel, para o saguão repleto de anjos:

— *Espere!*

Ela parecia sem fôlego quando a multidão se dividiu. Sandriel vacilou, Pollux e os guardas imediatamente em alerta, forçando Hunt a parar também.

Bryce escorregou e parou diante da arcanjo.

— Por favor — ofegou ela, apoiando as mãos nos joelhos, o rabo de cavalo sobre um dos ombros

enquanto ela tentava recuperar o fôlego. Não parecia mancar. — Por favor, espere.

Sandriel a observou, como se a semifeérica fosse um mosquito zumbindo em volta de sua cabeça.

— Sim, Bryce Quinlan?

Bryce se endireitou, ainda ofegando. Olhou para Hunt por um longo tempo, por uma eternidade, antes de se dirigir à Arcanjo do Quadrante Noroeste de Pangera.

— Por favor, não o leve.

Hunt mal conseguia suportar ouvir a súplica naquela voz. Pollux soltou uma risada suave e odiosa.

Sandriel não parecia feliz.

— Ele me foi ofertado. Os papéis foram assinados ontem.

Bryce tirou algo do bolso, fazendo os guardas a sua volta sacarem as armas. Em um piscar de olhos, a espada de Pollux estava em punho, apontada para ela com letal eficiência.

Mas não foi uma arma ou uma faca. E sim um pedaço de papel.

— Então me deixe comprá-lo de você.

Silêncio sepulcral.

Em seguida, Sandriel riu, um som rico e musical.

— Sabe quanto custa...

— Pago noventa e sete milhões de marcos de ouro.

O chão tremeu sob Hunt. As pessoas ofegaram. Pollux piscou, encarando Bryce novamente.

A semifeérica estendeu um pedaço de papel na direção de Sandriel, embora a malakh não o pegasse. Mesmo alguns metros atrás da arcanjo, Hunt discerniu o que estava escrito com sua visão aguçada.

Comprovante de fundos. Um cheque do banco, para Sandriel. De quase cem milhões de marcos.

Um cheque de Jesiba Roga.

Horror eclodiu por seu corpo, deixando-o sem fala. Quantos anos Bryce havia somado a sua dívida?

Ele não merecia. Não a merecia. Nem por um segundo. Nem em mil anos...

Bryce balançou o cheque em direção a Sandriel.

— Doze milhões a mais que o preço que pediu quando o vendeu, certo? Você vai...

— Sei fazer contas.

Bryce continuou com o braço estendido. Esperança no belo rosto. Então ela o ergueu, Pollux e os guardas tensos outra vez. Mas foi apenas para soltar o amuleto de ouro do pescoço.

— Aqui. Para adoçar o acordo. Um amuleto archesiano. Tem quinze mil anos e vale três milhões de marcos de ouro no mercado.

Aquele pequeno cordão valia três *milhões* de marcos de ouro?

Bryce ofereceu tanto o cordão quanto o cheque, o ouro cintilando.

— Por favor.

Ele não podia permitir que fizesse aquilo. Nem mesmo pelo que restava da própria alma. Hunt abriu a boca, mas a arcanjo pegou o cordão pendurado nos dedos de Bryce. Sandriel olhou de um para o outro. Leu tudo no rosto de Hunt. Um sorriso de serpente curvou sua boca.

— A lealdade a minha irmã era sua qualidade redentora, Athalar. — Ela apertou o amuleto no punho. — Mas parece que aquelas fotos não mentiam.

O amuleto archesiano derreteu em fiapos de ouro no chão.

Algo se rompeu no peito de Hunt diante da devastação que crispava o rosto de Bryce.

— Dê o fora daqui, Bryce — disse ele baixinho, suas primeiras palavras do dia.

Mas a semifeérica guardou o cheque no bolso. E caiu de joelhos.

— Então leve a mim. — Terror o agitou, tão violento que ele não tinha palavras quando Bryce encarou Sandriel, lágrimas lhe inundando os olhos, conforme insistia: — Leve-me em seu lugar.

Um sorriso preguiçoso se espalhou no rosto de Pollux.

Não. Ela já havia trocado seu lugar de descanso eterno no Quarteirão dos Ossos por Danika. Hunt não a deixaria trocar sua vida mortal por ele. Não por ele...

— *Não ouse!* — O grito do macho ecoou pelo saguão. Em seguida, Ruhn estava ali, envolto em sombras, Declan e Flynn o flanqueando. Não eram tolos para pegar as armas enquanto avaliavam os guardas de Sandriel... se davam conta de que Pollux Antonius, o Martelo, estava parado ali, a espada pronta a atravessar o peito de Bryce se Sandriel desse sequer um aceno.

O Príncipe Herdeiro dos Feéricos apontou para Bryce.

— Saia do chão.

Bryce não se mexeu.

— Leve-me no lugar dele — insistiu, apenas.

— *Fique quieta* — disparou Hunt, enquanto Ruhn rosnava para a arcanjo:

— Não escute uma palavra do que ela diz...

Sandriel deu um passo na direção de Bryce. Outro. Até que estava diante da semifeérica, encarando o rosto corado.

— Sandriel... — implorou Hunt.

— Você oferece sua vida — disse Sandriel a Bryce. — Sem ser coagida, forçada.

Ruhn avançou, as sombras se desdobrando ao seu redor, mas Sandriel ergueu uma das mãos e uma parede de vento o conteve. Aquilo engalfinhou as sombras do príncipe, dissipando-as.

Também segurou Hunt enquanto Bryce encontrava o olhar de Sandriel e respondia:

— Sim. Em troca da liberdade de Hunt, me ofereço em seu lugar. — A voz tremia, vacilava. Ela sabia o que ele tinha sofrido nas mãos da arcanjo. Sabia que o que a esperava seria ainda pior.

— Todos aqui podem me chamar de tola por aceitar essa barganha — ponderou Sandriel. — Uma mestiça sem poder ou esperança de conquistar algum... em troca da liberdade de um dos mais poderosos malakim que já escureceu os céus. O único guerreiro em Midgard que pode empunhar o relâmpago.

— Sandriel, *por favor* — implorou Hunt. O ar arrebatado de sua garganta engasgou as palavras.

Pollux sorriu de novo. Hunt arreganhou os dentes para o Martelo enquanto Sandriel acariciava a bochecha de Bryce com uma das mãos, secando suas lágrimas.

— Mas conheço seu segredo, Bryce Quinlan — sussurrou a arcanjo. — Sei o prêmio que é.

— Já é o *bastante*... — interrompeu Ruhn.

Sandriel tocou o rosto de Bryce outra vez.

— A única filha do Rei Outonal.

Os joelhos de Hunt estremeceram.

— Puta merda — murmurou Tristan Flynn. Declan havia ficado pálido como a morte.

— Sim, que prêmio para se possuir — Sandriel ronronou para Bryce.

O rosto do primo congelou de terror.

Primo não. *Irmão*. Ruhn era irmão de Bryce. E ela era...

— O que seu pai acha da filha bastarda pedir emprestado uma quantia tão exorbitante a Jesiba Roga? — continuou Sandriel, rindo enquanto Bryce começava a chorar copiosamente. — Que vergonha para sua casa real, saber que vendeu sua vida para uma feiticeira desclassificada.

Os olhos suplicantes de Bryce encontraram os de Hunt. Os olhos cor de âmbar do Rei Outonal.

— Achou que estava a salvo de *mim*? Que eu não a investigaria depois daquela cena durante minha chegada? Meus espiões são os melhores. Encontraram o que não podia ser encontrado. Incluindo seu teste de expectativa de vida, feito há doze anos, e quem este revelava ser seu pai. Muito embora o rei tenha pago uma soma exorbitante para manter tudo enterrado.

Ruhn se adiantou, vencendo o vento de Sandriel ou recebendo permissão para fazê-lo. Ele segurou Bryce sob o braço e a ergueu.

— Ela é uma fêmea da casa real dos feéricos e uma civitas plena da República. Eu a reivindico como minha irmã de sangue.

Palavras antigas. De leis que jamais haviam sido mudadas, embora o sentimento público sim.

Bryce se virou para ele.

— *Você não tem o direito...*

— Pela lei feérica, conforme aprovado pelos asteri — prosseguiu Ruhn —, ela é *minha* propriedade. De meu pai. E não permito que troque de lugar com Athalar.

As pernas de Hunt quase cederam com o alívio. Mesmo quando Bryce empurrou Ruhn, unhando o irmão, e rosnou:

— Não sou propriedade...

— Você é uma fêmea feérica de minha linhagem — disse Ruhn, friamente. — É minha propriedade e de meu pai até se casar.

Ela olhou para Declan, para Flynn, cujas expressões solenes deviam ter lhe dito que não encontraria aliados entre os dois.

— *Nunca* vou perdoá-lo. *Nunca*...

— Terminamos aqui — disse Ruhn para Sandriel.

Ele puxou Bryce para longe, os amigos entrando em formação ao redor de ambos, e Hunt tentou memorizar o rosto de Bryce, apesar do desespero e da raiva que o desfiguravam.

Ruhn a puxou de novo, mas ela se debateu.

— Hunt — implorou ela, estendo uma das mãos na direção do anjo. — Vou encontrar um meio.

Pollux gargalhou. Sandriel apenas deu-lhes as costas, entediada.

Mas Bryce continuou a tentar alcançá-lo, mesmo enquanto Ruhn a arrastava para as portas.

Hunt encarou os dedos estendidos. A esperança desesperada naqueles olhos.

Ninguém jamais havia lutado por ele. Ninguém jamais tinha se importado o bastante para fazê-lo.

— *Hunt* — suplicou Bryce, trêmula. Os dedos esticados. — *Vou achar um modo de salvá-lo.*

— *Pare com isso* — ordenou Ruhn, e segurou-a pela cintura.

Sandriel caminhou na direção das portas do saguão e do comboio à espera.

— Devia ter cortado a garganta de sua irmã quando teve chance, príncipe. Falo por experiência própria — disse ela a Ruhn.

Os soluços angustiantes de Bryce destroçaram Hunt enquanto Pollux o empurrava para que começasse a andar.

Ela jamais desistiria dele, nunca perderia a esperança. Portanto, Hunt deu o golpe de misericórdia quando passou por ela, mesmo que cada palavra o ferisse.

— Não devo nada a você, e você não me deve nada. Nunca mais me procure.

Bryce articulou seu nome. Como se ele fosse a única pessoa no recinto. Na cidade. No planeta.

E foi apenas quando estava no veículo blindado, quando suas correntes estavam presas nas barras laterais de metal e Pollux sorria a sua frente, quando o motorista havia embarcado para a viagem de cinco

horas até o coração do deserto Psamathe, onde a Cimeira aconteceria em cinco dias, que ele se permitiu respirar.

* * *

Ruhn assistiu enquanto Pollux colocava Athalar na van da prisão. Assistiu enquanto o veículo ganhava vida e velocidade, assistiu enquanto a multidão no saguão se dispersava, marcando o fim daquele maldito desastre.

Até que Bryce escapou de seu aperto. Até que Ruhn permitiu. Ódio, puro e genuíno, contorcia suas feições quando disse outra vez:

— *Nunca* vou perdoá-lo por isso.

— Tem ideia do que Sandriel faz com seus escravizados? Sabe que era Pollux Antonius, o maldito Martelo, com ela? — perguntou Ruhn, com frieza.

— Sim. Hunt me contou tudo.

— Então é uma maldita idiota. — Ela avançou contra ele, mas Ruhn sibilou: — Não vou me desculpar por protegê-la... nem da arcanjo, nem de si mesma. Eu entendo, mesmo. Hunt era seu... o que quer fosse para você. Mas a última coisa que ele iria querer é...

— Vá se foder. — Sua respiração ficou ofegante. — *Vá se foder, Ruhn.*

Ruhn ergueu o queixo na direção das portas do saguão.

— Vá choramingar para outra pessoa. Vai achar difícil encontrar alguém que concorde com você.

Os dedos da semifeérica se curvaram na lateral do corpo. Como se ela quisesse esmurrar o irmão, unhá-lo, despedaçá-lo.

Mas ela apenas cuspiu aos pés de Ruhn e se foi. Bryce alcançou a moto e não olhou para trás enquanto desaparecia.

— Que porra, Ruhn — disse Flynn, em tom baixo.

Ruhn prendeu o fôlego. Não queria nem pensar em que tipo de barganha ela havia fechado com a feiticeira para conseguir aquela quantia.

Declan balançava a cabeça. E Flynn... desapontamento e mágoa brilhavam em seu semblante.

— Por que não nos contou? Sua *irmã*, Ruhn? — Flynn apontou para as portas de vidro. — Ela é a porra da nossa *princesa*.

— Não é — grunhiu Ruhn. — O Rei Outonal não a reconheceu nem o fará.

— Por quê? — exigiu Dec.

— Porque ela é sua filha bastarda. Porque não gosta dela. Não sei — cuspiu Ruhn. Ele não podia... não iria... jamais confessar a eles suas razões. Aquele medo intrínseco do que a profecia do Oráculo podia significar para Bryce caso um dia lhe fosse concedido

o título real. Pois se a linhagem real acabaria com Ruhn e se Bryce se tornasse uma princesa oficial da família... Ela teria que estar fora de cena para que aquilo acontecesse. Permanentemente. Ele faria o que fosse necessário para mantê-la em segurança daquele destino em particular. Mesmo que o mundo o odiasse.

De fato, diante das caretas de censura dos amigos, ele disparou:

— Tudo o que sei é que recebi ordens de jamais revelar a verdade, nem mesmo para vocês.

Flynn cruzou os braços.

— Acha que contaríamos a alguém?

— Não. Mas não podia arriscar que ele descobrisse. E *ela* não queria que ninguém soubesse. — E aquela não era a hora nem o lugar para falar no assunto. Então disse: — Preciso conversar com ela.

O que viria *depois* que falasse com Bryce, não sabia se conseguiria encarar.

* * *

Bryce dirigiu até o rio. Para os arcos do Cais Negro.

A escuridão tinha caído quando ela prendeu a lambreta em um poste, a noite fresca o bastante para que se sentisse grata pelo calor da jaqueta de couro de Danika enquanto ficava parada na doca escura e encarava a outra margem do Istros.

Devagar, ela caiu de joelhos, curvando a cabeça.

— É tão, tão fodido, Danika.

Ela havia fracassado. Inteira e completamente. E Hunt estava... ele estava...

Bryce enterrou o rosto nas mãos. Por um tempo, os únicos sons vinham do vento soprando nas palmeiras e do lamber do rio contra o cais.

— Queria que estivesse aqui. — Enfim Bryce se permitiu dizer. — Todos os dias desejo isso, mas especialmente hoje.

O vento se aquietou, as palmeiras ficaram imóveis. Até mesmo o rio pareceu hesitar.

Um arrepio se esgueirou até ela, através dela. Cada sentido, feérico e humano, ficou em alerta. Ela esquadrinhou as brumas, esperando, rezando por um Veleiro preto. Estava tão ocupada olhando que não percebeu o ataque iminente.

Não se virou para ver o demônio kristallos saltando das sombras, mandíbula aberta, antes de jogá-la nas águas turbulentas.



Garras e dentes estavam por toda parte. Rasgando, mordendo, puxando-a para o fundo.

O rio parecia escuro como o breu, e não havia ninguém, ninguém mesmo, que tivesse visto ou que saberia…

Alguma coisa queimou seu braço, e ela gritou, a água invadindo sua garganta.

Então as garras abriram. Soltaram.

Bryce chutou, empurrando às cegas, a superfície em algum lugar... em qualquer direção... Ah, deuses, ela ia escolher errado...

Algo agarrou seu ombro, puxando-a para longe, e ela teria gritado se algum ar lhe restasse nos pulmões...

Ar envolveu seu rosto, livre e fresco, e, em seguida, ouviu alguém falar em seu ouvido.

— Estou com você, estou com você — disse uma voz masculina.

Ela poderia ter chorado se não estivesse cuspindo água, se não tivesse tido um ataque de tosse. Hunt havia dito aquelas mesmas palavras para ela, e agora se fora, e a voz masculina em seu ouvido... Declan Emmet.

— Está morto — gritou Ruhn, alguns metros adiante.

Ela se debateu, mas Declan a segurou firme.

— Está tudo bem — murmurou o guerreiro feérico.

Não estava tudo bem. Hunt devia estar ali. Devia estar com ela, devia estar livre, e ela devia ter encontrado um modo de ajudá-lo...

Levou meio instante para Declan tirá-la da água. Ruhn, com expressão sombria, a ajudou no restante do caminho, xingando muito enquanto ela estremecia na doca.

— Caralho, que porra — ofegava Tristan Flynn, o rifle apontado para as águas escuras, pronto para disparar uma saraivada de balas à menor ondulação.

— Você está bem? — perguntou Declan, água escorrendo do rosto, o cabelo ruivo grudado à cabeça.

Bryce se concentrou em si mesma, o bastante para examinar o próprio corpo. Um corte atravessava seu braço, mas fora feito por garras, não por aquelas presas venenosas. Outros cortes a salpicavam, mas...

Declan não esperou antes de ajoelhar a sua frente, as mãos banhadas em luz conforme as erguia sobre o corte em seu braço. Era raro... o dom feérico da cura. Não tão poderoso quanto o talento de uma medbruxa, mas um valioso trunfo. Jamais havia desconfiado de que Dec tivesse tal habilidade.

— Por que *diabo* estava de pé no Cais Negro depois do pôr do sol? — perguntou Ruhn.

— Estava ajoelhada — murmurou ela.

— Mesma maldita pergunta.

Ela encontrou o olhar do irmão enquanto as feridas cicatrizavam.

— Precisava de ar.

Flynn resmungou alguma coisa.

— O quê? — Ela estreitou os olhos para ele.

Flynn cruzou os braços.

— Eu disse que descobri que é uma princesa há menos de uma hora e já é um pé no saco.

— Não sou uma princesa — disse ela ao mesmo tempo que Ruhn disparou:

— Ela não é uma princesa.

Declan bufou.

— Não interessa, babacas. — Ele se afastou de Bryce, a cura concluída. — Devíamos saber. Você é a única que chega perto de irritar Ruhn tão facilmente quanto o pai.

— De onde aquela coisa veio? — interrompeu Flynn.

— Aparentemente, pessoas que tomam uma grande quantidade de sintez podem, inadvertidamente, invocar o demônio kristallos — respondeu Bryce. — Com certeza foi um acidente bizarro.

— Ou um ataque orquestrado — desafiou Flynn.

— O caso está encerrado — disse Bryce, sem rodeios. — Acabou.

Os olhos do lorde feérico faiscaram com uma demonstração incomum de raiva.

— Talvez não esteja.

Ruhn enxugou a água do rosto.

— Para o caso de Flynn ter razão, você vai ficar comigo.

— Só por cima do meu cadáver. — Bryce ficou parada, a água pingando do corpo. — Olhe, obrigada por me salvar. E obrigada por estragar de modo fenomenal meus planos para mim e Hunt. Mas quer saber? — Ela arreganhou os dentes e pegou o telefone, secando-o, e rezou para que o feitiço de proteção que havia comprado valesse o dinheiro gasto. Valeu. Ela rolou a tela até chegar ao contato de Ruhn. Mostrou a ele. — Você? — Bryce deslizou o dedo e o apagou. — *Morreu* pra mim.

Podia jurar que o irmão, o irmão foda-se-o-mundo, se encolheu.

Ela encarou Dec e Flynn.

— Obrigada por salvarem minha pele.

Eles não a seguiram. Bryce mal tinha parado de tremer o bastante para dirigir a moto até sua casa, mas, de algum modo, conseguiu. Chegou a seu andar, passeou com Syrinx.

O apartamento parecia muito silencioso sem Hunt. Ninguém havia vindo pegar as coisas do anjo. Mas, se houvessem feito aquilo, não teriam encontrado aquele boné de solebol. Escondido em uma caixa, junto de Geleia Geladinha.

Exausta, Bryce despiu as roupas e observou a si mesma no espelho do banheiro. Ela levou uma das palmas ao peito, onde o amuleto archesiano estivera pelos últimos três anos.

Linhas vermelhas e violentas marcavam sua pele, onde o kristallos a havia arranhado, mas a magia de Declan ainda atuava. Teriam sumido pela manhã.

Ela se virou, preparando-se para ver o estrago na tatuagem em suas costas. O último resquício de Danika. Se aquele maldito demônio a tivesse arruinado...

Quase chorou ao vê-la intacta. Ao admirar os traços daquele alfabeto milenar, indecifrável, e constatar que, mesmo com tudo a caminho do Inferno, aquilo permanecia: as palavras que Danika insistira que fossem tatuadas ali, Bryce chapada demais para protestar. A loba havia escolhido o alfabeto de um livreto qualquer na loja, embora, com toda certeza, não parecesse com nada nos alfarrábios

de Bryce. Talvez o artista o tivesse inventado e dito a elas que dizia o que Danika havia solicitado:

Por amor, tudo é possível.

As mesmas palavras bordadas na jaqueta em uma pilha a seus pés. As mesmas palavras que tinham sido uma pista para a conta da amiga na Redner. Para encontrar o pendrive.

Besteira. Era tudo uma maldita besteira. A tatuagem, a jaqueta, o amuleto perdido, as mortes de Danika, de Connor e da Matilha dos Demônios, a perda de Hunt...

Bryce tentou, e fracassou, lutar contra aquele redemoinho de pensamentos, o turbilhão que os girava em círculos e círculos e círculos, até que se misturaram.



A última Cimeira a que Hunt havia comparecido tinha sido em um antigo e imenso palácio, em Pangera, adornado com as riquezas do império: tapeçarias de seda e candelabros de ouro maciço, taças cintilantes com pedras preciosas e suculentas refeições condimentadas com temperos exóticos.

Aquela acontecia em um centro de convenções.

O espaço de metal e vidro era vasto, o projeto lembrava a Hunt um amontoado de caixa de sapatos dispostas lado a lado e umas sobre as outras. O hall central se erguia por três andares, as escadas e elevadores ao fundo enfeitados com as bandeiras escarlate da República, o longo caminho levando a elas acarpetado em branco.

Todo território de Midgard organizava a própria Cimeira a cada dez anos, prestigiada por vários líderes dentro de suas fronteiras, assim como por um

representante dos asteri e de alguns poucos dignitários com relevância para discutir quaisquer assuntos em pauta. Aquela não era diferente, exceto pelo escopo menor: embora Valbara fosse bem menor que Pangera, Micah organizava quatro diferentes Cimeiras, uma para cada quadrante de seu reino. Aquela, para o sudeste — com os líderes de Lunathion em destaque — era a primeira.

O local, situado no coração do deserto Psamathe, umas boas cinco horas de carro da Cidade da Lua Crescente — uma hora de voo para um anjo a toda velocidade ou uma simples meia hora para um helicóptero —, tinha as próprias celas para vanir perigosos.

Ele havia passado os últimos cinco dias ali, contando-os pela mudança nas refeições: café da manhã, almoço e jantar. Pelo menos, Sandriel e Pollux não tinham aparecido para atormentá-lo. Pelo menos, ele tivera aquele pequeno respiro. Mal tinha dado ouvidos às tentativas do Martelo de provocá-lo durante a viagem. Mal havia sentido ou ouvido coisa alguma.

No entanto, naquela manhã, uma muda de roupas pretas fora entregue com sua bandeja de café. Nenhuma arma, mas o uniforme era claro o bastante. Assim como a mensagem: estava prestes a ser exibido, uma sátira de uma parada de Triumphus imperial, para Sandriel se regozijar de recuperar sua posse.

Mas tinha se vestido obedientemente e deixado os guardas de Sandriel o prenderem com as algemas gorsianas, anulando e esvaziando seu poder.

Em silêncio, seguiu os guardas até o elevador, em seguida ao próprio grande saguão, adornado com a parafernália imperial.

Vanir de todas as casas lotavam o espaço, a maioria vestida em roupas de negócio ou o que antes havia sido considerado traje cortês. Anjos, metamorfos, feéricos, bruxas... Delegações ladeavam o tapete vermelho que levava às escadas. Fury Axtar se destacava na multidão, vestida com a tradicional roupa de couro de assassina, observando a todos. Ela não olhou em sua direção.

Hunt foi levado até uma delegação de anjos perto da escadaria... membros da 45ª Legião de Sandriel. Um de seus triários. Pollux estava à frente dos outros, o status de comandante assinalado pela armadura dourada, a capa azul-cobalto, o rosto sorridente.

Aquele sorriso apenas se abriu conforme Hunt assumia sua posição ali perto, espremido entre dois guardas.

O outro era quase tão ruim quanto o Martelo. Hunt nunca se esqueceria de nenhum deles: a fêmea de cabelo escuro e pele pálida conhecida como Harpia; o macho de expressão impassível e asas negras chamado o Cão do Inferno; e o anjo malicioso e de olhos frios chamado Falcão. Mas eles o

ignoraram. O que, ele tinha aprendido, era melhor que sua atenção.

Nenhum sinal da Corça, o último membro dos triários... embora, talvez, seu trabalho como caçadora de espiões em Pangera fosse muito valioso aos asteri a fim de que Sandriel permitisse sua convocação para o evento.

Do outro lado do corredor, estava Isaiah e a 33ª. O que restava dos triários. Naomi estava deslumbrante em seu uniforme, o queixo altivo, a mão direita no punho de sua espada cerimonial da legião, a guarda alada cintilando à luz da manhã.

Os olhos de Isaiah encontraram os seus. Hunt, na armadura negra, parecia praticamente nu em comparação ao uniforme completo do Comandante da 33ª Legião: o peitoral de bronze, as dragonas, as caneleiras e braçadeiras... Hunt ainda se lembrava de como era pesada. Como sempre se sentira idiota paramentado na indumentária completa do Exército Imperial. Como algum cavalo de guerra premiado.

As Tropas Auxiliares do Rei Outonal estavam perfiladas à esquerda dos anjos, as armaduras mais leves, mas não menos enfeitadas. Do lado oposto, ficavam os metamorfos, em suas roupas mais finas. Amelie Ravenscroft nem mesmo ousou olhar em sua direção. Grupos menores de vanir enchiam o restante do espaço: sereias e daemonaki. Nem sinal de

humanos. Certamente, ninguém de linhagem mestiça.

Hunt tentou não pensar em Bryce. No que tinha acontecido no átrio do Comitium.

Princesa dos feéricos. Princesa bastarda, sim, mas ainda era a única filha do Rei Outonal.

Ela podia estar furiosa com ele por suas mentiras, mas havia mentido um bocado também.

Um rufar de tambores — puta merda, os malditos tambores — marcou o ritmo. Os corneteiros começaram um instante depois. O detestável, nauseante hino da República tomou o imenso recinto de vidro. Todos se endireitaram conforme uma comitiva estacionava além das portas.

Hunt prendeu o fôlego quando Jesiba Roga surgiu primeiro, em um vestido preto na altura da coxa e colado ao corpo sinuoso, ouro antigo brilhando nas orelhas e garganta, uma capa diáfana da cor da meia-noite flutuando às costas com um vento fantasma. Mesmo em saltos altíssimos, ela se movia com a sinistra graça da Casa de Chama e Sombra.

Talvez tivesse sido ela que ensinou a Bryce como vender a alma para o regente da Cidade Adormecida.

A feiticeira loura mantinha os olhos cinzentos nas três bandeiras penduradas sobre as escadas enquanto se movia em sua direção: à esquerda, a bandeira de Valbara; à direita, a insígnia de Lunathion, com seu arco em forma de lua crescente e flecha. E, no centro,

o *SPQM* e seu ramo gêmeo de estrelas... a bandeira da República.

As bruxas vieram em seguida, passos ecoando. Uma jovem fêmea de pele negra, em fluidos trajes azuis, marchou pelo tapete, o trançado cabelo preto brilhando como noite urdida.

Rainha Hypaxia. Ela mal tinha ostentado a coroa dourado-vermelha de amoras brancas da mãe por três meses, e havia um cansaço nos olhos escuros, embora seu rosto fosse belo e sem linhas, que dizia muito sobre sua dor incessante.

Havia rumores de que a Rainha Hecuba a tinha criado no coração da floresta boreal das montanhas Heliruna, longe da corrupção da República. Hunt teria imaginado que tal pessoa evitaria a multidão reunida e o esplendor imperial, ou, pelo menos, se maravilharia um pouco, mas seu queixo continuou erguido, os passos firmes. Como se tivesse feito aquilo dezenas de vezes.

Ela seria sancionada como Rainha das Bruxas Valbaranas quando a Cimeira começasse oficialmente. Seu último momento de pompa antes de herdar o trono de fato. Mas...

Hunt deu uma boa olhada em seu rosto conforme se aproximava.

Ele a conhecia: a medbruxa da clínica. Ela reconheceu o anjo com um rápido olhar de esguelha quando passou.

Ruhn tinha ideia? De com quem havia se encontrado, quem havia lhe dado informações sobre a pesquisa da sintez?

Os líderes das sereias chegaram, Tharion em um terno cinza-chumbo ao lado de uma fêmea de vestido cerceta, fluido e transparente. Não a Rainha do Rio... ela quase não deixava o Istros. Mas a bela fêmea de pele negra podia muito bem ser sua filha. Provavelmente era sua filha, já que todas as sereias reivindicavam a Rainha do Rio como mãe.

O cabelo castanho-avermelhado de Tharion estava esticado para trás, com algumas mechas teimosas penduradas na testa. Ele havia trocado a cauda por pernas, mas estas não vacilaram enquanto seus olhos encontraram Hunt. Compaixão brilhava ali.

O anjo a ignorou. Não havia esquecido quem levara Bryce até a barcaça naquela noite.

A seu favor, Tharion não evitou o escrutínio de Hunt. Apenas lhe dirigiu um sorriso triste e olhou para a frente, seguindo as bruxas até o mezanino e as salas de conferência.

Em seguida vieram os lobos. Sabine caminhava ao lado da figura encurvada do Primo, ajudando o ancião ao longo do percurso. Os olhos castanhos do homem estavam leitosos com a idade, o corpo, outrora musculoso, curvado sobre a bengala. Sabine, trajando um terno cinza-azulado, desdenhou Hunt,

levando o velho Primo na direção do elevador, em vez das escadas.

Mas o Primo estacou ao ver para onde ela planejava encaminhá-lo. E a puxou para as escadas. Começou a subida, passo a penoso passo.

Bastardo orgulhoso.

Os feéricos deixaram seus carros pretos, caminhando pelo tapete. O Rei Outonal apareceu, uma coroa de ônix sobre o cabelo ruivo, a pedra milenar brilhando como um pedaço da noite, mesmo à luz da manhã.

Hunt não entendia como não havia percebido antes. Bryce parecia mais com o pai do que Ruhn. Certo, muitos feéricos tinham aquela coloração, mas a frieza no rosto do Rei Outonal... Ele havia visto Bryce com a mesma expressão incontáveis vezes.

O Rei Outonal, não algum lordezinho idiota, tinha sido quem a acompanhara ao Oráculo naquele dia. Aquele que havia jogado uma menina de 13 anos na sarjeta.

Os dedos de Hunt se crisparam na lateral do corpo. Ele não podia culpar Ember Quinlan por fugir no instante em que tinha visto o monstro sob a fachada. Sentido sua fria violência.

E se dado conta de que carregava seu filho. Um potencial herdeiro do trono... um que poderia complicar as coisas para o filho puro-sangue, o

Escolhido. Não era de admirar que o Rei Outonal as houvesse caçado impiedosamente.

Ruhn, um passo atrás do pai, parecia um murro nos sentidos. Em seu traje principesco, Áster no quadril, poderia muito bem ter sido um dos primeiros Estrelados com aquela coloração. Poderia ter sido um dos primeiros a atravessar a Fenda do Norte, tanto tempo antes.

Eles passaram por Hunt, e o rei nem sequer olhou em sua direção. Mas Ruhn sim.

O príncipe olhou para as algemas nos punhos do anjo, os triários da 45ª ao seu redor. E balançou a cabeça, de modo sutil. Para qualquer espectador, em desgosto, uma reprimenda. Mas Hunt pescou a mensagem.

Lamento.

Hunt manteve o rosto impassível, neutro. Ruhn prosseguiu, o diadema de folhas de bétula douradas brilhando no topo da cabeça.

E, então, o átrio pareceu prender o fôlego. Hesitar.

Os anjos não chegaram em carros. Não, caíram dos céus.

Quarenta e nove anjos da Guarda Asteriana, em completa pompa branco e dourada, marchavam pelo saguão, lanças nas mãos enluvadas e asas brancas cintilantes. Cada um havia sido criado, selecionado a dedo, para aquela vida de serviço. Apenas as mais

brancas, mais puras asas seriam aceitas. Nem um ponto de cor nas penas.

Hunt sempre tinha os considerado uns babacas arrogantes.

Eles tomaram seus lugares ao longo do tapete, em posição de sentido, asas altas e lanças apontadas para o teto de vidro, as capas nevadas drapeando até o chão. Os penachos brancos de pelo de cavalo nos elmos dourados brilhavam como se recém-escovados, e os visores permaneciam abaixados.

Haviam sido enviados de Pangera como um lembrete a todos, inclusive aos governadores, de que aqueles que seguravam suas coleiras ainda monitoravam tudo.

Micah e Sandriel chegaram em seguida, lado a lado. Cada qual em sua armadura de governador.

Os vanir caíram sobre um dos joelhos diante dos dois. No entanto, a Guarda Asteriana — que se ajoelhava apenas para seus seis mestres — continuou de pé, as lanças como muros gêmeos de espinhos, no meio do qual os governadores desfilavam.

Ninguém ousou falar. Ninguém ousou respirar conforme os dois arcanjos passavam.

Eram malditos vermes a seus pés.

O sorriso de Sandriel inflamou Hunt enquanto ela valsava por ele. Quase tanto quanto a completa decepção e o cansaço de Micah.

Micah havia escolhido bem o método de tortura, Hunt tinha de admitir. Nunca que Sandriel o deixaria morrer rapidamente. Seu tormento, quando ele retornasse a Pangera, iria durar décadas. Nenhuma chance de uma nova barganha ou escapatória.

E, se ele sequer saísse da linha, a arcanjo saberia onde atacar primeiro. A quem atacar.

Os governadores subiram as escadas, as asas quase se tocando. Por que os dois não se tornavam parceiros, Hunt não fazia ideia. Micah parecia decente o bastante para provavelmente achar Sandriel abominável, como o restante do mundo. Mas, ainda assim, parecia um milagre que os asteri não tivessem ordenado a fusão das linhagens. Não seria novidade. Sandriel e Shahar foram o resultado de tal união.

Embora talvez o fato de Sandriel, muito provavelmente, ter matado os próprios pais a fim de usurpar seu poder para ela e para a irmã tenha feito os asteri pararem com a prática.

Somente quando os governadores chegaram à sala de conferências foi que a audiência no salão se moveu, primeiro os anjos, na direção das escadas, então o restante os seguiu em fila.

Hunt foi imprensado entre os triários da 45ª — o Cão de Caça e o Falcão, ambos zombando dele — e assimilou o máximo possível de detalhes antes de entrarem na sala de reunião.

Era imensa, com anéis de mesas convergindo para um piso central e uma mesa redonda, onde os líderes se sentariam.

O Fosso do Inferno. Era o que aquilo parecia. Era de admirar que nenhum de seus príncipes estivesse presente.

O Primo dos Lobos, o Rei Outonal, os dois governadores, a bela filha da Rainha do Rio, a Rainha Hypaxia e Jesiba tomaram seus lugares à mesa central. Seus segundos em comando — Sabine, Ruhn, Tharion e uma bruxa mais velha — reivindicaram suas cadeiras no anel de mesas subsequente. Ninguém da Casa de Chama e Sombra tinha acompanhado Jesiba, nem mesmo um vampiro. As castas se acomodaram mais além, cada anel de mesas maior que o anterior, sete no total. A Guarda Asteriana se perfilou no nível mais externo, parados contra a parede, dois a cada três saídas da sala.

Os sete círculos do Inferno, de fato.

Telas de vídeo foram espalhadas pelo cômodo, duas penduradas do próprio teto, computadores cobriam as mesas, presumivelmente para consulta. Fury Axtar, para surpresa do anjo, tomou um lugar no terceiro círculo, recostada na cadeira. Ninguém a acompanhava.

Hunt foi levado para um lugar contra a parede, aninhado entre dois guardas asterianos que o ignoraram completamente. Graças aos deuses, o

ângulo bloqueava a visão de Pollux e do restante dos triários de Sandriel.

Hunt se preparou quando as telas piscaram. A sala ficou em silêncio com a imagem.

Ele conhecia aqueles corredores de cristal, as chamas de primaluces dançando sobre pilares de quartzo esculpido que se erguiam para o teto abobadado acima. Conhecia os sete tronos de cristal dispostos em curva na plataforma dourada, o trono vazio ao fundo. Conhecia a cidade cintilante além, as colinas ao longe na luz suave, o Tibre serpenteando como uma fita sombria entre elas.

Todos se levantaram dos lugares quando os asteri surgiram. E todos se ajoelharam.

Mesmo a quase dez mil quilômetros de distância, Hunt poderia ter jurado que o poder dos seis ecoava pela sala de conferências. Poderia ter jurado que sugava o calor, o ar, a vida.

A primeira vez que estivera diante dos asteri, tinha pensado que jamais vivenciaria nada pior. O sangue de Shahar ainda cobria sua armadura, a garganta ainda devastada pelos gritos de batalha, e, no entanto, nunca havia encontrado algo tão horrível. Tão sobrenatural. Como se toda sua existência não passasse de um sopro, seu poder uma brisa em comparação a um furacão. Como se tivesse sido lançado no espaço profundo.

Cada um dos asteri possuía o poder de uma estrela sagrada, cada um podia reduzir aquele planeta a pó, no entanto, não havia luz nos olhos gélidos.

Por olhos semicerrados, Hunt registrou quem mais ousou erguer o olhar do carpete cinza conforme os asteri os observavam: Tharion e Ruhn. Declan Emmet. E a rainha Hypaxia.

Nenhum outro. Nem mesmo Fury ou Jesiba.

Ruhn encontrou o olhar de Hunt. E uma voz masculina e silenciosa falou em sua cabeça, *Jogada ousada.*

Hunt controlou o choque. Sempre soubera que havia telepatas entre os feéricos, em especial entre os habitantes de Avallen. Mas nunca tinha conversado com um. Com certeza, não em sua mente. *Belo truque.*

Um dom da linhagem de minha mãe... um que mantenho escondido.

E me confia seu segredo?

Ruhn ficou em silêncio por um instante.

Não posso ser visto conversando com você. Se precisar de alguma coisa, me avise. Farei o que puder por você.

Outro choque, tão real quanto o de seu próprio relâmpago.

Por que me ajudaria?

Porque você teria feito tudo em seu poder para impedir que Bryce se entregasse a Sandriel. Pude ver em seu rosto. Ruhn hesitou, então acrescentou, um pouco incerto, *E porque não acho mais que seja um grande babaca.*

O canto da boca de Hunt se ergueu.

Idem.

Isso é um elogio? Outra pausa. *Como está se virando, Athalar?*

Bem. E ela?

De volta ao trabalho, de acordo com minhas fontes.

Ótimo. Ele não acreditava que poderia suportar mais conversa sobre Bryce, então disse, *Sabia que aquela medbruxa era a rainha Hypaxia?*

Não. Não sabia, porra.

Ruhn teria continuado, mas os asteri começaram a falar. Como um, como sempre faziam. Telepatas à própria maneira.

— Vocês vieram discutir assuntos pertinentes a sua região. Nós lhes damos permissão.

Olharam para Hypaxia.

Surpreendentemente, a bruxa não se encolheu, nem mesmo tremeu enquanto os asteri a fitavam, o mundo os imitando.

— Nós a reconhecemos oficialmente como herdeira da falecida rainha Hecuba Enador, e, com a morte desta, agora a ungimos Rainha das Bruxas Valbaranas — proclamaram.

Hypaxia inclinou a cabeça, a expressão séria. O rosto de Jesiba nada revelava. Nem mesmo um indício de dor ou raiva pelo legado que havia abandonado. Então Hunt ousou encarar Ruhn, que franzia o cenho.

Os asteri, mais uma vez, observaram a sala, nenhum mais altivo que Rigelus, a Radiante Mão. Aquele corpo esbelto de adolescente era uma zombaria do monstruoso poder que continha.

— Podem começar — continuaram os asteri, como um. — Que as bênçãos dos deuses e de todas as estrelas dos céus brilhem sobre vocês.

Cabeças se inclinaram ainda mais, em agradecimento por sequer terem permissão de existir em sua presença.

— Temos esperança de que discutam um modo de pôr um fim a essa guerra sem sentido. A governadora Sandriel se provará uma testemunha valiosa de sua destruição. — Um lento, horrível exame do recinto se seguiu. E Hunt sabia que os olhos dos asteri estavam sobre ele quando disseram: — E há outros aqui que também podem dar seu testemunho.

Havia um único testemunho a dar: de que os humanos eram um desperdício e tolos, e a guerra era sua culpa, sua culpa, sua culpa, e devia terminar. Devia ser evitada ali a todo custo. Não havia simpatia pela rebelião humana, nada de ouvir sobre as tribulações dos homens. Havia apenas o lado dos vanir, o lado bom, nenhum outro.

Hunt sustentou o olhar morto de Rigelus na tela central. Um sopro de vento gelado atravessou seu corpo, cortesia de Sandriel, para lembrá-lo de desviar os olhos. Ele não o fez. Poderia ter jurado que o

Mestre dos Asteri sorriu. O sangue de Hunt congelou, não apenas por causa do vento de Sandriel, e ele baixou os olhos.

Aquele império havia sido construído para durar uma eternidade. Em mais de quinze mil anos, não tinha caído. A guerra não seria o que o derrubaria.

— Adeus — disseram os asteri, juntos. Outro pequeno sorriso de todos eles... o pior sendo o de Rigelus, ainda direcionado a Hunt. As telas ficaram pretas.

Todos na sala, inclusive os dois governadores, respiraram aliviados. Alguém vomitou, pelo som e ranço vindo do outro canto da sala. De fato, um metamorfo leopardo disparou pelas portas, a mão sobre a boca.

Micah se recostou na cadeira, os olhos na mesa de madeira à frente. Por um instante, ninguém falou. Como se todos precisassem se recobrar. Até mesmo Sandriel.

Então o arcanjo se endireitou, as asas farfalhando, e declarou em uma voz profunda, cristalina:

— Pelo presente, começo esta Cimeira Valbarana. Salve os asteri e as estrelas que possuem.

A sala ecoou as palavras, embora sem entusiasmo. Como se todos se lembrassem de que, mesmo naquela terra do outro lado do mar de Pangera, tão longe dos campos de batalha lamacentos e do cintilante palácio

de cristal em uma cidade de sete colinas, até ali, não havia escapatória.



Bryce tentou não se prender ao fato de que Hunt e o mundo sabiam o que e quem ela era de verdade. Pelo menos, a imprensa não havia descoberto, uma pequena bênção.

Como se ser uma princesa bastarda não significasse nada. Como se aquilo a definisse como pessoa. O choque no rosto de Hunt era precisamente o motivo pelo qual ela não havia lhe contado.

Ela havia rasgado o cheque de Jesiba, e com ele, séculos de dívidas.

De qualquer modo, nada daquilo importava agora. Hunt havia partido.

Sabia que ele estava vivo. Havia visto as imagens da procissão de abertura da Cimeira no noticiário. Hunt estava igual ao que era antes de tudo dar errado. Outra pequena bênção.

Ela mal tinha notado a chegada dos outros: Jesiba, Tharion, sua soberana, o pai, o irmão... Não, ela apenas se concentrara naquele ponto na multidão, aquelas asas cinzentas que agora haviam se regenerado.

Patética. Ela era totalmente patética.

Bryce teria feito aquilo. Teria, de bom grado, trocado de lugar com Hunt, mesmo sabendo o que Sandriel faria com ela.

Talvez aquilo a fizesse uma idiota, como disse Ruhn. Ingênua.

Talvez tivesse tido sorte de sair do saguão do Comitium ainda respirando.

Talvez ser atacada pelo kristallos fosse o preço por suas merdas.

A semifeérica tinha passado os últimos dias pesquisando as leis, para ver se havia algo a ser feito por Hunt. Não havia. Ela tentara as únicas duas coisas que poderiam ter conseguido a liberdade do anjo: uma oferta para comprá-lo e se oferecer em seu lugar.

Não acreditou naquelas palavras babacas de despedida. Teria dito o mesmo se estivesse em seu lugar. Teria sido o mais desagradável possível, se aquilo o deixasse em segurança.

Bryce se sentou na mesa de recepção da sala de exibição, encarando a tela em branco do computador. A cidade estivera quieta nos últimos dois dias. Como se a atenção de todos permanecesse na Cimeira,

muito embora apenas alguns dos líderes e cidadãos da Cidade da Lua Crescente houvessem comparecido.

Ela havia assistido à reprise das notícias apenas para pegar outro vislumbre de Hunt... sem qualquer sorte.

Dormiu no quarto dele todas as noites. Havia vestido uma de suas camisetas e se esgueirado para os lençóis com o perfume do anjo e fingido que ele estava deitado no escuro ao seu lado.

Um envelope com o Comitium como remetente tinha chegado à galeria havia três dias. Seu coração tinha acelerado conforme ela o abria, se perguntando se ele fora capaz de mandar uma mensagem...

A opala branca havia caído na mesa. Isaiah escrevera uma nota discreta, como se ciente de que cada linha de correspondência seria checada:

Naomi achou isso na barcaça. Pensou que talvez a quisesse de volta.

Então, havia acrescentado, como se pensasse melhor, *Ele lamenta.*

Ela tinha guardado a pedra na gaveta da mesa.

Suspirando, Bryce a abriu então, espiando a gema leitosa. Passou o dedo pela superfície fria.

— Athie parece triste — observou Lehabah, flutuando até a cabeça de Bryce. Ela apontou para o tablet, em que a semifeérica havia pausado, no rosto de Hunt, o terceiro replay da procissão de abertura. — Assim como você, BB.

— Obrigada.

A seus pés, Syrinx se espreguiçou, bocejando. As garras curvas brilharam.

— Então, o que fazemos agora?

Bryce franziu o cenho.

— O que quer dizer?

Lehabah se abraçou, flutuando em pleno ar.

— Apenas voltamos ao normal?

— Sim.

Os olhos faiscantes encontraram os de Bryce.

— O que é *normal*, afinal? Me parece chato. — Lehabah sorriu de leve, corando.

Bryce devolveu o sorriso.

— Você é uma boa amiga, Lele. Uma boa amiga mesmo. — Ela suspirou de novo, perturbando as chamas da duende. — Desculpe se, às vezes, não tenho sido uma tão boa para você.

Lehabah acenou com a mão, ficando vermelha.

— Todos passamos por isso, BB. — Ela se empoleirou no ombro de Bryce, seu calor penetrando a pele que a semifeérica não tinha percebido tão gelada. — Você, eu e Syrie. Juntos, vamos superar tudo isso.

Bryce ergueu um dedo, deixando Lehabah segurá-lo entre suas minúsculas, flamejantes mãos.

— Fechado.



Ruhn tinha antecipado que a Cimeira seria intensa, perversa e intrinsecamente perigosa... cada momento uma especulação sobre que garganta seria cortada. Assim como cada uma a que já havia comparecido.

Daquela vez, seu único inimigo parecia ser o tédio.

Sandriel tinha levado duas horas para lhes dizer que os asteri exigiram que cada casa enviasse mais tropas para o front. Não havia sentido em argumentar. Nada iria mudar. A ordem viera dos asteri.

A conversa se desviou para novas propostas de comércio. E, em seguida, rodou e rodou e rodou, até mesmo Micah foi pego na semântica de quem fez o que e conseguiu o que e assim por diante, até Ruhn se perguntar se os asteri não tinham inventado aquela reunião como alguma forma de tortura.

Especulou quantos integrantes da Guarda Asteriana estariam dormindo por trás das máscaras. Ele havia flagrado alguns membros do baixo escalão de diversas delegações cochilando. Mas Athalar estava atento... a cada minuto, o anjo parecia ouvir. Observar.

Talvez fosse aquilo que o governador quisesse: todos tão entediados e desesperados pelo fim da reunião que, eventualmente, concordariam com termos desvantajosos.

Havia alguma resistência, ainda assim. O pai, por exemplo, assim como as sereias e as bruxas.

Uma bruxa em especial.

A rainha Hypaxia falava pouco, mas ele percebeu que também ouvia cada palavra sendo proferida, os magníficos olhos castanhos cheios de inteligência cautelosa apesar da juventude.

Tinha sido um choque vê-la no primeiro dia; o rosto familiar naquele cenário, a coroa e as vestes reais. Descobrir que, por semanas, vinha conversando com sua suposta prometida, sem fazer a mínima ideia.

Ele havia conseguido se infiltrar entre dois membros de seu coven conforme entravam no refeitório naquele primeiro dia, e, como um idiota, exigido:

— Por que não disse nada? Sobre quem era de verdade.

Hypaxia segurava a bandeja com uma graça mais adequada a um cetro.

— Você não perguntou.

— O que diabo estava fazendo naquela clínica?

Os olhos sombrios se estreitaram.

— Minhas fontes me disseram que o mal se agitava na cidade. Vim ver por mim mesma... discretamente. — Era o motivo pelo qual ela estivera presente na cena da morte da sentinela do templo, ele se deu conta. E na noite em que Athalar e Bryce tinham sido atacados no parque. — Também vim ver como era ser... comum. Antes disso. — Apontou para a coroa.

— Sabe o que meu pai espera de você? De mim?

— Tenho minhas suspeitas — respondeu ela, com frieza. — Mas não estou considerando... tais mudanças em minha vida no momento. — Ela assentiu para ele antes de partir. — Com ninguém.

E foi tudo. Fora colocado em seu lugar.

Naquele dia, pelo menos, tinha tentado prestar atenção; não olhar para a bruxa com absolutamente nenhum interesse em casar com ele, grande merda. Com aqueles dons de cura, seria capaz de sentir o que havia de errado com o príncipe, que o transformava no último de seu sangue? Ele não queria descobrir. Ruhn afastou a lembrança da profecia do Oráculo. Ao menos, não era o único ignorando Hypaxia. Jesiba Roga não havia trocado uma palavra com a rainha.

Certo, a feiticeira não havia falado muito, a não ser para assegurar que a Casa de Chama e Sombra florescesse em meio à morte e ao caos, não vendo nenhum problema com uma guerra longa e devastadora. Ceifadores sempre se alegravam ao transportar as almas dos mortos, disse ela. Até mesmo os arcanjos tinham parecido desconcertados com aquilo.

Quando o relógio bateu nove horas e todos tomaram seus lugares na sala, Sandriel anunciou:

— Micah precisou se ausentar e se juntará a nós mais tarde.

Apenas uma pessoa — bem, seis — podia convocar Micah daquela reunião. Sandriel parecia satisfeita em comandar os procedimentos do dia.

— Vamos começar pela resistência das sereias em construir um canal para o transporte de nossos tanques e a manutenção das linhas de abastecimento — declarou a arcanjo.

A filha da Rainha do Rio mordeu o lábio, hesitante. Mas foi o Capitão Tharion Ketos que respondeu com fala arrastada:

— Diria que, quando suas máquinas de guerra destroçarem nossos viveiros de ostras e florestas de algas, não é prematuro supor que será a destruição de nossa indústria de pesca.

Os olhos de Sandriel faiscaram, mas ela respondeu com doçura:

— Vocês serão compensados.

Tharion não recuou.

— Não é apenas uma questão de dinheiro. É sobre o cuidado com o planeta.

— A guerra exige sacrifícios.

Tharion cruzou os braços, os músculos se contraindo sob a camiseta preta de manga comprida. Depois do desfile inicial e daquele primeiro dia de reuniões intermináveis, a maioria havia adotado trajes menos formais para o restante das palestras.

— Sei dos custos da guerra, governadora.

Macho arrogante, para dizer o mínimo, encarando Sandriel.

— A preocupação de Tharion tem mérito. E precedentes — disse a rainha Hypaxia. Ruhn se endireitou quando todos os olhos se voltaram para a rainha-bruxa. Ela, também, não se esquivou da tempestade no olhar de Sandriel. — Ao longo da margem oriental do mar de Rhagan, os corais e florestas de algas que foram destruídos nas Guerras Sorvakkianas, há dois mil anos, ainda não se recuperaram. As sereias que os cultivavam foram compensadas, como alega. Mas apenas por algumas safras. — Completo silêncio na sala de reunião. — Você pagará, governadora, por milhares de colheitas? Duas mil? E as criaturas que fazem suas casas nos lugares que propõe destruir? Como vai compensá-las?

— São Inferiores. Mais Inferiores que Inferiores — disse Sandriel, com frieza, impassível.

— São filhos de Midgard. Filhos de Cthona — argumentou a rainha-bruxa.

Sandriel sorriu, toda dentes.

— Me poupe dessa besteirada piegas.

Hypaxia não devolveu o sorriso. Apenas sustentou o olhar de Sandriel. Sem desafio, apenas com franco interesse.

Para eterna perplexidade de Ruhn, foi Sandriel que desviou os olhos primeiro, revirando-os e folheando seus papéis. Até mesmo o pai piscou diante daquilo. E estudou a jovem rainha por entre olhos semicerrados. Sem dúvida, se perguntando como uma bruxa de 26 anos tinha a coragem. Ou o que Hypaxia podia saber sobre Sandriel para fazer a arcanjo se sujeitar.

Sopesando se a rainha-bruxa seria mesmo uma boa noiva para Ruhn... ou uma pedra no sapato.

Do outro lado da mesa, Jesiba Roga sorria vagamente para Hypaxia. Seu primeiro reconhecimento da jovem bruxa.

— O canal — começou Sandriel, tensa, pousando os papéis — será discutido mais tarde. As linhas de abastecimento... — A arcanjo se lançou em outro discurso sobre os planos para simplificar a guerra.

Hypaxia voltou aos papéis a sua frente. Mas os olhos se ergueram para o segundo anel de mesas.

Para Tharion.

O tritão lhe deu um ligeiro, furtivo sorriso... em gratidão e reconhecimento.

A rainha-bruxa assentiu de volta, mal um movimento de queixo.

Tharion apenas ergueu seus papéis de modo displicente, exibindo o que pareciam ser umas vinte linhas de marcadores... destacando alguma coisa.

Os olhos de Hypaxia se arregalaram, brilhantes com reprovação e descrença, e Tharion baixou o papel antes que alguém notasse. Adicionou mais uma marcação a ele.

Um rubor cobriu as bochechas da rainha-bruxa.

O pai, entretanto, começou a falar, então Ruhn ignorou as artimanhas da dupla e endireitou os ombros, se esforçando para parecer que prestava atenção. Que se importava.

Nada daquilo importaria no fim. Sandriel e Micah conseguiriam o que queriam.

E tudo continuaria igual.

* * *

Hunt estava tão entediado que, sinceramente, pensou que o cérebro sangraria pelos ouvidos.

Mas tentou saborear aqueles últimos dias de calma e relativo conforto, mesmo com Pollux monitorando tudo do outro lado da sala. Esperando até que

pudesse parar com a pretensa civilidade. Hunt sabia que Pollux contava as horas para liberar sua fúria sobre ele.

Então, toda vez que aquele babaca sorria para ele, Hunt devolvia o sorriso.

As asas de Hunt haviam se curado enfim. Ele as vinha testando o máximo que podia, esticando e flexionando. Se Sandriel permitisse que voasse, sabia que o aguentariam. Provavelmente.

Parado contra a parede, dissecando cada palavra dita, aquela era sua forma particular de tortura, mas Hunt ouvia. Prestava atenção, mesmo quando parecia que tantos outros lutavam contra o sono.

Tinha esperança de que aquelas delegações corajosas — os feéricos, as sereias, as bruxas — resistissem até o fim da Cimeira antes de se lembrar de que o controle era uma ilusão, e de que os asteri podiam simplesmente emitir um decreto para novas leis de comércio. Assim como fizeram com a atualização de guerra.

Mais alguns dias, era tudo o que Hunt queria. Era o que dizia a si mesmo.



Bryce havia acampado na biblioteca da galeria pelos últimos três dias, ficando bem depois da hora de fechar e voltando de madrugada. Não havia sentido em passar muito tempo no apartamento, já que a geladeira estava vazia, e Syrinx, sempre com ela. A semifeérica calculou que podia muito bem ficar no escritório até que parasse de se sentir como se a casa fosse uma casca vazia.

Jesiba, ocupada na Cimeira, não checava as filmagens da galeria. Não via os vídeos de segurança. Não notava as embalagens bagunçando cada superfície da biblioteca, o frigobar quase cheio de queijo ou o fato de que Bryce tinha começado a usar roupas de ginástica no escritório. Ou que ela havia começado a tomar banho no banheiro dos fundos da biblioteca. Ou que ela havia cancelado todas as reuniões com clientes. E pegado outro amuleto

archesiano direto do cofre na parede do escritório da feiticeira... o último no território. Um dos cinco últimos no mundo inteiro.

Era apenas uma questão de tempo, entretanto, até que Jesiba ficasse entediada e acessasse as dezenas de filmagens para ver tudo. Ou consultasse o calendário e descobrisse todos os compromissos reagendados.

Bryce havia recebido resposta de dois novos empregos em potencial e tinha entrevistas engatilhadas. Teria, claro, de inventar alguma desculpa para Jesiba. Uma consulta com uma medbruxa ou uma limpeza de dentes ou algo normal, mas necessário. E, se conseguisse uma daquelas colocações, teria de bolar um plano para pagar a dívida de Syrinx; algo que aplacaria o ego de Jesiba o bastante para evitar que a feiticeira a transformasse em alguma criatura horrível apenas por pedir dispensa.

Suspirou, passando a mão sobre um milenar tomo cheio de jargões legais que requeriam um diploma para decifrar. Jamais havia visto tantos *ergos* e *entretanto* e *data venia* e *jurisprudência*. Mas ela continuou pesquisando.

Assim como Lehabah.

— E quanto a isso, BB? — A duende reluziu, apontando para uma página a sua frente. — Diz aqui, *A sentença de um criminoso pode ser comutada para serviço se...*

— Vimos isso há dois dias — lembrou Bryce. — Nos levou de volta à escravidão.

O som de um leve arranhar invadiu o cômodo. Bryce estreitou os olhos para o nøkken, com cuidado para que ele não percebesse que tinha sua atenção.

De qualquer modo, a criatura sorria para a semifeérica. Como se soubesse de algo que ela não sabia.

Descobriu o motivo um minuto depois.

— Há um outro caso abaixo desse — disse Lehabah. — A mulher humana foi libertada depois...

Syrinx rosnou. Não para o tanque. Para as escadas acarpetadas em verde.

Passos casuais soaram. Bryce se levantou de pronto, pegando seu telefone.

Um par de botas, em seguida jeans escuro, e então...

Asas branco-neve. Um rosto injusto de tão lindo.

Micah.

Qualquer pensamento lhe escapou conforme o arcanjo entrava na biblioteca, observando as prateleiras e as escadas que levavam ao jirau de bronze e alcovas, o tanque e o nøkken que sorria, o lustre do sol raiado bem acima.

Ele não podia estar ali embaixo. Não podia ver aqueles livros...

— Vossa Graça — soltou Bryce.

— A porta da frente estava aberta — explicou ele. O puro poder atrás de seu olhar era como levar uma tijolada no rosto.

Claro que as trancas e os encantamentos não o detiveram. Nada jamais conseguiria.

Ela acalmou o coração galopante o bastante para falar.

— Ficarei feliz em encontrá-lo lá em cima, Vossa Graça, se quiser que eu ligue para Jesiba.

Jesiba, que está na Cimeira, onde você *devia estar no momento.*

— Aqui embaixo está ok.

Devagar, ele caminhou até as imponentes estantes.

Syrinx tremia no sofá; Lehabah se escondeu atrás de uma pequena pilha de livros. Até os animais em suas variadas gaiolas e pequenos tanques se encolheram. Apenas o nøkken continuava a sorrir.

— Por que não se senta, Vossa Graça? — convidou Bryce, recolhendo as embalagens, sem se importar se acabava com molho de pimenta na camiseta branca, somente interessada em que Micah se afastasse das prateleiras e daqueles preciosos livros.

Ele a ignorou, estudando os títulos em sua linha de visão.

Que Urd a livrasse. Bryce jogou as embalagens na lata de lixo abarrotada.

— Temos algumas peças de arte fascinantes lá em cima. Talvez queira me dizer o que está procurando.

Ela olhou para Lehabah, que havia ficado de um tom intenso de ciano, e balançou a cabeça em um apelo mudo para que tomasse cuidado.

Micah dobrou as asas e se virou para ela.

— O que estou procurando?

— Sim — sussurrou Bryce. — Eu...

Ele a prendeu com aqueles olhos frios.

— Estou procurando você.

* * *

O encontro daquele dia tinha sido o pior. O mais lento.

Sandriel se deleitava em enrolá-los com mentiras e meias-verdades, como se saboreasse o golpe de misericórdia: o momento em que se renderiam a ela e aos desejos dos asteri.

Hunt, recostado à parede entre a Guarda Asteriana em gala completa, observava o relógio se arrastar até as quatro. Ruhn parecia ter adormecido meia hora antes. A maior parte das facções inferiores havia sido dispensada, deixando a sala quase vazia. Até mesmo Naomi fora enviada de volta a Lunathion para se certificar de que a 33ª continuasse em forma. Apenas o staff mínimo e seus líderes ficaram. Como se todos agora soubessem que estava acabado. Que aquela *república* era uma farsa. Ou a pessoa reinava ou se curvava.

— Abrir um novo porto na costa leste de Valbara — disse Sandriel pela milésima vez — nos permitiria construir uma instalação de segurança ou nossa legião aquática...

Um telefone vibrou.

Jesiba Roga, para surpresa do anjo, tirou o aparelho do bolso interno do blazer cinza que fazia conjunto com seu vestido. Ela se remexeu no assento, desviando o telefone do olhar curioso do macho a sua esquerda.

Alguns poucos líderes tinham percebido a mudança no foco de atenção de Roga. Sandriel continuou a falar, alheia, mas Ruhn tinha despertado com o som e encarava a mulher. Assim como Fury, sentada a duas fileiras atrás da feiticeira.

Os polegares de Jesiba voavam pelo telefone, a boca pintada de vermelho contraída quando ergueu uma das mãos. Até Sandriel se calou.

— Lamento interromper, governadora, mas há algo que você... que todos nós... precisamos ver.

O anjo não tinha um motivo racional para o pavor que se instalou em seu estômago. O que quer que estivesse naquele telefone podia ter relação com qualquer coisa. No entanto, sua boca secou.

— O quê? — exigiu Sandriel do outro lado da sala.

Jesiba a ignorou e encarou Declan Emmet.

— Pode espelhar meu telefone nessas telas? — Ela indicou a série de monitores ao redor do recinto.

Declan, que estivera quase dormindo no anel atrás de Ruhn, imediatamente se endireitou.

— Sim, sem problema. — Ele era esperto o bastante para olhar primeiro para Sandriel... e a arcanjo revirou os olhos, mas assentiu. Em um instante, o laptop de Declan estava aberto. O feérico franziu o cenho para o que apareceu na tela, mas, então, apertou um botão.

E revelou dezenas de transmissões de vídeo diferentes; todas do Antiquário Griffin. No canto inferior direito, na familiar biblioteca... Hunt se esqueceu totalmente de respirar.

Em especial quando o telefone de Jesiba vibrou de novo e uma mensagem — uma continuação da conversa anterior, ao que parecia — pipocou nas telas. Seu coração parou com o nome: *Bryce Quinlan.*

Seu coração parou completamente com a mensagem. *A transmissão está pronta?*

— Mas que porra? — sibilou Ruhn.

Bryce estava diante da câmera, aparentemente servindo uma taça de vinho. E ao seu lado, sentado à mesa da biblioteca, estava Micah.

— Ele disse que tinha uma reunião... — murmurou Sandriel.

A câmera estava escondida dentro de um dos livros, logo acima da cabeça de Bryce.

Declan apertou algumas teclas do computador, acessando aquela filmagem em particular. Outra tecla

e o áudio encheu a sala de conferências.

— Quer algo para acompanhar o vinho? Queijo? — dizia a semifeérica por sobre o ombro, lançando um sorriso descontraído para Micah.

Micah se debruçou sobre a mesa, observando os livros abertos.

— Seria ótimo.

Bryce cantarolou, teclando discretamente no telefone conforme mexia no carrinho de bebidas.

A mensagem seguinte para Jesiba retumbou nas telas da sala de reunião.

Uma palavra que congelou o sangue de Hunt.

Socorro.

Não era uma súplica charmosa, atrevida. Não quando Bryce ergueu o olhar para a câmera.

Medo brilhava ali. Medo puro, intenso. Cada instinto de Hunt ficou em alerta máximo.

— Governadora — disse o Rei Outonal para Sandriel. — Eu gostaria de uma explicação.

Mas, antes que Sandriel pudesse responder, Ruhn ordenou, em tom baixo, os olhos grudados na tela:

— Flynn, envie uma unidade do Aux para o Antiquário Griffin. Imediatamente.

De pronto, Flynn tinha o telefone em mãos, os dedos voando.

— Micah não fez nada de errado — disparou Sandriel para o Príncipe Feérico. — Exceto demonstrar o péssimo gosto para fêmeas.

Aquilo arrancou um rosnado de Hunt.

Teria merecido um açoite de vento gélido de Sandriel, ele sabia, se o som não tivesse se perdido nos rosnados semelhantes de Declan e Ruhn.

— Vá até o Antiquário Griffin imediatamente — gritava Tristan Flynn para alguém. — Sim, na Cidade Velha. Não... apenas vá. É uma *maldita* ordem.

Ruhn vociferava outro comando para o lorde feérico, mas Micah começou a falar de novo.

— Tem mesmo estado ocupada. — Micah gesticulou para a mesa. — Procurando por uma brecha?

Bryce engoliu em seco enquanto servia um prato a Micah.

— Hunt é meu amigo.

Aqueles... aqueles eram livros jurídicos sobre a mesa. O estômago de Hunt despencou para os pés.

— Ah, sim — disse Micah, se recostando na cadeira. — Admiro isso em você.

— Que porra está acontecendo? — cuspiu Fury.

— Leal até a morte... e além — continuou o arcanjo. — Apesar de todas as provas contrárias, ainda acredita que Danika era algo mais que uma puta viciada.

Sabine e vários lobos rosnaram.

— Devíamos mandar uma alcateia. — Hunt ouviu Amelie Ravenscroft dizer para Sabine.

— Todas as principais matilhas estão aqui — murmurou Sabine, os olhos fixos na imagem. — Cada força de segurança de elite está aqui. Deixei apenas uns poucos para trás.

Mas, como um fósforo aceso, todo o semblante de Bryce se alterou. O medo se tornou raiva afiada, intensa. Normalmente, Hunt adorava ver aquele olhar faiscante. Não naquele momento.

Use a maldita cabeça, implorou a ela em silêncio. *Seja esperta.*

Bryce deixou o insulto de Micah assentar, estudando o prato de queijo e uvas que estava arrumando.

— Quem sabe qual é a verdade? — perguntou ela, com suavidade.

— Os filósofos nesta biblioteca certamente têm opiniões sobre o assunto.

— Sobre Danika?

— Não banque a idiota. — O sorriso de Micah se alargou. Ele apontou para os livros ao redor. — Sabe que abrigar esses volumes lhe garante passagem de ida para a execução?

— Parece muito barulho por causa de alguns livros.

— Humanos morreram por causa deles — ronronou Micah, indicando as estantes imponentes a sua volta. — Títulos banidos, se não estou enganado, muitos deles supostamente exclusivos dos Arquivos

dos Asteri. Evolução, matemática, teorias que contestam a superioridade dos vanir e asteri. Alguns de filósofos que as pessoas alegam terem existido *antes* da chegada dos asteri. — Uma risada suave, horrível. — Mentirosos e hereges, que admitiram seu engano quando torturados pelos asteri. Foram queimados vivos pelos trabalhos heréticos, consumidos como lenha. E, no entanto, aqui, sobrevivem. Todo o conhecimento do mundo antigo. De um mundo anterior aos asteri. E teorias de um mundo cujos mestres não são os vanir.

— Interessante — disse Bryce. Ela ainda não tinha se virado para encarar o arcanjo.

— O que, exatamente, tem na biblioteca? — perguntou Ruhn a Jesiba.

A feiticeira não disse nada. Absolutamente nada. Mas os olhos cinzentos prometiam morte fria.

— Ao menos sabe o que a cerca, Bryce Quinlan? — continuou Micah, inadvertidamente respondendo à pergunta do príncipe. Esta é a Grande Biblioteca de Parthos.

As palavras ecoaram pela sala. Jesiba se recusou a sequer abrir a boca.

— Parece um monte de baboseira de teoria da conspiração — argumentou Bryce a seu favor. — Parthos é uma história de ninar para humanos.

Micah bufou uma risada.

— Diz a fêmea com o amuleto archesiano no pescoço. O amuleto das sacerdotisas que um dia serviram e guardaram Parthos. Acho que sabe o que existe aqui... que passa seus dias em meio aos restos da biblioteca depois que a maior parte foi queimada pelas mãos dos vanir, há quinze mil anos.

Hunt sentiu um embrulho no estômago. Podia ter jurado que uma brisa gelada se espalhou a partir de Jesiba.

— Sabia que durante as Primeiras Guerras — prosseguiu Micah, indolente —, quando os asteri deram a ordem, foi em Parthos que o exército humano fez sua derradeira resistência aos vanir? Para salvaguardar o que eram antes das Fendas se abrirem... para salvar os *livros*. Cem mil humanos marcharam naquele dia, sabendo que iriam morrer e perder a guerra. — O sorriso do arcanjo se abriu. — Tudo a fim de garantir às sacerdotisas tempo para pegar os volumes mais importantes. Elas os embarcaram em navios e desapareceram. Estou curioso para saber como acabaram com Jesiba Roga.

A feiticeira que assistia à própria verdade se desenrolar nas telas ainda não falava. Para responder o que havia sido insinuado. Tinha alguma coisa a ver com o motivo que a levara a deixar as bruxas? Ou a se juntar ao Sub-Rei?

Micah se reclinou no assento, asas farfalhando.

— Havia muito, eu suspeitava que os resquícios de Parthos estavam guardados aqui... um registro de dois mil anos de conhecimento humano, datado de antes da chegada dos asteri. Dei uma olhada em alguns títulos nas prateleiras e soube que era verdade.

Ninguém sequer piscou conforme a verdade se revelava. Mas Jesiba apontou para as telas e disse para Tristan Flynn, para Sabine, a voz trêmula:

— Digam às Tropas Auxiliares que movam seus traseiros. Salvem aqueles livros. Eu lhes *imploro*.

Hunt rangeu os dentes. Claro que os livros eram mais importantes que Bryce para ela.

— O Aux não fará tal coisa — disse Sandriel, com frieza. Ela sorriu para Jesiba quando a fêmea enrijeceu. — E o que quer que Micah tenha em mente para sua assistentezinha vai parecer razoável comparado ao que os asteri farão com *você* por guardar aquele lixo mentiroso...

Mas Bryce ergueu a bandeja com o queijo e a taça de vinho.

— Olhe, apenas trabalho aqui, governador.

Enfim, ela encarou Micah. Estava vestida com roupas de ginástica: legging e uma camiseta branca de manga comprida. Os tênis rosa-néon brilhavam como primalux na biblioteca sombria.

— Fuja — incitou Flynn pela tela, como se Bryce pudesse ouvi-lo. — *Fuja*, porra, Bryce.

Sandriel fuzilou o guerreiro feérico com o olhar.

— Ousa acusar o governador de segundas intenções? — Mas dúvida brilhava em seus olhos.

O lorde feérico a ignorou, os olhos de volta às telas.

Hunt não conseguia se mover. Não enquanto Bryce pousava o prato com queijo, o vinho, e dizia para Micah:

— Você veio a minha procura, e aqui estou. — Um meio-sorriso. — Aquela Cimeira devia estar um verdadeiro tédio. — Ela cruzou os braços às costas, o retrato da descontração. Ela deu uma piscadela. — Vai me convidar para sair outra vez?

O arcanjo não via o ângulo que Declan havia selecionado... como os dedos da semifeérica começaram a se agitar a suas costas. Apontando para as escadas. Uma ordem desesperada e silenciosa para Lehabah e Syrinx fugirem. Nenhum dos dois se mexeu.

— Como me disse certa vez — respondeu Micah, com suavidade —, não estou interessado.

— Que pena. — O silêncio ecoava pela sala de conferências.

De novo, Bryce gesticulou a suas costas, os dedos trêmulos então. *Por favor,* aquelas mãos pareciam dizer. *Por favor, fujam. Enquanto eu o distraio.*

— Sente-se — disse Micah, apontado para a cadeira do outro lado da mesa. — Podemos muito bem ser civilizados sobre o assunto.

Bryce obedeceu, pestanejando.
— Sobre o quê?
— Sobre você me entregar o Chifre de Luna.



Bryce sabia que havia poucas chances de aquilo acabar bem.

Mas, se Jesiba tivesse visto suas mensagens, talvez tudo não fosse em vão. Talvez pudessem salvar os livros se os feitiços de proteção resistissem à cólera do arcanjo. Mesmo que os encantamentos da galeria não o houvessem feito.

— Não faço a menor ideia de onde está o chifre — disse Bryce, calmamente.

O sorriso do arcanjo não vacilou.

— Tente de novo.

— Não faço a menor ideia de onde está o chifre, *governador?*

Ele apoiou os poderosos braços sobre a mesa.

— Quer saber o que penso?

— Não, mas vai me dizer mesmo assim? — Seu coração acelerou e acelerou.

Micah riu.

— Acho que você decifrou tudo. Provavelmente no mesmo instante que eu, há alguns dias.

— Estou lisonjeada que me ache tão inteligente.

— Não você. — Outra risada fria. — Danika Fendyr era a inteligente. Ela roubou o chifre do templo, e você a conhecia bem o bastante para finalmente se dar conta do que ela fez com ele.

— Por que Danika iria querer o chifre? — perguntou Bryce, inocentemente. — Está quebrado.

— Estava rachado. E aposto que você já descobriu o que pode repará-lo. — O coração da semifeérica parecia ribombar enquanto Micah rosnava: — *Sintez*.

Ela se levantou, os joelhos um pouco trêmulos.

— Governador ou não, esta é uma propriedade privada. Se quer me queimar em uma estaca com todos esses livros, precisa de um mandato.

Bryce chegou às escadas. Mas Syrinx e Lehabah não tinham se movido.

— Devolva o chifre.

— Já disse, não sei onde está.

Ela colocou o pé sobre o degrau, e então Micah a alcançou, a mão no colarinho da camiseta.

— *Não minta* — sibilou ele.

* * *

Hunt cambaleou o total de um degrau escada abaixo antes que Sandriel o impedisse, vento o jogando contra a parede. Aquele poder serpenteava por sua garganta, fechando as cordas vocais. Deixando-o em silêncio para assistir ao que se desenrolava nas telas.

— Quer saber como descobri? — grunhiu Micah no ouvido de Bryce, mais animal que anjo.

Ela tremeu conforme o governador corria uma possessiva mão pela curva de sua espinha.

Hunt sentiu uma fúria homicida diante daquele toque, da prerrogativa, do puro pânico nos olhos arregalados de Bryce.

A semifeérica não era idiota o bastante para tentar uma fuga enquanto Micah voltava os dedos por sua coluna, intenção em cada carícia.

O maxilar de Hunt se contraiu com tanta força que doeu, a respiração saindo em arquejos longos, bramidos. Ele iria matá-lo. Encontraria um modo de se libertar de Sandriel e *mataria* o maldito arcanjo por aquele toque...

Micah passou os dedos pela delicada corrente do colar. Um novo, Hunt se deu conta.

O arcanjo ronronou, sem conhecimento da câmera a alguns poucos metros de distância.

— Vi a gravação de sua visita ao saguão do Comitium. Você deu seu amuleto archesiano a Sandriel. E ela o destruiu. — A mão larga envolveu o pescoço de Bryce, e ela fechou os olhos com força. —

Foi como descobri. Como você também descobriu a verdade.

— Não sei do que está falando — sussurrou Bryce.

A mão de Micah apertou mais, e o arcanjo podia muito estar com a mão na garganta de Hunt pela dificuldade que o anjo sentia em respirar.

— Por três anos, você usou aquele amuleto. Todo santo dia, toda maldita hora. Danika sabia disso. Também sabia que você não tinha ambição e que jamais tomaria a iniciativa de largar seu emprego. E, portanto, jamais tiraria o amuleto.

— Você é louco! — Bryce conseguiu dizer.

— Sou? Então me explique por que, uma hora depois de tirar o amuleto, aquele demônio kristallos a atacou.

Hunt ficou imóvel. Um demônio a havia *atacado* naquele dia? Ele encontrou o olhar de Ruhn, e o príncipe assentiu, o rosto pálido como a morte. *Chegamos a tempo*, foi tudo o que Danaan disse, de mente para mente.

— Falta de sorte? — arriscou Bryce.

Micah nem mesmo sorriu, a mão ainda apertando o pescoço da semifeérica.

— Não apenas está com o chifre. Você *é* o chifre. — A mão voltou às costas de Bryce. — Você se tornou sua portadora na noite em que Danika o triturou em um pó fino, misturou com a tinta de bruxa e, então, a

embebedou para que não fizesse perguntas quando mandou tatuá-lo em suas costas.

— *O quê?* — latiu Fury Axtar.

Deuses do caralho. Hunt arreganhou os dentes, ainda proibido de falar.

Mas Bryce disse:

— Por mais descolada que pareça, governador, essa tatuagem diz...

— A língua está além deste mundo. É a língua dos *universos*. E soletra um comando direto para ativar o chifre através de um sopro de puro poder. Assim como outrora fez para o Príncipe Estrelado. Pode não possuir os dons de seu antepassado, como seu irmão, mas acredito que sua linhagem e a sintez podem compensar esse detalhe quando eu usar meu poder em você. Encher a tatuagem, encher *você*, com poder é, na essência, soprar o chifre.

Bryce inspirou fundo.

— Sopre *isso*, babaca. — Ela afastou a cabeça, tão rápido que nem mesmo Micah conseguiu impedir a colisão do crânio com seu nariz. Ele tropeçou, dando tempo a ela de se virar e fugir...

Mas a mão do arcanjo não a largou.

E, com um safanão, a camiseta se rasgando nas costas de Bryce, Micah a arremessou no chão.

O grito de Hunt ficou preso na garganta, mas o de Ruhn ecoou pela sala de reunião enquanto Bryce escorregava pelo tapete.

Lehabah gritou enquanto Syrinx rugia, e Bryce conseguiu disparar:

— *Se escondam.*

Mas o arcanjo hesitou, observando a mulher jogada no piso a sua frente.

A tatuagem em suas costas. O Chifre de Luna contido na tinta escura.

Bryce se levantou com dificuldade, como se tivesse para onde ir, onde se esconder do governador e de seu terrível poder. Ela chegou ao outro lado do cômodo, aos degraus para o mezanino...

Micah se moveu, rápido como o vento. Agarrou o calcanhar da mulher e a atirou pela sala.

O grito de Bryce conforme colidia com a mesa de madeira e o móvel se espatifava sob ela foi o pior som que Hunt já havia escutado.

— Ele vai matá-la — murmurou Ruhn.

Bryce rastejou de costas pelos detritos da mesa, o sangue correndo da boca enquanto ela sussurrava para Micah:

— Você matou Danika e a matilha.

Micah sorriu.

— Adorei cada segundo.

A sala de conferências tremeu. Ou talvez tenha sido o próprio Hunt.

Em seguida o arcanjo estava sobre ela, e Hunt não podia suportar aquilo, a visão do governador pegando

Bryce pelo pescoço e a jogando outra vez pelo cômodo, naquelas estantes.

— Onde está o *maldito* Aux? — berrou Ruhn para Flynn. Para Sabine.

Mas os olhos da loba estavam arregalados. Atônitos.

Então, lentamente, Bryce se arrastou para trás, até as escadas do jirau, agarrando os livros para içar o corpo adiante. Um corte sangrava na legging, osso brilhava sob uma protuberante lasca de madeira.

— Por quê? — ofegou, meio soluçando.

Lehabah havia se esgueirado até a porta de metal do banheiro, nos fundos da biblioteca, e conseguido abri-la, como se sinalizando para Bryce que a alcançasse... de modo que pudessem se trancar ali dentro até a ajuda chegar.

— Descobriu, durante sua pesquisa, que sou investidor das Indústrias Redner? Que tenho acesso a todos os seus experimentos?

— Ah, merda — disse Isaiah do outro lado do auditório.

— E você descobriu — continuou Micah — o que Danika *fazia* para as Indústrias Redner?

Bryce ainda rastejava de costas pela escada. Mas não havia para onde escapar.

— Ela trabalhava como segurança em meio-expediente.

— Foi como ela dourou a pílula para você? — Ele sorriu. — Danika caçava as pessoas que Redner queria que ela achasse. Pessoas que não queriam ser encontradas. Inclusive um grupo de rebeldes de Ophion que vinha testando uma fórmula de magia sintética para auxiliar na traição humana. Eles se debruçaram sobre histórias há muito esquecidas e descobriram que o veneno do demônio kristallos anulava a magia... *nossa* magia. Então esses rebeldes espertos decidiram pesquisar o motivo, isolando as proteínas atacadas pelo veneno. A fonte da magia. Os espiões humanos de Redner o avisaram, e lá se foi Danika para pegar a pesquisa... e as pessoas por trás da mesma.

Bryce ofegou, ainda rastejando lentamente para cima. Ninguém abriu a boca na sala de conferências conforme ela dizia:

— Os asteri não aprovam magia sintética. Como Redner sequer conseguiu pesquisá-la?

Hunt tremeu. Ela estava ganhando tempo.

Micah parecia mais que feliz em fazer sua vontade.

— Porque Redner sabia que os asteri vetariam qualquer pesquisa sobre magia sintética, que *eu* vetaria os experimentos, eles os classificaram como um fármaco. Redner me convidou para investir. Os primeiros resultados foram um sucesso: com a droga, os humanos podiam se curar mais rapidamente do que com a ajuda de qualquer medbruxa ou poder

feérico. Mas os últimos resultados não correram de acordo com o plano. Os vanir, descobrimos, enlouqueciam quando a tomavam. E humanos que tomavam uma dose maior... Bem. Danika usou suas credenciais de segurança para roubar as gravações dos testes... e suspeito que as deixou para você, não?

Solas Flamejante. Para cima e para cima, Bryce se esgueirava pelas escadas, os dedos tateando aqueles livros antigos e preciosos.

— Como ela descobriu o que vocês estavam tramando?

— Ela sempre metia o nariz onde não era chamada. Sempre querendo proteger os indefesos.

— De monstros como *você* — cuspiu Bryce, ainda galgando os degraus. Ainda ganhando tempo.

O sorriso de Micah era medonho.

— Ela não fazia segredo do interesse nos testes da sintez, porque estava disposta a encontrar um meio de ajudar a amiga mestiça, vulnerável e fraca. Você, que não herdaria nenhum poder... Ela se perguntava se você teria alguma chance contra os predadores que governam o mundo. E, quando viu os horrores que a sintez podia acarretar, ficou *preocupada* com as cobaias. Preocupada com o que faria aos humanos se vazasse para as ruas. Mas os funcionários de Redner disseram que Danika também tinha a própria pesquisa por lá. Ninguém sabia qual, mas ela passava

tempo nos laboratórios fora do horário do expediente.

Tudo aquilo devia estar no pendrive que Bryce havia encontrado. Hunt rezou para que ela o tivesse escondido em um lugar seguro. Imaginou que outras revelações haviam sido gravadas ali.

— Ela jamais vendeu sintez naquele barco, vendeu? — perguntou Bryce.

— Não. Àquela altura, já tinha me dado conta de que precisava de alguém com acesso irrestrito ao templo para pegar o chifre... Eu seria facilmente reconhecido. Então, quando ela roubou a gravação dos testes da sintez, tive chance de usá-la.

Bryce subiu outro degrau.

— Você vazou a sintez para as ruas.

Micah continuou a acompanhá-la.

— Sim. Sabia que a necessidade constante de ser uma heroína colocaria Danika atrás da droga para salvar a escória de Lunathion da autodestruição. Ela recuperou a maior parte, mas não tudo. Quando eu lhe disse que a vira no rio, quando aleguei que ninguém acreditaria que a Princesa Baladeira estava tentando tirar drogas das ruas, suas mãos ficaram atadas. Eu disse que esqueceria tudo se ela me fizesse um pequeno favor, no momento certo.

— Você causou o blecaute na noite que ela roubou o chifre.

— Sim. Mas subestimei Danika. Ela ficara desconfiada de meu interesse na sintez muito antes da droga chegar às ruas e, quando a chantageei para roubar o chifre, deve ter se dado conta da ligação entre os dois. Que o chifre pode ser reparado com a sintez.

— Então você a matou por causa disso? — Outro degrau, outra pergunta para ganhar tempo.

— Eu a matei porque ela escondeu o chifre antes que eu pudesse consertá-lo com a droga. E, portanto, ajudar meu povo.

— Achei que seu poder seria suficiente para tanto — argumentou Bryce, como se tentasse bajulá-lo para se salvar.

O arcanjo pareceu verdadeiramente triste por um instante.

— Até mesmo meu poder não é suficiente para ajudar meu povo. Para manter a guerra longe das margens de Valbara. Para isso, preciso de ajuda além de nosso mundo. O chifre vai abrir um portal e permitir que eu invoque um exército para dizimar os rebeldes humanos e acabar com sua destruição irresponsável.

— Que mundo? — perguntou Bryce, empalidecendo. — O Inferno?

— O Inferno não se ajoelharia diante de mim. Mas, nos contos antigos, há rumores da existência de outros mundos que se curvariam a um poder como o

meu... e se curvariam ao chifre. — Ele sorriu, frio como um peixe das profundezas. — Aquele que empunha o chifre com o poder intacto pode fazer qualquer coisa. Talvez se estabelecer como um asteri.

— O poder dos asteri é nato, não criado — disparou Bryce, mesmo enquanto o rosto ficava cinzento.

— Com o chifre, não seria preciso o poder de uma estrela para governar. E os asteri reconheceriam isso. Me acolheriam como um deles. — Outra risada suave.

— Você matou aqueles dois estudantes da UCLC.

— Não. Eles foram assassinados por um sátiro chapado de sintez enquanto Danika estava ocupada roubando o chifre naquela noite. Tenho certeza de que a culpa a consumiu.

Bryce tremia. Hunt também.

— Então você foi ao apartamento e matou Danika e a Matilha dos Demônios?

— Esperei até que Philip Briggs fosse libertado.

— Ele guardava o sal preto que o incriminaria no laboratório — murmurou ela.

— Sim. Assim que ele estava de volta às ruas, fui ao apartamento da loba, seu apartamento, subjuguei a Matilha dos Demônios com meu poder e injetei sintez em Danika. E assisti enquanto ela os destroçava, antes de se voltar contra si mesma.

Bryce chorava copiosamente agora.

— Mas ela não contou a você. Onde o chifre estava.

Micah deu de ombros.

— Ela aguentou firme.

— E então... você conjurou o kristallos depois para cobrir seus rastros? Deixou a besta atacá-lo no beco para evitar que seus triários desconfiassem? Ou apenas para lhe dar um motivo para monitorar o caso de perto sem despertar suspeitas? E depois esperou por dois anos?

Ele franziu o cenho.

— Passei esses últimos dois anos procurando o chifre, invocando demônios kristallos a fim de caçá-lo para mim, mas não consegui encontrar nenhuma pista. Até me dar conta de que *eu* não precisava fazer o trabalho duro. Porque você, Bryce Quinlan, era a chave para encontrar o chifre. Eu sabia que Danika o tinha escondido em algum lugar, e *você*, dada a chance de se vingar, me levaria até ele. Todo o meu poder não podia achá-lo, mas você... você a amava. E o poder de seu amor me traria o chifre. Incendiaria sua sede de justiça e a levaria direto a ele. — Ele bufou. — Mas havia uma chance de que não chegasse longe... não sozinha. Então plantei uma ideia na mente do Rei Outonal.

Todos na sala olharam para o macho feérico de expressão impassível.

— Ele o manipulou com maestria — rosnou Ruhn para o pai.

Os olhos cor de âmbar do Rei Outonal brilharam com raiva cega. Mas Micah continuou antes que ele pudesse falar:

— Sabia que provocá-lo sobre o declínio do poder feérico, sobre a perda do chifre, iria ferir seu orgulho *apenas* o bastante para que ordenasse ao filho Estrelado que procurasse o artefato.

Bryce suspirou longamente.

— De modo que, se eu não pudesse encontrá-lo, então quem sabe Ruhn conseguiria?

Ruhn piscou.

— Eu... toda vez que eu buscava o chifre... — Ele empalideceu. — Sempre sentia o impulso de ver Bryce. — Ele se virou no assento para encontrar o olhar de Hunt, então disse, de mente para mente, *Pensei que fosse a galeria, algum conhecimento ali... mas, porra, era ela.*

Sua ligação de Estrelado com ela e o chifre deve ter suplantado até mesmo o poder de dissimulação do amuleto archesiano, respondeu Hunt. *É um vínculo e tanto.*

— E invocar o kristallos todos esses meses? Os assassinatos? — perguntou Bryce.

— Conjurei o kristallos para dar um empurrãozinho em vocês dois, me certificando de que ficasse fora das câmeras, sabendo que a conexão com o chifre os levaria até ele. Injetando Tertian, a

acólita e a sentinela do templo com sintez... deixando que se destroçassem... também foi para encorajá-los. Tertian, como desculpa para envolvê-la na investigação, e os outros para continuar a lhes indicar o caminho. Selecionei duas pessoas do templo que estavam de serviço na noite em que Danika roubou o chifre.

— E a bomba no Corvo Branco, com a imagem do chifre no engradado? Um outro *empurrãozinho*?

— Sim, para levantar suspeitas de que os humanos estavam por trás de tudo. Plantei bombas pela cidade, em lugares que imaginei que podiam frequentar. Quando a localização do telefone de Athalar apitou na boate, sabia que os deuses estavam do meu lado. Então detonei a bomba a distância.

— Eu podia ter morrido.

— Talvez. Mas estava disposto a apostar que Athalar a protegeria. E por que não causar um pouco de caos, espalhar um pouco de ressentimento entre humanos e vanir? Apenas tornaria mais fácil convencer outros da sabedoria de meu plano para acabar com o conflito. Em especial, com um custo que a maioria acharia muito alto.

A cabeça de Hunt rodou. Ninguém na sala falava.

Bryce diminuiu a velocidade de sua retirada enquanto fazia uma careta de dor.

— E o prédio? Achei que tinha sido Hunt, mas não foi, foi? Foi você.

— Sim. O pedido de seu senhorio foi direto para meus triários. E para mim. Sabia que Danika não havia deixado nada ali. Mas, àquela altura, Bryce Quinlan, estava me divertindo vendo seu esforço. Sabia que o plano de Athalar para conseguir a sintez logo seria exposto... e tive o palpite de que estaria disposta a acreditar no pior sobre o anjo. Que ele havia usado o poder do relâmpago em suas veias para colocar em risco pessoas inocentes. Ele é um assassino. Pensei que você precisava de um lembrete. Que a culpa caísse nas costas de Athalar foi uma dádiva inusitada.

Hunt ignorou os olhares em sua direção. O maldito babaca jamais planejara honrar a barganha. Se ele houvesse resolvido o caso, Micah o teria matado. Matado os dois. Ele fora enganado como um tolo.

— Quando começou a suspeitar que era eu? — perguntou Bryce, a voz rouca.

— Naquela noite em que o demônio atacou Athalar no jardim. Apenas mais tarde me dei conta de que provavelmente ele tinha tocado em algum item pessoal de Danika que devia ter entrado em contato com o chifre.

Hunt havia tocado a jaqueta de couro da loba naquele dia. Ficou com seu cheiro.

— Quando tirei Athalar das ruas, invoquei o kristallos outra vez... e ele foi direto até você. A única

coisa que havia mudado é que, enfim, você tinha tirado o amuleto. E então... — Ele riu. — Vi as fotos de sua temporada com Athalar. Inclusive aquela de suas costas. A tatuagem que fez dias antes da morte de Danika, segundo a lista de últimos passos da loba enviada por Ruhn Danaan para você e Athalar... aquela conta me é facilmente acessível.

Os dedos de Bryce cravaram no carpete, como se ela tivesse desenvolvido garras.

— Como sabe que o chifre vai funcionar agora que está em minhas costas?

— A forma física do chifre não importa. Se tem o formato de um chifre ou de um cordão ou de pó misturado a tinta de bruxa, seu poder permanece.

Hunt xingou em silêncio. Ele e Bryce nunca haviam visitado o estúdio de tatuagem. Bryce dissera que sabia por que Danika fora até lá.

Micah continuou:

— Danika sabia que o amuleto archesiano a manteria indetectável, para magia ou demônios. Com aquele amuleto, você era *invisível* para o kristallos, criado para caçar o chifre. Suspeito de que ela soubesse que Jesiba Roga mantém encantamentos similares na galeria, e talvez a loba tenha colocado alguns em seus apartamentos... o antigo e o que deixou para você... a fim de se certificar de que estivesse ainda mais velada para a criatura.

Hunt esquadrinhou as imagens externas das câmeras da galeria. Onde diabo estava o Aux?

— E achou que ninguém descobriria nada? E quanto ao testemunho de Briggs? — vociferou Bryce.

— Briggs é um fanático desvairado que foi preso por Danika antes de uma explosão planejada. Ninguém escutaria suas alegações de inocência. — Em especial quando o advogado tinha sido providenciado por Micah.

Bryce olhou para a câmera. Como se verificasse se continuava ligada.

— Ela o está incitando para conseguir uma confissão completa — sussurrou Sabine.

Apesar do terror tensionando o corpo, o orgulho invadiu Hunt.

Micah sorriu outra vez.

— Então, aqui estamos.

— Você é um merda — disse Bryce.

Mas, em seguida, Micah levou a mão ao bolso. Pegou uma seringa cheia de um líquido cristalino.

— Me xingar não vai me impedir de usar o chifre.

A respiração de Hunt lhe rasgava o peito.

Micah avançou para a semifeérica.

— Os restos do chifre estão agora entalhados em sua pele. Quando eu injetar sintez em você, as propriedades curativas da droga vão encontrar e consertar o que está quebrado. E o chifre ficará

inteiro novamente. Pronto para que eu descubra se funciona afinal.

— Você arriscaria abrir um portal para um outro mundo no meio da Cidade da Lua Crescente — bradou ela, se afastando — apenas para *descobrir se o artefato funciona*?

— Se estiver certo, os prós superam, em muito, os contras — respondeu Micah, calmamente, enquanto uma gota de líquido brilhava na ponta da agulha. — É uma pena que não vá sobreviver aos efeitos colaterais da sintez para que possa ver por si mesma.

Bryce tentou pegar um livro na prateleira baixa ao longo das escadas, mas Micah a impediu com uma lufada de vento.

Seu rosto se contraiu quando o arcanjo se ajoelhou sobre ela.

— *Não.*

Aquilo não podia acontecer; Hunt não podia *permitir* que acontecesse.

Mas Bryce não podia fazer nada, Hunt não podia fazer nada conforme Micah enfiava a agulha na coxa da semifeérica. Empurrava o êmbolo. Ela gritou, se debateu, mas Micah se afastou.

Ele deve ter diminuído seu controle sobre ela, porque Bryce relaxou nos degraus acarpetados.

O bastardo olhou para o relógio. Checando quanto tempo tinha até que ela se rasgasse. Devagar, as feridas no corpo machucado começaram a

cicatrizar. O lábio partido completamente... embora o corte até o osso em sua coxa se fechasse bem mais lentamente.

Sorrindo, Micah estendeu a mão para a tatuagem nas costas expostas de Bryce.

— Devemos?

Mas Bryce se mexeu de novo... e, daquela vez, o poder de Micah não a alcançou antes que ela agarrasse um livro na estante e o segurasse com força.

Luz dourada irrompeu das páginas, uma bolha contra a qual a mão de Micah golpeou de modo inofensivo. Ele empurrou. A bolha não cedeu.

Graças aos deuses. Se aquilo pudesse lhe garantir mais alguns minutos até a ajuda chegar... Mas que chances tinha uma matilha do Aux contra um arcanjo? Hunt lutou contra as amarras invisíveis. Esmiuçou a memória em busca de qualquer coisa a ser feita, qualquer um na cidade que pudesse ajudar...

— Muito bem — disse Micah, aquele sorriso insistente enquanto testava a barreira dourada novamente. — Há sempre outras maneiras de fazê-la colaborar.

Bryce tremia em sua bolha dourada. O coração de Hunt parou enquanto Micah avançava pelos degraus do mezanino. Na direção de onde Syrinx se escondia atrás do sofá.

— Não — murmurou Bryce. — *Não...*

A quimera se debateu, mordendo o arcanjo, que o segurava pelo cachaço.

Bryce deixou o livro cair. A bolha dourada desapareceu. Mas, quando ela tentou se levantar com a perna ainda em cicatrização, esta cedeu. Mesmo sintez não a conseguia curar rápido o bastante para suportar o peso.

Micah apenas carregou Syrinx com ele. Até o tanque.

— *POR FAVOR* — gritou Bryce. De novo, ela tentou se mover. De novo, de novo, de novo.

Mas Micah nem mesmo vacilou enquanto abria a porta da pequena escadaria que levava ao topo do tanque do nøkken. Os berros de Bryce não tinham fim.

Declan acessou a câmera no topo do tanque... no momento que Micah abriu a portinhola de alimentação. E jogou Syrinx na água.



Ele não sabia nadar.

Syrinx não sabia nadar. A quimera não tinha qualquer chance de sair, de se livrar do nøkken...

De seu ângulo mais baixo, Bryce podia apenas vislumbrar a parte inferior das pernas de Syrinx, frenéticas e desesperadas, conforme ele lutava para se manter na superfície. Ela largou o livro, a bolha dourada se rompendo, e tentou se levantar.

Micah saiu pela porta da escadaria do tanque. Seu poder a atingiu um segundo depois.

A força a virou, prendendo-a de bruços nos degraus acarpetados. Expondo suas costas para o arcanjo.

Ela se contorceu, a dor intensa abafada pela dormência formigante que invadia seu sangue. Syrinx estava se afogando, estava...

Micah assomou sobre ela. Ela estendeu um dos braços na direção da prateleira. Os dedos, formigando, roçaram os títulos. *Sobre o Número Divino; Os mortos-vivos; O livro dos fôlegos; A Rainha de Muitos Rostos...*

Syrinx se debatia e debatia, ainda lutando tanto...

E, então, Micah lançou uma rajada de chamas brancas direto em suas costas. No chifre.

Ela gritou, embora o fogo não queimasse, mas, em vez disso, fosse absorvido pela tinta. Puro poder a invadia, chamas se tornando gelo e crepitando através de seu sangue, como glaciares se expandindo.

O ar na sala parecia se consumir, mais e mais e mais...

Explodiu em uma onda violenta. Bryce gritou, a geada em suas veias chiando em uma agonia escaldante. No andar de cima, vidro se quebrou. Então nada.

Nada. Ela tremia no chão, gelo dormente e labareda ardente percorriam-na em espasmos.

Micah olhou em volta. Aguardou.

Bryce mal conseguia respirar, tremendo enquanto esperava a abertura do portal, o surgimento de algum buraco para outro mundo. Mas nada aconteceu.

Desapontamento brilhou nos olhos de Micah.

— Interessante — comentou ele.

A palavra disse a ela o bastante: o arcanjo tentaria de novo. E de novo. Não importava se ela estivesse

viva ou virado uma pilha de polpa autodestruída. Seu corpo ainda abrigaria a tinta do chifre... o próprio chifre. Micah trabalharia em seu cadáver, se precisasse, até encontrar um meio de abrir um portal para outro mundo.

A semifeérica havia descoberto tudo horas depois do ataque do kristallos no cais, quando tinha se observado no espelho. E começado a suspeitar que a tatuagem em suas costas não estava em um alfabeto que não reconhecesse porque *não* era um alfabeto. Não um de Midgard. Bryce havia reexaminado todos os lugares que Danika visitara naquela última semana e visto que apenas o estúdio de tatuagem não fora verificado. Então tinha se dado conta de que o amuleto se fora e ela havia sido atacada. Assim como Hunt havia sido atacado pelo kristallos no parque... depois que tocara na jaqueta de Danika na galeria. Tocado no cheiro da loba, cheio do chifre.

Bryce enrijeceu, lutando contra a pressão invisível do poder de Micah. Seus dedos roçaram na lombada roxo-escura de um livro.

Syrinx, Syrinx, Syrinx...

— Talvez destrinchar o chifre de você seja mais eficaz — murmurou o arcanjo. Uma faca zuniu, livre da bainha em sua coxa. — Temo que isso vá doer.

O dedo de Bryce se enganchou no canto da lombada. *Por favor.*

O volume não se moveu. Micah ajoelhou sobre ela.

Por favor, implorou ao livro. *Por favor.*

O tomo escorregou na direção de seus dedos.

Bryce arrancou o livro da prateleira e abriu as páginas.

Uma luz esverdeada explodiu do interior. Direto no peito de Micah.

Aquilo o lançou através da biblioteca, um tiro direto para a porta do banheiro.

Onde Lehabah aguardava nas sombras, um pequeno livro em mãos, cujas páginas a duende abriu para libertar outro jato de poder contra a porta, fechando-a.

O poder do livro sibilou sobre a entrada do banheiro, selando-a. Trancando o arcanjo ali dentro.

* * *

Ruhn não havia acordado naquela manhã esperando assistir à morte da irmã.

E o pai... O pai de Ruhn não disse nada diante do horror que se desenrolava.

Por três batidas de coração, Bryce ficou deitada nos degraus, conforme a perna terminava de cicatrizar, enquanto ela encarava a porta fechada do banheiro. Teria sido engraçado, a ideia de prender um quase deus dentro de um banheiro, se não fosse tão aterrorizante.

— Ajude-a — grunhiu uma voz estrangulada às costas de Ruhn.

Hunt. Os músculos do pescoço do anjo estavam inchados, lutando contra o controle de Sandriel. De fato, os olhos de Hunt estavam na arcanjo enquanto rosnava:

— *Ajude-a.*

A porta de metal do banheiro, mesmo selada pelo poder do livro, não seguraria Micah por muito tempo. Minutos, se tanto. E a sintez no organismo de Bryce... Quanto tempo a irmã teria até que se rasgasse em pedaços sangrentos?

Lehabah disparou na direção de Bryce no momento que Hunt outra vez grunhia para Sandriel:

— *Vá impedi-lo.*

Mesmo a uma velocidade incrível, Sandriel levaria uma hora para voar até lá. Trinta minutos de helicóptero.

Um som de engasgo encheu o ar quando a arcanjo intensificou a pressão de seu poder, silenciando a voz de Hunt.

— É o território de Micah. Não tenho autoridade para intervir em seus assuntos.

— *Vá. Se. Foder!* — Athalar ainda conseguiu dizer, os olhos castanhos faiscando.

Todos os triários de Sandriel fixaram a atenção letal em Hunt. Mas o anjo não parecia dar a mínima. Não quando Bryce ofegou para Lehabah:

— *Coloque a plataforma de alimentação para funcionar.*

O corte fundo em sua coxa enfim havia cicatrizado, graças à sintez correndo em suas veias. E, então, Bryce estava de pé, correndo.

A porta do banheiro tremeu. Ela nem mesmo olhou para trás enquanto disparava, mancando, para as escadas do tanque. Pegou uma faca do chão. A faca de Micah.

Ruhn precisou se lembrar de respirar quando Bryce alcançou as escadas, rasgando um pedaço da camiseta arruinada e enrolando a faixa em sua coxa para prender a faca. Uma bainha improvisada.

Declan mudou para a imagem da pequena câmara acima do tanque, a água chapinhando pela grade do piso. Um quadrado de 90 centímetros no centro se abria para as sombras, uma pequena plataforma presa a uma corrente ancorada no topo do tanque. Lehabah flutuava perto dos controles.

— A criatura não está atacando — choramingou a duende. — Syrinx está apenas inerte, está morto...

Bryce se ajoelhou e começou a ofegar. Rápido, rápido, rápido...

— O que ela está fazendo? — perguntou a rainha Hypaxia.

— Ela está hiperventilando — murmurou Tharion em resposta. — Para levar mais ar aos pulmões.

— Bryce — implorou Lehabah. — É um...

Mas, então, Bryce tomou fôlego uma última e poderosa vez e mergulhou.

No covil do nøkken. A plataforma de alimentação afundou com ela, a corrente se desenrolando na escuridão, e, conforme os elos passavam por Bryce, ela segurou os anéis de ferro, nadando para o fundo, fundo, fundo...

Bryce não tinha magia. Nenhuma força ou imortalidade para protegê-la. Não contra o nøkken naquele tanque; não contra o arcanjo que estava a um minuto de arrebentar a porta daquele banheiro. Não contra a sintez que a destruiria se o restante não o fizesse.

Sua irmã, sua impetuosa e brava irmã... sabia de tudo aquilo e, ainda assim, foi salvar o amigo.

— É seu Ordálio — murmurou Flynn. — É seu maldito Ordálio.



A água gelada ameaçava roubar o pouco ar em seus pulmões.

Bryce se recusou a pensar no frio, na dor persistente da perna curada, nos dois monstros na biblioteca com ela. Um, ao menos, tinha sido contido pela porta do banheiro.

O outro...

Bryce manteve o foco em Syrinx, se recusando a deixar o terror dominá-la, a deixar que lhe roubasse o fôlego conforme se aproximava do corpo inerte da quimera.

Ela não iria aceitar aquilo. Nem por um instante.

Os pulmões começaram a queimar, um aperto crescente contra o qual lutou enquanto carregava Syrinx até a plataforma de alimentação, sua linha de salvação na água, longe do nøkken. Seus dedos se

agarraram aos elos da corrente conforme a plataforma voltava à superfície.

Com os pulmões comprimidos, Bryce segurou Syrinx sobre a plataforma, deixando que esta os propelisse para cima, para cima...

Das sombras do fundo rochoso, o nøkken se lançou adiante. Quase sorrindo.

O nøkken sabia que ela iria atrás de Syrinx. Tinha observado-a na biblioteca por semanas.

Mas a plataforma de alimentação rompeu a superfície, Bryce com ela. A semifeérica engoliu o ar doce e salvador enquanto empurrava Syrinx pela borda e ofegava para Lehabah:

— Massagem cardíaca...

Mãos com garras envolveram seus calcanhares, rasgando a pele quando a puxaram de volta. Sua testa bateu na moldura de metal da plataforma antes que a água gelada a engolisse mais uma vez.

* * *

Hunt não conseguia respirar quando viu o nøkken arremessar Bryce contra a parede do tanque com tanta força que o vidro rachou.

O impacto a despertou de seu estupor no momento que o nøkken atacou seu rosto.

Ela desviou para a esquerda, mas a criatura ainda cravou os talões em seus ombros, cortando a pele.

Bryce buscou a faca que havia prendido à coxa...

O nøkken tirou a faca de suas mãos, jogando-a na escuridão aquosa.

E estava acabado. Seria a morte da semifeérica. Não pela mão de Micah, não pela sintez em seu organismo, mas pelas garras do nøkken.

Hunt não podia fazer nada, nada, nada enquanto o monstro atacava o rosto da fêmea...

Bryce se mexeu outra vez. Investindo, não para uma arma escondida, mas para outro tipo de ataque.

Ela golpeou com a mão direita o fundo do abdômen do nøkken... e a enfiou dentro das dobras quase invisíveis. Aconteceu tão rápido que Hunt não tinha certeza do que ela fizera. Até que a semifeérica torceu o punho, e a criatura arqueou de dor.

Bolhas saíram da boca de Bryce enquanto ela apertava as bolas do nøkken com mais força...

Cada macho na sala se encolheu.

O nøkken a largou, caindo no fundo. Era a oportunidade de que Bryce precisava. Ela boiou até o vidro rachado, preparou as pernas e golpeou.

O impulso a lançou pela água. O ferimento na cabeça deixava um rastro de sangue a reboque, mesmo conforme a sintez cicatrizava o corte e prevenia que a pancada a deixasse inconsciente.

A plataforma caiu na água novamente. Lehabah a tinha descido. Um último salva-vidas. Bryce pulou como um golfinho naquela direção, os braços à frente

do corpo. Um redemoinho de sangue acompanhava cada pernada.

No fundo rochoso do tanque, o nøkken havia se recuperado... e agora arreganhava os dentes para a fêmea em fuga. Raiva ardente brilhava naqueles olhos leitosos.

— *Nade, Bryce* — rosnou Tharion. — Não olhe para trás.

A plataforma chegou ao nível mais baixo. Bryce nadou, dentes trincados. O instinto de inspirar tinha de ser horrendo.

Vamos, rezou Hunt. *Vamos.*

Os dedos de Bryce se fecharam no fundo da plataforma. Então na moldura. O nøkken investia das profundezas, fúria e morte ardendo no rosto monstruoso.

— Não pare, Bryce — avisou Fury Axtar à tela.

Bryce não o fez. Palmo a palmo a palmo, ela escalou a corrente ascendente, lutando por cada centímetro vencido na direção da superfície.

Três metros do topo. O nøkken chegou à base da plataforma.

Um metro e meio. O nøkken balançou a corrente, mirando nos calcanhares.

Bryce rompeu a superfície com um soluço agudo, os braços lutando, içando, içando...

Ela livrou o torso. O estômago. As pernas.

As mãos do nøkken irromperam da água, à procura.

Mas Bryce tinha saído de alcance. E agora ofegava, pingando água na superfície revolta sob o piso de grade. A cabeça havia se curado completamente.

O nøkken, incapaz de suportar o toque do ar, mergulhou abaixo da superfície no momento que a plataforma de alimentação estacou, fechando o acesso à água.

— Puta merda — murmurou Fury Axtar, passando as mãos trêmulas pelo rosto. — Puta merda.

Bryce correu para um Syrinx inerte.

— Nada? — perguntou a Lehabah.

— Não, ele...

Bryce começou a massagem cardíaca, dois dedos no centro do peito ensopado da quimera. Fechou as mandíbulas e soprou nas narinas. Fez de novo. De novo. De novo.

Ela não falava. Não implorava a nenhum dos deuses enquanto tentava ressuscitá-la.

Em uma gravação do outro lado da sala, a porta do banheiro chiava sob o ataque de Micah. Ela precisava ir. Tinha de fugir agora, ou seria explodida em fragmentos de ossos...

Bryce ficou. Continuou lutando pela vida da quimera.

— Não podem se comunicar por rádio? — perguntou Ruhn a Declan e Jesiba. — Não pode nos

conectar? — Apontou para a tela. — Dizer a ela que *saia imediatamente dali.*

— Só funciona de um lado — respondeu Jesiba, em tom baixo, o rosto pálido.

Bryce prosseguiu com a massagem, o cabelo molhado pingando, a pele azul sob a luz do tanque, como se ela mesma fosse um cadáver. E rabiscado em suas costas, cortado apenas pelo sutiã preto de ginástica... o chifre.

Mesmo que ela saísse da galeria, que, de algum modo, sobrevivesse à sintez, Micah iria...

Syrinx se debateu, vomitando água. Bryce soltou um soluço, mas virou a quimera, deixando-a cuspir o líquido. A criatura convulsionou, vomitando novamente, lutando por cada respiração.

Lehabah havia pegado uma camiseta da gaveta de uma das mesas no topo das escadas. A duende a deu para Bryce, e a semifeérica a colocou no lugar da sua, arruinada, antes de carregar um ainda fraco Syrinx nos braços e tentar se levantar.

Ela gemeu de dor, quase derrubando Syrinx, quando a perna esguichou sangue na água do chão.

Hunt tinha estado tão concentrado no ferimento da cabeça que não vira o nøkken rasgar sua panturrilha... onde a carne, visível pela legging, continuava meio aberta. Ainda cicatrizando, lentamente. O nøkken devia ter enfiado as garras até

o osso se a ferida era tão grave que a sintez ainda tentava fechá-la.

— Temos de fugir. Agora. Antes que ele saia — disse Bryce, sem esperar pela resposta de Lehabah, conseguindo se levantar enquanto carregava Syrinx.

Ela mancava... terrivelmente. E assim se movia, muito devagar, na direção das escadas.

A porta do banheiro se aqueceu de novo, o metal vermelho-incandescente conforme Micah tentava derreter uma abertura.

Bryce ofegava entre dentes, um ssss-ssss-ssss a cada passo. Tentava controlar a dor que a sintez ainda não tinha amainado. Tentava arrastar uma quimera de 13 quilos por um lance de escadas, sobre a perna destroçada.

A porta do banheiro pulsou com luz, faíscas vazando pelas rachaduras. Bryce chegou à biblioteca, deu um passo hesitante na direção da escadaria principal para a sala de exibições, então gemeu.

— Deixe-a — grunhiu o Rei Outonal. — Deixe a quimera.

Hunt soube, mesmo antes de Bryce dar outro passo, que ela não o faria. Que ela iria preferir ter as costas rasgadas pelo arcanjo do que deixar Syrinx para trás.

E ele soube que Lehabah também viu o mesmo.

* * *

Bryce já havia subido um terço das escadas, faíscas saindo das frestas da porta do banheiro do outro lado da biblioteca, quando se deu conta de que Lehabah não a acompanhava.

A semifeérica parou, ofegante com a dor que nem mesmo a sintez conseguia anestesiar em sua panturrilha, e olhou para a base da escada da biblioteca.

— Esqueça os livros, Lehabah — implorou ela.

Se sobrevivessem, ela mataria Jesiba por sequer fazer a duende hesitar. *Mataria Lehabah.*

No entanto, a duende não se movia.

— Lehabah — chamou Bryce, o nome uma ordem.

— Não vai conseguir a tempo, BB — respondeu Lehabah, baixinho, com tristeza.

Bryce subiu outro degrau, a dor irradiando da panturrilha. Cada movimento abria o ferimento, uma batalha perdida contra as tentativas da sintez de curá-la. Antes, aquilo a enlouqueceria.

— Temos de tentar — argumentou ela, engolindo um grito.

— Nós não — sussurrou Lehabah. — Você.

Bryce sentiu a cor se esvair de seu rosto.

— Você não pode. — A voz vacilou.

— Posso — disse Lehabah. — Os encantamentos não vão segurar o arcanjo por muito mais. Me deixe ganhar tempo para você.

A semifeérica continuou, rangendo os dentes:

— Podemos resolver isso. Podemos resolver juntas...

— Não.

Bryce olhou para trás e viu Lehabah sorrindo com suavidade. Ainda na base das escadas.

— Me deixe fazer isso por você, BB. Por você e por Syrinx.

Não conseguiu conter um soluço doído.

— Você está livre, Lehabah. — As palavras ecoaram pela biblioteca enquanto Bryce chorava. — Negociei sua liberdade com Jesiba semana passada. Os papéis estão na minha mesa. Queria fazer uma festa surpresa... para comemorar. — A porta do banheiro começou a entortar, dobrar. — Eu a comprei e agora a liberto, Lehabah.

O sorriso de Lehabah não vacilou.

— Eu sei — disse ela. — Xeretei os papéis em sua gaveta.

E, apesar do monstro tentando se libertar a suas costas, Bryce engoliu uma risada antes de implorar:

— Você está livre... não precisa fazer isso. Você *está* livre, Lehabah.

No entanto, a duende permaneceu no pé da escada.

— Então que o mundo saiba que meu primeiro ato de liberdade foi ajudar meus amigos.

Syrinx se remexeu nos braços de Bryce, soltando um som baixo e sentido. A semifeérica julgou ser o som da própria alma quando sussurrou, incapaz de suportar aquela escolha, aquele momento:

— Amo você, Lehabah.

As únicas palavras que já importaram.

— E eu sempre vou amar você, BB. — A duende de fogo murmurou: — Vá.

Então Bryce obedeceu. Cerrando os dentes, um grito escapando da garganta, Bryce galgou as escadas com Syrinx. Na direção da porta de ferro no topo. E do tempo que aquilo ganharia, se a sintez não a destruísse antes.

A porta do banheiro gemeu.

Bryce olhou para trás uma última vez. Para a amiga que havia ficado ao seu lado quando ninguém mais o fizera. Que tinha se recusado a ser qualquer coisa que não alegre, mesmo em face da escuridão que engolira Bryce.

Lehabah acendeu como um rubi intenso e começou a se mover.

Primeiro, um erguer de braço. Em seguida, um arco para baixo. Uma pirueta, o cabelo espiralando sobre a cabeça. Uma dança, para invocar seu poder. Qualquer que fosse o grão de poder que uma duende de fogo possuía.

Um brilho irradiou pelo corpo de Lehabah.

Então Bryce escalou. E, a cada passo doloroso, podia ouvir a duende sussurrar, quase entoando:

— Sou descendente de Ranthia Drahl, Rainha das Brasas. Ela está comigo agora e não tenho medo.

Bryce chegou ao topo das escadas.

— Meus amigos estão atrás de mim e vou protegê-los.

Com um grito, Bryce empurrou a porta da biblioteca. Até que se fechou em um estrondo, os encantamentos a selando, cortando a voz de Lehabah, e Bryce se recostou na superfície, deslizando até o piso enquanto soluçava entre dentes.

* * *

Bryce havia chegado à sala de exibições e trancado a porta de ferro atrás de si. Graças aos deuses por aquilo, graças aos malditos deuses.

No entanto, Hunt não conseguia desgrudar os olhos do vídeo da biblioteca, em que Lehabah ainda se movia, ainda invocava seu poder, repetindo as palavras incessantemente.

— *Sou descendente de Ranthia Drahl, Rainha das Brasas. Ela está comigo agora e não tenho medo.*

Lehabah cintilava, brilhante como o coração de uma estrela.

— *Meus amigos estão atrás de mim e vou protegê-los.*

O topo da porta do banheiro começou a enrugar, se abrindo.

E Lehabah libertou seu poder. Três golpes. Perfeitamente direcionados.

Não para a porta do banheiro e o arcanjo atrás dela. Não, Lehabah não podia deter Micah.

Mas 400 mil litros de água, sim.

As faiscantes rajadas de poder da duende se chocaram contra o vidro do tanque. Bem na rachadura que Bryce havia feito quando o nøkken a arremessara ali.

A criatura, sentindo a comoção, se ergueu das pedras. E se encolheu de horror quando Lehabah atacou de novo. De novo. O vidro rachando ainda mais.

E, em seguida, a duende se jogou contra ele. Forçou o corpo contra a rachadura.

Ela continuava a repetir as palavras sem parar. Elas se morfaram em uma só frase, uma oração, um desafio.

— *Meus amigos estão atrás de mim e não tenho medo.*

Hunt recuperou o controle do próprio corpo, o bastante para colocar a mão sobre o coração. A única saudação que podia fazer conforme as palavras de Lehabah sussurravam dos alto-falantes.

— *Meus amigos estão atrás de mim e não tenho medo.*

Um a um, os anjos da 33ª ficaram de pé. Seguidos de Ruhn e seus amigos. E eles também colocaram as

mãos sobre o coração enquanto a menor de sua casa forçava e forçava a parede de vidro, queimando como ouro no momento que o nøkken tentava fugir para qualquer lugar onde pudesse sobreviver ao que viria.

— *Meus amigos estão atrás de mim e não tenho medo* — sussurrava Lehabah, sem parar.

O vidro trincou.

Todos na sala de reunião ficaram de pé. Apenas Sandriel, a atenção fixa na tela, não notou. Todos se ergueram e foram testemunhas do sacrifício da duende que trazia a morte para si mesma, para o nøkken... para salvar os amigos. Era tudo o que podiam oferecer, aquela última homenagem e honra.

Lehabah ainda empurrava. Ainda tremia de terror. No entanto, não parou. Nem por um instante.

— *Meus amigos estão atrás de mim e não tenho medo.*

A porta do banheiro se partiu, metal se contorcendo para revelar Micah, brilhando como se recém-forjado, como se fosse rasgar aquele mundo. Ele esquadrinhou a biblioteca, os olhos pousando em Lehabah e na rachadura na parede do tanque.

A duende se virou, as costas encostadas no vidro.

— Isso é por Syrinx — sibilou.

Ela pressionou a pequena palma flamejante contra o vidro.

E 400 mil litros de água explodiram na biblioteca.



Brilhantes luzes vermelhas surgiram, mergulhando o mundo em cor tremeluzente. Um rugido veio de baixo, a galeria chacoalhando.

Bryce sabia.

Sabia que o tanque havia explodido, que Lehabah fora varrida com ele. Sabia que o nøkken, exposto ao ar, também havia morrido. Sabia que aquilo apenas atrasaria Micah.

Syrinx ainda choramingava em seus braços. Vidro cobria o piso da galeria, a janela para o escritório de Jesiba, no andar de cima, estilhaçada.

Lehabah estava morta.

Os dedos de Bryce se crisparam em garras na lateral do corpo. A luz vermelha dos alarmes invadia sua visão. Ela deu boas-vindas à sintez em seu coração. Cada destrutivo, furioso e gélido grama.

Bryce rastejou até a porta da frente, vidro quebrado tilintando. Poder, oco e frio, cantava na ponta de seus dedos.

Agarrou a maçaneta e içou o corpo para cima. Abriu a porta para a luz dourada do entardecer.

Mas não a atravessou.

Não foi para isso que Lehabah havia ganhado aquele tempo.

A onda tinha lançado o nøkken no mezanino, onde ele se debatia, engasgando com o ar conforme o oxigênio lhe consumia a pele; tinha até mesmo lançado Micah de volta ao banheiro.

Hunt apenas olhava e olhava. A duende se fora.

— Merda — sussurrava Ruhn.

— Onde está Bryce? — perguntou Fury.

O andar principal da galeria estava vazio. A porta da frente continuava aberta, mas...

— Puta merda — sussurrou Flynn.

Bryce disparava escada acima. Para o escritório de Jesiba. Pura sintez alimentava aquela corrida. Somente aquele tipo de droga podia suplantar a dor. E a razão.

A semifeérica colocou Syrinx no chão quando entrou no escritório... e, em seguida, pulou sobre a mesa. Para a arma desmontada exposta na parede sobre ela.

O rifle Matador de Deuses.

— Ela vai matá-lo — murmurou Ruhn. — Ela vai matá-lo pelo que ele fez a Danika e à matilha. — Antes que sucumbisse à sintez, Bryce iria oferecer aos amigos não menos que aquilo. Seus últimos momentos de lucidez. De vida.

Sabine estava quieta como a morte. Mas tremia visivelmente.

Os joelhos de Hunt cederam. O anjo não podia assistir àquilo. Não iria assistir àquilo.

O poder de Micah retumbava pela biblioteca. Dividia as águas conforme atravessava o recinto.

Bryce soltou as quatro partes do Matador de Deuses presas à parede e as jogou na mesa. Destrancou a porta do cofre e remexeu no interior. Pegou um frasco de vidro e engoliu algum tipo de poção — outra droga? Quem sabia o que a feiticeira guardava ali? — e, então, tirou uma fina bala dourada.

Tinha 15 centímetros, uma das laterais gravada com um sorridente crânio alado. A outra, com duas simples palavras.

Memento Mori.

Lembre-se de que és mortal. Agora pareciam mais uma promessa que uma leve lembrança do Mercado da Carne.

Bryce prendeu a bala entre os dentes enquanto puxava a primeira parte do rifle em sua direção. Encaixava a segunda.

Micah irrompeu das escadas, a morte encarnada.

Bryce se virou para a janela interna. Esticou a mão, e a terceira parte do rifle — o cano — voou da mesa para seus dedos à espera, levada por magia não natural, graças à sintez correndo em suas veias. Alguns movimentos e ela o tinha encaixado.

Bryce correu para a janela estilhaçada, montando o rifle no caminho, invocando a última peça da mesa com um vento invisível, a bala dourada ainda presa aos dentes.

Hunt nunca vira ninguém montar uma arma sem olhar, correndo na direção de um alvo. Como se tivesse feito aquilo mil vezes.

E tinha, Hunt se lembrou.

Bryce podia ter sido gerada pelo Rei Outonal, mas era filha de Randall Silago. E o lendário atirador de elite a ensinara bem.

A semifeérica encaixou a última parte no lugar e deslizou, abaixada, finalmente carregando a bala. Ela derrapou, parando diante da abertura da janela, e ficou de joelhos enquanto apoiava o Matador de Deuses no ombro.

E os dois segundos que levou para Bryce mirar, os dois segundos que levou para tomar fôlego e se acalmar, Hunt soube que pertenciam a Lehabah. Soube que aquele tempo foi o que a amiga ganhara para ela. O que Lehabah tinha oferecido a Bryce, e Bryce aceitado, compreensiva.

Nenhuma chance de fuga. Não, não haveria escapatória de Micah.

Lehabah tinha oferecido a Bryce os dois segundos extras que ela precisava para matar um arcanjo.

Micah explodiu a porta de ferro. Metal se incrustou nos painéis de madeira da galeria. O governador girou na direção da porta da frente. Da armadilha que Bryce aprontara ao abri-la.

De modo que ele não olhasse para cima. De modo que ele não tivesse nem mesmo tempo de olhar na direção de Bryce antes de ela apertar o gatilho.

E a semifeérica enfiou aquela bala na porra da cabeça de Micah.



O tempo se contraiu e alongou.

Hunt tinha a nítida impressão de cair para trás, muito embora já estivesse apoiado em uma parede, sem que houvesse movido um músculo.

No entanto, a xícara de café na mesa mais próxima pendeu, o líquido batendo, batendo, batendo contra um dos lados...

A morte de um arcanjo, de um mundo de poder, podia alterar tempo e espaço. Um segundo podia durar uma hora. Um dia. Um ano.

Então Hunt viu tudo. Viu os intermináveis gestos vagarosos de todos na sala, o choque perplexo que ecoava, a indignação de Sandriel, a descrença no rosto pálido de Pollux, o pânico de Ruhn...

A bala do Matador de Deuses ainda se enterrava no crânio de Micah. Ainda atravessava osso e massa encefálica, arrastando o tempo ao passar.

Bryce se levantou na janela destruída do escritório. Uma espada nas mãos.

A espada de Danika... a loba devia tê-la deixado na galeria em seu último dia de vida. E Bryce devia tê-la guardado no escritório de Jesiba, onde permanecera escondida por dois anos. Hunt viu cada mudança de expressão no rosto de Sabine, o dilatar das pupilas, o agitar do cabelo louro platinado conforme cambaleava diante da visão da relíquia desaparecida...

Bryce pulou da janela para a sala de exibições abaixo. Hunt viu cada movimento de seu corpo, arqueado enquanto ela erguia a espada acima da cabeça, então a descia conforme aterrissava.

Podia ter jurado que o aço ancestral cortava o próprio ar. E em seguida Micah.

Partia a cabeça do arcanjo em duas enquanto Bryce cravava a lâmina, aço abrindo caminho pelo corpo. Somente a espada de Danika digna daquela missão.

Hunt saboreou aqueles últimos momentos da vida da semifeérica antes que a sintez a dominasse. Seria o primeiro sinal do fim... aquela loucura, aquela fúria pura, frenética?

Bryce. Sua Bryce. Sua amiga e... tudo o que haviam vivido foi muito mais. Ela era dele e ele era dela, e devia ter lhe dito aquilo, ter lhe dito no saguão do Comitium que ela era a única pessoa que importava, que sempre importaria para o anjo, e a encontraria de

novo, mesmo que levasse mil anos, iria encontrá-la e fazer tudo de que Sandriel havia debochado.

Bryce ainda saltava, continuava a cortar o corpo de Micah. O sangue jorrava.

Em um tempo normal, teria espirrado. Mas, naquela realidade alterada, o sangue do arcanjo ascendia como bolhas rubras, lavando o rosto de Bryce, enchendo seu grito.

Naquela realidade alterada, o anjo podia ver a sintez cicatrizar cada corte, cada hematoma de Bryce enquanto ela serrava Micah. Cortava-o ao meio.

Ela pousou no tapete verde. Hunt esperou ouvir osso partido. Mas a panturrilha estava completamente curada. O último presente da sintez antes que a destruísse. No entanto, naqueles olhos... ele não via a bruma da insanidade, do frenesi autodestrutivo. Apenas vingança fria, fulgurante.

As duas metades do corpo de Micah se separaram, e Bryce se moveu outra vez. Outro golpe. Ao longo do torso. E, depois, outro na cabeça.

As luzes vermelhas do alarme ainda apitavam, mas não havia como confundir o sangue em Bryce. A camiseta branca agora estava escarlate. Mas seus olhos continuavam límpidos. A sintez ainda não a controlava.

— O antídoto está funcionando. Está funcionando com ela — murmurou Hypaxia.

Hunt cambaleou então.

— Achei que só tinha mandado o veneno — disse ele para a bruxa.

Hypaxia não desviou os olhos da tela.

— Descobri um modo de estabilizar o veneno em minha ausência, e... enviei o antídoto em vez disso. Uma... precaução.

E eles haviam testemunhado Bryce tomá-lo como a uma garrafa de uísque.

Havia levado três minutos para o antídoto destruir completamente a sintez na clínica de Hypaxia. Nem Hunt nem a rainha-bruxa tiraram os olhos de Bryce tempo o bastante para contar os minutos até a droga ter desaparecido totalmente de seu organismo.

Bryce caminhou calmamente até a dispensa embutida. Pegou um recipiente de plástico vermelho. E despejou todo o galão de gasolina sobre o corpo desmembrado do governador.

— Puta merda — sussurrava Ruhn, sem parar. — Puta merda.

O restante da sala mal ousava respirar alto. Nem mesmo Sandriel tinha palavras quando Bryce pegou uma caixa de fósforos de uma gaveta em sua mesa.

Ela acendeu um e o jogou no corpo do governador.

Labaredas brotaram. Os encantamentos à prova de fogo na arte ao redor cintilaram.

Não haveria chance de salvação. De cura. Não para Micah. Não depois do que tinha feito a Danika

Fendyr. À Matilha dos Demônios. E a Lehabah.

Bryce encarava o fogo, o rosto ainda salpicado pelo sangue do arcanjo. E, enfim, ela ergueu os olhos. Direto para a câmera. Para o mundo que assistia.

Vingança encarnada. Ira de coração ferido. Ela não se curvaria a ninguém. O relâmpago de Hunt cantou diante da visão daquele rosto brutal, lindo.

O tempo acelerou, as chamas lamberam o corpo de Micah, queimando suas asas até cinzas. Elas o cobriram como borralho.

Sirenes gritavam do lado de fora da galeria conforme as Tropas Auxiliares chegavam afinal.

Bryce fechou a porta da frente quando as primeiras unidades feéricas e alcateias apareceram.

Ninguém, nem mesmo Sandriel, disse uma palavra enquanto Bryce pegava o aspirador do armário. E apagava os últimos resquícios de Micah do mundo.



Uma explosão de gás, disse ela ao Aux pelo interfone, que, pelo visto, não tinha sido informado dos detalhes pelos superiores. Ela estava bem. Apenas uma bagunça particular para resolver.

Nenhuma menção ao arcanjo. Às cinzas que havia aspirado, então jogado em uma lata de lixo nos fundos.

Depois, tinha subido até o escritório de Jesiba para abraçar Syrinx, acariciando sua pelagem, beijando a cabeça ainda úmida.

— Está tudo bem. Você está bem — sussurrava, repetidas vezes.

Eventualmente, a quimera havia adormecido em seu colo, e, quando ela se certificou de que a respiração vinha sem esforço, enfim pegara o telefone no bolso de trás da legging.

Bryce tinha sete ligações perdidas, todas de Jesiba. E uma série de mensagens. Mal compreendeu as primeiras, mas a que havia chegado um minuto antes dizia, *Me diga que está bem.*

Seus dedos pareciam alheios, o sangue latejava nos ouvidos. Mas ela respondeu, *Tudo bem. Viu o que aconteceu?*

A réplica de Jesiba veio um instante depois.

Sim. A coisa toda. Então a feiticeira acrescentou, *Todo mundo na Cimeira viu.*

Bryce apenas escreveu de volta, *Ótimo.*

Ela colocou o telefone no silencioso, guardando o aparelho no bolso, e se aventurou na ruína alagada dos arquivos.

Não havia sinal de Lehabah na biblioteca praticamente submersa. Nem mesmo um borrão de cinzas.

O corpo do nøkken jazia jogado no mezanino, a pele ressecada descamando, uma das mãos em garra ainda presa às barras de ferro da balaustrada do balcão.

Jesiba lançara encantamentos suficientes na biblioteca para que os livros e os pequenos tanques e terrários tivessem sido protegidos da onda, embora seus ocupantes estivessem quase histéricos. Mas o prédio em si...

O silêncio rugia ao seu redor.

Lehabah se fora. Não havia voz em seu ombro, resmungando quanto à bagunça.

E Danika... A semifeérica havia guardado a verdade que Micah tinha revelado. O chifre em suas costas, restaurado e operante outra vez. Ela não se sentia diferente... não teria percebido seu despertar se não fosse pelo terrível poder que o arcanjo havia libertado. Pelo menos, um portal não fora aberto. Pelo menos, tinha cuidado daquilo.

Sabia que o mundo a alcançaria. Chegaria a sua porta, em breve.

E ela, talvez, fosse queimada pelo que tinha acabado de fazer.

Então Bryce se arrastou escada acima. A perna estava curada. Cada dor se fora; a sintez expurgada de seu organismo...

Bryce vomitou na lata de lixo ao lado de sua mesa. O veneno no antídoto havia queimado com intensidade quando o tomara, mas aquilo não a impediu. Não até que não restasse nada além de saliva.

Ela devia chamar alguém. Qualquer um.

Mesmo assim, a campainha não tocou. Ninguém apareceu a fim de puni-la pelo que havia feito. Syrinx ainda dormia, encolhido em uma bola. Bryce cruzou a galeria e abriu a porta para o mundo.

Foi então que ouviu os gritos. Ela pegou Syrinx e correu naquela direção.

E, quando chegou, se deu conta do motivo de ninguém a ter procurado, ou ao chifre tatuado em sua carne.

Tinham problemas bem maiores com os quais lidar.

* * *

O caos imperava na Cimeira. A Guarda Asteriana havia decolado, aparentemente a fim de receber instruções de seus mestres, e Sandriel apenas encarava, boquiaberta, as imagens que tinham mostrado Bryce aspirando, impassível, as cinzas do governador, como se tivesse deixado cair migalhas no tapete.

A arcanjo estava distraída o bastante para que Hunt fosse capaz de se mover, enfim. Ele se sentou no assento vazio ao lado de Ruhn e Flynn. A voz baixa.

— Isso foi de mal a pior.

De fato, o Rei Outonal tinha Declan Emmet e dois outros técnicos em seis diferentes computadores, monitorando tudo, da galeria aos noticiários aos movimentos do Aux pela cidade. Tristan Flynn estava mais uma vez ao telefone, discutindo com alguém no comando das forças feéricas.

Ruhn esfregou o rosto.

— Vão matá-la por isso.

Por assassinar um governador. Por provar que uma duende e uma mestiça humana podiam enfrentar um governador e vencer. Era absurdo. Como um peixinho trucidando um tubarão.

Sabine ainda encarava as telas, tão cega quanto o velho Primo, no momento cochilando na cadeira ao seu lado. Um velho e cansado lobo, pronto para seu descanso final. Amelie Ravenscroft, ainda trêmula e pálida, entregou a Sabine um copo d'água. A futura Prima a ignorou.

Do outro lado da sala, Sandriel se levantou, o telefone ao ouvido. Não olhou para nenhum deles enquanto subia as escadas e saía, seus triários se colocando em formação ao seu redor, Pollux já controlado o bastante para recuperar a arrogância.

Hunt sentiu uma queimação no estômago enquanto se perguntava se Sandriel seria coroada Arcanjo de Valbara em alguns instantes. Pollux sorria com entusiasmo o bastante para confirmar a possibilidade. Merda.

Ruhn olhou para Hunt.

— Precisamos de um plano, Athalar.

Para Bryce. Para protegê-la das consequências de algum modo. Se tal coisa sequer fosse possível. Se os asteri já não estivessem decidindo contra ela, já dizendo a Sandriel o que fazer. Para eliminar a ameaça em que Bryce havia se transformado, mesmo sem o chifre tatuado em suas costas.

Pelo menos o *experimento* de Micah havia fracassado. Pelo menos, tinham aquilo.

— Vão matá-la por isso — repetiu Ruhn, mais para si mesmo.

A rainha Hypaxia se sentou do outro lado de Hunt, lançando ao anjo um olhar de aviso conforme erguia uma chave. Ela a encaixou nas algemas do anjo, e as pedras gorsianas bateram na mesa.

— Acredito que tenhamos problemas maiores em mãos — disse ela, apontando para as câmeras da cidade que Declan havia acessado.

O silêncio tomou a sala de conferências.

— Diga o que acha que é — pediu Ruhn.

O experimento de Micah com o chifre não fora um fracasso, afinal.



Bryce deu uma olhada no Portão do Coração, na Praça da Cidade Velha, e correu para casa, Syrinx nos braços.

Na verdade, Micah fora bem-sucedido em empunhar o chifre. E o artefato tinha aberto um portal bem no meio do Portão do Coração, usando a magia nas paredes de quartzo. Bryce dera uma olhada no que saía do vórtice suspenso no arco, e soube que Micah não havia conjurado um portal para algum mundo desconhecido, como fora sua intenção. Aquele levava direto ao Inferno.

As pessoas gritavam diante da revoada de demônios alados e escamosos no portão... demônios do próprio Fosso.

Em seu prédio, ela gritou para que Marrin se trancasse no porão, com quaisquer inquilinos que pudesse encontrar. E que ligasse para a família, os

amigos, a fim de avisá-los que fossem para algum lugar seguro — abrigos antibomba se conseguissem — e aguardassem com quaisquer armas disponíveis.

Deixou Syrinx no apartamento, serviu uma enorme vasilha de água e tirou a tampa da lata de comida. Ele podia se alimentar. Empilhou cobertores no sofá, aninhando a quimera no meio, e beijou uma vez a cabeça peluda antes de pegar o que precisava e disparar pela porta novamente.

Ela correu para o telhado, vestindo a jaqueta de couro de Danika, então atou a espada da família Fendyr às costas. Prendeu uma das pistolas de Hunt na cintura da calça jeans, pendurou o rifle do anjo no ombro e enfiou tantos pentes de munição quanto conseguiu nos bolsos. Avaliou a cidade, e seu sangue congelou. Era pior — muito pior — do que tinha imaginado.

Micah não tinha apenas aberto um portal para o Inferno no Portão do Coração. Ele abrira um em *cada* portão. Cada um dos sete arcos de quartzo era uma porta para o Inferno.

Gritos vindos de baixo a alcançaram enquanto demônios disparavam do vazio para dentro da cidade indefesa.

Uma sirene soou. Um grito de alerta... e uma ordem.

Abrigos antibomba se abriram, as grossas portas automáticas deslizando para permitir a entrada

daqueles já reunidos. Bryce levou seu telefone ao ouvido.

Juniper, para variar, atendeu ao primeiro toque.

— Pelos deuses, Bryce...

— *Vá para algum lugar seguro!*

— Já estou, já estou — soluçou a amiga. — Estávamos fazendo uma prova de figurino com alguns patrocinadores importantes, e viemos todos para o abrigo no fim do quarteirão, e... — Outro soluço. — Bryce, estão dizendo que vão fechar a porta mais cedo.

Pânico invadiu a semifeérica.

— As pessoas precisam entrar. Precisam de cada segundo que você conseguir.

Juniper chorava.

— Eu disse a eles, mas estão histéricos e não me ouvem. Não vão deixar os humanos entrarem.

— Malditos bastardos — sussurrou Bryce, estudando o abrigo ainda aberto no fim do quarteirão... as pessoas correndo para dentro. Os abrigos podiam ser fechados manualmente a qualquer momento, mas todos seriam trancados em uma hora. Selados até a ameaça ser contida.

A voz de Juniper estalou.

— Vou *obrigá-los* a manter as portas abertas. Mas, Bryce, está... — A recepção falhou, provavelmente conforme ela penetrava mais no abrigo, e Bryce olhou para o norte, na direção dos teatros. A poucos metros

do Portão do Coração. — Bagunça... — Outro estalo. — Segura?

— Estou segura — mentiu Bryce. — Fique no abrigo. Segure as portas pelo tempo que conseguir.

Mas Juniper, doce e determinada e corajosa, não seria capaz de acalmar uma multidão em pânico. Especialmente uma vestida de privilégios e convencida do próprio direito de viver às custas de todos os outros.

A voz de Juniper crepitou de novo, então Bryce apenas disse:

— Amo você, June. — E desligou.

Ela mandou uma mensagem para Jesiba sobre as portas do Inferno terem sido literalmente abertas, e, quando não recebeu uma resposta de imediato, adicionou outra, dizendo que estava indo até lá, porque alguém tinha de fazê-lo.

Demônios voavam do Portão do Bosque da Lua para os céus. Bryce podia apenas rezar para que o Covil já tivesse sido fechado. Mas o lugar possuía dezenas de guardas e feitiços poderosos. Algumas partes da cidade não tinham nenhuma proteção.

Foi o bastante para fazê-la disparar do telhado pelas escadas. Descer pelo prédio.

Para as ruas caóticas abaixo.

* * *

— Demônios estão saindo de cada portão — reportou Declan sobre o clamor dos vários líderes e dos gritos de seus respectivos times aos telefones. Os portões agora exibiam vórtices pretos em seus arcos. Como se um invisível conjunto de portas tivesse sido aberto em seu interior.

Ele podia ver apenas seis nas telas, já que o Quarteirão dos Ossos não tinha câmeras, mas Declan imaginou ser muito provável que o Portão da Morte, do outro lado do Istros, abarcasse a mesma escuridão. Jesiba Roga não fez qualquer tentativa de contatar o Sub-Rei, mas manteve os olhos grudado nos monitores. O rosto, pálido.

Não importava, pensou Hunt, olhando por sobre o ombro de Declan. Os habitantes do Quarteirão dos Ossos já estavam mortos.

Ligações estavam sendo feitas... muitas sem resposta. Sabine latia ordens para Amelie, as duas com os telefones colados ao ouvido conforme tentavam se comunicar com os alfas das matilhas da cidade.

Em cada tela da sala de conferências, câmeras de toda Cidade da Lua Crescente revelavam uma terra de pesadelos. Hunt não sabia para onde olhar. Cada nova imagem era pior que a anterior. Demônios que reconhecia com clareza assustadora... o pior dos piores... se derramavam pela cidade através dos portões. Demônios que *ele* havia matado com

dificuldade. O povo de Lunathion não tinha nenhuma chance.

Não eram demônios urbanos e sofisticados, como Aidas. Não, aqueles eram os peões. As bestas do Fosso. Seus cães malditos, famintos por presas fáceis.

Em CiRo, as bolhas iridescentes dos encantamentos de defesa já brilhavam. Trancando do lado de fora qualquer pessoa pobre ou azarada o bastante para estar nas ruas. Era ali, na frente dos muros revestidos de ferro dos cidadãos mais ricos, que o Aux tinha recebido ordens de se postar. Para proteger os que já estavam seguros.

— Diga a suas matilhas que há lares indefesos onde são necessárias... — rosnou Hunt para Sabine.

— Estamos seguindo os protocolos — grunhiu Sabine em resposta. Amelie Ravenscroft, pelo menos, teve a decência de corar de vergonha e baixar a cabeça. Mas não ousou retrucar.

— Fodam-se os protocolos — vociferou Hunt, e apontou para os monitores. — Aqueles babacas têm feitiços *e* quartos do pânico em suas vilas. As pessoas nas ruas não têm *nada*.

Sabine o ignorou. Mas Ruhn ordenou ao pai:

— Tire nossas forças de CiRo. Envie para onde são necessárias.

O Rei Outonal cerrou os dentes. Mas disse:

— Os protocolos existem por uma razão. Não vamos trocá-los pelo caos.

— Vocês estão de sacanagem? — exigiu Hunt.

O sol da tarde se esgueirava para o horizonte. O anjo não queria pensar no quanto aquilo pioraria ao cair da noite.

— Não me importo se não querem — gritava Tharion ao telefone. — *Diga que vão para a margem.* — Uma pausa. — *Então diga que levem todos que conseguirem carregar para baixo da superfície.*

Isaiah estava do outro lado da sala, também ao telefone.

— Não, aquela dobra do tempo foi apenas algum feitiço que deu errado, Naomi. Sim, fez com que os portões se abrissem. Não, leve a 33ª para a Praça da Cidade Velha. *Leve-os até o Portão da Praça da Cidade Velha imediatamente. Não me importa se forem todos massacrados...* — Isaiah tirou o telefone do ouvido, piscando para a tela.

O Comandante encarou Hunt.

— O DCC está sob ataque. A 33ª está sendo trucidada. — Ele não sabia se Naomi havia caído ou apenas perdido o telefone na luta.

Ruhn e Flynn discavam número após número. Ninguém atendia. Como se os líderes feéricos restantes também estivessem todos mortos.

Sabine conseguiu contato.

— Ithan... informe.

Sem falar nada, Declan conectou o número de Sabine aos alto-falantes da sala. O ofegar de Ithan

Holstrom encheu o recinto, sua localização apitando do lado de fora do enfeitiçado e impenetrável Covil. Rosnados ferozes e sobrenaturais, que não pertenciam a lobos, cortavam suas palavras...

— Estão por *toda parte*. Mal conseguimos rechaçá-los...

— Mantenham as posições — ordenou Sabine. — *Mantenham suas posições e esperem novas ordens.*

Tanto humanos quanto vanir fugiam, crianças nos braços, para qualquer abrigo que conseguissem encontrar. Muitos já estavam fechados, selados pelas pessoas histéricas do lado de dentro.

— Quanto tempo até que a 32ª se desloque de Hilene? — perguntou Hunt a Isaiah.

— Uma hora — respondeu o comandante, olhos na tela. No massacre, na cidade em pânico. — Chegarão tarde demais. — E se Naomi tivesse caído, ferida ou morta... *Merda.*

— Cerque o Portão da Rosa *agora*. Vocês estão *entregando* a cidade para eles — retumbava Flynn ao telefone com alguém.

Hunt observou o banho de sangue e analisou as poucas opções da cidade. Precisavam de exércitos a fim de cercar os sete portões abertos para o Inferno... e encontrar um meio de fechar aqueles portais.

Hypaxia havia se levantado da cadeira. Estudava as telas com uma determinação implacável, então disse com calma ao telefone:

— Armem-se e se preparem. Vamos partir.

Todos se viraram para ela. A jovem rainha não pareceu notar. Apenas ordenou para quem estava na linha:

— Para a cidade. Agora.

— Serão todas mortas — sibilou Sabine.

E chegarão tarde demais, Hunt se absteve de dizer.

Hypaxia desligou e apontou para a tela na parede da esquerda, para as imagens da Praça da Cidade Velha.

— Prefiro morrer como ela do que assistir à morte de inocentes sentada aqui.

Hunt se virou para onde a bruxa havia indicado, os pelos da nuca se arrepiando. Como se soubesse o que veria.

Ali, correndo pelas ruas na jaqueta de couro de Danika, espada em uma das mãos e pistola na outra, estava Bryce.

Correndo não do, mas *em* direção ao perigo.

Ela rugia algo sem parar. Declan se concentrou nas transmissões, mudando de câmera para segui-la pela rua.

— Acho que consigo selecionar seu áudio e isolar a voz do barulho de fundo — disse ele para ninguém em particular. E então...

— *Vão para os abrigos!* — gritava ela. As palavras ecoaram pelos cantos da sala.

Finta, golpe, chute. Ela se movia como se tivesse treinado com o Aux a vida toda.

— *Entrem agora!* — clamou ela, virando-se para mirar um demônio alado que bloqueava o ironicamente dourado sol da tarde. A arma disparou e a criatura guinchou, deslizando para um beco. Os dedos voavam pelo teclado conforme Declan a mantinha na tela.

— Para onde ela está indo? — perguntou Fury.

Bryce continuava a correr. A atirar. Ela não errava.

Hunt observou a área em volta da semifeérica e se deu conta de para onde ela se dirigia.

Para a vizinhança mais indefesa da Cidade da Lua Crescente, cheia de humanos sem magia. Nenhum dom sobrenatural ou força.

— Ela está indo para os Prados — respondeu Hunt.

* * *

Era pior do que qualquer coisa que Bryce houvesse cogitado.

Seu braço estava dormente do coice da arma a cada vez que atirava, sangue rançoso a cobria, e não havia fim para o estalo de dentes; as asas coriáceas; os olhos raivosos e sombrios. A tarde sangrava em um pôr do sol vibrante, o céu logo espelharia o sangue nas ruas.

Bryce disparou, o fôlego afiado como uma faca no peito.

Sua pistola era inútil. Ela não perdeu tempo procurando por munição que não mais possuía. Não, apenas arremessou a arma em um demônio alado que mergulhou em sua direção, desorientando-o, e tirou o rifle do ombro. O rifle de Hunt. O cheiro de cedro e chuva do anjo a envolveu enquanto o carregava, e, quando o demônio deu meia-volta, a mandíbula estalando, ela havia atirado.

A cabeça da criatura explodiu em um jato escarlate.

Mesmo assim, ela continuou a correr, abrindo caminho pela cidade. Pelos poucos abrigos ainda abertos, cujos ocupantes faziam o possível para defender. Para ganhar tempo a fim de que outros conseguissem entrar.

Outro demônio se lançou de um telhado, garras curvas se estendendo na direção da semifeérica...

Ela golpeou para cima com a espada de Danika, rasgando a malhada pele cinzenta da besta, da barriga até o pescoço. A coisa caiu na calçada a suas costas, as asas coriáceas quebrando sob o corpo, mas Bryce já se movia outra vez.

Prosseguia. Tinha de prosseguir.

Todo o seu treinamento com Randall, cada hora passada entre pedras e pinheiros nas montanhas

perto de casa, cada hora no salão de recreação da cidade, fora tudo para prepará-la.



Hunt não conseguia desviar os olhos da transmissão da batalha de Bryce através da cidade. O telefone de Hypaxia tocou em algum lugar a sua esquerda, e a rainha-bruxa atendeu antes do fim do primeiro toque. Ouviu.

— Como assim, as vassouras foram destruídas?

Declan conectou a ligação aos alto-falantes, de modo que pudessem ouvir a voz trêmula da bruxa do outro lado da linha.

— Viraram estilhaços, Vossa Majestade. O arsenal do centro de convenções também. As armas, as espadas... até os helicópteros. Os carros. Tudo destruído.

Pavor se infiltrou nas entranhas de Hunt conforme o Rei Outonal murmurava:

— Micah.

O arcanjo devia ter feito aquilo antes de partir, discretamente e despercebido. Antecipando mantê-los longe enquanto testava o poder do chifre. E Bryce.

— Tenho um helicóptero — revelou Fury. — Eu o deixei fora daqui.

Ruhn se levantou.

— Então partimos já.

Ainda levaria meia hora para chegarem à cidade.

— A cidade virou um matadouro — argumentava Sabine ao telefone. — Mantenham suas posições no Bosque da Lua e em CiRo!

Cada matilha das Tropas Auxiliares participava da ligação, capaz de ouvir uma à outra. Com alguns toques no teclado, Declan havia conectado o telefone de Sabine ao sistema de som da sala de conferências, de modo que o Aux pudesse ouvi-los também. Mas algumas alcateias haviam parado de responder completamente.

— *Mande a merda de uma alcateia para a Praça da Cidade Velha agora!* — vociferou Hunt para Sabine. Até mesmo no helicóptero de Fury, ele chegaria tarde demais. Mas se ao menos alguma ajuda pudesse alcançar Bryce antes que entrasse sozinha na sepultura que seria os Prados...

— *Não sobrou nenhum lobo para a Praça da Cidade Velha!* — revidou Sabine.

Mas o Primo dos Lobos havia, enfim, despertado, e apontava um dedo nodoso e antigo para a tela. Para a

transmissão.

— Resta um lobo na Cidade Velha — disse.

Todos olharam então. Para onde ele havia apontado. Para quem ele havia apontado.

Bryce corria pela carnificina, a espada brilhando a cada golpe e finta e corte.

Sabine engasgou.

— É a espada de Danika que está sentindo, pai...

Os olhos senis do primo piscaram para a tela sem ver. A mão crispada sobre o peito.

— Uma loba. — Ele bateu no peito. Bryce continuava a abrir caminho à força até os Prados, continuava a ajudar qualquer um que fugia para os abrigos, cobrindo sua fuga para a segurança. — Uma verdadeira loba.

A garganta de Hunt se fechou a ponto de doer. Ele estendeu a mão para Isaiah.

— Me dê seu telefone.

Isaiah não o questionou nem disse uma palavra conforme lhe entregava o aparelho. Hunt discou um número que havia memorizado, já que não ousara guardá-lo nos contatos. A ligação tocou e tocou antes de ser completada.

— Imagino que seja importante.

— Você me deve um maldito favor — rosnou Hunt, sem se preocupar em se identificar.

— Ah? — respondeu a Rainha Víbora apenas, humor enfeitando a voz profunda.

* * *

Dois minutos mais tarde, Hunt havia se levantado da cadeira, com a intenção de acompanhar Ruhn até o helicóptero de Fury, quando o telefone de Jesiba tocou.

— É Bryce — anunciou a feiticeira, a voz tensa.

Hunt virou a cabeça para a transmissão de vídeo, e, de fato, Bryce havia prendido o telefone à alça do sutiã, na altura do ombro, provavelmente no viva-voz. Ela serpenteava pelos carros enquanto atravessava os limites dos Prados de Asphodel. O sol começava a se pôr, como se Solas os estivesse abandonando.

— Coloque-a nos alto-falantes e conecte a ligação com as linhas do Aux — ordenou Jesiba a Declan, então atendeu o telefone: — Bryce?

A respiração de Bryce parecia ofegante. O rifle crepitou como um trovão.

— Diga a quem quer que esteja na Cimeira que preciso de reforço nos Prados... Estou me dirigindo para o abrigo perto do Portão Mortal.

Ruhn disparou pelas escadas, direto para o alto-falante no centro da mesa.

— Bryce, é um massacre. Entre naquele abrigo antes que todos fechem... — disse ele.

O rifle ribombou, e mais um demônio caiu. Mas outros invadiam a cidade pelos portões, manchando

as ruas com sangue, tão certo quanto o vibrante pôr do sol que agora pintava o céu.

Bryce se abaixou atrás de uma caçamba de lixo para se proteger enquanto disparava de novo e de novo. Recarregava.

— Não há reforços para os Prados de Asphodel — disse Sabine. — Cada matilha está posicionada...

— *Tem crianças aqui!* — berrou Bryce. — *Bebês!*

A sala caiu em silêncio. Um tipo de horror mais profundo se espalhou por Hunt, como tinta na água.

E, então, uma voz masculina ofegou nos alto-falantes:

— Estou a caminho, Bryce.

O rosto ensanguentado de Bryce se contraiu quando ela sussurrou:

— Ithan?

Mas Ithan repetiu, daquela vez com mais urgência:

— Bryce, estou a caminho. *Aguente firme.* — Uma pausa. Então ele acrescentou: — Estamos todos a caminho.

Os joelhos de Hunt tremeram conforme Sabine berrava para Ithan:

— *Você está desobedecendo uma ordem direta de sua...*

Ithan interrompeu a ligação. E cada lobo sob seu comando fez o mesmo.

* * *

Os lobos podiam chegar aos Prados em três minutos.

Três minutos através do Inferno, através de carnificina e morte. Três minutos de uma corrida desabalada, uma disparada para salvar os mais indefesos entre eles.

As crianças humanas.

Os chacais se juntaram a eles. Os coiotes, os cães selvagens e os comuns. As hienas e os dingos. As raposas. Era o que eram. O que sempre haviam sido. Defensores daqueles que não podiam se proteger. Defensores dos pequenos, dos jovens.

Metamorfos ou animais, aquela verdade jazia gravada na alma de cada canino.

Ithan Holstrom corria na direção dos Prados de Asphodel com o peso daquela herança atrás de si, queimando em seu coração. Hunt rezou para que não fosse tarde demais.



Bryce sabia que era sorte cega que a mantinha viva. E pura adrenalina que a fazia mirar com tamanha clareza. Tamanha calma.

Porém, a cada quarteirão deixado para trás enquanto o crepúsculo se intensificava, as pernas se moviam mais lentamente. Suas reações tardavam. Os braços doíam, se tornando pesados. Cada puxar de gatilho consumia mais esforço.

Apenas um pouco mais... era tudo de que precisava. Apenas um pouco mais, até que pudesse se assegurar de que todos nos Prados de Asphodel entrassem em um abrigo antes que o último se fechasse. Já não faltava muito.

O abrigo no meio do quarteirão continuava aberto, silhuetas mantinham posição enquanto famílias humanas corriam para dentro. O Portão

Mortal ficava a alguns quarteirões ao norte... ainda uma ponte para o Inferno.

Então Bryce se colocou no cruzamento, embainhando a espada de Danika enquanto, mais uma vez, encaixava o rifle de Hunt no ombro. Tinha mais seis tiros.

Ithan chegaria em breve. A qualquer momento.

Um demônio dobrou a esquina, os dedos em garra abrindo sulcos na calçada. O rifle escoiceou o ombro da semifeérica ao disparar. A criatura ainda caía, deslizando pelo chão, quando ela inclinou o rifle e atirou novamente. Outro demônio tombou.

Quatro balas.

— *Corram! Para o abrigo! Larguem as bolsas e corram!* — Os humanos gritavam ordens atrás de Bryce.

Ela atirou em um demônio planando no cruzamento, na direção do abrigo. A criatura caiu a 6 metros da entrada. Os humanos terminaram o trabalho.

Dentro da boca aberta do abrigo, crianças gritavam, bebês choramingavam.

Bryce atirou de novo. De novo. De novo.

Outro demônio pulou da esquina, correndo em sua direção. O gatilho fez *clique*.

Nada. Fim. Vazio.

A criatura saltou, as mandíbulas se abrindo para revelar fileiras gêmeas de dentes afiados como adagas. Apontados para sua garganta. Bryce mal teve tempo

de erguer o rifle e atravessá-lo entre o focinho aberto. Metal e madeira rangeram, e o mundo pendeu com o impacto.

Ela e o demônio foram arremessados contra o calçamento, os ossos da semifeérica em agonia. A besta mordeu o rifle. A arma quebrou em duas.

Bryce conseguiu rastejar para longe conforme a criatura cuspia os pedaços do rifle. Com saliva escorrendo da boca nas ruas ensanguentadas, o demônio avançou sobre ela. Parecendo saborear cada passo.

Com a espada embainhada sob o corpo, Bryce buscou a faca na coxa. Como se adiantasse de algo, como se pudesse parar aquilo...

O demônio encolheu os quadris, preparando o bote.

A terra tremeu atrás de Bryce enquanto ela posicionava o punho, faca inclinada para cima...

Uma espada perfurou a cabeça cinzenta da besta.

Uma espada enorme, de pelo menos 1,20 metro, empunhada por um imponente macho de armadura. Luzes azuis cintilavam ao longo da lâmina. Mais faiscavam pela elegante couraça negra e respectivo elmo. E, no peito do macho, brilhava o emblema de uma naja em posição de ataque.

Um dos guarda-costas feéricos da Rainha Víbora.

Seis outros o deixaram para trás, as pedras da calçada tremendo sob seus pés, armas e espadas em

punho. Nenhum estupor induzido por veneno à vista. Apenas precisão letal.

E, com os guardas da Rainha Víbora, lobos e raposas e caninos de toda raça irromperam, se lançando no combate.

Bryce se levantou com dificuldade, assentindo para o guerreiro que a havia salvado. O macho feérico apenas deu meia-volta, e suas mãos protegidas pelo metal agarraram um demônio pelos ombros e o destroçaram com um grito poderoso. Ele rasgou a criatura em dois.

Porém, mais do pior do Inferno ribombou e disparou para eles. Então Bryce libertou novamente a espada de Danika das costas.

Pura força de vontade revigorou o braço da semifeérica, que fincou os pés conforme outro demônio galopava pela rua em sua direção. Metamorfos caninos combatiam demônios ao redor, formando uma barreira de pelos e dentes e garras entre a horda iminente e o abrigo atrás deles.

Bryce driblou para a esquerda, deslizando a espada para cima quando o demônio caiu em sua artimanha. Mas a lâmina não cortou o osso até os órgãos vulneráveis e macios abaixo. A criatura rugiu, girando, e atacou novamente. Ela cerrou os dentes e ergueu a espada em desafio, a besta muito enlouquecida para notar que a semifeérica havia se transformado na distração.

Enquanto o imenso lobo cinzento atacava por trás.

Ithan dilacerou o demônio em uma explosão de dentes e garras, tão rápido e brutal que a surpreendeu momentaneamente. Ela havia se esquecido de como ele parecia enorme naquela forma; todos os metamorfos eram, pelo menos, três vezes maiores que os animais comuns, mas Ithan sempre fora ainda maior. Assim como o irmão.

Ithan cuspiu fora a garganta do demônio e se metamorfoseou, o lobo se tornando macho em um raio de luz. Sangue cobria a camiseta azul-marinho e o jeans, exatamente como empapava as roupas da semifeérica, mas, antes que pudessem conversar, os olhos castanhos brilharam alarmados. Bryce se virou e deu de cara com o hálito fétido de um demônio que mergulhava em sua direção.

Ela se abaixou e golpeou com a espada para cima, o urro da besta quase explodindo seus tímpanos enquanto Bryce a deixava arrastar a barriga pela lâmina. Eviscerando-a.

Sangue salpicou seus tênis, sua legging rasgada, mas ela se certificou de que a cabeça do demônio rolasse antes de se voltar para Ithan. No momento que ele desembainhava uma espada e rasgava outro demônio.

Seus olhares se encontraram, e todas as palavras que ela precisava dizer pairaram ali. Bryce as viu nos olhos do lobo também, enquanto ele assimilava de

quem eram a jaqueta e a espada que a semifeérica usava.

Mas Bryce lhe ofereceu um sorriso sombrio. Mais tarde. Se, de algum modo, sobrevivessem àquilo, se conseguissem durar mais alguns minutos e chegar ao abrigo... Então conversariam.

Ithan assentiu, compreendendo.

Bryce sabia que não era apenas adrenalina que a impulsionava quando se lançou de volta à carnificina.

* * *

— Os abrigos fecham em quatro minutos — anunciou Declan para a sala de conferências.

— Por que seu helicóptero ainda não chegou? — perguntou Ruhn a Fury. O príncipe se levantou, acompanhado de Flynn.

Axtar verificou seu telefone.

— Está a caminho de...

As portas no alto do auditório se abriram e Sandriel entrou com um vento de tempestade. Não havia sinal de seus triários ou de Pollux enquanto marchava pelas escadas. Ninguém abriu a boca.

Hunt se preparou quando ela lhe lançou um olhar, sentado entre Ruhn, agora de pé, e Hypaxia. As algemas gorsianas jaziam na mesa a sua frente.

Mas ela simplesmente retornou a seu lugar na mesa central. Tinha preocupações maiores em mãos,

presumia ele.

— Não há nada que possamos fazer pela cidade com os portões do Inferno abertos — declarou Sandriel, com a atenção dardejando entre as telas e transmissões e notificações. — Nossas ordens são para permanecermos aqui.

— Somos *necessários*... — começou Ruhn.

— Vamos *permanecer aqui*. — As palavras retumbaram como trovão através da sala. — Os asteri estão mandando ajuda.

Hunt afundou no assento, e Ruhn fez o mesmo ao seu lado.

— Que boa notícia — resmungou o príncipe, esfregando as mãos no rosto.

Deviam ter despachado a Guarda Asteriana, então. E mais reforços. Talvez os triários de Sandriel tivessem ido para Lunathion. Podiam ser babacas psicóticos, mas, ao menos, eram úteis em combate. Porra, o Martelo sozinho seria uma bênção para a cidade naquele momento.

— Três minutos até o fechamento dos abrigos — avisou Declan.

No caos generalizado da transmissão de áudio que Declan havia acessado, o uivo de um metamorfo se fez ouvir, avisando a todos para se protegerem. Para abandonar os limites que haviam estabelecido contra a horda, e correr como loucos para a porta ainda aberta.

No entanto, humanos ainda fugiam. Adultos carregando crianças e animais de estimação disparavam para a abertura, pouco maior que uma porta de garagem. Os guerreiros da Rainha Víbora e uns poucos lobos continuavam no cruzamento.

— Dois minutos — disse Declan.

Bryce e Ithan lutavam lado a lado. Quando um cambaleava, o outro assumia. Quando um agia como isca, o outro executava o demônio.

Uma sirene soou pela cidade. Um aviso. Ainda assim, Bryce e Ithan protegiam a esquina.

— Trinta segundos — contou Declan.

— Vá — implorou Hunt. — Vá, Bryce.

Ela trucidou um demônio, se virando para o abrigo, Ithan a acompanhando. Ótimo, ela iria entrar, então poderia esperar até que a Guarda Asteriana chegasse para varrer aqueles malditos. Talvez eles soubessem como selar os vórtices nos portões.

A porta do abrigo começou a se fechar.

— Eles estão muito longe — disse Fury, em voz baixa.

— Vão conseguir — vociferou Hunt, mesmo enquanto sopesava a distância entre a porta que se fechava lentamente e as duas silhuetas que corriam para ela, o cabelo ruivo de Bryce como um estandarte às costas.

Ithan tropeçou, e Bryce lhe segurou a mão antes que ele pudesse cair. Um corte feio brilhava no flanco

do lobo, sangue lhe empapava a camiseta. Como o macho sequer conseguia correr...

A porta estava fechada pela metade. Mais centímetros a cada segundo.

Lá de dentro, uma mão humanoide com garras segurou a borda. Múltiplos pares de mãos.

E, então, uma loba jovem, de pelo castanho, apareceu, dentes cerrados, rosto lupino, rugindo enquanto lutava contra o inevitável. Enquanto cada um dos lobos a suas costas segurava a porta deslizante e tentava freá-la.

— Quinze segundos — sussurrou Declan.

Bryce corria e corria e corria.

Um a um, os lobos da matilha de Ithan soltaram a porta. Até que apenas a jovem fêmea ainda a segurava, um pé entre ela e a parede de concreto, gritando em desafio...

Ithan e Bryce investiram para o abrigo, o foco do lobo unicamente na porta.

Restavam apenas 90 centímetros. Não havia espaço para ambos. O olhar de Bryce disparou para o rosto de Ithan. Tristeza lhe encheu os olhos. E determinação.

— Não — sussurrou Hunt, sabendo exatamente o que ela faria.

Bryce atrasou o passo. Apenas o bastante para reunir sua força feérica e empurrar Ithan para a frente. Para salvar o irmão de Connor Holstrom.

Ithan se virou para Bryce, os olhos faiscando de raiva e desespero e mágoa, a mão esticada, mas tarde demais.

A porta de metal se fechou com um estrondo que pareceu ecoar pela cidade.

Que *ecoou* pela cidade conforme cada porta de abrigo enfim se fechava.

Seu ímpeto era muito intenso para desacelerar a tempo. Bryce bateu contra a porta de metal, grunhindo de dor.

Ela se virou, o rosto sem cor. Procurando por alternativas, não encontrou nenhuma.

Hunt leu sua expressão. Pela primeira vez, Bryce não tinha ideia do que fazer.

* * *

Cada parte de Bryce tremia quando ela procurou abrigo em uma alcova estreita, o crepúsculo uma vibrante onda de laranja e rubi... como o último grito do mundo antes da noite iminente.

Os demônios haviam prosseguido, e mais chegariam. Logo. Enquanto os portões fossem portais para o Inferno, nunca iriam parar de chegar.

Alguém — Ithan, provavelmente — começou a bater na porta do abrigo a suas costas. Como se para atravessar o metal à unha, para abrir uma passagem a fim de que a semifeérica entrasse. Ela ignorou o som.

Os guerreiros da Rainha Víbora eram lampejos de metal e luz a distância, ainda lutando no fim da rua. Alguns haviam caído, pilhas fumegantes de armadura e sangue.

Se conseguisse chegar ao apartamento, o lugar tinha encantamentos suficientes para protegê-la e quaisquer outros que pudesse levar para dentro. Mas ficava a vinte quarteirões dali. Tanto fazia se fossem vinte quilômetros.

Uma ideia surgiu, e ela a sopesou, cogitando. Poderia tentar. Tinha de tentar.

Bryce inspirou fundo para se preparar. Em sua mão, a espada de Danika tremia como junco ao vento.

Podia dar certo. De algum modo, acharia uma maneira.

Ela se lançou nas ruas escorregadias de sangue, espada em riste. Não olhou para trás, para o abrigo a suas costas, enquanto corria, a memória instintiva do mapa da cidade entrando em ação para guiá-la pela rota mais rápida. Um rosnado rugiu da esquina, e Bryce mal teve tempo de erguer a espada e interceptar o demônio. Ela o decapitou parcialmente, e já estava correndo de novo, antes mesmo que a besta atingisse o chão. Tinha de se manter em movimento. Tinha de chegar à Praça da Cidade Velha...

Metamorfos mortos e soldados da Rainha Víbora jaziam nas ruas. Muito mais corpos humanos ao redor.

A maioria aos pedaços.

Outro demônio disparou do céu rubro...

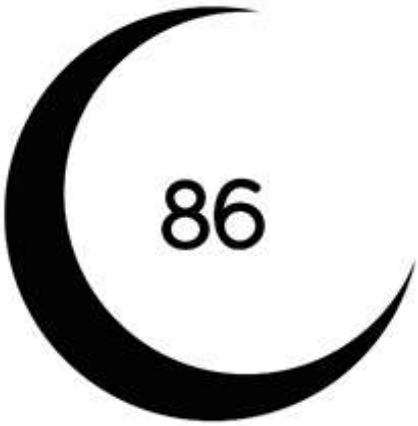
Ela gritou quando ele a acertou nas costas, jogando-a contra um carro com tanta força que as janelas se estilhaçaram. Teve apenas um segundo para abrir a porta do passageiro e entrar antes que a criatura investisse de novo. Atacasse o carro.

Bryce pulou os braços e a marcha, lutando para chegar à porta do motorista. Ela puxou a maçaneta e caiu na rua, o demônio tão concentrado em retalhar os pneus no lado oposto que não a viu sair em disparada.

A Praça da Cidade Velha. Se ela conseguisse chegar à Praça da Cidade Velha...

Dois demônios a perseguiam. A única coisa que podia fazer era correr enquanto a luz começava a desvanecer.

Sozinha. Estava sozinha ali.



A cidade começava a se aquietar. Toda vez que Declan checava o áudio em outro distrito, mais gritos haviam sido calados, interrompidos um a um.

Não por calma ou salvação. Hunt sabia.

Os vórtices nos portões continuavam abertos. O pôr do sol dera lugar a um céu púrpura como hematoma. Quando a verdadeira noite caísse, o anjo podia imaginar que tipo de horrores o Inferno enviaria. O tipo que não apreciava a luz, que tinha sido criado e treinado para caçar na escuridão.

Bryce ainda estava lá fora. Um erro, um passo em falso, e acabaria morta.

Não haveria cura, regeneração. Não sem a Descida.

Ela chegou ao limite da Praça da Cidade Velha. Mas não procurou se proteger. Não, ela parecia correr na direção do Portão do Coração, de onde um fluxo

de demônios havia saído, como se o Inferno estivesse, de fato, esperando a noite genuína para começar o segundo round.

O coração do anjo ribombava quando ela parou no quarteirão à frente do portão. Quando ela se escondeu em uma alcova de um abrigo próximo. Iluminada pelo poste de primalux ao lado, ela deslizou para o chão, a espada frouxa na mão.

Hunt conhecia aquela postura, o ângulo de sua cabeça.

Um soldado que tinha travado uma batalha dura, digna. Um soldado que estava exausto, mas aproveitaria o momento, aquele momento derradeiro, para se recuperar antes da investida final.

Hunt arreganhou os dentes para a tela.

— *Levante, Bryce.*

Ruhn balançava a cabeça, puro terror em sua expressão. O Rei Outonal não disse nada. Não fez nada enquanto assistia à filha na transmissão que Declan conectou ao monitor central.

Bryce mexeu na camisa em busca do telefone. As mãos tremiam tanto que mal conseguia segurá-lo. Mas ela apertou um botão na tela e o levou à orelha. Hunt também sabia o que aquilo significava. A última chance de se despedir dos pais, das pessoas que amava.

Um leve toque soou na sala de conferências. Da mesa no centro. Hunt olhou para Jesiba, mas o

telefone da feiticeira continuava apagado. O de Ruhn também. Todos ficaram em silêncio enquanto Sandriel pegava o telefone do bolso. O telefone de Hunt.

Sandriel olhou para ele, o choque abrandando sua expressão. Cada pensamento fugiu da mente do anjo.

— Passe o telefone para ele — ordenou Ruhn.

Sandriel, para surpresa de Hunt, obedeceu. Com mãos trêmulas, ele atendeu.

— Bryce?

No vídeo, ele podia ver os olhos arregalados da semifeérica.

— Hunt. — A voz soou rouca. — Eu... eu pensei que iria direto para a caixa postal...

— A ajuda está chegando, Bryce.

O puro terror naquele rosto conforme ela observava os últimos raios de sol o destroçou.

— Não... não, será tarde demais.

— Não será. Preciso que se levante, Bryce. Vá para um lugar seguro. *Não* se aproxime desse portão.

Ela mordeu o lábio, trêmula.

— Ainda está aberto...

— *Vá para o apartamento e fique lá até que cheguem reforços.*

O terror histérico no rosto da semifeérica se transformou em certa calma com aquela ordem. Foco. Ótimo.

— Hunt, preciso que ligue para minha mãe.

— Não comece com esse tipo de adeus...

— Preciso que ligue para minha mãe — disse ela, com voz baixa. — Preciso que lhe diga que a amo, e que tudo o que sou é graças a ela. A sua força e sua coragem e seu amor. E que lamento por toda merda que a fiz passar.

— Pare...

— Diga a meu pai... — sussurrou ela. O Rei Outonal enrijeceu. Olhou para Hunt. — Diga a Randall — esclareceu — que me orgulho de chamá-lo de pai. Que ele é o único pai que eu tive.

Hunt podia jurar que algo como vergonha brilhou no semblante do Rei Outonal. Mas o anjo implorou:

— Bryce, você precisa ir para um lugar seguro *agora.*

Ela não fez tal coisa.

— Diga a Fury que eu menti. Que contaria a verdade a ela, eventualmente. — Do outro lado da sala, a assassina tinha lágrimas correndo pelo rosto. — Diga a Juniper... — A voz de Bryce falhou. — Diga a ela que sei por que ela me impediu de pular. Foi para que eu chegasse até aqui… para ajudar no dia de hoje.

O coração de Hunt se despedaçou por completo. Ele nunca soubera que as coisas tinham chegado àquele ponto...

— Diga a Ruhn que o perdoo — pediu Bryce, tremendo outra vez. Lágrimas desciam pelo rosto do

príncipe. — Eu o perdoei há muito tempo — confessou Bryce. — Apenas não sabia como contar. Diga a ele que lamento ter escondido a verdade, e o que fiz foi apenas porque o amo e não queria lhe tirar nada. Ele sempre será o melhor entre nós.

A agonia no semblante de Ruhn se transformou em confusão.

Mas Hunt não podia mais suportar. Não podia ouvir outra palavra daquilo.

— Bryce, por favor...

— Hunt. — O mundo inteiro silenciou. — Eu estava esperando por você.

— Bryce, querida, apenas volte para o apartamento e me dê uma hora, e...

— Não — murmurou ela, fechando os olhos. Ela colocou a mão no peito. Sobre o coração. — Eu estava esperando por você... aqui.

Então Hunt não conseguiu conter as próprias lágrimas.

— Estava esperando por você também.

Ela sorriu, mesmo enquanto soluçava outra vez.

— Por favor — implorou Hunt. — Por favor, Bryce. Você precisa ir *agora*. Antes que mais demônios atravessem.

Ela abriu os olhos e se levantou conforme pura noite caía. Encarou o portão no meio do quarteirão.

— Eu o perdoo... por aquela merda com a sintez. Por tudo. Nada importa. Não mais. — Ela encerrou a

ligação e apoiou a espada de Danika na parede da alcova do abrigo. Com cuidado, pousou o telefone no chão ao lado da lâmina.

Hunt ficou de pé num pulo.

— *BRYCE...*

Ela correu para o portão.



— Não — repetia Ruhn, sem parar. — Não, *não*...

Mas Hunt nada ouvia. Nada sentia. Tudo tinha desmoronado dentro do anjo no momento que ela desligara.

Bryce pulou a grade ao redor do portão e estacou diante do imponente arco. Diante do terrível vórtice preto em seu interior.

Uma leve e alva radiância começou a brilhar a sua volta.

— O que é aquilo? — sussurrou Fury.

A luz tremeluziu, ficando mais brilhante na noite.

O bastante para iluminar as mãos esguias que seguravam uma luz pulsante, reluzente diante do peito.

A luz vinha *de* seu peito... havia sido tirada dali. Como se tivesse vivido na semifeérica o tempo todo. Os olhos de Bryce estavam fechados, o rosto, sereno.

O cabelo redemoinhava ao redor da cabeça. Alguns destroços também flutuavam ao seu redor. Como se a gravidade não mais existisse.

A luz que segurava era tão pura que banhava o restante do mundo em cinza e preto. Lentamente, seus olhos se abriram, o âmbar pulsante como os primeiros raios da aurora. Um sorriso suave, secreto, enfeitou seus lábios.

Seus olhos se ergueram para o portão assomando sobre ela. A luz entre suas mãos se intensificou.

Ruhn caiu de joelhos.

— Sou Bryce Quinlan — disse ela ao portão, ao vórtice, a todo Inferno contido ali. A voz soava serena... sábia e feliz. — Herdeira dos Feéricos Estrelados.

A terra se abriu sob os pés de Hunt conforme a luz entre aquelas mãos, a estrela que ela havia colhido do coração partido, brilhava tão radiante quanto o sol.

* * *

Danika ajoelhou no asfalto, mãos entrelaçadas atrás do cabelo ensopado de sangue. Os dois ferimentos a bala em sua perna tinham parado de sangrar, mas Bryce sabia que os projéteis continuavam alojados na coxa. A dor ao ajoelhar tinha sido insuportável.

— Sua maldita vaca — cuspiu o metamorfo viperino, abrindo o tambor da arma com precisão brutal. As balas

estavam a caminho; assim que o cúmplice as encontrasse, aquela arma seria recarregada.

A dor no braço machucado de Bryce parecia insignificante. Tudo aquilo era insignificante face àquela arma.

A moto fumegava a dez metros de distância, o rifle jogado ainda mais longe, na vegetação árida. Adiante na estrada, a caminhonete aguardava, a caçamba cheia com todos aqueles animais apavorados, a caminho sabiam lá os deuses de onde.

Elas haviam fracassado. Sua louca tentativa de resgate havia fracassado.

Os olhos cor de caramelo de Danika encontraram os do metamorfo viperino. O líder daquela terrível rede de contrabando. O macho responsável por aquele momento, quando o tiroteio que havia ocorrido a 150 quilômetros por hora tinha saído pela culatra. Danika estivera pilotando a moto, um dos braços colados à perna de Bryce para se equilibrar enquanto mirava o rifle. Acertava os dois sedãs do metamorfo, cheios de machos igualmente detestáveis, com a intenção de machucar e vender aqueles animais. Estavam chegando perto da caminhonete em fuga quando o macho diante delas conseguira acertar um tiro no pneu da moto.

A moto havia capotado, e Danika tinha reagido com velocidade lupina. Havia envolvido o próprio corpo ao redor do de Bryce e absorvido a maior parte do impacto.

A pele esfolada, a pélvis fraturada… Tudo graças àquilo.

— Bryce — sussurrou Danika, as lágrimas correndo pelo rosto agora que a realidade daquela merda colossal a atingia. — Bryce, eu amo você. E lamento.

Bryce balançou a cabeça.

— Eu não lamento. — A verdade.

E, então, o cúmplice do metamorfo viperino voltou, balas na mão. Seu tilintar conforme eram carregadas na arma ecoou nos ossos de Bryce.

— Amo você, Bryce — soluçou Danika.

As palavras pairavam entre elas. Rasgavam o coração de Bryce.

— Amo você — repetiu Danika.

Danika jamais dissera aquelas palavras para ela. Nem sequer uma vez, nos quatro anos de faculdade. Nunca, para ninguém, Bryce sabia. Nem mesmo para Sabine.

Especialmente, nunca para Sabine.

A semifeérica observou as lágrimas rolarem pelo rosto orgulhoso e valente de Danika. Um fecho se abriu no coração de Bryce. Em sua alma.

— Feche os olhos, Danika — disse, baixinho. Danika apenas a encarou.

Somente por esse motivo. Somente por Danika ela faria aquilo, arriscaria aquilo.

O cascalho ao redor de Bryce começou a tremer. Começou a flutuar. Os olhos de Danika se arregalaram. O cabelo de Bryce ondulou, como se submerso. Como se no espaço profundo.

O metamorfo viperino terminou de carregar a arma e a apontou para o rosto de Danika. Um passo atrás, seu comparsa sorria.

Bryce sustentava o olhar de Danika. Não desviou os olhos enquanto repetia:

— Danika, feche os olhos.

Trêmula, Danika obedeceu. Fechou bem os olhos.

O metamorfo soltou a trava de segurança da arma, sem nem mesmo olhar para Bryce e os detritos que flutuavam até o céu.

— Sim, melhor fechar os olhos, sua…

Bryce explodiu. Luz branca, ofuscante, irrompeu da semifeérica, libertada daquele lugar secreto em seu coração.

Bem nos olhos do metamorfo viperino. Ele gritou, unhando o rosto. Brilhante como o sol, Bryce se adiantou.

A dor esquecida, ela pegou a arma em um piscar de olhos. Então a torceu, de modo que ele a deixou cair em sua palma. Outro movimento e ele estava esparramado no asfalto.

Para onde ela disparou aquela bala destinada a Danika, direto em seu coração.

O cúmplice gritava, de joelhos e unhando os olhos. Bryce atirou novamente.

Ele parou de gritar.

Mas Bryce não parou de queimar. Não enquanto corria até a cabine da caminhonete… em busca da última víbora, então tentando ligar o motor. Danika tremia no chão, as mãos sobre a cabeça, olhos fechados contra a claridade.

O metamorfo viperino desistiu do motor e fugiu da cabine, correndo pela estrada. Bryce mirou, exatamente como Randall a havia ensinado, e esperou pelo tiro perfeito.

Outro estalo da arma. O macho caiu.

Bryce ardeu por um longo momento, o mundo mergulhado em branco ofuscante.

Devagar, com cuidado, ela recolheu a luz para dentro de si mesma. Sufocou-a, o segredo que ela e os pais guardaram por tanto tempo. Do pai. Dos asteri, de Midgard.

De Ruhn.

A pura luz de uma estrela… de outro mundo. De muito, muito tempo atrás. O dom dos antigos feéricos renascido. Luz, mas nada mais que aquilo. Não um asteri, que possuía a energia brutal das estrelas. Apenas luz.

Não significava nada para ela. Mas os dons de Estrelado, o título… sempre significaram algo para Ruhn. E, naquela primeira vez que o encontrara, tinha tido a intenção de compartilhar seu segredo com o irmão. Ele tinha sido gentil, feliz em conhecer uma nova irmã. Instintivamente compreendera que podia confiar a ele seu segredo, aquela coisa oculta.

Mas, então, ela havia testemunhado a crueldade do pai. Visto como aquele dom Estrelado dava ao irmão uma pequena vantagem contra aquele maldito monstro. Constatado o orgulho que o irmão negava, mas sem dúvida sentia, de ser um Estrelado, abençoado e escolhido por Urd.

Ela não teve coragem de dizer a verdade a Ruhn. Mesmo depois que as coisas degringolaram entre eles, ela a escondeu.

Jamais diria a ninguém... absolutamente ninguém. Exceto a Danika.

Céu azul e oliveiras se infiltraram no cenário, a cor retornando ao mundo enquanto Bryce escondia os resquícios de sua luz estelar no peito. Danika ainda tremia no asfalto.

— Danika — chamou Bryce.

A loba tirou as mãos do rosto. Abriu os olhos. Bryce esperou pelo terror sobre o qual a mãe a tinha advertido, caso alguém descobrisse o que podia empunhar. A estranha e terrível luz que tinha vindo de outro mundo.

Mas havia apenas admiração no rosto de Danika.

Admiração... e amor.

* * *

Bryce, parada diante do portão, segurando a estrela que mantinha escondida dentro do coração, deixou a luz se expandir. Deixou-a fluir do peito, livre e pura.

Mesmo com o vórtice a poucos metros adiante, o Inferno apenas um passo além, uma estranha sensação de calma a invadiu. Ela havia mantido aquela luz um segredo por tanto tempo, tinha vivido em puro terror de que alguém descobrisse que, apesar de tudo, foi tomada pelo alívio.

Foram tantas as vezes, naquelas semanas, em que tivera a certeza de que Ruhn se daria conta afinal. A óbvia falta de interesse em descobrir qualquer coisa relacionada ao primeiro Príncipe Estrelado, Pelias, e à

rainha Theia tinha beirado o suspeito, ela temera. E quando ele tinha pousado Áster na mesa da biblioteca da galeria e a espada cantara, cintilante, ela tivera de se esquivar fisicamente para evitar o instinto de tocá-la, de responder à silenciosa e adorável canção.

Sua espada... era sua espada e de Ruhn. E com aquela luz nas veias, com a estrela adormecida dentro de seu coração, Áster a havia reconhecido, não como uma feérica digna e da realeza, mas como *semelhante*. Semelhante àqueles que a tinham forjado havia tanto tempo.

Os semelhantes se atraíam. Nem mesmo o veneno de kristallos em sua perna tinha sido capaz de sufocar a essência do que era. Bloqueou seu acesso à luz, mas não o que jazia gravado em seu sangue. No momento que o veneno foi retirado de sua perna, enquanto os lábios de Hunt encontravam os seus pela primeira vez, ela havia sentido o dom despertar novamente. Livre.

E lá estava ela, a luz estelar crescendo em suas mãos.

Era um dom inútil, tinha decidido quando criança. Não valia de nada cegar pessoas, como fizera aos capangas do pai, quando foram atrás dela, da mãe e de Randall, como fizera ao Oráculo, quando a vidente espiou seu futuro e contemplou apenas sua luz ofuscante, como fizera àqueles babacas contrabandistas.

Somente a inabalável arrogância feérica e pretensão do pai o tinham impedido de chegar àquela conclusão depois de sua visita ao Oráculo. O macho era incapaz de imaginar alguém que não um feérico puro-sangue abençoado pelo destino.

Abençoado... como se aquele dom a tornasse especial. Não tornava. Era um antigo poder, mais nada. Ela não tinha nenhum interesse no trono ou na coroa ou no palácio que o acompanhavam. Nenhum.

Mas Ruhn... Ele podia alegar o contrário, mas a primeira vez que lhe contou sobre seu Ordálio, quando havia recuperado a espada de seu antigo lugar de descanso em Avallen, Bryce havia visto como seu rosto brilhara de orgulho por ter sido capaz de tirar a espada da pedra.

Então ela o deixara ter aquilo, o título e a espada. Havia tentado abrir os olhos de Ruhn para a verdadeira natureza do pai sempre que podia, mesmo que aquilo fizesse o rei se ressentir ainda mais da semifeérica.

Bryce teria guardado o segredo ardente e brilhante dentro de si até o dia de sua morte. Mas havia percebido o que tinha de fazer por sua cidade. Pelo mundo.

Os últimos filamentos fluíram de seu peito, toda a luz agora abrigada em suas mãos.

Jamais fizera aquilo antes... removera a própria estrela em sua integridade. Tinha apenas brilhado e

cegado, nunca invocado seu núcleo ardente de dentro de si. Seus joelhos cederam, e ela rangeu os dentes com o esforço de manter a luz no lugar.

Pelo menos, havia falado com Hunt uma última vez. Não tinha alimentado esperanças de que ele atendesse. Tinha imaginado que a ligação iria direto para a caixa postal, onde poderia falar tudo o que queria. As palavras que ainda não havia lhe dito em alto e bom som.

Não se permitiu pensar no assunto conforme dava o último passo na direção do arco de quartzo do portão.

Ela era uma Estrelada, e o chifre repousava em seu corpo, restaurado e agora cheio de sua luz.

Aquilo tinha de funcionar.

O quartzo do portão era um condutor. Um prisma. Capaz de absorver luz e energia e refratá-los. Ela fechou os olhos, lembrando os arco-íris que enfeitaram o portão no último dia de vida de Danika, quando as duas o tinham visitado juntas. Feito seus pedidos.

Aquilo tinha de funcionar. Um último pedido.

— *Feche* — sussurrou Bryce, trêmula.

E ela lançou sua luz estelar na pedra translúcida do portão.



Hunt não encontrou palavras em sua mente, em seu coração, enquanto Bryce impelia sua brilhante luz estelar para dentro do portão.

Luz ofuscante explodiu da pedra cristalina do portão.

Encheu a praça, espraiando por quarteirões. Demônios flagrados em seu caminho gritavam ao ser cegados, então fugiam. Como se lembrados a quem a luz um dia havia pertencido. Como o Príncipe Estrelado tinha combatido suas hordas com ela.

A linhagem Estrelada havia se mostrado verdadeira... duas vezes.

O rosto de Ruhn empalideceu enquanto ele permanecia ajoelhado e assistia à irmã, ao portão resplandecente. Ao que ela havia declarado ao mundo. Ao que ela havia revelado ser.

Sua rival. Uma ameaça a tudo o que esperava herdar.

Hunt sabia como os feéricos resolviam disputas pelo trono.

Bryce possuía a luz de uma estrela, como não tinha sido testemunhado desde as Primeiras Guerras. Jesiba parecia ter visto um fantasma. Fury olhava a tela, boquiaberta. Quando a luz se extinguiu, Hunt prendeu o fôlego.

O vórtice dentro do portão havia sumido. De algum modo, ela tinha canalizado a luz pelo chifre... e selado o portal.

No silêncio atônito da sala de conferências, eles assistiram ao ofegar de Bryce, apoiada na lateral do portão, antes de ela deslizar pelos ladrilhos de ardósia. O arco de cristal ainda brilhava. Um refúgio temporário que faria os demônios pensarem duas vezes antes de se aproximar, com medo de um descendente dos Estrelados.

Mas o restante dos portões da cidade permanecia aberto.

Um telefone tocou... uma ligação externa, conectada aos alto-falantes da sala. Hunt esquadrinhou o recinto, procurando o culpado, e encontrou o Rei Outonal com o telefone nas mãos. Mas o macho, aparentemente, estava furioso demais para se importar com quem ouvia sua conversa. Declan Emmet não deu sinal de sequer tentar tornar

a ligação privada quando Ember Quinlan atendeu o telefone e disse:

— Quem é...

— Por todos esses anos você sabia que ela era uma feérica Estrelada e *mentiu* para mim — vociferou o rei.

Ember não se abalou.

— Venho esperando essa ligação por mais de vinte anos.

— Sua *puta*...

Uma risada baixa, sofrida.

— Quem você acha que derrotou seus capangas há tantos anos? Certamente não Randall nem eu. Eles a tinham agarrado pelo pescoço. E nos tinham sob a mira. — Outra risada. — Ela percebeu o que iriam fazer comigo. Com Randall. E ela *cegou* os malditos.

O que cega um Oráculo?

Luz. Luz como a possuída pelos Estrelados.

Bryce ainda estava sentada, apoiada no arco e respirando com dificuldade. Como se invocar aquela estrela, empunhar o chifre, a tivesse consumido.

— Aqueles livros alegavam que havia múltiplos Estrelados nas Primeiras Guerras — murmurou Ruhn, mais para si mesmo. — Eu disse a ela... — Ele piscou, lentamente. — Ela já sabia.

— Ela mentiu porque ama você — grunhiu Hunt. — Para que pudesse manter seu título.

Porque comparado aos poderes de Estrelado que tinha visto em Ruhn... os de Bryce eram abundantes.

O rosto pálido de Ruhn se contraiu de dor.

— Quem sabia? — perguntou o Rei Outonal. — Aquelas malditas sacerdotisas?

— Não. Somente eu e Randall — respondeu Ember. — E Danika. Ela e Bryce se meteram em coisa séria na faculdade, e tudo veio à tona. Ela também cegou os machos daquela vez.

Hunt se lembrava da foto na cômoda do quarto de hóspedes... tirada depois do episódio. A proximidade e exaustão das amigas era o resultado não apenas de uma batalha travada e vencida, mas de um segredo mortal enfim revelado.

— Os testes não mostraram poder — argumentou o Rei Outonal.

— Sim — disse Ember, calmamente. — Estavam corretos.

— *Explique-se.*

— É um dom de luz estelar. Luz, nada mais. Nunca significou nada para nenhum de nós, mas para seu povo... — Ember hesitou. — Quando Bryce tinha 13 anos, ela concordou em visitar você. Encontrá-lo, para ver se podia lhe confiar o que possuía, sem que se sentisse ameaçado.

Para ver se ele podia tolerar que tal dom tivesse passado para uma mestiça, e não para Ruhn.

No entanto, o anjo não via nenhum medo no rosto de Ruhn. Nenhuma inveja ou dúvida. Apenas mágoa.

— Mas, então, Bryce conheceu seu filho. E me disse que, quando percebeu o orgulho do príncipe de seu status de Escolhido, ela se deu conta de que não podia tirar aquilo do irmão. Não quando também percebeu que era o único valor que *você* dava a ele. Mesmo que aquilo significasse que seria negado a ela o que lhe era de direito, mesmo que revelar seu dom significasse vantagem sobre você, ela não faria isso a Ruhn. Porque ela o amava mais do que odiava você.

O semblante de Ruhn ruiu.

— *E, então, você a deixou na sarjeta, como lixo* — cuspiu Ember. Ela deu outra risada entrecortada. — Espero que ela finalmente lhe retorne o favor, seu maldito babaca. — E desligou.

O Rei Outonal arremessou a jarra de água a sua frente pela sala, com tanta força que se espatifou na parede.

O sangue de Hunt vibrou em suas veias conforme recordava uma conversa de semanas antes: como ele havia falado sobre dons que, na verdade, não queria ter. Bryce concordara, para sua surpresa, e em seguida parecia ter se contido, antes de fazer piada sobre seu dedo podre para babacas. Disfarçando, escondendo a verdade.

Uma suave mão feminina cobriu a de Hunt. Rainha Hypaxia. Os olhos castanho-escuros brilharam quando ele a encarou, surpreso. Seu poder o atravessava como uma canção calorosa. Uma

martelada em cada muro e obstáculo colocado no anjo. E ele sentiu aquele poder se concentrar no feitiço do halo em sua testa.

A bruxa havia lhe perguntado, semanas antes, o que ele faria se ela o removesse. Quem mataria.

O primeiro alvo estava naquela sala com eles. Os olhos dardejaram na direção de Sandriel, e o queixo de Hypaxia desceu, como se em concordância.

Bryce ainda estava sentada, apoiada no portão. Como se tentasse reunir forças. Como se sopesasse como podia fazer o mesmo mais seis vezes.

Demônios em ruas próximas contemplavam a luz estelar ainda brilhando da Praça da Cidade Velha e mantinham distância. Sim, eles se lembravam dos Estrelados. Ou conheciam os mitos.

Aidas descobrira. Vinha observando-a todos aqueles anos, esperando que se revelasse.

O poder de Hypaxia fluía de modo silencioso e despercebido para dentro de Hunt.

Sandriel guardou o telefone no bolso. Como se o estivesse usando embaixo da mesa.

Ruhn também percebeu.

— O que você fez? — perguntou o Príncipe Herdeiro dos Feéricos com uma calma brutal.

Sandriel sorriu.

— Resolvi um problema.

O poder rugia dentro do anjo. Ela havia contado aos asteri tudo o que vira. Não apenas sobre o que

brilhava nas veias de Bryce... mas sobre o chifre também.

Com certeza, já estavam mascarando a informação. Rapidamente. Antes que alguém mais pudesse analisar os dons de Bryce. O que as pessoas fariam se soubessem que uma fêmea humana mestiça, herdeira da linhagem dos Estrelados, agora empunhava o chifre no próprio corpo? Capaz de ser usado somente por ela...

A verdade se encaixava.

Foi por isso que Danika tatuara o chifre em Bryce. *Somente* a linhagem Estrelada podia usar o chifre.

Micah tinha acreditado que a sintez e o sangue de Bryce seriam o bastante para permitir que ele empunhasse o chifre, compensando a necessidade de verdadeiro poder Estrelado. De fato, o chifre tinha sido reparado... mas apenas funcionou porque Bryce era herdeira da linhagem dos Estrelados. Artefato e portador haviam se tornado um.

Se Bryce assim o desejasse, o chifre poderia abrir um portal para qualquer mundo, qualquer reino. Exatamente como Micah tinha ambicionado. Mas aquele tipo de poder — ainda mais nas mãos de uma mestiça humana — podia colocar em risco a soberania dos asteri. E os asteri eliminavam qualquer ameaça a sua autoridade.

Um rugido começou a crescer nos ossos de Hunt.

— Eles *não podem* matá-la. Ela é a única que pode fechar aqueles malditos portões — vociferou Ruhn.

Sandriel se recostou na cadeira.

— Ela ainda não completou a Descida, príncipe. Portanto, eles certamente podem. — A arcanjo acrescentou: — E parece que ela está completamente esgotada, de qualquer modo. Duvido que seja capaz de fechar um segundo portão, quanto mais seis.

Os dedos de Hunt se crisparam.

Hypaxia o encarou de novo e sorriu. Um convite e um desafio. A magia da rainha cintilava através do anjo, sobre sua testa.

Sandriel havia avisado aos asteri... então, eles matariam Bryce.

Sua Bryce. A atenção de Hunt se concentrou na nuca de Sandriel.

E ele se ergueu conforme a magia de Hypaxia dissolvia o halo em seu cenho.



A sala de conferências tremeu.

Ruhn havia distraído Sandriel, enredado a arcanjo em uma conversa, enquanto a rainha Hypaxia libertava Hunt do poder do halo. Ele tinha sentido a onda de poder no fim da mesa, então visto a auréola de Athalar começar a brilhar, e entendera o que a bruxa, mão sobre a de Hunt, fazia.

Não havia nada além de morte gélida nos olhos do anjo quando a tatuagem do halo se rompeu. A verdadeira face do Umbra Mortis.

Sandriel deu meia-volta, se dando conta, tarde demais, de quem estava agora a suas costas. Nenhuma marca no cenho. Algo como puro terror atravessou o rosto da arcanjo conforme Hunt arreganhava os dentes.

Relâmpagos coroavam as mãos do anjo. As paredes estalaram. Detritos choveram do teto.

Sandriel foi muito lenta.

Ruhn sabia que a arcanjo havia assinado a própria sentença de morte quando não voltou acompanhada de seus triários. E a carimbou com o selo oficial no momento que revelou ter colocado Bryce na linha de fogo dos asteri.

Até mesmo seu poder de arcanjo não poderia protegê-la de Athalar. Do que ele sentia por Bryce.

O relâmpago de Athalar varreu o chão. Sandriel mal teve tempo de erguer os braços e invocar a força de um vendaval antes de Hunt alcançá-la.

Relâmpago irrompeu, toda a sala crepitando com ele.

Ruhn se jogou debaixo de uma mesa, levando Hypaxia com ele. Placas de pedra acertaram a superfície sobre os dois. Flynn xingou ao seu lado, e Declan se agachou, atracado a um laptop. Uma nuvem de detritos encheu o espaço, engasgando a todos. Éter cobria a língua de Ruhn.

Relâmpago brilhou, lambendo e crepitando pela sala.

Então o tempo se alterou e desacelerou, arrastado, arrastado, arrastado...

— *Porra* — dizia Flynn, ofegante, cada palavra uma eternidade e um instante, o mundo tombado de novo, desacelerando e se arrastando. — *Porra.*

Em seguida, o relâmpago sumiu. A nuvem de destroços pulsava e zumbia.

O tempo voltou ao ritmo normal, e Ruhn rastejou de seu esconderijo embaixo da mesa. Ele sabia o que iria encontrar dentro do torvelinho eletrificado. Fury Axtar tinha uma arma apontada para onde a arcanjo e Hunt haviam estado, escombros embranqueciam o cabelo escuro.

Hypaxia ajudou Ruhn a se levantar. Os olhos arregalados enquanto esquadrinhava a nuvem. A rainha-bruxa sem dúvida tinha ciência de que Sandriel a mataria por libertar Hunt. Ela havia arriscado muito ao supor que o Umbra Mortis sairia ileso.

A nuvem de detritos se dispersava, o relâmpago engolido pelo ar carregado de poeira. O risco tinha valido a pena. Sangue salpicava o rosto do anjo conforme suas asas farfalhavam com um vento fantasma.

E de sua mão, segura pelos cabelos, pendia a cabeça decapitada de Sandriel.

A boca ainda aberta em um grito, fumaça serpenteando dos lábios, a pele do pescoço tão dilacerada que Ruhn soube que Hunt a havia arrancado com as próprias mãos.

Lentamente, o anjo ergueu a cabeça a sua frente, como se fosse um antigo herói do mar Rhagan exibindo uma criatura morta. Um monstro.

Ele deixou a cabeça da arcanjo cair. Aquilo quicou e rolou para o lado, fumaça ainda porejando da boca,

das narinas. O anjo a havia fritado de dentro para fora.

Todos os anjos da sala caíram de joelhos. Curvaram-se. Até mesmo um atônito Isaiah Tiberian. Ninguém no planeta tinha aquele tipo de poder. Ninguém o vira totalmente livre em séculos.

Dois governadores mortos em um dia. Trucidados pela irmã e pelo... O que quer que Hunt fosse para sua irmã. A julgar pelo espanto e medo no rosto do pai, Ruhn compreendeu que o Rei Outonal se perguntava o mesmo. Se Hunt iria matá-lo em seguida, pelo modo como havia tratado Bryce.

Bryce, sua irmã Estrelada.

Ruhn não sabia o que pensar. Ela havia acreditado que ele valorizava aquela baboseira de Escolhido mais que a ela? E, quando aquela briga acontecera, ela teria deixado as coisas degringolarem para evitar que ele descobrisse a verdade sobre quem era? Havia aberto mão do privilégio e da honra e da glória... por ele.

Todos aqueles conselhos que ela lhe dera sobre o Rei Outonal, sobre o pai ter matado o último Estrelado... A irmã havia vivido com aquele medo também.

Hunt abriu um sorriso selvagem para o Rei Outonal.

Ruhn sentiu uma doentia satisfação ao ver o pai empalidecer.

Mas, então, o anjo se voltou para Fury, que sacudia os detritos do cabelo escuro, e grunhiu:

— Fodam-se os asteri. Traga o maldito helicóptero.

* * *

Cada decisão, cada ordem fluía de um lugar sereno dentro de Hunt.

Ele borbulhava de poder, o relâmpago em suas veias rugia para se libertar sobre o mundo, para queimar e fender. O anjo o reprimiu, com a promessa de permitir que corresse livre assim que chegassem à cidade... mas, antes, precisavam chegar à cidade.

Fury tremia levemente... como se até ela tivesse se esquecido do que ele podia fazer. O que ele havia feito a Sandriel com satisfação primitiva, mergulhando em um lugar de tamanha fúria que houvera apenas seu relâmpago e a inimiga e a ameaça que representava para Bryce.

— O helicóptero está pousando no telhado neste instante — avisou Fury, no entanto.

Hunt assentiu e ordenou aos anjos restantes, sem encará-los:

— Vamos.

Nenhum contestou suas ordens. Ele não tinha dado a mínima quando os anjos se ajoelharam; independentemente do que aquilo significava. Tinha

apenas se preocupado em voar para Lunathion o mais rápido possível.

Fury já aguardava na saída, o telefone colado ao ouvido. Hunt marchou atrás da mercenária, atravessando a sala repleta de farfalhar de asas e passos, mas olhou para trás por sobre o ombro.

— Danaan, Ketos... vocês vêm?

Precisava dos dois.

Ruhn se levantou de um salto sem questionar; Tharion esperou até receber um aceno da filha da Rainha do Rio antes de se erguer. Amelie Ravenscroft deu um passo adiante, ignorando o modo como Sabine a fuzilava com o olhar.

— Vou com vocês também — disse.

Hunt assentiu novamente.

Flynn já estava a caminho, sem a necessidade de verbalizar que acompanharia seu príncipe... para salvar sua princesa. Declan apontou para os monitores.

— Ficarei de olho no campo.

— Ótimo — disse Hunt, seguindo para a porta.

O Rei Outonal e o Primo dos Lobos, os únicos Mestres da Cidade presentes, continuaram no auditório, assim como Sabine. Jesiba e Hypaxia teriam de mantê-los na linha. Nenhuma das fêmeas sequer tomava conhecimento da outra, mas tampouco havia animosidade entre elas. Hunt não se importava.

Em silêncio, subiu as escadas, na direção do telhado, os companheiros às costas. Estavam a trinta minutos de helicóptero da cidade. Muito podia dar errado antes de a alcançarem. E quando chegassem lá... seria uma chacina.

As hélices do helicóptero fustigavam o cabelo preto de Fury conforme ela atravessava o heliporto. Flynn seguia logo atrás, estudando o veículo e soltando um assobio de admiração.

Não era um transporte luxuoso. Era um helicóptero militar. Completo, com artilharia em cada uma das duas portas e uma variedade de armas e pistolas em mochilas presas no piso.

Fury Axtar não tinha comparecido àquela reunião na esperança de que fosse amigável. Ela pegou o fone e se despediu do piloto antes de enfiar o corpo esbelto na cabine.

— Vou com você — disse Hunt, apontando para o helicóptero conforme os anjos decolavam ao redor. — Minhas asas ainda não conseguem sustentar o voo.

Ruhn pulou para dentro do helicóptero, atrás de Flynn e Amelie, e Tharion assumiu a metralhadora na porta esquerda. Hunt continuava no telhado, gritando ordens para os anjos de partida a sua volta. *Estabeleçam um perímetro ao redor da cidade. Batedores: investiguem o portal. Enviem os sobreviventes para triagem, pelo menos a oito quilômetros da cidade.* Não se permitiu

pensar no quão facilmente reassumia o papel de comandante.

Então Hunt embarcou no helicóptero, assumindo a metralhadora do lado direito. Fury acionava botão atrás de botão no painel de controle.

— Sabia o que aconteceu com Bryce e Juniper no telhado? — perguntou o anjo, a voz rouca.

Aquilo o havia arrasado, ouvir o que Bryce insinuara... que tinha cogitado pular. Ouvir que estivera tão perto de perdê-la antes mesmo de se conhecerem. Ruhn se virou para os dois, a expressão de angústia prova de que sentia o mesmo.

Fury não parou os preparativos.

— Por muito tempo, Bryce parecia um fantasma. Fingia que não era, mas era. — Finalmente, o helicóptero decolou. — Você a trouxe de volta à vida.



O corpo todo de Bryce tremia enquanto ela se apoiava no quartzo brilhante do portão, a exaustão prendendo-a ao chão.

Tinha funcionado. De algum modo, tinha funcionado.

Ela não se permitiu se maravilhar com o fato... ou temer as consequências quando o pai e os asteri descobrissem. Não quando não fazia ideia de por quanto tempo sua luz estelar ainda brilharia no portão. Mas talvez aquilo tivesse feito alguma diferença.

Talvez ela tivesse feito alguma diferença.

Cada respiração queimava em seu peito. Não faltava muito agora. Se para a ajuda chegar ou para seu fim, não sabia.

Mas seria logo. Qualquer que fosse o fim, Bryce sabia que seria logo.

* * *

— Declan diz que Bryce ainda está na Praça da Cidade Velha — reportou Fury por sobre o ombro.

Hunt apenas mantinha os olhos no horizonte estrelado. A cidade parecia uma sombra escura, interrompida somente por um leve cintilar em seu coração. A Praça da Cidade Velha. Bryce.

— E Hypaxia diz que Bryce mal consegue se mexer — acrescentou Fury, um tom de surpresa na voz. — Parece que está exaurida. Não será capaz de chegar ao portão seguinte sem ajuda.

— Mas a luz do portão a mantém segura? — berrou Ruhn por sobre o ruído do vento.

— Até que os demônios parem de temer a luz dos Estrelados. — Fury conectou a ligação aos alto-falantes do helicóptero.

— Emmet, o radar está captando três máquinas de guerra a oeste. Alguma leitura sobre elas?

Ainda bem. Alguém mais estava a caminho para ajudar, afinal. Se pudessem levar Bryce a cada um dos portões, e se ela conseguisse reunir luz estelar suficiente para canalizá-la pelo chifre, poderiam acabar com a carnificina.

Declan levou um tempo para responder, a voz crepitando através do alto-falante acima de Hunt.

— Estão registrados como tanques imperiais.

A hesitação do feérico fez Hunt segurar a metralhadora com mais força.

— É a Guarda Asteriana. Com lança-mísseis de enxofre — esclareceu Hypaxia. — A voz ficou incisiva ao se dirigir ao Rei Outonal e ao Primo dos Lobos: — *Tirem suas forças da cidade.*

O sangue nas veias de Hunt gelou.

Os asteri haviam enviado alguém para lidar com os demônios. E com Bryce.

Eles iam explodir a cidade.

Os mísseis de enxofre não eram bombas comuns, feitas de metal e compostos químicos. Eram pura magia, produzidas pela Guarda Asteriana: uma combinação de seus poderes angélicos de vento e chuva e fogo, hiperconcentrados em um invólucro, recobertas de primalux e disparadas por maquinário. Onde caíam, a destruição florescia.

Para torná-los ainda mais letais, eram ornamentados com feitiços para atrasar a cura. Até a dos vanir. O único consolo para qualquer alvo era que os mísseis levavam tempo para ser fabricados, oferecendo algum alívio entre as explosões. Um pequeno, tolo conforto.

Fury apertou alguns botões no painel.

— Unidades Asterianas Um, Dois e Três, aqui é Fury Axtar falando, entendido. Recuem. — Sem resposta. — Repito, *recuem.* Abortar missão.

Nada.

— É a Guarda Asteriana — argumentou Declan. — Não vão obedecê-la.

A voz do Rei Outonal crepitou nos alto-falantes.

— Ninguém no Comando Imperial está atendendo nossas ligações.

Fury inclinou o helicóptero, seguindo para o sul. Hunt os viu então. Os tanques pretos despontando no horizonte, cada um do tamanho de uma pequena casa. A insígnia imperial pintada nas laterais. Todos os três apontados para a Cidade da Lua Crescente.

Pararam nos limites da cidade. Os lançadores de metal no topo entraram em posição.

Os mísseis de enxofre foram disparados em uma curva sobre as muralhas, ardentes com luz dourada. Quando o primeiro atingiu o alvo, o anjo rezou para que Bryce tivesse deixado o portão e encontrado abrigo.

* * *

Bryce engasgou com a poeira e escombros, o peito ofegante. Tentou se mover... em vão. Sua coluna...

Não, era por causa da perna, presa em um emaranhado de concreto e ferro. Ela havia ouvido a explosão um minuto antes, reconhecido o arco de luz dourada como enxofre graças à cobertura de imprensa da guerra em Pangera, e tinha disparado pela praça, na direção da porta da sala de música de

tijolos, na esperança de que houvesse um porão, quando ocorreu o impacto.

Seus ouvidos rugiam, zumbiam. Protestavam.

O portão ainda estava de pé, ainda a protegia com luz. Sua luz, tecnicamente.

Aparentemente, o míssil de enxofre mais próximo havia caído na vizinhança. Tinha sido o bastante para danificar a praça, para reduzir alguns prédios a escombros, mas não o bastante para dizimá-la.

Andar. Ela precisava andar. Os outros portões ainda estavam abertos. Ela precisava achar um meio de chegar a eles; fechá-los também.

Ela mexeu a perna. Para sua surpresa, os ferimentos mais leves já estavam cicatrizando... mais rápido do que qualquer outra vez. Talvez o chifre em suas costas ajudasse a acelerar o processo.

Bryce ofegou, entre dentes, tentando outra vez. Haviam lançado enxofre sobre a cidade. A Guarda Asteriana tinha atirado às cegas, por sobre as muralhas, para destruir os portões ou matar os demônios. Mas havia disparado contra o próprio povo, não se importando com quem atingiam...

A semifeérica tomou fôlego. Não serviu de nada para acalmá-la.

Tentou de novo, as unhas arranhando o concreto. Mas, a não ser que cortasse o próprio pé, continuaria presa.

* * *

A Guarda Asteriana recarregava os lança-mísseis sobre os tanques. Magia hiperconcentrada faiscava ao redor das bombas, como se o enxofre lutasse para se libertar das amarras de primalux. Ansioso para lançar a ruína angelical sobre a cidade indefesa.

— Vão disparar outra vez — sussurrou Ruhn.

— O enxofre caiu basicamente em Bosque da Lua — revelou Declan. — Bryce está viva, mas encrencada. Está presa sob um pedaço de concreto. Mas tentando se libertar.

— *ABORTAR MISSÃO* — gritou Fury ao microfone.

Ninguém respondeu. Os lança-mísseis apontaram para cima novamente, girando para novos alvos.

Como se soubessem que Bryce ainda vivia. Continuariam a bombardear a cidade até matá-la, destruindo qualquer coisa em seu caminho. Talvez na esperança de que, se também derrubassem os portões, os vórtices sumissem.

Uma calma gélida e brutal invadiu Hunt.

— Suba. Tão alto quanto um helicóptero consegue — disse para Fury.

Ela compreendeu suas intenções. O anjo não podia voar, não com as asas fracas. Mas não precisava.

— Segurem-se — avisou ela, e inclinou o helicóptero de súbito. A aeronave subiu, subiu, subiu,

todos rangendo os dentes contra a gravidade que os impulsionava para baixo.

Hunt se preparou, recolhendo-se para aquele lugar que o confortou nas batalhas e nos anos passados nos calabouços e arena de Sandriel.

— Prepare-se, Athalar — gritou Fury. As máquinas de guerra pararam, lança-mísseis de prontidão.

O helicóptero sobrevoou as muralhas de Lunathion. Hunt se soltou da metralhadora. O Quarteirão dos Ossos parecia um redemoinho de brumas conforme cruzavam o Istros.

Gratidão brilhava nos olhos de Danaan. Com a compreensão do que apenas Hunt podia fazer.

A Praça da Cidade Velha e o portão cintilante no centro se tornaram visíveis. O único sinal de que precisava. Não havia hesitação em Hunt. Nenhum medo.

O anjo saltou do helicóptero, as asas recolhidas. Uma passagem de ida. Seu último voo.

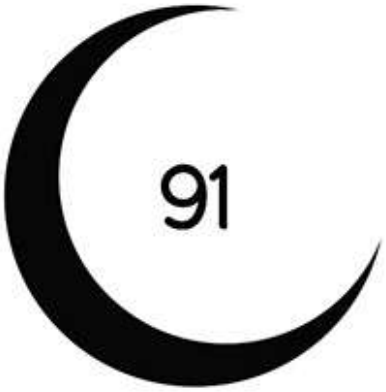
Bem abaixo, a visão aguçada podia discernir Bryce enquanto a semifeérica se encolhia em uma bola, como se aquilo pudesse salvá-la da morte prestes a explodi-la em pedaços.

Os mísseis de enxofre foram lançados um após outro após outro, o mais perto em um arco na direção da Praça da Cidade Velha, brilhando com letal poder dourado. Mesmo ao mergulhar para a terra, Hunt sabia que o ângulo da bomba era errado;

provavelmente explodiria a dez quarteirões de distância. Mas, ainda assim, perto demais. Ainda deixava Bryce dentro do alcance da onda de choque, onde toda aquela energia angelical comprimida a despedaçaria.

O enxofre acertou o alvo, a cidade inteira tremeu sob o impacto profano. Quarteirão após quarteirão se rompendo em uma onda de morte.

Asas abertas, relâmpago em erupção, Hunt se jogou sobre Bryce enquanto o mundo ruía.



Ela devia estar morta.

Mas aqueles eram seus dedos, crispados nos destroços. Aquela era sua respiração, para dentro e para fora.

O enxofre tinha devastado a praça, a cidade agora transformada em ruínas fumegantes, mas o portão ainda continuava de pé. A luz da semifeérica havia se extinguido, o quartzo, mais uma vez, de um branco gélido. Fogos crepitavam ao redor, suavizando os danos com seu fulgor.

Choviam flocos de cinzas, se misturando às brasas.

Os ouvidos de Bryce zumbiam de leve, mas não tanto como depois da primeira explosão.

Não era possível. Ela havia acompanhado o arco dourado cintilante do míssil ao passar, percebido que iria cair a alguns quarteirões dali, e que a morte logo

a encontraria. De algum modo, o portão devia tê-la protegido.

Bryce se ajoelhou com um gemido. O bombardeio, pelo menos, havia cessado. Restavam apenas alguns prédios de pé. As carcaças dos carros ainda queimavam ao seu redor. O cheiro acre da fumaça se erguia em uma coluna que bloqueava as estrelas vespertinas.

E... e nas sombras, aqueles eram demônios despertando. Bile queimava sua garganta. Bryce tinha de se mexer enquanto ainda estavam caídos.

As pernas não cooperavam. Ela testou os dedos dos pés dentro dos tênis, para verificar se ainda se moviam, mas... não conseguia se levantar do chão. O corpo se recusava a obedecer.

Um torrão de cinzas pousou no joelho rasgado de sua legging.

As mãos começaram a tremer. Não era um floco de cinzas.

Era uma pena cinzenta.

Bryce se virou para olhar para trás. A mente esmaeceu. Um grito irrompeu da semifeérica, de tão fundo que se perguntou se era o som de um mundo retalhado.

Hunt jazia jogado no chão, as costas ensanguentadas, uma pilha calcinada, e as pernas...

Não restava nada de suas pernas, a não ser tiras. Nada do braço direito, exceto sangue espalhado no

pavimento. E em suas costas, de onde suas asas brotavam...

Havia um buraco aberto, sangrento.

Ela se moveu por instinto, rastejando pelo concreto e metal e sangue.

Ele a havia protegido do enxofre. De algum modo, tinha escapado de Sandriel e ido até ali. Para salvá-la.

— *Porfavorporfavorporfavorporfavor.*

Ela o virou, procurando por qualquer indício de vida, uma respiração...

A boca do anjo tremeu. De leve.

Bryce soluçou, colocando a cabeça de Hunt em seu colo.

— Socorro! — gritou. Nenhuma resposta além de um latido sobrenatural na escuridão lambida pelo fogo. — Socorro! — gritou ela de novo, mas a voz soou tão rouca que mal se ouvia na praça. Randall havia lhe contado sobre o tremendo poder dos mísseis de enxofre da Guarda Asteriana. Como os feitiços entremeados na magia angelical condensada atrasavam o poder de cura dos vanir por tempo o bastante para que sangrassem. E morressem.

Tanto sangue cobria o rosto de Hunt que ela mal via a pele. Apenas o ligeiro tremular de sua garganta lhe dizia que ainda estava vivo.

E os ferimentos que deviam estar cicatrizando... porejavam e vertiam sangue. Artérias haviam sido rompidas. Artérias vitais...

— *SOCORRO!* — gritou ela.

Mas ninguém respondeu.

* * *

As explosões de enxofre tinham derrubado o helicóptero.

Estavam vivos graças à habilidade de Fury, mas, ainda assim, haviam batido e capotado duas vezes antes de aterrissar em algum lugar do Bosque da Lua.

A cabeça de Tharion sangrava, a mercenária exibia um corte na perna, tanto Flynn como Amelie tinham costelas quebradas, e Ruhn... O príncipe não se preocupou com as próprias feridas. Não quando a noite ardente e fumacenta se encheu de rosnados cada vez mais próximos. Mas o enxofre havia cessado... Pelo menos, tinham aquele alívio. Ele estimava que a Guarda Asteriana precisaria de um bom tempo antes de conseguir reunir energia suficiente para criar mais mísseis.

Ruhn se moveu por pura força de vontade.

Duas das mochilas com armas haviam se soltado e se perdido na queda. Flynn e Fury começaram a distribuir as armas e facas restantes, trabalhando com rapidez, enquanto Ruhn avaliava o estado da única metralhadora intacta que tinha arrancado do piso do helicóptero.

— Temos olhos na Praça da Cidade Velha. — A voz de Hypaxia crepitou pelo rádio, milagrosamente intacto. Ruhn hesitou, aguardando as notícias. Não ousando ter esperanças.

A última vez que havia visto Athalar, o anjo parecia mergulhar na direção de Bryce enquanto a Guarda Asteriana disparava aqueles cintilantes mísseis dourados sobre as muralhas, como um doentio show de fogos de artifício. Então as explosões através da cidade tinham despedaçado o mundo.

— Athalar caiu — anunciou Declan, solene. — Bryce vive. — Ruhn fez uma prece silenciosa a Cthona, agradecendo por sua misericórdia. Outra pausa. — Correção, Athalar está vivo, mas por pouco. Seus ferimentos são... Merda. — Engoliu em seco de maneira audível. — Não creio que haja alguma chance de sobrevivência.

Tharion encaixou um rifle ao ombro, perscrutando a escuridão pela mira telescópica.

— Temos mais ou menos uma dúzia de demônios nos avaliando daquele prédio de tijolos adiante.

— Mais seis deste lado — avisou Fury, também usando a mira de seu rifle.

Amelie Ravenscroft mancava terrivelmente conforme, em um raio de luz, assumia a forma de lobo e arreganhava os dentes para a escuridão.

Se não fechassem os vórtices nos outros portões, restavam apenas duas opções: recuar ou morrer.

— Estão ficando curiosos — murmurou Flynn, sem tirar o olho da mira telescópica de sua arma. — Temos algum plano?

— O rio está a nossas costas — disse Tharion. — Com sorte, meu povo pode vir em nosso auxílio. — A Corte Azul vivia suficientemente abaixo da superfície para ter evitado a fúria do enxofre. Podiam se mobilizar.

Mas Bryce e Hunt continuavam na Praça da Cidade Velha.

— Estamos a trinta quarteirões do Portão do Coração — disse Ruhn. — Seguimos o passeio do rio, então entramos pela Principal. — E acrescentou: — Ao menos, é para onde eu vou.

Todos assentiram com expressão sombria.

Diga a Ruhn que o perdoo... por tudo.

As palavras ecoavam pelo sangue de Ruhn. Precisavam prosseguir, mesmo que os demônios os eliminassem um a um. Ele apenas esperava alcançar a irmã a tempo de encontrar algo para salvar.

* * *

Bryce ajoelhou sobre Hunt, a vida do anjo se esvaindo lentamente. E no silêncio calmo e acre, ela começou a sussurrar:

— Acredito que aconteceu por um motivo. Acredito que tudo aconteceu por um motivo. — Ela

acariciou o cabelo ensanguentado, a voz trêmula. — Não creio ter sido em vão.

Ela olhou para o portão. Com gentileza, deitou Hunt entre os destroços.

— Acredito que aconteceu por um motivo. Acredito que tudo aconteceu por um motivo. Não creio ter sido em vão — sussurrou de novo, se levantando.

Ela se afastou do corpo de Hunt enquanto ele sangrava a suas costas. Ziguezagueou pelos detritos e escombros. A cerca ao redor do portão havia sido retorcida, descascada. Mas o arco de quartzo continuava de pé, a placa de bronze e o dial de joias intactos conforme se ajoelhava a sua frente.

— Não creio ter sido em vão — sussurrou Bryce de novo.

Ela colocou a palma no disco de bronze do dial.

O metal parecia quente sob seus dedos, como estivera quando ela o havia tocado naquele último dia com Danika. Seu poder zumbiu através da semifeérica, sugando a taxa de uso: uma gota de sua magia.

Os portões haviam sido utilizados como dispositivos de comunicação no passado... mas a única razão para as palavras os atravessarem era o poder que os conectava. Todos ficavam sobre linhas ley. Uma verdadeira matriz de energia.

O portão não era apenas um prisma. Era um condutor. E Bryce tinha o chifre na própria pele. Havia provado que ele podia fechar um portal para o Inferno.

— Olá? — sussurrou Bryce no pequeno intercomunicador no centro do arco de gemas do disco.

Ninguém respondeu.

— Se pode me ouvir, vá até o portão. Qualquer portão — pediu ela.

Ainda nada.

— Meu nome é Bryce Quinlan. Estou na Praça da Cidade Velha. E... acho que descobri um modo de parar tudo isso. Como podemos consertar as coisas — disse.

Silêncio. Nenhuma das outras pedras se acendeu para indicar a presença ou voz de outra pessoa, em outro distrito, tocando o disco daquela extremidade.

— Sei que parece horrível no momento — insistiu. — Sei que parece tão, tão ruim, e... Sei que parece impossível. Mas, se você conseguir alcançar outro portão, só... por favor. Por favor, apareça.

Ela inspirou, trêmula.

— Não precisa fazer nada — assegurou ela. — Tudo o que precisa fazer é colocar a mão no disco. É tudo de que preciso... apenas outra pessoa na linha. — Sua mão tremeu, e ela pressionou o metal com mais força. — O portão é um condutor de energia...

um para-raios integrado a cada portão da cidade. E preciso de alguém do outro lado, ligado a mim através dessa teia. — Ela engoliu em seco. — Preciso de uma Âncora. Para completar a Descida.

As palavras, um murmúrio no mundo.

A voz rouca de Bryce abafou o som dos demônios se reagrupando a sua volta.

— A primalux gerada quando eu fizer minha Descida se espalhará deste portão para os demais. Vai acender *tudo*, colocar esses demônios para correr. Vai curar tudo o que tocar. *Todos* que tocar. E eu... — Ela tomou fôlego. — Eu sou uma feérica Estrelada e trago o Chifre de Luna em meu corpo. Com o poder de primalux que vou gerar, posso fechar os portais para o Inferno. Fiz isso aqui... posso fazer no restante da cidade. Mas preciso de um elo... e do poder de minha Descida.

Ainda nenhuma resposta. Não havia sinal de vida, além das bestas nas sombras mais profundas.

— Por favor — implorou Bryce, a voz falhando.

Em silêncio, rezou para alguma daquelas pedras preciosas se acender, mostrar que ao menos uma pessoa, em qualquer distrito, iria responder a seu apelo.

Mas havia apenas o nada crepitante.

Estava sozinha. E Hunt, morrendo.

Bryce esperou cinco segundos. Dez segundos. Ninguém respondeu. Ninguém apareceu.

Engolindo outro soluço, ela inspirou, trêmula, e largou o disco.

A respiração de Hunt se tornou difícil e espaçada. Ela rastejou até ele, mãos tremendo. Mas a voz soou calma quando ela mais uma vez deitou a cabeça do anjo em seu colo. Acariciou o rosto ensanguentado.

— Vai ficar tudo bem — disse ela. — A ajuda está chegando, Hunt. As medbruxas estão a caminho. — Ela fechou os olhos, contendo as lágrimas. — Vamos ficar bem — mentiu. — Vamos para casa, onde Syrinx está nos esperando. Vamos para casa. Eu e você. Juntos. Vamos ter aquele para sempre, como você prometeu. Mas só se você aguentar firme, Hunt.

A respiração do anjo chacoalhou no peito. Um som de morte. Ela se inclinou sobre ele, inalando seu perfume, sua força. E, então, disse as três palavras que significavam mais que tudo. Ela as sussurrou em seu ouvido, com tudo o que lhe restava.

A verdade final, aquela que a semifeérica precisava que ele ouvisse.

A respiração de Hunt rareou e enfraqueceu. Não faltava muito.

Bryce não conseguia conter as lágrimas conforme caíam sobre o rosto de Hunt, limpando o sangue em seu rastro.

Acenda, Danika sussurrou para ela. Em seu coração.

— Tentei — sussurrou em resposta. — Danika, eu tentei.

Acenda.

Bryce chorava.

— Não funcionou.

Acenda. Urgência lancetava as palavras. Como se... Como se...

Bryce ergueu a cabeça. Olhou para o portão. Para a placa e as joias.

Ela esperou. Contou sua respiração. *Um. Dois. Três.*

As pedras preciosas continuavam escuras. *Quatro. Cinco. Seis.*

Nada. Bryce engoliu em seco e se voltou para Hunt uma última vez. Ele iria deixá-la, e ela o seguiria quando mais mísseis de enxofre caíssem ou os demônios reunissem a coragem para atacá-la.

Ela inspirou outra vez. *Sete.*

— Acenda. — As palavras encheram a Praça da Cidade Velha. Cada praça da cidade.

Bryce virou a cabeça para encarar o portão enquanto a voz de Danika soava outra vez.

— Acenda, Bryce.

A pedra de ônix do Quarteirão dos Ossos brilhava como uma estrela negra.



O rosto de Bryce se contraiu enquanto ela saltava de pé, correndo para o portão.

Não se preocupou com como aquilo era possível enquanto Danika repetia:

— *Acenda.*

Então Bryce estava rindo e soluçando conforme gritava:

— *ACENDA, DANIKA! ACENDA, ACENDA, ACENDA!*

Bryce pressionou a palma no disco de bronze do portão.

E alma a alma com a amiga que ela não tinha esquecido, a amiga que não a tinha esquecido, mesmo na morte, Bryce fez a Descida.

* * *

Silêncio perplexo tomou a sala de conferências quando Bryce mergulhou no próprio poder.

Declan Emmett não desviou o olhar da transmissão de vídeo que monitorava, o coração acelerado.

— Não é possível — disse o Rei Outonal. Declan estava inclinado a concordar.

— Danika tinha um pequeno núcleo de energia residual, disse o Sub-Rei. Um pouco de individualidade sobrevivente — murmurou Sabine Fendyr.

— A alma de um morto sequer pode servir como Âncora? — perguntou a rainha Hypaxia.

— Não — respondeu Jesiba, com toda a propriedade de uma emissária do Sub-Rei. — Não, não pode.

O silêncio ecoou pelo recinto quando se deram conta do que testemunhavam. Uma Descida solo, sem amarras. Queda livre absoluta. Daria no mesmo se Bryce pulasse de um penhasco na esperança de aterrissar em segurança.

Declan desgrudou os olhos do vídeo e analisou o gráfico em um de seus três computadores... o que mapeava a Descida de Bryce, cortesia do sistema eleusino.

— Ela está se aproximando de seu nível de poder. — Mal um ponto acima de zero na escala.

Hypaxia espiou por sobre o ombro para estudar o gráfico.

— Mas não está desacelerando.

Declan estreitou os olhos para a tela.

— Está ganhando velocidade. — Ele balançou a cabeça. — Mas... ela foi classificada com um nível reduzido de energia. — Quase insignificante, se fosse ser um babaca em relação ao assunto.

— Mas o portão não — argumentou Hypaxia, em voz baixa.

— O que quer dizer? — perguntou Sabine.

— Não creio que seja uma placa comemorativa — murmurou a bruxa. — No portão. — Ela apontou para a chapa presa ao quartzo, o bronze escuro contra a pedra incandescente. — *O poder será de quem der a vida pela cidade.*

Bryce mergulhou ainda mais em seu poder. Passando os níveis normais, respeitáveis.

— A placa é uma bênção — explicou a rainha Hypaxia.

— O poder dos portões... dado por cada alma que já o tocou... cada alma que abriu mão de uma gota do próprio poder — murmurou Declan, a respiração irregular.

Ele tentou, e fracassou, calcular quantas pessoas, naqueles muitos séculos, haviam tocado os portões da cidade. Tinham aberto mão de uma gota do próprio

poder, como uma moeda jogada em uma fonte. Feito um desejo com aquele pingo de poder ofertado.

Pessoas de todas as casas. Todas as raças. Milhões e milhões de gotas de poder alimentavam aquela Descida solo.

Bryce ultrapassava nível após nível após nível. O rosto do Rei Outonal ficou pálido.

— Olhe os portões — disse Hypaxia.

Os portões de quartzo por toda a cidade começaram a brilhar. Vermelho, então laranja, em seguida dourado, depois branco.

Primalux irrompeu dos arcos. Seus raios espraiaram em todas as direções.

As luzes fluíam pelas linhas ley entre os portões, conectando-os, assim como as principais avenidas. No formato de uma perfeita estrela de seis pontas.

As linhas ley começaram a se alastrar, acompanhando as muralhas da cidade. Aniquilando os demônios agora a caminho das terras mais além.

Luz encontrando luz encontrando luz encontrando luz encontrando luz.

Até que a cidade estivesse cercada por ela. Até que cada rua brilhasse.

E Bryce ainda fazia a Descida.

* * *

Era alegria e vida e morte e dor e canção e silêncio.

Bryce desaguou no poder e o poder desaguou na semifeérica, que não ligou, não ligou, não ligou, porque era Danika caindo com ela, rindo com ela, enquanto suas almas se entrelaçavam.

Ela estava ali, estava ali, estava ali...

Bryce mergulhou na luz dourada e na canção do coração do universo.

Danika soltou um uivo de alegria, e Bryce o ecoou.

Danika estava ali. Era o bastante.

* * *

— Ela está ultrapassando o nível de Ruhn — suspirou Declan, incrédulo. Que a irmã baladeira do amigo tivesse suplantado o próprio príncipe. Suplantando o maldito Ruhn Danaan.

O rei de Declan continuava imóvel como a morte enquanto Bryce pulverizava a classificação de Ruhn. Aquilo poderia mudar a própria hierarquia feérica. Uma princesa mestiça poderosa, com a luz de uma estrela nas veias... Puta merda.

Enfim, Bryce começou a desacelerar. Perto do nível do Rei Outonal. Declan engoliu em seco.

A cidade estava banhada em luz. Demônios fugiam do fulgor, correndo de volta aos vórtices, optando por enfrentar os portões cintilantes em vez de ficar aprisionados em Midgard.

Luz dardejou dos portões, sete raios se fundindo em um no coração da cidade... sobre a Praça da Cidade Velha. Uma rodovia do poder; da vontade de Bryce.

Os vórtices entre Midgard e o Inferno começaram a encolher. Como se a própria luz fosse abominável. Como se aquela primalux pura e desenfreada pudesse curar o mundo.

E o fez. Prédios destroçados pelo enxofre voltaram ao lugar. Destroços se transformaram em muros e ruas e fontes. Pessoas feridas cicatrizaram.

Bryce desacelerou ainda mais.

Declan rangeu os dentes. Os vórtices dentro dos portões se tornaram cada vez menores.

Demônios corriam de volta ao Inferno através das passagens encolhidas. Mais e mais da cidade se regenerou conforme o chifre fechava os portais. Conforme *Bryce* selava os portais, o poder do chifre fluindo através da semifeérica, amplificado pela primalux que gerava.

— Pelos deuses — sussurrava alguém.

Os vórtices entre mundos se tornaram lascas. Depois, nada.

Os portões estavam vazios. Os portais se foram.

Bryce parou enfim. Declan estudou o número preciso de seu poder, apenas um ponto decimal acima do do Rei Outonal.

Declan soltou uma risada suave, desejando que Ruhn estivesse ali para testemunhar a expressão atônita do macho.

O rosto do Rei Outonal enrijeceu.

— Não ficaria tão convencido, garoto — grunhiu o monarca para Declan.

Declan ficou tenso.

— Por quê?

— Porque aquela garota pode ter usado a energia do portão para completar a Descida a níveis inesperados, mas ela não será capaz de fazer a Ascensão.

Os dedos de Declan congelaram no teclado de seu laptop.

O Rei Outonal riu sem alegria. Não com malícia, Declan se deu conta... mas com algo semelhante a dor. Jamais imaginara que o babaca pudesse sentir tal coisa.

Bryce desmaiou nas pedras do lado do portão. Declan não precisava dos monitores médicos para saber que o coração tinha parado.

Seu corpo mortal havia morrido.

Um cronômetro do sistema eleusino no computador começou a contagem regressiva de seis minutos. O indicador do tempo que a semifeérica tinha para fazer a Busca e a Ascensão, para deixar o corpo mortal morrer, para encarar o que jazia em sua

alma e correr de volta à vida, a seu poder completo. E emergir imortal.

Se ela fizesse a Ascensão, o sistema eleusino iria registrar, rastrear.

— Ela fez a Descida sozinha. Danika Fendyr está morta... não é uma Âncora de verdade. Bryce não tem caminho de volta à vida — disse o Rei Outonal, rouco.



Era o berço de toda a vida, aquele lugar.

Havia um piso físico sob ela, e Bryce tinha a impressão de um mundo inteiro sobre si, cheio de luzes bruxuleantes, longínquas. Mas aquele era o fundo do mar. A trincheira escura que cortava a pele da terra.

Não importava. Nada importava, afinal. Não com Danika parada a sua frente. Abraçando-a.

Bryce se afastou o bastante para encarar o belo rosto anguloso. O cabelo louro platinado. Parecia o mesmo, até as mechas ametista, safira e cor-de-rosa. De algum modo, havia se esquecido dos traços exatos do rosto de Danika, mas... lá estavam elas.

— Você veio — disse Bryce.

O sorriso de Danika era suave.

— Você pediu ajuda.

— Você... Você está viva? Quero dizer, aqui.

— Não. — Danika balançou a cabeça. — Não, Bryce. Isso, o que você vê... — Ela apontou para si mesma. O jeans familiar e a velha camiseta de banda. — Isso é apenas a faísca restante. O que está repousando do outro lado.

— Mas é você. É *você*.

— Sim. — Danika perscrutou a escuridão turbulenta sobre as duas, o oceano inteiro acima. — E você não tem muito tempo para fazer a Ascensão, Bryce.

Bryce bufou.

— Não vou fazer a Ascensão.

Danika pestanejou.

— O que quer dizer?

Bryce deu um passo para trás.

— Não vou fazer. — Porque ali era onde sua alma sem-teto ficaria, se ela fracassasse. Seu corpo iria morrer no mundo acima, e a alma que ela havia barganhado com o Sub-Rei vagaria por aquele lugar. Com Danika.

Danika cruzou os braços.

— Por quê?

Bryce piscou furiosamente.

— Porque ficou muito difícil. Sem você. *É* muito difícil sem você.

— Isso é baboseira — rosnou Danika. — Então vai simplesmente desistir de tudo? Bryce, estou *morta*. Eu *parti*. E você vai trocar sua vida inteira por esse

pequeno fragmento de mim que restou? — Decepção toldou os olhos cor de caramelo. — A amiga que conheci jamais faria isso.

— Era para termos feito isso juntas. Devíamos viver nossas vidas juntas — disse Bryce, a voz falhando.

A expressão de Danika se suavizou.

— Eu sei, B. — Ela pegou a mão da semifeérica. — Mas não foi assim que aconteceu.

Bryce baixou a cabeça, pensando que se partiria.

— Sinto sua falta. A cada momento de cada dia.

— Eu sei — repetiu Danika, colocando a mão sobre o coração. — E eu senti. E vi.

— Por que mentiu... sobre o chifre?

— Não menti — respondeu Danika, com simplicidade. — Apenas não contei a você.

— Você mentiu sobre a tatuagem — retrucou Bryce.

— Para sua segurança — disse Danika. — Para manter o chifre em segurança, sim, mas, sobretudo, para mantê-la em segurança caso o pior me acontecesse.

— Bem, o pior realmente aconteceu a você — disse Bryce, imediatamente se arrependendo quando Danika titubeou.

Mas, então, a loba disse:

— Você trocou seu lugar no Quarteirão dos Ossos por mim.

Bryce começou a chorar.

— Era o mínimo que eu podia fazer.

Lágrimas brotaram nos olhos de Danika.

— Achou que eu não conseguiria? — Ela abriu um sorriso incisivo, doído. — Babaca.

Mas Bryce tremia com a intensidade do próprio choro.

— Eu não podia... não podia correr o risco.

Danika afastou uma mecha do cabelo de Bryce.

— Matei Micah pelo que ele fez — revelou Bryce, fungando. — A você. A Lehabah. — Sentiu um aperto no coração. — Ela... está no Quarteirão dos Ossos?

— Não sei. E, sim... vi o que houve na galeria. — Danika não deu mais detalhes. — Nós todos vimos.

Aquela palavra fisgava. *Nós.*

Os lábios de Bryce tremiam.

— Connor está com você?

— Sim, está. E o restante da matilha também. Eles distraíram os Ceifadores para eu chegar ao portão. Estão os mantendo ocupados, mas não por muito tempo, Bryce. Não posso ficar aqui. — Ela balançou a cabeça. — Connor teria desejado mais para você que isso. — Ela acariciou as costas da mão de Bryce com o polegar. — Não iria querer que parasse de lutar.

Bryce enxugou o rosto novamente.

— Não parei. Não até agora. Mas agora eu estou... É tudo tão *fodido*. E estou tão *cansada* de me sentir assim. Estou farta.

— E quanto ao anjo? — perguntou Danika, com doçura.

Bryce ergueu a cabeça com brusquidão.

— O que tem ele?

Danika abriu um sorriso compreensivo.

— Se prefere ignorar o fato de que tem uma família que a ama incondicionalmente, tudo bem... mas ainda resta o anjo.

Bryce desvencilhou a mão da de Danika.

— Está mesmo tentando me convencer a fazer a Ascensão por um cara?

— Hunt Athalar é somente um cara para você? — O sorriso da loba ficou gentil. — E por que é um sinal de fraqueza admitir que existe alguém, por acaso um macho, para quem vale a pena voltar? Alguém que sei que a faz se sentir como se as coisas não estivessem *nada* fodidas.

A semifeérica cruzou os braços.

— E daí?

— Ele está curado, Bryce — disse Danika. — Você o curou com a primalux.

Bryce expirou, trêmula. Ela havia feito tudo aquilo em uma vã expectativa.

Engoliu em seco, olhando para o chão que não era chão, mas a própria base do ego, do mundo.

— Estou com medo — sussurrou ela.

Danika segurou sua mão outra vez.

— É esse o objetivo, Bryce. Da *vida*. Viver, amar, sabendo que tudo pode acabar amanhã. Torna tudo ainda mais precioso. — Ela segurou o rosto de Bryce entre as mãos e pressionou a testa à da amiga.

Bryce fechou os olhos e inalou o perfume de Danika, de algum modo ainda presente aquela forma.

— Acho que não consigo. Ascender.

Danika se afastou, avaliando a impossível distância acima. Em seguida, a estrada que se estendia à frente das duas. A pista. No final dela, o abismo para a eternidade. Para o nada. Mas disse:

— Apenas tente, Bryce. Uma tentativa. Vou estar com você a cada passo do caminho, mesmo que não possa me ver. *Sempre* estarei com você.

Bryce não olhou para a pista curta demais. O oceano infinito sobre elas, separando-a da vida. Apenas memorizou os traços do rosto de Danika, como não teve a chance de fazer antes.

— Amo você, Danika — sussurrou ela.

Danika engoliu em seco. Inclinou a cabeça, o movimento puramente lupino. Como se ouvisse algo.

— Bryce, precisa se apressar. — Ela agarrou a mão da amiga, apertando-a. — Precisa decidir, agora.

* * *

O cronômetro da vida de Bryce mostrava dois minutos restantes.

O corpo sem vida da semifeérica jazia jogado nas pedras ao lado do portão fracamente iluminado.

Declan passou a mão pelo peito. Não ousava contatar Ruhn. Não ainda. Não podia suportar.

— Não há um jeito de ajudá-la? — sussurrou Hypaxia para a sala silenciosa. — Nenhum jeito mesmo?

Não. Declan tinha usado os últimos quatro minutos para fazer uma busca em todos os bancos de dados, públicos e privados, de Midgard em busca de um milagre. Não havia encontrado nada.

— Além de não ter Âncora — disse o Rei Outonal —, ela usou uma fonte artificial de poder para levá-la até esse nível. Seu corpo não está biologicamente equipado para fazer a Ascensão. Mesmo com uma Âncora de verdade, não seria capaz de ganhar impulso suficiente para o primeiro salto.

Jesiba assentiu em confirmação, solenemente, mas não disse nada.

As lembranças da própria Descida e Ascensão eram nebulosas, assustadoras. Declan tinha ido mais longe do que antecipara, mas, pelo menos, tinha ficado dentro de seu alcance. Mesmo com Flynn como Âncora, ficara apavorado com a possibilidade de não retornar.

Apesar de registrada no sistema como um ponto de energia ao lado de Bryce, Danika Fendyr não era uma amarra à vida, não uma Âncora verdadeira. Ela

não tinha vida própria. A loba era simplesmente o que dera a Bryce a coragem de tentar a Descida solo.

— Eu pesquisei — continuou o Rei Outonal. — Passei séculos procurando. Milhares de pessoas ao longo das eras tentaram ir além dos próprios níveis através de meios artificiais. Nenhuma jamais voltou à vida.

Restava um minuto, os segundos voando no cronômetro.

Bryce ainda não tinha Ascendido. Ainda fazia a Busca, encarando o que quer que existisse em sua alma. O relógio teria parado se ela houvesse começado a tentativa de Ascensão, marcando a entrada na Ponte... o limiar entre a vida e a morte. Mas o cronômetro continuava a correr. Decrescendo.

Mas não importava. Bryce morreria, fizesse a tentativa ou não.

Trinta segundos. Os dignitários restantes na sala curvaram a cabeça.

Dez segundos. O Rei Outonal esfregou o rosto, então olhou para a contagem regressiva. O restante da vida de Bryce.

Cinco. Quatro. Três. Dois.

Um. Dois milissegundos na direção do zero. Verdadeira morte.

O relógio parou em 0,003.

Uma linha vermelha disparou do fundo do gráfico do sistema eleusino, ao longo da pista para o

esquecimento.

— Ela está correndo — sussurrou Declan.

* * *

— Mais rápido, Bryce! — Danika corria em seu encalço.

Passo a passo a passo, Bryce disparava para aquela pista mental. Na direção do sempre próximo fim.

— *Mais rápido!* — encorajou Danika.

Uma tentativa. Ela tinha uma única tentativa.

Bryce corria. Corria e corria e corria, os braços como molas, os dentes rangendo.

As chances eram mínimas, a probabilidade, nula.

Mas ela tentou. Com Danika ao seu lado, uma última vez, poderia tentar.

Havia feito a Descida solo, mas não estava sozinha.

Jamais estivera sozinha. Jamais estaria.

Não com Danika em seu coração, não com Hunt ao seu lado.

O fim da pista se aproximava. Ela precisava decolar. Tinha de começar a Ascensão ou cairia no vazio. Para sempre.

— *Não pare!* — gritou Danika.

Então Bryce obedeceu.

Investiu. Na direção daquele derradeiro e letal ponto final.

Ela usou cada metro de pista. Cada último centímetro.

E, então, saltou.

* * *

Declan não podia acreditar que estava vendo o Rei Outonal cair de joelhos conforme Bryce subia, erguida por uma explosão de poder.

Ela transpôs os níveis mais profundos.

— Não é... — murmurou o Rei Outonal. — Não é *possível*. Ela está sozinha.

— Não, não está — murmurou Sabine, enquanto as lágrimas banhavam o rosto implacável.

A força que era Danika Fendyr, a força que dera a Bryce aquele impulso ascendente, desvaneceu.

Ainda assim, o cérebro de Bryce podia ter passado muito tempo sem oxigenação, supondo que ela conseguisse voltar à vida. Mas sua princesa lutava por cada avanço, o poder se alternando, sereia, metamorfo, draki, humano, anjo, duende, feérico...

— Como? — perguntou o Rei Outonal a ninguém em particular. — *Como?*

Foi o velho Primo dos Lobos que respondeu, a voz envelhecida sussurrada por sobre o apitar do gráfico:

— Com o auxílio da mais poderosa força no mundo. A mais poderosa força em qualquer reino. — Ele apontou para o monitor. — O que suscita

lealdade além da morte, inabalável apesar dos anos. O que se mantém firme em face ao desespero.

O Rei Outonal se virou para o velho Primo, balançando a cabeça. Ainda sem compreender.

Bryce tinha chegado ao nível das bruxas comuns agora. Mas ainda muito longe da vida.

Um movimento chamou a atenção de Declan, e o feérico se virou para a transmissão da Praça da Cidade Velha.

Coroado em relâmpago, curado e inteiro, Hunt Athalar estava ajoelhado ao lado do corpo sem vida de Bryce. Bombeando seu peito com as mãos... massagem cardíaca.

— Ouvi o que você disse — sibilou ele entre dentes, relâmpago crepitando ao seu redor. *Tum, tum, tum* bombeavam os braços fortes. — O que esperou que eu estivesse quase *morto* para admitir, sua maldita covarde. — Seu relâmpago disparava para dentro da semifeérica, arqueando o corpo do chão conforme tentava reiniciar seu coração. Ele rosnou em seu ouvido: — *Agora venha repetir na minha cara!*

Sabine sussurrou uma frase para a sala, para o Rei Outonal, e o coração de Declan se agitou, ouvindo.

Era a resposta às palavras do Primo. À pergunta do Rei Outonal de como, contrariando cada estatística evidenciada no computador de Declan, sequer estavam testemunhando Hunt Athalar lutar como um

demônio para manter o coração de Bryce Quinlan vivo.

Por amor, tudo é possível.



Ela era mar e céu e pedra e sangue e asas e terra e estrelas e escuridão e luz e osso e chama.

Danika se fora. A loba havia sacrificado o que restava de sua alma, de seu poder, para lançar Bryce da pista, na direção daquela explosiva Ascensão inicial.

— *Amo você* — havia sussurrado Danika, antes de desvanecer no nada, a mão soltado a de Bryce.

E não havia destroçado a semifeérica, aquele último adeus.

O rugido que tinha soltado não fora de dor. Mas de desafio.

Bryce se propeliu mais alto. Podia sentir a proximidade da superfície. O fino véu entre aquele lugar e a vida. Seu poder se alterava, dançando entre formas e dons. Ela investiu para cima com o impulso de uma cauda poderosa. Serpenteou e se ergueu com

um bater de amplas asas. Era todas as coisas... e, no entanto, ela mesma.

E, então, ela ouviu. A voz do anjo. A resposta ao próprio desafio.

Ele estava ali. Esperando por ela.

Lutando para manter seu coração batendo. Ela estava perto o bastante para ver o véu.

Até mesmo antes de ela cair morta ao seu lado, ele havia lutado para manter seu coração batendo.

Bryce sorriu, naquele lugar intermediário, e enfim disparou na direção de Hunt.

* * *

— *Vamos* — grunhiu Hunt, continuando a massagem cardíaca, contando as respirações de Bryce até que pudesse sacudi-la de novo com seu relâmpago.

Não sabia por quanto tempo ela estivera inconsciente, mas a semifeérica estava morta quando ele acordara, curado e inteiro, em uma cidade reconstruída. Como se nenhuma bomba de magia, nenhum demônio a tivessem danificado.

O anjo deu uma olhada no portão cintilante, a luz ardente... a *primalux*... e soube que apenas alguém completando a Descida geraria aquele tipo de poder. E, quando vira o corpo sem vida diante do portão, soube que, de algum modo, Bryce havia encontrado um modo de fazer o ritual, de libertar aquela

primalux curativa, de usar o chifre para selar os portais do Inferno nos outros portões.

Então tinha agido por instinto. Fizera a única coisa em que conseguiu pensar.

O anjo a havia salvado, e ela o havia salvado, e ele...

O próprio poder pressentiu sua chegada um minuto depois... a reconheceu, como um reflexo no espelho.

Como ela trazia aquela intensidade de poder, como Ascendia sozinha... pouco lhe importava. Ele havia Caído, ele havia sobrevivido, ele havia suportado cada provação e tortura e horror... tudo por aquele momento. Para que pudesse estar ali.

Fora tudo por ela. Por Bryce.

Mais e mais, o poder se aproximava. Hunt se preparou e lançou outra descarga de seu relâmpago no coração da semifeérica. Ela arqueou no chão, corpo sem vida.

— Vamos — repetiu ele, bombeando seu peito com as mãos mais uma vez. — Estou esperando você.

Estivera esperando por ela desde o momento em que havia nascido.

E, como se o tivesse escutado, Bryce explodiu para a vida.

* * *

Ela estava quente, e ela estava segura, e ela estava em casa.

Havia luz... ao seu redor, dela, em seu coração.

Bryce se deu conta de que respirava. E de que seu coração batia.

As duas coisas pareciam supérfluas. Sempre seriam supérfluas perto de Hunt.

Vagamente, percebeu que estavam ajoelhados na Praça da Cidade Velha. As asas cinzentas faiscaram como labaredas ao envolver os dois, abraçando-a com força. E, dentro do casulo de penas macias como veludo, como o sol contido em um botão de flor, Bryce brilhava.

Lentamente, ela ergueu a cabeça, se afastando apenas o bastante para encará-lo.

Hunt já havia baixado o olhar para ela, as asas desabrochando como pétalas no alvorecer. Não havia tatuagem em sua testa. O halo se fora.

Ela passou os dedos trêmulos pela pele macia. Silenciosamente, Hunt lhe enxugou as lágrimas.

Bryce sorriu para ele. Sorriu para ele com o coração leve, a alma leve. Hunt deslizou a mão por seu queixo, segurando seu rosto. A ternura naqueles olhos apagou quaisquer dúvidas.

Ela pousou a palma sobre o coração galopante do anjo.

— Você acaba de me chamar de maldita covarde?

Hunt inclinou a cabeça para as estrelas e riu.

— E daí se chamei?

Ela aproximou o rosto do dele.

— Pena que toda aquela primalux curativa não o tenha transformado em uma pessoa decente.

— E qual seria a graça disso, Quinlan?

Os dedos dos pés da semifeérica se encolheram com o modo como ele disse seu nome.

— Acho que vou ter de...

Uma porta se abriu no fim da rua. Em seguida, outra e outra. E trêmulos, chorando de alívio ou em perplexo silêncio, os habitantes da Cidade da Lua Crescente surgiram. Atônitos com o que contemplavam. Com Bryce e Hunt.

Ela se desvencilhou do anjo e se levantou. Seu poder um poço vasto e inusitado sob seus pés. Pertencente não só a ela... mas a todos eles.

Bryce olhou para Hunt, que agora a encarava como se não pudesse acreditar nos próprios olhos. Ela pegou a mão do anjo. Entrelaçaram os dedos.

E, juntos, se adiantaram para enfrentar o mundo.



Syrinx estava sentado na soleira da porta da frente, ganindo de preocupação, quando Bryce e Hunt saíram do elevador.

Bryce estudou o corredor vazio, a quimera.

— Deixei essa porta trancada... — começou, arrancando um sorriso de Hunt, mas Syrinx já corria em sua direção.

— Explico os *talentos* dele mais tarde — murmurou Hunt, enquanto Bryce conduzia um Syrinx histérico para o apartamento e se ajoelhava na frente da criatura, jogando os braços ao seu redor.

Ela e Hunt haviam ficado na Praça da Cidade Velha por um total de dois minutos antes que o lamento se fizesse ouvir... vindo das pessoas que saíam dos abrigos e descobriam ser tarde demais para as pessoas que amavam.

O chifre tatuado em suas costas fizera bem o trabalho. Nada de vórtices nos portões. E sua primalux — canalizada pelos portões — tinha sido capaz de curar tudo: pessoas, prédios, o próprio mundo.

Ainda assim, não podia fazer o impossível. Não podia ressuscitar os mortos.

E havia muitos, muitos corpos nas ruas. A maioria em pedaços.

Bryce abraçou Syrinx com força.

— Está tudo bem — sussurrou ela, deixando a quimera lamber seu rosto.

Mas não estava tudo bem. De jeito algum. O que havia acontecido, o que ela havia feito e exposto, o chifre em seu corpo, todas aquelas pessoas mortas, Lehabah morta, e ver Danika, Danika, Danika...

As palavras ofegantes se transformaram em arquejos, depois em soluços. Hunt, parado a suas costas como se esperasse por isso, apenas pegou Syrinx e a semifeérica no colo.

O anjo a levou para o quarto, sentando-a na beirada do colchão, mantendo os braços ao redor dela e de Syrinx, que se esgueirou do abraço de Bryce para lamber o rosto do anjo também.

A mão de Hunt encontrou seu cabelo, os dedos se entrelaçando aos fios, e Bryce se aconchegou a ele, absorvendo sua força, aquele cheiro familiar,

maravilhada que tivessem chegado até ali, de algum modo conseguido...

Ela olhou para o punho do anjo. Nenhum sinal do halo em sua testa, mas a tatuagem de escravizado persistia.

Hunt notou a mudança no foco de sua atenção.

— Eu matei Sandriel — confessou ele, em voz baixa.

Os olhos do anjo pareciam tão calmos... límpidos. Completamente presos aos seus.

— Eu matei Micah — sussurrou ela.

— Eu sei. — O canto da boca do anjo se curvou para cima. — Me lembre de nunca irritar você.

— Não tem graça.

— Ah, sei que não tem. — Os dedos passeavam pelo cabelo de Bryce, casuais e gentis. — Mal pude assistir.

Ela mal conseguia lembrar.

— Como foi capaz de matá-la? De se livrar da tatuagem?

— É uma longa história — respondeu ele. — Prefiro que me conte os detalhes da sua.

— Você primeiro.

— Sem chance. Quero saber como escondeu o fato de que tem uma estrela dentro de você.

Ele encarou seu peito então, como se pudesse vê-la brilhando sob a pele. Mas, quando as sobrancelhas se ergueram, Bryce acompanhou seu olhar.

— Bem — disse ela com um suspiro. — Essa é nova.

De fato, visível pelo decote em V da camiseta, uma chaga branca — uma estrela de oito pontas — marcava a pele entre seus seios.

Hunt riu.

— Curti.

Alguma parte dela também. Mas Bryce disse:

— Sei que é apenas luz dos Estrelados... não seu poder.

— Sim, mas agora você também tem isso. — Ele beliscou sua cintura. — Um bom bocado, pelo que posso sentir. E o maldito chifre... — O anjo correu os dedos por sua coluna para dar ênfase.

Ela revirou os olhos.

— Tanto faz.

Mas o rosto do anjo ficou solene.

— Precisa aprender a controlá-lo.

— Salvamos a cidade e já está me dizendo que preciso voltar ao trabalho?

Ele riu.

— Velhos hábitos, Bryce.

Seus olhos se encontraram de novo, e ela encarou a boca do anjo, tão perto da sua, tão perfeitamente formada. Os olhos, agora fitando os seus tão intensamente.

Tudo tinha acontecido por um motivo. Ela acreditava naquilo. Por isso... por ele.

E, embora o caminho em que a tivessem jogado fosse completamente ferrado e a tivesse levado por sombrios atalhos de dor e desespero... Ali, ali a sua frente, havia luz. Verdadeira luz. Para a qual havia corrido durante a Ascensão.

E agora queria ser beijada por aquela luz.

Queria beijá-la, e dizer a Syrinx para esperar em sua gaiola por um tempo.

Os olhos castanhos de Hunt ficaram quase selvagens. Como se ele pudesse ler aqueles pensamentos em seu rosto, em seu cheiro.

— Temos assuntos inacabados, Quinlan — disse ele, a voz enrouquecida. Ele lançou um olhar para Syrinx, e a quimera pulou da cama e trotou pelo corredor, a cauda de leão sacudindo como se dissesse, *Já era hora.*

Quando voltou a encarar Hunt, Bryce o encontrou concentrado em seus lábios. E se tornou hiperciente do fato de que estava sentada em seu colo. Na cama. Pela rigidez de encontro a sua bunda, soube que ele se dera conta do mesmo.

Ainda assim, não falaram nada conforme se encaravam.

Então Bryce se esfregou de leve contra aquela ereção, arrancando um gemido do anjo. Ela abafou uma risada.

— Basta um olhar ardente e você já fica... o que você me disse há algumas semanas? Todo excitado?

Uma das mãos do anjo acariciou sua coluna outra vez, atenciosa a cada detalhe.

— Tenho estado excitado há um bom tempo. — A mão parou na cintura, o polegar começando uma gentil e torturante carícia ao longo de suas costelas. A cada afago, a pressão crescente entre suas pernas aumentava.

Hunt abriu um sorriso preguiçoso, como se estivesse ciente daquilo. Então ele se inclinou, depositando um beijo na parte de baixo de seu maxilar.

— Está pronta para isso? — perguntou ele contra a pele corada.

— Deuses, sim — murmurou ela. E, quando ele a beijou logo abaixo da orelha, fazendo-a arquear as costas de leve, disse: — Lembro que prometeu me foder até que eu esquecesse meu nome.

Ele moveu o quadril, pressionando o pau contra a semifeérica, queimando-a, apesar da roupa ainda entre os dois.

— Se é o que quer, amor, é o que vai ter.

Pelos deuses. Ela mal conseguia respirar. Não conseguia pensar com aquela boca perambulando em seu pescoço e aquelas mãos e aquele enorme, maravilhoso pau roçando-a. Ela o queria. Imediatamente. Precisava senti-lo, precisava daquele calor e força ao seu redor. Dentro dela.

Bryce mudou de posição e montou o anjo, colando o corpo ao dele. Ela o recebeu por inteiro, satisfeita de notar a respiração tão ofegante quanto a sua. As mãos de Hunt envolviam sua cintura, os polegares a acariciando, acariciando, acariciando, como se ele fosse um motor prestes a entrar em ação sob seu comando.

Ela se inclinou, roçando a boca na dele. Uma vez. Duas.

Hunt começou a tremer com o esforço para se conter conforme deixava que ela lhe explorasse a boca.

Mas a semifeérica se afastou, encontrando o olhar ardente e vago. As palavras que queria dizer pareciam presas na garganta, então torceu para que ele as entendesse enquanto pressionava um beijo na testa agora imaculada. Desenhava uma linha de beijos suaves e ligeiros em cada centímetro de pele antes marcado pela tatuagem.

Hunt deslizou uma das mãos trêmulas de sua cintura e a colocou sobre seu coração agitado.

Ela engoliu em seco, surpresa por sentir os olhos arderem. Surpresa por ver os dele úmidos também. Eles tinham conseguido; estavam ali. Juntos.

Hunt se aproximou, devorando sua boca. Ela o encontrou a meio caminho, braços laçando-lhe o pescoço, dedos se enterrando no cabelo sedoso e grosso.

Um toque agudo encheu o apartamento.

Ela podia ignorá-lo, ignorar o mundo...

Chamada de... Casa.

Bryce se afastou, ofegante.

— Vai atender? — A voz de Hunt soou gutural.

Sim. Não. Talvez.

Chamada de... Casa.

— Ela vai continuar insistindo até eu atender — murmurou Bryce.

Seus membros pareciam enrijecidos quando se desgrudou do colo de Hunt, os dedos do anjo acariciando suas costas conforme se levantava. Ela tentou não pensar na promessa daquele toque, como se ele relutasse em deixá-la ir tanto quanto ela em soltá-lo.

Ela correu até a sala e pegou o telefone antes que caísse na caixa postal.

— Bryce? — A mãe estava chorando. Foi o bastante para jogar um balde de água fria em qualquer desejo que ainda sentia. — Bryce?

Ela soltou o fôlego, retornou ao quarto e lançou um olhar de desculpas para Hunt, que o dispensou com um aceno antes de se ajeitar na cama, asas farfalhando.

— Oi, mãe.

Os soluços da mãe ameaçavam fazê-la chorar outra vez, então continuou andando, na direção do banheiro. Ela estava imunda... os tênis cor-de-rosa

quase pretos, as calças rasgadas e sujas de sangue, a camiseta pura ruína. Aparentemente, sua primalux não tinha consertado tudo.

— Você está bem? Está segura?

— Estou bem — respondeu Bryce, ligando o chuveiro. Ajustou para "frio". Ela tirou as roupas. — Estou passando bem.

— Isso é água?

— Meu chuveiro.

— Você salva uma cidade enquanto faz a Descida e não pode me dar atenção?

Bryce riu e colocou o telefone no viva-voz antes de pousá-lo na pia.

— O quanto você sabe? — Ela sibilou para o jato de água gelada enquanto entrava sob o chuveiro. Mas o jorro espantou qualquer resquício de calor entre suas pernas e de desejo inebriante anuviando sua mente.

— Seu pai biológico fez Declan Emmet ligar para me inteirar de tudo. Acho que o babaca enfim se deu conta de que me devia ao menos isso.

Bryce finalmente ligou a água quente enquanto lavava o cabelo.

— O quão puto ele está?

— Furioso, tenho certeza. — E acrescentou: — Os noticiários acabam de divulgar uma reportagem sobre... sobre quem é seu pai. — Bryce praticamente podia ouvir a mãe ranger os dentes. — Sabem o

montante exato de poder que você tem. Tanto quanto ele, Bryce. *Mais* que ele. É muita coisa.

Bryce tentou não se deixar abalar com aquilo... onde seu poder a colocava. Guardou a informação para depois. Enxaguou o xampu e pegou o condicionador.

— Eu sei.

— O que vai fazer?

— Abrir uma cadeia de restaurantes com tema praiano.

— Seria muito pedir que tamanho poder lhe desse algum senso de dignidade?

Bryce fez uma careta, muito embora a mãe não pudesse vê-la, e despejou condicionador em sua palma.

— Olhe, podemos adiar todo esse lance de *com grande poder vem grandes responsabilidades* até amanhã?

— Sim, só que em seu dicionário *amanhã* é sinônimo de *nunca.* — A mãe suspirou. — Você fechou aqueles portais, Bryce. E não posso nem falar no que Danika fez por você sem... — A voz falhou. — Podemos falar sobre isso *amanhã* também.

Bryce enxaguou o condicionador. E percebeu que a mãe não sabia... sobre Micah. O que ela fizera ao arcanjo. Ou o que ele fizera a Danika.

Ember continuou falando, e Bryce continuou escutando, enquanto o terror crescia como uma

trepadeira em seu interior, se esgueirando por suas veias, se enrolando em seus ossos e apertando.

* * *

Hunt também tomou um rápido banho gelado e se trocou, sorrindo de leve para si mesmo enquanto Bryce fechava o boxe e continuava a conversa com a mãe.

— Sim, Hunt está aqui. — As palavras flutuaram pelo corredor, pela sala, até seu quarto. — Não, não fiz, mãe. E não, ele também não. — Uma gaveta bateu. — *Isso* não é de sua conta e, por favor, nunca mais me pergunte algo assim.

Hunt tinha uma boa ideia do que Ember havia perguntado à filha. E, quem diria, ele estivera prestes a fazer justamente aquilo com Bryce quando a mulher tinha ligado.

Não tinha se importado que a cidade inteira estivesse olhando: ele quisera beijá-la quando a luz do poder da semifeérica tinha esmaecido, quando Hunt tinha baixado as asas para encontrá-la em seus braços, encarando-o como se ele valesse alguma coisa. Como se fosse tudo de que precisava. Ponto final.

Ninguém jamais o olhara daquele jeito.

E, quando voltaram ao apartamento e ele a havia aninhado no colo, em cima da cama, e visto o modo como suas bochechas coraram enquanto olhava para

sua boca, tinha se sentido pronto para cruzar aquela última ponte com ela. Para passar o dia e a noite toda fazendo aquilo.

Levando em conta como sua primalux o tinha curado, podia definitivamente dizer que estava liberado para o sexo. Louco por isso... por ela.

— Você é pervertida, mãe. Sabia disso? — grunhiu Bryce. — Bem, se está torcendo tanto, por que *me ligou*? Não achou que pudesse estar *ocupada*?

Hunt sorriu, se sentindo endurecer com o tom atrevido. Podia escutá-la discutir o dia todo. Ele se perguntou quanto daquele sarcasmo apareceria quando a despisse de novo... quando a fizesse gemer.

Na primeira vez, ela havia gozado com sua mão. Da próxima... Da próxima... ele tinha *planos* para todas as outras maneiras com as quais lhe arrancaria aquele arquejo ofegante de prazer.

Deixando Bryce lidar com a mãe e exigindo que seu pau se acalmasse, Hunt pegou um telefone pré-pago de sua gaveta de cuecas e ligou para Isaiah, um dos poucos números que lembrava de cor.

— Graças aos malditos deuses — disse Isaiah, quando ouviu a voz de Hunt.

Hunt sorriu diante do alívio incomum do macho.

— O que está acontecendo por aí?

— Por aqui? — Isaiah soltou uma risada. — Que diabo está acontecendo por *aí*?

Muito para contar.

— Está no Comitium?

— Sim, e é um maldito hospício. Acabei de me dar conta de que *eu* estou no comando agora.

Com as cinzas de Micah em um aspirador e Sandriel não muito melhor, Isaiah, o Comandante da 33ª, estava, de fato, no comando.

— Parabéns pela promoção, cara.

— Promoção meu cu. Não sou arcanjo. E esses idiotas sabem disso. — Isaiah vociferou para alguém ao fundo: — Então chame a maldita manutenção para limpar. — Ele suspirou.

— O que aconteceu com os babacas asteri que mandaram o enxofre pelas muralhas? — perguntou Hunt, cogitando voar até lá e soltar seus relâmpagos sobre aqueles tanques.

— Se foram. Já partiram. — O tom sombrio de Isaiah disse a Hunt que ele também considerava uma velha e boa vingança.

— Naomi? — perguntou Hunt, se preparando para o pior.

— Viva.

Hunt murmurou uma prece silenciosa de agradecimento a Cthona por aquela misericórdia. Então, Isaiah acrescentou:

— Olha, eu sei que está exausto, mas pode vir até aqui? Sua ajuda seria bem-vinda. Todos esses concursos de pau na mesa vão acabar bem mais rápido se virem nós dois no comando.

Hunt tentou não se abalar. Bryce e ele nus aparentemente era algo que teria de esperar.

Porque a tatuagem de escravizado em seu punho significava que tinha de obedecer à República, que ainda pertencia a alguém que não a si mesmo. A lista de alternativas não era nada boa. Teria sorte se pudesse ficar em Lunathion como propriedade de quem quer que substituísse Micah, e talvez ver Bryce em momentos fugidios. Se sua saída do Comitium fosse permitida.

Porra, se sequer lhe permitissem *viver* depois do que tinha feito a Sandriel.

As mãos de Hunt começaram a tremer. Qualquer traço de desejo desapareceu.

Ele enfiou uma camiseta pela cabeça. Encontraria um modo de sobreviver... um modo de retornar àquela vida com Bryce que mal tinha começado a saborear. Incapaz de se controlar, olhou para o punho.

Piscou uma vez. Duas.

* * *

Bryce estava se despedindo da mãe depravada quando o telefone tocou com outra chamada. Um número desconhecido, o que significava que devia ser Jesiba. Então Bryce prometeu a Ember uma conversa no dia seguinte e atendeu.

— Ei.

— É assim que atende todo mundo que liga para você, Bryce Quinlan? — perguntou uma jovem voz masculina.

Conhecia aquela voz. Conhecia o esguio corpo adolescente a quem pertencia, uma casca para abrigar um antigo beemote. Para abrigar um asteri. Ela o tinha visto e ouvido na TV tantas vezes que perdera a conta.

— Olá, Vossa Radiância — sussurrou.



Rigelus, a Radiante Mão dos Asteri, tinha ligado para sua casa. As mãos de Bryce tremiam tanto que ela mal conseguia segurar o telefone ao ouvido.

— Contemplamos suas ações no dia de hoje e desejamos expressar nossa gratidão — disse a voz cantada.

Ela engoliu em seco, perguntando-se se, de algum modo, o mais poderoso dos asteri sabia que ela estava enrolada numa toalha, o cabelo pingando no carpete.

— O... obrigada...

Rigelus riu com suavidade.

— Teve um dia e tanto, Srta. Quinlan.

— Sim, Vossa Radiância.

— Foi um dia cheio de surpresas para todos nós.

Sabemos o que é, o que fez.

Bryce forçou as pernas a se mexer na direção da sala. Na direção de onde Hunt estava parado, na

porta do quarto, o rosto pálido. Os braços caídos na lateral do corpo.

— Para mostrar quanto estamos gratos, gostaríamos de lhe conceder um pedido.

Ela se perguntou se o enxofre havia sido um *pedido* também. Mas disse:

— Não é necessário...

— Já foi feito. Esperamos que ache satisfatório.

Ela sabia que Hunt podia ouvir a voz na linha conforme se aproximava.

Mas ele apenas estendeu o punho. O punho tatuado, com o *C* sobre a marca de escravizado.

Civitas. Ele estava livre.

— Eu... — Bryce segurou o punho de Hunt, em seguida estudou seu rosto. Mas não foi alegria que viu ali... não conforme ele ouvia a voz na linha e entendia quem lhe dera a liberdade.

— Confiamos que essa graça sirva como um lembrete a você e Hunt Athalar. Com nossos mais sinceros votos de que permaneçam na cidade e vivam seus dias em paz e com contentamento. De que você use os dons de seus ancestrais para sua alegria. E evite usar o outro dom, desenhado em sua pele.

Use sua luz estelar como um truque de magia e nunca, nunca use o chifre.

Aquilo a fazia a maior idiota de Midgard, mas ela perguntou mesmo assim:

— E quanto a Micah e Sandriel?

— O governador Micah se rebelou e ameaçou destruir cidadãos inocentes do império com sua abordagem arrogante da rebelião. A governadora Sandriel teve o que merecia por ser tão relaxada com os próprios escravizados.

Medo lampejou nos olhos de Hunt. Nos dela também, Bryce tinha certeza. Nada jamais fora tão fácil... tão simples. Tinha de haver um porém.

— Essas são, claro, questões delicadas, Srta. Quinlan. Que, se reveladas publicamente, poderiam resultar em muitos problemas para todos os envolvidos.

Para vocês. Vamos destruí-los.

— Todas as testemunhas de ambos os eventos foram notificadas das consequências em potencial.

— Ok — sussurrou Bryce.

— E pela infeliz destruição de Lunathion, assumimos completa responsabilidade. Fomos informados por Sandriel de que a cidade havia sido evacuada, então mandamos a Guarda Asteriana para varrer a infestação demoníaca. Os mísseis de enxofre eram um último recurso, com a intenção de salvar a todos. Foi incrivelmente oportuno que você tivesse encontrado uma solução.

Mentiroso. Um mentiroso milenar e horrível. Ele havia escolhido o bode expiatório perfeito: uma morta. A raiva que faiscou no rosto de Hunt lhe disse que ele compartilhava de sua opinião.

— Foi mesmo uma sorte. — Bryce conseguiu dizer.

— Sim, talvez por conta do poder em suas veias. Tal dom pode ter consequências terríveis se não for usado com sabedoria. — Uma pausa, como se ele estivesse sorrindo. — Tenho confiança de que vai aprender a empunhar sua força inesperada e sua luz com... discrição.

Fique na sua.

— Vou — murmurou Bryce.

— Ótimo — disse Rigelus. — E acha necessário que eu contate sua mãe, Ember Quinlan, para pedir a discrição dela também?

A ameaça se evidenciou, afiada como uma faca. Um passo em falso e saberiam onde atacar primeiro. As mãos de Hunt se fecharam em punhos.

— Não — respondeu Bryce. — Ela não sabe sobre os governadores.

— E jamais saberá. Ninguém nunca saberá, Bryce Quinlan.

Bryce engoliu em seco novamente.

— Sim.

Uma risada suave.

— Então você e Hunt Athalar têm nossa bênção.

A linha ficou muda. Bryce encarou o telefone como se o aparelho fosse brotar asas e voar pela sala.

Hunt se jogou no sofá, esfregando o rosto.

— Vivam discreta e naturalmente, mantenham a boca fechada, nunca usem o chifre, e não vamos

matar ninguém que vocês amem.

Bryce se sentou no braço arredondado do sofá.

— Mate alguns inimigos, ganhe o dobro como recompensa. — Hunt concordou. Ela inclinou a cabeça. — Por que está de bota?

— Isaiah precisa de mim no Comitium. Está até o pescoço de anjos que não reconhecem sua autoridade e precisa de ajuda. — Ele ergueu uma das sobrancelhas. — Quer brincar de Babaca Assustador comigo?

Apesar de tudo, apesar do controle dos asteri e de tudo o que aconteceu, Bryce sorriu.

— Tenho o look perfeito.

* * *

Bryce e Hunt deram dois passos no telhado quando ela sentiu um cheiro familiar. Debruçou-se na mureta e viu quem corria na rua lá embaixo. Uma olhada para Hunt e ele a pegou no colo, voando com ela até a calçada. A semifeérica pode ter aproveitado para sentir o perfume do anjo, o nariz roçando no pescoço forte de Hunt.

A carícia dele em suas costas antes de colocá-la no chão lhe disse que ele havia percebido aquele pequeno gesto. Mas, então, Bryce estava cara a cara com Ruhn. Com Fury e Tristan Flynn.

Fury mal se conteve antes de pular em Bryce, abraçando-a com tanta força que seus ossos rangeram.

— Você é uma idiota sortuda — disse a amiga, sorrindo com suavidade. — E uma espertinha do caralho.

Bryce sorriu, a risada presa na garganta conforme Fury se afastava. Mas um pensamento lhe ocorreu, e Bryce estendeu a mão para o telefone... não, o aparelho fora deixado em algum lugar da cidade.

— Juniper...

— Ela está bem. Estou indo encontrá-la agora. — Fury apertou a mão de Bryce, em seguida assentiu para Hunt. — Bom trabalho, anjo.

E, então, saiu correndo, mesclando-se à própria noite.

Bryce se virou para Ruhn e Flynn. O último apenas a encarava, boquiaberto. Mas Bryce olhava para o irmão, completamente imóvel e em silêncio. As roupas estavam rasgadas o bastante para lhe dizer que, antes de a primalux ter curado tudo, ele havia estado em apuros. Havia, com certeza, aberto caminho à força pela cidade.

Em seguida Ruhn começou a balbuciar.

— Tharion foi ajudar a transportar os evacuados para a Corte Azul, e Amelie seguiu até o Covil dos Lobos, a fim de verificar se os filhotes estavam bem, mas nós estávamos na redondeza... estávamos a meio quilômetro quando ouvi o Portão do Bosque da Lua.

Ouvi você falando por ele, quer dizer. Havia tantos demônios que não consegui chegar até lá, mas então ouvi Danika, e toda aquela luz irrompeu e... — Ele parou, engolindo em seco. Os olhos azuis brilhavam sob a luz dos postes, o alvorecer ainda distante. Uma brisa soprou do Istros, agitando o cabelo preto. E foram as lágrimas que enchiam seus olhos, a admiração contida ali, que fez Bryce se adiantar. Que a fez abraçar o irmão e apertá-lo com força.

Ruhn não hesitou e jogou os braços ao redor de Bryce. Tremia tanto que ela sabia que estava chorando.

Um raspar de passos lhe disse que Flynn estava lhes dando privacidade; uma brisa com perfume de cedro soprou, sugerindo que Hunt havia decolado para esperar por ela.

— Achei que estivesse morta — disse Ruhn, a voz trêmula como o corpo. — Tipo, umas dez vezes achei que estivesse morta.

Ela bufou uma risada.

— Fico feliz em desapontá-lo.

— Cale a boca, Bryce. — Ele estudou seu rosto, as bochechas molhadas. — Você está... você está bem?

— Não sei — admitiu ela. Preocupação brilhou no semblante do irmão, mas ela não ousou lhe dar nenhum detalhe, não depois do telefonema de Rigelus. Não com todas aquelas câmeras. Ruhn lhe deu uma careta perspicaz. Sim, falariam daquela

estranha e antiga luz estelar em suas veias mais tarde. O que aquilo significava para ambos. — Obrigada por lutar por mim.

— Você é minha irmã. — Ruhn não se preocupou em manter o tom baixo. Não, havia orgulho em sua voz. E, caramba, aquilo lhe aqueceu o coração. — Claro que eu tinha de salvar esse seu traseiro.

Ela deu um murro em seu braço, mas o sorriso de Ruhn vacilou.

— Falou sério quando estava ao telefone com Athalar? Sobre mim?

Diga a Ruhn que o perdoo.

— Sim — respondeu ela, sem um segundo de hesitação. — Falei sério.

— Bryce. — Seu semblante ficou solene. — Achou mesmo que eu me importaria mais com essa merda de Estrelado do que com *você*? Acha, sinceramente, que me preocupo com qual de nós dois herdou o dom?

— Fomos nós dois — explicou ela. — Aqueles livros que consultamos diziam que esse tipo de coisa já aconteceu antes.

— Não dou a mínima — disse ele, sorrindo e leve. — Não me importo se sou chamado de Príncipe ou Estrelado ou Escolhido ou nada disso. — Ele segurou a mão dela. — A única coisa de que quero ser chamado, no momento, é irmão. — Acrescentou, baixinho: — Se estiver de acordo.

Ela piscou, mesmo enquanto sentia um aperto indescritível no peito.

— Pensarei no assunto.

Ruhn sorriu antes de seu rosto ficar sério mais uma vez.

— Sabe que o Rei Outonal vai querer vê-la. Se prepare.

— Descolar um poder tão extravagante não devia significar que não preciso obedecer a ninguém? E não é só porque perdoei você que eu o perdoei também.

Ela nunca faria aquilo.

— Eu sei. — Os olhos de Ruhn brilharam. — Mas precisa ficar alerta.

Ela arqueou uma das sobrancelhas, ignorando o aviso, e disse:

— Hunt me contou sobre a leitura de mentes.

Ele a havia mencionado de passagem, assim como o resumo da Cimeira e tudo o que tinha acontecido, no caminho até o telhado.

Ruhn fuzilou Hunt, parado no telhado vizinho, com o olhar.

— Athalar tem a língua solta.

Uma língua que ela pretendia colocar para trabalhar em várias partes do corpo, mas não disse nada. Não queria que o irmão vomitasse em suas roupas limpas.

— E não é leitura de mentes... só conversa entre mentes. Telepatia — continuou Ruhn.

— Nosso velho e bom pai sabe?

— Não. — E, então, o irmão disse em sua mente: *E gostaria de manter as coisas assim.*

Ela se sobressaltou. *Bizarro. Por gentileza, fique fora de minha cabeça, irmão.*

Com satisfação. O telefone de Ruhn tocou, e ele olhou para a tela, fazendo uma careta.

— Preciso atender.

Certo. Tinha trabalho a fazer para colocar a cidade nos eixos... a começar pela questão dos mortos. O número de Veleiros seria... Bryce nem queria pensar no assunto.

Ruhn deixou o telefone tocar outra vez.

— Posso visitá-la amanhã?

— Sim — respondeu ela, sorrindo. — Vou colocar seu nome na lista de convidados.

— Sim, sim, você é superpopular. — Ele revirou os olhos e atendeu à ligação. — Ei, Dec. — O príncipe caminhou pela rua, até onde Flynn o aguardava, lançando um sorriso de despedida a Bryce.

A semifeérica olhou para o telhado do outro lado da rua. Onde o anjo ainda esperava por ela, uma sombra contra a noite.

Porém, não mais a Sombra da Morte.



Hunt ficou no quartel do Comitium naquela noite. Bryce havia perdido a conta das horas que tinham trabalhado, primeiro à noite, em seguida pelo dia sem nuvens, e enfim até o pôr do sol, quando estava tão exausta que ele havia ordenado a Naomi que a levasse para o apartamento. E, presumivelmente, ordenado que a vigiasse, já que uma silhueta de asas escuras ainda permanecia no telhado vizinho na luz cinzenta do amanhecer e uma espiadela no quarto de Hunt revelara uma cama ainda feita.

Mas Bryce não focou em todo o trabalho que haviam adiantado na véspera, ou no que os esperava à frente. Reorganizar a liderança da cidade, programar os Veleiros para os mortos e aguardar o grande anúncio: qual arcanjo seria escolhido pelos asteri para governar Valbara.

As chances de que seria alguém decente eram quase nulas, mas Bryce não se preocupou com aquilo quando escapou para as ruas pouco iluminadas, Syrinx puxando a coleira enquanto ela guardava o novo telefone no bolso. Ela havia desafiado as probabilidades na véspera, então, talvez, os deuses lhe dessem outra colher de chá e convencessem os asteri a mandar alguém que não fosse um psicopata.

Pelo menos, não haveria mais barganhas de morte para Hunt. Nada mais para *expiar*. Não, ele seria um integrante legítimo e livre dos triários, se quisesse. Ainda não tinha decidido.

Bryce acenou para Naomi, e a fêmea a imitou em resposta. Ela estivera muito cansada no dia anterior para protestar contra um guarda-costas, já que Hunt não confiava nos asteri, em seu pai ou em qualquer outro corretor de poder para manter distância. Depois de deixar Syrinx cuidar das necessidades, ela balançou a cabeça quando a quimera se virou para o apartamento.

— Nada de café da manhã ainda — disse ela, seguindo na direção do rio.

Syrinx uivou seu desprazer, mas trotou ao seu lado, farejando tudo no caminho, até que a fita larga do Istros apareceu, o calçadão vazio àquela hora. Tharion havia ligado na véspera, prometendo o apoio total da Rainha do Rio para qualquer coisa de que ela precisasse.

Bryce não teve coragem de perguntar se o apoio se devia ao fato de ser a filha bastarda do Rei Outonal, uma feérica Estrelada ou a portadora do Chifre de Luna. Talvez às três coisas.

Ela se sentou em um dos bancos de madeira ao longo do cais, o Quarteirão dos Ossos uma muralha retorcida e enevoada do outro lado da água. As sereias haviam atendido ao chamado... ajudado tantos a escapar. Até mesmo as lontras tinham agarrado os menores dos moradores da cidade e os carregado até a Corte Azul. A Casa das Muitas Águas havia mostrado seu valor. Os metamorfos haviam mostrado seu valor.

Mas os feéricos... CiRo fora pouco afetada. Os feéricos sofreram poucas baixas. Não era surpresa, quando seus escudos tinham sido os primeiros a subir. E não se abriram para ninguém.

Bryce afastou aquele pensamento conforme Syrinx pulava no banco ao seu lado, as garras estalando na madeira, e sentava o traseiro peludo perto da semifeérica. Bryce tirou o telefone do bolso e escreveu uma mensagem para Juniper: *Diga à Madame Kyrah que vou à próxima aula.*

Ela sorriu. Por alguns minutos, ela e Syrinx ficaram sentados em silêncio, observando a luz que se vertia em cinza, então no mais pálido azul. E, depois, em um raio dourado sobre a calma superfície do Istros.

Bryce desbloqueou seu telefone. E leu as felizes mensagens finais de Danika uma última vez.

A luz adensou no rio, dourando suas águas.

Os olhos da semifeérica arderam enquanto ela sorria com suavidade, depois lia as últimas palavras de Connor.

Me mande uma mensagem quando chegar em casa.

Bryce começou a digitar. A resposta que tinha levado dois anos, até aquele dia, para escrever.

Estou em casa.

Ela enviou a mensagem para o éter, desejando que encontrasse o caminho através do rio dourado e até a ilha das brumas.

Em seguida, apagou a conversa. Apagou as mensagens de Danika também. Cada movimento dos dedos deixando seu coração mais leve, mais elevado, à luz do sol nascente.

Quando se foram, quando finalmente os libertou, Bryce se levantou. Syrinx pulou na calçada ao seu lado. Ela se virou na direção de casa, mas um cintilar de luz do outro lado do rio chamou sua atenção.

Por um piscar de olhos, apenas um, o alvorecer dissipou as brumas do Quarteirão dos Ossos, revelando a margem gramada, as serenas e ondulantes colinas além dela. Não uma terra de pedra e sombras, mas de luz e verde. E, parados naquela praia adorável, sorrindo para ela...

Um presente do Sub-Rei por salvar a cidade.

Lágrimas começaram a rolar por seu rosto enquanto ela contemplava as silhuetas quase invisíveis. Todas as seis... a sétima tendo partido para sempre, desistido da eternidade. Mas a mais alta, parada no meio com a mão erguida em cumprimento...

Bryce levou a mão à boca, soprando um beijo gentil.

Tão rapidamente quanto se abriu, a neblina voltou a se fechar. Mas Bryce continuou sorrindo por todo o caminho até o apartamento. Seu telefone vibrou, e a mensagem de Hunt pipocou. *Estou em casa. Cadê você?*

Mal conseguiu digitar enquanto Syrinx a rebocava. *Passeando com Syrinx. Chego em um minuto.*

Ótimo. Estou fazendo café.

O sorriso da semifeérica dividia seu rosto em dois quando ela apressou o passo, Syrinx disparando em uma corrida desabalada. Como se ele, também, soubesse o que os esperava. *Quem* os esperava.

Havia um anjo em seu apartamento. Um sinal de que devia ser qualquer maldito dia da semana. Um sinal de que tinha alegria no coração e os olhos na estrada à frente.

EPÍLOGO

O gato branco com olhos como opalas azuis se sentou no banco, no Parque do Oráculo, e lambeu a pata dianteira.

— Sabe que não é um gato de verdade, não sabe? — Jesiba Roga estalou a língua. — Não precisa se lamber.

Aidas, o Príncipe do Desfiladeiro, ergueu a cabeça.

— Quem disse que não gosto de me lamber?

O riso repuxou a boca fina de Jesiba, mas a feiticeira desviou o olhar para o parque silencioso, os imponentes ciprestes ainda brilhando com o orvalho.

— Por que não me contou sobre Bryce?

Ele flexionou as garras.

— Não confio em ninguém. Nem mesmo em você.

— Achei que a luz de Theia estava extinta para sempre.

— Assim como eu. Pensei que tinham se certificado de que ela e seu poder haviam morrido naquele campo de batalha, sob a lâmina do príncipe Pelias. — Os olhos brilhavam com raiva milenar. — Mas Bryce Quinlan carrega sua luz.

— Pode diferenciar a luz estelar de Bryce da do irmão?

— Jamais esquecerei o brilho e o matiz exatos da luz de Theia. Ainda pulsam em meu sangue.

Jesiba o estudou por um longo instante, então franziu o cenho.

— E Hunt Athalar?

Aidas ficou em silêncio enquanto um suplicante passava, na esperança de evitar a multidão que havia lotado o Parque do Oráculo e o Templo de Luna desde que os portais para aquele mundo haviam sido abertos nos portões de quartzo e as bestas do abismo tinham tirado vantagem do fato. Qualquer criatura que havia conseguido retornar estava, no momento, sendo punida por um dos irmãos de Aidas. Ele logo voltaria para ajudar na tarefa.

— Acho que o pai de Athalar teria se orgulhado — respondeu ele enfim.

— Sentimental de sua parte.

Aidas deu de ombros, apesar do corpo felino.

— Sinta-se à vontade para discordar, claro — disse ele, pulando do banco. — Você conhecia melhor o macho. — Os bigodes tremeram enquanto inclinava a cabeça. — E a biblioteca?

— Já foi mudada de lugar.

Ele sabia que não adiantava perguntar onde ela a havia escondido.

— Ótimo — disse apenas.

Jesiba não falou de novo até que o Príncipe do Quinto Círculo do Inferno tivesse se afastado alguns metros.

— Não foda com tudo dessa vez, Aidas.

— Não faz parte de meus planos — assegurou ele, desvanecendo para o espaço entre reinos, a canção sombria do Inferno atraindo-o para casa. — Não quando as coisas começam a ficar tão interessantes.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi, desde o início, um tremendo trabalho de amor, e, por isso, tenho muito mais pessoas a agradecer do que caberiam nestas poucas páginas, mas farei meu melhor! Meu infinito amor e gratidão a:

Noa Wheeler, editora extraordinária. Noa, como posso começar a lhe agradecer? Você transformou este livro em algo de que me orgulho, me desafiou a me tornar uma escritora melhor e trabalhou como louca a cada etapa. Você é brilhante e uma colega de trabalho maravilhosa, me sinto honrada em chamá-la de minha editora.

Tamar Rydzinski. Obrigada por me amparar a cada passo dessa (longa, longa) jornada. Você é uma *rainha* foda.

Todo o time da Bloomsbury: Laura Keefe, Nicole Jarvis, Valentine Rice, Emily Fisher, Lucy Mackay-Sim, Rebecca McNally, Kathleen Farrar, Amanda Shipp, Emma Hopkin, Nicola Hill, Ros Ellis, Nigel Newton, Cindy Loh, Alona Fryman, Donna Gauthier, Erica BArmash, Faye Bi, Beth Eller, Jenny Collins, Phoebe

Dyer, Lily Yengle, Frank Bumbalo, Dona Mark, John Candell, Yelena Safronova, Melissa Kavonic, Oona Patrick, Nick Sweeney, Diane Aronson, Kerry Johnson, Christine Ma, Bridget McCusker, Nicholas Church, Claire Henry, Elise Burnes, Andrea Kearney, Maias Fjord, Laura Main Ellen, Sian Robertson, Emily Moran Ian Lamb, Emma Bradshaw, Fabia Ma, Grace Whooley, Alice Grigg, Joanna Everard, Jacqueline Sells, Tram-Ahn Doan, Beatrice Cross, Jade Westwood, Cesca Hopwood, Jet Purdie, Saskia Dunn, Sonia Pàlmisano, Catriona Feeney, Hermione Davix, Hannah Temby, Frainne Reidy, Kate Sederstrom, Jennifer Gonzalez, Veronica Gonzalez, Elizabeth Tzeto. É um privilégio ser publicada por vocês. Obrigada por todo o apoio, e obrigada em especial a Kamilla Benko e Grace McNamee pelo trabalho duro neste livro!

A minhas editoras estrangeiras: Galera Record, Egmont Bulgaria, Albatros, DTV, Konyvmolykepzo, Mondadori, De Boekerij, Foksal, Azbooka Atticus, Slovart, Alfaguara e Dogan Egmont. Muito obrigada por levarem meus livros a seus países e a seus incríveis leitores.

Um imenso abraço e salva de palmas para Elizabeth Evans, a narradora do audiobook que, de modo fiel e adorável, trouxe meus personagens à vida. É um prazer e um privilégio trabalhar com você!

Obrigada ao incrivelmente talentoso Carlos Quevedo, pela arte de capa que capturou de modo tão perfeito o espírito deste livro, e a Virginia Allyn, pelo fantástico mapa da cidade.

Eu não teria conseguido escrever este livro sem meus amigos e minha família.

Então, obrigada, do fundo do coração, a J.R. Ward, por compartilhar sua sabedoria quando mais precisei, por sua inacreditável gentileza e por ser uma inspiração para mim (e por não se importar que cada um de nós tivesse seu Ruhn!).

A Lynette Noni: você é mesmo a melhor. A MELHOR. Suas críticas inteligentes, sua generosidade, sua maravilhosidade em geral... garota, amo você demais.

Jenn Kelly, não sei o que faria sem você. Você se tornou parte da família, e sou grata por você a cada dia! A Steph Brown, minha querida amiga, também fã de hockey e a pessoa que nunca fala sem me fazer sorrir... adoro você.

Obrigada a Julie Eshbaugh, Elle Kennedy, Alice Fanchiang, Louisse Ang, Laura Ashforth e Jennifer Armentrout, por serem verdadeiros raios de luz em minha vida. Como sempre: obrigada a você, Cassie Homer, por tudo! Um enorme abraço e obrigada a Jillian Stein, por toda a ajuda. Um obrigada sincero ao incrivelmente talentoso e descolado Qusai Akoud, por sua visão sagaz e incomparáveis habilidades de

criação de websites. E um *imenso* obrigada a Danielle Jensen, por ler e fornecer críticas tão vitais!

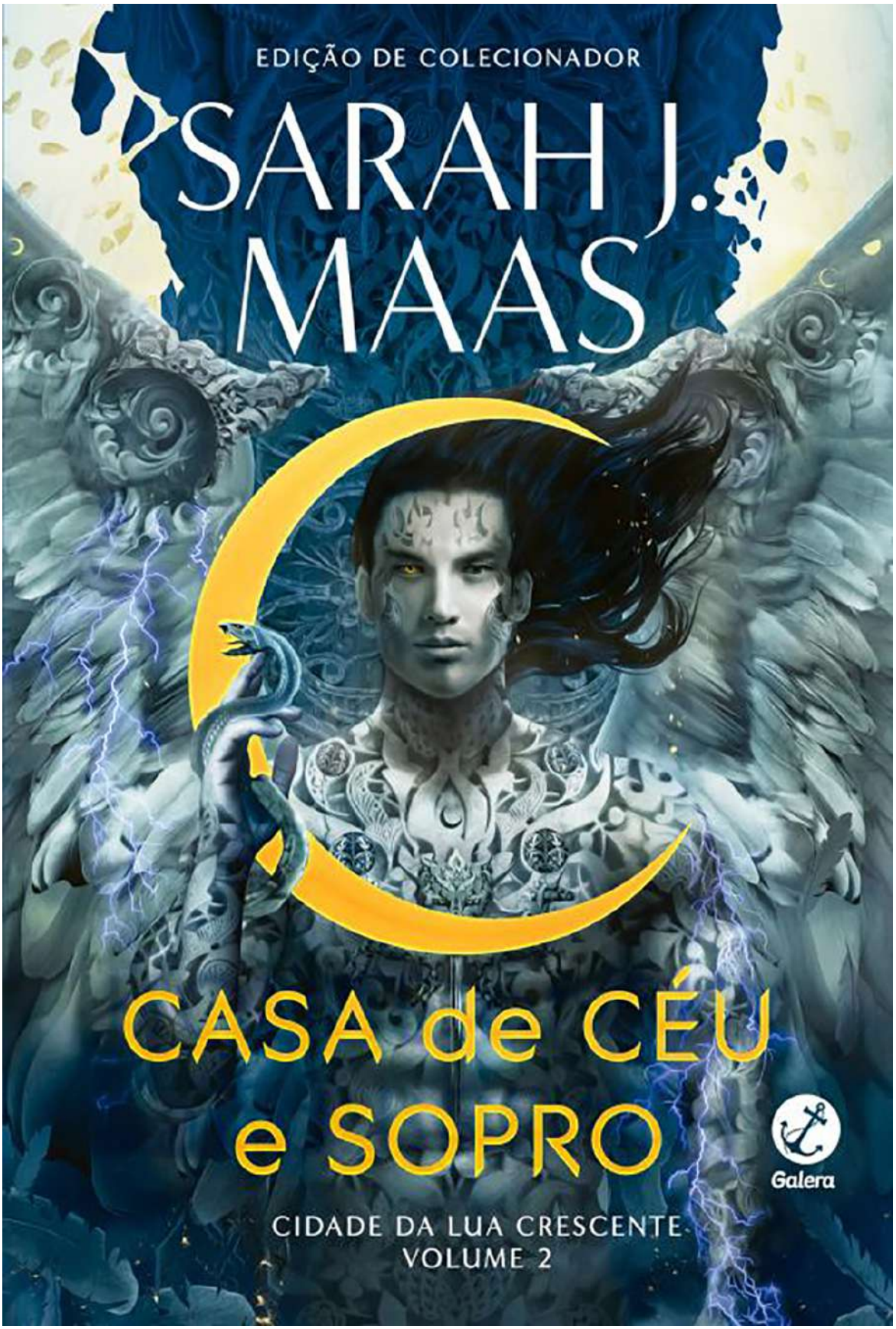
Gratidão infinita a minha família (de nascimento e de casamento!) por seu apoio e amor incondicional. (E a Linda, que prefere croissants de chocolate no seu aniversário.)

A meus brilhantes, adoráveis e maravilhosos leitores. Como posso começar a lhes agradecer? Vocês são a razão pela qual faço isso, a razão pela qual saio da cama toda manhã animada para escrever. Jamais vou parar de me sentir grata por todos e cada um de vocês.

A Annie, que sentou ao meu lado/a meus pés/no meu colo enquanto trabalhei neste livro por anos e serviu como inspiração para Syrinx de tantas maneiras. Amo você para sempre e sempre, filhotinho.

A Josh: Não acho que consiga expressar tudo que sinto por você mesmo que tivesse outras 800 páginas à disposição. Você é meu melhor amigo, minha alma gêmea e a razão pela qual escrevo sobre verdadeiro amor. Você me manteve íntegra todos esses anos, ficou do meu lado em alguns dos momentos mais duros que passei, e não tenho palavras para expressar o que isso significa para mim. O dia mais sortudo de minha vida foi aquele em que o encontrei, e me sinto abençoada de tê-lo como marido e como um pai tão maravilhoso para nosso filho.

E, por último, a Taran: Você é, de verdade, a mais brilhante estrela em meu céu. Quando as coisas ficaram difíceis, quando as coisas ficaram sombrias, era em você que eu pensava — seu sorriso, sua risada, seu lindo rosto — e isso me deu forças. Com certeza, você não vai ler isto por um longo, longo tempo, mas saiba que você me dá propósito e motivação e alegria; tanto que meu coração está cheio a ponto de explodir a cada dia. Amo você, amo você, amo você, e sempre terei orgulho de ser sua mãe.


EDIÇÃO DE COLECIONADOR
SARAH J. MAAS
CASA de CÉU e SOPRO
Galera
CIDADE DA LUA CRESCENTE
VOLUME 2

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Trono de Vidro

A lâmina da assassina
Trono de vidro
Coroa da meia-noite
Herdeira do fogo
Rainha das sombras
Império de tempestades
Torre do alvorecer
Reino de cinzas

Série Corte de Espinhos e Rosas

Corte de espinhos e rosas
Corte de névoa e fúria
Corte de asas e ruína
Corte de chamas prateadas

Corte de gelo e estrelas

Série Cidade da Lua Crescente

Casa de terra e sangue
Casa de céu e sopro

SARAH J. MAAS

CASA de CÉU e SOPRO

Tradução de
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2022

EDITORA-EXECUTIVA
Rafaella Machado
COORDENADORA EDITORIAL
Stella Carneiro
EQUIPE EDITORIAL
Juliana de Oliveira
Isabel Rodrigues
Lígia Almeida
Manoela Alves
PREPARAÇÃO
Angélica Andrade
CONSULTORIA
Acotar Brasil
LEITURA SENSÍVEL
Lorena Ribeiro
DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System
REVISÃO
Mauro Borges
CAPA
Adaptada da original de John Candell e David Mann
IMAGEM DE CAPA
Carlos Quevedo
TÍTULO ORIGINAL
House of Sky and Breath

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Maas, Sarah J.
M11c
Casa de céu e sopro [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana
Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2022.
recurso digital (Cidade da lua crescente ; 2)

Tradução de: House of sky and breath
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-113-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título. III. Série.

22-75756

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © 2022 Sarah J. Maas, 2022
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-65-5981-113-7

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Robin Rue,
agente destemida e amiga verdadeira.

AS QUATRO CASAS DE MIDGARD

Como decretado em 33 da Era Vanir pelo Senado Imperial na Cidade Eterna

CASA DE TERRA E SANGUE

Metamorfos, humanos, bruxas, animais comuns e muitos outros a quem Cthona comanda, assim como alguns escolhidos de Luna

CASA DE CÉU E SOPRO

Malakim (anjos), feéricos, elementais, duendes* e aqueles abençoados por Solas, assim como alguns favorecidos por Luna

CASA DAS MUITAS ÁGUAS

Espíritos fluviais, sereias, bestas aquáticas, ninfas, kelpies, nøkken e outros protegidos por Ogenas

CASA DE CHAMA E SOMBRA

Daemonaki, ceifadores, espectros, vampiros, draki, dragões, necromantes e muitas criaturas perversas e inomináveis que mesmo Urd não pode ver

* *Duendes foram expulsos de sua casa como punição pela participação na Queda, e agora são considerados Inferiores, embora muitos se recusem a aceitar o fato.*

SUMÁRIO

Prólogo
Parte I - O Desfiladeiro
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

19
20
21
22
23
24
Parte II - O Abismo
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45

46
47
Parte III - O Fosso
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72

73
74
75
76
77
78
Epílogo
Bastidores de Casa de céu e sopro
Bryce & Hunt
Ruhn
Tharion & Hypaxia
Agradecimentos

PRÓLOGO

Sofie tinha sobrevivido por duas semanas no campo de extermínio Kavalla.

Duas semanas, e os guardas, todos lobos ferais, ainda não tinham sentido o seu cheiro. Tudo tinha transcorrido de acordo com o plano. O fedor concentrado depois de dias enfurnada no vagão de gado cobrira o cheiro característico de seu sangue. Também a disfarçou quando marcharam com ela e os demais entre os prédios de tijolos do campo, um novo Inferno e um pequeno exemplo do que os asteri planejavam fazer se a guerra continuasse.

Duas semanas ali e aquele fedor tinha impregnado sua pele, enganando até mesmo o olfato aguçado dos lobos. Mais cedo, no café da manhã, ficara a poucos metros de um guarda e nem assim ele a farejou.

Uma pequena vitória. Uma que, até então, aceitaria com prazer.

Metade das bases rebeldes da Ophion tinha caído. Mais cairiam em breve. Agora existiam apenas dois lugares para ela: ali, e o porto de Servast, seu destino naquela noite. Sozinha, mesmo a pé, Sofie podia ter facilmente conseguido. Uma vantagem incomum de alternar entre as identidades humana e vanir, e de ser uma entre os poucos humanos que fizeram a Descida.

Tecnicamente isso a tornava vanir. Garantia a Sofie uma vida longa de muitas vantagens, que sua família humana não tinha e jamais teria. Talvez não tivesse se interessado em fazer a Descida caso seus pais não a tivessem encorajado; com as habilidades de cura que poderia ganhar, a família teria proteção extra em um mundo feito para matar

sua espécie. Assim, Sofie o fez, às escondidas, em um centro de Descida altamente ilegal localizado em um beco, onde um sátiro pervertido foi sua Âncora, e entregou sua primalux, o preço do ritual. Desde então, havia passado anos aprendendo a usar sua humanidade como um manto, interno e externo. Podia ter todos os traços dos vanir, mas jamais *seria* vanir, nem gostaria de ser. Não no coração, não na alma.

Mas naquela noite… naquela noite, Sofie não se importou em deixar um pouco do monstro à solta.

Não seria uma viagem fácil e as formas agachadas atrás dela na lama diante da cerca de arame farpado não ajudariam.

Cinco meninos e seis meninas reunidos por Emile, o irmão de treze anos de Sofie, que agora os vigiava como um pastor a um rebanho. Emile tinha tirado todos das camas, com a ajuda de um gentil sacerdote do sol humano, que estava servindo de sentinela no galpão a dez metros.

As crianças tinham a pele acinzentada, macilenta. Olhos grandes demais, sem esperança.

Sofie não precisava conhecer suas histórias. Provavelmente eram as mesmas que a dela: pais humanos rebeldes que ou tinham sido pegos, ou delatados. Os dela tiveram o segundo destino.

Pura sorte tinha mantido Sofie longe das garras dos lobos ferais até então. Três anos antes, estava estudando até tarde na biblioteca da universidade com os amigos. Quando chegou em casa, depois da meia-noite, viu as janelas quebradas e a porta da frente estilhaçada, uma pichação na lateral da casa simples de subúrbio: *REBELDES DE MERDA*, e começou a correr. Só podia agradecer a Urd pelo fato de que o lobo feral na porta da frente não a vira.

Mais tarde, confirmou que os pais estavam mortos. Torturados até o fim brutal ou pela Corça ou por seu esquadrão de elite, formado de lobos ferais interrogadores. O relatório que Sophie levou meses para conseguir enquanto escalava a hierarquia da Ophion também revelou que seus avós tinham sido recolhidos ao chegar ao campo de Bracchus no norte, e alvejados em uma fila com outros idosos, reduzidos a corpos abandonados para definhar em uma cova coletiva.

Quanto a Emile… Sofie não tinha conseguido encontrar nada sobre ele até aquele momento. Durante anos, ela trabalhou com os

rebeldes da Ophion em troca de qualquer informação mínima sobre ele, sobre a própria família. Não se permitia pensar no que tinha feito em troca. A espionagem, as pessoas que matara para conseguir qualquer inteligência que a rebelião quisesse, essas coisas pesavam em sua alma feito chumbo.

Depois de tanto, finalmente tinha feito o suficiente pela Ophion para que informassem o paradeiro de Emile, enviado para Kavalla e vivo, apesar de todas as adversidades. Sofie enfim havia conseguido a localização dele, mas convencer o Comando a deixá-la ir até lá… esse tinha sido outro labirinto percorrido.

No fim, foi preciso o apoio de Pippa. O Comando dava ouvidos a Pippa, a fiel e fervorosa soldado deles, líder da unidade de elite Ocaso. Principalmente com as baixas que a Ophion tinha sofrido recentemente. A quase humana Sofie, por outro lado… Sabia que era valiosa, mas, com o sangue vanir nas veias, jamais confiariam completamente nela. Sofie de vez em quando precisava de Pippa. Tanto quanto Pippa precisara de Sofie nas missões da Ocaso.

A ajuda de Pippa não foi fruto de uma amizade. Sofie tinha quase certeza de que amigos não existiam na rede dos rebeldes da Ophion, mas Pippa era uma oportunista, e sabia o que podia ganhar se aquela operação transcorresse com tranquilidade, as portas que se abririam para ela dentro do Comando se Sofie voltasse triunfante.

Uma semana depois de o Comando aprovar o plano, há mais de três anos de sua família ter sido levada de casa, Sofie entrou em Kavalla.

Esperou até uma patrulha local de lobos ferais passar marchando e esbarrou de propósito neles, a apenas um quilômetro e meio dali. Imediatamente encontraram os documentos que a incriminavam como rebelde, estrategicamente plantados em seu casaco. Não faziam ideia de que Sofie também carregava com ela, escondida na cabeça, a informação que podia muito bem ser a peça final daquela guerra contra os asteri.

O golpe que poderia dar fim à guerra.

A Ophion tinha descoberto tarde demais que, antes de entrar em Kavalla, Sofie havia finalmente realizado a missão para a qual tinha passado anos se preparando. Antes de ser levada, certificou-se de que Pippa e a Ophion soubessem que havia adquirido aquela informação.

Agora não dariam para trás nas promessas de resgatá-los. Sofie sabia que pagaria caro por ter ido às escondidas recolher aquilo que agora estava usando como garantia.

Mas esse era um problema para depois.

A patrulha de lobos ferais a interrogou por dois dias. Dois dias, e então a atirou no vagão de gado com os outros prisioneiros, convencida de que era uma tola menina humana que tinha recebido os documentos de um amante que a usara.

Jamais imaginou que seu bacharelado em teatro seria útil. Que ouviria a voz de seu professor preferido criticando sua atuação enquanto alguém arrancava as suas unhas. Que fingiria uma confissão com toda a sinceridade que um dia tinha levado ao palco.

Sofie se perguntou se o Comando sabia que havia usado as mesmas habilidades de interpretação com eles.

Isso também não era problema dela. Pelo menos não até o dia seguinte. Naquela noite, tudo o que importava era o plano insensato e desesperado que lhe renderia frutos. Se Sofie não tivesse sido traída, se o Comando não tivesse se dado conta da verdade, um barco estaria esperando a trinta quilômetros de distância para tirar todos eles de Pangera.

Olhou para as crianças que a cercavam e rezou para que o barco tivesse espaço para mais do que os três passageiros que alegou que chegariam. Sofie havia passado uma semana e meia em Kavalla, esperando por apenas um lampejo do irmão, um indício de onde ele poderia estar no vasto campo. E então, poucos dias antes, o avistou esperando na fila da comida. Fingiu um tropeço para disfarçar o choque, a alegria e a tristeza.

Estava tão alto… Tanto quanto o pai deles. Era todo braços e pernas magricelas, muito diferente do menino saudável de treze anos que deveria ser. O rosto, no entanto… era o mesmo com o qual ela havia crescido, embora começasse a mostrar os primeiros sinais da maturidade.

No mesmo dia, havia aproveitado a oportunidade para se esgueirar até a cama dele. E, apesar dos três anos e das incontáveis desgraças que haviam sofrido, Emile a reconheceu em um instante. Sofie o teria carregado naquele momento, caso ele não tivesse implorado à irmã que também levasse os outros.

Então, doze crianças se agachavam atrás dela.

Os alarmes soariam em breve. O campo de extermínio tinha sirenes diferentes para tudo, aprendera. Para sinalizar o despertar, as refeições, inspeções aleatórias.

O canto triste de um pássaro flutuou pela névoa baixa. *Barra limpa.*

Com uma oração silenciosa de agradecimento ao sacerdote do sol e ao deus a quem ele servia, Sofie elevou a mão mutilada até a cerca elétrica. Não olhou para as unhas que faltavam, ou para as lacerações, nem mesmo sentiu como suas mãos estavam dormentes e rígidas, não quando o poder da cerca estalou através dela.

Através dela, dentro dela, *tornando-se* ela. Tornando-se dela para ser usada como quisesse.

Com um pensamento, Sofie redirecionou a energia da cerca para fora, as pontas dos dedos faiscando onde se fecharam contra o metal. O metal ficou laranja, depois vermelho, sob a sua mão.

Arrastando a palma da mão para baixo, sua pele tão causticamente quente partiu o metal e o arame. Emile sussurrou aos demais para evitar que gritassem; ainda assim, Sofie ouviu um dos meninos murmurar:

— *Bruxa.*

Um típico medo que os humanos tinham daqueles com os dons vanir, das fêmeas que tinham tamanho poder. Não se virou para dizer a ele que não era o poder de uma bruxa que fluía por dentro de si. Era algo muito mais raro.

O solo frio recebeu sua mão quando Sofie rasgou o que restava da cerca e afastou as duas abas, mal larga o suficiente para que passasse. As crianças avançaram, mas ela sinalizou para que o grupo ainda não prosseguisse, observando a vasta terra adiante. A estrada que separava o acampamento das samambaias e dos pinheiros altos estava vazia, mas a ameaça viria de trás.

Virou-se para as torres de vigilância nos cantos do campo, as quais abrigavam guardas com rifles de longo alcance, sempre apontados para a estrada.

Sofie respirou fundo, e o poder que havia absorvido da cerca mais uma vez vibrou em seu corpo. Do outro lado do acampamento, os holofotes se estilhaçaram com uma chuva de faíscas que fez os guardas se virarem em sua direção, gritando.

Sofie afastou mais a cerca, seus braços em um esforço evidente, o metal rasgando suas palmas, enquanto suplicava às crianças: *corram, corram, corram…*

Pequenas silhuetas, em uniformes cinza-claros surrados e manchados e visíveis demais sob a lua quase cheia, correram pela cerca, chegando ao outro lado da estrada lamacenta até as samambaias densas e o barranco íngreme além delas. Emile foi o último a atravessar antes de Sofie, o corpo mais alto e ossudo dele ainda um choque para ela, tão brutal quanto qualquer poder que conseguisse usar.

Sofie não se permitiu pensar nisso. Correu em seu encalço, fraca devido à falta de comida, ao trabalho árduo e à desgraça de drenar a alma que era aquele lugar. Lama e pedras cortaram seus pés descalços, mas a dor pareceu distante quando viu os doze rostos pálidos espiando das samambaias.

— *Rápido, rápido, rápido* — sussurrou.

A van não esperaria muito mais.

Uma das meninas cambaleou ao ficar de pé, dirigindo-se para a encosta adiante, mas Sofie a segurou pelo ombro protuberante, mantendo a menina reta conforme avançavam aos tropeços, com samambaias roçando suas pernas e raízes enroscando-se em seus pés. Mais rápidos. Precisavam ser *mais rápidos…*

Uma sirene tocou.

Essa Sofie não tinha ouvido antes. Reconhecia o significado do guincho agudo, no entanto: *Fuga.*

Feixes de lanternas dispararam entre as árvores quando Sofie e as crianças despontaram na borda de uma colina, praticamente caindo na vala coberta de samambaias. Os lobos ferais estavam em sua forma humanoide, então. Ótimo, os olhos deles não eram tão aguçados no escuro. Péssimo, porque significava que estavam carregando armas.

A respiração de Sofie falhou, mas ela se concentrou, lançando seu poder para trás. As lanternas esmaeceram. Nem mesmo primalux se sustentava contra seu poder. Gritos de vozes masculinas, cruéis, se elevaram.

Sofie correu para a frente do grupo e Emile ficou para trás para se certificar de que ninguém fosse esquecido. Seu peito transbordou com orgulho, mesmo com o terror que sentia.

Sabia que jamais voltariam para o campo com vida se fossem pegos.

Com os músculos das coxas queimando, Sofie correu para escalar a lateral íngreme da vala. Não queria pensar no que as crianças estavam sofrendo, não quando as pernas de joelhos protuberantes delas mal conseguiam mantê-las de pé. O grupo chegou ao alto da colina no mesmo instante em que os lobos ferais uivaram, um som animalesco escapando de gargantas humanoides. Um chamado para a caça.

Pressionou as crianças para irem mais rápido. Névoa e samambaias e árvores e pedras…

Um dos meninos caiu, Sofie o carregou, concentrando-se nas mãos delicadas demais agarradas à frente de sua camisa.

Rápido, rápido, rápido…

E então ali estava a estrada, a van. O Agente Silverbow tinha esperado.

Ela não sabia o seu nome verdadeiro. Tinha se recusado a saber, embora Sofie tivesse uma boa ideia do que, de quem, ele era. No entanto, sempre seria Silver para ela. E ele tinha esperado.

Disse que não esperaria. Disse que a Ophion o mataria por abandonar sua missão atual. *Pippa* o mataria. Ou ordenaria que um de seus soldados da Ocaso o matasse.

Ainda assim, tinha vindo com Sofie a Kavalla, tinha se escondido durante aquelas duas semanas, até Sofie mandar a onda de primalux na noite anterior para dizer a ele que estivesse ali em 24 horas, o único sinal que havia ousado fazer com os vanir espreitando o campo de extermínio.

Dissera que não usasse os poderes. Mesmo que tornasse aquilo muito mais seguro e mais fácil, ele ficaria drenado demais para a fuga. E Sofie precisava dele com força total naquele momento.

Sob o luar, o rosto de Silver estava pálido acima do uniforme imperial que tinha roubado, seu cabelo penteado para trás com gel como o de qualquer oficial engomadinho. Fez uma careta para Emile, então para as outras onze crianças, visivelmente calculando quantas poderiam caber na discreta van branca.

— Todos — disse Sofie, enquanto corria para o veículo, com a voz áspera. — Todos, Silver.

Silver entendeu. Sempre a entendia.

Saltou para fora do carro com uma graciosidade sobrenatural e abriu as portas de trás. Um minuto depois, espremida contra Silver na frente da van, sentindo seu calor a aquecendo através das roupas em frangalhos. Sofie mal conseguia tomar fôlego conforme acelerava. O polegar de Silver roçava o ombro dela repetidas vezes, como se para se assegurar de que estava ali, de que tinha conseguido.

Nenhuma das crianças falava. Nenhuma chorava.

A van disparava noite adentro e Sofie se perguntava se ainda eram capazes de chorar.

* * *

Levaram trinta minutos para chegar à cidade portuária de Servast.

Sofie estava encostada em Silver, que, mesmo enquanto corria pela estrada de campo sinuosa e esburacada, fez questão de que as crianças encontrassem a comida nas sacolas que tinha escondido na traseira. Havia o suficiente para três, mas elas sabiam fazer uma refeição miserável render. Certificou-se de que Sofie também se alimentasse. Duas semanas no acampamento tinham quase a destruído. Não entendia como as crianças haviam sobrevivido por tantos meses. Anos. O irmão tinha sobrevivido por *três anos*.

Enquanto viraram em uma curva acentuada, Silver falou baixinho:

— A Corça está perto. Eu recebi um relatório esta manhã de que estava em Alcene. — Uma pequena cidade a menos de duas horas dali, na qual se encontrava um dos armazéns vitais ao longo da Espinha, a rede ferroviária norte-sul que fornecia munição e suprimentos às tropas imperiais. — Nossos espiões indicaram que ela estava se dirigindo para cá.

O estômago de Sofie se revirou, mas ela se concentrou em vestir as roupas e os sapatos que Silver tinha trazido para ela trocar.

— Então vamos torcer para chegarmos à costa antes.

A garganta dele estremeceu. Ela ousou perguntar:

— Pippa?

Silver contraiu a mandíbula. Ele e Pippa estavam competindo por uma promoção na hierarquia interna do Comando havia anos. *Uma fanática transtornada*, como Silver chamara Pippa em mais de uma

ocasião, normalmente depois que seu esquadrão da Ocaso tinha liderado um ataque brutal que não deixara sobreviventes. Mas Sofie entendia a devoção de Pippa; afinal, ela mesma tinha crescido se passando por inteiramente humana. Havia aprendido exatamente como eram tratados, como Pippa provavelmente tinha sido tratada pelos vanir a vida inteira. Algumas coisas, algumas experiências, Silver jamais poderia entender.

Ele continuou:

— Nenhuma notícia ainda. É melhor ela estar onde prometeu que estaria. — Suas palavras eram repletas de reprovação e desconfiança.

Sofie não disse mais nada enquanto ele dirigia. Não contaria os detalhes da inteligência que havia recolhido, apesar de tudo que tinha feito e significado para ela, apesar das horas silenciosas passadas juntos, corpos e almas se fundindo. Não contaria a ninguém, não até que o Comando cumprisse suas promessas.

Os asteri provavelmente tinham percebido o que ela havia descoberto. Com certeza tinham mandado a Corça à sua procura para impedi-la de contar a mais alguém.

Ainda assim, a ameaça mais imediata vinha dos lobos ferais que se aproximavam a cada quilômetro que percorriam em direção a Servast, como cães perseguindo um cheiro. Os olhares frequentes de Silver pelo espelho retrovisor mostravam que ele também sabia disso.

Talvez pudessem enfrentar alguns lobos metamorfos, tinham feito isso antes, mas haveria mais do que somente alguns para uma fuga de Kavalla. Muito mais do que poderiam enfrentar e sobreviver.

Havia se preparado para essa situação. Entregara seu cristal-com para o Comando antes de entrar em Kavalla. Aquela única linha preciosa de comunicação com a espiã mais valiosa deles. Sabia que manteriam seguro o pequeno pedaço de quartzo. Assim como Silver manteria Emile seguro. Ele lhe dera sua palavra.

Quando saíram da van, uma névoa cobria o estreito cais de Servast, contorcendo-se sobre as águas do mar Haldren, frias e escuras como a noite. Neblina entremeava pelas antigas casas de pedra da cidade portuária, a primalux piscando dos poucos postes sobre as ruas de paralelepípedos. Nenhuma luz brilhava por trás das janelas fechadas, nem sequer um carro ou pedestre se movia nas sombras e na névoa densas.

Era como se as ruas de Servast tivessem sido esvaziadas em antecipação à sua chegada. Como se os cidadãos, a maioria pescadores pobres, tanto humanos quanto vanir aliados à Casa das Muitas Águas, tivessem se entocado, algum instinto berrando que a névoa não deveria ser desbravada. Não naquela noite.

Não com lobos ferais à espreita.

Silver foi na frente, seu cabelo escapando sob a touca que vestira, sua atenção desviando de um lado para outro, a arma a fácil alcance ao lado do corpo. Ela o vira matar eficientemente com seu poder, mas às vezes com uma arma era mais rápido.

Emile se manteve próximo de Sofie conforme se espreitaram pelas ruas erodidas pelo tempo, entre mercados vazios. Conseguia sentir olhos fixos nela por trás das cortinas fechadas, mas ninguém abriu uma porta para oferecer ajuda.

Sofie não se importava. Contanto que aquele barco estivesse onde fora informada que ele esperaria, o mundo podia ir para o Inferno.

Misericordiosamente, o *Bodegraven* estava parado ao final de um longo píer de madeira três quarteirões adiante, letras prateadas contrastantes contra o casco preto. Alguns focos de primalux brilhavam nas janelas do pequeno barco a vapor, mas o convés permanecia quieto. Emile arquejou, como se aquela fosse uma visão de Luna.

Sofie rezou para que os outros barcos da Ophion estivessem esperando depois do porto para fornecer apoio, exatamente como o Comando tinha prometido em troca da valiosa vantagem que fora até o campo de extermínio obter. Não importava para eles que a valiosa vantagem fosse o próprio irmão. Só importava o que contara que o menino conseguia fazer.

Sofie observou as ruas, o cais, o céu.

O poder que carregava nas veias pulsou no ritmo do seu coração. Uma contrabatida. Um tambor de osso, uma badalada da morte. Um aviso.

Precisavam ir *agora*.

Avançou, mas a mão larga de Silver agarrou seu ombro.

— Eles chegaram — disse, com seu sotaque do norte. Com os sentidos aguçados, conseguia detectar os lobos melhor do que ela.

Sofie observou os telhados inclinados, os paralelepípedos, a neblina.

— A que distância?

O rosto de Silver foi tomado por pesar.

— Todo lugar. Estão na porra toda.

Apenas três quarteirões os separavam da salvação. Gritos ecoavam pelas pedras a um quarteirão de distância.

— *Ali! Ali!*

O tempo de uma batida do coração para decidir. Uma batida do coração, e Emile parou, com um medo luminoso nos olhos escuros.

Chega de medo. Chega de dor.

Sofie chiou para Silver:

— *Fuja.* — Silver pegou a arma, mas Sofie empurrou a mão dele para baixo, aproximando-se de seu rosto. — Leve as crianças para o barco e fuja. Vou segurar os lobos e encontro você lá.

Algumas das crianças já estavam correndo para o píer. Emile esperou.

— Fuja! — disse para Silver de novo. Ele acariciou a bochecha de Sofie, o mais suave afago, e saiu correndo atrás das crianças, rugindo para o capitão ligar os motores. Nenhum deles sobreviveria se não partissem naquele momento.

Virou-se para Emile.

— Entre naquele barco.

Os olhos dele, os olhos da mãe deles, se arregalaram.

— Mas como você vai…

— Eu prometo que vou encontrar você de novo, Emile. Lembre-se de tudo que contei a você. *Vá.*

Quando abraçou o corpo magricela e ossudo do garoto, Sofie se permitiu inspirar uma lufada de seu cheiro, aquele que estava por baixo das camadas acre de terra e lixo de Kavalla. Emile cambaleou para longe ao notar o poder que se acumulava na ponta de seus dedos.

Antes de correr de vez para o barco, seu irmão disse baixinho:

— *Faça com que eles paguem.*

Sofie fechou os olhos, se preparando. Reunindo poder. Luzes se apagaram no quarteirão ao redor. Quando os abriu para a escuridão recém-descoberta, Emile tinha chegado ao píer. Silver esperava na

rampa, chamando sob a única luz ainda acesa da rua. Seus olhares se encontraram.

Assentiu uma vez, esperando que o gesto deixasse transparecer tudo o que havia dentro de seu coração, e mirou na direção dos uivos dos lobos ferais.

* * *

Sofie correu direto para os feixes dourados dos faróis de quatro carros estampados com o símbolo dos asteri: *SPQM* e a coroa de sete estrelas. Todos apinhados de lobos ferais usando uniformes imperiais, armas em punho.

Imediatamente, viu a fêmea de cabelos dourados parada casualmente na frente do conversível militar. Uma gargantilha prateada brilhava no pescoço.

A Corça.

A metamorfa cervídea estava num conversível e tinha dois franco-atiradores ao seu lado, com rifles apontados para Sofie. Mesmo no escuro, o cabelo de Lidia Cervos brilhava acima do lindo rosto, impassível e frio. Olhos âmbar se fixaram em Sofie, iluminados com uma diversão arrogante. Triunfo.

Sofie virou uma esquina antes de os disparos estalarem como trovão. Os grunhidos dos lobos ferais da Corça ressoaram na névoa às suas costas conforme corria para dentro de Servast, para longe do porto. Do barco e das crianças. De Emile.

Silver não podia usar o próprio poder para buscá-la. Não tinha ideia de onde ela estava.

A respiração de Sofie saía entrecortada conforme corria pelas ruas vazias e sujas. Um disparo da buzina do barco ecoou pela noite nebulosa, como uma súplica para que se apressasse.

Em resposta, meia dúzia de uivos sobrenaturais ressoaram atrás dela. Todos se aproximando.

Àquela altura, alguns tinham assumido a forma de lobo.

Garras trovejavam contra a calçada próxima, e Sofie trincou os dentes, entrando em outro beco, seguindo para o único lugar em que

todos os mapas estudados sugeriam que ela poderia ter uma chance. A buzina do navio disparou de novo, um último aviso de que partiria.

Se ao menos se embrenhasse um pouco mais na cidade, mais adentro…

Presas rangeram atrás dela.

Siga em frente. Não apenas para longe dos vanir ao seu encalço, mas dos atiradores no chão, esperando pelo alvo desimpedido. Da Corça, que devia saber a informação que Sofie levava. Sofie supôs que deveria se sentir lisonjeada, porque a própria Corça tinha vindo supervisionar a batida.

A pequena praça do mercado surgiu adiante, e Sofie disparou para a fonte no centro, direcionando um fio de seu poder direto para ela, atravessando pedra e metal até jorrar água, um gêiser cobrindo a praça do mercado. Lobos batiam na água quando apareciam das ruas do entorno, se metamorfoseando quando a encurralaram.

No centro da praça alagada, Sofie parou.

Em sua forma humana, os lobos usavam uniformes imperiais. Pequenos dardos prateados brilhavam em seus colarinhos. Um dardo para cada espião rebelde capturado. Seu estômago se revirou. Apenas um tipo de lobo feral tinha aqueles dardos prateados. A guarda particular da Corça. A maior elite entre os metamorfos.

Um apito soou pelo porto. Um aviso, talvez um adeus.

Então Sofie saltou na beira da fonte e sorriu para os lobos que se aproximavam. Não a matariam. Não quando a Corça estava esperando para interrogar Sofie. Uma pena que eles não sabiam o que Sofie era de verdade. Nem humana, nem bruxa.

Então liberou o poder que tinha acumulado no cais.

Estalos de energia se enroscaram na ponta de seus dedos e entre as mechas de seu cabelo castanho curto. Um dos lobos ferais finalmente entendeu, fazendo a ligação entre o que estava vendo com os mitos que os vanir sussurravam para seus filhos.

— *Ela é um pássaro-trovão, porra!* — rugiu o lobo no exato momento em que Sofie liberou o poder reunido na água que já inundava a praça. A água batia na canela dos lobos ferais.

Não tinham a menor chance.

Sofie se virou na direção do cais quando a eletricidade parou de serpentear sobre as pedras, mal reparando nas carcaças fumegantes e

parcialmente submersas. Os dardos de prata nos colarinhos deles brilhando de tão incandescentes.

Outro apito. Ainda conseguiria chegar ao píer.

Sofie saiu espirrando a água pela praça inundada, seu fôlego irregular na garganta.

O lobo feral estava apenas parcialmente certo. Ela era parte pássaro-trovão. Muito antes de ser executada, sua bisavó tinha acasalado com um humano... O dom, mais lenda do que verdade hoje em dia, tinha ressurgido em Sofie.

Era por esse motivo que os rebeldes a queriam tanto, por esse motivo que a enviavam em missões tão perigosas. Por esse motivo que Pippa havia passado a valorizá-la. Sofie tinha o cheiro característico de uma humana, podia se passar por uma, mas em suas veias espreitava uma habilidade que podia matar qualquer um em um instante. Há muito tempo os asteri tinham caçado a maior parte dos pássaros-trovão, levando-os à extinção. Jamais soube como sua bisavó havia sobrevivido, mas os descendentes tinham mantido a linhagem em segredo. *Ela* a mantivera em segredo.

Até aquele dia três anos antes, quando sua família foi levada e assassinada. Quando encontrou a base da Ophion mais próxima e mostrou a eles exatamente o que podia fazer. Quando, em troca, contou a eles o que queria que fizessem por ela.

Sofie os odiava. Quase tanto quanto odiava os asteri e o mundo que tinham construído. Durante três anos, a Ophion havia mantido o paradeiro de Emile fora de seu alcance, prometendo encontrá-lo, ajudá-la a libertá-lo, se ela pudesse fazer *mais uma missão*. Pippa e Silver podiam acreditar na causa, embora diferissem em seus métodos de como lutar por ela, mas Emile sempre fora a causa de Sofie. Um mundo livre seria maravilhoso, mas o que importava se não tivesse uma família com quem compartilhá-lo?

Tantas vezes, por aqueles rebeldes, ela tirara poder de cercas elétricas, de luzes e máquinas, e matara e matara, até que sua alma estivesse em frangalhos. Costumava pensar em se desvincular da rebelião e encontrar o irmão sozinha, mas não era espiã. Não tinha rede de contatos. Então Sofie permaneceu, e secretamente montou sua própria isca para balançar diante da Ophion. Certificou-se de que

soubessem a importância do que descobrira antes de entrar em Kavalla.

Cada vez mais rápido, impulsionava-se em direção ao cais. Se não conseguisse, talvez houvesse uma embarcação menor que poderia pegar até o barco a vapor. Talvez simplesmente nadasse até que estivesse perto o suficiente para que Silver a visse, e facilmente a alcançasse com seu poder.

Passava por casas quase aos pedaços e ruas irregulares; névoa flutuando em véus.

O trecho do píer de madeira entre Sofie e o barco a vapor que se afastava estava livre. Correu até lá.

Conseguia distinguir Silver no convés do *Bodegraven*, monitorando sua chegada. Mas por que não usava o poder para chegar até ela? Alguns metros à frente, viu a mão pressionada ao ombro ensanguentado dele.

Que Cthona tivesse piedade. Silver não parecia gravemente ferido, mas Sofie teve a sensação de que sabia com que tipo de bala ele havia sido atingido. Uma bala com o núcleo de pedra gorsiana, que sufocava a magia.

Seu poder estava inutilizável. E se um franco-atirador tinha atingido Silver no barco… Sofie parou subitamente.

O conversível estava estacionado nas sombras da construção do outro lado do cais. A Corça ainda estava recostada como uma rainha, um atirador ao seu lado com o rifle apontado para Sofie. Para onde o segundo tinha ido, ela não sabia. Apenas aquele importava. Aquele, e o seu rifle.

Estava provavelmente abarrotado de balas de gorsiana. Eles a derrubariam em segundos.

Os olhos dourados da Corça brilhavam como carvão em brasa na escuridão. Sofie mediu a distância até o fim do píer, conseguia ver a corda que Silver tinha lançado, se afastando a cada centímetro que o *Bodegraven* roncava em direção ao mar aberto.

A Corça inclinou a cabeça, um gesto de desafio. Uma voz enganosamente calma deslizou entre os lábios vermelhos:

— Você é mais rápida do que uma bala, pássaro-trovão?

Sofie não parou para trocar provocações. Tão ágil quanto uma corrente de ar pelos fiordes de sua terra natal, disparou pelo cais.

Sabia que o rifle do franco-atirador a acompanhava.

O fim do cais e o porto escuro adiante pairavam à frente.

O rifle estalou.

O rugido de Silver partiu a noite antes que Sofie atingisse as tábuas de madeira, farpas cortando seu rosto, o impacto ricocheteando por um olho. Dor irradiou pela coxa direita, o rastro de pele dilacerada e osso estilhaçado, tão violenta que roubou até mesmo o grito de seus pulmões.

O urro de Silver cessou abruptamente, e então ele gritou para o capitão:

— *Vá, vá, vá, vá!*

Deitada de bruços, com o rosto colado no cais, Sofie sabia que o estado era ruim. Levantou a cabeça, engolindo o grito de dor, sangue escorrendo do nariz. O zumbido abafado da energia de um barco ômega ondulou através dela mesmo antes de Sofie enxergar as luzes que se aproximavam sob a superfície do porto.

Quatro submersíveis imperiais de guerra convergiam como tubarões sobre o *Bodegraven*.

* * *

Pippa Spetsos estava a bordo da nave rebelde *Orrae*, o mar Haldren uma extensão escura em sua volta. À distância, os focos de primalux das cidades ao longo da costa norte de Pangera brilhavam como estrelas douradas.

Mas a atenção dela permanecia fixa no brilho de Servast. Na pequena luz velejando em direção a eles.

O *Bodegraven* partiu na hora combinada.

Pippa pressionou a mão com firmeza sobre a armadura fria e dura que cobria seu peito, bem acima da insígnia do sol poente da unidade da Ocaso. Não perderia aquele último fôlego de alívio, não até que visse Sofie. Até que tivesse deixado em segurança todas as vantagens que Sofie carregava consigo: o menino e a informação.

E então demonstraria a Sofie como o Comando se sentia a respeito de ser manipulado.

O Agente Silverbow, aquele desgraçado arrogante, tinha seguido a mulher que ele amava. Sabia que a vantagem que Sofie trazia pouco significava para o homem. Tolo. Entretanto, a possibilidade da informação que Sofie alegava ter passado anos reunindo secretamente para a Ophion… até mesmo Silverbow iria querer aquilo.

O Capitão Richmond colocou-se ao seu lado.

— Reporte — ela ordenou.

Ele aprendera do jeito mais difícil a não lhe desobedecer. Aprendera exatamente quem no Comando a apoiava, quem causaria o Inferno por ela. Monitorando a embarcação que se aproximava, Richmond disse:

— Fizemos contato por rádio. Sua agente não está naquele barco.

Pippa congelou.

— O irmão?

— O menino está lá. E mais 11 crianças de Kavalla. Sofie Renast ficou para trás para ganhar tempo para eles. Sinto muito.

Sinto muito. Pippa havia perdido a conta de quantas vezes tinha ouvido essa porra de expressão.

Naquele momento, no entanto… Emile tinha entrado no barco. Será que ganhar o menino valia a perda de Sofie?

Era a aposta que tinham feito ao sequer permitirem que Sofie entrasse em Kavalla: possivelmente perder um bem valioso na busca para obter outro. Mas isso foi antes de Sofie ter partido, e então ter informado a eles, logo antes de entrar no acampamento, que havia conseguido informação vital sobre o inimigo. Perder Sofie agora, com aquela informação crucial em jogo…

Sibilou para o capitão:

— Eu quero…

Um marinheiro humano saiu pela porta de vidro da ponte de comando, a pele estranhamente pálida sob o luar. Olhou para o capitão, então para Pippa, sem saber a quem se reportar.

— O *Bodegraven* tem quatro ômegas atrás dele, e estão se aproximando rápido. O Agente Silverbow foi atingido no ombro por uma bala de gorsiana.

O sangue de Pippa gelou. Silverbow seria inútil com uma gorsiana no corpo.

— Eles preferem afundar o barco a deixar aquelas crianças fugirem.

Ainda não tinha se tornado tão insensível aos horrores daquele mundo a ponto de seu estômago não se revirar. O Capitão Richmond xingou baixinho.

Pippa ordenou:

— Prepare os atiradores. — Mesmo que as chances de eles sobreviverem a um ataque dos ômegas fossem mínimas, poderiam fornecer uma distração. O capitão resmungou em concordância, mas o marinheiro que tinha vindo correndo da ponte de comando arquejou e apontou.

No horizonte, cada uma das luzes de Servast estava se apagando. A onda de escuridão varria o continente.

— Que Inferno…

— Inferno, não — murmurou Pippa, quando o blecaute se espalhou.

Sofie. Ou… Os olhos dela se semicerraram no *Bodegraven*.

Pippa correu para a ponte de comando para visualizar melhor o cenário. Chegou, ofegante, com Richmond ao seu lado, a tempo de ver o *Bodegraven* disparando na direção deles, as luzes submersas dos quatro barcos ômega piscando atrás, se aproximando.

No entanto, conforme chegavam, uma poderosa luz branca disparou sobre a superfície, envolvendo seus longos braços em torno do ômega mais próximo.

A luz branca saltou para longe um momento depois, voando para o barco seguinte. Nenhuma luz de submergível brilhava em seu encalço. No radar diante da claridade, o barco ômega sumiu.

— Pelos deuses — falou Richmond.

Algo assim, era o que Pippa queria dizer. Era o estranho dom de Sofie: não apenas eletricidade, mas o poder da primalux também. Qualquer tipo de energia era dela para que comandasse, para sugar para dentro de si. O povo de Sofie tinha sido caçado até a extinção pelos asteri séculos antes por causa desse dom poderoso e inconquistável, ou era o que parecia.

Mas, agora, só havia dois deles.

Sofie tinha dito que os poderes de seu irmão faziam os dela parecerem risíveis. Poderes que naquele momento Pippa

testemunhava conforme a luz saltava do segundo barco, outro blecaute, disparando para o terceiro quase imediatamente.

Não conseguia discernir sinais de Emile no convés do *Bodegraven*, mas ele só podia estar ali.

— O que pode derrubar um ômega sem torpedos? — murmurou um dos marinheiros. Mais perto agora, a luz varria a superfície até o terceiro barco, e, mesmo à distância, Pippa conseguia ver o núcleo de longos e luminosos tendões ondulando dele, como asas.

— Um anjo? — sussurrou alguém. Pippa debochou internamente. Não havia anjos entre os poucos vanir na Ophion. Se fosse como Pippa queria, não existiria nenhum vanir entre eles… exceto por aqueles como Sofie. Poderes de vanir, mas alma e corpo humanos.

Emile era uma grande aquisição para a rebelião, o Comando ficaria realmente satisfeito.

O terceiro submergível ômega escureceu, sumindo nas profundezas de cor nanquim. O sangue de Pippa vibrou diante da terrível glória daquilo. Restava apenas um ômega.

— Vamos lá — sussurrou Pippa. — Vamos lá… — Muita coisa dependia daquele barco. O equilíbrio da guerra podia depender daquilo.

— Dois torpedos de enxofre disparados do ômega restante — gritou um marinheiro.

Mas a luz branca engolfou o ômega, quilômetros de primalux lançando o último barco em uma espiral até um abismo de água.

E então um salto para fora, um chicote de luz iluminando as ondas acima da embarcação até se tornarem turquesa. O braço de alguém se esticando.

Um marinheiro relatou, rouco, com espanto e antecipação em cada palavra:

— Torpedos de enxofre desapareceram do radar. Sumiram.

Apenas as luzes do *Bodegraven* restavam, como estrelas opacas em um mar de escuridão.

— Comandante Spetsos? — perguntou Richmond.

Pippa ignorou Richmond e saiu pisando forte até o calor interno da ponte de comando, puxando um par de binóculos de longo alcance de um gancho logo na entrada. Em segundos, ela estava fora,

no convés açoitado pelo vento novamente, os binóculos apontados para o *Bodegraven*.

Emile estava de pé ali, mais velho, mas sem dúvida a mesma criança das fotos de Sofie; não passava de uma figura esguia sozinha na proa. Encarava o cemitério de água conforme passavam por ali. Então, a terra adiante. Lentamente caiu de joelhos.

Sorrindo consigo mesma, Pippa voltou a visão nos binóculos e olhou na direção da escuridão de Pangera.

* * *

Deitada de lado, com o bater das ondas no cais e o pingar de seu sangue na superfície sob as tábuas de madeira como os únicos sons que conseguia ouvir, Sofie esperava para morrer.

O braço estava pendurado da ponta do cais conforme o *Bodegraven* velejava na direção daquelas luzes salvadoras no mar. Na direção de Pippa, que havia trazido navios de guerra para guiar o *Bodegraven* em segurança. Provavelmente para garantir que Sofie estivesse nele, junto com Emile, mas… Pippa tinha vindo mesmo assim. A Ophion tinha vindo.

Lágrimas escorriam por suas bochechas até as tábuas de madeira. Tudo doía.

Sabia que isso aconteceria se forçasse demais, exigisse poder demais, como havia feito naquela noite. A primalux sempre doía muito mais do que a eletricidade. Queimava suas entranhas mesmo que a deixasse desejando mais de seu poder magnífico. Era por isso que evitava usá-la tanto quanto possível. Por isso que a ideia de Emile tinha sido tão atraente para o Comando, para Pippa e seu esquadrão da Ocaso.

Não restava nada dentro de si. Nenhuma faísca de poder. E ninguém viria salvá-la.

Passos ecoaram no cais, chacoalhando seu corpo. Sofie mordeu o lábio inferior contra a dor lancinante.

Botas pretas lustrosas pararam a centímetros de seu nariz. Sofie voltou seu olho ileso para cima. O rosto pálido da Corça se virou para baixo.

— Menina levada — disse a Corça com aquela voz grave. — Eletrocutando meus lobos ferais. — Percorreu Sofie com os olhos âmbar. — Que poder notável você tem. E que poder notável seu irmão tem, naufragando meus barcos ômega. Parece que todas as lendas sobre seu tipo são verdadeiras.

Sofie não disse nada.

A torturadora de espiões sorriu sutilmente.

— Diga para quem você passou a informação e eu vou sair deste cais e deixar você viver. Vou deixar que veja seu querido irmãozinho.

Sofie respondeu, entre os lábios enrijecidos:

— Ninguém.

A Corça apenas disse:

— Vamos dar uma volta, Sofie Renast.

Os lobos ferais enfiaram Sofie em um barco discreto. Ninguém falou enquanto zarpavam. Uma hora depois, o céu clareou. Somente quando estavam longe da margem, não mais uma sombra escura no céu noturno, a Corça ergueu a mão. Os motores pararam e o barco ondulou na água.

De novo, aquelas botas lustrosas na altura dos joelhos se aproximaram de Sofie. Fora amarrada, algemas de gorsiana presas em seus pulsos para sufocar seu poder. A perna tinha ficado dormente com a agonia.

Com um aceno para um lobo, a Corça ordenou que Sofie fosse colocada de pé. Sofie reprimiu o grito de dor. Atrás dela, outro lobo abriu a porta para a popa, expondo a pequena plataforma que se projetava atrás do barco. A garganta de Sofie se fechou.

— Como seu irmão desferiu tal morte a uma profusão de soldados imperiais, esta será uma punição adequada para você — disse a Corça, passando para a plataforma, não parecendo se importar com a água batendo em suas botas. Tirou uma pequena pedra branca do bolso, erguendo-a para Sofie ver, então a atirou na água. E observou com seus olhos aguçados de vanir conforme caía mais e mais na escuridão de nanquim.

— A essa profundidade, você provavelmente vai se afogar antes de chegar ao leito do mar — observou, o cabelo dourado balançando sobre o rosto imperioso. Enfiou as mãos nos bolsos conforme os lobos

se ajoelharam diante dos pés de Sofie e os amarraram com correntes presas a blocos de chumbo.

— Vou perguntar de novo — disse a Corça, inclinando a cabeça, a gargantilha prateada brilhando no pescoço. — Com quem você compartilhou a informação que coletou antes de entrar em Kavalla?

Sofie sentiu a dor de suas unhas ausentes. Viu os rostos naquele acampamento. O povo que tinha deixado para trás. Sua causa havia sido Emile, mas a Ophion estava certa de muitas formas. Uma pequena parte tinha ficado feliz por matar pela Ophion, por lutar por aquelas pessoas. Continuaria lutando por elas, por Emile. Disse entredentes:

— Já falei: ninguém.

— Muito bem, então. — A Corça apontou para a água. — Você sabe como isso termina.

Sofie manteve a expressão neutra para esconder o choque diante de sua sorte, um último presente de Solas. Aparentemente, nem mesmo a Corça era tão esperta quanto acreditava ser. Ofereceu uma morte rápida e horrível, mas que não era nada em comparação à tortura infinita que Sofie esperava.

— Coloquem ela na plataforma.

Um lobo feral, um macho corpulento e de cabelos pretos, protestou, dizendo com escárnio:

— Nós vamos arrancar dela. — Mordoc, o segundo no comando da Corça. Quase tão temido quanto sua comandante. Principalmente por seus dons particulares.

A Corça nem mesmo olhou para o macho.

— Não vamos perder tempo com isso. Ela diz que não contou a ninguém, e estou disposta a acreditar. — Um lento sorriso se abria em seus lábios. — Então a informação vai morrer com ela.

Foi tudo o que a Corça precisou dizer. Os lobos empurraram Sofie para a plataforma. Engoliu um grito diante da onda de dor que percorreu sua coxa. Água gélida subiu, encharcando suas roupas, queimando-a e anestesiando-a ao mesmo tempo.

Sofie não conseguia parar de tremer. Tentou se lembrar do beijo do ar, do cheiro do mar, do céu cinza antes do alvorecer, que estava a apenas minutos de acontecer. Jamais veria outro dia raiar.

Sofie havia subestimado a beleza e a simplicidade da vida. Como queria ter aproveitado mais. Cada momento.

A metamorfa cervídea se aproximou.

— Alguma última palavra?

Emile tinha fugido. Era tudo que importava. Ele seria mantido a salvo agora.

Sofie deu um sorriso torto para a Corça.

— *Vá para o Inferno.*

As mãos cheias de garras de Mordoc a empurraram da plataforma.

A água gélida atingiu Sofie como uma explosão de bomba, e então o chumbo em seus pés agarrou tudo o que ela era e o que poderia ter sido, e a puxou para baixo.

A Corça ficou de pé, um fantasma no meio do mar Haldren, assistindo a Sofie Renast ser envolvida pelo abraço de Ogenas.

PARTE I

O DESFILADEIRO



Para uma terça à noite no Balé da Cidade da Lua Crescente, o teatro estava incomumente lotado. A visão das multidões apinhando o saguão, bebendo, conversando e socializando, encheu Bryce Quinlan de uma alegria e um orgulho silenciosos.

Só havia um motivo para o teatro estar tão lotado naquela noite. Com sua audição feérica, Bryce podia jurar ter ouvido as centenas de vozes ao seu redor sussurrando *Juniper Andromeda*. A estrela da noite.

Mesmo com a multidão, um ar de reverência silenciosa e serenidade enchia o lugar. Como um templo.

Bryce teve a sensação arrepiante de que as várias estátuas antigas dos deuses flanqueando o extenso saguão a vigiavam. Ou talvez fosse o casal de metamorfos mais velhos de pé ao lado de uma estátua reclinada de Cthona, a deusa da terra, nua e à espera do abraço de seu amante, Solas. Os metamorfos, de um tipo de felino grande, pelo cheiro deles, e ricos, pelos relógios e joias, descaradamente a devoravam com os olhos.

Bryce ofereceu a eles um sorriso insípido de lábios fechados.

Alguma variação disso tinha acontecido quase todo dia desde o ataque na última primavera. As primeiras investidas haviam sido

arrasadoras, de dar nos nervos, as pessoas se aproximando dela, chorando em gratidão. Agora, simplesmente a encaravam.

Bryce não culpava as pessoas que queriam falar com ela, que *precisavam* falar com ela. A cidade tinha sido curada por ela, mas o povo…

Multidões já estavam mortas quando a sua primalux irrompeu por Lunathion. Hunt tivera sorte, estava dando seus últimos suspiros quando a primalux o salvou. Cinco mil outras pessoas não tiveram a mesma sorte.

As famílias delas não tiveram a mesma sorte.

Tantos barcos escuros flutuavam pelo Istros até as névoas do Quarteirão dos Ossos, que pareciam um bando de cisnes pretos. Hunt tinha carregado Bryce até o céu para ver o cenário horrível. Os cais ao longo do rio tinham ficado apinhados de gente, os choros de luto se elevando até as nuvens baixas para onde ela e Hunt haviam voado.

Hunt simplesmente a segurou mais forte e voou com os dois para casa.

— Tire uma foto — gritava Ember Quinlan de onde estava para os metamorfos, ao lado de um torso de mármore de Ogenas se elevando das ondas, os seios fartos da deusa do oceano empertigados e os braços erguidos. — Só dez marcos de ouro. Quinze se vocês quiserem aparecer.

— Porra, mãe — murmurou Bryce. Ember estava de pé com as mãos no quadril, deslumbrante com um vestido de seda cinza e uma pashmina. — Por favor, não.

Ember abriu a boca, como se fosse dizer outra coisa para os metamorfos repreendidos, que agora corriam na direção da escada leste, mas o marido a interrompeu.

— Eu concordo com Bryce — disse Randall, estonteante com o terno azul-marinho.

Ember voltou os olhos escuros transtornados para o padrasto de Bryce, o único pai, até onde Bryce se importava, mas Randall apontou para um longo friso atrás deles.

— Aquele ali me lembra de Athalar.

Bryce arqueou uma sobrancelha, grata pela mudança de assunto, e se virou para onde apontara. Ali, um poderoso macho feérico estava equilibrado sobre uma bigorna, o martelo apontado para o alto em

um punho, relâmpago estalando do céu, preenchendo o martelo e fluindo na direção do objeto do destino do golpe: uma espada.

A placa simplesmente dizia: *Escultor desconhecido. Palmira, cerca de 125 V.E.*

Bryce pegou o celular e tirou uma foto, abrindo a troca de mensagens entre ela e *Hunt Athalar é Melhor No Solebol do Que Eu.*

Não podia negar. Tinham ido para o campo de solebol local em uma tarde ensolarada na semana anterior para jogar, e Hunt havia prontamente ganhado de lavada. Ele mesmo mudou o nome do contato dele no telefone de Bryce quando estavam voltando para casa.

Com alguns movimentos de dedos, a foto disparou para o éter, junto com a legenda: *Algum parente perdido seu?*

Deslizou o celular para a bolsa-carteira e encontrou sua mãe o observando.

— O que foi? — murmurou Bryce.

Mas Ember apenas indicou o friso.

— Quem ele retrata?

Bryce verificou a pequena inscrição no canto inferior direito.

— Só diz *A forja da espada.*

A mãe olhou para a gravura parcialmente desbotada.

— Em que língua?

Bryce tentou manter a postura relaxada.

— Na Velha Língua dos feéricos.

— Ah. — Ember contraiu os lábios, e Randall sabiamente deslizou entre a multidão para observar uma estátua imponente de Luna apontando o arco para o céu, dois cães de caça aos pés e um cervo tocando seu quadril com o focinho. — Você continuou fluente nele?

— É — disse Bryce. Então acrescentou: — Já teve sua utilidade.

— Imagino que sim. — Ember prendeu uma mecha do cabelo preto atrás da orelha.

Bryce se moveu para o friso seguinte que pendia do teto distante por fios quase invisíveis.

— Este é das Primeiras Guerras. — Observou o baixo-relevo entalhado na extensão de 3 metros de mármore. — É sobre… — Bryce se controlou para se manter inexpressiva.

— O quê? — Ember se aproximou da representação de um exército de demônios alados descendo do céu sobre um exército celestial reunido na planície abaixo.

— Este é sobre os exércitos do Inferno chegando para conquistar Midgard durante as primeiras guerras — concluiu Bryce, tentando manter a voz indistinta. Bloqueando o lampejo de garras e presas e asas encouraçadas, o estrondo do rifle ressoando por seus ossos, os rios de sangue nas ruas, os gritos e mais gritos e…

— Era de se imaginar que esta aqui seria uma peça popular ultimamente — observou Randall, reunindo-se a elas para analisar o friso.

Bryce não respondeu. Não gostava muito de discutir os eventos da última primavera com os próprios pais. Principalmente não no meio de um saguão de teatro lotado.

Randall indicou com o queixo as inscrições.

— O que diz esta aqui?

Bastante ciente de que sua mãe notava cada piscar de olhos que dava, Bryce manteve sua postura casual conforme lia o texto na Velha Língua dos feéricos.

Não que estivesse tentando esconder o que tinha passado. Ela *falara* com a mãe e o pai sobre isso algumas vezes. Mas sempre resultava em Ember chorando ou tagarelando sobre os vanir que tinham trancado tantos inocentes do lado de fora, e o peso de todas as emoções da mãe, além das *dela*…

Era mais fácil, Bryce já havia percebido, não mencionar o assunto. Permitir-se falar sobre aquilo com Hunt, ou extravasar nas aulas de dança de Madame Kyrah duas vezes por semana. Passos pequenos até estar pronta para terapia guiada de verdade, como Juniper ficava sugerindo, mas as duas coisas ajudaram imensamente.

Bryce silenciosamente traduziu o texto.

— Esta é uma peça de uma coleção maior, provavelmente uma que teria percorrido o exterior de um prédio inteiro, cada placa contando uma parte diferente da história. Esta parte aqui diz: *E assim os sete Príncipes do Inferno contemplaram Midgard com inveja e liberaram suas hordas profanas sobre nossos exércitos unidos.*

— Aparentemente, nada mudou em quinze mil anos — disse Ember, sombras ofuscando seus olhos.

Bryce manteve a boca fechada. Jamais havia contado à mãe sobre o príncipe Aidas, sobre como ele a ajudara duas vezes até então, e que não parecera ciente dos planos sombrios do próprio irmão. Se a mãe soubesse que havia se mancomunado com o quinto Príncipe do Inferno, precisariam redefinir o conceito de *ataque de nervos*.

Mas então Ember disse:

— Você não poderia arrumar um emprego *aqui*? — Indicou com a mão a grandiosa entrada do BCLC, as exibições de arte em constante mudança no saguão e em alguns dos outros andares. — Você é qualificada. Isso teria sido perfeito.

— Não tinham vagas. — Era verdade. E não queria usar o status de princesa para conseguir uma. Ela queria trabalhar em um lugar como o departamento de arte do BCLC por mérito próprio.

O emprego dela nos Arquivos Feéricos… Bem, definitivamente o tinha conseguido porque a viam como uma princesa feérica, mas de alguma forma não era igual. Não queria trabalhar lá tanto assim.

— Você pelo menos *tentou*?

— Mãe — disse Bryce, o tom mais incisivo.

— Bryce.

— Senhoras — disse Randall, brincalhão, tentando quebrar a tensão crescente entre as duas.

Bryce sorriu como agradecimento a ele, mas conseguiu ver sua mãe franzindo o cenho. Suspirou para os lustres com padrão de raios estelares acima da multidão reluzente.

— Tudo bem, mãe. Desembucha.

— Desembuchar o quê? — perguntou Ember, inocentemente.

— Sua opinião sobre meu trabalho. — Bryce trincou os dentes. — Durante anos, você me encheu por ser assistente, mas, agora que estou fazendo uma coisa melhor, não é bom o bastante?

Aquele não era mesmo lugar de discutir, não com um bando de gente perambulando com os ouvidos ao alcance delas, mas estava farta.

Ember não pareceu se importar ao dizer:

— Não é que não seja bom o bastante. O problema é onde fica o trabalho.

— Os Arquivos Feéricos operam independentemente *dele*.

— Ah é? Porque eu me lembro dele se gabando que era basicamente sua biblioteca pessoal.

Bryce falou, em tom embargado:

— Mãe. A galeria acabou. Eu preciso de um emprego. Me perdoe se o trabalho corporativo das 9 às 17 horas não está disponível para mim agora. Ou que o departamento de arte do BCLC não está contratando.

— Eu não entendo por que você não poderia arranjar alguma coisa com Jesiba. Ela ainda tem aquele armazém, com certeza precisa de ajuda com o que quer que faça lá.

Bryce se segurou para não revirar os olhos. Depois de um dia do ataque à cidade naquela primavera, Jesiba tinha limpado a galeria e os preciosos volumes que constituíam tudo que restava da antiga Grande Biblioteca de Parthos. A maioria das outras peças de Jesiba estava agora em um armazém, muitas em caixas, mas Bryce não tinha ideia de para onde a feiticeira tinha transportado os livros de Parthos, um dos poucos resquícios do mundo humano antes da chegada dos asteri. Bryce não ousara questioná-la sobre o atual paradeiro deles. Era um milagre que os asteri não tivessem recebido uma denúncia anônima sobre a existência dos livros contrabandeados.

— Tem um limite para a quantidade de vezes que eu posso pedir um emprego sem parecer que estou implorando.

— E não podemos permitir que uma princesa faça isso.

Ela perdera a conta de quantas vezes dissera à mãe que não era uma princesa. Não queria ser, e o Rei Outonal também não queria que fosse porra nenhuma. Não tinha falado com o babaca desde a última vez em que fora visitá-la na galeria, logo antes de Bryce confrontar Micah. Quando revelou qual poder percorria suas veias.

Era difícil não olhar para o peito dela, onde a frente de seu translúcido vestido azul-pálido mergulhava até logo abaixo dos seios, exibindo a marca em forma de estrela entre eles. Ainda bem que as costas eram altas o bastante para esconder o chifre tatuado ali. Como uma cicatriz antiga, a marca branca contrastava fortemente com a pele sardenta e reluzente. Não tinha sumido durante os três meses desde o ataque à cidade.

Bryce não sabia quantas vezes surpreendera a mãe encarando a estrela desde que chegara na noite anterior.

Um grupo de fêmeas lindas, ninfas da floresta pelo cheiro de cedro e musgo, passou entremeando taças de champanhe nas mãos. Bryce abaixou a voz.

— O que você quer que eu diga? Que vou me mudar de volta para sua casa em Nidaros e fingir ser normal?

— Por que é tão ruim ser normal? — O lindo rosto da mãe brilhava com um fogo interior que jamais recuava, jamais se extinguia. — Eu acho que Hunt gostaria de morar aqui.

— Hunt ainda trabalha para a 33ª, mãe — disse Bryce. — Ele é o segundo em comando, porra. E, ainda que diga que *adoraria* morar em Nidaros para agradar você, não pense por um minuto que ele fala a sério.

— Entregou o rapaz sem piscar — afirmou Randall enquanto mantinha a atenção em uma placa de informação próxima.

Antes que Bryce pudesse responder, Ember disse:

— Não pense que eu não reparei que as coisas entre vocês estão esquisitas.

É óbvio que podia contar com a mãe para mencionar dois dos assuntos mais desconfortáveis para ela no espaço de cinco minutos…

— Como assim?

— Vocês estão juntos, mas não *juntos* — disse Ember, diretamente. — Qual é a dessa situação?

— Não é da sua conta. — E realmente não era. Como se a tivesse ouvido, o celular de Bryce na bolsa-carteira vibrou. Puxando-o, olhou para a tela.

Hunt tinha respondido: *Eu só posso torcer para um dia ter o abdômen assim.*

Bryce não conseguiu segurar o meio sorriso quando olhou de volta para o macho feérico musculoso no friso antes de responder. *Eu acho que você tem alguns músculos a mais do que ele, na verdade…*

— Não me ignore, Bryce Adelaide Quinlan.

O telefone vibrou de novo, mas não leu a resposta de Hunt ao dizer à mãe:

— Você pode, por favor, parar? E não mencione essa história quando Hunt chegar.

A boca de Ember se abriu, mas Randall disse:

— De acordo. Nada de interrogatórios sobre emprego ou romance quando Hunt chegar.

A mãe franziu a testa, desconfiada, mas Bryce falou:

— Mãe, só… pare, está bem? Eu não me incomodo com meu emprego, e a coisa entre Hunt e eu é o que nós dois concordamos. Estou bem. Vamos deixar assim.

Era uma mentira. Quase.

Realmente *gostava* do emprego, muito. A ala particular dos Arquivos Feéricos abrigava um tesouro de artefatos antigos que tinham sido seriamente negligenciados durante séculos e necessitavam de pesquisa e catalogação para serem enviados em uma exibição de viagem na primavera seguinte.

Fazia o próprio horário, respondia apenas ao chefe de pesquisa, um metamorfo coruja, um dos raros funcionários não feéricos, que só trabalhava do pôr ao nascer do sol, então quase não se viam. No entanto, a pior parte de seu dia era entrar no amplo complexo pelos prédios principais, onde as sentinelas a admiravam. Algumas até mesmo se curvavam. E então precisava passar pelo átrio, onde os bibliotecários e visitantes também tendiam a encará-la.

Todo mundo ultimamente a encarava, e ela detestava essa porra. Mas Bryce não queria contar nada disso à mãe.

Ember falou:

— Tudo bem. Você sabe que eu só me preocupo.

Alguma coisa no peito de Bryce se suavizou.

— Eu sei, mãe. E eu sei… — Lutou para encontrar as palavras. — Realmente ajuda saber que eu posso me mudar de volta para casa se eu quiser. Mas não no momento.

— É justo — intrometeu-se Randall, dando a Ember um olhar significativo antes de passar o braço por sua cintura e guiá-la na direção de outro friso do outro lado do saguão do teatro.

Bryce usou a distração dos pais para pegar o telefone e percebeu que Hunt tinha mandado duas mensagens:

Quer contar meus músculos abdominais quando voltarmos do balé?

O estômago dela se revirou, Bryce nunca se sentiu tão grata por seus pais possuírem um olfato humano quando seus dedos se contraíram dentro do sapato.

Hunt tinha acrescentado, *Chego em cinco minutos, aliás. Isaiah me segurou com um caso novo.*

Mandou um polegar para cima, então respondeu: *Por favoooooor chegue aqui AGORA. Eu acabei de passar por um interrogatório por causa do meu emprego. E de você.*

Hunt respondeu imediatamente, e Bryce leu conforme acompanhava os pais devagar até onde observavam o friso: *O que tem eu?*

— Bryce — chamou a mãe, apontando para o friso diante dela. — Veja este. É GG.

Bryce tirou os olhos do celular e sorriu.

— Valente Guerreiro Geleia Geladinha.

Ali, pendurada na parede, estava uma representação de um pégaso, embora não um pégaso-unicórnio, como o brinquedo de infância de Bryce, avançando para a batalha. Uma figura de armadura, o capacete escondendo qualquer feição distinta, montava a besta, espada erguida. Bryce tirou uma foto e mandou para Hunt.

GG das Primeiras Guerras se apresentando para o serviço!

Estava prestes a responder ao *O que tem eu?* de Hunt quando sua mãe disse:

— Diga a Hunt que pare de flertar com você e ande logo.

Bryce fez uma careta para a mãe e guardou o telefone.

Tantas coisas mudaram desde a revelação de sua ascendência como filha do Rei Outonal e uma herdeira Estrelada: pessoas admirando Bryce, o chapéu e o óculos que agora usava na rua para conseguir algum nível de anonimato, o emprego nos Arquivos Feéricos. Mas não a sua mãe, ela tinha permanecido a mesma.

Bryce não conseguia decidir se isso era um conforto ou um incômodo.

* * *

Ao entrar no camarote particular da seção dos anjos do teatro, os camarotes à esquerda do palco um nível acima do chão, Bryce sorriu na direção da pesada cortina dourada que bloqueava a vista do palco.

Apenas dez minutos restavam até que o espetáculo começasse. Até que o mundo pudesse ver como Juniper era absurdamente talentosa.

Ember se ajeitou graciosamente em uma das cadeiras de veludo vermelho na frente do camarote, Randall reivindicando o assento ao lado. A mãe de Bryce não sorriu. Considerando que os camarotes feéricos reais ocupavam a ala diante deles, Bryce não a culpava. E, considerando que muitos dos nobres reluzentes e cheios de joias estavam encarando Bryce, era um milagre que Ember ainda não tivesse mostrado o dedo do meio para eles.

Randall assoviou para os assentos privilegiados quando olhou por cima do parapeito dourado.

— Bela vista.

O ar atrás de Bryce ficou elétrico, zunindo e com vida. Os pelos de seus braços se arrepiaram. Uma voz masculina soou do vestíbulo:

— Um benefício de se ter asas: ninguém quer se sentar atrás de você.

Bryce tinha desenvolvido uma consciência aguçada da presença de Hunt, como sentir o relâmpago no vento. Só precisava entrar em uma sala e ela sabia se estava ali só por aquela descarga de poder em seu corpo. Como se sua magia, seu sangue reagissem ao dele.

Bryce viu Hunt de pé à porta, já ajustando a gravata preta em volta do pescoço.

Simplesmente… cacete.

Estava de terno preto e camisa branca, ambos ajustados ao corpo musculoso e poderoso. O efeito era devastador. Acrescentando as asas cinza que emolduravam tudo, Bryce se perdia.

Hunt deu um risinho sarcástico dissimulado, mas assentiu para Randall.

— Você se arruma direitinho, cara. Desculpem pelo atraso. — Bryce mal conseguiu ouvir a resposta do pai enquanto observava o verdadeiro banquete malakim diante dela.

Hunt tinha cortado o cabelo mais curto no mês anterior. Não curto demais, pois fizera uma intervenção com o cabeleireiro antes que o macho draki conseguisse cortar todas aquelas lindas mechas, mas se fora o cabelo na altura dos ombros. O estilo mais curto combinava com ele, mesmo sendo um choque encontrar seu cabelo perfeitamente cortado na altura da nuca semanas depois, com apenas

algumas mechas da frente ainda rebeldes o suficiente para despontar pelo buraco no chapéu de solebol dele. Naquela noite, no entanto, penteara o cabelo até domá-lo, deixando sua testa exposta.

Isso ainda era um choque também: nenhuma tatuagem. Nenhum sinal dos anos de tormenta que o anjo tinha sofrido além do *C* estampado na tatuagem de escravizado, localizada no pulso direito dele e que o marcava como um macho livre. Não um cidadão pleno, mas mais próximo disso do que os peregrini.

A marca estava escondida pelo manguito do paletó de seu terno e a camisa por baixo dele, e Bryce levantou o olhar para o rosto de Hunt. Sua boca secou diante da voracidade descarada que enchia os olhos escuros.

— Você também não está nada mal — disse, piscando um olho.

Randall tossiu, mas folheou o programa. Ember fez o mesmo ao seu lado.

Bryce passou a mão pela frente do vestido azul.

— Essa coisa velha?

Hunt riu, ajeitando a gravata de novo.

Bryce suspirou.

— Por favor, me diga que você não é um desses machos grandes e valentões que faz estardalhaço porque odeia se arrumar.

Foi a vez de Ember tossir, mas os olhos de Hunt dançaram quando disse a Bryce:

— Que bom que eu não preciso fazer isso com tanta frequência, não é?

Uma batida à porta do camarote calou sua resposta, e um sátiro garçom apareceu, carregando uma bandeja de champanhe de cortesia.

— Da srta. Andromeda — anunciou o macho de cascos bifurcados.

Bryce sorriu.

— Uau. — Fez uma nota mental de aumentar o tamanho do buquê que tinha planejado mandar a June no dia seguinte. Pegou a taça que o sátiro estendeu a ela, mas, antes que conseguisse erguê-la aos lábios Hunt a segurou com a mão carinhosa em seu pulso. Bryce oficialmente acabou com a regra de Nada de Bebidas depois daquela primavera, mas ela suspeitava de que o toque não tinha nada a ver com o lembrete para que segurasse a onda.

Arqueando a sobrancelha, esperou até que o garçom tivesse ido embora antes de perguntar:

— Você quer fazer um brinde?

Hunt levou a mão a um bolso interno da roupa e tirou de dentro uma pequena caixa de pastilhas de menta. Ou o que pareciam ser pastilhas. Mal teve tempo de reagir antes de ele soltar uma pílula branca na bebida.

— Que *Inferno…*

— Só testando. — Hunt estudou a taça. — Se estiver drogada ou envenenada, vai ficar verde.

Ember se intrometeu com sua aprovação.

— O sátiro disse que as bebidas são de Juniper, mas como você sabe, Bryce? Pode ter qualquer coisa dentro delas. — Ember assentiu para Hunt. — Bem pensado.

Bryce queria protestar, mas… Hunt tinha razão.

— E o que eu faço com isso agora? Está estragado.

— A pastilha não tem gosto — disse Hunt, batendo a taça contra a dela quando o líquido permaneceu dourado-pálido. — Pode entornar.

— Quanta elegância — disse, mas bebeu. Ainda tinha gosto de champanhe, nenhum indício da pastilha dissolvida.

As arandelas douradas e os lustres estelares oscilando piscaram com um aviso de cinco minutos, e Bryce e Hunt ocuparam seus assentos atrás dos pais. Daquele ângulo, mal conseguia enxergar Fury na fileira da frente.

Hunt pareceu entender onde estava a atenção de Bryce.

— Ela não quis se sentar com a gente?

— Não. — Bryce observou o cabelo preto reluzente da amiga, o terno preto dela. — Ela quer ver cada gota de suor de Juniper.

— Era de se pensar que ela vê isso toda noite — disse Hunt sarcasticamente, e Bryce arqueou as sobrancelhas em aviso.

Mas Ember se virou em seu assento, um sorriso genuíno iluminando seu rosto.

— Como estão Fury e Juniper? Elas já estão morando juntas?

— Há duas semanas. — Bryce esticou o pescoço para observar Fury, que parecia ler o programa. — E estão muito bem. Acho que Fury está para ficar desta vez.

A mãe perguntou com cautela:

— E você e Fury? Eu sei que as coisas estiveram estranhas por um tempo.

Hunt fez um favor a ela e se ocupou com o telefone. Bryce virou as páginas do programa.

— Resolver as coisas com Fury levou um tempo, mas estamos bem.

Randall perguntou:

— Axtar ainda está fazendo o que ela faz de melhor?

— Isso. — Bryce estava satisfeita em não aprofundar o assunto sobre o negócio de mercenária da amiga. — Mas ela está feliz. E, mais importante, June e Fury estão felizes juntas.

— Que bom — disse Ember, sorrindo suavemente. — Elas formam um casal tão lindo. — E porque a mãe dela era… bem, a mãe dela, Ember olhou Bryce e Hunt de cima a baixo e disse sem pudor nenhum: — Vocês dois também formariam, se resolvessem as suas merdas.

Bryce afundou na cadeira, levantando o programa para bloquear seu rosto incandescente de ódio. Por que as luzes não estavam se apagando ainda? Hunt, contudo, não perdeu a deixa e falou:

— Quem espera sempre alcança, Ember.

Bryce fez uma careta para a arrogância e a diversão no tom de voz, jogando o programa no colo ao declarar:

— Esta noite é importante para June. Tente não estragar com gracinhas sem sentido.

Ember deu um tapinha no joelho de Bryce antes de se virar para o palco.

Hunt terminou o champanhe, e a boca de Bryce secou de novo quando viu o forte e largo pescoço trabalhando conforme engolia, então ele falou:

— E aqui estava eu pensando que você adorava umas gracinhas.

Bryce tinha a opção de babar ou virar o rosto; então, em vez de estragar o vestido com a primeira, observou a multidão que entrava em fila até seus assentos. Mais de uma pessoa espiou na direção de seu camarote.

Os olhares vinham principalmente dos camarotes feéricos do outro lado. Nenhum sinal do pai ou de Ruhn, mas reconheceu alguns rostos frios. Os pais de Tristan Flynn, Lorde e Lady Hawthorne,

estavam entre eles, a esnobe profissional da filha deles, Sathia, sentada entre os dois. Nenhum dos nobres reluzentes pareceu satisfeito com a presença de Bryce. Ótimo.

— Esta noite é importante para June, lembre-se disso — murmurou Hunt, os lábios se curvando para cima.

Bryce olhou com raiva.

— O quê?

Hunt inclinou a cabeça para a nobreza feérica fazendo cara de desprezo do outro lado.

— Estou vendo que você está pensando em alguma forma de irritá-los.

— Eu não estava.

Inclinou-se para sussurrar, seu hálito roçando o pescoço dela:

— Você estava, e eu sei disso porque eu estava pensando a mesma coisa. — Alguns flashes de câmeras brilharam de cima e de baixo, e ela soube que as pessoas não estavam tirando fotos da cortina do palco.

Bryce desencostou para observar Hunt, o rosto que conhecia tão bem quanto o próprio. Por um momento, por uma eternidade breve demais, se encararam. Bryce engoliu em seco, mas não conseguiu se mover. Nem quebrar o contato visual.

A garganta de Hunt se moveu, mas não disse mais nada.

Três malditos *meses* dessa tortura. Acordo imbecil. Amigos, porém, mais que isso. Mais, mas sem nenhum dos benefícios físicos.

Hunt falou, por fim, com a voz embargada:

— É muito legal da sua parte estar aqui para Juniper.

Ela jogou o cabelo por cima do ombro.

— Você faz parecer que é um grande sacrifício.

Apontou o queixo na direção da nobreza feérica ainda debochada.

— Você não pode usar chapéu e óculos escuros aqui, então… sim, é.

Ela admitiu:

— Eu só queria que ela tivesse arranjado lugares para a gente na galeria.

Em vez disso, Juniper, para acomodar as asas de Hunt, tinha conseguido aquele camarote para eles. Bem onde todos podiam ver a Princesa Estrelada e o Anjo Caído.

A orquestra começou a afinar e os sons de violinos e flautas despertando devagar chamaram a atenção de Bryce para o fosso. Seus músculos tensionaram involuntariamente, como se estivessem se preparando para se mover. Para dançar.

Hunt se aproximou de novo, a voz um ronronado baixo:

— Você está linda, sabe.

— Ah, eu sei — disse, mesmo que precisasse morder o lábio inferior para evitar sorrir. As luzes começaram a diminuir, então Bryce decidiu mandar tudo ao Inferno. — Quando eu vou poder contar esses músculos abdominais, Athalar?

O anjo pigarreou, uma, duas vezes, e se agitou no assento, as penas farfalhando. Bryce deu um sorriso arrogante.

Murmurou:

— Mais quatro meses, Quinlan.

— E três dias — complementou.

Os olhos brilharam na escuridão crescente.

— Do que vocês dois estão falando aí atrás? — perguntou Ember, e Bryce respondeu, sem tirar os olhos dos de Hunt:

— Nada.

Mas não era nada. Era o acordo idiota que fizera com Hunt: que, em vez de irem para a cama, esperariam até o Solstício de Inverno para concretizar seus desejos. Passar o verão e o outono se conhecendo sem o fardo de um arcanjo problemático e demônios espreitando.

Então assim fizeram. Torturar um ao outro com flertes era permitido, mas às vezes, especialmente naquela noite… ela realmente desejava nunca ter sugerido aquilo. Desejava poder arrastá-lo para o armário de casacos do vestíbulo atrás deles e mostrar a Hunt exatamente o quanto gostava daquele terno.

* * *

Quatro meses, três dias e… Olhou para o delicado relógio no pulso. Quatro horas. E, quando batesse a meia-noite no Solstício de Inverno, *ela* estaria batendo…

— Solas Flamejante do caralho, Quinlan — grunhiu Hunt, de novo se ajustando na cadeira.

— Desculpa — murmurou, grata pela segunda vez em uma hora por seus pais não terem o olfato que Hunt possuía.

Mas Hunt gargalhou, passando o braço pelo encosto da cadeira dela, os dedos se enroscando no cabelo solto de Bryce. Pareceu satisfeito. Seguro de seu lugar ali.

Olhou para os pais, sentados com proximidade semelhante, e não conseguiu conter um sorriso. A mãe também tinha levado um tempo para agir com relação a seu desejo por Randall. Bem, no início houve algumas… coisas. Esse era o máximo que Bryce se permitia pensar neles. Sabia que tinha levado quase um ano até que tornassem as coisas oficiais. Tudo tinha acabado muito bem, continuava muito bem.

Então aqueles meses com Hunt, ela os valorizava. Tanto quanto valorizava as aulas de dança com Madame Kyrah. Ninguém exceto Hunt realmente entendia pelo que passara, apenas Hunt estivera no portão.

Bryce observou as feições impressionantes dele, seus lábios voltando a se curvar em um sorriso. Quantas noites eles tinham ficado acordados, falando sobre tudo e sobre nada? Pedindo jantar, assistindo a filmes ou reality shows ou solebol, jogando videogame ou sentados no telhado do prédio, observando os malakim e as bruxas e os draki cruzando o céu como estrelas cadentes.

Hunt havia compartilhado tantas coisas sobre seu passado, coisas tristes e horríveis e alegres. Bryce queria saber de tudo. E, quanto mais aprendia, mais se via compartilhando, e mais…

Uma luz brilhou da estrela em seu peito.

Bryce tapou a marca com a mão.

— Eu não deveria ter usado esse maldito vestido.

Os dedos mal conseguiam cobrir a estrela que brilhava luz branca pelo teatro escuro, iluminando cada rosto agora voltado para ela conforme a orquestra se acalmava, antecipando a aproximação do condutor.

Não ousou olhar para os feéricos do outro lado do espaço. Ver a repulsa e o desdém.

Ember e Randall se viraram nas cadeiras, o rosto do pai franzido em preocupação, os olhos de Ember arregalados de medo. A mãe também sabia que aqueles feéricos estavam olhando com escárnio. Havia escondido Bryce deles durante a vida inteira da filha, justamente por saber como reagiriam ao poder que agora irradiava de si.

Algum babaca gritou da plateia abaixo:

— *Ei, apague a luz!* — O rosto de Bryce ardeu em vergonha quando algumas pessoas riram, subitamente se calando.

Só podia presumir que Fury os calou, estando por perto.

Bryce levou as duas mãos em concha sobre a estrela, a qual tinha passado a brilhar nos *piores* momentos — até então, aquele era o mais vergonhoso.

— Eu não sei como apagar isso — murmurou, fazendo menção de se levantar do assento e fugir para o vestíbulo atrás da cortina.

Hunt passou a mão morna e seca sobre a cicatriz, os dedos roçando os seios de Bryce. A palma da mão era larga o suficiente para cobrir a marca, capturando a luz dentro dela. Brilhava entre os dedos dele, tornando sua pele marrom-clara um tom de ouro rosado, mas conseguiu conter a luz.

— Admita: você só queria que eu passasse a mão em você — sussurrou Hunt, e Bryce não conseguiu conter uma risadinha boba e frívola. Enterrou o rosto no ombro de Hunt, o material macio do terno frio contra suas bochechas e sua testa. — Precisa de um minuto? — perguntou, embora soubesse que ele estava encarando com ódio os babacas que continuavam olhando. A nobreza feérica sibilando sobre a *desgraça*.

— Deveríamos ir? — perguntou Ember, a voz carregada de preocupação.

— Não — disse Bryce com a voz embargada, colocando a mão sobre a de Hunt. — Estou bem.

— Você não pode ficar sentada aí assim — replicou Ember.

— Estou bem, mãe.

Hunt não moveu a própria mão.

— Estamos acostumados com os olhares. Certo, Quinlan? — Sorriu para Ember. — Não vão foder com a gente. — Uma rispidez envolveu o sorriso dele, um lembrete a qualquer um observando que ele não

era apenas Hunt Athalar, era também o Umbra Mortis. A Sombra da Morte.

Ele havia merecido esse nome.

Ember assentiu de novo em aprovação quando Randall ofereceu a Hunt um aceno de gratidão. Misericordiosamente, o maestro enfim apareceu, e uma salva de palmas encheu o teatro.

Bryce inspirou profundamente, então exalou devagar. Seu controle era zero sobre quando a estrela brilhava, ou quando parava. Deu um gole no champanhe, então disse casualmente para Hunt:

— A notícia principal nos sites de fofoca amanhã vai ser: *Umbra Mortis taradão apalpa princesa Estrelada no balé.*

— Ótimo — murmurou Hunt. — Vai melhorar minha posição na 33ª.

Sorriu, apesar de tudo. Era um dos muitos dons de Hunt, fazê-la rir, mesmo quando o mundo parecia disposto a humilhá-la e segregá-la.

Os dedos dele escureceram em seu peito, e Bryce deu um suspiro.

— Obrigada — disse quando o maestro levantou a batuta.

Hunt muito lentamente tirou a mão do peito dela.

— De nada, Quinlan.

Olhou de soslaio para ele de novo, se perguntando quanto à mudança no tom de sua voz, mas a orquestra começou sua abertura ritmada e a cortina se abriu, e Bryce inclinou o corpo para a frente, arquejante, para esperar pela grandiosa entrada da amiga.



Bryce tentou não tremer de prazer quando Hunt bateu nela com uma asa conforme os dois subiam as escadas decrépitas que levavam à casa de Ruhn.

Uma reuniãozinha, era o que Ruhn tinha dito quando ligou para convidá-los para passar lá depois do balé. Como a ideia de que sua mãe a interrogasse de novo sobre o emprego, a vida sexual e o status de princesa certamente a faria beber de qualquer forma, Bryce e Hunt deixaram os pais dela no hotel, trocaram de roupa no apartamento — Hunt havia insistido nessa parte com um mal-humorado *eu preciso tirar essa porra de terno* —, e voado até ali.

Pelo visto, a Praça da Cidade Velha inteira também havia vindo: feéricos e metamorfos e pessoas de todas as Casas bebiam, dançavam e conversavam. Na imitação patética de um jardim, um aglomerado de ninfas do rio de cabelo verde e faunos, tanto machos quanto fêmeas, brincava de acertar sacos de feijão no buraco. Um grupo de machos feéricos atrás deles, membros da Aux, dados os músculos e a postura arrogante, estava entretido no que parecia ser um jogo absolutamente *hipnotizante* de bocha.

O dia árido tinha dado lugar a uma noite amena, quente o bastante para que todo bar, café e boate na Praça da Cidade Velha,

principalmente em volta da Rua do Arqueiro, estivesse lotado de clientes. Mesmo com a música estrondosa que saía da casa de Ruhn, ela conseguia distinguir as batidas de baixo das outras casas na rua, do bar na esquina, dos carros que passavam.

Todos estavam comemorando estarem vivos.

Como deveriam.

— Fury e June já estão aqui — gritou Bryce para Hunt por cima do barulho conforme caminhavam pelos degraus bambos e manchados de cerveja da casa de Ruhn. — June disse que elas estão na sala.

Hunt assentiu, embora sua concentração permanecesse fixa na multidão festejando. Mesmo ali, as pessoas de todas as direções reparavam na chegada da princesa Estrelada e o Umbra Mortis. A multidão se afastou para eles passarem, alguns até mesmo recuando. Bryce enrijeceu, mas Hunt seguiu com a sua caminhada tranquila. Já estava acostumado àquela merda há algum tempo. E, embora não fosse mais oficialmente a Sombra da Morte, as pessoas não tinham se esquecido do que tinha feito certa vez. A quem ele servira.

Hunt se dirigiu para a sala à esquerda do corredor da entrada, os músculos ridículos nos ombros dele se contraindo com o movimento. Estavam expostos quase obscenamente sob a camiseta preta que vestia. Bryce podia ter sobrevivido àquela visão, não fosse pelo chapéu de solebol branco na cabeça, virado para trás, como Hunt normalmente usava.

Preferia isso ao terno elegante, na verdade.

Para seu choque, Hunt não protestou quando um duende do ar festeiro passou flutuando, adornando o casal com cordões de bastões luminosos feitos de primalux. Bryce tirou o tubo plástico de luz e o enroscou como um bracelete subindo pelo braço. Hunt deixou o dele pendurado sobre o peito, a luz projetando os músculos profundos do peitoral e dos ombros em alto-relevo. Que os deuses a poupassem.

Hunt dera apenas um passo até a sala quando a voz de Tristan Flynn ecoou do corredor da entrada atrás deles:

— Que *porra* é essa, Ruhn?!

Bryce riu, e entre a multidão viu o lorde feérico em uma ponta da mesa de beer-pong, na qual havia pintado a imagem de uma enorme cabeça feérica devorando um anjo inteiro.

Ruhn estava do outro lado da mesa, os dois dedos médios erguidos para seus adversários, o piercing no lábio reluzindo às luzes fracas da entrada.

— Podem ir pagando, babacas — disse o irmão de Bryce, o cigarro enrolado entre os lábios balançando com as suas palavras.

Bryce esticou a mão para Hunt, os dedos roçando as penas macias das asas. Hunt enrijeceu, se virando para olhar para ela. Asas de anjo eram extremamente sensíveis. Era como se o tivesse agarrado pelas bolas.

Com o rosto corando, Bryce apontou o polegar por cima do ombro na direção do próprio irmão.

— Diga a June e Fury que vou até elas em um segundo — gritou por cima do barulho. — Só vou dizer oi ao Ruhn. — Não esperou pela resposta de Hunt antes de ziguezaguear até o irmão.

Flynn soltou uma comemoração quando ela apareceu, obviamente bem perto de estar alcoolizado. Uma típica noite de terça-feira para ele. Considerou mandar uma foto da cara chapada de Flynn para os pais e a irmã dele. Talvez assim não olhassem para ela com tanto desprezo.

Declan Emmett parecia levemente mais sóbrio quando disse, ao lado de Flynn:

— E aí, B?

Bryce acenou, sem querer gritar por cima da multidão reunida no que um dia fora uma sala de jantar. Tinha sido recentemente transformada em uma sala de bilhar e dardos. Absolutamente adequada para o Príncipe Herdeiro dos feéricos de Valbara, pensou Bryce, com um meio sorriso ao se aproximar discretamente do macho ao lado de Flynn.

— Oi, Marc.

O alto metamorfo leopardo, de músculos esguios sob a pele marrom-escura, abaixou o olhar para ela. Os impressionantes olhos da cor de topázio brilhavam. Declan estava saindo com Marc Rosarin há um mês. Conheceu o empresário da área da tecnologia em alguma festa chique em uma das grandes empresas de engenharia no Distrito Comercial Central.

— Oi, princesa.

Flynn indagou:

— Desde quando você deixa Marc se safar de chamar você de princesa?

— Desde que eu gosto dele mais do que de você — disparou Bryce de volta, ganhando um tapinha no ombro de Marc e um sorriso de Ruhn. Disse ao irmão: — *Uma reuniãozinha*, hein?

Ruhn deu de ombros, as tatuagens nos braços se contraindo.

— Eu culpo Flynn.

Flynn levantou a última cerveja em reconhecimento e virou o copo.

— Onde está Athalar? — perguntou Declan.

— Com June e Fury na sala — respondeu.

Ruhn acenou para cumprimentar um convidado que passava antes de perguntar:

— Como foi no balé?

— Incrível. June arrasou nos solos. Fez todo mundo aplaudir de pé. — Sentira arrepios pelo corpo todo enquanto a amiga dançava, e lágrimas nos olhos quando Juniper foi ovacionada de pé após terminar. Bryce nunca tinha ouvido o BCLC tão cheio de vivas, e, pelo rosto corado e alegre de Juniper conforme ela fazia reverência, Bryce soube que a amiga também não. Uma promoção para Prima Ballerina certamente viria a qualquer momento.

— O ingresso mais badalado da cidade — disse Marc, assoviando. — Metade do meu escritório teria vendido a alma para estar lá esta noite.

— Você deveria ter me falado — disse Bryce. — Nós tínhamos alguns assentos sobrando em nosso camarote. Poderíamos ter encaixado eles.

Marc deu um sorriso, agradecido.

— Da próxima vez.

Flynn começou a rearranjar os copos de beer-pong, e gritou:

— Como estão mamãe e papai?

— Bem. Eles me deram uma mamadeira com leite e leram uma história para eu dormir antes que eu saísse.

Isso tirou uma risada de Ruhn, que tinha se reaproximado de Ember. O irmão perguntou:

— Quantos interrogatórios desde que eles chegaram, ontem à noite?

— Seis. — Bryce apontou para o corredor da entrada e para a sala de estar adiante. — E é por isso que estou indo beber com meus amigos.

— Open bar — disse Declan, indicando magnanimamente para trás.

Bryce acenou de novo, então partiu. Sem a silhueta imponente de Hunt, muito menos pessoas se viravam para ela. Mas quando se viravam… bolsões de silêncio surgiam. Tentou ignorá-las e quase suspirou de alívio quando viu um par de chifres familiar sobre uma cabeça de cabelos graciosamente cacheados presos no habitual coque de Juniper. Estava sentada no sofá manchado da sala de estar, com a coxa colada na de Fury, as mãos entrelaçadas.

Hunt estava de pé diante delas, as asas mantidas em um ângulo casual conforme conversava com as suas amigas. Ergueu o rosto quando Bryce entrou na sala, e ela podia jurar que os olhos pretos dele se iluminaram.

Conteve a alegria diante daquela visão quando se jogou no sofá ao lado de Juniper, aconchegando-se com a amiga. Roçou o nariz no ombro de June.

— Oi, minha talentosa e genial e linda amiga.

Juniper gargalhou, apertando Bryce.

— Digo o mesmo.

Bryce falou:

— Eu estava falando com Fury.

Juniper bateu no joelho de Bryce, e Fury gargalhou, dizendo:

— Já está agindo como uma prima-dona.

Bryce suspirou dramaticamente.

— Mal posso esperar para ver June dar ataques temperamentais por causa do estado do camarim dela.

— Ah, vocês duas são horríveis — disse Juniper, mas gargalhou com elas. — Primeiro, eu nem mesmo *terei* um camarim só pra mim durante anos. *Dois*…

— Lá vamos nós — disse Fury, e, quando June fez um ruído de objeção, apenas riu e levou os lábios à têmpora da fauna.

O lampejo casual e carinhoso de intimidade fez Bryce ousar olhar para Hunt, que estava sorrindo levemente. Bryce conteve o ímpeto de se inquietar, de pensar em como aqueles poderiam ser facilmente eles

dois, abraçados no sofá se beijando. Hunt apenas disse, com a voz grave:

— O que eu posso trazer para você, Quinlan? — Ele inclinou a cabeça na direção do bar nos fundos da sala, mal visível com os grupos cercando os dois atendentes.

— Uísque, cerveja de gengibre e limão.

— Pode deixar. — Com uma saudação debochada, Hunt saiu caminhando entre a multidão.

— Como está funcionando toda essa coisa de nada de sexo, Bryce? — perguntou Fury, sarcasticamente, inclinando o corpo para a frente e se virando para olhar o rosto dela.

Bryce afundou nas almofadas.

— Babaca.

A risada de June sibilou dentro dela, e a amiga deu tapinhas em sua coxa.

— Me lembre por que vocês não estão se pegando?

Bryce olhou para trás do sofá para se certificar de que Hunt ainda estava no bar antes de dizer:

— Porque eu sou uma porra de uma idiota, e vocês duas babacas sabem disso.

Juniper e Fury riram, a última tomando um gole da vodca com refrigerante.

— Diga a ele que mudou de ideia — disse a mercenária, apoiando o copo no joelho vestido com couro preto. Como Fury conseguia usar couro naquele calor era um mistério para Bryce. Short, camiseta e sandália era tudo o que aguentava com as temperaturas de fritar, mesmo à noite.

— E romper nosso acordo antes do Solstício de Inverno? — sibilou Bryce. — Ele jamais me deixaria esquecer.

— Athalar já sabe que você quer romper o acordo — disse Fury, em tom arrastado.

— Ah, ele com certeza sabe — concordou Juniper.

Bryce cruzou os braços.

— Podemos não falar sobre isso?

— E qual seria a graça? — perguntou Fury.

Bryce chutou a bota de couro de Fury, encolhendo-se quando o pé calçado na sandália dourada dela colidiu com o metal impiedoso.

— Bico de aço? Sério?

— Esta é uma verdadeira festa de fraternidade — disse Fury, rindo. — Posso precisar chutar algumas bundas se alguém avançar na minha namorada.

Juniper brilhou ao ouvir o termo. *Namorada.*

Bryce não sabia que Inferno ela era para Hunt. *Namorada* parecia ridículo quando se tratava da porra do Hunt Athalar. Como se Hunt algum dia fosse fazer algo tão normal e casual quanto namorar.

Juniper cutucou o braço de Bryce.

— Estou falando sério. Me lembre por que vocês ainda precisam esperar o Solstício para chegar aos finalmentes.

Bryce desabou, afundando alguns centímetros, os pés esparramando as latas de cerveja vazias sob a mesa de centro.

— Eu só…

Aquele familiar zumbido de poder e ar de macho que era Hunt preencheu o ar às suas costas, e Bryce fechou a boca um momento antes de surgir diante dela um copo plástico com líquido âmbar decorado com uma fatia de limão.

— Princesa — cantarolou Hunt, e os dedos de Bryce se contraíram novamente. Pareciam fazer isso por hábito em sua presença.

— Podemos usar esse termo agora? — June se animou com prazer. — Eu ando *morrendo*…

— De jeito nenhum. — Bryce tomou um gole da bebida. Arquejou. — Quanto uísque mandou o barman colocar *aqui*, Athalar? — tossiu, como se isso pudesse aliviar a queimação.

Hunt deu de ombros.

— Eu achei que você gostasse de uísque.

Fury riu com escárnio, mas Bryce ficou de pé. Ergueu o copo na direção de Hunt em um brinde silencioso, então o ergueu para June.

— Para a próxima Prima Ballerina do BCLC.

Com o brinde, Bryce mandou a coisa toda garganta abaixo e deixou que o líquido lhe queimasse até a alma.

* * *

Hunt se permitiu — por um caralho de um segundo — olhar para Bryce. Admirar as batidas firmes e determinadas de seu pé, calçado na sandália sobre o piso de madeira desgastado, acompanhando as batidas da música; as longas pernas musculosas que brilhavam sob a primalux néon, o short branco, que realçava sua pele bronzeada do verão. Não restava nenhuma cicatriz da merda que tinha acontecido a ela naquela primavera, exceto pela marca no peito, embora a cicatriz espessa de anos antes ainda se curvasse acompanhando a coxa.

Sua destemida, forte e linda Bryce. Fizera o possível para não fixar os olhos no formato da bunda dela naquele short enquanto se dirigiam à casa de Ruhn, no balanço do longo cabelo dela contra a lombar, os largos quadris que rebolavam a cada passo.

Ele era um animal estúpido, mas sempre tinha sido um animal estúpido perto dela.

Mal conseguira se concentrar no balé mais cedo, na dança de June, porque Bryce estava tão… deliciosa naquele vestido azul. Só os pais dela sentados a poucos metros diante dele impediram Hunt de pensar demais em deslizar a mão por cima da coxa dela sob aquele material translúcido.

Mas aquilo não fazia parte do plano. Mais cedo naquela primavera, ele estava bem com aquilo. Ansiando por ela, óbvio, mas em paz com a ideia de se conhecerem melhor antes de o sexo fazer parte da equação. No entanto, aquele anseio só tinha piorado nos últimos meses. Morar juntos era um tipo de tortura lenta para ambos.

Os olhos da cor de uísque de Bryce se voltaram para ele. Ela abriu a boca, então fechou diante do que quer que tivesse visto em sua expressão.

A memória daqueles dias seguintes às mortes de Micah e Sandriel tinha esfriado o seu tesão crescente.

Vamos devagar, pedira ela. *Eu sinto como se tivéssemos tropeçado nisso tudo, e, agora que as coisas estão voltando ao normal eu quero fazer isso direito com você. Conhecer você em tempo real, não enquanto estamos correndo pela cidade tentando resolver assassinatos.*

Ele concordou, o que mais poderia fazer? Não importava que tivesse voltado do Comitium naquela noite planejando seduzir Quinlan até ela não resistir mais. Nem mesmo tinha chegado à parte do beijo quando anunciou que queria frear as coisas.

Sabia que havia mais por trás daquilo. Sabia que provavelmente tinha algo a ver com a culpa que cultivava pelas milhares de pessoas que não haviam sido salvas naquele dia. Permitir-se estar com ele, ser feliz… Ela precisava de tempo para entender. E Hunt daria isso a ela. Qualquer coisa que Bryce quisesse, tudo que precisasse, daria com satisfação. Tinha a liberdade de fazer isso agora, devido à tatuagem queimada em seu pulso.

Mas, em noites como aquela, com ela naquele short… era impossível.

Bryce saltou do sofá e caminhou até ele, deixando Juniper e Fury conversando, Fury ocupada recarregando a página de artes do *Jornal da Cidade da Lua Crescente* para ver a crítica da apresentação de Juniper.

— O que foi? — disse Hunt a Bryce quando ela ocupou um lugar ao seu lado.

— Você realmente gosta de vir a estas festas? — perguntou Bryce, indicando a multidão, o bastão de primalux em seu pulso brilhando forte. — Isso não deixa você enojado?

Hunt fechou as asas.

— Por que isso me enojaria?

— Porque você viu toda a merda que está acontecendo no mundo, e foi tratado como pó, e essa gente… — Bryce jogou os cabelos por cima do ombro. — Muitas delas não fazem ideia. Ou simplesmente não se importam.

Hunt estudou o rosto contraído dela.

— Por que frequentamos essas festas se incomodam você?

— Bem, hoje à noite estamos aqui para evitar a minha mãe. — Hunt riu, mas ela prosseguiu. — E porque eu quero comemorar que June é um gênio. — Sorriu para a amiga no sofá. — E nós estamos aqui porque Ruhn me pediu para vir. Mas… eu não sei. Eu quero me sentir normal, mas então me sinto culpada por isso, e então fico irritada com todas essas pessoas que não se importam o suficiente a ponto de se sentirem culpadas, e eu acho que a pastilha para testar veneno que você sem dúvida colocou no meu uísque teve algum tipo de poção de parva nela, porque eu não sei por qual motivo estou pensando nisso agora.

Hunt bufou uma risada.

— Poção de parva?

— Você sabe do que estou falando! — Olhou com raiva. — Isso não incomoda mesmo você?

— Não. — Escrutinou a festa rolando solta em torno deles. — Eu prefiro ver as pessoas aproveitando a vida. E você não pode presumir que elas não se importam só por estarem aqui. Até onde você sabe, muitas delas perderam familiares e amigos na primavera. Às vezes as pessoas precisam de coisas assim para se sentirem vivas de novo. Para encontrar um tipo de alívio.

Palavra errada. Ele não tinha encontrado prazer algum recentemente, a não ser com a própria mão. Tentou não pensar se Bryce havia aberto a gaveta na mesa de cabeceira do lado esquerdo dela, onde guardava os brinquedos, tão frequentemente quanto ele próprio se masturbava no chuveiro.

Quatro meses até o Solstício de Inverno. Apenas quatro.

Bryce assentiu, a mente obviamente ainda na conversa atual.

— Eu acho que… Às vezes me pego aproveitando um momento e me preocupo se estou aproveitando *demais*, sabe? Como se alguma coisa pudesse acontecer e estragar tudo isso se eu me permitir me divertir ou me acostumar demais com a sensação da felicidade.

— Conheço essa sensação. — Não conseguiu impedir que seus dedos se enrolassem nas pontas do cabelo dela. — Vai levar um tempo para se adaptar.

Ainda estava se adaptando, também. Não conseguia se acostumar com viver sem um embrulho no estômago ao se perguntar que horrores o dia traria. Ser responsável por si mesmo, pelo seu futuro… Os asteri podiam tomar tudo de novo, se quisessem. Só o tinham deixado viver porque ele e Bryce eram figuras públicas para se assassinar; os asteri queriam que eles ficassem na encolha para sempre. E se não fizessem isso… Bem, Rigelus havia sido muito direto na ligação para Bryce meses antes: a Radiante Mão dos Asteri mataria todos de quem Bryce e Hunt gostavam se saíssem da linha. Então, na encolha ficariam.

Hunt estava feliz em fazer exatamente isso. Ir ao balé e àquelas festas e fingir que jamais conhecera nada diferente. Que Bryce não tinha o chifre tatuado nas costas.

Ainda assim, a cada manhã, quando vestia sua armadura preta habitual para a 33ª, ele se lembrava. Isaiah tinha pedido apoio a ele logo depois da morte de Micah, e Hunt o dera com prazer. Permanecera como comandante não oficial de Isaiah, não oficial apenas porque Hunt não queria a papelada que vinha com o verdadeiro título.

A cidade estava calma, no entanto. Concentrada em se curar. Hunt não reclamaria.

O telefone dele vibrou no bolso de trás do jeans preto e, ao pegá-lo, viu um e-mail de Isaiah à espera. Hunt o leu e congelou. O coração pareceu pesar até os pés e então subiu de novo.

— O que foi? — Bryce olhou por cima do ombro.

Hunt passou o telefone para ela com a mão surpreendentemente firme.

— Novos arcanjos foram escolhidos para os territórios de Micah e Sandriel.

Os olhos dela se arregalaram.

— Quem? São muito ruins?

Indicou para que lesse o e-mail de Isaiah, e Bryce, com aquele bastão de primalux ainda enroscado no pulso, o fez.

Pode abrir o tapete de boas-vindas, tinha escrito Isaiah como seu único comentário no e-mail encaminhado da secretaria imperial dos asteri anunciando as novas posições.

— Eles não são ruins — disse Hunt, olhando inexpressivamente para os convidados que agora se reuniam em torno de um macho feérico bebendo cerveja enquanto plantava bananeira em cima do barril em um canto. — Esse é o problema.

As sobrancelhas de Bryce se uniram conforme esquadrinhava o e-mail.

— Ephraim… ele atualmente compartilha Rodinia com Jakob. É, ele parece bem decente. Mas vai para o norte de Pangera. Quem… Ah. Quem diabos é Celestina?

Hunt franziu a testa.

— Ela ficou fora dos holofotes. Ela supervisiona Nena, população de, tipo, cinquenta habitantes. Ela tem uma legião sob seu comando. *Uma*. Nem mesmo tem triários. A legião é literalmente controlada

pelos asteri, são todos cães de vigia para a Fenda do Norte. Ela é uma testa de ferro.

— Grande promoção, então.

Hunt grunhiu.

— Tudo o que ouvi a respeito dela parece incomumente legal.

— Nenhuma chance de ser verdade?

— Quando se trata de arcanjos? Não. — Ele cruzou os braços.

Fury falou, do sofá:

— Se faz alguma diferença, Athalar, eu também não ouvi nada ruim.

Juniper perguntou:

— Então isso é promissor, certo?

Hunt balançou a cabeça. Aquela não era uma conversa para se ter em público, mas disse:

— Não consigo entender por que os asteri a designariam para *cá* quando ela só lidou com uma unidade de território pequeno até agora. Ela deve ser marionete deles.

Bryce inclinou a cabeça para o lado, olhando para ele daquele jeito severo e perspicaz… sempre fazia as bolas de Hunt latejarem. Pelos deuses, ela era linda.

— Talvez isso seja uma coisa boa, Hunt. Tantas merdas aconteceram com a gente que talvez a gente não confie quando alguma coisa realmente *é* boa. Mas talvez a gente tenha dado sorte com a indicação de Celestina.

— Estou inclinado a pensar que Urd está nos dando uma mão decente — concordou Juniper.

Fury Axtar não disse nada, seus olhos brilhando enquanto pensava. A mercenária provavelmente seria a única a entender completamente a lógica dos asteri. Não que fosse algum dia revelar os detalhes de seus negócios com eles.

— Celestina quer conhecer o que restou dos triários de Micah quando ela chegar. Aparentemente, vai haver algum tipo de reestruturação — disse Hunt, quando Bryce devolveu o telefone — O que quer que isso signifique. O release de imprensa não vai sair até amanhã de manhã. Então fiquem quietas. — As três fêmeas assentiram, embora tivesse a sensação de que Fury não cumpriria com sua palavra. A quem quer que ela respondesse, quaisquer que fossem

os clientes valiosos a quem servia, provavelmente saberia antes do alvorecer.

Bryce prendeu o cabelo ruivo atrás das orelhas pontudas.

— Quando Celestina chega?

— Amanhã à noite. — Sua garganta se fechou.

Juniper e Fury começaram uma conversa baixa, como se para dar privacidade a eles. Bryce, aproveitando a deixa, abaixou a voz.

— Você é um macho livre, Hunt. Ela não pode ordenar que você faça nada que não queira. — Os dedos quentes dela se fecharam sobre o pulso dele, o polegar roçando o *SPQM* queimado. — Você *escolheu* se realistar na 33ª. Você tem os direitos de um cidadão livre. Se não gostar dela, se não quiser servir a ela, então não precisa dar motivo para sair. Não precisa da permissão dela.

Hunt resmungou em concordância, embora continuasse ainda com a merda de um peso no peito.

— Celestina poderia tornar a vida difícil para nós.

Bryce ergueu a mão. Luz estelar irradiou, tornando a sua pele iridescente. Um babaca bêbado perto deles soltou um *oooooh*. Bryce ignorou o homem e falou:

— Eu gostaria de vê-la tentar. Sou a Superpoderosa e Especial Princesa Estrelada Mágica, lembra? — Sabia que ela estava brincando, mas a boca de Bryce se contraiu. — Vou proteger você.

— Como eu poderia esquecer, ah, Magicamente Poderosa e Superespecial… o que você falou aí.

Bryce sorriu, abaixando a mão. Estava se encontrando com Ruhn uma vez por semana para explorar sua magia, para aprender mais sobre o que havia sob suas veias, alimentado pelo poder de tantos. A magia dela apenas se manifestava como luz estelar, um dom puramente feérico. Nenhuma sombra, como Ruhn possuía, ou fogo, como o pai. A mera força de seu poder vinha de todos aqueles que tinham dado uma gota de sua magia para os Portões ao longo dos anos. Todos combinados para fazer um tipo de combustível para aumentar a potência da luz estelar dela. Algo assim. Bryce tinha tentado explicar o motivo pelo qual a magia se manifestava como um talento feérico, mas Hunt não se importava de onde vinha, contanto que a mantivesse a salvo.

A magia era uma proteção em um mundo feito para matá-la. Contra um pai que podia muito bem querer eliminar a ameaça de uma filha que o superava em poder, ainda que por uma fração.

Hunt ainda tinha dificuldade em compreender que a fêmea diante dele havia se tornado mais poderosa do que o Rei Outonal. O poder de Hunt tecnicamente ainda era maior do que o dela, e o do pai, mas com o chifre gravado nas costas, quem realmente conhecia a profundidade do poder de Bryce? Considerando a ordem de Rigelus de andarem na linha, não era como se Bryce pudesse explorar como o chifre afetava o seu poder, mas considerando o que tinha feito naquela primavera… Duvidava de que algum dia ela se sentisse tentada a fazer experimentos com a própria magia.

Pegou Axtar observando Bryce, mas a mercenária não disse nada.

Então Hunt prosseguiu, apenas alto o bastante para indicar que queria que Fury e Juniper também ouvissem:

— Não sei qual é a dessa coisa com a Celestina, mas os asteri não fazem nada pela bondade do coração deles.

— Eles precisariam ter coração para fazer isso — sussurrou Juniper com um veneno pouco característico em sua fala.

A voz de Fury ficou mais baixa.

— A guerra está piorando em Pangera. Valbara é um território chave, cheio de recursos vitais. Designar alguém que todos os relatórios alegam ser *legal* parece tolice.

Juniper ergueu as sobrancelhas. Não diante da alegação a respeito dos asteri, supôs Hunt, mas porque Fury tinha voluntariamente mencionado a guerra no outro continente. A mercenária raramente, se é que alguma vez, falava disso. Do que fizera lá. Do que vira. Hunt, tendo lutado em muitas daquelas batalhas, tinha uma boa noção de ambos.

— Talvez eles realmente queiram uma marionete — disse Juniper. — Alguém que seja uma testa de ferro, para poderem comandar todas as tropas de Valbara fora do continente sem resistência.

Fury prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. A julgar pelas aparências, Axtar era humana. Mas era definitivamente vanir, de qual raça, qual Casa, Hunt não fazia ideia. Chama e Sombra parecia a mais provável, mais do que isso, não conseguia adivinhar. A mercenária falou:

— Nem mesmo Micah teria resistido a essa ordem.

O rosto de Bryce empalideceu ao ouvir o nome do desgraçado. Hunt reprimiu a vontade de fechar uma asa ao seu redor. Não tinha contado sobre os próprios pesadelos, sobre ser forçado a assistir, sem parar, enquanto Micah torturava. E os pesadelos sobre como ela corria pelas ruas, com demônios dos poços mais escuros do Inferno a cercando. Sobre mísseis de enxofre disparando na direção dela na Praça da Cidade Velha.

— Podemos tentar adivinhar a noite toda — disse Bryce, se controlando. — Mas até você fazer aquela reunião amanhã, Hunt, não saberemos. Apenas vá com a cabeça aberta.

— Você quer dizer, não comece uma briga. — A boca dele se repuxou em um sorriso de canto. Fury deu risinhos.

Bryce colocou a mão no quadril.

— Eu quis dizer não vá para lá bancando o Babaca Assustador. Talvez tente uma vibe Babaca Receptivo.

Juniper gargalhou ao ouvir isso, Hunt também. Incapaz de se impedir de derrubar Bryce com uma asa pela segunda vez naquela noite, ele prometeu:

— Então serei um Babaca Receptivo, Quinlan.



Ruhn Danaan tinha três certezas absolutas:

1. Ele havia fumado tanta raiz-alegre que não conseguia sentir o próprio rosto. O que era uma pena, porque tinha uma fêmea sentada no rosto dele naquele exato momento.
2. Ele havia entornado uma quantidade obscena de uísque, porque não fazia ideia do nome da fêmea, ou de como eles tinham chegado ao quarto dele, ou como ele acabara com a língua entre as pernas dela.
3. Ele amava muito essa porra de vida. Pelo menos… naquele instante.

Ruhn enterrou os dedos nos flancos macios e sarapintados da criatura deliciosa que gemia acima dele, roçando seu piercing labial sobre aquele ponto que sabia que…

Isso. Ali estava. Aquele gemido de puro prazer que disparou até o pau dele, que no momento latejava atrás da braguilha do jeans preto. Ele nem mesmo tinha tirado a roupa antes de se deleitar com a doce fauna que se aproximara timidamente dele na mesa de beer-pong.

Olhou uma vez para os olhos verdes arregalados dela, para as longas pernas que terminavam naqueles lindos e pequenos cascos, e para a pele macia do pescoço, acima daqueles seios altos e empinados, e soube exatamente onde queria que sua noite terminasse.

Que bom que ela tivera a mesma ideia. Que dissera exatamente o que queria naquela voz sussurrada suave.

Ruhn roçou a língua sobre o botão tenso de seu clitóris, saboreando o sabor campestre suave em sua boca. Ela arqueou o corpo, suas coxas se contraindo, e gozou com uma série de gemidos sibilados que quase fizeram Ruhn ejacular dentro da calça.

Ruhn agarrou a bunda nua da fêmea, permitindo que cavalgasse o rosto dele a cada onda de prazer, ele mesmo gemendo ao deslizar a língua para dentro dela, fazendo com que os delicados músculos interiores da fêmea se contraíssem em torno dele.

Porra, aquilo era gostoso. *Ela* era gostosa. Mesmo sob a confusão das drogas e da bebida, estava pronto para gozar. Só precisava do consentimento saído daqueles lábios carnudos e estaria enterrado dentro dela em segundos.

Por um segundo, como uma flecha de fogo disparada pela escuridão extasiada de sua mente, se lembrou de que era, tecnicamente, prometido. E não a alguma menina feérica afetada cujos pais poderiam ficar putos com o seu comportamento, mas à Rainha das Bruxas Valbaranas. Tudo bem que não haviam feito votos de fidelidade, porra, eles mal tinham falado um com o outro durante a Cimeira e os meses seguintes, mas… será que sair trepando por aí ultrapassava algum limite?

Ruhn sabia a resposta. Suas escolhas recaíram pesadas sobre si durante meses. E talvez fosse esse o motivo de estar ali naquele momento: aquilo ultrapassava um limite, mas um limite que não teve direito de estabelecer. E, sim, ele respeitava e admirava Hypaxia Enador, era alarmantemente linda, corajosa e inteligente, mas, até que a Suma Sacerdotisa atasse as mãos deles no Templo de Luna, até que aquele anel de titânio fosse colocado no dedo dele… aproveitaria os últimos meses de liberdade.

Esperava que fossem meses, de toda forma. Hypaxia não dera ao pai nenhuma indicação de tempo.

A fauna parou, o peito ofegante, e Ruhn deixou seus pensamentos sobre sua prometida se dissiparem quando engoliu o gosto da fauna até o fundo da garganta.

— Bendita Cthona — sussurrou a fauna, colocando-se de joelhos para se retirar do rosto dele. Ruhn soltou as nádegas firmes da fêmea, encontrando o olhar dela quando olhou para ele, um rubor nas maçãs pronunciadas do rosto.

Ruhn piscou para ela, passando a língua pelo canto da boca para sentir a última gota do gozo da fauna. Pelos deuses, ela era deliciosa. A garganta dela oscilou, seu pulso estremecia como um tambor chamando-o.

Ruhn passou as mãos pelas coxas nuas, os dedos roçando o quadril e a cintura estreitos da fêmea.

— Você quer…

A porta do quarto se escancarou, e Ruhn, embaixo da fêmea, não conseguia fazer nada a não ser virar a cabeça na direção do macho em pé ali.

Aparentemente, ver o Príncipe Herdeiro dos Feéricos Valbaranos com uma fêmea montada no rosto era tão comum que Tristan Flynn nem mesmo piscou. Nem mesmo deu um risinho, embora a fauna tivesse saltado de cima de Ruhn com um grito esganiçado, escondendo-se atrás da cama.

— Desça — disse Flynn, e sua pele, normalmente marrom, estava pálida. Sumira qualquer sinal de comemoração bêbada. Mesmo os olhos castanhos estavam afiados.

— Por quê? — perguntou Ruhn, desejando ter tempo para conversar com a fêmea que rapidamente recolhia as próprias roupas do outro lado da cama antes de correr para a porta.

Mas Flynn apontou para o canto mais afastado, para a pilha de roupas sujas, e Áster apoiada contra a parede manchada ao lado.

— Traga aquilo.

* * *

Felizmente, a ereção voraz de Ruhn tinha sumido quando chegou ao topo da escada acima do corredor da entrada. A música ainda fazia o

chão da casa tremer, as pessoas ainda bebiam e se agarravam e fumavam e faziam qualquer merda que normalmente gostavam de fazer nessas festas.

Nenhum sinal de perigo, nenhum sinal de nada, exceto…

Ali. Um arrepio na nuca. Como se um vento frio tivesse corrido até o alto de sua coluna.

— O novo sistema de segurança de Dec captou algum tipo de anomalia — disse Flynn, observando a festa abaixo. Entrara em puro modo Aux. — Está fazendo todos os sensores dispararem. Algum tipo de aura. Dec falou que parecia que uma tempestade estava circundando a casa.

— Ótimo — falou Ruhn, o cabo de Áster frio contra suas costas. — E não é um babaca bêbado brincando com magia?

Flynn avaliou a multidão.

— Dec achou que não. Ele disse que, pela forma como circundava a casa, parecia que estava vigiando a área.

O amigo e colega de quarto deles tinha passado meses projetando um sistema para ser colocado em torno da casa e das ruas ao redor, um que enfim pudesse captar coisas como o demônio kristallos, rápido demais para a tecnologia anterior detectar.

— Então vamos ver se ela também gosta de ser vigiada — disse Ruhn, desejando estar um pouco menos chapado e bêbado conforme suas sombras ondularam ao seu redor. Flynn riu com deboche.

A raiz-alegre tomou conta por um momento, e Ruhn também riu ao se mover em direção à escada, mas a sua diversão acabou quando verificou os quartos de cada lado do corredor. Onde Inferno estava Bryce? Ele a vira pela última vez com Fury, Juniper e Athalar na sala, mas daquele ângulo no alto das escadas, não conseguia vê-la…

Ruhn tinha descido três degraus da escada da entrada, desviando de latas de cerveja jogadas e copos de plástico, e o sutiã com estampa de zebra de alguém, quando as portas abertas da frente escureceram.

Ou melhor, o espaço entre elas escureceu. Exatamente como havia feito quando aqueles demônios invadiram os Portões.

Ruhn olhou por um momento para o portal para o Inferno que tinha acabado de substituir sua porta da frente.

Então levou a mão à espada parcialmente afivelada a suas costas, enfrentando a própria mente anestesiada para conjurar sombras na

outra mão. Risadas e cantoria e conversa pararam, e a primalux tremeluziu. A música cessou como se alguém tivesse arrancado a tomada da parede.

Em um instante Bryce e Athalar estavam sob o arco da sala de estar, a irmã usava o chapéu de Athalar, e o anjo armado com um revólver discretamente preso na coxa. Athalar era a única pessoa que Ruhn permitiria levar um revólver a uma de suas festas. Além de Axtar, que no momento não estava à vista.

Ruhn sacou a espada ao saltar o resto dos degraus, conseguindo aterrissar graciosamente do outro lado de sua irmã, com Flynn e Dec o flanqueando. As sombras de Ruhn se enroscaram por cima do braço esquerdo dele como cobras se entremeando.

De Bryce, uma luz fraca brilhou… Não, aquele era o bastão de luz no braço dela.

Uma figura enfim saiu caminhando da escuridão à porta. Direto do Inferno. E, naquele momento, Ruhn teve três novas certezas:

1. Ele não estava olhando para um portal do Inferno, no fim das contas. Sombras rodopiavam ali em vez disso. Sombras familiares, sussurrando.
2. Não era apenas o bastão de luz enroscado no braço de Bryce que estava brilhando. A cicatriz em forma de estrela sob a camiseta dela fulgurava com luz iridescente.
3. Quando um macho feérico familiar de cabelos dourados saiu daquelas sombras para o corredor, Ruhn soube que sua noite estava prestes a piorar.



— Ah, *por favor* — sibilou Bryce para a cicatriz reluzente entre os seios. Ou o que conseguia ver da cicatriz com o colarinho da camiseta e o sutiã na frente, iluminando o tecido dos dois, e, se ela não estivesse diante do imponente macho feérico que surgira de uma nuvem de sombras, *poderia* ter usado o momento para se perguntar por que e como brilhava.

Convidados tinham parado subitamente sua comemoração. Esperavam por qualquer que fosse a merda prestes a acontecer.

E que babaca tinha desligado a música? Cachorrinhos dramáticos.

— Que porra você está fazendo aqui? — Ruhn se aproximou do estranho.

O rosto queimado de sol do macho poderia ser bonito de um jeito másculo, não fosse pela total inexpressividade ali. Os olhos castanho-claros estavam mortos. Sem humor. Seu suéter branco e fino sobre o jeans preto e o coturno diziam a Bryce que vinha de um lugar mais frio.

A multidão pareceu sentir o perigo, recuando até que apenas Hunt, Bryce, Ruhn e os amigos deste continuassem de frente para o estranho. Ela não fazia ideia de onde Fury e Juniper estavam. A primeira provavelmente estava em uma posição estratégica da sala

para se certificar de que pudesse neutralizar qualquer ameaça à sua namorada. Ótimo, ótimo.

O estranho deu um passo à frente, e Bryce se preparou, enquanto Hunt colocou-se casualmente entre ela e o macho. Bryce mal conteve o sorriso diante do gesto. O sorriso imediatamente sumiu quando o loiro falou, com um sotaque carregado:

— Eu fui convidado.

O estranho se virou para Bryce e deu um risinho, tão sem vida quanto um peixe morto.

— Não creio que já nos conhecemos. — Um aceno na direção dela, de seu peito. — Embora eu saiba quem você é, lógico. — Os olhos brilharam sobre ela. — Você tem a aparência melhor do que eu esperava. Não que eu estivesse esperando muito.

— Que *porra* você está fazendo aqui, Cormac? — disparou Ruhn, aproximando-se, embainhando Áster nas costas de novo.

O loiro, Cormac, encarou o irmão de Bryce. Farejou uma vez, então riu.

— Você está com cheiro de boceta.

Bryce quase vomitou ao pensar naquilo. Cormac prosseguiu quando Ruhn fervilhou de ódio:

— E eu já disse: fui convidado.

— Não para a porra desta casa — disse Flynn, passando para o lado de Ruhn, Declan flanqueando do outro lado. Uma unidade letal.

Cormac avaliou seus arredores.

— Você chama isso de casa? Eu não tinha percebido que seus padrões tinham caído tanto, lorde Hawthorne.

Declan grunhiu.

— Vai se foder, Cormac. — Marc, por sua vez, aproximou-se por trás dele, os dentes expostos como uma ameaça silenciosa.

Se fosse qualquer outro adversário, Bryce sabia que o grupo provavelmente o destruiria, mas esse macho era um feérico avalleno: poderoso, treinado em combate desde jovem e impiedoso.

O macho disse, como se percebesse que ela tentava decifrá-lo:

— Sou seu primo, Bryce.

Hunt, o babaca, riu com escárnio.

— Eu não tenho nenhum primo feérico — disparou Bryce. Se ao menos a maldita cicatriz dela parasse de brilhar. Se ao menos as

pessoas voltassem a festejar.

— Essa luz diz o contrário — falou Cormac, com confiança casual. — Posso ser diretamente o primo de Ruhn pelos parentes da mãe, mas seu pai, o rei Einar, é feérico, e a linhagem dele cruzou com a nossa há muito tempo. — Levantou a mão, e chamas envolveram seus dedos antes de se apagarem.

Bryce piscou. Ember jamais falara o nome do Rei Outonal, e Bryce só aprendera pelos jornais quando teve idade o bastante para usar um computador.

— Por que você está aqui? — cuspiu Ruhn.

Pelo canto do olho ela viu relâmpagos estalarem nas pontas dos dedos de Hunt. Um golpe e Hunt poderia fritar aquele desgraçado.

Ainda assim, Cormac sorriu. Os olhos mortos dele brilharam com algo que poderia ser desprezo quando se curvou debochadamente para Bryce.

— Estou aqui para conhecer minha noiva.

* * *

As palavras dispararam pela mente de Hunt tão rápido que sufocaram seu relâmpago, mas Bryce virou a cabeça para trás e gargalhou.

Ninguém mais se juntou a ela.

Quando Bryce se acalmou, deu um risinho para Cormac.

— Você é hilário.

— Não é brincadeira — disse Cormac, seu semblante se fechando. — Foi decretado.

— Por quem? — disparou Hunt.

O macho avalleno avaliou Hunt com desdém palpável. Não era alguém acostumado a ser questionado, então. Babaca mimado.

— Pelo genitor dela, o Rei Outonal, e o meu, Alto Rei dos Feéricos de Avallen. — O que fazia daquele bostinha um Príncipe Herdeiro.

Bryce disse, friamente:

— Até onde sei, eu estou fora do mercado.

Hunt cruzou os braços, tornando-se uma parede de músculos ao seu lado. Que Cormac visse exatamente com quem estaria se metendo

caso desse mais um passo em direção à Bryce. Hunt direcionou seus tendões de relâmpagos para que estalassem pelos ombros, pelas asas.

— Você é uma fêmea feérica solteira — disse Cormac, sem se afetar. — Isso significa que pertence a seus parentes machos até que decidam passar você para outro. A decisão foi tomada.

Do arco da sala, uma figura delicada e sombria surgiu. Axtar. Segurava um revólver, mas o mantinha preso à coxa. Nenhum sinal de Juniper; presumivelmente, a fauna estava se escondendo onde quer que Fury a instruiu.

Cormac olhou na direção da mercenária, e até mesmo em seu rosto inexpressivo houve hesitação.

Todos que negociavam poder em Midgard conheciam Fury Axtar. Do que era capaz, se provocada.

Ruhn apontou para a porta e grunhiu para Cormac:

— Saia da porra da minha casa. Não me importo se com as suas sombras ou com seus pés.

No entanto, Cormac olhou com raiva para Áster despontando do ombro largo de Ruhn.

— Dizem os boatos que a espada canta para a minha noiva também.

Um músculo estremeceu na mandíbula de Ruhn. Hunt não sabia o que pensar daquilo.

Bryce, no entanto, deu um passo adiante, a estrela ainda incandescente.

— Não sou sua noiva, seu babaca. E não serei, então volte para qualquer que seja o buraco de onde você saiu e diga a seus reis que encontrem outra pessoa. E diga a eles…

— Que boca suja — murmurou Cormac.

Hunt não gostou muito do tom de apreciação do macho, mas manteve o poder controlado. Mesmo um estalo de relâmpago contra Cormac poderia ser visto como uma declaração de guerra.

Os feéricos eram uns grandes bebês sensíveis. Os chiliques deles podiam durar séculos.

Bryce sorriu com meiguice para Cormac.

— Eu entendo que você queira bancar o Príncipe Emburrado, mas nunca mais me interrompa, *porra*.

Cormac se sobressaltou. Hunt escondeu o sorriso, mesmo quando seu sangue ferveu diante da irreverência de Bryce.

Bryce prosseguiu:

— Meu irmão disse a você que saísse desta casa. — Sua pele começou a brilhar. — Você não vai querer que *eu* peça.

Os pelos na nuca de Hunt se arrepiaram. Havia cegado pessoas com aquele poder, isso antes da Descida. Com toda aquela magia por trás da luz estelar dela… Ele ainda não vira como se manifestaria. Em parte, esperava descobrir naquele momento, com aquele babaca como um rato de laboratório.

Hunt olhou para Flynn, Declan e Marc, todos tensos e prontos para partir para a briga. E Ruhn…

Hunt não sabia por que a aparente satisfação de Ruhn o surpreendia. Talvez por Bryce fazer com que ele parecesse fraco na própria casa, Hunt esperava orgulho ferido do macho, mas era orgulho genuíno que brilhava do rosto de Ruhn, por Bryce. Como se o príncipe estivesse esperando que a irmã assumisse seu poder há um tempo e estivesse se sentido honrado por tê-la ao seu lado.

A atenção de Hunt disparou de volta para Cormac quando o príncipe avalleno ergueu as mãos e lentamente sorriu para Bryce. A expressão era tão morta quanto os olhos.

— Eu já vi tudo que precisava.

— De que porra você está falando? — exigiu Ruhn. Sombras ondularam de seus ombros, um contraste escuro contra a luz que emanava de Bryce.

Entretanto, sombras também espiralavam por trás de Cormac, mais escuras, mais selvagens do que as de Ruhn, como o estouro de um bando de cavalos esperando para galopar por cima de todos eles.

— Eu queria confirmar que ela tem o dom. Obrigado por demonstrar. — Colocou um pé naquelas sombras indomadas. Fez uma reverência com a cabeça para Bryce. — Vejo você no altar.

A estrela de Bryce se apagou assim que Cormac sumiu, deixando apenas brasas pairando em seu encalço.

* * *

Bryce estava vagamente ciente de que a festa terminava: pessoas saindo em fila pela porta da frente, os inúmeros olhos sobre ela conforme permanecia parada no corredor da entrada, digitando no celular.

— Tem um trem amanhã às 7 horas da manhã — anunciou Bryce a Hunt, que continuava ao lado dela. Como se com medo de que o macho avalleno reaparecesse para levá-la embora.

Não apenas qualquer macho avalleno: Príncipe Cormac. O… noivo dela.

— De jeito nenhum sua mãe vai aceitar isso — disse Hunt. — Se por algum milagre ela não ficar desconfiada por você os enfiar num trem cinco horas mais cedo, certamente Randall vai ficar.

Juniper arrastava o dedo pelo celular do outro lado de Bryce.

— Os canais sociais estão vazios agora, mas…

— Só é preciso uma pessoa — concluiu Fury de onde monitorava a frente da casa com a mesma vigilância de Hunt. — Acho que fui explícita quanto às consequências disso, no entanto.

Que os deuses a abençoassem, pois Fury tinha mesmo explicado. *Se algum de vocês postar, falar ou sequer pensar no que aconteceu aqui hoje à noite,* afirmou com autoridade tranquila para os convidados espantados, *eu vou caçar a pessoa e fazer com que se arrependa.*

Ninguém tinha dito nada, mas Bryce notou algumas pessoas apagando fotos dos celulares conforme saíam correndo.

Hunt falou:

— Tirar seus pais da cidade sem que suspeitem *nem* descubram vai ser complicado, para dizer o mínimo. — Inclinou a cabeça. — Tem certeza de que não é mais fácil contar a eles?

— E arriscar que minha mãe tenha um ataque? Que faça alguma coisa inconsequente? — E isso sem falar do que Randall poderia fazer se ele achasse que o Rei Outonal estava ameaçando a felicidade de Bryce e o controle sobre a própria vida. No que quer que sobrasse do Rei Outonal depois da mãe, Randall se certificaria de atirar uma bala. — Não vou arriscar os dois assim.

— Eles são adultos — disse Fury. — Pode confiar neles para fazer escolhas racionais.

— Você já conheceu minha mãe? — disparou Bryce. — *Racional* alguma vez já veio à sua cabeça quando pensa nela? Ela faz esculturas

de bebês em caminhas de alface, porra.

— Eu só acho — intrometeu-se Juniper — que eles vão descobrir de qualquer maneira, então talvez seja melhor se vier de você. Antes que eles ouçam de outra pessoa.

Bryce balançou a cabeça.

— Não. Eu quero estar muito, muito longe quando eles descobrirem. E colocar algumas centenas de quilômetros entre eles e o Rei Outonal também.

Hunt grunhiu em anuência, e Bryce deu a ele um aceno de agradecimento.

O som de Declan fechando a porta da frente tirou a sua atenção do anjo quando o macho feérico encostou na porta.

— Bem, minha brisa está oficialmente destruída.

Flynn se jogou nos degraus mais baixos da escada, uma garrafa de uísque na mão.

— Então é melhor começarmos a recuperá-la. — Tomou um grande gole antes de passar para Ruhn, que encostou no corrimão com os braços cruzados, os olhos azuis brilhando em um tom quase violeta. Estava calado nos últimos minutos.

Bryce não tinha ideia de por onde começar com ele. Sobre Cormac, sobre o poder que mostrara na casa do próprio Ruhn, sobre a estrela brilhando para o príncipe avalleno… tudo aquilo. Então disse:

— Suponho que aquele seja o primo do seu Ordálio.

Ruhn, Dec e Flynn assentiram seriamente. O irmão bebeu da garrafa de uísque.

— Quão perto esteve Cormac de matar você durante o Ordálio? — perguntou Hunt. Ruhn devia ter contado sobre aquilo em algum momento no verão.

— Bem perto — disse Flynn, o que lhe garantiu um olhar de raiva de Ruhn.

Mas Ruhn admitiu:

— Foi ruim. — Bryce podia jurar que ele não olhou para ela ao acrescentar: — Cormac passou a vida inteira achando que conseguiria Áster um dia. Que entraria na Caverna dos Príncipes e comprovaria que era digno. Estudara toda as lendas, aprendera toda a linhagem,

esmiuçara todos os relatos, detalhando as variações no poder. E, ah… não terminou bem quando eu conquistei a espada em vez dele.

— E agora a noiva dele também tem direito à espada — disse Flynn, e foi a vez de Bryce olhar com raiva para o lorde. Podia ter vivido sem ninguém ter mencionado aquilo de novo.

Ruhn pareceu se obrigar a olhar para Bryce quando disse:

— É verdade. — Então vira o brilho dela. — A espada é tanto sua quanto minha.

Bryce acenou com a mão.

— Eu fico com ela nos finais de semana e nos feriados, não se preocupe.

Hunt se intrometeu:

— E ela vai ganhar *dois* Solstícios de Inverno, então… o dobro de presentes.

Ruhn e os outros olharam boquiabertos para eles como se os dois tivessem dez cabeças, mas Bryce sorriu para Hunt, que lhe devolveu outro sorriso.

Ele a entendia… o humor dela, os medos, as hesitações. O que quer que fosse, Athalar a *entendia*.

— É verdade? — Juniper passou o cotovelo pelo de Bryce e se aproximou. — Sobre a legalidade de um noivado contra a vontade de Bryce?

Isso arrancou o sorriso do rosto de Hunt. E de Bryce. A mente estava acelerada, cada pensamento era tão rápido e atordoador como uma estrela cadente.

— Me diz que tem um jeito de me livrar disso, Ruhn. — Foi até o irmão e tomou a garrafa de uísque dele. Uma luz fraca brilhou às costas de Ruhn, Áster. Zumbia, um lamento, como um dedo traçando a borda de um copo.

O olhar de Ruhn encontrou o dela, questionador e cauteloso, mas Bryce deu um passo para trás. A espada parou de cantar.

Ela não vai morder, sabe.

Bryce quase se encolheu quando a voz do irmão encheu sua mente. Ele usava a conversa mental tão raramente que costumava se esquecer completamente que ele tinha o dom.

A espada é sua. Não minha. Você é um Príncipe Estrelado tanto quanto eu sou uma princesa.

Replicou, os olhos brilhando com estrelas: *Não sou o tipo de macho cujo senso de orgulho é tão frágil que preciso me agarrar a uma arma reluzente. Se você quer usá-la, é sua.*

Balançou a cabeça. *Você recuperou a lâmina, e aparentemente precisou lidar com Cormac ao fazer isso. Só esse fato dá a você o direito de ficar com ela.*

A risada de Ruhn reverberou por sua mente, cheia de diversão e alívio, mas o rosto permaneceu sério quando disse ao grupo, agora olhando para todos:

— Eu não prestei atenção na aula quando falamos de lei feérica. Desculpe.

— Bem, eu prestei — disse Marc. — E já coloquei alguns dos funcionários da minha firma para pesquisar. Qualquer caso legal ou precedente que tenha sido carregado para um banco de dados, exceto o que quer que esteja escondido nos Arquivos Asteri, conseguiremos esquadrinhar.

Declan acrescentou:

— Também vou à caça. — Mas nem mesmo Dec, com suas habilidades de hacker, conseguiria invadir os arquivos antigos dos asteri.

— Obrigada — disse Bryce, mas não permitiu que essa gota de esperança aumentasse em seu peito. — Me avise quando encontrar alguma coisa.

Ruhn começou a falar, mas Bryce parou de prestar atenção, entregando a garrafa de uísque a Juniper antes de sair para a varanda destruída da frente, desviando de copos e latas jogados. A presença de Hunt foi como uma brisa de tempestade às costas dela conforme Bryce caminhava para o pequeno trecho de gramado do jardim da frente e inspirava a agitação da Praça da Cidade Velha adiante.

— Por que você está tão calma com relação a isso? — perguntou Hunt, cruzando os braços. O vento seco e morno da noite bagunçou os seus cabelos, as asas cinzas.

— Porque isso é alguma jogada do Rei Outonal — respondeu Bryce. — Ele está antecipando que eu vou correr até a casa dele para lutar. Estou tentando entender por que isso serviria a ele. Qual é o seu objetivo.

E qual poderia ser o dela.

— Conectar as duas linhagens reais feéricas mais poderosas é um objetivo bastante nítido — grunhiu Hunt. — E você é Estrelada; além disso, você me disse que tem os dons de um dos primeiros dos Estrelados. *E* você tem o chifre. Isso faz de você uma peça de barganha poderosa para obter mais poder.

— Isso é simples demais para o Rei Outonal. As jogadas dele se prolongam durante anos, séculos. Esse noivado é o primeiro passo. Ou talvez já estejamos muitos passos à frente. — Ela só precisava encontrar uma forma de se colocar alguns passos diante *disso* sem revelar suas cartas. O noivado precisaria ficar de pé. Por enquanto.

— É um monte de merda.

Bryce esticou as costas.

— Eu estava gostando muito desse verão, sabe. Parece que o dia de hoje está determinado a estragar tudo para nós dois.

Hunt abaixou a cabeça.

— É quase de se pensar que foi planejado pelos deuses. Eles provavelmente têm uma força-tarefa especial: Como Foder com Bryce e Hunt em Um Dia.

Bryce riu.

— Celestina pode acabar sendo uma bênção. Mas… — Perguntou a Hunt: — Você acha que o Rei Outonal pode ter cronometrado essa coincidência com você ter recebido a notícia sobre Celestina?

— Com que propósito?

— Para abalar a gente. Para fazer a gente agir, sei lá. — Ousou falar: — Talvez ele tenha achado que você iria atrás dele e isso faria com que você ficasse mal na frente da nova arcanjo.

Hunt ficou imóvel, e Bryce se tornou muito ciente da distância entre os seus corpos.

— De novo — disse, com a voz áspera —, com que finalidade?

— Se você fizesse alguma coisa ilegal — refletiu Bryce, o coração começando a galopar quando se aproximou —, como…

— Matar um Príncipe Herdeiro dos feéricos?

Bryce mordeu o lábio.

— Celestina precisa dar um exemplo de como planeja governar. E punir um anjo poderoso, um anjo *famoso* fora da linha… esse seria o modo perfeito de demonstrar o seu poder. E, assim, tiraria você de cena para o Rei Outonal. Ele sabe que somos uma equipe.

— Uma equipe — disse Hunt, devagar. Como se, de tudo que tivesse explicado, *aquilo* fosse o que ele tivesse escolhido remoer.

— Você sabe o que eu quero dizer — falou Bryce.

— Não tenho certeza de que sei. — A voz dele tinha ficado mais grave?

— Somos colegas de apartamento — disse, a própria voz ficando áspera.

— Colegas de apartamento.

— Campeões de Beer-Pong Ocasionais?

Hunt pegou o chapéu da cabeça dela e o colocou de volta na própria cabeça, para trás, como sempre.

— Sim, o Rei Outonal realmente teme nossa aliança profana de beer-pong.

Bryce sorriu, deixando que o sorriso afugentasse a tristeza que espreitava na alma dela. Hunt acrescentou:

— Não podemos nos esquecer que Avallen tem o próprio ângulo. Por que eles concordariam com a união?

— Quer saber? — disse Bryce. — Quem se importa com qualquer um deles? Meu pai, os feéricos avallenos… que se fodam. — Somente com Hunt ela podia ser casual a respeito daquilo. Ele a apoiaria, não importava o que acontecesse. — Pelo menos até colocarmos meus pais naquele trem.

— Você ainda não me deu um plano convincente de como *isso* vai acontecer. Até onde sabemos, eles estão descobrindo a respeito disso pelos jornais.

— Ah, meu telefone já estaria explodindo se minha mãe tivesse ouvido. — Passou a mão no cabelo. — Talvez eu devesse pedir a Fury que entre de fininho no hotel deles e desative os celulares deles.

— É ruim eu achar que ela deveria ir um passo mais longe e amarrá-los, jogá-los na mala de um carro e levá-los para casa para que possam chegar antes de a notícia se espalhar? Porque é isso que Fury provavelmente vai fazer se você a enviar para aquele hotel.

Bryce gargalhou, e o som ecoou por si como sinos de prata.

— Tudo bem, nada de Fury. — Passou o braço em volta de Hunt, aproveitando-se da massa musculosa que era ele enquanto guiava os dois para o portão baixo e a calçada adiante. — Vamos assistir a

antigos episódios de *Pegação na Casa de Praia* e pensar em modos de enganar meus pais.

Uma das asas dele roçou pelas costas dela na mais suave carícia. Cada centímetro que a asa tocava se incendiava como primalux.

— Parece uma terça à noite normal.

Passearam até a casa, e, apesar das palavras frívolas de Bryce, se viu entrando em um estado de trevas turbulentas e pensamentos despontando como estrelas cadentes. Fora uma tola por achar que poderia ficar na encolha para sempre. Estava disposta a seguir a ordem dos asteri de levar uma vida chata e normal, mas o resto do mundo tinha planos diferentes para ela. E Hunt.

Estava levando o telefone ao ouvido para ligar para os pais com a notícia de que *Ah, que pena, mas Jesiba precisa que eu vá até o armazém dela amanhã e acho que isso pode levar a uma segunda chance de trabalhar com ela, então você se importa de pegar o trem mais cedo?* quando saíram do elevador e encontraram a porta do apartamento deles entreaberta.

Se a mãe e Randall tinham vindo inesperadamente…

Syrinx estava latindo lá dentro, e Bryce avançou para a porta, a lembrança de outra noite lançando uma cortina vermelha sobre seus sentidos. Agora, como então, o cheiro de sangue era pungente feito cobre no ar, no corredor, na ombreira da porta…

Não de novo. Não os pais dela…

Hunt a empurrou para trás quando se inclinou para a porta, a arma em punho e relâmpago enroscando-se na outra mão dele, violência estampada em cada linha estirada do corpo, as asas levantadas.

Seus olhos pretos brilharam surpresos, então abaixou a arma. Bryce viu o que havia no centro da grande sala e cambaleou em direção a Hunt sentindo alívio e choque.

Sim, os deuses tinham nitidamente formado uma força-tarefa Como Foder com Hunt e Bryce.

Do lado de dentro estava Ithan Holstrom, sangrando por todo o piso de madeira pálida.



Tharion Ketos tinha fodido tudo majestosamente.

Literalmente. A Rainha do Rio tinha ficado *possessa*.

E por isso ele estava naquele momento se esforçando para se manter em pé em um pequeno barco de pesca em um mar tão tempestuoso que fazia até mesmo seu estômago de ferro se agitar. Para cima e para baixo, para baixo e para cima, o barco oscilava na chuva e nas ondas, o vento ameaçava esfolar a pele dele até os ossos, apesar de seu suéter preto grosso e do colete tático sobreposto.

Ele deveria estar deitado sobre uma rocha no Istros no momento, preferivelmente à plena vista de qualquer fêmea que passasse pelo cais. Ele certamente gostava de encontrar fotos suas — não tão confidenciais assim — nas mídias sociais com legendas como: *Tão quente que é um milagre que ele não transforme o Istros em vapor.*

Essa tinha sido uma das preferidas. Uma pena que também tivesse feito com que parasse por ali. Punido pela Rainha do Rio porque a filha dela tinha chorado por causa da foto.

Estava acostumado com o frio, tinha explorado a fundo o quanto seus dons de sereia permitiram sem que seu crânio se rachasse como um ovo, mas aquela extensão norte do mar Haldren era diferente. Sugava a vida dos ossos, a cor cinza invadindo a alma.

Embora nadar talvez fosse muito menos enjoativo.

Tharion abaixou a cabeça para se proteger da chuva fustigante, o cabelo vermelho-escuro colado à cabeça, pingando água gelada pelo pescoço. Pelos deuses, como queria ir para casa. De volta para o calor seco e escaldante de um verão de Lunathion.

— Submergíveis ao alcance — gritou a capitã. A fêmea metamorfa golfinho estava aconchegada na segurança da sala de comando. Babaca sortuda. — Estamos começando a receber uma transmissão ao vivo.

Quase incapaz de se manter segurando o parapeito do barco escorregadio devido à chuva, Tharion se dirigiu para o vestíbulo. Só cabiam duas pessoas ali, então precisou esperar até o imediato, um metamorfo tubarão, se espremer para fora antes de entrar. O calor foi como um beijo do próprio Solas, e Tharion suspirou ao fechar a porta e observar a pequena tela ao lado do leme.

A imagem da fossa era suja: rajadas de partículas flutuantes em um mundo inteiro de escuridão. Se estivessem em um navio de batalha, Inferno, até mesmo em um iate, teriam telas imensas com nitidez cristalina. No entanto, aquele barco de pesca, capaz de escapar do radar da marinha pangerana, tinha sido a melhor aposta.

A capitã estava diante da tela, apontando com um dedo marrom para um número crescente no canto superior direito.

— Estamos nos aproximando da profundeza indicada.

Tharion afundou na cadeira giratória ancorada ao piso. Tecnicamente, era a cadeira da capitã, mas ele não se importava. Estava pagando por aquela expedição. Tudo bem, estava pagando com o seu cartão de crédito expedido pela Corte Azul, mas podia muito bem se sentar onde quisesse.

A capitã ergueu uma sobrancelha escura.

— Você sabe o que está procurando? — Ela fora altamente recomendada por alguns espiões empregados por ele, uma fêmea discreta e ousada que não fugiria ao primeiro indício de navios de batalha imperiais.

Tharion observou a tela.

— Um corpo.

A capitã assoviou.

— Você sabe que a probabilidade disso é…

— Ela foi amarrada a blocos de chumbo e largada na água por aqui. — Pela Corça.

— Se ela não estiver na Casa das Muitas Águas, está morta há muito tempo.

Sem brincadeira.

— Eu só preciso encontrá-la. — O que restava dela, depois de duas semanas no fundo do mar. Sinceramente, os ossos e o corpo tinham provavelmente explodido devido à pressão.

Sua rainha estava ciente do destino infeliz da jovem por meio do que quer que os rios e os mares tivessem sussurrado para ela. Tharion sabia que era assim que a Rainha do Rio se inteirava sobre as irmãs, que governavam outros corpos da água por Midgard, mas não tinha se dado conta do quanto a informação podia ser precisa. A rainha só dissera para procurar por blocos de chumbo, e onde procurar. E o tipo exato de vanir que Sofie era: um pássaro-trovão. Que Ogenas tivesse piedade de todos eles.

Era pela ínfima chance de o corpo vanir de Sofie ter sobrevivido ao mergulho, e de não ter sido despedaçado por necrófagos, que tinha vindo. A Rainha do Rio parecia estar sob a impressão de que Sofie era um bem valioso, mesmo morta.

A rainha tinha se recusado a dizer mais do que isso. Apenas dissera que ele deveria recuperar o corpo e trazê-lo para a Corte Azul. Presumivelmente para revistá-lo em busca de informação ou armas. Rezava para que não fosse ele a fazer isso.

— Estamos nas profundezas — anunciou a capitã, e a imagem da câmera parou. Mais partículas brancas passaram espiralando conforme a câmera girou e revelou o leito desconhecido sedimentado. — Alguma ideia de por onde começar, capitão?

Capitão. Tharion ainda achava o título ridículo, e mais do que um pouco doloroso. O caso que havia garantido a ele a promoção recente tinha sido o assassinato de sua irmã. Teria trocado o título sem hesitar se isso significasse ter Lesia de volta. Ouvir a risada escandalosa da irmã mais nova mais uma vez. Pegar e matar o assassino não tinha aliviado essa sensação.

— Com base na correnteza, ela deveria ter caído por aqui — disse Tharion, permitindo que sua magia da água fluísse até o fundo, encolhendo-se diante da crueldade do oceano. Não era nada como a

tranquilidade transparente do Istros. Tudo bem que muitos monstros moravam no Rio Azul, mas a água turquesa cantava para ele, ria com ele, chorava com ele. Haldren só urrava e se revoltava.

Tharion monitorou a imagem da câmera.

— Gire a câmera para o oeste, e mova o submergível adiante por cerca de 10 metros.

Pelo brilho dos feixes de primalux sobre o submergível remoto, mais partículas brancas carnudas passaram flutuando. Era aquilo que Micah condenara o espectro Viktoria a sofrer. O antigo arcanjo tinha enfiado a essência dela em uma caixa selada por magia enquanto o espectro permanecia totalmente consciente, apesar de não ter forma corpórea, jogando-a por fim no leito da Fossa Melinoë.

O fato de o fundo da fossa ser 24 quilômetros mais profundo do que o leito do mar diante deles lançava calafrios pelos antebraços tigrados de Tharion. O Inferno do tamanho de uma caixa de sapatos do espectro tinha sido enfeitiçado para suportar a pressão. E Viktoria, sem precisar de comida ou água, viveria para sempre. Presa. Sozinha. Sem luz, nada além de silêncio, nem mesmo o conforto da própria voz.

Um destino pior do que a morte. Com Micah agora ocupando um saco em algum lixão da cidade, será que alguém ousaria resgatar a espectro? Athalar não tinha mostrado sinais de rebelião, e Bryce Quinlan, de acordo com a última notícia que Tharion ouvira, estava contente em voltar para uma vida normal.

Inferno, depois daquela primavera todo mundo não queria voltar ao normal?

A Rainha do Rio não parecia querer. Ela o mandara à caça dos restos mortais de uma espiã rebelde. Para recuperar o cadáver De Uma Puta Importância.

Mesmo que só de estar buscando o corpo de uma espiã rebelde, a Rainha do Rio pudesse ser condenada. Pudesse condenar a todos eles.

E seria o primeiro na linha de fogo. Ainda assim, Tharion jamais ousaria desafiá-la sobre as contradições daquilo: ela o punira por ter feito a filha chorar, mas o que aconteceria se fosse morto ou ferido durante uma das punições dela? Será que a filha não choraria então?

A filha, tão caprichosa quanto a mãe, e igualmente ciumenta. Se ela era um monstro possessivo, era porque a mãe a ensinara bem.

Tinha sido um tolo por não enxergar isso antes de tirar a sua virgindade e fazer seu juramento a ela uma década antes. Antes mesmo de sequer se tornar o prometido dela. O amado da filha da Rainha do Rio. Um príncipe em treinamento.

Uma porra de pesadelo.

A julgar pelo fato de que mantivera seu emprego durante aqueles dez anos, e que tinha até mesmo sido promovido, a mãe aparentemente ainda não tinha ideia do que fazer com ele. A não ser que a filha interviesse em nome de Tharion, para mantê-lo em segurança. Somente essa noção, de que precisava permanecer nas graças dela, fizera-o ficar no cinco a um e manter o pau entre as pernas. Nadadeiras. O que fosse.

E havia aceitado as punições, por mais injustas e não merecidas e perigosas, que eram atiradas a ele.

— Não estou vendo nada. — A capitã ajustou a alavanca de controle no painel.

— Continue em movimento. Faça uma varredura completa dentro de um perímetro de 1,5 quilômetro. — Ele não voltaria para sua rainha de mãos vazias se pudesse evitar.

— Ficaremos horas aqui — replicou a capitã, franzindo a testa.

Tharion apenas se acomodou na cadeira, olhando para o imediato que se protegia contra a lateral da sala.

Sabiam em que estavam se metendo ao irem até ali. Sabiam que tipos de tempestades espreitavam aqueles mares àquela altura do ano. Se a metamorfa se cansasse de vento e chuva, ele podia saltar sob as ondas.

Mesmo que um tubarão naquelas águas fosse o menor dos horrores.

* * *

Três horas e meia depois, Tharion levantou a mão.

— Volte para a direita. Não… isso. Aí. Consegue chegar mais perto?

O submergível remoto tinha flutuado por chaminés hidrotermais ferventes, passado por lama e rocha e todo tipo de criaturas estranhas. Mas ali, aninhada entre um aglomerado de vermes tubulares vermelhos e brancos… uma rocha quadrada.

Apenas mãos humanas ou vanir poderiam tê-la feito.

— Não brinca — murmurou a capitã, debruçando-se na direção da tela, a luz iluminando seu rosto anguloso. — Isso são blocos de chumbo.

Suprimiu um calafrio. A Rainha do Rio estava certa. Em todos os detalhes.

— Dê a volta em torno deles.

Mas… Correntes pendiam do bloco no leito do mar. Estavam vazias.

A capitã observou:

— Quem quer que essas correntes tenham segurado, se foi há muito tempo. Ou a pessoa foi devorada, ou explodiu com a pressão.

Tharion se concentrou nas correntes, assentindo, mas seu olhar foi atraído por alguma coisa.

Olhou para a capitã para ver se ela havia reparado na anomalia, mas o rosto não mostrava sinais de surpresa. Então Tharion se manteve calado, deixando que trouxesse o pequeno submergível de volta para a superfície, onde o imediato o puxou para o convés.

Duas horas depois, de volta à terra firme, molhado e enlameado devido à chuva, Tharion acalmou seus dentes trêmulos por tempo o suficiente para ligar para sua rainha.

A Rainha do Rio atendeu depois do primeiro toque.

— Fale.

Acostumado com a voz grosseira, porém etérea, Tharion falou:

— Encontrei os blocos de chumbo. As correntes ainda estavam presas.

— E?

— Não tinha corpo nenhum. — Um suspiro de desapontamento. Estremeceu de novo, não totalmente devido ao frio. — Mas as algemas tinham sido abertas.

O suspiro pausou. Aprendera a ler as pausas da rainha, tão diversas quanto a vida no rio dela.

— Tem certeza disso?

Absteve-se de perguntar por que as correntes não tinham contado a ela sobre aquele detalhe vital. Talvez fossem tão caprichosas quanto a rainha. Tharion disse, em tom casual:

— Nenhum sinal de danos. Pelo menos até onde eu pude ver na porcaria de tela.

— Você acha que Sofie Renast se libertou?

— Não sei. — Tharion entrou no utilitário preto que dirigiria até o heliporto particular no norte de Pangera, e ligou o aquecedor do carro no máximo. Provavelmente seria necessário o percurso inteiro até o continente para aquecer o seu corpo congelado. — Mas eu não acho de jeito nenhum que ela chegou ao leito do mar.

Tharion dirigiu pela estrada irregular, lama jorrando, os limpadores de para-brisa balançando fracos.

Sua Rainha falou:

— Então ou alguém chegou antes de nós… ou Sofie está viva. Interessante que a água não tenha sussurrado isso. Como se tivesse sido silenciada. — Tharion teve a sensação de que sabia para onde aquilo estava indo. — Encontre-a — ordenou a rainha. — Eu apostaria minha corte que ela está procurando o irmão. Fez um grande esforço para libertá-lo de Kavalla. O mar sussurrou que ele tem o mesmo dom. Encontre-o, e nós a encontraremos. E vice-versa. Mas mesmo que só encontremos o menino… ele será de fato valioso.

Tharion não ousou perguntar por que ela queria qualquer um deles. Podia inventar motivos para querer a rebelde, mas o menino… Emile Renast tinha o dom da própria irmã, e só isso. Poderoso, mas ainda assim um menino. Nem mesmo tinha feito a Descida. E, até onde Tharion sabia, sua Rainha não tinha o hábito de usar crianças-soldado. Tharion, contudo, não pôde dizer nada a não ser:

— Vou começar a busca imediatamente.



Bryce revirou o armário sob a pia. Frascos de produtos para cabelo, velhos estojos de maquiagem, secadores pifados voando para fora e espalhados atrás dela. Onde estava, *porra*…

Ali. Bryce puxou o kit de primeiros socorros branco, Syrinx fazendo uma dancinha ao seu lado. Como se a quimera de pelos dourados tivesse o encontrado sozinha. Bichinho abusado.

Colocando-se de pé ao abrir a tampa, vasculhou entre a pomada antisséptica, ataduras e o frasco de poção anestésica. Franziu o rosto para Syrinx.

— Essas coisas não estragam nunca, né?

Syrinx franziu o focinho, bufando como se para dizer *Sei lá!*

Bryce coçou sob a mandíbula dele e voltou para a sala para encontrar Hunt agachado ao lado de Ithan, o qual tinham deitado na mesa de centro. O rosto de Ithan… Solas Flamejante.

Bem, ele estava acordado. E falando. Esperava que não tivesse ouvido os dois discutindo sobre onde colocar sua forma semiconsciente um momento antes. Hunt quisera dispor Ithan no sofá, e Bryce mal evitara dar um chilique sobre estragar as almofadas brancas. Restou a mesa de centro.

Hunt e Ithan estavam murmurando baixo demais para Bryce entender, e pararam quando ela se aproximou. Embora não conseguisse detectar nenhum sinal externo, os relâmpagos de Hunt pareciam estalar no ar a sua volta. Ou talvez fosse a presença de Hunt, mais uma vez fazendo coisas engraçadas com os seus sentidos. Bryce levantou o kit de primeiros socorros.

— Encontrei.

Ithan grunhiu.

— … Não é tão ruim quanto parece…

— Sua boca literalmente começou a sangrar de novo quando você falou isso — disse Bryce, largando o kit na mesa ao lado de Ithan antes de pescar os lenços estéreis dentro dele. Ela não o vira desde o ataque na primavera anterior. Sequer tinha falado com ele.

Bryce balançou a mão sobre o rosto roxo e inchado que não tinha qualquer semelhança com as belas e charmosas feições que um dia conhecera tão bem.

— Eu nem mesmo sei por onde começar com essa… bagunça. — Não estava falando apenas do rosto dele.

— Somos dois — resmungou Ithan, e sibilou quando Bryce limpou um corte em sua testa. Afastando a própria cabeça do alcance dela. — Eu vou me curar. Esse aí já está menor.

— Eu diria que garras fizeram isso — disse Hunt, de braços cruzados. Syrinx saltou no sofá seccional, girou em círculo três vezes, então se enroscou em uma bola.

Ithan não disse nada. Bryce esticou a mão para a ferida de novo, mas ele puxou a cabeça mais para trás, encolhendo-se de dor.

— Porra, por que você está aqui, Ithan? — A voz de Hunt soou como cascalho.

Os olhos castanhos de Ithan, um parcialmente inchado, encontraram os de Bryce. Ira brilhava neles.

— Eu não disse a eles para me trazerem aqui. Perry… a ômega da minha matilha… Ela armou isso.

Uma lembrança confusa de uma fêmea de cabelos castanhos surgiu. Perry… Ravenscroft. Irmã mais nova de Amelie.

— *Ela* fez isso com você?

Ithan bufou uma risada áspera, então estremeceu. Suas costelas deviam estar…

Bryce levantou a camiseta cinza ensanguentada de Ithan, revelando músculos abdominais repugnantemente definidos e…

— Puta merda, Ithan.

Puxou a camisa de volta sobre o grande hematoma.

— Está tudo bem.

— Isso parecem ser costelas quebradas — disse Hunt, sarcasticamente.

— Definitivamente costelas quebradas, Athalar — respondeu Bryce, sentando-se sobre os calcanhares. — E um braço quebrado, pela forma como ele o está segurando.

— A fratura no crânio está cicatrizada — observou Hunt, com igual distância, como se fossem um dos seus procedimentos criminais dos vanir preferidos. Os olhos de Ithan brilharam de novo.

— Estou sentindo hostilidade e uma boa dose de orgulho masculino — disse Bryce.

— Jogue também uma teimosia e eu diria que temos um clássico caso de estupidez — respondeu Hunt.

— Qual é a *porra* do problema de vocês dois? — indagou Ithan.

Bryce sorriu para Hunt, todos os pensamentos sobre o noivado, o pai e os asteri sumiram diante dos olhos do anjo, mas parou de sorrir quando encarou Ithan de novo.

— Eu prometo limpar você o mais rápido possível, e você pode ir embora — disse.

— Não tem pressa. Não é como se eu tivesse para onde ir.

Hunt parou.

— Amelie expulsou você?

— Sabine me expulsou — grunhiu Ithan. — Ela, Amelie e os outros fizeram… isso.

— Por quê? — conseguiu dizer Bryce.

Ithan encontrou o olhar dela.

— Por que você acha? — Bryce balançou a cabeça, asco tomando conta. Ithan falou: — Você sabe como Sabine opera. Algum repórter me encurralou em um bar algumas semanas antes querendo saber sobre o ataque na primavera passada, e eu falei sobre… o que aconteceu. Como eu ajudei você. O artigo saiu esta manhã. Sabine aparentemente não gostou.

— Ah… — Hunt ergueu uma sobrancelha.

A garganta roxa de Ithan oscilou.

— Talvez eu também tenha defendido você — disse a Bryce. — De uma citação nojenta de Sabine.

Bryce resistiu à vontade de pegar o celular para procurar o artigo. Nada ali a faria se sentir melhor a respeito daquilo. Então disse:

— Sabine é uma Mestre da Cidade. É nisso mesmo que ela quer desperdiçar o tempo?

— Lobos não falam merda sobre outros lobos.

— Mas você falou — replicou Hunt.

— E Sabine também. — disse, triste, cansado, para Bryce: — A Prima chamou você de lobo. Isso basta para mim. Eu, ah… Não caiu bem o que Sabine falou. Mas acho que o artigo não caiu bem para ela também. Então eu estou fora.

Bryce exalou um longo fôlego.

— Por que trazer você aqui? — perguntou Hunt.

Ithan fez uma careta de dor.

— Perry se lembrou que nós éramos amigos, há muito tempo. — Tentou, sem sucesso, se levantar. — Mas me deem alguns minutos e eu vou embora.

— Você vai ficar aqui — disse Bryce. Sinceramente, depois da noite que tivera, deixá-lo partir era a última coisa que queria. Principalmente quando ainda precisava ligar para a mãe e convencê-la a sair da cidade com Randall. Pelos deuses, se Ember descobrisse que Ithan estava ali, jamais iria embora. Ela o amava como um filho. Bryce afastou o pensamento. — Você tem sorte de Sabine não ter matado você.

— Confie em mim, ela queria — disse Ithan, amargamente. — Mas eu não valia a dor de cabeça jurídica que isso causaria.

Bryce engoliu em seco. O irmão mais novo de Connor tinha sido o melhor amigo dela, depois de Danika. Fury e June tinham vindo depois daquilo. Pelos deuses, quantas mensagens Ithan e ela haviam trocado ao longo dos anos? Quantas piadas infantis tinham compartilhado? Quantas vezes havia vibrado na arquibancada em um dos jogos de solebol dele, torcendo a plenos pulmões?

O macho diante dela era um estranho.

— Eu deveria ir embora — disse Ithan, com a voz embargada. Como se tivesse se lembrado da história deles também. Como se

tivesse lido no rosto de Bryce.

— Sente aí, porra — disse Hunt. — Você não consegue nem andar.

— Tudo bem — obedeceu Ithan. — Uma noite.

Devia estar desesperado, então.

Contendo o aperto no peito, Bryce pegou o celular.

— Bom. — Reparou na hora. Quase meia-noite. Os pais deviam estar prestes a se deitar. — Preciso fazer uma ligação.

* * *

Hunt fez uma xícara de descafeinado só para se ocupar com alguma coisa enquanto Ithan se deitava ainda sangrando na mesa de centro às suas costas. A voz de Bryce entrava entrecortada pelo corredor conforme falava com os pais.

Vamos planejar um longo fim de semana da próxima vez. Talvez Hunt e eu possamos ir até vocês. Acho que ele adoraria finalmente ver Nidaros.

Os lábios de Hunt se repuxaram em um sorriso. Levá-lo para a casa dos pais, hein? Não importava que estivesse mentindo descaradamente.

A máquina terminou de preparar o café um segundo antes de Bryce dizer:

— Tudo bem. Vou me encontrar com vocês aí no hotel às 6 horas. Sim. Cedinho. Tudo bem. Amo vocês. Tchau.

Hunt soprou o café fumegante conforme Bryce caminhava de volta pelo corredor.

— Tudo bem? — perguntou a ela.

— Exceto pelo fato de que eu preciso estar acordada em algumas horas, óbvio. — Bryce deslizou o celular para a bancada da cozinha. — Passagens trocadas. — Olhou para Ithan, cujos olhos estavam fechados, mas Hunt não tinha dúvida de que o lobo estava ouvindo.

— Certo — disse Bryce. — Camas.

— Estou bem no sofá — gemeu Ithan.

Hunt estava inclinado a concordar, mas Bryce falou:

— Ah, não. Você vai pro meu quarto. Não quero você sangrando no meu sofá branco todinho.

Hunt falou, grosseiramente:

— Eu durmo no sofá. Holstrom, pode ficar com meu quarto.

— Não — replicou Bryce. — Está tudo bem. Minha cama é grande.

Hunt disparou de volta:

— Então *você* dorme no sofá e dá a cama a Holstrom.

— Com meus problemas de coluna? — Antes que Hunt pudesse perguntar de que Inferno ela estava falando, Bryce falou: — Estou cansada e não quero discutir. Fim de papo.

Ithan entreabriu um olho. Hunt conteve um grunhido de frustração.

Quinze minutos depois, Hunt estava deitado na própria cama, os dentes trincados enquanto encarava o teto, com apenas um Syrinx roncando como companhia.

Estava tudo bem. Tudo muito bem que a porra do Ithan Holstrom estivesse dividindo a cama com Bryce.

Tudo. Muito. Bem. Porra.

A cama dele, o sangue de Hunt ferveu. Mesmo que não tivesse chegado perto dela há meses. A cama dele, a Bryce *dele*, que saiu do banheiro com um short de dormir e uma camiseta desbotada e puída que não ajudava em nada a esconder a sombra dos mamilos por trás do tecido roxo. Ainda bem que os olhos de Holstrom estavam inchados demais para que Hunt se desse ao trabalho de checar se o macho estava olhando. Não que importasse muito. Confiava em Bryce. Sabia exatamente o que e quem ela queria.

Mas… não importava que Holstrom tivesse saído em defesa de Bryce durante o ataque, ou em algum artigo idiota. Tinha sido um babaca cruel com ela nos dois anos antes disso. E havia deixado Amelie sair do controle, atormentando Bryce devido à morte do irmão dele.

E tudo bem, deixando de lado a confiança, talvez estivesse um pouco no limite. Holstrom era bonito, quando não tinha sido espancado até quase chegar ao Inferno. Fora uma estrela do solebol na UCLC. Hunt se lembrava de assistir a alguns dos jogos no saguão da 33ª no Comitium, maravilhado com a velocidade e a destreza de Holstrom. O macho não jogava há dois anos, mas ainda tinha o porte.

Idiota burro e ciumento. Porra, ter Holstrom ali o incomodava mais do que aquele babaca do Cormac alegando que se casaria com Quinlan.

Odiou-se só um pouquinho ao tirar o celular da mesa de cabeceira e digitar *Ithan Holstrom Sabine Fendyr Bryce Quinlan.*

O artigo surgiu imediatamente.

Hunt o esquadrinhou. Leu o que Sabine tinha dito e se concentrou em sua respiração. Em não saltar para o céu e dilacerar a Prima Presumível em pedaços.

— *Bryce Quinlan não passa de uma baladeira mimada que estava convenientemente no lugar certo durante o ataque. Meus lobos salvaram inocentes. Ela é uma caçadora de fama patética.*

Hunt trincou os dentes com tanta força que sua mandíbula doeu. No final, encontrou a citação incendiária de Holstrom.

— *Os lobos só foram até os Prados de Asphodel por causa de Bryce. Ela recebeu o chamado para ajudar, e segurou a linha até que pudéssemos dar apoio. Ela salvou aquela cidade. Ela é uma heroína, até onde eu sei. Não deixem ninguém convencer você do contrário. Principalmente pessoas que não estavam nem na cidade durante o ataque.*

Bem, Hunt não culpava Sabine por ter ficado puta. A verdade doía.

Hunt suspirou e estava prestes a colocar o telefone de volta na mesa de cabeceira quando vibrou com uma mensagem de Isaiah. *Alguma ideia?*

Sabia que Isaiah estava perguntando sobre a nomeação de Celestina. *Cedo demais para dizer*, escreveu de volta. *Cedo demais para ter esperanças também.*

Isaiah respondeu imediatamente. *Ela vai estar aqui amanhã no fim do dia, às 17 horas. Tente ser bonzinho, Hunt. Ela não é Micah.*

Hunt respondeu com o emoji de um polegar para cima. Mas o sono ainda demoraria para vir.

* * *

Bryce olhava para o teto do quarto, ouvindo a respiração úmida e difícil do macho ao lado dela.

A mãe e o pai tinham engolido as mentiras, sem nem questionar. É óbvio que isso queria dizer que acordaria em quatro horas, mas era um preço que valia a pena pagar. Nenhuma notícia sobre o noivado

tinha vazado ainda. Só podia rezar para que não vazasse até que o trem saísse da cidade.

Ithan se moveu levemente, o som dos cobertores alto no silêncio. Era estranho tê-lo ali, o cheiro dele enchendo o seu nariz. Tão parecido com o cheiro de Connor…

— Eu podia ter dormido no sofá — disse Ithan, para a escuridão.

— Eu não confio em Athalar para não sufocar você com um travesseiro.

Ithan bufou uma gargalhada.

— Ele guarda rancor, é?

— Você não tem ideia.

Silêncio recaiu, carregado e pesado. Quisera Ithan exatamente onde pudesse vê-lo. Era simples assim. Com ou sem proteções naquele lugar, não estava disposta a deixá-lo sem vigia quando Sabine e Amelie poderiam mudar de ideia quanto à burocracia dar trabalho demais. Já havia perdido um Holstrom.

— Danika me deixou entrar — disse Ithan. — Logo antes… de tudo. Ela me mostrou este lugar, queria que eu participasse da surpresa. Foi assim que eu entrei.

A garganta de Bryce se fechou.

— Ah.

— É verdade que Danika ajudou você a fazer a Descida?

Como a voz dela tinha sido projetada pelos Portões em todas as partes da cidade, era de conhecimento geral que Danika Fendyr tivera algo a ver com a Descida de Bryce, mas boatos sobre o que ou como, exatamente, corriam soltos.

— É — disse Bryce. — Ela, ah… Ela foi minha Âncora.

— Eu não sabia que isso era possível.

— Nem eu.

O fôlego dele falhou. Bryce disse:

— Eu… Ithan, quando eu vi Danika durante a Busca, ela me disse que os outros, Connor e Nathalie e toda a Matilha dos Demônios, seguraram os ceifadores para ganhar tempo para ela estar lá comigo. Eles também me salvaram. Connor me salvou.

Ithan não disse nada por um longo momento. Quando tinha sido a última vez que tinham conversado assim? Calmos, tranquilos. Sem

ódio jorrando como ácido, queimando tudo que tocava? Então Ithan falou:

— Ele amava você mais do que qualquer pessoa.

O coração se apertou.

— Ele amava *você* mais do que qualquer pessoa.

— Ele achava que você era a companheira dele.

Bryce fechou os olhos contra o soco que atingiu seu estômago.

— No sentido lobo da palavra?

— Que outro sentido existe? É, no sentido lobo.

Havia várias definições do termo *companheiro*, embora Bryce achasse que para Ithan, para um metamorfo, apenas uma importasse: o verdadeiro amante de uma pessoa, predestinado por Urd.

Os feéricos tinham um conceito parecido, um companheiro era um elo mais profundo do que o casamento, e além do controle de um indivíduo. Os anjos, ela sabia, usavam o termo muito mais casualmente: para os malakim, era semelhante a um casamento, e parcerias assim podiam ser arranjadas. Como animais procriando em um zoológico.

Mas para Connor, se ele achava que Bryce era a sua companheira… O estômago se revirou de novo.

— Você o amava? — sussurrou Ithan.

— Você sabe que sim — disse Bryce, a voz embargada.

— Nós desperdiçamos tanto tempo. Talvez seja nossa maldição como imortais. Ver o tempo como um luxo, um oceano infinito. — Expirou demoradamente. — Eu o desperdicei muito.

Bryce não conseguia entender a que ele se referia.

— Muito poético da sua parte. — Ithan soltou uma risada baixa. No escuro sob o ar-condicionado, Bryce perguntou: — Por que você abandonou o solebol?

Sentiu Ithan ficar tenso, o colchão se movendo.

— Porque é um jogo tolo — disse, a voz sem emoção, e se virou de lado com um grunhido.

Bryce não tinha ideia de como responder. Então fechou os olhos, acariciando distraidamente a cicatriz no peito, e rezou para que Luna a mandasse para um sono pesado, sem sonhos.



— Isso é uma piada. — Ruhn caminhava de um lado para outro dos tapetes ornamentais do escritório do pai enquanto o relógio de pêndulo soava as 2 horas da manhã. — Você *sabe* que é uma piada.

Deitado em uma poltrona de couro carmesim ao lado da lareira apagada, o Rei Outonal não dizia nada. Os experimentos e as besteiras nos quais trabalhava dia e noite ferviam e borbulhavam, um zumbido constante no fundo.

— Qual é o problema, primo? Sentindo-se possessivo em relação à sua irmã? — debochou Cormac de onde estava encostado contra a cornija de mármore preto, o suéter branco repuxado sobre o peito musculoso. Nem um fio de cabelo dourado da cabeça fora do lugar.

Babaca.

Ruhn ignorou a provocação de Cormac e disse ao pai:

— Nós vivemos em uma cidade moderna. Em tempos modernos. Há dezenas de advogados com recursos inesgotáveis para refutar isso, e tribunais que podem estar dispostos a estabelecer um novo precedente que protege os direitos das fêmeas feéricas.

— Bryce vai chegar voluntariamente ao altar do casamento — disse o pai. — Assim como você.

A boca de Cormac se repuxou em um sorriso.

— Eu soube que você está noivo de Hypaxia Enador. Parabéns. — Ruhn olhou com raiva para ele. Cormac prosseguiu, avaliando Ruhn: — É óbvio que o casamento não é ortodoxo, considerando a família e a linhagem de sua noiva.

Ruhn enrijeceu.

— Se você quer bostejar alguma coisa sobre Hypaxia, então vamos ouvir.

Mas Cormac disse ao Rei Outonal:

— Ele não sabe?

O pai, maldito fosse, pareceu entediado ao dizer:

— Não pareceu necessário. Minha ordem é a lei.

Ruhn olhou de um para outro.

— O que é?

O pai, as feições contraídas com nojo, como se desapontado por Ruhn não ter descoberto por conta própria, falou:

— A falecida rainha Hecuba teve duas filhas, de progenitores diferentes. O progenitor de Hypaxia, pelo que o coven dela descobriu depois, foi um poderoso necromante da Casa de Chama e Sombra. Hypaxia parece ter herdado os dons dele, além dos da mãe.

Ruhn piscou. Lentamente. Hypaxia podia ressuscitar e falar com os mortos. Tudo bem. Podia conviver com isso.

— Legal.

Chamas dançaram pelo cabelo do pai, os fios oscilando em seus ombros.

— A irmã mais velha dela, no entanto, foi gerada por um macho metamorfo. Um cervo.

— E?

Cormac riu com escárnio.

— A meia-irmã de Hypaxia é mais conhecida como a Corça. — Ruhn olhou boquiaberto. Como ele não sabia disso? — Ela não herdou nenhum dom de bruxa — prosseguiu Cormac —, e foi entregue à família do pai. A coroa naturalmente foi para Hypaxia. Mas parece que desde que sua noiva foi coroada rainha, a questão da necromancia dela se tornou… um problema para as bruxas.

— Não é relevante para esta conversa — disse o Rei Outonal. — Ruhn vai se casar com ela, com ou sem necromancia, com ou sem irmã detestável.

— Meu pai achou a ascendência de Hypaxia problemática — disse Cormac.

— Que bom que seu pai não vai se casar com ela — replicou o Rei Outonal.

Cormac fechou a boca, e Ruhn conteve seu sorriso de satisfação.

O pai prosseguiu:

— Ruhn vai se casar com Hypaxia e Bryce Quinlan vai se casar com você, Príncipe Cormac. Não haverá mais debate.

— Você se lembra que Bryce e Athalar estão juntos? — disse Ruhn. — Tente se colocar entre eles e vai receber um curso de atualização sobre por que era chamado de Umbra Mortis.

— De acordo com as últimas notícias de meus espiões, ela ainda não carrega o cheiro dele. Então eu só posso presumir que eles não consumaram seu relacionamento.

Só falar sobre aquilo com o próprio pai era nojento.

Cormac interrompeu:

— Um dia ela vai ser Rainha de Avallen. Ela seria uma tola de desperdiçar isso em um anjo bastardo.

Ruhn disparou:

— Vocês precisam de Bryce mais do que ela precisa de qualquer um de vocês. Ela é Estrelada.

O Rei Outonal exibiu os dentes.

— Se Bryce quisesse permanecer livre de nossa casa, então ela não deveria ter sido tão chamativa ao exibir seu poder.

— É esse o problema? — Fogo queimou nas veias de Ruhn. — Que ela *ofuscou você*? Que ela tem mais poder do que você? O que… você precisa colocá-la de volta no lugar?

— Você está delirante. — O sorriso de Cormac prometia violência. — Estou me rebaixando para me casar com sua irmã. Muitos entre meu povo considerarão a união uma desgraça.

— Cuidado — avisou o Rei Outonal, verdadeiro ódio brilhando nos olhos da cor de uísque. — Independentemente da linhagem humana dela, Bryce é herdeira da linhagem Estrelada. Mais ainda do que meu filho. — Lançou uma careta cheia de desdém para Ruhn. — Não vemos luz estelar com tanta força em milhares de anos. Eu não encaro como frivolidade a entrega dela a Avallen.

— Que porra você vai conseguir com isso? — O estômago de Ruhn foi tomado por uma náusea.

O pai respondeu:

— Sua irmã tem um valor para mim: o potencial de procriação dela. Ambas as nossas casas reais se beneficiarão da união.

Cormac acrescentou:

— E do compromisso prolongado à aliança entre nossos povos.

— Contra o quê? — Será que todo mundo tinha perdido a cabeça?

— Um enfraquecimento da magia na linhagem real — disse Cormac. — Como gerações recentes demonstraram. — Acenou com a mão envolta em chamas para Ruhn e suas sombras.

— Vai se foder — ralhou Ruhn. — Isso é por causa da guerra em Pangera? Da rebelião? — Ouvira boatos recentemente de que a Ophion tinha derrubado quatro submergíveis ômega no norte. *Quatro*. Alguma merda mirabolante devia estar acontecendo por lá. O pai até mesmo indicara no fim da primavera, ao anunciar o noivado de Ruhn, que aquela guerra estava chegando, e precisavam reunir aliados.

— Isso é para garantir que nós feéricos mantenhamos nosso poder e direito de nascença — disse o Rei Outonal. A voz gélida dele sempre traía a chama impiedosa em seu sangue. — Sua irmã pode passar isso para os filhos dela com Cormac.

Cormac grunhiu em concordância, suas chamas se apagando.

Ruhn tentou de novo.

— Porra, deixe Bryce fora disso. Não temos outros membros da realeza que podemos unir para cuspirem alguns bebês?

— Eu não me lembrava de você reclamar tanto, Ruhn — disse Cormac.

— Antes ou depois de você tentar me matar? Ou quando você enfiou uma espada na barriga de Dec?

Os olhos de Cormac brilharam como carvão em brasa.

— Só queria testar vocês. — Afastou-se da cornija e caminhou até as portas fechadas. — Você sabe — disse Cormac, arrastado, por cima do ombro —, os Estrelados costumavam se casar entre si. Irmão se casava com irmã, tia se casava com sobrinho, e assim por diante. Tudo para manter a linhagem pura. Como você parece tão intensamente

investido em quem compartilha a cama de Bryce, talvez as antigas tradições possam voltar para vocês dois.

— Saia daqui, Inferno — grunhiu Ruhn. As sombras se contorceram nas pontas dos dedos, como chicotes prontos para estalar na direção do pescoço do príncipe de Avallen.

— Você pode se rebelar o quanto quiser, Ruhn Danaan, mas é um Príncipe Herdeiro, assim como eu. Nossos destinos são os mesmos. Mas eu sei qual de nós vai aceitar o seu.

Então se foi.

Nossos destinos são os mesmos. Cormac quis dizer que os dois seriam reis, mas Ruhn sabia que seu destino era mais complicado do que isso.

A linhagem real vai acabar com você, príncipe. A voz do Oráculo flutuou pela sua mente, revirando suas entranhas. Podia muito bem não viver o bastante para se ver coroado. Seu sangue gelou. Seria porque Cormac lideraria algum tipo de golpe?

Afastou esse pensamento, virando-se para o pai:

— Por que você está fazendo isso?

— O fato de que você precisa perguntar demonstra que você não é um verdadeiro filho meu.

As palavras o perfuraram. Nada podia doer mais do que o que já tinha sido feito a ele por aquele macho, as cicatrizes que levava nos braços por causa daquilo, a maioria coberta pelas tatuagens. Mas as palavras… é, elas doíam.

Ruhn se recusava a deixar o velho desgraçado ver aquilo, no entanto. Jamais deixaria que ele visse.

— E suponho que você ache que Cormac vai se tornar esse verdadeiro filho ao se casar com Bryce.

Os lábios do Rei Outonal despontaram uma sorriso, os olhos tão sem vida quanto o Fosso.

— Cormac sempre foi o filho que eu deveria ter tido. Em vez de aquele que recebi como fardo.



8

— **H**oje é o grande dia, hein?

Hunt se virou de onde estava encarando a máquina de café, desejando que o moer dos grãos abafasse os pensamentos que rugiam em sua mente. Bryce estava encostada na bancada de mármore branco às suas costas, usando leggings e uma camiseta velha.

Hunt fechou as asas cinza e cumprimentou.

— Babaca Acessível se apresentando para o serviço. — Os lábios dela se curvaram para cima, mas perguntou: — Como foi com seus pais? — Havia ido encontrá-los muito antes de Hunt acordar.

— Perfeitamente. — Fingiu limpar sujeira dos ombros. — Nem um sussurro sobre o noivado. Acho que Randall suspeitava de *alguma coisa*, mas estava disposto a entrar na história.

— Cinco marcos de ouros que sua mãe liga antes do meio-dia para começar a gritar.

O sorriso estava mais luminoso do que o sol da manhã entrando pelas janelas.

— Aposta aceita. — Inclinou a cabeça, observando o uniforme diurno que ele usava: o habitual traje de batalha para a 33ª. — Você deveria ver as decorações que subiram da noite para o dia; aparentemente, a cidade está estendendo o tapete de boas-vindas, e

não está poupando despesas. Faixas, flores, ruas brilhando de tão limpas, mesmo na Praça da Cidade Velha. Nem uma gota de vômito de idiota bêbado à vista ou ao alcance do olfato.

— A nomeação de uma nova governadora é algo importante — disse, perguntando-se aonde ela pretendia chegar com aquilo.

— É. — Então Bryce perguntou, casualmente: — Quer que eu vá com você hoje?

E ali estava. Alguma coisa em seu peito se acendeu com a oferta.

— Não precisa segurar minha mão, Quinlan. Mas obrigado.

Os olhos de Bryce brilharam, pura predadora feérica espreitando ali.

— Lembre-se do que a gente fez com os dois últimos arcanjos, Hunt — disse, baixinho. Isso era novo, o poder puro que ecoava sob as palavras dela. — Se Celestina fizer alguma merda, a gente reage de acordo.

— Com sede de sangue, Quinlan?

Ela não sorriu.

— Você pode ir até lá sem mim hoje, mas eu estou a um telefonema de distância.

Hunt sentiu o coração apertado. Ela faria aquilo, daria apoio a ele contra a porra de uma arcanjo, que Solas o queimasse.

— Registrado — respondeu, com a voz embargada. Assentiu na direção do corredor. — Como está o nosso convidado?

— Ele parece muito melhor esta manhã, embora as costelas quebradas ainda precisem de alguns reparos. Ele ainda estava dormindo quando eu parti.

— Qual é o plano? — Hunt manteve a voz neutra. Tinha dormido terrivelmente na noite anterior, todo som o sobressaltava do sono. Bryce, é óbvio, estava linda como sempre.

— Ithan pode ficar o tempo que quiser — disse Bryce, simplesmente. — Não vou entregá-lo a Sabine.

— Bom saber — disse Ithan, de trás dela, e até mesmo Hunt se espantou.

O macho tinha espreitado com silêncio sobrenatural. Ele *parecia* melhor mesmo. Sangue ainda encrustava o seu cabelo castanho curto, mas o inchaço em torno dos olhos tinha sumido, deixando apenas algumas manchas roxas. A maioria dos cortes estava curada, exceto

pelo corte espesso sobre a sua testa. Aquele levaria mais um ou dois dias. Ithan apontou para além de Hunt.

— Isso é café?

Hunt se ocupou em servir xícaras, passando uma para Quinlan primeiro.

— Uma gota de café em uma xícara de leite, como você gosta.

— Babaca. — Pegou a xícara. — Não sei como você toma puro.

— Porque sou adulto. — Hunt passou a segunda xícara para Ithan, cujas grandes mãos engoliram a xícara de cerâmica branca que dizia *Eu sobrevivi à semana de veteranos da Turma de 15032 e só ganhei essa xícara idiota!*

Ithan olhou para ela, sua boca se contraindo.

— Eu me lembro dessa xícara.

Hunt se calou quando Bryce soltou uma risada rouca.

— Eu fico surpresa por você lembrar, considerando o quanto estava bêbado. Embora fosse um doce bebê calouro.

Ithan riu, um indício do belo e arrogante macho do qual Hunt ouvira falar.

— Você e Danika me obrigaram a beber cerveja de cabeça para baixo sobre o barril às 10 da manhã. Como eu deveria permanecer sóbrio? — O lobo bebeu o café. — Minha última lembrança daquele dia é você e Danika desmaiadas de bêbadas em um sofá que tinham arrastado para o meio do pátio quadrangular.

— E por que essa é sua última lembrança? — perguntou Bryce, com o tom suave.

— Porque eu apaguei do seu lado — disse Ithan, sorrindo enfim.

Bryce sorriu, e, porra, aquilo mexia com o coração de Hunt. Um sorriso de dor e alegria e perda e desejo… e esperança. Pigarreou, olhando para o relógio.

— Eu preciso entrar no banho. Vou me atrasar para o trabalho. — Com um balanço de quadris, saiu caminhando pelo corredor.

Syrinx roçou a panturrilha de Hunt, fazendo-o ralhar.

— De jeito nenhum. Você já tomou um café da manhã. — Provavelmente dois, se Bryce o alimentara antes de ir se encontrar com os pais. Syrinx se deitou ao lado da sua tigela de aço e soltou um lamento. Hunt tentou ignorá-lo.

Viu Ithan observando com atenção.

— O quê? — disse Hunt, sem se incomodar em parecer agradável.

Ithan apenas bebericou o café de novo.

— Nada.

Hunt tomou uma golada do café. Olhou pelo corredor para se certificar de que Bryce estava mesmo no próprio quarto. A voz baixou até um grunhido baixo.

— Deixa eu repetir o que eu disse ontem à noite. Se trouxer problemas para cá, para Bryce, vou abrir suas tripas.

A boca de Ithan se repuxou para cima.

— Estou tremendo, Athalar.

Hunt não sorriu de volta.

— Você está de repente de boas com ela porque ela é uma princesa? Por causa do chifre e da merda Estrelada?

O nariz de Ithan se franziu com o início de grunhido.

— Eu não me importo com nada disso.

— Então por que caralhos você se deu ao trabalho de defendê-la naquele artigo? Você devia imaginar que teria consequências com Sabine. Você praticamente revelou que Sabine mentiu.

— Danika deu apoio a ela. Meu irmão e o resto da Matilha dos Demônios deram apoio a ela na primavera. Se não estão guardando rancor, então como eu poderia?

— Então você precisa de permissão do seu irmão morto para ser legal com ela?

O rosnado de Ithan chacoalhou os armários.

— Bryce era minha melhor amiga, você sabe. Bryce tinha Danika, óbvio, mas eu só tinha *ela*. Você conhece Bryce há o quê… alguns meses? Nós fomos amigos durante cinco *anos*. Então não venha falar de mim, meu irmão ou dela como se soubesse alguma coisa sobre a gente, porra. Você não sabe merda nenhuma, *Umbra Mortis*.

— Eu sei que você foi um babaca com ela durante dois anos. Eu vi você não fazer nada enquanto Amelie Ravenscroft a atormentava. Vê se cresce.

Ithan mostrou os dentes. Hunt mostrou de volta.

Syrinx saltou de pé choramingando, exigindo mais comida.

Hunt não conseguiu segurar a gargalhada de exasperação.

— Está bem, está bem — disse para a quimera, pegando o pote de ração.

Os olhos de Ithan o queimaram como um ferrete. Hunt tinha visto aquela mesma expressão de não-levo-desaforo-para-casa durante os jogos televisionados de solebol.

— Connor foi apaixonado por ela durante aqueles cinco anos, sabe. — O lobo foi até o sofá e se acomodou nas almofadas. — Cinco anos, e, no fim, só conseguiu que ela *concordasse* em ir a um encontro com ele.

Hunt manteve o rosto indecifrável conforme Syrinx devorava o segundo, potencialmente o terceiro, café da manhã.

— E daí?

Ithan ligou a TV no noticiário da manhã antes de apoiar os pés na mesa de centro e entrelaçar os dedos atrás da cabeça.

— Você está no mês cinco, irmão. Boa sorte.

* * *

Os Arquivos Feéricos zumbiam com atividade, tão alto que Bryce tinha se acostumado a manter os plugues de ouvido o dia inteiro, mesmo com a porta do seu minúsculo escritório no Subnível Alfa fechada.

Não que fosse *barulhento*, exatamente; os arquivos tinham o habitual sussurro de qualquer biblioteca, mas tantas pessoas os visitavam ou estudavam no cavernoso átrio e nas estantes ao redor que havia um constante e subjacente rugido. O arrastar de passos, a fonte de água escorrendo do teto do átrio como uma cachoeira, o estalar dos teclados se misturando com o crepitar de páginas virando, os sussurros de visitantes e turistas se misturando com o ocasional riso ou o clique de uma câmera.

Aquilo a incomodava.

Ficaram para trás os dias solitários na galeria. Os dias de colocar a música aos berros no sistema de som.

Lehabah também se fora.

Nada do tagarelar incessante sobre o último episódio de *Fadas e Fodas*. Nada de reclamar sobre querer sair. Nenhum monólogo dramático sobre a crueldade de Bryce.

Bryce encarou a tela de computador escura sobre a mesa de vidro. Esticou um pé para acariciar o pelo de Syrinx, mas os dedos dela só encontraram ar. Ah, é, havia deixado a quimera em casa para vigiar Ithan.

Se perguntou se Syrinx sequer se lembrava de Lehabah.

Bryce tinha visitado o Cais Preto durante os dias depois do ataque, procurando um pequeno barco ônix entre o bando de Veleiros. Nenhum apareceu.

Lehabah não tinha restos mortais mesmo. A duende do fogo havia sido extinta como uma vela assim que cem mil galões de água caíram nela.

Bryce tinha repassado ali, de novo e de novo. Normalmente durante as aulas de dança com Madame Kyrah, em meio à respiração ofegante e ao suor. Sempre chegava à mesma conclusão: não havia nada que pudesse ter feito para impedir a morte de Lehabah.

Bryce entendia, podia racionalmente falar sobre aquilo, no entanto… Os pensamentos ainda circulavam, como se dançando com ela: *Você podia ter encontrado um jeito. Ter se revelado como Estrelada antes. Dito a Lehabah que fugisse enquanto você enfrentava Micah.*

Conversara sobre aquilo com Hunt também. E observou que todas aquelas opções teriam resultado na morte da própria Bryce, mas… Bryce não conseguia superar a pergunta: por que a vida de Lele era menos valiosa do que a própria? O seu status de Princesa Estrelada não significava nada. No fim das contas, Lele era a melhor opção, já que tinha sofrido décadas na prisão. A duende do fogo deveria estar livre. Viva, e livre e aproveitando.

Bryce pegou o telefone da mesa, discando. Jesiba atendeu no terceiro toque.

— Outra pergunta, Quinlan? É a terceira esta semana.

Bryce tamborilou os dedos na mesa de vidro.

— Tenho um busto rodiniano de Thurr de 9.000 anos aqui. — Basicamente um macho emburrado que deveria se passar pela divindade das tempestades quase esquecida. Tudo o que restava do deus em sua cultura era o gigantesco planeta batizado em homenagem a ele. E aparentemente a palavra para “quinta-feira” em alguns idiomas. Bryce já enviara uma foto do busto a Hunt, com o comentário *Bryce Quinlan Apresenta o Original Olhar Sexy do Alfa Babaca.*

— Um museu está interessado, mas estão preocupados que o dono anterior tenha adulterado alguns documentos sobre a história. Querem se certificar de que é legítimo antes de exibirem para o público. Alguma ideia de como chamar Rodínia para verificar?

— Se eu estou fazendo seu trabalho para você, então por que não estou recebendo por isso?

Bryce trincou os dentes.

— Porque somos amigas?

— Somos mesmo?

— Diz você.

Jesiba bufou uma risada baixa. A feiticeira que havia desertado do próprio clã de bruxas, e jurado lealdade à Casa de Chama e Sombra, ainda espreitava por Lunathion, mas Bryce não a via há meses. Não desde o dia em que Jesiba tinha flagrado Bryce xeretando nas ruínas alagadas da biblioteca da galeria, quando ordenou que jamais voltasse.

Não de um jeito grosseiro. Apenas de um jeito *Esta galeria está agora permanentemente fechada, e esses livros que você está procurando estão escondidos onde ninguém jamais os encontrará.*

Jesiba falou:

— Suponho que eu devo considerar uma honra ser chamada de amiga pela Princesa Estrelada, filha do Rei Outonal. — Uma leve pausa, e Bryce soube o que estava por vir. — E a futura Rainha de Avallen.

Bryce rapidamente buscou um site de notícias ao sibilar:

— Quem contou a você?

— Algumas das pessoas que eu transformei em animais continuam trabalhando para mim, sabe. Eles me contam o que ouvem pelas ruas. Principalmente os ratos de esgoto que esperam recuperar as verdadeiras formas um dia.

Bryce realmente não tinha certeza se Jesiba estava falando a sério. Suspirou de novo.

— Não acho que você tenha alguma teoria sobre *por que* o Rei Outonal tenha subitamente decidido arruinar a minha vida.

Jesiba fez um *tsc*.

— Machos sempre tentarão controlar as fêmeas que os assustam. Casamento e procriação são os métodos mais comuns.

— Por mais que seja satisfatório pensar que meu pai tem medo de mim, não pode ser isso.

— Por que não? Faz meses. Você não fez nada com seu novo poder, seus títulos. Ou o chifre nas suas costas. Cansou-se de esperar. Eu não ficaria surpresa se tivesse feito isso só para ver como você reagiria.

— Talvez. — Bryce rabiscou em um pedaço de papel ao lado do computador. Um pequeno coração que dizia *BQ + HA*.

— O que você *vai* fazer a respeito disso? — perguntou Jesiba, mal se contendo.

— Fingir que não está acontecendo até dizer chega?

Jesiba riu de novo.

— Eu fiquei preocupada, sabe, quando descobri que você era Estrelada. Já vi muitos sucumbirem ao fascínio de serem Escolhidos. Talvez você e seu irmão tenham mais em comum do que eu me dei conta.

— Isso é um elogio?

— É. Ruhn Danaan é um dos poucos que foi forte o suficiente para se manter longe do que ele é. — Bryce resmungou. — Você não está planejando fazer nada com isso, então — perguntou Jesiba, mais baixo do que Bryce jamais a ouvira. — Com o seu talento. Ou com o chifre.

— *Definitivamente* não com o chifre. E parece que a maior parte do valor dos poderes Estrelados está no que eu trago para a linhagem feérica pela procriação. — Bryce se endireitou, girando o lápis entre os dedos. — E que bem faz cegar as pessoas? Quero dizer, *tem* sua utilidade, mas certamente há armas mais mortais para se empunhar? — Como o relâmpago de Hunt.

— Você matou um arcanjo sem acesso a esse poder. Eu imagino que você agora pode fazer muitas coisas, Quinlan.

Bryce enrijeceu ao ouvir aquelas palavras, ditas tão casualmente em uma frase aberta. Não fazia ideia do que Jesiba tinha feito com o Rifle Matador de Deuses. Sendo bem sincera, jamais queria vê-lo de novo.

Bryce baixou a voz, embora soubesse que ninguém estava perto de seu pequeno escritório subterrâneo.

— Eu recebi uma ordem dos asteri para ficar na encolha. Para sempre.

— Que terrivelmente entediante da sua parte obedecer a eles.

Bryce abriu a boca, mas o interfone em sua mesa tocou.

— Srta. Quinlan, você é requisitada na ala norte. O doutor Patrus quer sua opinião naquela escultura de Delsus?

Bryce apertou o botão.

— Chego em cinco minutos. — Disse a Jesiba: — Vou mandar a você algumas fotos dessa peça. Eu agradeceria se você se dispusesse a me dar sua opinião. E me avise se tiver algum contato em Rodínia que possa ajudar a verificar a sua autenticidade.

— Estou ocupada.

— Eu também.

— Talvez eu te transforme em sapo.

— Pelo menos sapos não usam saltos ridículos para trabalhar — disse Bryce, deslizando os pés de volta nos sapatos brancos de salto agulha, jogados debaixo da mesa.

Jesiba tinha soltado outra gargalhada baixa e cruel.

— Um conselho, Quinlan: considere as vantagens de um casamento com Cormac Donnall antes de decidir ser um clichê e recusar.

Bryce levantou, acomodando o celular entre a orelha e o ombro.

— Quem disse que eu não estou considerando?

Houve uma longa pausa antes de a feiticeira dizer:

— Boa menina.

Então desligou.



— Alguma coisa?

— Nada, embora você estivesse certa quanto à decoração espalhafatosa. Eu quase voei contra seis faixas e coroas de flores diferentes no meu caminho esta manhã. Mas nenhum relato ou vislumbres da governadora. Um dia bastante normal até agora, para ser sincero. — A voz grave de Hunt percorreu como mãos invisíveis os braços de Bryce enquanto comia o restante do almoço, um espetinho comprado no refeitório dos funcionários dos arquivos. Acrescentou: — Quer dizer, exceto se você contar com a parte em que recebi uma foto de abdômen de mármore enquanto mostrava fotografias de cenas de crime para Naomi.

— Achei que você gostaria daquilo.

A risada dele ecoou pela linha. E disparou por Bryce como luz estelar. Se conseguia rir naquele dia, então ótimo. Faria o possível para manter um sorriso no rosto de Hunt. Hunt pigarreou.

— Thurr era bem rasgado, né?

— Estou requisitando que a exibição venda réplicas na loja de souvenires. Acho que as senhorinhas vão enlouquecer com elas. — Isso garantiu mais uma linda gargalhada. Mordeu o lábio contra seu

largo sorriso. — Então Celestina só deve chegar às 18 horas agora? — Pelo visto ela se atrasara uma hora.

— Isso. — Qualquer indício de diversão se fora.

Bryce reanimou seu computador. Até agora, os sites de notícias não relatavam nada além da manchete de que Lunathion, de que toda Valbara, teria uma nova líder.

Bryce estava disposta a admitir que havia passado uma boa hora percorrendo várias imagens da linda arcanjo, imaginando que tipo de chefe ela seria para Hunt. Não encontrara nenhum indício de rolos românticos, embora Micah não costumasse divulgar com quem trepava. Não que Bryce estivesse *preocupada*, embora certamente tivesse sentido o indício de *alguma coisa* quando viu o quanto Celestina era deslumbrante, mas… ela precisava de uma imagem mental de quem Hunt veria em seu dia a dia.

Bryce jogou o almoço no lixo ao lado da mesa.

— Eu posso passar aí depois do trabalho. Estar com você para a grande chegada.

— Está tudo bem. Eu atualizo você depois. Talvez leve um tempo, então pode comer sem mim.

— Mas é noite de pizza.

Hunt gargalhou.

— Que bom que você tem as prioridades definidas. — As asas farfalharam no fundo. — Alguma notícia do Príncipe Canalha?

— Nada nos noticiários, nada de minha mãe.

— Uma pequena bênção.

— Você me deve cinco marcos de ouro.

— Coloque na minha conta, Quinlan.

— Não se esqueça de que provavelmente minha mãe vai ficar puta com *você* por não ter contado a ela.

— Eu já tenho uma mala feita e pronta para fugir para outro território.

Ela gargalhou.

— Acho que você precisaria ir para Nena para fugir dela. — Hunt gargalhou com Bryce. — Você não acha que ela…

Um brilho no peito dela. Da cicatriz.

— Bryce? — A voz de Hunt ficou mais afiada.

— Eu, hã… — Bryce franziu a testa para a estrela brilhando entre os seus seios, visível em seu vestido de decote acentuado. De novo não. O brilho tinha sido raro até agora, mas depois da noite anterior…

Ergueu o olhar.

— Meu chefe está aqui. Eu ligo de volta — mentiu, desligando antes que Hunt pudesse responder.

Bryce ergueu o queixo e disse a Cormac Donnall, que estava parado à porta:

— Se você está procurando o livro *Como não ser um babaca*, está na estante entre os títulos *Tchau, otário* e *Sai daqui, porra*.

* * *

O Príncipe Herdeiro de Avallen tinha vestido uma camisa cinza adequada ao clima que mal escondia os consideráveis músculos dos braços. Uma tatuagem com símbolos estranhos circundava seu bíceps esquerdo, a tinta preta brilhando às luzes fortes.

Examinou o escritório, do tamanho de um armário, com típica arrogância feérica e reprovação.

— Sua estrela brilha em minha presença porque nossa união é predestinada. Caso você esteja se perguntando.

Bryce soltou uma gargalhada.

— Quem disse?

— O Oráculo.

— Qual deles? — Havia doze esfinges pelo mundo, cada uma mais reclamona do que a outra. A mais cruel delas, aparentemente, vivia na corte da Rainha do Oceano, nas Profundezas.

— E isso importa? — Cormac se virou, reparando no vestido branco-concha que Bryce usava, as pulseiras de ouro e, sim, o acentuado decote. Ou será que estava olhando para a estrela? Supôs que não fazia diferença.

— Eu só quero saber quem eu espanco.

Cormac se repuxou para cima.

— Eu não sei por que esperava que uma fêmea de linhagem mista fosse tão dócil quanto uma de puro sangue.

— Você não está se ajudando.

— Eu não disse que preferia uma fêmea domada.

— Nojento. O que o Oráculo disse a você, exatamente?

— O que ela disse a *você* antes de começar a arrancar os próprios olhos?

Não queria saber como ele havia descoberto. Talvez o pai de Bryce tivesse contado a Cormac, avisado sobre sua noiva.

— Notícia velha. Eu perguntei primeiro.

Cormac fez cara de raiva.

— O Oráculo de Avallen disse que eu estava destinado a me unir a uma princesa que possuía uma estrela no coração. Que nossa mistura traria muita prosperidade para nosso povo.

Bryce tamborilou os dedos na mesa de vidro.

— Muito espaço para interpretação aí. — Só um Oráculo para se referir a sexo como *mistura*.

— Eu discordo.

Bryce suspirou.

— Diga por que você está aqui, e depois saia, por favor. Eu tenho trabalho para fazer.

Cormac estudou o pequeno torso de Thurr na mesa dela.

— Eu queria ver onde minha prometida trabalha. Ter alguma noção de como é sua… vida.

— Você diz isso como se fosse uma coisa estranha mulheres terem empregos.

— Em Avallen é. — Encostou na ombreira da porta. — Meu povo deixou as velhas tradições intactas. Você vai precisar se habituar.

— Obrigada, mas não. Eu gosto da minha TV e do meu celular. E gosto de ser considerada uma pessoa, não gado de procriação.

— Como eu disse ontem à noite, você não tem escolha. — A voz era inexpressiva, seus olhos, vazios.

Bryce cruzou os braços, percebendo que isso deixava seu decote e a estrela mais à mostra, então os abaixou para o lado do corpo de novo.

— Eu posso… pagar você para esquecer toda essa coisa de noivado?

Cormac gargalhou.

— Eu tenho mais ouro do que sei para que usar. Dinheiro tem pouco poder sobre mim. — Cruzou os braços também. — Você tem a chance de ajudar seu povo e esse mundo. Depois que me der alguns herdeiros, pode ter quantos amantes quiser. Eu farei o mesmo. Esse casamento não precisa ser um fardo para nenhum de nós dois.

— Exceto pela parte em que eu preciso dormir com você. E viver no seu fim de mundo.

Seus lábios abriram-se em um sorriso presunçoso.

— Acho que você vai achar a primeira parte bastante agradável.

— Dito com verdadeira arrogância masculina.

Deu de ombros, explicitamente confiante de que ela *sentiria* satisfação com ele.

— Eu não recebi nenhuma reclamação ainda. E se nossa união ajudar nosso povo, e fortalecer as linhagens reais, então eu o farei.

— Os feéricos não são meu povo. — Eles nunca foram, e certamente não são agora, depois de terem deixado cidadãos inocentes trancados do lado de fora desta cidade e se recusado a vir ajudar durante o ataque na primavera passada. Apontou para a porta aberta. — Tchau.

Fervilhou de ódio.

— Seu pai deixou você solta por tempo demais.

— O nome do meu pai é Randall Silago. O Rei Outonal é apenas um macho que me deu material genético. Ele nunca vai ter um lugar na minha vida. Você também não.

Cormac deu um passo para trás da porta, sombras espiralando. O cabelo dourado brilhou como metal derretido.

— Você é imortal agora, assim como Estrelada. Está na hora de agir de acordo.

Bryce se levantou e bateu a porta no rosto dele.

* * *

Hunt analisou a linda arcanjo sentada na antiga mesa de Micah. Pele reluzente como ônix escuro ressaltava o marrom-claro de seus olhos, e sua boca delicada parecia permanentemente disposta em um sorriso

paciente. Não foi esse sorriso, aquele suave, gentil sorriso, que o desestabilizou.

— Sentem-se, por favor — disse Celestina para ele, Naomi e Isaiah.

Hunt quase engasgou diante da palavra. *Por favor.* Micah jamais teria dito algo assim. Isaiah pareceu igualmente perplexo quando se acomodaram nas três cadeiras diante da mesa simples de carvalho. Naomi manteve o rosto completamente inexpressivo, as asas pretas farfalhando.

Atrás das asas brancas reluzentes da governadora, a parede de janelas revelava um número incomum de anjos voando por ali. Todos esperando ver um lampejo da fêmea que tinha entrado no Comitium em uma grande procissão trinta minutos antes.

A cerimônia do saguão havia sido o início da total confusão de Hunt. Em vez de desfilar com magnanimidade pela multidão, a voluptuosa arcanjo de corpo exuberante tinha se demorado, parando para cumprimentar os malakim que avançavam, perguntando os nomes deles, dizendo coisas como *Estou tão feliz por conhecer você* e *Estou ansiosa para trabalhar com você*. Que Cthona o poupasse, mas Hunt sinceramente achava que ela podia estar falando a sério.

Não baixou a guarda, no entanto. Não quando chegou até ele, Naomi e Isaiah de pé diante das portas do elevador para escoltá-la até sua nova residência e escritório; não quando pegou a sua mão com acolhida genuína; e certamente não quando se sentaram ali para aquela reunião particular.

Celestina os observava com uma nitidez inquietante.

— Vocês três são tudo que resta dos triários de Micah.

Nenhum deles respondeu. Hunt não ousou mencionar Vik, ou implorar a arcanjo que a tirasse das profundezas cor de nanquim de Melinoë. Que a poupasse do Inferno em vida. Fazia meses. As chances eram de que Vik tivesse enlouquecido. Estava provavelmente implorando pela morte a cada momento naquela caixa.

A governadora inclinou a cabeça, seu cabelo preto de cachos estreitos se agitando com o movimento. Usava vestes rosa-pálido e lilás, translúcidas e etéreas, e as joias prateadas em seus pulsos e pescoço brilhavam como se acesas pela lua. Onde Micah irradiava domínio e poder, ela reluzia com força e beleza femininas. Mal

chegava à altura do peito de Hunt, mas… tinha uma presença que fazia com que Hunt a olhasse com cautela.

— Não são de falar, não é? — A voz tinha um ar musical, como se tivesse sido forjada de sinos de prata. — Suponho que meu predecessor tivesse regras muito diferentes das minhas. — Tamborilou os dedos na mesa, as unhas pintadas de um rosa-claro. — Permitam que eu deixe óbvio: não desejo subserviência. Quero que meus triários sejam meus parceiros. Quero que trabalhem comigo para proteger esta cidade e território, e que a ajudem a alcançar seu grande potencial.

Um lindo discurso. Hunt não disse nada. Será que sabia o que ele tinha feito a Sandriel? O que Bryce tinha feito a Micah? O que Micah tinha feito para supostamente proteger este território?

Celestina enroscou um cacho em um dedo, suas asas imaculadas se movendo.

— Estou vendo que vou precisar trabalhar muito para conquistar a confiança de vocês.

Hunt manteve o rosto inexpressivo, mesmo enquanto desejava que fosse tão direta quanto Micah. Sempre odiara seus donos, que disfarçavam suas almas mortas em belos discursos. Aquilo poderia ser facilmente parte de um jogo: fazer com que confiassem nela, que fossem mancando para os seus braços macios, e então os soltasse numa armadilha, fazendo com que sofressem.

O queixo anguloso de Naomi se ergueu.

— Não queremos ofender você, Vossa Alteza…

— Me chame de Celestina — interrompeu a arcanjo. — Eu odeio formalidades. — Micah tinha dito o mesmo certa vez. Hunt fora um tolo em acreditar naquilo.

As asas de Isaiah se mexeram, como se seu amigo estivesse pensando o mesmo.

Seu amigo, que ainda usava a tatuagem de halo na testa. Isaiah era o macho melhor, o líder melhor, e ainda um escravizado. Boatos tinham circulado nos meses antes da queda de Micah de que o arcanjo o libertaria em breve. Essa possibilidade estava agora tão morta quanto o próprio Micah.

Naomi assentiu, e o coração de Hunt se apertou diante da esperança hesitante nos olhos pretos do próprio amigo.

— Não queremos ofender você… Celestina. Nós e a 33ª estamos aqui para servi-la.

Hunt suprimiu sua irritação. *Servir.*

— A única forma de me ofender, Naomi Boreas, seria se guardasse seus sentimentos e pensamentos. Se alguma coisa incomoda você, quero saber. Mesmo que a questão seja devido a meu comportamento. — Sorriu de novo. — Somos colegas. Eu descobri que essa relação funcionava maravilhosamente com minhas legiões em Nena. Em oposição aos… sistemas que meus colegas arcanjos preferem.

Tortura e punição e morte. Hunt bloqueou a queimação de ferretes incandescentes latejando em suas costas, assando sua pele, abrindo-a até o osso conforme Sandriel observava do divã dela, enfiando uvas na boca…

Isaiah falou:

— Estamos honrados em trabalhar com você, então.

Hunt afastou os sangrentos e ruidosos horrores do passado quando outro belo sorriso se abriu no rosto da governadora.

— Eu ouvi tantas coisas maravilhosas sobre você, Isaiah Tiberian. Gostaria que você permanecesse como líder da 33ª, se você assim desejar.

Isaiah fez uma reverência com a cabeça em agradecimento, um sorriso hesitante em resposta agraciando seu rosto. Hunt tentou não olhar boquiaberto. Será que ele era o único babaca que não acreditava em nada daquilo?

Celestina voltou o olhá-lo.

— Você ainda não falou, Hunt Athalar. Ou prefere Orion?

— Hunt está bom. — Só sua mãe tivera permissão de chamá-lo de Orion. Preferia manter assim.

Ela o observou de novo, elegante como um cisne.

— Eu entendo que você e Micah não estavam necessariamente de acordo. — Hunt conteve a vontade de grunhir em anuência. Celestina pareceu interpretar sua inclinação. — Outro dia, eu gostaria de saber de seu relacionamento com Micah e o que deu errado. Para podermos evitar as mesmas situações.

— O que deu errado foi que ele tentou matar minha… Bryce Quinlan. — Hunt não conseguiu segurar as palavras, ou seu deslize.

As sobrancelhas de Naomi quase tocaram o limite do cabelo diante da explosão dele, mas Celestina suspirou.

— Eu ouvi falar disso. Sinto muito por qualquer dor que você e a Srta. Quinlan tenham sofrido como resultado das ações de Micah.

As palavras o atingiram como pedras. *Sinto muito.* Ele nunca, nem em todos os séculos que tinha vivido, ouvira um arcanjo proferir aquelas palavras.

Celestina prosseguiu:

— Pelo que entendi, você escolheu viver com a Srta. Quinlan em vez de se alojar na torre do quartel.

Hunt manteve o corpo relaxado. Recusando-se a se entregar à tensão que aumentava dentro de si.

— Sim.

— Estou perfeitamente bem com esse arranjo — disse Celestina, e Hunt quase caiu da cadeira. Isaiah parecia inclinado a fazer o mesmo. Principalmente quando a arcanjo disse a Isaiah e Naomi: — Se vocês quiserem morar nas próprias residências, estão livres para fazer isso. O quartel é bom para formar laços, mas creio que entre vocês sejam muito inabaláveis. Vocês estão livres para aproveitar as próprias vidas. — Olhou para Isaiah, para o halo ainda tatuado na testa. — Eu não possuo escravizados — disse, com reprovação contraindo seu rosto. — E, embora os asteri possam marcar você assim, Isaiah, você é um macho livre aos meus olhos. Vou me esforçar para continuar o trabalho de Micah para convencê-los a libertar você.

A garganta de Isaiah se moveu, e Hunt desviou a sua atenção para a janela, para a cidade reluzente além dela, dando privacidade a Isaiah. Do outro lado do quarto, Naomi fez o mesmo.

Celestina não podia estar falando sério. Aquilo devia ser fingimento.

— Eu gostaria de ir direto ao trabalho — prosseguiu a governadora. — Toda manhã, vamos nos reunir aqui para vocês poderem me atualizar de qualquer novidade, assim como de seus planos para o dia. Se eu tiver tarefas para vocês ou para a 33ª, vou informá-las na reunião. — Uniu as mãos no colo. — Estou ciente de que vocês são habilidosos em caçar demônios, e foram empregados para fazer isso no passado. Se algum invadir esta cidade, que os

deuses nos livrem, eu gostaria que vocês liderassem a unidade de contenção e extermínio contra eles.

Hunt acenou em confirmação. Bem fácil. Embora, naquela primavera, lidar com os kristallos tenha sido tudo menos fácil.

Celestina terminou:

— E, se algum problema surgir antes de nossa reunião de amanhã de manhã, meu telefone está sempre ligado.

Naomi assentiu de novo.

— A que horas amanhã?

— Digamos 9 horas — falou Celestina. — Não precisam se arrastar da cama apenas para parecerem ocupados. — Hunt piscou para ela. — E eu gostaria que os outros descansassem um pouco depois da viagem.

— Outros? — perguntou Isaiah.

A arcanjo franziu a testa levemente.

— O resto dos triários. Eles se atrasaram algumas horas por causa de um tempo ruim no norte.

Todos os três ficaram imóveis.

— Como assim? — perguntou Hunt, em voz baixa.

O franzir na testa de Celestina se acentuou.

— O Ministro das Comunicações dos asteri não costuma cometer erros. Eu peço desculpas em nome deles. Os asteri se encontraram em apuros depois de perderem dois arcanjos, entendem? Vocês são tudo que resta dos triários de Micah, mas Sandriel tinha um estábulo inteiro nesse quesito. Eu não tinha triários próprios em Nena, pois a legião de lá tecnicamente responde aos asteri, mas Ephraim quis trazer os próprios triários com ele. Então, em vez de permitir que seu grupo ficasse grande demais, foi dividido, pois o nosso está muito desfalcado.

Rugido irrompeu na mente de Hunt. Os triários de Sandriel. A verdadeira escória do universo.

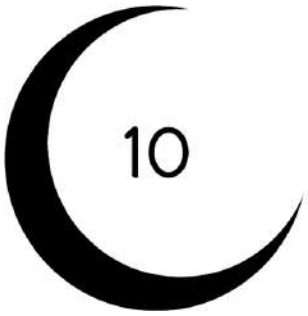
Eles estavam indo para lá. Para fazer parte *desse* grupo. *Nesta* cidade.

Uma batida soou à porta, e Hunt se virou quando Celestina falou:

— Entre.

Relâmpago estalou nas pontas dos dedos de Hunt. A porta se abriu, e arrogantemente entraram Pollux Antonius e Baxian Argos.

O Martelo e o Cão do Inferno.



Silêncio absoluto recaiu sobre o escritório da governadora quando Hunt e seus amigos avaliaram os dois recém-chegados.

Um tinha cabelos pretos e pele marrom, era alto e com músculos elegantes, o Cão do Inferno. As asas pretas da cor de azeviche brilharam levemente, como as penas de um corvo. Mas era a cruel cicatriz que descia pelo pescoço, bifurcando-se pela coluna do pescoço, que chamava a atenção.

Hunt conhecia aquela cicatriz, fora ele quem a dera ao Cão do Inferno trinta anos antes. Alguns poderes, ao que parecia, nem mesmo a imortalidade conseguia defender.

Os olhos obsidiana de Baxian fervilharam quando encontrou os de Hunt.

Mas os olhos cobalto de Pollux se iluminaram com prazer feral quando escrutinou Naomi, então Isaiah e, por fim, Hunt. Hunt permitiu que seu relâmpago se acendesse quando ele encarou o líder, de cabelos e pele cor de ouro, dos triários de Sandriel. O babaca mais cruel e sádico a caminhar em Midgard. Desgraçado Número Um.

Pollux deu um risinho, lento e insatisfeito. Celestina estava dizendo alguma coisa, mas Hunt não ouvia.

Não conseguiu ouvir nada, exceto Pollux falando arrastado:

— Oi, amigos.

Antes que Hunt saltasse da cadeira e o derrubasse no chão.

* * *

Ithan Holstrom pressionou um pano úmido nos últimos cortes cicatrizando em seu rosto. O banheiro de Bryce era exatamente como ele esperava: cheio de pelo menos três tipos de shampoos e condicionadores, uma variedade de tratamentos capilares, escovas, babyliss de dois tamanhos diferentes, um secador esquecido ligado à parede, velas parcialmente gastas e maquiagem espalhada por todo lado no tampo de mármore, como se alguma bomba de purpurina tivesse explodido ali.

Era quase igual ao banheiro dela no antigo apartamento. Apenas estar ali fazia o peito dele se apertar. Apenas sentir o cheiro daquele lugar, sentir o cheiro *dela* fazia o peito dele se apertar.

Tivera pouco com que se distrair durante o dia, sentando-se sozinho no sofá com a quimera de Bryce, Syrinx, como Athalar tinha a chamado; quase morrendo de tédio enquanto assistia à programação diurna na televisão. Não estava a fim de esquadrinhar as notícias durante horas, esperando um lampejo da nova arcanjo. Nenhum dos canais de esporte tinha conteúdo interessante, e de toda forma não desejava ouvir aqueles babacas falando.

Ithan inclinou o rosto diante do espelho para enxergar melhor o corte que atravessava sua testa. Aquela belezura em particular era cortesia de Sabine, um golpe do seu punho armado com garra.

Tinha a sensação de que ela havia mirado o golpe nos olhos dele. Óbvio que teriam se curado depois de alguns dias ou semanas, mais cedo se tivesse visitado uma medbruxa, mas ficar cego não estava no topo de sua lista de afazeres.

Não que tivesse qualquer *outra* coisa na sua lista de afazeres naquele dia.

Seu telefone vibrou no balcão, e Ithan olhou para baixo e viu três alertas de notícias diferentes e ensaios fotográficos sobre a chegada de Celestina. Se não tivesse dado merda com Sabine, provavelmente

estaria se preparando para conhecer a linda malakh como parte das boas-vindas formais dos lobos. E jurando lealdade.

No entanto, daquele momento em diante, ele era um agente livre. Um lobo sem matilha.

Não era comum, mas acontecia. Lobos solitários existiam, embora a maioria deles perambulassem pela natureza e fossem abandonados à própria sorte. Ele só não pensou que se tornaria um.

Ithan largou o celular no balcão de novo, pendurando o pano no suporte de toalha já abarrotado.

Desejando a transformação, inspirou profundamente e ordenou que seus ossos se derretessem, que sua pele ondulasse.

Um momento depois de assumir a forma de lobo, ocorreu a ele que o banheiro não era grande o bastante.

De fato, um agitar da cauda derrubou várias garrafas, lançando-as espalhadas pelo piso de mármore. As garras estalavam nos azulejos, mas Ithan levantou o focinho na direção do espelho e encontrou seu reflexo mais uma vez.

O lobo do tamanho de um cavalo que o encarava de volta tinha o olhar vazio, embora seu pelo cobrisse a maior parte dos hematomas e dos ferimentos, exceto pelo corte na testa.

Inalou, e o fôlego ficou preso em suas costelas. Em algum bolsão vazio, estranho.

Lobo sem matilha. Amelie e Sabine não tinham apenas deixado Ithan ensanguentado, elas o exorcizaram de suas vidas, do Covil. Recuou contra o suporte de toalhas, balançando a cabeça de um lado para outro.

Pior do que um ômega. Sem amigos, sem família, indesejado…

Ithan estremeceu ao voltar para a forma humana. Ofegante, apoiou as mãos na pia do banheiro e esperou a náusea passar. Seu telefone vibrou de novo. Cada músculo em seu corpo enrijeceu.

Perry Ravenscroft.

Podia ter ignorado, caso não tivesse lido a primeira parte da mensagem quando ela surgiu.

Por favor, diga que você está vivo.

Ithan suspirou. A irmã mais nova de Amelie, a ômega da Matilha da Rosa Sombria, era tecnicamente o motivo pelo qual tinha chegado até ali. Não mencionara nada sobre ter sido Sabine e a própria irmã a

dilacerá-lo, mas tinha carregado Ithan até o apartamento. Ela era a única de sua antiga matilha que se incomodava em verificar o estado dele.

Acrescentou: *Apenas escreva de volta um sim ou não.*

Ithan encarou a mensagem por um longo momento.

Lobos eram criaturas sociais. Um lobo sem matilha… tinha uma ferida na alma. Uma que mutilaria a maioria da espécie. Apesar disso, havia recebido um ferimento na alma dois anos antes e tinha sobrevivido.

Embora soubesse que não podia suportar assumir a forma de lobo novamente tão cedo.

Ithan observou o banheiro, as muitas porcarias que Bryce havia deixado espalhadas. Também fora um lobo sem matilha durante aqueles dois anos. Sim, no momento ela podia contar com Fury e Juniper, mas não era o mesmo que Danika e Connor e a Matilha dos Demônios. Nada jamais seria igual àquilo.

Ithan digitou de volta *Sim*, então colocou o telefone no bolso. Bryce logo estaria em casa. E ela mencionara alguma coisa sobre pizza.

Ithan caminhou para o apartamento arejado, Syrinx levantando a cabeça do sofá para inspecioná-lo. A quimera se deitou de novo, bufando em aprovação, a cauda de leão balançando.

O silêncio do apartamento sufocava Ithan. Jamais vivera sozinho. Sempre tivera o constante caos e a proximidade do Covil, a insanidade de seu dormitório da faculdade, ou os hotéis em que ficara com o time de solebol da UCLC. Aquele lugar podia muito bem ser outro planeta.

Esfregou o peito, como se isso fosse aliviar a pressão.

Ithan soubera exatamente por que havia desobedecido à ordem de Sabine naquela primavera quando Bryce tinha gritado por ajuda. O som da súplica da amiga tinha sido insuportável. E, quando ela mencionou crianças em perigo, alguma coisa explodiu em seu cérebro. Não se arrependia do que havia feito.

Mas será que conseguiria suportar as consequências? Não o espancamento, podia superar essa merda qualquer dia. Mas estar ali, sozinho, à deriva… Não se sentia assim desde que Connor e os demais

haviam morrido. Desde que tinha dado as costas ao time de solebol e parado de responder às suas ligações.

* * *

Ithan não tinha ideia do que faria agora. Talvez a resposta não fosse uma coisa grandiosa, ou transformadora. Talvez pudesse ser tão simples quanto colocar um pé diante do outro.

Foi assim que você acabou seguindo alguém como Amelie, grunhiu uma voz que soava muito como a de Connor. *Faça escolhas melhores desta vez, filhote. Avalie. Decida o que* você *quer.*

Por enquanto, no entanto… um pé diante do outro. Podia fazer isso. Mesmo apenas naquele dia.

Ithan caminhou até a porta e tirou a coleira do gancho na parede ao lado dela.

— Quer dar um passeio? — perguntou a Syrinx. A besta rolou de lado, como se dizendo: *Carinho na barriga, por favor.*

Ithan colocou a coleira de volta no gancho.

— Pode deixar, amigo.

* * *

— Grande recepção, hein?

Bryce estava encostada nas barras da cela impecável sob o Comitium, franzindo a testa na direção em que Hunt estava sentado sobre uma cama de estrutura de aço, a cabeça baixa. Esticou-se ao ouvir as suas palavras, as asas cinzas se fechando. O rosto dele… Bryce enrijeceu.

— Que porra é essa, Hunt?

Olho roxo, lábio inchado, cortes na têmpora, no limite do cabelo…

— Estou bem — grunhiu, embora parecesse tão mal quanto Ithan. — Quem chamou você?

— Sua nova chefe… ela me inteirou. Ela parece legal, aliás. — Bryce pressionou o rosto entre as barras. — Definitivamente legal, pois não te jogou na sarjeta ainda.

— Ela me colocou nesta cela.

— Isaiah colocou você nesta cela.

— Tanto faz.

— Não venha com *tanto faz* para mim. — Deuses, Bryce parecia Ember.

A voz de Hunt ficou afiada.

— Vejo você em casa. Você não deveria estar aqui.

— E você não deveria ter se metido em uma briga idiota, mas aqui está você.

Suas asas se bifurcaram em relâmpagos.

— Vá para casa.

Ele estava… realmente estava irritado por que ela estava ali? Bryce riu.

— Você estava intencionalmente tentando se sabotar hoje?

Hunt finalmente se ergueu em pé, então se encolheu com a dor que aquilo provocou em seu corpo surrado.

— Por que Inferno eu faria isso?

Uma voz masculina grave respondeu:

— Porque você é um babaca burro.

Bryce sorriu, esquecera-se de Pollux.

Hunt grunhiu:

— Não quero ouvir a porra da sua voz.

— Pode ir se acostumando — disse a outra voz masculina da baia do elevador, no fim do corredor branco.

Bryce se deparou com um anjo alto e esguio se aproximando com uma elegância natural. Não bonito, não como Hunt e Pollux e Isaiah eram, mas… impressionante. Intenso e concentrado.

Baxian Argos, o Cão do Inferno. Um anjo com a rara habilidade de se metamorfosear na forma que lhe rendera a alcunha.

Hunt tinha contado sobre ele. Baxian jamais havia torturado Hunt ou outros, até onde sabia, mas fizera muitas coisas ruins em nome de Sandriel. Havia sido o principal mestre-espião e rastreador dela.

Baxian exibiu os dentes em um sorriso destemido. Hunt fervilhou de ódio.

Ao Inferno que aqueles machos a fariam recuar.

Pollux cantarolou da cela em que estava, o rostinho bonito tão surrado quanto o de Hunt:

— Por que não chega mais perto, Bryce Quinlan?

Hunt grunhiu:

— Não fale com ela.

Bryce disparou:

— Me poupe da atuação de alfa babaca protetor. — Antes que Hunt conseguisse responder, Bryce caminhou até a cela de Pollux.

Pollux fez questão de fitá-la da cabeça até os saltos agulha.

— Achei que seu tipo geralmente trabalhava no turno da noite.

Bryce riu.

— Mais alguma alfinetada antiquada para mim? — Com o silêncio de Pollux, Bryce falou: — Trabalho sexual é uma profissão de respeito na Cidade da Lua Crescente. Não é culpa minha que Pangera não tenha alcançado os tempos modernos.

Pollux fervilhou com malícia.

— Micah deveria ter matado você e acabado com isso.

Deixou seus olhos brilharem, que visse que ela sabia de tudo que ele havia feito com Hunt, o quanto o detestava.

— Esse é o melhor em que você consegue pensar? Achei que o Martelo fosse algum tipo de valentão sádico.

— E eu achei que putas de linhagem mista deveriam manter as bocas fechadas. Felizmente, eu sei da coisa perfeita para enfiar nessa sua matraca e calar você.

Bryce piscou um olho provocantemente.

— Cuidado. Eu uso os dentes. — Hunt tossiu, e Bryce se inclinou para a frente, tão perto que, se Pollux estendesse um braço, a mão dele conseguiria se fechar em seu pescoço. Os olhos de Pollux brilharam, dando-se conta disso. Bryce disse, com doçura: — Não sei quem você irritou para ser mandado para esta cidade, mas vou tornar sua vida um inferno se você tocar nele de novo.

Pollux avançou, os dedos apontados para o pescoço dela.

Bryce deixou seu poder ascender, tão luminoso que fez Pollux recuar, um braço jogado sobre os olhos. Os lábios de Bryce se repuxaram para o lado.

— Foi o que pensei.

Bryce recuou alguns passos, voltando-se na direção de Hunt. Ergueu uma sobrancelha, os olhos brilhando sob os hematomas.

— Elegante, Quinlan.

— Servimos bem para servir sempre.

Uma risada baixa sussurrou atrás dela, e Bryce encontrou o Cão do Inferno agora encostado contra a parede oposta às celas, ao lado de uma grande TV.

— Suponho que verei mais você do que eu gostaria — disse Bryce.

Baxian esboçou uma reverência. Ele usava uma armadura preta leve, feita de placas sobrepostas. Aquilo lembrava a ela uma versão reptiliana do uniforme de Hunt.

— Talvez você me dê um tour.

— Pode ir sonhando — murmurou Hunt.

Os olhos escuros do Cão do Inferno incandesceram. Ele deu meia-volta e disse, antes de entrar no elevador:

— Ainda bem que alguém finalmente enfiou uma bala na cabeça de Micah.

Bryce o encarou em silêncio, chocada. Será que descera até ali por outro motivo a não ser dizer aquilo? Hunt exalou. Pollux continuou teimosamente calado na própria cela.

Bryce agarrou as barras da cela de Hunt.

— Chega de brigas.

— Se eu disser que sim, podemos ir para casa agora? — Fez um bico, triste, quase idêntico às súplicas de Syrinx.

Bryce conteve o sorriso.

— A decisão não é minha.

Uma linda voz de fêmea flutuou de um comunicador no teto.

— Já vi o bastante. Ele está livre para sair, Srta. Quinlan. — As barras estalaram, a porta se destrancou com um clangor.

Bryce disse para o teto:

— Obrigada.

Pollux grunhiu de sua cela:

— E eu? Eu não comecei essa briga. — O merdinha tinha coragem. Bryce não podia negar.

Celestina respondeu friamente:

— Você também não fez nada para fugir dela.

— Me perdoe por revidar enquanto um brutamontes me socava.

De canto do olho, Bryce podia jurar que Hunt estava sorrindo maliciosamente.

A governadora disse, sua voz assumindo um tom que não aceitava conversa fiada:

— Discutiremos isso mais tarde. — Pollux foi sábio o bastante para não retrucar. A arcanjo prosseguiu: — Mantenha Athalar na linha, Srta. Quinlan.

Bryce acenou para a câmera instalada ao lado da TV. Quando Celestina não respondeu, Bryce deu espaço para Hunt sair da cela. Mancou até ela, tão mal que Bryce passou o braço pela cintura dele conforme os dois se dirigiram para o elevador.

Pollux disse com desprezo da cela dele:

— Vocês, dois vira-latas, se merecem.

Bryce jogou um beijo.



Tharion precisava de um novo emprego.

Sinceramente, mesmo depois de anos na posição, não tinha ideia de como acabara no comando da inteligência da Rainha do Rio. Os colegas de escola dele provavelmente riam sempre que seu nome era mencionado: um aluno completamente medíocre, talvez preguiçoso, só conseguira notas para passar, na maioria dos casos, usando seu charme nos professores. Tharion tinha pouco interesse em história ou política ou línguas estrangeiras, e sua matéria preferida na escola era o almoço.

Talvez aquilo o tivesse moldado. As pessoas estavam muito mais dispostas a falar enquanto comiam. Sempre que torturara um inimigo, vomitara as tripas depois. Felizmente, ele aprendera que uma cerveja gelada, um pouco de raiz-alegre e algumas rodadas de pôquer normalmente eram o que lhe bastavam.

E aquilo: pesquisa.

Normalmente, encarregaria um de seus analistas de estudar seu projeto atual, mas a Rainha do Rio queria aquilo mantido em segredo. Enquanto estava sentado diante do computador em seu escritório, só foram precisos alguns toques para acessar o que queria: a conta de e-mail de Sofie Renast.

Declan Emmett havia montado o sistema para ele: capaz de invadir qualquer e-mail não imperial em instantes. Emmett cobrara o preço de um braço e uma nadadeira por isso, mas tinha se provado mais do que útil. Na primeira vez em que Tharion recorreu a ele, foi para encontrar o assassino de sua irmã.

O desgraçado doente tinha mandado fotos das vítimas para si mesmo por e-mail. Nem mesmo a forma como Tharion o fizera pagar pela atrocidade apagara a imagem do corpo brutalizado da própria irmã em seu cérebro.

Tharion engoliu em seco, olhando na direção da parede de vidro que se abria para cristalinas águas de cobalto. Uma lontra passou disparada, o colete amarelo brilhando forte na água do rio, um tubo selado preso entre seus pequenos dentes.

Uma criatura de dois mundos. Algumas das lontras mensageiras viviam ali, na Corte Azul, nas profundezas do Istros, uma pequena metrópole tanto exposta quanto protegida da água ao seu redor. Outras lontras viviam na Superfície, no tumulto e no caos da região de Cidade da Lua Crescente.

Tharion jamais poderia se mudar para a Superfície, lembrou-se ele. Seus deveres requeriam que permanecesse ali, à disposição da Rainha do Rio. Tharion olhou para seus pés descalços, enterrando-os no tapete felpudo de cor creme sob a mesa. Estava em sua forma humana havia quase um dia agora. Precisaria entrar na água logo, ou arriscaria perder as barbatanas.

Seus pais achavam estranho que tivesse escolhido viver em um dos prédios secos de metal e vidro, ancorado a uma plataforma extensa no fundo do rio, e não perto deles na rede de cavernas submarinas que funcionavam como apartamentos para o povo das sereias. Mas Tharion gostava de TV. Gostava de comer comida que não estava, na melhor das hipóteses, empapada, e, na pior, fria e molhada. Gostava de dormir em uma cama quente, jogado sobre as cobertas e os travesseiros, e não enfiado sob uma rede de algas marinhas balançando nas correntes. E, como morar em terra firme não era uma opção, aquele prédio submarinho tinha se tornado a melhor escolha.

O computador bipou, e Tharion se virou para a tela. O escritório ficava em uma das bolhas com domo de vidro que compunham o quartel-general da Unidade de Investigação da Corte Azul, a Rainha

do Rio só permitira a construção delas porque, logicamente, computadores precisavam permanecer secos.

O próprio Tharion tinha sido forçado a explicar o porquê.

Sua Rainha era toda-poderosa, linda e sábia, e, como muitos dos vanir mais antigos, não fazia ideia de como a tecnologia moderna funcionava. A filha, pelo menos, tinha se adaptado melhor. Tharion fora instruído a mostrar a ela como usar um computador. E era como havia acabado ali.

Bem, não ali naquele escritório especificamente, mas naquela posição. Naquela vida atual.

Tharion leu rapidamente os e-mails arquivados de Sofie Renast. Evidências de uma existência normal: e-mails com amigos sobre esportes ou TV ou uma festa se aproximando; e-mails de pais pedindo que buscasse as compras no caminho de volta da escola; e-mails do irmão mais novo. Emile.

Foram esses que esquadrinhou com mais cuidado. Talvez ele desse sorte e encontrasse algum indício sobre para onde Sofie estava indo.

Interminavelmente, Tharion leu, mantendo-se atento ao relógio. Precisava entrar na água em breve, mas… Continuou lendo. Buscando qualquer pista ou dica de onde Sofie e o irmão poderiam estar. Não achou nada.

Tharion terminou a caixa de entrada de Sofie, verificou a pasta de spam, e por fim a lixeira. Estava praticamente vazia. Abriu com um clique a pasta de enviadas, e resmungou ao ver o número de mensagens, mas começou a ler de novo. Clique após clique após clique.

O telefone tocou com um alerta: trinta minutos até que tivesse que entrar na água. Poderia chegar à câmara de compressão em cinco minutos, se andasse rápido. Podia ler mais alguns e-mails antes disso. *Clique, clique, clique.* O telefone de Tharion apitou de novo. Dez minutos restantes.

Mas tinha parado em um e-mail com data de três anos antes. Era tão simples, tão direto, que se destacava.

Assunto: Re: Verdade do Crepúsculo

O assunto era esquisito. Mas o corpo de texto era ainda mais estranho.

Trabalhando em obter acesso. Vai levar tempo.

Só isso.

Tharion leu mais abaixo, na direção da mensagem original à qual Sofie havia respondido. Tinha sido enviada duas semanas antes de sua resposta.

De: BansheeFan56

Assunto: Verdade do Crepúsculo

Você já entrou? Quero saber a história toda.

Tharion coçou a cabeça, abriu mais uma janela e procurou por *Verdade do Crepúsculo.*

Nada. Nenhum registro de filme ou livro ou programa de TV referente ao nome. Fez uma busca no sistema de e-mails pelo nome do remente: *BansheeFan56.*

Outra troca parcialmente deletada. Essa originando-se de BansheeFan56.

Assunto: Projeto Thurr

Pode ser útil para você. Leia.

Sofie tinha respondido: *Acabei de ler. Acho complicado. E os Seis vão me matar por isso.*

Tinha uma boa ideia de a quem "os Seis" Sofie referia-se: os asteri. Mas, quando Tharion procurou on-line por *Projeto Thurr,* não encontrou nada. Apenas notícias de escavações arqueológicas ou exibições de galerias de arte com o antigo semideus. Interessante.

Havia mais um e-mail, na pasta de rascunhos.

BansheeFan56 tinha escrito: *Quando você encontrá-lo, fique escondida no lugar do qual falei, onde as almas cansadas encontram alívio de seu sofrimento em Lunathion. É seguro.*

Um local de encontro? Tharion leu o que Sofie tinha começado a escrever, um rascunho.

Obrigada. Vou tentar passar a informação para meu

Jamais terminou. Havia várias formas como aquela frase poderia ter terminado. Mas Sofie devia ter precisado de um lugar onde ninguém pensaria em procurar por ela e pelo irmão. Se Sofie Renast tinha de fato sobrevivido à Corça, podia muito bem ter ido até ali, àquela mesma cidade, com a promessa de um lugar seguro para se esconder.

Essa coisa sobre Projeto Thurr e Verdade do Crepúsculo, no entanto… Tharion guardou esses detalhes para depois.

Abrindo um campo de busca com o programa de Declan, digitou o endereço do remetente. Espantou-se quando o resultado apareceu.

Danika Fendyr.

* * *

Tharion disparou para fora do escritório, correndo pelos corredores de vidro que revelavam todo tipo de vida fluvial: sereias e lontras e peixes, pássaros mergulhadores e duendes da água e a ocasional ondulante serpente marinha. Só tinha três minutos.

Ainda bem que a escotilha da câmara de pressurização estava aberta quando chegou, e Tharion pulou para dentro, batendo a porta redonda atrás dele antes de socar o botão ao lado.

Mal havia selado a porta quando a água inundou seus pés, correndo para dentro da câmara com um suspiro. Tharion suspirou com ela, curvando-se na direção da água que subia, já tirando a calça, o corpo formigando conforme nadadeiras substituíam pele e osso, suas pernas se unindo, ondulando com escamas com listras de tigre.

Tirou a camisa, estremecendo sob as escamas que ondulavam por seus braços e até a metade do tronco. Garras se curvaram de seus dedos quando Tharion os passou pelo cabelo, jogando para trás as mechas vermelhas.

Porra de inconveniência.

Tharion olhou para o relógio digital acima da porta da câmara de pressurização. Estava livre para voltar para sua forma humana agora, mas gostava de esperar uns bons cinco minutos. Apenas para ter certeza de que a transformação tinha sido marcada pela estranha magia que guiava o povo das sereias. Não importava que podia conjurar água do ar, a metamorfose só acontecia se ele se submergisse completamente nas correntes de magia selvagem.

Danika Fendyr conhecia Sofie Renast. Tinha trocado e-mails durante uma janela de seis meses antes da morte de Danika, todos relacionados com alguma coisa sobre a Verdade do Crepúsculo e esse Projeto Thurr, exceto por aquele detalhando um local de segurança.

Será que Danika Fendyr conhecia Emile também? Será que tinha sido Emile a pessoa para quem Sofie pretendia passar a informação

do local seguro? Era exagerado, mas, pelo que a Rainha do Rio tinha contado a ele, tudo que Sofie havia feito antes da morte dela tinha sido por Emile. Não seria ele a pessoa que ela estava ansiosa para esconder, caso o libertasse de Kavalla? O problema agora era encontrar algum lugar naquela cidade para eles. *Onde as almas cansadas encontram alívio do sofrimento delas*, aparentemente. Fosse lá o que isso quisesse dizer.

Tharion esperou até que cinco minutos tivessem se passado, então esticou o braço musculoso para cima para apertar o botão de alívio ao lado da porta da câmara de pressurização. Água foi drenada, deixando a câmara, e Tharion permaneceu sentado, encarando as nadadeiras, acenando distraidamente no ar.

Mentalizou a mudança e luz tremeluziu por suas pernas, dor lancinando por elas quando sua nadadeira se partiu em duas, revelando seu corpo nu.

A calça estava encharcada, mas Tharion não se importou muito ao enfiar as pernas de volta dentro dela. Pelo menos não estava de sapato. Perdera inúmeros pares para situações tangenciais como aquela ao longo dos anos.

Com um gemido, levantou-se devagar e abriu a porta de novo. Vestiu uma das jaquetas corta-vento penduradas na parede para se aquecer, com UICA escrita em amarelo nas costas. Unidade de Investigação da Corte Azul. Era tecnicamente parte do Auxilia, as tropas auxiliares de Lunathion, mas a Rainha do Rio gostava de pensar no próprio reino como uma entidade separada.

Verificou o telefone ao caminhar pelo corredor na direção de seu escritório, percorrendo os relatórios de campo que tinham chegado. Tharion ficou imóvel diante de um deles. Talvez Ogenas estivesse olhando por ele.

Um metamorfo de martim-pescador tinha mandado um relatório três horas antes, nos Pântanos Nelthianos. Um pequeno barco abandonado. Nada fora do comum, mas o registro havia chamado sua atenção. Tinha ancorado em Pangera. O resto do relatório fez Tharion correr para seu escritório.

Um colete salva-vidas de tamanho adolescente com *Bodegraven* escrito nas costas havia sido encontrado no barco. Ninguém

permanecia a bordo, mas um cheiro permanecia. Humano, macho, jovem.

Quais eram as chances de que um colete salva-vidas do mesmo barco em que o irmão de Sofie Renast estivera tivesse aparecido em um barco completamente diferente, perto da mesma cidade em que os e-mails entre Danika e ela haviam indicado que era seguro se esconder?

Emile Renast devia estar naquele barco. A pergunta era: será que tinha motivo para suspeitar de que sua irmã havia sobrevivido à Corça? Será que estavam no momento a caminho de se reunir? Tharion tinha alguns palpites para onde as instruções enigmáticas de Danika poderiam indicar, nenhum deles bom. Podia não fazer ideia do que sua rainha queria com Sofie ou Emile, apenas que queria a primeira viva ou morta, mas tinha pouca escolha a não ser seguir a pista.

Supôs que havia abdicado do direito de escolha há muito tempo.

* * *

Tharion pegou uma moto aquática para cima do Istros, dirigindo-se para o pântano uma hora ao norte da cidade. O rio cortava a costa ali, entremeando entre o junco oscilante e sibilante. Ao longo de uma curva aparentemente aleatória, o pequeno esquife tinha sido conduzido para cima, até a vegetação, e agora se inclinava precariamente para um lado.

Pássaros mergulhavam e planavam acima, e olhos o monitoravam, sem piscar, da vegetação reduzindo a velocidade da moto aquática para examinar o barco.

Ele estremeceu. As bestas do rio aninhadas naquele pântano. Até mesmo Tharion tinha sido cauteloso a respeito de que caminhos aquosos pegava entre a grama. Os sobeks podiam saber que não deveriam foder com o povo das sereias, mas uma besta fêmea se sacrificaria às mordidas por seus filhotes.

Um menino de 13 anos, mesmo um com um dom, seria uma sobremesa satisfatória.

Tharion usou sua magia da água para guiá-lo direto ao barco, então subiu a bordo. Latas vazias de comida e garrafas de água

bateram umas contra as outras com o impacto da sua entrada. Uma varredura da área de repouso abaixo revelou um cheiro humano, macho, além de cobertores e mais comida.

Pequenas pegadas enlameadas marcavam o convés perto do leme. Uma criança tinha de fato estado naquele barco. Será que essa criança havia velejado sozinha de Pangera até ali? Pena e pesar reviraram o estômago de Tharion diante de todo o lixo abandonado.

Ligou o motor e descobriu muito combustível, indicando que o barco não tinha ficado sem primalux e sido largado ali. Então aquela devia ter sido uma ancoragem intencional. O que sugeria que Sofie devia ter passado a informação sobre o local de encontro para Emile, no fim das contas; mas se o menino tinha descartado o barco ali, no coração do território sobek… Tharion esfregou a mandíbula.

Circundou devagar o junco em torno do barco. Ouvindo, farejando. E… porra. Sangue humano. Preparou-se para o pior ao se aproximar de uma seção de junco manchada de vermelho.

Seu alívio foi curto. O cheiro era adulto, mas… aquilo era um braço. Arrancado do corpo, o qual devia ter sido arrastado. Trauma no bíceps condizente com uma mordida de sobek.

Combatendo a náusea, Tharion se aproximou. Sentiu o cheiro de novo.

Estava mais fresco do que o cheiro do menino no barco por um dia, mais ou menos. E talvez fosse coincidência que houvesse um braço humano ali, mas Tharion conhecia o cinza-escuro da manga rasgada que permanecia no braço. O selo do sol dourado no meio de um revólver e uma lâmina ainda visível perto da mordida.

A insígnia da Ophion. E o sol poente adicional acima dela… O esquadrão de elite Ocaso, liderado por Pippa Spetsos.

Cuidadosamente, o mais silenciosamente possível, Tharion se moveu entre o junco, rezando para que não tropeçasse em nenhum ninho de sobek. Os cheiros humanos eram mais abundantes ali. Muitos machos e uma fêmea, todos adultos. Todos vindo do continente, não da água. Ogenas, será que Pippa Spetsos tinha pessoalmente liderado a unidade até ali para pegar o menino? Deviam ter tentado subir no barco a partir do junco. E aparentemente um deles pagara o preço final.

A Ophion tinha mandado sua melhor unidade até ali, apesar de suas inúmeras baixas. Precisavam da Ocaso em Pangera, e, no entanto, estavam gastando recursos naquela caça. Provavelmente não estavam procurando o menino pela bondade de seus corações, então. Será que Emile havia abandonado o barco ali não porque Sofie tinha dito a ele que fizesse isso, mas porque tinha sentido alguém em seu encalço? Será que havia fugido para aquela cidade não somente para encontrar a irmã em um local combinado, mas também para se ver livre dos rebeldes?

Tharion refez seus passos de volta ao barco, verificando-o mais uma vez. Jogou-se para baixo do convés, afastando cobertores e lixo, vasculhando, observando…

Ali. Um mapa marcado da costa valbarana. Com esses pântanos circulados. Esses pântanos… e uma outra marca. Tharion se encolheu. Se Emile Renast tinha fugido a pé dali até Cidade da Luz Crescente…

Pegou o telefone e ligou para um de seus oficiais. Ordenou que fosse até o pântano. Que começasse pelo barco e avançasse por terra até a cidade. E levasse armas, não apenas para as bestas nos juncos, mas para os rebeldes que poderiam estar seguindo a criança.

E se encontrassem Emile… Tharion ordenou que o oficial o rastreasse por um tempo. E visse com quem se encontrava. Até quem o menino poderia levá-los.

Isso se o menino sequer saíra daquele pântano com vida.



Hunt alongou as pernas, ajustando as asas para não as esmagar entre as costas e o encosto do banco de madeira. Bryce estava sentada ao seu lado, sorvete de pistache derretendo pelos lados da casquinha que ela tomava. Hunt tentou não encarar enquanto lambia cada gota escorrendo.

Aquilo era uma punição pela briga com Pollux? Ficar sentado ali vendo aquilo?

Em vez disso, Hunt se concentrou na scooter que ela aparentemente tinha dirigido a uma velocidade chocante até o Comitium. Andou com ele quando saíram; no entanto, carregando a moto ao seu lado até o parque. Pigarreou e perguntou:

— Aconteceu alguma coisa com a sua moto?

Bryce franziu a testa.

— Estava fazendo um barulho estranho mais cedo. Não pareceu muito inteligente subir nela de novo. — Bryce arqueou a sobrancelha. — Quer ser um cavalheiro e carregá-la até em casa para mim?

— Eu preferiria carregar *você*, mas sim. — A moto seria pesada, porém nada com que não pudesse lidar. Hunt se lembrou do próprio sorvete, sabor café, a tempo de lamber as partes derretidas. Tentou

não reparar na forma como os olhos dela acompanhavam cada movimento de sua língua. — Que tipo de barulho estava fazendo?

— Um engasgar rouco sempre que eu parava. — Virou-se para onde sua amada moto estava encostada em um poste adornado por uma faixa. — Vai precisar ir para a oficina, coitadinha.

Hunt gargalhou.

— Eu posso levá-la ao telhado e dar uma checada.

— Que romântico. Quando os convites do casamento de vocês dois serão distribuídos?

Riu de novo.

— Estou chocado por Randall não ter feito você aprender a consertar a própria moto.

— Ah, ele tentou. Só que eu era legalmente adulta àquela altura e não precisava ouvir. — Olhou para ele de esguelha. — Mas sério, você sabe consertar uma moto?

A diversão de Hunt vacilou um pouco.

— É. Eu, hã… eu sei como consertar muitas máquinas.

— Seu relâmpago lhe dá alguma afinidade para saber como elas funcionam, ou algo assim?

— É. — Hunt voltou o olhar para o Istros. O sol implacável estava finalmente se pondo, projetando o rio em vermelhos e dourados e laranjas. Muito abaixo da superfície, pequenas luzes brilhavam, tudo que aparecia da poderosa e extensa corte sob a água. Falou, baixinho: — Sandriel se aproveitava disso, ela me fazia desmontar os mec-trajes da Ophion depois das batalhas, assim eu aprendia como funcionavam para então sabotá-los antes de discretamente reenviar as máquinas para a frente de batalha, sem que os rebeldes desconfiassem ao usá-los. — Não conseguiu olhar para ela, principalmente quando permaneceu calada enquanto acrescentava, quase como uma confissão: — Eu aprendi muito sobre como as máquinas funcionam. Como fazer com que *não* funcionem. Principalmente em momentos cruciais. Muita gente provavelmente morreu por causa disso. Por minha causa.

Hunt tinha tentado se convencer de que o que tinha feito era justificável, que os próprios trajes eram monstruosos: com 4,5 metros de altura e feitos de titânio, eram essencialmente armaduras semelhantes a exoesqueletos, o humano que a ocupava podia pilotá-la

tão facilmente quanto se movesse o próprio corpo. Armados com espadas de 2 metros, algumas delas carregadas com primalux, e imensas armas de fogo, podiam se atracar com um metamorfo e sair intactos. Eram o bem mais valioso do exército humano, e a única forma de suportarem um ataque vanir.

Sandriel ordenar que ele desmontasse e sabotasse os trajes não tinha nada a ver com isso, no entanto. Havia sido por pura crueldade e diversão doentia: roubar os trajes, sabotá-los, e devolvê-los aos humanos alheios ao fato. Era para assistir com alegria enquanto os pilotos enfrentavam as forças vanir, apenas para descobrir que os mec-trajes os tinham deixado na mão.

Bryce apoiou a mão no joelho dele.

— Sinto muito por ela ter obrigado você a fazer isso, Hunt.

— Eu também — disse Hunt, exalando profundamente, como se isso pudesse de alguma forma purificar a própria alma.

Bryce pareceu entender a necessidade de mudar de assunto, subitamente perguntou:

— Que Inferno vamos fazer a respeito de Pollux e Baxian? — Lançou a ele um olhar sarcástico, puxando-o para longe do passado. — Além de espancá-los até virarem carne amaciada.

Hunt riu, silenciosamente agradecendo a Urd por ter trazido Bryce para sua vida.

— Só podemos torcer para que Celestina os mantenha na linha.

— Você não parece tão certo disso.

— Eu falei com ela por cinco minutos antes de Pollux entrar. Não foi o bastante para formar uma opinião.

— Isaiah e Naomi parecem gostar dela.

— Você falou com eles?

— Quando entrei. Eles estão… preocupados com você.

Hunt grunhiu.

— Eles deveriam estar preocupados com os dois desequilibrados morando lá.

— Hunt.

O sol iluminou os seus olhos com um dourado tão brilhante que ele perdeu o fôlego. Bryce falou:

— Eu conheço sua história com Pollux. Eu entendo por que você reagiu dessa forma. Mas não pode acontecer de novo.

— Eu sei. — Ele lambeu o sorvete de novo. — Os asteri o enviaram aqui por um motivo. Provavelmente para me deixar transtornado assim.

— Eles nos disseram para ficar na encolha. Por que atiçar você para fazer o contrário?

— Talvez eles tenham mudado de ideia e queiram um motivo público para nos prender.

— Nós matamos dois arcanjos. Eles não precisam de mais acusações para assinar nossas sentenças de morte.

— Talvez precisem. Talvez eles temam que nós *possamos* sair ilesos se formos a julgamento. E um julgamento público significaria admitir nossas participações nas mortes de Micah e Sandriel.

— Acho que o mundo poderia facilmente acreditar que você matou um arcanjo. Mas uma reles ninguém meia-humana como eu? *Essa* é a coisa que eles não querem que vaze.

— Acho que sim. Mas… eu acho difícil acreditar nisso. Que Pollux e Baxian estarem aqui não seja um sinal de que merdas estão para acontecer. Que Celestina pode realmente ser uma pessoa decente. Eu tenho mais de duzentos anos de história me dizendo para tomar cuidado. Estou condicionado a isso. — Hunt fechou os olhos.

Um momento depois, dedos macios se enroscaram em seu cabelo, penteando casualmente suas mechas. Ele quase ronronou, mas se manteve perfeitamente imóvel enquanto Bryce dizia:

— Vamos manter a guarda alta. Mas acho que… Acho que talvez a gente precise começar a acreditar na nossa sorte.

— A chegada de Ithan Holstrom é exatamente o oposto disso.

Bryce o cutucou com o ombro.

— Ele não é tão ruim assim.

Hunt entreabriu um olho.

— Você mudou rápido de opinião em relação a ele.

— Não tenho tempo para me agarrar a rancores.

— Você é imortal agora. Eu diria que tem.

Abriu a boca, mas uma voz masculina insípida ecoou pelo parque: *Os portões se fecharão em dez minutos. Qualquer um fora da fila não terá acesso.*

Bryce fez uma careta.

— Eu podia ter vivido sem que eles usassem os Portões para divulgar anúncios o dia todo.

— Você é a culpada disso, sabe — disse, com um sorriso lateral se abrindo.

Bryce suspirou, mas não discutiu.

Era verdade. Desde que havia usado os Portões de cristal para entrar em contato com Danika, isso tinha despertado interesse público neles, e reavivado o conhecimento de que podiam ser usados para falar pela cidade. Eram agora basicamente utilizados para fazer anúncios, desde os horários de abertura e fechamento dos locais turísticos até a ocasional gravação de um anúncio imperial do próprio Rigelus. Hunt odiava esses mais que todos. *Aqui é Rigelus, a Radiante Mão dos Asteri. Nós honramos os mortos caídos na linda Lunathion, e agradecemos àqueles que lutaram pelo serviço deles.*

E nós vigiamos todos estes como falcões, Hunt sempre pensava quando ouvia a ladainha da voz que disfarçava o ser ancião dentro do corpo do feérico adolescente.

O locutor do Portão se calou de novo, o suave bater das ondas do Istros e as palmeiras sussurrando acima preencheram o ar mais uma vez.

O olhar de Bryce percorreu o rio, até as névoas que espiralavam na margem oposta. Deu um sorriso triste.

— Você acha que Lehabah está ali?

— Espero que sim. — Ele jamais deixara de sentir gratidão pelo que a duende do fogo tinha feito.

— Eu sinto falta dela — disse Bryce, em voz baixa.

Hunt deslizou o braço sobre ela, aconchegando-a ao seu lado. Aproveitando o calor de Bryce e oferecendo o próprio de volta.

— Eu também.

Bryce encostou a cabeça em seu ombro.

— Eu sei que Pollux é um monstro; e você tem todo motivo no mundo para querer matá-lo. Mas, por favor, não faça nada que leve a governadora a punir você. Eu não aguentaria… — A voz dela falhou, e o peito de Hunt se apertou com aquilo. — Ver Micah cortar suas asas… Eu não posso ver isso de novo, Hunt. Ou nenhum outro horror que ela possa causar a você.

Passou a mão pelos cabelos sedosos dela.

— Eu não deveria ter perdido o controle daquele jeito. Desculpe.

— Não precisa pedir desculpas. Não por isso. Só… tome cuidado.

— Eu vou.

Tomou mais do sorvete, mas não se moveu. Então Hunt fez o mesmo, com o cuidado de não deixar pingar no cabelo dela.

Depois de tomarem tudo, quando o sol tinha quase sumido e as primeiras estrelas surgiram, Bryce se esticou.

— A gente devia ir para casa. Ithan e Syrinx precisam jantar.

— Eu sugiro não contar a Holstrom que você o agrupa com seu bicho de estimação.

Bryce riu, afastando-se, e Hunt se conteve para não a puxar para si de novo.

Decidiu mandar tudo ao Inferno quando Bryce enrijeceu, a atenção dela fixa em algo além das asas dele. Hunt se virou, a mão indo até a faca presa em sua coxa.

Amaldiçoou. Aquele não era um oponente que ele poderia combater. Ninguém poderia.

— Vamos — murmurou Hunt, fechando uma asa sobre ela quando o barco preto se aproximou do cais. Um ceifador estava sobre ele. Vestido e encoberto por preto ondulando que escondia qualquer indício de ser macho ou fêmea, velho ou jovem. Essas coisas não importavam para os ceifadores.

O sangue de Hunt congelou quando o barco sem remos e sem leme flutuou até o cais, completamente destoante das elegantes faixas e das flores que adornavam cada parte daquela cidade. O barco parou como se mãos invisíveis o amarrassem na passarela de concreto.

O ceifador saiu, movendo-se fluidamente, como se caminhasse sobre ar. Bryce tremeu ao lado de Hunt. A cidade em torno tinha se calado. Mesmo os insetos haviam parado de zumbir. Vento nenhum agitava as palmeiras que ladeavam o cais. As faixas penduradas de postes tinham parado de ondular. As guirlandas de flores ornamentais pareceram murchar e escurecer.

Uma brisa fantasma tremulou pelas vestes e pelo véu longo do ceifador conforme se dirigia ao pequeno parque além do cais e das ruas depois. O ceifador não olhou na direção deles, não parou.

Ceifadores não precisavam parar por nada, nem mesmo pela morte. Os vanir podiam se chamar de imortais, mas podiam morrer

de um trauma ou de doença. Mesmo os asteri podiam ser mortos. Mas os ceifadores…

Não se podia matar o que já estava morto. O ceifador pairou por eles, silêncio ondulando ao seu encalço, e sumiu para a cidade.

Bryce apoiou as mãos nos joelhos.

— Ugh, ugh, *ughhh*.

— Exatamente como estou me sentindo — murmurou Hunt. Ceifadores viviam em todas as ilhas eternas do mundo: o Quarteirão dos Ossos ali, as Catacumbas na Cidade Eterna, as Terras Estivais de Avallen… Cada um dos sagrados reinos dormentes resguardado por um monarca impiedoso. Hunt jamais conhecera o Sub-Rei de Lunathion, e esperava jamais conhecer.

Relacionava-se o mínimo possível com os ceifadores do Sub-Rei também. Meias-vidas, como as pessoas diziam. Humanos e vanir que um dia foram vivos, que tinham enfrentado a morte e oferecido a alma para o Sub-Rei como sua guarda particular e seus servos. O custo: viver para sempre, sem envelhecer e impossíveis de matar, mas sem jamais poderem dormir, comer, foder. Os vanir não mexiam com eles.

— Vamos — disse Bryce, afastando os calafrios. — Preciso de mais sorvete.

Hunt riu.

— Justo. — Estava prestes a guiá-los para longe do rio quando o rugido do motor de uma moto aquática soou. Virou-se na direção do barulho por treino e instinto, e parou quando notou o macho de cabelo ruivo sobre ela. O braço musculoso que acenava na direção deles. Não um aceno amigável, e sim desesperado.

— Tharion? — perguntou Bryce, ao ver a direção do foco de Hunt conforme o macho seguia na direção deles, deixando ondas revoltas em seu encalço.

Levou um momento para alcançá-los, e Tharion desligou o motor e planou até o cais, mantendo-se bem distante do barco preto amarrado ali perto.

— Porra, por onde *você* andou nesse verão? — perguntou Hunt, cruzando os braços.

Ignorando-o, Tharion disse, ofegante, para Bryce:

— Precisamos conversar.

* * *

— Como você sequer achou a gente? — perguntou Bryce, conforme subiam de elevador no prédio, minutos depois.

— Mestre-espião, lembra? — sorriu Tharion. — Eu tenho olhos em toda parte. — Acompanhou Bryce e Hunt indo ao apartamento deles.

A atenção de Bryce imediatamente se voltou para Ithan, que estava exatamente onde ela o havia deixado naquela manhã: no sofá, com Syrinx esparramado em seu colo. O rosto dele tinha cicatrizado mais, a cicatriz recente quase sumira.

Ithan se aprumou quando Tharion entrou.

— Relaxe — disse, e não olhou duas vezes para o lobo quando Hunt e Tharion se dirigiram para o sofá.

Bryce soltou um sibilo de aviso para as roupas ainda molhadas do tritão.

Hunt revirou os olhos e se sentou à mesa de jantar em vez de no sofá.

— É por isso que as pessoas não deveriam comprar sofás brancos — resmungou o anjo, e Bryce fez cara feia.

— Então *você* pode limpar a água e a sujeira do rio — retrucou.

— É para isso que servem feitiços de insta-limpeza — respondeu Hunt, provocando. Bryce fez careta.

— Briga doméstica, pelo que vejo — disse Tharion.

Bryce riu, mas Ithan perguntou, do sofá:

— Quem é você?

Tharion lançou um sorriso na direção dele.

— Não te interessa.

Mas Ithan enrijeceu.

— Tritão. Ah, é, eu conheço você. Capitão Qualquer Coisa.

— Ketos — murmurou Tharion.

Hunt virou a cabeça para Ithan.

— Você feriu gravemente o ego do Capitão Qualquer Coisa, Holstrom.

— A mais grave ferida vem de meus amigos mais queridos não exaltarem minhas muitas qualidades quando sou desafiado — respondeu Tharion, fazendo bico.

— Amigos mais queridos? — perguntou Hunt, levantando a sobrancelha.

— Amigos mais lindos — disse Tharion, mandando um beijo para Bryce.

Bryce gargalhou e se virou, colocando o telefone no modo silencioso antes de mandar uma mensagem para Ruhn. *Venha para cá JÁ.*

Respondeu imediatamente. *Qual é o problema?*

Já.

O que quer que Tharion quisesse com tanta urgência, Ruhn deveria ficar ciente também. Ela queria que ele ficasse. O que era… estranho. Legal, no entanto.

Bryce colocou o telefone no bolso de trás quando Tharion indicou o sutiã de renda rosa-néon pendurado na porta sanfonada que levava à lavanderia.

— Sexy — disse o tritão.

Bryce olhou com raiva para ele, mas disse a Tharion:

— Faz um tempo.

— Nem começa. — murmurou Hunt.

O tritão era atraente como se lembrava. Talvez até mais, ligeiramente descabelado e enlameado.

— Que a gente não fala sobre sua vida sexual, ou que eu não vejo você? — perguntou Tharion, olhando dela para Hunt, no momento com uma carranca no rosto, mas Bryce deu um sorriso perverso em resposta. Tharion prosseguiu, ignorando a ira de Hunt: — Foi um verão atribulado. — Ele saltou para um banquinho do balcão da cozinha e bateu no assento ao seu lado. — Sente-se, Pernas. Vamos conversar.

Bryce se acomodou ao lado dele, prendendo os pés na barra de apoio sob o banco.

Tharion perguntou, subitamente sério:

— Danika alguma vez falou com você sobre uma pessoa chamada Sofie? — Ithan grunhiu, surpreso.

A boca de Bryce se contraiu para o lado.

— Sofie quem?

Antes que pudesse perguntar mais, Hunt indagou:

— Que porra é essa?

Tharion disse, tranquilamente:

— Só estou atualizando uns arquivos.

Bryce tamborilou os dedos no tampo de mármore.

— Sobre Danika?

Tharion deu de ombros.

— Por mais que minha vida pareça glamorosa, Pernas, tem muito trabalho braçal nos bastidores. — Ele piscou um olho. — Embora não o tipo de trabalho braçal que eu gostaria de fazer com você, naturalmente.

— Não tente me distrair com seu flerte. — disse Bryce. — Por que está perguntando sobre Danika? E quem diabos é Sofie?

Tharion suspirou para o teto.

— Tem um caso não resolvido no qual estou trabalhando, e Danika…

— Não minta para ela, Tharion — grunhiu Hunt. Relâmpagos dançaram pelas asas dele.

Uma agitação percorreu por Bryce diante daquilo, não apenas do poder, mas por saber que a protegeria. Disse a Tharion:

— Não vou contar merda nenhuma a você até que me dê mais informações. — Apontou o dedo na direção de Ithan. — E ele também não, então nem pergunte.

Ithan apenas sorriu devagar para o tritão, em provocação.

Tharion observou todos eles. Para seu crédito, não recuou. Um músculo estremeceu em sua bochecha, no entanto. Como se travasse algum debate interno. Então o capitão tritão disse:

— Eu, hã… Eu fui designado para investigar uma mulher humana, Sofie Renast. Ela era uma rebelde que foi capturada pela Corça há duas semanas. Mas Sofie não era uma humana comum, e nem Emile, o irmão mais novo. Tanto ele quanto Sofie se passam por humanos, mas possuem poderes plenos de pássaro-trovão.

Bryce exalou. Bem, ela não esperava por *isso*.

Hunt falou:

— Achei que pássaros-trovão tivessem sido caçados até a extinção pelos asteri. — *Perigosos demais e voláteis demais para terem permissão de viver*, era a história que tinham enfiado neles na escola. *Uma grande ameaça ao império*. — Eles mal passam de mitos agora.

Tudo verdade. Bryce se lembrou de um cavalo da Extravagância de Estrelas chamado Pássaro-Trovão: um Pégaso-unicórnio azul e branco que podia usar todo tipo de energia. Jamais colocou as mãos em um, embora desejasse.

Tharion prosseguiu:

— Bem, de alguma forma, em algum lugar, um deles sobreviveu. E procriou. Emile foi capturado três anos atrás e enviado para o campo de extermínio de Kavalla. Os captores não sabiam o que estava em suas mãos, e ele sabiamente manteve seus dons escondidos. Sofie foi até Kavalla para libertá-lo. Mas, pelo que me contaram, Sofie foi pega pela Corça antes de escapar com eles. Emile fugiu, da Ophion também. Parece que ele veio nesta direção, mas várias partes ainda estão *muito* interessadas nos poderes que ele possui. E nos de Sofie também, se tiver sobrevivido.

— Ninguém sobrevive à Corça — disse Hunt, sombriamente.

— É, eu sei. Mas as correntes presas aos blocos de chumbo no fundo do oceano estavam vazias. Destrancadas. Parece que Sofie conseguiu. Ou alguém levou o cadáver dela.

Bryce franziu a testa.

— E a Rainha do Rio quer tanto o menino quanto Sofie? Por quê? E o que isso tem a ver com Danika?

— Eu não sei qual é o objetivo final de minha rainha. Tudo o que sei é que ela está muito determinada a encontrar Sofie, viva ou morta, e igualmente determinada a conseguir Emile. Mas, apesar do que isso sugere, ela não está afiliada com a Ophion de modo nenhum. — Tharion esfregou o maxilar. — Ao tentar desvendar essa porra toda, eu encontrei umas trocas de e-mails entre Sofie e Danika falando sobre um lugar seguro nesta cidade para Sofie se esconder caso ela precisasse.

— Não é possível — disse Ithan.

Hunt se levantou da mesa e foi até o lado de Bryce. Seu poder ondulou por seu corpo, eletrificando seu sangue com a proximidade entre eles.

— A Rainha do Rio perdeu a cabeça? *Você* perdeu a cabeça? Procurar por rebeldes e não os entregar é um bilhete só de ida para a crucificação.

Tharion o encarou de volta.

— Não tenho escolha. Ordens são ordens. — Assentiu para o grupo. — Vocês evidentemente não sabem nada sobre isso. Façam um favor e não mencionem para ninguém, está bem? — O tritão se levantou e se virou para a porta.

Bryce saltou do banquinho e se colocou no caminho dele.

— Ah, não. — Deixou uma fração de sua luz estelar brilhar em torno do corpo. — Você não pode me dizer que Danika estava em contato com uma rebelde conhecida e então sair vazado daqui.

Tharion riu, frio cobrindo seus olhos.

— Posso sim, Pernas. — Deu um passo evidentemente desafiador na direção dela.

Bryce se manteve no lugar. Ficou surpresa e satisfeita que Hunt a deixou lidar com a situação sem interferir.

— Você sequer se importa que esse pássaro-trovão todo-poderoso é uma criança? Que sobreviveu a uma porra de *campo de extermínio*? E que agora está com medo e sozinho?

Tharion piscou, e ela podia ter estrangulado o tritão.

— Eu sei que isso é uma coisa canalha de se dizer — acrescentou Ithan —, mas, se o menino tem esse poder, por que ele não usou para sair de Kavalla sozinho?

— Talvez ele não saiba usar ainda — refletiu Tharion. — Talvez estivesse fraco ou cansado demais. Eu não sei. Mas vejo vocês depois. — Tentou passar por Bryce.

Bryce o bloqueou de novo.

— Deixando Emile de lado, Danika não era uma rebelde, e ela não conhecia ninguém chamado Sofie Renast.

Ithan falou:

— Concordo.

Tharion disse, com firmeza:

— O e-mail estava ligado a ela. E o endereço de e-mail era BansheeFan56, Danika era obviamente fã dos Banshees. É só procurar pelos antigos perfis dela nas mídias sociais e há dez mil referências ao amor dela pela banda.

Por Solas, quantas camisas e pôsteres dos Banshees Danika tinha colecionado ao longo dos anos? Bryce tinha perdido a conta.

Bryce bateu o pé, o sangue fervilhando. Philip Briggs não tinha dito alguma coisa parecida quando ela e Hunt interrogaram o antigo

líder rebelde dos Keres? Que Danika era simpatizante dos rebeldes?

— O que os e-mails diziam?

Tharion manteve a boca fechada.

Bryce fervilhou.

— *O que os e-mails diziam?*

Tharion perdeu a calma, uma rara demonstração de seu temperamento aparentemente levando a melhor sobre ele:

— O termo Verdade do Crepúsculo significa alguma coisa para você? E quanto a Projeto Thurr? — Diante do olhar vazio dela, e de Ithan, o tritão falou: — Foi o que pensei.

Bryce trincou a mandíbula com tanta força que doeu. Depois daquela primavera, havia percebido que não sabia tanto sobre Danika quanto acreditava, mas com mais essa na lista… Tentou não deixar aquilo a ferir.

Tharion deu mais um passo desafiador em direção à porta. Mas Bryce falou:

— Você não pode jogar toda essa informação e esperar que eu não faça nada. Que não saia procurando por esse menino.

Tharion arqueou a sobrancelha.

— Que coração mole. Mas fique fora disso, Pernas.

— De jeito nenhum — replicou Bryce.

Hunt interrompeu:

— Bryce. Recebemos uma ordem dos asteri, do próprio Rigelus, para ficarmos na encolha.

— Então obedeçam — disse Tharion.

Bryce olhou com raiva para o tritão, então para Hunt. Mas Hunt falou, com tempestade nos olhos:

— Os asteri vão nos massacrar, junto com sua família inteira, se chegar até eles a notícia de que você está envolvida com atividade rebelde de alguma forma. Mesmo que seja só para ajudar a encontrar um menino perdido.

Bryce abriu a boca, mas Hunt insistiu:

— Não teremos um julgamento, Bryce. Apenas uma execução.

Tharion cruzou os braços.

— Exatamente. Então, de novo: fiquem fora disso, e eu vou embora.

Antes que Bryce pudesse disparar sua resposta, a porta da frente se escancarou e Ruhn preencheu a entrada.

— Que porr… Ah. Oi, Tharion.

— Você o convidou? — acusou Tharion a Bryce.

Bryce permaneceu calada, mantendo-se no lugar.

— Qual é o problema? — perguntou Ruhn, olhando para Hunt e Ithan. Ruhn se espantou ao ver o lobo. — E o que *ele* está fazendo aqui?

— Ithan é um agente livre no momento, então ele está ficando com a gente — disse Bryce, e, diante do olhar confuso de Ruhn, acrescentou: — Depois eu conto.

Ruhn perguntou:

— Por que seu coração está acelerado?

Bryce olhou para o peito, em parte esperando que a cicatriz estivesse brilhando. Ainda bem que estava dormente.

— Bem, parece que Tharion acha que Danika estava envolvida com os rebeldes.

Ruhn escancarou a boca.

— Obrigado, Bryce — murmurou Tharion.

Bryce lançou a ele um sorriso meigo e explicou a investigação de Tharion para Ruhn.

— E? — perguntou Ruhn, quando terminou, seu rosto pálido. — Danika *era* rebelde?

— Não! — Bryce abriu os braços. — Por Solas, ela estava mais interessada em que porcaria a gente tinha para comer no apartamento.

— Não era só nisso que ela estava interessada — corrigiu Ruhn. — Ela roubou o chifre e escondeu de você. Escondeu *em* você. E toda aquela merda com Briggs e a sintez…

— Tá, tudo bem. Mas a coisa rebelde… Ela nunca nem mesmo *falou* sobre a guerra.

— Ela devia saber que isso colocaria você em perigo — sugeriu Tharion.

Hunt disse a Tharion:

— E você não vê problema em ser forçado a trabalhar nessa merda? — O rosto estava mais pálido do que o comum. Tharion apenas cruzou os longos braços musculosos. Hunt prosseguiu, a voz

ficando mais baixa: — Não vai acabar bem, Tharion. Confie em mim nisso. Você está se metendo em coisas perigosas.

Bryce evitou olhar para a tatuagem queimada no pulso de Hunt.

A garganta de Tharion oscilou.

— Sinto muito por sequer ter vindo até aqui. Eu sei como você se sente com relação a essas coisas, Athalar.

— Você realmente acha que tem uma chance de Sofie estar viva? — perguntou Ruhn.

— Sim — disse Tharion.

— Se ela sobreviveu à Corça — falou Hunt —, e a Corça souber disso, ela vai vir correndo.

— A Corça pode muito bem já estar vindo nesta direção — disse Tharion, com a voz embargada. — Independentemente de Sofie, Emile e os poderes dele ainda são um prêmio. Ou alguma coisa a ser erradicada de uma vez por todas. — Arrastou os longos dedos pelo cabelo vermelho-escuro. — Eu sei que estou jogando uma bomba no colo de vocês. — Ele se encolheu diante da escolha infeliz de palavras, sem dúvida se lembrando do que tinha acontecido na última primavera. — Mas quero encontrar esse menino antes de qualquer outra pessoa.

— E fazer o que com ele? — perguntou Bryce. — Entregar para sua rainha?

— Ele estaria seguro nas Profundezas, Pernas. Levaria muito tempo para até mesmo o encontrarem… e o matarem.

— Para ele ser usado por sua rainha como algum tipo de ferramenta bélica em vez disso? Ao Inferno que eu vou deixar você fazer isso.

— De novo, não sei o que ela quer com Emile. Mas ela não faria mal a ele. E seria sábio da sua parte ficar fora do caminho dela.

Ithan o interrompeu antes que Bryce começasse a cuspir:

— Você acha mesmo que o menino vem para cá? Que a Corça vai segui-lo se souber disso?

Hunt esfregou a mandíbula.

— A 33ª não ouviu nada a respeito da Corça vir para cá. Ou da Ophion estar na área.

— Nem a Aux — confirmou Ruhn.

— Bem, a não ser que um dos sobeks do pântano tenha nadado até Haldren para tirar uma mordida de um soldado da Ophion, não consigo pensar em nenhum outro motivo para eu ter encontrado partes desmembradas do corpo de um ali — disse Tharion.

— Eu nem sei por onde começar com isso — disse Hunt.

— Apenas confie em mim — disse Tharion —, a Ophion está a caminho, se é que já não está aqui. Então eu preciso saber o máximo possível, e o mais rápido possível. Encontrar Emile e potencialmente encontrar Sofie.

— E conseguir um bom menino-soldado, né? — disse Bryce, tensa.

Tharion voltou os olhos suplicantes para ela.

— Ou a Rainha do Rio me coloca no comando da caça a eles, ou ela designa outra pessoa, possivelmente de mente menos… independente. Eu preferiria que fosse eu a encontrar Emile.

Ithan explodiu:

— Podemos discutir que vocês estão falando de *rebeldes* nesta cidade? De *Danika* ser potencialmente uma rebelde? — Ele grunhiu. — Essa é uma alegação muito séria, porra.

— Sofie e Danika trocaram vários e-mails intencionalmente vagos — disse Tharion. — Alguns aludiram a um esconderijo seguro aqui em Lunathion. Um lugar *onde as almas cansadas encontram alívio do sofrimento*. Estou pensando no Quarteirão dos Ossos, mas não tenho certeza se até mesmo Danika seria tão inconsequente a ponto de mandá-los para lá. Mas, enfim, não é uma alegação. É um fato.

Ithan balançou a cabeça, mas foi Hunt quem disse:

— Esse é um jogo letal, Tharion. Um que eu preferiria não jogar de novo. — Bryce podia jurar que as mãos dele tremeram sutilmente. Isso devia estar trazendo à tona as piores memórias e os seus piores medos, ele *tinha sido* um rebelde um dia. Isso lhe garantira duzentos anos de servidão.

E aquele havia sido um longo e estranho dia, e ela nem mesmo tinha contado a Hunt sobre a visita de Cormac no almoço.

No entanto, deixar aquele menino ser caçado por tanta gente…

Não podia ficar sentada olhando. Nem por um segundo. Então Bryce falou:

— Eu posso perguntar a Fury amanhã se ela sabe alguma coisa sobre Danika e Sofie. Talvez ela nos dê alguma ideia sobre onde

Danika possa ter sugerido Sofie a se esconder.

— Pergunte a ela agora mesmo — disse Tharion, com seriedade habitual.

— É quarta-feira à noite. Ela e Juniper sempre fazem algo especial.

Era uma meia mentira, e Hunt devia saber que era pelo bem dele, porque sua asa gentilmente roçou o ombro dela.

Mas Tharion ordenou:

— Então interrompa.

— Você não sabe *nada* sobre Fury Axtar? — Bryce gesticulou com a mão. — Vou ligar para ela amanhã de manhã. Ela sempre está com humor melhor depois que ela e June se pegam.

Tharion olhou entre ela e Hunt, então para Ruhn e Ithan, ambos observando silenciosamente. O tritão enfiou a mão no casaco e tirou de dentro uma pilha de papéis dobrados com um suspiro resignado.

— Aqui está uma amostra dos e-mails — disse, entregando-os a Bryce, e se dirigiu até a porta de novo. Parou perto de Syrinx, então se ajoelhou e acariciou sua cabeça, o pescoço grande da quimera. Ajustou a coleira de Syrinx e ganhou uma lambida de agradecimento. A boca de Tharion se repuxou nos cantos quando ficou de pé. — Bichinho de estimação legal. — Abriu a porta da frente. — Não coloque nada por escrito. Volto amanhã por volta da hora do almoço.

Assim que o tritão fechou a porta, Hunt disse a Bryce:

— Se envolver com isso é uma má ideia.

Ruhn disse:

— Concordo.

Bryce apenas segurou os papéis com mais força e se virou para Ithan.

— Essa é a parte em que você diz que concorda também.

Ithan franziu a testa mais profundamente.

— Eu posso ignorar as merdas sobre Danika e a Ophion, mas há um menino lá fora em fuga. Que provavelmente não tem nada a ver com a Ophion e precisa de ajuda.

— *Obrigada* — falou Bryce, virando-se para Hunt. — Está vendo?

— É problema de Tharion. Deixe isso de lado, Bryce — avisou Hunt. — Eu nem sei por que você precisou perguntar sobre isso.

— Eu não sei por que você *não* perguntaria — desafiou Bryce.

Hunt insistiu:

— Isso é mesmo sobre encontrar o menino, ou é sobre aprender alguma coisa nova a respeito de Danika?

— Não pode ser os dois?

Hunt balançou a cabeça devagar.

Ruhn falou:

— Vamos pensar nisso direito, Bryce, antes de decidir agir. E talvez queimar esses e-mails.

— Eu já decidi — anunciou. — Vou encontrar Emile.

— E fazer o que com ele? — perguntou Hunt. — Se os asteri querem o menino, você estaria abrigando um rebelde.

Bryce não conseguiu conter a luz que brilhou ao seu redor.

— Ele tem 13 anos. Não é um rebelde. Os rebeldes só *querem* que ele seja.

Hunt disse, em voz baixa:

— Eu vi crianças da idade dele caminhando em campos de batalha, Bryce.

Ruhn assentiu, sério.

— A Ophion não rejeita combatentes com base na idade deles.

Ithan falou:

— Isso é desprezível.

— Não estou dizendo que não é — replicou Hunt. — Mas os asteri não vão se importar se ele tem 13 ou 30 anos, se ele é um verdadeiro rebelde ou não. Se você ficar no caminho deles, vão punir você.

Bryce abriu a boca, mas… um músculo se contraiu na bochecha dele, tornando o hematoma ali mais evidente. Culpa a atingiu, brigando com sua ira.

— Vou pensar no caso — cedeu, e saiu batendo os pés até o quarto.

Precisava respirar antes de dizer ou fazer mais do que pretendia. Um momento para processar a informação que tinha tirado de Tharion. Não tinha dado nenhum crédito à alegação de Briggs a respeito de Danika e os rebeldes quando a provocou com aquilo, estava tentando atingi-la de qualquer modo possível. Mas parecia que ela estava errada.

Bryce vasculhou a memória por qualquer detalhe conforme limpou a maquiagem, então escovou os cabelos. Vozes masculinas

murmuravam do outro lado da porta, mas Bryce as ignorou, colocando o pijama. O estômago roncou.

Será que Emile estava com fome? Ele era uma criança, sozinho no mundo, tendo sofrido em um daqueles campos malditos, sem família. Devia estar apavorado. Traumatizado.

Esperava que Sofie estivesse viva. Não por nenhuma informação ou poderes incríveis, mas para que Emile tivesse alguém. Família que o amava por *ele*, e não por ser algum escolhido todo-poderoso cujo povo havia sido caçado à extinção há muito tempo.

Bryce franziu a testa no espelho. E então para a pilha de papéis que Tharion tinha dado a ela. Os e-mails entre Sofie e Danika, e alguns entre Sofie e Emile.

Os primeiros eram exatamente como Tharion dissera. Vagas menções de coisas.

Mas os e-mails de Sofie e Emile…

Precisei sair do seu jogo de solebol antes do final, escrevera Sofie em uma troca, mais de três anos antes, *mas mamãe me contou que vocês venceram! Parabéns, você foi maravilhoso!*

Emile tinha respondido: *Eu fui ok. Perdi dois lances.*

Sofie escrevera de volta, às 3 horas da manhã, como se tivesse ficado até tarde estudando ou festejando: *Eu um dia tive um jogo em que perdi* dez *lances! Então você está indo muito melhor do que eu. :)*

Na manhã seguinte, Emile tinha dito: *Obrigado, irmã. Saudade.*

Bryce engoliu em seco. Uma troca tão comum, prova de uma vida normal, decente.

O que tinha acontecido com eles? Como ele acabara em Kavalla? Parte dela não queria saber, mas… Ela leu os e-mails de novo. A amorosa e casual troca entre irmãos.

Será que alguma das muitas pessoas procurando por Emile queria realmente ajudar o menino? Não o usar, mas apenas… protegê-lo? Talvez os dois se encontrassem naquele ponto de encontro que Danika tinha mencionado. Talvez dessem sorte e ninguém jamais os encontraria.

Danika sempre ajudou aqueles que precisavam. Bryce inclusive.

E durante o ataque na primavera anterior, quando Bryce tinha corrido para os Prados de Asphodel… era a mesma sensação que

tomava conta dela agora. O menino precisava de ajuda. Não daria as costas àquilo. *Não podia* dar as costas àquilo.

Como Danika se encaixava naquilo tudo, aliás? Ela precisava saber.

O estômago protestou de novo. Certo, jantar. Com uma oração silenciosa para Cthona para manter Emile em segurança, Bryce saiu do quarto e disse:

— Vou pedir pizza.

Ruhn falou:

— Estou dentro. — Como se tivesse sido convidado, mas Bryce olhou para a porta fechada do quarto de Hunt.

Se *ela* precisava de um momento, ele com certeza precisava de muito mais.

* * *

Hunt ligou o chuveiro com a mão trêmula. O jato e os respingos da água trouxeram o tão necessário ruído de fundo, uma barreira tranquilizante contra o mundo além daquele quarto. Tinha murmurado alguma coisa sobre precisar tomar banho e entrado ali, sem se importar com o que Danaan e Holstrom pensariam.

Hunt tirou o traje de batalha, vagamente ciente dos hematomas em suas costelas e em seu rosto, a briga com Pollux quase esquecida.

Não conseguia parar de tremer, não conseguia conter a descarga de ácido pelas veias que tornavam cada fôlego uma tortura.

Porra de Tharion. Aquele babaca estúpido e arrogante. Arrastando-os, arrastando *Bryce*, para aquilo. A Rainha do Rio podia não ter associação com a Ophion, mas Emile era o irmão de uma rebelde. Danika tinha possivelmente sido uma rebelde também. Aquilo os levava perto demais da órbita da Ophion.

É óbvio que Bryce não teria conseguido deixar para lá depois de ouvir aquilo. Sabia que era irracional ficar irritado com ela por causa disso, porque parte do motivo pelo qual ele a adorava era por Bryce ser o tipo de pessoa que *iria* querer ajudar, mas… porra, que Inferno.

Hunt inspirou, entrando no jato de água naquele momento já morna, trincando a mandíbula para conter o relâmpago que subia por seu sangue e as lembranças que vinham com ele.

Aquelas reuniões estratégicas na tenda de guerra de Shahar; o caos sangrento e histérico da batalha; seu rugido quando Shahar morreu, um pedaço de seu coração morrendo com ela; a descarga de dor insuportável conforme suas asas eram serradas tendão após tendão…

Hunt inspirou de novo, as asas estremecendo como se com um eco daquela dor.

Não podia deixar aquilo acontecer de novo. Se tudo aquilo tinha sido por Bryce, para chegar até ali, então havia acontecido para que soubesse quando dar as costas e mantê-la em segurança.

Não tinha conseguido encontrar aquelas palavras, contudo. Hunt se concentrou na própria respiração, na sensação de seus pés contra os azulejos escorregadios, no pingar da água por suas asas.

Não conseguiu deixar de pensar que água morna parecia muito com sangue.

* * *

Trinta minutos depois, estavam sentados em torno da mesa de jantar, quatro caixas de pizza empilhadas diante deles.

— Prazer Carnívoro — disse Bryce, com uma comemoração forçada para Hunt, passando a pizza de carne com carne e mais carne para ele. O anjo ofereceu um sorriso que não chegou aos seus olhos. Não perguntou sobre aquele brilho assombrado, no entanto. Não com Ruhn e Ithan ali. Não quando Hunt já tinha deixado perfeitamente evidente o que estava se passando pela cabeça dele.

Sem dúvida discutiriam assim que estivessem sozinhos.

— Prazer Carnívoro com linguiça extra — disse a Ithan, piscando um olho ao entregar a caixa a ele. Podia jurar que Ithan corou. — E pepperoni com cebola grelhada — disse a Ruhn.

— O que você pediu? — perguntou o irmão. Uma tentativa de normalidade depois da visita de Tharion.

Hunt e Ithan disseram ao mesmo tempo:

— Linguiça acebolada com queijo extra.

Bryce gargalhou.

— Não sei se fico impressionada ou perturbada.

Ithan e Hunt não sorriram, no entanto. Ela capturou o olhar de Ruhn do outro lado da mesa, e o irmão disse em sua mente: *Ignorando toda a merda com Tharion e Emile, é esquisito demais que a porra do Holstrom esteja aqui.*

Começou a comer a pizza e suspirou com a combinação de carne com queijo e molho levemente adocicado. *Acho que é esquisito demais para ele também.*

Ruhn mordeu sua fatia. *Sinceramente, não dê um ataque, mas você é tecnicamente uma Princesa Estrelada. E está agora acolhendo um lobo exilado. Eu odeio essa merda política, mas… Eu não diria que está aquém de Sabine enxergar isso como uma afronta. Os lobos são tecnicamente nossos aliados.*

Bryce bebeu sua cerveja. *Não é como se ele tivesse alguma família.* O coração se apertou. *Acredite em mim, ele está numa* tristeza *fodida por não ter outro lugar para onde ir.*

Eu posso abrigá-lo. O irmão falou com absoluta sinceridade.

Isso não é a mesma merda política?

Eu posso dizer que o estou contratando para trabalhar para o lado feérico do Aux. Alegar que é para uma investigação ultrassecreta, o que eu suponho que essa coisa com Danika e Sofie e Emile seja. Sabine não pode contornar isso.

Tudo bem. Mas… dê uns dias a ele. Não quero que pense que o estou chutando daqui.

Por que não? Ele foi um babaca com você.

Houve cinco anos antes disso em que fomos próximos.

E daí? Ele foi um babaca com você quando você mais precisou dele.

E eu o ignorei quando ele *mais precisou de mim.*

Bryce piscou, encontrando Hunt e Ithan observando Ruhn e ela. O anjo disse, arrastado, sem qualquer indício do desconforto assombrado de antes:

— Alguns podem achar grosseria ter uma conversa mental na frente de outras pessoas.

Ithan levantou a mão em concordância. Como ele entendera o que estava acontecendo, só podia atribuir às suas habilidades aguçadas de lobo. Ou à habilidade de atleta de interpretar os adversários.

Bryce mostrou a língua.

— Desculpe por vocês não serem feéricos mágicos e especiais como a gente.

— Lá vamos nós — disse Hunt, atacando sua fatia. — Eu estava esperando por esse dia.

— Que dia? — Ithan tomou sua cerveja.

Hunt deu um risinho.

— Quando Bryce se dá conta do quanto ser uma princesa permite que ela se comporte de forma realmente insuportável.

Bryce mostrou o dedo médio a ele.

— Se eu preciso sofrer com o título, então vocês precisam sofrer com as consequências dele.

Hunt abriu a boca, mas Ithan falou primeiro:

— Eu ouvi falar que você teve seu Ordálio naquele dia da primavera. Parabéns?

Bryce ficou imóvel.

— É. Hã… obrigada. — Não queria pensar naquilo, os nøkken, Syrinx quase se afogando, o tanque… Syrinx se esfregou nos tornozelos dela, como se sentindo sua inquietação. E Hunt, também interpretando aquilo, disse a Ruhn:

— Você teve seu Ordálio em Avallen, não foi? E nosso novo amigo Cormac estava lá?

Antes que Ruhn pudesse responder, Flynn e Dec entraram no apartamento com uma chave que Bryce definitivamente não tinha autorizado. Virou a cabeça para Ruhn.

— Você deu a eles acesso digital e cópias das minhas chaves?

Flynn deslizou para a cadeira ao seu lado e puxou a pizza para si mesmo.

— Nós tiramos as impressões digitais de Ruhn quando ele estava desmaiado durante o Solstício de Verão, como uma forma de entrar no sistema. Então Dec acrescentou as nossas com as dele.

Declan se sentou na cadeira ao lado de Ruhn, pegando uma das fatias do irmão e uma cerveja do balde no centro da mesa.

— Nós fizemos cópias das chaves físicas antes de ele reparar que tinham sumido.

— Vocês estão realmente me enaltecendo, vocês dois — grunhiu Ruhn.

Bryce esticou a mão.

— Vou mudar meu sistema de impressões digitais para alguma coisa mais segura. Me dê essa chave.

Flynn apenas a enfiou no bolso.

— Venha buscar, doçura.

Hunt olhou de cara feia para o lorde feérico, e Declan riu.

— Cuidado, Flynn — avisou Dec.

Ithan riu, e os dois machos o olharam de cima a baixo. É óbvio que já tinham notado a presença dele, eram guerreiros treinados, mas não tinham ainda se dado o trabalho de reconhecê-lo.

Flynn lançou um sorriso charmoso, dentes à mostra.

— Oi, cachorrinho.

Os dedos de Ithan se fecharam em punhos ao ouvir o termo.

— Oi.

Declan deu um sorriso idêntico ao de Flynn.

— Bryce precisava de um novo bichinho de estimação?

— Tudo bem, tudo bem — interrompeu Bryce. — Digamos que fizemos mil piadas de cachorro sobre Ithan, ele fez mil piadas de babacas feéricos sobre vocês dois idiotas, e agora todos nós nos odiamos intensamente, mas podemos ser adultos e comer nossa comida.

— Eu apoio isso. — Hunt avançou na sua terceira fatia, usando a outra mão para brindar sua cerveja com a de Bryce.

Flynn sorriu de novo.

— Eu achei que tivesse ouvido você perguntar a Ruhn sobre o Ordálio dele. Foi nosso Ordálio também, sabe.

— Eu sei — disse Bryce, jogando o cabelo por cima do ombro. — Mas ele ganhou a espada, não foi?

— Ai. — Flynn agarrou o peito.

— Nossa, B — disse Declan.

Ruhn gargalhou e se recostou na cadeira, terminando a cerveja antes de dizer:

— Eu tinha 27 anos. Meu… nosso pai me mandou para Avallen para… verificar as moças.

— Tinha uma fêmea feérica de uma poderosa família com quem o Rei Outonal queria que Ruhn se casasse — explicou Flynn. — Infelizmente, Cormac também queria se casar com ela. Nenhum dos dois se casou com ela no final, é óbvio.

Bryce resmungou.

— Por favor, me diga que toda essa tensão entre vocês dois não é por causa de uma garota.

— Só parcialmente — disse Declan. — Também é porque Cormac e os primos gêmeos dele tentaram matar a gente. Cormac literalmente enfiou uma espada na minha barriga. — Bateu nos músculos abdominais rígidos como pedra.

— Vocês feéricos não são todos… aliados? — perguntou Ithan, de sobrancelhas erguidas.

Flynn quase cuspiu a própria bebida com a pergunta.

— Os feéricos de Valbara e os de Avallen se *odeiam*. Os feéricos de Avallen são um bando de babacas errados. O Príncipe Cormac pode ser o primo de Ruhn, mas ele pode cair morto que a gente nem se importa.

— Fortes laços familiares, hein? — disse Hunt.

Flynn deu de ombros.

— Eles mereceram o que aconteceu durante o Ordálio.

— E foi o que, exatamente? — perguntou Bryce.

— Humilhação — disse Declan, com prazer. — Algumas semanas depois do início da nossa visita, o Rei Morven, pai de Cormac, ordenou que Ruhn fosse ver se conseguia recuperar Áster das cavernas.

— Conte a história toda, Dec. *Por que* ele ordenou que eu fizesse isso? — grunhiu Ruhn.

Dec sorriu timidamente.

— Porque eu me vangloriei de que você conseguiria.

Ruhn abriu outra cerveja.

— E?

— E eu debochei de Cormac por ainda não ter ido atrás dela.

— *E*?

— E eu disse que um guerreiro feérico valbarano era melhor do que dez de Avallen.

Bryce gargalhou.

— Então tio Morven mandou você para lhe ensinar uma lição?

— Isso — disse Flynn. — Nós três. Não percebemos até estarmos na névoa, as cavernas estão literalmente cheias dela, que ele também tinha enviado Cormac e os gêmeos babacas para nos caçar lá dentro.

— Começando rixas de sangue — disse Bryce a Declan, levantando a mão para um "toca aqui". — Boa.

Declan bateu em sua mão, mas Ithan perguntou:

— Então seus Ordálios aconteceram lá?

— Isso — disse Ruhn, a expressão ficando sombria. — Todos nos perdemos nas cavernas. Tinha umas… merdas assustadoras lá. Espíritos malignos e espectros, eram velhos e cruéis. Nós seis passamos de tentar nos matar para tentar sobreviver. Para encurtar a história, Flynn e Dec e eu acabamos numas catacumbas bem abaixo da caverna…

— Cercados por espíritos sugadores de sangue que queriam comer nossos corpos, e então nossas almas — acrescentou Flynn. — Ou era nossas almas primeiro, depois os corpos?

Ruhn balançou a cabeça, sem responder.

— Eu fui desarmado. Então procurei por algo no sarcófago no centro da câmara onde estávamos presos, e… ali estava. Áster. Era morrer nas mãos daquelas criaturas, ou morrer tentando arrancar a espada da bainha. — Ele deu de ombros. — Por sorte, funcionou.

Declan disse:

— Os desgraçados saíram correndo da caverna quando Ruhn sacou a espada. Exatamente até onde Cormac e os gêmeos estavam nos caçando. — Sorriu de novo. — Os três não tiveram escolha a não ser fugir de volta para o castelo deles. O Rei Morven *não* ficou feliz. Principalmente quando Ruhn voltou com Áster e mandou ele ir se foder.

Bryce ergueu a sobrancelha para o irmão. Ruhn sorriu, o piercing labial brilhando.

— Não sou tão otário assim, hein?

Bryce gesticulou como se o ignorasse.

— Tanto faz.

Flynn subitamente perguntou a Ithan, os olhos no pescoço tatuado:

— Você vai manter essa tatuagem?

Ithan terminou a cerveja.

— O que você tem com isso?

Outro sorriso charmoso.

— Só quero saber quando eu posso contar a você que Sabine e Amelie são duas das piores pessoas de merda dessa cidade.

Ithan grunhiu, mas o resquício de um sorriso surgiu em seus os lábios.

Bryce olhou para Ruhn, que disse dentro da mente dela: *Talvez não seja uma ideia tão ruim ele vir ficar com a gente.*

Você quer mesmo ser colega de apartamento de um lobo?

Melhor que um anjo.

Depende do que você faz com o anjo.

Que nojo, Bryce.

Bryce se voltou para a conversa quando Declan perguntou com um sorriso malicioso que denunciava que estava prestes a começar a causar problema:

— Então, quem vai dormir no apartamento esta noite?

Bryce não conseguiu deixar de olhar de novo para Hunt, que manteve o rosto completamente neutro ao dizer:

— Eu vou deitar com Bryce.

A boca de Bryce se abriu, mas Ithan falou:

— Ótimo. Ela ronca.

— Babacas — fervilhou Bryce. — Vocês dois podem ir dormir no telhado.

— Não é longe o bastante dos seus roncos — disse Ithan, rindo.

Bryce fez uma careta, abaixando-se para acariciar as orelhas aveludadas de Syrinx.

Hunt apenas piscou um olho.

— Vou pegar tampões de ouvido.



Bryce mal conseguiu dormir. Passou a noite tentando com afinco fingir que a porra do Hunt Athalar não estava dormindo ao lado dela. A ilusão era destruída sempre que ela rolava, encarava asas cinzas e se lembrava de que a porra do Hunt Athalar estava dormindo ao seu lado.

Não tinham falado sobre a visita de Tharion. Ou sobre a decisão dela de encontrar Emile. Então provavelmente qualquer briga sobre esse tópico ainda estava por vir.

Naturalmente, Bryce acordou com os olhos inchados, coberta de suor, e com uma dor de cabeça latejante. Hunt já estava acordado e fazendo café, a julgar pelos barulhos do cômodo ao lado.

Bryce deslizou para fora da cama, o que lhe garantiu um grunhido revoltado de Syrinx por ser incomodado. O telefone tocando agravou a dor de cabeça, e não melhorou quando olhou para o identificador da chamada.

Bryce forçou sua voz mais animada.

— Oi, mãe.

— Olá, Bryce. — A voz de Ember estava calma. Calma demais.

Ithan riu do sofá quando ela passou por ele, caminhando indistintamente em direção ao aroma de café que a atraía. Pelos deuses,

ela precisava de uma xícara. Bryce perguntou à mãe:

— O que foi? Vocês chegaram bem em casa?

A parede de janelas revelou um dia ensolarado, bruxas e anjos passavam voando. E Bryce percebeu, à luz da manhã, o fato de que ainda estava com a camiseta surrada que dizia *Acampamento do Centro Comunitário de Nidaros Verão de 1523* e… pouco mais. Opa. Não era à toa que Ithan estava rindo. A calcinha meio fio dental de renda lilás deixava pouco para a imaginação. Bryce conteve a vontade de puxar a barra da camiseta sobre sua bunda seminua.

Os olhos de Hunt ficaram sombrios, mas apenas encostou no balcão e ofereceu silenciosamente uma xícara de café.

— Ah, sim — disse Ember. — Nós chegamos em casa, tivemos muito tempo para fazer compras de mercado e resolver algumas tarefas. — Bryce colocou o telefone no viva-voz e deslizou para o balcão, recuando alguns centímetros. Como se fosse uma granada de primalux comprida prestes a explodir com a conversa.

— Ótimo — disse Bryce, e podia jurar que Hunt estava tentando não rir.

— Nós também tivemos muito tempo — prosseguiu a mãe — para responder a todas as ligações que começamos a receber de gente perguntando quando é o casamento.

Hunt tomou um longo gole do café. Ithan apenas observou com uma expressão perplexa. Certo. Ela não tinha contado a ele.

Bryce trincou os dentes em uma tentativa de sorriso.

— Você e Randall vão renovar seus votos?

A mãe se calou. Uma onda crescendo, se erguendo, prestes a quebrar.

— Esse noivado é alguma tramoia para fazer Hunt finalmente confessar o amor dele por você?

Hunt se engasgou com o café.

Ai, deuses. Bryce ficou parcialmente tentada a despejar o café fervendo na própria cabeça e derreter até sumir.

— Porra — sibilou, pegando o telefone e tirando do viva-voz. Mesmo que Hunt e Ithan, com a audição aguçada deles, sem dúvida conseguissem discernir tudo que Ember dizia. — Olhe, não é um noivado *de verdade*…

— Certamente parece que é, Bryce Adelaide Quinlan. — A voz da mãe se elevou com cada palavra. — E parece que você está noiva do Príncipe Herdeiro de Avallen! Você *sabe* quem é o pai dele?

— Mãe, não vou me casar com ele.

— Então por que tantos de meus antigos amigos de escola sabem sobre isso? Por que há fotos de vocês dois em uma reunião particular no seu escritório ontem?

As asas de Hunt se abriram com alarme, e Bryce balançou a cabeça. Ela fez um gesto para ele, *Depois*, tentou sinalizar.

— Cormac me encurralou…

— Ele fez *o quê?*

— De um jeito não físico. Nada de que eu não pudesse dar conta. *E* — disse, quando sua mãe começou a protestar — eu tenho zero intenção de me casar com o Príncipe Cafajeste, mas você precisa confiar em mim para lidar com isso. — Olhou na direção de Hunt como se para dizer *E você também.*

Hunt assentiu, entendendo. Bebeu um pouco mais de café. Como se precisasse daquilo.

A mãe, no entanto, sibilou:

— Randall está em estado de *pânico.*

— Randall ou você? Porque da última vez que verifiquei, papai sabe que eu posso me cuidar. — Bryce não pôde conter o tom desafiador.

— Você está entrando em jogos com membros da realeza feérica que vão superar você em esperteza a cada esquina, que provavelmente até anteciparam sua reticência…

O telefone de Bryce vibrou. Leu rápido a mensagem que chegou. Graças a Urd.

— Eu agradeço pela sua confiança, mãe. Preciso ir. Tenho uma reunião importante.

— Não tente…

— *Mãe.* — Não conseguiu evitar, não conseguiu conter o poder turbulento que subia e fazia seu corpo começar a tremeluzir, como se fosse uma panela fervendo com luz estelar líquida. — Você não tem direito de opinar sobre o que eu faço ou deixo de fazer, e, se for inteligente o bastante, vai ficar bem longe disso.

O silêncio chocado de Ember se instaurou. O de Hunt e Ithan também.

Mas as palavras continuavam fluindo.

— Você não tem porra de noção *nenhuma* do que eu passei, e enfrentei, e de com que estou lidando agora. — A mãe e Randall jamais saberiam o que ela fizera com Micah. Não podia arriscar. — Mas vou lhe dizer que lidar com esse noivado falso não é *nada* em comparação com aquilo. Então *pare*.

Outra pausa. Então a mãe falou:

— Eu sabia que você tinha despachado a gente assim que o sol nasceu por um motivo. Eu quero *ajudar* você, Bryce…

— Obrigada pela fatia de culpa — falou Bryce. Conseguia ver a mãe enrijecendo o corpo.

— Tudo bem. Ainda estamos à sua disposição caso você precise de nós, Vossa Alteza.

Bryce começou a responder, mas a mãe tinha desligado. Lentamente Bryce fechou os olhos. Hunt disse para o silêncio súbito e carregado:

— Cormac foi até os arquivos?

Bryce abriu os olhos.

— Só para mostrar o pau. — Hunt ficou tenso, e Bryce acrescentou: — Não literalmente.

A expressão cautelosa.

— Por que você não me contou?

— Porque eu recebi um telefonema de Celestina dizendo que você estava em uma cela. — Exibiu os dentes. — Me poupe do espetáculo do macho territorial, está bem?

— Pode esconder todas as merdas dos seus pais o quanto quiser, mas não esconda coisas de mim. Somos uma equipe.

— Eu só me *esqueci*. Nada demais.

Hunt hesitou.

— Tudo bem. — Ergueu as mãos. — Tudo bem. Desculpe.

Silêncio recaiu, e ela se tornou bastante ciente da atenção de Ithan.

— Hunt pode inteirar você da minha novidade feliz — disse, olhando para o relógio. — Eu tenho uma reunião, e preciso me vestir.

— Hunt arqueou uma sobrancelha, mas Bryce não ofereceu explicação ao se dirigir para o quarto.

Voltou para a sala comum uma hora depois, de banho tomado e roupa social. Hunt já estava com seu equipamento da 33ª.

Bryce disse a Ithan, que estava fazendo flexões de braço na frente da TV com uma facilidade extraordinária:

— Vou voltar na hora do almoço quando Tharion passar aqui. Pode se servir do que achar na geladeira e ligue se precisar de alguma coisa.

— Obrigado, mãe — disse Ithan, entre repetições, e Bryce mostrou a língua.

Bryce destrancou a porta, então fechou a coleira de Syrinx antes de deslizar para o corredor. Ficou solitária nos arquivos no dia anterior sem a sua companhia. E talvez com um pouco de ciúmes do fato de que Syrinx tinha passado o dia com Ithan.

E teria sido bom vê-lo arrancar um naco da bunda do Príncipe Cormac.

O elevador havia acabado de chegar quando Hunt apareceu atrás dela, e cada músculo no corpo de Bryce se eletrificou. O elevador sempre foi tão pequeno assim? Será que as asas dele tinham aumentado à noite?

— Por que as coisas estão tão estranhas entre a gente? — perguntou Hunt.

Direto na jugular, então.

— As coisas estão estranhas?

— Não banque a sonsa. Vamos lá, ontem à noite foi estranho. Agora mesmo está estranho, porra.

Bryce encostou na parede.

— Desculpa. Desculpa. — Foi tudo que conseguiu pensar em dizer.

Hunt perguntou cautelosamente:

— Quando você ia me contar sobre Cormac ter passado nos arquivos? Que merda ele falou?

— Que você e eu somos perdedores e que ele acha que eu sou uma mimada imatura.

— Ele tocou em você? — Relâmpagos dançaram pelas asas de Hunt. As luzes da cabine se apagaram.

O elevador chegou ao térreo antes que ela conseguisse responder, e eles se calaram quando passaram por Marrin, o porteiro. O metamorfo ursino acenou.

Apenas quando pararam na calçada tumultuada Bryce falou:

— Não. Cormac é só um babaca. Parece que esta cidade está cheia deles ultimamente. — Indicou o céu acima, os anjos voando em direção ao extenso complexo do Comitium no DCC. As decorações em honra de Celestina pareciam ter se multiplicado da noite para o dia. — Nada de brigas hoje, está bem?

— Vou tentar.

Chegaram à esquina onde Bryce tomaria a direita, e Hunt a esquerda.

— É sério, Hunt. Chega de brigas. Precisamos ficar na encolha. — Principalmente agora. Estavam perto demais da Ophion para o gosto dela.

— Está bem. Só se você me ligar assim que o Príncipe Babaca contatar você de novo.

— Eu vou. E me avise se Tharion entrar em contato. Ou se você ouvir alguma coisa sobre… — Olhou para as câmeras instaladas nos postes e nos prédios ornamentados. Não podia dizer o nome de Emile ali.

Hunt enrijeceu, as asas se fechando.

— Precisamos falar sobre isso. Eu, hã… — Sombras escureceram seus olhos, e o coração se apertou, sabendo quais memórias causaram aquilo. Mas ali estava. A discussão que ela estava esperando. — Eu sei que você quer ajudar, e eu admiro você por isso, Bryce. Mas acho mesmo que só precisamos pesar tudo antes de mergulharmos de cabeça.

Não conseguiu resistir ao impulso de apertar a mão dele.

— Tudo bem. — Os calos dele roçaram a sua pele. — Boa observação.

— Tharion me pegou de surpresa ontem à noite — prosseguiu. — Aquilo trouxe à tona um monte de merda para mim, e preocupações por você. Mas se quiser prosseguir com isso… vamos conversar primeiro.

— Tudo bem — disse de novo. — Mas mesmo assim vou me encontrar com Fury agora. — Bryce tinha perguntas demais para *não*

se encontrar com ela.

— Óbvio — disse, embora seu olhar demonstrasse preocupação. — Me mantenha atualizado. — Tirou a mão da dela. — E não pense que acabamos de falar sobre essa estranheza entre nós.

Quando Bryce abriu a boca para responder, Hunt já havia se lançado para o céu.

* * *

Bryce deslizou para um banquinho no balcão de oito assentos que ficava no Tempestade em Bule de Chá, a casa de chá preferida dela na cidade.

Localizada na rua da Tinta, coração da Praça, a maior parte do beco estreito e coberto de grafite estava silenciosa, a maioria das lojas estavam fechadas. Apenas a casa de chá e a minúscula padaria que funcionava de uma janela entre dois estúdios de tatuagem estavam abertas. Na hora do almoço, os muitos restaurantes abririam suas portas e montariam pequenas mesas, e bancos que encheriam cada lado da rua. Depois que a multidão do almoço voltasse para os escritórios, a rua se acalmaria de novo, até o alto fluxo de pessoas vindas depois do trabalho, ansiosas por uma cerveja, um coquetel especial ou mais comida. Já o pôr do sol trazia um grupo totalmente diferente: babacas bêbados.

— Bom dia, B — disse Juniper, o cabelo cacheado preso em um elegante coque, a pele negra brilhando à luz da manhã. Ela estava ao lado de Fury, que tinha se acomodado em um banquinho do bar e estava olhando o telefone. — Eu só queria dizer oi antes do ensaio.

Bryce beijou a bochecha sedosa da amiga.

— Oi. Você está linda. Odeio você.

Juniper gargalhou.

— Você deveria me ver quando estiver pingando de suor em uma hora.

— Ainda vai estar linda — disse Bryce, e Fury assentiu sem tirar os olhos do celular. — Vocês já pediram?

— Já. — Fury guardou o telefone. — Pode pedir.

Juniper falou:

— Mas o meu é para viagem. — Bateu na bolsa de dança azul-marinho, que estava parcialmente aberta, o rosa suave do collant despontando para fora. Por um momento, Bryce se permitiu olhar para a amiga, olhar de verdade para a beleza que era Juniper. Graciosa, alta e magra, era bem dentro do padrão.

Como seria estar a caminho do ensaio matinal? Ter uma bolsa de dança cheia de acessórios e não uma bolsa de ombro cheia de porcarias aleatórias? Com os saltos apoiados na barra sob o bar, Bryce não conseguiu impedir seus pés de estremecerem, arqueando-se, como se testando a força e a maleabilidade de sapatilhas de ponta.

Bryce conhecera bem a sensação intoxicante de se apresentar. Tinha ansiado por isso naqueles anos em Nidaros, dançando com seu pequeno grupo do salão de recreações. Ela era a melhor dançarina da cidade, em toda a região montanhosa. Então foi para Lunathion e descobriu a bolha frágil dentro da qual estava vivendo. E, sim, no fim, não achou que poderia ter durado tanto quanto Juniper, mas… ao ver a fauna de pé ali, uma pequena parte dela se perguntava. Ansiava.

Bryce engoliu em seco, então suspirou, limpando as teias de aranha de seus antigos sonhos. Dançar na aula de Madame Kyrah duas vezes por semana era prazer o suficiente. E, embora a própria Kyrah tivesse um dia agraciado o palco do BCLC até decidir abrir um estúdio, a dançarina que virara professora entendia.

Então Bryce perguntou:

— O que vocês estão ensaiando hoje?

— *Marceline* — respondeu Juniper, os olhos brilhando. — Mas eu não tenho o papel principal.

As sobrancelhas de Bryce se ergueram.

— Achei que você estivesse ensaiando para ele nas últimas semanas.

Fury disse, tensa:

— Pelo visto a fantasia de Marceline não cabe em Juniper.

A boca de Bryce se escancarou.

— Os papéis costumam ser determinados assim — disse Juniper, rapidamente. — Mas estou satisfeita em ser solista.

Bryce e Fury trocaram um olhar. Não, ela não estava, mas, depois do desastre daquela primavera, o BCLC tinha colocado qualquer

“mudança” em espera. Incluindo a promoção de June de solista para dançarina principal.

Juniper costumava se perguntar em voz alta durante bebidas ou doces se essa espera era porque fora a única no abrigo antibomba a exigir que eles deixassem as portas abertas para os humanos entrarem. Porque tinha enfrentado alguns dos espectadores mais ricos sem pensar nas consequências para a carreira dela.

Do que poderia significar que a primeira fauna a agraciar o palco daquele teatro maldissesse aqueles espectadores, que os repreendesse na frente deles pela covardia e o egoísmo.

Bem, era *isso* que significava para ela.

June afundou no banquinho ao lado de Bryce, esticando as longas pernas. Mais um ano esperando na coxia pela sua chance de brilhar.

— Então, quem conseguiu o papel de Marceline? — O grupo de solistas principais e veteranas alternava os papéis principais a cada noite.

— Korinne — disse Juniper, em tom neutro demais.

Bryce riu com escárnio.

— Você é vinte vezes melhor dançarina do que ela.

June riu baixinho.

— Nada a ver.

— Tudo a ver — acrescentou Fury.

— Por favor — disse Bryce, cutucando Juniper com o cotovelo. — Não precisa ser humilde.

June deu de ombros, então sorriu para a barista quando trouxe um chá-verde em um copo para a viagem.

— Tudo bem. Talvez *duas vezes* a dançarina que ela é.

Fury disse:

— Essa é minha garota. — Assentiu em agradecimento para a barista quando sua bebida foi entregue em uma xícara de cerâmica.

Juniper tirou a tampa da xícara para a viagem e soprou a infusão fumegante dentro dela.

Bryce perguntou:

— Você pensou naquela oferta da Companhia Heprin?

— Sim — murmurou Juniper. Subitamente Fury ficou bastante interessada na própria bebida.

— E? — insistiu Bryce. — Eles estão praticamente implorando para ter você como Prima Ballerina. — Assim como umas três outras companhias de dança menores na cidade.

— Eles são incríveis — respondeu Juniper, em voz baixa. — Mas são um passo atrás.

Bryce assentiu. Ela entendia. De verdade. Para uma dançarina de Valbara, o BCLC era o ápice. O prêmio distante a que aspirar. E June tinha chegado *tão perto*. Perto o suficiente para tocar aquele sonho de Prima Ballerina.

Agora estava em queda livre.

— Eu quero aguentar mais um ano — disse June, colocando a tampa no chá e ficando de pé. — Só para ver se as coisas mudam. — Os lindos olhos da amiga de Bryce lampejaram de dor.

— Elas vão — assegurou Bryce, porque esperança era a única coisa que podia oferecer no momento.

— Obrigada — disse Juniper. — Estou indo. Vejo você em casa mais tarde — disse a Fury, inclinando o corpo para beijá-la suavemente. Quando ela fez menção de se afastar, no entanto, Fury colocou a mão em sua bochecha, segurando-a ali. Intensificando o beijo por alguns segundos.

Fury então recuou, olhando nos olhos da namorada, e disse:

— Vejo você em casa. — Promessa sensual envolveu cada palavra.

Juniper ficou mais do que um pouco sem fôlego, as bochechas corando, quando se virou para Bryce e beijou a bochecha da amiga.

— Tchau, B — disse, então sumiu no sol e na poeira.

Bryce olhou de esguelha para Fury.

— Você está caidinha, hein?

Fury riu.

— Você não faz ideia.

— Como foi a noite romântica? — perguntou Bryce, erguendo as sobrancelhas sugestivamente.

Fury Axtar tomou delicadamente seu chá.

— Magnífica.

Prazer e felicidade irradiavam silenciosamente da amiga, e Bryce sorriu.

— O que você está tomando?

— Chai com leite de amêndoa. É bom. Apimentado.

— Você nunca veio aqui?

— Eu pareço o tipo de pessoa que vai a casas de chá?

— Sim…?

Fury gargalhou, o cabelo preto dela balançando. Usava seu habitual all black, apesar do calor.

— Justo. Então, o que é essa coisa urgente que você precisa falar comigo?

Bryce esperou até ter pedido seu matcha latte com leite de aveia antes de murmurar:

— É sobre Danika. — Ela e Hunt talvez precisassem conversar sobre as coisas relacionadas a Emile, mas falar sobre aquilo com Fury não era necessariamente um passo em direção a nada. Podia descobrir a verdade sem ser arrastada para a órbita da Ophion, certo?

Àquela hora, apenas a barista e outro cliente ocupavam o bar. A rua estava vazia, exceto por alguns gatos revirando pilhas de lixo. Seguro o bastante para conversar sem serem entreouvidas.

Fury manteve sua postura casual, desinteressada.

— Isso tem a ver com Ithan estar hospedado com você?

— Como você soube disso? — Fury sorriu arrogantemente, mas Bryce fez que não com a cabeça. — Deixa pra lá. Mas, não, isso é outra coisa.

— Ele sempre teve uma quedinha por você, sabia.

— Hã, Ithan tinha uma queda por Nathalia.

— Super.

— Tanto faz. — Como formular tudo aquilo? — Você sabia sobre Danika e a coisa com a sintez. Eu estava imaginando se tem alguma outra coisa que você talvez estivesse… escondendo para ela.

Fury bebeu o chai.

— Gostaria de elaborar melhor? — Bryce fez uma careta. — Isso não foi exatamente um pedido — disse Fury, sua voz mortalmente suave.

Bryce engoliu em seco. E tão baixinho que só Fury conseguiria ouvir, então contou à amiga sobre Sofie Renast e Tharion e a Rainha do Rio e a caçada para encontrar Emile e todo o poder que ele possuía. Sobre o barco abandonado nos pântanos e a Ophion caçando o menino também. Sobre o potencial local de encontro que

Danika indicara três anos antes e as vagas menções ao Projeto Thurr e à Verdade do Crepúsculo naqueles e-mails entre Danika e Sofie.

Quando terminou, Fury terminou sua bebida e falou:

— Vou precisar de algo muito mais forte do que chai.

— Eu estou desnorteada desde que Tharion me contou — admitiu Bryce, ainda com a voz baixa. — Mas Danika e Sofie definitivamente se conheciam. Bem o bastante para que Sofie confiasse em Danika para encontrar para ela um potencial esconderijo, caso um dia precisasse.

Fury tamborilou os dedos no balcão.

— Eu acredito em você. Mas Danika jamais indicou qualquer envolvimento com os rebeldes, e eu nunca ouvi nada por meus canais habituais.

Bryce quase suspirou aliviada. Talvez não tivesse ido longe demais, então. Talvez a familiaridade entre elas não tivesse nada a ver com Ophion.

— Você acha que o local do encontro é o Quarteirão dos Ossos? — Rezava para que não fosse.

— Danika não teria mandado uma criança para lá, mesmo com poder de pássaro-trovão nas veias. E não seria burra o bastante para tornar isso *tão* óbvio assim.

Bryce franziu a testa.

— É. Verdade.

— Quanto a Verdade do Crepúsculo e Projeto Thurr… — Fury deu de ombros. — Não faço ideia. Mas Danika sempre se interessou por merdas estranhas e aleatórias. Podia passar horas sendo sugada para dentro de um buraco obsessivo na internet.

Bryce deu um leve sorriso. Também verdade.

— Mas você acha que Danika podia estar guardando mais algum segredo?

Fury pareceu considerar. Então falou:

— O único outro segredo que eu sabia sobre Danika é que ela era uma farejadora.

Bryce se esticou.

— Uma o quê?

Fury gesticulou para a barista pedindo mais um chai.

— Uma farejadora, ela conseguia farejar ascendências, os segredos nelas.

— Eu sabia que Danika tinha um faro aguçado — reconheceu Bryce. — Mas não me dei conta de que era *isso*... — Ela parou de falar, a memória lhe voltando. — Quando voltou para casa comigo nas férias de inverno do primeiro ano, ela conseguia discernir os laços familiares de todo mundo em Nidaros. Eu achei que era uma coisa de lobos. É especial?

— Eu só sei disso porque ela me confrontou quando nos conhecemos. Ela sentiu meu cheiro e queria entender. — Os olhos de Fury ficaram sombrios. — Nós resolvemos nossas merdas, mas Danika sabia uma coisa perigosa a meu respeito, e eu sabia uma coisa perigosa sobre ela.

Era o máximo que Fury jamais tinha dito sobre ser… o que quer que fosse.

— Por que é perigoso ser uma farejadora?

— Porque as pessoas pagam muito para usar o dom e matar qualquer um que o tenha. Imagine ser capaz de dizer a verdadeira linhagem de alguém, principalmente de um político ou algum membro da realeza cuja ascendência é questionada. Aparentemente, o dom veio da linhagem do progenitor dela.

Talvez fosse outro motivo pelo qual Danika não quisera falar sobre aquilo. Ela jamais mencionava o macho que tinha sido corajoso o bastante para foder Sabine.

Bryce perguntou:

— Você nunca pensou em me contar isso durante a investigação?

— Não pareceu relevante. Era só um dos muitos poderes de Danika.

Bryce levantou a mão para esfregar os olhos, então parou, lembrando-se da maquiagem.

— Quais são as chances de Sofie saber disso?

— Não faço ideia — respondeu Fury. — Poucas, provavelmente. — Então perguntou, com cautela: — Você tem certeza de que quer começar a desenterrar isso? Ir atrás daquele menino?

— Não é só pelo bem de Emile — confessou Bryce. — Eu quero saber o que Danika estava tramando. Ainda sinto como se ela sempre

estivesse dois passos, ou *dez* passos, à frente. Eu quero conseguir circunscrever o que aconteceu.

— Ela está morta, Bryce. Saber ou não saber não vai mudar isso.

Bryce se encolheu diante das palavras difíceis da amiga.

— Eu sei. Mas se Danika estava envolvida com a Ophion, com Sofie… Eu quero encontrar Sofie, se ela estiver viva. Descobrir o que quer que Sofie soubesse sobre Danika, e como elas sequer estavam em contato. Se Danika estava mesmo aliada à Ophion.

— Você está mexendo com uma merda perigosa.

— Hunt disse a mesma coisa. E… vocês dois estão certos. Talvez isso me torne idiota, por não dar as costas. Mas deixando de lado o fato de que Emile é uma criança sendo perseguida por uma galera intensa, se eu puder encontrá-lo para Tharion, ele vai me levar a Sofie, ou à informação sobre ela. E as respostas dela sobre Danika.

Fury acenou em agradecimento à barista e tomou seu segundo chai.

— E o que você vai fazer depois que descobrir a verdade?

Bryce mordeu o lábio.

— Rezar para Cthona para que eu consiga aceitá-la, acho.



Hunt cruzou os braços, tentando se concentrar na unidade que lutava em uma das áreas de treino no telhado do Comitium e não no calor escaldante que ameaçava queimar as asas dele. Ao seu lado, Isaiah também estava suando, os olhos pretos fixos em uma dupla de soldados lutando. A fêmea era mais rápida e mais esperta do que o macho que ela enfrentava, mas o macho tinha uns 50 quilos a mais em vantagem. Cada um de seus golpes devia dar a sensação de ser espancada por um caminhão semirreboque.

— Eu aposto no macho — murmurou Isaiah.

— Eu também. Ela é inexperiente demais para aguentar mais tempo. — Hunt limpou o suor da testa, grato por ter cortado o cabelo mais curto antes de o calor se assentar. Solas estava assando-os devagar sobre um poço de carvão. Ainda bem que tinha trocado de roupas no quartel e vestido short e camiseta.

— Não vai importar muito a longo prazo — disse Isaiah, quando o macho atingiu a mandíbula dela com o punho da espada. Sangue jorrou da boca da fêmea. — Não se marcharmos para a guerra.

O grande nivelador.

Hunt não disse nada. Mal tinha dormido na noite anterior. Não havia conseguido acalmar os pensamentos que circulavam sem parar.

Queria ter falado com Bryce, mas aquele ácido em suas veias tinha subido sempre que se aproximara, dissolvendo todas as suas palavras. Até mesmo naquela manhã, tudo o que conseguira dizer era que precisavam conversar.

Bryce sendo Bryce, contudo, vira tudo aquilo. Soubera o que o assombrava. E segurara a sua mão enquanto dizia que sim.

Verificou o celular. Apenas uma hora até Tharion aparecer no apartamento para discutir as coisas. Ótimo.

— Você acha que vamos acabar lá de novo? — prosseguiu Isaiah, a expressão distante. — Naqueles campos de batalha?

Hunt sabia de quais estava falando, embora tivessem lutado em muitos. Sandriel tinha mandado tanto ele quanto Isaiah para assassinar rebeldes humanos décadas atrás, quando a Ophion começara a se formar.

— Espero que não — disse Hunt, bloqueando as imagens daqueles massacres lamacentos: os mec-trajes queimando com os pilotos sangrando dentro deles; pilhas de asas quebradas até o alto em direção ao céu; alguns metamorfos se tornando ferais e se banqueteando nas carniças junto com os corvos.

Olhou para Isaiah. O que seu amigo diria se soubesse sobre Tharion? As palavras de Isaiah na última discussão deles na tenda de guerra de Shahar ainda ecoavam em seus ouvidos. *Isso é estupidez, Athalar! Nós voamos para o massacre. Não temos aliados, nenhuma rota de retirada, vocês dois vão* matar *todos nós!*

Hunt havia ordenado que seu amigo se retirasse. Antes enroscado ao lado de Shahar, que tinha ouvido a discussão deles da cama, atrás da cortina da tenda. Ela havia prometido a ele que Isaiah estava errado, que estava apenas com medo, lembrou-se depois. Hunt havia acreditado nela, e tinham trepado como animais, algumas horas depois do alvorecer, estava morta.

Hunt afastou as memórias do passado e se concentrou na luta diante deles. A fêmea se abaixou e acertou o punho no estômago do macho. Caiu como um saco de farinha, e Hunt gargalhou, memórias e luto se abrandando.

— Uma surpresa agradável — disse, voltando a atenção para os outros soldados pareados pelo espaço. Suor brilhava sobre as peles

expostas, asas brancas e pretas e marrons e cinza farfalhavam, e sangue aparecia em mais de alguns rostos.

Naomi estava no céu treinando uma unidade em manobras de salto com bombardeamento. Era difícil não olhar para o ringue mais distante, onde Pollux e Baxian supervisionavam uma unidade praticando disparos. O último estava no momento em sua grande forma canina, seu casaco de um preto lustroso.

Parecia errado ter aqueles dois merdas ali, em vez de Vik e Justinian.

Tão errado que olhou para os dois afinal. Sopesou a forma animal do Cão do Inferno. Vira Baxian arrancar membros de oponentes com aquela mandíbula, e se mover tão rápido em terra quanto em sua forma malakh. Como se sentisse sua atenção, Baxian virou a cabeça. Os olhos escuros dele brilharam.

Hunt fervilhou diante da provocação descarada no olhar de Baxian. O sentimento não diminuiu quando Baxian se moveu como um clarão, alguns anjos próximos se espantando com o retorno da forma humanoide.

Isaiah murmurou:

— Relaxe. — Quando Baxian disse alguma coisa a Pollux antes de sair atrás deles.

Baxian era quase tão alto quanto Hunt, e, apesar do calor sufocante, ainda usava preto da cabeça aos pés, combinando com suas asas e seu pelo de Cão do Inferno.

— Achei que você estava fazendo uma coisa muito mais interessante aqui em Valbara, Athalar. Estou surpreso por você não ter caído morto de tédio.

Isaiah usou isso como uma deixa para verificar o macho que tinha caído, piscando um olho para Hunt ao partir.

Traidor.

— Alguns de nós desejam uma vida normal, sabe — disse Hunt a Baxian.

Baxian riu.

— Todas aquelas batalhas, toda aquela glória que você ganhou para si, todo esse relâmpago em suas veias… e você simplesmente quer um emprego de tempo integral? — Bateu na cicatriz no pescoço. — O macho que me deu isto ficaria horrorizado.

— O macho que lhe deu isso — disse Hunt, entre dentes trincados — sempre quis paz.

— Não pareceu quando seu relâmpago me açoitou.

— Você entregou aquela família rebelde a Sandriel sem pensar duas vezes. Eu diria que você mereceu.

Baxian gargalhou, grave e sem vida. A brisa quente e seca farfalhou por suas asas pretas.

— Você sempre foi um tipo de canalha literal. Não conseguia ler as entrelinhas.

— Que porra isso quer dizer? — O poder de Hunt se incendiou nas pontas dos dedos.

Baxian deu de ombros.

— Eu posso não ser um escravizado como você é… foi. — Um aceno na direção da testa limpa. — Mas eu tive tão pouca escolha na servidão à Sandriel quanto você. Só que não tornei meu desprazer público.

— Mentira. Você a serviu com prazer. Não tem o direito de reescrever sua história agora que está aqui.

As asas de Baxian farfalharam.

— Você nunca me perguntou por que eu estava entre os triários dela, sabe. Nem uma vez, em todas aquelas décadas. Você é assim com todo mundo, Athalar. Superficial.

— Vai se foder. Volte a trabalhar.

— Este é o meu trabalho. A governadora acabou de me mandar uma mensagem e me disse para trabalhar com você.

O estômago de Hunt se revirou. Será que Celestina de algum jeito sabia sobre Tharion ter pedido ajuda para encontrar aquele menino pássaro-trovão? Que melhor forma de o monitorar do que amarrar o Cão do Inferno a ele?

— De jeito nenhum — disse.

A boca de Baxian ensaiou um sorriso quando acenou na direção de Pollux.

— Eu estou preso com aquele canalha há cem anos. Está na vez de outra pessoa lidar com ele. — Baxian apontou para Naomi.

Era egoísta se sentir feliz por não ter de lidar com o Martelo?

— Por que não nos contou nada disso durante a reunião mais cedo?

— Acho que ela andou observando a gente esta manhã. — Baxian inclinou a cabeça para as câmeras. — Provavelmente não quis alterar nosso comportamento antes de decidir quem juntar.

— Com que propósito?

Como se em resposta, seu telefone vibrou. Ele o tirou do short e encontrou uma mensagem de Celestina.

Como Isaiah vai me acompanhar pela cidade para conhecer os muitos líderes, estou contando com você e Naomi para ajudar nossos dois recém-chegados a se ajustarem. Eu gostaria que você se juntasse a Baxian. Mostre tudo a ele. Não apenas na 33ª, mas também como esta cidade funciona. Apresente-o à vida em Valbara.

Hunt considerou, mesmo enquanto resmungava internamente. Estava extremamente ciente daquelas câmeras, a arcanjo poderia estar observando cada expressão dele.

— Ela encarregou Naomi de ajudar Pollux a se ajustar?

Do outro lado do ringue, Isaiah estava agora verificando o celular, franzindo profundamente o cenho. Olhou para Hunt, o rosto se iluminando com a surpresa. Não pela honra de acompanhar a governadora, Hunt sabia.

Hunt se voltou para Baxian, que sem dúvida soube que Hunt tinha todas as ordens de que precisava.

— De jeito nenhum Pollux vai permitir que alguém *mostre tudo a ele.*

Baxian deu de ombros.

— Deixe Pollux cavar a própria cova aqui. Ele está irritado demais por ser separado da Corça para entender sua nova realidade.

— Eu não me dei conta de que o Martelo era capaz de se importar com alguém assim.

— Ele não é. Só gosta de ter controle sobre seus… pertences.

— A Corça não pertence a ninguém. — Hunt não conhecera Lidia Cervos muito bem, o tempo deles tinha apenas se sobreposto brevemente quando ele serviu a Sandriel, e a Corça passara a maior parte em missões para os asteri. Emprestada como um tipo de funcionário de campo para fazer a caça aos espiões e a destruição dos rebeldes para eles. Sempre que Lidia estava no castelo de Sandriel, ou estava em reuniões secretas com a arcanjo, ou trepando com Pollux

em qualquer que fosse o quarto que eles queriam usar. Graças aos deuses que a Corça não tinha ido até ali. Nem a Harpia.

Mas se Emile Renast estava se dirigindo àquela cidade… Hunt perguntou:

— A Corça realmente não vem para Lunathion?

— Não. Pollux recebeu uma ligação dela esta manhã. Ele está mal-humorado desde então.

— Mordoc está finalmente em ação? — O chefe dos lobos ferais da Corça era tão formidável quanto a sua amante.

Baxian riu com escárnio.

— Ele não é o tipo de Lidia. E não tem colhões para enfrentar Pollux em combate.

— Mordoc foi com ela até Ephraim? — Ele precisava avançar com cautela.

— Foi — disse Baxian, com atenção em Pollux. — Eles estão todos em Forvos agora. Ephraim tem mantido eles por perto nas últimas semanas… isso tem irritado a Corça. A Harpia está ainda mais transtornada.

Então a Corça não estava atrás de Emile. Pelo menos não no momento. O que tornava os agentes da Ophion o maior perigo ao menino, supunha. Fez uma nota mental para contar a Tharion quando o visse mais tarde, então falou:

— Achei que você e a Harpia fossem um par, você não parece muito chateado por não a ver.

Baxian soltou outra daquelas gargalhadas graves que dançavam pelos ossos de Hunt.

— Ela e Pollux seriam um par melhor do que ele e Lidia. — *Lidia.* Hunt jamais ouvira Baxian usar o nome de batismo da Corça, mas o usara por duas vezes agora. — Ela vai atazanar Ephraim — prosseguiu Baxian, sorrindo consigo mesmo. — Uma pena que eu não possa ver.

Hunt quase tinha pena de Ephraim por herdar a Harpia.

— E o Falcão?

— Fazendo o que ele faz melhor: tentando superar Pollux em crueldade e brutalidade. — Por muito tempo o metamorfo de falcão tinha sido o maior rival de Pollux em termos de poder. Hunt havia ficado longe dele durante décadas. Assim como Baxian, percebia ele. Ele jamais os vira interagir.

— Você é um macho livre — disse Hunt, com cautela. — Sandriel se foi. Por que sequer continuar servindo?

Baxian passou a mão pelo cabelo raspado.

— Posso perguntar o mesmo a você.

— Eu preciso do dinheiro. — Hunt respondeu.

— É mesmo? — Baxian emitiu um estalo com a língua. — Bryce Quinlan é uma namorada cara, imagino. Princesas gostam de coisas bonitas.

Hunt sabia que não deveria negar que Bryce era sua namorada. Não se aquilo daria uma abertura para Baxian provocá-lo.

— Exatamente.

Baxian prosseguiu:

— Eu gosto dela. Ela tem colhões.

Isaiah gritou o nome de Hunt do outro lado do espaço, e Hunt quase se curvou de alívio por ter uma desculpa para sair daquela conversa.

— Eis a primeira regra de se ajustar: não fale comigo a não ser que eu fale com você, porra. — Como segundo de Isaiah, ele estava acima de Baxian.

Os olhos de Baxian se iluminaram, como se percebendo isso.

— Estou levando esse trabalho a sério, sabe.

Hunt deu a ele um sorriso selvagem.

— Ah, eu sei. — Se precisaria ajudar Baxian a se ajustar, ele o arrastaria com satisfação para o século atual. Com sorte chutando e gritando. — Eu também.

Baxian teve o bom senso de demonstrar um leve nervosismo.

* * *

Tharion queria ter o apartamento de Bryce Quinlan. Muito.

Ainda assim, certamente não ganhava o bastante para poder pagar por aquilo, e o sol brilharia no Inferno antes de a Rainha do Rio permitir que vivesse na Superfície. Esse pensamento o fez fechar a cara quando bateu à porta do apartamento.

A fechadura clicou e Ithan Holstrom olhou pela abertura, as sobrancelhas erguidas.

— Bryce ainda não voltou.

— Ela já me contou. — Tharion ergueu o celular, mostrando a breve conversa com a princesa feérica de alguns minutos antes.

Estou no seu apartamento e pronto para revistar sua gaveta de calcinhas.

Respondera imediatamente: *Você chegou cedo. Estarei aí em dez minutos. Não deixe manchas de saliva nas de renda. Ou pior.*

Não prometo nada, respondeu ele, e ela mandou: *Mas poupe o sutiã rosa, por favor.*

Para a surpresa de Tharion, Ithan verificou que o número na informação de contato dela era, de fato, o de Bryce. Menino inteligente. A mandíbula de Ithan se moveu antes que ele dissesse:

— Achei que ela estivesse envolvida com Athalar.

— Ah, ela está — disse Tharion, guardando o celular. — Mas Pernas e eu temos um entendimento quando se trata da roupa íntima dela. — Deu um passo à frente, uma exigência direta para que sua entrada fosse permitida.

Ithan enrijeceu o corpo, exibindo os dentes. Um completo lobo. Mas o macho abriu mais a porta, dando passagem. Tharion manteve uma distância saudável ao entrar. Quantos jogos de solebol Tharion tinha assistido em que aquele macho fizera o lance vencedor? Quantas vezes ele havia gritado para a TV, ordenando a Ithan *jogue a porra da bola*? Era estranho vê-lo pessoalmente. Cara a cara.

Tharion se sentou no sofá branco ridiculamente confortável, mergulhando mais nas almofadas.

— Me ocorreu, depois que eu saí ontem à noite, que você não disse muito sobre Danika.

Ithan encostou no balcão.

— O que quer dizer?

Tharion deu um risinho.

— Você pode ser um atleta, mas não é tapado. Eu quis dizer sobre o que eu contei a Bryce ontem à noite.

— Por que Danika me contaria alguma coisa sobre conhecer uma rebelde?

— Você era bem próximo dela.

— Ela era minha Alfa.

— Você não era parte da Matilha dos Demônios.

— Não, mas eu teria sido.

Tharion tirou os sapatos e apoiou os pés descalços na mesa de centro. O noticiário esportivo aos berros na TV.

— Você não estava prestes a se tornar profissional?

O rosto de Ithan se contraiu.

— Isso não é da sua conta.

— Certo. Eu sou apenas o Capitão Qualquer Coisa. — Tharion bateu continência para ele. — Mas, se você sabia de algum envolvimento de Danika, se houvesse um lugar que Danika pudesse ter contado a Sofie que era seguro para se esconder aqui na cidade e que parece com *onde as almas cansadas encontram alívio*, ou mesmo se seu irmão…

— Não fale sobre meu irmão. — O rosnado de Ithan chacoalhou o vidro dos armários da cozinha.

Tharion ergueu as mãos.

— Tudo bem. Então você não sabe de nada.

— Não conversávamos sobre a rebelião, ou a guerra, ou nada assim. — Um músculo se contraiu na mandíbula de Ithan. — Eu não gosto de ser arrastado para isso. Ou que Bryce seja arrastada também. Você a está colocando em perigo por simplesmente mencionar isso. Procurar uma criança perdida é uma coisa, mas a merda com a Ophion é fatal.

Tharion deu um sorriso vitorioso para o macho.

— Eu tenho minhas ordens, e sou forçado a obedecer a elas.

— Você é um idiota se não enxerga o risco em espalhar essa informação sobre sua rainha buscar Emile.

— Talvez, mas o que ela vai fazer comigo se eu desobedecer vai ser muito pior do que o que Sabine e Amelie fizeram com você. — Outro sorriso. — E não terei a linda Bryce para lamber minhas feridas depois.

Ithan rosnou de novo. Será que o lobo tinha alguma ideia do que revelara somente com aquele grunhido? Ele tinha sido um jogador de solebol tão inteligente, sem jamais anunciar seus movimentos. Parecia que havia perdido a habilidade.

Mas Tharion prosseguiu:

— Danika fez muita merda suspeita antes de morrer. Bryce sabe disso. Você não a protege ao se recusar a falar. — Tharion se levantou

devagar, então se dirigiu até a geladeira, bastante ciente de cada fôlego que o lobo tomava.

Abriu a porta para procurar lanches quando Ithan falou:

— Ela estava estudando história.

Tharion arqueou as sobrancelhas.

— Ah, é?

Ithan deu de ombros.

— Ela certa vez me contou que estava fazendo pesquisa sobre alguma coisa que provavelmente a afogaria em problemas. Mas, quando eu perguntei depois o que ela conseguira escrever, ela disse que tinha mudado de tópico. Eu sempre achei aquilo esquisito.

Tharion fechou a porta da geladeira, encostando-se nela.

— Por quê?

— Porque Danika era incansável. Se ela estava interessada em alguma coisa, não parava. Eu não acreditei muito que ela teria mudado o tópico do trabalho sem um bom motivo.

— Você acha que uma universitária encontrou uma coisa ultrassecreta que a levou até a Ophion?

— Danika nunca foi apenas uma universitária.

— Assim como você nunca foi apenas um jogador de solebol universitário, né?

Ithan ignorou a alfinetada.

— Você me perguntou sobre Danika. À exceção de tudo que aconteceu com a sintez, essa é a única coisa em que eu consigo pensar. Desculpe se não é o que você esperava.

Tharion fitou o macho encostado no balcão. Sozinho.

Talvez fosse um canalha meloso, mas Tharion apontou para a TV.

— Eu perdi o jogo de solebol contra Korinth ontem à noite e quero ver os melhores momentos. Você se importa se eu assistir com você enquanto esperamos os outros?

Ithan franziu a testa, mas Tharion levou a mão ao coração.

— Sem coisas de espionagem secreta, eu juro. — Suspirou. — Eu preciso de uns minutos de paz.

Ithan sopesou as palavras, a expressão de Tharion com uma atenção afiada que o lobo tinha usado em seus oponentes. Talvez o jogador de solebol não estivesse morto, afinal.

Mas Ithan apenas disse:

— Tem sobra de pizza, se você estiver com fome.



Ruhn se encontrou com a irmã do lado de fora dos Arquivos Feéricos assim que a multidão saiu no horário do almoço para o labirinto de ruas de Cinco Rosas.

Em meio à confusão, poucos dos transeuntes feéricos reparavam neles, concentrados demais em comer ou ocupados com os celulares. Ainda assim, Bryce colocou um boné de solebol e óculos escuros ao sair para a rua escaldante que nem mesmo as árvores e o verde de CiRo conseguiam refrescar o ar completamente.

— Não vou usar esse disfarce — disse Ruhn. Certamente não em território feérico. — As pessoas vão descobrir quem você é muito rápido.

— Não aguento mais os olhares.

— Ossos do ofício.

Bryce resmungou alguma coisa que Ruhn escolheu não ouvir.

— Então Tharion está na sua casa? — perguntou, conforme os dois seguiam para o apartamento dela.

— Sim. Já interrogando Ithan. — E por isso pedira a ele que fosse como reforço. Um fato que não lhe deu pouca satisfação.

Atravessaram um cruzamento tumultuado cheio de feéricos e metamorfos, o ocasional draki passando. Ruhn falou:

— Imagino que você não tenha me convidado para caminhar com você até em casa como proteção nas perigosas ruas de Cidade da Lua Crescente. — Assentiu cinicamente para os anjos e as bruxas voando acima, a pequena lontra de colete amarelo passando correndo, a família de algum tipo de metamorfos equinos trotando entre os carros.

Olhou com raiva por cima dos óculos escuros.

— Eu queria conversar sobre uma coisa com você, e não confio no telefone. Ou em mensagens.

Ruhn respirou fundo.

— Eu sei que a merda com Cormac é absurda…

— Não é sobre Cormac. É sobre Danika.

— Danika?

— Eu vi Fury de manhã. Ela me contou que Danika era uma farejadora. Você sabe o que é isso?

— Sim — disse Ruhn, parecendo surpreso. — Como assim você me conta isso agora?

A irmã acenou com a mão casualmente.

— Danika escondeu muitas coisas de mim. E não vejo mais o objetivo em guardar segredos.

— Não tem problema sentir raiva dela, sabe.

— Pode me poupar da palestra de autoajuda, está bem?

— É justo. — Esfregou a mandíbula. — Acho que isso explica como Danika sabia que éramos irmãos antes de qualquer outra pessoa. — Jamais se esqueceria de quando esbarrou em Bryce e Danika naquela festa de fraternidade, a primeira vez que via a irmã em anos. E como Danika tinha olhado para ele. E então para Bryce, as sobrancelhas erguidas. Ruhn soube naquele momento que Danika tinha adivinhado o que mais ninguém tinha, mesmo quando Bryce o apresentou como seu primo. Ele havia atribuído aquilo às habilidades de observação incomparáveis da loba.

— Achei que ela fosse apenas *boa* de olfato — disse Bryce, abanando o rosto contra o calor. — Não um gênio ou o que quer que seja. Você acha que isso pode ter alguma coisa a ver com a conexão dela com Sofie?

— Parece um exagero. Danika era uma vanir poderosa e influente, independentemente daquele dom. Sofie ou a Ophion podiam tê-la

procurado por um monte de outros motivos.

— Eu sei. — Calaram-se até que Bryce parou do lado de fora das portas de vidro do prédio dela. — Talvez Sofie tenha achado que Danika podia ajudar a libertar o irmão dela de Kavalla ou algo assim. Parece que ela trabalhou nisso durante anos antes de conseguir chegar até ele. Talvez ela tenha achado que, sei lá, Danika tinha alguma influência.

Ruhn assentiu. Mal conseguia imaginar como tinha sido, tanto para Emile suportar quanto para Sofie passar cada momento de cada dia rezando e trabalhando pela sobrevivência dele. O fato de não ter desistido, de ter conseguido… Ruhn não tinha palavras.

— Mas será que Danika *tinha* esse tipo de influência? — perguntou.

Bryce fez que não com a cabeça.

— Quer dizer, talvez ela tivesse conseguido, mas nunca tentou fazer nada assim, até onde eu sei. E não vejo por que Sofie entraria em contato com Danika, de todas as pessoas, quando Danika estava aqui e Sofie estava em Pangera. Não faz sentido. — Bryce jogou o rabo de cavalo por cima de um ombro e grunhiu, frustrada. — Eu quero saber o que Sofie sabia sobre Danika.

— Eu entendo — disse Ruhn, com cautela. — E entendo por que você quer encontrar Emile também. Mas vou dizer mais uma vez, Bryce: se eu fosse você, ficaria longe de qualquer que seja o jogo que Tharion e a Rainha do Rio estão jogando ao procurar pelo menino. Principalmente se a Ophion está à caça de Emile também.

Bryce abriu a porta do prédio, o ar-condicionado os sufocando como um cobertor de gelo, e cumprimentou Marrin. O metamorfo ursino acenou de volta da recepção, e Ruhn ofereceu um meio sorriso para o macho antes de entrar no elevador depois da irmã.

Ruhn esperou até as portas se fecharem para falar, baixinho:

— Eu sei que Athalar já disse isso a você ontem à noite, mas os asteri poderiam matar você por sequer se envolver. Mesmo que seja uma coisa tão aparentemente inofensiva quanto encontrar esse menino.

Bryce distraidamente enroscou a ponta do rabo de cavalo em torno dos dedos.

— Eles podiam ter me matado na primavera, mas não mataram. Estou imaginando que não matarão agora.

Ruhn brincou com o piercing labial, puxando o aro prateado quando as portas do elevador se abriram e ele saiu no andar dela.

— Se eles querem você viva, eu começaria a me perguntar o motivo. Você tem o chifre nas costas. Isso não é pouca coisa. — Não pôde evitar olhar para as costas da irmã ao dizer, fixando-se nos tendões superiores da tatuagem visível acima do vestido dela. — Você é uma pessoa poderosa agora, Bryce, goste você ou não. E confie em mim, eu entendo, é uma *merda* querer ser normal e ter essa porra toda que não te permite. — Sua voz ficou rouca, Bryce olhou para ele por cima do ombro, o rosto neutro. — Mas você é Estrelada e tem o chifre. E tem muito poder graças à Descida. A Bryce de antes desta primavera poderia ter procurado por Emile com poucas repercussões, mas a Bryce que existe agora? Qualquer movimento que você fizer será politizado, analisado, visto como um ato de agressão ou rebelião ou declaração de guerra. Não importa o que você diga.

Bryce suspirou em voz alta, mas os seus olhos tinham se suavizado. Ou com o que ele tinha dito, ou com o que havia admitido para ela a respeito da própria vida.

— Eu sei — disse, antes de abrir a porta do apartamento.

Encontraram Tharion no sofá com Ithan, a TV aos berros com as últimas estatísticas esportivas. Tharion comia um pedaço de pizza, as longas pernas jogadas diante do corpo, os pés descalços na mesa de centro.

Ruhn podia ter entrado para pegar um pedaço daquela pizza, caso Bryce não tivesse ficado imóvel.

Um tipo de imobilidade feérica, calculando uma ameaça. Cada instinto dele entrou em alerta máximo, gritando para que defendesse, atacasse, massacrasse qualquer ameaça a sua família. Ruhn suprimiu aquilo, conteve as sombras que imploravam para serem liberadas, para esconder Bryce de vista.

Ithan gritou para eles:

— Tem pizza no balcão da cozinha, se quiserem.

Bryce permaneceu calada quando o medo tomou conta do cheiro dela. Os dedos de Ruhn roçaram o metal frio da arma presa a sua coxa.

— Seu gato é um amor, aliás — prosseguiu Ithan, sem tirar o foco da TV ao acariciar o gato branco enroscado em seu colo. Bryce fechou a porta devagar atrás dela. — Ele me matou de susto quando saltou no balcão há uns minutos, o cafajeste. — O lobo passava os dedos pela pelagem exuberante, o que lhe garantiu um ronronado profundo em resposta.

O gato tinha olhos azuis impressionantes. Pareciam intensamente atentos ao se fixarem em Bryce.

As sombras de Ruhn se reuniram em seus ombros, cobras prontas para atacar. Sutilmente sacou a arma.

Atrás dela, uma ondulação familiar de poder envolto em éter beijou a sua pele. Um pequeno conforto quando Bryce disse, rouca:

— Isso não é um gato.

* * *

Hunt chegou ao apartamento bem a tempo de ouvir as palavras de Bryce pela porta fechada. Ele estava do lado de dentro em um momento, seu relâmpago reunido nos dedos.

— Ah, acalme-se — disse o Príncipe do Desfiladeiro, saltando na mesa de centro.

Xingando, Ithan se atirou do sofá e saltou por cima da mesa com graciosidade sobrenatural. Tharion sacou uma faca presa à coxa, uma lâmina cruel com a ponta curva. Feita para causar o pior dano ao cortar.

Mas Aidas disse a Hunt, com as pequenas presas reluzentes:

— Achei que fôssemos amigos, Orion.

— É Hunt — disse, entre dentes trincados, relâmpago saltando sobre seus dentes, estalando em sua língua.

Com um único movimento fritaria o príncipe. Não ousou tirar a concentração de Aidas para verificar a posição de Bryce. Ruhn se certificaria de que ficasse para trás.

— Independentemente disso — disse Aidas, caminhando na direção da mesa de centro e saltando para o tapete. Uma luz brilhante preencheu o canto da visão de Hunt, encontrou Ruhn de pé do outro lado de Bryce, com Áster na mão.

Mas Bryce, a maldita, avançou. Hunt tentou bloqueá-la, mas ela o ultrapassou sem dificuldade, o queixo erguido quando disse:

— Que bom ver você de novo, Aidas.

Ruhn, Tharion e Ithan pareceram todos inspirar ao mesmo tempo.

Hunt mal respirou quando o gato saiu saltitando até ela e entremeou por suas pernas, roçando as canelas de Bryce.

— Oi, princesa.

O sangue de Hunt gelou. O príncipe demônio ronronou a palavra com tanta determinação. Tanto prazer. Como se tivesse algum tipo de reivindicação sobre ela. O relâmpago de Hunt se acendeu.

Aidas saltitou para o balcão e pulou para cima dele com um impulso gracioso, então observou todos ali. Seus olhos azuis retornaram para Bryce, por fim.

— Por que você ainda não sabe usar seus poderes?

Bryce girou os ombros, estalando o pescoço, e estendeu a mão. Uma semente de luz estelar se acendeu na palma.

— Eu consigo usá-los.

Uma risada baixa, ciciante.

— Truques para entretenimento. Eu falei de seus poderes de verdade. Sua herança.

Hunt segurou sua arma. Bryce desafiou:

— Que poderes?

Os olhos de Aidas brilharam como estrelas azuis.

— Eu lembro da última Rainha Estrelada, Theia, e os poderes dela. — Ele pareceu estremecer. — Sua luz é a luz dela. Eu reconheceria esse brilho em qualquer lugar. Estou presumindo que você também tem os dons dela.

— Você *conheceu* a última Rainha Estrelada? — perguntou Ruhn. Luz estelar dançou entre as sombras de Ruhn, reluzindo pela extensão da espada dele.

Os olhos de Aidas agora brilharam com um tipo estranho de raiva quando olhou para o príncipe feérico.

— Eu conheci. E conheci o príncipe chorão cuja luz *você* carrega. — Uma onda de silêncio e choque percorreu a sala.

Ruhn, para seu crédito, não recuou. Pelo canto do olho, no entanto, Hunt notou Ithan e Tharion se colocando lentamente em posições idênticas atrás do Príncipe do Desfiladeiro.

Bryce disse, mais para si mesma do que para o príncipe demônio:

— Eu não sabia que eles teriam luz estelar individual. Eu sempre achei que a minha era só… mais forte do que a sua. — Franziu a testa para Ruhn. — Eu acho que faz sentido que pudesse haver nuances na luz entre os feéricos que procriaram. A filha mais velha de Theia, Helena, tinha o dom, e se casou com o Príncipe Pelias. Seu ancestral.

— Ele é seu ancestral também — murmurou Ruhn.

— Pelias não era um príncipe de verdade — disparou Aidas, as presas expostas. — Ele era o alto-general de Theia e se nomeou príncipe depois que se casou à força com Helena.

— Desculpem — disse Ithan, esfregando o rosto —, mas que porra é essa? — Olhou para a pizza na mesa, como se imaginando se a comida tinha sido drogada com alguma coisa.

Bem-vindo às nossas vidas, era o que Hunt queria dizer.

O rosto de Bryce tinha ficado pálido.

— A Rainha Theia permitiu isso?

— Theia estava morta àquela altura — disse Aidas, inexpressivo. — Pelias a matou. — Assentiu para Áster na mão de Ruhn. — E roubou a sua arma quando terminou. — Grunhiu. — Essa espada pertence à herdeira *fêmea* de Theia. Não ao filho macho que corrompeu a sua linhagem.

Bryce engoliu em seco audivelmente, e Ruhn olhou boquiaberto para a espada dele.

— Eu nunca ouvi nada disso — protestou o príncipe feérico.

Aidas riu friamente.

— Seu aclamado Príncipe Pelias, o chamado primeiro Príncipe Estrelado, era um impostor. A outra filha de Theia fugiu, sumiu noite afora. Eu nunca soube do destino dela. Pelias usou Áster e o chifre para se posicionar como príncipe, e os passou para seus filhos, as crianças que Helena carregou para ele, estuprada em todas as concepções.

Aquele mesmo chifre estava agora tatuado nas costas de Bryce. Um calafrio percorreu a coluna de Hunt, as asas estremeceram.

— O sangue covarde de Pelias corre agora pelas veias de vocês dois — disse Aidas para Ruhn.

— Assim como o de Helena — disparou Ruhn de volta, então recitou: — *Helena, cabelo como a noite, e cuja pele vertia luz estelar e*

sombras.

Bryce emitiu um clique com a língua, impressionada.

— Você decorou essa passagem?

Ruhn fez cara feia, como se irritado que ela se concentrasse nisso quando um príncipe demônio estava diante deles.

Mas Bryce perguntou a Aidas:

— Por que está contando isso para a gente agora?

Aidas tremeluziu de ódio.

— Porque eu fui impotente naquela época. Cheguei tarde demais, e estava em muito menor número. Depois que acabou, foi quando eu pedi um favor a meu irmão mais velho. Enfrentar Pelias no campo de batalha e arrancá-lo deste mundo. — Aidas caminhou alguns passos, a cauda se agitando. — Estou lhe contando isso agora, Bryce Quinlan, para que o passado não se repita. Você está fazendo alguma coisa para ajudar nessa guerra eterna?

— Está falando da causa rebelde? Perguntou Tharion, o rosto tenso com incredulidade e pesar.

Aidas não tirou os olhos de Bryce ao dizer:

— É a mesma guerra que lutamos há 15 mil anos, apenas renovada. A mesma guerra que você lutou, Hunt Athalar, em uma forma diferente. Mas chegou de novo a hora de dar um empurrão.

Ithan disse, devagar:

— O Inferno é nosso inimigo.

— É mesmo? — Aidas gargalhou, as orelhas estremecendo. — Quem escreveu a história?

— Os asteri — disse Tharion, sombriamente.

Aidas voltou seu olhar de aprovação para ele.

— Você ouviu a verdade de alguma forma, eu imagino.

— Eu sei que a história oficial desse mundo não deve ser necessariamente levada a sério.

Aidas desceu do balcão, saltitando até a mesa de centro de novo.

— Os asteri alimentaram os próprios ancestrais com mentiras. Fizeram os acadêmicos e os filósofos escreverem a versão deles dos eventos sob pena de morte. Apagaram Theia dos registros. Aquela biblioteca que sua antiga empregadora possui — disse, virando-se para Bryce — é o que resta da verdade. Do mundo antes dos asteri, e das poucas almas corajosas que tentaram proferir aquela verdade

depois. Você sabia disso, Bryce Quinlan, e protegeu os livros durante anos, mas não fez nada com aquele conhecimento.

— Que porra é essa? — perguntou Ithan a Bryce.

Aidas apenas perguntou:

— O que era este mundo *antes* dos asteri?

Tharion respondeu:

— Antigos humanos e os deuses deles moravam aqui. Eu ouvi falar que as ruínas da civilização deles está nas profundezas do mar.

Aidas inclinou a cabeça.

— E de onde vieram os asteri? De onde vieram os feéricos ou os metamorfos ou os anjos?

Bryce interrompeu:

— Chega de perguntas. Por que simplesmente não nos diz? O que isso tem a ver com meus… dons? — Pareceu engasgar na palavra.

— A guerra se aproxima do ápice. E seu poder não está pronto.

Bryce jogou a extensão do rabo de cavalo sobre um ombro.

— Que porra de clichê. Quaisquer que sejam meus outros poderes, eu não quero nada com eles. Não se eles de alguma forma me conectam a você… os asteri vão considerar isso uma ameaça séria. E com razão.

— Pessoas morreram para que você pudesse ter esse poder. Pessoas estão morrendo nessa batalha há 15 mil anos para que pudéssemos chegar a este ponto. Não banque a heroína relutante agora. *Esse* é o clichê.

Bryce pareceu não ter palavras, então Hunt se intrometeu.

— E o seu irmão mais velho, com os exércitos dele? Eles parecem perfeitamente satisfeitos em massacrar midgardianos inocentes.

— Aqueles exércitos sempre foram para ajudar vocês. Não para conquistar.

— O ataque a esta cidade na primavera passada sugere o contrário — argumentou Hunt.

— Um erro — disse Aidas. — As bestas que passaram eram… bichos de estimação. Animais. Micah abriu as portas das baias deles. Eles correram desgovernados como quiseram. Felizmente vocês tomaram controle da situação antes que nossa intervenção fosse necessária — disse sorrindo para Bryce.

— Muita gente morreu — grunhiu Ithan. — Crianças morreram.

— E mais morrerão em breve nesta guerra — replicou Aidas, friamente. — Os exércitos do Inferno atacarão sob seu comando, Bryce Quinlan.

As palavras caíram como uma bomba.

— Mentira — disse Ruhn, seu rosto se enrugando quando rosnou. — Vocês estão esperando pelo momento certo quando todos estivermos em guerra uns com os outros, para poderem finalmente encontrar uma porta para este mundo.

— De jeito nenhum — disse Aidas. — Eu já conheço a porta para este mundo. — Apontou com uma pata para Bryce e inclinou a cabeça. — Por meio da minha encantadora Bryce e o chifre nas costas dela. — Hunt segurou um grunhido diante da palavra *minha* quando todos olharam para ela. Os olhos permaneceram fixos em Aidas, os lábios de Bryce uma linha fina. O Príncipe do Desfiladeiro disse: — A escolha é sua no final. Sempre foi escolha sua.

Bryce fez que não com a cabeça.

— Permita-me entender isso: você está aqui para me convencer a me rebelar contra os asteri diante de todas essas pessoas? E o que… me alistar na Ophion? Não, obrigada.

Aidas apenas riu.

— Você deveria ter olhado com mais atenção para os gatos revirando o lixo no beco da Rua da Tinta esta manhã. Deveria ter encontrado um lugar mais discreto para discutir a rebelião com Fury Axtar. — Bryce sibilou, mas não disse nada quando Aidas prosseguiu: — Mas sim, vá em frente, torne-se rebelde. Ajude a Ophion, se precisar de alguma autoridade a quem responder. Eu posso lhe dizer antes que você, sem dúvida, pergunte que não tenho nenhuma informação sobre a conexão entre Danika Fendyr e Sofie Renast.

Bryce grunhiu:

— Eu nem *conheço* um rebelde da Ophion.

Aidas esticou as patas dianteiras, as costas se arqueando.

— Isso não é verdade. — Hunt ficou imóvel quando o demônio bocejou. — Tem um logo atrás de você.

Bryce se virou, Hunt com ela, o relâmpago pronto para atacar.

Cormac Donnall estava à porta, sombras se dissipando de seus ombros.

— Oi, Agente Silverbow — cantarolou Aidas, então sumiu.



— Desculpa — disparou Ruhn, olhando boquiaberto para o príncipe avalleno à porta —, você é *o quê*? — O olhar de Bryce desviava de seu irmão para seu primo; Ithan estava delicadamente farejando na direção de Cormac, obviamente juntando as peças para entender quem estava diante deles.

— Agente Silverbow? — indagou Tharion.

Ruhn prosseguiu:

— Seu pai sabe sobre isso? O *meu* pai sabe? — Bryce trocou um olhar com o irmão. Podiam usar aquilo. Talvez ela se livrasse do noivado…

O rosto de Cormac se fechou, ameaçador.

— Não. E jamais saberão. — Cada palavra ressoava com ameaça.

Bryce podia ter se juntado ao interrogatório, caso a estrela em seu peito não tivesse brilhado através do tecido do vestido. Tapou a marca com a mão.

Só Aidas para revelar o segredo de Cormac e ir embora em seguida. Bryce tinha uma forte sensação de que o Príncipe do Desfiladeiro também tinha deixado Cormac passar pelas proteções usando seu poder profano.

Demônio maldito.

Cormac fervilhou de ódio ao olhar ao redor da sala.

— Que porra vocês sabem sobre Sofie Renast?

Bryce apertou o peito com mais força, esfregando o esterno ao responder:

— Que porra *você* sabe sobre Sofie Renast, *Agente Silverbow*?

Cormac se virou para ela, se aproximando.

— Responda.

Hunt casualmente se colocou em seu caminho. Relâmpago dançando pelas suas asas. Alfa babaca até o fim, mas aquilo aqueceu alguma coisa dentro dela.

Tharion afundou no sofá, um braço jogado preguiçosamente sobre as almofadas do encosto, e olhou para as unhas. Ele disse, a voz arrastada, para Cormac:

— E você é…?

Naquele momento, sombras percorreram os braços de Cormac, descendo dos ombros dele como fumaça. Como as sombras de Ruhn, porém mais escuras, mais ferais, de alguma forma. Uma pequena parte sua ficou impressionada. O príncipe avalleno grunhiu:

— Cormac Donnall. Vou perguntar mais uma vez, tritão. O que você sabe sobre Sofie?

Tharion apoiou um tornozelo sobre o joelho.

— Como você sabe que eu sou tritão? — Por Solas, será que Tharion estava provocando Cormac só por diversão?

— Porque você fede a peixe — disparou Cormac, e Tharion, pelos deuses, levantou o braço e cheirou o sovaco. Ithan riu. A maioria dos vanir conseguia detectar quando um tritão estava em sua forma humanoide por aquele cheiro de água e sal, não um cheiro desagradável, mas definitivamente distinto.

Hunt e Ruhn não estavam sorrindo. E precisou admitir para si mesma que seu irmão era uma figura bastante imponente. Não que fosse dizer isso a ele.

Tharion deu um risinho para Cormac.

— Estou imaginando que Sofie seja sua… namorada?

Bryce piscou. Cormac soltou um rosnado que ecoou nos ossos dela.

— Impressionante — murmurou Hunt para Bryce, mas não sentiu vontade de sorrir.

Cormac tinha se virado mais uma vez para ela.

— Você conhece Sofie.

— Não conheci… não conhecia — disse Bryce, colocando-se ao lado de Hunt. — Eu jamais tinha ouvido falar dela até ontem, quando *ele* veio me fazer perguntas. — Olhou para Tharion, que estendeu as mãos de longos dedos. — Mas agora *eu* tenho um monte de perguntas para fazer, então será que podemos todos apenas… sentar e conversar? Em vez desse impasse esquisito? — Fechou a porta do apartamento, então ocupou um assento em um dos banquinhos diante do balcão da cozinha, jogando os sapatos debaixo dele. Ruhn deslizou para o banquinho à sua esquerda; Hunt se empoleirou no da direita. Deixando Cormac de pé no meio da sala comum, olhando para todos eles.

— Por que suas sombras parecem diferentes das de Ruhn? — perguntou Bryce a Cormac.

— *Essa* é a primeira coisa que você quer saber? — murmurou Hunt. Ela o ignorou.

— Como você conhece Sofie? — Foi a única resposta de Cormac.

Bryce revirou os olhos.

— Eu já falei, não conheço ela. Tharion, você pode dar fim ao sofrimento dele?

Tharion cruzou os braços e se acomodou nas almofadas do sofá.

— Eu fui ordenado a confirmar a morte dela. — Bryce notou que a resposta de Tharion podia ser interpretada como uma garantia de que uma rebelde perigosa estava morta. Macho inteligente.

— E você confirmou? — A voz de Cormac soou baixa. O corpo tremia, como se ele estivesse se controlando para não saltar em Tharion. Brasas brilharam em seu cabelo.

Hunt se intrometeu encostando no balcão com os cotovelos apoiados na pedra. Relâmpago serpenteou por suas asas; seu rosto estava calmo como a morte. A personificação do Umbra Mortis. Uma excitação disparou pelas veias de Bryce quando Hunt falou:

— Você precisa entender que não vai conseguir mais nenhuma resposta nem sair daqui com vida sem nos convencer de algumas coisas essenciais.

Merda. Ele estava falando sério. O coração de Bryce galopou.

— Então respire fundo — disse Hunt ao príncipe. Acalme-se. — O anjo sorriu, mostrando todos os dentes. — E ouça o conselho da moça e sente-se, porra.

Bryce contraiu os lábios para segurar um sorriso. Mas Cormac… realmente respirou fundo. E de novo. Bryce olhou para Ithan, mas sua atenção permanecia em Cormac enquanto o príncipe respirava, estudando todos os seus movimentos como se fosse um adversário no campo de solebol.

Ruhn, no entanto, a encarou, suas feições iluminando-se em surpresa. Ele disse, dentro da mente dela: *Não previa isso.*

Bryce podia ter respondido, mas as sombras nos braços de Cormac sumiram. Seus ombros largos enfim relaxaram. Então saiu andando para a mesa de jantar e se sentou. Os olhos dele estavam nítidos, mais calmos.

A estrela no peito também se extinguiu. Como se convencida de que estava tudo bem.

— Bom — disse Hunt, com aquele tom de quem não aceita merda nenhuma, que sempre causava coisas engraçadas no interior de Bryce. — Antes de tudo: como você entrou? Este lugar é protegido até o Inferno.

— Aquele gato, ou não gato. Que de algum jeito sabia quem… o que eu sou. — Um brilho de desprazer no rosto indicou que o príncipe estava deixando aquela questão de lado só por um momento. — Ele deixou um buraco enorme nas proteções.

Hunt assentiu, como se aquilo não significasse porra nenhuma.

— E por que você veio até aqui nesse exato momento? — Tinha entrado em modo interrogatório total. Quantas vezes tinha feito aquilo na 33ª?

Cormac apontou para Tharion.

— Porque acredito que estamos caçando a mesma pessoa: Emile Renast. Quero saber o que você sabe.

Bryce não conseguiu segurar um baixo ruído de surpresa, mas o rosto de Tharion permaneceu petrificado. A expressão do Capitão da Inteligência da Rainha do Rio. Perguntou:

— Pippa Spetsos mandou você?

Cormac soltou uma gargalhada.

— Não. Pippa é o motivo pelo qual Emile fugiu do *Bodegraven.*

— Então quem mandou você atrás de Emile? — perguntou Hunt.

— Ninguém — disse Cormac, respirando fundo mais uma vez. — Eu fui mandado para esta cidade por outro motivo, por muitos motivos, mas encontrar Emile… — A mandíbula dele se contraiu. — Sofie e eu éramos próximos. Eu a ajudei a libertar Emile de Kavalla. E antes de … — Engoliu em seco. — Eu fiz uma promessa a ela, não só de um agente para outro, mas como… amigo. De cuidar de Emile. Eu fracassei com ela. De todas as formas, eu fracassei.

Ou ele é um ator maravilhoso, disse Ruhn na mente de Bryce, *ou estava apaixonado por Sofie.*

Concordo, respondeu.

— Por que Emile fugiu de Pippa? — perguntou Tharion.

Cormac passou as mãos pelos cabelos loiros.

— Ele tinha medo dela. E deveria ter mesmo. Pippa é uma fanática em uma rota acelerada de promoção até o Comando da Ophion. Com tantas de nossas bases destruídas recentemente, a Ophion está agitada o bastante para começar a considerar as ideias dela, e eu temo que em breve eles também comecem a segui-la. Não há limites que ela e sua unidade de soldados da Ocaso não ultrapassariam. Seus noticiários aqui souberam da história sobre o massacre de leopardos há um ano?

Bryce não conseguiu conter o tremor. Ithan respondeu, em voz baixa:

— Sim.

Cormac falou:

— Aquilo foi ideia de Pippa, executada pela Ocaso. Usar bebês e crianças vanir para atrair os pais deles para fora das tocas, e então matar todos. Apenas por esporte. Pela diversão. Porque eles eram vanir e *mereciam* morrer. Até mesmo as crianças. Ela disse que era parte da limpeza deste mundo. Trabalhando até o topo: os asteri. Por isso o nome Ocaso.

Hunt olhou para Tharion, que assentiu seriamente. Aparentemente, o Capitão da Inteligência também tinha ouvido aquilo.

Cormac prosseguiu:

— Pippa vê Emile como uma arma. Na noite da fuga, ele derrubou aqueles ômegas imperiais e ela ficou praticamente exultante. Ela o

assustou com a ansiedade de colocar o menino em um campo de batalha, e ele fugiu em uma baleeira antes que eu conseguisse convencê-lo de que eu estava ali para ajudar. O menino velejou até o porto mais próximo, então roubou outro barco.

— Menino esperto — murmurou Ithan.

— Eu o segui até este litoral. — Cormac indicou Tharion com o queixo. — Eu vi você nos pântanos, no barco abandonado. Imaginei que também estivesse no rastro dele. E vi você encontrar os restos mortais do soldado da Ocaso, então você deve ter ao menos imaginado que Pippa quer Emile para a própria unidade. Se ela o pegar, vai arrastá-lo de volta para a base principal da Ophion e o transformar em uma arma. Exatamente o que os asteri temiam quando eles caçaram os pássaros-trovão séculos atrás.

Seu olhar se voltou para Hunt.

— Você perguntou por que eu vim até aqui neste exato momento? Porque, como o tritão ficava voltando para cá, eu imaginei que vocês deviam estar envolvidos de alguma forma, algumas das mesmas pessoas que fui enviado para conhecer. Eu esperava até que Emile estivesse aqui. — De novo, a mandíbula dele se contraiu. — Se vocês sabem onde Emile está, me contem. Ele não está seguro.

— Não entendi — disse Ruhn. — Você e Pippa estão na Ophion, mas você está tentando encontrar Emile para… mantê-lo longe das garras da Ophion?

— Isso.

— A Ophion não vai ficar puta?

— O Comando jamais saberá do meu envolvimento — disse Cormac. — Tenho outras tarefas para completar aqui.

Bryce não gostava nada de como aquilo soava. Desceu do banquinho, dando um passo na direção da mesa de jantar. Sua boca começou a se mover antes que pudesse pensar nas palavras.

— Você espera que a gente confie em você com relação a tudo isso quando você está tão obcecado com uma porra de pedaço de metal idiota a ponto de querer matar meu irmão? — Esticou a mão na direção de Ruhn e de Áster em sua mão.

Ruhn grunhiu surpreso quando Cormac respondeu:

— Isso foi há cinquenta anos. As pessoas mudam. As prioridades mudam.

Bryce deu um passo, mais próxima da mesa de jantar, sem se importar se Cormac consideraria aquilo um desafio.

— Os feéricos não mudam. Não vocês, otários das antigas.

Cormac olhou entre ela e Ruhn com desdém palpável.

— Vocês feéricos valbaranos são uns bebezões. Não aprendeu algo sobre si mesmo, sobre seu destino, *príncipe* Ruhn, por causa dos meus cutucões?

— Você enfiou uma espada no estômago de Dec — disse Ruhn, casualmente. — Eu dificilmente chamaria isso de um *cutucão*.

Tharion interrompeu:

— Presumindo que a gente acredite na sua história, por que um príncipe feérico se juntaria à Ophion?

Cormac respondeu:

— Eu me juntei porque senti que era o certo. Os detalhes são desnecessários.

— Não se você pode estar trabalhando para os asteri — disse Bryce.

— Você acha que eu entregaria você aos asteri? — Cormac gargalhou, um som sem vida e frio. — Eu não desejaria esse destino a ninguém. O calabouço sob o palácio de cristal deles é mais escuro e mortal do que o Fosso.

Hunt disse, em tom gélido:

— Eu sei. Eu estive lá.

Bryce odiava as sombras nos olhos dele. Sombras que ela faria qualquer coisa para ajudar a dissipar. Qualquer coisa para evitar que se renovassem. Time Sobreviver a Qualquer Custo, esse era o time dela. Não se importava se isso fazia dela uma covarde.

Cormac prosseguiu, ignorando Hunt:

— Sofie era uma agente da Ophion porque os asteri massacraram a família dela. A família humana e os ancestrais pássaro-trovão. Tudo o que ela queria era encontrar o irmão. Tudo o que ela fez foi por ele.

Tharion abriu a boca, mas Bryce levantou a mão, interrompendo-o ao dizer a Cormac:

— Tharion passou aqui ontem para perguntar sobre uma conexão entre alguém que eu… conheci e Sofie. Ele estava sendo superenigmático — um olhar irritado de Tharion diante disso —

então consegui tirar algumas respostas dele, principalmente que está procurando por Emile para a Rainha do Rio.

Cormac semicerrou os olhos sobre Tharion.

— O que sua rainha quer com o menino?

Tharion deu de ombros.

Ruhn murmurou:

— Nada de bom, eu aposto.

Tharion murmurou um grunhido de aviso para Ruhn, mas Bryce continuou:

— Não me importo com a política. Emile é uma criança, e está perdido, eu quero encontrá-lo. — E conseguir respostas sobre Danika conhecer Sofie, mas… isso podia esperar um momento. Ela queria avaliar Cormac primeiro.

De fato, os olhos do príncipe avalleno se suavizaram um pouco… com gratidão.

Ele pode estar fingindo isso, observou Ruhn para ela.

Pode, mas meu instinto me diz que não está, respondeu Bryce antes de inclinar a cabeça e perguntar a Cormac:

— A Corça é uma grande questão. Ela se deu todo aquele trabalho para matar Sofie só porque libertou o irmão? Ou foi porque Sofie é pássaro-trovão?

As mãos de Cormac se fecharam em punhos ao lado do corpo.

— A Corça se deu todo aquele trabalho porque Sofie, como garantia para que o barco da Ophion aparecesse para Emile, tinha coletado informações vitais sobre os asteri, e se certificado de que o Comando soubesse.

— O quê? — disparou Hunt, as asas estremecendo.

— Que tipo de informação? — perguntou Tharion, o rosto ficando sombrio.

Cormac balançou a cabeça.

— Sofie era a única que sabia. Ela apenas mencionou que era uma coisa grande, de mudar o curso da guerra. Que a Ophion mataria para ter. E nossos inimigos matariam para conter.

Do outro lado da sala, Ithan estava de olhos arregalados. Será que o treinamento dele o havia preparado para aquilo? E o dela?

Tharion falou:

— Os asteri provavelmente mandaram a Corça para matá-la antes que ela pudesse contar a mais alguém.

Cormac fez uma careta.

— Sim. Mas suspeito que a Corça sabia que Sofie podia suportar tortura, e decidiu que era melhor que a informação morresse com ela. — Estremeceu e disse: — Eles arrancaram as unhas dela quando ela foi para Kavalla, sabe. Ela me contou que eles arrancaram as unhas de uma das mãos, e, quando pediram informação a ela, Sofie estendeu a outra mão para eles. — Riu sozinho. — Um dos guardas desmaiou.

— Fêmea corajosa — disse Ithan, baixinho, o que lhe garantiu um aceno de agradecimento de Cormac e fez Bryce desejar ter dito aquilo também. Bryce estudou as próprias unhas feitas. E se perguntou se conseguiria aguentar caso chegasse àquele ponto.

Cormac, de novo, se virou para Tharion, o rosto inexpressivo.

— Me diga que a Corça ao menos colocou uma bala na cabeça dela antes de mandar Sofie para as profundezas.

— Eu não sei — respondeu Tharion. — O corpo dela não estava lá.

— O quê? — Sombras ondularam de Cormac de novo.

Tharion prosseguiu:

— Os blocos de chumbo, as correntes estavam lá. Mas o corpo de Sofie sumiu. As algemas tinham sido todas abertas.

Cormac se colocou de pé.

— Sofie está viva?

Uma esperança brutal envolveu sua voz. Seria de amor verdadeiro? Ou esperança de que a inteligência que ela carregava sobrevivesse?

— Eu não sei — respondeu Tharion. Então admitiu: — Mas foi por isso que eu vim até Bryce. Ela teve uma amiga que conheceu Sofie anos atrás. Estou investigando qualquer conexão entre elas… estou me perguntando se pode nos dar indícios sobre o paradeiro de Emile. — Tharion deu de ombros. — Eu tenho bons motivos para crer que um local seguro de encontro foi estabelecido há um tempo para um cenário como este, e que Emile pode estar se dirigindo até lá, e Sofie também, se ela estiver viva.

Será que Sofie teria passado aquela informação vital para o irmão dela? Bryce viu que Hunt lhe dava um olhar que dizia *Nem pense nisso.*

Cormac falou, caminhando de um lado para outro:

— Sofie fez a Descida… em um centro ilegal onde não seria registrada. Eu achei que houvesse uma chance de ela ter sobrevivido, mas quando ela não entrou em contato comigo… — Os olhos se semicerraram para o tritão. — O que mais você sabe?

— Eu já contei tudo a você — mentiu Tharion, cruzando as pernas.

Cormac deu um sorriso incisivo e debochado.

— E quanto a Danika Fendyr?

Bryce ficou imóvel.

— O que tem ela? — Hunt lhe deu outro olhar de aviso para que ficasse quieta.

Cormac falou:

— Ela e Sofie se conheciam. Foi ela quem estabeleceu esse lugar seguro, não foi?

— Você não tem certeza disso. — falou Hunt.

— Eu tenho — disse Cormac, seu olhar ainda sobre Bryce, na estrela no peito dela, que tinha começado a brilhar levemente de novo. — Foi por isso que eu concordei em me casar com Bryce.

* * *

Ruhn precisou de um momento para processar tudo. Observou seu primo com cautela.

Mas Bryce riu.

— Eu achei que você tivesse concordado em se casar comigo por causa da minha personalidade encantadora.

Cormac não sorriu.

— Eu concordei em me casar com você porque precisava de acesso a você. E a você, primo — disse a Ruhn.

Athalar exigiu saber:

— Você não podia simplesmente fazer uma visita amigável?

— Os feéricos avallenos e os valbaranos não são *amigáveis*. Somos aliados, mas também rivais. Eu precisava de um motivo para vir até aqui. Eu precisava vir até aqui para encontrar Emile… foi uma bênção de Urd que a Ophion me quisesse aqui para outra missão também.

Bryce se irritou.

— Me forçar a me casar parece extremo.

— É a única moeda de troca que eu tenho. Meu potencial de procriação.

Ruhn riu com escárnio. Ele e o primo tinham mais em comum do que se dera conta.

— Por que precisa de acesso a mim?

— Porque você consegue conversar entre mentes, não é? Foi assim que você e seus amigos sobreviveram na Caverna dos Príncipes durante seu Ordálio. Vocês lutaram como se fossem uma só mente. Você nunca contou a meu pai, mas ele suspeitava. *Eu* suspeitava. É um raro dom Estrelado. Uma habilidade de que a Ophion precisa muito.

Ruhn disse:

— E quanto a seus primos, os gêmeos? Eles conseguem conversar mentalmente.

— Eles não são confiáveis. Você sabe disso.

Athalar o interrompeu:

— Não deixe que ele puxe você para o que quer que seja isso, Danaan. Procurar por Emile independentemente é uma coisa. Se você deixar ele expor o caso dele, estará a um passo de trabalhar com a Ophion. Os asteri não vão se importar se você vai ou não com a cara dele. — Ele voltou o olhar para Cormac. — E devo lembrar a você que a Ophion está enfrentando legiões que a superam em poder e tamanho. Se um dos asteri entrar em um campo de batalha, vocês estarão acabados.

O poder de um asteri, a estrela sagrada brilhando dentro deles, poderia devastar um exército inteiro.

Hunt prosseguiu:

— E, se os asteri souberem que o *Agente Silverbow* está tentando recrutar Ruhn, seremos todos levados para interrogatório. Se tivermos sorte. Se não, seremos executados.

— Você não pareceu ter tais preocupações quando se rebelou, Anjo Caído — disse Cormac.

— Eu aprendi do jeito mais difícil — respondeu Hunt entre dentes. Bryce se aproximou, os dedos tocando os dele. — Eu preferiria proteger meus amigos de aprenderem essa lição.

Não deveria ter significado nada para Ruhn que Athalar o considerasse um amigo. Mas significou.

Hunt continuou:

— Você não é apenas bizarro por nos contar isso, é inconsequente. Nós poderíamos entregar você em um segundo.

Tharion acrescentou:

— Ou você é um infiltrado asteri querendo nos enganar.

Cormac falou, impaciente:

— Confiem em mim, não saio discutindo essa informação com qualquer um. — Olhou Athalar de cima a baixo. — Você pode ter cometido erros tolos no passado, Umbra Mortis, mas eu não farei isso.

— Vai se foder. — Isso veio de Bryce, a voz baixa e mortal.

Ruhn disse a Cormac, esperando abaixar um pouco a temperatura:

— Não vou me envolver com você ou com a Ophion. Não vou arriscar. Então nem me peça para fazer o que quer que você queira que eu use minhas habilidades mentais para fazer. — Ele odiava que o primo soubesse. Que Tharion agora o estivesse olhando com uma mistura de surpresa, assombro e cautela.

Cormac riu amargamente.

— Não pode arriscar seus amigos e familiares? E quanto aos incontáveis amigos e familiares em Pangera que são torturados, escravizados e assassinados? Eu vi você entrando neste apartamento mais cedo e presumi que estivesse ajudando o Capitão Ketos a procurar por Emile. Achei que convencer você a me ajudar seria mais fácil. Mas pelo visto todos vocês desejam colocar as próprias vidas diante das de outras pessoas.

— Vai se foder — grunhiu Hunt. — Você viu o que aconteceu aqui nessa primavera?

— Sim. Isso me convenceu da sua… compaixão. — disse a Bryce: — Eu vi que você correu para os Prados de Asphodel. Para os humanos. — Olhou para Ithan. — Você também. Eu achei que isso queria dizer que você teria empatia pelo maior sofrimento deles. — De novo se virou para Bryce. — Por isso eu queria me aproximar de você. Você e Danika salvaram esta cidade. Eu percebi que vocês duas eram próximas. Eu queria ver se você teria alguma explicação, eu suspeito há muito tempo que Danika pode ter arrumado um ponto de encontro para Sofie. — e então para Tharion. — Onde você acha que o local de encontro seria?

— Nenhum lugar bom — murmurou Tharion. Então acrescentou: — Você vai receber os detalhes quando estivermos prontos para dizer a você, principezinho.

Cormac fervilhou de ódio, chamas brilhando em seu cabelo de novo, mas Bryce interrompeu:

— Como Danika e Sofie se conheceram? — Aparentemente, Ruhn percebeu, isso era a maior prioridade para a sua irmã.

Cormac balançou a cabeça.

— Não tenho certeza. Mas, pelo que Sofie me contou, Danika suspeitava de alguma coisa sobre os asteri, e precisava que alguém entrasse e confirmasse essas suspeitas. Sofie foi essa pessoa.

Os olhos de Bryce estavam luminosos, revoltos. Não era um bom sinal.

As sobrancelhas de Bryce se franziram, no entanto.

— Danika morreu há dois anos. Sofie tinha essa informação há tanto tempo assim?

— Não. Pelo que entendi, há três anos, Danika precisou que Sofie entrasse para obtê-la, mas Sofie levou esse tempo todo para conseguir acesso. Danika morreu antes que Sofie sequer conseguisse passar a informação para ela. Quando finalmente a obteve, decidiu usar para manipular a Ophion para que cumprissem o acordo de ajudar a resgatar Emile.

— Então a Danika trabalhava para a *Ophion*? — perguntou Ithan. O rosto do lobo era o retrato do choque.

— Não — disse Cormac. — Ela estava conectada a eles, mas não se reportava a eles. Até onde entendi de Sofie, Danika tinha os próprios interesses.

Bryce observou Cormac, a cabeça inclinada para o lado. Ruhn conhecia aquele olhar.

Bryce estava planejando alguma coisa. Definitivamente já tinha planejado alguma coisa.

Bryce se aproximou de Cormac. O contato dos pés descalços com o chão foi o único som. Ruhn se preparou para o que quer que estivesse prestes a sair da boca da irmã.

— Se faz alguma diferença, não acho que Aidas costuma deixar aliados dos asteri entrarem no meu apartamento.

— Aidas. — Cormac se espantou, o rosto empalidecendo. — Aquele gato era Aidas, o Príncipe do Desfiladeiro?

— Isso — disse Bryce. — E acho que Aidas trouxe você aqui como um presente para mim. — Athalar piscou para ela, mas Bryce prosseguiu: — Pode falar o quanto quiser sobre seguir Tharion até aqui, e querer recrutar Ruhn, mas nem por um minuto pense que Aidas não esteve envolvido com a sua presença no exato momento em que ele me disse para aprender sobre meus poderes. — Ela cruzou os braços. — O que você sabe sobre os dons dos Estrelados?

Cormac não disse nada. E Ruhn se viu dizendo, em parte se lamentando, porque Bryce estava certa:

— Eu contei a você na outra noite que nosso primo aqui era bem obcecado com a ideia de obter Áster e que ele aprendeu tudo o que podia sobre os poderes Estrelados. Ele é uma verdadeira biblioteca de informação.

Cormac olhou para ele. Mas o príncipe admitiu:

— Eu passei… grande parte da minha juventude lendo sobre os muitos dons.

Nos lábios, o esboço de um sorriso.

— Príncipe rebelde e rato de biblioteca. — Athalar olhou para ela como se Bryce tivesse perdido a cabeça. — Vou fazer um acordo com você.

Hunt grunhiu em protesto, mas a mente de Ruhn se revirava. Aquela era a Bryce que ele conhecia, sempre procurando a vantagem.

— Nenhum interesse em ajudar pela bondade do seu coração, princesa? — provocou Cormac.

— Eu quero sair desse casamento — disse Bryce, tranquilamente, passando o dedo pela borda do balcão. Ruhn fingiu não ver o tremor de Athalar. — Mas eu sei que, se acabar com nosso noivado cedo demais, meu… progenitor vai mandar alguém que não está tão motivado a trabalhar comigo. — Verdade. — Então vamos nos unir a Tharion aqui para achar Emile. E eu até vou ajudar você a encontrar qualquer que seja a informação que Danika queria que Sofie descobrisse. Mas eu quero que esse noivado termine quando eu disser. E quero que você me ensine sobre minha magia. Se não, boa sorte para você. Vou me certificar de apontar Pippa e a unidade da Ocaso na sua direção.

Hunt deu um risinho. Ruhn evitou fazer o mesmo. Tharion apenas colocou os braços atrás da cabeça. Ithan, por outro lado, pareceu surpreso. Como se jamais tivesse visto esse lado de Bryce.

— Tudo bem — disse Cormac. — Mas o noivado só será rompido depois que meu trabalho aqui para a Ophion terminar. Eu preciso que o motivo esteja em Valbara.

Ruhn esperava que Bryce protestasse, mas pareceu refletir sobre aquilo.

— Nós precisamos de uma desculpa para sermos vistos juntos — ponderou. — Caso contrário, qualquer um que saiba que você é um merda se perguntaria por que Inferno eu me rebaixaria a andar com você. Pareceria suspeito.

Hunt tossiu contra o ombro.

Ruhn disparou:

— Eu sou o único aqui que acha que isso é insensato?

Ithan falou:

— Eu acho que estamos todos mortos por sequer termos falado sobre isso.

Mas Hunt esfregou a mandíbula, sério e cansado.

— Nós precisamos discutir isso antes de decidirmos. — A mão de Bryce roçou a dele mais uma vez.

Ruhn grunhiu em concordância e disse ao primo:

— Você soltou um monte de informação na gente. Precisamos processar. — Indicou a porta em um gesto de dispensa. — Nós entraremos em contato.

Cormac não se moveu um centímetro.

— Eu exijo seu juramento de sangue de que não vai dizer uma palavra sobre isso.

Ruhn soltou uma gargalhada.

— Não vou fazer um juramento de sangue. Você pode confiar na gente. Nós podemos confiar em você?

— Se eu posso confiar em covardes que gostam de pintar as unhas enquanto o resto do mundo sofre, então vocês podem confiar em mim.

Bryce disse, sarcástica:

— Gastando todo seu charme, hein, Cormac?

— Faça um juramento de sangue. Então eu saio.

— Não — disse Bryce, com calma surpreendente. — Eu tenho manicure em dez minutos.

Cormac se irritou.

— Vou exigir sua resposta amanhã. Enquanto isso, estou confiando minha vida a você. — Seus olhos deslizaram para os de Ruhn. — Se você quiser que eu exponha o meu *caso*, estarei no bar na Archer e Ward hoje. Seus serviços seriam… de grande valor.

Ruhn não disse nada. O babaca podia ir se foder.

Os olhos de Cormac se semicerraram com um diversão fria.

— Seu pai ainda não está ciente dos seus dons de conversar na mente, está?

— Você está me ameaçando? — disparou Ruhn.

Cormac deu de ombros, caminhando em direção à porta.

— Venha me encontrar no bar e descubra.

— Babaca — murmurou Ithan.

Cormac parou com a mão na maçaneta. Respirou fundo, os músculos fortes das suas costas ondulando. Quando olhou por cima do ombro, a diversão e as ameaças tinham desaparecido.

— Além de Sofie, além de Emile… Esse mundo podia ser muito mais. Esse mundo podia ser *livre*. Não entendo por que você não iria querer isso.

— Difícil aproveitar a liberdade — replicou Hunt, sombriamente —, quando se está morto.

Cormac abriu a porta, entrando nas sombras espiraladas.

— Eu não consigo pensar em motivo melhor para sacrificar a minha vida.



— Mais alguém sente como se estivesse prestes a acordar de um pesadelo? — A pergunta de Ithan ecoou no tenso silêncio do apartamento.

Bryce olhou o relógio no telefone. Fazia mesmo menos de uma hora desde que caminhara com Ruhn pelas ruas tumultuadas da hora do almoço? Ela esfregou distraidamente a estrela, que ainda brilhava suavemente, e disse, para ninguém em particular:

— Eu preciso voltar para os arquivos.

Ruhn exclamou:

— Depois de tudo isso, você vai voltar para o *trabalho*?

Ainda assim atravessou a sala, lançando um olhar para Hunt que o fez segui-la. Ele sempre a entendia, não precisavam da conversa entre mentes chiques de Ruhn para se comunicar.

Parou à porta. Nada do poder de Cormac restava, nem mesmo um filete de sombra. Nem uma brasa. Por um segundo, ela desejou ter a serenidade de Lehabah para a qual retornar, a serenidade da galeria e sua biblioteca silenciosa.

Mas essas coisas tinham acabado para sempre.

Bryce disse, o mais tranquilamente possível, para os machos que a olhavam, controlando sua expressão neutra:

— Uma bomba acaba de ser jogada em nossas vidas. Uma bomba-relógio ativada. Eu preciso pensar. E tenho um trabalho no qual sou contratualmente obrigada a aparecer.

Onde podia fechar a porta do escritório e descobrir se queria desesperadamente fugir daquela bomba ou enfrentar sua ira.

Hunt colocou a mão no ombro dela, mas não disse nada. Tinha saltado na frente de uma bomba por ela meses antes. Tinha protegido o corpo de Bryce com o próprio contra o míssil de enxofre. Não havia nada que pudesse fazer para protegê-la daquilo, no entanto.

Bryce não suportava ver a preocupação e o temor que sabia que estariam estampados no rosto dele. Hunt sabia no que estavam se metendo. O inimigo e as probabilidades que enfrentavam.

Ela se virou para Tharion em vez disso.

— O que você quer fazer, Tharion? Não porque a Rainha do Rio está manipulando você como uma marionete, o que *você* quer?

— Este apartamento, para começar — disse Tharion, encostando a cabeça nas almofadas, o peito musculoso se expandindo conforme ele inspirava. — Quero encontrar respostas. Independentemente de minhas ordens, eu quero a verdade sobre o que estou enfrentando, o inimigo à minha frente e aquele às minhas costas. Mas estou inclinado a acreditar em Cormac, ele não mostrou nenhum sinal de que está mentindo.

— Confie em mim — grunhiu Ruhn —, ele é mais habilidoso do que você pensa.

— Eu também não acho que ele esteja mentindo — admitiu Hunt.

Bryce esfregou o pescoço, então se endireitou.

— Há alguma chance de a Verdade do Crepúsculo estar de alguma forma relacionada ao esquadrão da Ocaso?

Tharion ergueu uma sobrancelha.

— Por quê?

Hunt entendeu imediatamente no que ela estava pensando.

— Ocaso. Também conhecido como crepúsculo.

— E Projeto Thurr… deus do trovão… será que estaria relacionado aos pássaros-trovão? — prosseguiu Bryce.

— Você acha que envolvia algum tipo de inteligência sobre o esquadrão da Ocaso de Pippa? — perguntou Ruhn.

— Parece ser algum tipo de informação reveladora — disse Tharion. — E Thurr… poderia ter tido algo a ver com a coisa do pássaro-trovão. Sofie parecia ter medo da ira dos asteri na resposta dela a Danika… talvez porque estava com medo de que eles soubessem que ela possuía o dom.

— Isso tudo é hipotético — falou Hunt. — E grandes palpites. Mas podem levar a algum lugar. Sofie e Danika certamente sabiam muito bem das ameaças que tanto a Ocaso quanto os asteri representavam.

Ithan disse:

— Podemos voltar para como o Príncipe do Desfiladeiro estava *sentado no meu colo*?

— Você tem muito do que se inteirar — disse Hunt, rindo sombriamente. — Fique feliz por não estar aqui no primeiro chamado.

Bryce o cutucou com o cotovelo.

— Eu realmente preciso voltar para o trabalho.

Ruhn perguntou:

— Você não acha que a gente deveria ir para o Quarteirão de Ossos procurar por Emile e Sofie?

Bryce estremeceu.

— Não vou para o Quarteirão de Ossos procurar por *ninguém* a não ser que tenhamos certeza absoluta de que estão lá.

— De acordo — falou Tharion. — É perigoso demais ir por impulso. Vamos continuar investigando. Talvez Danika quisesse dizer outra coisa com *almas cansadas*.

Bryce assentiu.

— Nenhum de nós fala com mais ninguém. Acho que todos sabemos que seremos assados em um espeto se essa coisa vazar.

— Uma palavra de Cormac e estaremos mortos — disse Ruhn, seriamente.

— Uma palavra de nós — replicou Hunt —, e *ele* está morto. — Acenou para Bryce com o queixo. Ela finalmente capturou o olhar dele, encontrando apenas cálculo aguçado ali. — Pegue uma arma.

Bryce fez uma careta.

— De jeito nenhum. — Indicou o vestido justo. — Onde eu a esconderia?

— Então leve a espada. — Apontou para o corredor que levava ao quarto dela. — Use como algum tipo de acessório. Se alguém consegue fazer isso, é você.

Bryce não conseguiu evitar olhar para Ithan. Aquilo entregou tudo.

— Você não devolveu a espada de Danika depois dos ataques na primavera? — perguntou o lobo, um tom mais baixo.

— Sabine pode vir lutar comigo por ela — respondeu Bryce, e ignorou a ordem de Hunt para pegar a lâmina guardada no armário. Bryce girou a maçaneta. — Vamos tirar o dia de folga. Concordar em ferrar uns aos outros com isso, rezar para Cormac não ser uma bosta de um mentiroso, e então nos reunir amanhã à noite.

— Feito — disse Tharion.

Bryce se dirigiu ao corredor com Hunt em seu encalço, e ouviu Ithan suspirar atrás dela.

— Não era assim que eu esperava passar o dia — murmurou o lobo para Tharion antes de aumentar o volume da TV.

Idem, pensou Bryce, e fechou a porta.

* * *

A cabeça de Hunt estava a mil quando entraram no elevador pelo saguão do apartamento. Estivera livre por alguns gloriosos meses, apenas para acabar de volta ao centro de mais uma rebelião.

A mesma guerra, alegara Aidas. Apenas com um nome diferente, com um exército diferente. As mãos de Hunt estavam escorregadias de suor. Ele vira como aquela guerra acabara. Sentira o seu preço por séculos.

Disse a Bryce, incapaz de conter o tremor que agora tomava conta dele, com a sensação de que as paredes do elevador estavam se fechando:

— Não sei o que fazer.

Encostou no corrimão.

— Eu também não.

Esperaram até estar na rua, mantendo as vozes baixas, antes de Hunt prosseguir, as palavras praticamente cuspidas de sua boca:

— Isso não é uma coisa na qual podemos nos jogar só pela diversão. — Não conseguia respirar. — Eu já vi mec-trajes destruídos com os pilotos humanos pendurados da cabine de controle, com os órgãos pendentes. Eu já vi lobos tão fortes quanto Ithan rasgados ao meio. Já vi anjos dizimarem campos de batalha sem colocar os pés no chão. — Estremeceu, imaginando Bryce no meio daquilo tudo. — Porra, eu…

Ela passou o braço em volta dele, e Hunt aceitou seu calor, estava congelado, apesar do dia quente.

— Isso parece mais… espionagem do que travar uma batalha, ou o que seja.

— Eu preferiria morrer no campo de batalha do que em uma das salas de interrogação da Corça. — *Eu preferiria morrer no campo de batalha a ser assassinado por ela.* Hunt engoliu em seco. — Sofie teve sorte de a Corça se livrar dela e pronto. — Parou em um beco, puxando Bryce para as sombras com ele.

O anjo se permitiu olhar o rosto dela: tão pálida que as sardas se destacavam, os olhos arregalados. Com medo. O cheiro o atingiu um momento depois.

— Jamais poderíamos viver como pessoas normais — sussurrou Bryce, e Hunt passou a mão pelo cabelo, deliciando-se com as mechas sedosas. — Problemas sempre nos encontrariam.

Sabia que ela estava certa. Não eram do tipo de pessoa que leva uma vida normal, pacata. Hunt combateu o tremor em seus ossos, o rugido em sua mente.

Ela levantou a mão, encostando a palma na bochecha dele. Ele se reclinou no toque de Bryce, contendo um ronronado quando o polegar dela acariciou sua maçã do rosto.

— Você realmente não acha que Cormac está nos atraindo para uma armadilha ao alegar que Sofie tinha alguma informação vital, usando o possível envolvimento de Danika como isca?

— É possível — admitiu Hunt. — Sem dúvida havia uma nítida conexão entre Danika e Sofie, os e-mails comprovam. E Cormac pareceu bastante chocado ao descobrir que Sofie talvez esteja viva. Acho que ele acreditou que a informação sobre os asteri tinha morrido com Sofie. Não me surpreenderia se ele achasse que isso ainda estava em jogo.

— Você acha que tem alguma chance de Sofie ter contado a Emile antes de terem se separado?

Hunt deu de ombros.

— Eles estiveram juntos em Kavalla, ela pode muito bem ter contado a ele. Se o menino não tiver a informação, e Sofie estiver viva, ele pode saber para onde a irmã está indo agora. O que torna Emile muito valioso. Para todo mundo.

Bryce começou a contar nos dedos.

— Então temos a Ophion, Tharion e Cormac querendo encontrá-lo.

— Se você também quiser encontrá-lo, Bryce, precisamos ser cautelosos. Pense bem se quer mesmo nos envolver.

A boca de Bryce se contraiu de lado, pensativa.

— Se há alguma chance de descobrirmos o que Sofie sabia e o que Danika suspeitava, além do próprio Cormac, dessa merda com essa tal de Pippa e o que quer que a Rainha do Rio queira, eu acho que a informação vale o risco.

— Mas por quê? Para evitarmos que os asteri fodam com a gente por causa de Micah e Sandriel?

— É. Quando me encontrei com Fury esta manhã, ela mencionou que Danika sabia de algo suspeito sobre ela, provavelmente Fury descobriu algo importante sobre Danika como garantia. — Hunt não teve a chance de perguntar o que exatamente quando Bryce disse: — Por que não aplicar a mesma lógica nisso? Os asteri suspeitam de algo sobre mim. Sobre você. — Que eles tinham matado dois arcanjos. — Quero nos deixar páreos a eles. — Hunt podia ter jurado que a expressão dela era a mesma que vira no rosto do Rei Outonal enquanto ela prosseguia: — Então vamos descobrir alguma coisa vital sobre *eles*. Vamos tomar medidas para garantir que, se eles foderem com a gente, a informação vaze para o mundo todo.

— Esse é um jogo mortal que não sei se os asteri querem jogar.

— Eu sei. Mas, além disso, Danika achava que essa informação podia ser importante o suficiente para mandar Sofie obtê-la, arriscando a própria vida por isso. Se Sofie morreu, então outra pessoa precisa obter essa informação.

— Não é sua responsabilidade, Bryce.

— É sim.

Ele não entraria naquele assunto. Ainda não.

— E quanto ao menino?

— Também o encontraremos. Eu não dou a mínima se ele é poderoso, ele é uma criança e está no meio dessa confusão toda. — Os olhos dela se suavizaram, e o coração dele também. Será que Shahar teria se preocupado com o menino? Da mesma forma que a Ophion e a Rainha do Rio pareciam se importar: como uma arma. Bryce perguntou, a cabeça se inclinando para o lado: — E quanto à conversa de Cormac sobre libertar o mundo dos asteri? Isso não mexe com você?

— Óbvio que sim. — Passou a mão pela cintura dela, puxando-a para perto. — Um mundo sem eles, sem os arcanjos e as hierarquias… Eu gostaria de ver esse mundo um dia. Mas… — Sua garganta secou. — Mas não quero viver nesse mundo se o risco de criá-lo significa… — *Desembucha.* — Se isso significa que talvez *nós* não sobreviveremos para vê-lo.

Os olhos se suavizaram de novo, o polegar de Bryce acariciou a bochecha dele mais uma vez.

— Somos dois, Athalar.

Hunt abafou uma risada, baixando a cabeça, mas Bryce levantou o queixo dele com a outra mão. Os dedos dele apertaram a cintura de Bryce.

Os olhos âmbar dela brilharam à meia luz do beco.

— Ora, já que estamos nos metendo com uma merda perigosa dessa, agora deve ser uma boa hora para admitir que eu não quero esperar até o Solstício de Inverno.

— Pelo quê? — Porra, a voz dele desceu uma oitava.

— Por isso — murmurou, e ficou nas pontas dos pés para beijá-lo.

Hunt a encontrou no meio do caminho, incapaz de conter um gemido quando a puxou contra o próprio corpo, os lábios encontrando os dela no mesmo momento que os corpos deles se tocaram. Podia jurar que a porra do mundo desapareceu sob os seus pés ao sentir o gosto de Bryce…

Sua cabeça se encheu de fogo e relâmpago e tempestade, e tudo em que Hunt conseguia pensar era a boca de Bryce, o corpo quente e exuberante, seu pau latejante fazendo pressão dentro da calça,

pressão contra *ela* conforme os braços de Bryce se entrelaçavam em volta de seu pescoço.

Ele com certeza ia expulsar aquele lobo do apartamento. Imediatamente.

Hunt se virou, encurralando Bryce contra a parede, e a boca de Bryce se abriu com mais um arquejo. Athalar a invadiu com a própria língua, sentindo seu gosto adocicado como mel. Bryce enganchou a perna na cintura dele, Hunt aceitou o convite, puxando sua coxa mais para cima, pressionando o corpo contra o dela até que os dois estivessem se contorcendo.

Qualquer um que passasse pelo beco poderia vê-los. Os trabalhadores em horário de almoço passavam em fila. Uma espiadela para o beco, nas sombras empoeiradas, *uma* fotografia, e aquela coisa toda…

Hunt parou.

Uma foto, e o noivado dela com Cormac seria rompido. Junto com o acordo que Bryce fizera com ele.

Bryce perguntou, ofegante:

— O que foi?

— Nós, ah… — Palavras perderam o significado. Todos os pensamentos fugiram para o meio das pernas dele. O meio das pernas *dela*.

Engoliu em seco, então recuou suavemente, tentando controlar a respiração irregular.

— Você está noiva. Tecnicamente. Precisa manter essa farsa com Cormac, pelo menos em público.

Ajeitou o vestido e… merda. Aquele era um sutiã de renda lilás? Por que diabos ele não tinha visto aquilo? Bryce olhou para o fim do beco, os lábios inchados, e uma parte feral de Hunt uivou com satisfação ao ver que *ele* tinha feito aquilo, *ele* tinha levado aquele rubor às bochechas dela, suscitado o aroma intenso de vinho da excitação dela. Ela era *dele*.

E ele era dela. Porra, completamente dela.

— Está sugerindo que a gente encontre um motel meia-boca em vez disso? — Os lábios abrindo em um sorriso, o pau de Hunt latejou ainda mais, como se implorasse para a boca de Bryce deslizar sobre ele.

Soltou um ruído abafado.

— Estou sugerindo… — Merda, o que ele *estava* sugerindo? — Não sei. — Ele respirou profundamente. — Você tem certeza de que quer fazer isso agora? — Gesticulou entre os dois. — Eu sei que as emoções estão à flor da pele depois do que descobrimos. Eu… — Ele não conseguia olhar para ela. — O que você quiser, Quinlan. É o que quero dizer.

Ficou calada por um momento. Então sua mão deslizou pelo peito dele, parando sobre seu coração.

— O que você quer? Por que só o que eu quero?

— Porque foi você quem sugeriu esperar até o Solstício.

— E?

— E eu quero me certificar de que você está completamente certa de acabar com o nosso… acordo.

— Tudo bem. Mas eu também quero saber o que *você* quer, Hunt.

Ele encontrou o olhar dourado dela.

— Você sabe o que eu quero. — Sua voz desceu um tom de novo. — Eu jamais deixei de te... querer. Eu achei que fosse óbvio.

O coração dela galopava. Conseguia ouvir. Hunt abaixou os olhos para os seus seios fartos, deparando-se com um brilho fraco.

— Sua estrela…

— Nem me fale dessa coisa — disse, gesticulando para a estrela. — Vamos continuar falando sobre o quanto você me quer. — Dando uma piscadela.

Hunt passou o braço por seus ombros, guiando-a de volta para a avenida tumultuada. Sussurrou em seu ouvido:

— Por que eu não mostro a você mais tarde?

Ela gargalhou, o brilho da estrela empalidecendo sob a luz do sol enquanto emergiam nas ruas escaldantes, colocou os óculos escuros e o boné.

— É isso que eu quero, Hunt. Isso é *definitivamente* o que eu quero.



Ithan esfregou o rosto. Aquele dia ficou… complicado.

— Parece que você precisa de uma bebida — disse Tharion ao caminhar até a porta do apartamento. Ruhn saíra um momento antes. Ithan supôs que ficaria sentado por umas boas horas para contemplar a confusão fenomenal em que tinha se metido. Na qual Bryce parecia determinada a se envolver.

— Há quanto tempo vocês estão fazendo essa merda toda?

— Você sabe o que aconteceu durante a Cimeira, não sabe?

— Demônios arrasaram a cidade, mataram um monte de gente. Dois arcanjos morreram. Todo mundo sabe disso.

As sobrancelhas de Tharion se ergueram.

— Você descobriu como Micah e Sandriel morreram?

Ithan piscou, se preparando.

A expressão do tritão estava totalmente séria.

— Vou lhe contar isso depois de ter recebido uma ligação pessoal de Rigelus há três meses, me mandando ficar de boca fechada ou eu seria morto, assim como meus pais. Mas, como tudo que estou fazendo ultimamente parece apontar para essa estrada, você pode muito bem saber a verdade. Pois você provavelmente vai acabar morto com a gente.

— Fantástico. — Ithan desejou que Perry o tivesse largado em qualquer lugar, menos naquele apartamento.

Tharion falou:

— Hunt arrancou a cabeça de Sandriel depois que a arcanjo ameaçou Bryce.

Ithan se espantou. Sabia que Athalar era intenso para cacete, mas matar um arcanjo…

— E Bryce matou Micah depois que ele se vangloriou de matar Danika e a Matilha dos Demônios.

O corpo de Ithan ficou dormente.

— Eu… — Não conseguia tomar fôlego. — Micah… o quê?

Quando Tharion terminou de explicar, Ithan estava trêmulo.

— Por que ela não me contou? — O lobo solitário dentro dele uivava em dor e ódio.

Porra, Sabine não fazia ideia de que Micah tinha matado a filha dela. Ou… espere. Sabine *sabia*. Ela e Amelie estavam na Cimeira, assim como o Primo. Todos testemunharam pelas transmissões o que Tharion acabara de descrever.

E… e não tinham contado a ele. O resto do Covil, tudo bem, mas Connor era seu irmão. A ânsia de se metamorfosear, de urrar e rugir, tomou conta de seu sangue, vibrou em seus ossos. Ele a suprimiu.

Tharion prosseguiu, alheio ao animal que tentava usar as garras para se libertar de dentro de Ithan.

— Os asteri foram diretos com Bryce e Athalar: uma palavra para alguém e eles morrem. O único motivo pelo qual ainda não estão mortos é porque têm se comportado neste verão.

Garras apareceram nas pontas dos dedos de Ithan. Tharion não deixou de notar.

Entre a boca cheia de presas que se estendiam, Ithan grunhiu:

— Micah matou meu irmão. E Bryce matou Micah por causa disso. — Não conseguia processar aquilo, que Bryce, *antes* da Descida, tinha destruído um arcanjo.

Não fazia sentido.

Tivera a audácia, a ignorância, de questionar o amor dela por Danika e Connor. As garras e as presas dele se retraíram. Seu lobo interior parou de uivar.

Ithan esfregou o rosto de novo, a vergonha passava por ele como um rio rançoso, afogando a fera dentro de sua pele.

— Preciso de um tempo para processar isso. — O lobo que ele costumava ser teria corrido para o campo de solebol para treinar até que não fosse nada além de fôlego e suor, até que os pensamentos tivessem se organizado. Contudo, não colocava os pés em um daqueles campos há anos. Não voltaria agora.

Tharion se dirigiu para a porta de novo.

— Tenho certeza de que sim, mas um conselho: não demore muito. Urd trabalha de formas misteriosas, e não acho que tenha sido uma coincidência você estar aqui bem no momento que essa merda começou.

— Então eu deveria seguir o fluxo por causa de um palpite de que o destino está me dando um empurrãozinho?

— Talvez — respondeu o tritão. Gesticulou com os poderosos ombros, cultivados durante uma vida inteira nadando. — Mas, quando estiver cansado de ficar sentado no sofá sentindo pena de si mesmo, venha me procurar. O olfato de um lobo me seria útil.

— Para quê?

O rosto de Tharion ficou sério.

— Eu preciso encontrar Emile antes de Pippa Spetsos. Ou Cormac.

O tritão o deixou. Por um longo momento, Ithan ficou sentado em silêncio.

Será que Connor sabia de alguma coisa sobre o envolvimento de Danika com Sofie Renast? Será que Sabine sabia? Duvidava, mas… Pelo menos Bryce estava tão alheia àquilo quanto ele.

Bryce, que tinha usado a espada de Danika durante o ataque àquela cidade e ficado com a arma desde então. Ithan olhou para a porta.

Moveu-se antes que pudesse questionar a sensatez e a moralidade daquilo, seguindo direto para o armário de casacos. Guarda-chuvas, caixas de porcaria… nada. O armário de lençóis e o da lavanderia não revelaram nada também.

Então restava… Encolheu os ombros ao entrar no quarto.

Não sabia como não tinha visto na outra noite. Bem, ele tinha sido violentamente espancado, então era uma boa desculpa, mas… a

espada estava encostada na cadeira ao lado da penteadeira alta dela, como se Bryce a tivesse deixado ali como decoração.

A boca de Ithan secou, mas saiu andando até a lâmina antiga. Presenteada a Danika pelo Primo, um ato que deixara Sabine furiosa, pois há muito ela esperava herdá-la da família.

Ainda conseguia ouvir Sabine transtornada nas semanas após a morte de Danika, tentando descobrir onde Danika havia deixado a espada. Ela praticamente destruíra aquele apartamento velho para achá-la. Ithan pensou que tinha sido perdida, até que Bryce empunhara a espada na primavera.

Com o fôlego preso, Ithan pegou a lâmina. Era leve, mas perfeitamente equilibrada. Ele a tirou da bainha, o metal brilhando à luz fraca.

Porra, era linda. Simples, mas impecável.

Deu um longo suspiro, afastando as teias de aranha das lembranças, Danika levando aquela espada para todo lado, empunhando-a no treino; de alguma forma, a lâmina era uma validação de que mesmo que Sabine fosse uma merda, com Danika, os lobos tinham um futuro brilhante, com Danika, seriam *mais*…

Não conseguiu evitar. Ithan assumiu uma posição de defesa e golpeou com a espada.

Isso, era perfeita. Um feito notável de habilidade.

Ithan girou, fez uma finta, então atingiu um oponente invisível. Sabine perderia as estribeiras se soubesse que estava brincando com a lâmina. Mas e daí?

Ithan golpeou as sombras mais uma vez, estremecendo com a linda canção da espada que cortava o ar. … Que Inferno… tivera uma manhã estranha à beça. Precisava dissipar parte da tensão.

Avançando e bloqueando, saltando e rolando, Ithan treinou com um inimigo invisível.

Talvez tivesse ficado louco. Talvez fosse isso o que acontecia com os lobos sem matilha.

A espada era uma extensão de seu braço, pensou. Ithan deslizou em torno da mesa de jantar de vidro, atacando dois, três, dez oponentes…

Holstrom bloqueia; Holstrom avança…

Movendo-se pelo apartamento, Ithan saltou para a mesa de centro diante do sofá, madeira estremecendo sob ele, a narração alta e precisa em sua mente. *Holstrom desfere o golpe fatal!*

Desceu a espada formando um arco triunfante.

A porta da frente se abriu.

Bryce o encarou. De pé na mesa de centro com a espada de Danika.

— Esqueci meu crachá… — começou Bryce, as sobrancelhas tão arqueadas que pareciam capazes de tocar a linha do cabelo. Ithan rezou para que Solas o derretesse no chão e fervesse seu sangue até se vaporizar.

Aparentemente o deus do sol estava ouvindo. A mesa de centro rangeu, então rachou.

E desabou completamente sob ele.

Ithan podia ter ficado deitado ali, esperando que um ceifador viesse sugar a alma de seu corpo, caso Bryce não tivesse se aproximado exasperada. Não com ele, não para ajudá-lo. Mas para investigar alguma coisa além do campo visual de Ithan.

— Que porra é essa? — perguntou, ajoelhando-se.

Ithan conseguiu mover o traseiro dos destroços, levantando a cabeça para vê-la agachada sobre uma pilha de papéis.

— Tinha uma gaveta na mesa?

— Não. Talvez fosse um compartimento secreto. — Bryce tirou lascas de madeira da pilha parcialmente espalhada. — Esta mesa estava aqui quando eu me mudei, toda a mobília era de Danika. — Ergueu o olhar para Ithan. — Por que ela esconderia seus antigos trabalhos de faculdade aqui?

* * *

Ruhn amolava Áster em uma pedra, fazendo fagulhas pretas iridescentes voarem da ponta da lâmina. Atrás dele, no Aux vazio, Flynn e Declan limpavam seu arsenal em uma mesa de trabalho.

Planejaram se encontrar ali naquela tarde. Ruhn tinha pretendido amolar a espada, limpar e inspecionar suas armas, então terminar o

dia com uma reunião dos Mestres da Cidade para discutir a nova arcanjo.

Um dia normal, em outras palavras. Exceto pela merda colossal e ameaçadora que tinha acabado de acontecer. Por incrível que pareça, o Príncipe do Desfiladeiro era o menor de seus problemas.

— Fala logo — disse Flynn, sem parar de trabalhar na arma.

— O quê? — perguntou Ruhn, arrancando a lâmina.

Declan respondeu:

— O que quer que tenha feito você ficar aí parado em pé calado por dez minutos, sem nem reclamar da playlist merda do Flynn.

— Babaca — disse Flynn a Dec, assentindo para onde seu celular tocava heavy metal no volume máximo. — Isso é poesia.

— Existem estudos sobre plantas que murcham e morrem quando expostas a esse tipo de música — replicou Declan. — É exatamente como eu me sinto agora.

Flynn riu.

— Imagino que você esteja emburrado por uma dessas três coisas: papai horrível, irmãzinha ou noiva bonita.

— Nenhuma delas, seu bosta — disse Ruhn, afundando na cadeira do outro lado da mesa. Ele olhou para as portas, ouvindo. Quando se certificou de que ninguém ocupava o corredor adiante, disse: — Minha hora de almoço começou com a visita do Príncipe do Desfiladeiro em forma felina no apartamento de Bryce, onde revelou que Cormac é um rebelde da Ophion, e terminou com a descoberta de que Cormac está atrás de uma criança desaparecida e a irmã espiã da criança. Que por acaso é a namorada de Cormac. E basicamente ameaçou contar a meu pai sobre eu conseguir conversar telepaticamente se eu não me encontrar com ele em um bar para me contar como eu posso ser útil para a Ophion.

Os amigos escancararam a boca. Declan disse, com cautela:

— Está todo mundo… vivo?

— Sim — disse Ruhn, suspirando. — Eu jurei manter segredo, mas…

— Contanto que você não tenha feito um juramento de sangue, isso importa? — disse Flynn, a arma esquecida na mesa ao lado dele.

— Confie em mim, Cormac tentou. Eu me recusei.

— Que bom — disse Dec. — Conte tudo.

Eram as duas únicas pessoas no mundo a quem Ruhn confiaria aquilo. Bryce e Hunt o espancariam por contar alguma coisa, mas paciência. Eles ao menos tinham um ao outro para desabafar. Então Ruhn abriu a boca e explicou.

— E… é nessa que eu me encontro — concluiu Ruhn, brincando com o piercing labial.

Flynn esfregou as mãos.

— Isso vai ser impressionante. — Estava completamente sério. Ruhn o olhou boquiaberto.

Mas Declan olhava para ele pensativo.

— Certa vez eu invadi uma base de dados militar imperial e vi a filmagem não censurada dos campos de batalha e de extermínio. — Até mesmo o sorriso de Flynn sumiu. Declan prosseguiu, o cabelo ruivo brilhando à primalux. — Me deixou enjoado. Sonhei com o que vi por semanas depois daquilo.

— Por que não disse nada? — perguntou Ruhn.

— Porque nada podia ser feito a respeito. Parecia que não podia, pelo menos. — Declan assentiu, como se para si mesmo. — Do que quer que você precise, estou dentro.

— Fácil assim, é? — disse Ruhn, erguendo as sobrancelhas.

— Fácil assim — respondeu Dec.

Ruhn precisou de um momento. Não fazia ideia de que deus tinha agradado tanto para ser abençoado com tais amigos. Eles eram mais do que isso. Eram seus irmãos. Ruhn finalmente disse, rouco:

— Se formos pegos, seremos mortos. Nossas famílias também. — Acrescentou para Dec: — E Marc.

— Confie em mim, Marc seria o primeiro a dizer sim para isso. Ele odeia os asteri. — Continuou com um sorriso tímido. — Mas… sim, acho que é mais seguro que ele não saiba. — Franziu a testa para Flynn. — Você consegue ficar calado?

Flynn fez um som de exasperação.

— Você fala demais quando está bêbado — interrompeu Ruhn. Mas ele sabia que Flynn era um cofre de aço quando queria.

Um tom de deboche preencheu a voz de Declan, ridicularizando Flynn quando falou:

— Ah, escritora-ninfa sexy, olhe só seus peitos, eles são tão redondos, eles me lembram dessas bombas que o Aux está

escondendo no arsenal caso…

— *Não* foi isso o que aconteceu, porra! — murmurou Flynn. — Ela era repórter, para início de conversa…

— E foi há vinte anos — interrompeu Ruhn, antes que aquilo pudesse escalar para o absurdo. — Acho que você aprendeu sua lição.

Flynn fez cara de irritação.

— E agora? Você vai encontrar Cormac e ouvir o que ele tem a dizer?

Ruhn exalou e enfim começou a limpar a espada. Bryce ficaria transtornada.

— Não tenho escolha.



— Que *merda* é essa? — sussurrou Bryce, ao se ajoelhar nos destroços de sua mesa de centro e folhear a pilha de papéis aparentemente escondida dentro dela.

— Não são apenas trabalhos de faculdade — disse Ithan, abrindo os papéis ao lado. — São documentos e imagens de recortes de jornais. — Olhou para as folhas. — Todos parecem se referir aos usos da primalux, a maioria sobre como foi transformada em instrumento de guerra.

As mãos de Bryce tremiam, enquanto lia brevemente alguns artigos acadêmicos, todos cheios de correções, teorizando sobre a origem dos mundos e o que os asteri sequer *eram*.

— Ela nunca mencionou nada disso — falou Bryce.

— Acha que é o que Sofie Renast descobriu? — perguntou. — Tipo, talvez Danika tenha farejado alguma coisa sobre os asteri com os… — Ithan parou antes de acrescentar — Dons dela?

Bryce elevou o olhar para o rosto cuidadosamente neutro dele enquanto Ithan tentava se recuperar de um deslize.

— Você sabia sobre o dom dela de farejadora?

Ithan se moveu sobre os joelhos.

— Não mencionávamos, mas… sim. Connor e eu sabíamos.

Bryce virou outra página, deixando a informação para depois.

— Bem, por que importa se Danika farejou alguma coisa a respeito dos asteri? Eles são estrelas divinas. — Seres que possuíam a força de uma estrela inteira dentro de si, sem jamais envelhecer ou morrer.

Conforme passava os olhos por um artigo atrás do outro, Ithan fazendo o mesmo ao lado dela, Bryce notava que contradiziam a história contada. Ela se obrigou a continuar respirando tranquilamente. Danika tinha estudado história na UCLC. Nada parecia fora do comum, exceto por estar escondido. Ali.

Tudo o que temos como prova do suposto poder sagrado deles é sua palavra, leu Bryce. *Quem algum dia viu tal estrela se manifestar? Se eles são estrelas dos céus, então são estrelas caídas.*

Um calafrio percorreu a coluna de Bryce, uma das mãos subindo para o peito. Ela possuía uma estrela dentro do corpo. Bem, luz estelar que se manifestava como uma coisa em forma de estrela, mas… qual era o poder dos asteri, então? O sol era uma estrela, será que eles possuíam o poder de um sol de verdade?

Se sim, essa rebelião estava fodida. Talvez Danika tivesse se perguntado aquilo, e quisera que Sofie verificasse, de alguma forma. Talvez fosse esse o objetivo da informação, o que Danika tinha suspeitado e temido e que precisava oficialmente confirmar: não tinha como vencer. Nunca.

Bryce queria que Hunt estivesse ali, mas não ousava chamá-lo. Depois do que tinha acontecido entre os dois no beco talvez fosse melhor que não estivessem próximos. Não confiava em si mesma para manter as mãos longe dele.

Aquele beijo. Não tinha hesitado. Tinha visto Hunt, aquele exterior normalmente inabalável se derretendo, e… precisava beijá-lo.

O problema era que agora precisava de mais. Era uma pena que Ithan estivesse se hospedando com ela, e o tipo de sexo que Bryce planejava fazer com Hunt sacudiria as paredes.

Mas… Urd devia ter mandado Bryce para o apartamento naquele momento. Para ver aquilo. Ela exalou. Passou a mão pelas páginas. Os últimos papéis da pilha a fizeram perder o fôlego.

— O que foi? — perguntou Ithan.

Bryce balançou a cabeça, afastando-se para reler o texto.

A Verdade do Crepúsculo.

O mesmo projeto que tinha sido mencionado nos e-mails entre Sofie e Danika. Que Danika disse que seria do interesse de Sofie. Danika estava pesquisando aquilo desde a *faculdade*? Bryce inspirou e virou para a página seguinte.

Estava completamente vazia. Como se Danika não tivesse chegado a escrever nada sobre aquilo.

— A Verdade do Crepúsculo foi uma das coisas que Danika mencionou a Sofie — disse em voz baixa. — A Verdade do Crepúsculo e o Projeto Thurr.

— O que é?

Balançou a cabeça de novo.

— Não sei. Mas deve haver uma conexão entre tudo isso. — Ela jogou o documento da Verdade do Crepúsculo de volta na pilha.

Ithan perguntou:

— E agora?

Suspirou.

— Eu preciso voltar para o trabalho.

Ele arqueou a sobrancelha a questionando.

— Sou contratada, lembra? — Ficou de pé. — Pode, hã… encontrar um lugar para esconder isso? E não brinque mais de Herói Guerreiro. Eu gostava daquela mesa de centro.

Ithan corou.

— Eu não estava brincando de Herói Guerreiro — murmurou.

Bryce riu e pegou o crachá, pendurado ao lado da porta, mas disse em tom solene:

— Você ficou bem a empunhando, Ithan.

— Eu só estava de palhaçada. — Seu tom de voz saiu tão tenso que Bryce não disse mais nada antes de partir.

* * *

Ruhn encontrou Cormac no salão de bilhar da CiRo, perdendo para um sátiro, uma antiga canção de rock soava do jukebox do outro lado do espaço revestido de concreto.

Cormac falou, concentrando-se na jogada:

— Eu jamais contaria a seu pai, aliás.

— E ainda assim aqui estou — disse Ruhn. O sátiro notou a expressão no rosto de Ruhn e sumiu. — Parece que sua ameaça funcionou.

— Tempos extremos — murmurou Cormac.

Ruhn pegou o taco largado pelo sátiro, olhando para a mesa de bilhar, reconheceu a jogada seguinte do sátiro imediatamente e riu.

— Ele estava prestes a acabar com você.

Cormac, de novo, avaliou sua jogada.

— Eu estava deixando ele vencer. Coisa digna de um príncipe.

Bolas estalaram, e Ruhn riu quando elas se espalharam. Nenhuma se encaçapou.

— Óbvio — disse Ruhn, alinhando a bola branca. — Duas bolas enfim encontraram as caçapas com um satisfatório *plink*.

Cormac xingou baixinho.

— Eu tenho a sensação de que isso é mais a sua praia do que a minha.

— Culpado.

— Você parece um macho que passa o próprio tempo em lugares como este.

— Em vez de…

— Fazer coisas.

— Eu lidero o Aux. Não é como se eu frequentasse espeluncas o dia todo. — Ruhn olhou para o bar significativamente.

— Aquela festa sugeria o contrário.

— Nós gostamos de nos divertir na ensolarada Lunathion.

Cormac riu com escárnio.

— Aparentemente. — Observou Ruhn colocar outra bola no bolso, então errar seu segundo lance por dois centímetros. — Você tem mais piercings desde a última vez que o vi. E mais tatuagens. As coisas devem estar chatas por aqui se é assim que você passa seu tempo.

— Tudo bem — disse Ruhn, apoiando o corpo no taco. — Você é um herói emburrado e eu sou um babaca preguiçoso. É assim mesmo que você quer começar essa conversa?

Cormac fez a jogada, uma das bolas finalmente entrou em um buraco. Errou a segunda tacada, deixando o ângulo de que Ruhn precisava completamente exposto.

— Só me ouça, primo. É tudo o que peço.

— Tudo bem. — Ruhn deu sua tacada. — Vamos ouvir — sussurrou.

Cormac encostou no taco e estudou o bar vazio antes de falar:

— Sofie estava em contato com nosso espião mais vital na rebelião, Agente Daybright.

Ruhn ficou inquieto. Ele realmente não queria saber.

Cormac prosseguiu:

— Daybright tem acesso direto aos asteri, há muito a Ophion duvida se Daybright é um asteri. Daybright e Sofie se comunicavam em códigos, utilizando rádios alimentados por cristais. Mas, com o… desaparecimento de Sofie, ficou perigoso demais continuar usando os antigos métodos de comunicação. A Corça ter chegado tão rápido ao local naquela noite indica que alguém deve ter interceptado as mensagens e decifrado nossos códigos. Precisamos de alguém que consiga falar entre mentes para estar em contato direto com Agente Daybright.

— E por que diabos eu concordaria em trabalhar com você? — Além da ameaça de Cormac contar ao Rei Outonal sobre seus talentos.

Falar entre mentes era um dom raro entre os feéricos avallenos, herdado da linhagem de sua mãe, e sempre fora algo que lhe vinha naturalmente. Ruhn tinha 4 anos na primeira vez em que utilizou o seu poder. Tinha pedido um sanduíche à mãe entre mentes, fazendo-a gritar quando o ouviu. Naquele momento, ele soube que deveria esconder o dom, mantê-lo em segredo. Quando a mãe esfregou a cabeça, obviamente se perguntando se tinha imaginado aquilo, ele se manteve calado. E se certificou de que ela não tivesse motivo para levá-lo até o pai, Ruhn já sabia que seria interrogado e examinado, e jamais o deixaria em paz. Não tinha cometido o mesmo erro até então.

Não deixaria seu pai controlar essa parte também. E mesmo que Cormac tivesse jurado que não revelaria… seria burro de acreditar no primo.

— Porque é a coisa certa a fazer — disse Cormac. — Eu vi aqueles campos de extermínio. Vi o que resta das pessoas que sobrevivem. As crianças que sobrevivem. Não pode continuar acontecendo.

Ruhn falou:

— Os campos de aprisionamento não são nada de novo. Por que agir agora?

— Porque Daybright apareceu e começou a nos passar informações vitais que levaram a ataques bem-sucedidos contra os corredores de abastecimento, as missões, os acampamentos. Agora que temos alguém infiltrado no alto escalão do governo, as chances mudam. A informação que Daybright passaria para você pode salvar milhares de vidas.

— E tirá-las — disse Ruhn, sombriamente. — Você falou com Comando a meu respeito.

— Não — respondeu Cormac, sinceramente. — Eu só mencionei que tinha um contato em Lunathion que poderia ser útil em restabelecer nossa conexão com Daybright, então fui mandado para cá.

Ruhn não podia culpá-lo por tentar. Embora não pudesse ler pensamentos ou invadir as mentes distraídas das pessoas como alguns de seus primos faziam, ele aprendera que podia conversar com as pessoas em um tipo de ponte psíquica, como se sua mente a tivesse formado tijolo após tijolo entre almas. Era perfeito para uma rede de espionagem.

Ruhn perguntou:

— E foi uma coincidência Emile ter vindo para cá também?

Um leve sorriso.

— Dois coelhos, uma cajadada. Eu precisava de um motivo para estar aqui, para encobrir minha busca por ele. Procurar seus dons ofereceu isso à Ophion. Assim como meu noivado com Bryce.

Ruhn franziu a testa.

— Então você está me pedindo para o quê? Ajudá-los só essa vez? Ou pelo resto da porra da minha vida?

— Estou pedindo a você, Ruhn, que retome de onde Sofie parou. Cabe a você decidir por quanto tempo trabalhará para nós, mas, no momento, a Ophion está desesperada pelas informações que Daybright tem. A vida das pessoas depende disso. Daybright já nos alertou três vezes antes de um ataque imperial a uma de nossas bases. Esses avisos salvaram milhares de vidas. Nós precisamos de você pelos

próximos meses, ou pelo menos até conseguirmos a informação que Sofie tinha.

— Eu não vejo que escolha tenho a não ser aceitar.

— Já disse, não vou contar ao seu pai. Só precisava trazer você até aqui. Consegui que ouvisse. Não pediria isso a você a não ser que fosse necessário.

— Como você acabou se envolvendo nessa rebelião? — Até onde Ruhn sabia, a vida de Cormac era bastante confortável, mas supôs que, para alguém olhando de fora, a sua vida também parecia.

Cormac sopesou o taco em suas mãos.

— É uma longa história. Eu me juntei a eles há uns quatro anos.

— E qual é a sua posição na Ophion, exatamente?

— Agente de campo. Tecnicamente, sou um comandante de campo da rede de espionagem do noroeste de Pangera. — Ele exalou devagar. — Sofie era uma de minhas agentes.

— Mas agora você está tentando manter Emile longe da Ophion? Tendo dúvidas sobre a causa?

— Nunca sobre a causa — disse Cormac, baixinho. — Apenas sobre as pessoas nela. Depois dos pesados golpes contra as bases este ano, a Ophion tem cerca de dez mil membros ainda, controlados por uma equipe de vinte no Comando. A maioria deles são humanos, mas alguns são vanir. Qualquer vanir afiliado à Ophion, Comando ou não, faz juramento de segredo, talvez com padrões mais severos do que os humanos.

Ruhn inclinou a cabeça e perguntou diretamente:

— Como você sabe que pode confiar em mim?

— Porque sua irmã colocou uma bala na cabeça de um arcanjo e vocês todos se mantiveram calados.

Ruhn assentiu para uma caçapa, mas errou a tacada final. Mesmo assim, disse calmamente:

— Eu não sei do que você está falando.

Cormac riu baixinho.

— Sério? Os espiões de meu pai descobriram antes de os asteri abafarem a informação.

— Então por que a trata como uma festeira?

— Porque ela voltou para as festas depois do que aconteceu na última primavera.

— Eu também. — Mas estavam fugindo do tópico. — O que você sabe sobre o Agente Daybright?

— O mesmo que você. — A bola de Cormac fez um arco vergonhosamente aberto.

— Como eu posso contatá-lo? E o que eu faço depois que receber a informação?

— Você passa para mim. Eu sei para onde mandá-la no Comando.

— E, de novo, eu deveria simplesmente… confiar em você.

— Eu confiei em você com informações que poderiam me jogar nas celas dos asteri.

Não qualquer prisão. Para aquele tipo de coisa, para alguém da estirpe de Cormac, a de Ruhn, seria o notório calabouço sob o palácio de cristal dos asteri. Um lugar tão horrível, tão brutal, que, segundo rumores, não havia câmeras. Nenhum registro, nenhuma prova de atrocidades. Exceto por raras testemunhas e sobreviventes como Athalar.

Ruhn novamente alinhou sua última tacada e indicou a caçapa, mas parou antes de jogar.

— Então, como eu faço? Projeto minha mente no espaço e torço para alguém responder?

Cormac riu, xingando quando Ruhn encaçapou a última bola. Ruhn, calado, pegou o triângulo de madeira e começou organizar todas as bolas de novo.

Ruhn deu a primeira tacada com um estalo, iniciando a rodada seguinte. As bolas três e sete caíram em caçapas opostas, ficaria com as sólidas, então.

Cormac tirou um pequeno cristal de quartzo do bolso e jogou para Ruhn.

— É tudo hipotético no momento, considerando que jamais trabalhamos com alguém como você. Mas primeiro tente contato com Daybright segurando isto. Daybright tem o outro par desse cristal-com. Tem as mesmas propriedades de comunicação que os Portões desta cidade.

O cristal-com parecia morno na palma de Ruhn quando o enfiou no bolso.

— Como funciona?

— Era assim que nossos rádios chegavam a Daybright. Sete cristais, todos escavados de uma rocha, seis incrustados em rádios em nossa posse, o sétimo no rádio de Daybright. São como faróis, na mesma frequência. Sempre tentando ser parte de um todo de novo. Este cristal é o último que resta dos nossos seis. Os outros cinco foram destruídos por segurança. Espero que com os seus poderes, ao segurá-lo na mão, seja possível estabelecer uma conexão mental com Daybright. Da mesma forma que os Portões daqui podem enviar áudio entre eles.

O olhar de Cormac se anuviou, em sofrimento. Ruhn se viu perguntando:

— Este cristal é do rádio de Sofie?

— É. — A voz de Cormac ficou embargada. — Ela deu ao Comando antes de ir para Kavalla. Eles deram para mim quando eu mencionei que talvez conhecesse alguém que poderia usá-lo.

Ruhn mensurou o luto, a dor no rosto do primo antes de suavizar seu tom.

— Sofie parece uma pessoa incrível.

— Ela era. É. — Cormac pigarreou. — Eu preciso encontrá-la. E a Emile.

— Você a ama?

Os olhos de Cormac queimaram com chamas.

— Não tento me iludir com a ideia de que meu pai aprovaria uma união com uma meio humana, principalmente uma sem fortuna ou nome. Mas sim. Eu esperava encontrar uma forma de passar minha vida com ela.

— Você acha mesmo que ela está aqui, tentando encontrar Emile?

— O tritão não eliminou essa possibilidade. Por que eu deveria? — De novo, muralhas se ergueram nos olhos de Cormac. — Se sua irmã sabe alguma coisa sobre Danika ter encontrado um esconderijo para eles, eu preciso saber.

Ruhn notou o leve indício de desespero, de pesar e pânico, e decidiu acabar com o sofrimento do primo.

— Nós suspeitamos que Danika possa ter dito a Sofie para se esconder no Quarteirão de Ossos — disse ele.

Cormac se alarmou, mas assentiu em gratidão a Ruhn.

— Então precisaremos encontrar uma forma de garantir passagem segura até lá, e achar uma forma de buscar sem sermos vistos ou incomodados.

Bem, Ruhn precisava de uma bebida. Graças a Urd que já estavam em um bar.

— Tudo bem. — Observou o primo, o cabelo loiro perfeito e o rosto bonito. — Se faz alguma diferença, caso a gente consiga encontrar Sofie, eu acho que você deveria se casar com ela, se o desejo for recíproco. Não deixe seu pai amarrá-lo a um noivado que você não quer.

Cormac não sorriu. Escrutinou Ruhn com os olhos, então falou:

— A rainha-bruxa Hypaxia é linda e sábia. Você poderia se sair muito pior, sabe.

— Eu sei. — Era o máximo que Ruhn diria àquele respeito.

Ela *era* linda. Impressionantemente, de tirar a concentração. Mas sua prometida tinha zero interesse nele. Deixara isso bem óbvio nos meses depois da Cimeira. Ele não a culpava completamente. Mesmo que tivesse tido um lampejo de como poderia ter sido a vida com ela, uma espiada por um buraco de fechadura.

Cormac pigarreou.

— Quando você se conectar com Daybright, diga isto para confirmar sua identidade.

Conforme seu primo tagarelava as frases-código, Ruhn fazia uma jogada após a outra, até que apenas duas bolas restassem e ele errasse a mais fácil, repassando a bola branca para dar uma chance ao primo. Não soube por que se incomodou em fazer aquilo.

Cormac entregou a bola branca de volta a ele.

— Não quero vencer por pena.

Ruhn revirou os olhos, mas pegou a bola de volta, fazendo uma tacada.

— Alguma informação que eu deveria pedir a Daybright?

— Há meses estamos tentando coordenar um ataque à Coluna. Daybright é nossa principal fonte de informação para saber quando e onde atacar.

A Coluna, a ferrovia norte-sul que cortava Pangera ao meio. A artéria principal para os suprimentos daquela guerra.

— Por que tentar o ataque? — perguntou Ruhn. — Para interromper o fluxo de suprimentos?

— Isso, e porque há meses Daybright tem ouvido rumores sobre os asteri estarem trabalhando em um novo tipo de protótipo de mec-traje.

— Diferente dos mec-trajes que os humanos usam?

— Sim. Esse é um mec-traje feito para os vanir. Para os exércitos imperiais.

— Merda. — Podia imaginar como seriam letais.

— Exatamente — falou Cormac, verificando o relógio. — Eu preciso ir para o Cais Preto, quero saber se há algum indício de que Emile ou Sofie estiveram lá. Mas entre em contato com Daybright assim que puder. Precisamos interceptar o protótipo do traje vanir para estudar a tecnologia antes que possa ser usada para nos massacrar.

Ruhn assentiu, resignado.

— Tudo bem. Vou ajudar você.

— Seus amigos não ficarão satisfeitos. Principalmente Athalar.

— Pode deixar Athalar comigo. — Ele não respondia ao anjo. Mas à irmã…

Cormac o observou mais uma vez.

— Quando quiser sair, eu tiro você. Prometo.

Ruhn enterrou a última bola na caçapa escolhida e apoiou o taco contra a parede de concreto.

— Vou cobrar isso de você.



O ruído de água pingando no piso de plástico do píer seco na Corte Azul era o único som que soava enquanto Tharion consertava sua moto aquática. O suor do tritão pingava, apesar da temperatura fresca da câmara. Tinha tirado a camisa minutos depois de chegar ali, até mesmo o algodão macio era sufocante demais grudando na pele conforme trabalhava. Junco tinha ficado preso no motor durante a viagem até o pântano no outro dia, e, embora a equipe de engenharia pudesse ter facilmente consertado o problema, queria fazer por conta própria.

Queria dar à mente um tempo para processar tudo.

A última coisa que imaginou ao acordar naquela manhã era conversar com o Príncipe do Desfiladeiro disfarçado de gato. Quanto mais descobrir que um príncipe avalleno era um rebelde da Ophion procurando pelo irmão mais novo de Sofie Renast. Ou que Danika Fendyr tinha mandado Sofie em busca de informação crucial sobre os asteri. Não, ele tinha acordado com apenas um objetivo: descobrir o que Ithan Holstrom sabia.

Um monte de nada, pelo visto.

Belo Capitão de Inteligência. *Capitão Qualquer Coisa*, como Holstrom tinha chamado. Tharion estava considerando gravar aquilo

em uma placa para sua mesa.

No entanto, ao menos Holstrom tinha concordado em ajudar caso Tharion precisasse do focinho dele para encontrar Emile. Se Pippa Spetsos estava caçando o menino como Cormac tinha alegado, deixando de lado a política e Sofie e a sua Rainha… eles precisavam encontrar o menino primeiro. Ao menos para poupá-lo de ser forçado a usar seus poderes de pássaro-trovão de formas terríveis. Holstrom seria valioso naquela empreitada.

Além do mais, o lobo parecia precisar de algo para fazer.

A porta do cais seco se abriu com uma lufada, soprando para dentro o cheiro de correntes borbulhantes e nenúfares. Tharion manteve a atenção no motor, enquanto apertava a chave-inglesa.

— Soube que você estava aqui — disse uma voz feminina animada, e Tharion estampou um sorriso no rosto ao olhar por cima de um ombro para a filha da Rainha do Rio.

Usava seu habitual vestido azul diáfano, realçando a tonalidade marrom da pele. Pérolas do rio e cacos de conchas de abalone brilhavam em seus cachos pretos grossos, cascateando bem abaixo dos ombros esguios até a lombar. Deslizou em sua direção sobre pés descalços, a água fria que cobria o chão aparentemente não a incomodava. Sempre se movia daquele jeito: como se estivesse flutuando debaixo da água. Não possuía forma sereia, era apenas em parte sereia, na verdade. Era algum tipo de humanoide elemental, tão à vontade ao ar livre quanto sob a superfície. Parte mulher, parte rio.

Tharion ergueu a chave-inglesa, um pedaço de alga do rio enroscada na ponta.

— Consertos.

— Por que você ainda insiste em fazê-los por conta própria?

— Isso me dá uma tarefa tátil — respondeu encostando na moto aquática em cima do elevador atrás dele, a água que gotejava nas laterais dela fria contra a pele quente dele.

— Trabalhar para a minha mãe é tão insatisfatório que você precisa dessas coisas?

Tharion ofereceu um sorriso charmoso.

— Eu gosto de fingir que sei o que estou fazendo perto das máquinas — desviou da pergunta.

Deu uma leve risada em resposta, se aproximando. Tharion se manteve perfeitamente imóvel, recusando-se a se afastar da mão que ela havia apoiado no peito exposto dele.

— Eu não tenho visto muito de você ultimamente.

— Sua mãe tem me mantido ocupado. — *Pode cobrar dela.*

Um pequeno e tímido sorriso.

— Eu esperava que a gente pudesse… — Ela corou, e Tharion entendeu o que ela dizia.

Não faziam *aquilo* havia anos. Por que agora? Os espíritos da água eram caprichosos, ele imaginava que ela o tivesse conquistado, consumido, perdido o interesse e seguido em frente. Mesmo que os votos feitos entre eles ainda os atassem irreparavelmente.

Tharion cobriu a pequena mão com a própria, acariciando o polegar sobre a pele aveludada.

— Está tarde, e eu vou acordar cedo.

— E, no entanto, está aqui, trabalhando nessa… máquina. — Puxou à mãe no que dizia respeito a tecnologia. Mal conseguira dominar o conceito de um computador, apesar das aulas com Tharion. Se perguntou se ela sequer sabia o que era uma moto aquática.

— Eu preciso dela para o trabalho de amanhã. — Uma mentira.

— Mais do que precisa de mim?

Sim. Definitivamente, sim.

Tharion deu outro daqueles sorrisos a ela.

— Outra hora, eu prometo.

— Eu soube que você foi até a cidade hoje.

— Estou sempre na cidade.

Olhou para ele, e Tharion notou o olhar ciumento e preocupado.

— Quem você encontrou?

— Alguns amigos.

— Quais?

Quantos interrogatórios tinham começado assim e terminado com ela chorando para a mãe? O último tinha sido há apenas alguns dias. Depois, ele acabara naquele barco no mar Haldren, buscando os restos mortais de Sofie Renast.

Disse, com cautela:

— Bryce Quinlan, Ruhn Danaan, Ithan Holstrom e Hunt Athalar. — Não precisava mencionar Aidas ou o Príncipe Cormac. Não eram amigos dele.

— Bryce Quinlan… a menina dessa primavera? Com a estrela?

Não ficou surpreso por ela só ter perguntado sobre a fêmea.

— Isso. — Outro olhar cauteloso que Tharion fingiu não notar ao dizer, casualmente: — Ela e Athalar estão juntos agora, sabe. Um final feliz depois de tudo que aconteceu.

A filha da Rainha do Rio ficou aliviada, os ombros relaxaram.

— Que lindo.

— Eu gostaria de apresentar vocês algum dia. — Uma mentira descarada.

— Vou pedir a mamãe.

Ele falou:

— Vou vê-los de novo amanhã. Você poderia ir junto. — Era inconsequente, mas… tinha passado dez anos evitando-a, desviando da verdade. Talvez pudessem mudar as coisas um pouco.

— Ah, mamãe vai precisar de mais tempo do que isso para se preparar.

Fez uma reverência com a cabeça, o retrato da compreensão.

— Só me avise quando. Será um encontro de casaizinhos.

— O que é isso?

Não existia televisão ali embaixo. Ou pelo menos nos aposentos reais da Rainha do Rio. Logo, coisas modernas como cultura popular… não estavam nem no radar dela.

Não que o noivado deles pudesse ser considerado verdadeiro. Era mais como uma servidão por contrato.

— Dois casais saindo para fazer uma refeição juntos. Você sabe, um encontro… vezes dois.

— Ah. — Um lindo sorriso. — Eu iria gostar.

Athalar também. Tharion jamais ouviria o fim daquilo. Olhou para o relógio.

— Eu vou acordar cedo, e este motor está uma confusão…

Era o mais próximo de uma dispensa que ele ousaria fazer. Tinha alguns direitos: ela podia procurá-lo para sexo, como tinha acabado de fazer, mas ele podia dizer que não sem repercussões; e seus deveres como Capitão da Inteligência eram mais importantes do que atender

às necessidades dela. Rezava para que ela considerasse consertar uma moto aquática um desses deveres.

Graças a Ogenas, ela considerou.

— Vou deixar você em paz, então.

E então se foi, levando o cheiro de nenúfares com ela. Quando as portas se abriram para deixá-la passar, Tharion viu os quatro tritões que compunham a sua guarda esperando do outro lado, a filha da Rainha do Rio jamais ia a lugar algum sozinha. Os machos de peitoral largo teriam lutado até a morte pela chance de compartilhar a cama com ela. Sabia que eles o detestavam por ter e rejeitar esse acesso.

Tharion abriria mão de sua posição com alegria, se ao menos a Rainha do Rio permitisse.

Sozinho de novo, suspirou, encostando a testa contra a moto aquática.

Não sabia quanto mais daquilo podia aguentar. Podia levar semanas ou anos até que ela e a mãe começassem a insistir pelo casamento. E então por filhos. E então estaria trancado em uma jaula, ali sob a superfície, até que mesmo sua vida vanir expirasse. Velho e sem sonhos e esquecido.

Um destino pior do que a morte.

Se, no entanto, essa coisa com Sofie e Emile Renast realmente se tornasse grande… seria a fuga temporária ideal. Não dava a mínima para a rebelião, não de verdade, mas sua rainha lhe dera uma tarefa, e ele prolongaria aquela investigação tanto quanto conseguisse. Talvez visse o que a informação que Sofie tinha coletado poderia garantir a *si.*

Até que suas escolhas tolas finalmente cobrassem o seu preço.

* * *

— E ali é a sala comunal — disse Hunt, entre os dentes trincados para Baxian, ao abrir com um ombro a porta da área de estar do quartel. — Como você já sabe.

— Sempre bom ouvir de um local — disse Baxian, as asas fechadas quando ele notou o espaço escuro: a pequena quitinete à esquerda da

porta, as cadeiras aos pedaços e os sofás diante da grande TV, a porta dos banheiros logo adiante. — Isso é apenas para os triários?

— Toda sua esta noite — disse Hunt, verificando o telefone. Depois das 22 horas. Estava de saída às 19 horas quando Celestina ligou pedindo que desse a Baxian um tour do Comitium. Considerando apenas o tamanho do lugar… tinha levado aquele tempo todo. Principalmente porque Baxian fizera um monte de *perguntas*.

O babaca sabia que estava segurando Hunt ali. Longe de Bryce e daquela boca doce e volumosa. Foi precisamente por isso que Hunt tinha escolhido sorrir e aguentar: ele não daria àquele bosta a satisfação de saber o quanto o estava irritando. Ou acabando com o tesão dele.

Mas já bastava. Hunt perguntou:

— Precisa que eu coloque você para dormir também?

Baxian riu, seguindo para a geladeira e abrindo a porta. A luz refletiu das asas dele, tornando seus contornos prateados.

— Que merda de cerveja vocês têm.

— Funcionário público — disse Hunt, encostado à porta. — Cardápios para delivery estão na primeira gaveta à sua direita; ou pode ligar para a cantina e ver se ainda estão servindo. Tudo certo? Ótimo. Tchau.

— O que é aquilo? — perguntou Baxian, e havia tanta curiosidade no tom de voz dele que Hunt não o repreendeu. Acompanhou a direção do olhar do Cão do Inferno.

— Hã. Aquilo é uma TV. A gente assiste coisas nela.

Baxian lançou um olhar desapontador para ele.

— Eu sei o que é uma TV, Athalar. Estava falando daqueles fios e caixas debaixo dela.

Hunt arqueou uma sobrancelha.

— Aquilo é um OptiCube. — Baxian o encarou inexpressivo. Hunt tentou de novo. — Console de videogame? — O Cão do Inferno balançou a cabeça.

Por um momento, Hunt estava no lugar de Baxian, avaliando a mesma sala, a mesma e estranha nova tecnologia, Isaiah e Justinian explicando que porra era um telefone celular. Hunt disse, grosseiramente:

— Você joga nele. Jogos de corrida, jogos em primeira pessoa… são viciantes mas divertidos.

Pelo olhar de Baxian, a palavra *divertidos* era nova para ele também. Solas.

Sandriel odiava tecnologia. Tinha se recusado a permitir sequer televisões no palácio dela. Baxian podia muito bem ter sido transportado de três séculos antes até ali. O próprio Hunt tinha encontrado tecnologia em outras partes do mundo, mas, quando a maioria de seus deveres o mantinha concentrado em Sandriel ou nas missões dela, não tinha muito tempo para aprender sobre as merdas do dia a dia.

Do corredor atrás dele, vozes baixas murmuravam. Naomi e Pollux. Os tons da voz tranquilizadora de Isaiah entre eles. Graças aos deuses.

Hunt viu que Baxian o observava com cautela. Lançou um olhar inexpressivo de volta, um que ele aperfeiçoara como Umbra Mortis. Baxian apenas seguiu para o corredor. Hunt lhe deu bastante espaço.

O Martelo parou na entrada do quarto de Vik, conversando com Isaiah e Naomi no corredor. Era o quarto de Pollux agora. A magia de Hunt retumbava, relâmpago no horizonte. Pollux olhou com desprezo para Hunt quando ele passou. Malas e caixas estavam em pilhas altas atrás dele, uma cidade em miniatura dedicada à vaidade do Martelo.

Hunt, bastante ciente de todas as câmeras, da súplica de Bryce para que se comportasse, prosseguiu, assentindo para Naomi e Isaiah ao passar.

— Bem, aqui está — disse Hunt a Baxian, parando diante do antigo quarto de Justinian. Baxian abriu a porta. O quarto estava tão vazio quanto o de Hunt estivera.

Uma sacola estava ao lado da cama estreita. Todos os pertences de Baxian em uma maldita sacola.

Não fazia diferença. Hunt não tinha sangue frio diante das merdas que o babaca tinha feito. O fato de o Cão do Inferno estar no quarto de Justinian, ocupando o lugar dele…

O crucifixo no saguão lampejou na mente de Hunt, Justinian sofrendo enquanto ele pendia dali. Sem sucesso, tentou banir o pensamento. Tinha fodido tudo. Por duas vezes, ele tinha fodido tudo. Primeiro com a rebelião dos Caídos, então naquela primavera

com a Rainha Víbora e agora… Iria mesmo permitir que Bryce e ele fossem arrastados para algo semelhante? Quantas pessoas seriam arruinadas no final?

Entrando no próprio quarto, Baxian falou:

— Obrigado pelo tour, Athalar.

Hunt, de novo, olhou para aquele quartinho triste atrás do Cão do Inferno e algo parecido com pena despertou dentro dele, quando disse:

— Te ensino a jogar videogame amanhã. Preciso ir para casa.

Podia ter jurado que uma sombra cobriu os olhos de Baxian, talvez anseio.

— Obrigado.

Hunt resmungou.

— A gente se encontra depois do check-in da manhã. Você pode me seguir durante o dia.

— Muito generoso da sua parte — disse Baxian, fechando a porta.

Felizmente, Pollux bateu a própria porta na cara de Naomi no mesmo momento, deixando Hunt e seus dois amigos.

Seguiram para a sala comunal sem precisar dizer nada, esperando até terem fechado a porta e se certificado de que ninguém estava no banheiro antes de afundarem no sofá. Hunt queria muito ir para casa, mas…

— Então, que merda — disse ele, em voz baixa.

— Pollux devia ser morto e esquartejado — disparou Naomi.

— Fico surpreso por vocês dois ainda estarem vivos — disse Isaiah para ela, apoiando os pés na mesa de centro e afrouxando a gravata cinza que usava. A julgar pelo terno, devia ter acabado de chegar depois de acompanhar Celestina. — Mas, como seu comandante, fico feliz por não terem discutido. — Deu a Hunt um olhar significativo.

Hunt riu com escárnio. Naomi disse:

— Aqueles dois profanam os quartos ao se hospedarem neles.

— São apenas quartos — disse Isaiah, com o rosto contraindo de dor. — Tudo o que Vik e Justinian foram… não está ali dentro.

— É, está numa coisa no fundo de uma fossa — Naomi respondeu cruzando os braços. — E as cinzas de Justinian estão ao vento.

— Assim como as de Micah — disse Hunt, baixinho, e eles olharam para ele.

Hunt deu de ombros.

— Você ia mesmo se rebelar nessa primavera? — perguntou Naomi. Não tinham uma só vez falado sobre os últimos meses. Sobre a merda que tinha acontecido.

— Não no fim — respondeu Hunt. — Eu fui sincero em tudo o que disse no barco. Mudei de ideia; percebi que não era o verdadeiro caminho para mim. — Viu a reprovação no rosto de Isaiah — Ainda sou sincero.

Ele era. Se Sofie e Emile e a Ophion e Cormac e toda aquela merda sumisse naquele momento, não pensaria duas vezes naquilo. Ficaria *feliz* por isso.

Mas não era assim que as coisas estavam se desenvolvendo. Não era como Bryce queria que acontecesse. Ele mal suportava ver a testa tatuada de Isaiah.

— Eu sei — disse Isaiah, por fim. — Você tem muito mais em jogo agora — acrescentou e Hunt se perguntou se fora intencional o leve tom de aviso nas palavras.

Imaginou se Isaiah se lembrava de como ele e os outros anjos na sala de conferência da Cimeira tinham se curvado depois que Hunt arrancou a cabeça de Sandriel. O que seus amigos fariam se contasse sobre seu contato recente com um rebelde da Ophion? A mente dele estava a mil por hora.

Hunt mudou de assunto, acenando para o corredor atrás da porta fechada.

— Vocês dois vão ficar aqui ou vão achar um lugar para morar?

— Ah, eu já saí — disse Isaiah, praticamente sorrindo. — Assinei um contrato de aluguel esta manhã, a alguns quarteirões daqui. Fica no DCC, mas mais perto da Praça da Cidade Velha.

— Bom — disse Hunt, ergueu a sobrancelha para Naomi, que balançou a cabeça.

— Não pago aluguel aqui, apesar dos novos colegas de dormitório. — Pollux e Baxian ficariam ali até Celestina considerar que estavam adaptados o suficiente para morar na cidade. Hunt estremecia ao pensar neles soltos.

— Você confia que eles vão se comportar? — perguntou ele a Isaiah. — Porra, eu não.

— Não temos escolha a não ser confiar que vão — disse Isaiah, suspirando. — E torcer para que a governadora os veja pelo que são.

— Vai fazer alguma diferença se ela souber? — perguntou Naomi, colocando as mãos atrás da cabeça.

— Acho que vamos descobrir — disse Hunt, e olhou para o celular de novo. — Tudo bem. Vou embora. — Parou à porta, no entanto. Olhou para os dois amigos, completamente alheios à merda que estava vindo na direção deles. Seria algo gigante para qualquer um deles, potencialmente libertador para Isaiah, acabar com a Ophion. Capturar Sofie Renast e o irmão dela, prender Cormac.

Se ele falasse agora, desembuchasse tudo, será que poderia poupar Bryce do pior? Será que poderia evitar a crucificação, evitar que um quarto vazio fosse tudo que restasse dele um dia também? Se fizesse tudo direito, podia salvar os dois, e talvez Ruhn e Ithan, e viver para contar a história? Tharion provavelmente seria morto só por não ter contado às autoridades sobre sua missão, com ou sem rainha, assim como o Príncipe Herdeiro de Avallen. Mas…

Isaiah perguntou:

— Tem alguma coisa incomodando você?

Hunt pigarreou.

As palavras fervilharam em sua língua. A oportunidade se apresentando feito um paraquedas, e aquele seria o momento perfeito para abri-lo. *Temos um problema enorme com rebeldes nesta cidade e preciso da ajuda de vocês para me certificar de que dancem conforme a nossa música.*

Hunt pigarreou de novo. Balançou a cabeça.

E saiu.



— A Verdade do crepúsculo, hein? — a voz grave de Hunt ecoou enquanto estavam deitados na escuridão, Syrinx já roncando entre os dois.

— Danika achava que tinha descoberto alguma coisa, isso é certo — respondeu. Hunt havia perdido o jantar, deixando-a em uma refeição desconfortável com Ithan. Estava calado e contemplativo, tinha a mesma expressão que ela via em seu rosto antes de jogos importantes. Bryce comentou isso com ele, mas Ithan não quis conversar.

Bryce esquadrinhou os trabalhos e os recortes de Danika novamente. Não encontrou nada novo. Só inteirou Hunt quando ele finalmente chegou em casa e se arrumaram para deitar. Qualquer pensamento sobre continuar o que tinha acontecido no beco sumiu quando ela terminou.

Hunt murmurou, movendo-se ao lado dela.

— Então você vai mesmo ajudar Cormac.

— Não é que eu queira ajudá-lo, é mais porque quero ajudar Emile. Mas fui sincera no que falei para você no beco: também quero conseguir o que puder dessa situação para nos beneficiar. — Um fim

ao noivado e algum treino. — E — admitiu ela — aprender mais sobre Danika.

— Isso importa? Sobre Danika, quero dizer?

— Não deveria. Mas importa. Por algum motivo, importa. — Disse, com cautela: — Eu sei que discutimos isso mais cedo, mas… Não posso fazer isso sem você, Hunt.

Ele falou, baixinho:

— Eu sei. Só estou… Porra, Quinlan. Só a ideia de algo acontecer com você me apavora. Mas eu entendo. Foi isso que me impulsionou nessa primavera… o que eu estava fazendo com Vik e Justinian. Foi por Shahar.

O coração dela se apertou.

— Eu sei. — Ele estivera disposto a abrir mão daquilo por ela, por *eles*. — Então você topa?

— Sim. Qualquer ajuda que eu puder dar, eu ofereço. Mas precisamos de uma estratégia de saída.

— Precisamos — concordou. — Vamos falar sobre isso amanhã. Estou exausta.

— Tudo bem. — A asa dele roçou o ombro exposto dela, e Bryce olhou para Hunt, deitado de lado com a cabeça apoiada no punho.

— Não *faça* isso.

— O quê? — Os olhos dele brilharam na escuridão.

Ela se virou para o próprio lado e gesticulou com a mão na direção dele.

— Não seja tão… assim.

Hunt abriu um sorriso prepotente.

— Sexy? Atraente? Sedutor?

— Todas as anteriores.

Ele se deitou de costas.

— Não consigo fazer qualquer coisa com Holstrom a uma parede de distância.

Ela apontou para a parede mencionada.

— Ele está do outro lado do apartamento.

— Ele é um lobo.

Bryce inspirou seu cheiro almiscarado, de madrugada. Tesão.

— Então não vamos fazer barulho.

Hunt engoliu em seco audivelmente.

— Eu… Tudo bem, vou ser direto com você, Quinlan.

Ela arqueou a sobrancelha.

Ele exalou olhando para o teto.

— Faz… um tempo. Para mim, quero dizer.

— Para mim também. — O máximo que já tinha ficado sem transar desde a primeira vez dela, aos 17 anos. Bem, ignorando o que ela e Hunt haviam feito no sofá meses antes, embora não fosse aquele o tipo de sexo que ela queria agora.

Ele disse:

— Eu garanto que, quanto quer que tenha sido o seu tempo, o meu foi maior.

— Quanto tempo?

Uma parte sua rosnou ao pensar em alguém, qualquer pessoa, colocando as mãos e a boca e outras partes nele. Em *Hunt* tocando outra pessoa. Querendo outra pessoa. Nele existindo em um mundo onde ainda não a conhecera, e em alguma outra fêmea ter sido mais importante…

Alguma outra fêmea *tinha* sido mais importante. Shahar. Ele a amou. Estava disposto a morrer por ela.

Ele quase morreu por você também, sussurrou uma voz baixinha. Mas… aquilo era diferente, de alguma forma.

Hunt fez uma careta.

— Seis meses?

Bryce gargalhou.

— Só isso?

Ele grunhiu.

— É muito tempo.

— Eu achei que você ia dizer *anos*.

Olhou para ela indignado.

— Eu não fui celibatário, sabe.

— Então, quem era a sortuda? — Ou o sortudo, supôs ela. Bryce presumia que ele preferia fêmeas, mas era inteiramente possível que ele também…

— Uma ninfa em um bar. Não era da cidade e não me reconheceu.

Os dedos de Bryce se contraíram, como se garras invisíveis tivessem aparecido nas pontas de seus dedos.

— Ninfa, é?

Era esse o tipo dele? Exatamente como aquelas dançarinas no ballet? Delicadas e esguias? Será que Shahar era assim? Bryce jamais procurara retratos da arcanjo morta, jamais quis se torturar dessa forma, mas Sandriel era linda de morrer, magra e alta, e Hunt certa vez mencionou que elas eram gêmeas.

Bryce acrescentou, mentindo apenas porque queria que ele sentisse um pingo da mágoa que agora percorria o corpo dela:

— Metamorfo leão. Em um banheiro no Corvo Branco.

— Na noite do bombardeio? — As palavras soaram afiadas. Como se trepar com alguém quando já se conheciam fosse inaceitável.

— Menos de uma semana antes — disse ela, casualmente, silenciosamente satisfeita com o tom desafiador dele.

— Eu achei que você não gostasse de alfas babacas.

— Gosto deles para algumas coisas.

— Ah, é? — perguntou acariciando o braço exposto dela. — O que, exatamente? — A voz de Hunt se reduziu em um ronronado. — Você não parece gostar de machos mandando em você.

Ela não conseguiu conter o rubor no rosto.

— De vez em quando. — Foi tudo em que conseguiu pensar quando os dedos dele chegaram ao seu pulso, levantando sua mão para beijar a palma. — Ele era excelente em comandar.

— Tudo bem, Quinlan — disse, contra a pele dela. — Estou cheio de ciúme.

Ela riu.

— Eu também.

Hunt beijou a parte de dentro do pulso dela, os lábios roçando a pele sensível.

— Antes de desviarmos por essa tangente idiota, eu estava tentando avisar a você que faz um tempo, então eu posso…

— Ser rápido?

Mordeu o pulso dela.

— Ser barulhento, babaca.

Ela gargalhou, passando os dedos pela testa lisa, sem linhas dele.

— Eu poderia amordaçar você.

Foi a vez de Hunt gargalhar.

— Por favor, me diga que você não curte isso.

Ela soltou um *humm*.

— Sério? — perguntou se sentando lentamente.

Bryce encostou nos travesseiros, com os braços atrás da cabeça.

— Eu tento de tudo um pouco.

Um músculo latejou no pescoço dele.

— Tudo bem. Mas vamos começar com o básico. Se isso ficar chato, eu prometo encontrar formas de manter você interessada.

— Isso não nos livra do problema da audição aguçada de Ithan.

Hunt se moveu contra a cama, e Bryce notou o interesse descarado, proeminente sob a cueca justa. Por Solas, ele era enorme.

Ela riu baixinho, sentando-se também.

— Realmente faz um tempo.

Hunt tremeu, ainda se segurando.

— Diga que sim, Bryce.

Derreteu com o desejo puro nas palavras dele.

— Eu quero tocar você primeiro.

— Isso não é um sim.

— Eu quero seu *sim*.

— Sim. Porra, sim. Agora é sua vez.

Riu pressionando a mão surpreendentemente firme contra o peito nu musculoso dele. Hunt a deixou empurrá-lo contra os travesseiros.

— Eu vou dizer sim quando estiver satisfeita.

Hunt soltou um som grave, áspero.

— Não é tarde demais para uma mordaça — murmurou, dando um beijo no peito dele.

* * *

Hunt estava prestes a explodir. Mal se aguentava: a visão de Bryce montada sobre as suas coxas, usando nada além de uma camiseta velha macia, o deslizar sedoso dos cabelos sobre o seu peito nu conforme ela dava um beijo em seu torso. Outro perto do mamilo.

Havia outra pessoa naquele apartamento. Uma com audição excepcional, e…

Os lábios de Bryce se fecharam em torno de seu mamilo esquerdo, o calor úmido fez Hunt pressionar o quadril contra o dela. Ela passou a língua e Hunt sibilou.

— Porra.

Ela riu ainda com os lábios no mamilo, passando para o outro.

— Seu peito é tão grande quanto o meu — murmurou.

— Essa é a coisa menos sexy que alguém já me disse — Hunt conseguiu dizer.

Enterrou as longas unhas no peito dele, a dor como um leve beijo ardente. O pau dele latejou em resposta. Que os deuses o poupassem, ele não duraria um minuto.

Bryce então beijou as costelas do lado direito de Hunt, deslizando a língua pelos músculos ali.

— Como você consegue esses músculos idiotas?

— Malhando. — Por que ela estava falando? Por que *ele* estava falando?

As mãos de Hunt tremeram, fechando-se em punhos nos lençóis. Syrinx tinha saltado para fora da cama, trotando para o banheiro e chutando a porta com a perna traseira. Quimera esperta.

Bryce brincou com a língua ao longo das costelas do lado esquerdo dele, descendo conforme os dedos traçavam linhas pelo peito, pelo estômago. Beijou o umbigo de Hunt, e sua cabeça estava a poucos centímetros do cós da cueca, tão perto que ele estava prestes a explodir com a visão…

— A gente não deveria se beijar um pouco primeiro? — A voz dele era gutural.

— De jeito nenhum — falou Bryce, completamente concentrada no que estava fazendo. Hunt não conseguia tomar um fôlego conforme os dedos dela se fechavam no elástico de sua cueca, puxando-a para baixo. Apenas aceitou, levantando o quadril para ajudá-la, expondo-se completamente…

— Ora, ora, ora — cantarolou Bryce, sentando-se. Hunt quase começou a choramingar pela distância entre a boca dela e o seu pau. — Esta é uma… grande surpresa.

— Pare de brincar, Quinlan. — Bryce tinha cinco segundos antes de ele avançar nela e fazer tudo que tinha sonhado fazer durante meses. Tudo que tinha planejado fazer durante a noite mais longa do ano.

Bryce colocou um dedo nos lábios dele.

— Shh. — Roçou os lábios sobre os dele, deslizando a língua entre os dele. Hunt deu abertura, e, quando a língua de Bryce deslizou para dentro de sua boca, o anjo a segurou entre os lábios, chupando-a. Mostrando exatamente como ele gostaria que fosse.

O gemido de Bryce foi um triunfo. Hunt, no entanto, se manteve parado conforme ela se afastou, esticando-se de novo, e tirou a blusa.

Porra, aqueles seios. Fartos e pesados e despontando em mamilos rosados que o faziam ver dobrado…

Ele não os tinha aproveitado o suficiente no dia em que se pegaram. Nem de longe. Precisava se banquetear, precisava sentir o peso dos seios em suas palmas, daqueles lindos mamilos na sua língua…

Bryce agarrou os próprios seios, apertando-os enquanto olhava para ele. Hunt ergueu o quadril, direcionando o pau para cima diante dela em um pedido silencioso. Ela apenas se contorceu, sua barriga ondulando quando apertou os seios de novo.

Hunt avançou para agarrá-la, querendo colocar a boca onde as mãos dela estavam, Bryce estendeu o dedo.

— Ainda não. — Os olhos chamuscavam como carvão na escuridão. A estrela começou a brilhar levemente, como se estivesse sob luz negra. Passou o dedo pela iridescência fraca. — Por favor.

Hunt ofegou entre os dentes, o peito se elevando, mas se deitou nos travesseiros mais uma vez.

— Bem, já que pediu com tanta educação…

Soltando uma gargalhada sensual, inclinou-se sobre ele. Passou as unhas pela extensão do seu pau, então de volta à base. Hunt se arrepiou, prazer cantando por seu corpo quando Bryce falou:

— De jeito nenhum você cabe inteiro em mim.

Ele respondeu:

— Não vamos saber até tentarmos.

Bryce sorriu, abaixando a cabeça quando seus dedos se fecharam em torno do pau dele, mal conseguindo segurar totalmente. Ela apertou a base bem no momento em que sua língua envolveu a ponta.

Hunt levantou o quadril, ofegando forte. Bryce riu contra o pau dele.

— Silêncio, lembra?

Ele ia decepar as orelhas de Holstrom. Isso evitaria que o lobo ouvisse…

Bryce o lambeu de novo, girando a língua, então deslizou a cabeça larga para dentro da boca. Um calor morno e úmido o cobriu quando ela chupou com força e…

Hunt arqueou o corpo de novo, tapando a boca quando seus olhos se viraram para trás. Isso. *Porra,* isso. Bryce recuou, então deslizou a boca mais para perto dele. Mais algumas carícias e ele…

Hunt se moveu, querendo agarrá-la, mas Bryce prendeu o quadril dele na cama com uma das mãos. E o consumiu até que ele cutucasse o fundo da garganta dela, quase saindo do próprio corpo.

Bryce o chupava com força, a pressão tão perfeita que beirava a dor, recuando quase até a ponta antes de engoli-lo inteiro de novo. O que não conseguia abocanhar estimulava com a mão em um ritmo impecável.

Hunt observou seu pau desaparecendo dentro da boca de Bryce, os cabelos farfalhando sobre as coxas dele, os seios balançando…

— Quinlan — gemeu, uma súplica e um aviso.

Bryce o deslizou até a garganta de novo, enterrando a mão livre nos músculos da coxa dele com uma permissão silenciosa. Em sua boca, era ali que ela o queria.

Só esse pensamento o libertou. Hunt não conseguiu se segurar quando passou as mãos pelos fios de cabelo, enterrando os dedos na cabeça dela, e cavalgou a boca de Bryce. Ela o encontrava a cada estocada, gemendo no fundo da garganta, ecoando através dele…

E então deslizou a mão para as bolas de Hunt, apertando-as firme enquanto seus dentes roçavam a extensão…

Hunt se desfez, mordendo o lábio com tanta força que o gosto metálico de sangue cobriu sua língua, impulsionando o quadril contra ela, derramando-se dentro de sua garganta.

Bryce engoliu o gozo, as paredes de sua boca ondulando contra ele, e ele ia *morrer* daquilo, dela, do prazer que estava proporcionando a ele…

Hunt gemeu, suas últimas gotas disparando para dentro da boca de Bryce. Tremia e ofegava quando ela finalizou com um deslize úmido, encarando-o e engoliu mais uma vez. Umedeceu os lábios.

Hunt tentou, sem sucesso, levantar. Como se seu corpo estivesse estuporado.

Bryce riu, uma rainha triunfante. Toda fantasia que tivera com ela nos últimos meses… nenhuma se aproximava daquilo. Da sensação daquela boca, de como ela era nua…

Hunt tinha conseguido se apoiar nos cotovelos quando Ithan gritou do outro lado do apartamento:

— *Por favor, transem um pouco mais alto! Eu não ouvi tudo daquela vez!*

Bryce caiu na gargalhada, mas Hunt só conseguiu olhar para a pequena gota que escorreu pelo queixo dela, brilhando à luz fraca da estrela. Ela notou para o que ele olhava e limpou o queixo, esfregando os dedos, então os lambeu.

Hunt grunhiu, baixo e grave.

— Vou te foder até você perder os sentidos. — Com os mamilos duros como pedras, estremeceu contra ele. Nada além da calcinha de renda separava aquela delícia dela das coxas nuas dele.

Mas então Holstrom gritou:

— *Isso parece medicamente perigoso!*

Bryce gargalhou de novo, rolando de cima de Hunt e pegando a camisa dele.

— Vamos para um motel asqueroso amanhã — disse antes de cair no sono.

Hunt, com a mente a mil, só conseguiu ficar deitado ali, pelado e se perguntando se tinha imaginado tudo aquilo.

* * *

Hunt estava sentado em uma cadeira dobrável simples no fundo de um abismo, nada além de escuridão ao seu redor, a única luz vinha do brilho fraco projetado por seu corpo. Não havia começo ou fim, uma noite perpétua.

Ele havia adormecido ao lado de Quinlan, na dúvida se deveria simplesmente deslizar a mão pelo quadril dela e se familiarizar novamente com aquele local maravilhoso entre as pernas dela, mas Bryce não estava ali.

Hunt não queria Bryce em um lugar como aquele, tão escuro e vazio, mas… desperto. Asas farfalharam perto dele, não as penas macias das asas dele, mas alguma coisa mais encouraçada. Seca.

Hunt ficou petrificado, tentando se levantar, mas não conseguiu. A bunda permaneceu plantada na cadeira, embora nenhuma corda o amarrasse. Os pés calçados em botas estavam colados no piso preto.

— Quem está aí? — A escuridão absorveu a voz dele, abafando-a. As asas encouraçadas sussurraram de novo, Hunt virou a cabeça na direção do som. Mover a cabeça era a única coisa que conseguia fazer.

— Um grande guerreiro teria se libertado dessas amarras a esta altura. — A voz baixa e grave serpenteou pela pele dele.

— Quem é você, porra?

— Por que não usa os dons em seu sangue para se libertar, Orion?

Hunt trincou os dentes.

— É Hunt.

— Entendo. Orion era um caçador.

A voz vinha de toda parte.

— Qual é o *seu* nome?

— Midgardianos não se sentem confortáveis proferindo meu nome do seu lado da Fenda.

Hunt ficou imóvel. Só havia um ser cujo nome não era proferido em Midgard.

O Príncipe do Fosso. Apollion.

Seu sangue gelou. Aquele era um sonho fodido e esquisito pra cacete, sem dúvida causado por Quinlan e pelo fato de ela tê-lo chupado até sua mente ficar em branco…

— Não é um sonho.

O sétimo e mais letal dos príncipes demônios do Inferno estava *dentro da mente dele…*

— Não estou dentro da sua mente, embora seus pensamentos ondulem na minha direção como as ondas de rádio do seu mundo. Você e eu estamos em um lugar entre nossos mundos. Um mundo-bolsão, assim por dizer.

— O que você quer? — A voz de Hunt se manteve firme, mas, porra. Ele precisava sair dali, encontrar um caminho de volta até Bryce. Se o Príncipe do Fosso conseguia entrar na mente de Hunt, então…

— Se eu entrasse na mente dela, meu irmão ficaria muito irritado comigo. De novo. — Hunt podia jurar ter ouvido um sorriso na voz do príncipe. — Você certamente se preocupa demais com uma fêmea que está muito mais segura do que você no momento.

— Por que estou aqui? — forçou-se a dizer, desejando que a mente se limpasse de tudo além desse pensamento. Mas era difícil. Esse ser diante dele, em torno dele… Esse príncipe demônio tinha matado o sétimo asteri. Tinha *devorado* o sétimo asteri.

O Devorador de Estrelas.

— Eu gosto desse nome — disse Apollion, rindo baixinho. — Mas, quanto a sua pergunta, você está aqui porque eu queria conhecer você. Avaliar seu progresso.

— Nós já tivemos uma conversa motivadora com Aidas esta tarde, não se preocupe.

— Meu irmão não me informa dos movimentos dele. Eu não sei nem me importo com o que ele tem ou não tem feito.

Hunt ergueu o queixo com uma coragem que não sentia.

— Então vamos ouvir. Sua proposta sobre como deveríamos nos aliar a você para destronar os asteri e colocar vocês como nossos novos mestres.

— É isso que você acha que vai acontecer?

— Aidas já nos deu uma aula de história. Pode me poupar.

Um trovão distante ecoou na escuridão.

— Você é tolo e arrogante.

— Só um para reconhecer outro, imagino.

A escuridão pausou.

— Você também é impertinente. Não sabe de onde eu venho? Meu pai era o Vazio, o Ser Que Existia Antes. Caos foi a noiva dele e minha mãe. É para eles que um dia retornarei, e são os poderes magníficos deles que correm em meu sangue.

— Incrível.

Mas Apollion disse:

— Você está desperdiçando os dons que lhe foram dados.

Hunt disse, arrastado:

— Ah, eu acho que os empreguei bem.

— Você não sabe uma fração do que pode fazer. Você e a menina Estrelada.

— De novo, Quinlan recebeu o sermão "domine seus poderes" de Aidas hoje, e foi bem chato, então não vamos repetir.

— Vocês dois se beneficiariam se treinassem. Seus poderes são mais parecidos do que você se dá conta. Conduítes, os dois. Não faz ideia do quanto você e seus iguais são valiosos.

Hunt arqueou a sobrancelha.

— Ah, é?

A escuridão ondulou com desprazer.

— Se você despreza tanto minha ajuda, talvez eu devesse mandar algumas… amostras grátis para testá-los.

Hunt abriu levemente as asas.

— Por que me invocou? Só para me dar esse empurrão?

A essência profana de Apollion sussurrou em sua volta de novo.

— A Fenda do Norte está rangendo mais uma vez. Eu consigo sentir cheiro de guerra no vento. Não planejo perder desta vez.

— Bem, eu não pretendo ter um príncipe demônio como meu governante, então encontre uma nova meta quinquenal.

Uma risada baixa.

— Você é divertido, Orion.

Hunt grunhiu, e seu relâmpago crepitou em resposta.

— Acho que a gente já encerrou aqui…

A escuridão fervilhante e aquelas asas encouraçadas sumiram.

* * *

Hunt acordou sobressaltado. Já alcançando a faca na mesa de cabeceira quando parou.

Quinlan dormia ao seu lado, Syrinx do outro lado dela, ambos roncavam baixinho. No escuro, o cabelo ruivo parecia sangue fresco sobre o travesseiro.

O Príncipe do Fosso tinha falado com ele. Sabia quem ele era, quem Bryce era…

O Príncipe do Fosso era um mentiroso e um monstro, e era totalmente possível que ele estivesse tentando atrair Hunt e Bryce para alguma aventura tola com os poderes deles. No entanto… merda.

Hunt passou a mão trêmula sobre o rosto suado, então se acomodou de novo nos travesseiros, acariciando com um dedo flexionado a bochecha macia de Bryce. Ela murmurou, se aproximando, e Hunt cedeu, passando o braço sobre a sua cintura, dobrando a asa em torno dela. Como se pudesse protegê-la de tudo que os assombrava.

Dos dois lados da Fenda do Norte.



Ruhn terminou a cerveja, apoiando-a na mesa de centro diante da imensa TV da sala. Declan, sentado à esquerda dele, fez o mesmo.

— Tudo bem — disse Dec —, hora da espionagem.

Flynn, fumando uma raiz-alegre da qual Ruhn desesperadamente precisava tragar, riu.

— Nosso doce filho Ruhn está crescido e espionando para os rebeldes.

— Cale a boca — grunhiu Ruhn. — Eu sabia que devia ter feito isso sozinho.

— E qual seria a graça disso? — perguntou Dec. — Além do mais, alguém não deveria estar aqui caso seja, sei lá, uma armadilha, ou algo assim?

— Então por que Inferno ele está fumando? — Ruhn assentiu para onde Flynn soprava anéis de fumaça.

— Porque sou um idiota autodestrutivo, porém insanamente charmoso? — Flynn sorriu.

— Com ênfase no *insano* — murmurou Dec.

Ainda assim Ruhn queria os dois com ele naquela noite, quando a maioria da cidade estava dormindo, enquanto tentava contato com Agente Daybright. Tinha o cristal-com, embora não soubesse bem o

que fazer com ele, como sequer começar a conectar suas habilidades com a afinidade para comunicação do objeto. Tudo hipotético, sem garantia de sucesso. Não conseguia decidir se seria um alívio fracassar, conseguir dar as costas àquilo.

— Então, a gente deveria meditar com você ou alguma coisa assim? — Flynn apoiou a raiz-alegre.

— Como Inferno isso ajudaria? — perguntou Ruhn.

— Com solidariedade? — sugeriu Flynn.

Ruhn riu com escárnio.

— Estou bem. Só… coloquem uma colher de pau entre meus dentes se eu tiver alguma convulsão.

Declan levantou uma.

— Já pensei nisso.

Ruhn colocou a mão no coração.

— Obrigado. Estou comovido.

Flynn deu um tapinha nas costas de Ruhn.

— Nós cuidamos de você. Faça seu negócio.

Não existia mais nada a dizer, nada mais que Ruhn precisasse ouvir, então fechou os olhos, encostando nas almofadas do sofá. Apertou o cristal no punho, a pedra estranhamente morna.

Uma ponte mental, era assim que sempre imaginava o elo que fazia entre sua mente e a de outra pessoa. Então foi essa a imagem que ele conjurou, canalizando-a para o cristal em sua mão, tão determinadamente quanto Bryce tinha canalizado seus poderes pelo cristal do Portão naquela primavera. Cormac havia dito que o cristal possuía propriedades semelhantes, então… por que não?

Ruhn estendeu a ponte de si mesmo, pelo cristal, e então para o amplo desconhecido, espalhando-a para uma escuridão sem fim. Apertou o cristal com mais força, desejando que o levasse para onde precisava ir, como se fosse um prisma filtrando seus poderes para o mundo.

Oi? A voz dele ecoou pela ponte. Para o nada.

Ele visualizou o núcleo leitoso do cristal. Imaginou um fio percorrendo a partir dele, até sua ponte mental, até a outra ponta.

Oi? Aqui é o Agente…

Porra. Ele devia ter pensado em um codinome. Certamente não poderia arriscar o próprio nome ou identidade, mas queria alguma

coisa legal, droga.

Aqui é o seu novo contato.

Nenhuma resposta de Daybright. Ruhn continuou estendendo a ponte, deixando que se expandisse no nada. Imaginou o cristal e seu fio, permitindo-se acompanhar o rastro dele noite adentro.

Estou aqui para…

Sim?

Ruhn ficou imóvel ao ouvir a voz feminina fraca. Luz brilhava pela ponte, e então ali estava ela.

Uma fêmea de chama pura. Ou era como ela escolhera aparecer. Não como Lehabah era feita de chamas, com o corpo visível, mas uma fêmea escondida pelas chamas, apenas um lampejo de pulso exposto, ou tornozelo, ou um ombro através do véu. Ela era humanoide, mas era tudo que conseguia visualizar. Parecia uma das sacerdotisas do sol radicais que tinham se desgarrado e se imolado para estarem mais próximas do deus delas.

Quem é você?, perguntou ele.

Quem é você?, desafiou ela. Nenhum indício do rosto.

Eu perguntei primeiro.

As chamas dela aumentaram, como se irritadas, mas disse: *O cachorrinho preto dorme profundamente em um cobertor de lã.*

Ruhn exalou. Ali estava, a frase-código que Cormac dera a ele para confirmar sua identidade. Falou enfim: *E o gato cinza malhado limpa as patas sob a luz da lua.*

Um absurdo.

Então ela disse: *Sou a Agente Daybright, caso isso não tenha ficado bastante óbvio. … E você é…?*

Ruhn olhou para si mesmo, xingando. Não tinha pensado em esconder seu corpo…

No entanto notou uma forma de noite e estrelas, galáxias e planetas. Como se sua silhueta tivesse sido preenchida por eles. Ergueu a mão, sem pele, o cobertor estrelado do céu cobrindo seus dedos. Será que sua mente tinha instintivamente o protegido? Ou será que era aquilo que ele era, bem abaixo da pele? Será que aquele ser de fogo de pé a 10 metros da ponte mental era o que *ela* era, bem abaixo da própria pele? Ou do pelo, supôs.

Ela podia ser uma fauna ou sátiro. Ou uma bruxa ou metamorfa. Ou um asteri, como Cormac tinha sugerido. Talvez o fogo viesse da estrela sagrada dentro dela.

Ela apenas ficou parado ali, queimando. *Então?*

A voz dela era linda. Como uma canção dourada. Despertou a alma feérica dele, fazendo-a se animar. *Eu, ah… Eu não tinha chegado tão longe ainda.*

O ser inclinou a cabeça com o que parecia uma intenção predatória. *Eles mandaram um novato?*

Um calafrio percorreu sua coluna. Certamente ela falava como um dos asteri, majestosa e casual. Olhou por cima do ombro. Como se voltasse ao corpo conectado a sua mente.

Ruhn falou: *Olhe, o Agente Silverbow me deu este cristal, mas não tinha ideia se sequer funcionaria no nível da conversa entre mentes. Então eu quis tentar fazer contato e avisar a você que estou aqui e que esse é o novo meio de comunicação. Assim, em uma emergência, não preciso perder tempo descobrindo como entrar em contato.*

Tudo bem.

Ele a observou de novo. *Então nós confiamos um no outro com essa facilidade?* Não conseguiu segurar a pergunta provocadora. *Você não está nem um pouco preocupada que o cristal tenha caído em mãos erradas e as frases-código tenham sido comprometidas?*

Agentes dos asteri não tagarelam tanto.

Droga. *Vou tentar com mais afinco impressionar você da próxima vez.*

Outra risada baixa. *Você já impressionou, Agente Night.*

Você acabou de me dar um codinome. Night e Daybright. Noite e Dia… ele gostava disso.

Eu imaginei que pouparia você do trabalho de tentar inventar alguma coisa interessante. Ela se virou para o fim da ponte do próprio lado, chamas fluindo em seu rastro.

Nenhuma mensagem para eu passar adiante? Não ousava dizer o nome de Cormac. *Alguma coisa sobre a Coluna?*

Ela continuou andando. *Não, mas diga a seu comandante que passagem segura é garantida sob o véu da lua minguante.*

Ruhn fervilhou de ódio. Um Inferno que Cormac era seu comandante. *Eu não sei o que isso quer dizer.*

Você não deveria saber. Mas Agente Silverbow vai saber. E diga a ele que eu prefiro muito mais *esse método de comunicação.*

Então Daybright e sua chama se extinguiram, Ruhn ficou sozinho.

* * *

— Por que não me contou que Agente Daybright era uma fêmea? — perguntou Ruhn na manhã seguinte, de pé em sua sala de estar e bebendo sua segunda xícara de café, Flynn relaxando ao seu lado. Havia mandado uma mensagem para que fosse até lá sob o pretexto de querer discutir os termos do noivado de Bryce. Ainda bem que o primo não precisou de muito mais do que isso para se convencer.

Cormac deu de ombros, a camisa cinza dele levemente coberta de suor, provavelmente pela caminhada sob o sol escaldante até ali.

— Eu achei que talvez você compartilhasse da visão antiquada de seu pai sobre fêmeas não poderem estar na linha de perigo e que você recuaria diante de colocá-la em risco.

— Alguma coisa que já fiz indicou que é assim que eu me sinto?

— Você é superprotetor com sua irmã. — Cormac franziu a testa. — Você *viu* Daybright?

— Ela parecia humanoide, encoberta por chamas. Eu não consegui ver nada, na verdade.

— Que bom. Estou presumindo que você também se cobriu.

Apenas por pura sorte.

— Sim.

Cormac caminhou de um lado para outro diante da TV.

— Mas ela não disse nada sobre Sofie?

Ruhn nem mesmo tinha pensado em perguntar. Seu estômago se revirou de culpa.

— Não. Ela só me disse que passagem segura é garantida sob a luz da lua minguante.

Cormac suspirou. O que quer aquilo quisesse dizer. Mas Declan perguntou, ao sair da cozinha com uma xícara de café na mão:

— E agora? Ruhn espera que ela ligue com informações sobre esse ataque à Coluna?

Cormac olhou com desprezo para Declan. Esnobe avalleno até o fim. Disse a Ruhn:

— Lembre-se de novo, primo, por que você sentiu necessidade de envolver esses dois idiotas em nosso assunto?

— Lembre-me — replicou Ruhn —, por que estou trabalhando com alguém que insulta meus irmãos?

Dec e Flynn riram para Cormac, que fumegou de raiva, mas finalmente exalou. O príncipe avalleno disse:

— Para responder à sua pergunta, Declan Emmett, sim: Ruhn vai esperar até que Daybright entre em contato com ele com detalhes sobre o ataque à Coluna. Ou até eu ter algo para passar para ela; nesse caso, ele vai entrar em contato de novo.

Flynn encostou no sofá, apoiando os braços atrás da cabeça.

— Parece chato.

— Vidas estão em risco — disse Cormac, de dentes cerrados. — Essa investida contra a Coluna, obter o novo protótipo de mec-traje antes que os asteri possam usar contra nós nos campos de batalha, tudo isso vai nos dar uma chance de combater.

— Sem falar de todas as armas que vocês vão saquear dos trens de suprimentos — disse Declan, sombriamente.

Cormac ignorou o tom de voz dele.

— Nós não faremos nada a não ser que tenha sido aprovado pelo Comando. Então espere até ouvir notícias minhas antes de entrar em contato com ela de novo.

Tudo bem. Ele podia fazer aquilo. Seguir com a vida, fingindo que não era meio que um rebelde. Somente até querer sair, como prometera Cormac. E depois disso… voltaria a fazer o que estava fazendo. Liderar o Aux e odiar o pai, mas temendo o dia em que o macho morreria. Até que a próxima pessoa que precisasse dele para alguma coisa aparecesse.

Flynn sorriu.

— Burocracia em seu auge.

Cormac fechou a cara para o lorde feérico, mas saiu batendo os pés até a porta.

— Eu preciso sair.

— Caçando Emile? — perguntou Ruhn. Era o meio da manhã, o menino provavelmente estaria escondido.

Cormac assentiu.

— Ser um príncipe visitante me garante o disfarce de… turistar, como vocês dizem por aqui. E como um turista, eu adquiri um interesse aguado pelo Cais Preto e sua alfândega.

— Mórbido — disse Declan.

Ruhn disparou:

— Você não pode achar que Emile vai pular para dentro de um dos barcos pretos em plena luz do dia.

— Eu vou procurar por ele tanto à luz do sol quanto à da lua, até que o encontre. Mas prefiro fazer perguntas casuais aos ceifadores durante o dia.

— Você perdeu a cabeça? — disse Flynn, rindo com incredulidade.

Ruhn estava inclinado a concordar.

— Não foda com os ceifadores, Cormac — avisou. — Até mesmo pelo bem de Emile.

Cormac tapeou uma faca ao lado do corpo. Como se isso fosse ajudar a matar uma criatura que já estava morta.

— Eu sei como me cuidar.

* * *

— Eu disse a você que isso ia acontecer — Hunt resmungou para Isaiah enquanto os seus passos ecoaram pelo corredor da residência particular de Celestina, no alto da terceira torre do Comitium. Celestina tinha convocado aquela reunião na própria casa, diferente de Micah, que sempre usara o escritório público.

— Não sabemos a história toda ainda — retrucou Isaiah, arrumando a gravata e as lapelas do terno cinza.

Celestina tinha tentado suavizar o modernismo severo que Micah favorecia: tapetes felpudos agora amaciavam o piso de mármore branco, estátuas angulosas tinham sido substituídas por efígies de Cthona de corpos volumosos, e vasos com flores fofas e vibrantes agraciavam quase todas as mesas e móveis pelos quais eles passavam.

Caso eles não tivessem sido chamados ali por um motivo, Hunt teria pensado que era um bom contraste.

Continuava se lembrando disso, era uma reunião dos triários e não uma sessão individual. De que não estava no castelo de horrores de Sandriel, onde uma viagem ao aposento particular dela terminava em sangue e gritos.

Inspirou uma vez, pensando em Bryce, no cheiro dela, no calor do corpo dela contra o dele. Aquilo acalmou a tensão, mesmo que uma coisa muito mais letal estivesse deixando-o em alerta. O que eles estavam fazendo com Cormac, toda essa merda rebelde que tinham concordado em continuar na noite anterior…

Hunt olhou de esguelha para Isaiah enquanto o macho batia às portas duplas abertas do escritório de Celestina. Ele poderia contar ao colega. Precisava de alguém como Isaiah, controlado e inabalável. Principalmente se o Inferno tinha um interesse direto no conflito. E no próprio Hunt.

Havia decidido ignorar as ordens de Apollion. Não tinha interesse em fazer exatamente o que o Inferno queria.

Celestina murmurou boas-vindas, e Hunt se preparou ao seguir Isaiah para dentro.

A luz do sol preenchia o espaço de vidro e mármore, e toda a mobília de quinas acentuadas tinha sido substituída por lindas peças de madeira artesanal, mas Hunt só reparou nos dois machos sentados diante da mesa. Naomi estava encostada na parede ao lado da estante de livros embutida à direita, o rosto fechado e fixo nos machos com um foco letal.

Bem, no macho. O motivo pelo qual eles estavam ali.

Pollux não se virou quando entraram, e Hunt seguiu para a cadeira ao lado de Baxian, que o colega se sentasse ao lado de Pollux. Isaiah lançou a ele um olhar que dizia *Obrigado, babaca*, mas Hunt avaliou a expressão de Celestina em busca de pistas.

Os cantos da boca da governadora se contraíam em desprazer, mas os olhos estavam tranquilos. A expressão cheia de contemplação. Ela usava vestes de um roxo pálido, os cachos descendo pelos braços nus como uma cachoeira de noite. Poderia ser uma deusa, de tão imóvel e encantadora, poderia ser a própria Cthona, voluptuosa e de corpo farto, não fossem pelas asas radiantes que se enchiam com a luz do sol brilhando pelas janelas atrás dela.

— Peço desculpas por manter minha mensagem curta — disse Celestina a Hunt, Isaiah e Naomi. — Mas eu não queria o relato completo registrado.

Pollux e Baxian olhavam para a frente, para o nada. Ou Hunt presumia que era esse o caso, considerando que um dos olhos de Baxian estava tão inchado que se fechava, e o rosto de Pollux era um imenso e magnífico hematoma. O fato de ter permanecido assim 12 horas depois sugeria que o dano inicial tinha sido impressionante. Queria ter visto.

— Nós entendemos — disse Isaiah, com aquele tom de comandante que não aceita merda. — Nós compartilhamos de seu desapontamento.

Celestina suspirou.

— Talvez eu tenha sido ingênua ao crer que poderia introduzir dois pangeranos nesta cidade sem uma educação mais completa sobre os hábitos dela. Passar adiante a responsabilidade — ela olhou para Naomi, então para Hunt — foi erro meu.

Hunt podia tê-la avisado a respeito daquilo. Manteve a boca fechada.

— Eu gostaria de ouvir de vocês dois, nas próprias palavras, sobre o que aconteceu — ordenou a arcanjo a Pollux e Baxian. O tom era agradável, os olhos dela brilhavam com severidade oculta. — Pollux? Por que não começa?

Foi uma beleza, a forma como Pollux fervilhou no assento, o cabelo dourado esvoaçante ainda manchado de sangue. O Martelo odiava aquilo. Absolutamente odiava aquela porra, percebeu Hunt, com prazer. A bondade de Celestina, a justiça dela, a suavidade… Pollux estava ainda mais irritado do que Hunt. Ele servira Sandriel com entusiasmo, se deliciara com a crueldade e os jogos dela. Talvez mandá-lo para Celestina fosse uma punição que nem mesmo os asteri haviam antecipado.

Pollux grunhiu:

— Eu estava me divertindo em uma taverna.

— Um bar — disse Hunt, arrastado. — Nós chamamos de bar aqui.

Pollux fez cara de ódio, mas falou:

— A fêmea estava toda se jogando em mim. Ela *disse* que queria.

— Queria o quê? — A voz de Celestina tinha assumido um tom definitivamente gélido.

— Foder comigo. — Pollux encostou na cadeira, as asas se movendo.

— Ela não disse isso — grunhiu Baxian, as asas se mexendo.

— E você estava lá em todos os momentos da noite? — exigiu Pollux. — Mas talvez você estivesse. Você sempre baba nas minhas sobras.

Hunt encontrou o olhar cauteloso de Isaiah. Uma grande tensão tinha se desenvolvido entre aqueles dois ao longo dos anos desde que Hunt e Isaiah tinham deixado o território de Sandriel.

Baxian exibiu os dentes em um sorriso feral.

— E aqui estava eu, achando que suas *sobras* estavam babando em mim. Elas sempre parecem tão… insatisfeitas quando deixam seu quarto.

O poder de Pollux, magia malakim padrão, porém forte, chacoalhou os lindos enfeites na estante de livros embutida.

Celestina interrompeu:

— Já chega. — Um poder morno, beijado pelo sol, encheu a sala, sufocando os demais dons. Um tipo de magia feminina, inquebrável, que não aceitava merda e imporia a lei se ameaçado. Que não tinha absolutamente medo de Pollux e do tipo de macho que ele era. Ela disse ao Martelo: — Explique o que aconteceu.

— A gente foi para o beco atrás da *taverna* — jogou essa palavra na direção de Hunt — e ela estava toda em cima de mim, como eu falei. Então o desgraçado — se referindo a Baxian — me atacou.

— E a que altura você não a ouviu falar "não"? — desafiou Baxian. — Na primeira ou na décima vez?

Pollux riu com escárnio.

— Algumas fêmeas dizem não quando querem. É um jogo para elas.

— Porra, você está delirando — disparou Naomi do outro lado da sala.

— Eu estava falando com você, bruxa? — disparou Pollux.

— *Chega* — O poder de Celestina mais uma vez encheu a sala, sufocando qualquer magia que eles pudessem ter conjurado. Ela perguntou a Baxian: — Por que você foi até o beco atrás dele?

— Porque eu passei décadas com esse babaca — disse Baxian, fervilhando. — Eu sabia o que estava para acontecer. Eu não iria permitir que ele fosse adiante com aquilo.

— Você permitiu muitas vezes sob o comando de Sandriel — disse Isaiah, com a voz baixa. — Você e todos os seus triários ficaram só observando.

— Você não sabe merda nenhuma sobre o que eu fiz ou não fiz — disparou Baxian para Isaiah, então falou para Celestina: — Pollux mereceu a surra que eu dei nele.

O Martelo exibiu os dentes. Hunt só conseguia observar em choque.

— Isso pode ser verdade — disse Celestina —, mas ainda é verdade que vocês dois são meus triários e sua briga foi filmada. E agora está on-line e sendo transmitida em todas as estações de notícias. — O olhar dela se afiou para Pollux. — Eu ofereci à fêmea a chance de prestar queixa, mas ela recusou. Só posso presumir que ela saiba que espetáculo seria, e tem medo das consequências para si e para seus entes queridos. Planejo consertar isso nesta cidade. Neste território. Mesmo que signifique fazer dos meus triários de exemplo.

O sangue de Hunt ferveu, uivando. Talvez fosse agora. Talvez Pollux finalmente recebesse o que merecia.

Mas Celestina continuou.

— Eu recebi uma ligação esta manhã, no entanto, e vi a sabedoria em… lhe dar uma segunda chance.

— *O quê?* — disparou Hunt.

Pollux curvou a cabeça em gratidão debochada.

— Os asteri são mestres benevolentes.

Um músculo se contorceu na bochecha lisa de Celestina.

— Eles são, de fato.

Naomi perguntou:

— E quanto àquele ali? — Ela indicou Baxian, que a olhou com raiva.

Celestina disse:

— Eu gostaria de lhe dar uma segunda chance também, Cão do Inferno.

— Eu *defendi* aquela fêmea — explodiu Baxian.

— É verdade, e eu o elogio por isso. Mas fez isso de uma forma pública que chamou atenção. — Não apenas atenção da cidade. Dos asteri.

De novo, Celestina engoliu em seco.

Isaiah perguntou, em um tom mais tranquilo:

— O que podemos fazer para ajudar a limpar a bagunça?

Ela manteve o olhar na mesa de madeira, cílios espessos quase roçando em suas maçãs do rosto altas.

— Já está feito. Para dar à mídia algo em que se concentrar, os asteri me abençoaram com uma oportunidade. Um presente.

Até mesmo Pollux abandonou a atitude afetada para inclinar a cabeça. Hunt se preparou. Aquilo não podia ser bom.

Celestina sorriu, Hunt notou a expressão forçada.

— Eu vou me tornar parceira de Ephraim. Com dois arcanjos agora mortos, há uma necessidade de… repopular as fileiras. No Equinócio Outonal, nós faremos nossa cerimônia de parceria aqui em Lunathion.

Em um mês. O feriado conhecido como Dia da Morte era animado, apesar do nome: era um dia de equilíbrio entre a luz e a escuridão, quando o véu entre os vivos e os mortos era mais fino. Cthona começava as preparações para seu sono iminente então, mas, em Lunathion, intensas festas à fantasia eram celebradas ao longo do rio Istros nos vários pontos de Veleiros. A maior festa de todas cercava o Cais Preto, onde lanternas eram lançadas sobre a água até o Quarteirão dos Ossos, junto com oferendas de comida e bebida. Tinha sido um caos completo todas as vezes que Hunt sobrevoara as festividades. Só podia imaginar o que Bryce vestiria. Alguma coisa o mais irreverente possível, supunha.

A arcanjo prosseguiu:

— Nós ficaremos aqui por algumas semanas, então voltaremos para o território dele. Depois disso, ele e eu vamos alternar, visitando os territórios um do outro. — Até que um bebê nasça, sem dúvida.

Naomi perguntou:

— Isso é uma coisa boa, certo?

Celestina mais uma vez deu a eles um sorriso forçado.

— Ephraim tem sido meu amigo durante muitos anos e é um macho justo e sábio. Não consigo pensar em um parceiro melhor.

Hunt percebeu a mentira, mas era assim o grupo dos arcanjos: se os asteri decidissem que eles deveriam procriar, eles obedeciam.

— Parabéns? — disse Isaiah, e Celestina riu.

— Sim, suponho que seja cabível — respondeu. Mas sua diversão se dissipou diante de Pollux, a causa daquilo. Ele tinha envergonhado aquela cidade, envergonhado a ela, e os asteri tinham notado. Agora ela pagaria. Não pelo que Pollux tinha tentado fazer com aquela fêmea, mas por ser pego pelo público. Os asteri aproveitariam aquela oportunidade para lembrar exatamente de quanto controle eles tinham sobre ela. Sobre a sua vida. O seu corpo.

Hunt não sabia por que eles se importavam, por que tinham ido tão longe para provar seu ponto, mas… nada o surpreendia no que dizia respeito a eles. O sangue de Hunt começou a esquentar, o temperamento dele junto. Porra de monstros.

— Com o anúncio da minha parceria, teremos um frenesi midiático. A cerimônia e a festa serão um evento badalado. Realeza e dignitários comparecerão, junto com o séquito de Ephraim.

Pollux ajeitou o corpo diante da informação, seus olhos roxos brilhando com prazer. Celestina voltou o olhar frio para ele.

— Espero que com a visita da Corça você evite se comportar como fez ontem à noite.

Baxian riu com escárnio.

— Isso nunca o impediu antes.

Pollux exibiu os dentes de novo, mas Celestina retomou a conversa:

— Hunt, eu gostaria de falar com você. O resto de vocês está dispensado. — Hunt congelou, mas não disse nada quando os outros saíram. Isaiah e Naomi o olharam em aviso antes de fecharem as portas às costas.

Sozinho com sua arcanjo, Hunt se obrigou a respirar. A se manter firme.

Ela ia acabar com ele por não ter controlado Baxian na noite anterior. Por não estar ali para impedi-lo de brigar, mesmo não tendo recebido ordens para vigiá-lo todas as horas do dia. A punição estava por vir, conseguia sentir…

— O Rei Outonal me informou do noivado da Srta. Quinlan com o Príncipe Herdeiro Cormac de Avallen — falou Celestina.

Hunt piscou.

Prosseguiu:

— Eu esperava que você pudesse elucidar a situação, considerando que será esperado que eles compareçam a minha comemoração de parceria juntos.

Ele não tinha pensado naquilo. Que aquilo sequer seria algo a ser discutido. E depois do que tinham feito na noite anterior… Será que aguentaria vê-la nos braços de outro macho, mesmo que fosse apenas fingimento?

— É um casamento arranjado — disse Hunt. — Os pais deles insistem.

— Eu tinha presumido que sim. — A boca de Celestina se contraiu. — Estou curiosa para saber como *você* está se sentindo. Você e a Srta. Quinlan são próximos.

— É. Nós somos. — Hunt esfregou o pescoço. — Estamos lidando com isso um dia de cada vez — admitiu.

Celestina o estudou, e Hunt se obrigou fixar os olhos nos dela. Não encontrou nada além de… consideração e preocupação ali.

— Você é exatamente como eu achei que seria.

Hunt arqueou uma sobrancelha.

Os olhos de Celestina se abaixaram para as mãos, os dedos se retorcendo.

— Shahar era minha amiga, você sabe. Minha amiga mais querida. Nós mantínhamos segredo. Os asteri não teriam aprovado. Shahar já os estava desafiando de pequenas formas quando nos aproximamos, ela achou que eles veriam nossa amizade como uma aliança e tentariam… impedi-la.

O coração de Hunt deu um tropeço.

— Ela nunca disse nada.

— Nossa correspondência ao longo dos anos foi secreta. E quando vocês se rebelaram… Eu não tinha nada a oferecer a ela. Minha legião em Nena é… era… uma extensão das forças dos asteri.

— Você poderia ter oferecido seu poder. — Porra, mais um arcanjo lutando com eles naquele dia…

— Eu tenho vivido com as consequências de minha escolha desde então — falou Celestina.

— Por que está me contando isso?

— Porque eu ouvi sussurros de que você fez o que eu queria fazer desde que soube da morte de Shahar pelas mãos de Sandriel. O que eu queria fazer sempre que me sentava na sala do conselho dos asteri e ouvia Sandriel cuspir na memória da irmã dela.

Puta merda.

— E eu gostaria de pedir desculpas pelo meu fracasso em extrair você dos mestres que o prenderam nos anos depois da queda de Shahar.

— Isso não foi culpa sua.

— Eu tentei… mas não foi o suficiente.

As sobrancelhas de Hunt se contraíram.

— O quê?

Ela apoiou as mãos na mesa. Entrelaçou os dedos.

— Eu angariei fundos para… comprar você, mas os asteri me negaram. Eu tentei três vezes. Precisei parar há um século, teria levantado suspeitas se eu continuasse.

Ela havia simpatizado com os Caídos. Com a causa dele.

— Tudo por Shahar?

— Eu não podia deixar alguém de quem ela gostava apodrecer daquela forma. Eu queria… — Respirou fundo. — Eu queria que tivessem me deixado comprar você. Tantas coisas podiam ser diferentes agora.

Podia ser tudo mentira. Uma linda e inteligente mentira para fazer com que ele confiasse nela. Se ela havia simpatizado com os Caídos, será que compartilhava dos mesmos sentimentos sobre os rebeldes da Ophion? Se ele contasse a ela tudo que estava se desenvolvendo naquela cidade, será que ela os condenaria ou ajudaria?

— A dúvida nos seus olhos me envergonha. — Apesar de tudo, soava sincera.

— É que eu acho difícil acreditar que durante toda a merda pela qual eu passei havia alguém lá fora tentando me ajudar.

— Eu entendo, mas talvez eu possa me redimir de meus fracassos agora. Eu gostaria que fôssemos… amigos.

Hunt abriu a boca, então fechou.

— Obrigado. — disse sinceramente, percebeu.

Celestina sorriu, como se também entendesse.

— Estou a sua disposição caso você precise. Qualquer coisa.

Sopesou a expressão gentil no rosto dela. Será que ela sabia sobre a Ophion e Cormac e Sofie? Havia de alguma forma descoberto sobre ele ter matado Sandriel, então obviamente era capaz de obter informações secretas.

Hunt respirou profundamente, se acalmando, então falou de novo:

— Obrigado. — Levantou-se da cadeira. — Como estamos sendo honestos aqui… Os antigos triários de Sandriel são veneno. Eu não sei por que Baxian está subitamente bancando o bonzinho, mas sinto muito por não estar lá para contê-lo ontem à noite.

— Eu não considero você responsável por isso.

Alguma coisa se afrouxou no peito de Hunt. Continuou:

— Tudo bem, mas o resto… Eles são pessoas perigosas. Pior do que os Príncipes do Inferno.

Ela riu.

— Você os compara como se soubesse por experiência própria.

Ele sabia. Mas se esquivou:

— Eu cacei demônios durante anos. Reconheço um monstro quando vejo um. Então, quando a Harpia e o Falcão e a Corça vierem para a festa de parceria… Imploro a você que tome cuidado. Que proteja as pessoas desta cidade. A gente pode importunar Baxian por só ficar olhando enquanto Pollux aterrorizava as pessoas, mas… Eu também fiquei. Já vi o que Pollux faz, com o que ele sente prazer. A Harpia é a contrapartida fêmea dele. O Falcão é dissimulado e perigoso. E a Corça…

— Eu sei muito bem o tipo de ameaça que Lidia Cervos representa.

Até mesmo os arcanjos temiam a Corça. O que ela podia descobrir. E Celestina, amiga secreta de Shahar, que ainda se importava com a amiga séculos mais tarde, que carregava a culpa de não ter ajudado…

— Do que você precisar — disse Hunt, baixinho —, qualquer coisa de que precisar para enfrentar essa cerimônia de parceria, para lidar com a cabala de Sandriel, me avise.

Talvez os asteri tivessem redistribuído os triários de Sandriel ali não apenas para equilibrar os números, mas para plantar aliados e espiões. Para darem relatos de Hunt e Celestina.

Ela assentiu solenemente.

— Obrigada, Hunt.

Ele foi até a porta, fechando as asas. Parou à saída.

— Você não precisa se sentir culpada, sabe. Sobre as merdas que aconteceram comigo.

Ela inclinou a cabeça.

— Por quê?

Deu um meio sorriso a ela.

— Se eu tivesse ido até você em Nena, jamais teria vindo para cá. Para Lunathion. — O sorriso dele aumentou quando saiu. — Eu jamais teria conhecido Bryce.

E cada horror, cada pesadelo… tudo tinha valido a pena por ela.

* * *

Hunt encontrou Baxian esperando no fim do corredor, os braços do macho cruzados, o rosto coberto de hematomas e com uma expressão séria.

— Como foi seu momento especial? — perguntou Baxian, como cumprimento.

— Que porra você quer? — Hunt caminhou na direção da varanda na outra ponta do corredor. Ele faria uma visita de almoço a Bryce. Talvez tirasse as roupas. Porra, isso parecia ótimo.

— A antiga gangue está se reunindo em algumas semanas. Presumo que você estivesse avisando Celestina quanto a isso.

— Vocês são um bando de desequilibrados sádicos. — Hunt saiu para a varanda vazia. O vento açoitou seu cabelo, trazendo o cheiro fresco do Istros do outro lado da cidade. Nuvens de tempestade se reuniam no horizonte, e relâmpago dançava nas veias dele. — Eu dificilmente chamaria você de *a velha gangue*.

A boca de Baxian se repuxou em um sorriso, os hematomas se esticando.

Hunt falou:

— Não vou engolir qualquer que seja a merda que você esteja vendendo ao espancar Pollux.

— Cidade nova, regras novas — disse Baxian, as penas pretas farfalhando. — Chefe nova, que não parece gostar tanto de Pollux.

— E daí? — Hunt abriu as asas.

— E daí que não preciso mais fingir — disse Baxian. Ergueu o rosto para o céu que escurecia. — A tempestade está vindo. Cuidado lá em cima.

— Obrigado pela preocupação. — Hunt bateu as asas uma vez, levitando.

— Não estou tentando foder você.

— Você está tentando ser um pé no meu saco, então?

Baxian riu com deboche.

— É, acho que sim.

Hunt voltou para o chão.

— O que foi essa merda com você e Pollux, sobre as sobras dele?

Baxian enfiou as mãos nos bolsos.

— Ele é um babaca ciumento. Você sabe disso.

Hunt só conseguia pensar em uma pessoa na qual Pollux tinha mostrado algum interesse além de Sandriel.

— Você tem uma queda pela Corça?

Baxian soltou uma gargalhada.

— Porra, não. Pollux é a única pessoa inconsequente o bastante para chegar perto dela. Eu não tocaria em Lidia nem com um mastro de 3 metros.

Hunt observou o macho que tinha sido seu inimigo por tanto tempo que havia perdido a noção dos anos. Alguma coisa tinha mudado. Alguma coisa grande e primordial e…

— Que merda aconteceu com Sandriel depois que eu fui embora?

Baxian riu.

— Quem disse que teve alguma coisa a ver com Sandriel?

— Por que ninguém me dá uma resposta direta ultimamente?

Baxian ergueu uma sobrancelha. Um trovão reverberou em aviso à distância.

— Conte os seus segredos, Athalar, e eu conto os meus.

Hunt mostrou o dedo do meio para ele. E não se incomodou em se despedir antes de se lançar para o céu que escurecia.

Mesmo assim, não conseguiu afastar a sensação de que Baxian continuava observando. Como se tivesse deixado alguma coisa pendente. Parecia só uma questão de tempo até aquilo se voltar contra ele.



Ithan se manteve alguns passos atrás do pequeno grupo de tritões socorristas em torno do Capitão Ketos, e do corpo. Tinha sentido cheiro de morte antes de sequer se aproximarem da extensão pristina do Istros uma hora ao norte de Lunathion, um lindo ponto verde entre os carvalhos da pequena floresta. Haviam levado motos aquáticas até o Azul, já que aquela parte do rio era quase inacessível a pé. Supôs que poderia ter feito a corrida facilmente em sua forma de lobo, mas, depois de cheirar uma vez o cadáver de 1,5 quilômetro rio abaixo, ficou feliz por não estar naquele corpo.

— Fêmea selkie — dizia Tharion para o pequeno grupo reunido, limpando o suor da testa. Mesmo à sombra dos imponentes carvalhos, o sol tostava a floresta até virar gravetos para fogueira.

Ithan bebeu do cantil. Deveria ter vestido short e sandália em vez do jeans preto e das botas do Aux. Não tinha nada que usar aquelas roupas.

Tharion prosseguiu, observando a pequena pilha na margem do rio. Havia sido encontrada naquela manhã por uma lontra que passava.

— Uma morte por execução.

A morte não era algo novo. Ithan apenas desejava que não tivesse se tornado tão familiarizado a ponto de, aos 22 anos, ser algo para o qual ele mal piscava. Era a vida de um lobo no entanto. De um Holstrom.

Tharion apontou.

— Bala gorsiana na coxa direita para evitar que o metamorfoseasse para a forma de foca, então um sangramento lento de um corte na artéria femoral esquerda. Repetidas lacerações indicam que o assassino reabriu a incisão na coxa várias vezes para mantê-la sangrando até que morresse.

Que Cthona o poupasse.

— Ou até quem quer que fosse obtivesse suas respostas — disse Ithan.

O grupo, três da equipe de Tharion, se virou na direção dele. Tinha sido levado por um motivo, para usar o nariz. Aparentemente, isso não incluíra falar.

— Ou isso — falou Tharion, cruzando os braços com um propósito que dizia:

Cale a boca, eu tenho o mesmo instinto que você a respeito disso.

Pelo menos era o que Ithan achava que comunicava. Tinha ficado muito bom em avaliar as expressões e tiques delatórios dos outros graças a seus anos no campo de solebol.

Tharion disse ao grupo:

— Certo. Continuem documentando a cena, então vejamos se podemos encontrar um nome para ela. — As pessoas se afastaram para seguir a ordem, e Tharion se afastou para cheirar o ar.

Uma voz masculina falou à esquerda de Ithan.

— Ei, você costumava jogar solebol, certo? — Ithan encontrou um tritão de rosto corado usando um casaco corta-vento azul da UICA a poucos metros, com um walkie-talkie na mão.

Ithan grunhiu.

— Isso.

— Para a UCLC, você era aquele menino Holstrom.

Era. Tudo na vida dele se resumia a *era* ultimamente. *Você era o irmão do Connor. Você era parte de uma matilha. Você era do Aux. Você era jogador de solebol. Você era amigo de Bryce. Você era normal. Você era feliz.*

— Eu mesmo.

— Por que parou? Você podia ser, tipo, o jogador de maior valor nos profissionais agora.

Ithan não sorriu, tentou ao máximo parecer desinteressado.

— Tinha outros planos.

— Em vez de jogar solebol profissionalmente? — O macho ficou boquiaberto. Como se o corpo agredido de uma selkie não estivesse a meros metros.

Todos estavam observando agora. Ithan tinha crescido com olhos sobre ele daquela forma, havia triunfado e fracassado espetacularmente diante de milhares de pessoas, dia após dia, durante anos. Não tornava as coisas mais fáceis.

— Holstrom. — A voz de Tharion cortou o ar, piedosamente o tirando da conversa. Ithan acenou com a cabeça para o macho e se dirigiu até onde o capitão estava, ao lado do rio. Tharion murmurou: — Sente algum cheiro?

Ithan inalou. Sangue e podridão e água e ferro e…

Outra farejada, levando-o a fundo, arrancando camadas. Sal e água e foca. Isso era a selkie. Então…

— Tem um cheiro humano aqui. Nela. — Apontou para a selkie largada entre as folhas e a vegetação seca. — Dois deles.

Tharion não disse nada, girando distraidamente um filete de água entre os dedos. Os tritões eram semelhantes aos duendes da água nesse aspecto, capazes de conjurar água do ar.

Ithan começou a caminhar de um lado para outro da clareira, tomando cuidado com as pegadas, notando e farejando as leves perturbações na terra, nas folhas, nos gravetos.

Ele farejou de novo, o cérebro internalizando e processando todos aqueles cheiros.

— Em sua forma de lobo não seria mais fácil? — perguntou Tharion, encostando em uma árvore.

— Não — mentiu Ithan, e continuou em movimento. Não suportava assumir aquela forma, sentir aquele lobo de alma vazia.

Farejou mais algumas vezes, então marchou até Tharion e disse, em voz baixa:

— Tem um cheiro de fêmea humana nessa cena toda. Mas o segundo cheiro… é um macho humano. Um pouco estranho, mas

humano. — Exatamente como Ithan teria descrito um humano parte pássaro-trovão. — Está só na selkie. Um leve odor.

— Então o que isso diz a você? — perguntou Tharion, com igual quietude, monitorando os demais que documentavam a cena do crime.

— Meu palpite?

— É, pode me dizer suas impressões intuitivas.

Ithan notou os tritões em torno dele. A audição deles podia não ser tão aguçada quanto a dele, mas…

— Acho que deveríamos estar em um lugar mais privado.

Tharion fez um *humm* de contemplação. Então gritou para o grupo de investigadores:

— Mais alguma descoberta, crianças?

Ninguém respondeu.

Tharion suspirou.

— Tudo bem. Vamos ensacá-la e levar para o laboratório. Eu quero testes feitos o mais rápido possível, e uma identidade.

Os outros se afastaram, seguindo para os veículos aquáticos enfileirados ao longo da margem do rio Azul, amarrados no lugar com a magia da água deles. Deixando Ithan e Tharion com o corpo.

O macho tritão arqueou a sobrancelha.

— Eu preciso ir para a Corte Azul, mas gostaria de ouvir suas descobertas enquanto estão recentes. Você tem tempo?

— Não tenho nada além de tempo — respondeu Ithan.

Se perguntou quando ter todo aquele tempo livre deixaria de parecer um fardo tão pesado.

* * *

— Então, vamos ouvir — disse Tharion, ao afundar na cadeira de seu escritório e ligar o computador.

Ithan Holstrom estava de pé à parede de vidro, olhando para o azul profundo do Istros, observando os peixes e as lontras passarem. O lobo tinha dito pouco enquanto Tharion o levava para a Profundeza, embora pelos olhos arregalados estivesse evidente que jamais esteve ali antes.

Ithan disse, sem se virar:

— Vamos presumir que as partes envolvidas sejam quem pensamos. Eu acho que a selkie encontrou o menino, ajudou ele a caminho de Lunathion. Pouco depois, considerando que o cheiro dele ainda está nas roupas dela, a selkie foi encontrada e torturada por uma mulher humana em busca de informações sobre a localização de Emile. Pelo que sabemos sobre ela, meu palpite é Pippa Spetsos.

A boca de Tharion se repuxou de lado.

— Meus técnicos disseram que a morte foi há cerca de um dia. Isso se alinha com a sua informação?

— Sim, embora provavelmente menos de um dia, mas o cheiro do menino nas roupas dela era mais antigo do que isso. Por apenas umas seis horas.

— Por quê? — Tharion apoiou o queixo nas mãos.

— Porque ela não poderia ter entrado na água, nem trocado de roupa, se ainda estava com o cheiro. Até onde sei, selkies raramente passam um dia sem se metamorfosear e nadar. A água teria lavado o cheiro do menino.

Tharion refletiu, revirando a informação na mente.

— Mas nós não encontramos nenhum rastro do menino na clareira.

— Não — concordou Ithan, se virando. — Emile jamais esteve naquela clareira. A selkie deve ter ido até lá depois.

Tharion olhou para o mapa de Cidade da Lua Crescente e as terras que a cercavam atrás da mesa.

— Aquele ponto fica entre o barco que eu investiguei e a cidade. Se ele se encontrou com a selkie em algum lugar por ali, ele está de fato seguindo em direção a Lunathion. E, se aquele assassinato tem menos de um dia, ele pode ter acabado de chegar aqui.

— E Pippa Spetsos, se é esse o cheiro na fêmea, poderia estar aqui também.

— Ou um dos soldados dela, imagino — admitiu Tharion. — De toda forma, a Ocaso está próxima. Precisamos tomar cuidado.

— Pippa é uma mulher humana.

— Ela é uma rebelde perigosa, capaz de matar os vanir graças àquelas balas gorsianas. E uma psicopata que se deleita com a morte até dos mais inocentes. Não vamos chegar perto dela sem preparação

e planejamento. — Torcia para que encontrassem Emile primeiro e não precisassem sequer lidar com Pippa.

Ithan riu com escárnio.

— Nós podemos dar conta dela. Meu irmão derrubou Philip Briggs.

— Alguma coisa me diz que Pippa deve ser pior do que Briggs.

— Por favor — disse Ithan, debochando.

Tharion não se incomodou em manter a severidade longe da expressão.

— Eu gosto de estar vivo. Não vou arriscar a morte porque você tem uma visão exagerada de suas habilidades de lobo.

— Vai se foder.

Tharion deu de ombros.

— Meu rio, minhas regras, bebê.

Um trovão ecoou nos corredores silenciosos, chacoalhando até mesmo o vidro espesso.

— Eu posso ir atrás dela sozinho.

Tharion riu.

— Não enquanto você estiver preso aqui.

Ithan o avaliou.

— Sério? Você me prenderia?

— Para sua segurança, sim. Você sabe o que Bryce faria comigo se você acabasse morto? Eu jamais conseguiria revirar as calcinhas dela de novo.

Ithan o olhou boquiaberto. Então caiu na gargalhada. Era um som intenso, um pouco rouco, como se não fizesse isso há um tempo.

— Fico surpreso por Athalar deixar você vivo.

— Você sabe o que Bryce faria com Hunt se *eu* aparecesse morto? — Tharion sorriu. — Minha doce Pernas cuida de mim.

— Por que você a chama assim? — perguntou Ithan, cautelosamente.

Tharion deu de ombros de novo.

— Quer mesmo que eu responda?

— Não.

Tharion riu.

— Enfim, a verdadeira pergunta é se Emile está se dirigindo para o lugar que Danika indicou no e-mail.

Holstrom já tinha inteirado o capitão sobre os trabalhos e recortes de notícias que ele e Bryce haviam encontrado no dia anterior, mas nenhum tinha qualquer ligação com um potencial local de encontro.

A porta do escritório de Tharion se abriu e um dos oficiais dele, Kendra, entrou. A sentinela loira parou subitamente ao ver Ithan, o cabelo balançando em torno dela. Ela olhou para Tharion, que assentiu. Estava livre para falar perto do lobo.

— Chefe quer você na ala dela. Está, hã… de mau humor.

Porra.

— Eu bem achei que tivesse ouvido trovão. — Tharion indicou com o queixo a porta quando Kendra saiu. — Tem uma sala de estar no fim deste corredor à esquerda. Sinta-se à vontade para ver TV, se servir de lanches, o que for. Eu volto… logo. Então podemos começar a farejar atrás do menino. — E com sorte evitar Pippa Spetsos.

Ele usou a caminhada até a ala da rainha para acalmar os nervos contra qualquer que fosse a tempestade que se formava. Devia ser ruim, se estava chovendo na Superfície durante os meses secos de verão.

* * *

Bryce se abanou sob o calor do verão, agradecendo a Ogenas, Arauto das Tempestades, pela chuva que estava a momentos de cair. Ou qualquer que fosse o vanir dando um ataque de pelancas. A julgar pela rapidez com que a tempestade tinha surgido para estragar o céu azul impecável, era mais provável que fosse a segunda opção.

— Não está *tão* quente assim — observou Ruhn conforme caminhavam pela calçada até as instalações de treinamento do Aux nos limites da Praça da Cidade Velha em Bosque da Lua. A câmara vazia e cavernosa era normalmente usada para grandes reuniões, mas ele a reservava uma vez por semana àquela hora para o treino recorrente deles.

Teriam um recém-chegado naquele dia. Pelo menos se o Príncipe Cormac ousasse aparecer para começar o treinamento dela, como tinha prometido.

— Não sei como você consegue usar jaqueta de couro — disse Bryce, as coxas suadas colando a cada passo.

— Preciso esconder as armas — disse Ruhn, dando tapinhas nos coldres sob a jaqueta. — Não posso deixar os turistas com medo.

— Você literalmente carrega uma espada.

— Isso tem um impacto diferente nas pessoas do que uma arma.

Verdade. Randall tinha ensinado isso a ela há muito tempo. Espadas podiam significar esperança, resistência, força. Armas significavam morte. Deveriam ser respeitadas, mas apenas como armas de morte, mesmo em defesa.

O telefone de Bryce tocou, verificou a identificação da chamada antes de calar o toque e guardar o aparelho no bolso.

— Quem era? — perguntou Ruhn, olhando de esguelha para ela quando trovão roncou. As pessoas começaram a sair das ruas, disparando para dentro de lojas e prédios para evitar o temporal. Com o clima árido, tempestades de verão costumavam ser violentas e rápidas, propensas a inundar as ruas.

— Minha mãe — disse Bryce. — Vou ligar para ela depois. — Tirou um cartão-postal da bolsa e o agitou para Ruhn. — Ela deve estar ligando a respeito disto.

— Um cartão-postal? — Na frente dizia *Saudações de Nidaros!* em uma fonte alegre.

Bryce o guardou de volta na bolsa.

— É. É uma coisa de quando eu era pequena. A gente tinha uma briga feia e minha mãe me mandava cartões-postais como um jeito esquisito de pedir desculpas. Tipo, a gente podia não estar se falando pessoalmente, mas começávamos a nos comunicar por cartões-postais.

— Mas vocês estavam morando na mesma casa?

Bryce riu de novo.

— Sim. Ela os passava por baixo da minha porta e eu, por baixo da dela. Escrevíamos sobre tudo *menos* a briga. Continuamos fazendo isso quando eu fui para UCLC, e depois. — Bryce revirou a bolsa e tirou de dentro um cartão-postal em branco com uma lontra acenando que dizia *Não perca essa fofura, Lunathion!* — Vou mandar um para ela depois. Parece mais fácil do que um telefonema.

Ele perguntou:

— Você vai contar… tudo a ela?

— Perdeu a cabeça?

— E quanto ao noivado ser uma farsa? Isso certamente a tiraria do seu encalço.

— Por que acha que estou evitando as ligações dela? — perguntou Bryce — Ela vai dizer que estou brincando com fogo. Literalmente, considerando o poder de Cormac. Não tem como ganhar com ela.

Ruhn gargalhou.

— Sabe, eu gostaria muito de ter tido ela como minha madrasta.

Bryce deu um risinho.

— Estranho. Você é tipo, vinte anos mais velho do que ela.

— Não quer dizer que eu não preciso de uma mãe para me dar uma surra de vez em quando. — Disse isso sorrindo, mas… o relacionamento de Ruhn com a própria mãe era tenso. Ela não era cruel, apenas ausente. Ruhn andava cuidando dela. Sabia que seu pai certamente não faria isso.

Bryce falou antes de ter a chance de refletir.

— Estou pensando em ir para casa em Nidaros para o Solstício de Inverno. Hunt vai também. Quer ir junto? — Agora que ela e Hunt tinham arrumado a programação deles, Bryce supôs que podia ser um ser humano decente e ir para a casa no feriadão.

Quer dizer, se a mãe lhe perdoasse pelo noivado. E por não ter contado sobre aquilo.

A chuva respingava na calçada, mas Ruhn parou. Os olhos tão cheios de esperança e felicidade que o peito de Bryce doeu. Mas ele disse:

— Vai levar Hunt para casa, é?

Ela não conseguiu conter o rubor.

— Sim.

— Grande passo, levar o namorado para a casa dos pais.

Ela gesticulou como se o ignorasse, mas se encolheu agora que a chuva havia se tornado um dilúvio. Ainda tinham cinco quarteirões até o local do treino.

— Vamos esperar passar — disse ela, se abaixando sob a marquise de um restaurante vazio. Istros ficava a um quarteirão dali, tão perto que Bryce conseguia ver os véus de chuva açoitando a superfície dele. Nem mesmo os tritões estavam na rua.

A chuva escorria da marquise, larga como uma cachoeira, unindo-se ao verdadeiro rio que já corria até o bueiro de esgoto na esquina do quarteirão. Ruhn falou, por cima do barulho:

— Você quer mesmo que eu vá para casa com você?

— Eu não teria perguntado se não quisesse. — Presumindo que ainda estivessem vivos em dezembro. Se aquela merda de rebelião não tivesse matado todos eles.

O pescoço tatuado de Ruhn oscilou.

— Obrigado. Eu normalmente passo com Dec e a família dele, mas… Não acho que vão se importar se eu faltar este ano.

Ela assentiu, um silêncio desconfortável se assentando. Normalmente tinham o treino para se ocupar durante silêncios tensos, mas agora, presos pela chuva… se manteve calada esperando para ver o que Ruhn poderia dizer.

— Por que você não toca Áster?

Ela se virou, indicando o cabo preto da lâmina despontado acima do ombro dele.

— É sua.

— É sua também.

— Eu tenho a espada de Danika. E você a encontrou primeiro. Não parece justo que eu a reivindique.

— Você é mais Estrelada do que eu. Deveria ficar com ela.

— Isso é besteira. — Recuou um passo. — Não a quero. — Podia jurar que a chuva, o vento, pararam. Que pareciam prestar atenção. Até mesmo a temperatura pareceu cair.

— Aidas disse que você tem a luz de uma verdadeira Rainha Estrelada. Eu sou apenas o herdeiro de um estuprador babaca.

— Isso importa? Eu gosto que você seja o Escolhido.

— Por quê?

— Porque… — Ela prendeu o cabelo atrás da orelha, então mexeu na barra da camisa. — Eu já tenho essa estrela no peito. — Tocou a cicatriz levemente. Os pelos de seus braços se arrepiaram em resposta. — Não preciso de uma espada chique para se somar a ela.

— Mas eu preciso?

— Sinceramente? Acho que você não sabe o quanto você é especial, Ruhn.

Os olhos azuis dele brilharam.

— Obrigado.

— É sério. — Segurou a mão dele, e luz brilhou de seu peito. — A espada foi até você primeiro por um motivo. Quando foi a última vez que dois membros da realeza Estrelada viveram pacificamente, lado a lado? Tem aquela profecia idiota dos feéricos: *Quando faca e espada estiverem reunidas, nosso povo também estará.* Você tem Áster. E se… Não sei. E se houver uma faca lá fora para mim? Mas, além disso, o que Urd está planejando? Ou seria Luna? Qual é o objetivo deles?

— Você acha que os deuses têm alguma coisa a ver com tudo isso?

De novo, os pelos nos braços dela se arrepiaram; a estrela no peito enfraqueceu e se apagou. Virou-se para a rua coberta de chuva.

— Depois dessa primavera, não consigo deixar de me perguntar se *existe* alguma coisa lá fora. Guiando tudo isso. Se tem algum jogo em curso que… Não sei. Que é maior do que qualquer coisa que a gente possa compreender.

— O que quer dizer?

— O Inferno é outro mundo. Outro *planeta*. Assim disse Aidas, há meses, quero dizer. Os demônios adoram deuses diferentes dos nossos, mas o que acontece quando os mundos se sobrepõem? Quando demônios vêm para cá, os deuses deles vêm também? E todos nós, os vanir… todos viemos de outro lugar. Nós éramos imigrantes em Midgard. Mas o que aconteceu com nossos mundos natais? Nossos deuses natais? Eles ainda prestam atenção em nós? Ainda se lembram de nós?

Ruhn esfregou a mandíbula.

— Essa merda é profana demais para uma conversa de almoço. Dos cartões postais com sua mãe eu dou conta. Disso? Preciso de café.

Bryce balançou a cabeça e fechou os olhos, incapaz de segurar o calafrio pela espinha.

— Eu tenho uma sensação. — Ruhn não disse nada, e ela abriu os olhos de novo.

Ruhn tinha sumido.

Um ceifador pútrido e sem véu, a capa preta e a túnica agarradas a seu corpo ossudo, chuva escorrendo pelo rosto acinzentado murcho, agarrava o irmão inconsciente pela rua encharcada. Os olhos verde-ácido da criatura brilhavam como se aceso por Fogo do Inferno.

A chuva devia ter coberto a aproximação da criatura. Os pelos dos braços de Bryce tinham se arrepiado, mas ela atribuiu à conversa perigosa deles. Ninguém estava na rua, seria porque todos tinham de alguma forma sentido o ceifador?

Com um rugido, Bryce disparou para a chuva forte, mas já era tarde demais. O ceifador empurrou Ruhn para dentro do bueiro aberto com dedos longos demais que terminavam em unhas rachadas e afiadas, e deslizou para dentro atrás do príncipe.



Ruhn flutuava.

Com um só fôlego, estava conversando com Bryce sobre deuses e destino e toda essa merda. No seguinte, alguma coisa fria e pútrida tinha respirado ao seu ouvido e se encontrava ali, naquele vazio preto, sem começo nem fim.

Que porra tinha acontecido? Alguma coisa o havia atacado e *merda*, Bryce…

Night.

A voz feminina surgiu esvoaçando de todo canto e lugar nenhum.

Night, abra os olhos.

Ele se virou na direção da voz. *Daybright?*

Abra os olhos. Acorde.

O que aconteceu? Como encontrou minha mente? Eu não tenho o cristal.

Não faço ideia do que aconteceu com você. Ou de como encontrei sua mente. Eu apenas senti… Não sei o que senti, mas a ponte subitamente apareceu ali. Acho que você está em grande perigo, onde quer que esteja.

A voz dela ecoava de cima, de baixo, de dentro dos ossos dele.

Não sei como acordar.

Abra os olhos.

Sério mesmo?

Ela disparou: *Acorde! Agora!*

Alguma coisa familiar ecoou na voz dela, ele não conseguia identificar.

E então ela estava ali, chama incandescente, como se o elo entre as mentes deles tivesse se solidificado. Luminosa como uma fogueira, o cabelo fluindo em torno da cabeça. Como se os dois estivessem debaixo da água.

Acorde!, rugiu ela, chamas crepitando.

Por que eu conheço a sua voz?

Eu posso lhe garantir que não conhece. E você está prestes a morrer *se não acordar.*

Seu cheiro…

Você não consegue sentir meu cheiro.

Eu consigo. Eu o reconheço.

Eu jamais conheci você, e você jamais me conheceu…

Como pode saber disso se você não sabe quem eu sou?

ABRA OS OLHOS!

* * *

Havia escuridão, e o urro de água caindo. Essa foi a primeira e patética avaliação de Bryce do esgoto conforme mergulhou no rio subterrâneo que corria sob a cidade.

Não se permitiu pensar no que flutuava pela água conforme nadou até a passagem de pedra que percorria a lateral do fluxo, impulsionando o corpo para cima ao procurar pelo ceifador. Por Ruhn.

Nada além de escuridão, e o leve feixe de luz dos buracos de bueiro acima. Olhou para dentro, para a estrela em seu peito. Inspirou profundamente. E, quando exalou, luz brotou.

Luz que projetou o esgoto em um contrastante relevo, pintando de prata as pedras, a água marrom, o teto em arco…

Bem, ela havia encontrado o irmão.

E cinco ceifadores.

Os ceifadores flutuavam acima do rio do esgoto, vestes pretas ondulando. Ruhn, inconsciente, pendia entre dois deles. Áster ainda

estava presa a ele. Ou eram burros demais para desarmá-lo, ou não queriam tocar na arma.

— Que merda vocês querem? — Bryce se aproximou. Água escorreu dos bueiros acima, o rio subindo rapidamente.

— Trazemos uma mensagem — entoaram os ceifadores juntos. Como se tivessem uma só mente.

— Há modos mais fáceis de enviar do que esse — cuspiu, avançando mais um passo.

— Não avance mais — avisaram, e Ruhn caiu, como em aviso. Como se eles fossem jogar o corpo inconsciente dele na água e deixar que se afogasse.

Um dos ceifadores pairou para mais perto de Ruhn quando o seguraram. O cabo de Áster roçou contra a túnica dele. A criatura sussurrou, encolhendo-se.

Tudo bem, eles definitivamente não queriam tocar a espada.

Essa era a menor das preocupações de Bryce quando mais cinco ceifadores pairaram para fora da escuridão atrás dela. Pegou o celular no bolso de trás, mas os ceifadores segurando Ruhn o soltaram mais um pouco.

— Nada disso — disseram, o som ecoou de todos os lados.

Acorde, desejou ela de Ruhn. *Acorde, porra, e destrua esses cabeças de merda.*

— O que vocês querem? — perguntou de novo.

— O Príncipe do Fosso nos enviou.

O sangue dela gelou.

— Vocês não servem a ele. Duvido que seu rei ficaria feliz com isso.

— Trazemos a mensagem dele mesmo assim.

— Coloquem Príncipe Ruhn no chão e podemos conversar.

— E deixar você usar a estrela em nós? Melhor não.

Ela se virou, tentando manter todos em seu campo visual. Ruhn podia sobreviver a ser jogado no rio, mas havia limites. Por quanto tempo um vanir que tinha feito a Descida podia aguentar sem oxigênio? Ou seria um processo torturante de afogamento, cura e afogamento de novo, até que a força imortal dela estivesse esgotada e eles finalmente morressem?

Não queria descobrir.

— Qual é sua mensagem? — indagou Bryce.

— Apollion, Príncipe do Fosso, está pronto para atacar.

O sangue de Bryce gelou ao ouvir o nome dito em voz alta.

— Ele vai começar uma guerra? — Aidas tinha dito algo assim no dia anterior, mas indicara que os exércitos seriam para *ela*. Achou que ele pretendia ajudar em qualquer que fosse a insanidade que o Inferno tivesse planejado.

— O Príncipe do Fosso quer um oponente digno desta vez. Um que não vai se curvar tão facilmente, como o Príncipe Pelias fez há tanto tempo. Ele insiste em enfrentar *você*, Estrelada, a plenos poderes.

Bryce soltou uma gargalhada.

— Diga a ele que eu estava literalmente a caminho de treinar antes que vocês, seus semivivos, me interrompessem. — Seus ossos tremeram quando ela disse isso, ao pensar em quem eles representavam. — Digam a ele que vocês acabaram de apagar meu tutor.

— Treine com mais afinco. Treine melhor. Ele está esperando.

— Obrigada pela conversa motivacional.

— Seu desrespeito não é valorizado.

— É, bem, vocês terem sequestrado meu irmão definitivamente não é valorizado.

Fervilharam com ira e Bryce se encolheu.

— O Príncipe do Fosso já caça pelas névoas do Quarteirão dos Ossos para encontrar o outro que pode ser seu oponente digno… ou sua maior arma.

Bryce abriu a boca, mas a fechou antes de conseguir dizer *Emile?* Mas, *porra*, Apollion estava procurando o menino também? Será que era o Quarteirão dos Ossos o que Danika tinha indicado, afinal de contas? A mente dela acelerava, plano após plano se desenvolvendo, então disse:

— Fico surpresa que o Sub-Rei permita que Apollion perambule pelo território dele sem controle.

— Até mesmo os cuidadores dos mortos se curvam ao Príncipe do Fosso.

O coração de Bryce pesou. Emile *estava* no Quarteirão dos Ossos. Ou pelo menos era o que Apollion achava. Que porra Danika estava pensando, dizendo a Sofie que ela estaria segura ali?

Antes que Bryce pudesse perguntar mais, os ceifadores disseram, ao mesmo tempo:

— Você vendeu sua alma, Bryce Quinlan. Quando chegar sua hora, viremos dilacerá-la.

— Está marcado. — Ela precisava encontrar uma forma de pegar Ruhn, de ser mais rápida, mais esperta do que eles…

— Talvez a gente prove você agora. — Avançaram.

Bryce projetou sua luz, caindo contra a parede curva do túnel. Água bateu na beira da passagem, respingando nos tênis rosa-néon dela.

Os ceifadores explodiram para trás, mas, apesar das ameaças, mantiveram Ruhn entre eles. Então Bryce reuniu o poder dentro de si, deixando que ascendesse em um brilho, então…

Outra explosão. Não dela, mas de outro lugar. Uma explosão de pura noite.

Em um momento, um ceifador estava próximo. Então se fora. Sumido até virar nada. Os outros guincharam, mas…

Bryce gritou quando Cormac surgiu do nada, pairando acima do rio, braços em volta de outro ceifador… desaparecendo.

Mais uma vez, ele apareceu. Mais uma vez, ele levou outro ceifador e sumiu.

O que já estava morto não podia morrer. Mas eles podiam ser… removidos. Ou qualquer que fosse a merda que ele estava fazendo.

Cormac apareceu de novo, cabelo loiro brilhando, e gritou:

— *USE A PORRA DA LUZ!*

Acompanhou o olhar dele: Ruhn. Os ceifadores ainda o seguravam elevado.

Bryce irrompeu seu poder para fora, se acendendo forte como uma supernova. Os ceifadores gritaram e cumpriram sua promessa, atirando Ruhn na água revolta…

Cormac pegou Ruhn antes que ele atingisse a superfície espumosa. Sumiu de novo.

Os ceifadores se viraram, guinchando e sibilando. Bryce relançou sua luz, e eles se espalharam pelas sombras mais escuras.

Então Cormac voltou, atirando alguma coisa para ela: Áster. Ele devia ter tirado de Ruhn. Bryce não parou para pensar ao

desembainhar a espada. Luz estelar irrompeu da lâmina preta. Como se o metal tivesse sido aceso com fogo iridescente.

Um ceifador avançou, e Bryce ergueu a espada, um bloqueio indistinto e desengonçado que ela sabia que teria horrorizado Randall.

A lâmina encontrou tecido e carne podre e osso antigo. E pela primeira vez, talvez a única vez naquele mundo, um ceifador sangrou.

Ele gritou, o som tão lancinante quanto o grito de um falcão. Os demais lamentaram com horror e ódio.

Áster cantou com luz, o poder dela fluindo para a espada. Ativando-a. E nada jamais parecera tão certo, tão fácil, quanto mergulhar a lâmina no peito ossudo do ceifador ferido. A criatura arqueou o corpo, urrando, sangue preto jorrando dos lábios murchos.

Os demais gritaram então. Tão alto que ela achou que o esgoto poderia desabar, tão alto que quase soltou a espada para tapar os ouvidos.

Os ceifadores avançaram, mas Cormac apareceu diante dela em uma fumaça de sombras. Ele a segurou pela cintura, quase a derrubando, e se foram.

Vento rugiu e o mundo girou sob ela, mas…

Aterrissaram dentro do centro de treinamento do Aux. Ruhn estava tossindo no chão ao lado dela, o piso de pinheiro polido limpo, exceto pelo lugar em que os três pingavam água do esgoto.

— Você consegue se *teletransportar*, porra? — arquejou Bryce, virando-se para onde Cormac estava de pé.

Mas o olhar de Cormac estava sobre Áster, o rosto dele lívido. Bryce olhou para a lâmina ao segurá-la com os dedos esbranquiçados. Como se sua mão se recusasse a soltar.

Com dedos trêmulos, ela embainhou a espada de novo. Diminuiu a luz. Mas Áster ainda cantava, e Bryce não fazia ideia do que pensar daquilo.

Da lâmina que tinha matado aquilo que não morria.

PARTE II

O ABISMO



Tharion observou com desconfiança os dois sobeks descansando aos pés de sua rainha, os corpos escamosos e poderosos jogados sobre os degraus do altar. Com os olhos fechados, apenas as bolhas que flutuavam dos longos focinhos revelavam que estavam vivos, e que eram capazes de arrancar o seu braço com uma mordida ágil.

O trono da Rainha do Rio tinha sido entalhado de uma montanha alta de corais fluviais do leito rochoso. Lunathion ficava perto o bastante da costa para que a água naquela parte do Istros tivesse sal o suficiente para sustentar os vibrantes corais, assim como os buquês de anêmonas, tecendo leques de renda marinha, e as ocasionais fitas de arco-íris formadas por enguias iridescentes que adornavam a montanha em torno e acima dela. Tinha a sensação de que a magia da Rainha também havia criado uma boa parte daquilo.

Com a cauda dando impulso contra a forte corrente que fluía, Tharion curvou a cabeça.

— Vossa Majestade. — Àquela altura, o esforço contra a corrente era familiar, mas sabia que ela havia selecionado aquele local para que qualquer pessoa que aparecesse diante dela estivesse um pouco abalada, e talvez com a guarda baixa por conta disso. — Você me convocou?

— Chegou à minha atenção — disse a Rainha, o cabelo preto fluindo acima dela — que você chamou minha filha para um encontro.

Tharion se concentrou em manter a cauda em movimento, permanecendo no lugar.

— Chamei. Achei que ela pudesse gostar.

— Você a chamou para um encontro na *Superfície*. Superfície!

Tharion ergueu o queixo, as mãos unidas às costas. Uma posição subserviente, vulnerável, que sabia que a Rainha preferia, expondo todo seu peitoral para ela. Seu coração estava ao alcance da faca pontiaguda de vidro marinho que repousava no braço do trono, ou das bestas cochilando aos seus pés. Podia destruí-lo em um instante, mas Tharion sabia que sua Rainha gostava da sensação de matar alguém.

Ele jamais entendera, até que encontrou o assassino da irmã e optou por dilacerar o metamorfo pantera com as próprias mãos.

— Eu só quis agradar-lhe — disse Tharion.

No entanto, os dedos da Rainha do Rio se enterraram nos braços entalhados de seu trono.

— Você sabe como ela fica aflita. Ela é frágil demais para essas coisas.

Tharion inspirou profundamente pelas guelras. Exalando antes de falar:

— Ela se saiu bem na Cimeira. — Uma meia verdade. Não tinha feito absolutamente nada relevante na Cimeira, mas pelo menos não se acanhou o tempo todo.

Anêmonas se encolheram, como indício da ira da Rainha antes que dissesse:

— Aquele era um lugar organizado, vigiado. Lunathion é uma floresta selvagem de distrações e prazeres. Vai consumi-la por inteiro. — As enguias iridescentes sentiram o seu tom de voz e fugiram para dentro das fendas em torno do trono.

— Peço desculpas por qualquer sofrimento que a sugestão tenha causado a você ou a ela. — Não ousou fechar os dedos em um punho.

A rainha o estudou com a concentração de um dos sobeks ao seus pés, quando as bestas estavam prontas para o ataque.

— E quanto ao menino Renast?

— Tenho bons motivos para crer que ele acaba de chegar à cidade. Meu pessoal está procurando por ele. — Não tinham encontrado nenhum cadáver naquele dia, felizmente, ou não. Só podia rezar para que isso não significasse que Pippa Spetsos tivesse colocado as mãos no menino antes.

— Eu quero o menino na Corte Azul assim que for encontrado.

Pippa ou a Rainha do Rio. A Superfície ou a Profundeza. As opções de Emile Renast eram poucas.

Depois que Emile estivesse nas profundezas, não voltaria para a Superfície a não ser que a Rainha desejasse, ou que os asteri mandassem uma de suas unidades aquáticas de elite para arrastá-lo para fora. O que significaria que haviam descoberto a traição da Rainha do Rio.

Tharion apenas assentiu. Como sempre fazia. Como sempre faria.

— Apreenderemos Emile em breve.

— Antes da Ophion.

— Sim. — Não ousou perguntar por que ela se importava com aquilo. Desde que ouvira os boatos sobre o menino conseguir derrubar aqueles ômegas com sua magia capaz de drenar poderes alheios, a Rainha do Rio o quis. Não compartilhou os seus motivos. Nunca fazia isso.

— E antes de qualquer das outras Cortes Fluviais.

Tharion ergueu a cabeça ao ouvir aquilo.

— Vossa Majestade acha que também sabem sobre Emile?

— As correntes sussurraram para mim a respeito disso. Não vejo por que minhas irmãs não ouviriam murmúrios semelhantes da água.

As rainhas dos quatro grandes rios de Valbara, o Istros, o Melathos, o Niveus e o Rubellus — o Azul, o Preto, o Branco e o Vermelho, respectivamente — eram há muito rivais: todas poderosas e dotadas de magia. Todas vaidosas, antigas e entediadas.

Embora Tharion pudesse não conhecer os seus planos mais íntimos, presumia que queria o menino pelo mesmo motivo que Pippa Spetsos: usá-lo como uma arma. Uma com a qual as Rainhas das cortes Preta, Branca e Vermelha enfim se encurvariam. Com Emile sob o seu controle, poderia usá-lo para canalizar os poderes das irmãs, voltar toda a energia elemental contra elas mesmas e expandir sua influência.

Se elas também sabiam sobre Emile, então será que já tinham tramado para tomar a Corte Azul? E se a Rainha da Corte Vermelha desejasse derrubar a sua Rainha, usar os dons de Emile para drenar o poder dela… será que ele combateria isso pela monarca?

Anos antes, teria dito que sim, sem dúvida.

Mas agora…

Tharion ergueu o rosto na direção da superfície. Daquela faixa de luz distante que o chamava.

Notou que ela o observava de novo. Como se pudesse ouvir cada pensamento na mente dele. O sobek à sua esquerda entreabriu um olho, revelando sua pupila estreita centralizada na íris de tom citrino marmorizado com verde.

A rainha perguntou:

— As coisas estão tão maravilhosas na Superfície que você se ressente do tempo na Profundeza?

Tharion manteve a expressão neutra, continuou batendo as barbatanas com uma graciosidade casual.

— Os dois reinos não podem ser igualmente maravilhosos?

O segundo sobek também abriu um olho. Será que abririam as mandíbulas a seguir?

Comiam tudo e qualquer coisa. Carne fresca, lixo e, talvez o mais importante, os corpos dos mortos desfortunados. Ter o barco preto virado a caminho do Quarteirão dos Ossos era o mais profundo tipo de julgamento e humilhação: uma alma considerada indigna de entrar no local de descanso sagrado, o cadáver entregue às bestas do rio para devorá-lo.

Tharion, no entanto, manteve as mãos unidas atrás do corpo, o peito exposto, pronto para ser dilacerado. Que ela visse a sua total subserviência ao seu poder.

— Continue procurando pelo menino. Relate assim que souber algo novo. — disse a Rainha.

Fez uma reverência com a cabeça.

— É evidente. — Tharion gesticulou com a barbatana, preparando-se para nadar para longe assim que o dispensasse.

Não antes que a Rainha do Rio falasse:

— E Tharion.

Ele não conseguiu conter o nó na garganta diante do tom suave e casual dela.

— Sim, minha Rainha?

Os lábios fartos dela se curvaram em um sorriso. Tão parecida com as bestas aos pés dela.

— Antes de você convidar minha filha para um encontro na Superfície de novo, acho que deveria testemunhar em primeira mão o desrespeito que aqueles na Superfície têm com os cidadãos das Profundezas.

* * *

A Rainha do Rio escolhia bem suas punições. Tharion admitia isso.

Nadando pela parte do cais da Praça da Cidade Velha uma hora depois, mantinha a cabeça baixa enquanto retirava o lixo acumulado.

Era o Capitão da Inteligência dela. Quantos de seu povo já haviam reparado nele ali ou ouvido a respeito? Espetou uma caixa de pizza em decomposição. Três pedaços caíram antes que conseguisse enfiá-la na sacola gigante que flutuava na corrente às suas costas.

A Rainha do Rio queria muito Emile, Pippa Spetsos deixava um rastro de corpos em sua caçada, e, no entanto, era *isso* que a Rainha considerava a prioridade de Tharion?

Uma água respingou seis metros acima e Tharion ergueu a cabeça, encontrou uma garrafa de cerveja vazia se enchendo, então afundando. Pela Superfície conseguia distinguir uma fêmea loira rindo dele.

Porra, ela quis *bater* nele com aquela garrafa. Tharion reuniu sua magia, sorrindo consigo mesmo quando uma nuvem de água a encharcou, rendendo chiliques dela e urros daqueles à sua volta.

Mais dez garrafas voaram na direção dele.

Tharion suspirou, bolhas flutuando de seus lábios. Capitão Qualquer Coisa mesmo.

A Rainha do Rio se achava uma governante benevolente que queria o melhor para seu povo, mas tratava seus súditos com a mesma severidade que qualquer asteri. Tharion ziguezagueou entre as

pilastras cobertas de mexilhões de um cais; vários siris e carniceiros aquáticos o observavam das sombras.

Alguma coisa precisava mudar. Nesse mundo, nas hierarquias. Não apenas da forma como a Ophion queria, mas… aquele desequilíbrio de poder entre todas as Casas.

Tharion soltou um pneu de moto, cacete, de entre duas rochas, seus músculos reclamando. Um caranguejo-azul gigante correu até o objeto, agitando as garras como repreensão. *Meu!*, era o que o animal parecia gritar. Tharion recuou, indicando o lixo. *Pode ficar*, comunicou com um gesto de mão; com um impulso poderoso, nadou se afastando mais do cais.

A primalux reluzente projetava ondulações na superfície. Era como nadar em um rio de ouro.

Alguma coisa precisava mudar. Para ele, pelo menos.

* * *

Ruhn apoiou Áster na mesa do pai quando o Rei Outonal entrou batendo os pés pelas portas do escritório.

Os botões do alto da camisa preta do pai estavam abertos, o cabelo vermelho estava um pouco bagunçado, normalmente o penteava, mas parecia que alguém passara as mãos pelos fios. Ruhn estremeceu.

O Rei Outonal olhou para a espada.

— O que é tão importante para você interromper minha reunião da tarde?

— É assim que você chama hoje em dia?

O pai lançou um olhar de repreensão ao deslizar para a cadeira da escrivaninha, observando Áster desembainhada.

— Você está com cheiro de lixo.

— Obrigado. É um perfume novo que estou experimentando. — Considerando a insanidade da última hora, era um milagre que conseguisse fazer piada naquele momento.

A Agente Daybright estivera na mente dele, gritando para que acordasse. Era tudo de que se lembrava antes de começar a vomitar água e só os deuses sabiam o que mais — *ele* certamente não queria saber — ao voltar a si ali no piso do centro de treinamento do Aux.

Cormac tinha ido embora quando Ruhn conseguiu se controlar, aparentemente querendo fazer uma busca rápida na área por qualquer indício de Emile ou Sofie. Bryce ainda estava em choque quando Ruhn conseguiu perguntar que diabos tinha acontecido.

Assim que contara o suficiente, chutou Áster em sua direção e partiu. Imediatamente Ruhn correu até o castelo.

Chamas se acenderam nos dedos do Rei, o primeiro sinal de sua impaciência.

— Qual é a história dessa espada? — Ruhn perguntou.

O pai arqueou a sobrancelha.

— Você é o portador dela há décadas. Agora quer conhecer sua história?

Ruhn deu de ombros. A cabeça ainda latejava do golpe que os ceifadores haviam desferido; o estômago se revirava como se tivesse bebido a noite toda.

— Tem algum poder especial? Dons esquisitos?

O Rei Outonal analisou Ruhn friamente, desde as botas encharcadas até a cabeça parcialmente raspada, a parte mais longa do cabelo estava embaraçada graças à viagem ao esgoto.

— Aconteceu alguma coisa.

— Uns ceifadores tentaram me atacar e a espada… reagiu.

Um modo simples de explicar… Será que Bryce ficara longe da espada por todos aqueles anos porque de alguma forma sentia que em sua mão a arma causaria horrores?

Não queria saber o que seu pai faria com a verdade.

Uma espada que podia matar o imortal. Quantos governantes em Midgard tramariam e assassinariam para obtê-la? A começar pelo próprio pai, terminando com os asteri.

Talvez dessem sorte e a informação fosse contida pelos ceifadores. O Sub-Rei, no entanto…

— Como a espada reagiu? — perguntou o Rei, imóvel.

— Um pai não deveria perguntar se o próprio filho está bem? E por que os ceifadores atacaram?

— Você parece ileso. E eu presumo que você os ofendeu.

— Obrigado pelo voto de confiança.

— Você os ofendeu?

— Não.

— Como a espada reagiu na presença dos ceifadores?

— Ela brilhou e eles fugiram dela. — Uma meia verdade. — Alguma ideia do motivo?

— Eles já estão mortos. Lâminas não são uma ameaça a eles.

— E, bem… eles se apavoraram.

O pai dele levou a mão à espada preta, mas parou, lembrando-se de que a espada não era dele, não deveria tocá-la.

Ruhn conteve um risinho de satisfação. Seu pai, entretanto, observou em silêncio os vários modelos do sistema solar espalhados por seu escritório durante um longo momento.

Ruhn viu o próprio sistema solar no centro de tudo. Sete planetas em torno de uma estrela imensa. Sete asteri, tecnicamente seis por ora, para governar Midgard. Sete Príncipes do Inferno para desafiá-los.

Sete Portões na cidade pelos quais o Inferno tinha tentado invadir na última primavera.

Sete e sete e sete e sete, sempre esse número sagrado. Sempre…

— É uma espada antiga — disse o Rei Outonal, por fim, arrancando Ruhn de seus devaneios — de outro mundo. Feita do metal de uma estrela caída, um meteorito. Essa espada existe além das leis de nosso planeta. Talvez os ceifadores tenham sentido e se acovardado.

Os ceifadores tinham descoberto exatamente o quanto a espada estava além das leis do planeta. Porra, ela conseguia *matá-los*.

Ruhn abriu a boca, mas seu pai o farejou de novo. Franziu a testa.

— E quando você ia me contar que sua irmã estava envolvida nesse incidente? Ela é ainda mais inconsequente do que você.

Ruhn conteve a raiva crescente em seu peito.

— Apenas útil para procriação, não é?

— Ela deveria se considerar sortuda por ser valiosa o bastante para isso.

— Você deveria se considerar sortudo por ela não ter vindo até aqui lhe dar uma surra pelo noivado com Cormac.

O Rei foi até o elegante armário de bebidas atrás da mesa e retirou um decantador de cristal com o que parecia e cheirava a uísque.

— Ah, eu já estou esperando há dias. — Se serviu de um copo, sem se incomodar em oferecer a Ruhn, virando-o. — Imagino que você a

convenceu a não fazer isso.

— Ela decidiu sozinha que você não valia o esforço.

Os olhos do pai dele fervilharam quando apoiou o copo e o decantador na beira da mesa.

— Se essa espada está reagindo — disse o Rei Outonal, ignorando a alfinetada de Ruhn —, sugiro mantê-la longe de sua irmã.

Tarde demais.

— Eu já a ofereci a ela. Bryce não quis. Não acho que ela está interessada em sua política.

Ainda assim, correra para dentro de um esgoto cheio de ceifadores para resgatá-lo. O coração de Ruhn se apertou.

O pai se serviu de mais um copo. Um sinal de que alguma coisa a respeito daquela conversa o abalava; contudo, a voz do Rei Outonal soou inexpressiva quando disse:

— Nos tempos antigos, rivais Estrelados cortavam a garganta um do outro. Até das crianças. Ela agora é mais poderosa do que nós dois, como você gosta de me lembrar.

Ruhn resistiu à vontade de perguntar se isso havia influenciado o fato de o pai ter assassinado o último guerreiro Estrelado.

— Está me mandando matar Bryce?

O Rei bebeu do uísque antes de responder:

— Se você tivesse alguma coragem, teria feito isso assim que descobriu que ela era Estrelada. Agora o que você é? — Mais um gole antes de ele dizer, casualmente: — Um príncipe de segunda classe que só tem a espada porque ela permite que você a tenha.

— Colocar a gente um contra o outro não vai funcionar. — Mas aquelas palavras… *príncipe de segunda classe*… atingiram seu âmago. — Bryce e eu estamos bem.

O Rei Outonal esvaziou o copo.

— Poder atrai poder. É o destino dela estar unida a um macho poderoso que se equipare em força. Eu preferiria não descobrir o que virá de sua união com o Umbra Mortis.

— Então você a prometeu a Cormac para evitar isso?

— Para garantir aquele poder aos feéricos.

Ruhn lentamente pegou Áster. Recusou-se a encarar o pai enquanto embainhava a espada de volta. — Então ser rei é isso?

Aquela merda antiga sobre manter os amigos perto e os inimigos mais perto ainda?

— Ainda não se sabe se sua irmã é uma inimiga dos feéricos.

— Eu acho que esse fardo recai sobre você. Abusar de sua autoridade não ajuda.

O pai devolveu o decantador de cristal para o armário.

— Sou um rei dos feéricos. Minha palavra é a lei. Não tenho como abusar de minha autoridade se ela não tem limites.

— Talvez devesse ter. — As palavras saíram sem pensar.

O Rei Outonal ficou imóvel de uma maneira que sempre antecipava sofrimento.

— E quem vai impô-los?

— A governadora.

— Aquela anjo de olhos gentis? — Uma risada sem humor. — Os asteri sabiam o que estavam fazendo quando nomearam um cordeiro para governar uma cidade de predadores.

— Talvez, mas aposto que os asteri concordariam que há limites para seu poder.

— Por que não pergunta a eles, então, príncipe? — O rei sorriu lentamente, cruelmente. — Talvez eles façam de você o rei em vez de mim.

Ruhn sabia que, dependendo de sua resposta, estaria em uma situação de vida ou morte. Então deu de ombros de novo, casual como sempre, e se dirigiu à porta.

— Talvez eles encontrem um jeito de fazer você viver para sempre. Eu certamente não tenho interesse nessa merda de cargo.

Não ousou olhar para trás antes de sair.



Bryce encostou na lateral do beco entre um prédio de tijolos e o Cais Preto, os braços cruzados e o rosto petrificado. Hunt, que os deuses o abençoassem, estava ao lado dela na mesma posição. Viera assim que ela ligou, suspeitando que a voz estranhamente calma significava que algo tinha acontecido.

Só conseguira contar vagamente sobre os ceifadores antes de encontrarem Cormac, rondando pela área em busca de Emile.

Cormac estava encostado na parede de frente para eles, concentrado no cais adiante. Nem mesmo os camelôs vendendo bugigangas para turistas iam até ali.

— Então? — perguntou o príncipe avalleno, sem tirar os olhos do Cais Preto.

— Você consegue se teletransportar — disse Bryce com a voz baixa. *Isso* fez os olhos de Hunt se arregalarem. Controlou-se, no entanto, sólido e imóvel como uma estátua, asas fechadas, já transbordando com poder. Um piscar de olhos e Hunt liberaria relâmpago no príncipe.

— E daí? — perguntou Cormac, arrogante.

— O que você fez com os ceifadores que teletransportou?

— Coloquei-os quase um quilômetro no céu. — Sorriu de forma sombria. — Não ficaram felizes.

Hunt ergueu as sobrancelhas.

— Você consegue ir tão longe assim? Com tanta precisão assim? — Bryce perguntou.

— Eu preciso saber o local. Se for um lugar mais complicado, no interior, ou em um quarto específico, preciso de coordenadas exatas — falou Cormac. — Minha precisão está dentro de centímetros.

Bem, isso explicava como ele tinha aparecido na festa de Ruhn. A tecnologia de Dec havia captado Cormac se teletransportando em volta do perímetro da casa provavelmente para calcular onde queria aparecer para fazer uma entrada triunfal. Depois que calculou, simplesmente saiu de uma sombra à porta.

Hunt apontou para uma caçamba de lixo a meio caminho do beco.

— Teletransporte-se para lá.

Cormac fez uma reverência debochada.

— Esquerda ou direita?

Hunt fixou um olhar gélido a ele.

— Esquerda — desafiou o anjo. Bryce conteve um sorriso.

Cormac se curvou mais uma vez e sumiu.

Em um piscar de olhos, reapareceu onde Hunt tinha indicado.

— Merda. — murmurou Hunt, esfregando a nuca. Então, Cormac ressurgiu diante deles, bem onde estava antes.

Bryce desencostou da parede.

— Como você faz isso?

Cormac alisou o cabelo loiro.

— Você precisa imaginar para onde quer ir. Então simplesmente se permitir fazer isso. Como se estivesse dobrando dois pontos em uma folha de papel de forma que os pontos se encontrem.

— Como um buraco de minhoca — ponderou Hunt, as asas farfalhando.

Cormac acenou com a mão casualmente.

— Buraco de minhoca, teletransporte, isso. Tanto faz.

Bryce exalou, impressionada. Isso, no entanto, não explicava…

— Como você encontrou Ruhn e eu?

— Eu estava indo me encontrar com vocês, lembra? — Cormac revirou os olhos, como se Bryce deveria ter entendido àquela altura.

Babaca. — Eu vi você pular para dentro do esgoto, e fiz uns cálculos mentais para o salto. Ainda bem que estavam certos.

Hunt soltou um grunhido de aprovação, sem dizer nada.

Então Bryce falou:

— Você vai me ensinar a fazer isso. Teletransporte.

Hunt se virou para ela. Cormac simplesmente assentiu.

— Se estiver dentro das suas capacidades, eu ensino.

— Sinto muito, mas feéricos conseguem simplesmente *fazer* essa merda? — Hunt falou subitamente.

— *Eu* consigo fazer essa merda — replicou Cormac. — Se Bryce tiver tanto da habilidade Estrelada que parece ter, talvez também consiga fazer.

— Por quê?

— Porque eu sou a Superpoderosa e Especial Princesa Estrelada Mágica — respondeu Bryce, erguendo as sobrancelhas.

— Você deveria tratar seu título e seus dons com a devida reverência. — Cormac falou.

— Você fala como um ceifador — disse, encostando em Hunt, que a aconchegou ao lado do corpo. As roupas ainda estavam encharcadas. E tinham um cheiro insuportável.

Hunt não se desvencilhou ao perguntar.

— Como você herdou a habilidade?

Cormac aprumou os ombros, cada centímetro do príncipe orgulhoso conforme dizia:

— Costumava ser um dom dos Estrelados. Foi o motivo pelo qual eu me tornei tão… determinado em conseguir Áster. Achei que a habilidade de me teletransportar significava que a linhagem tinha ressurgido em mim, pois jamais conheci ninguém que podia fazer o mesmo. — Os olhos se apagaram quando acrescentou: — Como vocês sabem, eu estava errado. Tenho sangue Estrelado, aparentemente, mas não foi o suficiente para ser digno da espada.

Bryce não entraria nesse assunto. Prendeu o cabelo molhado em um coque apertado no alto da cabeça.

— Quais são as chances de eu também ter o dom?

Cormac deu a ela um sorriso incisivo.

— Só tem um jeito de descobrir.

Os olhos de Bryce brilharam com o desafio.

— Viria a calhar.

Hunt murmurou, a voz maravilhada:

— Tornaria você indomável.

Bryce piscou um olho para Hunt.

— Ô se viria. Principalmente se os ceifadores não estivessem brincando sobre o Príncipe do Fosso tê-los enviado para me desafiar para algum duelo épico no campo de batalha. Oponente digno uma ova.

— Você não acredita que o Príncipe do Fosso os enviou? — perguntou Cormac.

— Não sei em que acreditar — admitiu Bryce. — Mas antes de agirmos precisamos confirmar de onde vieram aqueles ceifadores, quem os enviou.

— Justo! — disse Hunt.

Bryce prosseguiu:

— Além disso, esse é o segundo aviso que recebo sobre os exércitos do Inferno estarem prontos. O de Apollion é exagerado demais para o meu gosto, mas acho que *realmente* quer passar a mensagem. E quer que eu seja páreo para ele quando o Inferno escapar. Literalmente, acho.

Bryce sabia que não tinha porra nenhuma de chance de enfrentar o Devorador de Estrelas e viver, não se não aprendesse a usar o próprio poder. Apollion tinha matado uma porra de asteri, pelo amor dos deuses. Ele a destruiria.

Disse a Cormac:

— Amanhã à noite. Você. Eu. Centro de treinamento. Vamos tentar essa coisa de teletransporte.

— Tudo bem — disse o príncipe.

Bryce limpou a sujeira que ficara sob as unhas e suspirou.

— Eu podia ter vivido sem que o Inferno se metesse nisso. Sem Apollion aparentemente querer um pedaço dos poderes de Sofie e Emile.

— Os poderes deles — disse Cormac, o rosto tempestuoso — são uma bênção e uma maldição. Não me surpreende tantas pessoas os quererem.

Hunt franziu a testa.

— E você acha mesmo que vai encontrar Emile simplesmente passeando por aqui?

O príncipe demonstrou irritação.

— Não estou vendo você varrendo o cais em busca dele.

— Não preciso — disse Hunt, arrastado. — Vamos procurar por ele sem levantar um dedo.

Cormac fez cara de desprezo:

— Usando seu relâmpago para vasculhar a cidade?

Hunt não caiu na provocação.

— Não. Usando Declan Emmett.

Deixando os machos na disputa deles, Bryce pegou o celular e discou. Jesiba respondeu no segundo toque.

— O quê?

Bryce sorriu. Hunt se virou parcialmente em sua direção ao ouvir a voz da feiticeira.

— Tem algum Marco da Morte por aí?

Hunt cochichou:

— Não pode estar falando sério.

Bryce o ignorou quando Jesiba respondeu:

— Talvez. Está planejando fazer uma viagem, Quinlan?

— Ouvi falar que o Quarteirão dos Ossos é lindo nessa época do ano.

Jesiba riu, um som ondulante, abafado.

— De vez em quando, você me diverte. — Pausa. — Você precisa pagar por essa, sabe disso.

— Mande a conta para meu irmão. — Ruhn teria uma síncope, mas podia lidar.

Outra risada baixa.

— Só tenho dois. E só chegam aí amanhã.

— Tudo bem. Obrigada.

A feiticeira disse, um pouco mais delicadamente:

— Você não vai encontrar vestígios de Danika no Quarteirão dos Ossos, sabe.

Bryce ficou tensa.

— O que isso tem a ver?

— Achei que você finalmente fosse começar a fazer perguntas sobre ela.

Bryce apertou o telefone com tanta força que o plástico rangeu.

— Que tipo de perguntas? — Que merda Jesiba sabia?

Uma risada baixa.

— Por que você não começa se perguntando por que ela estava sempre xeretando pela galeria?

— Para me ver. — disse Bryce, entre os dentes.

— Se você diz. — disse Jesiba, e desligou.

Bryce engoliu em seco e guardou o celular.

Hunt estava balançando a cabeça lentamente.

— Nós não vamos ao Quarteirão dos Ossos.

— Concordo — resmungou Cormac.

— Você não vai mesmo — disse com doçura para Cormac. — Nós só teremos duas passagens, e Athalar vai comigo. — O príncipe fervilhou de ódio, mas Bryce se virou para Hunt. — Quando as moedas chegarem, quero estar preparada, ter o máximo de informação possível sobre de onde vieram os ceifadores.

Hunt fechou as asas atrás dele, penas farfalhando.

— Por quê?

— Para que o Sub-Rei e eu possamos ter uma conversa franca bem embasada.

— O que foi aquela merda que Jesiba disse sobre Danika? — perguntou Hunt, cauteloso.

A boca de Bryce se contraiu em uma linha fina. Jesiba não fazia, nem dizia nada sem um motivo. E, embora soubesse que jamais obteria respostas com sua antiga chefe, esse empurrãozinho já era um começo.

— Pelo visto vamos ter que pedir mais um favor a Declan.

* * *

Naquela noite, ainda se recuperando dos eventos do dia, Ruhn zapeou pelos canais da TV até encontrar o jogo de solebol, então largou o controle remoto e bebeu da cerveja.

Na outra ponta do sofá, no apartamento de Bryce, Ithan Holstrom estava debruçado sobre um laptop, Declan ao seu lado utilizava o

próprio. Bryce e Hunt estavam de pé atrás dos dois, olhando por cima dos ombros; a expressão do anjo demonstrava inquietude.

Ruhn não tinha contado a nenhum deles, principalmente Bryce, sobre a conversa com seu pai.

Ithan digitava sem parar, então falou:

— Estou superenferrujado nisso.

— Se você fez a aula de Introdução aos Sistemas e Matrizes de Kirfner, vai se sair bem. — Dec respondeu, ainda olhando para o computador.

Ruhn costumava se esquecer de que Dec era amigo de outras pessoas que não ele e Flynn. Embora nenhum dos três tivesse feito faculdade, Dec tinha cultivado uma amizade de anos com o temperamental professor de ciência da computação de UCLC, frequentemente se consultando com o sátiro em algumas de suas empreitadas de hacking.

— Ele me deu 7 naquela aula — murmurou Ithan.

— Até onde sei, isso é praticamente um 10 — falou Declan.

— Certo — disse Bryce —, alguma ideia de quanto tempo isso vai levar?

Declan lançou a ela um olhar de exasperação.

— Você está pedindo que a gente faça duas coisas ao mesmo tempo, e nenhuma delas é fácil, então… espera um pouco?

Ela fez careta.

— Quantas câmeras existem no Cais Preto?

— Muitas — disse Declan, retornando ao computador. Olhou para o laptop de Holstrom. — Clique ali. — Ele apontou para um ponto na tela que Ruhn não conseguia ver. — Agora digite este código para identificar a filmagem que contém ceifadores.

Estava além de sua compreensão como Dec conseguia direcionar Ithan a esquadrinhar as filmagens no entorno do Cais Preto enquanto *também* criava um programa para procurar anos de filmagens de vídeo de Danika na galeria.

— É incrível que você tenha feito isso — disse Ithan, sem pouca admiração.

— Ossos do ofício — respondeu Dec, digitando. Encontrar qualquer filmagem da galeria em que Danika aparecesse podia levar

dias, dissera, mas pelo menos analisar as filmagens do Cais Preto só levaria minutos.

Cautelosamente, Ruhn perguntou a Bryce:

— Tem certeza de que confia em Jesiba o suficiente para seguir essa pista? Ou para qualquer coisa?

— Jesiba literalmente tem uma coleção de livros que poderiam fazer com que fosse morta — disse Bryce, sarcasticamente. — Eu acredito que ela saiba ficar longe de… relações perigosas. E que não me empurraria para uma também.

— Por que não lhe disse para olhar as filmagens durante a investigação na primavera? — perguntou Hunt.

— Não sei. Mas Jesiba deve ter um bom motivo.

— Ela me dá medo — disse Ithan, o olhar fixo no computador.

— Ela vai ficar feliz em saber disso — falou Bryce, mas seu rosto estava tenso.

O que tá pegando?, perguntou Ruhn entre mentes.

Bryce franziu a testa. *Quer a resposta sincera?*

Sim.

Prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. *Não sei quanto mais dessa coisa de "Surpresa! Danika tinha um grande segredo!" posso suportar. Parece que… Eu sei lá… Parece que jamais a conheci de verdade.*

Ela amava você, Bryce. Não há dúvida disso.

É, eu sei. Mas será que Danika sabia sobre os livros da Parthos, ou dos outros tomos contrabandeados, na galeria? Jesiba fez parecer que sim. Como se ela tivesse um interesse especial neles.

Vocês nunca falaram sobre isso?

Nunca. Mas Jesiba estava sempre monitorando as câmeras, então… talvez ela tenha visto alguma coisa. Danika foi lá embaixo sem mim muitas vezes. Embora Lehabah também costumasse estar lá.

Ruhn reparou na dor que tomou o rosto da irmã dele diante do nome da duende do fogo.

A gente vai descobrir, ofereceu Ruhn, e Bryce novamente deu a ele um sorriso em agradecimento.

— Não se esqueça de ficar de olho em Emile no cais — disse Bryce a Ithan. Cormac tinha recusado o convite para se juntar a eles ali, disse que queria continuar procurando o menino no local.

— Já acrescentei ao programa — disse Declan. — Vai sinalizar qualquer ceifador ou qualquer pessoa cujas feições e compleição sejam compatíveis com as do menino. — Dec tinha conseguido pegar uma imagem da filmagem de segurança de Servast na noite em que Emile e Sofie se separaram.

Ruhn mais uma vez observou a irmã, que estava olhando por cima do ombro de Declan com uma intensidade que reconhecia. Bryce não deixaria nada daquilo passar.

Será que conseguiria se teletransportar? Dissera que Cormac tinha concordado em tentar ensiná-la. E isso não seria algo de tirar o Rei Outonal do sério? Bryce mais teletransporte mais poder Estrelado mais Áster com habilidades de assassinato bizarras mais Bryce magicamente superando o pai era igual a…

Ruhn manteve o rosto neutro, afastando os pensamentos do que uma Bryce evoluída poderia significar para os feéricos.

Ithan terminou de digitar o código, e disse, sem erguer os olhos:

— Hilene vai ganhar esse.

Ruhn verificou o jogo de solebol, cujo primeiro tempo acabava de começar.

— Achei que Ionia fosse o favorito.

Ithan esticou as longas pernas, apoiando os pés descalços em um banquinho acolchoado que Bryce tinha arrastado das janelas até ali para substituir a mesa de centro no momento.

— Jason Regez esteve fora nos dois últimos jogos. Eu joguei com ele em UCLC, consigo ver quando ele começa a entrar em pânico. Vai foder com tudo para Ionia.

Ruhn olhou para Ithan. Mesmo com alguns anos fora do campo de solebol, o macho não havia perdido os músculos. De alguma forma, tinha ficado ainda maior desde então.

— Eu odeio Ionia mesmo — falou Dec. — Eles são todos babacas arrogantes.

— Basicamente. — Ithan digitou a linha de código seguinte que Declan passou para ele.

Bryce bocejou audivelmente.

— Não podemos assistir a *Amor Secreto*?

— Não — responderam todos.

Bryce cutucou Hunt com o cotovelo.

— Achei que a gente fosse uma equipe.

Hunt riu com deboche.

— Solebol sempre vence reality shows.

— Traidor.

Ithan deu uma risadinha.

— Eu me lembro de uma época em que você conhecia todos os jogadores do time da UCLC e os resultados deles, Bryce.

— Se você acha que era porque eu estava remotamente interessada no jogo de solebol de verdade você está fora da casinha.

Hunt gargalhou, parte da tensão no rosto do anjo se aliviando, e Ruhn sorriu, apesar do antigo aperto no coração. Havia perdido aqueles anos com Bryce. Não estavam se falando naquela época. Aqueles tinham sido anos de formação, cruciais. Deveria ter estado lá.

Ithan mostrou o dedo do meio, mas disse a Declan:

— Tudo bem, entrei.

Bryce observou a tela.

— Está vendo algum ceifador atravessando de barco?

— Pelo visto, nada atracou no Cais Preto hoje. Ou ontem à noite.

Athalar perguntou:

— Quando foi a última vez que um ceifador aportou?

Ithan continuou digitando, os outros esperando, os ágeis toques de Declan nas teclas de seu computador ecoavam pelo espaço. O lobo disse:

— Ontem de manhã. — Fez uma careta. — Esses dois parecem familiares?

Bryce e Ruhn avaliaram a imagem que Ithan tinha puxado. Ruhn não fazia ideia do porquê diabos se importava, já que estava inconsciente quando foi atacado, mas um calafrio percorreu sua espinha diante dos rostos murchos e acinzentados, a pele semelhante a um crepe, tão destoante dos dentes pontiagudos e afiados que reluziam conforme saíam do barco. Ambos estavam sem os véus durante a viagem pelo Istros, mas os colocaram sobre o rosto assim que o pisaram no Cais Preto e flutuaram até a cidade.

Bryce disse, com a voz rouca:

— Não. Deuses, eles são terríveis. Mas não, não foram esses que atacaram.

— Talvez se escondam durante alguns dias — falou Athalar. — O Príncipe do Fosso só nos ameaçou, mas pode muito bem tê-los posicionado.

Ruhn não fazia ideia de como o anjo falava com tanta calma. Se o Devorador de Estrelas tivesse aparecido para *ele* querendo levar um papo cara a cara, ainda estaria cagando nas próprias calças.

— Também não estou vendo nenhuma criança espreitando o Cais Preto. — murmurou Ithan, avaliando os resultados. Ele se virou para Bryce. — Nenhum sinal de Emile.

— É possível que o menino tenha tomado outro caminho até aqui? Talvez Danika tenha encontrado algum tipo de porta dos fundos no Quarteirão dos Ossos. — Ruhn perguntou.

— Não é possível — disse Athalar. — Há apenas uma entrada e uma saída.

Ruhn se irritou.

— Foi o que nos disseram, mas alguém já tentou entrar de outra forma?

Athalar riu com escárnio.

— Por que iriam querer?

Ruhn olhou para o anjo com raiva, mas falou:

— Justo.

Ithan parou em uma imagem.

— E este aqui? Ele não pegou um barco, apareceu vindo da cidade…

— É esse — sibilou Bryce, o rosto empalidecendo.

Estudaram a imagem estática; o ceifador estava parcialmente virado para a câmera, vindo de uma rua perto do Cais Preto. Era mais alto do que os demais, mas tinha o mesmo rosto acinzentando e macilento, os mesmos dentes assustadores.

Athalar assoviou.

— Você sabe mesmo escolher, Quinlan.

Ela fez cara feia para o anjo, mas perguntou a Dec:

— De onde ele está vindo? Consegue acrescentar o rosto dele ao programa e fazer uma busca pelas filmagens da cidade?

Declan ergueu as sobrancelhas.

— Você sabe quanto tempo *isso* vai levar? Todas as câmeras de Lunathion? Não faremos isso nem para procurar Emile. Levaria… Eu

não consigo nem calcular de quanto tempo precisaríamos.

— Certo, certo — disse Bryce. — Mas podemos… segui-lo por um tempo? — Direcionou a pergunta para Ithan, mas o lobo balançou a cabeça.

— Deve haver um motivo lógico para isso, uma falha na cobertura das câmeras ou algo assim, mas aquele ceifador simplesmente… surgiu.

— Micah fez com que o kristallos permanecesse nos pontos cegos das câmeras. — disse Hunt, taciturno. — Talvez esses ceifadores também soubessem deles.

— Bem aqui é onde eles aparecem pela primeira vez. Antes disso, nada. — Ithan apontou para a tela.

Ruhn abriu o aplicativo da Aux e puxou um mapa da cidade.

— Deveria haver uma entrada para o esgoto bem atrás deles. É possível que tenham saído dali?

Ithan mudou o ângulo das filmagens.

— As câmeras não cobrem a entrada.

Bryce falou:

— Então provavelmente sabiam que seria um bom ponto de entrada. E faria sentido, considerando que nos arrastaram para os esgotos. — Onde não havia câmera alguma.

— Vou procurar mais um pouco — sugeriu Ithan, clicando.

Athalar perguntou a ninguém em particular:

— Acha que eles estavam esperando por vocês, ou por Emile?

— Talvez os dois? — perguntou Ruhn. — Eles obviamente queriam permanecer escondidos.

— Mas será que o Príncipe do Fosso os enviou, ou será que foi o Sub-Rei?

— Que bom que temos um encontro com o ser que pode responder a isso — falou Bryce.

Ruhn se encolheu. Pagara pelos Marcos da Morte que Jesiba havia prometido, mas não ficou feliz com isso. A ideia de Bryce confrontando o Sub-Rei o apavorava.

— Precisamos de um plano sobre como o interrogaremos — avisou Athalar. — Duvido que ele goste de sequer ser interrogado.

— Por isso a pesquisa — rebateu Bryce, indicando o computador. — Acha que sou burra o bastante para entrar jogando acusações por

lá? Se pudermos confirmar se esses ceifadores vieram ou não do Quarteirão dos Ossos, teremos evidências quando o interrogarmos. E, se conseguirmos qualquer indício de que Emile foi realmente até o Quarteirão dos Ossos, então teremos um bom motivo para perguntar sobre isso também.

Ithan acrescentou:

— Considerando o que Tharion acha que Pippa Spetsos fez enquanto caçava Emile, em parte estou esperando que o menino já esteja no Quarteirão dos Ossos. — Passou a mão pelo cabelo castanho curto. — O que ela fez com a selkie que encontramos esta manhã não foi brincadeira.

O lobo tinha inteirado todos sobre o trabalho que fizera com Tharion mais cedo, o corpo torturado que suspeitavam ter sido abandonado pela fanática rebelde.

Bryce começou a andar de um lado para outro. Syrinx trotava em seu encalço, choramingando por um segundo jantar. Ruhn não comentou sobre como o pai deles fazia o mesmo, como o vira fazer tantas vezes em seu escritório. Não suportando a semelhança, voltou a atenção para o jogo de solebol.

Então Ithan disse a Ruhn, retomando a conversa que tiveram antes:

— Está vendo? Regez deveria ter finalizado aquele lance, mas hesitou. Está duvidando de si mesmo. Está pensando demais.

Ruhn olhou de esguelha para o macho.

— Você nunca pensou em jogar de novo?

Um músculo se contraiu na mandíbula de Ithan.

— Não.

— Sente falta?

— Não.

Era uma mentira deslavada. Ruhn não deixou de notar o olhar terno de Bryce.

Ithan nem mesmo olhou em sua direção. Então Ruhn assentiu para o lobo.

— Se algum dia quiser jogar por diversão, eu, Dec e Flynn costumamos jogar com alguns membros do Aux aos domingos, lá no Bosque da Lua em Oleander Park.

— E o meu convite? — perguntou Bryce, fazendo uma careta.

— Obrigado. Vou pensar nisso — respondeu Ithan, seco.

Hunt perguntou:

— Também não ganho um convite, Danaan?

Ruhn riu para o Anjo.

— Se você quer uma desculpa para eu acabar com você, Athalar, conte comigo.

Athalar deu uma risadinha, mas seu olhar mirou Bryce, olhando por cima do ombro de Declan para a filmagem que avançava como um relâmpago pelo laptop. Uma filmagem de Danika de anos antes.

Alinhou a postura subitamente.

Pigarreou.

— Vou para a academia. Me chamem se precisarem de alguma coisa. — Dirigiu-se ao quarto, provavelmente para trocar de roupa. Ruhn observou Hunt olhar Bryce se afastando e depois para o jogo de solebol. Ponderando sobre qual dos dois acompanhar.

Athalar levou trinta segundos para decidir. Enfiou-se dentro do quarto, dizendo que também ia para a academia.

Assim que Ruhn ficou sozinho com Dec e Ithan, a cerveja pela metade, Ithan falou:

— Connor teria escolhido o jogo.

Ruhn ergueu uma sobrancelha.

— Não sabia que era uma competição entre eles. — Entre um macho morto e um vivo.

Ithan apenas continuou digitando, os olhos desviando da tela.

E por algum motivo, Ruhn ousou perguntar:

— Qual você teria escolhido?

Ithan não hesitou.

— Bryce.



Bryce não foi para a academia. Pelo menos, ainda não. Esperava diante do elevador e, quando Hunt apareceu, bateu no pulso e disse:

— Você está atrasado. Vamos.

Parou.

— Não vamos malhar?

Bryce revirou os olhos, entrando no elevador e apertando o botão do saguão.

— Sinceramente, Athalar. Temos uma criança para encontrar.

* * *

— Você acha mesmo que Emile está *aqui*? E o Quarteirão dos Ossos? — perguntou Hunt, Bryce passeava entre o labirinto de barracas que compunham um dos muitos armazéns do Mercado da Carne. Não tinha como não reparar nela, não com os tênis rosa-néon e a roupa atlética, o rabo de cavalo alto que balançava de um lado para outro, roçando provocadoramente perto da gloriosa curva de sua bunda. — Os ceifadores praticamente disseram a você que ele e Sofie estão

escondidos lá. Emmett e Holstrom estão esquadrinhando as filmagens porque *você* acredita que Emile está lá.

Parou em uma área aberta para se sentar, observando a variedade apinhada de mesas e os fregueses inclinados sobre elas.

— Perdoe-me se não confio na palavra daqueles semivivos. Nem quero esperar enquanto Declan e Ithan olham para a tela deles. Jesiba disse que as moedas chegarão amanhã, então por que não procurar alternativas enquanto isso? O que Danika disse… *Onde as almas cansadas encontram alívio*… Não poderia ser aqui também?

— Por que Danika diria para se esconderem no Mercado da Carne?

— Por que dizer para se esconderem no *Quarteirão dos Ossos*? — Farejou, suspirando com desejo para uma tigela de sopa de macarrão.

Hunt falou:

— Mesmo que Danika ou Sofie tivessem dito a Emile que era seguro se esconder, se eu fosse um menino não teria vindo para cá.

— Você foi uma criança há, tipo, mil anos. Desculpe se minha infância é um pouco mais relevante.

— Duzentos anos — murmurou.

— Ainda é velho pra caralho.

Hunt beliscou a bunda dela e Bryce chiou, abanando Hunt para longe, atraindo mais do que alguns olhares nada discretos. Quanto tempo levaria para que a Rainha Víbora soubesse que estavam ali? Hunt tentou não fervilhar ao pensar naquilo. Tinha zero interesse em lidar com a metamorfa naquela noite.

Hunt marcou os rostos que se viraram em sua direção, aqueles que se moveram para dentro das barracas e das sombras.

— E, se foi aqui que Sofie disse a ele que se escondesse, Sofie foi uma tola por dar ouvidos a Danika. Embora eu duvide muito que Danika tivesse sugerido este como um ponto de encontro.

Bryce o olhou com irritação por cima de um ombro.

— Esse menino roubou *dois* barcos e chegou até aqui. Acho que ele dá conta do Mercado da Carne.

— Tudo bem; considerando isso, você acha que ele simplesmente vai estar sentado em uma mesa, brincando de guerrinha de polegar? Você não difere em nada de Cormac, marchando pelo cais em busca de algum sinal. — Hunt balançou a cabeça. — Se você encontrar

Emile, não se esqueça de que terá Tharion e Cormac lutando contra você.

Bryce deu um tapinha na bochecha dele.

— Então que bom que eu tenho o Umbra Mortis ao meu lado, hein?

— Bryce — resmungou. — Seja racional. Vamos revirar cada armazém nós mesmos?

— Não. — Apoiou as mãos no quadril. — Por isso eu trouxe reforços.

Hunt arqueou as sobrancelhas. Bryce levantou a mão, acenando para alguém do outro lado do mercado. Acompanhando o seu olhar, soltou baixinho. — Não acredito.

— Você não é o único fodão que eu conheço, Athalar — disse animada, aproximando-se de Fury e Juniper, a primeira em seu preto habitual, a segunda com jeans justo e uma blusa branca esvoaçante. — Oi, amigas — disse Bryce, sorrindo. Beijou a bochecha de June como se estivessem se encontrando para um brunch, então olhou Fury de cima a baixo. — Eu falei roupas casuais.

— Estas são as roupas casuais dela — falou Juniper, com um sorriso no olhar.

Fury cruzou os braços, ignorando as duas ao dizer a Hunt:

— Roupas de ginástica? Sério?

— Achei que eu *ia* para a academia — resmungou.

Bryce acenou como se o dispensasse.

— Certo. Dividir para conquistar. Tentem não atrair muita atenção. — Falou isso especialmente para Hunt e Fury, e a mercenária exibiu irritação com uma ameaça impressionante. — Não façam perguntas. Apenas observem… ouçam. June, você fica com as barracas ao leste, Fury, oeste, Hunt, sul e eu… — Seu olhar pairou até a parede norte, onde *Memento Mori* tinha sido pintado. As barracas sob as palavras, sob a passarela elevada, estavam ao alcance da entrada da ala da Rainha Víbora.

Fury a olhou, Bryce piscou um olho.

— Sou grandinha, Fury. Vou ficar bem.

Hunt grunhiu, mas conteve qualquer objeção.

— Não é com isso que estou preocupada — disse Fury; então perguntou, em voz baixa: — Quem é o menino mesmo?

— O nome dele é Emile — sussurrou Bryce. — Ele é de Pangera. Treze anos.

— E possivelmente muito, muito perigoso — avisou Hunt, olhando para Juniper. — Se o vir, venha nos encontrar.

— Eu posso cuidar de mim mesma — disse Juniper, com uma frieza impressionante.

— Ela também é grandinha. — Bryce fez um high-five com a amiga. — Certo. A gente se encontra aqui em trinta minutos?

Dividiram-se, e Hunt viu Bryce entremear pelas mesas da área de alimentação, observou os muitos fregueses repararem nela, mas se manteve bem longe, antes de deslizar entre as barracas. Olhares inquisidores se voltaram para ele. Hunt exibiu os dentes com um rosnado silencioso.

Dirigindo-se à sua área para vasculhar. Hunt aguçou os sentidos, acalmou a respiração.

Trinta minutos após, retornou para a praça de alimentação, Juniper apareceu um momento depois.

— Encontrou algo? — perguntou à fauna, que balançou a cabeça.

— Nem um sussurro. — A dançarina franziu a testa. — Eu espero mesmo que esse menino não esteja aqui. — disse olhando com uma carranca para o armazém. — Odeio este lugar.

— Somos dois — disse Hunt.

Juniper esfregou o peito.

— Você deveria falar com Celestina sobre isso… sobre as coisas que acontecem aqui. Não só aquele ringue de luta e os guerreiros que a Rainha Víbora praticamente escraviza… — A fauna balançou a cabeça. — As outras coisas também.

— Até mesmo Micah deixava a Rainha Víbora fazer o que ela queria — disse Hunt. — Não acho que a nova governadora vai desafiá-la tão cedo.

— Alguém deveria — disse em voz baixa, os olhos se voltando para o *Memento Mori* na parede. — Algum dia, alguém deveria.

Suas palavras eram assombrosas e tensas o bastante para que Hunt abrisse a boca a fim de perguntar mais, mas Fury se aproximou, sutil como uma sombra, e disse:

— Nenhum sinal do menino.

Hunt procurou por Bryce e a encontrou em uma barraca muito próxima à porta vigiada pelos feéricos da área de residência privada da Rainha Víbora. No entanto, as altas sentinelas a meros quinze metros dela nem mesmo piscaram diante de sua presença. Girava uma sacola presa ao pulso, batendo papo.

Bryce encerrou a conversa e foi até eles. Mais uma vez, olhos demais a observaram.

— Ela está toda animadinha — observou Juniper, rindo. — Deve ter conseguido uma pechincha.

O odor de sangue e osso e carne se enfiou pelo nariz de Hunt conforme Bryce se aproximou.

— Consegui uns ossos de cordeiro no açougueiro para Syrinx. Ele fica louco pela medula. — Ela acrescentou para Juniper: — Desculpe.

Certo. A fauna era vegetariana. Juniper deu de ombros.

— Qualquer coisa pelo carinha.

Bryce sorriu, então olhou para todos eles.

— Nada?

— Nada — disse Hunt.

— Nem eu — disse Bryce, suspirando.

— E agora? — perguntou Fury, monitorando a multidão.

— Mesmo que Declan e Ithan não consigam encontrar nenhuma filmagem de Emile pelo Cais Preto — disse Bryce —, o fato de que não há indícios aqui no Mercado da Carne nos leva direto ao Quarteirão dos Ossos. O que nos dá mais motivos para ao menos perguntar ao Sub-Rei se Emile está lá.

O sangue de Hunt ebuliu. Quando ela falava assim, tão determinada e sem hesitar… As bolas enrijeciam. Mal podia esperar para mostrar a Bryce o quão loucamente aquilo o excitava.

Juniper sussurrou:

— Um menininho no Quarteirão dos Ossos…

— Nós o encontraremos — assegurou Bryce, passando um braço em torno dos ombros de Juniper, virando-as para a saída. Hunt trocou um olhar com Fury e as acompanharam. Athalar esperou Bryce e Juniper se afastarem, quando teve certeza de que não podiam ser ouvidos, perguntou a Axtar:

— Por que sua namorada odeia tanto este lugar?

Fury manteve a atenção nas sombras entre as barracas, os vendedores e clientes.

— O irmão dela era lutador aqui.

Hunt se espantou.

— Bryce sabe?

Fury assentiu brevemente.

— Ele era talentoso… Julius. A Rainha Víbora o recrutou da academia em que ele treinava, prometeu riquezas, fêmeas, tudo que ele quisesse se trabalhasse para ela. O que conseguiu foi um vício por seu veneno, o que o colocou sob o transe da Rainha, e um contrato vitalício. — Um músculo estremeceu na mandíbula de Fury. — Os pais de June tentaram de tudo para libertá-lo. *Tudo*. Advogados, dinheiro, súplicas a Micah por intervenção, nada funcionou. Julius morreu em uma luta há dez anos. June e os pais só descobriram porque os brutamontes da Rainha Víbora largaram o corpo à porta da família com um bilhete escrito *Memento Mori*.

A dançarina elegante caminhava de braços dados com Bryce.

— Eu não fazia ideia.

— June não fala sobre isso. Nem com a gente, mas ela odeia este lugar mais do que você pode imaginar.

— Então por que ela veio? — Por que Bryce sequer a convidara?

— Por Bryce — disse Fury, simplesmente. — Bryce disse a ela que não precisava, mas ela quis vir com a gente. Se há um menino correndo perdido neste lugar, June faria qualquer coisa para ajudar a encontrá-lo. Até mesmo vir até aqui sozinha.

— Ah — disse Hunt, assentindo.

Os olhos de Fury brilharam com uma promessa sombria.

— Eu vou queimar este lugar todo para ela um dia.

Hunt não duvidava.

* * *

Uma hora depois, os braços e a barriga de Bryce tremiam, ela fazia prancha no piso da academia do prédio, suor pingando da testa para o tapete preto macio. Bryce se concentrou nas gotas que caíam, na

música que berrava em seus fones de ouvido, em respirar pelo nariz, em *qualquer coisa* que não fosse o relógio.

O próprio tempo tinha ficado mais lento. Dez segundos duravam um minuto. Empurrou os calcanhares para trás, estabilizando o corpo. Menos dois minutos. Só mais três.

Antes da Descida, conseguia passar um bom minuto naquela posição. Com o corpo imortal, cinco minutos não deveriam ser nada.

Se realmente dominasse os poderes Primeiro, precisava dominar o corpo. Embora supunha que magia fosse a resposta ideal para pessoas preguiçosas: não precisava ser capaz de manter uma prancha por dez minutos se podia simplesmente liberar seu poder. Porra, podia cegar alguém apenas sentada se quisesse.

Riu diante da ideia, por mais que fosse horrível: deitada em uma poltrona imensa, derrubando inimigos com a facilidade com que trocava de canais com um controle remoto. Bryce *tinha* inimigos agora, não tinha? Havia matado a porra de um ceifador naquele dia.

Assim que os Marcos da Morte chegassem na manhã seguinte, exigiria respostas do Sub-Rei.

Por isso fora até lá, não apenas a fim de validar sua desculpa para sair do apartamento. Bem, por isso e por ter visto Danika no laptop de Declan varrendo as filmagens. Sua cabeça começara a girar e ácido queimava em suas veias, suar para liberar tudo aquilo parecia uma boa ideia. Sempre funcionava nas aulas da Madame Kyrah.

Devia a June uma imensa caixa de bombons por ter ido naquela noite.

Bryce verificou o relógio no celular. Dois minutos e quinze segundos. Foda-se aquilo. Caiu de barriga no chão, os cotovelos se abrindo, e deitou o rosto direto no colchonete.

Um momento depois, um pé cutucou suas costelas. Como só havia mais uma pessoa na academia, não se alarmou ao virar o pescoço para olhar Hunt. Movia os lábios, suor brotava em sua testa e encharcava sua camisa cinza. Maldito. Como podia ficar tão lindo?

Ela tirou um dos fones do ouvido.

— O quê? — perguntou Bryce.

— Eu perguntei se você está viva.

— Em partes.

Hunt sorriu e levantou a bainha da camisa para limpar o rosto pingando. Ela foi recompensada com um lampejo de abdômen escorregadio com suor. Então ele disse:

— Você caiu feito morta.

Bryce uniu os braços, esfregando os músculos doloridos.

— Eu prefiro correr. Isso é uma tortura.

— Suas aulas de dança são igualmente cruéis.

— Isso não é tão divertido.

Ofereceu sua mão, e Bryce aceitou, sua pele suada escorregando contra a dele conforme ele a levantava.

Limpou o rosto com a parte interna do braço, mas viu que estava igualmente suada. Hunt voltou para a variedade de máquinas que pareciam mais equipamentos de tortura, ajustando o assento em uma delas para acomodar as asas cinza. Bryce ficou parada no centro da sala como uma pervertida durante um momento, observando os músculos das costas de Hunt ondularem com a série de exercícios de puxada de braços.

Maldito Solas Flamejante.

Havia chupado ele. Tinha deslizado por aquele lindo corpo forte e enfiado seu pau ridiculamente grande na boca, quase gozara quando ele se derramou em sua língua.

Sabia que aquilo era totalmente fodido, considerando toda a merda que estavam enfrentando e tudo que os esperava, mas… *olhe* para ele.

Limpou o suor que escorria por seu peito, deixando uma mancha espetacularmente antissexy sob o top de ginástica.

Hunt terminou sua série, mas continuou segurando a barra acima da cabeça, os braços estendidos bem acima do corpo, alongando as costas e as asas. Mesmo de camiseta e short de ginástica, era formidável. E… ela ainda estava olhando. Bryce se virou para o próprio colchonete, fazendo uma careta ao colocar o fone de ouvido e aumentar a música ao berros. Seu corpo, no entanto, se recusava a se mexer.

Água. Precisava de um pouco de água. Qualquer coisa para postergar voltar à prancha.

Saiu arrastando os pés até o bar embutido na parede mais afastada da academia. A geladeira de bebidas sob o balcão de mármore branco

estava estocada com garrafas de vidro cheias de água e com toalhas resfriadas; Bryce se serviu de ambas. Uma tigela de maçãs verdes estava no balcão, junto com uma cesta cheia de barras de granola, pegou uma maçã, os dentes afundando na fruta crocante.

Foda-se a prancha.

Saboreando o sabor cítrico adocicado da fruta, olhou na direção de Hunt, mas… Onde ele estava? Até a ondulação característica de seu poder tinha se dissipado.

Observou a extensa academia, as fileiras de máquinas, as esteiras e os aparelhos elípticos diante da parede de janelas que dava para a confusão da Praça da Cidade Velha. Como ele…

Mãos envolveram a cintura dela, e Bryce deu um gritinho, quase morrendo de susto. Luz se projetou de seu peito, mas, com a música aos berros nos ouvidos, não conseguia ouvir nada…

— *Porra*, Quinlan! — disse Hunt, tirando os fones de ouvido dela. — Não quer ouvir sua música um pouquinho mais alto?

Bryce fez uma careta, virando-se para encontrá-lo logo atrás dela.

— Não faria diferença se você não *tivesse chegado de fininho*.

Hunt abriu um sorriso malicioso no rosto suado.

— Só estou me certificando de que minhas habilidades de Sombra da Morte não enferrujem antes do chá da tarde com o Sub-Rei amanhã. Achei bom testar se eu conseguia me dissipar um pouco. — Por isso não conseguiu senti-lo se aproximar sorrateiramente. Esfregou os olhos. — Não sabia que você estaria tão… sobressaltada. Ou *brilhante*.

— Achei que você me elogiaria pelos reflexos rápidos.

— Excelente susto. Você quase me cegou. Parabéns.

Bryce bateu em seu peito de brincadeira, encontrando músculos firmes sob a camisa encharcada de suor.

— Por Solas, Hunt. — Bateu de novo, com os nós dos dedos no peitoral. — Dá para quicar um marco de ouro dessas coisas.

Suas asas farfalharam.

— Vou tomar isso como um elogio.

Bryce apoiou os cotovelos no balcão e mordeu a maçã de novo. Hunt estendeu a mão, e ela lhe entregou um fone de ouvido. Colocando-o na orelha, inclinou a cabeça ao ouvir a música.

— Não é à toa que você não consegue fazer uma prancha por mais de dois minutos, se está ouvindo essa música deprimente.

— E sua música é lá muito melhor?

— Estou ouvindo um livro.

Bryce piscou. Costumavam trocar sugestões de músicas enquanto malhavam, mas aquilo era novo.

— Que livro?

— As memórias de Voran Tritus sobre crescer na Cidade Eterna e como ele se tornou, bem… ele. — Entre os apresentadores de talk-show noturno, Tritus era um dos mais jovens. Absurdamente gostoso. Bryce sabia que não era o motivo pelo qual Hunt assistia ao programa religiosamente, nem de perto, mas, para ela, certamente tornava assistir a ele mais agradável.

— Eu diria que ouvir um livro enquanto malho é ainda menos motivacional do que essa música *deprimente* — afirmou.

— É tudo memória muscular a esta altura. Só preciso de um passatempo.

— Babaca. — Comeu mais da maçã, então trocou a música. Uma que ouvira pela primeira vez no espaço sagrado da boate Corvo Branco, um remix de uma música mais lenta que combinava o apelo sensual da música original com uma batida envolvente, que convidava para dançar.

Hunt esboçou um sorriso, abrindo do canto da boca.

— Está tentando me seduzir com essa música?

Bryce o encarou enquanto mastigava outro bocado de maçã. A academia estava vazia. As câmeras. contudo…

— Foi você quem chegou de fininho me apalpando.

Hunt riu, seu pescoço pulsando. Uma gota de suor escorreu, brilhando em meio a toda aquela pele marrom e a respiração de Bryce falhou. As narinas do anjo se dilataram, sem dúvida sentindo o cheiro de tudo quente e úmido naquele instante.

Fechando as asas, deixou o fone de ouvido no lugar ao dar um passo para a frente. Bryce se encostou sutilmente no balcão, o mármore pressionando sua coluna superaquecida. Hunt apenas tirou a maçã dos dedos dela. Fixou os olhos nela mordendo a fruta e lentamente apoiando o miolo no balcão.

Seus dedos dos pés se curvaram dentro dos tênis.

— Aqui é ainda menos privado do que meu quarto.

As mãos de Hunt deslizaram para sua cintura, levantando-a para o balcão com um movimento leve. Seus lábios encontraram o pescoço dela, fazendo-a arquear quando o lambeu, como se limpasse uma gota de suor.

— Melhor não fazer barulho, então, Quinlan — disse Hunt, contra a sua pele.

A sala se iluminou com o relâmpago que a percorreu. Bryce não precisou olhar para saber que Hunt havia cortado os fios das câmeras, e provavelmente tinha erguido uma barreira de poder para bloquear a porta. Não precisou fazer nada a não ser aproveitar a sensação da língua dele em seu pescoço, provando e provocando.

Não se conteve ao deslizar as mãos pelos cabelos, passando pelas mechas suadas, descendo pela cabeça, até que pararam na curva de seu pescoço. Bryce o puxava para mais perto assim, Hunt levantou a cabeça de Bryce para reivindicar sua boca.

As pernas se abriram mais, acomodando-o entre elas, pressionando firme quando suas línguas se encontraram.

Bryce gemeu, sentindo o gosto de maçã e o cheiro de cedro mesclado com uma tempestade que era tão característico de Hunt, esfregando o corpo contra a rigidez exigente dele. O short de ginástica que ele vestia e sua legging justa não disfarçavam a ereção de Hunt, nem quão molhada ela estava.

Hunt envolvia a língua de Bryce com a sua, as mãos desceram da cintura dela para agarrar sua bunda. Arquejou quando os dedos dele se enterraram, puxando-a mais forte contra ele, enganchando as pernas em seu tronco. Ansiava por senti-lo profundamente, o quanto antes.

Hunt tirou sua camisa, Bryce passou os dedos pelos absurdos músculos abdominais laterais e peitorais, descendo pelos músculos contraídos das costas dele, frenética e desesperada para tocá-lo inteiro.

Sua camiseta se foi, Hunt mordiscava a pele exposta de seus seios acima do verde-água do top, o tecido quase néon contra a sua pele.

Agarrando a cintura de Bryce com ambas as mãos, os calos arranhando sua pele, Hunt a inclinou para trás, deitando-a no balcão.

Apoiou-se nos cotovelos quando o anjo se afastou, gracioso como uma maré recuando, as mãos descendo dos seios até sua barriga suada.

Prendendo os dedos no elástico da calça legging preta de Bryce, parou por um instante. Hunt a olhou fazendo uma pergunta silenciosa.

Diante do fogo que viu ali, a pura beleza, o tamanho e a perfeição dele…

— Porra, sim — disse Bryce.

Hunt sorriu maliciosamente, abaixando sua legging. Expondo o tronco de Bryce, o abdômen. Então a bainha de renda da calcinha, uma fio dental da cor de ametista. A calça e a calcinha estavam encharcadas de suor, não queria imaginar o cheiro que tinham, Bryce abriu a boca para protestar, mas Hunt já tinha se ajoelhado.

Tirou os tênis de seus pés, as meias, enfim a legging. Delicadamente, muito delicadamente, pegou seu tornozelo direito, beijando a sua parte interna. Lambendo o osso. A panturrilha. A dobra do joelho.

Ah, deuses. Aquilo estava acontecendo. No meio da academia do prédio, onde qualquer um poderia passar voando e vê-los através das janelas a seis metros do chão. Hunt iria chupá-la bem ali, Bryce precisava daquilo mais do que jamais precisara de qualquer coisa…

Hunt fez círculos com a língua pelo interior da coxa direita. Mais e mais alto, deixando-a trêmula. As mãos deslizaram para cima, fechando-se no elástico de sua calcinha. Deu um beijo nela por cima do tecido da calcinha, podia jurar que ele estremeceu ao inalar.

Bryce se liquefez, incapaz de ficar imóvel, exigente, Hunt abafou uma risada, a respiração morna contra o seu lugar mais sensível, beijando-a de novo pelo tecido.

Então beijou sua coxa esquerda, começando uma trajetória descendente, tirando a calcinha, avançando. Sem a peça no corpo, exposta ao mundo, as asas de Hunt se abriram acima dele, bloqueando-a de qualquer vista.

Apenas sua, para ser apreciada, para ser devorada.

Sua respiração ficou irregular quando a boca de Hunt chegou ao tornozelo esquerdo, beijando-o de novo, deslizando-a de volta. O anjo se posicionou entre as coxas dela; no entanto, pegou os pés de Bryce e os apoiou no balcão.

Abrindo mais suas pernas.

Bryce gemeu enquanto Hunt a escrutinava, a luz que brilhava através de suas asas o fazia parecer um anjo vingador aceso com fogo interior.

— Olhe só você — murmurou, com a voz gutural em desejo.

Jamais se sentira tão exposta, porém tão vista e adorada. Não quando Hunt deslizou um dedo por sua umidade.

— Porra. — grunhiu, mais para si, Bryce realmente, de verdade, não conseguia respirar quando se ajoelhou de novo, a cabeça posicionada onde mais o queria.

Com dedos suaves, respeitosos, o anjo a tocou, abrindo-a para prová-la. A língua deslizando, como se apresentando: *Oi, prazer em te foder*. Mordeu o lábio, ofegando pelo nariz.

Hunt curvou a cabeça, a testa apoiada logo acima de seu Monte de Vênus, suas mãos deslizaram pelas coxas de Bryce mais uma vez. Inalou e exalou, estremecendo, e ela não fazia ideia se estava deleitado com o seu cheiro ou se precisava de um momento para se acalmar.

Mais uma ou duas lambidinhas e ela sabia que perderia a cabeça de vez.

Então Hunt deu um beijo em seu clitóris. E outro, como se não conseguisse se conter. Suas mãos acariciaram as coxas de Bryce. Beijando uma terceira vez, as asas erguidas estremecendo, sua boca flutuou para o sul, junto com uma mão.

De novo, ele a abriu, pressionando a língua inteira em seu sexo, arrastando-a para cima.

Estrelas brilharam atrás dos olhos de Bryce, seus seios tão tensos que arqueou o corpo no ar, como se buscasse mãos para tocá-los.

— Assim… — disse, agitando a língua contra o clitóris de Bryce com uma precisão cirúrgica.

Não conseguia aguentar. Não conseguia aguentar mais um segundo daquela tortura…

A língua de Hunt adentrou sua vulva, enroscando-se profundamente, fazendo-a arquear o corpo mais uma vez.

— Você tem o gosto do paraíso — gemeu, recuando o suficiente para que ela notasse a própria umidade na boca e no queixo dele. — Eu sabia que esse seria o seu gosto.

Bryce tapou a boca com a mão para evitar gritar quando Hunt enfiou sua língua dentro dela, deslizando-a até o clitóris. O anjo o mordiscou suavemente, os olhos de Bryce se reviraram. Solas Flamejante e misericordiosa Cthona…

— Hunt — conseguiu dizer com a voz sufocada.

Pausou, pronto para parar caso ela mandasse. No entanto, era a última coisa que Bryce queria.

Bryce encontrou o seu olhar incandescente, arfava, sentia-se confusa, zonza e estrelada. Disse a única coisa que ressoava em sua cabeça, sua mente, sua alma.

— Eu amo você.

Arrependeu-se das palavras assim que saíram de sua boca. Jamais as dissera para um macho, nem mesmo *pensara* nas palavras com relação a Hunt, embora já soubesse havia um tempo. Porque saíram agora, não fazia ideia, mas… os olhos do anjo ficaram sombrios de novo. Os dedos pressionavam suas pernas.

Ah, deuses. Fodeu a porra toda. Era uma idiota burra excitada, em que *merda* estava pensando, dizendo aquilo a ele quando não estavam nem *namorando*, porra…

Hunt se libertou. Mergulhou a cabeça de volta entre suas coxas, e banqueteou-se. Bryce podia jurar que tempestades de relâmpago ressoavam pela sala. Era a resposta e a aceitação do que dissera. Como se estivesse além de palavras agora.

Língua e dentes e ronronado, tudo combinado em um redemoinho de prazer que fazia Bryce se esfregar em Hunt. Segurava suas coxas com força, marcando sua pele, Bryce amou aquilo, precisava daquilo; pressionando o quadril para o rosto dele, forçou mais a língua de Hunt para dentro de si, e então algo atingiu o seu clitóris, como se Hunt tivesse conjurado uma pequena faísca de relâmpago, seu cérebro e corpo se acenderam como fogo branco, e ah, deuses, ah, deuses, ah, deuses…

Bryce estava gritando as palavras, as asas de Hunt ainda os protegendo quando gozou forte, afastando-se do balcão ao arquear o corpo, os dedos se enfiando nos cabelos dele, puxando forte. Queimava com luz dentro e fora, como um farol vivo.

Podia jurar que ambos caíam pelo tempo e o espaço, podia jurar que caíam na direção de alguma coisa, mas queria ficar ali, com ele,

naquele corpo e naquele lugar…

Hunt a lambeu em cada onda de prazer, depois que o clímax baixou, depois que a luz que a acendera se apagou, e a sensação de queda tinha plainado, Hunt levantou a cabeça.

Encontrou o olhar de Bryce ainda entre suas coxas, ofegando contra a pele nua dela, com relâmpago nos olhos.

— Eu também amo você, Quinlan.

* * *

Ninguém tinha dito aquelas palavras a Hunt em dois séculos.

Shahar jamais as dissera. Nem uma vez, embora ele tivesse oferecido as palavras a ela como um estúpido. A última pessoa tinha sido a mãe, algumas semanas antes de sua morte. Ouvi-las de Quinlan, no entanto…

Hunt estava deitado ao seu lado na cama trinta minutos depois, o cheiro de hortelã da pasta de dentes e a lavanda do xampu se misturavam no ar. Fora estranho: tomarem banho um depois do outro, então escovarem os dentes lado a lado, as palavras ditas ecoando. Caminharam pelo apartamento, passando por Ruhn, Declan e Ithan que assistiam a uma mesa-redonda de solebol, perguntando-se como tanto, e no entanto, tão pouco, tinha mudado no espaço de alguns minutos.

A ida até o Quarteirão dos Ossos no dia seguinte parecia uma tempestade anunciada. Um estrondo distante de trovão. Qualquer pensamento sobre a busca no Mercado da Carne naquela noite tinha se dissolvido como neve derretendo.

Na escuridão, com o murmurinho da TV na sala, Hunt encarava Bryce, que silenciosamente o olhava de volta.

— Um de nós precisa dizer alguma coisa — falou Hunt, com a voz séria.

— O que mais há para dizer? — perguntou, apoiando a cabeça em um punho, os cabelos caindo sobre um ombro como uma cortina vermelha.

— Você disse que me ama.

— E? — Ergueu uma sobrancelha.

Hunt abriu um sorriso matreiro.

— Disse sob coerção.

Bryce mordeu o lábio. Hunt quis enterrar os dentes ali.

— Está perguntando se fui sincera, ou você acha que é tão bom com a boca que eu perdi a cabeça?

Deu um peteleco no nariz dela.

— Espertinha.

Bryce se deitou de novo no colchão.

— As duas coisas são verdade.

O sangue de Hunt ferveu.

— É?

— Ah, qual é. — Colocou os braços atrás da cabeça. — Você deve saber que é bom nisso. Aquela coisa com o *relâmpago*…

Hunt levantou um dedo, uma faísca de relâmpago dançando na ponta.

— Achei que você fosse gostar.

— Se eu soubesse com antecedência, talvez tivesse ficado preocupada com você fritar minha parte preferida.

Riu carinhosamente.

— Eu não ousaria. Também é a minha parte preferida.

Levantou-se sobre os cotovelos, incapaz de conter a inquietação.

— Você ficou assustado? Com o que eu disse?

— Por que deveria? E eu correspondi, não foi?

— Talvez você tenha se sentido mal por mim e quisesse tornar as coisas menos estranhas.

— Não sou o tipo de pessoa que diz isso frivolamente.

— Eu também não. — Estendeu a mão e Hunt inclinou o corpo na direção de sua mão, deixando que Bryce roçasse os dedos por seus fios; — Eu nunca disse a ninguém. Quero dizer… romanticamente.

— Mesmo? — Seu peito se tornou insuportavelmente preenchido.

Bryce piscou, os olhos parecendo brasas incandescentes na escuridão.

— Por que a surpresa?

— Achei que você e Connor… — Não tinha certeza de por que precisava saber.

Aquele fogo recuou levemente.

— Não. Talvez um dia a gente tivesse, mas não chegou tão longe assim. Eu o amava como amigo, mas… Ainda precisava de tempo. — Abriu um sorriso torto. — Vai saber. Talvez eu só estivesse esperando por você.

Hunt pegou sua mão, dando um beijo nos nós de seus dedos.

— Eu já amo você faz um tempo. Você sabe disso, não é? — Seu coração galopava, mesmo assim falou: — Eu fiquei… muito afeiçoado a você durante nossa investigação, mas, quando Sandriel me colocou naquela cela sob o Comitium, exibiu uma apresentação de slides deturpada com todas as fotos no meu celular. De você e eu. Quando assisti, eu soube. Eu vi as fotos de nós dois no fim, como eu olhava para você e você olhava para mim, e estava fadado.

— Selado por você ter se atirado na frente de uma bomba por mim.

— É perturbador quando faz piadas sobre isso, Quinlan.

Bryce riu, beijando sua mandíbula. O corpo de Hunt ficou tenso, preparando-se para mais um toque. Implorando por mais um toque.

— Eu fiz a Descida por você. *E* ofereci me vender para a escravidão no seu lugar. Eu acho que tenho permissão para brincar com essa merda. — Hunt mordiscou o nariz dela, mas Bryce recuou, seus olhos encontrando os dele. O anjo permitiu que ela visse tudo que havia ali. — Eu soube que você me amava assim que xeretou meus vibradores.

Hunt caiu na gargalhada.

— Não posso afirmar isso.

— Você manuseou o Geleia Geladinha com tanto cuidado. Como eu poderia não amá-lo por isso?

Hunt riu de novo, inclinando-se para dar um beijo na pele morna de seu pescoço.

— Isso é verdade — disse, traçando os dedos até o quadril dela, a maciez puída da velha camiseta se agarrando em sua pele calejada. Beijou a clavícula de Bryce, inspirando o seu cheiro, o pau já ficando duro. — E agora?

— Sexo?

Ele sorriu.

— Não. Quero dizer, porra, sim, mas não com uma plateia. — Acenou em direção à parede — Será que deveríamos reservar um quarto de hotel em algum lugar na cidade?

— Em algum lugar em outro continente.

— Ah, Quinlan. — Beijou a mandíbula dela, a têmpora. Sussurrou ao ouvido dela: — Eu quero muito te foder agora.

Bryce estremeceu, arqueando o corpo contra o dele.

— Somos dois.

Hunt deslizou a mão de sua cintura para agarrar a bunda.

— Isso é tortura. — Passou a mão por baixo da camiseta grande demais nela, encontrando sua pele nua, morna e macia. Tracejou os dedos pela costura da calcinha fio dental de renda que usava, até as coxas. Seu calor o chamava, ela inspirou quando o anjo parou a milímetros de onde queria tocar.

Bryce encostou a mão no peito dele.

— Como eu chamo você agora?

Hunt levou um tempo para compreender as palavras.

— O quê?

— Quero dizer, o que nós *somos*? Tipo, estamos saindo? Você é meu namorado?

— Você quer mesmo dizer que está saindo com o Umbra Mortis? — o anjo riu.

— Não vou manter isso em segredo. — Falou sem um pingo de dúvida. Bryce roçou os dedos pela testa de Hunt. Como se ela soubesse o que aquilo significava para ele.

— E quanto a Cormac e a farsa de vocês? — Conseguiu perguntar.

— Bem, depois disso tudo, imagino. — Se sobrevivessem. Exalou alto. — *Namorado* parece estranho para você. É tão… jovial. Mas o que mais existe?

Se tivesse uma estrela no peito, Hunt sabia que estaria brilhando quando perguntou:

— Companheiro?

— Não é sexy o bastante.

— Amante?

— Isso vem com floreios e um alaúde?

Passou a asa por sua coxa nua.

— Alguém já disse que você é um pé no saco?

— Apenas tu, meu velho amante.

Passou o dedo sob a lateral da calcinha e a puxou. Bryce gritou, estapeando sua mão.

Hunt agarrou os seus dedos, colocando-os sobre seu coração de novo.

— Que tal *parceiros*? — Bryce ficou imóvel, Hunt segurou o fôlego, perguntando-se se tinha dito a coisa errada. Quando ela não respondeu, continuou: — Feéricos têm parceiros, não é? Esse é o termo que usam.

— Parceiros são… uma coisa intensa para os feéricos. — Engoliu em seco audivelmente. — É um compromisso vitalício. Uma coisa jurada entre corpos, corações e almas. É um vínculo entre seres. Se você disser que sou sua parceira na frente de qualquer feérico, será significativo para eles.

— E nós não significamos uma coisa importante assim? — perguntou cautelosamente, não arriscando um respiro sequer. Bryce tinha o coração de Hunt em suas mãos. Desde o primeiro dia.

— Você significa *tudo* para mim — sussurrou, Hunt exalou respirando profundamente. — Mas, se contarmos a Ruhn que somos parceiros, estamos basicamente casados. Para os feéricos, estaremos unidos em um nível biológico, molecular, é um caminho de uma só via.

— *É* uma coisa biológica?

— Pode ser. Alguns feéricos alegam que identificam seu parceiro assim que o conhecem. Um tipo de elo invisível entre eles. Um cheiro, ou um laço entre almas.

— Acontece entre espécies?

— Não sei — admitiu, passando os dedos pelo peito do anjo em círculos intricados, provocadores. — Mas se você não é meu parceiro, Athalar, então ninguém é.

— Uma declaração final de amor.

Bryce observou o seu rosto, sincero e aberto, tão raramente mostrado aos outros.

— Quero que você entenda o que está dizendo às pessoas, dizendo aos feéricos, quando diz que sou sua parceira.

— Anjos têm parceiras. Não tão… mágicas no nível da alma como os feéricos, mas chamamos companheiros vitalícios de parceiros, em vez de maridos ou esposas. — Shahar jamais o chamara de tal coisa. Eles raramente sequer usavam o termo *amante*.

— Os feéricos não diferenciam. Eles vão entender de acordo com a própria definição de todo jeito.

Hunt estudou sua expressão contemplativa.

— É como se tudo se encaixasse. Como se já estivéssemos unidos nesse nível biológico.

— Eu também. Vai saber. Talvez a gente já seja parceiro.

Isso explicaria muito. Como as coisas tinham sido intensas entre eles desde o início. Depois que cruzassem aquela última barreira física, tinha a sensação de que o laço seria ainda mais solidificado.

Então… talvez já *fossem* parceiros, mas no entendimento feérico. Talvez Urd tivesse há muito tempo unido suas almas, e precisaram de todo aquele tempo para perceber isso. Será que sequer importava, no entanto? Se era destino ou escolha estarem juntos?

— Assusta você? Me chamar de parceiro?

Bryce baixou o olhar para o espaço entre eles; disse, baixinho:

— É você quem tem sido definido pelos termos de outras pessoas há séculos. — *Caído. Escravizado. Umbra Mortis.* — Eu só quero ter certeza de que é um título que você não tem problema em ter. Para sempre.

Beijou sua têmpora, inspirando seu cheiro.

— De tudo que eu já fui chamado, Quinlan, seu parceiro é o único que eu realmente aprecio.

Bryce abriu um sorriso.

— Qual parte do *para sempre* você não ouviu?

— Achei que fosse sobre isso, essa coisa entre nós.

— Nós nos conhecemos há, o quê, cinco meses.

— E daí?

— Minha mãe vai ter uma síncope. Vai dizer que a gente deveria namorar por pelo menos dois anos antes de nos chamarmos de parceiros.

— Quem se importa com o que os outros pensam? Nenhuma das regras deles jamais se aplicou a nós mesmo. E, se somos algum tipo de parceiros predestinados, então não faz diferença nenhuma.

Bryce sorriu de novo, iluminando o peito de Hunt. Não, era a estrela entre os seios dela. Hunt colocou a mão sobre a cicatriz luminosa, luz brilhando entre os dedos dele.

— Por que ela faz isso?

— Talvez goste de você.

— Brilhou para Cormac e Ruhn.

— Eu não disse que ela era esperta.

Hunt gargalhou e se inclinou para beijar a cicatriz.

— Tudo bem, minha linda parceira. Nada de sexo hoje à noite.

Sua parceira. *Sua.*

E ele era dela. Não teria surpreendido Hunt se o nome de Bryce estivesse entalhado no coração dele. Perguntou-se se o próprio estava gravado na estrela que brilhava em seu peito.

— Amanhã à noite. Vamos reservar um quarto de hotel.

Deu outro leve beijo em sua cicatriz.

— Combinado.



Fico feliz por ver que você está vivo.

Ruhn estava de pé em uma ponte mental familiar, as linhas do seu corpo mais uma vez preenchidas por noite, estrelas e planetas. No outro lado da ponte, aquela silhueta feminina incandescente aguardava. Cabelos longos de pura chama flutuavam em torno dela como se debaixo da água, e o que conseguia distinguir da boca da fêmea estava curvado para cima, em um meio sorriso.

— Somos dois — disse. Devia ter desmaiado no sofá no apartamento de Bryce. Ainda estava lá às 2 horas da manhã, vendo os melhores momentos de jogos antigos com Ithan. Dec tinha saído para passar a noite na casa de Marc há um bom tempo. Nenhum deles havia conseguido qualquer filmagem sólida de Emile no cais, ou uma prova concreta de que os ceifadores foram enviados pelo Sub-Rei ou por Apollion. A busca por Danika na galeria levaria dias, dissera Dec antes de sair, e tinha outro trabalho para fazer de todo jeito. Ithan imediatamente se prontificou a continuar esquadrinhando.

O lobinho não era ruim. Ruhn podia vê-los sendo amigos, se os povos dos dois não estivessem constantemente se atracando. Literalmente.

Ruhn disse à Agente Daybright:

— Obrigado por tentar me acordar.

— O que aconteceu?

— Ceifadores.

Sua chama diminuiu para um azul-violeta.

— Eles atacaram você?

— É uma longa história. — Inclinou a cabeça. — Então não preciso do cristal para me comunicar com você? Posso simplesmente estar inconsciente? Dormindo?

— Talvez o cristal tenha servido apenas para iniciar o contato entre nossas mentes, um farol para seus talentos — disse. — Agora que sua mente, e a minha, sabem para onde ir, você não precisa mais do cristal e pode me contatar mesmo em… momentos inoportunos.

Ruhn sentiu uma pontada de culpa. Daybright fazia parte do alto escalão do império, será que a colocara em perigo quando estava inconsciente mais cedo, sua mente buscando a dela indistintamente?

Daybright falou:

— Eu tenho informação para você passar adiante.

— Ah, é?

— É assim que agentes da Ophion falam hoje em dia? *Ah, é?* — perguntou, se endireitando.

Devia ser velha, então. Uma dos vanir que tinham vivido tanto tempo que o linguajar moderno era uma língua estrangeira para eles. Ou, pelos deuses, se ela fosse um asteri…

Ruhn desejou ter uma parede ou uma porta ou um balcão para encostar quando cruzou os braços.

— Então você é uma pangerana das antigas.

— Seu trabalho aqui não é aprender sobre mim. É passar informação adiante. Quem eu sou, quem você é, isso não importa. — Indicou as chamas. — Isso é indício suficiente.

— Do quê?

Suas chamas envolveram o próprio corpo, tornando-se um laranja vibrante, como brasas escaldantes. O tipo que queimaria até os ossos.

— Do que vai acontecer se fizer muitas perguntas enxeridas.

Deu um leve sorriso.

— Então, qual é a informação?

— O ataque à Coluna tem sinal verde.

O sorriso de Ruhn sumiu.

— Quando é o carregamento?

— Daqui a três dias. Sairá da Cidade Eterna às seis horas da manhã do horário deles. Nenhuma parada planejada, nenhum abastecimento de combustível. Viajarão rapidamente para o norte, até Forvos.

— O protótipo do mec-traje vai estar no trem?

— Sim. E junto com ele o Transporte Imperial está movendo cinquenta caixas de mísseis de enxofre para a frente norte, junto com cento e doze caixas de armas e cerca de quinhentas caixas de munições.

Solas Flamejante.

— Você vai simular um roubo?

— *Eu* não vou fazer nada — disse a Agente Daybright. — A Ophion será responsável. Eu recomendaria destruir tudo, no entanto. Principalmente aquele novo mec-traje. Não percam tempo tentando descarregar nada dos trens ou vocês serão pegos.

Ruhn não mencionou que Cormac sugerira algo diferente. Tinha dito que a Ophion queria obter o traje… para estudá-lo. E usar aquelas armas na guerra deles.

— Qual é o melhor lugar para interceptar a coluna?

Ruhn realmente faria aquilo, pelo visto. Se passasse aquela informação, estaria oficialmente envolvido com os rebeldes.

— Isso é para o Comando da Ophion decidir.

Perguntou com cautela:

— Pippa Spetsos vai ser designada para o ataque? — Ou será que ela estava em Lunathion procurando por Emile, como Tharion suspeitava?

— Isso importa?

Ruhn deu de ombros o mais casualmente possível.

— Eu só quero saber se preciso notificá-la.

— Não estou por dentro de a quem o Comando delega suas missões.

— Mas você sabe onde Pippa Spetsos está agora?

Sua chama oscilou por um momento.

— Por que tanto interesse nela?

— Interesse nenhum. — respondeu levantando as mãos. Podia sentir sua suspeita; no entanto, perguntou: — Haverá guardas

armados com o carregamento?

— Sim. Cerca de cem lobos dentro e sobre os vagões, assim como uma dúzia de batedores anjos aéreos acima. Todos armados com rifles, pistolas e facas.

Áreas florestadas seriam melhores para um ataque, então, para evitar serem vistos pelos malakim.

— Mais alguma coisa?

— Nada o incomoda? — inclinou a cabeça ao perguntar.

— Estou no Aux há um tempo. Estou acostumado a coordenar essas merdas. — Nada como isso, no entanto. Nada que o colocava diretamente na linha de fogo dos asteri.

— Isso é uma coisa idiota de se revelar. A Ophion devia estar desesperada se mandou alguém tão destreinado como você para lidar comigo.

— Confiança é uma via de mão dupla. — Indicou o espaço entre os dois.

Mais uma daquelas risadas suaves roçou sua pele.

— Você tem alguma coisa para mim? O que tem Pippa Spetsos?

— Nada mesmo. Mas… obrigado por tentar salvar minha pele mais cedo.

— Eu seria uma tola se deixasse um contato valioso se perder.

Fervilhou de irritação.

— Estou comovido.

Riu com escárnio.

— Você parece um macho acostumado a ser obedecido. Interessante.

— O que diabos é interessante em relação a isso?

— Os rebeldes devem ter alguma coisa para chantagear você, para fazer com que arrisque sua posição fazendo isso.

— Achei que você não desse a mínima para minha vida pessoal.

— Não dou. Mas conhecimento é poder. Estou curiosa a respeito de quem você deve ser, se os ceifadores tentaram levá-lo. E por que permite que os rebeldes mandem em você.

— Talvez eu queira me juntar a eles.

Gargalhou, o som afiado como uma lâmina.

— Descobri que a classe dominante raramente faz tais coisas pela bondade do coração.

— Cínica.

— Talvez, mas é verdade.

— Eu poderia nomear um vanir em alta hierarquia que está ajudando os rebeldes sem ser obrigado a isso.

— Então deveriam colocar uma bala na sua cabeça.

Ruhn enrijeceu.

— Como é?

Gesticulou com a mão.

— Se você sabe a identidade desse vanir, se é capaz de tão frivolamente se gabar disso, se está fazendo perguntas demais sobre Agente Spetsos, você não é um bem de valor algum. É uma bomba-relógio. Se os lobos ferais o pegarem, quanto tempo levará até que entregue a pessoa?

— Vai se foder.

— Você já foi torturado? É fácil alegar que não cederia, mas quando seu corpo está sendo desmembrado pedacinho por pedacinho, osso após osso… você ficaria surpreso com o que as pessoas oferecem para fazer a dor parar, mesmo que por um segundo.

O temperamento de Ruhn se incendiou.

— Você não sabe merda nenhuma sobre mim ou o que eu passei. — Estava grato, a noite e as estrelas de sua pele cobriam as marcas que seu pai deixara, aquelas que as tatuagens não conseguiam esconder.

As chamas de Day incandesceram.

— Você deveria ter cuidado com o que conta às pessoas, mesmo entre aliados da Ophion. Eles têm formas de fazer as pessoas sumirem.

— Como Sofie Renast?

Foi a vez de seu sangue ferver.

— Não repita o nome verdadeiro dela para ninguém. Refira-se a ela como Agente Cypress.

Ruhn trincou os dentes.

— Você sabe alguma coisa sobre Sofie?

— Eu presumi que ela estava morta, já que agora você é o meu contato.

— E se ela não estiver?

— Não estou entendendo.

— Se ela não estivesse morta, para onde iria? Onde se esconderia?

Daybright se virou de volta para o seu lado da ponte.

— Encerramos aqui. — E, antes que Ruhn pudesse dizer uma palavra a mais, a agente sumiu, deixando apenas brasas flutuando para trás.

* * *

— Por que diabos os asteri criariam o próprio mec-traje para essa guerra? — perguntou Hunt, esfregando a mandíbula enquanto encostava no balcão da cozinha na manhã seguinte.

Tentava não olhar para a caixa preta do outro lado do balcão. Sua presença, contudo, parecia… zumbir. Parecia esvaziar o ar ao seu redor.

Considerando que continha os dois Marcos da Morte, era de se esperar.

Cormac tomou do chá, o rosto encoberto. Havia chegado logo após o alvorecer, aparentemente depois que Ruhn ligara exigindo que se apressasse, arrancando Hunt do sono e dos braços de Bryce.

— Os trajes são a única vantagem que temos. Bem, que os humanos têm.

— Eu sei disso — replicou Hunt, tenso. — Já lutei contra eles. Eu os conheço por dentro e por fora.

E os havia desmontado. E sabotado de modo que seus pilotos não tivessem nenhuma chance.

Ultimamente, ficava contente em direcionar esse conhecimento para coisas como consertar a moto de Bryce — inclusive a lavara antes de devolvê-la —, mas se os asteri estavam fazendo um mec-traje próprio para que um soldado vanir usasse…

— Sempre me esqueço — murmurou Ruhn, de onde estava sentado, no sofá ao lado de Bryce — que você lutou em duas guerras. — A que havia travado e perdido junto aos Caídos e então os anos passados lutando sob o comando de Sandriel contra os rebeldes da Ophion.

— Eu não — disse Hunt, o que lhe garantiu um tremor de desculpas de Ruhn. — Nós precisamos tomar cuidado. Você tem

certeza de que essa informação foi real?

— Sim — disse Ruhn.

Holstrom se acomodou contra a parede ao lado do balcão, silenciosamente observando a conversa. O rosto não revelava nada. No entanto, um laptop estava aberto em cima do sofá, ainda varrendo os anos de filmagens da galeria em busca de algum indício de Danika.

Contudo, aquela conversa com Cormac, aquele ataque à Coluna…

— Você provavelmente tem agentes duplos na Ophion — disse Hunt ao príncipe avalleno.

— Não, Daybright — negou Cormac, convicto.

— Qualquer um pode ser comprado — disse.

Bryce não falou nada, ocupada fingindo que estava mais interessada nas unhas cor-de-rosa dos pés do que naquela conversa. Hunt sabia que estava revirando a cada palavra.

Tinha saído do banheiro determinado a contar a cada pessoa que cruzasse seu caminho que ela era sua parceira; em vez disso, Ruhn os esperava com a notícia, aparentemente tendo passado a noite no sofá.

— Independentemente disso — falou Cormac, rispidamente —, preciso passar essa informação.

— Vou com você — disse Ruhn. Bryce ficou boquiaberta, alarmada.

— Vocês podem estar caminhando direto para uma armadilha — avisou Hunt.

— Não temos escolha — replicou Cormac. — Não podemos arriscar perder essa oportunidade.

— E o que você arrisca perder se for falsa? — Relâmpago estalou nos dedos de Hunt. Os olhos de Bryce se voltaram para ele por fim, desconfiados e cheios de cautela.

— Isso não é da nossa conta, Hunt. — disse, antes que Cormac pudesse responder.

— Ao Inferno que não é. Estamos envolvidos nisso, querendo ou não.

Chamas douradas encheram o olhar de Bryce.

— Sim, mas não temos nada a ver com esse ataque; nem essa informação. É problema para a Ophion lidar. — Esticou-se, dando a Ruhn um olhar cáustico que dizia *você também deveria ficar de fora*, mas

se virou para Cormac. — Então vá relatar para o Comando e nos mantenha longe disso.

Cormac a encarou, sua mandíbula se contraindo.

Deu a ele um meio sorriso que fez o sangue de Hunt latejar.

— Não está acostumado a ter fêmeas lhe dando ordens?

— Há muitas fêmeas no Comando. — Suas narinas se dilataram. — E eu aconselharia você a se comportar como uma fêmea feérica deveria quando formos vistos juntos em público. Já vai ser bem difícil convencer outros de nosso noivado graças a esse cheiro em você.

— Que cheiro? — perguntou, e Hunt plantou os pés no chão. Bryce podia se cuidar em uma briga, mas ainda assim gostaria de socar o desgraçado.

Cormac indicou o espaço entre ela e Hunt.

— Você acha que eu não consigo sentir o cheiro do que rolou entre vocês dois?

Bryce encostou nas almofadas.

— Está falando de *ele* ter rolado a língua por mim?

Hunt se engasgou, Ruhn soltou uma sequência de palavrões. Ithan foi até a cafeteira murmurando algo sobre ser cedo demais.

Cormac, no entanto, nem mesmo corou. Disse, com seriedade:

— Seus cheiros misturados vão arriscar essa farsa.

— Eu vou levar isso em consideração — disse Bryce, piscando um olho para Hunt.

Pelos deuses, seu gosto era como um sonho. E os sons doces e sussurrados que ela fez quando gozou… Hunt girou os ombros para afastar a tensão. Tinham um longo dia adiante. Um dia perigoso.

Porra, ainda iriam para o Quarteirão dos Ossos. As filmagens da câmera de rua tinham apontado que o ceifador que atacara Bryce e Ruhn estava a um quarteirão do Cais Preto, mas, mesmo com as habilidades de Declan, não tinham encontrado nenhuma prova concreta do ceifador velejando até lá. No entanto, era conexão o suficiente para que interrogassem o Sub-Rei. Se sobrevivessem àquilo, Hunt planejava ter uma noite muito, muito longa. Fizera uma reserva em um restaurante chique de hotel, e uma suíte grande. Com pétalas de rosas e champanhe.

Cormac tamborilou os dedos na mesa e disse a Bryce:

— Se você encontrar Emile no Quarteirão dos Ossos, me avise imediatamente. — Bryce, para a surpresa de Hunt, não protestou. Cormac se virou para Ruhn, indicando a porta com o queixo. — Precisamos ir. Se aquele trem de suprimentos vai partir em três dias, não temos tempo a perder. — Olhou significativamente para Hunt. — Mesmo que a informação seja falsa.

— Estou pronto. — Ruhn ficou de pé. Franziu a testa para a irmã. — Boa caça. Fique longe de problemas hoje, por favor.

— Digo o mesmo a você. — Bryce sorriu, embora Hunt tivesse notado que sua atenção estava em Áster, como se estivesse falando com a espada, suplicando para que protegesse seu irmão. Então seu olhar deslizou para Cormac, que já estava à porta. — Cuidado — disse, especificamente para Ruhn.

O aviso foi bastante objetivo: *Não confie totalmente em Cormac.*

Ruhn assentiu lentamente. O macho podia alegar que mudara desde que tentara matar o príncipe décadas antes, mas Hunt também não confiava nele.

Ruhn se virou para Ithan quando o lobo voltou a olhar para o laptop jogado no sofá.

— Olhe, odeio arrastar mais gente para nossa merda, mas… quer vir?

Holstrom apontou para o laptop com o queixo.

— E as filmagens?

— Pode esperar algumas horas, você pode olhar qualquer trecho sinalizado quando nós voltarmos. Suas habilidades seriam úteis hoje.

— Que habilidades? — indagou Bryce, totalmente em alerta, protetora. — Ser bom em solebol não conta.

— Obrigado, Bryce. — Resmungou Ithan, e, antes que Ruhn pudesse fornecer um motivo para convidar o lobo, falou: — Sabine vai ter um ataque se eu for pego ajudando você.

Isso era o mínimo que aconteceria se fosse pego ajudando rebeldes. Hunt conteve a agitação nas asas, o eco de agonia que as percorreu.

— Você não responde mais a Sabine — replicou Ruhn.

Ithan considerou.

— Acho que já estou envolvido nessa confusão. — Hunt podia jurar que culpa e preocupação tomaram o rosto de Bryce. Mordeu o

lábio inferior, mas não desafiou mais Ithan.

— Tudo bem — prosseguiu Ithan, conectando o laptop a uma tomada. — Deixe eu me vestir.

Bryce se virou com cautela para a caixa preta no balcão. Para os Marcos da Morte agourentos e pulsantes ali dentro.

— Certo, Athalar. Hora de sairmos. Vá se vestir. — disse.

O anjo a seguiu de volta para o quarto, o quarto deles enfim, supunha; Hunt a viu pegar um coldre, apoiando a perna na cama. A sua minissaia cor-de-rosa deslizou para cima, revelando a esguia e longa extensão de perna iluminada. Sua mente ficou vazia quando ela prendeu o coldre na parte de cima da coxa.

Os dedos fecharam a fivela, e Hunt imediatamente se aproximou para ajudar, aproveitando o calor sedoso de sua pele nua.

— Você realmente vai usar isso para ir até o Quarteirão dos Ossos? — Deslizou a mão para brincar com os vincos macios da saia. Não importava que a arma fosse inútil contra qualquer ceifador que atravessasse o caminho deles.

— O tempo está úmido e fazendo mil graus hoje. Não vou usar calça.

— E se nos metermos em encrenca? — Talvez tivesse levado muito mais tempo para afivelar do que era necessário. Sabia que Bryce estava deixando.

Deu um sorriso malicioso.

— Então acho que o Sub-Rei vai ter uma bela vista da minha bunda.

Hunt deu a ela um olhar inexpressivo.

Bryce revirou os olhos, mas disse:

— Me dê cinco minutos para trocar de roupa.



— Acho que ele sabe que estamos vindo — sussurrou Bryce para Hunt, os dois de pé na beira do Cais Preto, olhando pela névoa que cercava o Istros. Felizmente, Veleiros não passaram naquele dia, mas uma trilha através das névoas se abria adiante, uma abertura pela qual velejariam até o Quarteirão dos Ossos.

Sabia porque ela mesma tinha velejado por ali certa vez.

— Ótimo — disse, Bryce o viu olhar para áster, embainhada às suas costas. Ruhn a deixara com um bilhete: *Leve-a com você. Não seja burra.*

Pela primeira vez na vida, ela o ouviu.

Ruhn também a ouvira, quanto a não confiar em Cormac, quando o encorajou, na breve conversa mental deles. Seu convite a Ithan foi uma consequência do aviso.

Só podia rezar para que ficassem seguros. E que Cormac cumprisse com sua palavra.

Bryce se agitou, guardando seus pensamentos para si, a madeira preta parcialmente podre sob os seus sapatos rangia. Acabou optando por uma legging preta e uma camiseta cinza antes de sair de casa. No entanto, mesmo com a névoa, continuava abafado, transformando suas roupas em uma segunda pele grudenta. Deveria ter ficado de saia. Ao menos conseguiria esconder a arma, a qual deixara no

apartamento depois que Hunt veementemente a lembrou de sua inutilidade contra qualquer coisa que pudessem encontrar no Quarteirão dos Ossos.

— Bem, aqui vai — disse, pegando a moeda ônix do bolso na parte de trás do elástico da calça. O cheiro sufocante e terroso de mofo se enfurnou em suas narinas, como se a própria moeda estivesse apodrecendo.

Hunt pegou sua moeda de um compartimento em seu traje de batalha e fungou, franzindo a testa.

— O cheiro piora conforme a gente chega mais perto do Quarteirão dos Ossos.

— Então, já vão tarde. — Bryce deu um peteleco com o polegar no Marco da Morte, lançando-o na água encoberta pela névoa. Hunt fez o mesmo. Ambos apenas ondularam antes de dispararem na direção do Quarteirão dos Ossos, escondidos da vista.

— Tenho certeza de que algumas pessoas já disseram isso a vocês — falou uma voz masculina atrás deles —, mas essa é uma péssima ideia.

Bryce se virou, mas Hunt fervilhou em ódio.

— Que porra você quer, Baxian?

O Cão do Inferno surgiu como um espectro da névoa, usando o próprio traje de batalha. Sombras tinham se assentado sob seus olhos escuros, como se não dormisse há um tempo.

— Por que você está aqui?

— Eu gostaria de saber o mesmo — disparou Hunt.

Baxian deu de ombros.

— Aproveitando a paisagem — disse, Bryce sabia que era uma mentira deslavada. Será que tinha seguido os dois? — Achei que deveríamos andar em dupla, Athalar. Você não apareceu. Celestina sabe disso?

— É meu dia de folga — respondeu. O que era verdade. — Então, não. Não é da conta dela. Nem da sua. Vá se apresentar a Isaiah. Ele vai lhe dar o que fazer.

A atenção de Baxian se voltou para Bryce, que o encarava. Seu olhar desceu para a cicatriz no peito dela, apenas as pontas superiores da estrela visíveis acima do decote da camiseta.

— Quem vocês vão visitar lá do outro lado? — A voz grave, perigosa.

— O Sub-Rei — disse Bryce, alegremente. Conseguiu sentir a desconfiança de Hunt crescendo com cada fôlego.

Baxian piscou lentamente, como se lesse a ameaça que emanava de Athalar.

— Não sei dizer se é uma piada, mas se não é, vocês são as pessoas mais burras que eu já conheci.

Alguma coisa se agitou às suas costas, e então um longo barco preto surgiu da fina trilha na névoa, flutuando até o cais. Bryce esticou a mão para a proa. Os dedos se fecharam sobre o esqueleto gritando entalhado no arco.

— Acho que você vai precisar esperar para descobrir — disse, saltando para dentro.

Não olhou para trás quando Hunt entrou em seguida, o barco balançando com o peso do anjo. Afastou-se do Cais Preto pelo caminho estreito, deixando Baxian para trás assistindo até que a névoa o engolfasse.

— Você acha que ele vai dizer alguma coisa? — sussurrou Bryce na escuridão quando o caminho adiante também sumiu.

A voz de Hunt estava tensa, severa ao flutuar até ela.

— Não vejo por que diria. Você foi atacada por ceifadores ontem. Vamos falar com o Sub-Rei sobre isso hoje. Não há nada de errado ou suspeito com relação a isso.

— Certo. — Essa merda com a Ophion a fazia pensar demais a cada passo que davam.

Nenhum deles falou depois disso. Nenhum deles ousou.

O barco seguiu velejando, cruzando o rio silencioso demais, até a margem escura e distante.

* * *

Hunt jamais tinha visto um lugar assim. E sabia bem que jamais queria ver novamente.

O barco avançou sem vela, sem leme, sem remo ou barqueiro. Como se fosse puxado por bestas invisíveis em direção à ilha do outro

lado do Istros. A temperatura caía a cada trinta centímetros, até que Hunt conseguisse ouvir os dentes de Bryce batendo através da névoa tão espessa que seu rosto estava quase oculto.

Pensar em Baxian o incomodava. Babaca enxerido.

Contudo, tinha a sensação de que o Cão do Inferno não sairia falando. Ainda não, pelo menos. Baxian provavelmente reuniria informações, acompanharia cada movimento deles, e então atacaria quando tivesse o suficiente para condená-los.

No entanto, Hunt o transformaria em cinzas fumegantes antes que o anjo conseguisse. Que confusão da porra.

Com uma guinada, o barco colidiu com algo, emitindo um barulho.

Hunt congelou, relâmpago nas pontas dos dedos. Bryce se levantou, graciosa como um leopardo, o cabo escuro de Áster escondido e fosco na escuridão.

A embarcação tinha parado à base dos degraus desgastados e aos pedaços. A névoa acima se abriu e revelou um arco de osso antigo entalhado, amarronzado pelo tempo em alguns pontos. *Memento Mori*, dizia no alto.

Hunt interpretou o significado de forma diferente ali do que no Mercado da Carne: *Lembre-se de que você vai morrer e acabar aqui. Lembre-se de quem são seus verdadeiros mestres.*

Os pelos nos braços de Hunt se arrepiaram sob o traje de batalha. Bryce saltou do barco com elegância feérica, virando-se para oferecer sua mão. Hunt a aceitou, só porque queria tocá-la, sentir o seu calor naquele lugar sem vida.

Infelizmente, as mãos de Bryce estavam geladas, a pele estava sombria e cerosa. Até mesmo o cabelo brilhante tinha ficado opaco. A pele parecia mais pálida, doentia. Como se o Quarteirão dos Ossos já tivesse sugado as suas vidas.

Entrelaçaram os dedos, subiram os sete degraus até o arco e Hunt guardou todas as preocupações e medos com relação a Baxian, com relação àquela rebelião no fundo da mente. Só serviriam como distração.

As botas de Hunt se arrastaram nos degraus. Ali, Bryce ajoelhara-se um dia. Bem ali, trocara seu local de descanso pelo de Danika.

Apertou sua mão com mais força. Bryce apertou de volta, encostando em Hunt quando avançaram para baixo do arco.

Terra seca jazia adiante. Névoa e cinza e silêncio. Obeliscos de mármore e granito se elevavam como lanças grossas, muitos entalhados… mas não com nomes. Apenas com símbolos estranhos. Marcadores de túmulos, ou outra coisa? Hunt esquadrinhou a escuridão, as orelhas buscando qualquer indício dos ceifadores, do governante que procuravam.

Algum indício de Emile ou Sofie, mas nenhuma pegada marcava o chão. Nenhum cheiro permanecia na névoa.

A ideia de o menino estar escondido ali… de qualquer coisa viva morando ali… Porra.

Bryce sussurrou, a voz embargada:

— Deveria ser verde. Eu vi uma terra verde e com luz do sol. — Hunt levantou uma sobrancelha, mas seus olhos, agora de um amarelo esmaecido, escrutinavam a névoa.

— O Sub-Rei me mostrou a Matilha dos Demônios depois do ataque à cidade. — Suas palavras saíram trêmulas. — Me mostrou que eles descansavam aqui em prados reluzentes. Não… nisto.

— Talvez os vivos não tenham permissão de ver a verdade a não ser que o Sub-Rei permita. — Bryce assentiu, mas Hunt sacou a dúvida que contraiu seu rosto. — Nenhum sinal de Emile, infelizmente.

Bryce balançou a cabeça.

— Nada. Embora eu não saiba por que achei que seria fácil. Ele não estaria acampado aqui em uma barraca ou algo assim.

Hunt, apesar de não querer, ofereceu um meio sorriso.

— Então nós vamos direto ao chefe. — Continuou esquadrinhando a névoa e a terra em busca de algum indício de Emile ou da irmã conforme prosseguiam.

Bryce parou subitamente entre dois obeliscos pretos, cada um gravado com uma variedade diferente daqueles símbolos estranhos. Os obeliscos, e dúzias mais além deles, flanqueavam o que parecia ser uma passagem central que se estendia névoa adentro.

Sacou Áster, e Hunt não teve tempo de impedi-la antes que golpeasse a lateral do obelisco mais próximo. Um clangor reverberou da lâmina, o tilintar ecoando na escuridão. Bryce repetiu o movimento. E uma terceira vez.

— Está tocando o sino da janta? — perguntou Hunt.

— Vale a pena tentar — murmurou de volta. Era mais inteligente do que correr por ali gritando os nomes de Emile e Sofie. Embora, se fossem tão experientes em sobrevivência quanto pareciam, Hunt duvidava que qualquer um dos dois viesse correndo investigar.

Quando o barulho se dissipou, o que restava da luz escureceu. O que restava do calor virou gelo.

Alguém, alguma coisa, tinha atendido.

O outro ser que buscavam ali.

O fôlego deles pairava no ar, e Hunt se inclinou sobre Bryce, monitorando a estrada adiante.

Quando o Sub-Rei falou, no entanto, com uma voz ao mesmo tempo antiga e jovial, mas fria e seca, o som ecoou às suas costas.

— Esta terra está restrita a você, Bryce Quinlan.

Bryce estremeceu, Hunt acumulou seu poder, relâmpago estalando em seus ouvidos. No entanto, a parceira falou:

— Eu não ganho um passe VIP?

A voz da névoa ecoou em volta deles.

— Por que você veio? E trouxe Orion Athalar com você?

— Pode chamá-lo de Hunt — disse Bryce, a voz arrastada. — Ele fica ranzinza se você for todo formal com ele.

Hunt deu a ela um olhar incrédulo, mas o Sub-Rei se materializou na névoa, centímetro após centímetro.

Tinha no mínimo três metros de altura, uma túnica do veludo preto cara e elegante descendo até o cascalho. Escuridão espiralava no chão diante dele, e sua cabeça… Alguma coisa primordial gritava para que fugissem, se curvassem, para que caíssem de joelhos e implorassem.

Um cadáver dessecado, parcialmente pútrido e coroado com ouro e joias, observava os dois. Inacreditavelmente horroroso, porém majestoso. Como um rei antigo há muito morto e abandonado para apodrecer em um sepulcro, emergido para se nomear mestre daquela terra.

Bryce ergueu o queixo e disse, tão corajosa quanto a própria Luna:

— Precisamos conversar.

— Conversar? — A boca sem lábios se retraiu, revelando dentes marrons desgastados com o tempo.

Hunt se lembrou severamente de que o Sub-Rei era temido, sim, mas não maligno.

Bryce respondeu:

— Sobre seus brutamontes terem agarrado meu doce irmão e o arrastado para o esgoto. Eles alegaram que foram enviados por Apollion. — Hunt ficou tenso quando disse o nome do Príncipe do Fosso. Bryce prosseguiu, completamente casual: — Mas não vejo como eles poderiam ter sido enviados por ninguém além de *você*.

O Sub-Rei chiou.

— Não diga esse nome deste lado da Fenda.

Hunt acompanhou a irreverência de Bryce.

— Essa é a parte em que você insiste que não sabia de nada?

— Vocês têm a audácia de atravessar o rio, pegar um barco preto até minha margem e me acusar dessa traição? — A escuridão atrás do Sub-Rei vibrou. De medo ou de prazer, Hunt não sabia dizer.

— Alguns de seus ceifadores sobreviveram a mim — disse. — Eles certamente já te inteiraram a esta altura.

Silêncio recaiu, como o mundo depois de um estrondo de trovão.

Os olhos leitosos e sem pálpebras do Sub-Rei se voltaram para Áster na mão de Bryce.

— Alguns *não* sobreviveram a você?

Bryce engoliu seco audivelmente. Hunt xingou em silêncio.

Bryce falou:

— Por que sentiu necessidade de atacar? De fingir que os ceifadores eram mensageiros de… do Príncipe do Fosso. — Estalou a língua. — Achei que fôssemos amigos.

— A morte não tem amigos — disse o Sub-Rei, estranhamente calmo. — Eu não mandei nenhum ceifador atacar você. E não tolero aqueles que falsamente me acusam em meu reino.

— E nós devemos aceitar sua palavra de que você é inocente? — insistiu Bryce.

— Está me chamando de mentiroso, Bryce Quinlan?

Bryce disse, fria e calma como uma rainha:

— Está querendo me dizer que há ceifadores que conseguem simplesmente desertar e servir ao Inferno?

— De onde acha que os primeiros ceifadores vieram? Quem primeiro os governava, governava os vampyr? Os ceifadores

escolheram Midgard. Mas não fico surpreso que alguns tenham mudado de ideia.

— E você não se importa que o Inferno invada seu território? — Bryce indagou.

— Para início de conversa, quem disse que eram meus ceifadores? Não há nenhum faltando aqui. Há muitas outras necrópoles das quais eles podem vir. — E outros governantes semivivos a quem eles obedecem.

— Ceifadores não viajam além dos reinos deles — conseguiu dizer Hunt.

— Uma mentira reconfortante para os mortais. — O Sub-Rei deu um leve sorriso.

— Tudo bem — concordou Hunt, dedos se fechando em torno dos de Bryce. O Sub-Rei parecia estar dizendo a verdade. O que significava… Porra. Talvez *tivesse* sido Apollion quem mandara os ceifadores. E, se fosse verdade, então o que dissera sobre Emile…

Bryce parecia seguir a mesma linha de raciocínio, quando falou:

— Estou procurando duas pessoas que podem estar escondidas aqui. Alguma ideia?

— Eu conheço todos os mortos que residem aqui.

— Eles estão vivos — disse. — Humanos… ou semi-humanos.

O Sub-Rei os observou mais uma vez. Até a alma.

— Ninguém entra nesta terra sem meu conhecimento.

— As pessoas podem se esgueirar — replicou Hunt.

— Não — disse a criatura, sorrindo de novo. — Não podem. Quem quer que vocês procurem, não está aqui.

— Por que deveríamos acreditar em você? — Hunt insistiu.

— Juro pela coroa sombria de Cthona que nenhum ser vivo, a não ser vocês dois, está nesta ilha.

Bem, juramentos não poderiam ser mais sérios do que isso. Mesmo o Sub-Rei não podia foder com a invocação do nome da deusa da terra em um juramento.

Isso, no entanto, os levava de volta ao início. Se Emile e Sofie não estavam ali, e não podiam nem mesmo entrar… Danika devia saber disso. Teria sido esperta o bastante para saber das regras antes de mandar os dois até ali para se esconderem.

Era um beco sem saída, mas ainda restava Apollion procurando o menino… além de precisar encontrar Emile antes de todos.

— Você foi elucidativo. Obrigado pelo tempo. — Hunt falou, então.

Bryce não se moveu. Sua expressão ficou petrificada.

— Onde estão o verde e a luz do sol que você me mostrou? Aquela foi outra mentira reconfortante?

— Você viu o que quis ver.

Os lábios de Bryce empalideceram de raiva.

— Onde está a Matilha dos Demônios?

— Você não tem direito de falar com eles.

— Lehabah está aqui?

— Eu não conheço ninguém com esse nome.

— Uma duende do fogo. Morreu há três meses. Ela está aqui?

— Duendes do fogo não vêm para o Quarteirão dos Ossos. Os Inferiores são inúteis.

Hunt arqueou a sobrancelha.

— Inúteis para quê?

O Sub-Rei sorriu de novo, talvez um pouco triste.

— Mentiras reconfortantes, lembram-se?

— Danika Fendyr disse alguma coisa a você antes de… sumir nessa primavera? — Bryce insistiu.

— Quer dizer antes de ela barganhar a própria alma para salvar a sua, exatamente como você fez com a dela?

Náusea tomou conta de Hunt. Não tinha se permitido pensar muito a respeito daquilo, que Bryce não teria permissão de entrar ali. Que não descansariam juntos um dia.

Um dia que poderia chegar muito em breve, se fossem pegos se associando com rebeldes.

— Sim — disse Bryce, tensa. — Antes que Danika ajudasse a salvar esta cidade. Onde está a Matilha dos Demônios? — perguntou de novo, a voz embargada.

Alguma coisa grande grunhiu e se moveu nas sombras atrás do Sub-Rei, mas permaneceu escondida na névoa. O relâmpago de Hunt zuniu em seus dedos em aviso.

— A vida é um lindo ciclo de crescimento e putrefação — disse o Sub-Rei, as palavras ecoando pela Cidade Adormecida ao seu redor.

— Nenhuma parte é desperdiçada. O que recebemos ao nascer, devolvemos na morte. O que é concedido a vocês, mortais, nas Terras Eternas é apenas mais um passo no ciclo. Um ponto de parada ao longo da sua jornada em direção ao Vazio.

— Deixe-me adivinhar: você também vem do Inferno? — Hunt grunhiu.

— Eu venho de um lugar entre estrelas, um lugar que não tem nome e jamais terá. Mas sei sobre o Vazio que os Príncipes do Inferno idolatram. Ele também me deu à luz.

A estrela no centro do peito de Bryce se acendeu.

O Sub-Rei sorriu, e seu rosto horrível se tornou voraz.

— Eu contemplei sua luz do outro lado do rio, naquele dia. Se soubesse quando você veio até mim da primeira vez… as coisas talvez tivessem sido bem diferentes.

O Relâmpago de Hunt emergiu, mas o conteve.

— O que você quer com ela?

— O que eu quero de todas as almas que passam por aqui. O que eu devolvo ao Portão dos Mortos, a toda Midgard: energia, vida, poder. Você não entregou seu poder ao sistema eleusiano; você fez a Descida fora dele. Portanto, ainda possui alguma primalux. Primalux pura, nutritiva.

— Nutritiva? — perguntou Bryce.

O Sub-Rei acenou com a mão ossuda.

— Pode me culpar por provar a mercadoria quando ela passa pelo Portão dos Mortos?

A boca de Hunt secou.

— Você… você se alimenta das almas dos mortos?

— Apenas daqueles dignos. Que têm energia o bastante. Não há julgamento além desse: se uma alma possui poder residual o bastante para virar uma refeição substancial, tanto para mim quanto para o Portão dos Mortos, quando as almas deles passam pelo Portão dos Mortos, eu dou uma ou duas… mordidas.

Hunt se encolheu internamente. Talvez tivesse achado cedo demais que o ser a sua frente não era maligno.

O Sub-Rei prosseguiu:

— Os rituais foram todos inventados por vocês. Seus ancestrais. Para suportar o horror da oferenda.

— Mas Danika estava aqui. Ela *respondeu* a mim. — A voz de Bryce falhou.

— Ela estava aqui. Ela e todos os recém-mortos dos últimos vários séculos. Apenas por tempo o bastante para que seus descendentes vivos e entes queridos ou se esquecessem ou não viessem perguntar. Eles moram aqui até então com relativo conforto, a não ser que se tornem uma importunação, e eu decida enviá-los para o Portão mais cedo. Mas, quando os mortos são esquecidos, seus nomes não mais sussurrados ao vento… então eles são arrebanhados Portão afora para se tornarem primalux. Ou secundalux, nome que se usa quando o poder vem dos mortos. Do pó ao pó e essa coisa toda.

— A Cidade Adormecida é uma mentira? — perguntou Hunt. O rosto de sua mãe lampejou em sua mente.

— Uma reconfortante, como eu já disse. — A voz do Sub-Rei mais uma vez se tornou triste. — Uma para seu benefício.

— E os asteri sabem sobre isso? — indagou Hunt.

— Eu jamais presumiria saber o que os divinos sabem ou não sabem.

— Por que está nos contando isso? — Bryce empalideceu, horrorizada.

— Porque ele não vai nos deixar sair daqui com vida — sussurrou Hunt. E as almas deles também não viveriam.

A luz sumiu de vez, e a voz do Sub-Rei ecoou ao redor.

— Essa foi a primeira coisa inteligente que você disse.

Um grunhido estrondoso tremeu o chão e reverberou pelas pernas de Hunt, que agarrou Bryce junto a seu corpo, abrindo as asas para um voo para o alto.

O Sub-Rei cantarolou:

— Eu vou gostar de provar sua luz, Bryce Quinlan.



Ruhn crescera na Cidade da Lua Crescente. Sabia que existiam lugares a serem evitados, mas a cidade era seu lar. Parecera sua.

Até aquele dia.

— Ephraim deve ter chegado — murmurou Ithan enquanto esperavam na escuridão de um beco empoeirado até que Cormac terminasse de fazer a transferência de informação. — E trouxe a Corça com ele.

— E ela trouxe toda a matilha de lobos ferais? Com que finalidade? — Ruhn brincou com o piercing em seu lábio inferior. Tinham visto dois dos interrogadores imperiais de elite a caminho do encontro perto da Praça da Cidade Velha.

Ruhn havia escondido Holstrom e ele nas sombras enquanto Cormac falava com a figura coberta com capa e capuz disfarçada de pedinte errante na outra ponta do beco. Conseguia discernir o contorno de uma arma presa à coxa da figura sob a capa em frangalhos.

Ithan olhou para ele.

— Você acha que a Corça desconfia de nós?

Nós. Porra, só de pensar que se envolvera com rebeldes já o deixava apavorado. Ruhn monitorou a rua iluminada além do beco,

desejando que suas sombras os mantivessem escondidos do que espreitava pelas calçadas.

Turistas e moradores da cidade mantinham uma distância saudável dos lobos ferais. Os metamorfos de lobos eram exatamente como Ruhn esperava: olhos frios e expressões severas acima dos uniformes cinza impecáveis. A insígnia em preto e branco do crânio de um lobo e ossos cruzados adornava o braço esquerdo daquele uniforme. As sete estrelas douradas dos asteri brilhavam em uma insígnia vermelha acima do coração deles. E nos colarinhos altos engomados… dardos prateados.

O número variava em cada membro. Um dardo para cada espião rebelde caçado e assassinado. Os dois pelos quais Ruhn tinha passado estampavam oito e quinze dardos, respectivamente.

— Parece que a cidade se calou. — observou Ithan, a cabeça inclinada. — Este é o lugar *menos* seguro para esse encontro?

— Não fique cismado — disse, embora pensasse o mesmo.

No fim do beco, Cormac terminou e caminhou de volta até eles. Em um piscar de olhos, a figura curvada tinha sumido, engolida pela multidão que tumultuava a avenida principal, todos concentrados demais nos lobos ferais perambulando ali para notar um errante manco.

Cormac tinha encoberto o rosto com sombras, as quais se afastaram assim que encontrou o olhar de Ruhn.

— O agente me contou que eles acham que os asteri suspeitam que Emile tenha vindo até aqui depois que fugiu da Ophion. É possível que a Corça tenha trazido os lobos ferais para caçá-lo.

— Esses lobos aqui são uma desgraça — grunhiu Ithan. — Ninguém vai suportar essa merda.

— Você ficaria surpreso com o que as pessoas suportam quando suas famílias são ameaçadas — disse Cormac. — Eu já vi cidades e aldeias se calarem depois da chegada de uma matilha de lobos ferais. Lugares tão vibrantes quanto este, agora covil do medo e da desconfiança. Eles também acharam que ninguém toleraria. Que alguém faria alguma coisa. Somente quando era tarde demais eles se deram conta de que *eles* deveriam ter feito alguma coisa.

Um calafrio percorreu os braços de Ruhn.

— Eu preciso fazer umas ligações. O Aux e a 33ª comandam esta cidade. Não a Corça. — Merda, precisaria ver seu pai. Podia ser um canalha, mas o Rei Outonal não gostaria de ter a Corça infringindo seu território.

Ithan contraiu sua mandíbula.

— Eu me pergunto o que Sabine e o Primo farão a respeito deles.

— Não há lealdade entre lobos? — perguntou Cormac.

— *Nós* somos lobos — desafiou Ithan. — Os lobos ferais… eles são demônios em pele de lobo. Lobos apenas no nome.

— E se os lobos ferais pedirem para ficar no Covil? — perguntou Cormac. — Será que a moral do Primo ou de Sabine se manterá firme?

Ithan não respondeu.

Cormac prosseguiu:

— É isso que os asteri fazem. Essa é a verdadeira realidade de Midgard. Nós acreditamos que estamos livres, somos poderosos, somos quase imortais. Mas, quando chega o momento, somos todos escravizados dos asteri. E a ilusão pode ser estilhaçada rapidamente.

— Então por que você está tentando trazer essa merda para cá, porra? — indagou Ithan.

— Porque precisa acabar em algum momento — murmurou Ruhn, estremecendo.

Cormac abriu a boca, surpresa iluminando seu rosto, mas se virou quando um macho alto e musculoso, vestindo o impecável uniforme dos lobos ferais, apareceu na outra ponta do beco. Tantos dardos prateados cobriam o seu colarinho que, de longe, parecia uma boca cheia de dentes afiados em torno do pescoço dele.

— Mordoc — sussurrou Ithan. Seu cheiro foi tomado por medo genuíno. Cormac gesticulou para que o lobo se calasse.

Mordoc… Ruhn buscou na memória. O segundo em comando da Corça. Seu principal assassino disciplinador, o lobo feral monitorava o beco com olhos dourados brilhantes. Garras escuras reluziram nas pontas de seus dedos, como se vivesse em um estado entre humano e besta.

Cormac franziu o nariz. O príncipe tremeu, emanando ódio e violência. Ruhn apertou o ombro do primo, os dedos se enterrando no músculo duro.

Lentamente, Mordoc espreitou para dentro do beco. Reparando nas paredes de tijolos, no chão empoeirado…

Porra. Tinham deixado marcas naquele beco todo. Nenhum deles ousou respirar alto ao pressionarem o corpo contra a parede.

Mordoc inclinou a cabeça, o couro cabeludo brilhando entre seu cabelo raspado, então se agachou, os músculos se flexionando sob o uniforme cinza, e passou o dedo grosso por uma pegada. Levou a terra até o nariz e farejou. Seus dentes, um pouco longos demais, brilharam na escuridão do beco.

Entre mentes, Ruhn perguntou a Cormac: *Mordoc conhece seu cheiro?*

Acho que não. Ele conhece o seu?

Não. Eu jamais o conheci.

Você conhece Mordoc? Já o conheceu antes? Ruhn disse a Ithan, que levemente se sobressaltou ao som da voz de Ruhn na mente.

Ithan fixou o olhar no poderoso macho que agora se levantava para farejar o ar. *Sim. Há muito tempo. Ele foi visitar o Covil.*

Por quê?

Ithan respondeu por fim, os olhos arregalados e magoados. *Porque ele é o pai de Danika.*

* * *

Bryce teve presença de espírito o suficiente para sacar Áster. Para reunir seu poder, embora a coisa diante deles… Ah, deuses.

— Permita-me apresentar meu pastor — disse o Sub-Rei da névoa adiante, de pé ao lado de um cachorro preto de três metros de altura. Cada uma das presas era tão longa quanto um de seus dedos. Todas curvas, como as de um tubarão. Feitas para se enterrarem na carne e prendê-la enquanto rasgavam o animal e o dilaceravam. Os olhos eram de um branco leitoso, não enxergavam. Idênticos aos do Sub-Rei.

Sua luz não teria efeito em algo que já era cego.

O pelo do cão, lustroso e iridescente o bastante, quase se parecia com escamas, fluía sobre músculos volumosos e retesados. Garras parecidas com lâminas cortavam o chão seco.

O Relâmpago de Hunt estalou, correndo aos pés de Bryce.

— Isso é um demônio — grunhiu. Hunt os combatera o suficiente para saber.

— Um experimento do Príncipe das Ravinas, das Primeiras Guerras — disse o Sub-Rei, rouco. — Esquecido e abandonado aqui em Midgard depois do fim. Agora meu fiel companheiro e ajudante. Você ficaria surpreso ao saber quantas almas não desejam fazer sua oferta final ao Portão. O Pastor… Bem, ele as arrebanha para mim. Assim como arrebanhará você.

— Frite esse merda — murmurou Bryce para Hunt quando o cachorro rosnou.

— Estou avaliando a situação.

— Avalie mais rápido. *Torre ele como se fosse um…*

— *Não* faça uma piada sobre…

— Cachorro-quente.

Assim que Bryce terminou de dizer aquelas palavras, o cachorro avançou. Hunt atacou, ágil e determinado, um raio disparando na direção de seu pescoço.

O animal gritou, desviando para a esquerda, um obelisco ruindo sob ele. Bryce se virou para onde o Sub-Rei estivera, mas apenas névoa restava.

Covarde.

Hunt atacou de novo, raio bifurcado partindo o céu antes de se chocar contra as costas da criatura, que rolou mais uma vez, fugindo do raio.

— Mas que *porra* — disse Hunt, ofegante, sacando a espada e a arma ao se colocar diante de Bryce. O Pastor parou, olhando para eles. Então o cachorro se descolou.

Primeiro a cabeça se partiu, duas outras se juntando à primeira. E então o cachorro de três cabeças continuou a se separar até que três cães estivessem grunhindo para eles. Três bestas que compartilhavam uma mente, um só objetivo: *matar*.

— Corra — ordenou Hunt, sem tirar o foco dos três cães. — Volte para o rio e saia *nadando*, porra.

— Não sem você.

— Eu vou logo atrás.

— É só voar com a gente…

O cachorro à esquerda grunhiu, fervilhando de raiva. Bryce o encarou e, naquele segundo, a criatura à direita deu um salto. O relâmpago de Hunt se soltou e Bryce não hesitou antes de se virar e fugir.

Névoa a engoliu, engoliu Hunt até que não fosse nada além de luz ondulando atrás de si. Correu, passando por obeliscos e mausoléus de pedra. Locais de descanso dos mortos, ou simples jaulas para prendê-los até que pudessem se tornar comida, valiosos por sua primalux? *Secundalux.*

Passos estrondosos esmagaram o chão atrás dela. Ousou olhar por cima do ombro.

Um dos cães disparou em seu encalço, aproximando-se. O relâmpago de Hunt faiscou atrás da besta, junto com o seu urro de ódio. Era o seu *parceiro* que Bryce deixava para trás…

Bryce voltou para a terra firme. A besta, aparentemente convencida de que estava correndo para o rio, virou-se muito devagar. O cão se chocou contra um mausoléu, e tanto estrutura quanto demônio se estatelaram. Bryce continuou correndo. Disparou de volta para Hunt o mais rápido possível.

A névoa, contudo, era um labirinto, e o relâmpago do anjo parecia ser lançado de toda parte. Obeliscos pairavam como gigantes.

Bryce se chocou contra algo duro e macio, seus dentes perfurando o lábio inferior, Áster caindo de sua mão com um ruído. O gosto acobreado de sangue encheu sua boca quando atingiu o chão. Virando-se, olhou para cima e viu que estava caída diante de um arco de cristal.

O Portão dos Mortos.

Um grunhido chacoalhou a terra. Bryce se virou, rastejando para trás até o Portão. O Pastor surgiu da névoa.

E na terra acinzentada entre eles estava Áster, brilhando levemente.

* * *

O sangue de Ruhn gelou diante da declaração de Ithan. Será que Bryce sabia que Mordoc era o pai de Danika? Ela teria mencionado se

soubesse, não é?

Não era falado, explicara Ithan. *Sabine e os demais tentavam esquecer. Danika se recusava a reconhecer Mordoc. Jamais dizia o nome dele, ou que sequer tinha um pai. Mas alguns de nós estavam no Covil na única vez em que ele foi visitar a filha. Ela estava com 17 anos e se recusava a sequer vê-lo. Depois, não falava sobre aquilo, exceto para dizer que não se parecia em nada com ele. Ela jamais mencionou Mordoc de novo.*

O macho se aproximou, e Ruhn procurou qualquer indício de Danika Fendyr nele. Não encontrou nenhum. *Eles não se parecem nada um com o outro.*

Ithan falou, com cautela, triste: *As semelhanças estão sob a superfície.* Ruhn esperou o golpe. Sabia que estava vindo mesmo antes de Ithan explicar: *Ele é um farejador.*

Ruhn disse a Cormac: *Teletransporte a gente para fora dessa porra.* Deveria ter feito aquilo assim que viram Mordoc se aproximando.

Só posso levar um de cada vez.

Mordoc se aproximou. *Leve Ithan e vá.*

Não vou conseguir localizar você nas sombras quando eu voltar, respondeu Cormac. *Fique pronto para correr para a avenida ao meu sinal.* Então agarrou Ithan e sumiu.

Ruhn se manteve perfeitamente imóvel conforme o lobo espreitava mais perto. Fungando, a cabeça oscilando de um lado para outro.

— Eu consigo sentir seu cheiro, pequeno feérico — grunhiu Mordoc, a voz soando como pedras batendo umas nas outras. — Eu consigo sentir cheiro de café no seu hálito.

Ruhn mantinha suas sombras bem próximas do contorno do corpo, misturando-se à escuridão na parede mais afastada do beco. Deu cada passo silenciosamente, embora o chão empoeirado ameaçasse traí-lo.

— O que estava fazendo aqui, eu me pergunto — disse Mordoc, parando para se virar no lugar. Rastreando Ruhn. — Eu vi seu agente entrar… o vagabundo. Fugiu de meu radar, mas por que você ficou?

Onde Inferno estava Cormac? Considerando que Bryce e Hunt estavam no momento no Quarteirão dos Ossos, Ruhn tinha esperado que *eles* fossem o que estivessem em maior perigo naquele dia.

Continuou se movendo lenta e silenciosamente. A rua iluminada e aberta estava adiante. A multidão podia escondê-lo, mas não seu

cheiro. E suas sombras não teriam utilidade na abertura ensolarada.

— Caçar todos vocês como vermes será divertido — falou Mordoc, virando-se no lugar como se conseguisse ver Ruhn através das sombras. — Por muito tempo esta cidade foi paparicada.

O temperamento de Ruhn mostrou as garras, mas se conteve.

— Ah, isso irrita você. Consigo sentir o cheiro. — Um sorriso selvagem. — Vou me lembrar desse cheiro.

Na outra ponta do beco, a magia de Ruhn captou a faísca da chegada de Cormac apenas tempo o bastante para arrastar os sapatos na terra, e então sumiu.

Mordoc se virou na direção da ação, e Ruhn correu, baixando as sombras ao seu redor.

Cormac surgiu em um ninho de escuridão, agarrou seu braço e então os teletransportou para fora. Ruhn só pôde rezar para Luna para que, quando Mordoc se virasse para a rua de novo, não restasse o cheiro dele para o farejador detectar.



Ruhn agarrava o copo de uísque, tentando acalmar os nervos ansiosos. Ithan, sentado diante dele em um bar silencioso em CiRo, assistia aos melhores momentos dos esportes na TV acima da vitrine de bebidas. Cormac tinha deixado os dois ali antes de se teletransportar para longe, provavelmente a fim de avisar suas contrapartidas rebeldes sobre o que tinha acontecido com Mordoc.

O pai de Danika. Bryce teria um ataque.

Será que o envolvimento de seu genitor com os lobos ferais tinha sido parte do que impulsionara Danika a trabalhar com os rebeldes? Era revoltada e insubordinada o bastante para fazer tal coisa.

E Mordoc conhecia o cheiro de Ruhn agora. Sabia que o cheiro de Ithan tinha estado lá. E era por isso que Cormac os levara até ali, para que houvesse prova em vídeo deles bem longe da Praça da Cidade Velha, assim que Mordoc alegasse que Ithan estivera no beco.

Ithan não disse nada conforme os minutos se passavam, o uísque sumindo com a hora. Não importava que fossem apenas onze horas da manhã e que somente uma outra pessoa estivesse no bar, uma fêmea curvada que parecia ter visto anos melhores. Décadas.

Nenhum deles ousou falar uma palavra sobre o que havia acontecido. Então Ruhn disse a Ithan:

— Eu pedi a você que se juntasse a mim aqui para podermos conversar sobre uma coisa.

— Hã? — Ithan piscou.

Ruhn disse, entre mentes: *Me acompanhe, não faço ideia se as câmeras têm áudio, mas, caso tenham, quero que nosso encontro aqui pareça planejado.*

O rosto de Ithan permanecia casual, intrigado. *Entendi.*

Ruhn se certificou de que sua voz estivesse alta o bastante para ser capturada quando disse:

— O que acha de ir morar comigo e os outros caras?

Ithan inclinou a cabeça.

— O quê? Tipo, morar com vocês? — A surpresa pareceu genuína.

Ruhn deu de ombros.

— Por que não?

— Vocês são feéricos.

— Sim, mas odiamos os anjos mais do que odiamos lobos, então… você é apenas nosso segundo pior inimigo.

Ithan riu, parte da cor retornando ao seu rosto.

— Excelente ponto.

— Estou falando sério — disse. — Você realmente quer ficar no apartamento de Bryce e aturar ela e Hunt se agarrando sem parar?

Ithan riu com escárnio.

— Que Inferno, não. Mas… por quê? — *Além de uma desculpa para as câmeras*, disse Ithan, silenciosamente.

Ruhn encostou na cadeira.

— Você parece um macho decente. Está ajudando Dec com as coisas das filmagens. E precisa de um lugar para ficar. Por que não?

Ithan pareceu ponderar sua resposta.

— Vou pensar a respeito.

— Leve todo o tempo que precisar. A oferta está de pé.

Ithan se esticou, sua atenção desviando para trás de Ruhn. Ficou completamente imóvel. Ruhn não ousou olhar. Não quando passos leves soaram, seguidos por um segundo par pesado. Antes que pudesse perguntar a Ithan entre mentes o que ele vira, Ruhn se viu diante da fêmea mais linda que já contemplara.

— Posso me juntar a vocês? — A voz dela era linda, justa e fria, mas nenhuma luz brilhava em seus olhos âmbar.

Um passo atrás dela, uma fêmea malakh de cabelos pretos e rosto pálido sorria com diversão maliciosa. Tinha feições finas, asas pretas, selvagem como o vento oeste.

— Oi, principezinho. Filhote.

O sangue de Ruhn gelou quando a Harpia deslizou para o banco à esquerda dele. Uma variedade de facas reluzia do cinto na cintura fina dela. Mais uma vez, Ruhn levantou o rosto para a linda fêmea cujo rosto conhecia graças aos jornais e à TV, embora jamais o tivesse visto pessoalmente. O cabelo dourado reluziu sob as luzes fracas quando se sentou à sua direita, gesticulando para o atendente do bar com a mão elegante.

— Achei que poderíamos jogar uma rodada de cartas.

* * *

Dois contra um. Chances assim normalmente eram risíveis para Hunt.

Não quando seus oponentes eram demônios do Inferno, no entanto. Um dos experimentos descartados dos príncipes, agora agindo como disciplinador do Sub-Rei, alimentando o Portão com almas há muito mortas para obter energia de secundalux. Como se tudo que fossem, que jamais seriam, representasse apenas comida para alimentar o império.

O demônio à sua esquerda avançou, os dentes batendo.

Hunt disparou seu relâmpago, bifurcações envolvendo o pescoço espesso da besta. A criatura deu uma guinada, urrando; aquele à sua direita enfim avançou. Hunt o açoitou, mais um colar de relâmpago enroscando seu pescoço, uma coleira de luz branca agarrada em seu punho.

Será que Bryce tinha chegado ao rio? O terceiro demônio havia corrido atrás dela antes que conseguisse impedir, mas ela era rápida, e esperta…

Os demônios à sua frente pararam. Estremeceram e se dissolveram de volta para dentro um do outro, se tornando uma única besta de novo.

Seu relâmpago permanecia em torno do pescoço da criatura. Hunt, contudo, não pôde fazer nada quando a besta se curvou,

arrebentando o relâmpago que queimava sua pele. Uma coisa daquele tamanho e velocidade usaria os dois segundos de lentidão que ele levou para levantar voo e o engoliria por inteiro.

Não era assim que Hunt esperava que sua manhã tivesse se transcorrido.

Concentrando-se, acumulou seu poder. Havia matado Sandriel com aquele relâmpago. Um demônio não deveria ser nada. Antes que conseguisse agir, um grito partiu as névoas a sudoeste. A besta se virou na direção do som, farejando.

E, antes que Hunt conseguisse impedir, mais rápido do que o chicote do relâmpago dele, o animal disparou para a névoa. Atrás de Bryce.

* * *

Bryce estava agachada ao lado do Portão dos Mortos, mensurando as ameaças que a cercavam. Não apenas os cachorros, mas as duas dúzias de ceifadores que tinham flutuado da névoa, cercando-a.

Semivivos de pele pútrida; seus olhos verde-néon brilhavam através da névoa. Seus sussurros roucos ondulavam como cobras sobre a pele dela. O Pastor avançou, empurrando-a ainda mais.

O cristal do Portão dos Mortos começou a brilhar uma luz branca. Não do toque dela, mas como se…

Os ceifadores estavam entoando. Despertando o Portão dos Mortos, de alguma forma.

Durante o ataque à cidade, tinha canalizado sua magia contra os demônios, mas agora… agora puxaria como um sifão o poder dela. A alma dela. Os Portões sugavam magia de quem quer que os tocasse, e a armazenava. Ela havia herdado o poder dessa mesma força.

Mas aquele ali direcionava o poder de volta para a rede de energia. Como a porra de uma bateria recarregável. De alguma forma, ela havia se tornado comida. Será que tinha sido isso que Bryce havia trocado? Alguns séculos ali, achando que tinha encontrado o descanso eterno, e então encontrar esse fim? Em vez disso, ela enfrentaria uma viagem direto para o moedor de almas assim que morresse.

O que parecia provável de acontecer logo.

Existia uma boa chance de canalizar do Portão também, supunha. No entanto, e se o Portão dos Mortos fosse de alguma forma diferente? E se fosse conjurar poder, comprometendo todo o seu? Não podia arriscar.

Bryce ficou de pé, as mãos trêmulas. Áster estava entre ela e o Pastor.

O Relâmpago de Hunt tinha parado. Onde ele estava? Será que um parceiro saberia, será que um parceiro sentiria…

Outro cachorro saiu da névoa. Dividindo-se em dois, aqueles que Hunt estava combatendo. Sangue nenhum manchava os focinhos deles, mas Hunt não estava junto. Nem um filete de seu relâmpago agraciava a névoa.

Os três cães avançaram, farejando sua localização. Os ceifadores continuavam entoando conforme o Portão dos Mortos brilhava mais forte. Aquele teletransporte de Cormac teria sido útil, poderia ter agarrado Hunt cinco minutos antes e sumido.

Olhou para a espada. Era agora ou nunca. Viver ou morrer. Tipo, morrer *mesmo*.

Bryce respirou fundo, e não se deu a chance de pensar duas vezes na própria burrice. Disparou em direção a eles. As bestas avançaram, saltando para ela com três mandíbulas mordendo…

Bryce se abaixou, o solo rochoso rasgando seu rosto enquanto deslizava sob eles, até que Áster estivesse aninhada em seu corpo. Alguma coisa incandescente disparou pelas suas costas.

O mundo explodiu com o impacto dos três cães caindo e se virando. Bryce tentou se levantar, apontar a espada, mas sangue aquecia suas costas. Uma garra devia ter lacerado sua coluna quando um dos cachorros saltou por cima dela, e a dor lancinante, efervescente…

Hunt estava lá fora, em algum lugar. Possivelmente morrendo.

Bryce enterrou a ponta de Áster na terra, usando-a para se colocar de joelhos. Suas costas gritavam em agonia. Podia ter gritado com a espada. Os três cães, os ceifadores além deles, pareceram sorrir.

— É — disse Bryce ofegante, se levantando. — Vão se foder também.

Suas pernas fraquejaram, mas conseguiu levantar a espada preta à frente do corpo. As três bestas rugiram, ameaçando estourar seus tímpanos. Bryce abriu a boca para rugir de volta.

Mas outra pessoa fez isso por ela.

* * *

Hunt só via Bryce, ferida e sangrando.

Bryce, que tinha feito aquela corrida impulsiva até a espada, provavelmente achando que era sua única chance. Bryce, que havia ficado de pé mesmo assim, e que planejava morrer lutando.

Bryce, sua parceira.

Os três cães se uniram em um novamente. Preparando-se para o golpe mortal.

Hunt aterrissou na terra ao lado dela e soltou um urro que sacudiu o próprio Portão.

* * *

Envolto em relâmpago das pontas das asas até o dedo do pé, Hunt aterrissou ao lado dela com tanta força que a terra tremeu. O poder que ondulava de si fez o cabelo de Bryce flutuar para o alto. Ódio primitivo emanava de Hunt quando encarou o Pastor. Os ceifadores.

Jamais tinha visto algo assim, Hunt era o coração de uma tempestade personificado. O relâmpago ao seu redor se tornou azul, como a parte mais quente de uma chama.

Uma imagem invadiu a sua mente. Bryce *tinha* visto aquilo antes, entalhado em pedra no saguão do BCLC. Um macho feérico posando como um deus vingador, martelo erguido para o céu, um canalizador de seu poder…

Hunt liberou seu relâmpago no Pastor, e os ceifadores observavam com os olhos arregalados.

Bryce foi rápida demais, até mesmo para ele, quando saltou na frente do golpe, Áster estendida. Uma teoria remota, apenas parcialmente formada, mas…

O relâmpago de Hunt atingiu Áster e o mundo explodiu.



Hunt gritou quando Bryce saltou diante de seu poder. Quando o relâmpago atingiu a lâmina preta, explodindo do metal, fluindo para o braço dela, o corpo, o coração. Relâmpago se acendeu, ofuscante…

Não, aquela era Bryce.

Poder estalava de cada centímetro dela e de Áster, agarrando-a com uma das mãos conforme disparava para o Pastor. A criatura se dividiu em três cães de novo, e, quando a primeira besta caiu, Bryce atacou. Áster reluzente perfurou o couro espesso. Relâmpago explodiu pelo corpo da besta. Os outros dois gritaram, e ceifadores começaram a se dispersar pela névoa além dos obeliscos.

Bryce se virou quando Hunt a alcançou e disse, os olhos brancos com relâmpago:

— Cuidado!

Tarde demais. A besta que tinha caído bateu com a cauda em Hunt, acertando-o na barriga e o lançando contra o Portão dos Mortos. Atingiu a pedra e desabou, seu poder se extinguindo.

Bryce gritou seu nome conforme mantinha sua posição contra as duas bestas restantes. Aquela que havia ferido morria, estremecendo no chão. Hunt arquejou, tentando se levantar.

Levantou a espada, estalando com os resquícios de poder. Não era muito. Como se o primeiro golpe tivesse exaurido a maior parte. Hunt apoiou a mão na placa de bronze do Portão dos Mortos quando tentou se levantar mais uma vez.

Poder foi sugado de seus dedos, sendo puxado para a pedra. Retesou a mão. Uma das bestas avançou contra Bryce, mas saiu quicando com um golpe de Áster; precisava de mais poder…

Hunt olhou para o arco do Portão dos Mortos acima. Primalux fluía nos dois sentidos, para dentro do Portão dos Mortos e para fora.

E ali, onde o último poder dos mortos o alimentava… ali era um poço, como aquele que Bryce tinha usado durante o ataque na última primavera.

Sofie e Emile Renast podiam canalizar energia também, e relâmpago. Hunt não era pássaro-trovão, mas será que conseguia fazer o mesmo?

Relâmpago corria por suas veias. Seu corpo era feito para lidar com energia pura, incandescente. Será que era aquilo que Apollion indicara, por que o príncipe queria não somente ele e Bryce, mas Emile e Sofie? Será que o Príncipe do Fosso havia arquitetado aquela situação, manipulando-os para que fossem até o Quarteirão dos Ossos, de modo que Hunt seria forçado a se dar conta do que podia fazer com o próprio poder? Talvez Emile nem mesmo tivesse ido até ali. Talvez os ceifadores tivessem mentido a pedido de Apollion, apenas para levar os dois até ali, até aquele lugar, aquele momento…

Bryce inclinou a espada mais para o alto, pronta para lutar até o fim. Hunt olhou para ela por um momento, parecendo um anjo vingativo… e então passou a mão na placa de bronze do Portão dos Mortos.

* * *

Bryce ousou dar apenas uma olhada para trás quando Hunt urrou de novo. Estava de pé, mas sua mão…

Primalux branca e ofuscante — ou seria secundalux? — fluía do Portão dos Mortos para cima de seu braço até o ombro. E, do outro

lado do arco, a pedra começou a escurecer, como se o anjo estivesse drenando-o.

Os dois cães do Pastor se fundiram de novo, antecipando o próximo golpe. A voz de Hunt soou como um estalo de trovão quando disse atrás dela:

— Acenda, Bryce.

As palavras floresceram no coração de Bryce no mesmo momento em que Hunt disparou um rio do poder dele, do poder do Portão dos Mortos, para dentro dela. Aquilo queimou e rugiu e ofuscou, uma bola de energia se contorcendo, a qual Bryce dobrou à sua vontade e canalizou para dentro de Áster.

Bifurcações de relâmpago estalaram de Hunt, dela, da espada.

O Pastor deu meia-volta e fugiu.

Bryce correu em seu encalço.

Asas bateram às suas costas, e então estava nos braços de Hunt. Carregava-a bem acima das costas da besta, então mergulhou, relâmpago correndo em volta deles, uma descida meteórica…

Chocaram-se contra a criatura, Bryce enfiou a espada na nuca do Pastor. Atravessando crânio. Relâmpago e primalux explodiram através da lâmina, e o cachorro explodiu em partículas de fumaça.

Bryce e Hunt atingiram o chão ofegantes e fumegantes, encharcados com o sangue do Pastor. Hunt ficou de pé novamente em um momento, correndo, a mão nas costas de Bryce conforme a puxava consigo.

— O rio — disse ofegante, relâmpago disparando por seus dentes, pelas bochechas. As asas dele baixaram como se Hunt estivesse completamente exausto. Como se voar fosse demais.

Bryce não desperdiçou fôlego para responder quando avançavam pela névoa em direção ao Istros.

* * *

— Mais dois corpos vanir esta manhã, Vossa Excelência — disse Tharion, com um cumprimento, fazendo uma reverência na altura da cintura quando estava de pé no escritório particular de sua rainha.

Era mais biodomo do que escritório, na verdade, cheio de plantas e um córrego profundo e sinuoso, encrustado com grandes lagos. A Rainha do Rio nadava entre os nenúfares, seu cabelo preto marcando a água às suas costas como nanquim. O dia de reuniões da Rainha podia requerer que estivesse dentro do prédio, mas fazia todas ali, sentada em seu elemento.

Virou-se na direção de Tharion, o cabelo grudado sobre os fartos e pesados seios, a pele marrom brilhando com água.

— Diga-me onde. — A voz era linda, mas contida. Fria.

— Um deixado de ponta-cabeça em um olival no norte da cidade, drenado e com um tiro da mesma forma que a selkie, o outro crucificado na árvore ao lado dele. Também com um tiro e a garganta cortada. Evidentemente foram torturados. Dois cheiros humanos estavam presentes. Parece que isso aconteceu ontem.

Havia recebido o relatório naquela manhã, durante o café. Não se incomodara em ir até os locais ou em pedir a Holstrom que o acompanhasse, não quando tinha sido o Aux quem recebeu a ligação, e que lidaria com os corpos.

— E você ainda acredita que a rebelde Pippa Spetsos está por trás dessas mortes.

— O método se alinha com o que seu esquadrão Ocaso faz com as vítimas. Acho que ela está no rastro de Emile Renast, e está torturando qualquer um que o tenha ajudado no caminho.

— O menino está aqui, então?

— Considerando a proximidade do último local, eu tenho bons motivos para crer que ele chegou. — Uma lontra deu cambalhotas e giros ao passar pelas janelas, uma mensagem presa nos dentes, o colete amarelo-néon berrante no azul-cobalto.

— E Sofie Renast? — A Rainha do Rio brincava com um lírio cor-de-rosa e dourado que roçava sua barriga macia, percorrendo os elegantes dedos sobre as pétalas da flor. — Alguém a viu?

— Nem uma ondulação. — Não precisava mencionar Bryce e Athalar indo até o Quarteirão dos Ossos em busca de respostas. Não havia nada para contar ainda. Só esperava que os dois voltassem com vida.

— A Corça está aqui, em Lunathion. Acredita que ela também está rastreando Emile?

— Ela só chegou hoje. — Já tinha recebido relatórios de que os seus lobos caminhavam pela cidade, junto com a Harpia. Pelo menos o Falcão, de acordo com os espiões de Tharion, tinha ficado para trás em Pangera, vigiando o poleiro de Ephraim, aparentemente. — O paradeiro dela tem estado público durante os últimos dias, ela não tem um cheiro humano, e também não estava na cidade para cometer esses assassinatos. Todos os sinais apontam para Pippa Spetsos.

O espírito da água colheu o lírio e o colocou atrás da orelha. A flor brilhou como se acesa por uma semente de primalux.

— Encontre aquele menino, Tharion.

Fez uma reverência com a cabeça.

— E quanto ao Comando da Ophion? Se descobrirem que temos Emile…

— Certifique-se de que não descubram. — Seus olhos ficaram sombrios, e tempestades começaram a ameaçar cair. Relâmpago açoitou a superfície bem no alto. — Somos leais à Casa das Muitas Águas antes de tudo.

— Por que o menino? — ousou finalmente perguntar. — Por que o quer tanto?

— Está me questionando? — Apenas a Rainha do Oceano, Senhora das Águas, Filha de Ogenas, tinha aquele direito. Ou os asteri. Tharion fez uma reverência.

Relâmpago iluminou a superfície de novo, e Tharion franziu as sobrancelhas. Aquele não era o poder de sua Rainha. E como a previsão não tinha anunciado tempestades…

Tharion se curvou novamente.

— Peço desculpas pela impertinência. Vossa vontade é a minha — disse, as palavras familiares escapando de seus lábios. — Vou atualizá-la quando tiver apreendido o menino.

Fez menção de partir, arriscando fazer isso sem receber dispensa, e quase havia chegado ao arco antes de a Rainha do Rio dizer:

— Gostou de sua punição de ontem à noite?

Fechou os olhos por um momento antes de se virar para encará-la.

A Rainha do Rio havia mergulhado o corpo no córrego de novo, não mais do que uma bela cabeça de cabelos pretos entre os nenúfares, como um de seus sobeks, esperando fazer uma refeição com os mortos indignos.

Tharion falou:

— Foi uma punição sábia e adequada para minha ignorância e transgressão.

Os lábios dela se curvaram em um sorriso, revelando dentes brancos levemente pontiagudos.

— É divertido ver você sendo puxado pela coleira, Tharion.

Engoliu sua réplica, seu ódio, seu luto e inclinou a cabeça.

Mais relâmpagos. Precisava ir. Sabia que não deveria revelar sua impaciência, no entanto.

— Só tenho os interesses de sua filha no coração.

De novo, aquele sorriso antigo e cruel que informava que vira machos demais irem e virem, alguns muito mais inteligentes do que ele.

— Suponho que veremos. — Com isso, mergulhou sob a água, sumindo abaixo dos nenúfares e entre o junco.

* * *

Hunt mal conseguia ficar de pé.

A primalux o flagelara, deixando uma ruína fumegante dentro de seu corpo, sua mente. Mas havia funcionado. Tinha tomado o poder e o convertido no próprio. O que quer que aquela porra significasse. Apollion sabia… ou tinha suposto o bastante para estar certo. E Bryce… a espada…

Fora um conduíte para o seu poder. Porra infernal.

Cambalearam entre a névoa, os obeliscos. Guinchos e chiados se elevavam em torno deles. Ceifadores. Será que algum lugar em Midgard seria seguro agora, mesmo depois da morte? Certamente não queria sua alma no Quarteirão dos Ossos.

Os portões de ossos surgiram acima, escavados das costelas de algum leviatã antigo, e, além deles, os degraus para o rio. Os joelhos de Hunt quase fraquejaram quando viu uma familiar moto aquática e o tritão montado nela, chamando freneticamente ao guinar a moto aquática na direção do território de Lunathion.

— Eu achei que era você, com todo esse relâmpago — disse Tharion, ofegante, conforme correram em sua direção, saltando

degraus abaixo. Saiu da moto aquática para dar espaço a eles, se transformando ao fazer isso. O tritão tinha uma aparência infernal: assombrado e cansado e sombrio.

Bryce subiu primeiro e Hunt se juntou a ela, segurando-a por trás. Ligou o motor e disparou para a névoa, Tharion acelerando sob a superfície ao lado deles. Hunt quase desabou sobre suas costas, mas Bryce virou para a esquerda tão bruscamente que precisou agarrar seu quadril para evitar cair na água.

— Merda! — gritou quando dorsos escamosos e musculosos romperam a superfície.

Sobeks.

Apenas as almas nutritivas iam para o Sub-Rei. Aqueles entregues às bestas eram lanchinhos. Porcaria. Um focinho largo cheio de presas espessas semelhantes a adagas disparou da água.

Sangue jorrou antes que a criatura conseguisse rasgar a perna de Hunt. Bryce ziguezagueou para a direita, e Hunt se virou e viu Tharion em seu encalço, uma nuvem mortal de água mirando acima. Pressurizada, como um canhão de água. Tão intensa e brutal que tinha entalhado um buraco através da cabeça do sobek.

Outra besta avançou contra eles, e, de novo, Tharion atacou, água rompendo pele tão certamente quanto conseguiria erodir uma pedra.

Um terceiro, e Tharion atacou com brutal eficiência. As outras bestas pararam, caudas açoitando a água.

— Aguenta aí! — gritou Bryce na direção de Tharion, que agarrou a lateral da moto aquática conforme acelerava com ambos para o Cais Preto. A névoa ficou para trás, e uma parede de luz do sol ofuscou a vista de Hunt.

Não pararam. Não quando alcançaram o cais. Não quando Tharion saltou da água e se transformou, segurando um uniforme aquático da Corte Azul sobressalente do bagageiro do assento na moto aquática. Os três correram pelas ruas até o apartamento de Bryce.

Na segurança de casa, Bryce se ajoelhou no chão, molhada, ensanguentada e ofegante. O corte em sua coluna era longo, mas felizmente superficial, já coagulando. Havia errado a tatuagem do Chifre por milímetros. Hunt ainda tinha sabedoria o suficiente para evitar o sofá branco quando Tharion disse:

— O que aconteceu? Algum sinal de Emile ou Sofie?

— Não… nós fomos burros de sequer procurar por eles no Quarteirão dos Ossos — respondeu Hunt, sentando-se à mesa do jantar, tentando se recuperar. Bryce inteirou o tritão do resto.

Quando terminou, Tharion se sentou em um dos banquinhos do balcão, o rosto lívido.

— Eu sei que deveria estar desapontado porque Emile e Sofie não estavam escondidos no Quarteirão dos Ossos, mas… é isso que nos espera no fim?

Hunt abriu a boca, mas Bryce perguntou:

— Onde está Ruhn? Ele e Ithan deveriam ter voltado.

Hunt semicerrou os olhos.

— Ligue para eles.

Bryce ligou, mas nenhum dos dois atendeu. Hunt pegou o celular, feliz por ter usado o feitiço repelente de água que Quinlan o importunara para que comprasse. Alertas de notícias e mensagens encheram a tela.

Hunt disse, um pouco mais rouco:

— Ephraim acabou de chegar aqui. Com a Corça.

Tharion assentiu sombriamente.

— Ela trouxe a matilha de lobos ferais com ela.

Bryce verificou o relógio do celular de novo.

— Preciso encontrar Ruhn.



Ruhn não disse nada quando a Corça tirou um deque de cartas do bolso do uniforme imperial.

Ithan interpretou o papel de atleta confuso, alternando ignorância com distração entediada conforme assistia ao jogo na TV acima do bar. A Corça embaralhou o deque, cartas estalando como ossos partindo.

No quarto lado da mesa, a Harpia recostava em seu assento e notava cada movimento seu. As asas, de um preto fosco, como se tivessem sido feitas para se esconder, desciam até o chão. Usava o familiar traje de batalha da 45ª, a antiga legião privilegiada de Sandriel. A Harpia, assim como o Martelo, tinha sido uma das líderes notoriamente cruéis.

— Acho que ainda não nos conhecemos — disse a Corça, flexionando e cortando as cartas novamente. As mãos eram ágeis, não hesitavam. Sem cicatrizes. Usava um anel de ouro coroado com um rubi quadrado lapidado. Um sutil indício de riqueza.

Ruhn se obrigou a dar um risinho.

— Fico lisonjeado por estar tão alto na sua lista de prioridades hoje.

— Você é o noivo da minha meia-irmã, não é? — Deu um sorriso sem vida. O oposto do acolhimento e da sabedoria de Hypaxia. A Corça era somente uns vinte anos mais velha do que a irmã, tinha 47 anos, na verdade, muito mais próximas em idade do que a maioria dos irmãos vanir. No entanto, não tinham nada em comum, aparentemente. — Seria grosseiro não me apresentar ao chegar. Eu já visitei a propriedade de seu pai. Ele me informou de que você estava aqui.

Cormac devia ter passado a mentira para o Rei Outonal logo antes de a Corça chegar. Graças aos deuses.

Ruhn riu com escárnio.

— Um prazer conhecer você. Estou ocupado.

A pele da Harpia era tão pálida quanto a barriga de um peixe, ressaltada por cabelos e olhos pretos como azeviche.

— Você é tão impertinente quanto parece, principezinho — disse.

Ruhn girou o piercing labial com a língua.

— Eu detestaria desapontar.

As feições da Harpia se contraíram com ódio, mas a Corça casualmente disse:

— Vamos jogar pôquer? Não é isso que vocês jogam às terças à noite?

Ruhn reprimiu o calafrio. O jogo recorrente não era um segredo, mas… o quanto ela sabia?

Ithan permanecia o retrato do tédio, que os deuses o abençoassem.

Então Ruhn disse à Corça:

— Tudo bem, você está me vigiando pelo bem de sua irmã. — Foi mera coincidência que o procurara naquele momento? O que Mordoc teria contado sobre o paradeiro de Ithan naquela manhã? Ruhn perguntou à Harpia: — Mas por que Inferno *você* está aqui?

Os lábios finos da Harpia tinham se esticado em um sorriso grotesco. Esticou a mão pálida na direção do ombro musculoso de Ithan quando falou:

— Eu queria avaliar a mercadoria.

Sem olhar para ela, o lobo pegou os dedos da fêmea, apertando com bastante força para mostrar que podia quebrá-la se desejasse. Virou-se lentamente, seus olhos fervilhavam em ódio.

— Você pode olhar, sem tocar.

— Se quebrar, tem que comprar — cantarolou a Harpia, agitando os dedos. Gostava daquilo, do limite da dor.

Ithan exibiu os dentes com um sorriso selvagem e soltou sua mão. O filhote tinha coragem, não podia negar. Ithan olhou de novo para a TV ao dizer:

— Passo.

A Harpia fervilhou de ódio, e Ruhn disse:

— Ele é um pouco jovem para você.

— E quanto a você? — rebateu ela, o sorriso afiado de uma assassina.

Ruhn encostou na cadeira, tomando seu uísque.

— Estou noivo. Não saio trepando por aí.

A Corça deu as cartas com uma graciosidade ágil e firme.

— Exceto com faunas, é óbvio.

Ruhn manteve o rosto impassível. Como sabia sobre a fêmea na festa? Encontrou seus olhos dourados, um par perfeito para o Martelo em beleza e temperamento. Não estava na Cimeira na primavera, graças aos deuses. A Harpia estava, no entanto, e Ruhn havia feito o possível para ficar longe dela.

A Corça pegou suas cartas sem deixar de encará-lo.

— Eu me pergunto se minha irmã deveria saber.

— Isso é algum tipo de chantagem? — Ruhn abriu suas cartas em leque. A mão era decente, não ótima, mas tinha ganhado jogos com piores.

A atenção da Corça se voltou para as próprias cartas, então de novo para o seu rosto. Muito provavelmente, aquela fêmea tinha matado Sofie Renast. Uma gargantilha prateada brilhava na base de seu pescoço, como se tivesse destruído tantos rebeldes que o colarinho de seu uniforme não conseguiria conter todos os dardos. Será que o cordão crescia a cada morte que desferia? Será que a sua seria marcada naquele colar?

A Corça falou:

— Seu pai sugeriu que eu me encontrasse com você. Eu concordei. — Ruhn suspeitava que seu pai não tivesse dado sua localização apenas para fornecer um álibi, mas também para avisar ao filho que ficasse longe de problemas.

Ithan pegou as cartas, xingando ao passar os olhos por elas. A Harpia não disse nada ao examinar a própria mão.

A Corça o mirava quando o jogo começou. Era idêntica à Luna, com o coque alto, o ângulo majestoso do pescoço e da mandíbula. Tão friamente serena quanto a lua. Tudo de que precisava era uma matilha de cães caçadores ao seu lado…

E ela os tinha, seus lobos ferais.

Como alguém tão jovem tinha subido na hierarquia tão rapidamente, ganhado tanta notoriedade e poder? Não era à toa que havia deixado um rastro de sangue para trás.

— Cuidado. — disse a Harpia com seu sorriso seboso. — O Martelo não sabe dividir.

Os lábios da Corça se curvaram para cima.

— Não, ele não sabe.

— Como Ithan disse — falou Ruhn, a voz arrastada —, eu passo.

A Harpia visivelmente se irritara, mas a Corça ainda sorria.

— Onde está sua famosa espada, príncipe?

Com Bryce. No Quarteirão dos Ossos.

— Deixei em casa esta manhã — respondeu Ruhn.

— Soube que você passou a noite no apartamento de sua irmã.

Ruhn deu de ombros. Aquele interrogatório era só para foder com ele? Ou será que a Corça sabia de alguma coisa?

— Eu não sabia que você tinha autoridade para interrogar líderes do Aux nesta cidade.

— A autoridade dos asteri se estende por toda parte. Inclusive sobre Príncipes Estrelados.

Ruhn encarou o atendente do bar, gesticulando por outro uísque.

— Então isso é só para provar que você tem colhões maiores? — Passou um braço sobre o encosto da cadeira, as cartas em uma das mãos. — Você quer liderar o Aux enquanto estiver na cidade, tudo bem. Eu preciso das férias.

Os dentes da Harpia brilharam.

— Alguém deveria arrancar essa língua da sua boca. Os asteri açoitariam você por tal desrespeito.

Ithan pegou outra carta e disse, casualmente:

— Que audácia a sua, vir até nossa cidade e tentar arrumar confusão.

A Corça respondeu com igual calma:

— Audácia a sua, babando na fêmea que seu irmão amava.

Ruhn piscou.

Os olhos de Ithan se tornaram perigosamente sombrios.

— Você está falando merda.

— Estou? — disse a Corça, pegando uma carta também. — É óbvio que, como minha visita aqui provavelmente vai incluir conhecer a princesa, eu pesquisei sua história. Encontrei uma sequência de mensagens interessante entre vocês dois.

Ruhn agradeceu ao atendente do bar quando o macho trouxe um uísque e então rapidamente se retirou. Ruhn disse, entre mentes: *Ela está tentando provocar você. Ignore.*

Ithan não respondeu. Apenas disse à Corça, sua voz ficando afiada:

— Bryce é minha amiga.

A Corça pegou outra carta.

— Anos adorando em segredo, anos de culpa e vergonha por sentir como ele se sente, por odiar o irmão sempre que ele falava da Srta. Quinlan, por desejar que *ele* tivesse sido aquele que a conheceu primeiro…

— Cale a boca — rosnou Ithan, sacudindo os copos na mesa, a fisionomia pura de um lobo selvagem.

A Corça continuou, inabalada:

— Amando-a, desejando-a à distância. Esperando pelo dia que ela perceberia que *ele* era aquele com quem deveria estar. Jogando até expor seu coração no campo de solebol, torcendo para que ela enfim reparasse nele. Mas então o irmão mais velho morre.

Ithan empalideceu.

A expressão da Corça é tomada de um desprezo frio.

— E ele se odeia ainda mais. Não apenas por ter perdido o irmão, por não ter estado lá, mas por causa do único pensamento traidor que ele tivera depois de receber a notícia. Que o caminho até Bryce Quinlan agora estava livre. Eu acertei essa parte?

— *Cale a merda da boca* — rosnou Ithan, e a Harpia gargalhou.

Calma, avisou Ruhn ao macho.

* * *

— Mostrem as cartas. — disse a Corça.

Com a mente confusa, Ruhn expôs a mão decente que havia recebido. A Harpia expôs a dela. Ótimo. Ganhara dela. A Corça graciosamente abriu as suas cartas na mesa.

A mão vencedora. Derrotando Ruhn por pouco.

Ithan não se incomodou em mostrar as próprias cartas; já as havia mostrado, aliás, percebeu Ruhn.

A Corça sorriu de novo para Ithan.

— Vocês valbaranos são fáceis demais de quebrar.

— Vai se foder.

A Corça se levantou, recolhendo as cartas.

— Bem, isso foi prazerosamente entediante.

A Harpia também se levantou. Garras pretas brilharam nas pontas dos dedos angelicais.

— Vamos torcer para que fodam melhor do que jogam pôquer.

Ruhn cantarolou:

— Tenho certeza de que algum ceifador vai se rebaixar ao seu nível.

A Corça riu, o que lhe garantiu um olhar irritadiço da Harpia que a metamorfa ignorou. A Harpia ciciou para Ruhn:

— Não admito ser insultada, principezinho.

— Saia da porra do meu bar — sibilou Ruhn, o tom de voz baixo.

Abriu a boca para retrucar, mas a Corça falou:

— Tenho certeza de que nos veremos. — A Harpia entendeu o comando para ir embora e saiu em direção à rua ensolarada, onde a vida, de alguma forma, prosseguia.

No entanto, a Corça parou à soleira da porta antes de sair. Olhou por cima do ombro para Ruhn, o colar prateado brilhando à luz do sol que entrava. Os olhos acesos com fogo profano.

— Dê minhas lembranças ao Príncipe Cormac — disse, por fim.

* * *

Bryce estava a um fôlego de ligar para o Rei Outonal quando a porta do apartamento se abriu. E, aparentemente, parecia muito pior do

que seu irmão ou Ithan, porque de imediato exigiram saber o que tinha acontecido.

Hunt, tomando uma cerveja no balcão da cozinha, disse:

— Emile e Sofie não estão no Quarteirão dos Ossos. Mas descobrimos umas merdas importantes. É melhor vocês se sentarem.

Mas Bryce foi até o irmão, observando-o desde o piercing na orelha até os braços tatuados e as botas arrasadoras. Nem um fio lustroso de cabelo preto estava fora do lugar, embora a pele estivesse pálida. Ithan, de pé ao seu lado, não deu a ela a chance de olhá-lo antes de se aproximar da geladeira e pegar uma cerveja para si.

— Você está bem? — Perguntou Bryce a Ruhn, que franzia a testa para a terra e o sangue nela. A ferida nas costas de Bryce tinha, ainda bem, fechado, mas ainda estava dolorida.

Tharion disse, de onde estava sentado no sofá, os pés apoiados na mesa de centro:

— Todo mundo está bem, Pernas. Agora vamos nos sentar como uma boa família rebelde e compartilhar uns com os outros que Inferno aconteceu.

Bryce engoliu em seco.

— Tudo bem. É… Sim. — Observou Ruhn de novo, com os olhos mais suaves dessa vez. — Você quase me matou de preocupação.

— Não podíamos atender o celular.

Não se permitiu reconsiderar antes de fechar os braços em volta do irmão e apertar forte. Um segundo depois, delicadamente a abraçou de volta, e ela podia jurar que ele estremecera em alívio.

O telefone de Hunt vibrou e Bryce se afastou de Ruhn.

— Celestina me quer no Comitium para a chegada de Ephraim — disse Hunt. — Ela quer os triários dela reunidos.

— Ah, Ephraim já está aqui. — Ithan desabou no sofá. — Descobrimos do jeito mais difícil.

— Você o viu? — perguntou Bryce.

— As comparsas dele — respondeu Ithan, sem olhar para ela. — Jogamos pôquer com elas e tudo.

Bryce se virou para Ruhn. Seu irmão assentiu seriamente.

— A Corça e a Harpia apareceram no bar onde estávamos escondidos. Não sei se foi porque Mordoc farejou o beco onde

Cormac fez a transmissão da informação ou outro motivo. Mas… não foi bom.

— Elas sabem? — perguntou Hunt, baixinho, com os olhos tempestuosos. — Sobre você? Sobre nós?

— Não faço ideia — disse Ruhn, brincando com seu piercing labial. — Mas acho que já estaríamos mortos se soubessem.

Hunt respirou fundo.

— É, vocês estariam. Já teriam levado vocês para interrogatório.

— A Corça é a porra de um monstro — disse Ithan, ligando a TV. — Ela e Harpia.

— Eu que o diga — falou Hunt, terminando a cerveja e caminhando até onde Bryce estava, diante da mesa de jantar de vidro. Não o impediu quando acariciou sua mandíbula, segurando sua bochecha em concha, e a beijou. Um breve roçar de bocas, reivindicador e uma promessa.

— Fica para outro dia? — murmurou contra os seus lábios. Certo. O jantar e o hotel…

Franziu a testa em melancolia.

— Outro dia.

Ele riu, mas ficou fatalmente sério.

— Tome cuidado. Volto assim que puder. Não saia procurando por aquele menino sem mim. — Beijou a sua testa antes de deixar o apartamento.

Bryce ofereceu orações silenciosas a Cthona e Urd para protegê-lo.

— Que bom que vocês dois finalmente se entenderam — disse Tharion, do sofá.

Bryce mostrou o dedo médio para ele. Ruhn, no entanto, a cheirou com cautela.

— Você… está com um cheiro diferente.

— Ela está com cheiro do Istros — disse Ithan, do sofá.

— Não, é… — As sobrancelhas de Ruhn se franziram, e ele coçou o lado raspado da cabeça. — Não sei explicar.

— Pare de me cheirar, Ruhn. — Bryce se jogou no sofá do outro lado de Tharion. — É nojento. Agora senta que lá vem história.



— Como estou? — sussurrou Celestina para Hunt quando estavam diante da mesa em seu escritório privado. Isaiah estava do outro lado dela, Naomi à esquerda dele, Baxian à direita de Hunt. Baxian mal acenara para o anjo quando entrou.

Hunt tinha aproveitado o voo até ali para acalmar seus nervos, seu ódio residual e espanto diante do que haviam feito. O que tinham descoberto. Quando aterrissou na varanda de pouso, estava com o rosto impassível mais uma vez. Com a máscara do Umbra Mortis.

Rachou um pouco, no entanto, quando viu Pollux se afastar de Naomi. Sorrindo com um prazer selvagem de antecipação.

Aquela era uma reunião do Inferno. A Corça e o Martelo, juntos novamente. Não importavam a Harpia e o Cão do Inferno, as coisas sempre haviam girado em torno de Pollux e Lidia, de suas almas gêmeas murchas, e ninguém mais. Graças aos deuses o Falcão tinha ficado para trás em Pangera.

Hunt murmurou para Celestina:

— Você parece uma fêmea prestes a entrar em uma parceria arranjada. — Ficou espantado por suas palavras terem saído tão casualmente, considerando como tinha sido sua manhã.

A arcanjo, vestida em um tom cor-de-rosa suave como o alvorecer, ouro nos pulsos e nas orelhas, lançou a ele um sorriso triste que dizia: *o que se pode fazer?*

Hunt, apesar de não querer, acrescentou:

— Mas você está linda.

Seu sorriso se suavizou, os olhos castanho-claros também.

— Obrigada. E obrigada por vir em sua folga. — Apertou a mão dele, seus dedos surpreendentemente pegajosos. Estava mesmo nervosa.

No fim do corredor, as portas do elevador apitaram. Os dedos de Celestina apertaram os de Hunt antes de se soltarem. Podia jurar que os dela estavam trêmulos.

— Sem problemas. Estarei bem aqui a noite toda. Se você precisar sair, é só me dar um sinal, puxe o brinco, talvez, e vou inventar uma desculpa. — Hunt falou.

Celestina sorriu, empertigando-se.

— Você é um bom macho, Hunt.

Não tinha tanta certeza disso. Não tinha tanta certeza se não fora gentil apenas para fazer com que gostasse dele caso a merda batesse no ventilador. Se Baxian ou a Corça ou alguém sugerisse que estavam fazendo alguma coisa suspeita, talvez desse a ele o benefício da dúvida. No entanto, agradeceu mesmo assim.

* * *

A reunião entre Ephraim e Celestina foi tão tensa e desconfortável quanto Hunt esperava.

Ephraim era bonito, como muitos dos arcanjos: cabelo preto curto rente à cabeça como um guerreiro, pele marrom-clara que irradiava saúde e vitalidade e olhos pretos que reparavam em cada pessoa na sala, tal qual um soldado avaliando um campo de batalha.

Seu sorriso, contudo, era genuíno quando olhou para Celestina, que caminhava em sua direção com as mãos estendidas.

— Meu amigo — disse, erguendo os olhos para seu rosto como se o visse pela primeira vez.

Ephraim sorriu, os dentes brancos retos e perfeitos.

— Minha companheira.

Abaixou a cabeça quando o arcanjo foi beijá-la na bochecha, e Hunt conteve o sentimento de vergonha alheia quando Ephraim encostou os lábios na lateral de sua cabeça em vez disso. Celestina recuou, percebendo o erro na comunicação, que as pessoas estavam testemunhando aquilo, e…

Isaiah, que os deuses o abençoassem, deu um passo adiante, um punho no coração.

— Vossa Graça. Dou as boas-vindas a você e seus triários. — Ephraim tinha levado apenas os triários de Sandriel com ele, percebeu Hunt. Havia deixado seus membros originais em Pangera com o Falcão.

Ephraim se recuperou da má investida e fechou as asas ofuscantemente brancas rentes ao corpo musculoso e poderoso.

— Agradeço a você pelas boas-vindas, Comandante Tiberian. E espero que seus triários recebam os meus com a mesma acolhida.

Hunt enfim olhou para a Corça, a poucos metros atrás de Ephraim, então para Pollux, que a encarava com uma intensidade lupina do outro lado da sala. Os olhos dourados da Corça fervilharam, concentrados inteiramente em seu amante. Como se tivesse a intenção de agarrá-lo ali mesmo.

— Eca — murmurou Naomi, e Hunt conteve um sorriso.

Celestina parecia procurar alguma coisa para dizer, então Hunt a poupou e disse:

— Vamos tratar seus triários como nossos irmãos e irmãs. — A Harpia riu com deboche da última palavra. O relâmpago de Hunt faiscou em resposta. — Por quanto tempo permanecerem aqui. — *Por quanto tempo eu deixar você viver, sua porra de psicopata.*

Celestina se recuperou o bastante para dizer:

— Essa aliança será apenas um dos muitos frutos da nossa parceria.

Ephraim expressou sua anuência, mesmo ao percorrer os olhos pela parceira mais uma vez. Aprovação brilhava ali, mas Celestina… engoliu em seco.

Já havia… estado com um macho, não? Pensando bem, Hunt nem sabia se ela preferia machos. Será que os asteri tinham considerado isso? Será que se importariam com suas preferências, com sua experiência, antes de jogá-la na cama com Ephraim?

Baxian olhava fixamente para a Harpia e a Corça, frio e atento. Não parecia particularmente satisfeito ao vê-las.

— Tenho algumas bebidas preparadas — disse Celestina, indicando as mesas às janelas. — Venha, vamos brindar a esta ocasião feliz.

* * *

Bryce tinha acabado de contar a Ruhn e Ithan o que havia acontecido no Quarteirão dos Ossos. Ambos pareciam tão enjoados quanto Tharion ao ouvir o real destino dos mortos, quando alguém bateu à porta.

— Então Connor — dizia Ithan, esfregando o rosto —, ele… Eles deram sua alma como alimento para o Portão, para se tornar primalux? Secundalux? O que seja.

Bryce retorceu as mãos.

— Parece que esperariam até que todos nós tornássemos pó e até mesmo nossos descentes tivessem se esquecido dele, mas, considerando quanto nós irritamos o Sub-Rei, acho que há uma chance de ele ter… passado Connor para a frente da fila.

— Eu preciso saber — disse Ithan. — Porra, eu preciso *saber*.

Bryce sentia um nó se formando em sua garganta.

— Eu também. Vamos tentar descobrir.

Tharion perguntou:

— Mas o que pode ser feito para ajudá-lo, qualquer um deles?

Silêncio recaiu. Mais uma batida na porta, e Bryce suspirou.

— Vamos descobrir isso também.

Ruhn brincou com uma das argolas em sua orelha esquerda.

— Tem alguém para quem a gente deveria… contar?

Bryce destrancou a porta.

— Os asteri sem dúvida sabem sobre isso e não se importam. Eles dirão que é nosso dever cívico devolver o poder que conseguirmos.

Ithan balançou a cabeça, olhando para a janela.

Ruhn disse:

— Precisamos pensar nisso com cuidado. O Príncipe do Fosso estava pressionando vocês a irem até lá quando mandou aqueles

ceifadores? Ou quando mandou os ceifadores insinuarem que Emile e Sofie poderiam estar escondidos lá? Por quê? Para… ativar seus poderes combinados com aquele truque do Portão? Ele não podia saber o que teria acontecido. Precisamos pensar em como os asteri retaliariam se isso *for* uma coisa que eles queiram manter escondida. E o que fariam se nós realmente encontrássemos e abrigássemos Emile e Sofie.

— A gente vai descobrir — falou Bryce, e finalmente abriu a porta.

A mão de alguém se fechou no pescoço dela, sufocando o ar de Bryce.

— Sua putinha. — ciciou Sabine Fendyr.

* * *

Ruhn devia ter considerado quem precisaria bater à porta. Em vez disso, estava tão concentrado no que Bryce tinha revelado sobre suas vidas, e as vidas após a morte, que se permitiu abrir sem verificar.

Sabine atirou Bryce do outro lado da sala, com tanta força que se chocou na lateral do sofá, empurrando o imenso móvel quase três centímetros para trás.

Ruhn se levantou imediatamente, a arma apontada para a alfa. Atrás dele, Tharion ajudou Bryce a se levantar. A atenção de Sabine permanecia fixa em Bryce.

— Que joguinho você está fazendo, *princesa*? — O título era obviamente o que impedia Sabine de rasgar o pescoço de Bryce.

Bryce franziu as sobrancelhas, mas Ithan se colocou ao lado de Ruhn, violência brilhando nos olhos dele.

— De que diabos você está falando?

Sabine fervilhou, mas não desviou a atenção de Bryce ao prosseguir:

— Você não consegue ficar longe dos assuntos dos lobos, não é?

Bryce disse, friamente:

— Assunto dos lobos?

Sabine apontou seu dedo com garra para Ithan.

— Ele foi exilado. Mas *você* decidiu abrigá-lo. Sem dúvida como parte de algum plano para me destituir do meu direito de nascença.

— Então a lobona malvada veio até aqui gritar comigo por causa disso?

— A lobona malvada — disse Sabine, irritada — veio até aqui para lembrar você de que não importa o que meu pai possa ter dito, *você* não é um lobo. — Olhou com desprezo para Ithan. — E ele também não. Então fique longe da porra dos assuntos dos lobos.

Ithan rosnou baixo, uma faísca de sofrimento ao fundo.

Ruhn grunhiu:

— Você quer conversar, Sabine, então sente-se como a porra de uma adulta. — Ao lado dele, Ruhn estava vagamente ciente de que Bryce digitava uma mensagem no celular.

Ithan esticou os ombros.

— Bryce não está me abrigando. Perry me largou aqui.

— Perry é uma tola apaixonada — cuspiu Sabine.

Bryce inclinou a cabeça.

— O que a respeito deste arranjo, exatamente, incomoda você, Sabine? — A forma como seu tom ficara gélido… Porra, soava exatamente como o seu pai.

— Bryce não tem nada a ver com nós dois, Sabine. Deixe-a de fora disso — Ithan falou.

Sabine se virou em sua direção, fervilhando de ódio.

— Você é uma desgraça e um traidor, Holstrom. Um desperdício covarde, se é essa a companhia que escolhe manter. Seu irmão teria vergonha.

Ithan se descontrolou:

— Meu irmão diria que você já vai tarde, porra.

Sabine rosnou, e o som era puro comando.

— Você pode ser exilado, mas ainda obedece a *mim*.

Ithan estremeceu, mas se recusou a recuar.

Tharion deu um passo à frente.

— Se você quer brigar com Holstrom, Sabine, vá em frente. Eu serei testemunha.

Ithan perderia. E Sabine o dilaceraria tão completamente que não haveria esperança de recuperação. Acabaria com o irmão, sua alma entregue ao Sub-Rei e ao Portão dos Mortos em uma bandeja de prata.

Ruhn se preparou e percebeu que não tinha ideia do que fazer.

* * *

Celestina deveria ter servido algo mais forte em vez de vinho rosé. Hunt não estava nem perto de ficar bêbado o suficiente para continuar sorrindo na sala cheia de seus inimigos. Para lidar ao ver duas pessoas que não tinham escolha a não ser fazer uma parceria arranjada funcionar de algum jeito. Não seriam oficialmente parceiros até a festa, no mês seguinte, mas a vida juntos já estava começando.

Ao seu lado, às portas da varanda particular do escritório de Celestina, Isaiah terminou seu vinho rosa-pálido e murmurou:

— Que porra doentia.

— Eu me sinto mal por ela — disse Naomi, do outro lado de Isaiah.

Hunt grunhiu em concordância, observando Celestina e Ephraim tentando levar uma conversa casual do outro lado da sala. Além deles, a Harpia parecia contente em olhar com desprezo para Hunt a noite toda. Baxian espreitava à porta do corredor. Pollux e Lidia conversavam perto da Harpia com as cabeças baixas.

Naomi acompanhou a direção de seu olhar.

— Par assustador.

Hunt riu.

— É. — Seu celular vibrou, então tirou o aparelho do bolso para ver que uma mensagem de *Bryce Chupa Meu Pau Como Uma Campeã* tinha chegado.

Hunt se engasgou, atrapalhando-se para mudar a tela quando Isaiah olhou por cima do seu ombro e riu.

— Presumo que não tenha sido você quem colocou esse nome aí.

— Não — ciciou Hunt. Faria Bryce pagar por aquilo, depois que finalmente conseguissem foder. Hunt não tinha se esquecido de que deveria estar fazendo exatamente isso naquele momento. Que havia feito reservas para jantar e para passarem a noite em um hotel que tinham sido canceladas por aquela merda desconfortável. Hunt explicou a Isaiah: — É uma brincadeira idiota que nós temos.

— Uma brincadeira, é? — Os olhos de Isaiah dançaram com satisfação, dando um tapinha no ombro de Hunt. — Fico feliz por você.

Hunt sorriu consigo mesmo, abrindo a mensagem, tentando não olhar para o nome que ela havia colocado e pensar em como era preciso.

— Obrigado. — Seu sorriso logo desvaneceu quando leu a mensagem.

Sabine aqui.

Seu coração acelerou. Isaiah leu a mensagem e murmurou:

— Vai.

— E isso aqui? — Hunt indicou com o queixo para Celestina e Ephraim do outro lado da sala.

— Vai — insistiu Isaiah. — Precisa de apoio?

Não deveria, mas a mensagem de Bryce tinha sido tão vaga e… merda.

— Você não pode vir comigo. Vai ser óbvio demais. — Virou-se para Naomi, mas havia perambulado até o carrinho de bebidas de novo. Se a agarrasse, chamaria a atenção de todo mundo. Observou o espaço.

Baxian olhou diretamente para ele, interpretando a tensão em seu rosto, seu corpo. Babaca. Agora alguém *saberia* que tinha partido…

Isaiah sentiu isso, notou.

— Eu lido com aquilo — murmurou o amigo, saiu determinado até o anjo de asas pretas. Disse alguma coisa a Baxian que fez os dois darem as costas a Hunt.

Aproveitando a chance, Hunt recuou um passo, então outro, sumindo nas sombras da varanda além do escritório. Continuou se movendo, sorrateiro, até que seus calcanhares estivessem na beira da plataforma, mas quando saiu, em queda livre noite adentro, viu Celestina o olhando.

Desapontamento e insatisfação encobriam os olhos dela.



Bryce xingou a si mesma por ter aberto a porta. Por deixar a loba entrar. Por deixar que chegasse àquele estado tão rapidamente: Ithan e Sabine, prestes a sujar aquele apartamento de sangue. O sangue de Ithan.

Sua boca ficou seca. Pense. *Pense.*

Ruhn rapidamente olhou em sua direção, mas não sugeriu nenhuma grande ideia entre mentes.

Sabine rosnou para Ithan:

— Seu irmão sabia o próprio lugar. Estava contente em ser o segundo em comando de Danika. Você não chega nem perto de ser tão inteligente quanto ele foi.

Ithan não recuou quando Sabine avançou.

— Eu posso não ser tão inteligente quanto Connor — disse —, mas pelo menos não fui burro o bastante para dormir com Mordoc.

Sabine parou.

— Cale a sua boca, menino.

Ithan gargalhou, frio e sem vida. Bryce jamais o ouvira emitir tal som.

— Nós jamais descobrimos durante aquela última visita: foi uma união arranjada entre vocês dois, ou uma decisão bêbada?

Mordoc… o capitão da Corça?

— Vou rasgar seu pescoço — grunhiu Sabine, aproximando-se. Mas Bryce viu o brilho de surpresa. Dúvida. Tinha desestabilizado Sabine com a investida.

De novo, Ithan não desviou o olhar.

— Ele está aqui na cidade. Você vai visitar? Levá-lo para o Cais Preto, para se despedir da filha dele?

O estômago de Bryce se revirou, mas manteve a expressão neutra. Danika jamais dissera. Sempre alegara que era um…

Um macho que não é digno se conhecer ou se lembrar.

Bryce presumira que era algum lobo inferior, algum macho submisso demais para manter o interesse de Sabine, e Sabine tinha se recusado a deixar que Danika o visse por conta disso. Mesmo quando Danika descobriu sua verdadeira ascendência, jamais contou a Bryce sobre a própria linhagem. O pensamento queimou como ácido.

Sabine cuspiu:

— Eu sei o que você está tentando fazer, Holstrom, e não vai funcionar.

Ithan contraiu o peito largo. Bryce tinha visto aquela mesma expressão intensa quando enfrentara oponentes no campo de solebol. Ithan costumava ser aquele que sobrevivia ao encontro. E *sempre* saía se um colega do time se juntava à briga.

Então Bryce se intrometeu. Disse a Sabine:

— Danika era uma rebelde?

Sabine virou a cabeça para ela.

— *O quê?*

Bryce manteve os ombros retos, a cabeça erguida. Era superior a Sabine em posição e poder agora, lembrou-se.

— Danika teve contato com rebeldes da Ophion?

Sabine recuou. Apenas um passo.

— Por que você sequer perguntaria isso?

Ithan ignorou a questão e replicou:

— Era por causa de Mordoc? Ela se sentia tão enojada com ele que ajudou os rebeldes como vingança?

Bryce insistiu do outro lado:

— Talvez ela tenha feito por nojo de você também.

Sabine recuou mais um passo. Predadora se tornando presa.

— Vocês dois perderam a cabeça — grunhiu.

— É mesmo? — perguntou Bryce, então arriscou: — Não fui eu quem veio correndo para me certificar de que não estávamos tramando algum tipo de golpe contra você.

Sabine fervilhou de raiva. Bryce insistiu, não sentindo pouca satisfação com aquilo:

— É esse o medo, não é? Que vou usar meu glorioso título de princesa para fazer com que Holstrom substitua você de algum jeito? Quero dizer, você não tem herdeiros além de Amelie no momento. E Ithan é tão dominante quanto ela. Mas não acho que o Covil goste de Amelie, sabe, nesse sentido, nem de longe tanto quanto gostam dele.

Ithan piscou para ela, surpreso. Bryce, no entanto, sorriu para Sabine, tinha expressão lívida quando grunhiu.

— *Fique longe dos assuntos dos lobos.*

Bryce provocou:

— Eu me pergunto quão difícil seria convencer o Primo e o Covil de que Ithan é o futuro brilhante dos lobos valbaranos…

— Bryce — avisou Ithan. Será que ele realmente jamais cogitara tal coisa?

A mão de Sabine foi até alguma coisa às costas dela, e Ruhn mirou a arma.

— Nah — disse o irmão de Bryce, sorrindo maliciosamente. — Acho que não.

Uma onda familiar de ar eletrificado encheu a sala um momento antes de Hunt falar:

— Eu também não. — E surgir à porta tão silenciosamente que Bryce soube que estava à espreita. Alívio quase fez seus joelhos fraquejarem quando o anjo entrou no apartamento, arma apontada para as costas da cabeça de Sabine. — Você vai sair e nunca mais incomodar a gente.

Sabine fervilhou:

— Me permitam dar um conselho. Se vocês mexerem com Mordoc, vão receber o que merecem. Perguntem sobre Danika e verão só o que ele faz para arrancar suas respostas.

Ithan exibiu os dentes.

— Saia, Sabine.

— Você não me dá ordens.

Os lobos estavam em um entrave: um, jovem e de coração partido; a outra, no auge e desalmada. Será que alguém como Ithan conseguiria, se quisesse, vencer uma batalha por domínio?

Então outra figura entrou no apartamento, atrás de Hunt.

Baxian. O anjo metamorfo tinha uma arma em punho, mirando nas pernas de Sabine para neutralizá-la caso tentasse fugir.

Com apenas um lampejo de surpresa no rosto de Hunt, Bryce soube que aquela não era uma aparição planejada.

Sabine se virou lentamente. Seus olhos brilharam de reconhecimento. E, depois, algo como medo.

Os dentes de Baxian brilharam com um sorriso selvagem.

— Olá, Sabine.

Sabine fervilhou de ódio, mas ralhou:

— Vocês são todos carniça. — Então saiu, tempestuosa.

— Você está bem? — perguntou Hunt a Bryce conforme a checava de cima a baixo. A vermelhidão em torno do pescoço estava diminuindo diante de seus olhos.

Bryce fez uma careta.

— Eu preferiria não ter sido atirada na lateral do sofá.

Baxian, ainda à porta, bufou uma gargalhada.

Hunt se virou para ele, relâmpago a postos.

— Você não tem nada melhor para fazer com seu tempo em vez de me seguir por aí?

— Me pareceu que você tinha uma emergência — disparou Baxian de volta. — Imaginei que você precisaria de reforços. Principalmente considerando onde estava esta manhã. — Deu um meio sorriso. — Eu me preocupei que alguma coisa pudesse ter seguido você de volta pelo Istros.

Hunt trincou a mandíbula com tanta força que doeu.

— E quanto a Isaiah?

— Está falando da tentativa patética dele de criar uma distração? — disse Baxian, com escárnio.

Antes que Hunt pudesse responder, Ithan perguntou ao Cão do Inferno:

— Você conhece Sabine?

A expressão de Baxian ficou sombria.

— De vista. — Pela reação de Sabine, definitivamente havia mais coisas ali.

Bryce subitamente perguntou a Ithan:

— Mordoc é… era… ele é o *pai* de Danika?

Ithan encarou os pés.

— É.

— Tipo, o macho que a gerou. Tipo, ele deu a ela o seu material genético.

Os olhos de Ithan se incendiaram.

— Sim.

— Porra, e ninguém pensou em me contar?

— Eu só sabia porque ele visitou o Covil uma vez, um ano antes de conhecermos você. Ela puxou o dom de farejadora dele. Era um segredo dela, mas agora que morreu…

— Por que ela não me contaria? — Bryce esfregou o peito. Hunt pegou sua mão. Acariciou o polegar sobre as articulações dos dedos.

— Você iria querer aquele canalha como pai? — perguntou Hunt.

— Eu já tenho um canalha como pai — disse Bryce, e Ruhn grunhiu em concordância. — Eu teria entendido. — Hunt apertou a mão dela em um conforto carinhoso.

— Não sei por que ela não disse nada a você. — Ithan se jogou no sofá, passando as mãos pelos cabelos. — Danika teria se tornado minha alfa um dia, e Sabine, a governante de todos nós, então, se queriam manter isso em segredo, eu não tinha escolha. — Até que Sabine o exilou, libertando-o daquelas restrições.

— Você teria enfrentado Sabine agora há pouco? — perguntou Tharion.

— Eu poderia ter tentado — admitiu Ithan.

Hunt assoviou, mas foi Baxian que disse:

— Você não teria vencido esta noite.

Ithan rosnou.

— Eu pedi sua opinião, cachorro?

Hunt olhou entre os dois. Interessante que Ithan o visse como cachorro, não como anjo. Sua forma animal tinha precedência para outro metamorfo, aparentemente.

Baxian rosnou de volta.

— Eu disse que você não teria vencido *esta noite*. Mas em outro dia, se dê mais alguns anos, filhote, e talvez.

— E você é um especialista nesses assuntos?

Ithan ainda estava ansioso por uma luta. Talvez Baxian estivesse prestes a dar uma a ele, sentindo sua necessidade disso. As asas de Baxian se fecharam, estava definitivamente pronto para uma briga.

Bryce massageou as têmporas.

— Vão para a academia ou para o telhado se quiserem brigar. Por favor. Não tenho dinheiro para perder mais móveis — disse ela, fazendo uma careta para Ithan.

Hunt riu.

— A gente vai lidar com o luto juntos, Quinlan. Faça uma despedida adequada para a mesa de centro. Holstrom deveria fazer a elegia, já que foi ele quem a quebrou.

Seu celular vibrou, verificando, Hunt encontrou a mensagem de Isaiah. *Tudo bem?*

Escreveu de volta: *Sim. Você?*

Ela ficou chateada porque você saiu. Não disse nada, mas posso ver. Baxian também saiu.

Porra. Ele respondeu: *Diga a ela que foi uma emergência e que Baxian precisava me ajudar.*

Ele foi atrás de você?

Só para me passar um sermão, mentiu Hunt.

Tudo bem. Cuidado.

Ithan disse a Ruhn:

— Aceito sua oferta.

Hunt contraiu as sobrancelhas uma em direção à outra. Bryce perguntou:

— Que oferta?

Ruhn a avaliou antes de dizer:

— De ir morar comigo e os rapazes. Por causa das suas merdas de paredes finas.

Tharion disse, com ultraje fingido:

— Eu tinha reivindicado o filhote como *meu* amigo primeiro.

— Desculpe por levar você ao exílio com sexo, Ithan — murmurou Bryce. Hunt gargalhou, Ithan não. Nem mesmo olhou para Bryce. Estranho.

Ruhn disse a Ithan:

— Tudo bem. Você vai lutar com esse babaca primeiro, ou podemos ir? — Assentiu para Baxian.

Hunt continuou perfeitamente imóvel. Pronto para intervir ou servir de juiz.

Ithan avaliou o anjo com aquela precisão e foco atléticos. Baxian apenas sorriu com o convite. Quantas vezes Hunt tinha visto aquela expressão no rosto do Cão do Inferno antes de dilacerar alguém?

O lobo fez que não, sabiamente.

— Outro dia.

Três minutos depois, Ithan estava indo para o corredor com Ruhn e Tharion, que precisava se reportar à sua rainha mais uma vez.

— Ithan — disse Bryce, antes de conseguir sair. Da cozinha, Hunt a viu dar um passo para o corredor, então parar, como se estivesse se contendo. — Nós formamos um bom time.

Do seu ângulo, Hunt não podia ver o rosto de Ithan, mas ouviu o quase silencioso:

— É. — Logo antes de as portas do elevador apitarem. Então: — Nós formamos. — Apesar de tudo, Hunt podia jurar que o lobo parecia triste.

Um momento depois, Bryce voltou para o apartamento e foi direto para Hunt, parecia que se jogaria em seus braços com exaustão. Parou subitamente ao ver Baxian.

— Está gostando da vista?

Baxian parou de observar.

— Lugar legal. Por que Sabine veio até aqui?

Bryce examinou as unhas.

— Ela estava puta porque eu estava abrigando Ithan depois que o jogou na sarjeta.

— Mas você sabe sobre ela e Mordoc. — Não foi exatamente uma pergunta.

— *Você* sabe? — perguntou Hunt.

Baxian gesticulou com um dos ombros.

— Eu passei anos com a Corça e aqueles que a servem. Captei alguns detalhes interessantes.

— O que aconteceu quando Mordoc visitou Danika? — perguntou Bryce.

— Não foi nada bom. Ele voltou para o castelo de Sandriel… — Baxian disse para Hunt: — Lembra de quando ele comeu aquele casal humano?

Bryce se engasgou.

— Ele *o quê?*

— Isso. — Hunt disse, a voz grave.

— Foi quando ele voltou da visita ao Covil — explicou Baxian. — Ele estava com tanta raiva que saiu e matou um casal humano que encontrou na rua. Começou a devorar a fêmea enquanto o macho ainda estava vivo e implorando por piedade.

— Maldito Solas Flamejante — sussurrou Bryce, sua mão encontrando a de Hunt.

— Sabine estava certa em alertar vocês a ficarem longe dele — falou Baxian, se dirigindo para a porta.

Hunt grunhiu:

— Eu jamais achei que ele estaria nesta cidade.

— Vamos torcer para que ele vá embora logo, então — disse Baxian, sem olhar para trás.

Bryce falou, a mão deslizando da de Hunt:

— Por que *você* veio até aqui, Baxian?

O anjo metamorfo parou.

— Athalar pareceu precisar de ajuda. Somos parceiros, afinal de contas. — Seu sorriso era selvagem, debochado. — E ver Celestina e Ephraim fingirem gostar um do outro era torturante demais, até para mim.

Bryce não aceitaria aquilo, no entanto.

— Você também estava no Cais Preto esta manhã.

— Está perguntando se estou espionando você?

— Ou isso ou você desesperadamente quer andar com os populares.

— Um bom espião responderia que não e diria que você está sendo paranoica.

— Mas você… não é um bom espião?

— Eu nem sou espião, e você está sendo paranoica.

Bryce revirou os olhos, e Hunt sorriu consigo mesmo quando ela foi até a porta, fazendo menção de fechá-la atrás de Baxian. Quando fechou a porta, Hunt a ouviu dizer ao Cão do Inferno:

— Você vai se enturmar direitinho aqui.

* * *

— Por que você disse aquilo para ele? — perguntou Hunt, ao se jogar na cama ao seu lado mais tarde naquela noite.

Bryce apoiou a cabeça em seu ombro.

— Disse o quê?

— Aquela coisa para Baxian sobre se enturmar.

— Ciúmes?

— Eu só… — Seu peito inflou quando Hunt suspirou. — Ele é um macho ruim.

— Eu sei. Não pense muito nas minhas bobagens, Hunt.

— Não, não é isso. É que… Ele é um macho ruim. Sei que ele é. Mas eu não era melhor do que ele.

Bryce tocou sua bochecha.

— Você é uma boa pessoa, Hunt. — Já o havia assegurado daquilo tantas vezes.

— Eu disse a Celestina que apoiaria ela com Ephraim, e então saí. Pessoas boas não fazem isso.

— Você saiu para vir resgatar sua companheira da loba má.

Hunt deu um peteleco em seu nariz, virando-se de lado, as asas como uma parede cinza atrás dele.

— Não acredito que Mordoc seja o pai de Danika.

— Não acredito que nossas almas se transformam em comida de primalux — replicou ela. — Nem que a Corça trouxe os lobos ferais dela até aqui. Ou que o Sub-Rei é a merda de um psicopata.

A gargalhada de Hunt a envolveu.

— Dia brabo.

— O que você acha que aconteceu no Quarteirão dos Ossos, com seu relâmpago e a primalux e tudo?

— Em que você estava pensando quando pulou na frente do meu relâmpago?

— Funcionou, não foi?

Mostrou-se irritado.

— Você sabe aquela cicatriz no pescoço de Baxian? Eu fiz aquilo com ele. Com meu relâmpago. Com um golpe que foi uma fração do que eu liberei em Áster.

— Tá, tá, você é o macho forte e inteligente que sabe tudo. Eu sou uma fêmea impulsiva cujos sentimentos a colocam em apuros…

— Porra, Quinlan.

Bryce apoiou a cabeça na mão.

— Então você não fazia ideia de que podia fazer aquilo? Pegar energia do Portão dos Mortos e transformar em relâmpago e tudo isso?

— Não. Nunca me ocorreu canalizar nada para meu relâmpago até que o Príncipe do Fosso sugeriu na outra noite. Mas… fazia sentido: você tomou o poder do Portão do Coração nessa primavera, e Sofie Renast, como um pássaro-trovão, podia fazer algo semelhante, então… mesmo que o empurrão tenha vindo do Príncipe do Fosso, tentar pareceu uma boa alternativa a ser devorado.

— Você ficou… — Agitou os dedos no ar. — Todo frenético de relâmpago.

Hunt beijou sua testa, passando a mão por seu quadril.

— Eu fico um pouco em pânico quando sua segurança está envolvida.

Bryce beijou a ponta de seu nariz.

— Que alfa babaca. — Bryce afundou de volta na cama, colocando os braços sob a cabeça. — Você acha que realmente *existe* um lugar de descanso para nossas almas? — Suspirou para o teto. — Tipo, se a gente morresse e não fosse para aqueles lugares… o que aconteceria?

— Fantasmas?

Fez careta.

— Você não está ajudando.

Hunt riu, colocando as mãos atrás da própria cabeça. Bryce passou o tornozelo por cima da canela do anjo, e ficaram deitados ali em silêncio, olhando para o teto.

Hunt disse, depois de um tempo:

— Você trocou seu lugar de descanso no Quarteirão dos Ossos pelo de Danika.

— Considerando o que acontece com todo mundo lá, eu me sinto um pouco aliviada com isso agora.

— É. — Pegou uma de suas mãos na própria e apoiou os dedos entrelaçados deles sobre o coração.

— Mas para onde quer que você vá quando esta vida acabar, Quinlan, é lá onde eu quero estar também.



A ponte estava maravilhosamente silenciosa em comparação com a agitação absoluta que havia sido o dia de Ruhn.

Tinha levado Holstrom de volta para sua casa, onde Flynn e Dec estavam engolindo cinco pizzas juntos. O primeiro arqueara a sobrancelha diante do anúncio de Ruhn de que o quarto cômodo, uma pilha de porcaria nojenta graças aos anos atirando as bagunças ali antes das festas, era agora o quarto de Ithan. Ficaria com o sofá naquela noite, e no dia seguinte limpariam toda a merda. Declan apenas dera de ombros e passara uma cerveja a Ithan, então pegara seu laptop, provavelmente para continuar esquadrinhando as filmagens da galeria.

Flynn olhara para o lobo, mas também dera de ombros. A mensagem era bastante objetiva: sim, Holstrom era um lobo, mas, contanto que não falasse mal de feéricos, se dariam muito bem. E um lobo era sempre melhor do que um anjo.

Os rapazes eram simples assim. Fáceis.

Não como a fêmea que queimava do outro lado da ponte.

— Oi, Day. — Desejou ter um lugar para se sentar. Por uma porra de momento. Estava tecnicamente dormindo, supôs Ruhn, mas…

Porra. Uma poltrona de acolchoamento fofo apareceu a trinta centímetros dele. Ruhn se jogou nela e suspirou. Perfeito.

O ronco de escárnio da agente ondulou em sua direção e outro assento apareceu. Um divã de veludo vermelho.

— Chique — disse, quando Day se jogou no divã. Ela se parecia tanto com Lehabah que seu peito doeu.

— Me ver assim deixa você angustiado.

— Não — disse, confuso sobre como lera as suas emoções quando noite e estrelas cobriam suas feições. — Não, é que… eu, hã, perdi uma amiga há uns meses. Ela amava se sentar em um sofá como esse aí. Era uma duende de fogo, então toda essa sua coisa de fogo… mexeu um pouco comigo.

Inclinou a cabeça, as chamas se agitando.

— Como ela morreu?

Conteve-se antes que pudesse revelar muito.

— É uma longa história. Mas ela morreu salvando minha… alguém que eu amo.

— Então foi uma morte nobre.

— Eu deveria ter estado lá. — Ruhn se recostou nas almofadas e olhou para o preto infinito acima deles. — Ela não precisava ter feito aquele sacrifício.

— Você teria trocado sua vida pela de uma duende do fogo? — Não havia condescendência na pergunta, apenas curiosidade explícita.

— É. Eu teria. — Abaixou o olhar para ela. — Enfim, passamos a informação. Quase fomos pegos, mas passamos.

A agente endireitou-se sutilmente.

— Por quem?

— Mordoc. A Corça. A Harpia.

Congelou. Seu fogo tremeluziu até o tom de azul-violeta.

— Eles são *letais*. Se você for pego, vai ter sorte se for apenas morto.

Ruhn cruzou um tornozelo sobre o joelho.

— Acredite em mim, eu sei.

— Mordoc é um monstro.

— A Corça também. E a Harpia.

— Eles estão todos… Onde você está agora?

Hesitou, então falou:

— Em Lunathion. Tudo bem te contar, você poderia muito bem ter ligado o noticiário e descoberto onde eles estão.

Balançou a cabeça, as chamas fluíam.

— Você fala demais.

— E você de menos. Alguma outra informação sobre o carregamento na Coluna?

— Não. Achei que você tivesse me chamado aqui para me contar alguma coisa.

— Não. Eu… eu acho que minha mente procurou pela sua.

Daybright o observou. E embora Ruhn não pudesse ver seu rosto e ela não pudesse ver o dele, jamais se sentira tão nu.

— Alguma coisa deixou você ansioso. — A agente disse, em voz baixa.

Como ela sabia?

— Meu dia foi… difícil.

Ela suspirou. Tendões de fogo ondularam em torno de seu corpo.

— O meu também.

— Ah, é?

— É.

A resposta foi uma provocação, um lembrete da conversa anterior. Ela possuía um senso de humor, então.

Day falou:

— Eu trabalho com pessoas que são… bem, elas fazem Mordoc parecer uma daquelas lontras fofinhas da sua cidade. Há dias em que me cansa mais do que outros. Hoje foi um desses dias.

— Você ao menos tem amigos com quem contar? — perguntou.

— Não. Eu nunca tive um amigo de verdade na vida.

Ruhn estremeceu em aflição.

— Isso é… muito triste.

A agente riu.

— É mesmo, não é?

— Não acho que eu teria chegado até onde cheguei sem meus amigos. Ou minha irmã.

— Nós sem amigos nem família encontramos formas de nos virar.

— Sem família, é? Uma verdadeira loba solitária. — Acrescentou: — Meu pai é um merda, então… na maior parte do tempo eu queria

ser como você.

— Eu tenho uma família. Muito influente. — Apoiou a cabeça em um punho em chamas. — Eles também são merdas.

— É? Seu pai algum dia queimou você por falar sem permissão?

— Não. Mas ele me açoitou por espirrar durante as orações.

Day não era asteri, então. Os asteri não tinham família. Nem filhos. Nem pais. Eles apenas *existiam*.

Runh piscou.

— Tudo bem. Estamos quites.

Ela riu baixinho, um som grave e suave que foi como se dedos delicados percorressem sua pele.

— Uma coisa verdadeiramente trágica de se ter em comum.

— É mesmo. — Sorriu, mesmo que ela não conseguisse ver.

— Como você está em uma posição de poder, estou presumindo que seu pai também esteja. — disse a agente.

— Por que eu não posso ter atingido o sucesso sozinho?

— Digamos que seja intuição.

Ruhn deu de ombros.

— Está bem. O que tem isso?

— Ele sabe de suas tendências rebeldes?

— Acho que meu trabalho vai além de tendências a esta altura, mas… não. Ele me mataria se soubesse.

— E, no entanto, você arrisca sua vida.

— O que você quer saber, Day?

A boca da fêmea se repuxou para o lado. Ou o que ele achava ser a boca.

— Você poderia usar seu poder e posição para minar pessoas como seu pai, sabe. Ser um agente secreto para a rebelião nesse sentido, em vez de ser o office boy.

Ela não sabia quem ele era, certo? Ruhn se agitou na poltrona.

— Sinceramente? Sou uma merda nesses jogos de enganação. Meu pai é o mestre deles. Isso é muito mais a minha praia.

— Só por causa disso seu pai pode permanecer no poder?

— É. Não é isso que permite que todos esses babacas fiquem no poder? Quem vai impedi-los?

— Nós. Pessoas como nós. Um dia.

Ruhn riu com escárnio.

— Eis uma merda idealista. Você sabe que, se esta rebelião triunfar, nós provavelmente teremos uma guerra por domínio entre todas as Casas, não sabe?

— Não se nós jogarmos o jogo direito. — Seu tom era completamente sério.

— Por que está me contando isso? Eu achei que você era toda… nada-de-coisas-pessoais.

— Vamos culpar o dia difícil.

— Tudo bem — repetiu. Ruhn recostou na poltrona de novo, permitindo-se ficar em silêncio. Para sua surpresa, a agente fez o mesmo. Ficaram sentados em silêncio por longos minutos antes de Day dizer: — Você é a primeira pessoa com quem eu converso normalmente em… muito tempo.

— Quanto tempo?

— O suficiente, acho que esqueci como é ser eu mesma. Acho que perdi completamente meu verdadeiro eu. Para destruir monstros, nós nos tornamos monstros. Não é o que dizem?

— Da próxima vez, vou trazer umas cervejas psíquicas e uma TV. Vamos fazer você ser normal de novo.

Ela gargalhou, o som como sinos nítidos. Alguma coisa masculina e primordial em si ficou alerta com o som.

— Até hoje eu só bebi vinho.

Ruhn se espantou.

— Impossível.

— Cerveja não era considerada apropriada para uma fêmea de minha posição. Tomei um gole uma vez quando eu era velha o bastante para não… responder à minha família, mas descobri que não gostava mesmo.

Ruhn balançou a cabeça em horror debochado.

— Venha me visitar em Lunathion qualquer dia desses, Day. Vou mostrar a você como se divertir.

— Considerando quem está em sua cidade, acho que vou recusar.

Ruhn franziu a testa. Certo.

A agente pareceu se lembrar também. E por que estavam ali.

— Está confirmado onde os rebeldes vão realizar o ataque ao carregamento na Coluna?

— Não sei dizer. Eu sou o office boy, lembra?

— Você contou a eles o que eu disse sobre o protótipo do novo mec-traje dos asteri?

— Sim.

— Não se esqueça de que ele é a coisa mais valiosa naquele trem. Deixe o resto.

— Por que não explodir a Coluna inteira e destruir as linhas de abastecimento deles?

O fogo dela crispou.

— Tentamos múltiplas vezes. A cada tentativa, fomos esmagados. Ou por traição ou porque as coisas simplesmente deram errado. Um ataque como esse exige muita gente, e muito segredo e precisão. *Você* sabe fazer explosivos?

— Não. Mas há sempre magia para fazer isso.

— Lembre-se de que é uma rebelião, em maioria, de humanos, e seus aliados vanir gostam de permanecer escondidos. Somos dependentes da engenhosidade e das habilidades humanas. Apenas reunir explosivos o bastante para realizar um golpe sério contra a Coluna já requer muito esforço. Ainda mais considerando as baixas que a Ophion sofreu em seus números recentemente. Estão por um fio. — Acrescentou, emanando repulsa: — Isto não é um videogame.

— Estou ciente disso. — Ruhn ralhou

Sua chama recuou uma fração.

— Você está certo. Eu falei equivocadamente.

— Você pode dizer apenas "desculpe". Não precisa das palavras pomposas.

Outra risada baixa.

— Mau hábito.

Ruhn bateu uma continência.

— Bem, até a próxima, Day.

Em parte esperava que ela respondesse com alguma coisa que os manteria conversando, que o manteria ali.

Day e seu sofá, no entanto, dissiparam-se em brasas flutuando em um vento fantasma.

— Adeus, Night.

* * *

Ithan Holstrom jamais tinha estado dentro de uma casa feérica de verdade. Só havia dois machos feéricos no time de solebol dele na UCLC, e ambos eram de cidades fora do território, então jamais tivera a chance de ir até a casa deles e conhecer as famílias.

A casa do Príncipe Ruhn, contudo, era legal. Lembrava a ele do apartamento que Connor e Bronson e Thorne tiveram um dia, a alguns quarteirões dali, na verdade: uma porcaria de mobília velha, paredes manchadas com pôsteres de times esportivos presos com fita, uma TV grande demais e um bar abastecido.

Não se importara de dormir no sofá na noite anterior. Teria dormido na varanda, se significasse ficar longe de onde Bryce e Hunt dormiam juntos.

O relógio acima da TV apontava sete horas da manhã quando Ithan se levantou e tomou banho. Aproveitou a variedade de xampus e produtos corporais chiques de Tristan Flynn, todos marcados com *FLYNN. NÃO TOQUE, RUHN. DESSA VEZ É SÉRIO.*

Ruhn tinha escrito sob a mensagem de um dos frascos: *NINGUÉM GOSTA DO SEU XAMPU ESQUISITO MESMO.*

Flynn rabiscara, bem ao longo da base inferior do frasco: *ENTÃO POR QUE ESTÁ QUASE VAZIO E POR QUE SEU CABELO ESTÁ TÃO BRILHOSO? BABACA!!!*

Ithan dera risinhos, mesmo quando seu coração pesou. Tivera esse tipo de dinâmica com seu irmão certa vez.

Seu irmão, que ou já fora transformado em secundalux, ou estava a caminho de ser.

A ideia fez com que qualquer interesse crescente no café da manhã se dissolvesse em náusea. Quando Ithan se vestiu e desceu, os três machos feéricos que moravam na casa ainda estavam dormindo, havia levado o celular ao ouvido.

Oi, aqui é Tharion, se eu não atender, mande uma lontra.

Tudo bem, então.

Uma hora mais tarde, depois de uma rápida verificação no programa que varria a filmagem da galeria em busca de Danika, Ithan seguira para o Istros, pegando um café gelado no caminho. Suprimiu um sorriso ao entregar um marco de prata para uma lontra de cor uísque cuja placa de nome no colete amarelo dizia *Fitzroy*. Ithan se acomodou em um banco à margem do Istros e encarou o rio.

Quisera brigar com Sabine na noite anterior. Tinha de fato contemplado qual seria o gosto de seu sangue quando rasgasse seu pescoço com os dentes, mas… as palavras do Cão do Inferno ecoavam.

Connor tinha sido um alfa que aceitara o papel de segundo porque acreditava no potencial de Danika. Ithan havia se juntado à matilha de Amelie porque não tinha para onde ir.

Na noite anterior, no entanto, apenas por um momento, quando Bryce se intrometeu e os dois fizeram Sabine recuar… ele se lembrou de como era. Não apenas ser um lobo em uma matilha, mas um jogador em um time, trabalhando em uníssono, como se fossem uma só mente, uma alma.

Não importava que um dia tivesse pensado em si e Bryce dessa forma.

A porra da Corça podia ir para o Inferno. Não tinha ideia de como ela havia juntado aquelas peças, mas a mataria se algum dia mencionasse aquilo para alguém de novo. Principalmente Bryce.

Não era da conta de ninguém além da sua, e era história antiga agora, de toda forma. Tivera dois anos sem Bryce para resolver aquelas merdas, e estar perto dela de novo tinha sido… difícil, mas jamais contara a ninguém sobre seus sentimentos antes de Connor morrer, e certo como o Inferno não começaria agora.

A Corça estava certa, no entanto: tinha entrado no dormitório de Connor naquele dia, bem no início do ano de calouro do irmão na UCLC, pretendendo conhecer a incrível, linda e hilária vizinha de corredor de quem Con falava incessantemente. E, ao percorrer o corredor escuro e carpetado, esbarrou em… bem, em uma incrível, linda e hilária vizinha de corredor.

Ficara embasbacado. Era a pessoa mais atraente que ele já vira, sem brincadeira. Seu sorriso tinha aquecido algum lugar esquecido no peito de Ithan que estava gelado e escuro desde que seus pais haviam morrido, e aqueles olhos da cor de uísque pareciam… *enxergá-lo*.

Ithan, não o jogador de solebol, não o atleta famoso ou nada assim. Apenas ele. Ithan.

Conversaram durante dez minutos no corredor, sem trocar nomes. Era apenas o irmãozinho de Connor, e ela não dissera o próprio nome, havia esquecido de perguntar, mas, quando Connor enfiou a

cabeça para fora no corredor, Ithan havia decidido que se casaria com ela. Estudaria em UCLC, jogaria solebol pela universidade, em vez de pela Universidade Korinth, que já o estava cortejando. Ithan encontraria aquela menina e se casaria com ela. Suspeitava de que até mesmo podiam ser parceiros, se estivesse certo a respeito do puxão em sua direção. E seria assim.

Então Connor falou:

— Parece que você já conheceu Ithan, Bryce. — E Ithan quis se dissolver naquele carpete nojento do dormitório.

Sabia que era uma estupidez. Tinha conversado com Bryce por dez minutos antes de descobrir que era ela a menina por quem seu irmão estava obcecado, mas… tinha ficado mexido. Então havia se recolhido ao papel de amigo irreverente, fingindo gostar de Nathalie para ter algo sobre o que reclamar com Bryce. Sofreu de longe observando Connor hesitar perto de Bryce durante anos.

Jamais contou a Bryce que o motivo pelo qual Connor finalmente a chamara para sair naquela noite tinha sido porque Ithan dissera a ele para cagar ou sair da moita.

Não nesses termos, e ele havia dito sem levantar as suspeitas do irmão, como sempre fizera quando falara sobre Bryce, mas estava farto. Estava simplesmente *farto* com seu irmão hesitando enquanto Bryce saía com uma cambada de perdedores.

Se Connor não se prontificasse, então Ithan tinha decidido que finalmente se declararia. Arriscaria e veria se uma faísca entre eles poderia levar a algum lugar.

Bryce, no entanto, disse que sim a Connor. E então Connor morreu.

E, enquanto Connor era assassinado, ela estava trepando com outra pessoa no banheiro da Corvo Branco.

Ithan não fazia ideia de como não tinha surgido um abismo no lugar em que ele estava quando descobriu sobre aquela noite. De tão grande a intensidade com que implodira, como se o astro que ele fora mandasse tudo se foder e sumisse.

Ithan encostou no banco, suspirando. Naqueles últimos dias se sentira como se estivesse tirando a cabeça de dentro daquele abismo. Agora aquela merda sobre as almas de Connor e da Matilha serem

dadas como comida para o Portão dos Mortos ameaçava puxá-lo de volta.

Sabia que Bryce estava colérica com aquilo. Chateada. Contudo, naquele momento, tinha Athalar.

E nenhuma parte de Ithan se ressentia por isso. Não, aquela história havia ficado para trás, mas… não sabia o que fazer consigo mesmo quando falava com ela. A menina com a qual ele tinha ficado tão convencido de que seria sua esposa, parceira e mãe de seus filhos.

Quantas vezes havia se permitido imaginar aquele futuro: ele e Bryce abrindo presentes com os filhos na véspera do Solstício de Inverno, viajando pelo mundo juntos enquanto jogava solebol, rindo e envelhecendo naquela cidade, os amigos à sua volta.

Estava feliz por não estar vivendo mais no apartamento dela. Não tinha para onde ir depois que Sabine e Amelie o expulsaram, e certamente não estava planejando dar nenhum golpe, como Sabine parecia temer, mas… estava grato por Ruhn ter oferecido um lugar para ficar.

— Um pouco cedo, não é? — gritou Tharion do rio, e Ithan se levantou do banco, encontrando o tritão avançando pela água, a poderosa nadadeira girando sob si.

Ithan não se deu a formalidades.

— Pode me levar até o Quarteirão dos Ossos?

Tharion piscou.

— Não. A não ser que você queira ser comido.

— Só me leve até a margem.

— Não posso. Não se eu também não quiser ser comido. As bestas do rio vão atacar.

Ithan cruzou os braços.

— Preciso encontrar meu irmão. Ver se ele está bem.

Odiou a pena que suavizou o rosto de Tharion.

— Não vejo o que você pode fazer de qualquer forma. Se ele estiver bem ou se… não estiver.

A garganta de Ithan secou.

— Eu preciso saber. Nade comigo além da Cidade Adormecida e eu vejo se consigo enxergar um lampejo dele.

— De novo, as bestas do rio, então, não. — Tharion jogou o cabelo para trás. — Mas… eu preciso encontrar aquele menino, se ele não

estiver na Cidade Adormecida. Talvez a gente consiga matar dois coelhos com uma cajadada.

Ithan inclinou a cabeça.

— Alguma ideia de onde procurar em vez disso?

— Não. Então eu desesperadamente preciso de uma pista na direção certa.

Ithan franziu a testa.

— O que tem em mente?

— Você não vai gostar. Bryce também não.

— Por que ela precisa estar envolvida? — Ithan não conteve o tom rude em sua voz.

— Porque eu conheço a Pernas, e sei que ela vai querer vir.

— Não se nós não contarmos a ela.

— Ah, eu vou contar a ela. Gosto das minhas bolas no lugar delas. — Tharion sorriu e indicou com o queixo a cidade atrás de Ithan. — Vá pegar um dinheiro. Marcos de ouro, nada de crédito.

— Diga para onde vamos. — Algum lugar suspeito, sem dúvida.

Os olhos de Tharion ficaram sombrios.

— Para os místicos.



— Mantenha! Mantenha! Mantenha! — entoava madame Kyrah, e a perna esquerda de Bryce tremeu com o esforço de manter a perna direita erguida e no lugar.

Ao seu lado, Juniper suava tanto quanto, o rosto contraído em determinação concentrada. A fauna mantinha a forma perfeita, sem ombros caídos, sem coluna curvada. Cada linha do corpo da amiga irradiava força e graciosidade.

— E desçam para a primeira posição — ordenou a instrutora por cima da música estrondosa. Totalmente fora do estilo ao qual o balé costumava ser dançado, mas era por isso que Bryce adorava a aula: combinava os movimentos formais e precisos do balé com os hits das boates. E de alguma forma, ao fazer isso, ajudavam-na a entender tanto os movimentos quanto o som melhor. Uni-los melhor. E permitiam que ela *aproveitasse* aquilo, em vez de dançar músicas que um dia amara e sonhar acordada que interpretava em um palco.

Tipo de corpo errado não tinha lugar ali, naquele estúdio iluminado em um quarteirão artístico da Praça da Cidade Velha.

— Façam um intervalo de cinco minutos — disse madame Kyrah, uma metamorfa de cisne de cabelos pretos, caminhando até a cadeira diante da parede de espelhos para beber da garrafa de água.

Bryce cambaleou até sua pilha de porcarias na parede oposta, abaixando-se sob a barra para pegar o celular. Nenhuma mensagem. Uma manhã maravilhosamente tranquila. Exatamente do que precisava.

E era por isso que fora até ali. Além de *querer* ir até lá duas vezes por semana, ela precisava estar ali naquele dia, para processar cada pensamento que rodopiava. Não contara a Juniper o que descobrira.

O que ela poderia dizer? *Ei, só pra você saber, o Quarteirão dos Ossos é uma mentira, e eu tenho quase certeza de que não existe essa coisa de vida após a morte verdadeira, porque todos somos transformados em energia e arrebanhados pelo Portão dos Mortos, embora uma pequena parcela de nós seja empurrada pela goela do Sub-Rei, então… boa sorte, porra!*

Contudo, Juniper estava franzindo a testa para o próprio telefone ao beber alguns goles da garrafa.

— O que foi? — perguntou Bryce, entre fôlegos. Suas pernas tremiam por simplesmente ficarem paradas.

Juniper jogou o celular na mala de pano.

— Korinne Lescau foi escalada para ser a principal.

A boca de Bryce se escancarou.

— *Eu sei* — disse Juniper, interpretando o ultraje não dito no rosto de Bryce. Korinne tinha entrado na companhia havia dois anos. Só tinha sido solista naquela temporada, e o BCLC havia alegado que não promoveria ninguém esse ano.

— Isso é definitivamente um *você que se foda* — fervilhou Bryce.

June estava com a garganta embargada e Bryce fechou o punho, como se pudesse arrancar o rosto de cada diretor e membro do conselho do BCLC pela mágoa que causaram.

— Eles não têm coragem de me demitir porque os espetáculos em que eu sou solista sempre trazem uma plateia grande, mas farão o possível para me dar uma punição — disse June.

— Tudo porque você disse a um bando de canalhas ricos que eles estavam sendo monstros elitistas.

— Eu posso trazer dinheiro para os espetáculos, mas aqueles babacas ricos doam milhões. — A fauna terminou a água. — Vou aguentar até eles *precisarem* me promover.

Bryce bateu o pé no piso de madeira pálida.

— Sinto muito, June.

Sua amiga endireitou os ombros com uma dignidade silenciosa que partiu o coração de Bryce.

— Eu faço isso porque eu amo — disse, quando Kyrah chamou a turma de volta para suas fileiras. — Eles não valem minha raiva. Eu preciso me lembrar disso. — Prendeu um cacho solto de volta no coque. — Alguma notícia daquele menino?

Bryce fez que não com a cabeça.

— Não. — Deixaria por isso mesmo.

Kyrah começou a música, e voltaram para suas posições.

Bryce suou e grunhiu durante o resto da aula, mas a concentração de Juniper tinha ficado afiada como uma lâmina. Cada movimento era preciso e impecável, seu olhar fixo no espelho, como se competisse consigo mesma. Aquela expressão não mudou, mesmo depois que Kyrah pediu a June que demonstrasse uma série perfeita de 32 fouettés, piruetas sobre um pé só, para a turma. Juniper girou como se o próprio vento a impulsionasse, o casco que ficou no chão não saiu um centímetro da posição inicial.

A forma perfeita. Uma dançarina perfeita. Mas não era o suficiente.

Juniper saiu da aula quase assim que terminou, sem ficar para conversar como costumava fazer. Bryce deixou que ela fosse e esperou até que a maioria da turma tivesse saído para se aproximar de Kyrah diante do espelho, onde a instrutora estava ofegando levemente.

— Você viu a notícia sobre Korinne?

Kyrah vestiu um moletom rosa largo para se proteger do frio do estúdio de dança. Embora não dançasse no palco do BCLC havia anos, a instrutora continuava no auge da forma física.

— Você parece surpresa. Eu não estou.

— Você não pode dizer nada? Você foi uma das melhores dançarinas do BCLC. — E agora era uma das melhores instrutoras, quando não estava dando as aulas externas.

Kyrah franziu a testa.

— Estou tanto à mercê da liderança da companhia quanto Juniper. Ela pode ser a dançarina mais talentosa que eu já vi, e a mais dedicada, mas está enfrentando uma estrutura de poder bastante blindada. As pessoas no comando não gostam de serem chamadas do que realmente são.

— Mas…

— Eu entendo por que você quer ajudá-la. — Kyrah colocou sua mala no ombro e seguiu para as portas duplas do estúdio. — Eu também quero, mas Juniper fez sua escolha nessa primavera. Precisa enfrentar as consequências.

Bryce a encarou por um minuto, as portas do estúdio batendo ao se fechar. Enquanto estava sozinha no espaço ensolarado, o silêncio a sufocava. Olhou para o ponto em que Juniper estava demonstrando aqueles fouettés.

Bryce pegou o celular e fez uma busca rápida. Um momento depois, estava fazendo uma ligação.

— Eu gostaria de falar com o diretor Gorgyn, por favor.

Bryce bateu o pé de novo quando a recepcionista do BCLC falou. Fechou os dedos em punho antes de responder:

— Diga a ele que Sua Alteza Real a Princesa Bryce Danaan está ligando.

* * *

Flexões de braço entediavam Hunt até dizer chega. Se não fosse pelos fones de ouvido tocando os últimos capítulos do livro ao qual ouvia, podia ter caído no sono durante o exercício no telhado de treino do Comitium.

O sol da manhã assava suas costas, os braços, a testa, suor pingando no chão de concreto. Tinha uma leve ciência de que pessoas o observavam, mas continuou mesmo assim. Trezentas e sessenta e uma, trezentas e sessenta e duas…

Uma sombra recaiu sobre ele, bloqueando o sol. Hunt encontrou a Harpia sorrindo, seu cabelo preto voando ao vento. E aquelas asas pretas… bem, era por isso que não havia mais sol.

— O que foi? — perguntou, com uma exalação, mantendo o movimento.

— A bonitinha quer ver você. — Sua voz afiada estava envolta em diversão cruel.

— O nome dela é Celestina — grunhiu Hunt, chegando a 370 flexões antes de ficar de pé. O olhar da Harpia deslizou por seu

tronco exposto, Hunt cruzou os braços. — Você é a mensageira dela agora?

— Sou a mensageira de Ephraim, e, como eles estavam fodendo agora há pouco, eu era a mais próxima para buscar você.

Hunt conteve o calafrio.

— Tudo bem. — Chamou a atenção de Isaiah do outro lado do ringue e indicou que estava saindo. Seu amigo, no meio dos próprios exercícios, acenou em despedida.

Não se prestou a acenar para Baxian, apesar da ajuda do anjo na noite anterior. E Pollux não tinha subido até o ringue para a hora particular deles de treino, presumivelmente ainda estava na cama com a Corça. Naomi tinha esperado por ele durante trinta minutos antes de desistir e ir inspecionar as próprias tropas.

Hunt passou pelas portas de vidro para entrar no prédio, limpando o suor da testa, mas a Harpia o seguiu. O anjo disse, com desprezo, por cima do ombro:

— Tchau.

A Harpia deu a ele um meio sorriso.

— Eu devo escoltar você de volta.

Hunt enrijeceu. Aquilo não podia ser bom. Seu corpo se distanciou, continuou andando, seguindo para os elevadores. Se mandasse uma mensagem de aviso para Bryce naquele momento, será que teria tempo o suficiente para fugir da cidade? A não ser que já tivessem ido atrás dela…

A Harpia o seguia como um espectro.

— Seu sumiço ontem à noite vai voltar para pegar você — cantarolou, entrando junto com ele no elevador.

Certo. Isso.

Tentou não parecer aliviado demais quando o ácido em suas veias se abrandou. Devia ser por isso que Celestina o estava chamando. Um sermão pelo mau comportamento, com isso podia lidar.

Se apenas a Harpia soubesse o que ele realmente andava fazendo ultimamente.

Então Hunt encostou na parede mais afastada do elevador, contemplando como gostaria de matá-la. Um golpe de relâmpago na cabeça seria rápido, mas não tão satisfatório quanto mergulhar a espada em sua barriga e girar enquanto empurrava a arma para cima.

A Harpia fechou as asas pretas. Era esguia e longa, seu rosto era estreito e os olhos eram um pouco grandes demais para as feições. Ela prosseguiu:

— Você sempre pensou mais com o pau do que com a cabeça.

— Um dos meus melhores atributos. — Não a deixaria provocá-lo. Fizera aquilo antes, quando os dois serviam a Sandriel, e ele sempre pagava por isso. Sandriel jamais, sequer uma vez, puniu a fêmea pelas brigas que tinham deixado sua pele lacerada. Era sempre ele quem recebia o açoite depois por "perturbar a paz".

A Harpia entrou no andar da governadora como um vento escuro.

— Você vai receber o que merece, Athalar.

— Igualmente. — Hunt a acompanhou até as portas duplas do escritório público de Celestina. Parou do lado de fora, batendo uma vez. Celestina murmurou as boas-vindas e Hunt entrou na sala, fechando a porta na cara contraída da Harpia.

A arcanjo, trajando azul-celeste naquele dia, estava impecável, brilhando. Se fora mantida acordada a noite toda por Ephraim, não revelou. Nem qualquer outra emoção, na verdade, quando Hunt parou diante de sua mesa e disse:

— Você me chamou? — Assumiu uma pose casual, pernas afastadas, mãos às costas, asas altas, mas frouxas.

Celestina endireitou uma caneta dourada na mesa.

— Houve uma emergência ontem à noite?

Sim. Não.

— Um assunto particular.

— E você decidiu priorizar isso a me ajudar?

Porra.

— Você parecia ter a situação sob controle.

Seus lábios se contraíram.

— Eu esperava que, quando prometeu me apoiar, seria pela noite toda. Não por uma hora.

— Desculpe — disse, sincero. — Se tivesse sido por qualquer outro motivo…

— Estou presumindo que tivesse a ver com a Srta. Quinlan.

— É.

— E você está ciente de que você, como um de meus triários, escolheu ajudar uma princesa feérica em vez de sua governadora?

— Não foi por nada político.

— Não foi assim que meu… parceiro entendeu. Perguntou por que dois de meus triários tinham ido embora de nossa comemoração particular. Se tinham uma opinião tão negativa de mim, dele, a ponto de saírem sem permissão para ajudar um membro da realeza feérica.

Hunt passou as mãos pelos cabelos.

— Desculpe, Celestina. De verdade.

— Tenho certeza de que é sincero. — Sua voz pareceu distante. — Isso não vai acontecer de novo.

Ou o quê?, quase perguntou. Em vez disso, disse:

— Não vai.

— Quero que você fique no quartel pelas próximas duas semanas.

— *O quê?* — Hunt supôs que podia pedir demissão, mas que porra ele faria da vida, então?

O olhar de Celestina era determinado.

— Depois desse tempo, pode voltar para a Srta. Quinlan. Acho que você precisa de um lembrete de suas… prioridades. E eu gostaria que você se comprometesse totalmente com ajudar Baxian a se ajustar. — A arcanjo ajustou alguns papéis na mesa. — Está dispensado.

Duas semanas ali. Sem Quinlan. Sem conseguir tocá-la, transar com ela, se deitar ao lado dela…

— Celestina…

— Adeus.

Apesar do ultraje, da frustação, Hunt a olhou. Olhou de verdade.

Ela estava sozinha. Sozinha, e como um raio de luz em um mar de escuridão. Devia tê-la apoiado na noite anterior. Mas, se fosse entre ela e Bryce, ele sempre, *sempre* escolheria sua parceira. Não importava o que aquilo lhe custasse.

O que aparentemente eram duas semanas sem Bryce.

Perguntou:

— Como foi com Ephraim? — *Você não parece muito feliz para uma fêmea que recentemente dormiu com o parceiro.*

Sua cabeça se ergueu. De novo, aquela distância nos olhos que diziam a ele que Hunt tinha sido dispensado mesmo antes que respondesse:

— Isso é um assunto particular, como você disse.

Tudo bem.

— Vou estar por aqui hoje, se precisar de mim. — Dirigiu-se até a porta, mas acrescentou: — Por que mandou a Harpia me buscar?

Seus olhos caramelo estremeceram.

— Ephraim achou que ela podia ser a mais eficiente.

— Ephraim, é?

— Ele é meu parceiro.

— Mas não o seu mestre.

Poder brilhou pelas asas dela, pelo cabelo de cachos estreitos.

— Cuidado, Hunt.

— Anotado. — Hunt saiu para o corredor, perguntando-se se tinha feito alguma coisa para irritar Urd.

Duas semanas ali. Com toda a merda que estava acontecendo com Bryce e os rebeldes e Cormac… Porra.

Como se o mero pensamento nas palavras *rebeldes* a tivesse conjurado, encontrou a Corça encostada na parede mais afastada. Não havia sinal da Harpia. Seu lindo rosto era sereno, embora os olhos dourados parecessem acesos com Fogo do Inferno.

— Olá, Hunt.

— Veio me interrogar? — Hunt seguiu para o elevador que o levaria de volta para o ringue de treino. Manteve o passo casual, arrogante. Completamente inabalado.

Mesmo que Danaan tivesse ficado apavorado com ela, Hunt tinha visto e lidado com Lidia Cervos o suficiente para saber como provocá-la. E como evitar isso. E, longe de Mordoc, de Pollux, de todo o seu séquito de lobos ferais, o anjo a deixaria em ruínas fumegantes. Por um acaso, estava sozinha naquele momento.

A Corça também sabia disso. Era o que a tornava perigosa. Podia parecer desarmada, vulnerável, mas se portava como alguém que podia sussurrar uma palavra e chamar a morte para defendê-la. Que podia estalar os dedos e soltar o Inferno sobre ele.

Era posse de Sandriel quando a Corça se alistou, recrutada pela própria arcanjo para servir como mestre espiã. Lidia era tão jovem: mal chegara aos vinte anos. Acabara de fazer a Descida, e não tinha um aparente poço profundo de magia, a não ser a agilidade como metamorfa de cervo e o amor pela crueldade. Sua nomeação para uma posição tão alta tinha sido um alarme estrondoso para ficar bem

longe dela, era uma vanir que ultrapassaria qualquer limite, se isso agradasse tanto a Sandriel. Pollux a cortejara quase imediatamente.

— Que porra você quer? — perguntou Hunt, batendo no botão do elevador. Bloqueou qualquer pensamento da Ophion, de Emile, das atividades deles da mente. Não era nada a não ser o Umbra Mortis, leal ao império.

— Você é amigo de Ruhn Danaan, não é?

Porra de Solas Flamejante. Hunt manteve o rosto neutro.

— Eu não diria que ele é um amigo, mas, sim, a gente anda junto.

— E Ithan Holstrom?

Hunt deu de ombros. Calmo, permaneça calmo.

— Ele é um cara decente.

— E Tharion Ketos?

Hunt se obrigou a exalar um suspiro alto. Ajudou a soltar a pressão em seu peito.

— Não é um pouco cedo para interrogatórios?

Porra, será que fora atrás de Bryce? Será que um de seus brutamontes, até Mordoc, já estava no apartamento enquanto encurralava Hunt ali, no elevador?

A Corça sorriu sem mostrar os dentes.

— Eu acordei renovada esta manhã.

— Não sabia que foder com Pollux era tão entediante que você consegue dormir enquanto faz isso.

A metamorfa de cervo riu, para sua surpresa.

— Sandriel podia ter feito tanto mais com você, se ao menos ela tivesse tido visão.

— Uma pena que ela gostava mais de jogos de apostas do que de me torturar. — Agradecia aos deuses que Sandriel tivesse se afogado tanto em dívidas que precisou vendê-lo para Micah para pagá-las.

— Uma pena que ela esteja morta. — Aqueles olhos dourados brilharam. É, a Corça sabia quem era responsável por aquela morte.

O elevador se abriu e Hunt entrou, a Corça o seguiu.

— Então, por que as perguntas sobre meus amigos? — Quanto tempo teria para avisá-los? Ou será que se todos fugirem da cidade isso seria um atestado de culpa?

— Eu achei que eles eram apenas pessoas com quem você andava.

— Dá na mesma.

Seu leve e insípido sorriso arranhou o temperamento de Hunt.

— Um grupo incomum, até mesmo em uma cidade tão progressista quanto Lunathion. Um anjo, um lobo, um príncipe feérico, um tritão e uma vadia semi-humana. — Hunt grunhiu com as últimas palavras, ódio o puxando do temor. — Parece o início de uma piada ruim.

— Quer me perguntar alguma coisa, Lidia, então diga, porra. Não desperdice meu tempo. — O elevador se abriu no corredor do andar de treino, trazendo o cheiro de suor.

— Só estou observando uma anomalia. Imaginando o que pode ser tão… atraente para que tantas pessoas de poder, de espécies e Casas diferentes, estejam *andando* juntas no apartamento de Bryce Quinlan.

— Ela tem um console de videogame sinistro.

A Corça riu, o som envolto em ameaça.

— Eu vou descobrir, sabe. Sempre descubro.

— Estou ansioso por isso — disse Hunt, batendo os pés na direção das portas. Uma figura escura pairava adiante deles… Baxian. Seus olhos estavam sobre a Corça. Petrificados, mas procurando.

Parou subitamente. A *Corça* parou subitamente.

Baxian falou:

— Lidia.

A Corça respondeu, inexpressiva:

— Baxian.

— Eu estava procurando você. — Inclinou a cabeça para Hunt como uma dispensa. Assumiria dali em diante.

— É para explicar por que você sumiu noite afora com Hunt Athalar? — perguntou ela, unindo as mãos às costas em uma perfeita pose imperial. Como uma boa soldadinha.

Hunt passou por Baxian.

— Nem uma palavra — disse Hunt, tão baixinho que mal passou de um sussurro. Baxian assentiu sutilmente.

Hunt mal abrira as portas da área de treino quando ouviu Baxian dizer, cautelosamente, para a Corça, como se lembrasse de quem ela era:

— Eu não respondo a você.

Sua voz era suave como seda.

— Não a mim, nem a Ephraim, mas você ainda responde aos asteri. — Seus verdadeiros mestres. — Cuja vontade é a minha.

Hunt sentiu seu estômago se revirar. Estava certa.

E seria bom se lembrar disso antes que fosse tarde demais.



— Que porra de ideia imbecil.

— Você gosta mesmo de dizer isso, Pernas.

Bryce olhou para as portas de ferro de dois andares no beco da Praça da Cidade Velha, a superfície gravada com estrelas e planetas e todo tipo de objetos celestiais.

— Há um motivo pelo qual ninguém mais vem aos místicos. — Inferno, sugerira o mesmo enquanto trabalhava no caso de Danika na última primavera, mas Hunt a convencera a não ir.

Os místicos são uma merda sombria e fodida, dissera ele.

Bryce olhou com irritação para Tharion e Ithan, de pé atrás de si no beco.

— Estou falando sério. O que há atrás daquelas portas não é para os fracos. Jesiba conhece esse cara e nem mesmo ela se mete com ele.

Ithan replicou:

— Não consigo pensar em outra alternativa. O Oráculo só vê o futuro, não o presente. Eu preciso saber o que está acontecendo com Connor.

Tharion disse, arrastado:

— Se você não aguenta, Pernas, então fique aqui sentada na calçada.

Bryce suspirou pelo nariz, tentando de novo.

— Apenas cafajestes usam os místicos hoje em dia. — Já tinham tido aquela conversa duas vezes na caminhada até ali. Provavelmente perderia aquela rodada também, mas valia a pena tentar. Se Hunt estivesse ali, teria transmitido sua opinião do seu jeito alfa babaca. Contudo, o anjo não tinha atendido ao telefone.

Provavelmente acabaria com ela por ter ido até ali sem ele.

Bryce suspirou para o céu escaldante.

— Tudo bem. Vamos acabar com isso.

— Esse é o espírito, Pernas. — Tharion deu tapinhas em suas costas. Ithan franziu a testa diante das portas.

Bryce esticou o braço para a sineta da porta, uma lua crescente pendurada de uma delicada corrente de ferro. Puxou uma vez, duas. Um tinido desafinado ecoou.

— Essa é uma ideia realmente ruim — murmurou de novo.

— É, é — disse Ithan, inclinando a cabeça para estudar o prédio. A tatuagem da matilha de Amelie estava ofuscantemente escura sob o sol. Imaginava se ele queria rasgar a pele e começar de novo.

Bryce deixou a pergunta de lado quando um dos planetas entalhados na porta, o gigante de cinco anéis que era Thurr, balançou para o lado, revelando um olho cinza pálido:

— Hora marcada?

Tharion mostrou o distintivo da UICA.

— A Corte Azul requer sua assistência.

— É mesmo? — Uma risada rouca soou quando um olho, estranhamente aguçado, apesar das rugas em torno dele, se fixaram no tritão. O olho se fechou em diversão ou prazer. — Um dos do povo do rio. Que maravilha, que maravilha.

O planeta se fechou, e Tharion pisou no degrau de ardósia quando as portas se entreabriram. Ar frio ondulou para fora, junto com o odor de sal e a umidade sufocante de mofo.

Ithan acompanhou Bryce, xingando baixinho ao sentir o cheiro. Virou-se, lançando a ele um olhar de reprovação. O lobo se acuou, caminhando ao seu lado com a graciosidade de jogador de solebol quando entraram no espaço cavernoso adiante.

Um macho idoso com túnica cinza estava diante deles. Não humano, mas seu cheiro não declarava nada além de algum tipo de

humanoide vanir. A barba branca pesada caía até a fina faixa de corda que lhe servia de cinto, o cabelo ralo era longo e estava solto. Quatro anéis de prata e ouro brilhavam em uma de suas mãos murchas e manchadas, com pequenas estrelas brilhando no centro de cada um, presas em domos de vidro invisíveis.

Não… estrelas não.

O estômago de Bryce se revirou quando viu a mão minúscula que tocou o outro lado do vidro. Não tinha como deixar de ver o desespero naquele toque.

Cinco duendes. Escravizados, todos eles. Comprados e vendidos.

Bryce se segurou para não arrancar aquela mão do braço que a carregava. Conseguia sentir Ithan a olhando, senti-lo tentando compreender por que ficara tão imóvel e rígida, mas ela não conseguia tirar os olhos dos duendes…

— Não é todo dia que um dos tritões atravessa minha entrada — disse o velho macho, seu sorriso mostrava dentes brancos demais, ainda intactos apesar da idade. A não ser que tivessem vindo de outra pessoa. — Muito menos na companhia de um lobo e de um feérico.

Bryce segurou sua bolsa, controlando seu temperamento, e ergueu o queixo.

— Precisamos consultar seus… — Olhou além de seu ombro ossudo para o espaço escuro adiante. — Serviços. — *E então eu vou arrancar todos esses quatro anéis e quebrá-los.*

— Ficarei honrado. — O macho se curvou na altura da cintura para Tharion, mas não se incomodou em estender a cortesia para Bryce e Ithan. — Por aqui.

Bryce manteve a mão a uma distância casual da faca em sua bolsa quando adentraram a escuridão. Queria ter o peso e a força reconfortantes da espada de Danika, mas a lâmina teria se destacado demais.

O espaço consistia em dois andares, estantes de livros entulhadas com tomos e pergaminhos que se elevavam até o teto coberto com um véu preto, uma rampa de ferro subindo sinuosa pelas paredes em uma espiral preguiçosa. Uma grande órbita dourada pendia do centro da sala, acesa por dentro.

E abaixo, em tubos embutidos no piso de ardósia…

À sua esquerda, Ithan inspirou.

Três místicos dormiam, submersos em água esverdeada e turva, máscaras respiradoras presas ao rosto. As camisolas brancas flutuavam ao seu redor, fazendo pouco para esconder os corpos esqueléticos por baixo. Um macho, uma fêmea, um bigênero. Era sempre assim, como sempre tinha sido. Equilíbrio perfeito.

O estômago de Bryce se revirou de novo. Sabia que a sensação não pararia até que fossem embora.

— Posso lhes servir um chá quente antes de começarmos as formalidades? — perguntou o macho idoso a Tharion, indicando uma mesa de carvalho espessa à direita da base da rampa.

— Estamos com pouco tempo — mentiu Ithan, colocando-se ao lado de Tharion. Tudo bem. Que lidassem com o velho esquisito.

Ithan colocou uma pilha de marcos de ouro na mesa com um tilintar.

— Se isso não cobrir os custos, me mande a conta da diferença. — Isso chamou a atenção de Bryce. Ithan falava com tanta… autoridade. Ouvira o lobo falar com seus colegas de equipe como seu capitão, tinha visto Ithan no comando muitas vezes, mas o Ithan que conhecera nos últimos dias andava reprimido.

— Sim, sim. — Os olhos leitosos do macho percorreram a sala. — Posso colocar minhas belezinhas para funcionar em alguns minutos. — Mancou até a passagem e apoiou a mão no corrimão de ferro quando começou a subida.

Bryce olhou para os três místicos em suas banheiras, os corpos finos, a pele pálida e encharcada. Embutido no chão ao lado deles havia um painel coberto com um idioma que nunca tinha visto.

— Não dê atenção a eles, senhorita — disse o velho, ainda entremeando até uma plataforma mais ou menos no meio da sala, cheia de botões e rodas. — Quando não estão em uso, eles vagueiam. Para onde vão e o que veem é um mistério, até mesmo para mim.

Não é que os místicos conseguissem ver todos os mundos, não, o dom não era o que causava angústia. Era do que abriam mão por ele.

Vida. Verdadeira vida.

Bryce ouviu Tharion engolir em seco. Segurou-se para não ralhar que havia avisado. Dez vezes, porra.

— As famílias são suntuosamente compensadas — disse o velho, como se recitando de um roteiro feito para acalmar clientes

desconfortáveis. Tocou os controles e começou a ligar interruptores. Motores resmungaram e mais luzes se acenderam nos tanques, iluminando melhor os corpos dos místicos. — Se isso preocupa você.

Outro interruptor foi ligado e Bryce cambaleou alguns passos para trás quando uma réplica holográfica completa do sistema solar explodiu em seu campo visual, orbitando o sol pendurado no centro do espaço. Tharion exalou o que pareceu um suspiro impressionado. Ithan observou acima, como se conseguisse encontrar o irmão naquele mapa.

Bryce não esperou por eles antes de acompanhar o velho macho para cima da passarela conforme os sete planetas se alinhavam perfeitamente, estrelas brilhando nas pontas mais distantes da sala. Não conseguiu evitar o tom ríspido de sua voz quando perguntou:

— As famílias os visitam?

Realmente não tinha direito de exigir aquelas respostas. Fora cúmplice ao ir até ali, ao usar os seus serviços.

— Seria perturbador para os dois lados — disse o macho, distante, ainda trabalhando nos botões.

— Qual é o seu nome? — Bryce avançou rampa acima.

Tharion murmurou:

— Pernas. — Ignorou o aviso. Ithan se manteve calado.

No entanto, o velho macho respondeu, completamente inabalado:

— Algumas pessoas me chamam de o Astrônomo.

Não conteve o tom sarcástico na própria voz.

— E como outras pessoas chamam você? — O Astrônomo não respondeu. Mais e mais para cima, Bryce subiu até o céu, Tharion e Ithan em seu encalço. Como se os babacas estivessem reconsiderando aquilo.

Um dos místicos estremeceu, água respingou.

— Uma reação normal — disse o Astrônomo, sem sequer tirar os olhos dos botões quando se aproximaram. — Todos estão sempre tão preocupados com seu bem-estar. Eles fizeram a escolha, sabem. Eu não os obriguei a isso. — Suspirou. — Desistir da vida no mundo desperto para vislumbrar maravilhas do universo que nenhum vanir ou mortal jamais verá… — Acariciando a barba, acrescentou: — Este trio é bom. Eu os tenho já faz um tempo, sem problemas. O último

grupo… Um vagueou longe demais. Longe demais e por tempo demais. Elu* levou os outros. Foi um desperdício.

Bryce tentou bloquear as desculpas. Todos conheciam a verdade: os místicos vinham de todas as raças e eram normalmente pobres. Tão pobres que, quando nasciam com o dom, as famílias os vendiam a pessoas como o Astrônomo, que exploravam seu talento até que morressem, sozinhos naquelas banheiras. Ou perambulassem tão profundamente no cosmo que não conseguiam encontrar o caminho de volta para as próprias mentes.

Bryce fechou as mãos em punhos. Micah tinha permitido que aquilo acontecesse. O merda do seu pai fazia vista grossa também. Como Rei Outonal, podia dar um fim àquela prática ou, no mínimo, defender seu fim, mas não fazia isso.

Bryce deixou de lado sua revolta e acenou para os planetas flutuantes.

— Esse mapa do espaço…

— É chamado de planetário.

— Esse *planetário*. — Bryce se aproximou do lado do macho. — É tecnologia… não magia.

— Não pode ser os dois?

Os dedos de Bryce se fecharam em punhos. Contudo, disse, uma memória turva ondulando de sua infância:

— O Rei Outonal tem um em seu escritório particular.

O Astrônomo emitiu um estalo com a língua.

— Sim, e é um excelente. Feito por artesãos avallenos há muito tempo. Não tive o privilégio de vê-lo, mas ouvi falar que é tão preciso quanto o meu, se não mais.

— Qual é o objetivo dele? — perguntou.

— Somente uma pessoa que não sente a necessidade de espiar o cosmos faria uma pergunta dessas. O planetário nos ajuda a responder às perguntas mais fundamentais: quem somos? De onde viemos?

Quando Bryce não disse mais nada, Tharion pigarreou.

— Nós seremos rápidos com nossas perguntas, então.

— Cada uma será cobrada, é óbvio.

— É óbvio — disse Ithan, entre dentes trincados, parando ao lado de Bryce. Olhou através dos planetas para os místicos flutuando

abaixo. — Meu irmão, Connor Holstrom, permanece no Quarteirão dos Ossos, ou a alma dele passou pelo Portão dos Mortos?

O Astrônomo sussurrou:

— Por Luna. — Brincou com um dos anéis que brilhava fraco sobre sua mão. — Essa pergunta exige um método… mais arriscado de contato do que o habitual. Um que beira o ilegal. Vai lhe custar.

Bryce falou:

— Quanto? — Baboseira de golpista.

— Mais cem marcos de ouro.

Bryce se espantou, mas Ithan disse:

— Fechado.

Virou-se para avisá-lo que não gastasse mais uma moeda da considerável herança que os pais tinham deixado para ele, mas o Astrônomo mancou até um armário de metal sob os botões e abriu as pequenas portas. Pegou um embrulho de lona.

Bryce enrijeceu diante do cheiro bolorento e pútrido de terra que flutuou do embrulho quando o velho abriu o tecido e revelou um punhado de sal cor de ferrugem.

— Que porra é essa? — perguntou Ithan.

— Sal de sangue — sussurrou Bryce. Tharion olhou para ela inquisidoramente, mas não se deu ao trabalho de explicar mais.

Sangue para a vida, sangue para a morte, era sal de conjuração infundido com o sangue do sexo de uma mãe em trabalho de parto e sangue da garganta de um macho à beira da morte. As duas grandes transições de uma alma para entrar e sair deste mundo. Usar ali, contudo…

— Você não vai acrescentar isso à água deles — disse Bryce ao Astrônomo.

O velho macho mancou de volta rampa abaixo.

— Os tanques já contêm sal branco. O sal de sangue vai apenas delimitar a busca.

Tharion murmurou para Bryce:

— Talvez você esteja certa sobre este lugar.

— *Agora* você concorda comigo? — sussurrou, alto, quando o Astrônomo salpicou o sal vermelho nos três tanques.

A água ficou turva, então assumiu a cor de ferrugem. Como se os místicos estivessem agora imersos em sangue.

Ithan murmurou:

— Isso não está certo.

— Então vamos pegar nosso dinheiro e ir embora — suplicou.

Antes que decidissem, o Astrônomo voltou e Tharion perguntou:

— É seguro para os místicos contatarem os mortos em descanso?

O Astrônomo digitou no tablet disposto em um atril folheado a ouro entalhado como uma estrela explodindo, então pressionou um botão preto em um painel próximo.

— Ah, sim. Eles adoram conversar. Não têm mais nada para fazer com o próprio tempo. — Lançou a Bryce um olhar afiado, os olhos cinzentos brilhando como facas frias. — Quanto a seu dinheiro… há uma política de não reembolso. Está escrito bem ali na parede. Você pode muito bem ficar e ouvir sua resposta.

Antes que Bryce conseguisse rebater, o chão abaixo deslizou, deixando os místicos nas respectivas banheiras e criando um espaço considerável entre a base da rampa e a entrada.

As banheiras estavam sobre colunas estreitas, erguendo-se de um subnível coberto com mais livros e outra passagem que descia sem parar, até um poço preto no centro do piso. E, preenchendo o subnível, camada após camada de escuridão se revelou, cada uma mais preta do que a anterior.

Sete delas. Uma para cada nível do Inferno.

— Desde as mais altas estrelas até o próprio Fosso. — O Astrônomo suspirou, então digitou no tablet novamente. — A busca pode levar um tempo, mesmo com o sal de sangue.

Bryce mediu a abertura entre a base da rampa e a entrada. Será que conseguia pular? Ithan definitivamente conseguia… Tharion também.

Viu que Tharion a observava com os braços cruzados.

— Apenas aproveite o espetáculo, Pernas.

Ela fez uma careta.

— Eu acho que você perdeu o direito de me chamar assim depois disso.

Ithan falou, baixinho, a expressão cheia de mágoa:

— Bryce. Eu sei que isso é uma bosta. Isso é… Isso não é legal. — Sua voz ficou rouca. — Mas é a única forma de descobrir o que está acontecendo com Connor…

Abriu a boca para retrucar que Connor teria condenado aquele lugar e dito a Ithan que encontrasse alguma outra forma, mas… podia vê-lo. Connor. Brilhando bem ali no rosto de Ithan, em seus olhos, o mesmo tom, e naqueles ombros largos.

Sua garganta doeu.

Que limite não cruzaria para ajudar Connor e a Matilha dos Demônios? Teriam feito o mesmo por ela. Connor podia ter condenado aquele lugar, mas se ele estivesse em seu lugar…

Tharion indicou com o queixo a saída bem abaixo.

— Vá em frente, princesa. A gente se encontra depois.

— Vai se foder — disparou Bryce e afastou seus pés. — Vamos acabar com isso. — Pelo canto do olho, viu os ombros de Ithan se curvarem. Se em alívio ou vergonha, não sabia dizer.

O velho macho interrompeu, como se não tivesse ouvido uma palavra da discussão sussurrada.

— A maioria dos Astrônomos e místicos foi à falência ultimamente, sabem. Graças a tecnologia chique. E a enxeridos sabe-tudo como você — disse para Bryce, que grunhiu em resposta, o som mais feérico e primitivo do que gostaria, mas o velho acenou com aquela mão odiosa encrustada de anéis para os místicos e suas piscinas. — *Eles* eram a interweb original. Qualquer resposta que você deseje, eles podem encontrar, sem precisar avançar pelo caminho de baboseiras por aí.

A mística fêmea estremeceu, o cabelo preto flutuando em torno dela na piscina de suspensão, tendões pretos em meio ao sal vermelho. Água salgada seca se encrustava na borda de ardósia da banheira, como se tivesse se debatido mais cedo e encharcado as pedras. Sal para flutuação, e para protegê-los dos demônios e seres que espionavam ou com quem conversavam. Mas será que aquelas proteções sumiriam com o sal de sangue na água?

Místice, que era tanto fêmea quanto macho, se agitou, seus longos braços e pernas se debatendo.

— Ah — observou o Astrônomo, lendo o tablet. — Estão indo longe desta vez. Muito longe. — Assentiu para Bryce. — Aquele era sal de sangue de alta qualidade, sabe.

— Por cem marcos, é melhor que seja — disse Ithan, mas sua atenção permaneceu nos místicos abaixo, sua respiração ofegante.

Outro botão pressionado e os planetas holográficos começaram a mudar, tornando-se menores conforme flutuavam para longe. O sol ergueu-se até o teto, desaparecendo, e estrelas distantes surgiram. Planetas diferentes.

— Os místicos fizeram os mapas de cinco estrelas — falou o Astrônomo. — Eles mapearam mais extensivamente do que qualquer um antes. Na Cidade Eterna, eu ouvi dizer que há mil místicos nas catacumbas do palácio, mapeando mais e mais longe no cosmos. Falando com criaturas que jamais conheceremos.

Hunt tinha estado naquelas catacumbas, nas masmorras, especificamente. Será que havia ouvido algum boato sobre aquilo?

Alguma coisa apitou na tela e Bryce indicou.

— O que é aquilo?

— O macho está chegando à órbita do Inferno. — O Astrônomo emitiu um estalo com a língua. — Ele está muito mais rápido hoje. Impressionante.

— A alma de Connor acabou no *Inferno*? — Horror envolveu cada palavra de Ithan.

A garganta de Bryce se fechou. Aquilo… aquilo não era possível. Como sequer poderia ter acontecido? Será que ela fizera alguma coisa com o Portão naquela primavera que havia transportado a alma dele para lá?

Silêncio caiu, a temperatura também.

— Por que está ficando mais frio? — indagou.

— Às vezes os poderes deles manifestam o ambiente que estão encontrando. — Antes que alguém respondesse, o Astrônomo girou um botão. — O que está vendo, o que está ouvindo?

O macho estremeceu de novo, água vermelha respingando pela borda da banheira e escorrendo para o poço abaixo. Tharion olhou por cima do corrimão de ferro.

— Os lábios dele estão ficando azuis.

— A água está quente. — O Astrônomo fez um ruído de preocupação. — Vejam. — Apontou para a tela. Um gráfico de linhas subindo e descendo, como ondas de som, surgiu. — Admito que a nova tecnologia tem algumas vantagens. O antigo modo de transcrever era muito mais complicado, eu precisava consultar cada

onda cerebral para encontrar a correlação com a letra ou a palavra certas. Agora a máquina faz por mim.

Não me importo com ondas cerebrais, pensou Bryce. *Me conte o que está acontecendo com Connor.*

O Astrônomo tagarelava, quase distraído:

— Quando você fala, seu cérebro manda uma mensagem à sua língua para formar as palavras. Esta máquina lê essa mensagem, esse sinal, e interpreta. Sem que você precise dizer uma palavra.

— Então é uma leitora de mentes — disse Tharion, o rosto pálido sob as luzes. Bryce caminhou para mais perto de Ithan, o lobo irradiava temor.

— De certa forma — respondeu o Astrônomo. — Agora, é mais uma bisbilhoteira, ouvindo a conversa que o místico está tendo com quem quer que esteja na outra ponta da linha.

Tharion perguntou, as mãos atrás das costas quando olhou para as máquinas:

— Como sabe o que a outra pessoa está dizendo?

— O místico é treinado para repetir as palavras para que nós possamos transcrever. — A tela começou a piscar uma série de letras, palavras.

— *Escuro demais* — leu o Astrônomo em voz alta. — *Está escuro demais para ver. Só ouvir.*

— Você consegue especificar onde no Inferno seu místico está? — Ithan indicou os níveis holográficos bem abaixo.

— Não com precisão, mas, a julgar pelo frio, eu diria profundamente. Talvez no próprio Desfiladeiro.

Bryce e Ithan trocaram olhares. Seu olhos estavam tão arregalados quanto os dela.

O Astrônomo continuou lendo.

— *Oi?* — Silêncio. Nada além de um silêncio interminável. — Isso é muito comum — garantiu o Astrônomo, gesticulando para que se aproximassem. Apesar de não querer, apesar de suas objeções, Bryce se debruçou para ler a mensagem.

O místico falou: *Estou procurando pela alma de um lobo chamado Connor Holstrom.*

Alguém, alguma coisa, respondeu:

Lobo nenhum perambula nestas terras há eras. Nenhum lobo com esse nome mora aqui, vivo ou morto. Mas o que é você*?*

Ithan estremeceu, cambaleando um passo. Com alívio, Bryce percebeu… porque essa era a sensação zonza e animadora em seu corpo também.

— Estranho — disse o Astrônomo. — Por que fomos atraídos para o Inferno se seu amigo não está lá?

Bryce não queria saber. Tentou sem sucesso abrir a boca para dizer que deveriam ir embora.

Sou um místico, disse o macho.

De onde?

Um lugar distante.

Por que está aqui?

Para fazer perguntas. Vai me ajudar?

Se eu puder, místico, então ajudarei.

Qual é seu nome?

Uma pausa. Então, *Thanatos.*

— O Príncipe da Ravina. — Tharion recuou um passo.

Você sabe se Connor Holstrom ainda está no Quarteirão dos Ossos de Midgard?

Uma longa, longa pausa, as ondas de som se aplainando. Então…

Quem mandou você aqui?

Um lobo, um tritão e uma fêmea metade feérica, metade humana.

Bryce não fazia ideia como os místicos souberam da presença deles.

Não queria saber que tipo de percepção tinham enquanto estavam naqueles tanques de isolamento.

Thanatos perguntou: *Quais são os nomes deles.*

Eu não sei. Você vai responder minhas perguntas?

Outra longa pausa.

— Precisamos parar com isso. — Ithan assentiu na direção da banheira do macho. Gelo começava a cobrir a água.

Eles estão ouvindo, é?

Sim.

De novo, silêncio.

E o príncipe demônio falou: *Me deixe vê-los. Deixe que eles me vejam.*

Os olhos do místico se arregalaram no tanque abaixo.

* No original, “they”. (N. E.)



Uma inspiração trêmula foi o único sinal de desconforto que Bryce se permitiu enquanto encarava o holograma projetado no centro do planetário. O macho agora contido no limite escuro dele.

O cabelo preto de cachos pequenos de Thanatos era curto rente à cabeça, expondo o belo rosto que não sorria acima do poderoso corpo vestindo armadura escura e ornamentada. Olhou diretamente para Bryce, como se pudesse de fato ver através dos olhos do místico.

O Astrônomo deu um passo para trás, murmurando uma oração para Luna.

A transmissão continuava, sincronizada com os movimentos da boca de Thanatos. Fome tomava a expressão do demônio.

Eu consigo sentir o cheiro da luz estelar em você.

O Príncipe da Ravina a conhecia. De alguma forma.

O Astrônomo deu outro passo para trás, então mais um, até se encostar na parede, trêmulo de terror.

Os olhos escuros de Thanatos perfuraram a alma de Bryce. *Você é aquela de quem meus irmãos falam.*

Ithan e Tharion olharam dela para o demônio, as mãos ao alcance fácil das armas, ainda que pudessem fazer pouco.

— Vim perguntar sobre a alma de um amigo. Eu não sei por que estou falando com você — disse Bryce, e acrescentou, em tom mais baixo: — Vossa Alteza.

Sou um Príncipe da Morte. As almas se curvam a mim.

Aquele macho não tinha nada da destreza de Aidas ou do que Hunt havia contado a ela sobre a arrogância presunçosa de Apollion. Nada que indicasse misericórdia ou humor.

Ithan disparou, os dentes batendo de frio:

— Você sabe se a alma de Connor Holstrom de alguma forma se perdeu no Inferno?

Thanatos franziu a testa para as botas na altura de seus joelhos, como se conseguisse enxergar até o fundo do Fosso abaixo.

O lobo é seu irmão, suponho, disse a Ithan.

— Sim. — A garganta de Ithan estremeceu.

A alma dele não está no Inferno. Ele está… Sua atenção se voltou de novo para Bryce. Rasgou pele e osso, até o ser por baixo. *Você matou uma de minhas criações. Meu amado bicho de estimação, mantido por tanto tempo do seu lado da Travessia.*

Bryce conseguiu perguntar, o fôlego se condensando diante dela:

— Você está falando dos ceifadores? Ou do Pastor? — Um pastor de almas, para um príncipe que as traficava. — O Sub-Rei disse que você o abandonou depois das Primeiras Guerras.

Abandonei, ou intencionalmente plantei?

Ótimo. Fantástico.

— Eu não tinha interesse em virar o almoço dele — disse Bryce.

Os olhos de Thanatos se incendiaram. *Você me custou um elo crucial com Midgard. O Pastor relatava fielmente a mim tudo que ouvia no Quarteirão dos Ossos. As almas dos mortos falam livremente do mundo delas.*

— Que peninha.

Está debochando de um Príncipe do Inferno?

— Eu só quero respostas. — E dar o fora daqui.

Thanatos a estudou de novo, como se tivesse todo o tempo do universo. Então ele falou: *Vou lhes dar respostas apenas por respeito a uma guerreira capaz de matar uma de minhas criações. Se eu a encontrar no campo de batalha, no entanto, vou me vingar da morte do Pastor.*

A boca de Bryce secou.

— Está marcado.

Connor Holstrom permanece no Quarteirão dos Ossos. Meu Pastor o observou durante suas rondas na noite antes de você o matar. A não ser… Ah, estou vendo agora. Os olhos dele ficaram distantes. *Uma ordem foi despachada da escuridão. Ele deverá ser deixado a sós com os demais até que a quantidade normal de tempo tenha se passado.*

— Quem deu a ordem? — indagou Ithan.

Não está evidente.

Bryce perguntou:

— Existe alguma forma de ajudar almas como Connor? — Se ele fosse empurrado pelo Portão dos Mortos no dia seguinte ou em quinhentos anos, ainda era um destino horrível.

Apenas os asteri saberiam.

Tharion, o idiota, interrompeu:

— Você consegue determinar a localização de um menino humano chamado Emile Renast em Lunathion?

Bryce enrijeceu. Se Apollion estivesse mesmo procurando Emile… será que tinham acabado de arrastar mais um Príncipe do Inferno para a caçada?

— Não é assim que funciona — ciciou o Astrônomo de onde ainda estava encolhido, à parede.

Eu não conheço esse nome ou essa pessoa.

Graças aos deuses. E graças aos deuses que as palavras do príncipe não davam indícios de ciência do paradeiro de Emile, ou do que Apollion iria querer dele.

Tharion disse, arrastado:

— Conhece alguém que saiba?

Não. Esses são assuntos do seu mundo.

Bryce tentou sem sucesso acalmar seu coração acelerado. Pelo menos Connor continuava no Quarteirão dos Ossos, e tinham conseguido um cessar-fogo.

— O menino é um pássaro-trovão — disse Tharion. — Isso diz alguma coisa?

— Tharion — avisou Ithan, aparentemente compartilhando da mesma opinião de Bryce.

Achei que os asteri tivessem destruído essa ameaça há muito tempo.

Bryce pigarreou.

— Talvez — sugeriu. — Por que eram uma ameaça?

Estou me cansando dessas perguntas. Vou me banquetear.

A sala mergulhou em escuridão.

O Astrônomo sussurrou:

— Que Luna me guarde, seu arco luminoso contra a escuridão, suas flechas como fogo prateado disparando no Inferno…

Bryce levantou a mão envolta em luz estelar, projetando a sala em prata. No espaço em que estava o holograma de Thanatos, apenas um poço preto permanecia.

O místico macho deu um solavanco violento, submergindo e arqueando-se. Líquido vermelho respingou. Os outros dois continuavam deitados, imóveis como a morte. A máquina começou a disparar e apitar, o Astrônomo parou sua oração para correr até os controles.

— Ele o apreendeu — arquejou o macho, suas mãos tremendo.

Bryce aumentou sua luz quando a transmissão recomeçou.

Há muito uma mosquinha mortal não desce zumbindo até o Inferno. Vou provar a alma deste aqui, como um dia bebi deles como um bom vinho.

Geada avançou pelo chão. O místico macho arqueou o corpo de novo, braços finos se debatendo, o peito se elevando e descendo a um ritmo acelerado.

— Solte-o! — disparou Bryce.

Por favor, suplicou o místico.

Que triste e solitário e desesperado você é. Você tem gosto de água da chuva.

Por favor, por favor.

Só mais um pouco. Só um gostinho.

O Astrônomo começou a digitar. Alarmes berraram.

— O que está acontecendo? — gritou Tharion. Abaixo, o gelo encobria os outros dois místicos nas banheiras.

O príncipe continuou: *Você veio fundo demais. Acho que vou ficar com você.*

O macho se debateu, lançando ondas de água vermelha cascateando para o vazio abaixo.

— Desligue as máquinas — ordenou Ithan.

— Não posso, não sem a extração correta. A mente pode se estilhaçar.

Bryce protestou:

— Se você não desligar, fodeu para ele.

O Príncipe da Ravina falou: *Não me importo com a agente de meus irmãos. Não preciso de suas regras e restrições e das ilusões de civilização. Vou provar todos vocês dessa forma, vocês e seus mestres, depois que a porta entre nossos mundos estiver novamente aberta. Começando com você, Estrelada.*

Gelo se alastrou pelas paredes, encrustando os místicos submersos. As máquinas rangeram, planetas se apagaram, então…

Cada peça tecnológica movida a primalux se desligou. Até mesmo a luz estelar de Bryce se extinguiu. Bryce xingou.

— O quê…

O Astrônomo ofegava na escuridão. Botões estalavam, ocos.

— Os respiradores…

Bryce puxou o celular, atrapalhando-se para ligar a lanterna. Não acendia. Tharion soltou outro palavrão, a dele também não funcionava. Cada músculo e tendão de seu corpo enrijeceu.

Luz dourada tremeluzente brilhou da mão erguida do Astrônomo. Os duendes de fogo presos nos anéis dele brilharam constantemente.

Pelo visto, era tudo que Ithan precisava para enxergar, pois se lançou por cima do corrimão e seguiu para a banheira congelada do macho. Aterrissou graciosamente, equilibrando os pés de cada lado. Um golpe de seu punho fez o gelo rachar.

O macho convulsionava, evidentemente se afogando sem um respirador funcional. Ithan o puxou, arrancando a máscara de seu rosto. Um longo tubo de alimentação a acompanhou. O macho teve ânsias e espasmos, mas Ithan o levantou por cima da borda, para que não escorregasse de novo.

Saltando com graciosidade atlética, o lobo alcançou a banheira do meio, libertando o místice ali dentro. Então seguiu para a fêmea na terceira banheira.

O Astrônomo estava gritando, mas parecia que Ithan mal ouvia suas palavras. Os três místicos estremeciam, choros baixinhos saíam trêmulos das bocas azuis. Bryce estremecia junto, Tharion colocou a mão em suas costas.

Alguma coisa abaixo rangeu, e as luzes se acenderam de novo. O chão começou a se elevar, avançando na direção das banheiras de novo. O penduricalho de sol desceu do teto quando o Astrônomo desceu pela passagem, xingando.

— Você não tinha o direito de tirá-los, *nenhum direito*…

— Eles teriam se afogado! — Bryce se colocou em movimento, correndo atrás do macho. Tharion marchou um passo atrás.

A fêmea se agitou quando o piso de ardósia se fixou em torno das banheiras. Sobre os braços finos como junco, ergueu o peito, piscando exausta para Ithan, então para a sala.

— De volta — chiou a mística, a voz falha e rouca, em desuso há anos. Seus olhos pretos suplicantes. — *Me mande de volta.*

— O Príncipe da Ravina estava prestes a dilacerar a alma do seu amigo — disse Ithan, ajoelhando-se diante dela.

— *Me mande de volta!* — gritou, as palavras mal passando de um guincho rouco. — *De volta!*

Não para o Inferno, Bryce sabia, não para o Príncipe da Ravina, mas para a existência aquosa e leve. Ithan se levantou, afastando-se lentamente.

— Saiam — fervilhou o Astrônomo, correndo na direção de seus místicos. — Todos vocês.

Bryce chegou à base da rampa, os anéis ainda brilhantes do Astrônomo se acendendo mais fortes. Fúria ferveu em seu peito.

— Você teria sacrificado eles…

— *DE VOLTA!* — gritou a fêmea de novo. Os outros dois místicos se agitaram ao retornar à consciência, gemendo. Bryce passou para o lado de Ithan, atrelando seu braço no dele, puxando-o na direção das portas. O lobo olhava boquiaberto para os místicos, para a confusão que tinha feito.

O Astrônomo estava ajoelhado ao lado da fêmea, levando a mão aos tubos que Ithan tinha arrancado.

— Eles não podem mais existir neste mundo. *Não querem* existir neste mundo. — Olhava com raiva para ela, fogo frio em seus olhos cinza pálidos.

Bryce abriu a boca, mas Tharion balançou a cabeça, já encaminhando-se para a saída.

— Desculpe pelo incômodo — disse, por cima do ombro largo.

— *Me mande de volta* — choramingou a fêmea para o Astrônomo.

Bryce tentou puxar Ithan, mas o lobo olhou para a fêmea, para o macho idoso. Seus músculos tensos, como se pudesse muito bem arrancar o Astrônomo da menina e levá-la embora.

— Logo — prometeu o velho macho, acariciando o cabelo molhado da jovem. — Logo você vai flutuar de novo, meu cordeirinho. — Cada um de seus anéis brilhou, projetando raios em torno da cabeça da mística como uma coroa.

Bryce parou de puxar o braço de Ithan. Parou de se mover quando viu as mãozinhas suplicantes empurrando as órbitas de vidro nos dedos do Astrônomo.

Faça alguma coisa. Seja alguma coisa.

O que poderia fazer, no entanto? Que autoridade tinha para libertar os duendes? Que poder poderia empunhar além de ofuscá-lo e arrancar os anéis dos dedos dele? Avançaria um quarteirão antes que o Aux ou a 33ª fossem chamados, e então teria uma confusão da porra nas mãos. E se Hunt fosse chamado para apreendê-la… Sabia que ele a apoiaria em um segundo, mas também respondia à lei. Não poderia fazê-lo escolher. Sem falar que não podiam lidar com o escrutínio agora. Em vários sentidos.

Então Bryce deu as costas, odiando-se, puxando Ithan. Não protestou dessa vez. O Astrônomo ainda estava murmurando com seus protegidos quando Ithan fechou as portas pesadas.

A rua parecia inalterada sob a leve chuva de verão que tinha começado. O rosto de Tharion estava assombrado.

— Você estava certa — admitiu. — Foi uma má ideia.

Bryce abriu e fechou os dedos em punhos.

— Você é um canalha de merda, sabia?

Tharion lançou a ela um sorriso debochado.

— Você tem a mente aberta como a gente, Pernas. Não seja chata só porque agora tem uma coroa toda pomposa.

Um grunhido baixo escapou de sua garganta.

— Eu sempre me perguntei por que a Rainha do Rio fez você o Capitão da Inteligência. Agora eu sei.

— O que isso quer dizer? — Tharion avançou um passo, sua altura imponente diante de Bryce.

Ao Inferno que recuaria.

— Quer dizer que você finge ser o Sr. Charmoso, mas é só um traidor cruel que faz qualquer coisa para atingir seus objetivos.

A expressão de Tharion ficou severa, tornando-se alguém que ela não reconhecia. O tipo de tritão de quem as pessoas sabiamente

ficavam longe.

— Experimente ter sua família à mercê da Rainha do Rio, então venha chorar comigo sobre mortais. — Sua voz baixou a um tom perigosamente grave.

— Minha família está à mercê de *todos* os vanir — retrucou ela. Luz estelar brilhou ao seu redor, e as pessoas no fim do beco pararam. Viraram em sua direção. Bryce não se importava. Ainda assim, manteve sua voz suave como um sussurro ao dizer:

— Já chega de trabalharmos com você. Vá encontrar outra pessoa para arrastar para suas merdas.

Virou-se para Ithan para buscar apoio, mas o lobo estava pálido olhando na direção de uma parede de tijolos do outro lado do beco. Bryce acompanhou o seu olhar e ficou imóvel. Vira aquele macho no noticiário e em fotografias, mas nunca pessoalmente. Imediatamente desejou ainda ter a distância de uma tela digital entre eles. Sua luz estelar tremeluziu e se apagou.

Mordoc sorriu, um lampejo nas sombras.

— Causando confusão tão cedo?



Não havia nada de Danika no rosto envelhecido de Mordoc. Nem um tom de cor ou curva ou ângulo.

Apenas… aquilo. A forma como o capitão lobo desencostou da parede e se aproximou. Vira Danika fazer aquele movimento com o mesmo poder e graciosidade.

Ithan e Tharion se colocaram ao seu lado. Aliados de novo, pelo menos naquele momento.

— O que você quer, Mordy? — perguntou Tharion, a voz arrastada, de novo aquele tritão irreverente e charmoso.

O lobo apenas olhou com desprezo para Bryce.

— Curioso, uma princesinha visitando um lugar como este.

Bryce admirava as unhas, grata por suas mãos não estarem tremendo.

— Eu precisava de respostas para algumas perguntas. Vou me casar, afinal de contas. Quero saber se há alguma mancha na reputação impecável do meu futuro marido.

Deu uma risada áspera com dentes demais.

— Me disseram mesmo que você tinha a língua afiada.

Bryce mandou um beijo para ele.

— Fico feliz por não desapontar meus fãs.

Ithan interrompeu, grunhindo baixinho:

— Estamos indo.

— O filhote que caiu em desgraça — disse Mordoc, a risada revoava como cascalho. — Sabine disse que tinha expulsado você. Parece que você caiu direto na lixeira, hein? Ou isso é por espreitar em tantos becos ultimamente? Gostaria de explicar isso?

Bryce suspirou quando Ithan fervilhou e falou:

— Não sei do que você está falando.

Antes que Mordoc pudesse responder, Tharion disse, com aquele sorriso vencedor:

— A não ser que você tenha algum tipo de diretriz imperial para nos interrogar, acabamos aqui.

O lobo sorriu de volta.

— Eu arrastei um tritão como você para o litoral certa vez, para uma enseada com uma rede de pesca, e descobri o que acontece quando são mantidos alguns metros acima da água por um dia. O que farão para alcançar uma gota para não perderem as barbatanas. Do que abrem mão.

Tharion contraiu a mandíbula.

* * *

— Ótima história, cara. — Bryce falou.

Entrelaçou o braço no de Tharion, então no de Ithan, e os puxou pelo beco. Podia estar puta da vida com o primeiro, mas preferiria o tritão a Mordoc em qualquer dia. Sempre seriam aliados contra pessoas como ele.

O pai de Danika… Bryce começou a tremer quando dobraram a esquina do quarteirão, deixando Mordoc nas sombras do beco. Rezava para que o Astrônomo fosse tão discreto quanto os boatos diziam, mesmo diante de um dos piores interrogadores do império.

Caminharam em silêncio de volta ao coração tumultuado da Praça da Cidade Velha, a maioria dos turistas ocupada demais tirando fotos das muitas decorações em honra de Celestina e Ephraim para reparar neles. A um quarteirão do Portão do Coração, Bryce parou, virando-se para Tharion. Olhou para ela como se a avaliasse sincera e

friamente. Ali estava o macho que corajosamente dilacerara o assassino da irmã dele. O macho que…

Que tinha pulado direto para dentro do helicóptero de Fury para ajudar durante o ataque na última primavera.

— Oh, Pernas — disse Tharion, decifrando suas feições suaves. Esticou a mão para brincar com as pontas de seu cabelo. — Você é boa demais para mim.

Bryce repuxou a boca para o lado. Ithan continuou alguns passos afastado e ocupou-se passando a tela do celular.

— Ainda estou com raiva de você. — disse a Tharion.

O tritão deu um sorriso torto.

— Mas você também ainda me ama?

Bufou uma gargalhada.

— Não conseguimos respostas sobre Emile. — Apenas mais perguntas. — Você vai voltar para lá?

— Não. — Tharion estremeceu. Bryce acreditou.

— Me avise se você tiver alguma ideia sobre onde o menino possa estar escondido.

Puxou os seus cabelos.

— Achei que não trabalharíamos mais juntos.

— Você está em condicional. Pode agradecer a seu abdômen por isso.

Tharion segurou seu rosto, apertando as bochechas ao dar um beijo comportado em sua testa.

— Vou mandar umas fotos depois. Não mostre para Athalar.

Bryce o empurrou.

— Me mande uma lontra e estaremos quites. — Podia não aprovar ou concordar com os métodos de Tharion, podia não confiar nele completamente, mas tinham inimigos muito mais perigosos às costas. Aliarem-se era a única escolha.

— Feito. — Tharion deu um peteleco em seu nariz com o dedo comprido. O tritão assentiu para Ithan. — Holstrom. — Então saiu caminhando pela rua, provavelmente de volta para o Istros para contatar sua Rainha.

Sozinha com Ithan na calçada tostada pelo sol, Bryce perguntou ao lobo:

— Aonde você vai agora? De volta para a casa de Ruhn?

Ithan estava com o rosto sombrio. Triste.

— Acho que sim. Você vai procurar Emile?

Bryce tirou um cartão-postal da bolsa. Os olhos de Ithan brilharam com reconhecimento diante de sua antiga tradição.

— Na verdade, vou mandar isso para minha mãe. — Observou seu antigo amigo quando mais uma vez ficou séria. — Você está bem?

O lobo deu de ombros.

— Obtive minhas respostas, não foi?

— Sim, mas… — Esfregou a testa, a pele pegajosa com os resquícios de suor da aula de dança horas antes. Anos antes, ao que parecia.

— Quero dizer, tudo parece bem, não é? Connor está no Quarteirão dos Ossos, e com uma ordem de não ser tocado, então…

No entanto, podia ver, pela forma como Ithan deu um passo, que aquilo não caía bem. Apertou o ombro do lobo.

— Nós vamos descobrir alguma coisa. Alguma forma de ajudá-lo. — E todos presos no matadouro eterno.

Podia ser a pior mentira que já contara, porque, quando Ithan partiu, parecia realmente acreditar em suas palavras.

* * *

— Duas semanas não é tanto assim — Isaiah consolava Hunt do outro lado da mesa de vidro no refeitório particular da 33ª no Comitium. Estavam sentados à mesa reservada exclusivamente para os triários, ao lado das janelas da parede ao teto que davam para a cidade.

Normalmente, Hunt não se incomodava com o refeitório, mas Isaiah o convidara para um almoço cedo, e precisara conversar. Mal tinha se sentado quando explodiu com um resumo de sua conversa com Celestina.

Hunt mordeu o sanduíche de peru com queijo brie.

— Eu sei que não é muito — disse enquanto comia —, mas… — Engoliu em seco, voltando os olhos suplicantes para seu amigo. — Bryce e eu decidimos não esperar até o Solstício de Inverno.

Isaiah caiu na gargalhada, o som intenso e aveludado. Alguns soldados se viraram em sua direção, então rapidamente voltaram às

suas refeições. Isso podia ter incomodado Hunt em qualquer outro dia, mas hoje…

— Estou feliz que você ache minha seca engraçada — chiou para o amigo.

Isaiah gargalhou de novo, infernalmente belo em seu terno. Considerando de quantas reuniões participava com Celestina, e agora com Ephraim, era um milagre de Urd que tivesse encontrado tempo naquele dia para almoçar com ele.

— Eu jamais achei que veria o dia em que o Umbra Mortis viria chorando para mim por causa de uma punição relativamente leve porque interfere com a sua vida sexual.

Hunt terminou a água. Isaiah tinha um ponto. De todas as punições que podia ter recebido, aquela era a mais branda.

Isaiah ficou sóbrio, a voz se aquietando.

— Então, o que aconteceu ontem à noite? Tudo bem?

— Está tudo bem agora. Sabine foi até o apartamento procurando por Ithan Holstrom. Bryce ficou com medo. Eu cheguei a tempo de convencer Sabine a não começar nenhuma merda.

— Ah — disse Isaiah. Então perguntou: — E Baxian?

— Ele assumiu a responsabilidade como meu suposto parceiro de fornecer apoio. Ainda que indesejado.

Isaiah deu uma risada de escárnio.

— Ele ganha pontos por tentar?

Hunt riu.

— Óbvio.

Isaiah abocanhou a própria comida, e, por um momento, o peito de Hunt se apertou com o esforço de manter todas as verdades guardadas. Isaiah esteve ao seu lado durante a rebelião dos Caídos. Teria ideias valiosas sobre aquela merda com a Ophion. Mesmo que seu conselho fosse ficar longe da porra toda.

— O que foi? — perguntou Isaiah.

Hunt balançou a cabeça. O amigo era bom demais em entendê-lo.

— Nada. — Atrapalhou-se procurando outra verdade. — É estranho pensar que duas semanas sem Bryce é uma punição. Se eu sequer piscasse errado para Sandriel, ela arrancava minhas penas uma por uma.

Isaiah estremeceu.

— Eu me lembro. — Isaiah tinha sido aquele a enfaixar as asas destruídas de Hunt repetidas vezes, afinal de contas.

— Você gosta de trabalhar para ela? Celestina, quero dizer?

— Sim. Muito. — Isaiah não hesitou.

Hunt exalou demoradamente. Não podia contar a Isaiah. Ou a Naomi. Porque se soubessem, mesmo que concordassem em manter a merda com os rebeldes em segredo e ficar fora daquilo… também seriam mortos. Do jeito que a coisa estava, perigavam ser torturados, mas ficaria evidente que não sabiam de nada. E podiam ter uma chance.

— Você sabe que pode conversar comigo sobre qualquer coisa, certo? — Isaiah perguntou. Bondade brilhou em seus olhos sombrios. — Até mesmo coisas com Celestina. Eu sei que é estranho com a hierarquia entre nós, mas… Sou o intermediário entre a 33ª e ela. O que quer que você precise, estou aqui.

Hunt nunca merecera um amigo como Isaiah.

— Não é estranho com a hierarquia entre nós — disse. — Você é o líder da 33ª. Fico feliz em trabalhar para você.

Isaiah o estudou.

— Não sou eu quem empunha relâmpago. Ou quem tem um apelido todo pomposo.

Hunt gesticulou para aliviar o peso do que o amigo dissera.

— Confie em mim, eu preferiria que você estivesse no comando.

Isaiah assentiu, mas, antes que pudesse responder, silêncio ondulou pelo refeitório. Hunt ergueu o rosto por instinto, além de todas as asas e armaduras.

— Que ótimo — murmurou. Baxian, com a bandeja em uma das mãos, caminhando em sua direção. Ignorando os soldados que passavam longe ou se calavam de vez ao passar.

— Se comporte. — murmurou Isaiah de volta, chamando o macho efusivamente. Não por Baxian, mas por todos que testemunhavam aquilo. Os soldados que precisavam ser apresentados com uma liderança unificada.

Hunt terminou o sanduíche assim que o anjo metamorfo deslizou para uma cadeira ao lado de Isaiah. Hunt encontrou seu olhar.

— Como foi com a Corça? — Sabia que o macho conseguia ler nas entrelinhas. *Você falou, seu merda?*

— Foi bem. Eu sei como lidar com Lidia. — *Não, não falei, seu babaca.*

Hunt viu que Isaiah os observava com as sobrancelhas erguidas.

— O que aconteceu com Lidia?

O Cão do Inferno respondeu casualmente:

— Ela queria me interrogar sobre por que eu parti ontem à noite. Não tive vontade de explicar a ela que sou o suplente de Athalar, e, aonde ele vai, eu vou.

Os olhos de Isaiah ficaram sombrios.

— Você não era tão antagônico em relação a ela sob o reinado de Sandriel.

Baxian atacou seu prato de kafta de cordeiro e arroz de ervas.

— Você está em Lunathion há um tempo, Tiberian. As coisas mudaram depois que você partiu.

* * *

— Como o quê? — Isaiah perguntou.

Baxian olhou para a cidade reluzente assolada pelo calor do meio-dia.

— Coisas.

— Acho que isso quer dizer que deveríamos cuidar da porra da nossa vida — disse Hunt.

Isaiah riu com deboche.

— Ele está usando um dos seus conselhos, Hunt.

Hunt sorriu.

— Você está me confundindo com Naomi. Eu pelo menos digo diretamente para você cuidar da sua vida. Ela só insinua.

— Com um olhar mortal.

— E talvez uma arma apoiada na mesa para dar ênfase.

Riram, mas Hunt ficou sério ao notar Baxian observando a troca entre os dois, algo como inveja em seu rosto. Isaiah também reparou, porque disse ao Cão do Inferno:

— Você pode rir, sabe. A gente faz esse tipo de coisa por aqui.

A boca de Baxian se contraiu em uma linha fina.

— Você teve mais de dez anos aqui. Me perdoe se leva um tempo para esquecer as regras do território de Sandriel.

— Contanto que não se esqueça de que está em Lunathion agora. — A ameaça de violência ecoou em cada palavra de Isaiah, contrariando o traje impecável que vestia. — Essa cicatriz que Athalar colocou no seu pescoço não vai passar de um arranhão em comparação ao que eu vou fazer se você ferir alguém desta cidade.

Os olhos de Baxian brilharam.

— Só porque você não era interessante o suficiente para merecer fazer parte dos triários de Sandriel, não desconte em mim com falsas ameaças.

Os dentes de Isaiah brilharam.

— Eu não tinha interesse algum em estar perto de um monstro.

Hunt tentou não escancarar a boca. Vira Isaiah aplicar a lei inúmeras vezes. Seu amigo não teria chegado aonde estava sem a habilidade de traçar um limite e mantê-lo. Era raro, ultimamente, ver o guerreiro destemido aparecer. Soldados se viravam em sua direção.

— Sandriel ficaria felicíssima ao saber que ainda está nos colocando uns contra os outros tantos anos depois. — Hunt interrompeu.

Isaiah piscou, em surpresa por ter precisado intervir. Baxian o olhou com cautela.

Hunt respirou fundo de novo.

— Porra, isso pareceu um sermão. — Baxian soltou um riso baixo e a tensão se dissolveu.

Isaiah lançou a Hunt um sorriso de gratidão, então se levantou.

— Eu preciso sair. Tenho uma reunião com os Mestres do Aux.

Hunt piscou.

— Mande minhas lembranças a Ruhn.

Isaiah riu.

— Pode deixar.

Com isso, seu amigo saiu na direção das lixeiras. Anjos levantaram a cabeça quando Isaiah passou; alguns acenaram. O anjo de asas brancas acenou de volta, parando diante de várias mesas para trocar amabilidades. O sorriso de Isaiah era largo… sincero.

Baxian disse, baixinho:

— Seu amigo nasceu para isso.

Hunt grunhiu em anuência.

— Não tem interesse em liderar de novo? — perguntou Baxian.

— Burocracia demais.

Baxian deu um risinho.

— Óbvio.

— O que isso quer dizer?

— Você liderou uma vez, e não foi bem. Não o culpo por não se prontificar de novo.

Hunt trincou a mandíbula, mas não falou mais nada ao terminar sua refeição. Baxian estava logo em seu encalço quando seguiram para esvaziar os pratos e deixar as bandejas. Hunt não ousou se virar para dizer ao Cão do Inferno que saísse de perto. Não com tantos olhos sobre eles. Conseguia ouvir soldados sussurrando conforme passavam.

Hunt não se deu ao trabalho de cumprimentá-los como Isaiah fizera. Não aguentava olhar para os outros soldados. As pessoas que seriam chamadas para lutar contra a Ophion.

Pessoas que mataria se ameaçassem Bryce. Porra, se reproduzisse o que fizera no Quarteirão dos Ossos, podia fritar todos em um segundo. Não era à toa que os asteri tinham considerado os pássaros-trovão uma ameaça, aquele tipo de poder era letal.

Se a Ophion colocasse as mãos em Emile… É, aquela era arma pela qual valia a pena matar.

Hunt chegou ao vão dos elevadores depois das portas. Os cinco anjos aglomerados ali seguiram rapidamente para as escadas.

— Público difícil de agradar, hein? — disse Baxian, às suas costas, quando Hunt entrou no elevador. Para seu desprazer, o Cão do Inferno fez o mesmo. O espaço era grande o bastante para acomodar muitos seres com asas, mas Hunt manteve as suas bem fechadas.

— Você se acostuma — falou Hunt, apertando o botão do quartel dos triários. Podia muito bem avaliar seu quarto para ver que armas lhe restavam. Que roupas precisaria mandar buscar. Conhecendo Bryce, ela mandaria uma de suas calcinhas também.

— Achei que você fosse o Sr. Popular — falou o Cão, observando os números que aumentavam acima deles.

— Por que diabos você acharia isso? — Hunt não esperou por uma resposta quando as portas do elevador se abriram e ele saiu para o

corredor silencioso

— Você parece amigável com todos fora deste lugar.

Hunt arqueou a sobrancelha, parando do lado de fora de seu antigo quarto.

— O que isso quer dizer?

Baxian encostou na própria porta, em frente à de Hunt.

— Quero dizer, ouvi dizer que você vai a festas com o Príncipe Ruhn e os amigos dele, você tem uma namorada, parece estar em bons termos com os lobos… Mas não com os anjos?

— Isaiah e eu estamos em bons termos. — E Naomi.

— Estou falando dos outros. Os brutamontes. Nenhum amigo ali?

— Por que diabos você se importa?

Baxian casualmente fechou as asas.

— Quero saber o que eu ganho. Que tipo de vida posso esperar.

— É o que você fizer dela — disse Hunt, abrindo a porta. Ar rançoso e empoeirado o recebeu, uma diferença enorme do cheiro de café que tomava o apartamento de Bryce.

Olhou por cima de um ombro e encontrou Baxian observando seu quarto. O vazio ali. Uma olhada para o quarto de Baxian do outro lado do corredor revelou um espaço igualmente vazio.

Hunt falou:

— Assim era minha vida, sabe.

— Assim como?

— Vazia.

— E o que aconteceu?

— Bryce aconteceu.

Baxian deu um leve sorriso. Triste. Seria… seria possível que o Cão do Inferno se sentisse *solitário*?

— Sinto muito por você precisar ficar longe dela por tanto tempo. — Baxian pareceu sincero.

Hunt semicerrou os olhos.

— Celestina puniu você?

— Não. Ela disse que foi a sua má influência, então a punição caberia a você.

Hunt riu.

— Justo. — Entrou no quarto e rapidamente avaliou suas armas e roupas. Quando voltou para o corredor, Baxian estava sentado à mesa

de pinheiro de seu quarto, revisando o que pareciam ser relatórios. Cada instinto gritou para que Hunt saísse sem dizer nada, que mandasse ao Inferno aquele macho que tinha sido mais inimigo do que amigo ao longo dos anos, mas…

Hunt passou a mão na maçaneta da porta.

— Em que mandaram você trabalhar?

— Relatórios do progresso dos novos recrutas. Para ver se tem algum anjo promissor para promover.

— Tem?

— Não.

— Anjos como nós não aparecem tão frequentemente, suponho.

— Pelo visto, não. — Baxian voltou para a papelada.

O silêncio do corredor, do quarto, assentou-se em Hunt. Pressionando-o. Conseguia ouvir Bryce dizendo: *Vamos lá. Tente. Não vai matar você.* Era mandona até em sua imaginação. Então falou:

— Ainda temos vinte minutos de almoço. Quer jogar *LUS Solebol*?

Baxian se virou.

— O que é isso?

— Você realmente não sabe nada sobre a vida moderna, né? — Baxian olhava inexpressivamente para ele. — LUS — explicou Hunt. — Liga Unida de Solebol. É o jogo de videogame deles. Você pode jogar da perspectiva de qualquer jogador, em qualquer equipe. É divertido.

— Nunca joguei um videogame.

— Ah, eu sei. — Hunt sorriu.

Baxian o avaliou, Hunt esperou a rejeição, mas Baxian respondeu:

— Óbvio. Por que não?

Hunt seguiu para a sala comunal.

— Você pode se arrepender disso em alguns minutos.

De fato, dez minutos depois, Baxian estava xingando, os dedos tropeçando pelo controle preso em suas mãos. Hunt desviava agilmente do avatar de Baxian.

— Patético — falou Hunt. — Ainda pior do que eu imaginei.

— Isso é tão idiota. — Baxian grunhiu.

— E mesmo assim você continua jogando — replicou Hunt.

Baxian gargalhou.

— É. Acho que sim.

Hunt fez um gol.

— Não é nem mesmo satisfatório jogar contra um iniciante.

— Me dê um dia e vou esfregar o chão com você, Athalar. — Baxian pressionava os controles com os polegares. Seu avatar correu direto contra uma trave e recuou, estatelando-se no chão.

Hunt deu uma risadinha.

— Talvez dois dias.

Baxian olhou de esguelha.

— Talvez. — Continuaram jogando, e, quando o relógio acima da porta informou meio-dia, Baxian perguntou: — Hora de trabalhar?

Hunt ouviu o dormitório silencioso ao redor.

— Não conto se você não contar.

— Não provei esta manhã que sou a definição de discrição?

— Ainda estou esperando por seu motivo, sabe.

— Não estou aqui para fazer de você um inimigo.

— Não entendo o porquê.

Baxian bateu na trave de novo, seu avatar recuando para dentro do campo.

— A vida é curta demais para guardar rancor.

— Isso não é um bom motivo.

— É o único que vai conseguir. — Baxian conseguiu tomar o controle da bola por dez segundos antes que Hunt a tirasse dele. Xingou. — Solas. Você não pode pegar leve comigo?

Hunt deixou o assunto morrer. Os deuses sabiam que tinha muito sobre o que não queria falar assim que o Cão chegou. Os deuses sabiam que tinha feito muita merda terrível sob ordens de Sandriel também. Talvez devesse aceitar o próprio conselho. Talvez estivesse na hora de parar de deixar o espectro de Sandriel assombrá-los.

Então Hunt deu um sorriso súbito.

— E qual seria a graça disso?

* * *

— Que droga — murmurou Bryce ao telefone naquela noite, jogada na cama. — Você não pode mesmo sair?

— Só para trabalho oficial da 33ª — respondeu Hunt. — Esqueci como o quartel é uma bosta.

— Seu quartinho triste e sem pôsteres.

A risada do anjo ressoou no ouvido de Bryce.

— Vou me comportar, assim ela me libera mais cedo.

— Eu não vou ter ninguém com quem assistir a *Pegação na Casa de Praia*. Tem certeza de que eu não posso ir aí?

— Com Pollux e a Corça aqui? Porra, de jeito nenhum.

Bryce brincou com a bainha da camisa.

— Mesmo se a gente ficasse no seu quarto?

— Hã? — Sua voz ficou grave, entendendo o que Bryce estava sugerindo. — Fazendo o quê?

Sorriu consigo mesma. Precisava daquilo, depois da confusão do dia. Não ousara nem contar a Hunt o que havia acontecido com os místicos, não ao telefone, arriscando que qualquer um ouvisse. Da próxima vez que o visse, contaria tudo.

Inclusive sobre a lontra que Tharion tinha mandado duas horas antes, como prometido, com um bilhete que dizia: *Me perdoa, Pernas? Vamos nos beijar e fazer as pazes?* Gargalhara, mas enviara um bilhete de volta com a lontra histericamente linda: *Comece beijando meus pés e a gente vê no que dá*. Outra lontra chegou antes das 22 horas com um bilhete que dizia: *Com prazer*.

Agora Bryce dizia a Hunt, o humor significativamente melhor apesar da notícia:

— Coisas.

Suas asas farfalharam ao fundo.

— Que tipo de coisas?

Ela flexionou os dedos dos pés.

— Beijar. E… mais.

— Humm. *Mais* o quê?

Bryce mordeu o lábio.

— Lamber.

A risada do anjo ressoou como veludo escuro.

— Onde gostaria que eu lambesse você, Quinlan?

Estavam realmente fazendo aquilo. Seu sangue esquentou. Syrinx devia ter sentido o cheiro do que estava acontecendo, e tomou a liberdade de saltar fora da cama e seguir para a sala.

Bryce engoliu em seco.

— Meus peitos.

— Hummm. Eles são deliciosos.

A região entre as coxas de Bryce ficou úmida e ela esfregou as pernas uma na outra, aninhando-se mais para dentro dos travesseiros.

— Você gosta de sentir o gosto deles?

— Eu gosto de provar você inteira. — Bryce mal conseguia tomar fôlego. — Eu gosto de provar você, e de tocar você, e, quando eu puder sair deste quartel de novo, vou voar diretamente para onde quer que você esteja para foder você inteira.

Ela sussurrou:

— Você está se tocando?

Um chiado.

— Sim.

Gemeu, esfregando as coxas de novo.

— E você?

A mão dela desceu além do elástico do short.

— Agora estou.

Hunt gemeu.

— Você está molhada?

— Encharcada.

— Pelos deuses — implorou. — Me diga o que está fazendo.

Bryce corou. Jamais tinha feito nada assim, mas não podiam estar juntos… Aceitaria o que pudesse.

Bryce deslizou o dedo para dentro de sua vulva, gemendo baixinho.

— Eu estou… me dedando.

— Porra.

— Queria que fosse você.

— *Porra.*

Será que ele estava perto?

— Vou colocar outro dedo — disse, fazendo isso, e seu quadril se arqueou na cama. — Ainda não está tão bom quanto com você.

Hunt respirava incisivamente.

— Abra a mesa de cabeceira, amor.

Desesperada, pegou um brinquedo da gaveta. Então se sacudiu para fora do short e da calcinha encharcada, posicionando o vibrador

em sua entrada.

— Você é maior — disse, o telefone jogado ao lado.

Outro som primitivo de pura necessidade.

— Ah, é?

Empurrou o vibrador para dentro, as costas se arqueando.

— Deuses — ofegou Bryce.

— Quando a gente foder pela primeira vez, Quinlan, quer que eu meta forte, ou quer devagar e suave?

— Forte — conseguiu dizer Bryce.

— Quer ficar por cima?

O prazer se acumulava por seu corpo como uma onda prestes a quebrar.

— Eu quero começar por cima, e então quero você atrás de mim, me fodendo como um animal.

— *Porra* — bradou, e Bryce podia ouvir pele batendo em pele ao fundo.

— Quero que você me cavalgue tão forte que eu vou gritar — continuou, colocando o vibrador para dentro e para fora. Deuses, iria explodir…

— Tudo o que você quiser. Tudo o que você quiser, Bryce, eu vou dar para você…

Foi o que bastou. Não as palavras, mas seu nome.

Bryce soltou um gemido do fundo da garganta, a respiração rápida e irregular, seu centro se fechando em torno do vibrador enquanto o bombeava para dentro e para fora, movimentando-se durante seu clímax.

Hunt gemeu de novo, xingando, e então se calou. Apenas suas respirações preenchiam a ligação. Bryce ficou deitada, inerte, contra a cama.

— Eu quero tanto você — grunhiu ele.

Ela sorriu.

— Ótimo.

— Ótimo?

— É. Porque eu vou foder com você até dizer chega quando você voltar.

O anjo riu baixinho, cheio de promessa sensual.

— Igualmente, Quinlan.

* * *

Tharion estava sentado sobre a rocha lisa parcialmente submersa por uma depressão no meio do Istros, esperando que sua rainha respondesse a seu relatório. Contudo, a Rainha do Rio, recostada em uma cama de algas fluviais como uma boia, mantinha os olhos fechados evitando o sol da manhã, como se não estivesse ouvindo uma única palavra do que o tritão estava explicando sobre o Quarteirão dos Ossos e o Sub-Rei.

Um minuto se passou, então outro. Tharion perguntou, por fim:

— É verdade?

Seu cabelo escuro flutuava além do bote de algas, ondulando na superfície como cobras marinhas.

— Isso perturba você, ter sua alma enviada de volta à luz de onde veio?

Não precisava ser o Capitão da Inteligência para saber que a Rainha estava evitando sua pergunta. Tharion falou:

— Me perturba que nos dizem que descansamos em paz e satisfeitos, mas somos basicamente gado, esperando o abate.

— E, no entanto, você não tem problema com seu corpo se decompor para alimentar a terra e suas criaturas. Por que a alma é diferente?

Tharion cruzou os braços.

— Você sabia?

Entreabriu um olho em aviso. Apoiou a cabeça em um punho, no entanto.

— Talvez haja algo além da secundalux. Algum lugar para onde nossas almas vão, mesmo depois disso.

Por um instante, pôde ver o mundo que ela parecia querer: um mundo sem os asteri, onde a Rainha do Rio governava as águas, e o atual sistema de reciclagem de almas continuava, porque, ora, aquilo mantinha as luzes acesas. Literalmente.

Apenas aqueles no poder mudariam. Talvez fosse só para isso que queria Emile: uma arma para garantir a sobrevivência e seu triunfo em qualquer conflito iminente entre a Ophion e os asteri.

Tharion, contudo, falou:

— A busca por Emile Renast continua. Eu achei que tivesse uma forma mais fácil de encontrá-lo, mas foi um beco sem saída. — Seguir o rastro de corpos de Pippa teria de continuar sendo seu único caminho até o menino.

— Relate quando tiver alguma coisa. — A Rainha do Rio não virou quando as algas fluviais se abriram sob ela, que suavemente afundou na água azul.

Então sumiu, dissolvendo-se no próprio Istros, flutuando para longe como plâncton azul brilhante, como se um rastro de estrelas disparasse pelo rio.

Será que valia a pena fazer uma rebelião se aquilo só colocava outros líderes famintos por poder no comando? Para os inocentes, sim, mas… Tharion não podia deixar de se perguntar se havia uma forma melhor de travar aquela guerra. Pessoas melhores para liderá-la.



Uma semana depois, Ruhn estava ao lado de Cormac e sorria conforme Bryce suava no ringue particular das instalações do Aux.

— Você não está se concentrando — afirmou Cormac.

— Minha cabeça literalmente *dói*.

— Concentre-se naquele pedaço de papel e apenas pise ali.

— Você fala como se fosse fácil.

— E é.

Ruhn desejou que aquela fosse a primeira vez que ouvia aquela conversa. Que testemunhava aquela encenação de batalha entre Bryce e Cormac enquanto o príncipe tentava ensiná-la a se teletransportar. Desde que toda aquela merda gigante tinha acontecido, aquele era o ponto alto da semana. Seus inimigos estavam angustiantemente quietos.

Quando Cormac não estava participando de vários eventos feéricos, Ruhn sabia que o primo estava procurando por Emile. Ruhn até mesmo o acompanhara duas vezes, Bryce junto a eles, para perambular pelos muitos parques do Bosque da Lua, esperando que o garoto estivesse acampando. Tudo sem resultados. Nem um sussurro do menino em lugar nenhum.

Tharion tinha relatado no dia anterior que não conseguia encontrar o menino também. Pelo rosto incomumente exausto de Tharion, Ruhn imaginava se a rainha feérica estava em sua cola por causa daquilo. No entanto, nenhum outro corpo havia sido encontrado. Ou o menino estava ali, escondido, ou outra pessoa o levara.

Bryce inspirou profundamente, então fechou os olhos ao exalar.

— Tudo bem. Vamos tentar de novo.

Franziu a sobrancelha e resmungou. Nada.

Cormac riu com deboche.

— Pare de fazer força. Vamos voltar a conjurar sombras.

Bryce estendeu a mão.

— Posso ir para o intervalo, por favor?

Ruhn gargalhou. Tivera pouca sorte com as sombras também. Luz estelar, sim. Muita, mas muita luz estelar. Agora, conjurar escuridão… não conseguia sequer um sombreado.

Se Apollion quisesse um oponente respeitável, Ruhn estava inclinado a dizer ao Príncipe do Fosso que podia levar um tempo.

— Acho que minha magia está com defeito, — falou Bryce, flexionando os joelhos e suspirando.

Cormac franziu a testa.

— Tente de novo. — Não tinham ouvido de ninguém, nem mesmo da Agente Daybright, sobre o que havia acontecido com o carregamento de munições e o novo protótipo de mec-traje. O noticiário não tinha coberto, e nenhum de seus agentes tinham ouvido nada.

Esse silêncio deixava Cormac preocupado. Deixava Ruhn ansioso.

Ithan tinha se acomodado tranquilamente na casa de Ruhn, o que era estranho. Ficava acordado até tarde jogando videogame com Dec e Flynn, como se tivessem sido amigos a vida toda. Ruhn não tinha ideia do que o lobo fazia enquanto estavam todos no Aux.

Não perguntara a ele sobre o que a Corça havia dito no bar sobre Bryce, e Ithan certamente não mencionara. Se o lobo tinha uma queda por sua irmã, isso não era da sua conta. Ithan era um bom colega de casa: limpava a própria bagunça, limpava a de Flynn e era excelente no beer-pong.

Bryce inspirou profundamente.

— Eu consigo *sentir*, tipo uma nuvem gigante de poder bem *ali*. — Passou o dedo pela estrela de oito pontas cicatrizada entre seus seios. Luz estelar pulsou na ponta de seu dedo. Como um coração respondendo. — Mas não consigo acessar.

Cormac sorriu para ela, Ruhn presumiu que isso deveria ser encorajador.

— Tente mais uma vez e então a gente faz uma pausa.

Bryce começou a resmungar, mas foi interrompida pelo telefone de Ruhn tocando.

— Oi, Dec.

— Oi. Bryce está com você?

— Está. Bem aqui. — Bryce saltou de pé à menção de seu nome. — O que foi?

Bryce se aproximou para ouvir quando Declan falou:

— Meu programa finalmente terminou de analisar toda a filmagem de Danika na galeria. Jesiba estava certa. Encontramos uma coisa.

* * *

Bryce não sabia se era bom ou ruim que Declan tivesse finalmente terminado a busca. Sentados em torno de sua nova mesa de centro, uma imitação triste da original, mas uma que Ithan tinha comprado, uma hora depois, assistia a Declan passar a filmagem.

Não ousara ligar para Hunt. Não quando um movimento errado com Celestina poderia mantê-lo longe por mais tempo.

Declan disse a ela, Ruhn e Cormac:

— Levou tanto tempo porque, depois que eu compilei todas as filmagens, precisei verificar todas as tomadas com Danika. — Riu para Bryce. — Em *algum dia* você trabalhava?

Bryce fez uma careta.

— Só às terças-feiras.

Declan riu com escárnio e Bryce se preparou para ver Danika, Lehabah, a antiga biblioteca da galeria quando ele pressionou *play*. Seu coração se apertou ao ver o familiar cabelo loiro sedoso com as mechas tingidas de cores vibrantes trançado às costas de Danika. Ao

ver a jaqueta de couro preta com as palavras *Por amor, tudo é possível* estampadas. Será que o pendrive já tinha sido costurado nela?

— Isso é de dois meses antes de ela morrer — falou Declan, em voz baixa.

Ali estava Bryce, com um vestido verde justo e saltos de dez centímetros conversando com Lehabah sobre *Fadas e Fodas*.

Danika estava relaxando à mesa, as botas para cima, as mãos atrás da cabeça, sorrindo para a discussão habitual de Bryce de que pornô com roteiro não era o mesmo que programa de TV premiado. Lehabah respondia que sexo não reduzia a qualidade de um programa, e a voz dela…

A mão de Ruhn deslizou pelas costas de Bryce, apertando seu ombro.

Na tela, Bryce indicou para que Lehabah a seguisse para cima, e as duas saíram. Não se lembrava daquele dia, daquele momento. Provavelmente fora buscar alguma coisa e não queria deixar Lehabah sozinha com Danika, que costumava irritar a duende até que emanasse chamas azuis incandescentes.

Um segundo se passou, então dois, então três…

Danika se moveu, rápida e concentrada, como se estivesse usando o tempo que ficara descansando à mesa para determinar aonde precisava ir. Foi direto para uma prateleira mais baixa e pegou um livro. Olhando para as escadas, a loba o abriu e começou a tirar fotos com o telefone do conteúdo. Página após página.

Então o livro estava de volta na prateleira. Danika voltou para a cadeira e recostou, fingindo estar quase dormindo quando Bryce e Lehabah voltaram, ainda discutindo sobre o maldito programa.

Bryce se aproximou da tela.

— Que livro era aquele?

— Eu limpei a imagem. — Declan puxou um quadro com o livro bem antes de as unhas pintadas de preto brilhante de Danika o pegarem: *Lobos através do tempo: linhagem dos metamorfos*.

— Dá para ver o dedo dela indo até um texto aqui — continuou Declan, clicando para outro quadro. Danika tinha aberto o livro, percorrendo o texto com um dedo. Dando batidinhas em alguma coisa bem perto do alto da página.

Como se fosse exatamente o que estava procurando.

* * *

Bryce, Declan e Ruhn estudaram o quadro congelado do livro nas mãos de Danika. Cormac havia saído ao receber uma ligação que não queria, ou não podia, explicar. O livro, com encadernação de couro, era velho, mas o título indicava que tinha sido escrito depois da chegada dos vanir.

— Não é um livro publicado — falou Declan. — Ou pelo menos é de antes de nosso atual sistema de publicações. Mas, até onde sei, nenhuma outra biblioteca em Midgard o tem. Acho que deve ser algum tipo de manuscrito, talvez um projeto exclusivo que foi encadernado.

— Alguma chance de haver uma cópia nos Arquivos Feéricos? — perguntou Ruhn a ela.

— Talvez — disse Bryce —, mas Jesiba ainda pode ter esse exemplar no armazém. Pegou o celular e discou rápido.

Jesiba atendeu no segundo toque.

— Sim, Quinlan?

— Você tinha um livro na antiga galeria. *Lobos através do tempo*. Do que se trata?

Uma pausa. Ruhn e Dec captavam cada palavra com sua audição feérica.

— Então você olhou as filmagens. Curioso, não é?

— Só… por favor, me conte. O que era?

— Uma história da genealogia dos lobos.

— Por que você o tinha?

— Eu gosto de conhecer a história dos meus inimigos.

— Danika não era sua inimiga.

— Quem disse que eu estava falando de Danika?

— Sabine, então.

Uma risada baixa.

— Você é tão jovem.

— Eu preciso desse livro.

— Não aceito exigências, nem mesmo de Princesas Estreladas. Já dei bastante a você. — Jesiba desligou.

— Muito útil — reclamou Declan.

Vinte minutos depois, Marrin tocou a campainha para dizer que um mensageiro tinha deixado um pacote da Srta. Roga.

— Estou abalado e impressionado — murmurou Ruhn, quando Bryce abriu o pacote sem características marcantes e tirou de dentro o livro de couro. — Devemos uma bebida a Jesiba.

— Danika tirou fotos das primeiras páginas — falou Declan, agora revisando as filmagens no celular. — Talvez apenas das três primeiras, na verdade. Mas acho que a página em que ela bateu era a terceira.

Bryce abriu o livro, e os pelos nos seus braços se arrepiaram.

— É uma árvore genealógica. Que data de… Isso vai até quando a Fenda Norte se abriu? — Quinze mil anos antes.

Ruhn olhou por cima de seu ombro conforme Bryce folheava.

— Gunthar Fendyr é o mais recente, e último, nome aqui.

Bryce engoliu em seco.

— Ele era o pai do Primo. — Foi até a terceira página, aquela em que Danika estava mais interessada.

— Niklaus Fendyr e Faris Hvellen. Os primeiros da linhagem Fendyr. — Mordeu o lábio. — Nunca ouvi falar deles.

Declan digitava sem parar no computador.

— Nada aparece.

— Tente os filhos deles — sugeriu Bryce, dando os nomes.

— Nada.

Repassaram geração após geração, até que Dec falou:

— Ali. Katra Fendyr. Daqui… É, tem um registro histórico de verdade e menções de Katra daqui em diante. Começando cinco mil anos atrás. — Passou o dedo pela árvore genealógica, ao longo das gerações, contando silenciosamente. — Mas nada sobre nenhum desses Fendyr antes dela.

— Mas por que Danika sentiria necessidade de guardar segredo sobre isso? — Ruhn perguntou.

Bryce examinou os dois primeiros nomes na lista, aqueles em que Danika havia batido como se tivesse descoberto alguma coisa, e respondeu:

— Por que os nomes deles foram perdidos na história?

— Será que Ithan saberia dizer? — perguntou Declan.

— Não faço ideia. — Bryce mordiscou uma cutícula solta. — Preciso falar com o Primo.

Ruhn protestou.

— Preciso lembrar a você que Sabine tentou matá-la semana passada?

Bryce fez uma careta.

— Então vou precisar que vocês dois se certifiquem de que ela não esteja em casa.

* * *

Mais uma vez. Bryce não ousou informar a Hunt ao telefone o que faria, por que o faria. Havia arriscado bastante ao ligar para Jesiba. Ainda assim, não ter Hunt ao seu lado ao passar de fininho pelos guardas no portão do Covil era como não ter uma parte sua. Como se pudesse encontrá-lo nas sombras ao seu lado a qualquer momento, avaliando uma ameaça.

Declan estava no momento discutindo com os vigias do Covil sobre algum deslize imaginário. E no quartel-general do Aux… Bem, se tivessem sorte, Sabine já havia chegado para se encontrar com Ruhn sobre um "assunto urgente".

Bryce encontrou o Primo sem muitos problemas, sentado à sombra de um carvalho imponente no parque que ocupava o espaço central do Covil. Um bando de filhotes brincava aos seus pés. Nenhum outro lobo estava na área.

Disparou para fora das sombras das colunas do prédio até a cadeira de madeira, alguns filhotes curiosos se esticando ao vê-la. Seu peito se apertou quando viu as orelhinhas peludas e as caudas balançando, mas Bryce manteve os olhos no macho idoso.

— Primo — disse, ajoelhando-se do outro lado, escondida da vista dos guardas que ainda discutiam com Dec nos portões. — Um momento de seu tempo, por favor.

O macho entreabriu os olhos anuviados pela idade.

— Bryce Quinlan. — Bateu no peito ossudo. — Uma loba.

Ruhn tinha contado o que o Primo dissera durante o ataque. Tentara não pensar no quanto aquilo significara para ela.

— Sua linhagem… a linhagem Fendyr. Consegue pensar em por que Danika poderia estar interessada nela?

O Primo hesitou, então gesticulou para os filhotes, que espalharam-se. Imaginou que tinha cerca de cinco minutos até que um deles tagarelasse para um adulto que uma fêmea feérica de cabelos ruivos estava ali.

A cadeira do Primo rangeu quando se virou para Bryce.

— Danika gostava de história.

— É proibido saber os nomes dos seus primeiros ancestrais?

— Não. Mas estão praticamente esquecidos.

— Faris Hvellen e Niklaus Fendyr têm algum significado? Danika alguma vez perguntou sobre eles?

O lobo se calou, parecendo vasculhar a memória.

— Uma vez. Ela alegou que tinha um trabalho para a escola. Eu nunca soube o que aconteceu com ele.

Bryce engoliu em seco. Não havia nenhum trabalho sobre a genealogia dos lobos na pilha secreta na mesa de centro.

— Tudo bem. Obrigada. — Aquilo tinha sido uma perda de tempo. Ficou de pé, observando o parque, os portões adiante. Podia sair correndo agora.

No entanto, o Primo a impediu com a mão seca e enrugada sobre a dela. Apertando-a.

— Você não perguntou por que nos esquecemos dos nomes deles.

Bryce se espantou.

— Você sabe?

Um aceno curto.

— É um pedaço de história que a maior parte de meu povo teve o cuidado de garantir que jamais entrasse nos livros. Mas a história oral manteve vivo.

A vegetação ao redor emitiu um estalo, como se alguém se aproximasse. Merda. Bryce precisava ir.

O Primo disse:

— Nós fizemos coisas inomináveis durante as Primeiras Guerras. Abrimos mão da nossa verdadeira natureza. Perdemos controle sobre ela, então a perdemos de vez. E nos tornamos o que somos agora. Dizemos que somos lobos livres, mas temos a coleira dos asteri no pescoço. Suas correntes são longas, e nós deixamos que nos domassem. Agora não sabemos como voltar para o que éramos, o que poderia ter sido. Foi isso que meu avô me contou. O que eu contei a

Sabine, embora ela não tenha dado ouvidos. O que eu contei a Danika, que… — Sua mão tremeu. — Acho que ela poderia ter nos levado de volta, sabe. Para o que éramos antes de chegarmos aqui e nos tornarmos criaturas dos asteri, por dentro e por fora.

O estômago de Bryce se revirou.

— Era isso que Danika queria? — Não a teria surpreendido.

— Eu não sei. Danika não confiava em ninguém — Apertou a mão de Bryce de novo. — Exceto em você.

Um grunhido chacoalhou a terra, e Bryce viu uma imensa loba se aproximando, as presas expostas. Bryce conseguiu dizer ao Primo:

— Você deveria falar com Sabine sobre Ithan.

O lobo piscou.

— O que tem Ithan?

Ele não sabia? Bryce recuou um passo, sem deixar que a fêmea que se aproximava saísse de sua vista.

— Ela o expulsou, e quase o matou. Ele está vivendo com meu irmão agora.

Aqueles olhos anuviados ficaram límpidos por um momento. Aguçados… e coléricos.

A fêmea avançou e Bryce correu, disparando pelo parque até os portões, além dos guardas que ainda discutiam com Declan, que piscou um olho para eles e então começou a correr ao lado dela, para o tumulto de Bosque da Lua. Mais perguntas se arrastavam atrás de si com cada quarteirão pelo qual disparavam.

Bryce tinha toda intenção de desabar no sofá e processar as coisas durante um bom tempo, mas, quando voltaram, Cormac estava esperando do lado de fora do apartamento.

Ensanguentado e sujo e…

— O que aconteceu com você? — disse Declan, e Bryce os deixou entrarem no apartamento, escancarando a porta.

Cormac pegou um saco de gelo no freezer, pressionando-o contra a bochecha quando se sentou à mesa da cozinha.

— Mordoc quase me prendeu em uma transferência de informação. Outros seis lobos ferais estavam com ele.

— Mordoc sentiu seu cheiro? — perguntou Bryce, observando o príncipe surrado. Se ele tivesse, se Cormac fosse rastreado de volta até ali…

— Não, eu me mantive a favor do vento, até mesmo para o seu nariz. E, se algum dos soldados sentiu, não é mais um problema. — Será que o sangue nas mãos do príncipe não era dele, então? Bryce tentou não fungar.

— Qual era a informação? — perguntou Declan, indo até a janela para olhar a rua abaixo, provavelmente em busca de alguém que pudesse ter seguido Cormac.

— O ataque à Coluna foi bem-sucedido — afirmou Cormac, a expressão severa sob o sangue e os hematomas. — O novo protótipo de mec-traje dos asteri foi obtido, junto com uma quantia inestimável de munição.

— Ótimo — disse Declan.

Cormac suspirou.

— Estão mandando o protótipo para cá.

Bryce se espantou.

— Para Lunathion?

— Para as ilhas Coronal. — Perto o bastante, duas horas de distância de barca. — Para uma base em Ydra.

— Merda — falou Dec. — Vão começar alguma coisa aqui, não vão?

— Sim, provavelmente com Pippa e seu esquadrão da Ocaso chefiando.

— Não sabem que ela é doida? — perguntou Bryce.

— Ela é bem-sucedida com as operações. É tudo o que importa.

— E quanto a Emile? — insistiu Bryce. — Ela foi bem-sucedida com ele?

— Não. Ele ainda está lá fora. O agente disse que a busca pelo menino continua.

— Então o que a gente faz? — perguntou Dec a Cormac. — Vamos para Ydra convencê-los a *não* deixar Pippa ter acesso a todas aquelas armas?

— Sim. — Cormac assentiu para Bryce. — Mande uma lontra para o Capitão Ketos. E creio que também precisaremos das competências de Hunt Athalar.



Bryce estava andando pelo corredor reluzente até o escritório de Celestina quando o seu telefone tocou.

Juniper. Bryce deixou a chamada cair na caixa postal. Em vez disso, chegou uma mensagem: *Ligue de volta agora.*

Pesar queimou como ácido dentro dela. Bryce ligou, rezando para que nada tivesse acontecido com Fury…

Juniper atendeu no primeiro toque.

— Como você *ousa*?

Bryce parou.

— O quê?

— Como você *ousa* ligar para Gorgyn?

— Eu… — Bryce engoliu em seco. — O que aconteceu?

— Sou a primeira bailarina, foi isso que aconteceu!

— E isso é ruim? — Deveria se encontrar com Celestina em um minuto. Não podia se atrasar.

— É uma coisa ruim porque *todo mundo* sabe que a *Princesa Bryce Danaan* fez uma ligação e ameaçou tirar as doações do Rei Outonal se o BCLC não *reconhecesse o meu talento!*

— E daí? — rebateu Bryce. — Não é essa a única coisa boa que vem com ser princesa?

— Não! É o *oposto!* — Juniper estava absolutamente gritando de ódio. Bryce começou a tremer. — Eu trabalhei a vida inteira por isso, Bryce! Minha *vida inteira!* E você entra e tira essa realização de mim! Faz de você, não eu, não o meu talento, o motivo pelo qual eu recebi essa promoção, o motivo pelo qual eu fiz história! *Você*, não eu. Não eu peitando tudo, batalhando, mas minha amiga princesa feérica, que não podia me deixar em paz!

O relógio soou no corredor. Bryce precisava ir. Precisava falar com a arcanjo.

— Olha, eu vou entrar em uma reunião — disse, o mais seriamente que conseguiu, embora achasse que fosse vomitar. — Mas vou ligar de volta logo depois, eu prometo. Peço desculpas se…

— Nem se dê ao trabalho — respondeu Juniper.

— Juniper…

A fauna desligou.

Bryce se concentrou em sua respiração. Precisava de uma das aulas de dança de Kyrah. Imediatamente. Precisava suar e respirar e urgentemente descarregar e analisar o tornado que a devastava por dentro. Aquela reunião, no entanto… Esticou os ombros, deixando a briga de lado, o fato de que tinha fodido tudo, de que tinha sido tão arrogante e burra e…

Bateu à porta do escritório de Celestina.

— Entre — disse a doce voz feminina.

Bryce sorriu para a governadora como se não tivesse acabado de destruir uma amizade momentos antes.

— Vossa Graça — disse Bryce, inclinando a cabeça.

— Vossa Alteza — respondeu Celestina, e Bryce conteve um encolher de ombros. Foi como conseguira aquela reunião também. Tinha pedido a arcanjo para se encontrar não como Bryce Quinlan, mas como uma princesa dos feéricos. Era um convite que até mesmo um arcanjo precisava aceitar.

Perguntou-se como aquilo voltaria para assombrá-la.

— Só para essa reunião — disse Bryce, se sentando. — Eu vim fazer um pedido formal.

— Pela dispensa de Hunt Athalar, suponho. — Um tipo de luz cansada e triste brilhou nos olhos da governadora.

— Um retorno temporário — acrescentou Bryce, e encostou na cadeira. — Sei que ele deixou você na mão na festa. Se eu soubesse que estava fazendo aquilo, jamais teria pedido a ele que me ajudasse naquela noite. Então… fique totalmente à vontade para puni-lo. Você tem minha bênção.

Era uma mentira, mas os lábios de Celestina se repuxaram para cima.

— Por quanto tempo o quer?

— Uma noite. — Para ir para as Ilhas Coronal e voltar antes que Pippa Spetsos e seu séquito pudessem chegar lá. Para convencer quem quer que o Comando enviasse a *não* dar a Spetsos liberdade para liberar aquelas armas em Valbara. — Nós pensamos em pegar o trem direto em vez de dirigir as oito horas ida e volta. Eu prometi a minha mãe que o levaria para casa comigo. Se ele não for, vai ser meu Inferno. — Outra mentira.

A governadora deu um largo sorriso diante daquilo.

— Sua mãe é… uma criatura assustadora?

— Ah, é. E, se Hunt não estiver lá, todas as coisas ruins que ela pensa dele serão confirmadas.

— Ela não gosta dele?

— Ela não gosta de *nenhum* macho. Ninguém é bom o bastante para mim, de acordo com ela. Você não tem ideia de como era difícil namorar quando eu era mais nova.

— Tente ser um arcanjo em uma comunidade pequena — falou Celestina, e sorriu sinceramente.

Bryce deu um sorriso amarelo.

— Todos ficavam intimidados?

— Alguns saíam correndo e gritando.

Bryce gargalhou, e se maravilhou por fazer aquilo. Odiou que precisava mentir para aquela fêmea receptiva e gentil.

Celestina prendeu um cacho atrás da orelha.

— Então muita coisa depende da visita de Athalar.

— É. Não é como se eu precisasse de permissão para estar com ele, mas é que… É que seria legal ter a aprovação dela.

— Tenho certeza de que seria. — Celestina deu um sorriso triste.

Bryce sabia que não cabia a ela, mas perguntou:

— Como você e Ephraim estão se entendendo?

Uma sombra percorreu o rosto da governadora, uma confirmação de que não estava feliz.

— Ele é um amante minucioso.

— Mas?

Disse deliberadamente, aviso aguçando sua voz:

— Mas ele tem sido meu amigo há muitos anos. Vejo que agora estou começando a conhecê-lo de uma forma totalmente nova.

Celestina merecia muito mais do que aquilo. Bryce suspirou.

— Eu sei que você é, tipo… um arcanjo, mas se algum dia precisar de uma conversa feminina… Estou aqui.

O último governador com quem ela falara tinha tentado matá-la. E havia colocado uma bala em sua cabeça. Era uma mudança bem-vinda.

Celestina sorriu de novo, aquele calor, e alívio, voltando para suas feições.

— Eu gostaria muito disso, Vossa Alteza.

— Bryce, nesse caso.

— Bryce. — Seus olhos brilharam. — Leve Athalar para casa. E o mantenha lá.

As sobrancelhas de Bryce se elevaram.

— Permanentemente?

— Não na casa dos seus pais. Quero dizer para levá-lo com você até sua família, então ele pode viver com você de novo. Anda tão deprimido que está fazendo cair o moral. Vou mandá-lo para você amanhã de manhã. Deixe que fique de molho mais uma noite antes de eu contar a ele ao alvorecer.

Bryce sorriu.

— Obrigada. É sério, *muito* obrigada.

A governadora acenou com a mão.

— Você está me fazendo um favor, confie em mim.

* * *

Bryce fez uma ligação a caminho de sua próxima parada.

Fury atendeu logo antes de cair na caixa postal.

— Você fez merda, Bryce.

Bryce se encolheu.

— Eu sei. Estou muito arrependida.

— Eu entendo por que você fez. De verdade. Mas ela está *arrasada*.

Bryce saiu do elevador e engoliu o nó em sua garganta.

— Por favor, diga a ela que sinto muito. Sinto muito mesmo. Eu estava tentando ajudar, e não pensei.

— Eu sei — disse Fury. — Mas não vou me meter nisso.

— Você é a namorada dela.

— Exatamente. E você é a amiga dela. E minha. Não vou bancar a mensageira. Dê um tempo a ela, depois tente conversar.

Bryce desabou contra uma parede desgastada.

— Tudo bem. Quanto tempo?

— Algumas semanas.

— Isso são eras!

— Arrasada. Lembra?

Bryce esfregou o peito, a cicatriz apagada ali.

— Porra.

— Comece a pensar em grandes formas de pedir desculpas — disse Fury. Então acrescentou: — Resolveu aquela coisa com Danika e o menino?

— Ainda não. Quer ajudar? — Era o máximo que arriscaria dizer ao telefone.

— Não. Também não vou me meter nessa merda.

— Por quê?

— Tenho muitas coisas boas acontecendo agora — disse Fury. — June é uma delas. Não vou arriscar nada disso. Nem a segurança dela.

— Mas…

— Grande pedido de desculpas. Não se esqueça. — Fury desligou.

Bryce engoliu a náusea, o nojo e o ódio de si mesma. Caminhou pelo corredor silencioso até uma porta familiar, e então bateu. Foi recompensada com a visão de Hunt abrindo a porta, sem camisa e usando o boné de solebol ao contrário. Brilhando de suor. Devia ter acabado de voltar à academia.

O anjo se sobressaltou.

— O que você…

Bryce o interrompeu com um beijo, fechando os braços em volta de seu pescoço.

Hunt gargalhou, mas suas mãos se fecharam ao redor de sua cintura, levantando-a o suficiente para que cruzasse as pernas em seu tronco. Diminuiu o ritmo do beijo, sua língua mergulhando fundo, explorando a boca de Bryce.

— Oi — disse contra os seus lábios, beijando-a de novo.

— Eu queria dar a notícia a você — disse, beijando sua mandíbula, o pescoço. Hunt já estava duro contra ela. Bryce derreteu.

— É? — Suas mãos percorreram a bunda dela, apalpando e acariciando.

— Amanhã de manhã — disse, beijando a boca do anjo de novo e de novo. — Você sai daqui.

Athalar a soltou. Não totalmente, mas rápido o bastante para que seus pés atingissem o chão com um estampido.

— O quê?

Passou as mãos pelo seu peito musculoso e escorregadio de suor, então brincou com a bainha da calça de Hunt. Passou o dedo pela extensão que se projetava com uma exigência impressionante.

— Vamos sair em umas férias curtas. Então faça um trabalho ao fingir que ainda está deprimido esta noite.

— O quê? — repetiu.

Beijou o peitoral, passando a boca pelo rígido mamilo marrom. Hunt gemeu baixinho, sua mão deslizando pelo cabelo de Bryce.

— Leve roupa de banho — murmurou Bryce.

Uma voz masculina riu atrás deles, e Bryce ficou tensa, virou-se encontrando Pollux passando, seu braço jogado sobre os ombros de uma linda fêmea.

— Ele está pagando pela hora? — perguntou o Martelo.

A fêmea, a *Corça*, deu uma risadinha, mas não disse nada quando se aproximaram. Por Solas, ela era… linda e terrível. Havia torturado inúmeras pessoas. Matado, provavelmente Sofie Renast, inclusive. Se Cormac a visse, se chegasse tão perto assim será que assumiria o risco e tentaria matá-la?

Os olhos âmbar da Corça brilharam quando encontraram os de Bryce, como se conhecesse todos os pensamentos na mente da princesa. A metamorfa de cervo sorriu convidativa.

No entanto, a Corça e o Martelo prosseguiram, para todos os efeitos parecendo um casal normal pelas costas. Bryce não conseguiu

se segurar ao dizer às costas de Pollux:

— Você realmente precisa pensar em um material novo, Pollux.

O anjo a olhou com raiva por cima do ombro, asas brancas se fechando. Mas sorriu gentilmente e, ainda bem, continuou andando, a amante odiosa junto.

Bryce viu Hunt sorrindo ao seu lado, aliviou qualquer culpa sobre Juniper, qualquer frustração com Fury, qualquer medo e pesar por estar tão perto da Corça, mesmo quando desejava contar tudo a ele. Hunt puxou sua mão, fazendo menção de puxá-la para dentro do quarto, mas Bryce firmou os pés.

— Amanhã de manhã — disse, rouca, seus ossos ardendo em desejo. — Me encontre em casa.

Contaria tudo a ele então. Toda a merda que havia acontecido desde que tinham se visto pela última vez.

Hunt assentiu, ouvindo o que não dissera. Tentou puxá-la de novo e Bryce foi até ele, inclinando a cabeça para trás a fim de receber seu beijo. Sua mão deslizou pela frente da calça legging. Grunhiu contra a boca de Bryce quando seus dedos encontraram a viscosidade que o esperava.

Gemeu quando esfregou seu clitóris em um círculo luxuriante, provocador.

— Vejo você ao amanhecer, Quinlan.

Com uma mordiscada em seu lábio inferior, Hunt voltou para dentro do quarto. Fechando a porta, lambeu os dedos.

* * *

Ithan piscou para o telefone tocando em sua mão.

Primo.

Todo lobo valbarano tinha o número do Primo em seus contatos. No entanto, Ithan jamais ligara para ele, e o Primo dos Lobos jamais ligara para Ithan. Não podia ser boa coisa.

Parou no meio do beco, placas de néon projetando poças de cor nos paralelepípedos sob suas botas. Inspirando, atendeu:

— Alô?

— Ithan Holstrom.

Inclinou a cabeça, embora o macho não pudesse vê-lo

— Sim, Primo.

A voz velha e murcha soava carregada com a idade.

— Fui informado hoje de que você não reside mais no Covil.

— Por ordem de Sabine, sim.

— Por quê?

Ithan engoliu em seco. Não ousaria dizer o motivo. Sabine negaria, de toda forma. Sabine era sua filha.

— Diga-me por quê. — Um indício do alfa que o Primo tinha sido durante a juventude surgiu em sua voz. Aquele macho havia feito da família Fendyr uma força respeitável em Valbara.

— Talvez você devesse perguntar a sua filha.

— Quero ouvir de você, filhote.

Sua garganta estremeceu.

— Foi punição por desobedecer às ordens dela durante o ataque na primavera e ajudar os humanos nos prados de Asphodel. E punição por elogiar as ações de Bryce Quinlan durante o ataque para um artigo de revista.

— Entendo. — Pelo visto, era tudo de que o Primo precisava. — O que você planeja fazer agora?

Ithan se endireitou. — Estou, hã, morando com Príncipe Ruhn Danaan e seus amigos. Ajudando-os com a divisão feérica do Aux. — Ajudando com uma rebelião.

— É aí que você deseja estar?

— Tenho alternativa?

Uma pausa prolongada, tensa demais.

— Eu tornaria você alfa de sua matilha. Você tem potencial, já senti. Por muito tempo, você suprimiu isso para que outros pudessem liderar.

O chão abaixo de Ithan pareceu balançar.

— Eu… e quanto a Sabine? — A cabeça de Ithan girava.

— Eu vou lidar com minha filha, se for o que você escolher.

Ithan não tinha ideia de quem sequer estaria em sua matilha. Havia se afastado tão completamente de antigos amigos e familiares depois da morte de Connor que só se prestou a se associar com a matilha de Amelie. Perry era o mais próximo que tinha de uma amiga no Covil, e jamais deixaria a irmã. Ithan engoliu em seco.

— Fico honrado, mas… preciso pensar nisso.

— Você passou por muita coisa, menino. Leve o tempo que precisar para decidir, mas saiba que a oferta está de pé. Eu não gostaria de perder mais um lobo de valor, principalmente para os feéricos. — Antes que Ithan pudesse se despedir, o velho lobo desligou. Chocado e zonzo, Ithan encostou em um dos prédios de tijolos no beco. Alfa.

Mas… um alfa à sombra de Sabine, depois que o Primo morresse. Sabine seria a Prima *dele*. Amelie reinaria como Prima Aparente dela. E então como Prima, quando a própria Sabine morresse.

Tinha pouco interesse em servir a qualquer uma das duas. No entanto… seria uma traição aos lobos, ao legado do irmão dele, deixar as matilhas valbaranas à mercê da crueldade de Sabine?

Afastou o cabelo do rosto. Estava mais longo do que quando jogava solebol. Ithan não sabia dizer se gostava ou não.

Porra, não sabia dizer se gostava *de si mesmo* ou não.

Endireitando-se mais uma vez, Ithan se afastou da parede e terminou sua caminhada, chegando a seu destino. As portas altas do prédio de horrores do Astrônomo estavam fechadas. Ithan puxou a sineta da porta em forma de lua crescente uma vez.

Nenhuma resposta.

Puxou uma segunda vez, então pressionou o ouvido a uma das portas de metal, procurando ouvir algum sinal de vida. Nem mesmo um passo, embora conseguisse discernir o zumbido das máquinas adiante. Bateu duas vezes, então empurrou o ombro contra a porta, que se abriu com um rangido, nada além de escuridão à frente. Ithan entrou sorrateiro, fechando silenciosamente a pesada porta.

— Oi?

Nada. Seguiu para o brilho fraco e pálido dos três tanques no centro do espaço cavernoso. O lobo nunca vira nada tão estranho e inquietante, os três seres que tinham sido vendidos para aquela vida. Existência. Aquilo sem dúvida não era uma vida.

Não que fosse saber. Ithan não tinha uma em dois anos.

Sua visita na semana anterior era como uma ferida aberta.

Podia ter saído dali condenando tudo que havia visto, mas ainda dera ao Astrônomo seu dinheiro. Mantivera aquele lugar funcionando.

Ithan sabia que incomodara Bryce, mas fora arrastada de volta para a merda com Danika e, como uma princesa, estava de mãos atadas no que dizia respeito a um escândalo público. Principalmente quando caminhava em um limite tão perigoso ultimamente, qualquer escrutínio adicional poderia ser sua ruína.

Contudo, ninguém dava a mínima para ele. Não importava o que o Primo dissera.

— Oi? — chamou de novo, a palavra ecoando na escuridão.

— Ele não está aqui — disse uma voz áspera e rouca feminina.

Ithan se virou, levando a mão à arma ao varrer a escuridão. Sua visão de lobo a penetrava, permitindo que discernisse a localização da falante. A mão de Ithan saiu do quadril quando a viu.

Cabelo castanho longo caído sobre os membros pálidos magros demais, o corpo vestido naquela camisola branca que todos os três místicos usavam. Seus olhos escuros estavam imóveis, como se só estivesse parcialmente ali. Um rosto que poderia ter sido bonito, se não estivesse tão macilento. Tão assombrado.

Ithan engoliu em seco, lentamente se aproximando de onde estava aninhada contra a parede, os joelhos ossudos agarrados junto ao peito.

— Eu queria ver seu… chefe.

Não conseguia dizer *dono*, embora o velho canalha fosse isso. Na escuridão, conseguia discernir uma bancada de trabalho além da mística que estava sentada no chão, com uma pequena caixa sobre ela. Luz saía da caixa, tinha uma boa ideia do que era guardado ali dentro. De quem era guardado ali, presos naqueles quatro anéis, que eram aparentemente tão valiosos que o velho havia deixado para trás, em vez de arriscá-los à solta na cidade.

A voz rouca da mística soava como se não falasse há eras.

— Ele colocou os outros dois de volta, mas não tinha a peça de que precisava para consertar a minha máquina. Está no Mercado da Carne, encontrando-se com a Rainha Víbora.

Ithan farejou, tentando decifrá-la. Tudo o que conseguia sentir daquela distância era sal. Como se ficara em uma salmoura.

— Sabe quando ele vai voltar?

Apenas o encarou, como se ainda estivesse presa na máquina além deles.

— Foi você que me libertou. — Por Solas, estava sentada com uma quietude tão… vanir. Nunca percebera o quanto *ele* se movia até estar diante dela. E se considerava capaz da quietude absoluta de um lobo.

— É, desculpa. — No entanto, a palavra permaneceu… *libertou*. Estava suplicando para voltar. Presumiu que estivesse falando do lugar intermediário onde os místicos perambulavam, mas… E se estivesse desse mundo, de volta para a vida anterior dela? Para a família que a vendera para aquilo?

Não era problema seu, não era assunto seu para resolver. Mesmo assim, perguntou:

— Você está bem? — Não parecia bem. Estava sentada da forma como ele se sentara no banheiro do dormitório na noite que descobriu que Connor estava morto.

A mística apenas disse:

— Ele vai voltar logo.

— Então vou esperar por ele.

— Ele não vai ficar feliz.

Ithan ofereceu um sorriso reconfortante.

— Eu posso pagar, não se preocupe.

— Você causou muita inconveniência a ele. Ele vai expulsar você.

Ithan deu um passo mais para perto.

— Pode me ajudar, então?

— Não posso fazer nada a não ser que esteja no tanque. E não sei como usar as máquinas para perguntar aos outros.

— Tudo bem.

Inclinou a cabeça.

— O que você quer saber?

O lobo engoliu em seco.

— Foi verdade o que o príncipe demônio disse, sobre meu irmão estar seguro por enquanto?

A mística franziu a testa, sua boca farta sobrenaturalmente pálida.

— Eu só consegui sentir o terror do outro — respondeu, assentindo para os tanques. — Não o que foi dito.

Ithan esfregou a nuca.

— Tudo bem. Obrigado. Era tudo de que eu precisava. — Precisava saber com certeza se Connor estava seguro. Devia haver algum jeito de ajudá-lo.

— Você poderia encontrar um necromante. Ele saberia a verdade. — falou.

— Necromantes são poucos e dispersados, altamente regulamentados — falou Ithan. — Mas obrigado de novo. E, hã… boa sorte.

Virou-se para as portas. A mística se agitou levemente, e o movimento mandou um filete de seu cheiro até ele. Neve e brasas e…

Ithan ficou rígido. Voltando-se para a mística.

— Você é um lobo. O que está fazendo aqui?

Não respondeu.

— Sua matilha permitiu que isso acontecesse? — Ódio ferveu seu sangue. Garras surgiram nas pontas de seus dedos.

— Meus pais não tinham matilha — disse rouca. — Eles perambulavam pela tundra de Nena comigo e meus dez irmãos. Meus dons se tornaram aparentes quando eu tinha três anos. Aos quatro anos, eu estava ali. — Apontou para o tanque, Ithan se encolheu horrorizado.

Uma família de lobos havia *vendido* um filhote, e a fêmea fora parar naquele tanque…

— Há quanto tempo? — perguntou, incapaz de conter seu ódio trêmulo. — Há quanto tempo você está aqui?

Balançou a cabeça.

— Eu… eu não sei.

— Quando você nasceu? Em que ano?

— Não sei. Nem me lembro de quanto tempo faz desde que fiz a Descida. Ele chamou algum oficial aqui para registrar, mas… Eu não me lembro.

Ithan esfregou o peito.

— Por Solas. — A fêmea parecia tão jovem quanto ele, mas, entre os vanir, isso não queria dizer nada. Podia ter centenas de anos. Deuses, como sequer tinha feito a Descida ali? — Qual é o seu nome? O nome de sua família?

— Meus pais jamais me deram um nome, e eu jamais aprendi seus nomes, eram Mãe e Pai. — Sua voz ficou afiada, um indício de temperamento brilhando ali. — Você deveria sair.

— Você não pode ficar aqui.

— Há um contrato que sugere o contrário.

— Você é um *lobo* — grunhiu. — Você está mantida em uma porra de *jaula* aqui. — Iria direto ao Primo. Faria com que ordenasse que o Astrônomo libertasse aquela fêmea sem nome.

— Meus irmãos e pais podem comer e viver confortavelmente porque eu estou aqui. Isso vai acabar quando eu for embora. Vão passar fome de novo.

— Problema deles, porra — disse Ithan, mas conseguia ver a determinação na expressão da mística e soube que não conseguiria arrancá-la dali. E podia entender, aquela necessidade de se entregar inteira para que sua família pudesse sobreviver. Então acrescentou: — Meu nome é Ithan Holstrom. Se quiser sair daqui, mande notícia. — Não tinha ideia de como, mas… talvez fosse ver como ela estava a cada poucos meses. Pensaria em desculpas para fazer perguntas a ela.

Seus olhos se encheram de cautela, mas a jovem assentiu.

Então ocorreu a Ithan que ela provavelmente estava sentada no chão frio porque suas pernas finas tinham se atrofiado por estar no tanque por tanto tempo. Aquele velho de merda a deixara ali daquele jeito.

Ithan observou o espaço em busca de alguma coisa que se assemelhasse a um cobertor e não encontrou nada. Só tinha sua camiseta, quando levou a mão à bainha, a fêmea disse:

— Não. Ele vai saber que você esteve aqui.

— Ótimo.

Fez que não com a cabeça.

— Ele é possessivo. Se sequer achar que tive contato com outra pessoa que não ele, vai me mandar para o Inferno com uma pergunta frívola. — Tremeu sutilmente. O velho tinha feito aquilo antes.

— Por quê?

— Demônios gostam de brincar — sussurrou.

Sua garganta se fechou.

— Tem certeza de que não quer ir embora? Eu posso carregar você agora mesmo, e nós pensaremos nas outras merdas depois. O Primo vai proteger você.

— Você conhece o Primo? — Sua voz se encheu de espanto sussurrado. — Eu só ouvi meus pais falarem dele, quando eu era nova.

Então não estavam completamente afastados do mundo.

— Ele vai ajudar você. Eu vou ajudar você.

Seu rosto ficou lívido, se tornou distante.

— Você precisa ir embora.

— Tudo bem.

— Tudo bem — ecoou a menina, com outro indício de temperamento. Um pouco de dominância que fez seu lobo se animar.

Ithan a encarou. Não apenas um pouco de dominância… um lampejo de dominância, de uma *alfa*. Seus joelhos fraquejaram levemente, seu instinto de lobo sopesando se desafiava ou se curvava.

Uma alfa. Ali, em um tanque. Provavelmente teria sido herdeira de sua família, então. Será que sabiam o que ela era, mesmo aos quatro anos? Suprimiu um grunhido. Será que os pais a enviaram até lá *porque* ela era uma ameaça à sua autoridade sobre a família?

No entanto, Ithan deixou as perguntas de lado, recuando em direção às portas de novo.

— Você deveria ter um nome.

— Bem, eu não tenho — retruco.

Definitivamente alfa, pelo tom, pelo brilho de coragem irredutível.

Alguém com quem seu lobo interior teria gostado de brincar.

E deixá-la ali… Não parecia certo. A ele, ao lobo em seu coração, por mais partido e solitário que estivesse. Precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Contudo, como obviamente não deixaria aquele lugar… Talvez houvesse outra pessoa que poderia ajudar.

Ithan olhou para a caixinha na bancada de trabalho e não se questionou ao pegá-la. A loba tentou se levantar, suas pernas fracas a traíram.

— Ele vai *matar* você por levá-los…

Ithan foi até as portas, a caixa de duendes de fogo presos dentro dos anéis na mão.

— Se ele tem um problema com isso, pode ir falar com o Primo. — E explicar por que estava mantendo uma loba presa ali.

A garganta oscilou, mas a mística não falou mais.

Então Ithan marchou para fora, para a rua estranhamente normal adiante, e fechou a pesada porta às suas costas. Apesar da distância rapidamente estabelecida entre si e os místicos, seus pensamentos retornaram à menina, de novo e de novo.

A loba sem nome, presa no escuro.

* * *

— Vou solicitar uma equipe aquática de 25 para amanhã — disse Tharion para a sua Rainha, as mãos fechadas às costas, a cauda abanando casualmente a corrente do rio. A Rainha do Rio permaneceu sentada em sua forma humanoide em um leito de coral rochoso ao lado de seu trono, tecendo fios de urtiga, o vestido azul-escuro flutuando ao seu redor.

— Não — disse simplesmente.

Tharion piscou.

— Temos informações sólidas de que esse carregamento está vindo de Pangera *e* de que Pippa Spetsos provavelmente já está lá. Você quer que eu a capture, interrogue sobre o paradeiro de Emile, então vou precisar de reforços.

— E ter tantas testemunhas assim notando o envolvimento da Corte Azul?

Qual é nosso envolvimento? Tharion não ousou perguntar. *Qual é nossa participação nisso além de querer o poder do menino?*

A rainha prosseguiu:

— Você vai, e vai sozinho. Suponho que seu atual grupo de… pessoas estará com você.

— Sim.

— Isso deve bastar para interrogá-la, considerando os poderes de seus companheiros.

— Ao menos cinco agentes tritões…

— Só você, Tharion.

Não se conteve quando disse:

— Algumas pessoas podem achar que você está tentando me matar, sabe.

Lentamente, muito lentamente, a Rainha do Rio se virou da tecelagem. Podia jurar que um tremor percorreu o leito do rio. Sua voz, no entanto, estava perigosamente suave quando disse:

— Então defenda minha honra contra essa difamação e volte com vida.

O tritão trincou a mandíbula, mas fez uma reverência com a cabeça.

— Devo me despedir de sua filha, então? Caso seja minha última chance de fazer isso?

Sorriu.

— Acho que você já causou bastante incômodo.

As palavras eram verdadeiras. Podia ser um monstro de muitas formas, mas estava certa com relação a ele nesse ponto. Então Tharion nadou para o azul límpido, deixando a corrente martelar o ódio para fora de sua cabeça.

Se houvesse uma chance de obter o poder de Emile, a Rainha do Rio a usaria.

Tharion esperava que tivesse coragem de impedi-la.

* * *

As poltronas tinham se transformado em sofás de veludo na ponte onírica.

Ruhn se sentou no próprio, observando a escuridão infinita que o cercava. Olhou para além do divã, para o "lado" de Day. Se a seguisse naquela direção, será que acabaria em sua mente? Veria as coisas que ela via? Veria pelos seus olhos e saberia quem era, onde estava? Será que seria capaz de ler todos os pensamentos em sua cabeça?

Podia falar dentro da mente de alguém, mas de fato *entrar*, ler pensamentos como seus primos em Avallen podiam fazer… Era assim que faziam? Parecia uma violação tão crassa. Se ela o convidasse, se o quisesse ali, será que conseguiria?

Chamas ondularam diante de Ruhn, e ali estava ela, deitada no sofá.

— E aí — disse, sentando-se de novo no sofá.

— Alguma informação para relatar? — disse, como cumprimento.

— Então vamos fazer a coisa formal esta noite.

Sentou-se mais reta.

— Esta ponte é um caminho para se passar informação. É nosso primeiro e maior dever. Se você está vindo aqui para ter com quem flertar, sugiro que procure em outro lugar.

Riu com escárnio.

— Você acha que estou flertando com você?

— Você diria *e aí* daquela forma para um agente macho?

— Provavelmente, sim. — Contudo, admitiu: — Não com o mesmo tom, no entanto.

— Exatamente.

— Bem, você me pegou. Estou pronto para minha punição.

Day gargalhou, um som farto e gutural que não tinha ouvido antes.

— Não acho que você conseguiria aguentar o tipo de punição que eu inflijo.

Suas bolas se contraíram; Ruhn não conseguiu evitar.

— Estamos falando de… amarras? Chicote?

Podia jurar que viu um lampejo de dentes mordendo um lábio inferior.

— Nenhum dos dois. Não gosto de nada disso na cama. Mas o que *você* prefere?

— É sempre escolha da dama comigo. Estou apto a tudo.

A agente inclinou a cabeça, uma cascata de chamas caindo pela lateral do sofá, como se tivesse soltado longos e lindos cabelos sobre ele.

— Então você não é um macho… dominante.

— Ah, sou dominante — disse, sorrindo. — Só não gosto de pressionar minhas parceiras a fazerem nada de que não gostem.

Daybright o estudou.

— Você diz *dominante* com tanto orgulho. Você é um lobo, então? Algum tipo de metamorfo?

— Olhe quem está tentando me decifrar agora.

— Você é?

— Não. *Você* é uma loba?

— Eu pareço uma para você?

— Não. Você parece… — Alguém feita de ar e sonhos e vingança fria. — Imagino que você esteja na Céu e Sopro.

A agente ficou imóvel. Será que tinha acertado?

— Por que diz isso?

— Você me lembra do vento. — Tentou explicar. — Poderosa e capaz de resfriar ou congelar com meio pensamento, moldando o próprio mundo embora ninguém consiga vê-la. Apenas seu impacto sobre as coisas. — Acrescentou: — Parece solitário, agora que estou dizendo.

— É — disse, e Ruhn ficou chocado com a confissão. — Mas obrigada pelas palavras gentis.

— Foram gentis?

— Foram precisas. Você me vê. É mais do que eu posso dizer sobre qualquer outra pessoa.

Por um momento, encararam-se. Ruhn foi recompensado com um movimento de suas chamas, revelando grandes olhos que se repuxavam para cima nos cantos, feitos de fogo, mas ainda conseguia distinguir seu formato. A transparência antes de a chama encobri-la mais uma vez. O príncipe pigarreou.

— Acho que eu deveria lhe contar que os rebeldes foram bem-sucedidos no ataque à Coluna. Vão trazer o protótipo do mec dos asteri para as ilhas Coronal amanhã à noite.

Day se endireitou.

— Por quê?

— Não sei. Fui informado por… meu contato. Um contingente rebelde vai estar lá para receber o carregamento. Para onde vai dali, não sei. — Cormac queria que Athalar examinasse o protótipo dos asteri, que visse como diferia dos trajes humanos que o anjo tinha enfrentado tantas vezes em batalha.

Athalar era o único entre eles que havia enfrentado um mec-traje. Que aparentemente tinha passado tempo em Pangera abrindo-os e remontando-os. Cormac, como estava lutando ao lado dos rebeldes humanos, jamais havia enfrentado um, e queria uma opinião externa sobre se replicar o modelo dos asteri seria benéfico.

E, porque Athalar iria, Bryce iria. E, porque Bryce iria, Ruhn iria. E Tharion se juntaria a eles, como a Rainha do Rio tinha ordenado que fizesse.

Flynn, Dec e Ithan permaneceriam, pessoas demais levantariam suspeitas. No entanto, tinham ficado possessos ao saber. *Você colocando o coitado do Holstrom no banco,* reclamara Flynn. Dec havia acrescentado: *Sabe o que isso faz com o ego de um macho?* Ithan apenas resmungara em concordância, mas não tinha discutido, uma expressão distante no rosto. Como se sua mente estivesse em outro lugar.

— Quem vai estar lá?

Ruhn inclinou a cabeça.

— Soubemos que Pippa Spetsos e seu esquadrão da Ocaso também estarão presentes. Temos algumas perguntas para ela sobre… uma pessoa desaparecida.

A agente se endireitou.

— Spetsos recebeu comando da frente valbarana?

— Eu não sei. Mas esperamos conseguir convencer quem quer do Comando que esteja lá a não fazer isso. Suspeitamos que ela e a Ocaso tenham deixado um rastro de corpos pelo campo.

Day ficou calada por um momento, então perguntou:

— Você sabe o nome do navio que está carregando o protótipo?

— Não.

— Que ilha?

— Por que está me interrogando sobre isso?

— Quero me certificar de que não seja uma armadilha.

O príncipe sorriu.

— Porque você sentiria a minha falta se eu morresse?

— Por causa da informação que arrancariam de você antes de morrer.

— Que frieza, Day. Que frieza.

Riu baixinho.

— É a única forma de sobreviver.

E era.

— Vamos para Ydra. É tudo o que sei.

A agente assentiu, como se o nome significasse alguma coisa para ela.

— Se pegarem você, fugir é sua melhor opção. Não lute.

— Não funciono dessa forma.

— Então funcione.

Ruhn cruzou os braços.

— Eu não acho que…

Day sibilou, curvando-se. Estremecia, quase convulsionando.

— Day?

A agente inspirou fundo, então se foi.

— Day! — Sua voz ecoou pelo vazio.

Não pensou. Lançando-se por cima do divã, Ruhn correu para o outro lado da ponte, para a escuridão e a noite, atirando-se atrás dela…

Ruhn se chocou contra uma parede de adamantino preto. O tempo ficou lento, trazendo consigo lampejos de sensação. Nenhuma imagem, só… *tato.*

Ossos roçando no pulso esquerdo dela, onde era apertado a ponto de doer; era a dor que a acordara, que a arrancara da ponte…

Day desejou ceder, entregar-se, tornar-se dele, encontrar alguma forma de gostar daquilo. Dentes raspando seu mamilo, fechando-se…

Ruhn colidiu com o chão, as sensações sumindo. Ficou de pé, pressionando a palma contra a parede preta.

Nada. Nenhum eco para indicar o que estava acontecendo.

Bem, Ruhn *sabia* o que estava acontecendo. Tivera a sensação de sexo muito pesado, e, embora tivesse a noção de que era consensual, não era… significativo. Quem quer que dormisse ao seu lado a havia acordado com aquilo.

O preto impenetrável pairava diante de si. A parede de sua mente.

Não fazia ideia de por que esperava. Por que ficara. Não fazia ideia de quanto tempo tinha se passado até que uma chama ressurgiu da parede.

Seu fogo tinha recuado o bastante para que Ruhn conseguisse ver longas pernas caminhando em sua direção. Parando ao encontrá-lo ajoelhado. Então Daybright também caiu de joelhos, chamas engolindo-a completamente.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim. — A palavra soou como um chiado de brasas sendo apagadas.

— O que foi aquilo?

— Você nunca transou?

Empertigou-se diante da pergunta afiada.

— Você está bem? — perguntou de novo.

— Eu disse que estava.

— Você não foi…

— Não. Ele perguntou, embora um pouco repentinamente, e eu disse que sim.

As entranhas de Ruhn se reviraram diante da completa frieza.

— Não parece que você gostou.

— É da sua conta se eu tenho prazer ou não?

— Você tem?

— Como é?

— Você teve um orgasmo?

— Isso absolutamente não é da sua conta.

— Certo.

De novo, silêncio recaiu, mas permaneceram ajoelhados ali, cara a cara. A agente disse, depois de um momento tenso:

— Eu odeio ele. Ninguém sabe disso, mas odeio. Ele me enoja.

— Então por que dorme com ele?

— Porque eu… — Deu um longo suspiro. — É complicado.

— Me explique.

— Você só dorme com gente de quem gosta?

— Sim.

— Nunca fodeu com alguém que odeia?

Ruhn pensou, mesmo que o som de ela dizendo a palavra *fodeu* tivesse algum efeito com o pau dele.

— Tudo bem. Talvez uma vez. Mas foi uma ex. — Uma fêmea feérica que havia namorado décadas antes, de quem não se incomodara em lembrar até agora.

— Então pode pensar nisso como a mesma situação.

— Então ele é…

— Não quero falar dele.

Ruhn exalou.

— Eu queria ter certeza de que você estava bem. Você me apavorou.

— Por quê?

— Em um momento você estava aqui, no seguinte você tinha sumido. Parecia que estava sentindo dor.

— Não seja tolo de se apegar o bastante para se preocupar.

— Eu seria um monstro se não me importasse se outra pessoa está se machucando.

— Não tem espaço para isso nesta guerra. Quanto antes perceber isso, menos dor vai sentir.

— Então voltamos para a rotina da rainha de gelo.

Ela se levantou.

— Rotina?

— Onde está a fêmea selvagem e obscena com quem eu estava conversando sobre bondage mais cedo?

Day gargalhou. Ruhn gostava do som, era grave e áspero e predatório. Porra, gostava muito daquele som.

— Você é um típico macho valbarano.

— Eu disse a você: venha me visitar em Lunathion. Vou lhe mostrar como se divertir, Day.

— Tão ansioso para me conhecer.

— Eu gosto do som da sua voz. Quero conhecê-la por trás dela.

— Isso não vai acontecer. Mas obrigada. — Acrescentou, depois de um momento: — Eu gosto do som da sua voz também.

— É?

— *É*. — Riu. — Você é problema.

— Seria um clichê se eu dissesse que *Problema* é meu nome do meio?

— Ah, sim. Muito.

— Qual seria o *seu* nome do meio? — provocou.

Suas chamas recuaram, revelando os olhos de puro fogo.

— Vingança.

Ruhn sorriu maliciosamente.

— Durona.

Daybright riu de novo, o pau dele ficando duro com o som.

— Tchau, Night.

— Aonde você vai?

— Dormir. De verdade.

— Seu corpo não está descansando?

— Sim, mas minha mente não.

Sabia por que, mas gesticulou para o divã dela.

— Então sente. Relaxe.

— Quer que eu fique?

— Sinceramente? Sim. Quero.

— Por quê?

— Porque me sinto calmo perto de você. Tem tanta merda acontecendo, e eu… eu gosto de estar aqui. Com você.

— Não acho que a maioria das fêmeas se sentiria lisonjeada por ser chamada de "calmante" por um belo macho.

— Quem disse que eu sou belo?

— Você fala como alguém que está bastante ciente da própria beleza.

— Como um babaca arrogante, então.

— Suas palavras, não minhas.

Day se levantou, caminhando até o divã. Suas chamas ondularam quando se deitou. Ruhn se jogou no próprio sofá.

— Eu só preciso de uma TV e uma cerveja e estou confortável — disse.

A agente deu um risinho, encolhendo-se de lado.

— Como eu disse: típico macho valbarano.

Ruhn fechou os olhos, deleitando-se com o timbre de sua voz.

— Você precisa trabalhar nesses elogios, Day.

Outra risada, dessa vez mais sonolenta.

— Vou acrescentar à minha lista de afazeres, Night.



Hunt respirava o ar frio do mar turquesa, admirando a água prístina, tão transparente que conseguia ver os corais e as rochas e os peixes que disparavam entre eles.

No cais, escondido em uma imensa caverna, o navio de carga ainda era descarregado. A caverna marinha, enfiada em uma parte isolada e árida de Ydra, uma das ilhas Coronal mais remotas, avançava pelo menos um quilômetro terra adentro. Tinha sido escolhida porque a água que fluía dentro dela era muito profunda, o bastante para que imensos navios de carga deslizassem para dentro de seu cais escavado da rocha e descarregassem seu contrabando.

Hunt estava de pé nas sombras logo do lado de dentro da entrada da caverna, concentrando-se no mar aberto iluminado adiante, e não no fedor de óleo nos antigos mec-trajes que no momento ajudavam a descarregar o navio na frota de veículos à espera: caminhões de lavanderia, de comida, de mudança… qualquer coisa que pudesse racionalmente avançar por uma das estradas sinuosas e íngremes da ilha, ou entrar em uma das barcas de transporte que levava veículos entre as cem ou mais ilhas daquele arquipélago sem levantar muitas suspeitas.

Cormac havia teletransportado todos para Ydra uma hora antes. Hunt quase vomitou durante a viagem de cinco minutos com várias paradas, e, quando finalmente chegaram, sentou-se no concreto molhado, a cabeça entre os joelhos. Cormac tinha voltado, de novo e de novo, até que todos estivessem ali.

E então o pobre coitado tinha que peitar quem quer que estivesse à frente do Comando para convencer a pessoa de que Pippa Spetsos não deveria chegar nem perto daquela merda.

Cormac estava cambaleando, pálido devido ao teletransporte, mas os deixara com a promessa de voltar logo. Bryce, Tharion e Ruhn se sentaram no chão, aparentemente não confiando nas pernas também. Hunt não deixou de notar que Ruhn ficava olhando por trás de seu ombro, como se buscasse a presença reconfortante da espada. Mas o príncipe havia deixado a arma em Lunathion, para não arriscar perdê-la se todo o caos corresse solto. Ele parecia sentir falta dela agora, enquanto seus estômagos e mentes se acalmavam.

— Eu não deveria ter tomado café da manhã — dizia Tharion, a mão sobre o abdômen. Vestia apenas uma legging aquática preta apertada, equipada nas coxas com coldres para facas. Nenhum sapato ou camisa. Caso precisasse mudar para a forma de tritão, foi o que disse ao chegar na casa de Bryce naquela manhã, não queria perder muito.

O timing de Tharion tinha sido infeliz, havia chegado ao apartamento logo depois de Hunt. Bryce já estava sentada no balcão, agarrando os ombros do anjo enquanto preguiçosamente lambia o pescoço dela. A batida de Tharion à porta foi… indesejada.

Aquilo tudo precisaria esperar. Mas a parceira o tirara do quartel, ele retribuiria generosamente naquela noite.

Bryce agora dava tapinhas no ombro nu de Tharion.

— Estou estranhamente satisfeita que um tritão sinta enjoo de ar, considerando quantos de nós sofrem de enjoo no mar.

— *Ele* também ainda está verde — disse Tharion, apontando para Hunt, que deu um sorriso fraco.

No entanto, Tharion voltou a observar casualmente a caverna ao seu redor. Talvez casualmente *demais*. Hunt conhecia o objetivo principal de Tharion: fazer com que Pippa falasse sobre Emile. Se esse interrogatório seria amigável dependia do capitão tritão.

— Alguém chegando. — Ruhn murmurou.

Todos se viraram na direção do navio de carga e viram Cormac caminhando até eles. Ainda pálido e exausto; Hunt não fazia ideia de como o agente tiraria todos dali quando aquilo acabasse.

Hunt, contudo, ficou tenso diante da fúria que fervilhava de Cormac.

— O que foi? — perguntou o anjo, olhando para o interior da caverna além de Cormac. Tharion olhou para o mesmo lado, lentamente agachou seu corpo comprido, pronto para saltar em ação.

Cormac balançou a cabeça e disse:

— Pippa já colocou as garras neles. Estão todos comendo em sua mão. As armas são suas, está no comando da frente valbarana.

Tharion franziu a testa, mas observou o espaço atrás do príncipe avalleno.

— Alguma coisa sobre Emile ou Sofie?

— Não. Ela não disse nada sobre eles, e eu não podia arriscar perguntar. Não quero que saiba que também estamos o procurando. — Cormac caminhou de um lado para outro. — Um confronto a respeito de Emile diante dos outros provavelmente levaria a um derramamento de sangue. Só podemos manter a farsa.

— Alguma chance de isolá-la? — insistiu Tharion.

Cormac fez que não com a cabeça.

— Não. Acredite em mim, ela vai estar com a guarda levantada tanto quanto nós. Se quiserem arrastá-la para interrogatório, terão uma batalha nas mãos.

Tharion xingou e Bryce deu tapinhas em seu joelho, uma tentativa de consolo, imaginava Hunt.

Cormac olhou para o anjo.

— Athalar, sua vez. — Indicou com a cabeça o imenso navio. — Estão descarregando o novo protótipo agora mesmo.

Em silêncio, seguiram o príncipe, Hunt se mantendo perto de Bryce. Os rebeldes, todos de preto, muitos com chapéus ou máscaras, os encaravam conforme passavam. Nenhum deles sorria. Um homem resmungou:

— Porcos vanir.

Tharion mandou um beijo para ele.

Ruhn grunhiu.

— Se comportem — recomendou Bryce para o irmão, beliscando a lateral de seu corpo pela camiseta preta. Ruhn a afastou com a mão tatuada.

— Muito maduro — murmurou Hunt, quando pararam ao pé da plataforma de embarque. Ruhn sutilmente mostrou o dedo médio para ele. Bryce beliscou a lateral do corpo de Hunt também.

Tharion, no entanto, soltou um assovio baixo quando quatro mec-trajes enferrujados surgiram do compartimento de carga do navio, cada um levando uma ponta de uma caixa imensa.

Parecia um sarcófago de metal, entalhado com a insígnia dos asteri: sete estrelas em volta da sigla *SPQM*. Os humanos pilotando os mec-trajes de modelo antigo nem mesmo olharam para o lado ao carregarem caixa rampa abaixo, o chão batendo sob os gigantescos pés das máquinas.

— Esses trajes são para batalha, não para trabalho manual — murmurou Tharion.

— Doze-armas. São os mais fortes entre os modelos humanos. — Hunt inclinou a cabeça para as armas duplas idênticas no ombro do traje, e as em cada um dos antebraços. — Seis armas visíveis, seis escondidas, e uma dessas é um canhão.

Bryce fez uma careta.

— Quantos desses trajes os humanos têm?

— Algumas centenas — respondeu Cormac. — Mas os asteri bombardearam tantas de nossas fábricas que esses trajes estão todos velhos. O protótipo imperial que estão carregando poderia nos dar tecnologia nova, se pudermos estudá-lo.

— E ninguém está preocupado com entregar essa coisa para a Pippa puxa-gatilho? — Bryce murmurou.

— Não — respondeu Cormac, seriamente. — Nenhum deles.

— Mas estão tranquilos com a gente examinando o traje? — perguntou Bryce.

— Eu disse a eles que Athalar teria algumas ideias sobre como são construídos.

Hunt emitiu um estalo com a língua.

— Sem pressão, hein? — Suprimiu a memória do rosto de Sandriel, sua diversão cruel enquanto observava o que ele tinha feito com os trajes sob suas ordens.

Os trajes e seu pilotos chegaram ao cais de concreto e alguém disparou uma ordem que dispersou os vários rebeldes trabalhando nas docas até que apenas uma unidade de doze rebeldes, todos humanos, permanecesse atrás de Hunt e os demais.

O anjo gostava disso tanto quanto do fato de que estavam ali, em uma porra de base rebelde. Oficialmente ajudando a Ophion. Manteve sua respiração lenta e constante.

A unidade de rebeldes marchou além deles, subindo na embarcação, e os mec-pilotos saíram batendo os pés, deixando o sarcófago para trás. Um momento depois, uma fêmea humana, de cabelos castanhos e rosto sardento, saiu das sombras ao lado do barco.

Pela forma como Cormac ficou tenso, Hunt soube quem era. Notou que usava o uniforme do esquadrão da Ocaso. Todos os rebeldes que tinham passado usavam braceletes com o emblema do sol poente.

Hunt posicionou a mão a fácil alcance da arma em sua coxa, relâmpago se contorcendo em suas veias. Bryce inclinou o corpo, já mirando o melhor disparo. Tharion passou alguns centímetros à esquerda, posicionando Pippa entre si e a água, como se fosse jogá-la dentro.

Pippa, no entanto, moveu-se casualmente para o outro lado do sarcófago quando disse a Cormac:

— O código dessa caixa é sete-três-quatro-dois-cinco.

Sua voz era suave e extravagante, como se fosse uma criança rica pangerana brincando de rebelde. Disse a Hunt:

— Estamos segurando o fôlego à espera de sua análise, Umbra Mortis. — Foi praticamente uma ordem.

Hunt a encarou com a cabeça baixa. Sabia que era reconhecível, mas a forma como disse seu nome definitivamente carregava uma ameaça. Pippa voltou sua atenção para Cormac.

— Eu me perguntei quando você tentaria voltá-los contra mim.

Hunt e Bryce se aproximaram, armas nas pontas dos dedos agora. Ruhn se manteve um passo atrás, vigiando a retaguarda. E Tharion…

O tritão tinha silenciosamente mudado de posição de novo, colocando-se a alguns simples saltos de derrubar Pippa.

— Eu ainda não disse nada a eles sobre você. — falou Cormac, com impressionante frieza.

— Ah, é? Então por que você estava com tanta pressa de chegar aqui? Presumo que foi das duas uma: convencê-los a colocar *você* no comando da frente valbarana, provavelmente falando mal de mim, ou para tentar me capturar para que eu possa contar tudo que sei sobre Emile Renast.

— Quem disse que as duas coisas não são verdade? — replicou Cormac.

Pippa grunhiu.

— Você não precisava ter se incomodado em me capturar. Eu teria trabalhado com você para encontrá-lo. Mas queria a glória para você.

— Estamos falando sobre a vida de uma criança — grunhiu o príncipe avalleno. — Você só o quer como uma arma.

— E você não? — Pippa olhou com escárnio para todos eles. — É mais fácil se você fingir que é melhor do que eu.

Tharion disse, mortalmente baixo:

— Não somos nós que torturamos pessoas até a morte por informações sobre o menino.

Pippa franziu a testa.

— É isso que você acha que eu ando fazendo? Aqueles assassinatos brutais?

— Encontramos cheiros humanos *e* um pedaço de um de seus soldados no rastro do menino — rosnou Tharion, a mão passando para as facas.

Seus lábios se curvaram em um sorriso frio.

— Seu vanir arrogante de mente fechada. Sempre pensando o pior de nós humanos. — Balançou a cabeça com simpatia debochada. — Você está encolhido demais em seu ninho de cobras para ver a verdade. Ou ver quem entre vocês tem a língua bifurcada.

Aproveitando a deixa, Bryce mostrou a língua para a soldado. Pippa apenas fez cara de desprezo.

— Basta, Pippa. — Cormac digitou o código na pequena caixa ao pé do sarcófago. No entanto, os olhos de Bryce tinham se semicerrado. Fixou-se no olhar de Pippa, um calafrio percorreu a coluna de Hunt diante do domínio puro no rosto de Bryce.

— De toda forma, não importa agora. O menino foi considerado um desperdício de recursos. Principalmente agora que temos… armas melhores para empunhar. — Pippa disse, o tom de voz arrastado.

Como se em resposta, a tampa se abriu com um chiado, e Hunt esticou o braço na frente de Bryce quando a tampa deslizou para o lado. Fumaça de gelo-seco ondulou para fora, e Cormac a dissipou com um abano da mão.

Pippa falou:

— Então, Umbra Mortis? Estou aguardando suas ideias.

— Eu tomaria cuidado com o modo como fala com ele, Pippa — avisou Cormac, a voz afiada com autoridade.

Pippa encarou Bryce, no entanto.

— E você é a noiva de Cormac, certo? — Não havia nenhuma gentileza ou amistosidade em seu tom.

Bryce lançou um sorriso para a fêmea.

— Pode ficar com a função se quiser muito.

Pippa fervilhou, mas Cormac gesticulou para Hunt avançar quando o restante da fumaça se dissipou.

Hunt observou o traje na caixa e xingou.

— Os asteri projetaram isso? — perguntou. Pippa assentiu, lábios contraídos. — Para os vanir pilotarem? — insistiu.

Outro aceno. Pippa falou:

— Não vejo como ele pode ter mais poder do que o nosso, no entanto. É menor do que os nossos modelos. — O traje cor de mercúrio chegaria a uns dois metros de pé.

— Sabe o que está vendo? — perguntou Ruhn a Hunt, coçando a cabeça.

— É como um robô — disse Bryce, olhando para a caixa.

— Não é — falou Hunt. Balançou-se para trás sobre os calcanhares, a mente acelerada. — Ouvi boatos sobre esse tipo de coisa sendo feita, mas sempre achei que fosse absurdo.

— O que é? — indagou Pippa.

— Impacientes, não? — debochou Hunt, dando batidinhas com o dedo no traje. — Este metal tem a mesma composição de pedras gorsianas. — Assentiu para Bryce. — Como o que fizeram com a

sintez, estavam procurando formas de transformar pedras gorsianas em armas.

— Nós já as temos em nossas balas — disse Pippa, arrogante.

O anjo falou com os dentes trincados:

— Eu sei que têm. — Possuía uma cicatriz na barriga graças a uma.

Talvez só aquela ameaça fosse o que impedia Tharion de agir. O tritão tinha a mira livre na direção de Pippa. No entanto, será que conseguia correr mais rápido do que a humana conseguia sacar a arma? Hunt e Bryce podiam ajudá-lo, mas… Athalar realmente não queria atacar diretamente uma líder da Ophion. Tharion e a Rainha do Rio podiam lidar com essa merda.

Pippa se moveu alguns centímetros para fora do alcance de Tharion mais uma vez.

Hunt prosseguiu:

— Esse metal… Os asteri têm pesquisado uma forma de fazer o minério de gorsiana absorver magia, não suprimir.

— Parece titânio comum para mim. — Ruhn falou.

— Olhe com mais atenção — disse Hunt. — Há sutis veios roxos nele. Essa é a pedra gorsiana. Eu reconheceria em qualquer lugar.

— Então o que ele pode fazer? — perguntou Bryce.

— Se eu estiver certo — respondeu Hunt, rouco —, pode puxar primalux do chão. De todos os cabos que atravessam a terra. Esses trajes puxariam a primalux e a transformariam em armas. Mísseis de enxofre, feitos bem ali, na hora. O traje jamais ficaria sem munição, jamais esgotaria sua bateria. Simplesmente encontraria os cabos de energia subterrâneos e estaria carregado e pronto para matar. É por isso que são menores, porque não precisam de toda a tecnologia sobressalente e espaço para o arsenal que os trajes humanos requerem. Um guerreiro vanir poderia entrar e essencialmente usá-lo como um exoesqueleto, como armadura.

Silêncio.

Pippa disse, a voz cheia de assombro:

— Sabem o que isso significaria para a causa?

Bryce falou, sarcasticamente:

— Significa que um Inferno de gente morreria.

— Não se estiver em nossas mãos — disse Pippa. Aquela luz em seus olhos… Hunt a vira antes, no rosto de Philip Briggs.

Pippa prosseguiu, mais para si mesma do que para qualquer um deles:

— Finalmente teríamos uma fonte de magia para atacá-los. Fazer com que entendam como nós sofremos. — Soltou uma risada de prazer.

Cormac enrijeceu. Tharion também.

Hunt, contudo, falou:

— Isso é um protótipo. Pode haver alguns ajustes para fazer.

— Temos engenheiros excelentes — disse a comandante, com firmeza.

— Isso é uma máquina de morte. — O anjo insistiu.

— E o que é uma arma? — disparou Pippa. — Ou uma espada? — Olhou com escárnio para o relâmpago que faiscava em seus dedos. — O que é sua mágica, anjo, além de um instrumento de morte? — Seus olhos brilharam mais uma vez. — Este traje é apenas uma variação.

— Então, qual é a sua opinião? A Ophion consegue usá-lo? — Ruhn perguntou a Hunt.

— Porra, ninguém deveria usá-lo. — grunhiu Hunt. — De nenhum dos lados. — Disse a Cormac: — E, se você for esperto, vai dizer ao Comando que rastreie os cientistas por trás disso e destrua-os e seus planos. O derramamento de sangue dos dois lados vai se tornar monstruoso se vocês estiverem todos usando essas coisas.

— Já é monstruoso — disse Cormac, em voz baixa. — Eu só quero que acabe.

Pippa, no entanto, falou:

— Os vanir merecem tudo que os espera.

Bryce sorriu:

— Você também, aterrorizando aquele pobre menino e então decidindo que ele não vale a pena.

— Emile? — Pippa gargalhou. — Ele não é o bebê indefeso que você acha que é. Ele encontrou aliados para protegê-lo. Por favor, vá buscá-lo. Duvido que ele ajude os vanir a vencer essa guerra, não agora que temos esta tecnologia em nossas mãos. Pássaros-trovão não são nada em comparação com isto. — A humana passou a mão pela borda da caixa.

— Onde está o menino? — Tharion interrompeu.

Pippa deu um risinho.

— Em um lugar em que até você, tritão, teria medo de caminhar. Fico satisfeita em deixá-lo lá, e o Comando também. O menino não é mais nossa prioridade.

Bryce fervilhou de ódio:

— Você perdeu a cabeça se acha que este traje é outra coisa a não ser um desastre para todos.

Pippa cruzou os braços.

— Não vejo como você tem algum direito de julgar. Enquanto você está ocupada pintando suas unhas, Princesa, pessoas boas estão lutando e morrendo nessa guerra.

Bryce agitou as unhas para a rebelde.

— Se vou me associar com perdedoras como você, posso muito bem estar bonita.

Hunt balançou a cabeça, interrompendo Pippa antes que pudesse replicar.

— Estamos falando de máquinas que podem fazer *mísseis de enxofre* em segundos e soltá-los em curto alcance. — Seu relâmpago agora chiava nas mãos.

— Sim — respondeu Pippa, os olhos ainda iluminados com uma sede de sangue predatória. — Nenhum vanir vai ter qualquer chance. — Levou sua atenção para o navio acima deles, e Hunt acompanhou seu foco a tempo de ver a tripulação surgindo contra os parapeitos. De costas para eles.

Cinco tritões, dois tipos de metamorfos. Nenhum com uniforme da Ophion. Simpatizantes dos rebeldes, então, provavelmente tinham voluntariado seus barcos e serviços para a causa. Ergueram as mãos.

— Que porra é essa que você está fazendo? — grunhiu Hunt, quando Pippa levantou o braço em um sinal para o esquadrão humano da Ocaso de pé no alto do navio. Reunindo a tripulação vanir contra o parapeito.

Armas estalaram.

Sangue jorrou, e Hunt estendeu a asa, protegendo Bryce da borrifada de vermelho.

Os vanir desabaram, Ruhn e Cormac começaram a gritar, mas Hunt observou, congelado, conforme o esquadrão da Ocaso no convés se aproximava da tripulação caída, enchendo as cabeças deles de balas.

— O primeiro disparo é sempre uma bala de gorsiana — disse-Pippa, casualmente, no terrível silêncio que se seguiu quando os soldados da Ocaso sacaram facas longas e começaram a separar cabeças dos pescoços. — Para derrubar os vanir. O resto é chumbo. A decapitação torna tudo permanente.

— Você *perdeu a cabeça*, porra? — explodiu Hunt, assim Tharion ralhou:

— Você é uma psicopata assassina.

Cormac grunhiu para Pippa, colocando-se diante dela, bloqueando o caminho direto de Tharion.

— Fui informado de que a tripulação sairia ilesa. Eles nos ajudaram por acreditarem na causa.

Respondeu, inexpressiva:

— Eles são vanir.

— E isso é desculpa para fazer isto? — gritou Ruhn. Sangue brilhava no pescoço dele, na bochecha, de onde tinha respingado. — Eles são vanir que estão *ajudando você*.

Pippa apenas deu de ombros de novo.

— Isso é guerra. Não podemos arriscar que contem aos asteri onde estamos. A ordem para matar a tripulação veio do Comando. Sou o instrumento deles.

— Você e o Comando vão levar essa gente à ruína. — Sombras se reuniram nos ombros de Ruhn. — E de jeito nenhum eu vou ajudar você a fazer isso.

Pippa apenas riu.

— Quanta moral. — Um telefone vibrou em seu bolso, verificou a tela antes de dizer: — Preciso me reportar ao Comando. Gostaria de se juntar a mim, Cormac? — Deu um leve sorriso. — Tenho certeza de que eles *adorariam* ouvir suas preocupações.

Cormac apenas a olhou com ódio, Pippa soltou um assovio agudo, uma ordem. Com isso, saiu passeando pelo cais na direção da caverna lateral, para onde o resto dos rebeldes tinha ido. Um momento depois, o esquadrão humano da Ocaso saiu do navio, armas ao lado do corpo. Ruhn rosnou baixinho, mas acompanharam Pippa sem sequer olhar para o grupo.

Os humanos eram bastante corajosos por marchar por eles, colocando as costas para os vanir depois do que tinham feito.

Quando Pippa e a Ocaso sumiram, Tharion falou:

— Ela sabe onde Emile está.

— Se é que se pode confiar nela — replicou Bryce.

— Ela sabe — disse Cormac. Indicou Tharion. — Você quer interrogá-la, vá em frente, mas, com ela e a Ocaso agora no comando da frente valbarana, sua rainha terá uma confusão nas mãos se você agir contra eles. Eu pensaria duas vezes se fosse você, tritão.

Bryce murmurou em anuência, a boca se repuxando para o lado.

— Eu ficaria a um Inferno de distância dela.

Hunt fechou as asas. Avaliou sua parceira.

Bryce voltou seu olhar para o anjo. Inocentemente. Muito inocentemente.

Sabia de alguma coisa.

Tinha a expressão como se perguntasse *Quem, eu?*, então o olhou com irritação. Como se dizendo: *Nem pense em me delatar, Athalar.*

Hunt ficou tão chocado que inclinou a cabeça. Tiraria a verdade dela depois.

Tharion estava perguntando:

— Toda essa munição que eles descarregaram… A Ophion vai trazer para esta região. Para fazer o quê… armar alguma grande batalha?

— Ninguém me contou — falou Cormac. — Se eles deixarem Pippa reinar livremente, ela vai cometer atrocidades que farão aquele massacre dos leopardos parecer misericórdia.

— Você acha que ela começaria merda em Lunathion? — perguntou Ruhn.

— Não vejo por que trazer armas e mísseis para um chá — disse Tharion, esfregando a mandíbula. Então acrescentou: — Já tinham esta base montada. Há quanto tempo está em Ydra?

— Não tenho certeza — Cormac respondeu.

— Bem, com Pippa à frente, parece que estão prontos para atacar — disse Ruhn.

Hunt falou:

— Não posso deixar que façam isso. Mesmo que eu não estivesse na 33ª, não posso deixar que ataquem pessoas inocentes. Eles querem bater de frente em um campo de batalha enlameado, tudo bem, mas não vou deixar que machuquem ninguém em minha cidade.

— Nem eu — falou Ruhn. — Vou liderar o Aux contra vocês… contra a Ophion. Diga ao Comando que, se fizerem um movimento, podem dar adeus ao contato com Daybright.

Tharion não disse nada. Hunt não o culpava. O tritão precisaria seguir as ordens da Rainha do Rio. Seu rosto, contudo, estava sombrio.

— Se avisar alguém em Lunathion, vão perguntar como você sabe. — Comarc falou.

Hunt observou os corpos caídos contra o parapeito do barco.

— Isso é um risco que estou disposto a correr. E um de nós é um mestre em inventar mentira. — Apontou para Bryce.

Bryce fez uma careta. É, sabia que não estava falando só de tecer mentiras para as autoridades sobre o envolvimento com os rebeldes. *Assim que sairmos daqui,* comunicou silenciosamente, *quero saber tudo o que você sabe.*

Fez outra careta, mesmo que não pudesse ler seus pensamentos. Sua careta se transformou em determinação gélida quando os demais notaram sua expressão. Ergueu o queixo.

— Não podemos deixar os asteri obterem esse traje. Ou a Ophion, principalmente o esquadrão da Ocaso.

Hunt assentiu. Pelo menos naquilo estavam de acordo.

— Vão ficar putos da vida.

— Acho que isso significa um dia normal — disse Bryce, piscando um olho, apesar do rosto pálido. Disse a ele: — Acenda, Hunt.

Cormac se virou:

— Do que vocês…

Hunt não deu ao príncipe tempo de terminar antes de colocar a mão no traje e explodi-lo com seu relâmpago.

* * *

Hunt não se limitou à destruição do traje. Seu relâmpago atingiu os caminhões estacionados. Cada um deles. Bryce não pôde deixar de se maravilhar com a visão, como um deus do relâmpago. Como o próprio Thurr.

Parecia-se *exatamente* com a estatueta que estava em sua mesa algumas semanas antes…

Ruhn berrou para que Bryce se abaixasse, ela obedeceu atingindo o chão, cobrindo a cabeça com os braços conforme caminhão após caminhão explodia na caverna. As paredes tremeram, pedras caíram, e então havia asas bloqueando-a, protegendo-a.

— Há mísseis de enxofre naqueles caminhões! — rugiu Cormac.

Bryce levantou a cabeça quando Hunt apontou para o caminhão intocado marcado como *Vida de Torta*.

— Somente naquele ali. — Devia ter descoberto de alguma forma durante os poucos minutos em que estavam ali. Hunt sorriu maliciosamente para Tharion. — Vamos ver o que você tem, Ketos.

Tharion sorriu de volta, predador puro. O macho por trás da máscara charmosa.

Uma parede de água se chocou contra o caminhão de tortas, fazendo-o cair sobre o cais. O poder de Tharion o puxou ágil e profundamente para baixo, e então criou uma pequena corrente, formando um túnel aberto até o caminhão…

Hunt lançou seu relâmpago em direção ao túnel. A água se fechou depois de passar, cobrindo o caminho do relâmpago conforme o caminhão explodia sob a superfície.

Água respingou pela caverna, Bryce se abaixou de novo.

As pessoas gritavam, correndo do fundo da caverna, armas apontadas para onde os caminhões queimavam, uma parede de chamas lambendo na direção do teto distante da caverna.

— Hora de ir — disse Hunt a Cormac, que os olhava boquiaberto. Não pegara a espada, o que era um bom sinal, mas…

O príncipe se virou para os rebeldes, gritando em meio ao caos:

— Foi um acidente!

Era inútil acobertar o que tinham feito, pensou Bryce, quando Hunt a puxou contra si, as asas abertas em antecipação a uma fuga frenética pela caverna até o ar livre. Como se não fosse esperar que Cormac os teletransportasse.

— Vamos embora — ordenou Hunt a Ruhn, que assumia uma posição defensiva às suas costas. Hunt disse a Tharion: — Se quiser Pippa, é agora ou nunca.

Tharion observou o caos além dos caminhões, os rebeldes avançando com as armas deles. Nenhum sinal de Pippa.

— Não vou correr nem trinta centímetros mais perto daquela merda — murmurou Tharion.

Cormac tinha levantado as mãos ao se aproximar de seus aliados da Ophion. O príncipe gritou para eles:

— O traje ganhou vida, e lançou seu poder…

Um disparo de arma estalou. Cormac caiu.

* * *

Ruhn xingou, e Hunt segurou Bryce com força ao lado do corpo enquanto Cormac se contorcia no chão, a mão no ombro. Nenhum ferimento de saída.

— Merda — xingou Cormac quando Pippa surgiu das sombras. Provavelmente queria o príncipe avalleno para interrogatório.

E se Hunt voasse… seria um alvo fácil. Principalmente quando ainda estava encurralado dentro da caverna, não importava o quanto fosse imensa. Tharion levou a mão a uma faca ao lado do corpo. Água se enroscou em seus longos dedos.

— Não seja burro — avisou Hunt a Tharion. Virou-se para Cormac. — Teletransporte a gente para fora.

— Não posso — disse Cormac, ofegante. — Bala gorsiana.

— Porra — sussurrou Bryce, Hunt se preparou para se arriscar no céu, ao inferno com as balas. Era rápido no voo. Ele a tiraria dali. Então voltaria para ajudar os outros. Só precisava levá-la para um lugar seguro…

Pippa grunhiu do outro lado da caverna:

— Vocês estão todos *mortos*, escória vanir. — Os músculos das costas de Hunt ficaram tensos, as asas se preparando para um salto poderoso para o alto, então uma guinada repentina para a esquerda.

No entanto, Bryce começou a brilhar. Uma luz que irradiava de sua estrela, então para fora do corpo.

— Corram ao meu sinal — disse em voz baixa, deslizando a mão para a de Hunt.

— Bryce — começou Hunt.

Estrelas brilharam no cabelo de Bryce.

— Fechem os olhos, meninos.

Hunt fechou, sem esperar para ver se os demais também faziam isso. Mesmo com os olhos fechados, podia ver luz brilhando, ofuscando. Humanos gritaram. Bryce berrou:

— Vão!

Hunt abriu os olhos para a claridade que se dissipava, agarrando sua mão ainda brilhando, correu na direção da ampla entrada da caverna e do mar aberto.

— Pegue aquele barco! — disse Tharion, apontando para um esquive amarrado alguns metros caverna adentro, provavelmente como tantos rebeldes tinham chegado secretamente.

Hunt pegou Bryce nos braços e saltou para o ar, batendo as asas, chegando ao barco e o desamarrando antes que os outros conseguissem chegar, então ligando o motor. Estava pronto para partir quando entraram, Hunt se certificou de que Bryce estava sentada em segurança antes de avançar.

— Este barco não vai chegar à costa — disse Tharion, pegando a direção. — Vamos precisar parar em um posto de abastecimento.

Cormac olhou para a fumaça que se dissipava ondulando da ampla entrada da caverna. Como se algum gigante estivesse exalando uma tragada de raiz-alegre.

— Eles vão nos caçar e matar.

— Eu gostaria de vê-los tentar — falou Bryce, o vento açoitando seu cabelo. — *Babacas* psicóticos. — Fervilhou para o príncipe: — Você quer lutar ao lado daquela gente? Eles não são melhores do que a porra do Philip Briggs!

Cormac disparou de volta:

— Por que você acha que eu estava fazendo o possível para encontrar Emile? Não quero ele nas mãos dessa gente! Mas isto é uma guerra. Se você não dá conta do jogo, então fique de fora, porra.

— Seus meios não justificam seus fins — retrucou Bryce —, não vai restar nada delas que seja sequer humano!

— Este foi um dia ruim — disse Cormac. — Esse encontro todo…

— *Um dia ruim*? — gritou Bryce, apontando para a caverna em chamas. — Toda aquela gente acaba de ser assassinada! É assim que tratam seus aliados? É isso que vai fazer com a gente quando não

tivermos mais valor para vocês? Nós seremos peões para vocês assassinarem e então vão manipular outras pessoas decentes para que os ajudem? Você é vanir, porra, não está entendendo que vão fazer isso com você também?

Cormac apenas a encarou.

Bryce sibilou para Cormac:

— Você pode ir se foder. Você e Pippa e os rebeldes. Deixe que a Corça despedace vocês. Não quero ter nada a ver com isso. Acabamos. — Disse a Tharion: — E para mim chega de ajudar você e sua Rainha também. Já chega de tudo isso.

Hunt tentou não se curvar de alívio. Talvez agora pudessem lavar as mãos de qualquer associação condenatória.

Tharion não disse nada, a nenhum deles, seu rosto sério.

Bryce se virou para Ruhn:

— Não vou dizer a você o que fazer com sua vida, mas eu pensaria duas vezes antes de me associar com Agente Daybright. Ela vai esfaquear você pelas costas, se a forma como essa gente trata os aliados é algum indicativo.

— É — disse Ruhn, mas não pareceu convencido.

Por um momento, parecia que brigaria com o irmão, mas Bryce se manteve calada. Pensando naquilo, sem dúvida. Junto com qualquer outro segredo que estivesse guardando.

Hunt se virou para monitorar o litoral da ilha. Nenhum barco em seu encalço, não havia nada adiante a não ser mar aberto. Mas…

Ficou imóvel ao ver o elegante cão preto correndo por um dos penhascos secos e brancos da ilha. A pelagem era de um preto fosco estranho.

Conhecia aquele cachorro. Aquele tom específico de preto. Como as asas que ele carregava em sua outra forma. O Cão corria pelos penhascos, latindo.

— Merda — disse Hunt baixinho.

Levantou o braço para sinalizar para o cachorro que o vira. Que vira o macho. O cão apontou com uma pata imensa para o oeste, na direção para onde iam. Latiu uma vez. Como se em aviso.

— Aquele é… — perguntou Ruhn, também vendo o cão.

— Baxian. — Hunt varreu o horizonte oeste. — Vá para o norte, Tharion.

— Se Baxian está naqueles penhascos… — Bryce passou um braço no de Hunt, apertando com força.

Hunt só pensava em um inimigo ao lado do qual Baxian seria convocado para trabalhar.

— A Corça não deve estar longe.



— Você precisa teletransportar a gente daqui — ordenou Bryce a Cormac, que pressionava a mão contra o ombro ensanguentado. — Deixe eu tirar essa bala de gorsiana de você e…

— Não pode. Elas são projetadas para se quebrarem em estilhaços com o impacto para se certificar de que a magia seja suprimida por tanto tempo quanto for possível. Eu vou precisar de cirurgia para tirar até o último estilhaço de mim.

— Como a Corça nos encontrou? — indagou Bryce, respirando rápido.

Cormac apontou para a fumaça.

— Alguém deve ter denunciado que alguma coisa estava acontecendo aqui hoje. E Athalar acaba de informar a ela nossa exata localização.

Hunt fervilhou, relâmpago se acendendo em torno de sua mente como um irmão gêmeo do halo. Bryce segurou seu ombro em aviso, dizendo para Cormac:

— Eu vou tentar, então. Teletransporte.

— Você vai acabar no mar — sibilou Cormac.

— Vou tentar — repetiu, e segurou a mão de Hunt com mais força. Apenas um pouco de culpa a perfurou por ser a mão do anjo e não a

de Ruhn, que Bryce agarrou, mas se fosse preciso… tiraria Hunt dali primeiro.

Tharion interrompeu:

— Eu poderia nos proteger na água, mas precisaríamos entrar primeiro.

Bryce ignorou sua voz quando os outros começaram a discutir, então…

— *Porra* — grunhiu Hunt, antes mesmo de abrir os olhos, Bryce soube que a Corça tinha aparecido no horizonte. Armas estalaram de longe, a um ritmo constante, mas Bryce manteve os olhos fechados, desejando se concentrar. Hunt falou: — Eles querem me impedir de voar.

Ruhn perguntou:

— Eles sabem quem somos?

— Não — disse Cormac —, mas a Corça sempre tem franco-atiradores para fazer isso. Se você for para o ar — disse a Hunt quando Bryce trincou os dentes, *ordenando* seu poder a movê-los dali — vai ficar vulnerável.

— Podemos chegar à próxima ilha antes de nos alcançarem? — perguntou Ruhn a Tharion.

Tharion vasculhou o compartimento ao lado do leme.

— Não. Eles estão em um barco mais rápido. Vão chegar até nós quando alcançarmos o mar aberto. — Pegou os binóculos. — Uns bons três quilômetros do litoral.

— Merda — falou Ruhn. — Continue. Fugiremos até que não haja outra opção.

Bryce tentou acalmar sua respiração frenética. Hunt apertou sua mão em encorajamento, o relâmpago faiscando em seus dedos, mas Cormac disse, em voz baixa:

— Você não consegue fazer isso.

— Eu consigo. — Abriu os olhos, piscando para a luminosidade. Aquele era um lugar tão lindo para se morrer, com o mar turquesa e as ilhas brancas atrás deles.

— Pollux e a Harpia estão com a Corça — anunciou Tharion, abaixando os binóculos.

— Abaixem-se — avisou Hunt, já abaixando-se. Todos obedeceram, a água no piso do barco ensopando os joelhos da legging de Bryce. —

Se nós podemos vê-los, eles podem nos ver.

— Você diz isso como se houvesse alguma chance de a gente, de alguma forma, sair disso sem sermos vistos — murmurou Bryce. Disse para Tharion: — Você pode nadar. Inferno, dê o fora daqui.

— De jeito nenhum. — O vento soprava o cabelo ruivo do tritão conforme saltavam sobre as ondas, o barco guiado por uma corrente de seu poder. — Estamos nisso até o amargo fim, Pernas. — Então o tritão enrijeceu e rugiu: — *Para dentro da água*!

Bryce não questionou. Atirou-se pelo lado do barco, Hunt mergulhando junto, asas respigando água longe. Os outros seguiram. Tharion usou sua magia da água para impulsioná-los para uma distância segura, uma onda de poder que fez Bryce se engasgar quando emergiu, os olhos ardendo com sal.

Bem quando uma coisa imensa e brilhante disparou abaixo de suas pernas.

O torpedo atingiu o barco.

O tremor na água ondulou por ela, Tharion os impulsionou mais adiante quando o barco explodiu em cacos, uma nuvem de respingos disparando alto no céu.

Então afundou, um campo de destroços e ondas fustigantes deixadas em seu rastro.

Expostos e à deriva na água, Bryce procurou qualquer lugar para ir. Hunt fazia o mesmo.

— Ah, deuses. — Ruhn disse.

Bryce olhou para onde seu irmão batia os pés debaixo da água. Contemplou as gigantescas silhuetas pretas que se dirigiam até eles.

Barcos ômega.

* * *

Ruhn jamais na vida se sentira tão inútil quanto se sentia ao bater os pés debaixo da água, espuma passando, Ydra distante às suas costas, a ilha seguinte nem um borrão no horizonte.

Mesmo que Athalar conseguisse ir para o ar com asas molhadas, franco-atiradores esperavam para derrubá-lo… e derrubar Bryce.

Cormac não podia se teletransportar, Tharion podia movê-los um pouco com sua água, mas contra três barcos ômega…

Encontrou o olhar de Hunt por cima das ondas oscilantes, o rosto encharcado do anjo estava sombrio com determinação. Perguntou:

— Sombras?

— O sol está forte demais. — E as ondas os moviam demais.

Dois dos barcos ômega se desviaram para Ydra, presumivelmente para impedir que qualquer barco da Ophion escapasse. Isso, no entanto, ainda deixava um imenso submergível contra eles. E a Corça, a Harpia e o Martelo naquela lancha que se aproximava.

Assim que seus rostos ficassem nítidos, seria o fim. Os antigos triários de Sandriel saberiam quem eles eram, e todos estariam mortos. O Cão do Inferno, aparentemente, havia tentado ajudá-los, mas o resto daqueles canalhas…

— Saia daqui — ralhou Bryce com Tharion de novo.

Tharion balançou a cabeça, água respingando.

— Se Athalar pode derrubar os barcos deles…

— Eu não posso — interrompeu Hunt, Ruhn ergueu as sobrancelhas. Hunt explicou: — Mesmo que isso não entregasse minha identidade, vocês estão na água comigo. Se eu liberar meu relâmpago…

— A gente frita. — Ruhn concluiu.

Hunt disse a Bryce:

— Você também não pode cegá-los. Vão saber que é você.

— Esse é um risco que estou disposta a correr — replicou, batendo os pés na água. — Relâmpago eles vão saber que é você. Mas uma descarga de luz forte… há mais formas de explicar. Eu posso cegá-los, e, quando estiverem no chão, nós tomamos o barco deles.

Hunt assentiu sombriamente, mas Ruhn replicou:

— Isso não resolve o barco ômega. Ele não tem janelas.

— Vamos arriscar — disse Hunt.

— Certo. — Bryce se concentrou no esquadrão da morte que se aproximava. — Quanto deixamos eles se aproximarem?

Hunt olhou para os inimigos deles.

— Perto o bastante para conseguirmos saltar a bordo quando sua visão for ofuscada.

— Então perto para cacete. — Ruhn murmurou.

Bryce exalou.

— Tudo bem, tudo bem. — Luz começou a piscar do peito dela, concentrando-se, projetando a água ao seu redor no mais pálido azul. — Só me diga quando — disse a Hunt.

— Alguém está vindo — falou Tharion, apontando com a mão em garra para a frota. Uma moto aquática se afastou da lancha. Uma cabeça loira familiar apareceu no alto dela, quicando sobre as ondas.

— A Corça — disse Cormac, empalidecendo.

— Pelo menos ela está sozinha.

— Lá vai nosso plano — sibilou Bryce.

— Não — disse Hunt, embora relâmpago começasse a brilhar nos olhos dele. Solas Flamejante. — Nós mantemos o plano. Ela está vindo conversar.

— Como você sabe disso?

Hunt grunhiu:

— Os outros ficaram para trás.

Ruhn perguntou, odiando o fato de não saber:

— Por que a Corça faria isso?

— Para nos atormentar — supôs Cormac. — Ela brinca com inimigos antes de massacrá-los.

Athalar disse a Bryce, o general encarnado:

— Cegue-a quando eu der o sinal. — Ordenou a Tharion: — Use uma de suas facas assim que ela cair. — O tritão sacou uma lâmina. A luz de Bryce tremeluziu na água, alcançando as profundezas.

O ômega reduziu a velocidade atrás da Corça, mas continuou espreitando mais perto.

— Não digam nada — avisou Cormac a eles quando a moto aquática ficou mais lenta, o motor se aquietando.

Então a Corça estava ali, em seu impecável uniforme imperial, as botas pretas brilhando na água. Nem um fio de cabelo na cabeça dourada estava fora do lugar, seu rosto era o retrato da calma cruel quando falou:

— Que surpresa.

Nenhum deles disse uma palavra.

A Corça passou uma das pernas esguias por cima da moto aquática, sentando-se de lado e apoiando os cotovelos nos joelhos. O delicado queixo sobre as mãos.

— Essa é a parte divertida do meu trabalho, sabem. Encontrar os ratos que mordiscam a segurança de nosso império.

Um rosto tão morto, odioso. Como se fosse uma estátua, perfeita e entalhada, trazida à vida.

A Corça assentiu para Bryce, no entanto. Os lábios vermelhos se curvaram para cima.

— Essa luzinha é para mim?

— Chegue mais perto e descubra — disse Bryce, o que lhe garantiu um olhar de aviso de Hunt. O que ele estava esperando?

A Corça, no entanto, observou Tharion.

— Sua presença é… inquietante.

A água ao seu redor se agitou, incitada por sua magia, mas o tritão se manteve calado. Por algum motivo, ainda não tinha se transformado. Seria alguma tentativa de permanecer irreconhecível pelo que era? Ou talvez um instinto predatório de esconder uma das maiores vantagens até que pudesse atacar?

Lidia Cervos observou Tharion de novo.

— Fico feliz ao ver que o Capitão da Inteligência da Rainha do Rio é, de fato, inteligente o bastante para saber que, se usasse seu poder para fazer algo idiota como virar esta moto aquática, meus companheiros liberariam o Inferno sobre todos vocês.

Tharion exibiu os dentes, ainda sem atacar.

Então a Corça encontrou o olhar de Ruhn, e tudo o que era se diluiu em puro ódio letal.

Ele a mataria, e faria isso com prazer. Se conseguisse subir naquela moto aquática antes de Tharion, rasgaria seu pescoço com os dentes.

— Dois príncipes feéricos — ronronou a Corça. — Príncipes Herdeiros, nada menos. O futuro das linhagens reais. — Emitiu um clique com a língua. — Sem falar que um deles é herdeiro Estrelado. Que escândalo isso vai ser para os feéricos. Que vergonha isso vai trazer.

— O que você quer? — desafiou Hunt, o relâmpago percorrendo seus ombros. Bryce se virou em sua direção alarmada, Ruhn ficou tenso.

O poder de Athalar brilhava no alto de suas asas, entrelaçando-se em seu cabelo. Cada fôlego parecia conjurar mais dele, mantendo-o bem acima do alcance das ondas. Preparando-se para o ataque.

— Eu já tenho o que quero — disse a Corça, friamente. — Prova de sua traição.

A luz de Bryce cintilou e se acumulou, ondulando nas profundezas abaixo. E Hunt… se soltasse seu poder, eletrocutaria todos eles.

Ruhn disse para sua irmã, entre mentes: *Entre naquela moto aquática e fuja.*

Foda-se isso. Bryce fechou a mente para ele.

A Corça levou a mão ao bolso e o relâmpago acima de Athalar se acendeu, um chicote se preparando para atingir qualquer que fosse a arma que a metamorfa de cervo possuísse. Mesmo assim, não deu o sinal.

A Corça tirou de dentro uma pequena pedra branca. E a ergueu.

Sutilmente sorriu para Cormac.

— Eu mostrei uma dessas a Sofie Renast antes de ela morrer, sabe. Fiz esta mesma demonstração.

Morrer. A palavra pareceu ecoar pela água. A metamorfa tinha realmente a matado, então.

Cormac disparou:

— Vou despedaçar você.

A Corça riu baixinho.

— De onde eu estou sentada, não vejo muita chance disso. — Estendeu o braço sobre a água. Seus dedos finos e de unhas feitas se abriram, e a pedra mergulhou. Deixou apenas uma ondulação na água conforme desceu, desceu e desceu, reluzindo branca na luz de Bryce, sumindo nas profundezas.

— Um longo caminho até o fundo — observou sarcasticamente. — Eu me pergunto se vocês vão se afogar antes de o alcançarem. — O barco ômega se aproximou.

— Escolham com sabedoria — cantarolou a Corça. — Venham comigo — disse a Hunt, a Bryce —, ou vejam o que o leito do mar tem a oferecer.

— Vai se foder — fervilhou Hunt.

— Ah, eu planejo, depois que isto acabar — disse sorrindo maliciosamente.

O relâmpago de Hunt piscou de novo. Brilhou em seus olhos. Merda… Athalar estava caminhando em uma corda bamba de autocontrole.

Bryce murmurou o nome de Hunt em aviso. Hunt a ignorou, mas Tharion xingou baixinho.

O que é?, perguntou Ruhn ao macho, que não olhou em sua direção quando Tharion respondeu: *Alguma coisa grande. Vindo na nossa direção.*

Não o barco ômega?

Não. É… Que porra é essa?

— Rápido, então — disse a Corça, arrastado. — Não há muito tempo.

Relâmpago envolveu a cabeça de Hunt. O coração de Ruhn perdeu uma batida quando ficou ali, como uma coroa, fazendo de Hunt um deus primitivo ungido. Disposto a matar qualquer um em seu caminho para salvar a fêmea que amava. O anjo fritaria cada um se isso significasse tirar Bryce dali com vida.

Alguma parte intrínseca de Ruhn tremeu diante daquilo. Sussurrando que deveria ir para bem longe e rezar por misericórdia.

Ainda assim, Bryce não recuou do poder de fraquejar os joelhos que crescia em torno de Athalar. Como se o visse por inteiro e o acolhesse em seu coração.

Hunt, os olhos nada além de puro relâmpago, assentiu para Bryce. Como se para dizer: *Cegue a escrota.*

Bryce respirou fundo e começou a irradiar luz.

* * *

Alguma coisa sólida e metálica atingiu as pernas de Bryce, seus pés, e, antes que pudesse liberar sua luz completamente, foi erguida com aquilo. Quando a água escorreu, estava deitada no casco de um barco ômega.

Não, não era imperial. A insígnia nele era de dois peixes entrelaçados.

Hunt estava deitado ao seu lado, as asas pingando encharcadas, relâmpago ainda estalando a sua volta. Seus olhos…

Porra, seus olhos. Puro relâmpago os preenchia. Nenhuma parte branca, nenhum íris. Nada além de relâmpago.

Aquilo se partiu ao seu redor, gavinhas se enroscando em seus braços, sua testa. Bryce teve a vaga sensação dos demais às suas costas, mas mantinha o foco em Hunt.

— Hunt — arquejou. — Calma.

Hunt grunhiu na direção da Corça. Relâmpago fluía como línguas de chamas de sua boca. A Corça recuara, dando marcha a ré em sua moto aquática, voltando na direção da fileira de seus barcos. Como se soubesse que tipo de morte Hunt estava prestes a liberar sobre ela.

— *Hunt* — disse Bryce, mas alguma coisa metálica ressoou contra a ampla frente da embarcação, e então uma voz feminina estava gritando:

— *Desçam pela escotilha! Agora!*

Bryce não questionou a boa sorte deles. Não se importou que a Corça os tivesse visto, e que tivessem deixado a destruidora de espiões viver. Ficou de pé, escorregando no metal, mas Hunt estava ali, a mão sob seu cotovelo. Seu relâmpago dançou pelo braço, fazendo cócegas, mas sem machucar. Seus olhos ainda estavam incandescentes com poder quando avaliaram a fêmea desconhecida adiante, que, para o crédito dela, não saiu correndo gritando.

Bryce olhou para trás e encontrou Ruhn ajudando Cormac. Tharion atrás deles, uma onda de água agora se erguendo entre ele e a Corça. Escondendo-os da vista da lancha que se aproximava, com Pollux e Harpia ali.

Não importava mais. A Corça sabia.

Uma fêmea de cabelos pretos acenava para eles de uma escotilha no meio da imensa extensão da embarcação, tão grande quanto um barco ômega. A pele marrom brilhava com respingos do oceano, o rosto estreito contraído por uma calma sombria quando indicou para que se apressassem.

No entanto, o relâmpago de Hunt não se acalmou. Bryce sabia que não acalmaria, até que tivessem certeza de que porra estava acontecendo.

— Rápido — disse a fêmea, quando Bryce chegou à escotilha. — Nós temos menos de um minuto para sair daqui. — Bryce agarrou os degraus de uma escada e se impulsionou para baixo, Hunt logo atrás dela. A fêmea xingou, provavelmente diante da visão do atual estado de Hunt.

Bryce continuou descendo. Relâmpago serpenteava pela escada, mas não dava choque. Como se Hunt estivesse se controlando.

Um após o outro, entraram, e a fêmea mal fechara a escotilha quando o navio estremeceu e balançou. Bryce agarrou a escada quando a embarcação submergiu.

— Estamos mergulhando! — gritou a fêmea. — Segurem-se!

O estômago de Bryce se revirou com a embarcação, mas continuou descendo. Pessoas perambulavam abaixo, gritando. Pararam quando o relâmpago de Hunt avançou pelo chão. Uma vanguarda do que estava por vir.

— Se eles forem da Ophion, estamos fodidos — murmurou Ruhn de cima de Hunt.

— Só se souberem o que fizemos — sussurrou Tharion da ponta do grupo.

Bryce controlou sua luz com cada passo para baixo. Entre enfrentar dois inimigos agora em seu pescoço, preferiria a Ophion, mas… Será que conseguiriam tomar aquela embarcação se precisassem? Será que poderiam fazer isso sem afogar a eles e aos amigos?

Desceu em uma câmara branca limpa e luminosa, uma câmara de pressurização. Fileiras de trajes submarinos a cobriam, junto com várias pessoas de uniformes azuis diante da porta. Tritões. A fêmea que os escoltara se juntou aos demais que os esperavam.

Uma fêmea de cabelo marrom e largos quadris deu um passo adiante, avaliando Bryce.

Seus olhos se arregalaram quando Hunt desceu para o chão molhado, o relâmpago fluindo ao seu redor. A fêmea teve o bom senso de erguer as mãos. As pessoas atrás dela também.

— Não queremos fazer mal a vocês — disse, com calma firme.

Hunt não recuou de qualquer que fosse a ira primordial que tomava conta de si. A respiração de Bryce falhou.

Ruhn e Cormac desceram do outro lado de Bryce, a fêmea também os avaliou, o rosto contraído quando notou o príncipe avalleno ferido, que se apoiava em Ruhn. Sorriu quando Tharion entrou à direita de Hunt. Como se tivesse encontrado alguém de juízo naquela merda gigantesca que tinha acabado de descer pela escotilha.

— Você nos chamou? — perguntou a Tharion, olhando nervosa para Hunt.

Bryce murmurou para Hunt:

— Calma, porra.

Hunt encarou cada um dos estranhos, como se avaliando uma vítima. Relâmpago chiava por seus cabelos.

— Hunt — murmurou Bryce, mas não ousou tocar em sua mão.

— Eu… — Tharion afastou os olhos arregalados de Hunt e piscou para a fêmea. — O quê?

— Nosso Oráculo sentiu que seríamos necessários em algum lugar nestas redondezas, então viemos. Então recebemos sua mensagem — disse, tensa, um olho ainda fixo em Hunt. — A luz.

Ruhn e Tharion se viraram para Bryce, Cormac quase um peso morto de exaustão nos braços de seu irmão. Tharion sorriu toscamente.

— Você é um pingente da sorte, Pernas.

Foi o golpe de sorte mais idiota que já tivera. Bryce falou:

— Eu, hã… Eu mandei a luz.

O relâmpago de Hunt estalou, uma segunda pele sobre o seu corpo, suas roupas encharcadas. Não mostrava nenhum sinal de que se acalmaria. Bryce não fazia ideia de *como* acalmá-lo.

Era assim que ele estava naquele dia com Sandriel, disse Ruhn em sua mente. *Quando arrancou a cabeça dela.* Acrescentou, tenso: *Você estava em perigo também.*

E o que isso quer dizer?

Por que você não me diz?

Você parece saber que porra está acontecendo com ele.

Ruhn olhou para ela conforme Hunt continuou a brilhar e ameaçar. *Significa que ele está ficando transtornado da forma que apenas parceiros ficam quando o outro é ameaçado. Foi o que aconteceu então, e é o que está acontecendo agora. Vocês são parceiros verdadeiros, da forma como os feéricos são parceiros, de corpo e alma. Era isso que estava diferente no seu cheiro no outro dia. Seus cheiros se misturaram. Como fazem entre parceiros feéricos.*

Bryce olhou com irritação de volta para o irmão. *E daí?*

Então encontre um modo de acalmá-lo. Athalar é a porra de seu problema agora.

Bryce mandou uma imagem mental de seu dedo médio em resposta.

A sereia esticou os ombros, alheia à conversa de Ruhn e Bryce, e disse a Tharion:

— Não saímos desta ainda. Há um ômega em nosso encalço. — Falou como se Hunt não fosse uma tempestade de raios viva a sessenta centímetros dela.

O coração de Bryce se apertou. Parceiros verdadeiros. Não só no nome, mas… na forma como feéricos podiam ser um do outro.

Ruhn falou: *Athalar era perigoso antes. Mas, como um macho que achou sua parceira, ele é absolutamente letal.*

Bryce replicou: *Ele sempre foi letal.*

Não assim. Não há misericórdia nele. Ele ficou letal de um jeito feérico.

Daquele jeito predatório de mate-todos-os-inimigos. *Ele é um anjo.*

Não parece importar.

Um olhar para o rosto tenso de Hunt e soube que Ruhn estava certo. Alguma pequena parte em si animou-se com aquilo, que tivesse descido tão longe até um instinto primitivo para tentar salvá-la.

Alfa babacas podem ser úteis, disse a seu irmão com uma coragem que não sentia, e voltou para a conversa adiante.

Tharion dizia à fêmea:

— Capitão Tharion Ketos da Corte Azul, a seu serviço.

A fêmea bateu continência quando as pessoas com ela abriram uma porta selada a vácuo que revelava um corredor de vidro. Azul se estendia em torno dele, uma passagem pelo oceano. Alguns peixes dispararam, ou a embarcação disparou pelos peixes. Mais rápido do que Bryce tinha se dado conta.

— Comandante Sendes — disse a fêmea.

— De que corte de tritões você vem? — perguntou Bryce. Hunt caminhou ao lado dela, silencioso e incandescente de poder.

A Comandante Sendes olhou por cima do ombro, o rosto ainda um pouco pálido ao ver Hunt.

— Desta aqui. — Sendes indicou a passarela de vidro em torno deles, a gigantesca embarcação que Bryce agora podia ver através dela.

Não tinham entrado pela traseira plana de uma embarcação, como Bryce pensara, mas pela ponta. Como se a embarcação tivesse

perfurado a superfície como uma lança. E agora, com uma visão do resto da embarcação se expandindo além, abaixo, da passagem de vidro, o que podia ver parecia ter formato de algum tipo de lula disparando escuridão abaixo. Uma lula tão grande quanto o Comitium, e feita de vidro e metal fosco para se camuflar.

Sendes ergueu o queixo.

— Bem-vindos ao *Cargueiro das Profundezas*. Um dos seis navios-cidade da Corte das Profundezas da Rainha do Oceano.



— Tudo bem, então você vai ser acusado de invasão e provavelmente roubo. Diga mais uma vez por que acha que ainda tem razão para ir atrás desse velho esquisito? — O namorado de Declan, Marc, estava encostado nas almofadas do sofá, os braços musculosos cruzados conforme interrogava Ithan.

Ithan exalou.

— Quando você fala dessa forma, eu consigo ver o que quer dizer com ser um caso difícil de ganhar.

Flynn e Declan, ao lado deles, tentavam se matar em um videogame, ambos xingando baixinho.

— É admirável — admitiu Marc. O metamorfo de leopardo franziu para a pequena caixa preta que Ithan tinha levado da toca do Astrônomo. — Mas você acabou de mergulhar em merda até os joelhos.

— Não é certo que ela esteja presa lá. Que escolha ela teve quando criança?

— Nenhuma objeção minha em relação a isso — falou Marc. — Mas há um contrato legal envolvido, então ela é tecnicamente propriedade do Astrônomo. Ela não é uma escravizada, mas pode

muito bem ser, legalmente. E roubo de escravizados é um crime grave para caralho.

— Eu sei — disse Ithan. — Mas parece errado deixá-la lá.

— Então você levou os duendes de fogo no lugar dela? — Marc arqueou a sobrancelha. — Quer adivinhar quanto eles valem? — Assentiu para a caixa no centro da mesa. — Em que sequer estava pensando?

— Eu não estava pensando — murmurou Ithan, tomando um gole da cerveja. — Eu estava puto.

Declan o interrompeu, sem tirar a atenção da tela e do tiroteio:

— Mas não havia câmeras, certo?

— Nenhuma que eu tenha visto.

— Então tudo se resume a se a menina no tanque vai delatar você — falou Declan, os polegares disparando contra o controle. Flynn xingou para o que quer que Dec tivesse feito com o seu avatar.

— Você poderia devolvê-los — sugeriu Marc. — Diga que estava bêbado, peça desculpas, e mande-os de volta.

Ithan abriu a boca, mas a caixa na mesa chacoalhou.

Chacoalhou. Como se os seres ali dentro tivessem ouvido. Até mesmo Declan e Flynn pararam o jogo.

— Hã — disse Declan, se encolhendo.

— OI? — disse Flynn, olhando para a caixa.

O objeto chacoalhou de novo. Todos se encolheram.

— Bem, alguém tem uma opinião — falou Marc, rindo baixinho, e se inclinou para a frente.

— Cuidado — avisou Dec. Marc lançou a ele um olhar sarcástico e abriu a caixa preta.

Luz, dourada e vermelha, irrompeu, banhando as paredes e o teto. Ithan protegeu os olhos, mas a luz foi imediatamente sugada de volta para dentro, revelando quatro anéis aninhados em veludo preto, as minúsculas bolhas de vidro sobre eles brilhando.

O brilho do lado de dentro se apagou mais e mais, até que…

Declan e Marc se olharam horrorizados.

— Por Solas — xingou Flynn, deixando o controle de lado. — Aquele velho de merda devia ser crucificado por isso.

— Tudo bem — murmurou Marc para Ithan. — Entendo por que você os pegou.

Ithan grunhiu em resposta, e olhou para as quatro figuras fêmeas dentro dos anéis. Jamais conhecera Lehabah pessoalmente, pois Bryce jamais o deixara entrar na biblioteca sob a galeria, mas vira as fotos da amiga.

Três das duendes eram exatamente como ela: chamas em formato de corpo feminino. Duas eram magras, uma tão luxuriantemente curvilínea quanto Lehabah fora. O quarto globo era puro fogo.

Aquele quarto anel chacoalhou. Ithan se encolheu. Aquela tinha sido obviamente a que tinha sacudido a caixa.

— Então nós as deixamos sair? — perguntou Flynn, estudando a caixa e as duendes presas nela.

— Porra, sim, deixamos — disse Declan, ficando de pé.

Ithan encarou as duendes, principalmente a quarta e radiante que parecia tão… revoltada. Não a culpava. Murmurou para os colegas de apartamento:

— Vocês têm certeza de que estão tranquilos com libertarem um bando de duendes de fogo em nossa casa?

Flynn o dispensou com um gesto.

— Temos alarmes de fumaça e aspersores de água.

— Não estou certo disso — disse Marc.

— Peguei — gritou Declan, voltando da cozinha com um martelo.

Marc esfregou as têmporas e encostou nas almofadas.

— Isso não pode acabar bem.

— Tu, de tão pouca fé — disse Flynn, pegando o martelo quando Declan o jogou.

Ithan se encolheu.

— Apenas… tome cuidado.

— Não acho que essa palavra está no vocabulário de nenhum deles dois — brincou Marc, o que lhe garantiu uma cotovelada nas costelas de Declan, quando o macho se acomodou no sofá ao lado dele.

Flynn puxou a caixa em sua direção e disse para as duendes:

— Protejam a cabeça. — As três que estavam visíveis se agacharam. A quarta permaneceu uma bola de chamas, mas se encolheu levemente.

— Cuidado — avisou Ithan de novo. Flynn, com um gesto do pulso, quebrou o alto do primeiro anel. Rachou, Flynn bateu de novo.

Quebrou-se em três pedaços na terceira batida do martelo, mas a duende permaneceu agachada.

Flynn se moveu para a seguinte, então a outra.

Quando abriu o terceiro anel, as duendes estavam colocando as cabeças de fogo para fora como pintinhos saindo dos ovos. Flynn moveu o martelo acima da quarta. E, quando a ferramenta desceu, Ithan podia jurar que uma delas gritou, com a voz quase rouca demais para ser ouvida:

— *Não!*

Tarde demais.

Só foi preciso uma rachadura, e a chama de dentro disparou para fora, rompendo o vidro.

Todos saltaram por cima do sofá com um grito, e, *porra*, o ambiente ficou quente e luminoso, o vento rugia e alguma coisa guinchava…

Então algo pesado bateu na mesa de centro. Ithan e os demais olharam por cima do sofá.

— Que porra? — sussurrou Flynn, fumaça se enroscando de onde os ombros de sua camisa tinham sido chamuscados.

As três duendes se encolheram em suas órbitas estilhaçadas. Todas se encolhendo perante a fêmea nua do tamanho de um humano, que queimava na mesa de centro ao lado delas.

A fêmea esticou os braços, o cabelo como o ferro mais escuro caindo em ondas cacheadas em torno do rosto de suas feições delicadas. O corpo fervilhava, a mesa de madeira sob ela se queimava em toda parte que sua forma nua e exuberante tocava. Levantou a cabeça, e seus olhos… Inferno.

Brilhavam como carmesim. Mais como sangue fervendo do que chamas.

Suas costas moviam-se com dificuldade com cada fôlego longo e cortante, ondas do que pareciam ser escamas vermelhas e douradas fluindo sob a pele dela.

— Ele vai matar você — disse com a voz rouca pelo desuso. Seus olhos, no entanto, não estavam em Ithan. Estavam em Flynn, o martelo erguido de novo, como se fosse adiantar contra o tipo de fogo que ela empunhava. — Ele vai encontrar e matar você.

Mesmo assim, Flynn, o babaca burro e arrogante que era, ficou de pé e sorriu alegremente para a fêmea cheia de curvas na mesa de centro.

— Que bom que uma dragoa agora tem uma dívida comigo.

* * *

Athalar era uma bomba-relógio, uma que Ruhn não tinha ideia de como desarmar. Supunha que essa honra era de sua irmã, que se mantinha a um passo de distância do anjo, um dos olhos nele, o outro na corrida que se desenvolvia até o leito do mar.

A irmã dele encontrara seu *parceiro*. Era bastante raro entre os feéricos, mas encontrar um parceiro que fosse um anjo… A mente dele estava zonza.

Ruhn afastou o pensamento, aproximando-se da Comandante Sendes e dizendo:

— Não estou ouvindo nenhum ruído de motor.

— E não vai — disse Sendes, abrindo a porta de uma câmara de pressurização no fim de um longo túnel de vidro. — Estes são navios camuflados, abastecidos pelo poder da Rainha do Oceano.

Tharion assoviou, então perguntou:

— Então acha que pode correr mais do que um ômega em algo deste tamanho?

— Não. Mas não vamos correr mais do que ele. — Apontou para uma parede de vidro espesso para a escuridão abaixo. — Vamos para o cânion Ravel.

— Se vocês couberem — desafiou Ruhn, levantando Cormac um pouco mais alto quando o macho gemeu —, então os barcos ômega também vão caber.

Sendes deu a ele um sorriso enigmático, que escondia alguma coisa.

— Observe.

Ruhn assentiu para o príncipe pendurado em seu ombro.

— Meu primo precisa de uma medbruxa.

— Uma já está a caminho de nos encontrar — disse Sendes, abrindo outra câmara de pressurização. O túnel adiante era imenso,

com corredores que se ramificavam em três direções como as artérias de uma besta poderosa. O corredor diretamente adiante… — Bem, essa é uma vista e tanta — murmurou Ruhn.

Um biodomo cavernoso se abria no fim do corredor, cheio de árvores tropicais exuberantes, córregos serpenteando pelo solo coberto de samambaias e orquídeas florescendo na neblina espiralada. Borboletas esvoaçavam ao redor, e beija-flores bebiam de orquídeas e flores de cor néon. Jurava que vira uma pequena besta peluda correndo sob uma samambaia caída.

— Temos dessalinizadores neste navio — explicou Sendes, apontando para o biodomo —, mas, se falharem, este é um ecossistema totalmente separado que gera a própria água potável.

— Como? — perguntou Tharion, mas Sendes tinha parado na interseção dos três corredores. — A Rainha do Rio tem um semelhante, mas nada que consiga fazer isso.

— Duvido que seu amigo sangrando queira explicação longa agora — falou Sendes, virando no corredor à direita deles. Pessoas, tritões, pelo cheiro, passaram por eles, alguns olhando boquiabertos, alguns lançando olhares confusos, alguns acenando para Sendes, que acenava de volta.

Os arredores tinham o ar de um prédio corporativo, ou de um quarteirão da cidade. Pessoas cuidando de suas vidas vestindo roupas casuais ou de trabalho, algumas se exercitando, outras bebendo de xícaras de café ou shakes.

Bryce virava a cabeça de um lado para outro, absorvendo tudo. Athalar apenas continuava estalando com relâmpago.

— Ninguém está preocupado com quem está no nosso encalço? — perguntou Ruhn a Sendes.

Parou diante de outra imensa janela, novamente apontando.

— Por que deveriam?

Ruhn firmou os pés quando a embarcação mergulhou direto para uma parede escura e rochosa que se elevava do leito do mar. Com a facilidade de um pássaro mudando de direção, no entanto, a comandante se posicionou lado a lado com a parede e flutuou para baixo, então parou e ficou pairando.

Ruhn balançou a cabeça.

— Eles vão nos encontrar assim.

— Olhe para o corpo da embarcação.

Pressionado contra o vidro, com Cormac como um lastro do seu outro lado, Ruhn obedeceu. Onde havia uma embarcação gigantesca, agora… só havia rocha preta. Nada mais.

— O navio pode ficar invisível?

— Não invisível. Camuflado. — Sendes sorriu com orgulho. — A Rainha do Oceano imbuiu suas embarcações com muitos dons dos mares. Esta aqui tem a habilidade de uma lula de se misturar aos arredores.

— Mas a luzes do lado de dentro… — começou Tharion.

— O vidro só permite enxergar de um lado. Bloqueia a luz e qualquer lampejo do lado de dentro depois que a camuflagem é ativada.

— E quanto a radar? — perguntou Ruhn. — Vocês podem ser invisíveis a olho nu, mas certamente as embarcações imperiais captariam vocês.

Outro daqueles sorrisos orgulhosos.

— De novo, o poder da Rainha do Oceano abastece nossa embarcação, não a primalux que o radar ômega está programado para captar. Nós não registramos sinal de vida também, nem mesmo como uma baleia ou um tubarão poderiam aparecer em um radar. Somos completamente indetectáveis. Para um barco ômega passando, somos apenas um monte de rochas.

— E se baterem em vocês? — perguntou Tharion.

— Podemos simplesmente flutuar para cima ou para baixo, para evitar. — Apontou de novo. — Aí vem eles.

O coração de Ruhn saltou para sua garganta. O relâmpago de Athalar serpenteou por seu corpo mais uma vez. Bryce murmurou alguma coisa que aparentemente não fez nada para acalmar o anjo.

Ruhn, contudo, estava ocupado demais monitorando a aproximação do inimigo. Como um lobo saindo das sombras de uma floresta de algas marinhas, o barco ômega avançou para o cânion. A primalux nele se acendia na escuridão, anunciando sua localização.

As pessoas continuavam passando, algumas olhando para o inimigo que se aproximava, mas sem dar muita atenção.

Que porra era aquela?

A embarcação imperial mergulhou logo atrás deles. Um lobo à caça, de fato.

— Observe — falou Sendes.

Ruhn segurou o fôlego, como se de alguma forma evitasse que fossem detectados, enquanto o barco ômega espreitava para mais perto. Uma varredura lenta e estratégica.

Conseguia discernir a pintura nas suas laterais, a insígnia imperial descascando, os cortes e amarrados de batalhas anteriores. No casco estava escrito *SPQM Faustus*.

— O *Faustus* — sussurrou Tharion, com pesar na voz.

— Você conhece a embarcação? — perguntou Sendes.

— Já ouvi falar — disse Tharion, monitorando o navio de guerra que passavam lentamente. Completamente alheio a eles. — Essa embarcação sozinha derrubou dezesseis navios rebeldes.

— Pelo menos mandaram alguém impressionante atrás da gente desta vez — falou Sendes.

Tharion passou a mão pelo cabelo úmido, as garras se retraindo.

— Estão passando direto pela gente. Isso é incrível.

Cormac resmungou, agitando-se nos braços de Ruhn:

— A Ophion sabe sobre isso?

Sendes enrijeceu.

— Não estamos alinhados com a Ophion. — Ainda bem, porra. Bryce relaxou, e o relâmpago de Hunt diminuiu levemente.

— E quanto aos asteri? Eles sabem dessa tecnologia? — perguntou Ruhn, indicando a embarcação próxima a eles, agora sumindo nas profundezas, o barco ômega passando imperceptivelmente acima.

Sendes continuou caminhando, e eles a seguiram.

— Não. E, considerando as circunstâncias sob as quais nós encontramos vocês, confio que não vão passar informações. Assim como nós manteremos a presença de vocês confidencial.

Se foder com a gente, nós fodemos com você.

— Entendi — falou Ruhn, oferecendo um sorriso que Sendes não retornou. A embarcação começou a flutuar mais longe para as profundezas do cânion.

— Aqui está ela — anunciou Sendes, quando uma medbruxa veio correndo, uma equipe de três com uma maca em seu encalço.

— Cthona me poupe — murmurou Cormac, conseguindo levantar a cabeça. — Não preciso de tudo isso.

— Sim, precisa — disseram Tharion e Ruhn juntos.

Se a medbruxa e a equipe os reconheceram, não demonstraram. Os próximos minutos foram um borrão entre colocar Cormac na maca e ser levado às pressas para o centro médico, com uma promessa de que sairia da cirurgia em uma hora, e poderiam vê-lo logo na sequência.

Em meio a tudo aquilo, Bryce se manteve atrás com Athalar. Relâmpago ainda deslizava por suas asas, faiscando nas pontas dos dedos.

Calma disse Ruhn na mente de Athalar.

Tempestades de relâmpago ecoaram em resposta.

Tudo bem, então.

O navio-cidade começou a navegar pelo leito do cânion, o fundo do mar incomumente plano e amplo entre os penhascos altos. Passaram por uma pilastra parcialmente em ruínas, e…

— Isso são entalhes? — perguntou Ruhn quando Sendes os levou de volta pelo corredor.

— São — respondeu com um tom mais suave. — De muito, muito tempo atrás.

Tharion falou:

— O que havia aqui embaixo? — Observou as paredes do leito do cânion que passavam, todas entalhadas com estranhos símbolos.

— Isto era uma autoestrada. Não como se encontra acima da superfície, mas uma grande avenida que os tritões um dia usaram para nadar entre grandes cidades.

— Eu jamais ouvi falar de algo por aqui.

— É de muito tempo atrás — disse de novo, um pouco casualmente. Como se fosse um segredo.

Bryce disse dos fundos:

— Eu costumava trabalhar em uma galeria de antiguidades e minha chefe uma vez trouxe uma estátua de uma cidade afundada. Eu sempre achei que ela estivesse confundindo as datas, mas disse que tinha quase quinze mil anos. Que veio das Profundezas originais. Tão antiga quanto os asteri, ou pelo menos quanto a chegada deles a Midgard.

A expressão de Sendes permaneceu neutra.

— Apenas a Rainha do Oceano pode confirmar isso.

Ruhn olhou pelo vidro de novo.

— Então os tritões um dia tiveram uma cidade aqui embaixo?

— Nós um dia tivemos muitas coisas — disse Sendes.

Tharion balançou a cabeça para Ruhn, um aviso silencioso para mudar de assunto. Ruhn assentiu de volta.

— Aonde vamos, exatamente? — perguntou Ruhn, em vez disso.

— Eu presumo que vocês queiram descansar por um momento. Vou levá-los para aposentos privados em nosso quartel.

— E dali? — ousou perguntar Ruhn.

— Precisamos esperar até que os ômegas tenham limpado a área, mas, depois disso, nós devolveremos vocês para onde quiserem.

— A entrada do Istros — falou Tharion. — Meu povo pode nos encontrar lá.

— Muito bem. Nós provavelmente chegaremos ao alvorecer, considerando a necessidade de vocês por segredo.

— Me consiga um rádio e vou enviar um sinal codificado.

Assentiu, Ruhn admirou a confiança nata dos tritões um no outro. Será que ela teria deixado que *ele* usasse um rádio para contatar qualquer um fora daquele navio com igual facilidade? Duvidava.

Bryce então parou na interseção do corredor. Olhou para Hunt antes de dizer a Sendes:

— Você se importa se eu e meu amigo reluzente aqui formos até o biodomo por um tempo?

Sendes avaliou Hunt cautelosamente.

— Vou fechá-lo ao público temporariamente. Contanto que ele não cause mal lá dentro.

Hunt exibiu os dentes, mas Bryce sorriu tensa.

— Vou me certificar de que ele não cause.

O olhar de Sendes desceu até a cicatriz em seu peito.

— Quando você terminar, pergunte pelo Quartel Seis, e alguém os apontará para o caminho.

— Obrigada — disse Bryce, então se virou para Ruhn e Tharion.

— Fiquem longe de problemas.

— Vocês também — falou Ruhn, arqueando a sobrancelha.

Então Bryce estava andando na direção do exuberante biodomo, Hunt a seguindo, relâmpago em seu rastro.

Sendes tirou um rádio do bolso.

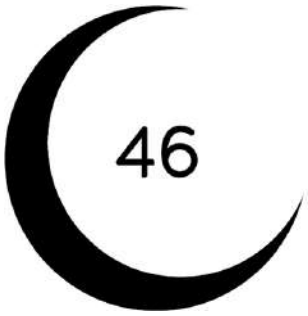
— Libere o biodomo e sele as portas.

Ruhn se espantou.

— O quê?

Sendes continuou avançando, as botas estalando no piso de azulejo.

— Eu acho que eles deveriam ter um pouco de privacidade, você não?



Havia apenas seu poder e Bryce. O resto do mundo tinha se tornado um conjunto de ameaças a ela.

Hunt tinha a vaga noção de ser levado para um enorme navio tritão. De conversar com sua comandante, de notar as pessoas, o barco ômega e Cormac sendo levado.

Sua mente tinha pairado, carregada por uma tempestade sem fim, sua magia gritando para ser liberada. Havia ascendido a esse plano de existência de selvageria primordial assim que a Corça apareceu. Hunt sabia que precisava matá-la, se isso mantivesse Bryce em segurança. Tinha decidido que não importava se Danaan ou Cormac ou Tharion fossem cozidos no processo.

Não conseguia voltar daquele precipício.

Mesmo enquanto Bryce caminhava por um corredor silencioso e morno em direção a uma floresta, pinheiros e samambaias e flores; pássaros e borboletas de todas as cores; pequenos córregos e cachoeiras, não conseguia se acalmar.

O anjo precisava soltar sua magia, gritar seu ódio e então a abraçar e saber que estava bem, que estavam bem…

Seguiu Bryce para o verde, atravessando um córrego estreito. Estava escuro ali dentro, névoa espiralando pelo chão. Como se

tivesse entrado em um jardim antigo do início do mundo.

Bryce parou em uma pequena clareira, o chão coberto de musgo e pequenas flores brancas em formato de estrelas. Virou-se para ele, os olhos brilhando. O pau de Hunt se agitou ao ver a determinação cintilando neles.

Seus lábios se curvaram em um sorriso, sábios e provocadores. Sem dizer uma palavra, puxou a camisa encharcada por cima da cabeça. Mais um segundo e seu sutiã roxo de renda também tinha sumido.

O mundo, o jardim sumiram quando Athalar viu seus seios fartos, os mamilos rosa-escuros já empertigados. A boca de Hunt aguou.

Então abriu a calça. Os sapatos. Por fim, estava saindo da calcinha roxa.

Bryce ficou completamente nua à sua frente. O coração de Hunt bateu tão selvagemente que achou que fosse explodir do peito.

Era tão linda. Cada linha exuberante, cada centímetro reluzente de sua pele, seu sexo provocador…

— Sua vez — disse rouca.

Com a magia uivando, implorando, Hunt teve a vaga sensação de que seus dedos removeram suas roupas e seus sapatos. Não se importava que já estivesse totalmente ereto. Só se importava que os olhos dela tinham descido até seu pau e um tipo de sorriso satisfeito agraciou a boca de Bryce.

Nus, ficaram frente a frente naquele jardim sob o mar.

Queria satisfazer sua parceira. Sua linda, forte parceira. Hunt devia ter dito aquilo em voz alta, porque Bryce falou, suavemente;

— Sim, Hunt. Eu sou sua parceira. — A estrela em seu peito piscou como uma brasa ganhando vida. — E você é o meu.

Suas palavras ecoaram pelo anjo. A magia de Hunt queimou em suas veias como ácido, grunhiu contra ela.

Os olhos de Bryce se suavizaram, como se conseguisse sentir sua aflição. Bryce disse, rouca:

— Quero que você me foda. Pode fazer isso?

Relâmpago faiscou em suas asas.

— Posso.

Bryce passou a mão pelo próprio torso, circulando a estrela reluzente entre seus fartos seios. O pau do anjo latejou. Deu um passo em sua direção, os pés descalços acolchoados pelo musgo.

Hunt recuou um passo.

Bryce ergueu a sobrancelha.

— Não?

— Sim — conseguiu dizer Hunt mais uma vez. Sua mente se desanuviou um pouco. — Este jardim…

— Fechado ao público — ronronou, a luz da estrela brilhando entre seus dedos. Deu mais um passo, Hunt não recuou dessa vez.

Athalar não conseguia tomar fôlego.

— Eu… — Engoliu em seco. — Meu poder…

Bryce parou a trinta centímetros dele. O cheiro de sua excitação envolveu dedos invisíveis em seu pau, acariciando com força. Hunt estremeceu.

— O que quer que você precise atirar em mim, Hunt, eu aguento.

O anjo soltou um gemido baixo.

— Não quero machucar você.

— Você não vai. — Sorriu suavemente, linda. — Confio em você.

Seus dedos roçaram o peito nu, fazendo-o estremecer de novo. Cobriu a distância entre os dois, sua boca roçando no peitoral, no coração. O relâmpago de Hunt se acendeu, projetando o jardim em prata. Bryce levantou a cabeça.

— Me beije — sussurrou.

* * *

Os olhos do anjo eram relâmpago puro. Seu *corpo* era relâmpago puro quando Bryce abriu a boca para receber a língua do anjo, com gosto de chuva e éter.

Seu poder fluiu sobre a fêmea, ao seu redor, um milhão de carícias sensuais, enquanto arqueava o corpo para ele, entregando-se. Hunt apalpou um seio, poder faiscando no mamilo, Bryce arquejou. Empurrou a língua mais para dentro, como se fosse sorver o som.

Sabia que Hunt precisava de uma forma de liberar sua magia, uma forma de se assegurar que Bryce estava segura e que era sua. *Minha linda, forte parceira,* grunhira quando viu o corpo nu.

Sua outra mão apalpava a bunda de Bryce, puxando-a para si, prendendo seu pau entre seus corpos. Hunt gemeu ao toque de sua

barriga contra ele, Bryce estremeceu, apenas o suficiente para levá-lo ao êxtase.

Relâmpago dançou na pele da fêmea, pelo cabelo, deliciou-se com aquilo. Absorvendo-o e se permitindo se tornar aquilo, se tornar *ele*, permitindo que ele se tornasse ela, até que fossem duas almas entrelaçadas no fundo do mar.

Bryce teve a vaga sensação de cair pelo ar, pelo tempo e espaço, e então se viu sendo delicadamente, reverentemente deitada no solo musguento. Como se até mesmo em sua necessidade, em sua fúria, quisesse Bryce segura e bem. Sentindo apenas prazer.

Abraçando o pescoço de Hunt, arqueou o corpo até o anjo ao mordiscar seu lábio, ao sugar sua língua. Mais. Precisava de mais. Athalar fechou os dentes na lateral de seu pescoço, chupando forte, Bryce vergou o corpo de novo, assim que o anjo se encaixou entre suas pernas.

O roçar do pau aveludado de Hunt contra o seu sexo nu fez Bryce tremer. Não de medo, mas pela proximidade, por não haver nada agora entre eles e porque jamais haveria novamente.

O macho se lubrificou com a umidade dela, suas asas se contraíram. Relâmpago se projetou como teia de aranha no musgo em seu entorno, então avançou pelas árvores acima.

— Hunt — disse Bryce ofegante. Podiam explorar e brincar depois. Naquele momento, quando a morte estava pairando tão perto, naquele momento, precisava dele junto a ela, dentro dela. Precisava da sua força, seu poder e seu carinho, precisava daquele sorriso, do humor e do amor…

Bryce fechou a mão em torno da base do pau de Hunt, tocando uma vez, inclinando-o para a direção em que estava completamente encharcada pelo anjo.

Hunt ficou imóvel, no entanto. Trincou os dentes quando bombeou sua magnífica extensão de novo. Seus olhos encontraram os dela.

Apenas relâmpago os preenchia. Um deus vingativo.

A estrela em seu peito se acendeu, fundindo-se com o seu relâmpago. Hunt apoiou sua mão sobre ela. Reivindicando a estrela, a luz. Reivindicando Bryce.

Bryce o posicionou em sua entrada, ofegando com o toque da cabeça arredondada do seu pau. Contudo, a fêmea o soltou. Deixou que o anjo decidisse se era aquilo que queria. A última ponte entre as almas deles.

O relâmpago sumiu dos olhos dele, como se Hunt tivesse ordenado. Como se ele quisesse que ela visse o macho por trás deles.

Puro Hunt. Ninguém e nada mais.

Era uma pergunta, de certa forma. Como se estivesse mostrando a ela cada cicatriz e ferida, cada canto escuro. Perguntando se aquilo, se ele, era o que queria de verdade. Bryce apenas sorriu suavemente.

— Eu amo você — sussurrou. Estremecendo, Hunt a beijou de novo e deslizou o pau para dentro.

Nada nunca pareceu tão certo.

Hunt se moveu para dentro dela, preenchendo-a deliciosa e perfeitamente. Com cada avanço suave, cada centímetro que adentrava a luz de Bryce ficava mais forte. Seu relâmpago estalava, acima e em seu entorno.

Suas costas se flexionavam sob os dedos de Bryce, as asas se fecharam com firmeza. Seu peito inflava como imensos foles, pressionando os seios, a estrela entre eles.

Outro centímetro, mais um tremor de prazer. E então deslizou para fora. E para fora. E para fora.

A língua de Hunt estalou na da fêmea quando avançou de volta, até a base. Luz se derramou dela como uma xícara transbordando, ondulando pelo solo da floresta.

Bryce enterrou as unhas nas costas do anjo, no pescoço, os dentes de Hunt encontraram o seio dela, fechando-se. Perdeu o controle, subindo o quadril para encontrá-lo, poder batendo contra poder.

Hunt determinou um ritmo constante, punitivo, Bryce colocou as mãos em sua bunda apenas para sentir os músculos se contraindo com cada estocada, para *sentir* o anjo fazendo força para dentro dela…

Reivindicou a boca de Bryce de novo, fazendo-a entrelaçar as pernas em sua cintura. Gemeu quando Hunt mergulhou, e suas estocadas ficaram mais fortes, mais rápidas. Relâmpago e luz estelar ricocheteavam entre os dois.

Precisava de Athalar mais selvagem. Precisava que libertasse aquela pontada de medo e raiva e se tornasse o seu Hunt de novo. Bryce apertou as pernas nele e o virou. O mundo girou, e então o olhava de cima, o pau enterrado tão fundo…

Relâmpago flutuou por seus dentes quando Hunt ofegou, todos aqueles músculos abdominais se flexionando. Deuses, ele era lindo. E dela. Completamente dela.

Bryce levantou o quadril, subindo para fora do pau, então mergulhou para baixo de novo. Arqueou o corpo quando o anjo beijou a estrela em seu peito. Ergue-se de novo, um deslize constante, provocador, e então…

Grunhiu contra a pele dela.

— Impiedosa, Quinlan.

Quase. Quase lá. Subiu de novo, luxuriando-se com cada centímetro de seu pau, quase saindo da ponta. Quando desceu, pressionou as paredes internas de seu sexo ao redor dele.

Hunt rugiu, Bryce estava novamente de costas conforme o anjo se chocava contra ela. Seu poder fluiu sobre a fêmea, preenchendo-a, e ela era ele, e ele era ela, e então Hunt atingiu o ponto de prazer perfeito bem no fundo, e o mundo era apenas luz…

O clímax explodiu por dentro dela, Bryce podia estar gargalhando ou chorando, ou gritando seu nome. Athalar a cavalgou, acalentando até a última gota de prazer, e então estava se movendo de novo, estocadas punitivas que faziam os dois deslizarem pelo solo musguento. Suas asas eram uma parede de cinza acima deles, estavam… brilhando.

Encheram-se de luz iridescente. *Ele* se enchera de luz.

Bryce levou a mão para as asas incandescentes. Seus dedos, a mão, o braço irradiavam a mesma luz. Como se estivessem cheios de poder, como se sua luz tivesse escorrido para ele, e a dele para ela…

— Olhe para você — sussurrou. — Bryce.

— Olhe para *nós* — sussurrou ela, levantando-se para beijá-lo. O anjo a encontrou na metade do caminho, as línguas se enroscaram. Seus avanços se tornaram mais selvagens. Hunt estava perto.

— Quero gozar com você — disse contra a boca de Bryce. Parecendo… quase normal de novo.

— Então faça acontecer — respondeu, deslizando a mão até as bolas de Athalar. Seus dedos acariciaram o clitóris da fêmea. Começaram a se massagear.

Bryce apalpava suas bolas, um tremor percorreu Hunt. Outro. No terceiro toque, ela o apertou firme, bem no momento em que relâmpago escorreu dos seus dedos e…

Ela estava caindo. Teve a distante sensação de gritar seu prazer para a superfície quilômetros acima, de um orgasmo que a balançou, reduzindo sua mente a destroços. Estava vagamente ciente de Hunt estocando dentro de si, derramando-se dentro dela, de novo e de novo…

Caindo pelo tempo e espaço e luz e sombra…

Cima era baixo e baixo era cima, e eram os únicos seres que existiam, ali naquele jardim, trancados fora do tempo…

Alguma coisa fria e dura pressionou suas costas, mas não se incomodou, não quando prendeu Hunt contra ela, puxando ar, sanidade. Estava trêmulo, as asas estremecendo, sussurrando:

— Bryce, Bryce, Bryce — ao seu ouvido.

Suor cobria seus corpos, Bryce passou os dedos pela coluna do anjo. Ele era dela, e ela era dele e…

— *Bryce* — disse Hunt, fazendo-a abrir os olhos.

Luz forte e ofuscante os recebeu. Paredes brancas, equipamento de mergulho e… uma escada. Nenhum indício de jardim.

Hunt ficou imediatamente de pé, se virando para avaliar seus arredores, o pau ainda ereto e reluzente. Bryce precisou de um momento para fazer os joelhos funcionarem, apoiada no piso frio.

Conhecia aquela sala.

Os olhos de Hunt permaneciam selvagens, mas… nenhum relâmpago dançava em torno deles. Nenhum vestígio daquela fúria primitiva. Apenas a marca de mão brilhando iridescente em seu peito, um resquício de luz estelar. Sumia a cada fôlego.

Hunt perguntou, entre respirações:

— Como *Inferno* a gente veio parar na câmara de pressurização?

* * *

— Certo. — disse Flynn, unindo as mãos. — Então, para ter certeza de que entendi direito… — Apontou para a duende de fogo esguia que flutuava no ar à sua esquerda. — Você é Ridi.

— Rithi! — gritou ela.

— Rithi — corrigiu Flynn, com um sorriso. Apontou para a duende de corpo volumoso diante dele. — Você é Malana. — Ela sorriu. Apontou para a duende à direita dela. — E você é Sasa. E vocês são trigêmeas.

— Isso — disse Malana, o cabelo longo fluindo no ar em torno dela. — Descendentes de Persina Falath, Senhora das Cinzas.

— Certo — falou Ithan, como se isso significasse alguma coisa. Não sabia nada sobre duendes e suas hierarquias. Apenas que tinham sido banidos da Céu e Sopro há eras por causa de uma rebelião fracassada. Eram considerados Inferiores desde então.

— E *você* — disse Flynn, arrastado, virando-se para a fêmea nua na outra ponta do sofá seccional, um cobertor jogado em torno dos ombros dela — é…

— Não dei meu nome a você — foi a resposta, os olhos vermelhos esmaecidos até um preto chamuscado. Havia parado de queimar, pelo menos o bastante para evitar queimar o sofá.

— Exatamente — disse Flynn, como se o lorde feérico não estivesse provocando uma dragoa. Uma porra de *dragoa*. Uma Inferior, sim, mas… porra. Elas não eram verdadeiras metamorfas, alternando entre os corpos humanoides e animais quando quisessem. Eram mais como os tritões, de fato. Havia uma diferença biológica ou mágica que explicava, Ithan se lembrava vagamente de aprender isso na escola, embora tivesse prontamente se esquecido dos detalhes.

Não importava agora, supunha. A dragoa podia navegar entre duas formas. Seria um tolo se a subestimasse naquela forma.

A dragoa encarava Flynn com superioridade. Deu a ela um sorriso charmoso em resposta. O queixo da fêmea se ergueu.

— Ariadne.

Flynn arqueou uma sobrancelha.

— Uma dragoa chamada Ariadne?

— Suponho que você tenha um nome melhor para mim? — retrucou.

— Esmagadora de Crânios, Perdição Alada, Devoradora de Luz. — Flynn os contou nos dedos.

Riu com deboche, o indício de diversão fez Ithan perceber que a dragoa era… linda. Completamente letal e desafiadora, mas… porra. Pelo brilho nos olhos de Flynn, Ithan podia ver que o lorde feérico estava pensando o mesmo.

Ariadne falou:

— Esses nomes são para os antigos que vivem nas cavernas na montanha deles e dormem o longo sono dos verdadeiros imortais.

— Mas você não é um deles? — perguntou Ithan.

— Meu tipo é mais… moderno. — Seu olhar se estreitou para Flynn. — Por isso, Ariadne.

Flynn piscou um olho. A dragoa fez uma careta.

— Como vocês todas — interrompeu Declan, indicando Ariadne, seu corpo semelhante ao de uma fêmea feérica — couberam naquele anel minúsculo?

— Fomos enfeitiçadas pelo Astrônomo — sussurrou Sasa. — Ele é um feiticeiro antigo, não o deixe enganar vocês com aquela atuação de frágil. Ele comprou a todas nós, e nos enfiou naqueles anéis para iluminar o caminho quando ele descer para o Inferno. Embora Ariadne tenha sido colocada no anel por… — Parou de falar quando a dragoa lançou um olhar de aviso lancinante.

Um calafrio percorreu a coluna de Ithan. Perguntou a elas:

— Tem alguma coisa que possa ser feita para libertar os outros que ele ainda controla? Os místicos?

— Não — respondeu Ariadne. Olhou para o pulso marrom-pálido. Para a marca ali. *SPQM*. A marca de uma escravizada. As duendes também a carregavam. — Ele é dono deles, como é nosso dono. A mística com quem você falou, a loba… — Seus olhos se tornaram vermelhos de novo. — Ele é afeiçoado a ela. Jamais vai deixá-la ir. Não até que ela envelheça naquele tanque e morra.

Séculos dali, possivelmente. Será que conseguira fazer a Descida? O estômago de Ithan se revirou.

— Por favor, não nos faça voltar — sussurrou Rithi, agarrando-se a Malana.

— Shhh — avisou Malana.

Marc as estudou.

— Olhem, senhoritas. Vocês estão em uma posição difícil. Não são apenas escravizadas, mas escravizadas roubadas. — Um olhar de aviso para Ithan, que deu de ombros. Não se arrependia. — Mas há leis sobre seu tratamento. É arcaico e absurdo que qualquer um seja posse de alguém, mas, se vocês puderem provar severos maus-tratos, isso pode permitir que vocês sejam… compradas por outra pessoa.

— Não libertadas? — sussurrou Sasa.

— Apenas seu novo dono poderia fazer isso — disse Marc, triste.

— Então compre-as e acabe com isso. — Ariadne cruzou os braços.

— E quanto a você, querida? — ronronou Flynn para a dragoa, como se o macho feérico literalmente não conseguisse evitar.

Seus olhos queimaram carmesim.

— Estou fora da sua alçada, lordezinho.

— Tente.

A dragoa, no entanto, voltou a olhar para a TV, ainda pausada no videogame. Ithan engoliu em seco e perguntou a ela:

— É ruim, então… o que ele faz com os místicos?

— Ele os tortura — disse Ariadne, inexpressiva, e Rithi chorou em concordância. — A loba é… desobediente. Não mentiu sobre as punições. Eu estive nas mãos dele durante anos e o testemunhei enviá-la para os cantos mais sombrios do Inferno. Ele permite que os demônios e os príncipes deles a provoquem. Que a aterrorizem. Ele acha que vai quebrá-la um dia, mas eu não tenho certeza.

O estômago de Ithan se revirou.

Ariadne prosseguiu:

— Ela disse a verdade hoje sobre o necromante também. — Flynn, Marc e Declan se viraram para Ithan, as sobrancelhas erguidas. — Se você quer respostas sobre seu irmão morto, deveria encontrar um.

Ithan assentiu. A dragoa pertencia à Casa de Chama e Sombra, mesmo que a tatuagem da escravidão a destituísse de suas proteções. Conheceria a habilidade de um necromante.

Declan anunciou:

— Bem, como estamos agora abrigando escravizadas roubadas, podemos muito bem deixar vocês confortáveis. Sintam-se livres para ocupar o quarto de Ruhn, o segundo quarto subindo a escada.

As três duendes dispararam para a escada, como se não passassem de crianças animadas. Ithan não conseguiu segurar seu sorriso. Tinha

feito bem naquele dia, pelo menos. Mesmo que aquilo fosse lhe trazer uma pilha de problemas.

Ariadne lentamente se levantou. Levantaram-se com ela.

Flynn, o mais próximo, disse à dragoa:

— Você poderia fugir, sabe. Se metamorfosear e sair voando. Não contaríamos a ninguém para onde você foi.

Seus olhos vermelhos mais uma vez se apagaram até ficarem pretos.

— Não sabe o que isto faz? — Levantou o braço e revelou a tatuagem ali. Riu amargamente. — Não posso me transformar a não ser que ele permita. E mesmo que eu consiga, para onde quer que eu vá, em qualquer lugar em Midgard, ele pode me encontrar naquela forma.

* * *

— Você se teletransportou — disse Cormac a Bryce, uma hora depois, quando ela e Hunt estavam de pé ao lado de sua cama no hospital da cidade-navio. O príncipe estava pálido, mas vivo. Cada caco da bala de gorsiana tinha sido removido. Mais uma hora e estaria de volta ao normal.

Hunt não se importava muito. Só tinham ido até Cormac em busca de respostas.

O anjo ainda se recuperava do sexo que o estourara, mente e corpo e alma, o sexo que Bryce sabia que o traria de volta do limite, que tinha feito sua magia cantar.

Tinha feito suas magias se unirem.

Não sabia como descrever, a sensação da sua magia entremeando por ele. Como se ele existisse e não existisse ao mesmo tempo, como se pudesse fazer o que quisesse do ar e nada lhe seria negado. Será que Bryce convivia com aquilo, dia após dia? Aquela pura sensação de… possibilidade? Havia sumido desde que tinham se teletransportado, mas ainda conseguia sentir ali dentro, no peito, onde a impressão da mão da fêmea brilhara. Uma pequena semente dormente de criação.

— *Como?* — perguntou Bryce. Não sentira vergonha, nem mesmo corara, ao entrar ali, os dois usando armadura aquática azul-marinho que tinham tirado da câmara de pressurização para se cobrir. Ruhn parecera completamente desconfortável, mas Tharion gargalhou do cabelo embaraçado de Hunt e qualquer que fosse a felicidade tola no rosto do anjo, e dissera:

— Bom trabalho trazendo nosso menino de volta, Pernas.

Bryce tinha ido direto a Cormac e explicara o que acontecera da forma mais Quinlan que Hunt poderia imaginar:

— Bem no final da foda de revirar o cérebro de Hunt, *bem* quando a gente gozou junto, nós acabamos na câmara de pressurização.

Cormac a estudou, então a Hunt.

— Seus poderes se uniram, imagino.

— É — falou Bryce. — Nós dois ficamos todos brilhosinhos. Não do jeito que ele estava brilhando durante a… — Franziu a testa. — Hipnose da raiva. — Acenou com a mão. — Isso foi como… a gente brilhou com minha luz estelar. Depois a gente se teletransportou.

— Humm — disse Cormac. — Me pergunto se você precisa do poder de Athalar para se teletransportar.

— Não sei dizer se isso é um insulto ou não — falou Bryce.

Hunt ergueu as sobrancelhas.

— De que forma?

— Se meus poderes só funcionam se meu grande macho fortão me ajuda…

— Não pode ser romântico? — indagou Hunt.

Bryce bufou.

— Sou uma fêmea independente.

— Certo — disse Hunt, gargalhando baixinho. — Digamos que sou uma moeda mágica em um videogame e quando você… me usa, sobe de nível.

— Essa é a coisa mais nerd que você já disse — acusou Bryce, e Hunt esboçou uma reverência.

— Então a magia de Hunt é a chave para a de Bryce? — perguntou Ruhn a Cormac.

— Não sei se é Hunt especificamente, ou apenas energia — disse Cormac. — Seu poder veio dos Portões… é uma coisa que não entendemos. Está jogando com regras desconhecidas.

— Ótimo — murmurou Bryce, afundando na cadeira ao lado da de Ruhn, perto da janela. A água preta eterna se estendia adiante.

Hunt esfregou a mandíbula, franzindo a testa.

— O Príncipe do Fosso me contou sobre isso.

As sobrancelhas de Bryce se uniram.

— Teletransporte sexual?

Hunt riu.

— Não. Ele me contou que você e eu não tínhamos… explorado o que nossos poderes podiam fazer. Juntos.

— Você acha que era isso que ele tinha em mente? — Ruhn falou.

— Não sei — admitiu Hunt, notando o brilho de preocupação no rosto de Bryce. Ainda tinham muito sobre o que falar.

— É sábio — disse Tharion, lentamente — fazer o que ele diz?

— Acho que deveríamos esperar para ver se nossa teoria está certa — falou Bryce. — Ver se realmente foram nossos poderes… se unindo. — Perguntou a Hunt: — Como você se sente?

— Bem — disse ele. — Acho que fiquei com uma semente do seu poder em mim por um tempo, mas se aquietou.

Sorriu sutilmente.

— Nós definitivamente precisamos fazer mais pesquisa.

— Você só quer foder com Athalar de novo — replicou Tharion.

Bryce inclinou a cabeça.

— Achei que isso fosse óbvio.

Hunt marchou até ela, pretendendo absolutamente arrastá-la para algum quarto vazio para testar a teoria. Contudo, a porta do quarto se abriu e a Comandante Sendes apareceu. Seu rosto estava sombrio.

Hunt se preparou. Os asteri os haviam encontrado. Os ômegas estavam prestes a atacar…

Seu olhar recaiu sobre Cormac. Disse, baixinho:

— A medbruxa me contou que em seu delírio você estava falando de alguém chamada Sofie Renast. Esse nome é conhecido por nós aqui… ouvimos falar do trabalho dela há anos. Mas achei que você devesse saber que fomos convocados para resgatar um agente no mar do Norte há semanas. Somente quando chegamos percebemos que era Sofie.

O quarto ficou completamente silencioso. O som de Cormac engolindo em seco foi audível quando Sendes prosseguiu:

— Chegamos tarde demais. Sofie tinha se afogado quando nossos mergulhadores a resgataram.



O necrotério estava frio. Silencioso e vazio, exceto pelo cadáver da fêmea deitado na mesa de cromo, coberto com um tecido preto.

Bryce ficou de pé à porta enquanto Cormac se ajoelhava ao lado do corpo, preservado por uma medbruxa até que a embarcação pudesse entregar Sofie aos rebeldes da Ophion para que o reivindicassem. O príncipe ficou calado.

Estava assim desde que Sendes fora a seu quarto.

E, embora o corpo de Bryce ainda zumbisse com tudo que ela e Hunt tinham feito, ver aquele corpo esguio da fêmea sobre a mesa, o príncipe ajoelhado, a cabeça baixa… Seus olhos arderam. Os dedos de Hunt encontraram os seus, apertando-os.

— Eu sabia — disse Cormac, a voz áspera. As primeiras palavras dele em minutos. — Eu acho que sempre soube, mas…

Ruhn se colocou ao lado do primo. Colocou a mão em seu ombro.

— Sinto muito.

Cormac encostou a testa na borda da mesa de exame. Sua voz tremeu.

— Ela era boa e corajosa e gentil. Eu jamais a mereci, nem por um minuto.

A garganta de Bryce doeu. Soltou a mão de Hunt e se aproximou de Cormac, tocando seu outro ombro. Para onde iria a alma de Sofie? Será que pairava perto de seu corpo até que pudessem lhe dar um Veleiro adequado? Se fosse para um dos locais de descanso, a condenariam a um destino terrível.

Mas Bryce não disse nada daquilo. Não quando Cormac deslizou os dedos por baixo do tecido preto e tirou de dentro a mão rígida azulada. Ele a agarrou com a própria mão, beijando os dedos mortos. Seus ombros começaram a tremer quando as lágrimas caíram.

— Nós nos conhecemos durante um relatório de reconhecimento para o Comando — disse Cormac, a voz falhando. — E eu sabia que era tolice, e inconsequente, mas precisava falar com ela depois que a reunião acabou. Descobrir tudo que podia sobre ela. — Beijou a mão de Sofie de novo, fechando os olhos. — Eu deveria ter ido atrás dela naquela noite.

Tharion, que estava debruçado sobre os arquivos a respeito de Sofie na mesa da parede mais afastada, disse, delicadamente:

— Sinto muito se lhe dei falsas esperanças.

— Aquilo a manteve viva em meu coração por um pouco mais de tempo — disse Cormac, engolindo as lágrimas. Pressionou a mão rígida contra a própria testa. — Minha Sofie.

Ruhn também apertou seu ombro.

Tharion perguntou, cautelosamente:

— Você sabe o que isso quer dizer, Cormac? — Proferiu uma série de números e letras.

Cormac levantou a cabeça.

— Não.

Tharion estendeu uma foto.

— Estavam gravados no bíceps dela. O legista acha que ela fez isso enquanto se afogava, com algum tipo de agulha ou faca que podia ter escondido nela.

Cormac ficou de pé em um disparo, e Bryce foi para os braços de Hunt à espera quando o príncipe feérico puxou o lençol. Nada no braço direito que segurava, mas no esquerdo…

A variedade de números e letras tinha sido gravada mais ou menos dois centímetros abaixo do ombro, sem cicatrizes. Cortes profundos.

— Ela sabia que alguém estava correndo para salvá-la? — perguntou Hunt.

Cormac balançou a cabeça.

— Não faço ideia.

— Como os tritões sabiam que deveriam resgatá-la?

— Ela poderia ter sinalizado com a luz dela — refletiu Cormac. — Ou talvez eles tenham visto a de Emile, como fizeram com a de Bryce. Ela acendeu o mar inteiro quando derrubou aqueles ômegas. Deve ter sinalizado a eles de alguma forma.

Bryce fez uma nota mental para perguntar à Comandante Sendes. Disse a Hunt:

— Esses números e letras significam alguma coisa para você?

— Não. — Acariciou com o polegar a mão de Bryce, como assegurando-se de que ela estava ali, de que não era ela naquela mesa.

Cormac cobriu Sofie com o lençol de novo.

— Tudo que Sofie fazia, era por um motivo. Você me lembra dela de certas formas.

Ruhn disse:

— Vou colocar Declan nessa busca assim que chegarmos em casa.

— E quanto aos rebeldes da Ophion e Pippa? — perguntou Bryce. — E a Corça?

— Somos inimigos de todos agora. — Hunt falou.

Cormac assentiu.

— Só podemos enfrentar o desafio. Mas tendo certeza de que Sofie morreu… Eu preciso redobrar meus esforços para encontrar Emile.

— Pippa pareceu saber onde ele estava escondido — falou Tharion. — Mas não faço ideia se é o esconderijo que Danika mencionou.

Os olhos de Cormac brilharam.

— Não vou deixá-lo cair nas mãos da sua rainha. Ou no controle da Ophion.

— Está pronto para ser um pai solo? — disse Bryce, arrastado. — Você vai simplesmente acolher o menino e o quê… levá-lo para Avallen? Aquele vai ser um lugar *muito* legal para ele.

Cormac enrijeceu.

— Eu não tinha planejado tão longe assim. Está sugerindo que eu deixe aquele menino sozinho no mundo?

Bryce deu de ombros, estudando as próprias unhas. Sentiu Hunt a olhando com atenção.

— Então, avisamos nossas famílias? — Deuses, se a Corça já tivesse ido para a casa da mãe dela…

— A Corça não vai atrás deles — consolou Cormac. Então corrigiu: — Ainda não. Ela vai querer você nas garras dela primeiro, para poder inspirar seu sofrimento enquanto você sabe que ela os está caçando.

— Então nós vamos para casa e fingimos que nada aconteceu? — perguntou Ruhn. — O que impede a Corça de nos prender quando voltarmos?

— Acha que a gente poderia se safar convencendo os asteri de que estávamos na base rebelde para *impedir* Pippa e Ophion? — perguntou Bryce.

Hunt deu de ombros.

— Eu explodi aquela base até o Inferno, então a evidência está em nosso favor. Principalmente se Pippa estiver agora atrás de nós.

— A Corça não vai engolir essa — desafiou Cormac.

Bryce, no entanto, disse, sorrindo levemente:

— Mestre de inventar merdas, lembra?

Não sorriu em resposta. Apenas olhou para Sofie, morta e inerte diante dele.

Então Bryce tocou a mão do príncipe.

— Vamos fazer com que todos eles paguem.

A estrela em seu peito brilhou com a promessa.

* * *

O *Cargueiro das Profundezas* deslizou por entre os cânions mais escuros do leito do mar. No centro de comando sob um domo de vidro, Tharion se detinha à entrada em arco para o salão tumultuado adiante e se maravilhava com a variedade de tecnologia e magia, os tritões uniformizados operando tudo aquilo.

Sendes permaneceu ao seu lado, aprovação em seu rosto enquanto monitorava a equipe que mantinha a embarcação operacional.

— Há quanto tempo vocês têm esses navios? — perguntou Tharion, suas primeiras palavras nos minutos desde que Sendes o convidara para lá, onde apenas oficiais tritões de alto escalão tinham permissão de ir. Supôs que ser o Capitão da Inteligência da Rainha do Rio lhe garantia acesso, mas… não fazia ideia de que nada daquilo existia. Seu título era uma piada.

— Cerca de duas décadas — falou Sendes, arrumando a lapela do uniforme. — Mas a conceptualização e a construção deles levou o dobro disso.

— Devem ter custado uma fortuna.

— As profundezas do oceano estão cheias de recursos inestimáveis. Nossa rainha os explorou com sabedoria para custear este projeto.

— Por quê?

A comandante o encarou de frente. Sendes tinha um corpo maravilhosamente curvo, reparou Tharion. Com o tipo de bunda em que gostaria de enterrar os dentes. No entanto… o rosto frio da Rainha do Rio ondulou em sua mente, e Tharion se virou para as janelas atrás da comandante.

Além da parede de vidro, uma nuvem bioluminescente, algum tipo de água-viva, passou ondulando. Adequadamente antissexy.

Sendes perguntou:

— Por que sua rainha se envolve com os rebeldes?

— Ela não está se envolvendo com eles. Acho que ela apenas quer algo que *eles* querem. — Ou costumava querer, se é que se podia acreditar em Pippa, embora depois de eles terem explodido o traje talvez a Ophion pudesse voltar à caça do menino. — No entanto, não acho que as motivações dela para querer isso são necessariamente para ajudar as pessoas. — Encolheu-se ao dizer aquilo. Ousado demais, descuidado demais…

Sendes bufou uma risada.

— Sua opinião está segura aqui, não se preocupe. A Rainha do Oceano sabe que a irmã dela no Rio Azul é… temperamental.

Tharion exalou.

— É. — Observou a sala de controle de novo. — Então tudo isso… os navios, o resgate de rebeldes… É porque a Rainha do Oceano quer derrubar os asteri?

— Não sou próxima dela o bastante para saber se esse é seu verdadeiro motivo, mas estes navios de fato ajudaram os rebeldes. Então eu diria que sim.

— E ela pretende se tornar a governante? — perguntou Tharion, cautelosamente.

Sendes piscou.

— Por que ela faria isso?

— Por que não? É isso que a Rainha do Rio faria.

Sendes ficou imóvel, completamente sincera ao dizer:

— A Rainha do Oceano não se posicionaria como substituta dos asteri. Ela se lembra de uma época anterior aos asteri. Quando líderes eram eleitos justamente. É o que ela deseja alcançar mais uma vez.

O oceano escuro passava além do vidro. Tharion não conseguiu suprimir a risada amarga.

— E você acredita nela?

Sendes deu a ele um olhar de pena.

— Sinto muito que a Rainha do Rio tenha abusado tanto de sua confiança que você não acredita.

— Sinto muito que você seja ingênua o bastante para acreditar em tudo que sua rainha diz — replicou.

Sendes deu a Tharion aquele olhar de pena de novo, e Tharion ficou tenso, mas mudou de assunto.

— Quais são as chances de vocês ou Cormac liberarem o corpo de Sofie para mim?

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Por que você o quer?

— Minha rainha quer. Eu não tenho direito de fazer perguntas.

Sendes franziu a testa.

— Que utilidade ela poderia ter para o cadáver de um pássaro-trovão?

Duvidava que Cormac gostasse que Sofie fosse chamada de *cadáver*, mas respondeu:

— De novo, não faço ideia.

Sendes se calou.

— Sua… sua rainha emprega necromantes?

Tharion se espantou.

— O quê? Não. — A única que conhecia estava a centenas de quilômetros dali, e certamente não ajudaria a Rainha do Rio. — Por quê?

— É o único motivo em que consigo pensar para ir tão longe para recuperar o corpo de um pássaro-trovão. Para reanimá-lo.

Horror frio percorreu Tharion.

— Uma arma sem consciência ou alma.

Sendes assentiu seriamente.

— Mas para que ela precisa disso?

Abriu a boca, mas fechou. Especular sobre os motivos de sua rainha diante de uma estranha, ainda que uma amigável, seria tolice. Então deu de ombros.

— Acho que vamos descobrir.

No entanto, Sendes viu diretamente através dele.

— Não temos direito a reivindicar o corpo, mas o Príncipe Cormac, como amante dela e membro da Ophion, tem. Você vai ter que se entender com ele.

Tharion sabia exatamente como aquilo acabaria. Com um gigante e incandescente *NÃO*. Então, a não ser que se tornasse um ladrão de cadáveres, que não estava no alto da lista de seus objetivos de vida, não entregaria o carregamento.

— Hora de começar a trabalhar numa história — murmurou Tharion, mais para si do que para Sendes. Teria que ou mentir sobre ter encontrado o corpo de Sofie, ou mentir sobre por que não poderia roubá-lo. Porra.

— Você poderia ser mais, sabe — disse Sendes, parecendo ler o sonho em seu rosto. — Em um lugar como este. Não precisamos mentir e tramar aqui.

— Estou satisfeito onde estou — disse Tharion, rapidamente. Sua rainha jamais o deixaria embora, de toda forma.

No entanto, Sendes inclinou a cabeça com compreensão… tristeza.

— Se algum dia precisar de alguma coisa, Capitão Ketos, estamos aqui para você.

A bondade o chocou tanto que não teve resposta.

Sendes foi chamada por um dos oficiais do convés, e Tharion observou o tritão nos controles. Sério, mas… sorrindo. Nenhuma tensão, sem pisar em ovos.

Olhou para o relógio. Deveria voltar para os dormitórios que Sendes arrumara para eles. Verificar os outros.

Depois que voltasse, dormiria. E, quando acordasse, voltaria para Lunathion.

Para a Corte Azul.

Estava ficando mais difícil ignorar sua parte que não queria mesmo voltar para casa.

* * *

Ruhn dormia quilômetros sob a superfície, um tipo de sono agitado do qual despertava frequentemente para garantir que todos estivessem empilhados no pequeno quarto com ele nas camas e beliches. Cormac tinha escolhido permanecer no necrotério com Sofie, querendo o luto em particular, para dizer todas as orações para Cthona e Luna que sua amante merecia.

Tharion cochilava no beliche de baixo diante do de Ruhn, jogado sobre os lençóis. Saíra andando após o jantar para explorar a embarcação, e retornara horas depois, calado. Não tinha dito nada sobre o que vira, a não ser que *É só para tritões.*

Então Ruhn havia se sentado com os pombinhos, Bryce aninhada entre as pernas de Hunt, enquanto jantavam no chão do quarto, o mar passando pela janela. Chegaram à entrada do Istros ao alvorecer, e o povo de Tharion estaria esperando lá para transportá-los rio acima até Lunathion.

O que aconteceria então… Ruhn rezava para que funcionasse a seu favor. Que Bryce pudesse jogar suas cartas bem o suficiente para evitar sua condenação.

Night?

A voz de Day flutuou para dentro de sua mente, distante e… preocupada.

Deixou a mente relaxar, permitindo-se encontrar a ponte, os dois sofás. A agente já estava sentada no dela, queimando.

— Oi.

— Você está bem?

— Preocupada comigo, é?

Day não riu.

— Eu ouvi falar de um ataque à base rebelde em Ydra. Que pessoas foram mortas, e o carregamento de munição e o traje foram destruídos. Eu… achei que você podia estar entre os perdidos.

Ruhn a observou.

— Onde está agora? — perguntou.

Permitiu que a agente mudasse de assunto.

— Em um lugar seguro. — Não podia dizer mais. — Eu vi Pippa Spetsos e os rebeldes da Ophion matarem vanir inocentes a sangue frio hoje. Quer me contar que porra foi aquela?

Daybright enrijeceu.

— Por que ela os matou?

— Importa?

Considerou.

— Não. Não se as vítimas são inocentes. Foi Pippa mesmo que o fez?

— Um grupo de soldados sob o comando dela.

Sua chama tremeluziu até se tornar do azul mais quente.

— Ela é uma fanática. Dedicada à causa rebelde, sim, mas à própria causa mais do que tudo.

— Ela era amiga da Agente Cypress, aparentemente.

— Ela não era amiga de Sofie. Ou de ninguém. — A voz da agente tinha ficado fria. Como se estivesse com tanta raiva que se esquecera de usar o codinome de Sofie.

— Sofie está morta, aliás.

Day se espantou.

— Tem certeza disso?

— Tenho. Ela se afogou.

— Ela… — As pernas de Day se flexionaram sob o corpo. — Ela era uma agente corajosa. Muito melhor e mais corajosa do que a Ophion merecia. — Tristeza genuína envolveu as palavras de Day.

— Você gostava dela.

— Ela entrou no campo de extermínio de Kavalla para salvar o irmão. Fez tudo que os comandantes da Ophion pediram dela só para poder obter migalhas de informações sobre ele. Se Pippa serve apenas a si mesma, então Sofie era o oposto dela: todo o trabalho que ela fez

foi para outros. Mas sim. Eu gostava dela. Admirava a coragem dela. A lealdade. Ela era um espírito semelhante ao meu de muitas formas.

Ruhn recostou no sofá dele.

— E então… você odeia Pippa e a Ophion também? Se todo mundo odeia Pippa e o grupo, por que Inferno vocês se incomodam de trabalhar com eles?

— Vê mais alguém liderando a causa? Mais alguém se prontificou?

Não. Ninguém mais ousaria.

Day falou:

— Eles são os únicos na memória recente a terem reunido tal força. Apenas Shahar e o general Hunt Athalar fizeram alguma coisa próxima, e foram dizimados em uma batalha.

E Athalar sofreu por séculos depois daquilo.

A agente prosseguiu:

— Para estarmos livres dos asteri, há coisas que todos devemos fazer que vão deixar uma marca em nossas almas. É o custo, para que nossos filhos e os filhos deles jamais precisem pagar. Para que eles conheçam um mundo de liberdade e abundância.

As palavras de uma sonhadora. Um lampejo sob aquela fachada severa.

Então Ruhn falou, a primeira vez que dizia em voz alta:

— Não vou ter filhos.

— Por quê?

— Não posso.

Day inclinou a cabeça.

— Você é infértil?

Ele deu de ombros.

— Talvez. Eu não sei. O Oráculo me disse quando eu era criança que eu seria o último de minha linhagem. Então ou eu morro antes de poder gerar um filho, ou… estou atirando sem munição.

— Isso incomoda você?

— Eu preferiria não morrer antes do meu tempo, então se as palavras dela apenas querem dizer que não serei pai… Não sei. Não muda nada de quem sou, mas eu mesmo assim tento não pensar a respeito. Ninguém em minha vida sabe também. E considerando o pai que eu tenho… talvez seja bom que eu não serei um. Não saberia nada sobre como ser um pai decente.

— Isso não parece verdade.

Riu com deboche.

— Bem, enfim, essa foi minha forma idiota de dizer que, embora eu não deva ter filhos, eu… eu entendo o que está dizendo. Tenho pessoas em minha vida que terão, e pelos filhos delas, pelas famílias delas… Eu farei o que for preciso.

No entanto, não aceitou a evasão de Ruhn.

— Você é bom, e se importa. E parece amar aqueles que o cercam. Não consigo pensar em mais nada que seja necessário para ser pai.

— Que tal crescer de vez e parar de frequentar tantas baladas?

Ela gargalhou.

— Está bem. Talvez isso.

Ruhn sorriu sutilmente. Estrelas apagadas, distantes, brilharam na escuridão em volta deles.

— Você parece inquieto. — Day falou.

— Eu vi um monte de merda fodida hoje. Estava com dificuldade para dormir antes de você bater à porta.

— Bater à porta?

— Como quiser chamar. Me convocar.

— Posso lhe contar uma história para ajudá-lo a dormir? — Sua voz era sarcástica.

— Pode. — Aceitou o blefe dela.

No entanto, apenas disse:

— Tudo bem.

Ruhn piscou.

— Sério?

— Por que não? — Indicou para que ele se deitasse. Então Ruhn acatou, fechando os olhos.

Então, para seu choque, Day se aproximou, sentando-se ao seu lado. Passou a mão incandescente pelos cabelos de Ruhn. Quente e carinhosa… hesitante.

Começou:

— Era uma vez, antes de Luna caçar nos céus e de Solas aquecer o corpo de Cthona, antes de Ogenas cobrir Midgard com água e Urd tecer nossos destinos juntos, uma jovem bruxa que morava em um chalé no interior do bosque. Ela era linda, e bondosa, e amada por sua mãe. A mãe tinha feito o melhor para criá-la, seus únicos

companheiros eram os habitantes da própria floresta: pássaros e bestas e os rios gorgolejantes…

Sua voz, adorável e linda e tranquila, fluía por dentro dele como se fosse música. Sua mão roçou o cabelo de Ruhn de novo, conteve seu ronronado.

— Ela ficou mais velha, forte e orgulhosa. Mas um príncipe errante passou pela clareira dela certo dia quando sua mãe estava fora, contemplou a beleza da bruxa e quis desesperadamente que ela fosse sua noiva.

— Achei que essa deveria ser uma história reconfortante — murmurou Ruhn.

Riu baixinho, puxando uma mecha de seu cabelo.

— Ouça.

Ruhn pensou, ao Inferno, então se moveu, deitando a cabeça em seu colo. O fogo não o queimou, e a coxa sob as chamas era firme com músculos, porém macia. E aquele cheiro…

Day prosseguiu:

— Ela não tinha interesse em príncipes, ou em governar um reino, ou em nenhuma das joias que ele ofereceu. O que ela queria era um verdadeiro coração que a amasse, que corresse selvagemente com ela pela floresta. Mas o príncipe não aceitou recusa. Ele a perseguiu pelo bosque, seus cães o seguindo.

O corpo de Ruhn relaxou, membro após membro. Inspirou seu cheiro, sua voz e seu calor.

— Conforme ela fugia, suplicava à floresta que ela tanto amava que a ajudasse. Então a floresta ajudou. Primeiro, a transformou em cervo, para que ela pudesse ser ágil como o vento. Mas os cães dele eram mais rápidos do que ela, aproximando-se agilmente. Então a floresta a transformou em peixe, e ela fugiu por um dos córregos da montanha. Mas ele construiu uma barragem na base para prendê-la. Então ela se tornou um pássaro, um falcão, e disparou pelo céu. Mas o príncipe era um arqueiro habilidoso, e ele disparou uma de suas flechas com ponta de ferro.

Ruhn cochilou, tranquilo e calmo. Quando tinha sido a última vez que alguém lhe contara uma história para colocá-lo para dormir?

— A flecha atingiu o seio dela, e, onde o sangue escorreu, oliveiras brotaram. Quando o corpo dela atingiu o solo, a floresta a

transformou uma última vez…

* * *

Ruhn acordou, ainda na ponte mental. Day estava deitada no sofá diante dele, também dormindo, seu corpo ainda coberto com chamas.

Levantou-se, cobrindo a distância até ela.

Uma princesa de fogo, dormindo, esperando que um cavaleiro a acordasse. Conhecia aquela história. Repuxava no fundo da mente dele. Uma princesa guerreira adormecida cercada por um anel de fogo, condenada a ficar deitada ali até que um guerreiro corajoso o bastante para enfrentar as chamas pudesse atravessá-las.

Day se virou, e entre as chamas viu o lampejo de cabelo longo caído sobre o braço do sofá…

Recuou um passo, mas de alguma forma Day ouviu, e se sentou de súbito. Flamas irromperam em seu entorno quando Ruhn recuou para o próprio sofá.

— O que estava fazendo?

Ruhn balançou a cabeça.

— Eu… eu queria saber como a história acaba. Eu caí no sono quando a bruxa foi perfurada por uma flecha.

Day saltou de seu sofá, dando a volta por ele, colocando o sofá entre os dois. Como se ele tivesse ultrapassado um limite importante.

Contudo, disse:

— A floresta transformou a bruxa em um monstro antes que ela atingisse a terra. Uma besta com garras e presas e sede de sangue. Ela dilacerou o príncipe e os cães que a perseguiam.

— E só isso? — indagou Ruhn.

— Só isso — respondeu Day, e caminhou para a escuridão, deixando apenas brasas pairando atrás.

PARTE III

O FOSSO



Ruhn caminhava de um lado para outro diante da TV de Bryce, o telefone ao ouvido. As tatuagens em seus antebraços se moviam ao segurar mais firme o aparelho. Sua voz, no entanto, estava calma, pesarosa, quando disse:

— Tudo bem, obrigado por pesquisar, Dec.

Bryce observou o rosto de Ruhn quando o irmão desligou, soube exatamente o que ele ia dizer.

— Nenhuma sorte?

Ruhn afundou nas almofadas do sofá.

— Não. O que vimos no braço de Sofie não aparece em lugar nenhum.

Bryce se aconchegou em Hunt na outra ponta do sofá, enquanto o anjo falava com Isaiah ao telefone. Ao chegar em Lunathion, cortesia de algumas motos aquáticas da Corte Azul, Tharion tinha ido para as Profundezas para ver sua Rainha. Era improvável que a Rainha do Rio soubesse o que os números e as letras gravados no bíceps de Sofie significavam, mas valia a pena tentar.

Cormac tinha encontrado trinta mensagens do pai à sua espera, perguntando de seu paradeiro, então fora para a propriedade do Rei

Outonal para convencer seu pai de que estava acompanhando Bryce a Nidaros.

Bryce supunha que deveria inteirar seus pais da mentira oficial, mas não conseguia achar motivação para isso. Precisava se tranquilizar primeiro e acalmar um pouco a mente acelerada.

Sinceramente, era um milagre que a Corça e seus lobos ferais não estivessem esperando no apartamento. Que os jornais não estivessem transmitindo os rostos de todos eles com a legenda *TRAIDORES REBELDES* estampada abaixo. Contudo, uma olhada nas notícias enquanto Ruhn falava com Dec não revelou nada.

Então Bryce passou os próximos minutos se empenhando a se teletransportar do sofá para a cozinha.

Nada. Como conseguira durante o sexo? Sua lição com Ruhn e Cormac seria apenas no dia seguinte, mas ao menos queria aparecer com *alguma* noção.

Bryce se concentrou nos bancos da cozinha. *Estou aqui. Quero ir até ali.* Sua magia nem mesmo estremeceu. *Dois pontos no espaço. Estou dobrando um pedaço de papel, unindo-os. Meu poder é o lápis que perfura o papel, ligando-os…*

Hunt falou:

— É. Ember me interrogou, mas estamos seguros. Nós nos divertimos. — Piscou um olho para Bryce, embora o gesto casual não iluminasse seus olhos. — Tudo bem. Vejo você na reunião mais tarde. — Hunt desligou o telefone e suspirou. — A não ser que eles tenham uma adaga apontada para as costas dele, parece que Isaiah não faz ideia do que aconteceu em Ydra. Ou de que a Corça viu algum de nós.

— Qual o jogo dela? — disse Ruhn, brincando com o piercing labial. — Acha mesmo que Isaiah não estava se fazendo de calmo para atrair você para o Comitium mais tarde?

— Se eles quisessem nos prender, estariam à nossa espera — falou Hunt. — A Corça está guardando essa informação.

— Mas por quê? — perguntou Bryce, franzindo a testa profundamente. — Para mexer com as nossas mentes?

— Sinceramente? — falou Hunt. — É uma possibilidade real. Mas, se me perguntar, acho que ela sabe que nós estamos… tramando alguma coisa. Acho que ela quer ver o que a gente vai fazer a seguir.

Bryce considerou.

— Estamos tão concentrados em Emile e na Ophion e nos demônios que esquecemos de uma coisa crucial: Sofie morreu sabendo de informações vitais. A Corça sabia disso, tinha tanto medo disso que a matou para se certificar de que a informação morresse com Sofie. E, se não foi preciso muito para Tharion descobrir que Sofie e Danika se conheciam e vir até nós, aposto que a Corça descobriu o mesmo. Ela tem hackers que poderiam ter encontrado os mesmos e-mails entre as duas.

A asa de Hunt roçou o ombro dela, curvando-se em seu entorno.

— Mas como isso sequer está conectado a Danika? Sofie não conseguiu a informação até dois anos depois da morte de Danika.

— Não faço ideia — disse Bryce, encostando a cabeça no ombro de Hunt, em uma intimidade casual, tranquilizadora.

O sexo no navio foi um divisor de águas. Transformar a alma. Simplesmente… transformador. Mal podia esperar para transar com Hunt de novo.

Bryce afastou o pensamento quando Ruhn perguntou:

— Alguma chance de isso estar de alguma forma ligado a Danika pesquisar aquela linhagem Fendyr? — O irmão da loba esfregou as têmporas. — Embora eu não veja como nada daquilo seria informação de alterar o curso de uma guerra e que valeria a pena matar para escondê-la.

— Nem eu — disse Bryce, suspirando. Na noite anterior, dormira aninhada ao lado de Hunt no beliche, pernas, asas e respirações entrelaçadas, ainda assim estava exausta. Pelas olheiras de Hunt, sabia que o mesmo cansaço pesava sobre o anjo.

Uma batida soou à porta, e Ruhn se levantou para atender. A mão de Hunt se enroscou nos cabelos de Bryce, e ele puxou as mechas, fazendo com que Bryce olhasse para ele. Ele beijou o nariz, o queixo e a sua boca.

— Eu posso estar cansado — disse, como se lesse seus pensamentos —, mas estou pronto para a segunda rodada quando você estiver.

Seu sangue esquentou.

— Que bom — murmurou de volta. — Eu odiaria se você não conseguisse me acompanhar por causa da sua idade avançada.

Foram interrompidos por Ruhn de pé diante deles.

— Me desculpem por acabar com o romance, mas o Cão do Inferno está lá fora.

* * *

Baxian não deu oportunidade para se prepararem quando invadiu a casa atrás de Ruhn, as asas pretas se abrindo levemente.

— Como diabos vocês invocaram aquele navio?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Hunt, em voz baixa.

Baxian piscou.

— Me certificando de que vocês estão todos inteiros.

— Por quê? — perguntou Ruhn.

— Porque eu quero participar. — Baxian se sentou em um banquinho diante do balcão.

Bryce tossiu, mas disse inocentemente.

— Participar de quê?

O Cão do Inferno lançou a ela um olhar sarcástico.

— Do que quer que tenha feito todos vocês se encontrarem com a Ophion, então explodirem as merdas deles para o Inferno.

Bryce disse, tranquilamente:

— Pensamos em destruir a Ophion antes que eles pudessem acabar com a paz em Valbara.

Baxian riu.

— Sim, óbvio. Sem suporte, sem alertar ninguém.

— Há simpatizantes dos rebeldes na 33ª — disse Hunt, com firmeza. — Não poderíamos arriscar avisá-los.

— Eu sei — respondeu Baxian, com igual tranquilidade. — Sou um deles.

Bryce encarou o metamorfo e disse, o mais calmamente possível:

— Você sabe que poderíamos ir direto até Celestina com isso. Você seria crucificado antes do cair da noite.

— Quero que você me diga o que está acontecendo — replicou Baxian.

— Eu já lhe disse. E você acabou de se foder majestosamente — falou Bryce.

— Se eles começarem a fazer perguntas sobre como vocês sabem que sou um simpatizante, acha que alguém vai engolir sua merda sobre ir até lá para salvar Valbara dos rebeldes humanos malvados? Principalmente quando você mentiu para Celestina a respeito de ir até a casa de seus pais? — Baxian gargalhou. Hunt tinha ficado tão imóvel que Bryce sabia que estava a um fôlego de matar o macho, embora nenhum relâmpago tivesse estalado ao seu redor. — Os asteri vão deixar a Corça começar logo com você, e veremos quanto tempo essas mentiras se sustentam sob suas ministrações.

— Por que a Corça ainda não está aqui? — perguntou Bryce. Não confirmaria nada.

— Não é o estilo dela — falou Baxian. — Ela quer dar corda o suficiente para vocês se enforcarem.

— E Ydra não bastou? — retrucou Ruhn.

Bryce o olhou com raiva. O irmão a ignorou, sua atenção letalmente fixa em Baxian.

— Se eu tivesse que adivinhar, diria que a Corça acha que você vai levá-la até o que ela quer.

Ruhn grunhiu.

— O que *você* deseja?

Baxian encostou no balcão.

— Já disse: quero participar.

— Não — disse Hunt.

— Eu não avisei vocês ontem? — disse Baxian. — Não apoiei vocês quando Sabine entrou aqui transtornada? Eu falei alguma coisa para alguém sobre aquilo desde então?

— A Corça joga por anos — replicou Hunt em ameaça sutil. — Quem sabe o que você está planejando com ela? Mas não somos rebeldes, de toda forma, então não há nada do que participar.

Baxian gargalhou, sem alegria, sem nenhum tipo de diversão, descendo do banquinho. Foi direto para a porta da entrada.

— Quando vocês idiotas quiserem respostas de verdade, venham me procurar. — A porta bateu às suas costas.

No silêncio que caiu depois que o Cão se foi, Bryce fechou os olhos.

— Então… agimos casualmente — disse Ruhn. — Descobrimos como estar um passo à frente da Corça.

Hunt grunhiu, sem parecer convencido. Eram dois, então.

Um zumbido soou, Bryce abriu os olhos e viu Ruhn olhando para o celular.

— Flynn precisa de mim em casa. Me ligue se souber de alguma coisa.

— Tome cuidado — avisou Hunt, mas o irmão apenas deu tapinhas em Áster antes de sair. Como se a lâmina fosse fazer alguma coisa contra a Corça.

Sozinhos no apartamento, finalmente Bryce levantou as sobrancelhas para Hunt.

— Quer apagar tudo da mente com um rala e rola nos lençóis?

Hunt gargalhou, inclinando-se para dar um selinho na boca de Bryce. Parou a milímetros de seus lábios, tão perto que conseguiu sentir o sorriso no rosto quando o anjo disse:

— Que tal você me contar que porra você sabe sobre Emile?

Bryce se afastou.

— Nada.

Os olhos de Hunt se incendiaram.

— Ah, é? Spetsos praticamente tagarelou tudo, não foi? Com o papo sobre cobras. — Relâmpago cintilou pelas suas asas. — Porra, você perdeu o juízo? Mandando aquele menino para a Rainha Víbora?



— Como foi?

Ruhn estava de pé diante de Flynn e Dec, os amigos sentados no sofá seccional com sorrisos inocentes demais nos lábios. Ithan estava sentado do outro lado de Dec, seu rosto receoso foi a indicação para Ruhn.

— Estou me perguntando se eu deveria perguntar o mesmo a vocês três — falou Ruhn, arqueando uma sobrancelha.

— Bem, você está vivo, e não capturado — disse Dec, colocando as mãos atrás da cabeça e recostando no sofá. — Estou presumindo que ocorreu… tudo bem?

— Deixe quieto — disse Ruhn. Inteiraria os amigos depois. Quando estivesse um pouco menos exausto e um pouco menos preocupado com as expressões inocentes.

— Bom, ótimo, fantástico — disse Flynn, ficando de pé com um salto. — Então, sabe como você sempre diz que é muito machista que a gente não tenha nenhuma colega de casa fêmea…

— Eu nunca disse iss…

Flynn indicou o corredor da entrada atrás dele.

— Bem, resolvido.

Ruhn piscou quando três duendes de fogo entraram zunindo, aterrissando nos ombros largos de Flynn. Uma de corpo farto se aninhou em seu pescoço, sorrindo.

— Conheça as trigêmeas — disse Flynn. — Rithi, Sasa e Malana.

A mais alta entre as de corpos magros, Sasa, piscou os cílios para Ruhn.

— Príncipe.

— O valor do nosso seguro vai ficar exorbitante — disse Ruhn a Declan, apelando para o menos desajuizado de seus colegas de casa.

— Quando você se tornou um adulto, porra? — replicou Flynn.

Ithan indicou a entrada com o queixo mais uma vez.

— Espere para ter uma síncope depois que conhecer a quarta nova colega de casa.

Uma fêmea baixinha e de corpo volumoso entrou, o cabelo preto ondulado quase na altura da cintura. A maior parte da pele marrom-clara estava escondida pelo cobertor xadrez que envolvia seu corpo nu. Seus olhos, no entanto… Solas Flamejante. Eram vermelho-sangue. Incandescentes como brasas.

— Ariadne, conheça Ruhn — cantarolou Flynn. — Ruhn, conheça Ariadne.

Ariadne encarou Ruhn, o príncipe congelou quando viu o lampejo de alguma coisa derretida correndo sob a pele do antebraço dela, fazendo com que sua pele parecesse… escamas.

Ruhn se virou para Dec e Flynn.

— Eu fiquei fora por um dia! De um alvorecer a outro! E volto para casa e encontro *uma dragoa*? De onde ela veio?

Dec e Flynn, e as três duendes, apontaram para Ithan.

O lobo se encolheu.

Ruhn olhou de novo para a dragoa, e a mão que agarrava o cobertor. O sutil indício da marca no pulso dela. Estudou as duendes.

— Por favor, digam que elas pelo menos estão aqui legalmente — falou Ruhn, em voz baixa.

— Não — respondeu Flynn animado.

* * *

Hunt tinha duas opções: começar a gritar ou começar a rir. Não havia decidido qual das duas queria fazer ao caminharem por um estreito corredor no armazém mais letal do Mercado da Carne, dirigindo-se para a porta no final. Os guardas feéricos de expressões vazias à entrada nem mesmo piscaram. Se sabiam quem Bryce era, não deram indícios.

— Como você descobriu? — Bryce franziu as sobrancelhas. Não tinha negado nada no voo até ali. Que de alguma forma havia levado Emile até a Rainha Víbora. E Hunt ficara puto demais da vida para fazer qualquer pergunta.

Tão puto que aquilo tinha afastado qualquer libido remanescente da noite anterior.

Hunt disse, aos sussurros:

— Eu falei. Você não é tão malandra quanto pensa. A forma como ficou tão tensa com Pippa falando sobre cobras entregou você. — Balançou a cabeça. — Não era Pippa que estava matando aquela gente para chegar até Emile, era?

Bryce se encolheu.

— Não. Eram os brutamontes da Rainha Víbora. Bem, a brutamonte. Mandou uma de suas lacaias humanas, alguma mercenária, para caçá-lo. Por isso o cheiro humano feminino.

— E você não teve problemas com isso? Com a morte daquelas pessoas, incriminando Pippa? — De fato, Pippa era terrível, mas… Alguma coisa se contraiu em seu peito.

Aquilo era diferente de seu tempo com Shahar? Apaixonar-se por uma linda e poderosa fêmea, apenas para esconder seus pensamentos mais íntimos dele…

— Não — disse Bryce, empalidecendo. Parou a três metros dos guardas. Tocou o braço de Hunt. — Eu não fiquei tranquila com isso, de jeito nenhum. — Sua garganta oscilou. — Eu disse a ela para encontrá-lo a todo custo. Não percebi que acarretaria… nisso tudo.

— Foi uma burrice da porra o que você fez — grunhiu Hunt, e imediatamente se odiou pela expressão ferida que surgiu no olhar de Bryce. Contudo, continuou indo em direção da porta, saindo de seu alcance.

Os guardas silenciosamente os deixaram entrar no apartamento luxuosamente decorado. Definitivamente longe de seu escritório aos

pedaços alguns pisos abaixo. Uma entrada de madeira entalhada fluía adiante, um tapete carmesim levava até uma grande sala de estar com uma imensa janela interior do chão ao teto, que dava para o famoso poço de luta da Rainha Víbora.

Bryce murmurou secamente quando seguiram para a sala de estar:

— Não vou deixar esse pobre menino cair nas mãos de ninguém. Nem de Cormac.

— Então naquela noite que viemos até aqui com Juniper e Fury… Emile já estava aqui?

— A Rainha Víbora deveria tê-lo apreendido àquela altura, mas então Tharion nos contou sobre a selkie morta, e ficou nítido que ela ainda não o tinha encontrado. Vim até aqui para ver que Inferno havia acontecido, e para elucidar que deixar um rastro de corpos… *não* era isso que eu quis dizer. Quando eu passei pelos guardas depois que nos separamos para procurar, talvez eu tenha murmurado algumas perguntas para eles passarem à sua rainha. E talvez eles tenham mandado um dos guardas disfarçados se aproximar de mim no açougueiro onde eu comprei a carne para Syrinx para me dizer que o menino ainda estava a solta e que o tinham visto pela última vez perto do Cais Preto. O que me fez questionar tudo que eu tinha presumido sobre ele ter vindo até aqui, e eu soube que simplesmente… Eu precisava ir até o Quarteirão dos Ossos para me certificar de que ele *não estava* lá. Enquanto a Rainha Víbora continuava procurando. Mas pelo visto, ela ou a brutamonte ignoraram minha exigência de parar a matança e acrescentaram mais alguns à lista antes de colocarem as mãos em Emile.

— Então vir até aqui foi uma grande perda de tempo?

Bryce fez que não com a cabeça.

— Não. Eu também precisava que todo mundo pensasse que eu estava procurando por Emile, que nós tínhamos verificado este espaço, para que, caso a Rainha Víbora conseguisse pegá-lo, ninguém voltasse aqui. E eu precisava de você e Fury comigo para que a Rainha Víbora se lembrasse de quem viria foder com ela caso ferisse o menino no processo.

A mencionada rainha estava agora diante deles, uma fêmea esguia em um macacão verde-néon ao lado de um grande sofá felpudo. O cabelo preto lustroso e na altura da nuca refletia as chamas douradas

da lareira à sua direita. E sentado no sofá diante da fêmea, pequeno e magro e de olhos arregalados, estava um menino.

— Veio recolher sua encomenda ou fazer mais ameaças sobre Athalar me cozinhar viva? — perguntou a Rainha Víbora, tragando um cigarro entre seus lábios pintados de roxo.

— Tênis bonitos — foi tudo o que Bryce disse, indicando os tênis de cano alto branco e dourados da metamorfa de cobra. Mas Bryce ofereceu a Emile um sorriso gentil. — Oi, Emile. Sou Bryce.

O menino não disse nada. Na verdade, olhou para a Rainha Víbora, que falou em tom arrastado:

— A ruiva foi quem trouxe você até aqui. Ignore o anjo. Ele late, mas não morde.

— Ah, ele gosta de morder — murmurou Bryce, mas Hunt não estava com humor para rir. Nem mesmo sorrir. Disse para a Rainha Víbora, poder faiscando nas veias:

— Não pense nem por um momento que algum dia vou me esquecer de como você me fodeu naquela noite com Micah. O sofrimento de Vik e a morte de Justinian estão na sua conta.

A rainha teve a audácia de abaixar os olhos, como se procurasse a culpa.

Antes que Hunt pudesse considerar fritá-la, Emile disse, esganiçado:

— Oi.

Era só um menino, sozinho e com medo. O pensamento apagou qualquer relâmpago nas veias de Hunt.

Bryce assentiu para a Rainha Víbora.

— Eu gostaria de um momento com Emile, por favor. — Foi um comando. De uma princesa para outra governante.

As pupilas em fenda da Rainha Víbora se dilataram, com diversão ou intenção predatória, Hunt não sabia dizer, mesmo assim, falou:

— Emile, grite se precisar de alguma coisa. — E saiu andando por um corredor ornamentado, forrado por painéis de madeira, sumindo atrás de uma porta.

Bryce sentou no sofá ao lado de Emile e falou:

— Então, como estão as coisas? — O menino, e Hunt, piscou para ela.

Emile falou, baixinho:

— Minha irmã está morta, não está?

O rosto de Bryce se suavizou, e Hunt confirmou:

— É. Está sim. Sentimos muito.

Emile olhou para suas mãos pálidas e ossudas.

— A Víbora disse que vocês estavam procurando, mas… eu sabia. — Hunt observou o menino em busca de algum indício daquele dom de pássaro-trovão. Algum indício de magia capaz de colher e transformar magia sob a sua vontade.

Bryce colocou a mão no ombro de Emile.

— Sua irmã era durona. Uma corajosa e brilhante durona.

Emile ofereceu um sorriso hesitante. Pelos deuses, o menino era magricela. Magro demais para a própria estrutura. Se continuava magro daquele jeito depois de algumas semanas fora das cercas de arame farpado do campo de extermínio… O menino tinha visto e sofrido coisas que nenhuma criança, nenhuma pessoa, deveria enfrentar.

Uma onda de vergonha inundou Hunt, sentou-se ao lado de Bryce.

Não era à toa que havia trabalhado sozinha para arranjar aquilo, nenhum dos outros tinha parado de fato para pensar no próprio menino. Apenas no poder dele, e no que significaria se a pessoa errada colocasse as mãos nele.

Hunt tentou encontrar seus olhos, mostrar a Bryce que entendia, e que não a julgava por nada daquilo, mas a princesa manteve a concentração no menino.

Bryce disse, em voz baixa:

— Eu também perdi uma irmã. Há dois anos. Foi difícil, e você nunca para de sentir a perda, mas… aprende a viver com ela. Não vou dizer a você que o tempo cura todas as feridas, porque para algumas pessoas ele não cura. — O coração de Hunt se apertou com a mágoa em sua voz, até mesmo agora. — Mas eu entendo. O que você está sentindo.

Emile não disse nada. Hunt suprimiu a vontade de pegar os dois em um abraço apertado.

— E olhe — prosseguiu Bryce —, não importa o que a Rainha Víbora diga a você, não leve as ameaças dela a sério. Ela é uma psicopata, mas não é uma assassina de crianças.

— Muito reconfortante — murmurou Hunt.

Bryce fez cara feia para ele.

— É verdade.

Hunt sabia por que a Rainha Víbora não teria ferido o menino. Virou-se para o poço de luta além da janela. Estava escuro e silencioso agora, cedo demais para as lutas que atraíam centenas, e arrecadavam milhões, até a metamorfa de cobra.

Preocupação tomou conta dele. Hunt disparou:

— Você não assinou nenhum contrato com ela, certo?

— Por que ela iria querer que eu assinasse alguma coisa? — disse Emile, arrastando os dedos dos pés no tapete.

Hunt disse, em voz baixa:

— Pássaros-trovão são extremamente raros. Muita gente gostaria de colocar as mãos nesse poder. — Estendeu a mão para Emile, relâmpago envolveu seus dedos, entremeando-os. — Não sou um pássaro-trovão — disse Hunt —, mas tenho um poder semelhante. Ele me tornou, hã… valioso. — Bateu na marca de escravidão queimada em seu pulso. — Não de nenhuma forma que conta, bem no fundo, mas fez com que algumas pessoas estivessem dispostas a fazer muitas coisas ruins para me obter. — A Rainha Víbora mataria, tinha matado, para possuir aquele poder.

Os olhos de Emile se arregalaram para o relâmpago. Como se visse Hunt pela primeira vez.

— Sofie disse uma coisa assim sobre o poder dela uma vez. Que não mudava quem ela era por dentro.

Hunt se derreteu um pouco ao ver a confiança no rosto do menino.

— Não mudava. E seu poder também não.

Emile olhou de um para outro. Então pelo corredor.

— Que poder?

Hunt devagar, muito devagar, virou-se para Bryce. Seu rosto não revelou nada.

— Seu… poder de pássaro-trovão? O poder que derrubou aqueles barcos-ômega?

O rosto do menino estremeceu.

— Aquilo foi Sofie.

Bryce levantou o queixo em provocação.

— Emile não tem poderes, Hunt.

* * *

Hunt parecia ter recebido um balde de água fria na cabeça.

— O que quer dizer? — perguntou, a voz baixa. Não esperou pela resposta antes de insistir: — Como *você* sabe, Bryce?

— Eu não sabia com certeza — disse Bryce. O pequeno menino assustado agora se encolhia para longe do anjo. Prosseguiu: — Mas imaginei que fosse uma boa possibilidade. A única coisa com que os vanir se importam é poder. A única forma de fazer com que eles se importassem com um menino humano era inventar uma história sobre ele ter poderes como os de Sofie. A única forma de garantir que ele ficasse seguro era criar uma mentira sobre ele ser valioso. Eu tinha a sensação de que Sofie sabia muito bem disso. — Acrescentou, com um sorriso suave para o menino: — Emile era, *é*, valioso. Para Sofie. Para sua família. Como todos os entes queridos são.

Hunt piscou. Piscou de novo. Ódio e medo guerreavam em seus olhos. O anjo sussurrou:

— A Rainha Víbora sabe disso?

Bryce não disfarçou seu desdém.

— Ela nunca perguntou. — Bryce se certificara de frasear muito cuidadosamente a barganha entre elas, de modo que Emile pudesse sair dali quando quisesse.

O relâmpago de Hunt se contorceu por sua testa.

— Qualquer proteção que ela ofereça a esse menino vai desaparecer assim que a Víbora souber. — Seu olhar se voltou para Emile, que observava o relâmpago não com medo, mas com pesar. O relâmpago imediatamente sumiu. Hunt esfregou o rosto. Então disse a Bryce: — Você fez tudo isso só com um palpite?

— Sofie era metade humana. Como eu. — O próprio Cormac tinha dito que eram parecidas. Explicou do jeito mais delicado possível: — Você nunca passou um momento da sua vida como humano, Hunt. Sempre teve valor para os vanir. Você mesmo acabou de dizer.

Suas asas farfalharam.

— E qual foi o preço que a Rainha Víbora pediu?

— Ela resgataria Emile, o deteria aqui, com conforto e segurança, até que eu viesse buscá-lo. E, em troca, eu devo um favor a ela.

— Isso foi inconsequente — afirmou, entre dentes.

— Não é como se eu tivesse pilhas de ouro por aí. — Não era o momento nem o lugar para uma discussão. — Você pode dar seu ataque de alfa babaca depois — fervilhou.

— Tudo bem — retrucou Hunt de volta. Inclinou-se para se dirigir ao menino, a expressão tempestuosa se acalmando. — Desculpe, Emile. Fico feliz por você estar seguro, por mais irresponsavelmente que Bryce tenha agido para fazer isso acontecer. Está disposto a responder algumas perguntas?

Emile assentiu brevemente. Bryce se preparou.

Hunt deu a Bryce outro olhar irritado antes de falar:

— Como impediu que a Rainha Víbora soubesse que você não tem poder algum?

Emile deu de ombros.

— Quando ela falava de lutas e essas coisas, eu não respondia. Acho que ela pensou que eu estava com medo.

— Muito bem. — disse Bryce. Hunt interrompeu:

— Você estava vindo para esta cidade originalmente para chegar a um ponto de encontro no qual você e sua irmã tinham combinado?

Emile assentiu de novo:

— Nós deveríamos nos encontrar aqui, na verdade.

— Um lugar *onde as almas cansadas encontram alívio*… — Hunt murmurou.

Bryce explicou:

— O Mercado da Carne é a central das drogas. Eu imaginei que, se Danika o tivesse sugerido como um esconderijo, então podia ter achado que a Rainha Víbora estaria… disposta a ajudá-los. No fim das contas, Danika estava certa.

Emile acrescentou:

— A agente da Víbora me pegou antes que eu conseguisse chegar ao limite da cidade. Ela disse que não era seguro em lugar nenhum, exceto com elas.

— Não era — disse Bryce, sorrindo carinhosamente —, mas agora você está seguro com a gente.

Bem, pelo menos podiam concordar naquilo. Hunt perguntou:

— Sua irmã chegou a mencionar alguma coisa secreta sobre os asteri? Alguma coisa supervaliosa para os rebeldes?

Emile considerou, a testa se enrugando.

— Não.

Bryce exalou pesadamente. Tinha sido um tiro no escuro mesmo.

Emile entrelaçou os dedos.

— Mas… Eu reconheço esse nome. Danika. Ela era a loba, né?

Bryce ficou imóvel.

— Você conheceu Danika?

Emile fez que não com a cabeça.

— Não, mas Sofie me contou sobre ela na noite em que nos separamos. A loba loira que morreu há dois anos. Com as mechas roxa e rosa no cabelo.



Bryce respirava com dificuldade.

— Como Danika e Sofie se conheciam?

— Danika encontrou Sofie usando os poderes de vanir dela — falou Emile. — Ela conseguiu sentir o cheiro do dom de Sofie, ou algo assim. Precisava que Sofie fizesse alguma coisa para ela, Danika não podia fazer porque era reconhecível demais. Mas Sofie… — Emile passou os dedos pelo tapete. — Ela não era…

Bryce interrompeu:

— Sofie era humana. Ou se passava por uma. Ela seria ignorada pela maioria das pessoas. O que Danika precisava que ela fizesse?

Emile balançou a cabeça.

— Não sei. Eu não consegui falar muito com Sofie quando estávamos em Kavalla.

Os olhos arregalados de Hunt brilharam com surpresa, sua irritação aparentemente esquecida por um momento. Bryce tirou um pedaço de papel do bolso.

— Estas letras e números foram encontrados no corpo da sua irmã. Alguma ideia do que significam?

Emile balançou o joelho.

— Não.

Droga. Bryce repuxou a boca para o lado.

Com a cabeça baixa, Emile sussurrou:

— Sinto muito por não saber mais nada.

Hunt pigarreou. Esticou o braço à frente de Bryce para segurar o ombro do menino.

— Você foi bem, garoto. Muito bem. Devemos uma a você.

Emile ofereceu a Hunt um sorriso vacilante.

A mente de Bryce girava. Danika precisara de Sofie para encontrar algo *grande*. E, embora tivesse levado anos desde a morte de Danika, Sofie tinha finalmente encontrado. E de fato era algo bem grande, a ponto de a Corça matá-la, em vez de arriscar que Sofie espalhasse a informação…

Hunt falou, arrancando-a de seus pensamentos:

— Bryce.

O parceiro dela acenou significativamente para a janela a poucos metros de distância.

— Dê um minuto para a gente — disse a Emile com um sorriso, indo até a janela, Hunt a seguindo.

Hunt sibilou sussurrado:

— O que nós fazemos com ele agora? Não podemos deixá-lo aqui. É apenas uma questão de tempo até que a Rainha Víbora descubra que ele não tem poderes. E não podemos levá-lo com a gente. Pippa pode muito bem vir xeretar agora que destruímos aquele traje e eles realmente precisam do poder de um pássaro-trovão…

— Pippa Spetsos é uma mulher ruim — disse Emile do sofá, empalidecendo. Hunt teve o bom senso de parecer envergonhado por seu pequeno ataque descontrolado ter sido entreouvido. — Sofie me avisou sobre ela. Depois que eu entrei no barco, ela quis me interrogar… Eu fugi quando ninguém estava olhando, mas ela e a unidade da Ocaso me seguiram, até os pântanos. Eu me escondi no junco e consegui despistá-los ali.

— Esperto. — Bryce pegou o telefone. — E nós sabemos tudo sobre Pippa, não se preocupe. Ela não vai chegar nem perto de você. — Olhou com raiva para Hunt. — Você acha mesmo que não planejei isto?

Hunt cruzou os braços, as sobrancelhas erguidas, mas Bryce já estava ligando para alguém.

— Oi, Fury. É, estamos aqui. Pode trazer o carro.

— Você arrastou Axtar para isso?

— Ela é uma das poucas pessoas em quem confio para acompanhá-lo até sua nova casa.

Os olhos de Emile se encheram de medo. Bryce voltou para o sofá e bagunçou seu cabelo.

— Você vai ficar seguro, eu prometo. — Deu a Hunt um olhar de aviso por cima do ombro. Ela não revelaria mais até que eles fossem embora. Mas ela disse para Emile: — Vá usar o banheiro. Vai ser uma longa viagem.

* * *

Hunt ainda estava processando seus sentimentos acelerados quando saíram do Mercado da Carne, Emile escondido sob as sombras de um moletom com capuz. Como prometido, a Rainha Víbora os deixara ir embora, sem fazer perguntas.

Apenas sorrira para Bryce. Hunt suspeitava, com uma sensação pesarosa, que já sabia que Emile não tinha poderes. Acolhera o menino porque, apesar de seu potencial, tinha uma coisa que poderia ser mais valiosa um dia: Bryce lhe dever um favor.

Inferno, ele daria sim um chilique de alfa babaca.

Hunt afastou os pensamentos quando encontrou Fury Axtar encostada em um sedã preto lustroso, os braços cruzados. Emile tropeçou um passo. Hunt não culpou o menino.

Bryce abraçou a amiga, dizendo:

— *Muito* obrigada.

Fury recuou e se virou para observar Emile como se estivesse olhando para um inseto particularmente nojento.

— Está só pele e osso.

Bryce a cutucou com um cotovelo.

— Então dê uns lanchinhos para ele no caminho.

— Lanchinhos? — disse Fury, abrindo uma das portas de trás.

— Você sabe — falou Bryce, em tom arrastado —, comida porcaria que fornece zero nutrição para nossos corpos, mas *muita* nutrição para nossas almas.

Como podia estar tão… despreocupada com o que tinha feito? Um monte de gente provavelmente a mataria por aquilo. Se não Cormac, então a Rainha do Rio ou a Ophion ou a Corça…

Fury balançou a cabeça, rindo, mas chamou o menino.

— Pode entrar.

Emile hesitou.

Fury lançou um sorriso selvagem:

— Você é baixinho demais para ir na frente. Regulamentação de segurança do air-bag.

— Você só não quer que ele mexa no rádio — murmurou Bryce. Fury não negou, e Emile não disse nada ao sentar no banco de trás. Não tinha mochila, nenhum pertence.

Hunt se lembrava dessa sensação. Depois que sua mãe morreu, não tinha vestígios ou lembretes ou confortos da criança que fora, a mãe que cantara para ele dormir.

Náusea se revirou em seu estômago. Hunt disse ao menino:

— Não deixe Fury dar ordens a você.

Emile ergueu olhos arregalados e suplicantes para Hunt. Deuses, como todos tinham se esquecido de que era apenas uma criança? Todo mundo menos Bryce.

Shahar jamais teria feito algo assim, arriscado tanto por alguém que não poderia fazer bem algum a ela. Bryce, no entanto… Hunt não conseguiu evitar se aproximar. De roçar sua asa contra ela em um pedido silencioso de desculpas.

Bryce saiu do alcance dele. Justo. Tinha agido como um babaca. Perguntou a Fury:

— Você tem o endereço?

— Sim. Estaremos lá em oito horas. Sete, se não pararmos para lanchinhos.

— Ele é um menino. Ele precisa de lanches — interrompeu Hunt.

Fury o ignorou e saiu do carro, deslizando para o banco do motorista. Duas pistolas estavam presas às suas coxas. Hunt teve a sensação de que havia mais no porta-luvas e no porta-malas. E havia qualquer que fosse o poder vanir que ela possuía e que tornava Fury Axtar, bem… Fury Axtar.

— Você tem sorte que eu amo você, Quinlan. E que Juniper não queria esse menino aqui por mais nem um segundo.

Hunt percebeu a garganta de Bryce oscilar, mas levantou a mão em despedida. Então ela se aproximou da porta de trás ainda aberta e disse a Emile:

— Seu nome não é mais Emile Renast, tudo bem?

Pânico brotou no rosto do menino. Bryce tocou sua bochecha, como se não conseguisse evitar. O restante da raiva de Hunt se dissolveu por inteiro.

— Todos os documentos estarão à sua espera. Certidão de nascimento, papéis de adoção… — Bryce dizia.

— Adoção? — disse Emile, rouco.

Bryce sorriu com triunfo para o menino.

— Você é parte do clã Quinlan-Silago agora. Somos um bando de doidos, mas nos amamos. Diga a Randall para fazer croissants de chocolate para você aos domingos.

Hunt não tinha palavras. Bryce não havia apenas encontrado um lugar para o menino perdido. Encontrara uma nova família para ele. A *própria* família. Sua garganta se contraiu até doer, seus olhos ardendo. No entanto, Bryce beijou a bochecha de Emile, fechou a porta e bateu no teto do carro. Fury acelerou pela rua de paralelepípedos, fez uma curva acentuada à esquerda, e sumiu.

Devagar, Bryce se virou para ele.

— Você vai mandá-lo para seus pais — disse em voz baixa.

Seu olhar ficou gélido.

— Eu perdi o memorando em que precisava da sua aprovação para fazer isso?

— Pelo amor de Urd, não foi por isso que eu fiquei com raiva.

— Não me importa se você ficou com raiva — disse, lampejando sua luz. — Só porque estamos transando não significa que eu respondo a você.

— Tenho bastante certeza de que é um pouco mais do que transando.

Bryce fervilhou de raiva, mas Hunt se lembrou de onde estavam, bem diante do quartel-general da Rainha Víbora. Onde qualquer um poderia ver. Ou tentar começar alguma merda.

— Preciso ir trabalhar — disse Bryce, praticamente mordendo cada palavra.

— Tudo bem. Eu também.

— Tudo bem. — Ela não esperou por ele antes de sair a passos largos.

Hunt esfregou os olhos e levantou voo. Ele sabia que Bryce sabia muito bem que ele a acompanhava do alto conforme ela entremeava pelo emaranhado de ruas que compunham o Mercado da Carne, virando em direção ao norte para o DCC apenas depois de atravessar a rua da Velha até a segurança da Praça da Cidade Velha.

No entanto, não olhou para cima. Nem uma vez.

* * *

— Só tenho dez minutos antes de precisar ir para os arquivos — disse Bryce ao irmão quando a apressou para dentro de sua casa uma hora depois. — Já estou mega atrasada com o trabalho.

Espumando de raiva por causa de Hunt, usou a longa caminhada para processar tudo que tinha acontecido com Emile e a Rainha Víbora. Para rezar para que Fury não matasse o menino de medo antes que chegassem à casa de seus pais em Nidaros. E contemplar se talvez tivesse exagerado um pouco na reação à raiva de Hunt por não ter contado ao anjo.

Bryce estava virando a esquina para os arquivos quando Ruhn ligou pedindo vagamente que o encontrasse o quanto antes. Digitou uma mensagem rápida para o chefe sobre uma consulta médica atrasada, então correu para lá.

Jogou a bolsa ao lado da porta da frente.

— Por favor, comece a explicar por que isso era tão urgente que precisava que eu… Ah.

Bryce presumiu que tivesse alguma coisa a ver com Ithan, ou que talvez Declan tivesse encontrado alguma coisa. Correra do CiRo só por isso, usando os saltos idiotas, no calor idiota, e estava agora um caos, suada.

Não esperava uma linda fêmea vestindo nada além de um cobertor, de pé contra a parede do corredor da entrada como um animal enjaulado. Os olhos carmesim semicerraram-se com desconfiança.

Bryce sorriu para a fêmea contra a parede.

— Hã, oi. Tudo… bem? — chiou para Ruhn por cima do ombro: — *Cadê as roupas dela?*

— *Ela não quis usar* — retrucou Ruhn. — Acredite em mim, Dec tentou. — Apontou para uma pilha intocada de roupas masculinas ao lado da escada.

A fêmea observava Bryce dos saltos até a cabeça.

— Você foi ver os místicos. Você brilhava com luz estelar.

Bryce olhou de volta. Não era a mística fêmea, mas… virou-se para olhar para Ithan, parecendo culpado, no sofá. Com três duendes de fogo flutuando em torno da cabeça dele.

O sangue de Bryce ardeu como ácido. Uma duende voluptuosa se deitou em seu joelho, sorrindo para ela. A lembrança de Lehabah queimou forte e lancinante.

— Então, Ithan *talvez* tenha ficado puto quando voltou para o Astrônomo e descobriu que a mística fêmea é uma loba — dizia Ruhn —, e *talvez* tenha feito uma coisa precipitada e levado algo que não deveria, e então estes babacas as libertaram dos anéis…

Bryce se virou para a fêmea contra a parede.

— Você estava em um dos anéis?

Os olhos vermelhos se acenderam de novo.

— Sim.

Bryce perguntou a Ithan:

— Por que você voltou lá?

— Eu queria ter certeza sobre Connor — disse. Não deixou de notar o tom acusatório, por não estar tão preocupada quanto ele. Ruhn também não, ficou tenso ao seu lado.

Bryce engoliu em seco.

— Ele… está bem?

Ithan passou a mão pelo cabelo.

— Não sei. Preciso descobrir.

Bryce assentiu seriamente, então conseguiu olhar para as três duendes na sala. Conseguiu erguer o queixo e perguntar, com a voz apenas levemente trêmula:

— Vocês conhecem uma duende chamada Lehabah?

— Não — disse Malana, a duende de corpo farto tão parecida com Lele que Bryce mal conseguia suportar olhar para ela. — De que clã ela é?

Bryce inspirou um fôlego trêmulo. Os machos tinham se calado.

— Lehabah dizia que era descendente da Rainha Ranthia Drahl, Rainha das Brasas.

Uma das duendes magras, Rithi, talvez, bufou com chama vermelha.

— Uma herdeira de Ranthia?

Um calafrio percorreu os braços de Bryce.

— Ela quem disse.

— Duendes do fogo não mentem sobre a linhagem deles — disse a terceira duende, Sasa. — Como você a conhece?

— Eu a conheci — disse Bryce. — Ela morreu há três meses. Deu a vida para salvar a minha.

As três duendes voaram até Bryce.

— A linhagem Drahl está há muito tempo dispersa aos ventos — disse Sasa, triste. — Não sabemos quantos restam. Perder sequer um… — Fez uma reverência com a cabeça, chamas se apagando até adquirir um amarelo suave.

A dragoa no corredor disse a Bryce:

— Você era amiga dessa duende?

Bryce se virou para a fêmea.

— Sim. — Maldita garganta fechada. Disse para as três duendes: — Eu libertei Lehabah antes de ela morrer. Foi o… — Mal conseguia dizer as palavras. — Foi o primeiro e último ato de liberdade dela escolher me salvar. Ela era a pessoa mais corajosa que eu já conheci.

Malana pairou até Bryce, pressionando a mão morna e incandescente à bochecha dela.

— Em honra dela, devemos considerar você uma aliada de nosso povo.

Bryce não deixou de notar a tatuagem de escravidão no pulso de Malana. As outras duas duendes tinham a mesma marca. Virou-se devagar para Ithan.

— Fico feliz que você as roubou daquele canalha.

— Não pareceu certo abandoná-las.

Alguma coisa em seu peito se dissolveu, segurou a vontade de abraçar seu velho amigo, de chorar diante do lampejo do macho que um dia conhecera. Em vez disso, Bryce perguntou a Ruhn:

— Não podemos encontrar uma forma de sair disso, Sr. Príncipe Chique?

— Marc está cuidando disso — falou Declan, estendendo o celular. — Ele acha que vocês dois podem conseguir usar seu poder para ou confiscá-las em nome da casa real, ou conseguir que o Astrônomo aceite um pagamento por elas, em vez de prestar queixa.

— Pagamento? — retalhou Bryce.

— Relaxe — disse Flynn, sorrindo. — Nós temos o dinheiro, princesa.

— É, já vi a casa elegante do seu papai — brincou Bryce, o que lhe garantiu uma careta de Flynn e um *oooooh* das duendes.

Bryce segurou um sorriso e ergueu a sobrancelha para Ruhn. Tinha fodido uma amizade graças a usar a posição de princesa, mas aquilo… Por Lehabah ela faria.

— Você está dentro, Escolhido?

A boca de Ruhn se repuxou para o lado.

— Óbvio que sim, Estrelada.

Bryce gesticulou para dispensá-lo e se virou completamente para a dragoa no corredor.

— Estou supondo que você tenha custado… muito.

— Mais do que até mesmo um príncipe ou princesa podem pagar — disse, com um tom de amargura. — Eu fui um presente para o Astrônomo de um arcanjo.

— Deve ter sido uma leitura e tanta que o Astrônomo fez para o arcanjo — murmurou Flynn.

A dragoa se esquivou:

— Foi.

Seus olhos se resfriaram até virarem brasas pretas como azeviche. Deixá-la à mercê do Astrônomo, para voltar para aquele anel minúsculo e se sentar em seus velhos dedos imundos…

— Olhe — falou Bryce —, se Marc estiver certo sobre a coisa de confiscar escravizados para serviços reais, então Ruhn e eu podemos inventar alguma merda para explicar por que precisamos de você.

— Por que me ajudar? — perguntou a dragoa.

Bryce bateu no pulso.

— Meu parceiro foi escravizado. Não posso mais fazer vista grossa para isso. Ninguém deveria. — E, como já havia ajudado uma alma

perdida naquele dia, por que não acrescentar mais algumas?

— Quem é seu parceiro? — disse a dragoa.

— Espere — protestou Flynn. — Vocês são parceiros? Tipo, parceiros-parceiros?

— Parceiros-parceiros — disse Ruhn.

— O Rei Outonal sabe disso? — perguntou Declan.

Bryce jurou que Ruhn olhou para Ithan, ocupado com alguma coisa no celular, antes de responder:

— Digamos que foi oficialmente confirmado ontem à noite.

Flynn assoviou.

Bryce revirou os olhos, mas se virou para a dragoa de novo.

— O nome dele é Hunt Athalar.

Reconhecimento iluminou os olhos da dragoa.

— Orion Athalar?

— Esse mesmo — disse Bryce. — Você o conhece?

Sua boca se contraiu em uma linha fina.

— Apenas pela reputação.

— Ah. — Bryce perguntou, um pouco desconfortável: — Qual é o seu nome?

— Ariadne.

— Ari como apelido — intrometeu-se Flynn.

— Jamais Ari — disparou a dragoa.

A boca de Bryce se repuxou.

— Bem, Ariadne, pode antecipar que estes babacas vão irritar você a cada hora. Mas tente não queimar o lugar. — Piscou um olho para a dragoa. — Mas sinta-se livre para tostar o Flynn quando ele se fizer de engraçadinho.

Flynn mostrou o dedo médio para ela, mas Bryce se virou para a porta, apenas para encontrar as três duendes em seu rosto.

— Você deveria falar com nossa rainha sobre a bravura de Lehabah — disse Sasa. — Irithys não é descendente de Ranthia, mas ela gostaria de ouvir sua história.

— Estou bem ocupada — disse Bryce, rapidamente. — Preciso ir trabalhar.

Malana disse para a irmã dela:

— Ela precisaria *encontrar* Irithys primeiro. — explicou a Bryce: — Pela última notícia que tivemos, antes de termos ido para dentro dos

anéis há tantos anos, ela tinha sido vendida para um dos asteri. Mas talvez eles deixem você falar com ela.

— Por que eu precisaria falar com ela? — perguntou Bryce, ao continuar se dirigindo até a porta, ciente do olhar aguçado de Ariadne.

— Porque princesas precisam de aliados — falou Rithi, e Bryce parou.

Bryce suspirou.

— Vou precisar de uma bebida bem grande depois do trabalho — disse, e saiu pela porta, o telefone já ao ouvido.

— O quê? — disse Jesiba, como cumprimento.

— O Astrônomo. Você o conhece? — Bryce tinha zero ideia do que o velho macho era, mas… provavelmente seria da Casa de Chama e Sombra.

Houve silêncio da feiticeira antes de ela responder:

— Por quê?

— Procurando alguns pauzinhos para mexer.

Jesiba riu baixo.

— Foi você quem roubou os anéis dele?

Talvez eles tivessem um quadro de avisos do grupo de apoio de feiticeiros.

— Digamos que um amigo fez isso.

— E agora você quer… o quê? Meu dinheiro para pagar por eles?

— Quero que você o convença a aceitar o dinheiro que meus amigos pagarão por eles.

— Um daqueles anéis é de valor inestimável.

— É, a dragoa. Ariadne.

— É assim que ela se chama? — Uma risada grave. — Fascinante.

— Você a conhece?

— Eu ouvi falar dela.

Bryce atravessou um cruzamento tumultuado, mantendo a cabeça baixa quando um turista de passagem olhou boquiaberto por tempo demais na direção dela. Pelo menos nenhum lobo feral espreitava as ruas.

— Então? Pode ajudar ou não?

Jesiba grunhiu.

— Vou fazer uma ligação. Não prometo nada.

— O que vai dizer?

— Que ele me deve um favor. — Promessa sombria cintilou nas palavras. — E agora você também deve.

— Entre na fila — disse Bryce, e desligou.

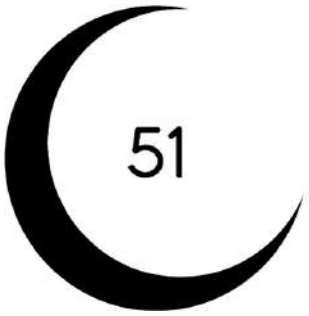
Quando Bryce chegou ao seu pequeno escritório nos arquivos, aliviada por não ter precisado usar o título de princesa de novo, estava pronta para se deliciar com o ar-condicionado e relaxar na cadeira. Pronta para talvez mandar uma mensagem a Hunt para sondar se ele ainda estava puto. Entretanto, todos os planos sumiram quando viu o envelope em sua mesa.

Ele continha uma análise de fogo de dragão, datando de cinco mil anos atrás. Era uma língua que Bryce não conhecia, mas uma tradução havia sido incluída. Jesiba tinha rabiscado *Boa sorte* no alto.

Bem, agora ela sabia por que o Astrônomo mantinha Ariadne em um anel. Não pela luz, mas por proteção.

Entre seus muitos usos, escrevera o antigo estudioso, *fogo de dragão é uma das poucas substâncias que comprovadamente fere os Príncipes do Inferno. Ele pode queimar até mesmo o couro escuro do Príncipe do Fosso.*

Sim, Ariadne era valiosa. E se Apollion estava preparando os exércitos dele… Bryce não tinha intenção alguma de deixar a dragoa voltar para as garras do Astrônomo.



Hunt sabia que havia sido um tolo por pensar que aquilo acabaria após terem encontrado Emile. Depois que o menino estivesse a salvo. Bryce nitidamente não intencionava deixar aquilo de lado. Não com Danika envolvida de alguma forma.

No entanto, afastou tudo da mente. Tinha outras merdas com que lidar no momento.

Precisava se encontrar com Celestina primeiro. Aparecer, manter a fachada de que estava tudo bem. Garantir que a Corça não tivesse contado nada à arcanjo. Sua reunião com Isaiah aconteceria dali a uma hora, bastante tempo.

Bastante tempo para também remoer o problema com Bryce, o quanto enganara todos direitinho. Como tinha ajudado Emile, mas escondera seus planos. Planos que haviam custado vidas. E, sim, Bryce podia se cuidar, mas… Hunt achava que os dois eram um time.

De novo: sabia que tinha sido um tolo.

Hunt acalmou seu sangue quente e, somente quando teve certeza de que seu relâmpago não estava prestes a explodir, bateu à porta da governadora.

Celestina sorriu em cumprimento, um bom sinal. Nenhum indício de Ephraim ou os outros. Bom também. Seu sorriso se abriu quando

Hunt se aproximou.

— Parabéns — disse, calorosamente.

Hunt inclinou a cabeça.

— Por quê?

Gesticulou para ele.

— Suponho pelo seu cheiro que você e Bryce se tornaram parceiros.

Não havia se dado conta de que o sexo seria transmitido daquela forma. Pelo visto, seu laço *tinha* passado para aquele nível biológico.

— Eu, ah. É. Desde que passei a noite na casa dos pais dela.

Mesmo que eles tivessem acabado de se atracar. E não do jeito bom.

— Então a visita aos pais dela foi boa.

— Achei que a mãe dela fosse cortar minhas bolas fora em certo momento, mas é só fazer Ember falar de solebol e ela se torna sua melhor amiga. — Era verdade, embora tivesse aprendido isso meses antes. Mesmo que alguma parte sua se encolhesse ao precisar responder à pergunta de Celestina com uma mentira descarada.

Celestina riu alegremente. Não havia desconfiança ou desprazer naquilo, nenhuma indicação de que poderia saber a verdade.

— Que bom. Fico feliz por você. Por vocês dois.

— Obrigado — falou Hunt, acrescentando, para se acobertar: — Ruhn e o Príncipe Cormac se juntaram a nós, no entanto. Isso tornou as coisas… um pouco estranhas.

— Porque Cormac é tecnicamente o noivo de Bryce? — perguntou Celestina, sarcasticamente.

Hunt riu com escárnio.

— Isso também, mas em grande parte porque Ember não é… fã dos feéricos. Ela pediu a Ruhn que fosse, pois não o via há anos, mas mesmo assim foi tenso algumas vezes.

— Ouvi falar da história dela com o Rei Outonal. Sinto muito que isso ainda a assombre.

— Eu também — falou Hunt. — Aconteceu alguma coisa aqui enquanto eu estava fora?

— Só se você contar supervisionar as preparações festivas para o equinócio.

Hunt riu.

— Divertido assim, é?

— Entusiasmante — falou Celestina, então pareceu se lembrar da própria realidade: — Certamente é para uma ocasião alegre, então não é um fardo absoluto.

— Certamente.

O sol que atravessava as janelas às suas costas irradiava suas asas brancas.

— Baxian deve ter algo mais interessante a relatar. Ele mal ficou aqui ontem.

Foi preciso todo o treinamento de Hunt para que mantivesse seu rosto impassível quando disse:

— Eu tenho uma reunião com Isaiah, mas depois disso minha próxima prioridade é me inteirar com ele.

Tudo era uma mentira. E uma palavra da Corça… Hunt reprimiu a corrente de seu poder estalando em seu corpo.

Baxian podia ter alegado ser um simpatizante rebelde, podia tê-los ajudado o suficiente para conquistar alguma confiança, mas… seria um tolo se confiasse completamente no macho.

— O que foi? — perguntou Celestina, franzindo a testa em preocupação.

Hunt balançou a cabeça.

— Nada. — Unindo as mãos às costas, perguntou casualmente: — Alguma coisa para eu fazer hoje?

* * *

Hunt saiu do escritório da arcanjo cinco minutos depois com uma pilha de relatórios preliminares sobre atividade demoníaca na Fenda Norte. Celestina queria sua experiência para examinar os tipos de demônios apreendidos, e uma análise quanto às raças e a frequência de suas aparições poderia significar que o Inferno estava planejando alguma coisa.

A resposta era um sim absoluto, mas encontraria uma forma de prolongar a tarefa para ganhar mais tempo. Para decidir quanto contar sobre o Inferno.

Apollion tinha falado a verdade, sobre ele e Bryce e seus poderes. E, se o Príncipe do Fosso fora honesto sobre aquilo, sobre o que mais também havia sido? Alguma merda estava se agitando no Inferno. O estômago de Hunt se revirou.

Ainda assim, ainda tinha mais uma coisa a fazer antes de mergulhar em tudo aquilo. Rastreou a Corça em dez minutos, encontrando-a no banheiro do quartel, colocando delineador labial vermelho, entre todas as coisas. Nunca imaginou que a metamorfa de cervo precisava de fato colocar maquiagem. De alguma forma, ele a imaginava permanentemente penteada e pintada.

— Hunter — cantarolou, sem tirar os olhos do espelho. Estavam sozinhos.

— Não me chame assim.

— Você nunca gostou do apelido de Sandriel para você.

— Eu não tinha interesse em fazer parte do clube dela.

A Corça continuou aplicando o delineador com a mão firme.

— A que devo este prazer?

Hunt encostou na porta do banheiro, bloqueando qualquer saída. A Corça deslizou o olho delineado com kajal em sua direção.

— O que você vai fazer quanto ao que aconteceu ontem? — perguntou.

Abriu um tubo de batom e começou a preencher o contorno preciso que tinha desenhado.

— Se você está se referindo a quando eu trepei com Pollux no chuveiro, não creio que vou pedir desculpas a Naomi Boreas por ter deixado a porta da cabine aberta. Eu a convidei para se juntar, sabe.

— Não é disso que estou falando.

Começou no lábio superior.

— Então elucide.

Hunt a encarou. Ela o vira. Falara com ele, com todos, enquanto estavam na água. Havia se descontrolado, pronto para massacrá-la. Tinha precisado do toque e do corpo de sua parceira para se acalmar.

— Isso é algum tipo de jogo de gato e rato? — Hunt grunhiu.

Lidia Cervus apoiou o tubo dourado de batom no balcão e se virou. Linda e fria como uma estátua de Luna.

— Você é o caçador. Me diga você.

Aquela fêmea tinha matado Sofie Renast. Por afogamento. Havia torturado tantos outros que a gargantilha prateada em volta de seu pescoço praticamente gritava os nomes dos mortos.

Quando Hunt não disse nada, a Corça se inspecionou no espelho, prendendo um cacho solto de cabelo no elegante coque. Então marchou até ele, até a porta. Hunt saiu da frente calado. A Corça disse, ao sair:

— Talvez você pare de tagarelar sobre baboseiras quando vir o que a Harpia fez diante do Portão dos Anjos. É muito extraordinário.

Dez minutos depois, Hunt descobriu do que ela estava falando.

O Portão de cristal no coração do DCC estava silencioso à luz do meio da manhã, mas ninguém olhava para ele, de toda forma. A multidão reunida tirava fotos e murmurava sobre as duas silhuetas deitadas de rosto para baixo no chão.

Fazia muito tempo desde que Hunt vira alguém ser morto pela Águia de Sangue.

Os cadáveres usavam roupas pretas de camuflagem, ou retalhos delas. Rebeldes. Aquele era o brasão da Ophion nas faixas vermelhas de seus braços e o sol poente do esquadrão Ocaso acima.

Do outro lado da praça do Portão, alguém vomitou, então saiu correndo, chorando baixinho.

A Harpia tinha começado pelas costas. Usado suas facas para serrar as costelas, separando cada osso da coluna vertebral. Então enfiou a mão dentro das incisões e puxou os pulmões através dos cortes.

Deixando um par de asas ensanguentadas penduradas sobre as costas.

Hunt sabia que as vítimas ainda estavam vivas. Gritando.

Ephraim tinha levado aquilo para a cidade. *Aquilo* era o que a Corça, os asteri soltariam sobre ele e Bryce. Não seria crucificação. Seria algo muito mais criativo.

Será que a Harpia havia deixado as Águias de Sangue como uma mensagem para a Ophion, ou para toda Valbara?

Celestina tinha permitido que aquilo acontecesse ali. Permitido que a Harpia fizesse aquilo e então exibisse os corpos. Nem mesmo mencionara na reunião. Por que ela concordava com aqueles métodos, ou por que não teve escolha?

Hunt engoliu em seco. Outros notaram sua presença. *O Umbra Mortis*, murmuravam. Como se tivesse ajudado a Harpia a criar aquela atrocidade.

Hunt conteve sua resposta. *Nós podemos ser triários, mas eu* nunca *serei como aquele monstro.*

Não teriam acreditado nele.

* * *

Tinha sido uma porra de dia esquisito, mas Ruhn deu um suspiro de alívio quando Athalar ligou. *Barra limpa*, dissera o anjo, e aquilo havia diminuído a exaustão e o receio de Ruhn, pelo menos um pouquinho. Não contara a Athalar sobre as duendes e a dragoa. Deixaria para Bryce contar ao parceiro os detalhes. Imaginava se ela já teria contado sobre os místicos.

Ruhn brincou com o piercing labial conforme voltava para a sala, onde Flynn estava flertando com as duendes enquanto Dec fazia perguntas a elas sobre a vida nos anéis. A dragoa estava sentada na escada, e Ruhn a ignorou, mesmo que fosse contra qualquer instinto primitivo fazer aquilo. Ithan ergueu as sobrancelhas quando Ruhn entrou.

— Estamos a salvo — contou Ruhn aos machos, e todos murmuraram orações de agradecimento aos deuses. Encarou a dragoa, preparando-se, mas foi interrompido pelo som da campainha.

Com as sobrancelhas baixas, a mão pairando até a arma presa na parte de trás do cós da calça, Ruhn deu passos largos até a porta de entrada. Um delicioso cheiro familiar de fêmea o atingiu um momento antes de registrar quem estava ali, com a vassoura na mão.

A Rainha Hypaxia Enador deu um sorriso suave.

— Oi, príncipe. Eu esperava encontrar você aqui.



Tharion terminou o relatório para a Rainha do Rio, firme na correnteza das profundezas do rio com sua nadadeira. Estava deitada em uma cama de ostras de água doce, longos dedos traçando os sulcos e os calombos.

— Então minha irmã tem uma frota de navios que escapa dos barcos ômega dos asteri. As águas ao seu redor giravam, e Tharion lutava para se manter no lugar, a cauda batendo forte.

— Apenas seis.

— Seis, cada um do tamanho de um Comitium. — Seus olhos brilharam nas profundezas escuras.

— Isso faz diferença? — Não tinha escolha a não ser contar tudo a ela, era a única forma de explicar por que havia voltado sem Pippa Spetsos ao encalço. Ou pelo menos respostas a respeito do paradeiro de Emile Renast.

— Irmãs não compartilham tudo? — Arrastou o dedo pela borda irregular de uma ostra fazendo-a se abrir, revelando a pérola ali dentro. — Elas debocham de mim com esses navios. Sugerem que não sou de confiança.

— Ninguém disse nada assim. — Trincou a mandíbula. — Não acho que elas contaram a mais ninguém.

— Mas essa Comandante Sendes achou adequado informar a *você*.

— Apenas os detalhes vagos, e apenas porque nós esbarramos no navio dela.

— Eles resgataram você. Poderiam ter deixado você se afogar e guardado o segredo deles, mas salvaram você. — Seu sangue gelou. A Rainha do Rio deixaria que se afogassem. — Quero que você descubra tudo que puder sobre esses navios.

— Não acho que vai ser fácil — avisou Tharion.

— Quem pode garantir que minha irmã não vai usá-los contra mim?

Ela governa os oceanos. Duvido que queira um rio idiota. Tharion, no entanto, falou:

— Isso não pareceu passar pela cabeça de ninguém.

— Talvez não agora, mas eu não diria que está aquém dela.

Segurou-se para não dizer que ela estava sendo paranoica. Em vez disso, tentou sua melhor arma: desviar a atenção.

— Devo continuar caçando Emile Renast?

A Rainha do Rio olhou para ele.

— Por que não continuaria?

Tentou esconder o alívio por ela ter mudado de assunto, embora soubesse que a Rainha voltaria para o assunto dos navios da irmã muito em breve.

— Mesmo com a munição e o protótipo do mec-traje destruídos, Pippa Spetsos acaba de se tornar muito mais poderosa, a posição dela na Ophion mudou. Capturá-la, interrogá-la… Se fizermos isso, arriscamos que a Ophion nos considere inimigos.

— Eu não me importo com o que a Ophion nos considera. Mas muito bem. — Ela indicou a superfície. — Vá para a Superfície. Encontre outra forma de coletar o menino.

— Como quiser — disse, fazendo uma reverência sob a correnteza.

Gesticulou com a mão dispensando ele.

— Darei suas desculpas à minha filha.

— Mande meu amor a ela.

Não respondeu, Tharion seguiu em ziguezague até a superfície e o mundo aberto acima.

Terminara de colocar as roupas deixadas em um nicho do cais perto do Portão do Rio de Bosque da Lua quando asas farfalharam na

passarela acima. O tritão olhou por cima da borda da pedra e encontrou Athalar de pé com os braços cruzados.

— Precisamos conversar — disse o Umbra Mortis.

* * *

Ruhn encarou a rainha-bruxa. Sua noiva.

Hypaxia Enador era tão linda quanto se lembrava: cabelo preto exuberante caindo em cachos suaves até a cintura fina; pele negra que brilhava como se o luar passasse por baixo dela; olhos pretos grandes que notavam demais. Sua boca, carnuda e convidativa, entreabriu-se em um lindo sorriso quando entrou pelo corredor.

A bruxa tocou um dos nós na madeira da vassoura. Era uma peça de arte impressionante: cada centímetro do cabo entalhado com desenhos complexos de nuvens e flores e estrelas, cada galho na base entalhado também e unido por fio dourado.

Com o toque naquele nó, a vassoura sumiu.

Não, encolheu-se. Até um broche dourado de Cthona, a deusa da terra redonda de grávida. Hypaxia prendeu o broche no ombro da túnica azul translúcida e disse:

— Uma pitada de magia de bruxa conveniente. Eu acho que carregar uma vassoura pela cidade é… trabalhoso. E atrai a atenção de muitos. Principalmente uma vassoura como a minha.

— Porra, isso é… maneiro — admitiu Ruhn.

Começou a responder, mas seus olhos se desviaram para a dragoa sentada ao pé da escada, parou. Hypaxia piscou uma vez antes de se virar para Ruhn.

— Uma amiga?

— É — mentiu Ruhn, e então Flynn, Declan e Ithan estavam ali, as duendes ao encalço, olhando boquiabertos para a rainha.

Ithan pigarreou, provavelmente diante da beleza espantosa da bruxa.

Ruhn não tinha feito muito melhor ao vê-la pela primeira vez, mas a rainha mal lhe dera atenção durante a Cimeira. Mesmo que tivesse ajudado bastante durante as merdas que aconteceram naquela

cidade. Estivera disposta a voar até ali para ajudar a salvar seus cidadãos, e Bryce.

Ruhn se esticou, lembrando-se de sua posição. De que era um príncipe e de que devia a ela o respeito devido à sua posição. Fez uma reverência profunda.

— Bem-vinda, Vossa Majestade.

Flynn deu um risinho, e Ruhn o olhou em aviso quando o feérico se levantou.

— Permita-me apresentar meus… companheiros. Tristan Flynn, lorde Hawthorne. — Flynn esboçou uma cortesia irreverente, um deboche do que Ruhn tinha feito. — Declan Emmett, supergênio. — Dec sorriu, curvando-se com mais compostura. Os dois estavam na Cimeira quando Ruhn formalmente conheceu Hypaxia, como uma rainha, não como a medbruxa que acreditava que ela era, mas jamais fora oficialmente apresentado. — Ithan Holstrom… lobo — prosseguiu Ruhn. Ithan deu a ele um olhar como se dissesse: *Sério, babaca?* Mas Ruhn passou para as duendes, a dragoa. — E, hã, nossas hóspedes.

Hypaxia olhou a dragoa com desconfiança novamente. Flynn deu um passo à frente, passando um braço em torno dos ombros de Hypaxia.

— Bem-vinda. Vamos conversar sobre todas aquelas vezes que Ruhn tentou falar com você na Cimeira e você o ignorou.

Declan riu, assumindo uma posição do outro lado de Hypaxia. A rainha franziu a testa, como se os dois machos falassem uma língua totalmente diferente.

A rainha pareceu notar os detalhes daquela casa conforme era escoltada para o sofá seccional. Sua casa nojenta e encharcada de cerveja. Por Solas, um baseado de raiz-alegre pela metade estava sobre o cinzeiro na mesa de centro, a meros trinta centímetros de Hypaxia.

Ruhn disse a Ithan: *Tire aquela porra de raiz-alegre daqui.*

Ithan avançou para o cinzeiro.

Agora não! Quando ela não estiver olhando.

Ithan se segurou com aquela graciosidade de jogador de solebol e relaxou contra as almofadas quando Hypaxia se sentou, aninhada entre Flynn e Declan. Se Ithan precisasse escolher uma palavra para

descrever a expressão da rainha, teria sido embasbacada. Completamente embasbacada.

Ruhn esfregou o pescoço, aproximando-se do sofá.

— Então, hã. Bom ver você.

Hypaxia sorriu daquele jeito sábio, compreensiva. Porra Infernal, ela era linda, mas seu tom era soturno quando disse:

— Eu gostaria de dar uma palavra com você. Sozinho.

Ithan se levantou, tirando subitamente a raiz-alegre da mesa.

— A sala é de vocês. Nós vamos lá para cima.

Flynn abriu a boca, presumivelmente para dizer alguma coisa vergonhosa, mas Ithan o agarrou pelo ombro e o puxou para cima, empurrando a raiz-alegre nas mãos do lorde. As duendes fizeram uma fila quando Declan se juntou à confusão, e então sumiram, Ariadne marchando escada acima em seu encalço. Ruhn não tinha dúvida de que tentariam entreouvir.

Sentou-se no sofá manchado e fedido, contendo seu tremor quando Hypaxia arrumou as dobras da túnica azul.

— Então… como você está?

Hypaxia inclinou a cabeça. Não usava a coroa de amoras brancas, mas cada linha de seu corpo irradiava graciosidade, calma e cuidado. Tinha cerca de cinquenta anos a menos do que ele, mas Ruhn se sentiu um filhote diante da rainha. Será que sabia que seu noivo vivia em um lugar como aquele, tinha um estilo de vida como aquele?

— Eu queria pedir um favor a você. — Ruhn congelou. Prosseguiu: — Vim até Lunathion para a celebração da parceria, em algumas semanas. Vou ficar na embaixada das bruxas, mas… — Torceu as mãos, o primeiro sinal de dúvida que reconhecia nela. — Eu estava me perguntando se você poderia me ceder uma escolta.

— Por quê? Quero dizer, óbvio, sim, mas… está tudo bem?

Não respondeu.

Ruhn perguntou:

— E quanto ao seu coven? — Deveria proteger a rainha a qualquer custo.

Os longos cílios estremeceram.

— Era o coven de minha mãe. Foi um dos seus últimos desejos que eu o herdasse, em vez de escolher o meu.

— Então você não gosta dele?

— Eu não confio nele.

Ruhn refletiu.

— Quer que eu lhe ceda uma escolta para proteger você do seu próprio coven?

Contraiu a boca.

— Você acha que perdi o juízo.

— Achei que bruxas viviam e morriam por sua lealdade.

— A lealdade daquelas bruxas começou e terminou com minha mãe. Ela me criou em isolamento, do mundo, mas também delas. Meus tutores eram… nada convencionais.

Era o máximo que já tinham conversado um com o outro. Ruhn perguntou:

— De que forma?

— Estavam mortos.

Um calafrio percorreu sua coluna.

— Certo. Coisas de necromantes, né?

— Os Enador podem levantar os mortos, sim. Minha mãe convocou três antigos e sábios espíritos para me ensinarem. Um para a batalha e o treinamento físico, um para a matemática e as ciências, e outro para história, leitura e línguas. Ela supervisionou pessoalmente meu treinamento mágico, principalmente a cura.

— E isso assustou o coven dela?

— Isso nos afastou. Meus únicos companheiros quando eu era nova eram os mortos. Quando minha mãe faleceu, eu me vi cercada de estranhos. E eles se viram com uma rainha cuja educação nada ortodoxa os inquietava. Cujos dons para necromancia os inquietavam ainda mais.

— Mas você é a última Enador. Por quem substituiriam você?

— Minha irmã.

Ruhn piscou.

— A *Corça*?

— Lidia não tem dons de bruxa, seria uma testa de ferro. Ela usaria a coroa, mas a general de minha mãe, Morganthia, governaria.

— Isso é insensatez.

— Lidia nasceu primeiro. Ela é idêntica à minha mãe em aparência. — O pai de Hypaxia devia ter passado os genes das cores mais escuras dela, então. — Mesmo quando eu estava crescendo, às

vezes ouvia sussurros do coven de minha mãe se perguntando se… talvez Lidia não deveria ter sido entregue.

— Por quê?

— Porque elas estão mais confortáveis com uma semimetamorfa do que com uma seminecromante. Elas temem a influência da Casa de Chama e Sombra, embora eu não tenha jurado votos a nenhuma exceto Terra e Sangue. Mas Lidia é Terra e Sangue, até o fim. Exatamente como elas são. Elas amavam minha mãe, eu não tenho dúvidas, mas têm planos diferentes para o futuro dos que ela possuía. Isso se tornou aparente no final.

— Que tipo de planos?

— Uma ligação mais próxima com os asteri. Mesmo à custa de nossa relativa autonomia.

— Ah. — Aquilo era um potencial campo minado. Principalmente considerando a merda que estava fazendo para a Ophion. Ou que estivera fazendo… não fazia ideia de onde estavam agora, depois de Ydra.

Hypaxia prosseguiu:

— Sua bondade é o motivo pelo qual eu vim até aqui. Eu sei que você é um macho corajoso e dedicado. Enquanto eu estiver nesta cidade para a celebração da governadora, principalmente com Lidia aqui, eu temo que o coven de minha mãe faça um movimento. Elas apresentaram uma frente unificada comigo na Cimeira, mas os últimos meses têm sido tensos.

— E, como estamos tecnicamente noivos, não será visto como uma declaração de sua desconfiança se eu mandar alguém de meu povo cuidar de você. Será considerado alguma merda de macho protetor.

Os lábios dela se repuxaram.

— Sim. Algo assim.

— Tudo bem. Sem problemas.

Engoliu em seco, curvando a cabeça.

— Obrigada.

Ruhn ousou tocar sua mão, sua pele era suave como veludo.

— Nós vamos cuidar disso, não se preocupe.

Hypaxia deu batidinhas na mão dele de um jeito que dizia *Obrigada, amigo.*

Ruhn pigarreou, olhando para o teto, as discerníveis batidas preocupantes que vinham dele.

— Como você foi criada por fantasmas, espero que não se incomode de ter um guarda um pouco longe de ser ortodoxo.

A rainha ergueu as sobrancelhas.

Ruhn sorriu.

— Qual é a sua opinião sobre jogadores de solebol?

* * *

Ninguém os incomodou, mas muita gente encarou quando Tharion e Hunt embrenharam no jardim de água ornamentado ao longo do rio em Bosque da Lua, cem arco-íris cintilando nos respingos de água ao seu redor. Tharion adorava aquela parte da cidade, embora os sedimentos da Praça da Cidade Velha ainda o atraíssem.

— Então, o que houve? — perguntou Tharion quando Athalar parou sob um olmo alto, as folhas da árvore brilhando com as gotas de uma imensa fonte de Ogenas deitado em uma concha de ostra.

O anjo tirou o celular de um bolso escondido em seu traje de batalha.

— Tive uma reunião com a governadora. — Tocou o telefone agilmente, provavelmente abrindo qualquer que fosse a informação. Entregou a Tharion. — Ela me pediu para revisar alguns dos últimos relatos de demônios em Nena. Eu queria passar para a Corte Azul.

Tharion pegou o telefone, percorrendo as fotos.

— Alguma coisa interessante?

— Aquele ali. A cauda… quase fora de quadro aqui. — Hunt apontou para a foto, o rosto petrificado. — É um caça-morte.

Até mesmo a fonte gorgolejante adiante pareceu se calar ao nome.

— O que é isso?

— Assassinos letais criados pelo Príncipe do Fosso. Ele os mantém como bichos de estimação. — As asas de Athalar farfalharam. Será que uma sombra tinha passado pelo sol? — Eu só lidei com eles uma vez. Tenho uma cicatriz nas costas feita por um.

Se o encontro tinha deixado Athalar com uma cicatriz… Que Cthona poupasse a todos.

— Um estava em Nena?

— Há três dias.

— Merda. Para onde ele foi?

— Não faço ideia. O relatório diz que não houve invasão às fronteiras de Nena. Diga a seu povo que permaneça alerta. Avise sua Rainha também.

— Pode deixar. — Tharion olhou de esguelha para o anjo. Notou que eles não estavam perto de câmeras ou de outras pessoas. — Mais alguma novidade? — perguntou Tharion, cuidadosamente.

— Talvez — disse Hunt.

— Imaginei — falou Tharion. O aviso sobre os demônios pareceu verdade, mas também um disfarce conveniente.

— Eu sei onde está Emile — disse Athalar, em voz baixa.

Tharion quase tropeçou um passo.

— Onde?

— Não posso dizer. Mas ele está seguro. — Athalar continuou sério apesar da beleza de Bosque da Lua no entorno. — Cancele sua busca. Invente alguma merda para sua rainha. Chega de caçar aquele menino.

Tharion observou o anjo, os respingos de água formando gotas nas asas cinza.

— E você acha inteligente me contar que *você* sabe onde ele está?

Hunt exibiu os dentes em um sorriso feral.

— Você vai me torturar para obter a informação, Ketos?

— Essa ideia passou pela minha cabeça.

Relâmpagos faiscaram na testa de Hunt quando indicou as fontes, a água ao redor.

— Não é o melhor lugar para uma luta de relâmpagos.

Tharion começou a caminhar de um lado para outro.

— A Rainha do Rio não vai desistir. Ela quer aquele menino.

— É um beco sem saída. E uma perda de tempo imensa. — Tharion arqueou a sobrancelha. Hunt falou, a voz baixa: — Emile Renast não tem poderes. Sua irmã armou tudo para fazer parecer que sim, esperando que um vanir arrogante como nós achasse o menino importante o suficiente para sair atrás.

Alguma coisa que Tharion não conseguiu identificar brilhou no rosto de Athalar. Dor. Tristeza. Vergonha?

— E eu deveria acreditar na sua palavra — disse Tharion.

— É, deveria.

Tharion conhecia aquele tom. A voz impiedosa do Umbra Mortos.

— Só consigo pensar em uma pessoa que deixaria você intenso assim — disse Tharion, o tom arrastado, incapaz de resistir. — Pernas também sabe onde o menino está, né? — Gargalhou sozinho. — Ela que armou isso? Eu deveria ter visto. — Riu de novo, balançando a cabeça. — O que me impediria de fazer algumas perguntas a *ela*?

— Difícil fazer perguntas a Bryce sem a sua cabeça presa ao corpo — disse Hunt, violência brilhando em seus olhos.

Tharion ergueu as mãos.

— Ameaça recebida. — Sua mente, no entanto, girava com tudo que tinha aprendido. — Digamos que eu confio em você. Emile realmente não tem poderes?

— Nem uma gota. Ele pode ser descendente de um pássaro-trovão, mas Sofie era a única com dons.

— Porra. — A Rainha do Rio ficaria lívida, mesmo que tivesse ordenado que passasse semanas em uma caçada desenfreada. Inferno, ficaria puta que ele não tivesse descoberto a verdade antes. — E a informação?

— O menino não sabe nada. — Hunt pareceu considerar, então acrescentou: — Ele confirmou que Danika e Sofie tiveram contato. Mas nada mais.

Tharion passou as mãos pelo cabelo ainda úmido.

— Porra — disse de novo, dando um passo.

Athalar fechou as asas.

— Quão ruim será a sua punição?

Tharion engoliu em seco.

— Vou precisar florear com muito cuidado.

— Mesmo que nada disso seja culpa sua?

— Ela vai considerar um fracasso. Pensamento racional vem em segundo lugar em comparação à sua necessidade de sentir que venceu.

— Eu realmente sinto muito. — O anjo inclinou a cabeça para o lado. — Alguma chance de ela demitir você e deixar por isso mesmo?

Tharion soltou uma gargalhada sem graça.

— Eu queria. Mas… — Parou, uma ideia se formando. Olhou de um lado para outro do cais assado pelo sol. — Quem disse que ela precisa saber hoje?

Um canto da boca de Athalar se repuxou para cima.

— Até onde sei, você e eu nos encontramos para trocar relatórios.

Tharion começou a caminhar na direção do limite da cidade, o tumulto e o barulho faziam seu sangue pulsar. Athalar caminhou ao seu lado.

— Podia levar dias para descobrir que Emile não vale nosso tempo. Semanas.

O anjo piscou um olho.

— Meses, se você fizer direito.

Tharion sorriu, uma animação disparando por seus ossos conforme entraram nas ruas ladeadas por árvores de Bosque da Lua. Era um jogo perigoso, mas… jogaria. Espremeria cada segundo de liberdade que pudesse daquilo. Ficaria na Superfície tanto quanto quisesse, contanto que atualizasse a Profundeza de vez em quando.

— Tem alguma ideia de onde eu possa me hospedar?



Ithan não se considerava enxerido, mas às vezes não podia evitar se sua audição aguçada de lobo captava as coisas que eram ditas, mesmo um andar abaixo.

Dessa vez, tinha sido alguma coisa muito, *muito* grande.

Ithan usou todo seu treinamento, todos aqueles anos de treino e jogos, para evitar caminhar de um lado para outro conforme Ruhn falava sem parar sobre a rainha-bruxa precisar de uma escolta na cidade. Sim, tudo bem, faria aquilo, seria seu guarda-costas, mas…

— Você pode falar, Ithan Holstrom — disse a bruxa impressionantemente bela, interrompendo Ruhn, que piscou para eles. Ithan não percebeu que tinha transmitido sua impaciência tão explicitamente.

Flynn e Declan haviam permanecido lá em cima com as duendes e Ariadne, vaiando quando Ruhn pediu que apenas Ithan descesse.

Ithan pigarreou.

— Você pode falar com os mortos, certo? Você é… uma necromante? Sinto muito, eu não pude deixar de ouvir. — Ofereceu a Ruhn um olhar de desculpas também. Mas, diante do aceno cauteloso de Hypaxia, insistiu: — Se eu concordar em vigiar você, você

poderia… — Ithan balançou a cabeça. — Você poderia tentar fazer contato com meu irmão, Connor?

Por um longo momento, Hypaxia apenas o encarou. Seus olhos escuros contemplavam tudo. Até demais.

— Eu sinto a inquietação no seu coração, Ithan. Você não quer falar com ele apenas por saudade e perda.

— Não. Quero dizer, sim, eu sinto uma saudade louca dele, mas… — Ithan parou. Será que poderia contar tudo que Bryce tinha descoberto?

Ruhn poupou o lobo do trabalho de decidir e falou:

— Você sabe o que acontece com os mortos depois que passam um tempo no Quarteirão dos Ossos?

Seu rosto empalideceu.

— Vocês descobriram sobre a secundalux.

— É — falou Ruhn, o piercing labial cintilando. — Ithan está bastante preocupado com o que aconteceu com seu irmão e a Matilha dos Demônios, principalmente depois que eles ajudaram minha irmã. Se você tem alguma habilidade de saber o que aconteceu com Connor Holstrom, ou de avisá-lo, mesmo que não dê em nada… nós agradeceríamos. Ithan vai ficar feliz em acompanhar você, não importa o que escolha.

Ithan tentou não parecer agradecido demais. Tinha passado anos achando que Ruhn era um babaca, graças, em grande parte, a Bryce e Danika constantemente falarem mal dele, mas… o cara o deixara entrar na própria casa, confiava nele com seus segredos, e agora parecia determinado a ajudá-lo. Imaginava se os feéricos sabiam o quanto eram sortudos.

Hypaxia acenou sabiamente.

— Tem um ritual que eu poderia fazer… Eu precisaria que fosse no Equinócio de Outono, no entanto.

— Quando o véu entre os mundos está mais fino — disse Ruhn.

— Sim. — Hypaxia sorriu com tristeza para Ithan. — Sinto muito por sua perda. E que você tenha descoberto a verdade.

— Como *você* sabe a verdade? — perguntou Ithan.

— Os mortos não têm motivo para mentir.

Gelo tilintou pela coluna de Ithan.

— Entendo. — O lustre chacoalhou acima.

Ruhn esfregou o rosto, as tatuagens em seu braço se mexendo com o movimento. Abaixou a mão e olhou para a rainha-bruxa. Sua noiva. Macho de sorte.

— Você se importa se uma dragoa se juntar a você? — perguntou o príncipe à Hypaxia.

— *Aquela* dragoa? — Hypaxia olhou para o teto.

— Um advogado amigo meu diz que eu preciso de um motivo oficial da realeza para confiscar um escravizado de outra pessoa. Um escravizado muito importante e poderoso. Proteger minha noiva é mais do que justificável.

Os lábios de Hypaxia se contraíram, embora dúvida tivesse se acendido nos olhos escuros dela. Eram dois, então. Perguntou a Ithan:

— Como você se sente em relação a isso?

Ithan deu um meio sorriso, lisonjeado pela Rainha ter perguntado.

— Se você puder contatar meu irmão no equinócio, então não importa o que eu sinto.

— É óbvio que importa — disse, parecendo sincera.

Algumas semanas até o equinócio. E então ele poderia ver Connor de novo. Mesmo que fosse uma última vez.

Mesmo que fosse apenas para entregar um aviso que poderia não ajudar em nada.

* * *

Pode ser que Bryce tivesse evitado ir para casa o máximo possível. Talvez tivesse permanecido nos arquivos até a hora de fechar e tivesse sido uma das últimas pessoas a sair do prédio ao cair da noite. Descera os largos degraus de mármore, inspirando o ar seco e morno da noite, quando o viu.

Hunt estava encostado em um casso do outro lado da rua estreita, as asas fechadas elegantemente. Pessoas correndo para casa vindo do trabalho passavam longe. Algumas descaradamente atravessavam a rua para evitá-lo.

Estava de boné. Aquela porra de boné de solebol ao qual não podia resistir.

— Quinlan. — Afastou-se do carro, aproximando-se de onde Bryce havia parado ao pé das escadas.

Ela ergueu o queixo.

— Athalar.

— Então vai ser assim, é? — Bufou uma risada baixa.

— O que você quer? — Tinham tido pequenas brigas ao longo dos meses, mas nada tão sério assim.

O anjo gesticulou para o prédio que se elevava às costas dela.

— Preciso usar os arquivos para procurar uma coisa. Não queria incomodar você durante seu horário de trabalho.

Bryce apontou o polegar para o prédio, agora belamente iluminado contra a noite estrelada.

— Você esperou tempo demais. O prédio está fechado.

— Eu não me dei conta de que você se esconderia até a hora de fechar. Evitando alguma coisa, Quinlan? — Sorriu selvagemente quando a fêmea fervilhou de ódio. — Mas você é boa em usar a lábia para convencer as pessoas a fazerem o que você quer. Colocar a gente lá dentro vai ser tranquilo, não é?

Não se incomodou em parecer agradável, embora tivesse se virado e começado a marchar de volta para cima dos degraus, os saltos estalando na pedra.

— Do que você precisa?

Hunt indicou as câmeras instaladas nas imensas pilastras da entrada.

— Vou explicar lá dentro.

* * *

— Então você acha que o Inferno está planejando alguma coisa? — perguntou Bryce, duas horas depois, quando encontrou Hunt onde o havia deixado, a imensa extensão dos arquivos silenciosa em torno deles. Não houve necessidade de usar a lábia, no fim das contas. Descobrira outra vantagem de trabalhar ali: poder usar o lugar depois do fechamento. Sozinha. Nem mesmo um bibliotecário para monitorá-los. Haviam passado pelos seguranças sem ao menos dizer

uma palavra. E seu chefe não viria até que a noite estivesse bem avançada, pelo menos mais uma hora.

Hunt tinha dito que precisava folhear alguns textos feéricos recém-traduzidos sobre demônios antigos, então o acomodou em uma mesa no átrio e voltou para seu escritório do outro lado do nível.

— Os demônios nos relatórios que Celestina me deu são más notícias — falou Hunt. Estava trabalhando à mesa, o boné de solebol chamativo sob o luar que entrava pelo telhado de vidro. — Alguns dos piores do Fosso. Todos raros. Todos letais. Da última vez que vi tantos aglomerados juntos, foi durante o ataque da primavera.

— Humm. — Bryce deslizou para a cadeira diante do anjo.

Athalar ia ignorar o que tinha acontecido mais cedo? Aquilo não funcionaria. De jeito nenhum.

A fêmea casualmente estendeu o pé sob a mesa. Arrastou-o para cima da perna musculosa de Hunt.

— E agora eles precisam do anjo grandão e corajoso para despachá-los de volta para o Inferno.

Fechou as pernas, prendendo o pé dela. Os olhos dele se ergueram até os dela. Relâmpago faiscou ali.

— Se Aidas ou o Príncipe do Fosso estão planejando alguma coisa, essa é a provavelmente a primeira pista.

— Tirando o fato de que eles literalmente disseram que os exércitos do Inferno estão esperando por mim?

Hunt apertou seu pé com mais força, os poderosos músculos da coxa se mexendo.

— Tirando isso. Mas não posso contar a Celestina sobre essas merdas sem levantar perguntas sobre o interesse do Inferno em *você*, então preciso encontrar uma forma de avisá-la com a informação que ela me deu.

Bryce estudou o parceiro e considerou a forma como falava da arcanjo.

— Você gosta de Celestina, é?

— Com ressalvas. — Seus ombros, no entanto, estavam tensos. Explicou: — Eu posso gostar dela, mas… a Harpia executou a Águia de Sangue em dois rebeldes da Ophion hoje. Celestina permitiu que essa merda acontecesse aqui.

Bryce tinha visto a cobertura dos jornais daquilo. Havia bastado para revirar seu estômago.

— Então você vai bancar o triário fiel, entregar a ela a informação sobre os demônios, e então… — Bryce falou.

— Eu não sei. — Hunt soltou o pé dela. Bryce passou os dedos pelo joelho dele. — Pare. Não consigo pensar quando você faz isso.

— Que bom.

— Quinlan. — Seu tom se agravou. A fêmea mordeu o lábio.

Hunt falou, delicadamente:

— Alguma notícia de Fury?

— Sim. Encomenda foi entregue, sã e salva. — Torcia para que sua mãe não estivesse mostrando a Emile suas esculturas esquisitas de bebês em plantas.

— Tharion parou de procurar — disse Hunt.

Bryce enrijeceu.

— Você contou a ele?

— Não os detalhes. Apenas que a busca não vale o tempo, e que não vai encontrar o que está procurando.

— E você confia nele?

A voz de Hunt ficou mais baixa.

— Confio. — Voltou para os documentos sobre os quais estava debruçado.

Bryce roçou os dedos dos pés no outro joelho do anjo, mas Hunt colocou a mão sobre seu pé, impedindo-a de continuar.

— Se o Inferno está reunindo exércitos, então esses demônios devem ser a vanguarda, vindo testar as defesas em torno de Nena.

— Mas eles precisariam encontrar uma forma de abrir a Fenda Norte completamente.

— É. — Olhou para Bryce. — Talvez Aidas esteja preparando você para isso.

O sangue de Bryce gelou.

— Que Cthona me poupe.

Hunt franziu a testa.

— Não pense por um momento que Aidas e o Príncipe do Fosso se esqueceram do Chifre nas suas costas. Que Thanatos não estava com isso em mente quando você falou com ele.

Bryce esfregou a têmpora.

— Talvez eu devesse cortá-lo da minha pele e queimar.

Fez uma careta.

— Que tesão, Quinlan.

— Você estava ficando com tesão? — Agitou os dedos sob sua mão. — Eu não percebi.

Deu a ela um meio sorriso, finalmente uma rachadura naquele exterior irritado.

— Eu estava esperando para ver até que altura seu pé chegaria.

O interior dela esquentou.

— Então por que me impediu?

— Achei que você gostaria de um desafio.

Mordeu o lábio de novo.

— Havia um livro interessante naquelas estantes ali. — Inclinou a cabeça para a escuridão às suas costas. — Talvez a gente devesse verificar.

Seus olhos fervilharam.

— Pode ser útil.

— Definitivamente útil. — Levantou-se da mesa e caminhou até a escuridão, tão adentro entre as estantes que nenhuma das câmeras no átrio onde estavam sentados poderia capturá-los.

Mãos envolveram sua cintura por trás, Hunt pressionou o corpo contra o de Bryce.

— Você me deixa louco pra caralho, sabia disso?

— E você é um alfa babaca dominador, sabia disso?

— Eu não sou dominador. — Mordiscou a orelha de Bryce.

— Mas admite que é um alfa babaca?

Seus dedos se enterraram no quadril da fêmea, puxando Bryce de volta contra seu corpo. Contra a rigidez ali.

— Quer foder para aliviar a tensão?

— Ainda está puto comigo?

O anjo suspirou, seu hálito quente contra o pescoço dela.

— Bryce, eu precisava processar tudo.

Bryce não se virou.

— E?

Beijou sob sua orelha.

— E peço desculpas. Por como agi mais cedo.

Não sabia por que seus olhos ardiam.

— Eu queria contar a você, de verdade.

Suas mãos começaram a percorrer o torso de Bryce, carinhosas e suaves. Arqueou o corpo contra Athalar, expondo o pescoço.

— Entendo por que não contou. — Passou a língua pelo pescoço de Bryce. — Eu estava… Eu estava chateado porque você não confiou em mim. Achei que fôssemos uma equipe. Aquilo me abalou.

Fez menção de se virar naquele momento, mas suas mãos se fecharam, segurando-a no lugar. Então a fêmea disse:

— Nós somos uma equipe. Mas eu não tinha certeza se você concordaria comigo. Sobre um menino humano comum valer o risco.

O anjo permitiu que ela se virasse em seus braços dessa vez. E… merda. Seus olhos estavam magoados.

Sua voz ficou mais rouca.

— É óbvio que eu teria achado que um humano valia o risco. Eu fiquei envolvido demais com outras merdas para ver o todo.

— Sinto muito por não ter dado o benefício da dúvida a você. — Bryce segurou o seu rosto em concha. — Hunt, sinto muito mesmo.

Talvez tivesse feito merda ao não contar, não confiar. Arrependia-se porque a Rainha Víbora havia matado aquelas pessoas, mas, maldição, não se sentiria mal por como as coisas tinham terminado…

Hunt virou a cabeça, beijando a palma da mão de Bryce.

— Eu ainda não entendo como você juntou as peças. Não apenas de Sofie ter mentido sobre os poderes de Emile, mas como você sabia que a Rainha Víbora conseguiria encontrá-lo.

— Ela tem um arsenal de espiões e rastreadores, eu imaginei que era uma das poucas pessoas nesta cidade que conseguiria. Principalmente se estivesse motivada o suficiente pela ideia de que Emile tinha poderes que talvez fossem úteis para ela. E *principalmente* quando o rastro dele foi encontrado nos pântanos.

Balançou a cabeça.

— Por quê?

— Ela é uma rainha de cobras, e répteis. Eu sei que ela pode se comunicar com eles em algum nível psíquico assustador. E adivinhe de que os pântanos estão cheios?

Hunt engoliu em seco.

— Sobeks?

Bryce assentiu.

Prendeu uma mecha do cabelo da fêmea atrás de sua orelha. Beijou a parte pontiaguda. Um pedido de perdão que Bryce não sabia que precisava envolveu o gesto.

Hunt perguntou, baixinho:

— E quanto aos outros? Você vai contar a eles?

Ela balançou a cabeça devagar.

— Não. Você e Fury e Juniper são os únicos que saberão. — Nem mesmo Ruhn.

— E seus pais.

— Eu quis dizer entre as outras pessoas nesta cidade atualmente fazendo merdas questionáveis.

Athalar riu, beijando sua têmpora.

— Não acredito que sua mãe não deu um ataque e arrastou você para casa.

— Ah, ela queria. Acho que Randall precisou arquitetar uma intervenção.

— Não leve a mal, mas… por que Nidaros?

— É o melhor e mais seguro lugar em que consigo pensar. Ele vai estar protegido ali. Escondido. O sacerdote do sol local deve um favor a Randall e está forjando todos os documentos relevantes. Meus pais… Eles não puderam ter um filho. Quero dizer, além de mim. Então, mesmo que minha mãe tenha ficado apavorada por causa da merda toda dos rebeldes, ela já se entusiasmou com a decoração do quarto de Emile.

— Emile-que-não-é-mais-Emile. — Seu sorriso acendeu alguma coisa iridescente no peito de Bryce.

— É — disse, incapaz de conter seu sorriso em resposta. — Cooper Silago. Meu meio-irmão.

No entanto, o anjo a estudou.

— Como vocês conseguiram se comunicar sobre isso? — De maneira nenhuma ela ou os pais dela teriam arriscado discutir aquilo por e-mail ou telefone.

Deu um leve sorriso.

— Cartões-postais.

Hunt engasgou uma gargalhada.

— Aquilo foi tudo mentira?

— Não. Quero dizer, minha mãe me mandou o cartão-postal depois de nossa briga, mas, quando eu escrevi de volta, usei um código que Randall me ensinou para casos de… emergência.

— Os refrescos de se ter um guerreiro como pai.

Bryce riu.

— É. Então a gente andou trocando cartões-postais sobre isso, durante as últimas duas semanas. Para qualquer outra pessoa, teria parecido que estávamos falando de esportes e do tempo e das esculturas esquisitas de bebês da minha mãe, mas foi por isso que Emile ficou com a Rainha Víbora por tanto tempo. Mandar cartões-postais de um lado para outro não é a mais rápida forma de comunicação.

— Mas é uma das mais geniais. — Hunt beijou sua testa, fechando as asas ao seu redor. — Eu amo você. Você é desajuizada e suspeita pra cacete, mas amo você. Amo que você tenha feito isso pelo menino.

Seu sorriso aumentou.

— Fico feliz em impressionar, Athalar.

Suas mãos começaram a descer pelo lado do corpo de Bryce, os polegares acariciando suas costelas.

— Eu passei o dia todo desejando você. Desejando mostrar a você o quanto estou arrependido e o quanto amo você pra caralho.

— Está tudo perdoado. — Pegou uma das mãos dele, arrastando, pela frente do corpo dela, ao longo da coxa, e, para cima, sob o vestido. — Estou úmida há horas — sussurrou quando os dedos do anjo tocaram sua calcinha encharcada.

Hunt grunhiu, os dentes roçando pelo ombro de Bryce.

— Tudo isso só para mim?

— Sempre para você. — Bryce se virou de novo e esfregou a bunda nele, sentindo a extensão rígida e orgulhosa do pau de Hunt se projetando contra si.

Hunt estremeceu, seus dedos deslizaram para dentro da calcinha de Bryce, circulando o clitóris.

— Quer que eu foda você bem aqui, Quinlan?

Seus dedos dos pés contraíram-se dentro do sapato de salto. Curvou as costas contra Hunt, a outra mão subiu até seu seio, deslizando sob o decote para apalpar a pele desejosa por baixo.

— Quero. Agora.

Mordiscou sua orelha, arrancando arquejos de Bryce quando seus dedos deslizaram até sua entrada, mergulhando para dentro.

— Peça por favor — sussurrou.

Bryce arqueou as costas, gemendo baixinho, o anjo a calou.

— Por favor — arquejou.

Bryce tremeu com antecipação ao ouvir o clique da fivela do cinto de Hunt, o zíper da calça. Estremeceu quando apoiou as mãos da fêmea na prateleira mais próxima e suavemente a curvou. Então puxou o vestido para cima das coxas. Expondo a bunda de Bryce ao ar frio.

— Maldição — sussurrou Hunt, passando a mão na parte de trás de seu corpo. Bryce se contorceu.

Hunt enganchou os dedos em sua calcinha, deslizando a renda pelas coxas, deixando que caísse entre seus tornozelos. Bryce as tirou, abrindo bem suas pernas como um convite. Hunt, no entanto, ajoelhou-se às suas costas, e, antes que Bryce conseguisse inspirar, a língua do anjo estava em seu sexo, dando voltas e mergulhando para dentro.

Gemeu de novo, o macho agarrou suas coxas, segurando-a no lugar enquanto se banqueteava com Bryce. As asas roçaram em sua bunda, no quadril, quando se debruçou para a frente, provando e chupando e…

— Eu vou gozar se você continuar fazendo isso — disse com a voz rouca.

— Ótimo — Hunt grunhiu para Bryce e, quando deslizou dois dedos para dentro dela, a fêmea fez exatamente o que anunciara.

Bryce mordeu o lábio para evitar gritar, e ele a lambeu, prolongando cada onda do clímax. Bryce ofegava, zonza de prazer, agarrando-se à prateleira quando se levantou atrás dela mais uma vez.

— Agora fique *bem* quietinha — sussurrou em seu ouvido, e se impulsionou para adentrá-la mais uma vez.

De trás, naquele ângulo, o encaixe era luxuriantemente apertado e profundo. Como tinha feito na noite anterior, Hunt a penetrou devagar e com cuidado, Bryce trincou os dentes para evitar gemer a cada centímetro que o anjo reivindicava para si. Parou quando se inseriu por completo, a bunda de Bryce totalmente pressionada

contra a frente de seu corpo, e passou a mão possessiva por sua coluna.

Sua plenitude, o tamanho, seu cheiro e a constatação de que era Hunt dentro de si… o orgasmo ameaçava novamente. Maior e mais poderoso do que antes. A estrela de Bryce começou a brilhar, banhando em prata as prateleiras, os livros, a escuridão das estantes.

— Você gosta disso? — Tirou até quase a cabeça antes de empurrar de volta para dentro. Enterrou o rosto contra a prateleira dura para permanecer quieta. — Você gosta da sensação do meu pau em você?

Bryce só conseguiu soltar um confuso *simgostomaisporfavor*. Hunt gargalhou, sombrio e intenso, e empurrou para dentro, um pouco mais forte dessa vez.

— Eu amo você descontrolada assim — disse, mexendo-se de novo. Ditando o ritmo. — Completamente à minha mercê.

Simsimsim, sibilou, o anjo riu de novo. As bolas de Hunt batiam em sua bunda.

— Você sabe o quanto eu pensei em fazer isso todos aqueles meses atrás? — disse se curvando para beijar seu pescoço.

— Igualmente — conseguiu dizer, — Queria que você me fodesse na minha mesa na galeria.

Suas estocadas ficaram mais irregulares.

— Ah, é?

Moveu o quadril contra o anjo, inclinando-se para entrar mais fundo. Hunt gemia. Bryce sussurrou:

— Eu sabia que essa seria a sensação de ter você em mim. Tão perfeito, porra.

O anjo enterrou os dedos em seu quadril.

— Todo seu, amor. Cada pedaço de mim. — Estocou mais forte. Mais rápido.

— Pelos deuses, eu amo você — sussurrou Bryce, e Hunt se desfez.

Hunt a puxou da prateleira, levando-a para o chão, posicionando-a de quatro. Os joelhos de Athalar abriram os da fêmea ainda mais, e Bryce mordeu a mão para conter o grito de prazer enquanto a penetrava, de novo e de novo e de novo.

— Eu amo você, porra — disse, e Bryce se foi.

Luz explodiu quando Bryce gozou, empurrando o corpo contra o pau de Hunt, tão fundo que tocou sua parede interna mais profunda.

Hunt gritou, o pau pulsando, acompanhando-a para aquele prazer ofuscante como se não pudesse evitar, como se fosse continuar se derramando dentro dela para sempre.

Então parou, os dois permaneceram ali, ofegantes, Hunt enterrado dentro da fêmea.

— Nada de teletransporte desta vez, né? — perguntou, abaixando-se para beijar seu pescoço.

Bryce encostou a testa nas mãos.

— Deve precisar que o seu poder se junte ao meu, ou algo assim — murmurou. — Mas que bom que você não fez isso, provavelmente teria queimado o prédio. Não que eu me importe agora. — Acomodou a bunda contra ele, fazendo-o chiar. — Vamos para casa fazer mais sexo de reconciliação.

* * *

Night.

Ruhn abriu os olhos, encontrando-se no sofá na ponte, com Daybright sentada à sua frente.

— Oi — disse. Tinha apagado no sofá seccional enquanto Declan e Ithan discutiam sobre besteiras de solebol. Flynn estava ocupando transando com uma ninfa no andar de cima.

Ariadne e os duendes tinham reivindicado o quarto de Declan, pois o macho havia planejado passar a noite na casa de Marc, e foram dormir logo depois de um jantar dolorosamente desconfortável. A dragoa tinha beliscado o jantar como se jamais tivesse visto comida. As duendes beberam uma garrafa inteira de vinho juntas e passaram a refeição arrotando brasas.

Como qualquer um deles estava dormindo apesar das escapadas de Flynn no fim do corredor estava além da compreensão de Ruhn.

Day tamborilou a mão em chamas no braço cilíndrico do divã.

— Tenho uma informação para você passar adiante.

Ruhn se endireitou.

— Boa ou ruim?

— Isso cabe a você decidir.

Day o observou atentamente. Não tinha certeza se a veria depois daquela colossal estranheza da noite anterior. No entanto, não mencionou nada a respeito ao declarar:

— Sei por fonte confiável que Pippa Spetsos está planejando alguma coisa grande em retaliação por ter perdido tantas munições e o protótipo do mec-traje imperial. A Ophion a está apoiando totalmente. Eles acreditam que a unidade que sabotou o carregamento se corrompeu e nomearam Spetsos para mandar uma mensagem precisa tanto para os rebeldes quanto para o império.

Ruhn manteve a expressão cuidadosamente impassível.

— O que ela está tramando? Onde?

— Não tenho certeza, mas, considerando que a última localização conhecida dela foi Ydra, achei que você deveria passar adiante para seus grupos em Cidade da Lua Crescente, caso ela ataque aí.

— Os asteri sabem sobre os planos dela?

— Não. Apenas eu.

— Como descobriu sobre eles?

— Isso não é da sua conta.

Ruhn a estudou.

— Então voltamos a distância. Chega de histórias para dormir?

De novo, tamborilou os dedos.

— Vamos atribuir aquilo a um momento de insanidade.

— Eu não vi nada.

— Mas você queria.

— Eu não preciso. Não dou a mínima para a sua aparência. Gosto de falar com você.

— Por quê?

— Porque eu sinto que posso ser real, posso ser quem sou com você, aqui.

— Real.

— É. Sincero. Eu contei merdas a você que ninguém mais sabe.

— Não entendo.

Levantou-se do sofá indo até o dela. Ruhn encostou no braço do sofá, olhando para o rosto incandescente.

— Sabe, acho que você também gosta de mim.

Daybright ficou de pé subitamente, o príncipe recuou um passo. Aproximou-se, no entanto. Tão perto que seu peito tocou o dele.

Chama e escuridão se entrelaçaram, estrelas se transformando em brasas entre eles.

— Isso não é um jogo em que você pode flertar e seduzir para avançar — sibilou. — Isso é guerra, e uma que pode reivindicar muito mais vidas antes de terminar.

Um grunhido subiu por sua garganta.

— Não seja condescendente comigo. Eu sei o preço.

— Você não sabe *nada* sobre preço, ou sobre sacrifício.

— Não sei? Eu posso não estar brincando de rebelde minha vida toda, mas, acredite em mim, merda nenhuma foi fácil. — Suas palavras atingiram bem na mosca.

— Então seu pai não gosta de você. Você não é o único. Então seu pai batia em você, e queimava você. O meu também.

Ruhn rosnou, se aproximando do rosto de Day.

— Que porra você quer dizer?

Rosnou em retaliação.

— O que quero dizer é que, se você não tomar cuidado, se não for esperto, vai se ver entregando pedaços da sua alma antes que seja tarde demais. Vai acabar *morto*.

— E?

A agente ficou imóvel.

— Como perguntar isso com tanta frieza?

Ruhn deu de ombros.

— Eu não sou ninguém — disse. Era a verdade. Tudo que ele era, o valor pelo qual o mundo o definia… tudo havia sido *dado* a ele. Por pura sorte de ter nascido na família "certa". Se tinha feito alguma coisa de valor, tinha sido através do Aux, mas como um príncipe… estava fugindo daquele título a vida inteira. Sabia que era completamente vazio.

Bryce mantivera seu poder em segredo para que ele pudesse se agarrar àquele vestígio de importância.

Ruhn se virou, enojado consigo mesmo.

Bryce o amava muito mais do que odiava o pai. Abrira mão do privilégio e do poder por ele. O que tinha feito por alguém nesse nível? Ele morreria por seus amigos, por aquela cidade… sim. Mas… porra, quem era ele, bem no fundo?

Não um rei. Seu pai também não era uma porra de rei. Não da forma que importava.

— Recado dado — disse a Day.

— Night…

Ruhn abriu os olhos.

A sala de estar estava escura, a TV desligada, Ithan provavelmente tinha ido dormir há muito tempo.

Ruhn se virou no sofá, colocando os braços atrás da cabeça encarando o teto, observando correrem os feixes de luz dos faróis dos carros que passavam.

Quem ele era, porra?

Príncipe do Nada.



Sentada no escritório dela nos arquivos, com o telefone ao ouvido, Bryce dava os últimos goles em seu terceiro café do dia e debatia se uma quarta xícara a faria subir pelas paredes até a hora do almoço.

— Então, hã… Cooper está bem? — perguntou à mãe, apoiando a xícara de café sobre o papel que continha a sequência de números e letras do braço de Sofie. Randall havia agora considerado seguro o bastante conversar sobre o menino ao telefone. Bryce supôs que seria estranho não conversar, pois os pais tinham acabado de publicamente adotar o garoto.

— Ele é uma criança excepcionalmente inteligente — disse Ember, Bryce conseguia ouvir o sorriso em sua voz. — *Ele* aprecia minha arte.

Bryce suspirou para o teto.

— O teste de inteligência mais apurado que existe.

— Você sabia que ele não vai à escola há mais de três anos? — A voz de Ember ficou aguda. — *Três anos.*

— Isso é horrível. Ele… hã… falou sobre a… casa anterior dele?

Sua mãe entendeu o que queria dizer.

— Não. Ele não fala sobre isso, e eu não vou insistir. Milly-Garkunos disse para deixar ele mencionar no tempo dele.

— Milly Garkunos de repente virou psicóloga infantil?

— Milly Garkunos é uma boa vizinha, Bryce Adelaide Quinlan.

— É, e uma fofoqueira. Não conte nada a ela. — Principalmente sobre aquilo.

— Eu jamais contaria — sibilou Ember.

Bryce assentiu, embora a mãe não pudesse ver.

— Deixe o menino se ajustar tranquilamente.

— Sou eu a responsável legal, ou é você, Bryce?

— Coloque Randall no telefone. Ele é a voz da razão.

— Randall está exultante por ter outra criança na casa, e está no momento passeando no bosque com Cooper, mostrando a ele os arredores.

Bryce sorriu ao ouvir aquilo.

— Eu adorava fazer isso com ele.

A voz de Ember se suavizou.

— Ele adorava fazer isso com você também.

Bryce suspirou de novo.

— Obrigada, novamente, mãe. Sei que isso foi um choque…

— Eu fico feliz por você ter incluído a gente, Bryce. E por ter dado esse presente a nós. — A garganta de Bryce se fechou. — Por favor, tome cuidado — sussurrou Ember. — Sei que você acha que sou mandona e irritante, mas é só porque quero o melhor para você. Quero que você fique segura e feliz.

— Eu sei, mãe.

— Vamos planejar um fim de semana de mulheres nesse inverno. Um lugar legal e frio. Esquiar?

— Nenhuma de nós esquia.

— Podemos aprender. Ou nos sentar diante da fogueira e beber chocolate quente batizado.

Ali estava a mãe que ela adorava, a que idolatrara quando era criança.

— Está marcado.

Uma onda de fogo, de puro poder, estremeceu pelo prédio. Silêncio fluiu ao encalço dela, o habitual ruído de fundo parando.

— Eu preciso voltar para o trabalho — disse Bryce, rapidamente.

— Tudo bem, amo você.

— Amo você — falou Bryce, e mal tinha desligado quando o Rei Outonal entrou.

— O lixo sai pelos fundos — disse, sem levantar o rosto.

— Estou vendo que sua irreverência não foi alterada por sua nova imortalidade.

Bryce levantou a cabeça. Não era assim que queria começar o dia. Já havia passado a caminhada até o trabalho com Ruhn, precisando que explicasse duas vezes a ela o plano de fazer com que Hypaxia fosse escoltada por Ithan e a dragoa em troca de que a rainha-bruxa contatasse o espírito de Connor no equinócio. Ficara um pouco enjoada ao ouvir aquilo, mas havia resmungado em aprovação antes de deixá-lo na rua, pedindo que desse seu número à Hypaxia caso precisasse de alguma coisa. Alguns minutos depois, Ruhn tinha passado o contato da rainha.

O pai de Bryce a cheirou.

— Gostaria de me explicar *por que* você selou sua relação com Athalar quando está noiva de um príncipe feérico?

— Porque ele é meu parceiro?

— Eu não sabia que vocês de linhagem mista tinham essas coisas.

Exibiu os dentes.

— Muito elegante.

Seus olhos incandesceram.

— Não considerou que eu arranjei sua união com Cormac com o interesse de vocês em mente? O interesse de seus filhos?

— Quer dizer com os *seus* interesses. Como se algum dia eu deixaria você a 160 quilômetros de qualquer filho meu.

— Cormac é poderoso, a casa dele é forte. Eu quero você em Avallen porque é uma *fortaleza*. Nem mesmo os asteri podem atravessar a bruma de Avallen sem permissão, de tão antiga é a magia que a protege.

Bryce ficou imóvel.

— Você está falando um monte de merda.

— Estou mesmo? Você não matou um arcanjo na última primavera? Não está agora à mercê dos asteri? Os demônios não estão mais uma vez espreitando a Fenda Norte, em maiores números do que nunca?

— Como se você desse a mínima para minha segurança.

Chamas ondularam ao seu redor, então esvaneceram.

— Sou seu pai, goste você ou não disso.

— Você não parecia se importar até que eu ultrapassei você em poder.

— As coisas mudam. Percebi que assistir Micah machucar você foi… desagradável.

— Deve ter incomodado muito você, pois você mesmo não parece ter problemas com ferir os outros.

— Explique-se.

— Ah, por favor. Não me venha com esse olhar inexpressivo. O último Príncipe Estrelado. Você o matou porque ele era especial e você não, e todo mundo sabe disso.

Seu pai virou a cabeça para cima e gargalhou.

— É isso que você acha? Que eu matei meu rival por inveja?

Bryce não respondeu.

— Foi isso que fez você esconder seu dom durante todos esses anos? Preocupação que eu fizesse o mesmo com você?

— Não. — Isso era verdade em parte. Era sua mãe quem achava isso.

O Rei Outonal balançou a cabeça devagar e se sentou na cadeira diante da mesa de Bryce.

— Ember alimentou você com mentiras demais que vieram dos medos irracionais dela.

— E quanto à cicatriz no rosto dela? Aquilo também foi uma mentira? Ou um medo irracional?

— Eu já disse a você que me arrependo mais daquilo do que você possa imaginar. E que eu amei Ember profundamente.

— Não acho que você sabe o que essa palavra quer dizer.

Fumaça espiralou dos ombros do Rei Outonal.

— Pelo menos eu entendo o que significa usar o nome da minha casa.

— O quê?

— Princesa Bryce Danaan. Foi esse o nome que deu à governadora, assim como ao diretor do Balé da Cidade da Lua Crescente, não foi? E como seu advogado, Marc, não é mesmo, chamou você na carta dele para o Astrônomo, justificando o fato de que você e seu irmão tinham confiscado quatro dos escravizados dele.

— E daí?

Seu pai deu um leve sorriso.

— Você comprou influência com meu nome. O nome real. Você comprou, e não tem volta, sinto dizer.

Seu sangue gelou.

— A papelada legal para sua troca de nome oficial já foi protocolada.

— Se você mudar a porra do meu nome eu vou *matar* você. — Luz estelar brilhou em seu peito.

— Ameaçar seu rei é punível com a morte.

— Você nunca vai ser meu rei.

— Ah, eu sou. Você declarou lealdade quando usou meu nome, seu título. Está feito. — Ódio tomou conta de Bryce, deixando-a calada. Seu pai prosseguiu, aproveitando cada minuto daquilo: — Eu me pergunto como sua mãe vai reagir.

Bryce disparou da cadeira, batendo com as mãos na mesa. Luz brilhou das pontas dos dedos dela.

O Rei nem mesmo se encolheu. Olhou para as mãos da filha, para o rosto de Bryce, e disse, com neutralidade:

— Você agora é oficialmente uma princesa dos feéricos. Espero que aja como uma.

Seu dedos se fecharam na mesa, as longas unhas sulcando a madeira.

— Você não tem *direito nenhum*.

— Eu tenho todo direito. E você tinha o direito de não usar seus privilégios reais, mas escolheu o contrário.

— Eu *não sabia*. — Não podia se safar com aquilo. Ligaria para Marc imediatamente. Veria se sua equipe podia encontrar alguma saída.

— Ignorância não é desculpa — disse o pai, com diversão fria estampada em seu rosto. — Você agora é Bryce Adelaide Danaan.

Bile queimou em sua garganta. Jamais ouvira nada mais odioso. Ela era Bryce Adelaide Quinlan. Jamais deixaria de ser Quinlan. A filha de sua mãe.

O Rei Outonal continuou:

— Você vai manter as aparências com Cormac por tanto tempo quanto eu comandar. — Levantou-se, olhando de novo para as mãos da filha, para as linhas que havia sulcado na mesa graças àquela nova força vanir. Seus olhos se semicerraram. — O que é esse número aí?

Virou o pedaço de papel em que tinha escrito a sequência de números e letras no corpo de Sofie. Apesar do ódio e do desprezo, conseguiu perguntar:

— Você conhece?

Seu pai observou seu rosto.

— Vou admitir que fiz vista grossa para a imprudência do seu irmão, mas achei que você, princesa, tomaria mais cuidado. Os asteri não virão me matar primeiro. Nem mesmo Athalar. Eles irão direto para Nidaros.

Seu estômago se revirou.

— Não sei do que você está falando. — O que a sequência no braço de Sofie tinha a ver com aquilo? Será que ele conhecia Sofie? Não ousou perguntar. Seu pai marchou até a porta do escritório, gracioso como um leopardo.

Parou à ombreira da porta, a atenção se voltando para a cicatriz em seu peito.

— Eu sei o que você está procurando. Eu tenho procurado por isso há muito, muito tempo.

— Ah, é? — debochou ela. — E o que é?

O Rei Outonal saiu para a escuridão das estantes.

— A verdade.

* * *

Juniper não foi à aula de dança naquela noite, e Madame Kyrah nem mesmo olhou para Bryce.

Embora todas as pessoas sim. Havia olhares de raiva e sussurros.

Tão inapropriado.

Que pirralha mimada.

Você consegue imaginar *fazer isso com uma amiga?*

Bryce deixou a aula no intervalo de cinco minutos e não voltou.

Encontrou um banco em uma parte silenciosa do Parque do Oráculo e desabou no assento de madeira, puxando o boné sobre o rosto.

Era a porra de uma princesa. Sim, era uma antes daquele dia, mas…

Uma pasta cheia de documentos tinha sido entregue logo antes de ir para a aula. Nela havia o registro de uma moto nova, prova de troca de nome e um cartão de crédito. Um cartão de crédito preto brilhoso com o título *SAR Bryce Danaan* estampado na frente. Uma longa coleira dourada que estendia do cartão até o pai. E à sua conta bancária. Enfiara tudo em uma gaveta na mesa e trancara.

Como poderia contar à mãe? Como poderia contar a Randall?

Porra, tinha sido tão *burra*. Queria que Danika estivesse com ela. Queria que June não a odiasse, que Fury não estivesse a centenas de quilômetros no norte. Com seus pais, que já tinham muito com que lidar, sem que contasse a eles sobre aquela cagada espetacular.

E, sim, sabia que, se ligasse para Hunt, ele a encontraria em dois segundos, mas… Queria falar com outra fêmea. Alguém que pudesse entender.

Ligou sem pensar duas vezes.

Trinta minutos depois, Bryce esperava em um balcão de pizza, com uma cerveja, observando as pessoas começarem a fazer fila nas barraquinhas de comida do beco conforme a noite caía, a temperatura escaldante com ela.

A rainha-bruxa entrou tão casualmente que Bryce talvez não tivesse notado, não fosse pela presença de Ithan. O lobo se sentou em uma das pequenas mesas no beco, vestindo uma camisa de solebol velha e calça de moletom, parecendo aos olhos de todos como um sujeito que saíra para encontrar um amigo. Exceto pelo contorno da pistola presa na parte de trás do cós da calça. A faca que Bryce sabia que estava em sua bota.

No entanto, nenhum sinal da dragoa. A não ser que Ariadne estivesse em algum lugar fora de vista.

Bryce disse a Hypaxia:

— Jeans legal.

A bruxa olhou para o próprio corpo, a blusa verde-clara, a jaqueta de motoqueiro cor de carvão, e o jeans preto apertado, o sapato sóbrio sem salto e a linda pulseira dourada. Um broche combinando de Cthona enfeitava a lapela da jaqueta dela.

— Obrigada. Ithan sugeriu que eu me misturasse.

— Ele não está errado — disse Bryce, olhando para o lobo que mensurava cada pessoa na rua. Disse a Hypaxia: — Peça o que

quiser e pagaremos a conta quando formos embora.

A bruxa andou três metros até a placa na minúscula loja, então fez seu pedido em silêncio. Se o macho atrás do balcão a reconheceu, não deu indício.

Hypaxia assumiu uma posição no balcão que dava para o beco. Ithan levantou bem as sobrancelhas. Assentiu. Estava tudo bem.

Bryce disse a ela:

— Ele é bem intenso com seus deveres de vigia.

— Muito profissional — disse Hypaxia, em aprovação.

Bryce ofereceu um sorriso amigável.

— Obrigada por vir. Eu sei que minha ligação foi superaleatória. Eu só… eu tive um dia estranho. E achei que você poderia ter algum conselho.

Hypaxia sorriu por fim.

— Fico feliz que tenha ligado. Eu queria ver você desde nosso encontro na primavera. — Quando a rainha estava bancando a medbruxa. E…

Tudo retornou às pressas.

Hypaxia libertado Hunt do halo. Tinha removido a peça. Dera a ele a habilidade de matar Sandriel e ir ajudar Bryce…

— Obrigada pelo que você fez — disse Bryce, com a garganta apertada. — Por ajudar Hunt.

O sorriso de Hypaxia apenas aumentou.

— Pelo seu cheiro, parece que você e ele tornaram as coisas… permanentes. Parabéns.

Bryce casualmente se balançou nos calcanhares.

— Obrigada.

— E como está sua coxa?

— Nenhuma dor. Também graças a você.

— Fico feliz em saber.

Bryce bebeu de sua cerveja quando o atendente trouxe a pizza da rainha. Murmurou para ele e o macho levou o segundo pedaço para Ithan, que sorriu para Hypaxia e ergueu o pedaço em um cumprimento distante. Ainda nenhum sinal da dragoa. Talvez isso fosse bom.

Depois que Hypaxia comeu uma mordida, Bryce disse:

— Então, eu, hã…

— Ah. O motivo pelo qual me convidou até aqui?

Bryce suspirou.

— É. Meu pai… o Rei Outonal… me visitou hoje. Falou que, porque eu usei o nome dele para algumas coisas, significava que eu tinha aceitado meu título real. Eu tentei recusar, mas ele já tinha feito a papelada. Agora sou oficialmente uma princesa. — Quase engasgou a última palavra.

— A julgar por sua expressão, isso não é uma boa notícia.

— Não. Eu sei que você é praticamente uma estranha, e que você nasceu com o título e nunca teve a escolha de ser normal, mas… sinto como se estivesse me afogando aqui.

A mão delicada e morna de Hypaxia repousou sobre a sua.

— Sinto muito que ele tenha feito isso com você.

Bryce estudou uma mancha no balcão, sem saber se conseguiria olhar para a bruxa sem chorar.

— Por que você acha que eu vim até aqui na primavera? Eu queria ser normal. Ainda que por alguns meses. Sei o que você está sentindo. — Hypaxia disse.

Bryce balançou a cabeça.

— A maioria das pessoas não entenderia. Elas pensariam: *Ah, tadinha de você, precisa ser uma princesa.* Mas eu passei a vida inteira evitando esse macho e a corte dele. Eu *odeio* ele. E acabo de cair nas garras dele como uma porra de uma idiota. — Tomou um fôlego trêmulo. — Acho que a resposta de Hunt a tudo isso seria fritar meu pai até que ele revertesse essa merda, mas… Eu queria ver se você tem alguma ideia alternativa.

A rainha deu mais uma mordida na pizza, refletindo.

— Embora eu fosse gostar da visão de Hunt Athalar fritando o Rei Outonal… — Bryce esboçou um sorriso ao ouvir isso. — Eu acho que você está certa sobre um método mais diplomático ser necessário.

— Então você acha que tem uma saída disso? — Marc havia concordado em ajudar, mas não tinha parecido esperançoso.

— Acho que há formas de manejar isso. De manejar seu pai.

Bryce assentiu.

— Ruhn mencionou que você tinha um… drama com seu coven.

Uma gargalhada baixa.

— Acho que essa é uma boa forma de dizer.

— Ele também mencionou que você teve uns tutores incomuns quando pequena. — Fantasmas, dissera ele ao telefone naquela manhã.

— Sim. Meus mais queridos amigos.

— Não é de espantar que você quisesse se soltar e fugir, se só tinha os mortos como companhia.

Hypaxia riu.

— Eles eram companhias maravilhosas, mas sim. Eles me encorajaram a vir até aqui, na verdade.

— Eles estão com você nesta viagem?

— Não. Eles não podem sair do confinamento da fortaleza em que eu fui criada. O feitiço de conjuração de minha mãe os prendeu lá. É… Talvez seja o motivo pelo qual eu tenha voltado para minha terra natal de novo.

— Não para ser rainha?

— Isso também — disse Hypaxia, rapidamente. — Mas… eles são minha família.

— Assim como a Corça — disse Bryce, com cautela.

— Eu não a conto como parente.

Bryce ficou grata pela mudança na conversa, mesmo que por alguns minutos. Precisava de tempo para entender seus sentimentos revoltos.

— Vocês não parecem nada.

— Não é por isso que eu não a considero uma irmã.

— Não, eu sei disso.

— Nossa mãe tinha os cabelos dourados e a pele marrom-clara como a dela. Meu pai, no entanto… eu puxei as cores dele.

— E quem era o pai da Corça?

— Um metamorfo cervídeo rico e poderoso de Pangera. Minha mãe jamais me contou os detalhes de como eles acabaram procriando. Por que ela concordou com aquilo. Mas a Corça herdou os poderes do pai dela, não os dons de bruxa, e, por isso, foi mandada aos três anos para morar com ele.

— Isso é horrível. — Quando Bryce tinha três anos… a mãe dela havia lutado quase até a morte para mantê-la longe das garras do Rei Outonal. Sua mãe fizera tudo aquilo, apenas para que Bryce acabasse bem ali. Vergonha e pesar tomaram conta dela. Sabia que era apenas

uma questão de tempo até que sua mãe descobrisse, mas não podia contar… ainda não.

— Era parte do acordo deles. — explicou Hypaxia. — O dom que Lidia herdasse, qualquer que fosse, determinaria onde ela moraria. Ela passou os três primeiros anos com minha mãe, mas, quando os dons de metamorfa se manifestaram, a família dele foi reivindicá-la. Minha mãe jamais a viu de novo.

— Sua mãe se incomodava com quem ela se tornou?

— Ela não compartilhou esses pensamentos comigo — disse Hypaxia, tão tensa que Bryce soube que deveria deixar aquilo de lado. — Mas jamais me caiu bem.

— Você vai visitá-la enquanto ela estiver aqui?

— Vou. Eu jamais a vi pessoalmente. Nasci muitos anos depois de ela ter sido mandada para longe.

Bryce bebeu de novo.

— Eu sugeriria não criar muitas expectativas.

— Não tenho. Mas estamos fugindo dos seus problemas. — A Rainha suspirou. — Não conheço as leis reais dos feéricos, então creio que não possa lhe dizer com certeza, mas… a esta altura, acho que os únicos que podem impedir seu pai são os asteri.

— Eu tinha medo disso. — Bryce esfregou as têmporas. — Espere só até Hunt saber.

— Ele não vai ficar satisfeito?

— Por que Inferno ele ficaria satisfeito?

— Porque vocês são parceiros. E agora seu pai fez de você uma princesa. O que faz dele…

— Ah, deuses — disse Bryce, engasgando. — Hunt é um *príncipe*, porra. — Ela riu amargamente. — Ele vai ficar irado. Vai odiar ainda mais do que eu. — Gargalhou de novo, um pouco histericamente. — Desculpe. Estou, tipo, literalmente imaginando a cara dele quando eu contar hoje à noite. Preciso gravar ou algo assim.

— Não consigo dizer se isso é algo bom ou ruim

— Os dois. O Rei Outonal espera que eu mantenha meu noivado com Príncipe Cormac.

— Mesmo que seu cheiro deixe nítido que você está com outro?

— Aparentemente. — Não queria pensar nisso. Bryce terminou a cerveja, então pegou os pratos das duas para jogar no lixo.

Rapidamente pagou a conta, e, ao colocar a nota no bolso, perguntou à rainha: — Quer andar um pouco? Não está tão quente quanto antes.

— Adoraria.

Ficaram caladas, sem serem notadas por aqueles ao seu redor quando entraram no beco. Ithan caminhou a uma distância educada. Se a dragoa estava lá, não se via.

— Então seu irmão contou a você sobre a situação com o coven de minha mãe.

— É. Isso é uma droga. Sinto muito.

Chegaram ao rio a um quarteirão de distância e viraram para o cais. Vento seco e morno farfalhava as palmeiras que o ladeavam. Hypaxia estudou as estrelas.

— Eu tinha tantas visões de como seria o futuro. De bruxas voltando ao poder. De estar com a pessoa que eu… — Pigarreou.

— Você está saindo com alguém? — perguntou Bryce, as sobrancelhas se erguendo.

A Rainha fechou o rosto.

— Não. — Hypaxia respirou fundo. — O relacionamento não era mais possível. Eu poderia ter continuado, mas não era… A pessoa não queria.

Bryce piscou. Se Hypaxia estava apaixonada por outra pessoa… Merda.

— Coitado do Ruhn — disse.

Hypaxia sorriu com tristeza.

— Acho que seu irmão quer se casar comigo tão pouco quanto eu quero me casar com ele.

— Mas Ruhn é um gato. Você também. Talvez a atração aconteça. — Bryce devia ao irmão pelo menos uma tentativa de enaltecer seus atributos.

Uma gargalhada.

— É preciso bem mais do que isso.

— É, mas ele é um cara muito bom. Tipo, *muito* bom. E não acredito que estou dizendo isso, mas… embora eu tenha certeza de que a pessoa que você ama é ótima, você não poderia se sair melhor do que Ruhn.

— Vou me lembrar dessas palavras. — Hypaxia brincou com um de seus longos cachos. — O noivado com seu irmão foi uma tentativa de evitar que o coven de minha mãe ganhasse poder demais.

Bryce falou:

— Mas você disse que *quer* que as bruxas retornem ao poder. Ou você quer que seu povo recupere o poder, mas quer que o coven de sua mãe… seja excluído disso? — Hypaxia assentiu seriamente. As sobrancelhas de Bryce se uniram. — As bruxas já não são poderosas?

— Não como um dia fomos. Há gerações, linhagens poderosas têm se esgotado, a magia definhando. Como se fossem… escoadas até o nada. O coven de minha mãe não tem interesse em descobrir o motivo. Elas só querem que nos tornemos ainda mais subservientes aos asteri.

Essa fêmea tinha libertado Hunt por pura rebeldia aos asteri. Será que Hypaxia era uma rebelde? Será que ousava perguntar à rainha-bruxa? O quanto Ithan e Ruhn tinham contado a ela no dia anterior?

Bruma escura espiralava do outro lado do rio. Perguntou em voz baixa:

— Sua mãe conjurou seus tutores do Quarteirão dos Ossos? Ou outro local de descanso eterno?

— Tais coisas não existiam quando meus tutores caminhavam na terra.

Bryce escancarou a boca.

— Seus tutores são de antes da chegada dos asteri?

Hypaxia semicerrou os olhos em aviso para que Bryce mantivesse a voz baixa.

— Sim. Eles já estavam mortos há muito tempo quando a Fenda Norte se abriu.

— Eles se lembram de uma época anterior aos asteri… quando Parthos ainda estava de pé? — arriscou Bryce.

— Sim. Um de meus tutores, Palania, ensinava matemática e ciência na academia da cidade. Ela nasceu na cidade que a cercava e morreu lá também. Assim como gerações de sua família.

— Os asteri não gostam que pessoas falem sobre essas coisas. Que os humanos tenham realizado tanto antes da chegada deles.

— São clássicos conquistadores. — Hypaxia olhou para o Quarteirão dos Ossos. — Eles colonizaram até a morte neste mundo.

Espíritos que um dia descansavam pacificamente são agora arrebanhados para essas… zonas.

Bryce se sobressaltou.

— Você sabe sobre isso?

— Os mortos falam comigo sobre os horrores deles. Quando minha mãe morreu, eu tive que fazer algumas coisas que… Digamos que o coven dela não ficou feliz por eu ter encontrado uma forma de minha mãe evitar ir a um local de descanso eterno. Mesmo que fazer isso sacrificasse minha habilidade de falar com ela para sempre. — Seus olhos se assombraram. — Mas eu não podia mandá-la para uma zona como o Quarteirão dos Ossos. Não quando eu sabia o que aconteceria com ela.

— Por que não contar a todos? Por que não contar ao mundo inteiro?

— Quem acreditaria em mim? Sabe o que os asteri fariam comigo? Com meu povo? Eles matariam até a última bruxa para me punir. Minha mãe também sabia, escolheu não dizer nada. Se você for inteligente, também não vai. Eu vou ajudar Ithan Holstrom e a família dele o melhor possível no equinócio, mas há limites.

Bryce parou diante do parapeito que dava para o rio escuro como a noite.

— Para onde iam os mortos antes de os asteri chegarem? Seus tutores já lhe contaram isso?

A boca de Hypaxia se suavizou em um sorriso.

— Não. Mas eles me contaram que era… bom. Pacífico.

— Acha que as almas que são colhidas aqui acabam lá?

— Não sei.

Bryce exalou.

— Bem, essa é a conversa entre garotas mais deprimente que eu já tive.

— É a primeira conversa entre garotas que eu já tive.

— Garotas normais reclamam de merdas normais.

— Você e eu não somos garotas normais.

Não, não eram. Elas eram… uma rainha e uma princesa. Encontram-se como iguais. Falando sobre coisas que poderiam fazer com que fossem mortas.

— Pode ser muito solitário usar uma coroa — disse Hypaxia, em voz baixa, como se lendo seus pensamentos. — Mas fico feliz por ter você com quem falar, Bryce.

— Eu também. — E podia não estar nem perto de terminar de lutar contra as merdas do pai, mas… era reconfortante saber que tinha a rainha-bruxa ao seu lado, pelo menos. E outros aliados.

Ithan montava guarda seis metros atrás delas. Seu olhar encontrou o dela, cintilando na escuridão. Abriu a boca para chamá-lo, para perguntar o quanto tinha ouvido.

No entanto, naquele momento, uma imensa e escamosa besta cinza saltou por cima do parapeito do cais.

E, antes que Bryce pudesse gritar, a besta se chocou contra Ithan e fechou a mandíbula no pescoço dele.



Bryce não teve tempo de gritar. Não teve tempo de fazer nada além de cair de bunda no chão se arrastando para longe de Ithan, seu sangue jorrando, gorgolejando conforme o pescoço…

A besta… o *demônio*… rasgou o pescoço de Ithan.

Virou para trás a imensa cabeça chata e engoliu o pedaço de carne entre presas pretas curvas.

— Levante-se — ordenou Hypaxia de onde estava, acima de Bryce, uma faca na mão. De onde veio, Bryce não fazia ideia.

Ithan…

Não podia passar por aquilo de novo. Não podia suportar.

O demônio se afastou do corpo trêmulo e moribundo de Ithan. Será que sobreviveria àquele tipo de ataque? Se o demônio tivesse veneno nas presas como o kristallos…

A coisa devia ser algum parente. As escamas cinza foscas fluíam sobre um corpo musculoso e um corpo curvado bem baixo; uma cauda tão longa quanto Bryce açoitava para trás e para a frente, a ponta espinhenta sulcando fendas na pedra. As pessoas no cais, nas ruas adiante, começaram a fugir.

Não conseguia mover-se. Choque, sabia que estava em choque, mas mesmo assim…

Chegaria ajuda logo. Alguém, ou no Aux ou na 33ª, chegaria. Hunt…

— *Levante-se* — disse Hypaxia, agarrando Bryce sob um ombro para puxá-la de pé. Devagar, a rainha-bruxa arrastou Bryce para trás…

Um grunhido reverberou pelas pedras às suas costas.

Bryce se virou e encontrou um segundo demônio, idêntico ao que tinha rasgado o pescoço de Ithan, aproximando-se em sua retaguarda. Os dois cercavam as presas encurraladas entre eles.

Um medo frio e intenso a cortou por dentro. Estilhaçou o choque que a fixava na inutilidade. Limpou sua visão nebulosa e ensanguentada.

— De costas uma para a outra — ordenou Hypaxia, a voz baixa e calma. Uma faca, era tudo que tinham. Por que Inferno não carregava uma arma?

Ithan tinha uma arma. Em seu corpo sem vida, Bryce conseguia discernir a arma que o lobo não teve chance de sacar. Quantas balas teria? No entanto, se o demônio fosse rápido o bastante para se aproximar de fininho, Bryce não teria chance. A não ser que…

— Que tipo de magia você tem? — murmurou, pressionando as costas contra Hypaxia ao olhar para o segundo demônio. Mataria aqueles desgraçados. Despedaçaria os dois devagar.

— Isso importa? — perguntou Hypaxia, apontando a faca para o primeiro demônio.

— É energia? Como relâmpago?

— Cura e vento… e a necromancia, que eu nem consigo começar a explicar.

— Você consegue concentrá-la? Dispará-la para mim?

— O quê?

— Eu preciso de carga. Como uma bateria — disse Bryce, a cicatriz no peito brilhando levemente.

O demônio à sua frente uivou para o céu noturno. Seus ouvidos tiniram.

— Para fazer o quê?

— Só… faça agora, ou estaremos majestosamente fodidas.

O primeiro demônio urrou. Como tantos seres do Fosso, seus olhos eram leitosos, cegos. Como se estivessem no escuro há tanto

tempo que não precisava mais enxergar. Ofuscá-los não era uma opção. Uma bala, no entanto…

— Acha que uma faca vai funcionar contra eles? — indagou Bryce.

— Eu… — Hypaxia as guiou para o parapeito do cais. Faltava quase um metro até que não houvesse mais para onde ir exceto para a água. Bryce estremeceu, lembrando-se dos sobeks que os atacaram no dia em que fugiram do Quarteirão dos Ossos.

— Use seu poder de cura e ataque a porra do meu peito — grunhiu Bryce. — Confie em mim. — Não tinham escolha. Se o poder de Hunt havia carregado o seu, talvez…

A criatura mais próxima da rainha-bruxa avançou, mordendo. As duas fêmeas se chocaram contra o parapeito.

— Agora! — gritou Bryce, e Hypaxia se virou, empurrando a palma da mão reluzente para o peito de Bryce. Calor fluiu para dentro de si, suave, agradável e…

Estrelas explodiram na mente de Bryce. Supernovas.

Ithan.

Foi tão fácil quanto dar um passo.

Em um segundo, Bryce estava encostada no cais. No seguinte, ao lado do corpo de Ithan, atrás das criaturas, que se viraram em sua direção, sentindo que seu cheiro tinha mudado de lugar.

Hypaxia bateu no broche dourado na lapela da jaqueta. Com um estalido no ar, sua vassoura surgiu diante da bruxa, a rainha saltou nela, disparando para o céu…

Bryce pegou a arma da cintura de Ithan, soltou o pino de segurança e disparou contra o demônio mais próximo. Pedaços de cérebro respingaram quando a bala mergulhou entre os olhos cegos da besta.

O segundo demônio avançou, Hypaxia esquecida ao pairar sobre a vassoura acima. Bryce disparou, o demônio desviou do golpe, como se pudesse sentir o próprio ar se abrindo para a bala. Ele a antecipara, estava ciente da arma em sua mão…

O demônio saltou em sua direção, Bryce acumulou seu poder.

A fêmea se moveu de onde estava ao lado do corpo de Ithan para o calçadão aberto atrás da criatura que atacava.

A besta atingiu o chão e se virou, as garras se enterrando fundo. Bryce disparou de novo, e o demônio usou seus sentidos

sobrenaturais para desviar para a esquerda no último milissegundo, sendo atingido no ombro pela bala. O disparo não fez nada para reduzir a sua velocidade.

O demônio saltou para Bryce de novo, movendo-se. Mais devagar dessa vez, o poder de Hypaxia já estava escorrendo para fora da fêmea.

— Atrás de você! — ordenou Hypaxia do alto, apontando. Bryce trincou os dentes, mapeando como chegar lá. A dança para a qual precisava atrair a criatura.

O demônio saltou, garras expostas, e Bryce se teletransportou para trás. Ele saltou de novo, e ela se moveu, corpo tremendo devido ao esforço. Mais uns metros para trás. Podia fazer o último salto. Precisava fazê-lo quando o demônio pulou…

Rugindo, Bryce entregou tudo de si, tudo que restava da faísca do poder de Hypaxia em seu peito, ao desejo de avançar, de se mover…

Bryce apareceu três metros atrás, e a criatura, percebendo o padrão, saltou.

Não olhou para cima. Não viu a rainha-bruxa mergulhando para a terra, a adaga em riste.

Bryce atingiu o chão quando Hypaxia saltou da vassoura e aterrissou sobre a besta, golpeando seu crânio com a lâmina. Bruxa e demônio caíram, a primeira montada nele como um cavalo do Inferno. O demônio nem mesmo estremeceu.

Com as palmas das mãos arranhadas e os joelhos já cicatrizando, Bryce ofegou, tremendo. Conseguira. Ela…

Ithan. Ah, deuses, Ithan.

Levantou-se com as pernas trêmulas, atrapalhada, correndo até ele. O pescoço do lobo estava cicatrizando… Devagar. Encarava sem enxergar o céu noturno.

— Se afaste — disse Hypaxia, respirando com dificuldade, a vassoura jogada ao lado dela. — Deixe eu examiná-lo.

— Ele precisa de uma medbruxa!

— Eu sou uma medbruxa — disse Hypaxia, e se ajoelhou.

Asas surgiram no céu, sirenes berrando das ruas. Então Isaiah estava lá, as mãos nos ombros de Bryce.

— Você está bem? Aquele é Holstrom? Onde está Athalar? — As perguntas ágeis a penetravam.

— Estou aqui — disse Hunt, da escuridão, aterrissando com tanta força que o chão tremeu. Relâmpago saltitou pelo concreto. O anjo avaliou Bryce, então Ithan, o corpo do lobo brilhando sob as mãos de Hypaxia. Então registrou dois demônios, empalidecendo. — Aqueles… — Checou Bryce de novo.

— Sabe o que eles são? — perguntou Isaiah.

Hunt correu até Bryce e a abraçou. A fêmea se acomodou no calor dele, na força de Hunt. Disse, em voz baixa:

— Caça-mortes. Bichos de estimação do Príncipe do Fosso. Foram vistos em Nena há quatro dias. De alguma forma atravessaram a fronteira.

O estômago de Bryce se revirou.

Isaiah ergueu a mão para manter os outros anjos e membros do Aux distantes.

— Acha que esses dois vieram de Nena até aqui? E por que atacar Bryce?

Bryce agarrou a cintura de Hunt, sem se importar em parecer grudenta. Se soltasse, seus joelhos poderiam facilmente ceder. Hunt mentiu sutilmente:

— Não é óbvio? O Inferno tem um ajuste de contas com ela depois da primavera. Eles mandaram os melhores assassinos para matá-la.

Isaiah pareceu engolir essa teoria, porque disse a Bryce:

— Como você os derrubou?

— Ithan tinha uma arma. Eu dei um tiro certeiro no primeiro. A Rainha Hypaxia cuidou do segundo.

Era quase totalmente verdade.

— Pronto — anunciou Hypaxia, afastando-se do corpo curado de Ithan. — Ele vai acordar quando estiver pronto. — Recolheu a vassoura e, com um toque — ou parte de seu poder de bruxa —, o objeto se encolheu de volta ao broche dourado de Cthona. Ela o prendeu na jaqueta cinza ao se virar para Isaiah. — Seus soldados podem transportá-lo para a embaixada das bruxas? Eu gostaria de cuidar pessoalmente dele até que esteja consciente.

Bryce não podia se opor, mas… Não havia ninguém para quem ligar a respeito de Ithan. Nenhuma família, nenhum amigo, nenhuma matilha. Ninguém exceto…

Ligou para Ruhn.

* * *

Caça-mortes. Deveria ter mandado um aviso assim que identificou a cauda na foto tirada em Nena. Deveria ter colocado cada soldado daquela cidade em alerta.

Contudo, Bryce… por algum milagre, não tinha um arranhão no corpo.

Não era possível. Hunt sabia o quanto os caça-mortes eram rápidos. Nem mesmo feéricos podiam ser mais rápidos do que eles. Foram criados assim pelo próprio Apollion.

Hunt esperou para conversar até que ele e Bryce estivessem no corredor dourado da embaixada das bruxas. Ithan já tinha sido entregue a Ruhn e Declan pelos dois anjos que voaram com ele até ali, os dois feéricos carregaram o lobo cuidadosamente para um pequeno quarto para se recuperar.

— Então, vamos ouvir a história verdadeira.

Bryce se virou para o anjo, o olhar brilhando com medo e euforia.

— Eu consegui. Me teletransportei. — Explicou o que Hypaxia tinha feito, o que ela própria fizera.

— Esse foi um puta risco. — Não tinha certeza se a beijava ou a sacudia pelo feito.

— Minhas opções eram limitadas — disse Bryce, cruzando os braços. Pela porta aberta, Ruhn e Dec apoiaram Ithan na cama, Hypaxia os instruía a posicionarem seu corpo de um determinado modo. — Onde Inferno estava a dragoa?

— A covarde de merda disse a Holstrom que subiria até os telhados para fornecer um segundo par de olhos e então fugiu — disse Flynn, o rosto soturno quando entrou no corredor.

— Dá para culpá-la? — falou Bryce.

— Sim. — Flynn respondeu colérico. — Nós fizemos um favor a ela, e ela fodeu a gente. Podia ter incinerado aqueles demônios. — antes que Bryce pudesse replicar, o lorde saiu marchando com um balançar enojado da cabeça.

Bryce esperou até que o corredor estivesse vazio de novo, antes de perguntar a Hunt:

— Acha que esses eram os aperitivos que o Príncipe do Fosso ameaçou mandar para nos testar?

— Sim. Eles só obedecem a ele.

— Mas estavam prestes a me matar. Ele não parecia querer a gente morto. E parece imprudente fazer isso só para me testar. — Indicou entre os dois. — Os adversários épicos dele, lembra?

Ruhn entrou no corredor e murmurou:

— A não ser que não fosse você quem eles deveriam matar. — disse indicando com o queixo na direção de Hypaxia, baixando a voz. O príncipe avaliou os corredores silenciosos da embaixada, nenhuma bruxa à vista, antes de dizer: — Talvez o coven dela os tenha conjurado, de alguma forma.

Bryce franziu a testa.

— Por quê?

Ruhn deu um passo.

— Você seria o acobertamento perfeito. Ela estava passeando ao lado de alguém com quem o Inferno tem um ajuste de contas a fazer, alguém que deixou o Inferno puto nessa primavera. Caça-mortes indicam o envolvimento do Príncipe do Fosso. Se ela tivesse morrido, todos os olhos estariam no Inferno. Todos pensariam que você era o alvo deles, e ela seria a perda colateral infeliz.

— Mas e quanto a Ithan?

Hunt retomou de onde Ruhn parou.

— Também colateral. Depois desta primavera, duvido que Sabine seria burra o bastante para conjurar um demônio. Então só restam os nossos inimigos, e os de Hypaxia, mas considerando o que Apollion ameaçou… Eu diria que a chance é de que seja ele. Talvez estivesse disposto a arriscar que você morresse durante o pequeno teste, talvez tenha suposto que, se você morresse, não seria digna de lutar com ele mesmo.

Bryce esfregou o rosto.

— Então, o que isso significa?

Hunt entrelaçou seus dedos.

— Significa que esta cidade precisa estar em alerta geral e você precisa estar armada a todo momento.

Bryce o olhou com raiva.

— Isso não ajuda em nada.

Ruhn, sabiamente, manteve a boca fechada.

— Você não tinha nenhuma arma hoje à noite — grunhiu Hunt. — Vocês duas tinham *uma faca*. Tiveram sorte que Ithan carregava aquela arma. E teve ainda mais sorte ao apostar que Hypaxia poderia carregar sua habilidade de se teletransportar.

Ruhn grunhiu em anuência.

— Então foi assim que você conseguiu — disse Declan, voltando para o corredor. O guerreiro fechou a porta às suas costas, dando a Hypaxia e Ithan privacidade.

Bryce ensaiou uma reverência.

— Vai ser minha apresentação solo especial durante o show de talentos da escola.

Declan riu, mas Ruhn a escrutinava.

— Você se teletransportou mesmo?

Bryce explicou tudo de novo, Hunt não evitou puxá-la para mais perto. Quando terminou, Ruhn repetiu as palavras de Hunt.

— Nós demos sorte esta noite. *Você* deu sorte esta noite.

Bryce piscou um olho para Hunt.

— E planejo dar mais um pouquinho de novo.

— Que nojo — disse Ruhn, quando Declan riu.

Hunt deu um peteleco no nariz de Bryce e disse a Ruhn:

— Vamos montar guarda em torno do apartamento e desta embaixada, designe seus soldados de maior confiança. Vou colocar Isaiah e Naomi nisso também.

— A 33ª e o Aux trabalhando juntos para vigiar euzinha aqui? — cantarolou Bryce. — Fico lisonjeada.

— Não é o momento de debater política de alfa babaca — disse Hunt, de dentes trincados. — Aqueles eram caça-mortes, porra.

— E eu lidei com eles.

— Eu não seria tão despreocupada — grunhiu. — O Príncipe do Fosso vai mandar hordas pela Fenda Norte se conseguir abri-la completamente, em vez de enfiar um ou dois de cada vez só por diversão. Eles caçam quem quer que tenham ordens de caçar. São assassinos. Se você for marcada por eles para execução, está *morta*.

Bryce soprou os dedos, como se tirando poeira.

— Um dia normal de trabalho para mim, então.

— *Quinlan…*

Ruhn começou a rir.

— O quê? — indagou Hunt.

O príncipe falou:

— Sabe com quem eu estava conversando antes de receber sua ligação? Meu pai. — Bryce ficou imóvel, Hunt soube que era ruim. Ruhn sorriu para o anjo. — *Seu* sogro.

— Como é?

Ruhn não parou de sorrir.

— Ele me contou a notícia maravilhosa. — Piscou para Bryce. — Você deve estar exultante.

Bryce resmungou e se virou para Hunt.

— Não é oficial…

— Ah, é oficial — disse Ruhn, encostado na parede ao lado da porta.

— De que porra vocês dois estão falando? — rosnou Hunt.

Ruhn deu um risinho para Hunt.

— Ela anda usando por aí o nome real, pelo visto. O que significa que aceitou sua posição de princesa. E, como você é o parceiro dela, isso faz de você o genro do Rei Outonal. E meu irmão.

Hunt olhou boquiaberto para ele. Ruhn ficou totalmente sério.

Bryce disparou:

— Você perguntou a ele sobre Cormac? O Rei Outonal insiste que o noivado ainda está de pé.

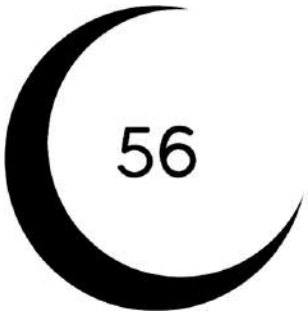
A diversão de Ruhn sumiu.

— Não entendo como pode estar.

— Com licença — interrompeu Hunt —, mas que porra é essa? — Suas asas se abriram. — Você agora é oficialmente uma *princesa?*

Bryce se encolheu.

— Surpresa?



Ithan gemeu, seu corpo latejando em dor.

Sua garganta, mandíbula, presas e garras, a rainha e *Bryce*…

Impulsionou-se para cima, mão no pescoço…

— Você está seguro. Já acabou. — A voz calma e feminina veio da direita, Ithan se virou, encontrando-se em uma cama estreita em um quarto dourado que nunca vira.

A Rainha Hypaxia estava sentada em uma cadeira ao seu lado, um livro no colo, usando a túnica azul novamente. Nenhum sinal da fêmea casual e moderna que o lobo estava seguindo mais cedo. Sua voz soou áspera quando Ithan perguntou:

— Você está bem?

— Muito bem. Assim como a senhorita Quinlan. Você está em minha embaixada, caso esteja se perguntando.

Ithan desabou de volta na cama. Tinha sido encurralado, como uma porra de novato. Sempre se orgulhara de seus reflexos e instintos, mas havia levado uma surra. A rainha abriu a boca, mas indagou:

— E a dragoa?

A boca de Hypaxia se contraiu.

— Ariadne não estava à vista. Parece que ela se arriscou com a lei e fugiu.

Ithan grunhiu.

— Ela deu o fora? — A dragoa tinha alegado que não podia fazer isso. Que não havia lugar em Midgard para onde pudesse ir sem que o Astrônomo a encontrasse.

Deuses. Uma tarefa de guarda-costas e ele estragara tudo. Terrivelmente.

Merecera ter seu pescoço dilacerado. Merecia estar deitado ali, como uma criança fraca, por sua inaptidão.

Hypaxia assentiu seriamente.

— As câmeras da cidade capturaram tudo: Ariadne saiu assim que eu entrei na loja de pizza. Mas, nada mais, nem mesmo as câmeras conseguem localizá-la.

— Ela provavelmente está no meio do planeta a esta altura — resmungou Ithan. Os machos feéricos ficariam tão putos.

— Você a libertou do anel. De servir a um mestre terrível. Fica surpreso por ela não estar disposta a esperar que alguém a compre de novo?

— Eu achei que ela seria grata, pelo menos.

Hypaxia franziu a testa em reprovação, mas falou:

— Ela é uma dragoa. Uma criatura de terra e céu, fogo e vento. Ela jamais deveria ter sido contida ou escravizada. Espero que ela permaneça livre pelo resto da vida imortal.

Seu tom não deixou espaço para argumentos, e, bem, Ithan concordava com a rainha, de toda forma. Suspirou, suavemente esfregando o pescoço dolorido.

— Então, que merda atacou a gente? Um demônio?

— Sim, um extremamente mortal. — Explicou o que tinha acontecido.

Ithan se sentou com cuidado de novo.

— Sinto muito por ter estragado isso tão absolutamente. Eu… eu não gosto de cometer erros assim. — Perder feria a alma dele. A rainha e Bryce estavam seguras, mas ele não passava de um *fracassado.*

— Você não tem pelo que pedir desculpa — disse a rainha, com firmeza. — Considerando a gravidade da situação, estou presumindo

que seus amigos saibam mais sobre os motivos por trás desse ataque do que me contaram.

Bem, ela estava definitivamente certa nisso. Ithan respirou tão fundo que deixou sua garganta dolorida. Levaria mais algumas horas até que estivesse totalmente curada.

Não tinha ideia de quanto tempo levaria até que se perdoasse por ter fodido tudo naquela noite.

— Então você realmente pode contatar Connor no Equinócio Outonal? — perguntou, baixinho, odiando que precisasse mudar de assunto. Não que a pauta fosse muito melhor.

— Sim. — Inclinou a cabeça, os cachos caindo sobre o ombro. — Você está preocupado com ele.

— Você não estaria? Não me importo se nos foi dito que ele está, tipo, fora de perigo. Eu quero me certificar de que ele esteja bem. Ouvi o que você disse a Bryce, sobre garantir que sua mãe não fosse para um dos mundos de descanso. Quero que você faça isso para ele. — Ithan engoliu em seco, então corrigiu: — Se não tiver problema para você, Vossa Majestade.

Os olhos de Hypaxia cintilaram com diversão.

— Farei o melhor que puder.

Ithan suspirou de novo, olhando para as altas janelas do outro lado do quarto, para as cortinas fechadas para a noite.

— Eu sei que você já está fazendo muito por mim, mas… o Astrônomo tem uma loba escravizada a ele entre seus místicos. Tem alguma coisa que você possa fazer por ela?

— Como assim? — O lobo considerou a pergunta como sinal de que a rainha não estava dizendo que não.

— Não posso simplesmente deixá-la lá. — falou.

— Por que é obrigação sua libertá-la?

— Lobos não pertencem a jaulas. É isso que são os tanques dos místicos. Jaulas aquosas.

— E se ela quiser estar lá?

— Como poderia? — Antes que a rainha pudesse responder, insistiu: — Eu sei que é aleatório. Há tantas outras pessoas sofrendo por aí. Mas não me parece certo.

Tinha errado bastante nos últimos dois anos, não perderia a bola naquele assunto. Uma loba alfa em cativeiro, a ideia era repulsiva.

Faria o possível para ajudá-la.

Hypaxia pareceu ler o que quer que havia em seu rosto.

— Você é um bom macho, Ithan Holstrom.

— Você me conheceu ontem. — E, depois daquela noite, com certeza não merecia aquele rótulo.

— Mas eu consigo ver. — Tocou a mão do lobo com cautela. — Não acho que tem muito que eu possa fazer para ajudar a mística, infelizmente, além daquilo que seus outros amigos nobres consigam realizar.

Ithan sabia que ela estava certa. Encontraria outra forma, então. De algum jeito.

— Bem, que merda.

— Com certeza — disse uma voz masculina à porta, Ithan piscou, surpreso ao encontrar Flynn e Declan de pé ali, Tharion um passo atrás deles.

— Oi — falou Ithan, se preparando para os deboches, as brincadeiras, o interrogatório sobre como Inferno ele tinha estragado o dever de protetor.

Contudo, Declan fez uma reverência com a cabeça para a rainha antes de perambular até Ithan.

— Como está se sentindo, filhote?

— Bem — disse Ithan, então admitiu: — Um pouco dolorido.

— Ter a garganta dilacerada faz isso com um macho — falou Flynn. Ele piscou um olho para Hypaxia. — Mas ela consertou você direitinho, não foi?

Hypaxia sorriu para ele. Tharion, parado à porta, riu.

Ithan falou, em voz baixa:

— É, ela consertou.

Declan uniu as mãos.

— Certo, então, a gente só queria ter certeza de que você estava bem.

Hypaxia acrescentou:

— Eles entraram e saíram a noite toda.

— Vai entregá-los como corações moles, Pax — disse Tharion à rainha, que balançou a cabeça ao ouvir o apelido. Como se Tharion costumasse usá-lo para irritá-la.

Declan perguntou à rainha:

— Quando ele pode voltar para casa?

Casa. A palavra ecoou por Ithan. Era o colega de quarto deles há uma semana e meia. Quando fora a última vez que teve um lar de verdade? O Covil não parecia um desde que seus pais tinham morrido.

No entanto… era preocupação sincera no rosto de Declan. No de Flynn. Ithan engoliu em seco.

— Amanhã de manhã — disse Hypaxia, levantando-se da cadeira. — Vou te examinar mais uma vez e, se você estiver liberado, poderá sair, Ithan.

— Eu deveria vigiar você — replicou Ithan, a voz embargada.

A rainha deu tapinhas em seu ombro antes de ir até a porta. Tharion a acompanhou, como se tivesse planejado conversar em particular. A rainha-bruxa disse a Ithan quando ela e o tritão saíram:

— Tire uma folga amanhã.

Ithan abriu a boca para protestar, mas já havia saído, o tritão junto.

Flynn se jogou no assento que a rainha tinha desocupado.

— Não conte a Ruhn, mas eu adoraria se aquela fêmea fizesse um exame em *mim*.

Ithan fez uma careta, mas se absteve de explicar o que entreouvira. A rainha amava outro e parecia bastante resoluta a esse respeito, mas de que servia o amor diante da obrigação?

Manteve o romance de Hypaxia em segredo. Concordara com a união com Ruhn, e não podia fazer nada a não ser admirar que ela tivesse aceitado embora seu coração estivesse em outro lugar.

Porra, ele conhecia aquela sensação. Ithan bloqueou o rosto de Bryce da mente.

Declan dizia a Flynn:

— Faça um favor a si mesmo e não dê em cima dela. Nem a provoque.

— Ela é a noiva de Ruhn — disse Flynn, apoiando as botas na beira da cama de Ithan, colocando as mãos atrás da cabeça. — Isso me dá direito a algumas provocações.

Ithan gargalhou, os olhos ardendo. Ninguém jamais brincava na matilha de Amelie. Podia arrancar um sorriso de Perry de vez em quando, mas em grande parte estavam todos sérios. Sem humor. Jamais riam de si mesmos.

Ainda assim aqueles caras tinham ido checá-lo. Não para lhe passar um sermão por ter fracassado. Eles nem mesmo pareciam ver aquilo como um fracasso.

Flynn perguntou, um pouco mais sério:

— Mas você está se sentindo bem mesmo?

Ithan se controlou.

— Sim.

— Ótimo — disse Declan.

A garganta de Ithan se fechou. Não tinha percebido o quanto sentia falta daquilo, de pessoas que cuidassem dele. Que se importassem se vivia ou morria. A Matilha dos Demônios tinha feito isso, sim, mas seu time de solebol também. Não falara com nenhum deles desde a morte de Connor.

Os olhos de Flynn se suavizaram um pouco, como se vissem alguma coisa no rosto de Ithan, o lobo se ajeitou, pigarreando. Flynn, no entanto, disse:

— Estamos com você, lobo.

— Por quê? — A pergunta escapuliu antes que Ithan pudesse pensar duas vezes. Contudo, devia haver dúzias de feéricos que tinham passado anos tentando se espremer para dentro do trio que eram Ruhn, Flynn e Declan. Por que tinham levado Ithan para dentro de seu círculo estava além de sua compreensão.

Flynn e Dec trocaram olhares. O primeiro deu de ombros.

— Por que não?

— Sou um lobo. Você é feérico.

— Que antiquado. — Flynn piscou um olho. — Eu achei que você fosse mais progressista do que isso.

— Não quero sua pena — falou Ithan.

Declan recuou.

— Quem diabo disse alguma coisa sobre pena?

Flynn ergueu as mãos.

— Só somos seus amigos porque queremos ingressos bons para jogos de solebol.

Ithan olhou de um macho para outro. Então caiu na gargalhada.

— Tudo bem. — Esfregou o pescoço dolorido de novo. — Esse é um motivo bom o bastante para mim.

* * *

Ruhn monitorava sua irmã enquanto esperavam que Athalar terminasse de informar alguns membros seniores da 33ª sobre o que havia acontecido com o caça-morte.

Parecia a última primavera de novo. Tudo bem que Micah tinha sido aquele a conjurar os demônios kristallos, mas… aquilo não podia ser bom. O chifre estava tatuado nas costas de Bryce agora, o que o Inferno não faria para obtê-lo?

— A resposta — disse Bryce a Ruhn — é que não vou permitir nenhum tipo de escolta de segurança.

Ruhn piscou. E falou, silenciosamente: *Eu não estava pensando nisso.*

Olhou para ele de esguelha. *Eu consegui sentir você emburrado por causa do ataque. É a conclusão lógica de um macho feérico excessivamente agressivo.*

Excessivamente agressivo?

Protetor?

Bryce. Isso é uma merda séria.

Eu sei.

E você é uma princesa agora. Oficial.

A fêmea cruzou os braços, observando Hunt falar com os amigos. *Eu sei.*

Como se sente em relação a isso?

Como você *se sente em relação a isso?*

Por que Inferno faria alguma diferença como eu me sinto? Fez uma careta para ela.

Porque agora você precisa compartilhar a coroa.

Fico feliz por poder compartilhar com você. Egoísta e pateticamente feliz, Bryce. Mas… não era isso que você queria evitar?

É. Sua voz mental se afiou como aço.

Vai fazer alguma coisa a respeito?

Talvez.

Cuidado. Há tantas leis e regras e merdas que você não sabe. Eu posso inteirá-la, mas… é um nível totalmente novo do jogo. Precisa ficar alerta.

Bryce o encarou, oferecendo um sorriso largo que não chegou aos seus olhos antes de dar alguns passos na direção de Athalar.

— Se o velho papai quiser uma princesa — disse, parecendo-se mais com o pai do que Ruhn jamais vira —, então vai conseguir uma.

* * *

— Lobos ferais espreitando a Praça da Cidade Velha — cochichou Hypaxia para Tharion quando olhou pela janela de sua suíte particular no segundo andar da elegante embaixada.

Apesar da mobília felpuda, o quarto definitivamente pertencia a uma bruxa: um pequeno altar de cristal para Cthona adornava a parede leste, coberto com vários objetos de adoração; um grande espelho de adivinhação de obsidiana pendia acima dele; e a lareira embutida na parede sul tinha vários braços de ferro, provavelmente para segurar caldeirões durante feitiços. Uma suíte real, sim, mas também uma oficina.

— Odeio vê-los — prosseguiu a rainha, as luzes das ruas projetando o lindo rosto dela em tons dourados. — Aqueles uniformes. Os dardos de prata no colarinho. — Tharion se perguntou quantas pessoas a viam com a guarda tão baixa. — Caçadores de rebeldes. É isso que são.

De fato, por onde passavam, os festejadores se calavam. Turistas paravam de tirar fotos.

— Diga-me como se sente de verdade, Pax — falou Tharion, cruzando os braços.

A rainha se virou para o tritão.

— Eu queria que você parasse de usar esse apelido. Desde a Cimeira…

— Desde então você sente falta de me ouvir usando-o? — Deu a ela seu sorriso mais charmoso.

A rainha-bruxa revirou os olhos, mas Tharion viu o leve repuxar de seus lábios.

— Você está contando? Quantas vezes o Príncipe Ruhn babou ao olhar para vocês desde que chegou? — perguntou.

Hypaxia corou.

— Ele não baba.

— Acho que nossa contagem final da Cimeira foi… trinta? Quarenta?

Bateu em seu peito.

— Senti sua falta — disse Tharion, sorrindo.

Sorriu de volta.

— O que sua noiva tem a dizer sobre isso? — Era uma das poucas pessoas que sabia. Durante a reunião inicial deles na Cimeira, um encontro acidental tarde da noite quando ela buscava alguma solidão em um dos lagos subterrâneos das sereias e se deparou com Tharion buscando o mesmo… falaram sobre suas várias… obrigações. Uma amizade nascida imediatamente.

Tharion replicou:

— O que o *seu* noivo tem a dizer sobre isso?

A bruxa riu baixinho, o som como sinos de prata.

— É você que tem se associado com ele. Diga você.

O macho riu, mas sua diversão se dissipou, a voz séria.

— Ele está tão preocupado com você que contou a alguns de nós sobre seu coven. Por que não me contou? — Pegaria qualquer um que fizesse mal a ela e o afogaria. Devagar.

Hypaxia observou o rosto do amigo. Tharion permitiu.

— O que você poderia ter feito?

Ora, aquilo doeu. Principalmente porque ela estava certa. Soltou um longo suspiro. Tharion queria poder contar sobre o fato de que tinha garantido a si mesmo uma pequena extensão de liberdade. Que só voltaria para a Corte Azul para manter as aparências, que fingiria que Emile Renast ainda estava à solta por tanto tempo quanto pudesse, mas… Voltaria depois daquilo? Será que *conseguiria* voltar?

Talvez entrasse em contato com o pessoal da Rainha do Oceano e implorasse por asilo. Talvez protegessem sua família também.

Tharion abriu a boca para falar quando uma onda varreu a rua abaixo. As pessoas pararam. Algumas encostaram nos prédios.

— Que porra eles estão fazendo aqui? — rosnou Tharion.

Mordoc e o Martelo marchavam pela rua, lobo e anjo olhando com desprezo para todos em seu caminho. Pareciam gostar do silêncio e temor que se davam com sua passagem.

Hypaxia ergueu as sobrancelhas.

— Não são amigos seus?

Tharion levou a mão ao coração.

— Você me ofende, Pax.

A rainha contraiu a boca em uma linha fina quando Pollux e Mordoc atravessaram o cruzamento.

— É um mau presságio vê-los aqui.

— Talvez queiram se certificar de que está tudo bem, considerando o que atacou esta noite.

Poderoso Ogenas, criaturas vindas direto do Fosso. Estava aproveitando um drink com um bando de metamorfas de leoas em um bar de vinhos quando recebeu a ligação. Tinha ido até lá alegando uma visita investigativa da Corte Azul, mas…

— Tem certeza de que está bem? — perguntou, feliz por mudar de assunto dos monstros da rua.

— Estou bem. — disse Hypaxia, voltando olhos cansados e tristes para ele. — A senhorita Quinlan se mostrou uma valiosa aliada em uma luta. — O macho gostava da ideia de as duas se tornarem amigas. Seriam uma dupla formidável contra qualquer adversário.

— O que seu coven disse sobre o ataque? — perguntou Tharion, olhando para as portas duplas fechadas do outro lado do quarto. Pollux e Mordoc sumiram pela rua. Como se todas tivessem sido congeladas, as pessoas subitamente começaram a se mover novamente. Ninguém foi na direção que o Martelo e o lobo feral tomaram.

— Meu coven fingiu ultraje, é óbvio. Não vale a pena contar de novo.

Justo.

— Você deveria dormir um pouco. Deve estar exausta após curar Holstrom.

— De modo algum. — Ergueu seu olhar até o rosto do tritão.

— Mas você… você deveria ir. Mais alguns minutos e suspeitas serão levantadas.

— Ah, é? — Não pôde resistir a provocá-la. — Como o quê?

Corou de novo.

— Como se estivéssemos fazendo coisas que não deveríamos.

— Parece travesso.

Hypaxia o empurrou para a porta de modo brincalhão. Tharion acatou, andando para trás ao dizer:

— Vejo você em breve, está bem? Você tem meu número.

Os olhos da bruxa brilharam como estrelas.

— Obrigada por vir checar em mim.

— Qualquer coisa por você, Pax. — Tharion fechou a porta e se viu frente a frente com três bruxas. Todas membros do coven, se a memória da Cimeira não lhe falhava. Todas com expressões frias e nada divertidas. — Senhoras — disse, inclinando a cabeça.

Nenhuma delas respondeu e, conforme convergiram para a suíte da rainha com uma batida à porta, suprimiu o instinto de voltar para o lado de Hypaxia.

Não cabia a ele, no entanto, e Tharion ainda tinha mais uma tarefa naquela noite. Primeiro, precisava dar um mergulho no Istros para garantir que suas nadadeiras permanecessem intactas.

Trinta minutos depois, ainda molhado, Tharion foi até a porta descascada da casa quase desabando da rua do Arqueiro, música a todo volume saindo pelas janelas, apesar de ser tarde da noite. Tharion bateu, alto o bastante para ser ouvido por cima do baixo.

Um momento depois, a porta se abriu. Tharion deu um sorriso torto para Ruhn e acenou para Tristan Flynn e Declan Emmett de pé no corredor da entrada atrás dele.

— Tem lugar para mais um colega de casa?



Hunt esperou até que tivessem entrado no apartamento, a porta fechada a sete chaves às suas costas, antes de dizer:

— Eu sou um *príncipe* agora?

Bryce desabou no sofá.

— Bem-vindo ao clube.

— Seu pai realmente fez isso?

Assentiu, triste.

— Minha mãe vai enlouquecer.

Hunt marchou até o sofá.

— E quanto a você, Bryce? Sua mãe pode lidar com isso. Eu posso lidar com isso, acredite ou não. Mas… você está bem?

A fêmea apenas acariciou a pelagem de Syrinx.

Hunt sentiu o cheiro de sal e água, então se sentou na nova mesa de centro, levantando seu queixo entre o polegar e o indicador e encontrando lágrimas escorrendo pelas bochechas de Bryce. Lágrimas que não tinha dúvidas de que a fêmea vinha segurando há horas.

Transformaria o Rei Outonal em carniça fumegante por ter colocado aquelas lágrimas, o medo, o pânico e a tristeza em seus olhos.

— Eu passei a vida toda evitando isso. E apenas me sinto… — Limpou o rosto com raiva. — Porra, eu me sinto tão *burra* por ter caído em sua armadilha.

— Não deveria. Ele dobrou as regras à sua vontade. Ele é uma cobra.

— Ele é uma cobra e agora tecnicamente, legalmente, é meu rei. — Engasgou com um soluço. — Eu nunca terei uma vida normal de novo. Jamais estarei livre dele e…

Hunt a recolheu em seus braços, passando para o sofá, colocando Bryce em seu colo.

— Vamos enfrentá-lo. Você quer uma vida normal, uma vida comigo, vamos fazer isso acontecer. Você não está sozinha. Nós vamos enfrentá-lo juntos.

Bryce enterrou o rosto no peito dele, lágrimas pingando na armadura preta de seu traje de batalha. Hunt acariciou seu cabelo sedoso, deixando que as mechas macias escorregassem por seus dedos.

— Eu podia lidar com toda a merda de Estrelada. Podia suportar a magia — disse, com a voz abafada contra o peito do anjo. — Mas isso… Eu não consigo suportar isso. — A fêmea levantou a cabeça, temor e pânico inundando sua expressão. — Ele é meu *dono*. Sou uma posse para ele. Se ele quisesse que eu me casasse com Cormac esta noite, poderia assinar os documentos de casamento sem nem a minha presença. Se eu quisesse um divórcio, ele teria que conceder, não que ele concederia. Sou uma commodity, ou pertenço a ele, ou pertenço a Cormac. Ele pode fazer o que quiser, e nenhuma rebeldia minha pode impedir isso.

Relâmpago correu por suas asas.

— Vou matar aquele filho da puta.

— E como isso vai ajudar, além de você acabar executado?

Hunt encostou a testa na dela.

— Vamos pensar em uma saída.

— Hypaxia disse que somente os asteri podem suplantá-lo. Considerando nosso status com eles, eu duvido que ajudarão.

Hunt suspirou demoradamente. A fêmea o envolveu em um abraço apertado. O anjo mataria qualquer um que tentasse tomá-la de si. Rei, príncipe, feérico ou asteri. Ele *mataria*…

— Hunt.

Athalar piscou.

— Seus olhos entraram na… hipnose da raiva. — Fungou.

— Desculpe. — A última coisa de que Bryce precisava agora era ter que lidar com sua fúria também. Hunt beijou sua bochecha, a têmpora, o pescoço.

Apoiou a testa no ombro de Hunt, estremecendo. Syrinx chorou de onde havia se aninhado, do outro lado dela.

Por longos minutos, Hunt e Bryce ficaram sentados ali. Ele aproveitou cada lugar que seu corpo tocava o dela, o calor e o cheiro da fêmea. Vasculhando a mente em busca de qualquer coisa que pudesse fazer, qualquer solução.

Os dedos de Bryce se fecharam na nuca do anjo. Hunt afrouxou a mão, afastando-se para observar o rosto de Bryce.

Luz estelar e fogo brilharam ali.

— Diga que esse olhar significa que você pensou em uma solução genial, porém indolor, para esse problema — disse.

Ela o beijou suavemente.

— Você não vai gostar.

* * *

Ruhn não se surpreendeu ao se encontrar diante do sofá mental.

Nada poderia chocá-lo depois da noite que tivera.

Na ponte, Day observava Ruhn sem dizer uma palavra. De alguma forma, jurava que a agente podia sentir sua inquietação.

Ainda assim, Ruhn falou:

— Alguma coisa para mim? — Não tinha se esquecido de sua última conversa. Dissera a Ruhn que ele era um fracassado inútil e imprestável que jamais conhecera sacrifício ou dor.

— Você está com raiva de mim.

— Não me importo o suficiente com você para sentir raiva — disse friamente.

— Mentiroso.

A palavra foi como uma flecha disparada entre os dois. A noite ao seu redor ondulou. Seu temperamento não melhorara depois de

descobrir que Ariadne havia abandonado o navio. Fugido assim que ninguém estava olhando e partido para onde só os deuses sabiam. Não culpava a dragoa. Só estava… puto por não ter previsto a situação.

— Que porra você quer que eu diga? — perguntou a Day.

— Devo a você um pedido de desculpas pelo nosso último encontro. Eu tive um dia difícil. Meu temperamento levou a melhor.

— Você falou a verdade. Por que se incomoda em pedir desculpas por isso?

— Não é a verdade. Eu… — Pareceu se atrapalhar com as palavras. — Você sabe quando foi a última vez que eu conversei honestamente com alguém? Quando eu falei pela última vez com alguém como eu falo com você, de forma tão autêntica e fiel a mim mesma?

— Imagino que há um bom tempo.

Daybright cruzou os braços, abraçando o próprio corpo.

— Sim.

— Posso fazer uma pergunta?

Inclinou a cabeça.

— O quê?

Ruhn esfregou o pescoço, o ombro.

— O que acha que faz de alguém um bom líder? — A pergunta era ridícula, uma redação do segundo ano, mas depois de tudo que tinham passado…

A agente não se esquivou.

— Alguém que ouve. Que pensa antes de agir. Que tenta entender pontos de vista diferentes. Que faz o que é certo, mesmo o caminho sendo longo e árduo. Que dá voz a quem não a tem.

Seu pai não era nada dessas coisas. Exceto por pensar antes de agir. O macho tinha maquinações em curso há décadas. Séculos.

— Por que a pergunta?

Ruhn deu de ombros.

— Toda essa coisa com os rebeldes me fez pensar nisso. Em por quem vamos substituir os asteri. Quem nós *queremos* que os substitua.

Estudou o macho, seu olhar como um ferrete na pele dele.

— O que *você* acha que faz de alguém um bom líder?

Ruhn não sabia. Apenas que não tinha total certeza se ele se encaixaria no que havia descrito também. E o que isso significava para

seu povo?

— Estou tentando descobrir. — Caso se tornasse rei um dia, que tipo de governante seria? Tentaria fazer o certo, mas…

Silêncio recaiu, companheiro e confortável.

Então Day suspirou, chama azul ondulando da boca da agente.

— Não estou acostumada com esse tipo de coisa.

Sentou-se no próprio sofá.

— Que tipo de coisa?

— Amizade.

— Você me considera um amigo?

— Em um mundo cheio de inimigos, você é meu único amigo.

— Bem, talvez eu devesse dar a você aulas de amizade, porque você é uma merda nisso.

Ela gargalhou, um som que transparecia algo além de só alegria.

— Tudo bem, eu mereci isso.

Deu a ela um meio-sorriso, embora Day não pudesse ver.

— Lição número um: não cague na cabeça dos seus amigos quando você teve um dia ruim.

— Certo.

— Lição dois: seus verdadeiros amigos não se importam quando você faz isso, contanto que assuma e peça desculpas. Normalmente pagando uma cerveja para eles.

Outra gargalhada, mais suave dessa vez.

— Vou pagar uma cerveja para você, então.

— Ah, é? Quando vier me visitar?

— É — disse, a palavra ecoando. — Quando eu for visitar você.

Levantou-se e foi até o seu sofá, olhando-a.

— Que será quando, Day?

Day inclinou a cabeça para trás, como se o encarasse.

— No Equinócio de Outono.

Ruhn ficou imóvel.

— Você… o quê?

Levou a mão em chamas até a cabeça, à orelha. Como se estivesse colocando uma mecha de cabelo para trás. Day se levantou, dando a volta pelo sofá. Colocando o móvel entre os dois ao dizer:

— Preciso comparecer ao baile para os arcanjos. Eu poderia… encontrar você em algum lugar.

— Eu vou a esse baile — disse sem saber se sua voz tinha ficado rouca. Para ser convidada, devia ser importante, exatamente como suspeitava. — A festividade de equinócio é sempre um baile mascarado. Nós podemos nos encontrar lá.

Day recuou um passo quando Ruhn deu a volta no sofá.

— Na frente de tanta gente?

— Por que não? Nós dois estaremos de máscara. E nós dois fomos convidados para a festa, então por que seria suspeito que duas pessoas conversassem lá?

Jurava que ouviu o coração da fêmea batendo acelerado. Day perguntou:

— Como vou saber quem você é?

— A festa é no jardim de inverno do telhado do Comitium. Tem uma fonte do lado oeste, assim que se sai da escada para o jardim de inverno. Me encontre lá à meia-noite.

— Mas como posso ter certeza de que não vou confundir você com alguém?

— Se eu achar que é você, direi "Day"? E, se você responder com "Night", nós saberemos.

— Não deveríamos.

Ruhn deu um passo em sua direção, sua respiração irregular.

— É tão ruim assim se eu souber quem você é?

— Coloca tudo em risco. Até onde eu sei, você poderia estar me usando como isca para os asteri…

— Olhe para mim e me diga se acha que isso é verdade.

Olhou para ele. Ruhn se aproximou o bastante para que o calor de sua chama o aquecesse.

Decidindo mandar tudo ao Inferno, esticou sua mão para a dela. A chama aqueceu sua pele de noite, mas não queimou. A mão sob o fogo era esguia. Delicada.

Os dedos dela se contraíram contra os dele, mas Ruhn segurou firme.

— Estarei à sua espera.

— E se eu não for exatamente o que você espera?

— O que acha que eu espero?

Mais uma vez, os dedos se contraíram, como se fosse retraí-los.

— Não sei.

Puxou o braço da fêmea, aproximando-a um pouco mais. Quando tinha sido a última vez que precisara se esforçar para conseguir a atenção de alguém? Porra, ele *estava* se esforçando por isso, não estava? Queria ver o seu rosto. Saber quem era ousada e corajosa o bastante para arriscar a vida repetidas vezes para desafiar os asteri.

Ruhn encarou o véu de chamas entre ele e Day.

— Quero sentir seu cheiro. Ver você. Mesmo que por um momento.

— Aquele baile vai estar apinhado com nossos inimigos.

— Então não ficaremos muito tempo. Mas… apenas me encontre, está bem?

Ficou calada, como se estivesse tentando perfurar o cobertor de estrelas que Ruhn usava.

— Por quê?

Sua voz baixou.

— Você sabe por quê.

Day hesitou. Então falou, baixinho:

— Sei.

Suas chamas pareceram buscar as estrelas e as sombras do príncipe.

— Meia-noite.

Dissipou em brasas ao vento.

— Meia-noite — prometeu Day.



Duas semanas depois, Hunt fazia uma careta para seu reflexo no espelho. Puxou a gravata-borboleta branca do smoking, já se sentindo estrangulado por aquela coisa estúpida.

Queria usar seu traje de batalha para a festa, mas Bryce tinha armado uma intervenção na semana anterior e exigido que o anjo usasse alguma coisa "minimamente normal". *Depois você pode voltar a ser o predador noturno que todos amamos tanto,* dissera.

Hunt grunhiu, dando uma última olhada em si mesmo antes de gritar para o outro lado do apartamento:

— Essa é a melhor aparência que posso ter, então vamos embora. A van está lá embaixo.

Certamente não conseguiria enfiar as asas no habitual sedan preto que o Rei Outonal teria mandado para Bryce, mas pelo menos o babaca tinha mandado uma van. Cormac era o acompanhante oficial dela para a festa, e sem dúvida estava esperando no veículo. Provavelmente havia sido Cormac quem convencera o Rei Outonal a trocar para uma van para que o "convidado" de Bryce se juntasse a eles.

Bryce tinha fervilhado de ódio a cada nova ordem que viera do Rei Outonal: as joias que deveria usar, as roupas, a altura dos saltos, o

comprimento das unhas, o tipo de carro que tomariam, quem sairia do carro primeiro, como *ela* sairia do carro, aparentemente, seus tornozelos e os joelhos deveriam ficar eternamente grudados em público, e, por fim, o mais revoltante, o que e como deveria comer.

Nada. Essa era a resposta curta. Uma princesa feérica não comia em público, era a resposta longa. Talvez uma bebericada de sopa ou uma solitária pequena mordida para ser educada. E uma taça de vinho. Nada de destilados.

Bryce lera a lista de mandamentos uma noite depois de foderem no chuveiro, e tinha ficado tão transtornada que Hunt precisou chupá-la até que a fêmea se acalmasse. Demorou-se provando-a, saboreando cada lambida no delicioso e provocador sexo de Bryce.

Mesmo fodendo com ela à noite e depois do trabalho, não conseguia se saciar. Encontrava-se no meio do dia desejando Bryce. Já tinham transado duas vezes no escritório dela, bem na mesa, o vestido de Bryce puxado até a cintura, a calça do anjo mal aberta enquanto a estocava.

Não haviam sido pegos, graças aos deuses. Não apenas pelos colegas de trabalho da fêmea, mas por qualquer um que relatasse a Cormac, ao Rei Outonal. Já tinha uma batalha com o pai por causa de Hunt ainda morar ali com ela. No entanto, depois daquela noite…

Hunt pegou a máscara dourada de onde a deixara na cômoda, porra, tão ridículo e dramático, passou para a sala comum, os dedos se agitando nos sapatos de couro lustroso. Quando tinha sido a última vez que usara qualquer coisa que não fossem as botas ou os tênis? Nunca. Literalmente jamais havia usado sapatos como aqueles. Quando era jovem, eram sandálias de amarrar ou botas, e então botas durante séculos.

O que sua mãe pensaria daquele macho no espelho? Esforçou para se lembrar de seu sorriso, de como os olhos dela poderiam ter brilhado. Queria que ela estivesse ali. Não apenas para vê-lo, mas saber que tudo que se esforçara para prover tinha dado resultados. Para saber que poderia cuidar dela agora.

Bryce soltou um assovio do outro lado da sala comum, fazendo Hunt levantar o rosto, afastando a antiga pontada no coração.

Todo o fôlego deixou seu peito.

— Puta merda.

Ela estava…

— Puta merda — disse de novo. Bryce gargalhou. Hunt engoliu em seco. — Você está linda pra caralho.

A fêmea corou e a cabeça do anjo começou a rugir, o pau se retesou. Queria lamber aquele rubor, queria beijar cada centímetro do sorriso dela.

— Eu não tive coragem de colocar a tiara — disse Bryce, levantando o pulso e girando a coroa com típica irreverência.

— Não precisa dela.

Não precisava mesmo. O vestido preto cintilante abraçava cada curva exuberante antes de se afrouxar na altura do joelho, derramando-se em uma cauda de noite sólida. O decote profundo parava abaixo de seus seios, emoldurando a estrela entre eles, atraindo o olho para a cicatriz evidente.

Luvas pretas subiam até seus cotovelos, e os dedos vestidos com cetim brincavam com um dos brincos pendurados de diamantes que brilhavam contra a coluna do pescoço de Bryce. Deixara o cabelo solto, um pente de diamante prendendo um dos lados, a seda espessa que era o cabelo caindo sobre o ombro oposto. Segurava o cabo de uma máscara de prata com a outra mão.

Lábios fartos, vermelho-sangue, sorriram para ele sob olhos emoldurados por uma pincelada de kajal. Maquiagem simples, e completamente devastadora.

— Por Solas, Quinlan.

— Você também está um arraso.

Hunt esticou as lapelas do smoking.

— É?

— Quer ficar em casa e foder em vez de ir?

Hunt gargalhou.

— Muito majestoso da sua parte. Em qualquer outra noite, minha resposta seria sim. — Ofereceu o braço a ela. — Vossa Alteza.

Bryce riu e o aceitou, aproximando seu corpo ao do anjo. Hunt inspirou seu cheiro, o jasmim de seu perfume. Colocou a tiara na cabeça em um ângulo torto, a pequena ponta de diamante sólido cintilando como se acesa por luz estelar. Hunt a endireitou para Bryce, e a levou pela porta.

Em direção ao mundo que os aguardava.

* * *

Ruhn se curvou diante dos arcanjos sentados. Hypaxia, ao seu lado, também se curvou.

Era um merdinha mentiroso, pensou Ruhn, cruelmente, enquanto vestia um smoking preto com camisa preta uma hora antes. Concordara em ser o par de Hypaxia, como seu noivo, como Príncipe Herdeiro, não tinha muita escolha além de estar ali, mas não conseguira parar de pensar em Day. Em se ela apareceria em poucas horas.

Já havia vigiado a fonte pelas portas oeste. Estava à sombra, além do imenso jardim de inverno de vidro, a cerca de 4,5 metros da escada que dava para fora do prédio e para a noite estrelada.

Não falara com Day desde que tinham combinado de se encontrar. Ruhn havia tentado falar com ela, sem sucesso. Será que ela estaria ali naquela noite, como prometera? Será que já estava no jardim de inverno lotado?

Retirou a máscara preta entalhada para fazer seu cumprimento formal aos arcanjos, quando desviou a atenção de Celestina e Ephraim, Ruhn observou a multidão mais uma vez.

Lindos vestidos, lindas damas, estavam mascaradas, mas conhecia a maioria delas. É óbvio que Day poderia ser alguém que conhecia. Ruhn não fazia ideia do que procurar. De *onde* sequer procurar por ela no amplo espaço iluminado por velas, enfeitado com guirlandas e festões de folhas outonais trazidas dos climas mais frios no norte. Crânios alados e foices estavam intercalados com um arco-íris de abóboras outonais em todas as mesas. Day poderia estar em qualquer lugar.

A segurança foi uma loucura quando o par chegou. Era o espetáculo da 33ª, e o comandavam como os psicóticos paranoicos que eram. Soldados estavam posicionados do lado de fora das portas e pairando no céu. Baxian e Naomi tinham conferido identidades e convites às portas. Continuariam ali a noite toda, mesmo enquanto outros membros dos triários festejavam. Ninguém do pessoal de Ephraim havia sido convocado para montar guarda. Se por falta de confiança, por privilégio, Ruhn não sabia.

Sem sinal de Pippa Spetsos ou do esquadrão da Ocaso dela, ou qualquer outra unidade da Ophion recentemente, mas lobos ferais ainda espreitavam as ruas. E o salão de baile.

Ruhn colocou a máscara dizendo à Hypaxia:

— Posso pegar alguma coisa para você?

Estava esplendorosa em um vestido de baile azul-real, a coroa de amoras brancas cintilando entre o cabelo preto preso para o alto. Cabeças se viravam para notar sua beleza, visível até com a máscara de asas brancas que havia colocado.

— Estou bem, obrigada. — Deu um sorriso agradável.

Ithan, usando um smoking tradicional às suas costas, deu um passo adiante, a máscara de lobo prateada brilhando à primalux que pendia ao longo do jardim de inverno exuberante.

— A filha da Rainha do Rio gostaria de conhecer você — murmurou, indicando para onde Tharion estava de pé, o rosto impassível, ao lado de uma jovem fêmea deslumbrante de cabelos cacheados. O primeiro parecia um pouco severo, o que era incomum, mas a fêmea, usando turquesa translúcido, fervilhava com energia. Animação.

Uma pequena bomba na outra noite. Tharion tinha se acomodado muito confortavelmente na vida com Ruhn e seus amigos… até que recebeu o bilhete da lontra da Rainha do Rio instruindo-o a ir àquele baile com sua filha.

Aparentemente, a coleira tem fim, dissera Tharion, quando Ruhn perguntou, e foi isso.

Hypaxia sorriu para Ithan.

— Sem dúvida. Eu adoraria conhecê-la. — Ithan ofereceu seu braço, Hypaxia disse a Ruhn: — Dançamos mais tarde?

— É — respondeu Ruhn, então fez uma rápida reverência. — Quero dizer, sim. Eu ficaria honrado. — Hypaxia deu a ele um olhar estranho, de avaliação, mas saiu com Ithan.

Precisava de uma bebida. Uma bebida forte da porra.

Ruhn estava a meio caminho de um dos seis bares liberados do espaço, cada um deles lotado, quando sua irmã e Cormac entraram.

Bryce parecia uma princesa, e não tinha nada a ver com a coroa, uma herança da casa Danaan que o pai havia ordenado que usasse naquela noite. As pessoas a encaravam, muitas sem gentileza.

Ou talvez sua atenção estivesse em Athalar. O anjo entrou alguns passos atrás do casal real. Aparentemente, recebera a noite de folga de Celestina, mas como o macho podia suportar caminhar atrás do par, vendo a mão de Bryce no braço de outro homem…

No entanto, o rosto de Athalar não revelou nada. Era o Umbra Mortis mais uma vez.

Um lampejo vermelho pelo espaço atraiu a atenção de Ruhn. Seu pai se dirigiu até Bryce e Cormac. O Príncipe de Avallen parecia inclinado a recebê-lo no meio do caminho, mas Bryce puxou o braço de Cormac e o guiou até os arcanjos.

Alguns feéricos arquejaram diante da afronta, os pais de Flynn entre eles. Flynn, o traidor, tinha alegado que estava com uma dor de cabeça para evitar comparecer ao baile. Pelas expressões amarradas de seus pais ao verem Ruhn chegar sem Flynn ao encalço, soube que seu amigo não havia contado a eles. Uma pena para todas as moças elegíveis que, sem dúvida, tinham enfileirado para cortejar seu filho naquela noite.

Ignorando os feéricos desapontados, Bryce caminhou direto para a plataforma em que os arcanjos estavam sentados, furando a fila de convidados desejando felicidades. Ninguém ousou reclamar. Athalar seguia Bryce e Cormac, Ruhn notou a expressão tempestuosa do pai, também aproximando-se.

Bryce e Cormac se curvaram diante dos arcanjos, Celestina estava com as sobrancelhas erguidas quando virou de Hunt para Cormac.

— Meus parabéns a vocês dois. — Bryce falou.

— Obrigado — respondeu Ephraim, entediado e olhando para o bar.

— Avallen estende os desejos e expectativas para sua felicidade. — Comarc acrescentou.

Foi um alívio descobrir que Mordoc não iria à festa, que não seria capaz de dar rosto aos cheiros que provavelmente havia detectado no beco tantos dias antes. A Corça, no entanto, estava ali. Ruhn já avisara a seu primo que ficasse longe da fêmea, não importava o quanto seu sangue pudesse uivar por vingança.

— E nós estendemos nossos desejos a vocês também — disse Celestina.

— Obrigada — falou Bryce, dando um largo sorriso. — Príncipe Hunt e eu planejamos ser muito felizes.

Um arquejo ocupou a sala.

Bryce se virou parcialmente para Hunt, que estendia a mão. O anjo foi até a parceira, olhos dançando com diversão maliciosa. Cormac parecia pego entre a surpresa e a fúria.

O salão parecia girar. Bryce não ousaria. Porra, ela não ousaria fazer uma manobra como aquela. Ruhn engoliu uma gargalhada de puro choque.

— Príncipe? — perguntou Celestina.

Bryce passou o braço pelo de Hunt, aproximando-se.

— Hunt e eu somos parceiros. — Um sorriso charmoso, brilhante. — Isso faz dele meu príncipe. Príncipe Cormac teve a bondade de me acompanhar esta noite, pois nos tornamos amigos próximos nesse mês. — Virou-se para a multidão. Imediatamente apontou o Rei Outonal, olhando com ódio e pálido para ela. — Achei que tivesse contado a ela, pai.

Puta merda.

Obedecera às regras até então para chegar àquele momento. Uma declaração pública de que estava com Hunt. De que Hunt era um príncipe, um príncipe dos feéricos.

O pai, que odiava escândalos públicos… podia ou arriscar chamar a própria filha de mentirosa, e com isso se humilhar, ou seguir a deixa.

O Rei Outonal disse, para a multidão chocada:

— Peço desculpas, Vossas Graças. A união de minha filha deve ter me fugido à memória. — Seus olhos ameaçavam Fogo do Inferno enquanto olhava para Bryce. — Espero que sua animação em anunciar sua união com Hunt Athalar não seja interpretada como uma tentativa de ofuscar sua alegria esta noite.

— Ah, não — falou Celestina, cobrindo a boca com a mão para esconder um sorriso. — Eu parabenizo e dou minha bênção a você e Hunt Athalar, Bryce Quinlan. — Não ficaria mais oficial do que aquilo.

Ephraim resmungou e gesticulou para o garçom mais próximo pedindo uma bebida. Aproveitando a oportunidade, Bryce se curvou para os dois de novo, então virou Hunt para a multidão. Cormac teve

a perspicácia de acompanhar, mas os deixou perto de uma pilastra depois de dizer uma palavra a Bryce. Marchou até o Rei Outonal.

Então Ruhn foi até eles, e Bryce riu com deboche.

— Coroa maneira.

Indicou o queixo para ela.

— É só isso que tem a dizer?

Bryce deu de ombros.

— O quê?

Franziu a testa indicando além de seu ombro. Certo. Havia muita gente com audição vanir prestando atenção. Gritaria com ela depois.

Contudo… não precisaria fazê-lo. Tinha encontrado uma saída daquela merda toda. Sua própria, genial e ousada saída.

— Fico muito feliz que você seja minha irmã — falou Ruhn.

Bryce deu um sorriso tão largo que exibiu todos os seus dentes.

Ruhn afastou seu choque e disse a Athalar:

— Smoking elegante. — Acrescentou, apenas para ser um babaca: — Vossa Alteza.

Athalar puxou o colarinho.

— Não é à toa que você tem todos esses piercings, se é assim que se espera que se vista nessas coisas.

— Primeira regra de ser príncipe — falou Ruhn, sorrindo. — Rebele-se como puder. — Considerando o que estavam todos fazendo ultimamente, era o eufemismo do ano.

Hunt grunhiu, mas Ephraim e Celestina se levantaram do entorno nos fundos do jardim de inverno, uma tela imensa descendo de um painel no teto de vidro. Um projetor começou a zumbir.

— Amigos — ecoou a voz nítida de Celestina pela multidão. Qualquer um que estivesse falando calou a boca na mesma hora. — Agradecemos a vocês por terem vindo comemorar nossa união nesta linda noite.

A voz grave de Ephraim ecoou:

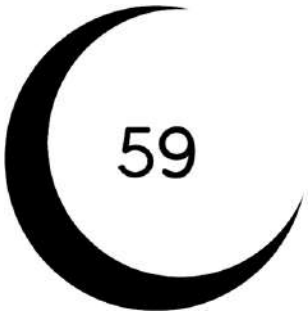
— É com muita alegria que Celestina e eu anunciamos nossa parceria. — Ele deu um leve sorriso para sua parceira deslumbrante. — É com muita alegria que nós damos as boas-vindas remotamente aos nossos convidados de honra.

As luzes diminuíram, deixando apenas luz de velas suave que tornava os crânios decorativos ainda mais ameaçadores. Então a tela

piscou, revelando sete tronos. Uma visão mais agourenta do que qualquer caveira ou foice.

Seis dos tronos estavam preenchidos. O sétimo tinha sido deixado vazio, como sempre, graças ao Príncipe do Fosso.

Um calafrio percorreu os braços de Ruhn quando os asteri friamente observaram a festa.



Bryce não conseguia tomar fôlego.

Os asteri os encaravam como se pudessem ver através da tela. Vê-los reunidos ali.

Deviam ser capazes disso, percebeu Bryce. Sua mão deslizou para a de Hunt, o anjo a apertou forte, uma asa cinza se fechando ao seu redor. Pelos deuses, ele estava lindo naquela noite.

Bryce havia percebido que aquela festa era o único local em que seu pai não ousaria desafiá-la. Onde qualquer união com Hunt poderia ser verificada e reconhecida por arcanjos. Vestira e fizera tudo que ele mandara… tudo para poder estar ali naquela noite. Tinha corrido até a plataforma ao chegar para que pudesse anunciar Hunt como seu parceiro antes que seu pai pudesse apresentá-la como noiva de Cormac.

Alívio e animação, e um pouco de arrogância, haviam passado por ela. Seu pai executaria sua vingança depois. Naquela noite, contudo… comemoraria a vitória. Sabia que Hunt se interessava tão pouco em ser príncipe quanto ela em ser princesa. Ainda assim, tinha feito aquilo. Por ela. Por eles.

Bryce estava prestes a arrastar Hunt para um armário ou guarda-roupas para foder até a inconsciência quando a tela desceu. E agora,

encarando as seis figuras imortais, o rosto jovial de Rigelus…

Felizmente, outras pessoas no salão também estavam trêmulas. Seu coração batia forte como um tambor.

Celestina e Ephraim se curvaram, e todos acompanharam o gesto. As pernas de Bryce tremeram nos calcanhares quando fez isso. Hunt apertou sua mão de novo, mas manteve a concentração no chão, odiando o medo primordial, o terror de saber que aqueles seres os julgavam, e que com uma palavra poderiam matar a todos, poderiam matar sua família…

— Nossos parabéns a vocês, Celestina e Ephraim — cantarolou Rigelus com a voz que não pertencia ao corpo adolescente que sua alma deturpada habitava. — Nós estendemos nossos desejos de uma parceria feliz e fértil.

Celestina e Ephraim abaixaram a cabeça em agradecimento.

— Somos gratos por sua sabedoria e bondade em nos unir — falou Celestina. Bryce tentou sem sucesso detectar o tom subjacente ali. Será que fora sincero? Será que a leve tensão vinha de uma mentira ou de estar diante dos asteri?

Octartis, a Estrela do Sul, a asteri à direita de Rigelus, falou, sua voz parecendo gelo estalando:

— Entendo que outra felicitação também se faz necessária.

Um calafrio disparou pela coluna de Bryce quando Rigelus falou:

— Princesa Bryce Danaan e Príncipe Hunt Athalar. — Foi uma ordem. Um comando.

A multidão recuou. Dando aos asteri a visão livre deles.

Ai, deuses. O sangue de Bryce sumiu do rosto. Como já sabiam? Será que as câmeras ao seu lado estavam ligadas o tempo todo, permitindo que os asteri assistissem e ouvissem sem serem vistos?

Então o Rei Outonal estava ali, curvando-se ao lado dela.

— Apresento minha filha a vocês, Divinos — entoou.

Se perguntou se o rei odiava se curvar às entidades. Bryce sentiu-se satisfeita pra caralho ao vê-lo fazer aquilo, mas não havia tempo para aproveitar o momento. Bryce se curvou também, ao murmurar:

— Salvem os asteri.

Cormac apareceu do outro lado de seu pai, curvando-se profundamente. Como Príncipe Herdeiro de Avallen, não tinha outra escolha.

Ficara furioso com a manobra dela. Não por ter rompido o noivado, mas por não tê-lo avisado com antecedência. *Mais alguma surpresa esta noite, princesa?*, disparara ele a ela antes de marchar para falar com o Rei Outonal. *Você rompeu nosso acordo. Não vou me esquecer disso.*

Não respondeu, mas… Será que os asteri sabiam que um de seus mais destemidos rebeldes estava diante deles, bancando o príncipe? Será que sabiam como ela o havia ajudado, trabalhado juntos? Se soubessem, estariam todos mortos.

— E apresento o seu parceiro e consorte, Príncipe Hunt Athalar — dizia o Rei Outonal em tom áspero, sua reprovação latente. Poderia muito bem matá-la por aquilo. Se Cormac não a matasse primeiro.

Contudo, de acordo com a lei feérica, Bryce era agora propriedade de Hunt. Reconhecida nos últimos minutos tanto pelos arcanjos quanto pelos asteri. Se aquilo deixava Hunt desconfortável, ressentia-se do novo título ou dos seres diante dele, não mostrou sinal ao se curvar, a asa roçando as costas da fêmea.

— Salvem os asteri.

— Levantem-se — disseram os asteri, e então Bryce, Hunt e seu pai ergueram-se. Existiam tantos olhos neles. Naquela sala, naquele aposento na Cidade Eterna. Os de Rigelus, especialmente, a perfuravam. Sorriu de leve. Como se soubesse de tudo que havia feito nas últimas semanas. Cada atividade rebelde, cada pensamento insurgente.

Bryce se odiou por abaixar o olhar. Mesmo sabendo que Hunt continuava encarando Rigelus.

A Radiante Mão dos Asteri falou:

— Tantas uniões felizes esta noite. É nosso desejo que todos vocês participem das festividades. Vão e comemorem o Dia da Morte em paz.

Todos se curvaram de novo, e a tela escureceu. Mais do que algumas pessoas soluçaram, como se estivessem sufocando o som.

Ninguém falou por vários segundos enquanto as luzes se intensificavam. Então a banda recomeçou um pouco fora de cadência, como se os músicos precisassem de um minuto para se recompor. Até mesmo os arcanjos estavam um pouco pálidos ao ocuparem seus lugares.

Bryce encarou seu pai. O Rei Outonal disse em uma voz tão baixa que ninguém poderia ouvir:

— Sua vadiazinha.

Bryce deu um largo sorriso.

— É "Sua vadiazinha, *Vossa Alteza*". — Saiu marchando para a multidão. Não deixou de notar Hunt rindo do rei, lançando a ele um piscar de olho que nitidamente dizia: *Qualquer movimento e eu frito você, seu merda.*

Mas ela precisou tomar alguns longos fôlegos ao parar no limite da pista de dança, tentando recuperar a compostura.

— Você está bem? — perguntou Hunt, agarrando o ombro de Bryce.

— Sim, Vossa Alteza — murmurou.

Athalar riu inclinando-se para sussurrar em seu ouvido:

— Achei que você só me chamasse assim na cama, Quinlan. — De fato. *Porra, você é meu príncipe,* dissera Bryce gemendo na noite anterior enquanto o anjo estocava o pau em seu corpo.

Bryce encostou em Hunt, afastando os resquícios do gelo dos asteri.

— Não acredito que conseguimos.

Hunt soltou uma risada baixa.

— Vamos sofrer o Inferno. — Vindo do pai dela. Naquela noite, no entanto, ele não podia fazer nada. Ali, na frente de toda aquela gente, ele não podia fazer absolutamente nada.

Então Bryce disse:

— Dança comigo?

Hunt ergueu uma sobrancelha.

— Sério?

— Você sabe dançar, não é?

— Óbvio que sei. Mas… Faz muito tempo desde que dancei com alguém.

Desde Shahar, provavelmente. A fêmea entrelaçou seus dedos.

— Dança comigo.

Os primeiros passos foram duros, hesitantes. Seu braço deslizou pela cintura dela, a outra mão segurava a de Bryce, conduzindo-a na doce balada que vinha da banda. Com tantos assistindo, foi preciso um verso ou dois para encontrarem seu ritmo.

Hunt murmurou:

— Olhe só para mim e foda-se o resto deles.

Seus olhos brilharam com desejo e alegria, a fagulha que era tão característica de Hunt. A estrela em seu peito brilhou, totalmente exposta. Alguém arquejou, mas Bryce manteve a atenção em Hunt. Sorriu de novo.

Era tudo que importava, aquele sorriso. Entraram em um movimento tranquilo, e, quando Hunt a girou, sorriu de volta.

Bryce girou para os braços do anjo, que não perdeu um passo, levando-a pela pista de dança. A fêmea teve a vaga sensação de Ruhn e Hypaxia dançando ao redor, Celestina e Ephraim também, de Baxian e Naomi, Isaiah agora com eles, montando guarda às portas, mas não conseguia tirar os olhos de Hunt.

Athalar deu um beijo na boca de Bryce. O universo inteiro se derreteu junto. Eram apenas eles, seriam apenas eles, dançando juntos, as almas se entrelaçando.

— Tudo que aconteceu comigo foi para que eu pudesse conhecer você, Quinlan. Estar aqui com você. Sou seu. Para sempre.

Sua garganta se contraiu, e a estrela em seu peito se iluminou, acendendo o jardim de inverno todo como uma pequena lua. Bryce o beijou de volta, sem se importar com quem via, apenas que ele estava ali.

— Tudo que sou é seu — disse, contra os lábios dele.

* * *

Hypaxia parecia distraída enquanto Ruhn dançava com ela, fazendo o melhor para evitar observar Hunt e Bryce lançando olhares apaixonados um para o outro. Evitar ouvir os comentários que acompanhavam sua passagem.

O Umbra Mortis… agora um príncipe feérico. Que desgraça. Os insultos e as injúrias fluíam além de Ruhn, ousados o bastante para proferi-las independentemente da segurança das máscaras. Não que as máscaras escondessem seus cheiros. Ruhn notava cada um.

Athalar tornara-se, por lei, seu irmão. E Ruhn não suportava pessoas falando merda de sua família. A família de que gostava, de

toda forma.

Cormac já saíra, entrando em uma sombra e se teletransportando para fora. Uma pequena vitória, Cormac ficou tão distraído com a pequena surpresa de Bryce que não se dera ao trabalho de confrontar a Corça. Mesmo assim, Ruhn não culpava seu primo por esgueirar-se. Depois da manobra de Bryce, Cormac teria sido cercado por famílias feéricas ansiando apresentar suas filhas. Os pais de Flynn, com uma Sathia de olhos atentos ao encalço, estavam nitidamente varrendo o salão de baile em busca de algum indício do príncipe avalleno.

Ruhn suprimiu seu sorriso ao pensar na caçada inútil e se concentrou em sua parceira de dança. Hypaxia parecia estar procurando alguém entre a multidão.

Seu coração deu um salto. Perguntou baixinho:

— Procurando alguém?

A bruxa pigarreou.

— Minha irmã. A Corça.

Seu peito encheu de alívio.

— Ao pé da plataforma. Ao lado de Pollux.

Hypaxia olhou na direção indicada no próximo giro. A Corça e o Martelo estavam de pé juntos, ambos usando máscaras pretas foscas, o anjo em um uniforme imperial branco com borda dourada. O vestido dourado e reluzente da metamorfa de cervo se ajustava ao seu quadril antes de descer até o chão. O cabelo loiro tinha sido preso no alto e, pela primeira vez, nenhuma gargantilha de prata adornava seu pescoço. Apenas brincos de ouro finos roçavam seus ombros.

— Eles formam um lindo par — murmurou Hypaxia. — No entanto, tão monstruosos por dentro quanto são belos por fora.

Ruhn grunhiu.

— É.

Hypaxia mordeu o lábio.

— Eu estava esperando até esta noite para abordá-la.

O macho estudou seu rosto.

— Você quer que eu vá junto? — Não podia oferecer menos.

— Acha que ela vai… reagir mal?

— Ela é inteligente demais para fazer uma cena. E não acho que a Corça é do tipo que faz isso. Ela é como meu pai. O pior que pode acontecer é ela ignorar você.

Hypaxia enrijeceu nos braços de Ruhn.

— Acho que você está certo. Eu preferiria acabar logo com esse encontro. Vai estragar o resto da minha noite remoer isso.

— Por que se encontrar com ela?

— Porque ela é minha irmã. E nunca falei com ela. Nem a vi pessoalmente.

— Eu me senti assim quando descobri que Bryce existia.

A rainha-bruxa assentiu distraidamente, seus olhos percorrendo a sala mais uma vez.

— Tem certeza de que não se importa de ir comigo?

Ruhn verificou o imenso relógio nos fundos do conservatório. Onze e cinquenta. Tinha tempo. Alguns minutos. Precisava de alguma coisa com que se distrair, de toda forma.

— Eu não teria oferecido se não estivesse certo.

Saíram da pista de dança, a multidão se abrindo para a linda rainha dirigindo-se à irmã. A Corça notou a aproximação de Hypaxia sem sorrir. Pollux, no entanto, sorriu sarcasticamente para Hypaxia, então Ruhn.

Hypaxia, para seu crédito, esticou os ombros ao parar.

— Lidia.

A boca da Corça se repuxou para cima.

— Hypaxia. — A voz era baixa, suave. Era uma demonstração descarada de desrespeito não usar o título da rainha. Nem mesmo se curvar.

Hypaxia disse:

— Eu gostaria de formalmente cumprimentar você. — Acrescentou: — Irmã.

— Eis um nome pelo qual *ninguém* jamais me chamou — falou Lidia.

Pollux riu com escárnio. Ruhn exibiu os dentes em aviso, recebendo um sorriso debochado como resposta.

Hypaxia tentou de novo.

— É um nome que eu espero que nós duas possamos ouvir com mais frequência.

Nem um pingo de bondade ou acolhida agraciou o lindo rosto da Corça, mesmo com a máscara.

— Talvez — disse Lidia, e voltou a encarar a multidão. Entediada e desinteressada. Uma dispensa e um insulto.

Ruhn olhou para o relógio. Precisava ir. Avançar devagar para as portas do jardim, então sair de fininho. Contudo, não podia deixar Hypaxia enfrentar a irmã sozinha.

— Está gostando de Lunathion? — tentou a bruxa.

— Não — respondeu a Corça em tom arrastado. — Acho esta cidade tediosamente plebeia.

O Martelo riu com deboche, e Hypaxia disse a ele, com assombrosa autoridade:

— Vá espreitar em outro lugar.

Os olhos de Pollux brilharam.

— Você não pode me dar ordens.

A Corça, no entanto, virou o olhar frio e interessado para o Martelo.

— Um minuto, Pollux.

O Martelo olhou Hypaxia com raiva, mas a rainha-bruxa permaneceu pouco impressionada e impassível diante do macho que havia matado para avançar no mundo durante séculos.

Ruhn viu sua chance e disse a Hypaxia:

— Darei a vocês duas um momento também.

Antes que a rainha pudesse protestar, recuou para a multidão. Era um merda por abandoná-la, mas…

Caminhou, sem ser notado e incomodado, até as portas oeste. Esgueirou-se por elas e desceu os cinco degraus até o chão de cascalho. Ruhn caminhou até a fonte que gorgolejava nas sombras além do alcance das luzes do conservatório e encostou nela, seu coração acelerado.

Dois minutos agora. Será que Day estaria lá?

Monitorou as portas, obrigando-se a inspirar e soltar o ar devagar.

Talvez aquela fosse uma má ideia. Porra, falara com a Corça e o Martelo. Aquele lugar *estava* lotado de inimigos, todos matariam ele e Day se fossem descobertos. Por que a havia arriscado daquela forma?

— Procurando alguém? — cantarolou uma voz feminina.

Ruhn se virou, seu estômago afundando quando viu a figura mascarada à sua frente.

A Harpia estava nas sombras atrás da fonte. Como se estivesse esperando.



Ruhn observou o rosto na escuridão. Não podia ser ela.

A porra da *Harpia?* Atentou ao cabelo escuro da fêmea, o corpo esguio, a boca provocadora…

— O que está fazendo aqui fora? — perguntou a Harpia, espreitando para mais perto, as asas escuras mais pretas do que a noite.

Ruhn se forçou a tomar fôlego.

— Day? — perguntou, em voz baixa.

A Harpia piscou.

— O que isso quer dizer?

O fôlego quase saiu com um sopro de dentro de Ruhn. Graças às merdas dos deuses que não era ela, mas, se a Harpia estava ali e a Agente Daybright estava prestes a aparecer… A Harpia e a Corça tinham aparecido no bar naquele dia, mas não vira mais a primeira desde então. E, sim, encontrar-se na fonte com outra pessoa não gritaria *contato rebelde*, mas, se a Harpia tinha alguma suspeita em relação a ele, ou quem quer que fosse Daybright, se ela os visse se encontrando…

Precisava sair dali. Voltar para o jardim de inverno e não colocar Day em perigo.

Como era idiota.

— Aproveite a festa — disse Ruhn à Harpia.

— Nenhum beijo roubado para mim no jardim? — debochou quando Ruhn marchou degraus acima.

Explicaria a Day mais tarde. O relógio indicava dois minutos depois da meia-noite, ela não fora. Ou talvez tivesse visto quem estava no jardim e decidiu não ir.

Visto quem também observava das sombras no alto das escadas.

Os olhos dourados da Corça brilharam na escuridão pela máscara. Ela o seguira. *Porra*. Será que suspeitava que ele estava saindo de fininho para se encontrar com alguém? Não dissera uma palavra, até onde Ruhn sabia, sobre a merda que tinha acontecido em Ydra, será que era para que pudesse por fim segui-los até uma recompensa maior?

A maior recompensa que uma caçadora de espiões poderia encontrar. Agente Daybright.

Ruhn encarou a Corça com irritação conforme passou por ela, que o observava com indiferença serena.

Puxou o colarinho da camisa ao entrar no barulho e calor da festa. Tinha chegado muito perto de ser pego pela Corça e pela Harpia, de fazer com que Day fosse pega.

Ruhn não se despediu de ninguém antes de dar o fora.

* * *

A língua de Hunt subia pelo pescoço de Bryce, a mão deslizando sobre sua boca para abafar seu gemido enquanto a conduzia pelo corredor escuro.

— Quer que alguém encontre a gente? — Sua voz soava gutural.

— Estamos oficiais agora. Não me importo. — Ainda assim, atrapalhou-se com a maçaneta da porta do guarda-roupas. De pé às suas costas, com a boca no pescoço de Bryce, Hunt conteve um gemido próprio quando a bunda da princesa pressionou seu pau excitado. Mais alguns segundos e estariam no guarda-roupa. E, alguns segundos depois disso, planejava estar dentro dela até as bolas.

Hunt sabia que Baxian e Naomi estavam bem cientes de que os dois não estavam seguindo por aquele corredor para usar o banheiro, mas os anjos vigiando a porta apenas riram para os dois.

— Está trancada — Bryce murmurou. Hunt bufou uma risada contra a pele morna dela.

— Que bom que você tem um alfa babaca grande e machão com você, Quinlan — disse Hunt, afastando-se. Pelos deuses, se alguém passasse por aquele corredor, veria sua calça e saberia o que estava prestes a acontecer. Hunt durara apenas três danças antes de precisar escapulir com ela. Voltariam logo para a festa. Depois que dessem uma boa e substancial fodida.

Maldito fosse se algum dia se chamasse de Príncipe Hunt, mas… valera a pena. O plano desajuizado que Bryce havia apresentado a ele mais de duas semanas antes, quando o honrara ao perguntar se ele faria aquilo.

Hunt passou os dentes no pescoço dela, então a puxou um passo para trás. Bryce, ofegando baixinho, o rosto tão corado de desejo que fazia seu pau latejar sorria maliciosamente para o anjo.

— Observe e aprenda, amor — disse Hunt batendo com o ombro na porta.

A fechadura se estilhaçou, Hunt não hesitou ao puxá-la para dentro. Seus braços deslizaram em torno do pescoço do macho, alinhando-se inteira a ele, Hunt puxou a perna de Bryce para enroscá-la em sua cintura, preparando-se para erguê-la…

Um gritinho de surpresa o fez parar.

Hunt se virou, a mente tentando alcançar o que seus sentidos estavam berrando.

Mas ali estavam. Ali estavam elas.

O vestido de Celestina tinha sido puxado para baixo, expondo um seio farto e redondo. Reluzente, como se alguém o estivesse lambendo.

Mas não era Ephraim que estava diante da arcanjo, posicionado entre a fêmea e Hunt. Não era Ephraim cujas próprias roupas estavam tortas, o cabelo embaraçado, os lábios inchados.

Era Hypaxia.

* * *

Hunt não tinha ideia do que dizer.

Bryce pigarreou e se colocou diante de Hunt, bloqueando sua ereção gritante da vista.

— Acho que a porta trancada significa *já está ocupado*, né?

Hypaxia e Celestina apenas os encaravam, seus cabelos parcialmente caindo dos elegantes penteados.

Hunt lenta e silenciosamente fechou a porta às suas costas. Levantou as mãos. Porque havia um suave brilho de poder começando a cintilar em torno de Celestina. A ira de um arcanjo, preparando-se para atacar um inimigo.

O macho não conseguiu impedir o próprio relâmpago de responder, o seu poder queimando seu corpo. Se Celestina atacasse, ele a enfrentaria.

Bryce disse, sem fôlego, para Hypaxia, ao sentir a tempestade se formando no guarda-roupa:

— Eu, hã, nunca estive nesse tipo de situação antes.

Hypaxia olhou para a governadora, cujos olhos tinham ficado brancos, incendiando-se com poder, e disse a Bryce, em uma tentativa de ser casual:

— Nem eu.

A única forma de entrar ou sair era a porta às costas de Hunt. A não ser que Celestina explodisse o topo do prédio inteiro. Hunt colocou a mão no ombro de Bryce.

Mas a parceira disse animada:

— Caso a gente precise deixar claro, não vamos contar nada.

Hypaxia assentiu sabiamente.

— Nós agradecemos a vocês. — Olhou para a arcanjo, sua amante. — Celestina.

A governadora não tirou os olhos de Hunt. Se o macho sequer respirasse errado, ela o mataria. Porra, em dois segundos. Hunt sorriu, no entanto. Ela poderia *tentar* matá-lo.

— Meus lábios estão selados.

As asas brilharam tanto que o guarda-roupa inteiro se iluminou.

— Você ameaça a pessoa que eu amo — disse Celestina, a voz ecoando com poder. — Por infringir no que Ephraim considera seu, ele vai acabar com a vida dela. Ou os asteri a matarão para servir de exemplo.

Bryce manteve as mãos para o alto.

— Os asteri provavelmente vão me matar também, em algum momento. — Hunt virou a cabeça para a sua parceira. Ela não faria… — Eu gosto de você — disse Bryce, em vez disso, e Hunt tentou não suspirar aliviado por Bryce não ter explicado suas atividades rebeldes. — Acho que você é boa para esta cidade. Ephraim e o séquito de perdedores dele, não muito, mas, depois que ele for para casa, acho que você vai tornar Lunathion ainda mais… incrível. — Hunt lançou um olhar incrédulo para ela, o qual respondeu dando de ombros. Os olhos de Bryce encontraram os de Celestina. Sua estrela brilhou.

De um poder para outro. De uma fêmea para outra. De governadora para… *princesa* não era a palavra certa para a expressão que percorreu o rosto de Bryce, sua mudança de postura.

Outra palavra se formou na língua do anjo, mas Hunt não permitiu que se arraigasse, não se permitiu pensar em todas as implicações letais que a outra palavra envolveria.

Bryce disse, com aquela atitude de mais-do-que-princesa:

— Não tenho planos de ferrar com você. Com nenhuma de vocês. — Encarou Hypaxia, que estava dando a Bryce o olhar de mais-do-que-princesa também. — Somos aliadas. Não apenas politicamente, mas… como fêmeas que precisaram fazer umas escolhas difíceis de merda. Como fêmeas que vivem em um mundo onde machos mais poderosos nos veem apenas como objetos de procriação. — Hypaxia assentiu de novo, mas Celestina continuou olhando fixamente para Bryce. Uma predadora avaliando o melhor lugar para atacar.

Hunt acumulou seu poder novamente. Bryce prosseguiu:

— Não sou a égua premiada de ninguém. Eu me arrisquei com este babaca — indicou Hunt com o polegar, e o anjo a olhou boquiaberto — e, por sorte, deu certo. E eu só quero dizer que — engoliu em seco — se vocês duas quiserem se arriscar uma com a outra, tocar o foda-se para os arranjos com Ephraim e Ruhn, então estou com vocês. Nós precisaríamos enfrentar os asteri, mas… olhem o que eu fiz esta noite. O que quer que eu puder fazer, qualquer influência que eu tiver, é de vocês. Mas vamos começar saindo deste armário inteiras.

Silêncio recaiu.

E devagar, como um sol se pondo, o poder da arcanjo diminuiu até que apenas sua silhueta brilhasse. Hypaxia colocou a mão no ombro da amante, em prova de que estavam seguras.

Celestina disse, alisando suas roupas elegantes:

— Não é que não tivemos escolha nisso. Quando o Rei Outonal veio pedir a mão de Hypaxia pelo filho dele, fui eu quem a encorajou a aceitar. Mas quem eu amo, de quem sou parceira… essas são decisões que não tenho direito de fazer, como arcanjo.

Hunt grunhiu.

— Eu conheço essa sensação. — Diante da sobrancelha arqueada de Celestina, apontou para o pulso marcado. — Escravizado, lembra?

— Talvez haja um tênue limite entre governadora e escravizado — refletiu Hypaxia.

Celestina admitiu:

— Achei que Hypaxia poderia se casar com o príncipe, talvez em um sentido político, e, quando tempo o bastante tivesse passado, nós poderíamos… retomar nosso relacionamento. Mas então os asteri deram a ordem sobre Ephraim e eu me vi com pouca escolha além de acatar.

Bryce perguntou em voz baixa:

— Por acaso Ephraim…

— Eu concordei — disse a governadora, com firmeza. — Embora eu não possa dizer que achei agradável. — Hypaxia beijou a bochecha da amante.

Era por isso que Celestina parecera tão inquieta antes da primeira noite com Ephraim, tão assombrada depois daquilo, porque seu coração estava em outro lugar.

Bryce disse às fêmeas:

— Enquanto você quiser e precisar manter isso em segredo, não sussurraremos nada a ninguém. Você tem minha palavra.

E ocorreu a Hunt, quando as duas fêmeas assentiram, que Bryce havia de alguma forma conquistado sua confiança, tinha se tornado alguém em quem as pessoas confiavam irredutivelmente.

Uma mais-do-que-princesa, de fato.

Hunt sorriu para sua parceira e disse:

— Bem, provavelmente devemos voltar. Antes que alguém entre e encontre todos nós aqui e pense que estou tendo a melhor noite da

minha vida. — Hypaxia e Bryce gargalharam, mas o sorriso de resposta de Celestina foi tímido.

Bryce pareceu reparar nisso e passou o braço pelo da rainha-bruxa, guiando-a em direção à porta e murmurando:

— Vamos discutir o quanto esta noite vai irritar o Rei Outonal e como isso vai ser maravilhoso — ao partirem, deixando Hunt e Celestina sozinhos.

A arcanjo o observou. Hunt não ousou se mover.

— Então você é realmente um príncipe agora — falou Celestina.

Hunt piscou.

— Hã, é. Acho que sim.

A governadora passou em direção até onde sua amante tinha ido para o corredor.

— Há uma linha tênue entre príncipe e escravizado também, você sabe.

O peito de Hunt se apertou.

— Eu sei.

— Então por que aceitar o fardo? — perguntou ela, fazendo uma pausa.

Bryce parecia unha e carne com a rainha-bruxa caminhando de braços dados.

— Ela vale a pena.

Contudo, Celestina disse, com o rosto solene:

— O amor é uma armadilha, Hunt. — Balançou a cabeça, mais para si mesma do que para ele. — Uma da qual eu não sei me libertar.

— Você *quer* ser livre dele?

A arcanjo passou para o corredor, as asas ainda brilhando com um resquício de poder.

— Todo dia.

* * *

Tharion tentou não olhar para seu relógio, tecnicamente, o relógio à prova de água de seu avô, dado de presente depois de se formar no ensino médio, ao decorrer da noite. O golpe de noivado de Bryce

tinha fornecido cinco minutos de gloriosa diversão antes que fosse sugado de volta para o tédio e a impaciência.

Sabia que era uma honra estar ali, acompanhar a filha da Rainha do Rio, que estava radiante com encanto e alegria. Mesmo assim, era difícil se sentir privilegiado quando havia recebido ordens de participar do baile ao seu lado.

Tharion tinha esperado no cais do Portão do Rio ao pôr do sol, vestido impecavelmente. A filha da Rainha do Rio havia emergido da bruma em um barco de carvalho pálido puxado por um bando de cisnes brancos como a neve. Tharion não deixou de notar os sobeks espreitando a 15 metros. Sentinelas para a jornada da filha mais preciosa da rainha.

— Não é mágico? — dizia a companheira pela quinquagésima vez naquela noite, suspirando para as luzes e os casais dançando.

Tharion entornou o restante do champanhe. *Ela tem permissão de tomar uma taça de vinho*, dissera a mãe na carta enviada via lontra. *E deve estar em casa a uma da manhã.*

Tharion finalmente olhou para o relógio. Meia-noite e vinte. Mais quinze minutos e poderia começar a apressá-la porta afora. O tritão entregou sua taça a um garçom que passava, mas viu que a expressão de sua acompanhante tinha se tornado perigosamente emburrada.

Tharion ofereceu a ela um sorriso charmoso e inexpressivo, mas a princesa disse:

— Você não parece estar se divertindo.

— Estou — assegurou, pegando sua mão e dando um beijo nos nós dos dedos.

— Seus amigos não vêm falar com a gente.

Bem, considerando que vira Bryce e Hunt fugirem para algum lugar, não era surpresa. Ithan estava conversando com Naomi Boreas e o Cão do Inferno às portas, e os outros… Ruhn e Cormac tinham ido embora. Nenhum sinal de Hypaxia.

Embora a rainha-bruxa já tivesse ido falar com eles. Teve dificuldade em encontrar seu olhar no meio da conversa desconfortável, enquanto podia ver o quanto fora tolo ao se amarrar àquela fêmea. Ainda assim, Hypaxia tinha sido gentil com a filha da Rainha do Rio, a qual fora toda sorrisos. Tharion não ousou chamar a amiga de Pax.

— Meus amigos têm muita gente para cumprimentar — esquivou-se.

— Ah. — Calou-se, espreitando no limite da pista de dança conforme casais passavam. Talvez fosse todo o champanhe, mas olhou para a fêmea de verdade: os olhos escuros cheios de desejos e felicidade silenciosa, a energia ansiosa zunindo de seu corpo, a sensação de que era alguma criatura moldada em forma mortal apenas para aquela noite, e que se dissolveria em sedimentos do rio assim que o relógio batesse uma hora da manhã.

Será que o tritão era melhor do que a mãe? Estava enrolando a menina havia dez anos. Segurara a princesa naquela noite porque *ele* não estava com vontade de se divertir.

A fêmea devia ter sentido o peso do olhar de Tharion, porque se virou para ele. Tharion ofereceu a ela outro sorriso inexpressivo, então se virou para um dos guarda-costas que espreitava nas sombras atrás deles.

— Ei, Tritus, pode assumir meu posto nesta dança?

O guarda-costas olhou de um para outro, mas Tharion sorriu para a filha da Rainha do Rio, cujas sobrancelhas estavam erguidas.

— Vá dançar — disse. — Eu já volto. — Não a deixou protestar antes de entregá-la ao guarda, que estava corando ao estender o braço.

Tharion não olhou para trás quando saiu para a multidão, perguntando-se em quanta merda se meteria por causa daquilo. Ainda assim… mesmo que fosse açoitado por conta disso, não a enganaria mais.

Parou no limite da multidão, finalmente se virando para ver o guarda-costas e a filha da Rainha do Rio dançando, ambos sorrindo. Felizes.

Ótimo. A fêmea merecia aquilo. Com ou sem a mãe, com ou sem o temperamento, merecia alguém que a fizesse feliz.

Tharion foi até o bar mais próximo, e estava prestes a pedir um uísque quando notou uma fêmea cheia de curvas, uma metamorfa de leopardo, pelo cheiro, deitada contra o balcão ao seu lado.

Sempre notava uma boa bunda, e aquela fêmea… Inferno, era isso.

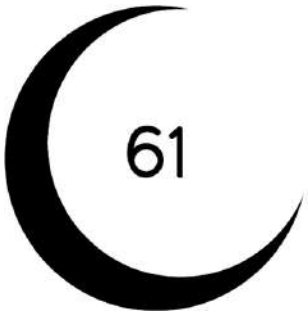
— Você vem muito aqui? — perguntou, com um piscar de olhos. A leopardo virou a cabeça para ele, a pele marrom-clara radiante sob as

luzes suaves. Seus olhos tinham cílios grossos, absolutamente lindos acima de maçãs do rosto proeminentes e lábios carnudos, tudo isso emoldurado por cabelo castanho-dourado que caía sobre o rosto em formato de coração em ondas suaves. Possuía a fluidez e graciosidade de uma estrela de cinema. Provavelmente era uma, se era importante o bastante para estar ali. Aquela boca farta se repuxou em um sorriso.

— Essa é sua tentativa de uma cantada?

Conhecia aquele tom de voz tentador. Então Tharion pediu seu uísque e disse à estranha:

— Você quer que seja?



— Você está bem? — perguntou Ithan a Hypaxia quando o relógio se aproximou das 3:30 da manhã. Havia reclamado de dores no estômago e saíra da festa por cerca de vinte minutos, voltando com o rosto pálido.

A rainha-bruxa prendia um cacho escuro atrás da orelha, arrumando o caimento da túnica preta como azevinho, e havia colocado a peça sobre o vestido momentos antes. Mesmo de pé na pequena clareira de um pomar de oliveiras abrigada pelas colinas além da cidade, os sons de comemorações chegavam até eles: contrabaixo estrondoso, vivas, luzes estroboscópicas. O oposto absoluto das folhas sussurrantes e do solo seco nos arredores, das estrelas que cintilavam além do dossel prateado.

Um outro mundo em comparação com aquela festa reluzente onde tantos poderes tinham se reunido. Onde Bryce fora, de certa forma, mais esperta do que o Rei Outonal, declarando Hunt seu príncipe. O lobo não soubera o que pensar naquele momento.

Ithan tinha feito o possível para ficar bem longe de Sabine e Amelie naquela noite. Ainda bem que as duas só estiveram presentes por tempo o bastante para ver os asteri falarem, antes de partir.

Odiava-se por ficar tão aliviado com aquilo. O Primo não tinha participado, costumava evitar tais eventos.

— Então é isso? — perguntou Ithan a Hypaxia, indicando com a mão as sete velas organizadas no chão. — Acender as velas e esperar?

Hypaxia pegou uma longa adaga.

— Não exatamente — disse. Ithan se manteve um passo atrás quando a bruxa usou a faca para traçar linhas entre as velas.

Ithan inclinou a cabeça.

— Uma estrela de seis pontas — falou. Como a que Bryce tinha feito entre os Portões naquela primavera, com a sétima vela no centro.

— É um símbolo de equilíbrio — explicou a rainha Hypaxia, afastando-se trinta centímetros mas mantendo a adaga ao lado do corpo. Sua coroa de amoras brancas pareceu brilhar com uma luz interior. — Dois triângulos cruzados. Macho e fêmea, escuridão e luz, acima e abaixo… e o poder que jaz no lugar em que se encontram. — Seu rosto demonstrava seriedade. — É nesse lugar de equilíbrio em que vou concentrar meu poder — disse indicando o círculo. — Não importa o que você veja ou ouça, fique deste lado das velas.

Um calafrio percorreu a coluna de Ithan, mesmo quando seu coração se iluminou. Se pudesse apenas falar com Connor… Havia pensado repetidas vezes no que diria, mas não conseguia se lembrar de nada.

Hypaxia decifrava o que quer que estivesse em seu olhar, o rosto da bruxa novamente solene.

No entanto, um acordo era um acordo. Hypaxia ergueu os dois braços, segurando a adaga no alto, e começou a entoar.

* * *

Day apareceu do outro lado da ponte e permaneceu ali, como se não quisesse se aproximar.

Ruhn ficou sentado no sofá, os antebraços sobre os joelhos. Estava tonto devido ao que tinha acontecido no jardim havia horas. Tinha ficado surpreso por ter caído no sono em seu corpo físico.

Ruhn correu até a fêmea.

— Desculpe por ter colocado você em perigo.

Day não disse nada. Apenas ficou de pé ali, queimando.

Tentou de novo.

— Eu… Foi uma ideia muito idiota. Desculpe se você apareceu e eu não estava ali. Eu cheguei ao jardim e a Harpia e a Corça tinham me seguido, e acho que talvez tenham suspeitado de mim, ou sei lá, mas… eu sinto muito, Day.

— Eu estava lá — disse em voz baixa.

— O quê?

— Eu vi você — disse avançando. — Vi a ameaça também. E fiquei longe.

— Onde? No jardim?

Day se aproximou.

— Eu vi você — disse de novo. Como se ainda estivesse processando.

— Você veio. — O macho balançou a cabeça. — Achei que você talvez não fosse, e não conversamos desde que fizemos aquele plano, e eu fiquei preocupado…

— Ruhn. — Seu nome nos lábios dela agitou o corpo de Ruhn.

Estremeceu.

— Você sabe quem eu sou.

— Sim.

— Diga meu nome de novo.

Daybright se aproximou.

— Ruhn. — Suas chamas cessaram o suficiente para que o macho visse o lampejo de um sorriso.

— Você ainda está na cidade? Posso encontrá-la em algum lugar? — Era meio da noite, mas era equinócio. As pessoas estariam festejando até o alvorecer. Ainda estariam mascaradas… ele e Day passariam despercebidos.

— Não. — respondeu com a voz inexpressiva. — Já fui.

— Mentirosa. Me diga onde você está.

— Não aprendeu nada esta noite? Não viu o quanto chegamos perto de um desastre? Os servos dos asteri estão por toda parte. Um erro, mesmo que por um momento, e estamos *mortos*.

A garganta de Ruhn tremeu.

— Quando a Harpia saiu das sombras, achei que ela fosse você. Eu… eu entrei em pânico por um momento.

Uma risada baixa.

— Isso teria sido terrível para você? Que eu fosse alguém que você odeia tanto?

— Precisaria me acostumar.

— Então você tem uma noção de como espera que eu seja.

— Eu não. Só… não quero que você seja *ela*.

Outra risada.

— E você é um príncipe feérico.

— Isso enoja você?

— Deveria?

— Isso me enoja.

— Por quê?

— Porque eu não fiz nada para merecer esse título.

Day o estudou.

— O Rei Outonal é seu pai. O que machucou você.

— Ele mesmo.

— Ele é uma desgraça como rei.

— Você deveria falar com minha irmã. Acho que ela gostaria de você.

— Bryce Quinlan.

O macho ficou tenso por Day saber o nome de Bryce tão prontamente, mas, se estava na festa naquela noite, sem sombra de dúvida saberia.

— É. Ela odeia meu pai ainda mais do que eu.

No entanto, a chama de Day abrandou-se.

— Você está noivo da Rainha Hypaxia.

Ruhn quase gargalhou, mas a voz dela era tão séria.

— É complicado.

— Você dançou com ela como se não fosse.

— Você me viu?

— Todos viram vocês.

A aspereza em sua voz… era ciúme? Falou, com cautela:

— Não sou do tipo que trai. Hypaxia e eu estamos noivos apenas no título. Nem mesmo sei se vamos nos casar. Ela é tão pouco

apegada a mim quanto sou a ela. Nós gostamos e admiramos um ao outro, mas… é só isso.

— Por que eu me importaria?

Ruhn a observou, então deu um passo mais para perto, até que apenas um palmo separasse os dois.

— Eu queria ver você hoje à noite. Passei o tempo todo olhando para o relógio.

A respiração da fêmea falhou.

— Por quê?

— Para poder fazer isso. — Ruhn levantou seu queixo e a beijou. A boca sob o fogo era macia, e morna, e o aceitava.

Dedos flamejantes entrelaçaram seus cabelos, puxando-o para perto, Ruhn deslizou os braços por um corpo esguio e curvo, mãos sentindo seu generoso traseiro. Porra, era isso.

Sua língua acariciou a de Day, que estremecia nos braços do macho. Encontrou-o a cada carícia, como se não conseguisse se conter, como se quisesse conhecer cada centímetro, cada gosto e nuance.

Sua mão deslizou pela mandíbula de Ruhn, dedos explorando o formato de seu rosto. O macho desejou que sua noite se afastasse para mostrar seus olhos, seu nariz, sua boca. Felizmente isso se concretizou. Por trás do véu de chamas que cobria as feições de Day, conseguia sentir a agente o observando. Vendo seu rosto exposto.

Seus dedos perpassavam a linha de seu nariz. A curva dos lábios. Então o beijou de novo, arrebatada, Ruhn se entregou completamente àquilo.

— Você me lembra que estou viva — disse com a voz embargada. — Você me lembra que bondade pode existir no mundo.

A garganta dele doeu.

— Day…

No entanto, Daybright sibilou, enrijecendo o corpo contra o abraço dele. Ela olhou para trás na direção do fim da ponte.

Não. O macho que um dia a arrastara do sono para transar com ela…

Day virou a cabeça para Ruhn, suas chamas ondularam, revelando olhos suplicantes de fogo sólido.

— Desculpe — sussurrou, e sumiu.

* * *

Hunt ainda estava bêbado quando voltaram para o apartamento às três horas da manhã. A fêmea carregava o sapato em uma das mãos, a cauda do vestido na outra. Saíram da festa logo depois que Ruhn se foi, seguindo para um boteco no coração da Praça da Cidade Velha, onde jogaram sinuca e beberam uísque usando as ridículas roupas elegantes.

Eles não conversaram sobre o que tinham descoberto no guarda-volumes. O que mais havia para se dizer?

— Estou bebinha — anunciou Bryce no apartamento escuro, jogando-se no sofá.

Hunt riu.

— Comportamento muito majestoso.

O anjo tirou os brincos de suas orelhas pontudas, jogando os diamantes na mesa de centro como se fossem bijuterias baratas. O pente no cabelo de Bryce caiu, as gemas cintilando sob a suave primalux.

A princesa esticou as pernas, os pés descalços se agitando na mesa de centro.

— Nunca mais vamos fazer isso.

— O uísque, ou a manobra de esperteza contra seu pai, ou a festa? — Hunt puxou o nó da gravata-borboleta ao se aproximar do sofá e olhar para ela.

Bryce bufou uma gargalhada.

— A festa. A manobra contra meu pai e o uísque *sempre* serão uma atividade recorrente.

Hunt se sentou na mesa de centro, ajustando as asas em torno da fêmea.

— Podia ter sido muito pior.

— É… Embora eu não consiga pensar em nada muito pior do que ganhar vários inimigos pelo preço de um. — O fato de a participação dos asteri ter sido apenas uma nota de rodapé dizia muito sobre a noite. — Embora Celestina não seja nossa inimiga, eu acho.

Hunt pegou um de seu pés e começou a massagear a sola. Bryce suspirou, afundando nas almofadas de novo. O pau de Hunt se agitou com o prazer que ela emanava.

— Posso lhe dizer uma coisa? — falou Hunt, massageando o arco de seu pé. — Uma coisa que pode ser considerada meio alfa babaca?

— Contanto que continue massageando meu pé assim, pode dizer a porra que quiser.

Hunt riu.

— Combinado. — Pegou o outro pé, começando com ele. — Eu gostei de estar na festa hoje à noite. Apesar de todas as roupas chiques e os asteri e a coisa com Hypaxia e Celestina. Apesar da merda de príncipe. Eu gostei de ser visto. Com você.

A boca de Bryce se repuxou para o lado.

— Você gostou de reivindicar seu território?

— É. — Não escondeu o predador que havia nele. — Eu nunca tive isso com ninguém.

Bryce franziu a testa.

— Shahar nunca exibiu você?

— Não. Eu era o general dela. Em eventos públicos, não aparecíamos juntos. Ela jamais quis isso. Teria feito parecer que eu era um igual, ou pelo menos como alguém que ela julgava ser… importante.

— Achei que seu movimento se baseasse em igualdade — disse Bryce, franzindo mais a testa.

— Sim. Mas mesmo assim nós jogamos pelas antigas regras. — Regras que continuavam a governar e ditar as vidas das pessoas. As vidas de Celestina e Hypaxia.

— Então ela nunca assumiu e disse *Ei, mundo! Esse aqui é o meu namorado!*

Hunt gargalhou e se maravilhou por fazê-lo. Nunca imaginaria que riria sobre qualquer coisa relacionada a Shahar.

— Não. É por isso que eu fiquei tão… honrado quando você me pediu para fazer isso.

Bryce o estudou.

— Quer ir lá fora para podermos ser pegos nos agarrando em público pela imprensa? Isso vai tornar a gente *real oficial*.

— Talvez outra hora. — Hunt levou o pé da fêmea à boca, dando um beijo na parte de cima. — Então nós estamos, tipo… casados.

— Estamos? — Bryce estendeu a mão à frente do corpo, estudando os dedos abertos. — Não estou vendo um anel, Athalar.

O anjo mordiscou os dedos de seu pé, causando um gritinho dela.

— Se quer um anel, vou lhe dar um. — Outro beijo. — Quer de ferro, aço ou titânio? — Alianças de casamento em Lunathion eram simples, seu valor vinha da força do metal usado para forjá-las.

— Toda de titânio, amor — gabou-se. Hunt mordeu seus dedos dos pés de novo.

Bryce se encolheu, mas o macho a segurou firme.

— Estes dedinhos me fazem pensar umas besteiras, Quinlan — disse contra o pé dela.

— Por favor, não me diga que você tem um fetiche por pés.

— Não. Mas tudo que diz respeito a você é um fetiche para mim.

— Hã? — Encostou mais nas almofadas, o vestido subindo pelas pernas. — Então eu te deixo pervertido?

— Ã-hã. — Hunt beijou o tornozelo dela. — Só um pouquinho.

A fêmea arqueou o corpo ao toque.

— Quer fazer sexo bêbado e afobado, Príncipe Hunt?

Ronronou uma gargalhada contra a panturrilha dela. Apenas saído dos lábios de Bryce toleraria aquele título.

— Porra, quero.

Bryce puxou a perna ao seu toque, ficando de pé com a graciosidade de uma dançarina.

— Abra meu vestido.

— Romântica.

Virou as costas para Hunt, ainda sentado, esticou a mão para puxar o zíper escondido na extensão da coluna de Bryce. A tatuagem do chifre ficou exposta, junto com centímetros de pele iluminada, até que a renda da calcinha aparecesse. O zíper acabou antes que Hunt conseguisse ver o que queria.

Bryce tirou o vestido da frente do corpo, deixando que caísse. Não estava de sutiã, a calcinha fio-dental preta, no entanto…

Hunt passou as mãos pelo contorno firme da bunda de Bryce, curvando-se para morder uma delicada tira da calcinha. A fêmea soltou um som baixo e rouco que o fez beijar a base de sua coluna. Os longos cabelos de Bryce roçavam sua testa, lindos e sedosos como uma carícia.

Bryce se virou com seu toque, e… que sorte… Hunt se encontrava exatamente onde queria. A partir de onde se prendia no alto do

quadril, a calcinha de Bryce mergulhava formando um profundo V, uma verdadeira flecha apontando para o paraíso.

O anjo beijou seu umbigo. Roçando os mamilos com os polegares conforme subia com a língua até eles. Os dedos de Bryce deslizaram para o cabelo de Hunt, curvando a cabeça para trás quando o anjo fechou a boca em torno de um mamilo rígido. Hunt girou a língua pelo mamilo, saboreando o peso e o gosto, suas mãos descendo em torno da cintura da fêmea, emaranhando-se com as tiras da calcinha fio-dental. Puxando-a pelo quadril. Pelas coxas. Foi até o outro seio de Bryce, sugando para dentro da boca. Bryce gemeu, e o pau dele pressionava-se contra a calça social.

Hunt gostava de tê-la à sua mercê. Gostava da imagem de Bryce completamente nua e resplandecente diante de si, de Hunt para tocar e dar prazer e adorar. O anjo sorriu contra o seio. Gostava demais daquilo.

Hunt ficou de pé, pegando-a nos braços e carregando Bryce até o quarto, a gravata-borboleta pendurada no pescoço.

O macho a deitou no colchão, o pau pulsando ao ver as pálpebras de sua companheira estremecendo de desejo, jogada ali, nua e sua para tomá-la. Hunt soltou a gravata.

— Quer deixar as coisas mais quentes, Quinlan?

Olhou para os mastros de ferro da cabeceira da cama e seus lábios vermelhos se entreabriram em um sorriso felino.

— Quero demais.

Hunt rapidamente amarrou as mãos de Bryce nos mastros da cama. Fraco o suficiente para não doer, mas apertado o bastante para que estivesse fora de questão ter qualquer ideia a respeito de tocá-lo enquanto ele se banqueteava.

Bryce estava deitada esticada diante do macho, que mal conseguia respirar ao desabotoar a camisa. Então a calça. Jogou os sapatos, as meias, todas os artifícios da civilidade, até que estava nu. Bryce mordeu o lábio e então Hunt flexionou os joelhos dela para cima e abriu bem suas pernas.

— Caralho — disse, observando seu sexo reluzente, já encharcado. O cheiro inebriante o atingiu. Hunt estremeceu, o pau latejando.

— Já que eu não posso me tocar — disse rouca —, talvez você possa fazer as honras.

— Caralho — disse de novo, incapaz de pensar em mais nada. Era tão linda, cada parte dela.

— Está considerando o que fazer comigo, ou seu cérebro deu curto?

Athalar virou o olhar para o dela.

— Eu queria prolongar isso. Realmente agoniar você.

A fêmea abriu um pouco mais as pernas, um convite provocador.

— Ah, é?

— Vou deixar isso para outro dia — grunhiu Hunt, indo para cima de Bryce. A ponta de seu pau relou a entrada úmida e quente de Bryce, e um tremor de prazer antecipado percorreu sua espinha. Ainda assim, Hunt passou a mão pela extensão do tronco de Bryce, os dedos traçando o inchaço sedoso dos seios, a parte plana da barriga. A princesa se contorceu, puxando as amarras.

— Tão provocadora — disse mergulhando para beijar seu pescoço. Entrou um pouco, sua mente se apagando ao sentir o aperto perfeito. Hunt recuou, então cuidadosamente entrou de novo. Mesmo com cada instinto gritando para mergulhar dentro dela, esperaria até que Bryce pedisse. Queria que ela só sentisse êxtase.

— Pare de provocar — disse Bryce. Hunt mordiscou seu seio esquerdo, sugando o mamilo de Bryce ao mergulhar um pouco mais para dentro da perfeição que ela era. — *Mais* — grunhiu Bryce, o quadril se elevando como se fosse estocar-se.

Hunt gargalhou.

— Quem sou eu para negar a uma princesa?

Os olhos da fêmea brilharam com desejo tão quente que queimou sua alma.

— Estou publicando um decreto real para você me foder, Hunt. Forte.

Suas bolas latejaram de vontade, e deu a Bryce o que ela queria. Os dois gemeram quando Hunt mergulhou até o fundo com uma estocada que o fez ver estrelas. Parecia felicidade, eternidade…

Hunt recuou e estocou de novo, e havia realmente estrelas em volta deles, não, era ela, estava brilhando como uma estrela…

O quadril de Bryce ondulava, encontrando o do anjo, levando-o para mais fundo.

Porra, era isso. Bryce era dele, e ele era dela, e finalmente a porra do mundo inteiro sabia…

Hunt soltou um zunido de seu relâmpago, partindo as amarras nos pulsos de Bryce. Suas mãos imediatamente passaram para as costas do anjo, os dedos se enterrando com tanta força que renderam doces pontadas de dor. As asas estremeceram, Bryce entrelaçou as pernas ao redor do tronco do macho. Hunt afundou ainda mais, e que *caralho* divino, a pressão dentro dela…

Bryce comprimiu suas paredes internas, fazendo o prazer ser quase que intenso demais.

— Por Solas, Quinlan…

— *Forte* — sussurrou ao ouvido dele. — Me foda como o príncipe que você é.

Hunt perdeu o controle. Recuou o suficiente para segurar a bunda de Bryce com as duas mãos, inclinando a pélvis dela para cima… então mergulhou. A fêmea gemeu, e tudo que era se transformou em alguma coisa primordial e animalesca. *Dele*. A parceira para tocar, foder e preencher…

Hunt se liberou, estocando de novo e de novo e de novo.

Os gemidos de Bryce eram doce música, uma tentação e um desafio. Ela brilhava, Hunt olhou para o pau, deslizando para dentro e para fora, reluzindo com a umidade dela…

Também estava brilhando. Não com a luz estelar dela, mas… puta merda, seu relâmpago estalava pelos braços, pelas mãos, correndo sobre o quadril de Bryce até os seios.

— Continue — arquejou Bryce, conforme o relâmpago dele aumentou. — Continue.

Hunt continuou. Entregou-se à tempestade, à Bryce, e só havia Bryce, sua alma e seu corpo e o encaixe perfeito dos dois…

— Hunt — ela implorou, e ele soube pelo tom rouco que Bryce estava perto.

Não parou. Não deu a ela uma gota de piedade. O bater e o deslizar de seus corpos encontrando-se preenchiam o quarto, mas os sons estavam distantes, o mundo estava distante quando o poder e a essência do macho fluíram para dentro da fêmea. Bryce gritou, e Hunt entrou em frenesi, golpeando uma vez, duas…

No terceiro e mais forte deslize, o anjo irrompeu, seu poder junto.

Relâmpago preencheu o quarto, preencheu Bryce tão certamente quanto sua semente, Hunt a beijando no mesmo momento, as línguas se encontrando, éter preenchendo os sentidos dos dois. Nunca se cansaria, da conexão, do sexo, do poder fluindo entre eles. Hunt precisava daquilo mais do que precisava de comida, de água… precisava do compartilhamento de magia, da união de almas; jamais deixaria de desejar aquilo…

E então estava caindo, em meio a vento preto e relâmpago e estrelas. Gozou em meio a tudo aquilo, rugindo seu prazer para o céu.

Porque aquilo *era* céu acima. E as luzes da cidade. Contrabaixo de uma festa próxima.

Hunt ficou imóvel, olhando boquiaberto para Bryce. Para a superfície abaixo dela… o telhado do prédio.

Bryce sorriu timidamente.

— Ops.



O entoar de Hypaxia aumentava em volume e complexidade, a luz cheia com eles. Pintava o pomar de prata.

Ithan estremeceu contra o frio. Sabia que não se devia à noite ao seu redor, ou ao outono se estabelecendo. Não, o ar estava agradavelmente morno um momento atrás. O que quer que a magia de Hypaxia estivesse fazendo, trazia frígidas temperaturas.

— Eu consigo sentir… uma presença — sussurrou a rainha-bruxa, os braços erguidos para a lua, o lindo rosto solene. — Alguém está vindo.

A boca de Ithan secou. O que sequer diria a Connor? *Eu amo você* provavelmente seria a primeira coisa. *Sinto sua falta em cada minuto de cada maldito dia* seria a segunda. Então o aviso. Ou deveria ser o aviso primeiro? Sacudiu os dedos trêmulos ao lado do corpo.

— Prepare-se para dizer o que pretende. O espírito de seu irmão é… forte. Não tenho certeza de por quanto tempo consigo manter a estrela.

Algo que relembrava orgulho reverberou por dentro do lobo ao ouvir aquilo. Mesmo assim, Ithan se aproximou, respirando controladamente. Exatamente como fazia antes de jogos importantes,

durante lances vencedores. Foco. Conseguiria fazer aquilo. Lidaria com as repercussões depois.

A estrela que Hypaxia havia desenhado brilhava com um azul fraco, iluminando as árvores em torno deles.

— Mais um momento… — Hypaxia ciciou, ofegando, um leve brilho em suas têmporas. Como se aquilo estivesse drenando seu poder.

Luz irrompeu da estrela, ofuscante e branca, um forte vento sacudindo as árvores no entorno, espalhando azeitonas como gotas. Ithan fechou os olhos com força para se proteger, deixando suas garras irromperem.

Quando o vento parou, piscou ajustando a visão. O nome de seu irmão morreu em sua garganta.

Uma criatura, alta e magra, usando uma túnica, espreitava no centro da estrela de seis pontas. Hypaxia soltou um arquejo baixo. O estômago de Ithan se revirou. Nunca tinha visto o macho, mas tinha visto gravuras.

O Sub-Rei.

— Você não foi conjurado — disse Hypaxia, dominando sua surpresa. Ergueu o queixo, uma rainha em todos os aspectos. — Volte para a ilha de brumas que governa.

O Sub-Rei gargalhou para a bruxa. Seu corpo tremeluziu com luz azul pálida. Como se estivesse reunindo seu poder. No entanto, o Sub-Rei virou devagar a cabeça para Ithan. Soltou outra gargalhada seca e rouca.

— Jovens tolos. Vocês brincam com poderes além de sua alçada. — Sua voz era horrível. Feita de ossos empoeirados e os gritos suplicantes dos mortos.

Hypaxia não recuou um centímetro.

— Vá embora e nos deixe ver aquele que conjurei.

A mão de Ithan foi até a arma. Não adiantaria de nada. Sua forma de lobo o protegeria melhor com sua velocidade, mas até mesmo perder aquela fração de segundo na metamorfose poderia torná-lo vulnerável, e custaria a Hypaxia sua vida.

O Sub-Rei estendeu a mão ossuda. Luz ondulou onde a bruxa tocava o limite da estrela.

— Não tema, filhote. Não posso ferir você. Pelo menos não aqui. — Sorriu, expondo grandes dentes marrons.

Ithan fervilhou, enfim encontrando sua voz ao grunhir:

— Quero falar com meu irmão.

Ao seu lado, Hypaxia murmurava baixinho, enquanto a luz ao seu redor aumentava.

— Seu irmão está sendo bem cuidado. — Fogo escuro dançou nos olhos leitosos do Sub-Rei. — Mas isso permanecer assim depende inteiramente de você.

— O que Inferno isso quer dizer? — indagou Ithan. No entanto, a rainha-bruxa ficara tensa. Ventania agitou os seus cabelos cacheados, como se estivesse preparando suas defesas.

O Sub-Rei ergueu a mão ossuda, e uma luz esquisita esverdeada envolveu seus dedos. Ithan podia jurar que símbolos antigos estranhos rodopiaram naquela luz.

— Vamos jogar um joguinho primeiro. — O ente inclinou a cabeça para Hypaxia, cujo rosto estava petrificado… em antecipação. — A Casa de Chama e Sombra há muito está curiosa para saber sobre suas… habilidades, Vossa Majestade.

* * *

Bryce sabia que estava sonhando. Sabia que estava fisicamente em sua cama. Sabia que estava no momento aninhada ao lado do corpo de Hunt, mas também sabia que o ser diante de si era real, mesmo que o cenário não fosse.

Estava em uma planície ampla e coberta de terra diante de um céu azul, sem nuvens. Montanhas secas distantes pontuavam o horizonte, cercadas apenas de rochas e areia e vazio.

— Princesa. — A voz soara como o Inferno corporificado: sombria e gélida e suave.

— Príncipe. — Sua voz estremeceu.

Apollion, Príncipe do Fosso, tinha escolhido aparecer em um corpo de cabelos e pele cor de ouro. Belo do jeito que estátuas antigas eram belas, da forma como Pollux era belo.

Seus olhos escuros, no entanto, entregavam-no. Não havia parte branca em lugar nenhum. Apenas escuridão infinita.

O próprio Devorador de Estrelas.

— Onde estamos? — perguntou, tentando controlar sua tremedeira.

— Parthos. Ou no que resta dela.

A terra estéril parecia se estender para sempre.

— No mundo real, ou, tipo, no mundo de sonhos?

O Príncipe do Fosso inclinou a cabeça, mais animalesco do que humanoide.

— Mundo de sonhos. Ou no que você considera serem sonhos.

Bryce não entraria naquela conversa.

— Tudo bem, então. Hã… um prazer conhecer você.

Apollion curvou os lábios em um sorriso.

— Você não se acovarda diante de mim.

— Aidas meio que estragou sua vibe de monstro assustador.

Uma gargalhada desalmada.

— Meu irmão tende a ser uma pedra no meu sapato.

— Talvez ele devesse se juntar a esta conversa.

— Aidas ficaria irritado comigo por falar com você. Por isso escolhi este momento, quando ele está convenientemente ocupado.

— Com o quê?

— Erguendo os exércitos do Inferno. Preparando-os.

O fôlego de Bryce falhou.

— Para invadir Midgard?

— Está previsto há muito tempo.

— Vou lhe fazer um pedido em nome de meu planeta e dizer, por favor, fique no seu próprio mundo.

Outro repuxar da boca.

— Você não confia em nós. Ótimo. Theia confiou. Foi a ruína dela.

— A Rainha Estrelada?

— Sim. O grande amor de Aidas.

Bryce se espantou.

— A *o quê* dele?

Apollion gesticulou com a mão larga para o mundo em ruínas ao seu redor.

— Por que acha que eu matei Pelias? Por que acha que eu devorei Sirius? Tudo por ele. Meu tolo irmão apaixonado. Com tanto ódio devido à morte de Theia pelas mãos de Pelias. Sua loucura nos custou uma fase da guerra.

Bryce precisou piscar.

— Desculpe, mas por favor volte o filme. Você me convocou para este sonho para me contar que Aidas, Príncipe do Desfiladeiro, foi amante de Theia, a primeira Rainha Estrelada, embora eles fossem inimigos?

— Eles não eram inimigos. Nós éramos aliados dela. Ela e algumas das suas forças feéricas se aliaram a nós… contra os asteri.

A boca de Bryce secou.

— Por que ele não me contou isso? Por que *você* está me contando isso?

— Por que você ainda não dominou seus poderes? Eu fui muito objetivo: disse a seu parceiro que vocês dois devem explorar seu potencial.

— Você mandou aqueles ceifadores atacarem Ruhn e eu?

— Que ceifadores? — Bryce podia jurar que sua confusão era sincera.

— Os que me disseram exatamente a mesma coisa, para dominar meus poderes.

— Eu não fiz nada disso.

— Foi o que o Sub-Rei falou. Estou achando que um de vocês está mentindo.

— Este é um debate inútil. E não gosto de ser chamado de mentiroso. — Ameaça pura envolveu as palavras.

Bryce, no entanto, se preveniu.

— Você está certo… esse não é um debate útil. Então responda à minha pergunta: por que Inferno você está me contando essas coisas sobre Aidas e Theia? — Se estivesse falando a verdade, e o Inferno não tivesse sido inimigo deles naquela época… De qualquer que fosse o lado que Theia tivesse governado, estivera… contra os asteri. E Pelias a matara, lutando *pelos* asteri.

A mente de Bryce girava. Não era à toa que ninguém sabia sobre Theia. Os asteri provavelmente haviam apagado a rainha da história.

Mas uma rainha feérica tinha amado um príncipe demônio. E ele a amara o bastante para…

— Estou contando isso porque você está correndo sem pensar em direção à sua ruína. Estou contando isso porque esta noite o véu entre nossos mundos é mais fino, e finalmente posso falar com você.

— Você falou com Hunt antes.

— Orion foi criado para ser receptivo a nosso tipo. Por que acha que ele é tão bom em nos caçar? Mas isso não importa. Esta noite, eu posso aparecer para *você*, como mais do que uma visão. — Estendeu a mão, e Bryce se encolheu quando ele a tocou. *Tocou* de verdade, como gelo tão frio que doeu. — O Inferno está quase pronto para acabar essa guerra.

A fêmea recuou um passo.

— Eu sei o que vai me pedir, e minha resposta é *não*.

— Use o chifre. O poder que Athalar dá a você pode ativá-lo. — Seus olhos dançaram com tempestades. — Abra as portas do Inferno.

— De porra de jeito nenhum.

Apollion riu, baixo e letal.

— Que decepção. — A planície que tinha sido Parthos começou a se dissipar em nada.

— Venha me encontrar no Inferno quando descobrir a verdade.

* * *

Ithan se virou devagar, olhando para as sombras onde o Sub-Rei tinha estado… e sumido.

— Não saia desse lugar — avisou Hypaxia, a voz baixa. — Consigo sentir o poder dele a nossa volta. Ele transformou esta clareira em um labirinto de feitiços de proteção.

Ithan farejou, como se aquilo fosse lhe dar alguma noção de que Inferno estava falando. Mas nada parecia ter mudado. Nenhuma criatura saltou contra eles. Mesmo assim, disse:

— Farei o que você mandar.

Hypaxia observou o céu.

— Ele também conjurou feitiços acima de nós. Para nos manter no chão. — A bruxa franziu o nariz. — Certo. A pé, então.

Ithan engoliu em seco.

— Eu, hã… vigio sua retaguarda?

Hypaxia riu.

— Apenas me acompanhe, por favor.

O lobo deu a ela um sorriso determinado.

— Pode deixar.

Ithan se preparou quando Hypaxia deu um passo adiante, a mão estendida. Seus dedos recuaram diante de qualquer que fosse o feitiço de proteção que tivesse encontrado, bem no momento em que um grunhido baixo soou das árvores adiante.

Os pelos de sua nuca se arrepiaram. Os sentidos de lobo de Ithan diziam que não era o grunhido de um animal. Mas parecia… faminto.

Outro ondulou de perto. Então outro. De todos os lugares.

— O que é isso? — sussurrou Ithan. Até mesmo seus olhos vanir fracassavam em penetrar a escuridão.

As mãos de Hypaxia brilharam com magia incandescente. Não tirou os olhos das árvores adiante deles.

— Os cães de caça da Casa de Chama e Sombra — disse soturnamente, antes de bater com a mão no feitiço de proteção diante deles.



— Ele era um pesadelo de tão controlador — reclamava Bryce no dia seguinte enquanto estava com Hunt, Ruhn e Declan no centro de treino do Aux durante seu horário de almoço. Tharion estava deitado jogado em um banco contra a parede, tirando uma soneca. Cormac, de pé do outro lado do espaço, franzia a testa.

Seu irmão estava pálido.

— Você acha mesmo que Theia e um bando de feéricos se aliaram ao Inferno durante a guerra? — Bryce suprimiu um tremor de frio ao se lembrar.

— Quem sabe o que é verdade?

Do outro lado do salão amplo e vazio, Hunt esfregava a mandíbula. A fêmea nem mesmo mencionara o que Apollion tinha dito: a anedota sobre Hunt ter sido *criado*. Bryce lidaria com aquilo mais tarde. Hunt refletiu:

— Qual é o benefício em nos convencer de uma mentira? Ou da verdade também, suponho. Tudo o que importa é que o Inferno está definitivamente em movimento.

— Podemos parar por um momento e frisar que você *falou* com o Príncipe do Fosso? Ninguém mais está enjoado ao pensar nisso? — Declan falou.

Ruhn levantou a mão, e Tharion preguiçosamente ergueu a própria do banco, mas Bryce fez um high-five em Hunt.

— Clube das crianças especiais — disse ao anjo, que piscou um olho para ela. Bryce saltou um passo para trás, acumulando seu poder. — De novo. — Já estavam ali há vinte minutos, treinando.

O relâmpago de Hunt se acendeu na ponta de seus dedos, Bryce afastou os pés.

— Pronta? — perguntou.

Tharion se virou para assistir, apoiando a cabeça em um punho. Bryce o olhou com raiva, mas o tritão apenas ergueu as sobrancelhas em encorajamento.

Bryce encarou Hunt de novo, no mesmo instante em que o anjo atirou seu relâmpago como uma lança. O relâmpago zuniu contra o peito da fêmea, um golpe direto, e então ela brilhou, poder cantando, disparando…

Sessenta centímetros diante das janelas.

Assim que pensou no comando, Bryce apareceu no espaço. Exatamente a sessenta centímetros das janelas. *Recue trinta centímetros diante de Hunt.*

Apareceu na frente do anjo tão subitamente que o fez cambalear para trás.

Ruhn. Bryce se moveu de novo, mais devagar dessa vez. No entanto, seu irmão gritou.

Declan se preparou, como se achasse que fosse ser o próximo, então Bryce pensou: *trinta centímetros atrás de Hunt.*

Beliscou a bunda do parceiro tão rápido que Hunt não teve tempo de se virar antes de Bryce se mover de novo. Dessa vez para a frente de Declan, que soltou um palavrão quando a fêmea o cutucou nas costelas, então se teletransportou mais uma vez.

Cormac chamou de onde estava de pé no canto mais afastado:

— Você está ficando mais lenta. — Estava mesmo. Droga, ela *estava.* Bryce concentrou seu poder, a energia de Hunt. Apareceu diante do banco de Tharion, mas o tritão estava esperando.

Rápido como um tubarão em ataque, Tharion agarrou o rosto de Bryce e tascou um beijo ruidoso em seus lábios.

A gargalhada de Hunt ecoou pelo espaço. Bryce se juntou a ele, batendo no tritão para afastá-lo.

— Lenta demais, Pernas — disse Tharion morosamente, Tharion, recostando no banco e cruzando um tornozelo sobre um joelho. Passou um braço pelo encosto do banco de plástico. — Previsível demais.

— De novo — ordenou Cormac. — Foco.

Bryce tentou, mas seus ossos pesavam. Tentou de novo, sem sucesso.

— Chega.

— Concentre-se, e você aguentará mais tempo. Você usa demais de uma só vez, e não guarda energia para depois.

Bryce colocou as mãos no quadril enquanto ofegava.

— Seu teletransporte funciona diferente do meu. Como pode saber disso?

— O meu vem de uma fonte de magia também. Energia, apenas de uma forma diferente. Cada salto exige mais de mim. É um músculo que você precisa fortalecer.

Fez uma careta, limpando a testa ao caminhar de volta até Hunt.

— Parece que ele está certo — disse Declan a Bryce. — Seu teletransporte funciona quando seu poder é carregado por energia… considerando o que eu ouvi sobre o quão rapidamente você ficou sem combustível com Hypaxia, Hunt é a melhor forma de canalizá-lo.

— É isso mesmo — grunhiu Hunt e Bryce lhe deu um tapa no braço.

— Acha que o poder vai… permanecer em mim se eu não o usar? — perguntou a Dec.

— Acho que não — respondeu Dec. — Seu poder veio do Portão… com uma porrada de primalux misturada a ele. Então sua magia… além da luz, quero dizer… precisa ser recarregada. Ela depende de primalux, ou de qualquer outra forma de energia que obtenha. Você é literalmente um Portão: pode receber poder e oferecê-lo. Mas parece que a semelhança acaba aí. Os Portões podem armazenar poder indefinidamente, enquanto o seu nitidamente se esgota depois de um tempo. — Virou-se para Hunt. — E seu poder, Athalar, como é pura energia, é capaz de tirar de Bryce, como ela fez com o Portão. Bryce, quando você tira de uma fonte, é o mesmo modo como os Portões puxam com um choque o poder das pessoas que o utilizam para se comunicar.

Bryce piscou.

— Então eu sou, tipo, uma sanguessuga mágica?

Declan gargalhou.

— Acho que somente de alguns tipos de magia. Formas de energia pura. Acrescente o chifre a isso, que depende de uma descarga de poder para ser ativado…

— E você é um risco — disse Ruhn, taciturno. Tharion grunhiu em concordância.

Declan esfregou o queixo.

— Você disse a Ruhn depois do ataque que Hypaxia mirou em sua cicatriz para supercarregar seus poderes, certo? Eu me pergunto o que aconteceria se você fosse atingida no chifre.

— Que tal não descobrirmos? — disse Bryce rapidamente.

— De acordo — falou Cormac do outro lado da sala. Apontou para a pista de obstáculos que tinha disposto no centro do espaço. — De volta ao trabalho. Siga o percurso.

Bryce se virou para o príncipe avalleno e disse o mais casualmente possível:

— Estou chocada por você sequer estar aqui.

Cormac disse, em um tom gélido:

— Porque você decidiu terminar com nosso noivado sem me consultar?

Hunt murmurou para ela:

— Tudo para evitar o treinamento, não é?

Ela olhou com raiva para o parceiro, principalmente quando Ruhn riu, mas disse a Cormac:

— Eu não tive outra escolha.

Sombras ondularam em torno de Cormac.

— Você poderia ter me avisado enquanto estava tramando.

— Não teve trama. Athalar e eu decidimos, então apenas esperamos.

O príncipe avalleno grunhiu baixinho. Hunt rebateu com um grunhido de aviso próprio. Tharion não disse nada, mas Bryce sabia que o tritão estava monitorando cada fôlego e palavra. Cormac, no entanto, não tirou os olhos dela.

— Você tem ideia de como foi o telefonema do meu pai?

— Presumo que tenha sido semelhante ao Rei Outonal me dizendo que sou uma vadiazinha?

Cormac balançou a cabeça.

— Vamos deixar bem evidente: só estou aqui hoje porque estou muito ciente de que, se não viesse, seu irmão cessaria o contato com a Agente Daybright.

— Fico lisonjeado por você me conhecer tão bem — disse Ruhn, arrastado, os braços cruzados. Havia se movido para uma posição do outro lado de Cormac, sem que Bryce sequer notasse. Posicionando-se entre o príncipe avalleno e a fêmea. Ah, pelo amor.

Cormac o olhou com raiva, mas então se concentrou em Bryce de novo.

— Estou disposto a esquecer desde que você não me surpreenda de novo. Já temos inimigos demais.

— Primeiro — disse —, não me dê condições. Segundo… — Fez um gesto de examinação de seus braços expostos. — Nada nas mangas. Mais nenhum segredo escondido, eu juro.

Exceto pelo detalhe sobre Emile. Hunt deu a Bryce um olhar sarcástico, como se dissesse *Mentirosa*, mas ela o ignorou.

Cormac, no entanto, não o fez. Ao ver aquele olhar, o príncipe avalleno disse:

— Tem mais alguma coisa.

— Não.

Até mesmo Ruhn agora erguia as sobrancelhas para ela. Hunt falou, casualmente:

— Não seja paranoico.

— Vocês têm alguma coisa planejada — insistiu Cormac. — Porra, me conte.

— Não tenho nada planejado — disse Bryce —, além de entender essa merda de teletransporte.

Em um momento, Cormac estava olhando dela para Hunt. No seguinte, havia sumido.

Apenas para aparecer de novo às costas de Bryce com uma faca contra seu pescoço.

Bryce enrijeceu.

— Qual é, Cormac. Não tem necessidade disso. — Relâmpago brilhou nos olhos de Hunt. Ruhn tinha sacado a própria arma.

Tharion continuava jogado no banco, mas… havia uma faca agora brilhando em sua mão. Sua atenção estava fixa no príncipe avalleno.

— *Me conte* — grunhiu Cormac, e metal frio espetou seu pescoço.

Tentando não respirar fundo demais, Bryce colocou um dedo na lâmina.

— Eu fiz a Descida. Vou sobreviver.

Cormac sibilou.

— Me conte que porra você planejou ou vai perder a cabeça. Boa sorte fazendo uma nova crescer.

— Se tirar sangue, você perde a sua cabeça também — grunhiu Hunt, em uma ameaça mortal.

Podia cegar Cormac, supôs Bryce. Mesmo assim, será que suas sombras amorteceriam o impacto? Duvidava que ele fosse matá-la de verdade, mas se ao menos tentasse… Hunt definitivamente atacaria. Ruhn também.

E ela teria uma confusão ainda maior nas mãos.

Então Bryce falou:

— Tudo bem. É sobre Emile.

Hunt se sobressaltou. Tharion também, quando o tritão disse:

— Bryce.

Cormac não tirou a faca de seu pescoço.

— *O que* tem Emile?

— Eu o encontrei. No armazém da Rainha Víbora. — Suspirou alto. — Descobri que ele estava lá, que todos os répteis e coisas nojentas nos pântanos tinham contado a ela onde ele estava e que ela foi atrás dele. Foi ela quem matou as pessoas que o ajudaram, e pretendia controlar o menino. Mas, quando fui ao armazém há dois dias, ele já tinha ido embora.

Cormac a virou para si com mãos brutas.

— Ido para onde?

— Algum lugar seguro. Pelo visto a Víbora se comoveu a colocá-lo sob os cuidados de gente que cuidaria dele.

— *Quem*? — O rosto dele estava branco de ódio. Os olhos de Tharion tinham se arregalado.

— Não sei. Ela não me diria.

— Então vou fazer com que ela diga para *mim*.

Ruhn gargalhou.

— Ninguém obriga a Rainha Víbora a fazer nada.

Em sua mente, o irmão disse: *Cormac pode não conhecer você bem o bastante para saber quando está mentindo, mas eu conheço.*

Não é mentira. Emile está seguro.

Ele só não está onde você alega.

Ah, ele estava com a Rainha Víbora. E agora está em outro lugar.

Cormac balançou a cabeça.

— Por que a Rainha Víbora teria algum interesse naquele menino?

— Porque ela gosta de colecionar seres poderosos para lutar nos ringues dela — disse Hunt. — Agora abaixe a porra da faca.

Para o alívio de Bryce, o príncipe abaixou a faca de seu pescoço com um simples girar da lâmina.

— Mas por que ela abriria mão de alguém tão poderoso, se ela gosta de usá-los nas lutas?

— Porque Emile não tem poderes. — Bryce falou.

Está de sacanagem comigo? perguntou Ruhn.

Não. O menino é completamente humano.

Os olhos de Cormac se semicerraram.

— Sofie disse…

— Ela mentiu — disse a fêmea.

Cormac curvou os ombros.

— Eu preciso encontrá-lo. Não deveria ter adiado interrogar Spetsos…

— Emile está seguro e sendo bem cuidado — interrompeu Bryce —, e isso é tudo que você precisa saber.

— Eu devo a Sophie…

— Você deve a Sophie manter Emile fora dessa rebelião. Sua vida dificilmente é o que eu chamaria de um ambiente estável. Deixe que ele permaneça escondido.

Cormac disse a Tharion:

— O que *você* vai dizer a sua rainha?

Tharion deu a ele um sorriso ríspido.

— Absolutamente nada. — Uma ameaça de violência fervilhava sob as palavras. Se Cormac sussurrasse qualquer coisa às sereias, à Rainha do Rio, o príncipe avalleno se encontraria em um túmulo de água.

Cormac suspirou. E, para o choque de Bryce, disse:

— Peço desculpas pela faca. — Para Hunt, falou: — E peço desculpas por ameaçar sua parceira.

Ruhn perguntou:

— Eu não ganho um pedido de desculpas? — Cormac fervilhou, mas Ruhn sorriu.

Bryce pegou Hunt a observando, a expressão de orgulho. Como se tivesse feito uma coisa honrada. Foi sua a delicada trama de mentiras e verdades?

— Desculpas aceitas — disse Bryce, obrigando-se a soar mais animada. Fugindo do tópico de Emile. — Agora, de volta ao treino.

Cormac deu de ombros, apontando para os pontos em que tinha marcado X com fita no chão, sobre cadeiras, sobre colchões empilhados, sob uma mesa.

Bryce resmungou, mas os observou, registrando o circuito que tomaria.

— Bem, isso foi emocionante — anunciou Tharion, gemendo ao ficar de pé. — Certo. Estou de saída.

Hunt arqueou uma sobrancelha.

— Para onde?

— Tecnicamente, ainda estou empregado pela Rainha do Rio. Independentemente do que tenha acontecido com Emile, há outras questões com que lidar.

Bryce deu tchau para ele. Ruhn, no entanto, falou:

— Jantar hoje à noite?

Tharion piscou um olho.

— Com certeza. — Então saiu andando pelas portas de metal e sumiu.

— Tudo bem, Athalar — murmurou Bryce depois que o tritão fechou as portas. — Hora de subir de nível.

Hunt gargalhou, mas seu relâmpago se acendeu de novo.

— Vamos nessa, Vossa Alteza.

Havia alguma coisa no modo como o anjo dizia *Vossa Alteza* que fez com que Bryce percebesse que a expressão em seu rosto um momento antes não tinha sido de orgulho de sua manipulação, mas sim orgulho da forma como ela havia amenizado as coisas sem violência. Como se Athalar achasse que ela realmente pudesse merecer o título que agora carregava.

Bryce guardou esse pensamento. Quando o raio se chocou contra seu peito, já estava correndo.

* * *

Apesar da exaustão que pesava seus ossos, apesar da urgência que tinha enviado Hypaxia e ele até ali, Ithan não podia evitar de olhar boquiaberto da porta para a baladeira que havia amado se movendo pelo espaço de treino do Aux como o vento, sumindo e aparecendo como queria. Ao seu lado, Hypaxia monitorava os feitos notáveis, estudando Bryce com atenção.

Bryce terminou a pista de obstáculos e parou ao lado de Hunt, agachando-se para tomar fôlego.

Hypaxia pigarreou, entrando no ginásio. Até mesmo a rainha parecia… desarrumada depois da noite apavorante e sem fim que tiveram.

Tinham passado por Tharion na saída. O tritão falava em voz baixa com alguém ao telefone, havia erguido as sobrancelhas com preocupação ao ver a sujeira e o suor dos dois. Mesmo assim, quem quer que estivesse ao telefone devia ser importante o suficiente para que o macho não pudesse desligar, e Tharion apenas continuou depois que Hypaxia deu a ele um gesto que pareceu assegurá-lo de que ela estava bem. O tritão parou e olhou por cima de um ombro para Ithan, como se precisasse que ele confirmasse a afirmação da rainha, mas Ithan não tinha nada a oferecer. O que Inferno ele poderia dizer? Não estavam bem. De modo nenhum. Então tinham deixado Tharion no corredor, o tritão olhando-os por um longo momento.

— O que foi? — perguntou Ruhn a Ithan, acenando em cumprimento a Hypaxia. Então o príncipe olhou uma segunda vez. — O que Inferno aconteceu com vocês dois? Achei que estavam conjurando Connor.

Os outros no espaço do treino pararam.

— Sim, tentamos conjurar Connor Holstrom ontem à noite — disse Hypaxia, em tom sério.

Bryce empalideceu ao correr até eles.

— O que aconteceu? Connor está bem? Vocês estão bem?

A garganta de Ithan oscilou.

— Ah…

Hypaxia respondeu por ele:

— Nós não encontramos Connor. O Sub-Rei atendeu.

— O que aconteceu? — perguntou Bryce de novo, a voz se elevando.

Ithan a encarou. Somente o lobo predador lampejou ali.

— Ele nos prendeu por diversão. Mandou os cães-pesadelo da Chama e Sombra atrás de nós e nos prendeu em um pomar de oliveiras com eles usando feitiços de contenção. Hypaxia ficou até agora procurando uma saída dos feitiços que não nos deixaria em frangalhos, mas estamos bem. — Ruhn se virou alarmado para sua noiva e a rainha-bruxa assentiu solenemente, com sombras nos olhos. Ithan esfregou o rosto antes de acrescentar: — Ele quer ver você no Templo de Urd.

O relâmpago de Hunt faiscou na ponta de seus dedos.

— Porra, não.

Ithan engoliu em seco.

— Você não tem escolha. — Virou-se, suplicante e exausto, para Bryce. — Connor está seguro por enquanto, mas, se não aparecer dentro da próxima hora, o Sub-Rei vai jogá-lo com o resto da Matilha dos Demônios pelo Portão imediatamente. Ele vai transformar todos em secundalux.



Tharion passeava pelo Mercado da Carne, casualmente olhando as barracas. Ou pelo menos tentava parecer casual. Enquanto observava uma variedade de pedras da sorte, mantinha o ouvido atento. Na confusão do meio do dia, a variedade habitual de delinquentes tinha ido até lá para almoçar, fazer compras ou transar e, àquela altura, eles provavelmente teriam entornado pelo menos alguns drinques. O que significava línguas soltas.

Ouvi dizer que a vadia já está grávida, resmungou um sátiro para outro enquanto estavam sentados em torno de um barril convertido em mesa, kebabs defumados parcialmente comidos à sua frente. *Ephraim anda comendo ela direitinho.*

Tharion afastou seu nojo ao ouvir as palavras grosseiras. Odiava aquela palavra, *vadia.* Quantas vezes tinha sido atirada à sua irmã sempre que se aventurava na *Superfície*? Sempre rira como se ignorasse, e Tharion ria com ela, mas agora… Ignorou a pontada de culpa e foi para a próxima barraca, cheia de vários tipos de cogumelos das florestas úmidas do nordeste.

Verificou o celular, a breve troca de mensagens entre Pax e ele.

O que aconteceu? Você está bem? Escrevera quase uma hora antes, depois de esbarrar com ela e Holstrom no corredor do centro de

treino do Aux. Estava suja e de aparência cansada, e Tharion não conseguira sequer perguntar se ela estava bem, porque falava ao telefone com a Rainha do Rio, querendo atualizações sobre Emile.

Motivo pelo qual ele fora até ali. Para manter a mentira de que estava atrás do menino. Decidiu que ouviria um pouco as conversas fiadas enquanto fingia, no entanto, ouvir as fofocas dos pervertidos da cidade.

O celular vibrou, Tharion leu a mensagem na tela antes de suspirar. Hypaxia tinha escrito: *Estou bem. Só um teste da Chama e Sombra.*

Não gostava nada daquilo, mas o que Inferno poderia fazer com relação a tudo?

— O juba-de-leão está na estação — disse o gnomo empoleirado em um banquinho atrás dos cestos de fungos, tirando Tharion dos próprios pensamentos. — O morchella acabou de sair, mas ainda tenho um cesto.

— Só estou dando uma olhadinha — disse Tharion, lançando um sorriso para o macho de bochechas rosadas e cabeça vermelha.

— Me avise se tiver alguma dúvida — disse o gnomo. Tharion mais uma vez voltou sua atenção para as mesas às suas costas.

A luta de ontem à noite foi brutal. Não restou nada daquele leão depois…

Eu bebi tanto que nem me lembro de quem Inferno eu estava comendo…

… aquela dragoa acabou com eles. Só brasas…

Eu preciso de mais café. Eles deveriam nos dar o dia de folga depois de um feriado, sabe?

Tharion ficou imóvel. Virou-se devagar, encontrando o falante que chamou a atenção dele.

Dragoa.

Bem, *aquilo* era interessante. E… uma sorte.

Ficara deitado no banco enquanto Pernas treinava, precisando da companhia de outros como uma distração do tremor de nervos após a noite anterior. Havia transado com a metamorfa de leopardo nas sombras do jardim. Tinha gostado de cada segundo, ela também, levando em consideração seus dois orgasmos.

Talvez ele tenha dado as costas à filha da Rainha do Rio na noite anterior, mas não tinha contado isso à soberana. Até onde ambas sabiam, e a julgar pelo tom de voz da primeira ao telefone mais cedo

quando ligou para perguntar sobre a caçada por Emile, os dois ainda estavam noivos. Contudo, se alguma delas descobrisse…

Se descobrissem, não seria conveniente ter uma dragoa para oferecer como presente de desculpas? Uma dragoa não seria perfeita no lugar de Emile?

* * *

— Este lugar não é tão divertido quando se está sóbrio — observou Flynn atrás do tritão trinta minutos depois, quando se aproximou em roupas civis, precisamente como Tharion tinha pedido. O traje mal escondia a arma presa na parte de trás de seu short.

Tharion não ousara dizer muito ao telefone quando pediu ao lorde feérico que o encontrasse ali. E, embora Flynn pudesse agir como um universitário despreocupado, Tharion sabia que era esperto demais para arriscar fazer perguntas em uma linha de telefone aberta.

Tharion se levantou da mesa entre as barracas de comida, onde estivera tomando café e arquivando antigos e-mails, e começou a caminhar despreocupadamente pelo mercado. Tão baixo que ninguém, nem mesmo o metamorfo de feneco trabalhando uma fileira adiante, conseguiria ouvir, disse:

— Eu encontrei uma coisa na qual você pode estar interessado.

Flynn fingiu digitar ao celular.

— Ah, é?

Tharion murmurou pelo canto da boca.

— Lembra quando sua nova melhor amiga de… temperamento quente sumiu?

— Você encontrou Ari? — A voz de Flynn tinha se tornado perigosamente solene. Uma voz que poucos jamais ouviam, Tharion sabia. A não ser que eles estivessem prestes a morrer.

Tharion apontou para a passarela de madeira construída acima do mercado. Que dava para uma porta comum que ele sabia que se abria para um longo corredor. Dois guardas feéricos de rosto impassível, armados com rifles semiautomáticos, estavam diante dela.

— Tenho um vago palpite de onde ela possa estar.

Agora ele precisava descobrir como levar a dragoa para a Profundeza.

* * *

Tharion olhou para o corredor de madeira vazio conforme caminhavam pelas tábuas desgastadas, dirigindo-se para uma porta arredondada no final. Parecia a entrada de um cofre, ferro sólido que não refletia a primalux tênue.

Foram parados à primeira porta pelos guardas da Rainha Víbora. Flynn tinha grunhido para eles, mas os machos o haviam ignorado, os olhos zonzos devido à droga não piscaram quando se comunicaram por rádio com a líder. O fato de que Tharion sequer conhecia aquela porta indicava aos guardas que ele era importante o suficiente para merecer uma ligação.

E ali estavam eles. Prestes a entrar no ninho da Rainha Víbora.

A imensa porta de cofre se abriu quando estavam a cerca de três metros de distância, revelando tapetes vermelhos ornamentados — definitivamente traskianos — sobre pisos de mármore, três janelas altas com cortinas pesadas de veludo preto presas por correntes de ouro e sofás baixos ao estilo de espreguiçadeiras.

A Rainha Víbora estava sentada em um deles usando um macacão branco, os pés descalços, as unhas dos pés pintadas de um roxo tão escuro que era quase preto. Da mesma cor do batom dela. As unhas das mãos com ponta dourada, no entanto, reluziram à luz tênue quando ela levou um cigarro à boca e soprou fumaça.

Ao lado dela, esparramada no sofá…

Tharion estava certo. A Rainha Víbora gostava mesmo de colecionar lutadores valiosos.

— Ari — disse Flynn, tenso, parando logo depois da porta. O cheiro de raiz-alegre pairava forte no ar, junto com um cheiro secundário enjoativo que Tharion só podia presumir ser outra droga.

A dragoa, usando legging preta e uma regata preta justa, não tirou os olhos da imensa TV instalada acima da lareira escura do outro lado da sala. Contudo, respondeu:

— Tristan.

— Bom ver você — disse Flynn, com a voz perigosamente grave que tão poucos viviam para contar. — Que bom que você está inteira.

A Rainha Víbora gargalhou, e Tharion se preparou.

— O leão que ela enfrentou ontem à noite não pode dizer o mesmo. Mesmo confinada à forma humanoide, ela é… formidável.

Tharion deu um sorriso afiado para a governante do Mercado da Carne.

— Você a capturou? — Precisava saber como a fêmea havia conseguido. Ao menos para poder fazer o mesmo sozinho.

Os olhos de cobra da Rainha Víbora brilharam com um verde quase néon.

— Não estou envolvida com tráfico de escravizados. Diferente de algumas pessoas que conheço. — Riu para Ariadne. A dragoa continuava encarando a TV com determinação. — Ela me procurou e pediu asilo depois de perceber que não havia lugar em Midgard em que poderia fugir de seu captor. Chegamos a um acordo que atendia a nós duas.

Então a dragoa tinha ido por vontade própria. Talvez conseguisse convencê-la a ir para a Profundeza. Seria um Inferno mais fácil.

Mesmo que, depois de levá-la até lá, a fêmea jamais saísse.

— Você prefere estar aqui — perguntou Flynn à dragoa —, lutando no poço dela do que com a gente?

— Vocês me jogaram para função de guarda-costas — disparou Ari, tirando a atenção da TV para Flynn. Tharion não invejou o macho quando a dragoa fixou seu olhar incandescente. — Isso é melhor do que lutar no poço?

— Hã, é? Melhor pra caralho.

— Você soa como alguém que se acostumou com uma vida parada cheia de poeira — disse Ari, virando-se de novo para a TV.

— Você ficou presa dentro de um *anel* por somente os deuses sabem quanto tempo — explodiu Flynn. — Que Inferno você sabe sobre qualquer coisa?

Escamas derretidas fluíram sob a pele dela, então sumiram. Seu rosto permaneceu plácido. Tharion desejou ter um balde de pipoca. No entanto, viu os olhos semicerrados da Rainha Víbora sobre si.

— Eu me lembro de você: irmã morta. Metamorfo descontrolado — disse friamente.

Tharion suprimiu o lampejo de ira diante da referência casual a Lesia, e deu à metamorfa viperina seu sorriso mais charmoso.

— Esse sou eu.

— E o Capitão da inteligência da Rainha do Rio.

— O próprio. — Deu uma piscadinha. — Podemos trocar uma palavra?

— Quem sou eu para negar os desejos do amado da filha da Rainha do Rio? — Tharion ficou tenso, e os lábios roxos da Rainha Víbora se curvaram, o corte Chanel preciso balançando quando se levantou. — Não frite o fadinha — disse para Ariadne, então curvou o dedo para Tharion. — Por aqui.

A rainha o levou por um corredor estreito cheio de portas. Conseguia ver adiante que o corredor se abria para outro cômodo. Tudo o que ele conseguia discernir dali eram mais tapetes e sofás conforme eles se aproximaram.

— E então, tritão?

Tharion bufou e soltou uma gargalhada.

— Algumas perguntas.

— Vamos lá. — Bateu a cinza do cigarro em um cinzeiro de vidro sobre a mesa de centro.

Abriu a boca, mas os dois haviam chegado ao cômodo do outro lado do corredor. Era quase idêntico ao outro, as janelas davam para o poço de luta.

Sentada em um dos sofás, com uma pilha de pó branco que parecia muito com caça-luz em uma pequena balança de bronze sobre a mesa diante dela…

— Deixe-me adivinhar — disse Tharion em tom arrastado para a Harpia, que tirou a cabeça de onde um macho feérico pesava as drogas —, não é seu, é para um amigo.

Os olhos escuros da Harpia se semicerraram em aviso quando se levantou devagar.

— Veio me delatar, peixe?

Tharion abriu um sorriso aos poucos.

— Só estou fazendo uma visita amigável.

Olhou a Rainha Víbora ameaçadoramente. A fêmea enfiou as mãos nos bolsos e encostou-se na parede mais afastada.

— Você me entregou?

— Esse pedaço de mau caminho entrou por acaso. Queria trocar uma palavra. Ele conhece as regras.

Tharion conhecia. Aquele era o espaço da Rainha Víbora. Sua palavra era a lei. O macho tinha tão pouca autoridade sobre ela quanto sobre os asteri. E, se tentasse alguma coisa, ela possuía tanta autoridade quanto os asteri para acabar com o tritão. Provavelmente atirando-o no poço para ver quantos lutadores eram precisos para matá-lo.

Tharion indicou a porta em uma reverência debochada.

— Não vou incomodar você.

A Harpia olhou para o macho que agora colocava sua caça-luz a colheradas dentro de uma sacola de veludo preto forrada de plástico.

— Serviço VIP, hein? — disse Tharion à Rainha Víbora, cujos lábios se curvaram novamente.

— Apenas o melhor para meus clientes mais valiosos — falou ainda encostada à parede.

A Harpia tirou a sacola do macho feérico, suas asas pretas farfalhando.

— Fique de boca fechada, tritão. Ou vai acabar em pedacinhos como sua irmã.

Tharion soltou um grunhido baixo.

— Continue falando, bruxa, e vou mostrar a você o que eu fiz com o macho que a matou.

A Harpia riu, guardando as drogas no bolso do casaco, e saiu, asas como uma nuvem preta atrás.

— Comprando ou vendendo? — perguntou a Rainha Víbora em voz baixa quando o macho feérico empacotou suas drogas e balança e sumiu.

Tharion se virou para ela, desejando que o ódio que dominava seu temperamento se amainasse.

— Você sabe que aquela psicopata fez Águias de Sangue em dois rebeldes, não sabe?

— Por que acha que a convidei para ser cliente? Alguém que faz esse tipo de merda precisa aliviar a tensão. Ou mantê-la, suponho.

Tharion estremeceu para afastar o nojo.

— Ela falou com você sobre o que aqueles rebeldes estavam fazendo nesta cidade?

— Está me pedindo para bancar a espiã, capitão?

— Estou perguntando se você ouviu alguma coisa sobre a Ophion, ou uma comandante chamada Pippa Spetsos. — O tritão precisava saber se e quando Pippa e a sua unidade Ocaso agiriam, mesmo sem o protótipo do mec-traje. Se pudesse salvar vidas inocentes naquela cidade, ele salvaria.

— É óbvio que sim. Todos ouviram falar da Ophion.

Tharion trincou os dentes.

— Sabe o que eles estão tramando?

A rainha deu um longo trago no cigarro.

— Informação não é de graça.

— Quanto?

— A dragoa é boa para os negócios. — Seus olhos de cobra não desviaram dos de Tharion. — A luta de ontem à noite trouxe muito dinheiro. Eu fiz um acordo com ela: ela vai ficar com uma porção dos lucros de suas vitórias, com isso ela pode comprar a própria liberdade.

— Você não é dona dela. — Não importava que *ele* quisesse entregar a dragoa para sua rainha como…

Porra, como uma escravizada.

— Não, não sou. Por isso vou precisar que você resolva qualquer que tenha sido a merda que seus amigos e o advogado deles inventaram para o Astrônomo. Alguma coisa sobre apreensão real? — A Rainha Víbora admirou suas unhas imaculadas. — Diga a todos que ela lutar aqui é uma questão de segurança imperial.

— Ninguém vai acreditar nisso. — E, porra, ele precisava daquela dragoa. Precisava dela como uma estratégia de saída da situação com Emile. E qualquer efeito colateral por abandonar a filha da rainha.

— As pessoas acreditam em qualquer coisa quando apresentada corretamente.

Tharion suspirou para o teto espelhado. A dragoa tinha pelo menos concordado com estar ali, com lutar por sua liberdade, mas…

A Rainha Víbora disse, como se de alguma forma lesse ou adivinhasse os pensamentos dele:

— Mesmo nessa forma humanoide, ela pode transformar você em cinzas se você tentar levá-la para a Corte Azul. — Tharion fez cara de ódio, mas não disse nada. A fêmea prosseguiu: — Você e seu

grupinho de amigos andam terrivelmente agitados ultimamente. Eu posso ter permitido Quinlan me convencer a fazer uma barganha pelo menino, mas não tenho planos de deixar essa dragoa escapulir das minhas mãos. — Um sorriso ardiloso. — Seus tolos, deveriam ter mantido a coleira dela mais curta.

Tharion sorriu da mesma forma.

— Não é decisão minha se ela pode ficar aqui ou não.

— Consiga que seus amigos reais e a equipe legal deles inventem alguma merda e estaremos de acordo, tritão.

Porra. Tharion ia mesmo sair dali de mãos vazias, não ia? Sua mente acelerou tentando pensar em algum outro prêmio para levar de volta à sua rainha, alguma coisa para salvar sua pele…

Pensaria nisso depois. Quando não estivesse na frente de uma vanir notoriamente letal.

Tharion suspirou e disse:

— Se a dragoa concordar, então tanto faz. Vamos inventar alguma merda.

— Ela já concordou. — Outro sorriso malicioso.

— Então me diga o que Spetsos anda tramando. — Se pudesse demonstrar competência em seu trabalho como Capitão da Inteligência, talvez a informação sobre uma ameaça rebelde abrandasse a raiva da Rainha do Rio.

A Rainha Víbora pegou o telefone, verificando o relógio digital.

— Ligue para seus amigos e descubra.

— O quê?

No entanto, a Rainha Víbora voltava para o corredor, para a dragoa e Flynn na outra ponta.

Tharion ligou para Hypaxia. Hunt. Então Bryce. Ithan. Ruhn. Ninguém atendeu.

Não ousou mandar uma mensagem, mas… Ligou para Hunt de novo.

— Atende, porra — murmurava. — Atende, porra.

Por um momento, lembrou-se do dia em que tentou repetidas vezes ligar para a irmã, apenas para cair na caixa postal dela, então para os pais, perguntando se tinham falado com ela, se sabiam onde ela se encontrava…

Tharion chegou a Flynn, que estava sentado no sofá, absorto em uma competição silenciosa de encarar Ariadne. Não conseguiu manter a tensão afastada da voz ao dizer:

— Ligue para Ruhn. Veja se ele atende você.

— O que foi? — Flynn ficou imediatamente de pé.

— Não tenho certeza — respondeu Tharion, seguindo para a porta. Suprimiu as lembranças horríveis e seu temor crescente. — Alguma ideia de onde eles estavam hoje?

A Rainha Víbora disse às suas costas, afundando no sofá de novo:

— Boa sorte.

Tharion e Flynn pararam à porta. O lorde feérico apontou para a dragoa.

— Isso não acabou.

Ariadne só assistia à TV de novo, ignorando-o.

Flynn grunhiu.

— Vou voltar atrás de você.

Tharion manteve o que fizera em segredo, do que tinha negociado pela medíocre dica sobre a Ophion e Spetsos. Contaria a Flynn depois.

O olhar de Ariadne se voltou para Flynn quando a porta do cofre se abriu de novo. Preto se transformou em vermelho.

— Guarde sua arrogância para alguém que queira, lordezinho.

Tharion passou para o corredor, o telefone de novo ao ouvido. Bryce não atendeu.

Flynn olhou para a dragoa deitada no ninho da Rainha Víbora.

— Isso nós veremos, querida — grunhiu o lorde feérico, acompanhando Tharion para fora.

* * *

Bryce fora ao Templo de Urd em Bosque da Lua apenas uma vez desde que se mudara para a Cidade da Lua Crescente anos antes. Juniper e ela tinham tomado um táxi bêbadas até ali certa noite, durante a época da faculdade, para fazer uma oferenda à deusa do destino a fim de garantir que seus destinos fossem épicos.

Literalmente usara essa palavra.

Benevolente e Profética Urd, por favor torne nossos destinos o mais épicos possível.

Bem, conseguira, pensou Bryce ao subir os degraus do templo de mármore cinza. Assim como June, embora… Tristeza, culpa e saudade tomaram conta de si quando pensou na amiga.

A rua silenciosa estava sem carros. Como se o Sub-Rei houvesse liberado tudo.

Ou talvez fosse devido à outra presença ameaçadora da qual tinham desviado perto do cruzamento da Central com a Laurel a caminho dali vindo do centro do treinamento: Pollux e Mordoc. Dois monstros soltos pela cidade, uma unidade dos lobos ferais da Corça os acompanhando.

Procurando por alguma coisa. Ou alguém.

Hunt se certificou de que ninguém estivesse na rua atrás do templo quando Bryce, Ruhn e Hypaxia entraram. O Sub-Rei havia sido muito específico: apenas as quatro pessoas tinham permissão de ir até lá. Ithan e Cormac não haviam ficado felizes deixados para trás.

Além do pátio do templo, não existia um sacerdote à vista, as portas abertas do santuário interior invocavam sombras e fumaça ali dentro.

Bryce verificou se o rifle às suas costas estava no lugar, a pistola pronta em seu quadril. Ruhn, à sua esquerda, carregava Áster. Bryce havia argumentado que era deselegante chegar a uma reunião carregando uma arma feita para matar ceifadores, mas foi voto vencido. Ruhn teria a lâmina ao seu alcance se precisasse usá-la. Relâmpago estalou em torno de Hunt quando ele entrou na escuridão.

Sem confiar em quanto tempo poderia durar, ou se sequer conseguiria conter o poder dentro de si, Bryce não havia pedido ao anjo que transferisse uma carga. Se fosse necessário, Athalar podia carregá-la em segundos.

Uma pira fumegava sobre um altar de pedra preta no centro do templo. Um trono de pedra em uma plataforma se elevava no fundo do espaço. Nenhuma estátua jamais adornava o Templo de Urd, nenhuma representação da deusa fora feita. O destino assumia formas demais para ser capturado em uma figura.

No entanto, alguém *estava* sentado no trono.

— Pontuais — entoou o Sub-Rei, os dedos ossudos tamborilando no braço de pedra do trono. — Valorizo isso.

— Você profana esse trono — avisou Ruhn. — Tire sua carcaça pútrida daí.

O Sub-Rei se levantou, as vestes pretas flutuando com um vento fantasma.

— Achei que os feéricos se curvassem a Luna, mas talvez você se lembre das antigas crenças? De uma época em que Urd não era uma deusa, mas uma força, soprando entre mundos? Quando ela era um recipiente de vida, a mãe de todos, uma linguagem secreta do universo? Os feéricos a adoravam naquela época.

Bryce fingiu bocejar, deixando Ruhn alarmado, empalidecido ao ver o Sub-Rei descendo da plataforma. Hunt, pelo menos, não pareceu surpreso. Havia se acostumado com as esquisitices dela, supôs Bryce.

Hypaxia monitorava cada movimento do Sub-Rei, o vento agitando seu cabelo. Ao que parecia, a rainha tinha um ajuste de contas a fazer depois da noite anterior.

— Então — disse Hunt, morosamente —, veio concluir nosso assunto?

O Sub-Rei pairou até o altar preto, o rosto horrível se contorcia com prazer ao inspirar os ossos incandescentes acima.

— Eu queria informar a você que os ceifadores que você tão odiosamente me acusou de mandar atrás de você de fato não eram de Apollion. Descobri que eles vieram da Cidade Eterna.

Bryce enrijeceu.

— Ceifadores conseguem atravessar oceanos?

— Ceifadores certa vez atravessaram mundos. Não vejo como água poderia detê-los.

— Por que vir até aqui nos atacar? — indagou Hunt.

— Não sei.

— E por que nos contar isso? — prosseguiu Bryce.

— Porque eu não gosto que infrinjam meu território.

— Até parece — disse Ruhn. Hypaxia o acompanhou a alguns passos atrás. — Você contou a eles a verdade horrível sobre o que acontece depois da morte, mas está disposto a deixar que vivam agora porque está puto que alguém invadiu seu espaço?

Os olhos do Sub-Rei, mortos e leitosos, fixaram-se em Bryce.

— Você é oficialmente uma princesa agora, ouvi dizer. Suspeito que vai aprender muitas verdades igualmente desagradáveis.

— Você está desviando do assunto — grunhiu Ruhn.

— Jesiba falou com você? — Bryce perguntou.

— Quem?

— Jesiba Roga. Vendedora de antiguidades. Tem… tinha alguns Marcos da Morte. Ela deve conhecer você. Ela conhece todo mundo.

Os olhos do Sub-Rei reluziram.

— Não a conheço por esse nome, mas sim. Eu ouvi falar dela. — Seu olhar pairou para trás da fêmea, recaindo sobre Hypaxia por fim. — Você se saiu bem ontem à noite. Poucos teriam saído daquele labirinto de feitiços. A Casa de Chama e Sombra vai acolher você.

A brisa em torno de Hypaxia aumentou até virar um vento frio, mas não se atreveu a falar. Bryce fez uma nota mental para jamais sair das graças da rainha.

Hunt interrompeu:

— Você nos chamou até aqui para nos dar essa atualização conveniente sobre aqueles ceifadores, e agora quer ser nosso amiguinho? Não acredito.

O Sub-Rei apenas sorriu, revelando os dentes marrons grandes demais.

Bryce disse:

— O que essa sequência significa? — Recitou o que estava no braço de Sofie.

O Sub-Rei piscou.

— Não sei. — Sorriu de novo, mais largo. — Mas talvez vocês devessem perguntar a eles. — Apontou para trás dela até a porta. O mundo do outro lado.

Onde Pippa Spetsos marchava para o pátio do Templo, flanqueada por soldados da Ocaso.

* * *

O relâmpago de Hunt brilhou.

— Você avisou a Ophion — grunhiu, mesmo ao começar a calcular a rota mais rápida para fora do templo.

Ruhn, já nas portas internas do santuário, bateu-as e travou-as com a barra. Trancando o grupo ali dentro com o Sub-Rei.

A voz de Pippa ecoou pelas portas.

— *Venham brincar, escória vanir. Vamos mostrar a vocês o que acontece quando se voltam contra nós.*

O rosto de Hypaxia empalideceu.

— Vocês estavam… trabalhando com os rebeldes?

— Ênfase no *estavam* — murmurou Bryce. Não que fizesse muita diferença no momento.

A silhueta do Sub-Rei começou a se dissolver. Uma ilusão. Uma projeção. Hunt não se deu ao trabalho de imaginar como tinha feito os detalhes parecerem tão reais.

— Guerra significa morte. Morte significa almas… e mais secundalux. Quem sou eu para dar as costas a um banquete? O primeiro ato da Comandante Spetsos ao chegar à Cidade da Lua Crescente foi se ajoelhar diante de mim. Quando ela mencionou os inimigos nas fileiras deles, eu fiz questão de informá-la sobre nosso… desentendimento. Nós fizemos um acordo que é de interesse mútuo.

Os rebeldes reivindicariam a morte, poupando o Sub-Rei de qualquer repreensão política, mas o verme ficaria satisfeito por ter tido um papel em massacrá-los e receberia qualquer alma que acabasse em seu mundo. Muitas delas, se Pippa estava atacando.

Bryce fervilhou de ódio, luz estelar brilhando.

— E você estava apenas mentindo quando alegou que não tinha mandado os ceifadores atrás de Ruhn e de mim semanas atrás?

— Eu disse a verdade e digo a verdade agora. Não tive envolvimento naquilo. Por que mentiria para você, quando já revelei tanto?

— Continue jogando esses jogos e vai fazer de todos nós inimigos — avisou Ruhn ao rei.

O Sub-Rei sumiu nas sombras.

— A morte é a única vitoriosa na guerra. — Então se foi.

Uma bala ecoou contra a porta de metal. Então outra. Pippa ainda estava gritando sua ladainha.

— Alguma ideia? — perguntou Hunt. Se os rebeldes tinham balas de gorsiana, aquilo viraria uma confusão muito rápido. E traria uma imensa multidão para testemunhar o desastre.

Bryce pegou a mão de Hunt. Empurrou-a contra o peito.

— Me carregue, Athalar.

Ruhn indicou Hypaxia com o queixo.

— Leve ela junto.

A rainha-bruxa olhou com raiva para o príncipe feérico, em reprovação, mas Bryce balançou a cabeça, mantendo a mão sobre a de Hunt. Seus dedos se contraíram, o único sinal de seu nervosismo, quando disse:

— Eu nunca trouxe ninguém junto e preciso de toda a minha concentração agora.

Ótimo. Pelo menos estava sendo inteligente com relação àquilo. Hunt encarou sua parceira, deixando que visse a aprovação dele, o encorajamento. Não desperdiçaria tempo perguntando o que a fêmea planejava. Bryce era genial o bastante para ter pensado em alguma coisa. Então Hunt deixou seu relâmpago fluir, mandando-o com um zunido por sua mão para dentro do peito de Bryce.

A estrela começou a brilhar sob os dedos do anjo, em antecipação voraz. Outra saraivada de balas tiniu contra a porta.

Seu relâmpago fluiu para dentro dela como um rio. Ele podia ter jurado que ouviu um tipo de música linda entre suas almas quando Bryce falou:

— Precisamos de reforços.

* * *

Ruhn conteve seu pânico quando sua irmã, carregada com uma descarga do relâmpago de Athalar, desapareceu no vazio.

Um impacto agitou as portas de metal para dentro do santuário. Por que o Aux não tinha sido chamado ainda? Pegou o celular. Se ligasse para pedir ajuda, haveria perguntas sobre por que sequer estavam ali, para início de conversa. Já havia tentado Cormac, mas o macho o mandara para a caixa postal, e então enviara uma mensagem

informando que estava falando com o Rei de Avallen. De modo algum o príncipe interromperia aquela chamada.

Estavam encurralados.

Ruhn se virou para Hypaxia, que observava o santuário, procurando alguma porta escondida.

— Deve haver outra saída — disse passando as mãos pelas paredes. — Nenhum templo tem apenas uma entrada e uma saída.

— Talvez este tenha — grunhiu Hunt.

Bryce apareceu de novo e Ruhn notou cada detalhe de sua irmã sem fôlego.

— Mamão com açúcar — declarou Bryce, mas seu rosto estava suado, os olhos sombrios com exaustão. O que Inferno ela fora fazer?

Outra batida às portas, e o metal amassou.

— Que porra foi essa? — Ruhn sacou Áster.

— Precisamos sair daqui agora — disse Bryce, passando para o lado de Hunt. — Temos tempo, mas não muito.

— Então teletransporte a gente para fora.

A fêmea balançou a cabeça.

— Não sei se consigo…

— Você consegue — disse Athalar, com certeza absoluta. — Você acabou de se teletransportar para fora e para dentro. Você consegue. Controle a respiração, bloqueie o barulho e se concentre.

Sua garganta oscilou, mas Bryce estendeu a mão para a de Athalar.

Hunt deu um passo para longe.

— Hypaxia primeiro. Então Ruhn.

— Talvez eu não tenha força o suficiente…

— Tem sim. Vá.

Cansaço e apreensão tomaram o rosto de sua irmã. Bryce beijou a bochecha de Athalar, então agarrou a bruxa pelo braço.

— Segure firme. Eu nunca levei ninguém comigo assim e pode ser… — Suas palavras foram interrompidas quando as duas sumiram.

* * *

Graças aos deuses. Graças aos deuses que Bryce tinha saído de novo, com Hypaxia no braço.

Hunt prendeu o fôlego.

Ruhn disse:

— Você deveria ir a seguir. É o parceiro dela.

— Você é o irmão dela. E herdeiro do trono feérico.

— Ela também é.

Hunt piscou para o príncipe, mas então Bryce voltou, ofegante.

— Ah, deuses, foi uma merda. — Vomitou, então esticou a mão para Ruhn. — Vamos.

— Descanse — ordenou seu irmão, mas as portas se amassaram mais para dentro. Mais alguns golpes e seriam abertas. E se o plano de Bryce não ganhasse mais um pouco de tempo para eles…

Bryce segurou o braço de Ruhn e, antes que o irmão pudesse protestar, sumiram. Sozinho, Hunt monitorou a porta, reunindo seu relâmpago. Podia carregá-la de novo, mas estava nitidamente exausta. Será que adiantaria?

As portas tremeram, e luz entrou por uma fresta quando foram afastadas alguns centímetros.

Hunt se abaixou atrás do altar, longe da saraivada de balas que se seguiu, mirando indistintamente quem quer que estivesse dentro.

— *Ali!* — gritou Pippa, e armas apontaram para o anjo.

Onde estava Bryce, porra…

As portas se escancararam, jogando três soldados da Ocaso no chão.

Pollux estava entre as portas, asas brancas luminescentes com poder, gargalhando consigo mesmo ao descer um punho fechado na cabeça de uma rebelde fêmea estatelada diante de si. Osso e sangue jorraram. Além dele, no pátio, rebeldes atiravam contra Mordoc e os lobos ferais. Na rua, de pé sob uma palmeira, longe da confusão, Hunt conseguia ver a Corça observando a luta.

Bryce apareceu e deslizou para trás do altar. Sua pele empalidecera, a respiração estava irregular. Ofegante. Levantou a mão trêmula para o macho.

— Eu… — Desabou de joelhos. Não precisava dizer o resto. Estava esgotada. Mesmo assim, tinha voltado para ele. Para lutar para resgatá-lo.

— Mais uma carga? — perguntou Hunt, relâmpago se entrelaçando por seus braços conforme a colocou de pé.

— Não acho que meu corpo aguenta. — Encostou em seu parceiro. — Eu me sinto como carne tostada.

Hunt olhou para o outro lado do altar.

— Como conseguiu ganhar tempo para a gente?

— Os Portões — ofegou Bryce. — Eu precisei me teletransportar para alguns deles até achar um que estivesse bem vazio e sem ser vigiado. Eu usei o painel de controle para transmitir um relatório de que a Ophion estava saqueando o Templo de Urd, bem no meio de um daqueles anúncios diários idiotas. Imaginei que uma unidade seria enviada até aqui. Provavelmente a maior e mais cruel deles, que também foi por acaso a mais próxima.

Lembrava-se então, tinham evitado Pollux e Mordoc, assim como os lobos ferais da Corça, na caminhada até ali.

— Sua voz vai ser reconhecida…

— Eu gravei a mensagem, então toquei pelo Portão usando um aplicativo de distorção de voz — disse, com um sorriso sombrio. — Eu me certifiquei de ser rápida o bastante para que as câmeras não pudessem capturar como mais do que um borrão, não se preocupe.

Athalar a olhava boquiaberto, sua inteligente e brilhante Bryce. Pelos deuses, ele a amava.

Agachado atrás do altar de novo conforme a luta avançava pelo templo, Hunt respirou.

— Precisamos encontrar alguma forma de passar por aquelas portas sem sermos vistos.

— Se você puder me dar um minuto… — Passou a mão trêmula pelo peito. Pela cicatriz ali.

Hunt, no entanto, sabia. Apenas o tempo permitiria que Bryce recuperasse a força, e certamente levaria muito mais do que tinham para dar.

Hunt conteve o relâmpago, temendo que Pollux o visse. O Martelo se aproximou, Mordoc uma sombra ameaçadora atrás. Por onde passavam, rebeldes morriam. Hunt não conseguia ver Pippa.

Bryce respirava com dificuldade e Hunt sentiu o cheiro de seu sangue antes de ver. O nariz da fêmea estava sangrando.

— Que porra é essa? — explodiu, cobrindo-a com o corpo quando uma saraivada descontrolada de balas disparou por cima do altar.

— Meu cérebro pode ter virado sopa — brincou, embora medo brilhasse em seus olhos.

Se conseguisse liberar seu relâmpago, talvez conseguisse abrir caminho para eles fritando. Não importava que todos saberiam quem tinha estado ali, principalmente se Mordoc captasse os cheiros depois, mas… arriscaria. Por Bryce, arriscaria.

Podiam, é óbvio, dizer que estavam combatendo a Ophion, mas havia uma chance de que a Corça decidisse que aquele era o momento de revelar o que sabia.

— Se apoie em mim — avisou Hunt, levando a mão para Bryce quando alguma coisa espreitou para fora das sombras atrás do trono de Urd.

Um cão preto. Imenso, com presas tão longas quanto a mão de Hunt.

O Cão do Inferno indicou o trono com a pata cheia de garras. Então sumiu atrás do objeto.

Não havia tempo para pensar. Hunt pegou Bryce nos braços e correu, abaixando-se pelas sombras entre o altar e a plataforma, rezando para que ninguém os visse em meio ao caos e à fumaça…

Deu a volta para trás do trono e encontrou o espaço vazio. Nenhum sinal de Baxian.

Um grunhido veio de trás e Hunt se virou para o encosto do trono. Não era pedra sólida, mas um arco aberto, que dava para uma escada estreita.

Hunt não questionou a sorte ao disparar pela porta de pedra. Baxian, agora em forma angelical, a fechou atrás dele. Selando os três na total escuridão.

Baxian iluminou os degraus para baixo com o celular. Hunt segurou Bryce firme. Pela forma como se agarrava a ele, o anjo não tinha tanta certeza de que ela conseguiria andar.

— Ouvi Pollux dar a ordem para vir até aqui pelo rádio — disse Baxian, apressando-se à frente, as asas farfalhando. Hunt deixou o macho liderar, olhando por cima do ombro para garantir que a porta não se abriria. Contudo, a vedação era perfeita. Nem mesmo um filete de luz passava. — Considerando o quanto Pippa ficou puta depois de Ydra, imaginei que eram vocês envolvidos. Eu pesquisei a história deste templo. Encontrei boatos sobre a porta escondida no

trono. Foi o que me levou um tempo, encontrar a entrada do túnel. Alguma sacerdotisa deve ter usado recentemente, no entanto. O cheiro dela estava por todo o beco e pela parede falsa que dá até aqui.

Hunt e Bryce não disseram nada. Era a segunda vez que Baxian interferia para salvá-los da Corça e de Pollux. E agora de Pippa.

— Spetsos morreu? — perguntou Baxian, quando chegaram à base das escadas e entraram em um longo túnel.

— Não sei — grunhiu Hunt. — Ela provavelmente escapou e deixou sua gente para morrer.

— Lidia vai ficar puta por não a ter capturado, mas Pollux parecia se divertir — disse Baxian, balançando a cabeça. Caminharam até que chegaram a um cruzamento ladeado por caveiras e ossos dispostos em pequenas alcovas. Catacumbas. — Não acho que eles tinham nenhuma ideia de que vocês estavam lá — prosseguiu Baxian —, mas como eles receberam a denúncia…

Bryce se moveu, tão rápido que Hunt não teve tempo de impedi-la de sair de seus braços.

De impedi-la de soltar o rifle e apontá-lo para Baxian.

— Parado.

* * *

Bryce limpou o sangue que pingava de seu nariz no ombro ao apontar o rifle para o Cão do Inferno, parado no cruzamento das catacumbas.

Sua cabeça latejava sem parar, a boca parecia tão seca quanto o deserto Psamathe, e seu estômago era um mar revolto de bile. Jamais se teletransportaria de novo. Nunca, *nunca* mais.

— Por que caralho você fica aparecendo? — perguntou Bryce fervilhando, sem tirar a atenção do Cão do Inferno. Hunt sequer se moveu ao seu lado. — Hunt disse que você não está espionando para a Corça ou para os asteri, mas eu não acredito nessa porra. Nem por um segundo. — Soltou o pino de segurança. — Então me conte a maldita verdade antes que eu enfie essa bala na sua cabeça.

Baxian foi até uma das paredes curvas de caveiras. Não pareceu se importar que estava a trinta centímetros do cano da arma. Passou um

dedo pelo crânio marrom do que parecia ser algum vanir com presas e afirmou:

— Por amor, tudo é possível.

O rifle quase caiu de seus dedos.

— O quê?

Baxian puxou o colarinho do traje de batalha, revelando a pele marrom musculosa. E uma tatuagem rabiscada sobre o coração do anjo com uma letra de mão familiar.

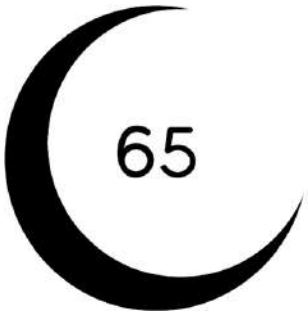
Por amor, tudo é possível.

Conhecia aquela caligrafia.

— Por que — perguntou Bryce, com cautela, a voz trêmula — você tem a caligrafia de Danika tatuada em você?

Os olhos escuros de Baxian se tornaram tristes. Vazios.

— Porque Danika era minha parceira.



Bryce apontou o rifle para Baxian de novo.

— Você é um *mentiroso* de merda.

Baxian deixou o colarinho aberto, a letra de Danika tatuada exposta.

— Eu a amava. Mais do que tudo.

Hunt disse, ríspido, as palavras ecoando pelas catacumbas secas ao redor:

— Isso não é engraçado, seu babaca.

Baxian voltou olhos suplicantes para ele. Bryce queria arrancar o rosto do macho.

— Ela era minha parceira. Pergunte a Sabine. Pergunte a ela por que ela fugiu na noite em que entrou no seu apartamento. Ela sempre me odiou e temeu… porque eu via como ela tratava a filha e não suportaria aquilo. Porque eu prometi que um dia a transformaria em carniça pelo que Danika suportou. Por isso Sabine foi embora da festa tão rápido ontem à noite. Para me evitar.

Bryce não baixou a arma.

— Você só diz mentiras.

Baxian abriu os braços, as asas farfalhando.

— Por que Inferno eu mentiria sobre isso?

— Para conquistar nossa confiança — disse Hunt.

Bryce não conseguia tomar fôlego. E não tinha nada a ver com o teletransporte.

— Eu saberia. Se Danika tivesse um parceiro, eu *saberia*…

— Ah, é? Acha que ela teria contado a você que o parceiro dela era alguém entre os triários de Sandriel? O Cão do Inferno? Acha que ela teria corrido para casa para contar tudo?

— Vai se foder — disparou Bryce, concentrando a mira bem entre os olhos do macho. — E fodam-se as suas mentiras.

Baxian se aproximou da arma. Do cano. Empurrou contra seu coração, bem contra a tatuagem com a letra de Danika.

— Eu a conheci dois anos antes de ela morrer — disse em voz baixa.

— Ela e Thorne…

Baxian soltou uma gargalhada baixa, tão amarga que partiu sua alma.

— Thorne estava delirando se achava que ela algum dia ficaria com ele.

— Ela transava por aí — disse Bryce fervilhando. — Você não era ninguém para ela.

— Eu tive dois anos com ela — disse Baxian. — Ela não transou com mais ninguém durante aquele tempo.

Bryce ficou imóvel, fazendo o cálculo mental. Logo antes de sua morte, Bryce tinha implicado com Danika porque…

— Dois anos — sussurrou. — Ela não ia a um encontro há dois anos. — Hunt a olhava boquiaberto. — Mas ela… — Bryce vasculhou a memória. Danika havia ficado com pessoas constantemente durante a faculdade, mas alguns meses depois do início do último ano e no ano seguinte… Ela ia para festas, mas recusava o sexo casual. Bryce engasgou: — Não é possível.

O rosto de Baxian estava sombrio, mesmo na escuridão das catacumbas.

— Acredite em mim, eu não queria também, mas soubemos assim que nos vimos.

Hunt murmurou:

— Por isso seu comportamento mudou. Você conheceu Danika logo depois que eu fui embora.

— Aquilo mudou *tudo* para mim — disse Baxian.

— Como vocês sequer se conheceram? — indagou Bryce.

— Houve uma reunião de lobos, pangeranos e valbaranos. O Primo mandou Danika como sua emissária.

Bryce se lembrava disso. Como Sabine havia ficado puta por Danika ter sido escolhida para ir, e não ela. Duas semanas depois, Danika estava de volta, e ela parecera reservada por alguns dias. Disse que era exaustão, mas…

— Você não é um lobo. Por que sequer estava lá? — Danika não podia ter ficado com Baxian, não podia ter um *parceiro* e não ter contado a ela sobre isso, não ter o cheiro daquilo…

Danika era uma farejadora. Com aquele olfato sobrenatural, ela saberia melhor do que ninguém esconder um cheiro, detectar se algum vestígio restara sobre ela.

— Eu não estava na reunião. Ela me procurou enquanto estava lá.

— *Por quê?*

— Porque ela estava pesquisando ancestralidade de metamorfos. A minha é… única.

— Você se transforma em um cachorro — revoltou-se Bryce. — O que tem de único nisso? — Até mesmo Hunt deu a ela um franzir de reprovação. A fêmea não se importava. Estava farta daquelas surpresas sobre Danika, sobre todas as coisas que jamais soubera…

— Ela queria saber sobre minha ancestralidade de metamorfo. Uma bem antiga que se manifestou em mim depois de anos dormente. Ela estava examinando as linhagens mais antigas de nosso mundo e viu um nome em uma árvore genealógica de um ancestral remoto que podia ser rastreado até o último descendente vivo: eu.

— Que Inferno você sequer poderia dizer a ela se era tão antigo assim? — perguntou Hunt.

— No fim das contas, nada, mas depois que soubemos que éramos parceiros, depois que selamos a união… Ela começou a se abrir sobre o que estava investigando.

— Era sobre a sintez? — perguntou Bryce.

— Não. — Baxian trincou a mandíbula. — Acho que a sintez foi um acobertamento para outra coisa. A morte dela se deveu à pesquisa que ela estava fazendo.

Por amor, tudo é possível. Uma última pista de Danika. Para procurar onde havia estampado a frase… bem naquele macho.

Então Bryce falou:

— Por que ela se importava com isso?

— Ela queria saber de onde viemos. Os metamorfos, os feéricos. Todos nós. Ela queria saber o que um dia fomos. Se poderia informar nosso futuro. — A garganta de Baxian oscilou. — Ela também estava… Ela me contou que queria encontrar uma alternativa a Sabine.

— *Ela* era a alternativa a Sabine — retalhou Bryce.

— Ela tinha a sensação de que poderia não viver tempo o suficiente para isso — disse Baxian, rouco. — Danika não queria deixar o futuro dos lobos nas mãos de Sabine. Ela estava procurando uma forma de protegê-los ao descobrir uma possível alternativa à linhagem para desafiar Sabine.

Era tão… tão *Danika.*

— Mas depois que nos conhecemos — prosseguiu Baxian — ela começou a buscar uma forma de alcançar um mundo em que pudéssemos ficar juntos, pois não havia como Sabine ou Sandriel, ou mesmo os asteri, terem permitido.

Bryce recolocou o pino de segurança na arma e a apontou para o chão.

Baxian disse, com ferocidade silenciosa:

— Eu fiquei tão feliz quando você matou Micah. Eu sabia… eu tinha essa *sensação* de que aquele babaca estava envolvido na morte dela.

Fico feliz que alguém tenha finalmente enfiado uma bala na cabeça de Micah, dissera Baxian quando eles se conheceram. Bryce observou o macho que amara sua amiga, o macho sobre o qual jamais soubera.

— Por que ela não teria me contado?

— Ela queria. Não ousávamos falar ao telefone ou escrever um para o outro. Tínhamos um acordo recorrente para nos encontrarmos em um hotel em Forvos, eu jamais conseguia sair de perto de Sandriel por muito tempo, em um determinado dia a cada dois meses. Ela se preocupava que os asteri me usariam contra ela para mantê-la na linha, se eles descobrissem sobre nós.

— Ela disse que amava você? — insistiu Bryce.

— Sim — respondeu Baxian, sem um momento de hesitação.

Danika tinha alegado um dia que só dissera aquelas palavras a Bryce. A *ela*, não àquele… estranho. Aquele macho que livre e voluntariamente servira a Sandriel. Hunt não tivera escolha no assunto.

— Ela não se importava que você fosse um monstro?

Baxian se encolheu.

— Depois que conheci Danika, eu fiz o possível para neutralizar tudo o que tinha feito por Sandriel, embora às vezes tudo o que eu pudesse fazer fosse… mitigar o mal de Sandriel. — Seus olhos se suavizaram. — Ela amava você, Bryce. Você era a pessoa mais importante do mundo para ela. Você era…

— Cale a boca. Apenas… cale a porra da boca — sussurrou Bryce. — Não quero ouvir isso.

— Não quer? — desafiou. — Não quer saber tudo? Não é por isso que anda fuçando por aí? Você quer saber, *precisa* saber o que Danika sabia. O que estava tramando, o que ela mantinha em segredo.

O rosto de Bryce se endureceu feito pedra. Disse, inexpressivamente:

— Tudo bem. Vamos começar por isto, se você a conhecia tão bem. Como Danika conheceu Sofie Renast? Você já ouviu esse nome nas suas conversinhas secretas? O que Danika queria dela?

Baxian fervilhou de ódio.

— Danika descobriu sobre a existência de Sofie enquanto investigava a linhagem pássaro-trovão como parte da pesquisa sobre metamorfos e nossas origens. Ela rastreou as linhagens e então confirmou ao rastrear e sentir o cheiro de Sofie. Sendo Danika, ela não deixou Sofie sair sem responder a algumas perguntas.

Bryce congelou.

— Que tipo de perguntas? — Hunt colocou a mão no ombro dela.

Baxian balançou a cabeça.

— Não sei. E não sei como elas passaram a trabalhar juntas nas coisas da Ophion, mas acho que Danika tinha algumas teorias sobre pássaros-trovão além da coisa da linhagem. E do poder deles em particular.

Bryce franziu a testa.

— Você sabe por que Sofie Renast poderia ter sentido a necessidade de sulcar uma série de números e letras em si mesma enquanto se afogava algumas semanas atrás?

— Por Solas — murmurou Baxian. E então ele recitou a sequência do corpo de Sofie, até o último numeral. — Era isso?

— Que jogo você está fazendo, Baxian? — grunhiu Hunt, mas Bryce disparou ao mesmo tempo:

— O que *é* isso?

Baxian lançou-lhes um olhar irritado.

— É um sistema de numeração de salas usado apenas em um lugar de Midgard. Os Arquivos Asteri.

Hunt soltou um palavrão.

— E como, em nome de Urd, você sabe disso?

— Porque eu dei isso a Danika.

Bryce ficou tão surpresa que lhe faltaram palavras.

— Sandriel era o bicho de estimação dos asteri. — Baxian se virou para Hunt. — Você sabe disso, Athalar. Ela me obrigou a servir como acompanhante em uma das visitas dela ao palácio deles. Quando eles a levaram até os arquivos para uma reunião, eu os vi entrarem por uma porta. Quando Sandriel voltou, ela estava pálida. Foi tão esquisito que eu memorizei a série de números e letras e passei para Danika depois como algo a se investigar. Danika ficou… obcecada. Ela não me dizia por quê, ou o que achava que poderia haver ali, mas ela tinha teorias. Teorias que ela disse que alterariam este mundo, mas não podia entrar sozinha. Era reconhecível demais. Ela sabia que os asteri já a estavam observando.

— Então, depois que ela se encontrou com Sofie, Danika deu a ela a informação e pediu que Sofie entrasse para investigar — murmurou Bryce. — Pois o registro de Sofie não teria mostrado nada suspeito sobre ela.

Baxian assentiu.

— Pelo que entendi dos relatórios da Corça, Sofie levou três anos de trabalho para entrar. Três anos espionando e se infiltrando como uma das arquivistas. Estou presumindo que ela tenha finalmente encontrado uma forma de entrar escondida na sala, e fugiu para Kavalla logo depois. Àquela altura, Danika estava… morta. Ela morreu sem jamais descobrir o que havia na sala.

— Mas Sofie descobriu — disse Bryce, em voz baixa.

— O que quer que ela tenha descoberto, estava naquela sala — concordou Hunt. — Deve ter sido essa a informação que Sofie planejava usar como vantagem contra a Ophion, e contra os asteri.

— Alguma coisa que mudaria a guerra — disse Bryce. — Uma coisa grande.

— Por que esse identificador de sala não aparece em ferramentas de busca? — perguntou Hunt a Baxian.

O Cão do Inferno fechou as asas.

— Os asteri não têm nenhuma das plantas do palácio deles na internet. Mesmo seu sistema de catalogação da biblioteca é secreto. Qualquer coisa digitalizada é pesadamente criptografada.

— E se nós tivéssemos alguém que consegue hackear qualquer coisa? — perguntou Bryce.

Baxian sorriu amargamente de novo.

— Então acho que teriam uma chance de descobrir o que havia naquela sala.

* * *

— Esse é um modo totalmente absurdo de numerar salas — murmurou Declan, digitando sentando no sofá seccional na casa de Ruhn. Bryce tinha corrido até lá com Hunt após deixar Baxian no beco em que dava o túnel, alguns quarteirões do Templo de Urd. Ainda estava zonza.

Quando ligou o celular, encontrou várias chamadas perdidas de Tharion. A Rainha Víbora avisara sobre a Ophion, só que alguns minutos tarde demais. Flynn quase teve um ataque quando Ruhn explicou o que havia acontecido.

Pelo menos não saiu nenhuma notícia sobre a conexão deles com o ataque rebelde ao Templo de Urd, como o noticiário chamava. Pollux, Mordoc e a Corça estavam sendo ovacionados como heróis por terem impedido as forças de Pippa de profanarem o espaço sagrado. O único fracasso: Pippa havia escapado.

Bryce lidaria com aquilo mais tarde. A pilha de merdas para lidar mais tarde só crescia.

Declan coçava a cabeça.

— Você entende que o que estamos fazendo agora configura-traição.

— Te devemos uma — disse Hunt, sentando-se no braço do sofá.

— Me pague em goró — disse Declan. — Vai ser um conforto enquanto eu me preocupo se os lobos ferais vão aparecer à minha porta.

— Aqui — falou Ruhn, entregando ao macho um copo de uísque. — Para começar. — Seu irmão afundou nas almofadas ao seu lado. Da outra ponta do sofá, Hypaxia estava sentada ao lado de Ithan, calada e atenta.

Bryce deixara para Hunt explicar o que descobriram com Baxian, e para Ruhn explicar a verdade toda para a rainha-bruxa e as duendes, acomodadas em torno dos ombros de Flynn, que estava sentado do outro lado de Declan.

No entanto, era para Ithan que a atenção de Bryce retornava. E, quando Declan se concentrou, Bryce disse baixinho para o lobo:

— Você sabia sobre Danika e Baxian? — Seu rosto não revelara nada.

— É óbvio que não — disse Ithan. — Eu achei que ela e Thorne… — Balançou a cabeça. — Eu não faço ideia do que pensar disso. Eu nunca senti nenhum cheiro nela.

— Nem eu. Talvez ela fosse capaz de esconder com o dom de farejadora, de alguma forma. — Pigarreou. — Não teria importado para mim.

— Mesmo? Teria importado para mim — replicou Ithan. — Para todo mundo. Não apenas Baxian não é um lobo, mas ele é…

— Um babaca — completou Hunt, sem tirar o rosto do telefone.

— É — disse Ithan. — Quero dizer, eu entendo que ele acaba de salvar o couro de vocês, mas… mesmo assim.

— Isso importa agora? — perguntou Flynn. — Quero dizer, sem ofensa, mas Danika se foi.

Bryce deu a ele um olhar inexpressivo.

— É mesmo? Eu não tinha percebido.

Flynn mostrou o dedo médio a ela, e as duendes exclamaram *uuus* em seu ombro.

Bryce revirou os olhos. Exatamente do que Flynn precisava: o próprio bando de líderes de torcida o acompanhando vinte e quatro horas por dia.

— Ei, lembra daquela vez que você libertou uma dragoa e nós fomos estúpidos o bastante para achar que ela obedeceria às suas ordens? — disse a Flynn,

— Ei, lembra daquela vez que você queria se casar comigo e escreveu *Lady Bryce Flynn* em todos os seus cadernos?

Hunt gargalhou.

Bryce replicou com:

— Ei, lembra quando me encheu o saco durante anos para ficar com você, mas eu tenho uma coisa chamada padrões…

— Esse comportamento é extremamente incomum na realeza — observou Hypaxia.

— Você não faz ideia — murmurou Ruhn, fazendo a rainha sorrir.

Ao notar a forma como o rosto de seu irmão se iluminou, e então se apagou… Será que ele sabia? Sobre Hypaxia e Celestina? Bryce não tinha ideia do que mais entristeceria a expressão do macho.

— Onde está Tharion? — perguntou Hunt, observando a casa. — Ele não deveria estar aqui?

— Ele está lá em cima — respondeu Ruhn. Inteirariam Tharion mais tarde, supunha. E Cormac, depois que ele terminasse com o que fosse que seu pai quisesse.

Declan subitamente soltou um palavrão, franzindo a testa. Então disse:

— Tenho boas e más notícias.

— As más primeiro — falou Bryce.

— Não vou conseguir hackear esse sistema de arquivos por Inferno nenhum. É impenetrável. Eu nunca vi nada assim. É lindo, na verdade.

— Vamos com calma com o fanatismo — resmungou Ruhn. — Qual é a boa notícia?

— O sistema de câmera deles no Palácio Eterno *não* é impenetrável.

— Então onde Inferno isso nos deixa? — perguntou Hunt.

— No mínimo, eu posso confirmar se Sofie Renast teve acesso àquela sala.

— E onde pode ser aquela sala — murmurou Bryce. Ithan e Hypaxia assentiram. — Tudo bem. Faça.

— Preparem-se — avisou Declan. — Vai ser uma longa noite.

* * *

Ithan foi despachado para buscar Tharion depois de uma hora. Bryce foi recompensada com a visão de um tritão amassado de sono entrando na sala comum usando nada além do jeans.

Tharion se jogou no sofá ao lado de Hypaxia, passando o braço pelo ombro da rainha e dizendo:

— Oi, Pax.

Hypaxia fez um gesto de dispensa para o tritão.

— Dormiu a tarde toda?

— A vida de um playboy — disse Tharion. Aparentemente, tinham se tornado grandes amigos durante a Cimeira. Bryce se perguntaria se havia mais entre os dois, caso não tivesse encontrado a bruxa com a arcanjo na noite anterior. Imaginava se Tharion sabia.

Imaginava se seu irmão se incomodava que a bruxa e o tritão tinham mantido contato desde a Cimeira, quando só tinha ouvido silêncio dela. Ruhn nem mesmo franziu a testa.

Por volta da meia-noite, Declan falou:

— Puta merda. Ali está ela.

Hunt quase atropelou Ruhn quando se aproximaram correndo. Bryce, é óbvio, chegou primeiro ao lado de Declan, soltando um palavrão. Hunt empurrou Ruhn para fora do caminho com um cotovelo e reivindicou o assento ao lado da parceira. Ithan, Tharion, Hypaxia e Flynn, com as duendes ao encalço, reuniram-se ao redor.

— Ela parece tão jovem — murmurou Hunt.

— Ela era — disse Ruhn. Dec puxara a foto da carteirinha da faculdade de Sofie e fez o programa buscar qualquer rosto que se assemelhasse nas filmagens.

Bryce tentara ligar para Cormac, mas o príncipe não atendera.

Então se mantiveram calados conforme Declan reproduzia a filmagem da biblioteca subterrânea de madeira e mármore. Da câmera instalada no teto, podiam ver Sofie Renast, marchando pelas

antigas estantes e vestindo algum tipo de uniforme branco que só podia pertencer a um dos arquivistas.

— Porta Sete-Eta-Ponto-Três-Alfa-Ômega — disse Declan, apontando para uma porta de madeira além da estante. — Dá para distinguir levemente a inscrição ao lado dela.

Conseguiam mesmo. Sofie entrou na sala, usando algum tipo de cartão de identificação para contornar a moderna fechadura, então fechou a porta entalhada às suas costas.

— Quinze minutos — disse Declan, avançando. — E então ela sai de novo. — Sofie saiu da sala do mesmo modo que tinha entrado: calmamente.

— Ela não está carregando nada — observou Hunt.

— Não consigo distinguir nada sob as roupas dela também — concordou Ruhn.

— O computador também não conseguiu — disse Declan. — Ela não carregou nada para dentro, nada para fora, mas seu rosto está branco como a morte. — Exatamente como Baxian alegava que o de Sandriel tinha ficado.

— Dois meses atrás — disse Declan. — Logo antes de ela entrar em Kavalla.

— Levou *três anos* de trabalho infiltrada para conseguir acesso àquela sala? — disse Ruhn.

— Sabe o quanto a segurança é intensa? — perguntou Hunt. — Não acredito que ela conseguiu entrar.

— Eu sei que é intensa pra caralho, Athalar — disse Ruhn, tenso.

— Bem, vamos precisar ser mais rápidos do que ela — Bryce falou.

Todos a olharam, no entanto sua atenção permaneceu fixa na tela. Na jovem saindo da antiga biblioteca.

O estômago de Hunt se revirou. Teve a sensação de que sabia o que ia dizer mesmo antes de Bryce declarar:

— Precisamos entrar na Cidade Eterna… e naqueles arquivos.

— Bryce — disse Hunt, temor percorrendo seu corpo. Podia ter feito as pazes com o envolvimento deles com Cormac e a Ophion, mas aquilo… aquilo era um nível totalmente novo. Perigosamente próximo do que tinha feito ao liderar os Caídos.

— Eu quero saber o que Sofie sabia — disse Bryce, entre os dentes. — O que Danika estava disposta a arriscar tanto para descobrir.

Depois da verdade que Baxian havia jogado, precisava da história toda mais do que nunca. Não tinha só a ver com querer usar a informação como vantagem contra os asteri. Danika tinha achado que aquela informação podia mudar o mundo. Salvá-lo, de alguma forma. Como ela podia dar as costas àquilo agora?

— Você está falando de invadir o lugar mais seguro de Midgard — exclamou Tharion, com cautela. — Invadir a fortaleza de um inimigo.

— Se Sofie Renast conseguiu, eu também consigo.

Ruhn tossiu.

— Você percebe que nenhum de nós sabe se encontrar naquele palácio, Bryce? Estaríamos operando desorientados.

Hunt ficou tenso ao seu lado, Bryce reconhecia o tipo particular de tensão no rosto do anjo. Sabia que estava afastando suas memórias vívidas da sala do trono, do calabouço. Sangue e gritos e dor… Era tudo de que se lembrava, dissera a Bryce.

Encostou ao seu lado, oferecendo todo o amor que podia pelo toque.

— Não operaremos sem rumo — disse Bryce para Ruhn, erguendo o queixo. — Eu conheço alguém que é intimamente familiar com a sua configuração.

* * *

Ithan permaneceu no sofá muito depois de Bryce e Athalar terem ido para casa, de Ruhn, Dec e Flynn terem saído para os deveres do Aux. As duendes haviam escolhido seguir Flynn, deixando Ithan e Tharion sozinhos.

— Está pronto para o espetáculo de merdas de que estamos prestes a participar? — perguntou o tritão, os antebraços nos joelhos ao inclinar o corpo para a frente para jogar o videogame no telão.

— Não tenho muita escolha a não ser estar pronto, não é? — Ithan, jogando na tela dividida ao seu lado, apertava os polegares nos botões do controle.

— Você deve estar acostumado com situações arriscadas. Chegou às finais algumas vezes.

— Duas. E três vezes no ensino médio.

— É, eu sei. Quero dizer, eu assistia. — Tharion empurrou o botão do controle, parecendo contente em se concentrar no jogo. Como se não fosse um macho que tivesse entrado e saído da toca da Rainha Víbora naquele dia. — Você parece incrivelmente calmo com relação a tudo que está acontecendo.

— Flynn disse que não faz diferença se Danika era a parceira de Baxian, pois ela está, sabe, morta. — Seu peito doeu. — Acho que ele está certo.

— Quis dizer sobre os rebeldes e o Sub-Rei, mas é bom saber.

Ithan deu de ombros.

— Depois da última primavera, que caralhos é normal, mesmo?

— Verdade. — Jogaram por mais alguns minutos.

— Qual é a situação entre você e a filha da Rainha do Rio? — perguntou Ithan, por fim.

Tharion não tirou os olhos da tela.

— Eu estou prometido a ela há anos. Fim da história.

— Você a ama?

— Não.

— Por que ficar noivo dela, então?

— Porque eu estava com tesão e fui burro, queria tanto transar com ela que me prometi a ela, achando que poderia desfazer pela manhã. No fim das contas, não podia.

— Pesado, cara.

— É. — Tharion pausou o jogo. — Você está saindo com alguém?

Ithan não tinha ideia de por que a loba no tanque do Astrônomo lampejou em sua mente, mas respondeu com cautela:

— Ruhn não contou a você sobre, hã, meu passado?

— Quer dizer sobre ter uma queda por Bryce? Não.

— Então como você sabe, porra?

— Ela é Bryce. *Todo mundo* tem uma queda por ela.

— Eu gostava dela.

— Ã-hã.

Ithan exibiu os dentes.

— Não me sinto mais assim em relação a ela.

— Ótimo, porque Athalar provavelmente mataria você, e depois faria churrasco com seu corpo.

— Ele poderia tentar.

— Ele tentaria, e venceria, e duvido que lobo assado devagar teria um gosto tão bom, mesmo mergulhado em molho.

— Não importa.

Tharion riu.

— Não faça nada tragicamente romântico para provar seu valor, está bem? Eu já vi essa merda acontecer antes, e nunca dá certo. Definitivamente não se você estiver morto.

— Não está nos meus planos, mas obrigado.

Tharion ficou sério.

— Estou falando sério. E… olhe, aposto que Bryce vai chutar minhas bolas até minha garganta por causa disso, mas, se você tiver algum negócio mal resolvido com alguém, eu resolveria antes de entrarmos na Cidade Eterna. Só por precaução.

Caso eles não voltassem. O que parecia provável.

Ithan suspirou, apoiando o controle. Levantou-se do sofá. Tharion arqueou uma sobrancelha.

— Tem uma coisa que preciso fazer — Ithan disse.



— Você deve ser estúpida como uma porta — sibilou Fury para Bryce de onde estavam sentadas, no balcão do boteco, se demorando com as bebidas. Fury tinha inicialmente se recusado a se encontrar quando Bryce ligou na noite anterior, mas a amiga a importunou tanto durante a manhã seguinte que havia concordado em se encontrar ali.

Bryce mal conseguira dormir, embora Hunt tivesse feito um bom trabalho de exauri-la. Sua mente não conseguia parar de revirar as coisas que havia descoberto. Danika tinha um *parceiro*. Sabine sabia disso. O parceiro de Danika ainda a amava.

E Danika jamais contara a Bryce sobre nada daquilo.

— Eu sei que é insensato — murmurou Bryce, girando o copo de uísque com cerveja de gengibre. — Mas qualquer ajuda que puder me dar…

— Você precisa de uma *porrada* de ajuda, mas não com isso. Está fora de si. — Fury se aproximou, chegando até o rosto de Bryce. — Sabe o que eles vão fazer com você se for pega? O que podem fazer com sua família, com Juniper, para punir você? Viu o que a Harpia fez com aqueles rebeldes? Sabe o que Mordoc gosta de fazer com as vítimas *dele*? Eu faço questão de permanecer fora do caminho dele.

Essa gente é desalmada. Os asteri os deixariam trabalhar com prazer em você e em todos que você ama.

— Eu sei — disse Bryce com cautela. — Então me ajude a me certificar de que eu não seja pega.

— Você está presumindo que eu simplesmente tenho as plantas do palácio de cristal por aí.

— Sei que você já esteve lá. Você tem a memória melhor do que a de qualquer um que eu conheço. Está querendo me dizer que não fez notas mentais enquanto esteve lá? Que não reparou nas saídas, nos guardas, nos sistemas de segurança?

— Sim, mas você está falando dos arquivos. Eu só posso lhe dar um vago layout. Só caminhei pelos corredores, jamais entrei nas salas.

— Então você não quer saber o que há *dentro* daquelas salas? O que Danika suspeitava que podia estar dentro daquela sala em particular?

Fury bebeu da vodca com gelo.

— Não tente me converter para sua causa furada. Eu já trabalhei para os dois lados e nenhum deles vale o ar que respira. Eles certamente não valem sua vida.

— Não estamos trabalhando para nenhum dos dois lados.

— Então para que lado está trabalhando?

— A verdade — disse Bryce, simplesmente. — Nós queremos a verdade.

Fury a estudou. Bryce suportou a avaliação lancinante.

— Você definitivamente perdeu a cabeça, então. Vou tirar June da cidade por um tempo. Ficar na encolha.

— Bom. — Bryce desejava poder avisar os pais sem levantar suspeitas. Ela bateu agitada com o pé no suporte embaixo do bar. — Pode levar Syrinx com vocês? — Não partiria sem saber que ele seria bem cuidado.

— Posso. — Fury suspirou e sinalizou para o atendente do bar por mais uma vodca. — Vou conseguir qualquer informação que puder para você.

* * *

Tharion encontrou sua noiva sentada na beira do cais do Quarteirão dos Ossos, os delicados pés mergulhados na água turquesa, mandando ondas respingando à luz do sol. Seu cabelo preto estava solto, cascateando pelas costas esguias em uma cachoeira exuberante.

Certa vez, aquela beleza o chocara e o cativara. Agora ela apenas… pesava.

— Obrigada por se encontrar comigo. — Tinha enviado a lontra uma hora antes. Virou-se olhando para ele, um lindo sorriso iluminando seu rosto.

Tharion engoliu em seco. Estava com a expressão tão… deslumbrada na festa na outra noite. Tão eufórica por estar ali, dançando e rindo.

Uma década. Uma década desperdiçada para ele, e para ela.

Aconselhara Holstrom a resolver qualquer negócio inacabado. Tharion precisava fazer o mesmo.

— Eu, hã… — Tharion deu um passo, bastante ciente dos sobeks espreitando no rio, avaliando-os com os olhos em fenda. Dos guarda-costas tritões posicionados perto do cais, lanças ao alcance de um disparo, prontas para empalá-lo. — Eu queria conversar com você.

Seu olhar demonstrava receio. Tharion jurava que os sobeks flutuaram para mais perto. Turistas os viram e começaram a tirar fotos pelo cais. Viram a filha da Rainha do Rio e começaram a fotografar a beleza que ela era também.

Era um lugar terrivelmente público para aquele tipo de encontro, mas o tritão sabia que, se fizesse aquilo na Corte Azul, se a rainha soubesse de tudo antes que pudesse ir embora, ela o manteria na Profundeza, tão preso quanto qualquer um dos mortais que um dia foram arrastados pelas sereias.

— Você quer romper nosso noivado — disse. Seus olhos ameaçavam com nuvens de trovão.

Instinto o fez buscar mentiras tranquilizadoras para confortá-la. Contudo… se ele ia morrer, ou pela mão dos asteri ou da mãe da princesa, queria morrer sabendo que tinha sido honesto.

— Sim.

— Acha que eu não sabia? Todo esse tempo? Um macho que quisesse se casar comigo teria agido a esta altura. — Seu nariz se

franziu em raiva. — Quantos anos eu passei tentando puxar alguma afeição, alguma intimidade de você? Alguma coisa para curar isto?

Evitou dizer que ela também tinha sido muito vingativa, infantil e rabugenta.

A água aos seus pés se agitou.

— Mas era sempre *estou ocupado trabalhando em um caso*. Então era o caso seguinte, e o seguinte. Então sua moto aquática quebrava, então sua mãe precisava de você, então seus amigos requisitavam você. — Poder se agitou ao seu redor. — Você acha que não está óbvio para toda a Corte Azul que você não *quer* voltar para casa?

Sua respiração falhou. Tharion a havia subestimado profundamente.

— Por que você não rompeu se sabia de tudo isso, então? — ousou perguntar.

— Porque eu guardava uma gota de esperança de que você pudesse mudar. Como uma tola, eu rezei a Ogenas todos os dias para que você viesse até mim por livre vontade, mas essa esperança murchou agora. — Levantou-se, de alguma forma elevando-se acima dele, embora tivessem uma diferença de altura de mais de trinta centímetros. Suas palavras eram como um vento gelado saltando sobre a água. — Você quer ficar aqui, em meio a esta imundície e este barulho?

— Eu… — Atrapalhou-se com as palavras. — Eu quero.

A princesa, no entanto, lentamente balançou a cabeça.

— Minha mãe me alertou sobre isso. Sobre você. Você não tem o coração sincero. Jamais teve.

Ótimo. Pelo menos ela finalmente sabia a verdade, mas o macho disse, o mais delicadamente que conseguiu:

— Preciso deixar a cidade por um tempo, mas vamos falar mais sobre isso quando eu voltar. Eu sinto que ainda há muito que explicar.

— Chega de conversar. — Recuou um passo para a beira do cais, fervilhando com poder. Ondas quebraram contra as pedras, borrifando seus pés. — Venha para a Profundeza comigo.

— Não posso. — Tharion não queria.

Os dentes dela brilharam, mais como os de um tubarão do que de um humano.

— Então veremos o que minha mãe tem a dizer sobre isso — sibilou antes de saltar para o rio.

Tharion debateu se pulava atrás dela, mas… por quê? Tinha trinta minutos, supôs. Trinta minutos até que fosse puxado para a Profundeza pela nadadeira sem jamais sair de novo.

Tharion passou as mãos pelo cabelo, ofegando. Olhou para o oeste na direção dos prédios baixos além do DCC. Celestina nunca interferiria, e Bryce e Ruhn não tinham autoridade. E de modo nenhum a Comandante Sendes e o *Cargueiro das Profundezas* chegariam ali em trinta minutos.

Apenas uma pessoa em Cidade da Lua Crescente poderia enfrentar a Rainha do Rio e sobreviver. Uma pessoa que até mesmo a Rainha do Rio poderia hesitar em contrariar. Uma pessoa que valorizava lutadores fortes e os esconderia de seus inimigos. Uma pessoa a quem ele poderia recorrer em trinta minutos.

Tharion não pensou duas vezes antes de começar a correr.

* * *

— Obrigado de novo por me encontrar aqui — disse Ithan a Hypaxia, sentada na sala de espera do escritório do Primo no Covil. Era estranho ter precisado pedir a uma estranha, no fim das contas, para levá-lo em segurança até seu próprio lar, mas… era o único modo.

A rainha-bruxa sorriu suavemente para Ithan.

— É o que amigos fazem, não é?

Curvou a cabeça.

— Fico honrado por ser chamado de seu amigo. — Sentira-se orgulhoso ao passar pelos portões momentos antes ao lado da fêmea forte e gentil. Não importava o que os lobos de serviço tivessem dito como provocação ao passarem.

Uma voz aguda resmungou o nome dele, e Ithan se levantou da poltrona de couro, sorrindo para Hypaxia.

— Não vou demorar.

A bruxa gesticulou para que fosse. Ithan se preparou ao entrar no escritório formal do velho lobo. Paredes com painéis de madeira cheias de estantes de livros reluziam à luz do meio-dia. O Primo

sentava-se à própria mesa, curvado sobre o que parecia ser uma pilha de papéis burocráticos. Sabine estava de pé ao seu lado. Monitorando cada risco trêmulo de sua mão.

Ithan enrijeceu. Os dentes de Sabine brilharam.

O velho lobo, no entanto, ergueu a cabeça.

— É bom ver você, menino.

— Obrigado por se encontrarem comigo. — Sabine sabia que Danika tinha feito um juramento a um parceiro. Que Baxian estava na cidade. Ithan afastou o pensamento. — Eu sei que vocês estão ocupados, então…

— Desembuche — resmungou Sabine.

Ithan deixou que ela visse o lobo que existia nele, a dominância que já não escondia como sempre fizera.

— Vá em frente, Ithan — disse o Primo.

Ithan esticou os ombros, colocando as mãos às costas. A mesma pose que assumia quando recebia instruções do técnico. Ao Inferno com isso, então.

— Um dos místicos do Astrônomo é uma loba. Uma loba *alfa*. — As palavras foram recebidas com silêncio, mas os olhos de Sabine se semicerraram. — Ela é de Nena, vendida tão jovem que não sabe o próprio nome, ou a idade. Eu nem tenho certeza se ela sabe que é uma alfa. Mas é uma loba, e não passa de uma escravizada naquele tanque. Eu… Não podemos deixá-la lá.

— O que você tem a ver com isso? — indagou Sabine.

— Ela é uma loba — repetiu Ithan. — Isso deveria ser motivo suficiente para ajudá-la.

— Há muitos lobos. E muitos alfas. Não são todos responsabilidade nossa. — Sabine expôs os dentes de novo. — Isso é parte de alguma trama que você e aquela vadia de linhagem mista estão montando?

Sabine disse com desprezo, mas… fora até o apartamento de Bryce naquela noite para avisar que ficasse fora dos assuntos dos lobos. Por algum medo, por mais que infundado, de que Bryce de alguma forma apoiasse Ithan, como se a própria Sabine pudesse correr o risco de ser destituída.

Ithan também afastou isso da mente. Atirar acusações insensatas não ajudaria sua causa no momento. Então disse, com cautela:

— Eu só quero ajudar a mística.

— É a isso que dedica seu tempo agora, Holstrom? Casos de caridade?

Ithan engoliu sua resposta.

— Danika teria feito alguma coisa.

— Danika era uma tola idealista — disparou Sabine. — Não desperdice seu tempo com isso.

Ithan olhou para o Primo, mas o velho lobo não disse nada. Não fez nada. Ithan se virou para a porta de novo e saiu andando.

Hypaxia se levantou quando ele apareceu.

— Já acabou?

— É, acho que sim. — Contara a alguém sobre a mística. Supunha que… Bem, agora supunha que poderia ir para Pangera com poucos arrependimentos.

Sabine saiu arrogantemente do escritório. Soltou um grunhido baixo gutural para Ithan, mas hesitou ao ver Hypaxia. Hypaxia encarou a loba de volta com tranquilidade cáustica. Sabine apenas riu com escárnio e saiu marchando, batendo a porta do corredor atrás de si.

— Vamos — disse Ithan a Hypaxia.

No entanto, a porta do escritório se abriu de novo, e o Primo estava de pé ali, a mão na ombreira para se apoiar.

— A mística — disse o Primo, ofegando levemente, como se a caminhada da escrivaninha até a porta o tivesse cansado. — Qual era a aparência dela?

— Cabelo marrom. Marrom-claro, acho. Pele pálida. — Uma descrição bem comum.

— E o cheiro dela? Era como neve e brasas?

Ithan ficou imóvel. O chão pareceu balançar.

— Como sabe disso?

O velho lobo curvou a cabeça prateada.

— Porque Sabine não é a única herdeira Fendyr.

Ithan cambaleou nos calcanhares ao ouvir aquilo. Era por isso que Sabine tinha ido até o apartamento naquela noite para advertir Bryce? Não para evitar que Ithan se tornasse o Primo Presumível, mas para assustar Bryce antes que descobrisse que havia uma verdadeira alternativa a Sabine. Uma legítima.

Porque Bryce não pararia por nada até encontrar aquela outra herdeira.

E Sabine os mataria para evitar que isso acontecesse.



Tharion invadiu o ninho da Rainha Víbora. Só tinha alguns minutos até que tudo virasse um Inferno.

Ariadne estava jogada de barriga para baixo no tapete, um livro aberto diante de si, os pés descalços balançando sobre seu amplo traseiro. O tipo de amplo traseiro que, em qualquer outro dia, Tharion admiraria de verdade. A dragoa não tirou a concentração do livro ao dizer:

— Ela está nos fundos.

Tharion correu para o quarto dos fundos. A Rainha Víbora estava deitada em um sofá diante da janela olhando para o poço de luta onde a disputa atual avançava, lendo alguma coisa em seu tablet.

— Tritão — cumprimentou.

— Quero ser um de seus valiosos lutadores.

Virou a cabeça devagar para o macho.

— Não aceito freelancers.

— Então me compre.

— Você não é um escravizado, tritão.

— Eu estou me vendendo para você.

As palavras soaram tão sem razão quanto pareciam, mas não tinha outras opções. A alternativa era outro tipo de escravidão. Pelo menos

ali, estaria longe da corte sufocante.

A Rainha Víbora apoiou o tablet.

— Um civitas se vendendo para a escravidão. Tal coisa não é feita.

— Você é a lei. Você pode fazer isso.

— Sua rainha vai inundar meu distrito por vingança.

— Ela não é burra o bastante para foder com você.

— Imagino que seja por isso que você está recorrendo aos meus cuidados.

Tharion verificou seu celular. Dez minutos restantes, no máximo.

— Ou fico preso em um palácio lá embaixo, ou fico preso aqui em cima. Eu escolho aqui, onde não serei obrigado a gerar crias reais.

— Você está se tornando um *escravizado*. Para se ver livre da Rainha do Rio. — Até mesmo a Víbora parecia se perguntar se ele tinha perdido a cabeça.

— Tem outro jeito? Porque eu estou sem ideias.

A Rainha Víbora inclinou a cabeça, o corte chanel acompanhando o movimento.

— Um bom negociante diria a você que não, e aceitaria essa oferta absurda. — Seus lábios roxos se entreabriram com um sorriso. — Mas… — Percorreu a sala com os olhos, até os machos feéricos montando guarda ao lado de uma porta sem identificação. Não fazia ideia do que havia do outro lado. Provavelmente o próprio quarto. Por que precisava ser vigiada quando não estava do lado de dentro, ele não sabia. — Eles desertaram o Rei Outonal. Juraram lealdade a mim. E se provaram leais.

— Então eu vou fazer isso. Declaro minha deserção. Me dê algum jeito de mergulhar na água uma vez por dia e estou bem.

A Rainha Víbora riu.

— Você acha que é o primeiro lutador tritão que eu tenho? Há uma banheira alguns andares abaixo, com água puxada direto do Istros. É sua. Mas desertar… Não é tão simples quanto apenas declarar.. — A fêmea ficou de pé, puxando a manga do macacão preto e expondo o pulso. Havia uma tatuagem de cobra enroscada em uma lua crescente ali. Levou o pulso à boca e mordeu, sangue, mais escuro do que o normal, acumulou-se onde os dentes perfuraram a pele. — Beba.

O chão começou a tremer, Tharion sabia que não era da luta. Sabia que alguma coisa antiga e primordial estava vindo atrás dele, para puxá-lo de volta para as profundezas aquáticas.

Agarrou o pulso da rainha e o levou à boca.

Se desertasse a Rainha do Rio, poderia desertar a Rainha Víbora um dia, não poderia?

Não perguntou. Não teve dúvida quando colocou os lábios em seu pulso e o sangue da Víbora encheu sua boca.

Queimou sua boca. Sua garganta.

Tharion cambaleou para trás, agarrando o pescoço. O sangue, o veneno, dissolveu-se em sua garganta, no peito, no coração…

Um frio, lancinante e eterno, correu por seu corpo. Tharion caiu de joelhos.

O estrondo parou. Então recuou. Como se o que fosse que estivesse caçando tivesse sumido.

Tharion ofegou, preparando-se para a morte gélida que o esperava.

Nada aconteceu. Apenas a vaga sensação de frio. De… calma. Lentamente levou os olhos até a Rainha Víbora.

Ela sorriu para o tritão.

— Parece que funcionou. — Tharion se levantou com dificuldade, cambaleando. Esfregou o lugar vazio e estranho no peito. — Sua primeira luta é esta noite — disse a fêmea, ainda sorrindo. — Eu sugiro que você descanse.

— Preciso ajudar meus amigos a terminarem uma coisa primeiro.

A Víbora ergueu as sobrancelhas.

— Ah. O negócio com a Ophion.

— De certa forma. Eu preciso poder ajudá-los.

— Você deveria ter negociado isso antes de jurar lealdade a mim.

— Permita-me ir e eu voltarei para lutar por você até virar picadinho de peixe.

A fêmea gargalhou baixo.

— Tudo bem, Tharion Ketos. Ajude seus amigos, mas quando terminar… — Seus olhos verdes brilharam e o corpo do tritão parecia distante dele. Sua vontade era a dela, os desejos dela eram os seus. Rastejaria sobre carvão em brasa para cumprir suas ordens. — Você volta para mim.

— Eu volto para você — falou com uma voz que era e não era dele. Uma pequena parte de Tharion gritou.

A Rainha Víbora gesticulou com a mão na direção do portal arqueado.

— Vá.

Não completamente por vontade própria, marchou de volta para o corredor. Cada passo para longe da rainha diminuía aquele feitiço, os pensamentos mais uma vez se tornavam os próprios, mesmo que…

Ariadne tirou os olhos do livro quando Tharion passou por ela.

— Você perdeu a cabeça?

Tharion replicou:

— Eu poderia perguntar o mesmo a você. — O semblante dela ficou sombrio, mas ela voltou para o livro.

Com cada passo em direção aos amigos, podia jurar que uma longa corrente invisível se estendia. Como uma coleira infinita que o prendia àquele lugar, não importava para onde fosse, não importava a distância.

Para nunca mais voltar à vida que havia trocado.

* * *

Ithan estava sentado em um banco de parque no Bosque da Lua a alguns quarteirões do Covil, ainda tonto devido à revelação arrasadora que o Primo fizera.

A loba mística era uma Fendyr. Uma Fendyr *alfa*.

Ithan não tinha conseguido tirar mais nada do Primo antes de o olhar do macho se tornar nebuloso e ele precisar se sentar de novo. Hypaxia havia feito alguma magia de cura para aliviar qualquer que fosse a dor que o afligia, fazendo com que o velho lobo caísse no sono na escrivaninha um momento depois.

Ithan inspirou o dia de outono.

— Acho que eu a coloquei em grande perigo.

Hypaxia se esticou.

— De que forma?

— Acho que Sabine sabe. Ou já adivinhou. — Outra alfa de sua linhagem poderia destruir os lobos. Ainda assim, como Inferno ela

acabara naquele tanque? E em Nena? — Sabine vai matá-la. Mesmo que Sabine pense que ela *pode* ser uma alfa Fendyr, se houve boatos sobre isso antes… Sabine vai destruir qualquer ameaça ao seu poder.

— Então a mística não é uma irmã ou uma filha perdida?

— Eu acho que não. Sabine tinha um irmão mais velho, mas ela o derrotou em combate aberto décadas antes de eu nascer. Tomou seu título como Primo Presumível e se tornou alfa. Eu achei que ele tivesse morrido, mas… talvez tenha sido exilado. Não faço ideia.

O rosto de Hypaxia ficou severo.

— Então, o que pode ser feito?

O lobo engoliu em seco.

— Eu não gosto de descumprir minhas promessas.

— Mas você deseja deixar meu lado para investigar isso.

— Sim. E — balançou a cabeça — não posso ir para Pangera com os outros. Se há uma herdeira Fendyr que não é Sabine… — Talvez significasse que o futuro que Danika desejava poderia se realizar. Se conseguisse encontrar uma forma de manter a mística viva. E libertá-la do tanque do Astrônomo.

— Eu preciso ficar aqui — disse Ithan, por fim. — Para vigiá-la. — Não se importava se precisasse acampar na rua do lado de fora da casa do Astrônomo. Lobos não abandonavam uns aos outros. Tudo bem que amigos também não se abandonavam, mas sabia que Bryce e os outros entenderiam.

— Eu preciso descobrir a verdade — falou Ithan. Não apenas por seu povo, mas pelo próprio futuro também.

— Eu contarei aos outros — sugeriu Hypaxia. — Embora eu vá sentir sua falta como meu guarda-costas.

— Tenho certeza de que Flynn e o coro de cantoras dele ficarão felizes em proteger você. — Hypaxia riu baixinho. Ithan falou: — Não conte a eles. Não conte a Bryce, quero dizer. Sobre a outra herdeira Fendyr. Ela se distrairia com isso, em um momento que precisa se concentrar em outra coisa.

E aquela tarefa… aquela tarefa era *sua*.

Não estivera lá para ajudar Danika na noite em que ela morreu, mas estava ali no momento. Urd o deixara vivo, talvez para aquilo. Cumpriria o que Danika tinha deixado inacabado. Protegeria essa herdeira Fendyr, não importava o que acontecesse.

— Apenas diga aos outros que preciso ficar aqui para resolver coisas de lobo.

— Por que não conta você mesmo?

Levantou-se. Já podia ser tarde demais.

— Não há tempo a perder — disse à rainha, fazendo uma reverência. — Obrigado por tudo.

A boca de Hypaxia se curvou para cima em um sorriso triste.

— Cuidado, Ithan.

— Você também.

O lobo começou a correr, pegando o celular enquanto fazia isso. Mandou a mensagem a Bryce antes que pensasse duas vezes. *Tenho uma coisa importante a fazer. Hypaxia vai explicar a você. Mas eu queria dizer obrigado. Por não me odiar. E por cuidar de mim. Você sempre cuidou de mim.*

A resposta chegou imediatamente. *Sempre vou.* Acrescentou alguns corações que fizeram o seu se partir.

Guardando o telefone no bolso, inspirando aquela dor antiga, Ithan se transformou.

Pela primeira vez em semanas, o lobo se transformou e não doeu nada. Não o deixou com a dor do exílio, de não ter matilha. Não, sua forma de lobo… tinha um foco. Um propósito.

Ithan disparou pelas ruas, correndo o mais rápido que conseguia em direção à casa do Astrônomo para começar sua longa vigília.

* * *

Ruhn não via Day desde a noite do baile. Desde que ele a beijara. Desde que o outro macho a arrastara para longe e dor tomara conta de sua voz.

No entanto, naquele momento a fêmea estava sentada no sofá diante do príncipe. Calada e receosa.

— Oi — disse Ruhn.

— Não posso mais ver você — falou em resposta.

Ruhn parou subitamente.

— Por quê?

— O que aconteceu entre a gente no equinócio não pode nunca mais se repetir. — Ficou de pé. — Foi perigoso, e inconsequente, uma irracionalidade completa. Pippa Spetsos esteve em sua cidade. Atacou seu templo com a unidade da Ocaso. Em breve, Lunathion vai se tornar um campo de batalha.

O macho cruzou os braços. Concentrou-se internamente, no véu instintivo de noite e estrelas. Jamais descobrira de onde vinha, ou por que sua mente o tinha automaticamente escondido, mas… ali. Um nozinho perfeito em sua mente.

Com um puxão, o véu caiu, soltando toda a noite e as estrelas. Deixando que ela o visse inteiro.

— O que aconteceu com você? Está machucada?

— Estou bem. — Sua voz soava tensa. — Não posso arriscar tudo pelo que sacrifiquei.

— E me beijar é uma ameaça a isso?

— Me distrai do meu propósito! Me tira do estado de vigilância! *E vai me causar problema.* — Day caminhou de um lado para outro. — Eu queria que a gente fosse normal. Que eu tivesse conhecido você sob outras circunstâncias, que eu tivesse conhecido você há muito tempo, antes de me embrenhar nisso. — Seu peito inflou, as chamas tremeluziram. A fêmea levantou a cabeça, sem dúvida encontrando o olhar de Ruhn através da barreira de chamas. — Eu disse que você me lembra de que estou viva. Eu fui sincera. Cada palavra. Ainda assim, é por causa dessa sensação que eu provavelmente vou acabar morta, e você também.

— Eu não entendo a ameaça — disse. — Certamente um beijo bom o bastante para distrair você não é algo ruim. — Piscou um olho, desesperado para que ela sorrisse.

— O macho que… nos interrompe. Ele vai massacrar você se descobrir. Ele vai me obrigar a assistir.

— Você tem medo dele. — Alguma coisa primitiva se agitou em Ruhn.

— Sim. A ira dele é terrível. Já vi o que ele faz com inimigos. Eu não desejaria isso a ninguém.

— Não pode deixá-lo?

Day gargalhou, ríspida e vazia.

— Não. Meu destino está atado ao dele.

— Seu destino está atado ao meu. — As palavras ecoaram na escuridão.

Ruhn estendeu a mão para a dela. Recebeu as chamas na própria mão. Afastaram-se o bastante para que ele visse os finos dedos de fogo ao acariciá-los com o polegar.

— Minha mente encontrou a sua na escuridão. Do outro lado de um oceano. Sem precisar de nenhum cristal especial. Acha que isso é nada?

Via o suficiente dos olhos dela para perceber que estavam fechados. A cabeça da fêmea se curvou.

— Não posso.

No entanto, não o impediu de se aproximar. Quando a outra mão do macho passou por sua cintura.

— Vou encontrar você — disse, olhando para o seu cabelo incandescente. — Vou encontrar você um dia, eu prometo. — Day estremeceu, mas se derreteu para ele. Como se tivesse cedido a qualquer tentativa de controle. — Você também me lembra que estou vivo — sussurrou.

Seus braços o envolveram. Era magra, mais para alta, mas com uma estrutura delicada. E curvas exuberantes. Quadril farto, seios abundantes que pressionavam o peito dele com maciez provocadora. Uma bunda deliciosa e tentadora.

— Eu nunca contei a você o fim da história da outra noite — Day murmurou contra o peitoral de Ruhn.

— Com a bruxa que virou monstro?

— Não terminou mal. — O macho não ousou respirar. — Conforme a bruxa caía para a terra, com a flecha do príncipe perfurando seu coração, a floresta a transformou em um monstro de garras e presas. Ela estraçalhou o príncipe e os cães dele. — Seus dedos começaram a subir pela coluna de Ruhn. — Ela permaneceu um monstro por cem anos, perambulando pela floresta, matando todos que se aproximavam dela. Cem anos, tanto tempo que ela se esqueceu de que um dia fora uma bruxa, que um dia tivera um lar e uma floresta que amava.

Sua respiração era morna contra o peito dele.

— Mas um dia, um guerreiro chegou à floresta. Ele ouvira falar do monstro tão cruel que ninguém poderia matá-lo e sobreviver. Ela se

preparou para matá-lo, mas, quando o guerreiro a viu, ele não teve medo. Ele a encarou, e ela a ele, e ele chorou porque não viu um objeto de pesadelos, mas uma criatura de beleza. Ele a viu, e não teve medo dela, e ele a amou. — Day soltou um fôlego trêmulo. — O amor dele a transformou de novo em bruxa, dissolvendo tudo que ela tinha se tornado. Eles viveram em paz na floresta pelo resto das vidas imortais deles.

— Eu gosto muito mais desse fim — disse Ruhn e Daybright bufou uma risada baixa.

Ruhn abaixou a cabeça, beijando o seu pescoço, inspirando seu cheiro sutil. O pau imediatamente ficou duro. Porra, isso. Aquele cheiro, aquela fêmea…

Uma sensação de certeza se assentou nos ossos de Ruhn como uma pedra sendo jogada em um lago. A mão dela começou a acariciar a coluna do macho de novo. O tesão de Ruhn crescia com cada carícia que se seguiu.

Então a boca dela estava em seu peitoral, os lábios em chamas roçando a tatuagem espiralada ali. O mamilo esquerdo com o piercing. A língua brincou com a argola, e o cérebro de Ruhn enlouqueceu quando percebeu que estava nu, ou que tinha de alguma forma desejado que suas roupas sumissem, porque aquela era sua pele nua que Day tocava, beijava.

E ela… Ruhn passou as mãos pela cintura da fêmea de novo. A pele lisa e macia como veludo o recebeu.

— Você quer fazer isso? — disse rouco.

Beijou o outro mamilo de Ruhn.

— Sim.

— Eu nem sei se dá para fodermos assim.

— Não vejo por que não. — Seus dedos percorreram o alto da bunda do príncipe, provocando.

O pau de Ruhn latejou.

— Só tem um jeito de descobrir — conseguiu dizer.

Day bufou outra gargalhada sussurrada e levantou a cabeça. Ruhn apenas segurou seu rosto entre as mãos e a beijou. Day o acolheu, e as línguas se encontraram. Day era doce como vinho de verão, precisava estar dentro dela, precisava tocar e saboreá-la inteira.

Ruhn a levantou, a fêmea passou as pernas por seu tronco, o pau perigosamente perto de onde queria estar, mas a carregou para o divã, deitando-a delicadamente antes de pairar acima dela.

— Me deixe ver seu rosto — sussurrou deslizando a mão entre as pernas dela.

— Nunca — respondeu ela. Ruhn não se importou, não quando seus dedos deslizaram pelo sexo encharcado. Completamente pronta.

Afastou os joelhos de Day e se ajoelhou entre eles. Levou a língua pelo centro dela…

O macho arqueou o corpo, como se seu pau tivesse mente própria, como se *precisasse* estar dentro dela, ou explodiria bem ali…

Ruhn fechou o punho em torno de si, movendo as mãos para cima e para baixo devagar enquanto a lambia de novo.

Day gemeu, seu peito se elevando e Ruhn foi recompensado com a visão dos seios dela. Então os braços. Então a barriga e as pernas, e finalmente…

Ainda era feita de fogo, mas conseguia ver nitidamente seu corpo. Apenas a cabeça permanecia em chamas, as quais se encolheram até que não passassem de uma máscara sobre suas feições.

Cabelos longos escorriam pelo tronco dela, e ele passou a mão entre as mechas.

— Você é linda — disse.

— Você ainda não viu meu rosto.

— Eu não preciso — respondeu. Ruhn apoiou a mão no coração dela. — O que você faz, a cada minuto de cada dia… Eu nunca conheci alguém como você.

— Eu também nunca conheci um macho como você.

— É?

— *É* — disse ela. Ruhn a repreendeu pelo deboche na voz acariciando-a com a língua de novo, extraindo mais um arquejo. — Ruhn.

Porra, amava seu nome nos lábios dela. Ruhn deslizou o dedo para dentro, descobrindo que ela estava tão apertada que lhe derretia a mente. Day o deixaria louco.

Day puxou os ombros de Ruhn, levantando-o.

— Por favor — pediu, fazendo o macho sibilar quando envolveu seus dedos ao redor do pau e o guiaram para sua entrada.

Ruhn parou ali, posicionado no limite.

— Fale do que você gosta — disse beijando seu pescoço. — Diga como você quer.

— Eu gosto sincero — disse Day, passando as mãos pelo rosto do macho. — Eu quero que seja verdadeiro.

Então Ruhn deslizou para dentro, gemendo ao sentir a perfeição interna. Day gemeu, arqueando o corpo, e Ruhn ficou imóvel.

— Machuquei você?

— Não — sussurrou, as mãos emoldurando o rosto do príncipe que pairava acima dela. — Não. Não mesmo.

A pressão em volta de seu pau era demais, gloriosamente intensa…

— Eu posso ir devagar. — Não podia. Realmente não podia, porra, mas por ela, tentaria.

A fêmea gargalhou baixinho.

— Por favor, não.

Retirou até quase a cabeça do pau e o empurrou de volta com um deslize suave e firme. Ruhn não conseguia acreditar no tamanho do prazer que sentia.

Day enterrou as mãos nos ombros dele e falou:

— Sentir você é melhor do que eu jamais sonhei.

Ruhn sorriu contra o pescoço da fêmea.

— Você sonhou com isso?

Meteu de novo, metendo fundo, fazendo-a arquejar.

— Sim — respondeu, como se o pau de Ruhn tivesse arrancado a palavra de si. — Toda noite. Sempre que eu precisava… — Parou, mas o macho reivindicou sua boca, beijando-a tão profundamente quanto fodia com ela. Não precisava que ela dissesse o resto, a parte que esmagaria alguma coisa em seu peito.

Ruhn inclinou o quadril de Day para adentrá-la ainda mais. Day, por sua vez, esticou os braços acima da cabeça de forma que conseguisse se agarrar ao braço cilíndrico do divã.

— Ruhn — gemeu de novo, um aviso de que estava perto… ecoando com um flexionar dos delicados músculos internos.

O aperto o fez agarrar as mãos da fêmea nas suas e mergulhar para dentro. Day ondulava o quadril com um ritmo sincronizado ao dele, e nada jamais parecera tão bom, tão real, quanto as almas deles se entrelaçando ali…

— Goze para mim — sussurrou contra a boca dela, ao levar a mão entre seus corpos para esfregar seu clitóris em um círculo provocador.

Day gritou, seus músculos internos estremeceram e se apertaram em volta do macho, sugando-o…

O clímax tomou conta de Ruhn, e ele não se segurou ao estocá-la, conduzindo o prazer dos dois. Continuaram se movendo, um orgasmo atrás do outro, não tinha ideia de como era possível, mas ainda estava duro, continuava, e precisava mais e mais e mais da fêmea…

Ruhn irrompeu de novo, puxando-a consigo.

O fôlego dos dois ecoaram juntos como ondas quebrando, Day tremia quando o abraçou. Abaixou-se apoiando a cabeça no peito dela. As batidas do coração de Day eram como trovão ao seu ouvido, e até mesmo essa melodia era linda.

Seus dedos se entrelaçaram no cabelo de Ruhn.

— Eu…

— Eu sei — disse Ruhn. Nunca tinha sido assim com ninguém. Já experimentara sexo bom antes, sim, mas aquilo… Tinha quase certeza de que sua alma estava estilhaçada ao seu redor. Beijou a pele acima do seio dela. — Eu deveria ter perguntado se você tinha alguma coisa a reportar primeiro.

— Por quê?

— Porque minha mente está frita demais para me lembrar de qualquer coisa depois disso.

Mais uma daquelas risadas baixas.

— Está tudo tranquilo. Nenhuma notícia de Pippa Spetsos depois que ela fugiu da captura no Templo de Urd.

— Que bom. Embora eu ache que a gente precise de uma distração para manter a atenção em outro lugar.

— Do quê?

Ruhn brincou com as mechas dos cabelos compridos, tentando discernir a textura, a cor. Tudo era chama pura.

— Vou para o seu lado.

Day ficou imóvel.

— Como assim?

— Precisamos entrar nos Arquivos Asteri.

— Por quê?

— A informação vital que Sofie Renast possuía está provavelmente em uma das salas deles.

Ela se apoiou nos cotovelos.

— O quê?

Ruhn se afastou dela e disse:

— Qualquer informação sobre a disposição do palácio de cristal, ou dos arquivos, já que você está tão familiarizada com eles… nós agradeceríamos.

— Vocês vão invadir o palácio de cristal. Os arquivos.

— Sim.

— Ruhn. — A fêmea agarrou o rosto dele entre as mãos. — Ruhn, *não* vá até lá. Eles vão matar você. Todos vocês.

— Por isso a necessidade de que a atenção esteja de outro lado enquanto nós invadimos.

Day enterrou os dedos em suas bochechas, e o coração dela batia tão selvagemente que Ruhn conseguia ouvir.

— Só pode ser uma armadilha.

— Ninguém sabe, a não ser as pessoas em quem confio. E agora você.

Daybright ficou de pé subitamente, agora mais uma vez completamente coberta de chamas.

— Se você for pego, não poderei ajudá-lo. Não poderei arriscar salvar você. Ou sua irmã. Vocês estão por conta própria.

Seu temperamento começou a esquentar.

— Então você não vai me contar nada útil sobre a disposição.

— Ruhn, eu…

De novo, o chiado terrível de surpresa e dor. O olhar sobre o ombro.

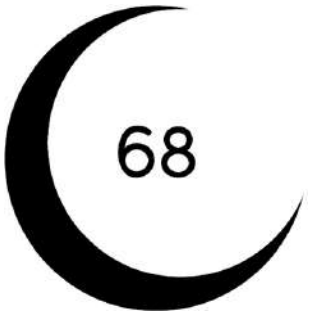
Para ele. O macho.

Ruhn agarrou sua mão, como se pudesse ficar com ele, mas Day começou a ofegar, selvagem e descontroladamente. Apavorada.

— Ruhn, eles sabem. *Eu*… — Sua voz foi interrompida por um momento. — O calabouço…

E sumiu.

Como se tivesse sido levada embora.



— Vamos para o palácio de cristal amanhã — grunhiu Ruhn para Hunt na sala comum do apartamento de Bryce. — Partiremos ao amanhecer.

— Deixa eu ver se entendi — começou o anjo, com uma calma desconcertante. — Você tem se encontrado entre mentes com a Agente Daybright e está saindo com ela?

Bryce estava sentada à mesa de jantar com uma xícara de café, da qual precisava desesperadamente, pois Ruhn tinha invadido sua casa às quatro horas da manhã.

— Transando com ela, pelo visto.

Ruhn grunhiu para a irmã.

— Isso importa?

— Sim — disse Hunt —, porque você está sugerindo que a gente invada o palácio de cristal não apenas para chegar aos arquivos, mas para salvar sua amante. Isso acrescenta uma porrada de riscos.

— Eu mesmo vou pegá-la — disparou Ruhn de volta. — Só preciso entrar com vocês dois primeiro.

— De jeito nenhum — replicou Bryce. — Eu entendo que você queira bancar o herói ao resgate, mas você está falando sobre suicídio.

— Você hesitaria de ir atrás de Athalar? — Apontou para o anjo. — Ou você de ir atrás de Bryce?

— Você a conhece há um mês — protestou Bryce.

— Você conhecia Athalar há pouco mais do que isso quando se ofereceu para se vender como escravizada em seu lugar — Ruhn replicou antes que pudessem falar: — Eu não preciso justificar meus sentimentos ou planos para vocês. Vim até aqui para dizer que vou junto. Depois que entrarmos no palácio, vamos seguir nossos caminhos separados.

— Veja bem, é essa a parte que me incomoda — disse Bryce, terminando o café. — Toda essa coisa de "caminhos separados". Todos entramos, todos saímos.

Ruhn piscou, mas Bryce disse ao anjo:

— Sinceramente, você deveria ficar aqui.

— *Como é?* — indagou Hunt.

Ruhn se manteve calado quando Bryce falou:

— Quanto mais de nós entrarem, maiores as chances de sermos notados. Ruhn e eu damos conta.

— Um, não. Dois, não, porra. Três… — Hunt sorriu maliciosamente. — Quem vai carregar você com poder, querida? — A fêmea fez uma careta, mas Hunt prosseguiu: — Eu vou junto.

Bryce cruzou os braços.

— Seria mais seguro com duas pessoas.

— Seria mais seguro nem ir, mas isso não está impedindo ninguém — disse Hunt. Ruhn não teve muita certeza do que fazer consigo mesmo quando o anjo atravessou a sala e se ajoelhou diante de Bryce, segurando suas mãos. — Eu quero um futuro com você. É por *isso* que vou. Vou para lutar por esse futuro. — Os olhos de sua irmã se suavizaram. Hunt beijou suas mãos. — E, para fazer isso, não podemos jogar pelas regras de outros.

Bryce assentiu, e encarou Ruhn.

— Já chega de jogarmos pelas regras da Ophion, ou dos asteri, ou de qualquer outro. Nós lutaremos do nosso jeito.

Ruhn riu.

— Equipe Foda-se. — Bryce deu um sorriso.

Hunt falou:

— Tudo bem, Equipe Foda-se. — Levantou-se e bateu em um mapa desenhado à mão do palácio de cristal sobre a mesa de jantar. — Fury deixou isso aqui mais cedo, e agora estamos todos despertos, então, hora de estudar. Precisamos criar uma distração para fazer os asteri olharem para outro lado, e precisamos saber aonde vamos depois que chegarmos lá.

Ruhn tentou não se maravilhar ao ver Athalar entrar tão rapidamente no papel de comandante.

— Deve ser algo grande — disse —, se vai ganhar tempo o bastante para a gente entrar nos arquivos e encontrar Day.

— Ela provavelmente está nas masmorras — disse Hunt. Acrescentou, como se lesse a preocupação de Ruhn: — Ela está viva, tenho certeza. A Corça vai ser despachada para trabalhar nela, não vão matá-la imediatamente. Não quando ela tem tanta informação valiosa.

O estômago de Ruhn se revirou. Ele não conseguia tirar da cabeça a voz em pânico de Day. Seu próprio sangue rugia para ir até ela, encontrá-la.

Bryce disse, em um tom mais suave:

— Nós vamos tirá-la de lá, Ruhn.

— No entanto, isso não nos dá muito tempo para planejar algo grandioso — falou Hunt, deslizando para o assento ao lado de Bryce.

Ruhn coçou o queixo. Não tinham tempo de esperar semanas. Mesmo esperar horas poderia ser letal. Minutos.

— Day falou que Pippa está escondida, mas ela deve ter alguma coisa planejada. A Ophion teve baixas suficientes a ponto de provavelmente deixarem que ela faça o que quiser, seja como o esforço de alguma resistência final, ou para reunir antigos e novos recrutas. Talvez nós possamos provocar Pippa a fazer o que quer que ela esteja planejando um pouco mais cedo.

Bryce tamborilou os dedos na mesa.

— Ligue para Cormac.

* * *

Bryce estava completamente acordada quando Cormac chegou, trinta minutos depois, com Tharion em seu encalço. A fêmea também havia ligado para ele, já que os colocara naquela merda, o mínimo que podia fazer era tirá-los.

Tharion, contudo… alguma coisa estava estranha em seu cheiro. Nos olhos. Não disse nada quando Bryce perguntou, então ela deixou de lado, mas ele parecia diferente. Não conseguia identificar o que era, mas estava diferente.

Cormac disse, depois que Ruhn os inteirou:

— Eu sei de fonte segura que Pippa está planejando um saque em algumas semanas ao laboratório pangerano onde os engenheiros e cientistas asteri trabalham, onde fizeram aquele novo protótipo de mec-traje. Ela quer os esquemas deles do traje, e os próprios cientistas.

— Para construir os novos mec-trajes? — perguntou Tharion.

Cormac assentiu.

— E você ia nos contar isso quando? — desafiou Ruhn.

Os olhos de Cormac se incendiaram.

— Eu soube à meia-noite. Imaginei que pudesse esperar até de manhã. Além do mais, vocês não se deram ao trabalho de me inteirar sobre nada desde o baile, não é? — Direcionou a última parte a Bryce.

Sorriu docemente para ele.

— Eu achei que você estivesse lambendo suas feridas.

Cormac disse, fervilhando:

— Eu estava lidando com meu pai, encontrando uma forma de convencê-lo a me deixar ficar aqui após a *humilhação* de meu noivado ter sido cancelado.

Tharion soltou um assovio depois disso. Bryce perguntou:

— E convenceu?

— Eu não estaria aqui se não tivesse — retrucou Cormac. — Ele acha que no momento estou tentando cortejá-la e tirá-la de Athalar.

Hunt riu, fazendo Cormac olhá-lo com raiva. Bryce interrompeu antes que aquilo escalonasse para agressão física:

— Então, como convencemos Pippa a agir agora? Não estamos exatamente nos melhores termos com ela.

— E se ela não for aquela a iniciar o saque? — Tharion falou.

Bryce inclinou a cabeça.

— Quer dizer… *nós*?

— Quero dizer eu e Cormac, e em quem mais possamos confiar. *Nós* executamos o saque, e Pippa e seu séquito virão correndo antes que a gente consiga roubar os esquemas e os trajes que eles querem.

— E no que isso nos ajuda? — perguntou Hunt.

— Isso nos coloca em um laboratório com Pippa e Ophion e, se cronometrarmos bem, uma matilha de lobos ferais vai chegar logo depois deles.

— Por Solas — disse Bryce, esfregando o rosto. — Como vão sair dessa?

Cormac sorriu para Tharion, como se sentisse a direção dos pensamentos do tritão.

— Essa é a grande distração. Nós explodimos tudo feito um Inferno.

Ruhn exalou.

— Isso certamente vai chamar a atenção dos asteri.

— O laboratório fica trinta quilômetros ao norte da Cidade Eterna — falou Cormac. — Pode até mesmo atraí-los para inspecionar o local. Principalmente se Pippa Spetsos tiver sido capturada.

— Você não se incomoda em entregar uma outra rebelde? — perguntou Hunt ao príncipe.

— Não vejo alternativa.

— Evite danos colaterais ao máximo — disse Hunt a Cormac e a Tharion. — Não precisamos do sangue deles em nossas mãos.

Bryce massageou o peito. Iam mesmo fazer aquilo. Levantou-se e todos a olharam quando disse:

— Já volto. — Então caminhou até seu quarto.

Fechou a porta e foi até uma foto na penteadeira, encarando a fotografia por longos minutos. A porta se abriu às suas costas e Hunt entrou.

— Você está bem?

Bryce continuou encarando a foto.

— Estávamos muito felizes naquela noite — disse ela. O anjo se aproximou para estudar a foto, Danika, Juniper e Fury, todas sorrindo na boate Corvo Branco, bêbadas, chapadas e lindas. — Pelo menos, eu achei que estávamos, mas, quando a foto foi tirada, Fury ainda

estava… fazendo o que ela faz, Juniper estava secretamente apaixonada por ela e Danika… Danika tinha um *parceiro*, tinha todos esses segredos. E eu fui burra e estava bêbada e convencida de que nós festejaríamos até nos acabarmos. E agora estou aqui.

Sua garganta doía.

— Eu sinto como se não fizesse ideia de quem sou. Sei que isso é um clichê de merda, mas… *Achei* que sabia quem era naquela época. E agora… — Ergueu as mãos, deixando-as se encherem de luz estelar. — Qual é o objetivo disso? De alguma forma, de algum modo, derrubar os *asteri*? E depois? Reconstruir um governo, um mundo inteiro? E se isso desencadear outra guerra?

Hunt a puxou para seus braços e apoiou o queixo sobre a cabeça de Bryce.

— Não se preocupe com essa merda. Nós vamos nos concentrar no agora, depois lidamos com todo o resto.

— Eu achei que um general sempre planejasse para o futuro.

— Eu planejo. Estou planejando, mas o primeiro passo em fazer esses planos é descobrir que porra Sofie sabia. Se não for nada, então nós reavaliaremos. É só que… Sei como é acordar um dia e se perguntar como se afastou tanto da pessoa despreocupada que você foi. Quero dizer, sim, minha vida na pobreza com minha mãe não foi fácil, mas depois que ela morreu… Foi como se eu tivesse tido algum tipo de ilusão arrancada de mim. Foi como eu acabei com Shahar. Estava desnorteado e com raiva e… levei muito, muito tempo para me entender. Ainda estou entendendo.

A fêmea apoiou a testa no peito dele.

— Posso admitir que estou me cagando de medo?

— Posso admitir que eu também estou?

Bryce gargalhou, apertando-o firme no peito, inspirando seu cheiro.

— Eu ficaria um pouco menos assustada se você ficasse aqui, eu poderia ir sabendo que você está seguro.

— Igualmente.

Beliscou a bunda do anjo.

— Então acho que estamos presos um com o outro, nos aventurando na cova do leão.

— Mais como um ninho de sobeks.

— Ótimo. Muito reconfortante.

Hunt riu, o som ecoando em seus ossos, aquecendo-os.

— Ruhn falou com Declan. Ele vai invadir as câmeras de segurança do palácio, virar as câmeras para o outro lado enquanto estivermos lá. Precisamos dar a ele nossa rota pelo prédio para que ele possa virá-las sem ser notado por ninguém monitorando o sistema. Flynn vai dar apoio a ele.

— E se acabarmos pegando um corredor diferente?

— Teremos planos de contingência, mas… precisamos tentar ao máximo nos ater ao nosso.

Náusea agitou seu estômago, mas Bryce disse:

— Tudo bem.

Hunt beijou a bochecha dela.

— Tome seu tempo, Quinlan. Estarei com os outros. — Então se foi.

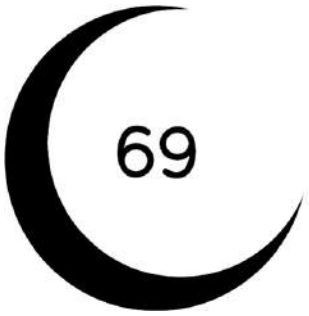
Bryce encarou a foto de novo. Ela pegou o telefone do roupão de banho e discou. Não se surpreendeu pela ligação ter ido direto para a caixa postal de Juniper. Eram 5h30 da manhã, mas… sabia que antes Juniper teria atendido.

— *Oi, aqui é Juniper Andromeda. Deixe sua mensagem!*

A garganta de Bryce se fechou ao ouvir a voz linda e alegre da amiga. Tomou fôlego quando a caixa postal apitou.

— Oi, June. Sou eu. Olha, eu sei que fodi tudo, e… Peço desculpa de verdade. Eu queria ajudar, mas não pensei direito, e tudo que você me disse estava absolutamente certo. Sei que você pode nem ouvir isso, mas eu queria que você soubesse que amo você. Sinto tanto a sua falta. Você foi um porto seguro para mim por tanto tempo, e eu deveria ter sido isso para você, mas não fui. Eu só… eu amo você. Sempre amei e sempre amarei. Tchau.

Esfregou o pescoço dolorido ao concluir. Então tirou a foto do porta-retratos, dobrando-a e a colocando dentro da capa do celular.



Ruhn encontrou Cormac sentado sozinho em um boteco da Praça da Cidade Velha, o rosto impassível enquanto assistia ao jornal do fim da noite, uma celebridade de cabelos sedosos gargalhando durante alguma entrevista, uma propaganda descarada do último filme dela.

— O que está fazendo aqui? — perguntou o príncipe avalleno quando Ruhn deslizou para o banquinho ao seu lado.

— Flynn foi notificado de sua localização. Eu pensei que podia vir ver por que você estava acordado até tão tarde. Considerando nosso compromisso amanhã.

Cormac o estudou de esguelha, então terminou a cerveja.

— Eu queria um pouco de paz.

— E veio para uma espelunca na Praça da Cidade Velha para conseguir isso? — Ruhn indicou a música aos berros, os clientes mamados em volta deles. O silfo vomitando líquido verde na lixeira ao lado da mesa de sinuca nos fundos.

Seu primo não disse nada.

Ruhn suspirou.

— Qual é o problema?

— Faz diferença para você? — Cormac gesticulou por mais uma cerveja.

— Faz diferença quando estamos contando com você. — Quando Day e Bryce estavam contando que o príncipe estaria alerta e pronto.

— Esse não é meu primeiro grande… compromisso. — Ruhn olhou para o macho, o cabelo loiro impecável, o ângulo infalivelmente arrogante de seu queixo.

Cormac o pegou olhando e disse:

— Não sei como seu pai jamais conseguiu.

— O quê? — Ruhn apoiou os antebraços no bar de carvalho.

— Quebrar você. A bondade em você.

— Ele tentou — disse com a voz embargada.

— O meu também. E conseguiu. — Cormac riu com escárnio, pegando uma nova cerveja com o atendente do bar. — Eu não teria me dado ao trabalho de checar como você estava.

— Mas você gastou muito tempo e arriscou demais para encontrar… ela.

O príncipe deu de ombros.

— Talvez, mas, lá no fundo, eu sou o que sempre fui. O macho que teria tranquilamente matado você e seus amigos.

Ruhn puxou o piercing labial.

— Está me contando isso logo antes de partirmos?

— Acho que estou contando isso para… para pedir desculpas.

Ruhn tentou não escancarar a boca.

— Cormac…

Seu primo assistia à TV inexpressivamente.

— Eu tinha inveja de você. Naquela época e agora. Por seus amigos. Pelo fato de que você os tem. Por você não deixar seu pai… corromper o que há de melhor em você, mas se eu tivesse sido forçado a me casar com sua irmã… — Ensaiou um sorriso.

— Acho que com o tempo ela poderia ter desfeito os danos que meu pai causou a minha alma.

— Bryce tem esse efeito nas pessoas.

— Ela vai ser uma boa princesa. Como você é um bom príncipe.

— Estou começando a ficar perturbado com toda essa gentileza.

Cormac bebeu de novo.

— Fico sempre pensativo na noite anterior a um compromisso.

Por um lampejo de segundo, Ruhn pôde ver o macho que seu primo poderia ter se tornado, que ainda poderia se tornar. Sério, sim,

mas justo. Alguém que entendia o custo de uma vida. Um bom rei.

— Quando essa merda toda acabar — disse Ruhn, rouco, guardando todos os pensamentos sobre Day ao se acomodar mais confortavelmente no banco —, quero que a gente recomece.

— A gente?

— Você e eu. De um príncipe para outro. De futuro rei para futuro rei. Foda-se o passado e foda-se aquela merda com Áster. Fodam-se nossos pais. Não deixemos que eles decidam quem somos. — Ruhn estendeu a mão. — Nós traçaremos nossos próprios caminhos.

Cormac sorriu quase com tristeza. Então tomou a mão de Ruhn, apertando-a com firmeza.

— Seria uma honra.

* * *

O quartel estava escuro. Pelo que Hunt podia ver no fim do corredor, ninguém descansava na área comum quando entrou em seu quarto.

Ótimo. Ninguém além das câmeras para vê-lo entrar e sair.

Deixara Quinlan dormindo e não tinha contado a ninguém para onde ia.

O quarto estava frio e desalmado quando Hunt fechou a porta ao entrar. Exatamente como era assim que conheceu Bryce. Não mostrava vestígios da vida, não colocava arte nas paredes, não fazia absolutamente nada para declarar que aquele espaço era seu. Talvez porque soubera que não era de fato.

Hunt foi até a escrivaninha, apoiando a sacola vazia nela. Rapidamente reuniu as facas e armas sobressalentes que guardara ali, não querendo ser notado tirando uma pilha de armas do arsenal. Graças aos deuses que Micah jamais se incomodara em cumprir as leis de registro. Hunt tinha o suficiente ali para… bem, para entrar de fininho no palácio de cristal, supôs ele.

Hunt fechou o zíper da sacola, o olhar indo até o elmo em sua mesa. A caveira pintada na frente o encarava, o profano Inferno nos poços pretos que possuía no lugar de olhos. O rosto do Umbra Mortis.

Hunt pegou o elmo e o colocou na cabeça, o mundo caindo em tons de vermelho e preto através do visor. Não se permitiu pensar duas vezes ao sair do quarto, noite afora.

Celestina estava de pé no vão dos elevadores.

Hunt parou subitamente. Será que ela sabia? Será que alguém a informara? A sacola de armas queimava contra seu quadril. Esticou o braço para tirar o elmo.

— Deixe aí — disse ela e, embora suas palavras fossem firmes, a expressão era contemplativa. — Eu sempre me perguntei como ele era.

Hunt abaixou a mão.

— Tudo bem?

— Não sou eu que estou entrando às escondidas às cinco horas da manhã.

Hunt deu de ombros.

— Eu não consegui dormir. — A arcanjo permaneceu na frente do vão dos elevadores, bloqueando o acesso. Hunt perguntou: — Como estão as coisas com Ephraim?

Suas asas se fecharam. Um aviso. Se era para manter a boca fechada a respeito de Hypaxia ou outra coisa, ele não sabia. Celestina apenas disse:

— Ele parte amanhã. Eu vou visitar sua fortaleza no mês que vem se não houver… mudança na minha situação até lá.

Se não tivesse engravidado.

— Seu silêncio diz muito sobre seu desapontamento, Athalar. — Poder estalou em sua voz. — Eu vou para o leito da minha união voluntariamente.

Hunt assentiu, mesmo quando asco e ódio percorreram seu corpo. Os asteri tinham ordenado aquilo, feito aquilo. Eles obrigariam Celestina a continuar visitando Ephraim até que estivesse grávida com o filho que queriam que a arcanjo carregasse. Outro pequeno arcanjo para moldarem em um monstro. Quem Celestina enfrentaria para manter seu filho livre da influência deles? Ou será que Ephraim entregaria a criança aos asteri e aos centros de treino secretos que possuíam para jovens arcanjos? Hunt não queria saber.

Celestina perguntou:

— Por que você não conseguiu dormir?

Suspirou.

— É patético dizer que é por causa desse lance todo de príncipe?

Celestina deu de ombros em compadecimento.

— Achei que isso pudesse afetar você.

Hunt bateu na lateral do elmo.

— Eu… bizarramente senti falta dele. E queria tirar o resto das minhas coisas do quarto antes que se tornasse um espetáculo público. — Era parcialmente verdade.

A fêmea sorriu suavemente.

— Não tive a chance de perguntar, mas você vai nos deixar?

— Eu sinceramente não faço ideia. Bryce e eu estamos dando ao Rei Outonal alguns dias para se acalmar antes de pedirmos a ele que defina meus deveres reais. A ideia de precisar agir com elegância e participar de reuniões com um bando de babacas me faz querer vomitar.

Outra risada baixa.

— Mas?

— Mas eu amo Bryce. Se fazer essa merda é o que vai permitir que a gente fique junto, então vou sorrir e aguentar.

— Ela quer fazer essas coisas?

— Inferno, não. Mas… nós não temos muita escolha. O Rei Outonal a forçou. E agora estamos basicamente presos com as coisas como elas são.

— Estão mesmo? O Umbra Mortis e a Princesa Estrelada não parecem os tipos que aceitam as coisas como elas são. Vocês provaram isso com sua surpresa na festa.

Havia uma provocação em sua voz? Um lampejo de suspeita?

Tinham confiado que Hypaxia não diria uma palavra sobre suas atividades à amante, haviam acreditado na bruxa quando disse que Celestina não sabia, ainda assim… só os deuses sabiam como ele falava quando Bryce e ele fodiam até o Inferno. Erros eram cometidos. Principalmente com um lindo par de seios envolvidos.

No entanto, o anjo se obrigou a dar de ombros.

— Estamos tentando visualizar melhor a batalha adiante antes de decidirmos onde começar a enfrentar a baboseira real.

Celestina deu um meio sorriso.

— Bem, espero que, se precisarem de um aliado, que venham até mim.

Será que aquilo era código para alguma coisa? Athalar observou o rosto da fêmea, mas não conseguiu captar nada além de uma preocupação contida. Precisava sair dali. Hunt fez uma reverência com a cabeça.

— Obrigado.

— Um príncipe não precisa se curvar para uma governadora, sabe? — Celestina foi até as portas da sacada de aterrissagem, abrindo-as para ele. Tudo bem. Voaria para casa.

Hunt marchou noite afora, a sacola de armas pendurada em seu ombro pesava como uma pedra de moinho. Abriu as asas.

— Velho hábito.

— De fato — disse Celestina e um calafrio percorreu sua coluna.

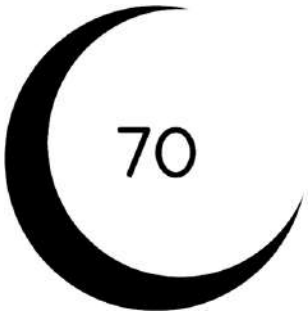
Não olhou para trás quando se lançou para o céu.

Hunt sobrevoou a cidade devagar. O alvorecer ainda era um filete no horizonte, e apenas alguns caminhões de entrega roncavam até padarias e cafés. Hunt tinha o céu só para si.

Tirou o elmo, prendendo-o na dobra do cotovelo; inspirou a brisa livre e limpa do Istros. Em algumas horas, partiriam para Pangera. Tharion já tinha contatado a Comandante Sendes e arrumado transporte pelo oceano.

Na manhã seguinte, teriam chegado à Cidade Eterna.

Na manhã seguinte, usaria aquele capacete de novo. E rezaria para que ele e sua parceira saíssem com vida.



Tharion havia comandado diversos saques a mando da Rainha do Rio. Tinha ido sozinho, liderado times pequenos e grandes, e normalmente voltava ileso. Contudo, sentado no banco da frente, ao lado do Príncipe Cormac, do jipe aberto, ao se aproximarem do ponto de controle de segurança na estrada ladeada por ciprestes, teve a distinta sensação de que talvez não tivesse a mesma sorte naquele dia.

O uniforme imperial que cada um vestia era pesado e sufocante ao sol, mas pelo menos o dia quente disfarçaria o outro tipo de suor que os acometia, o de nervoso.

Ninguém parecera notar como cada respiração mudava algo nele: a corda invisível, agora bem esticada, ligando o que quer que restasse do seu coração, àquela coisa fria e morta, à Rainha Víbora em Valbara. Um lembrete constante de sua promessa. De sua nova vida.

Tentou não pensar naquilo.

Ficara grato pelas maravilhas da ágil cápsula submergível do *Cargueiro das Profundezas* enquanto disparava com o grupo pelo oceano. Quando a contatou, Sendes dissera a Tharion que o navio-cidade era lento demais para chegar a tempo, mas que um de seus makos, as pequenas e reluzentes cápsulas de transporte, conseguiria.

Então eles embarcaram na cápsula na costa e passaram seu tempo ou planejando ou dormindo, mantendo-se em grande parte afastados do tritão que conduzia a embarcação.

Cormac acenou com impressionante descontração para os quatro guardas, lobos comuns, todos eles, no portão. Tharion manteve sua mão direita ao alcance da arma presa ao lado do seu assento.

— Salvem os asteri — Cormac falou com tanta tranquilidade despreocupada que Tharion soube que o macho tinha dito aquilo milhares de vezes. Talvez em ocasiões semelhantes.

— Salvem os asteri — disse a vigia fêmea que deu um passo adiante. Farejou, notando o que seus olhos confirmavam: um macho feérico e um macho tritão, ambos vestindo uniformes de oficiais. Saudou os dois e Tharion assentiu para que a mulher ficasse em posição de descanso.

Cormac entregou a ela os papéis forjados.

— Viemos nos encontrar com o Doutor Zelis. Já informaram por rádio se ele está pronto?

A vigia observou a prancheta nas mãos. Os outros três que a acompanhavam não tiraram a atenção do carro, então Tharion deu a eles um olhar de raiva normalmente reservado a agentes de campo que tinham fodido tudo majestosamente. Os lobos, no entanto, não recuaram.

— Não há compromisso aqui com Zelis — disse a vigia.

Tharion falou, arrastado:

— Não estaria por escrito.

Ela o estudou, e Tharion deu um sorrisinho malicioso.

— Ordens de Rigelus — acrescentou.

A garganta da fêmea oscilou. Questionar as ações de um asteri ou arriscar deixar entrarem dois oficiais que não estavam na lista de segurança…

Cormac pegou o celular.

— Preciso ligar para ele? — O feérico mostrou a ela uma página de contato que simplesmente dizia: *Mão Iluminada*.

A loba empalideceu um pouco, mas os saudou de novo, acenando para que entrassem.

— Obrigado — disse Cormac, dando partida no motor e dirigindo pelos portões antes que terminassem de levantar.

Tharion não ousou falar com Cormac. Não com os lobos tão próximos. Apenas olharam adiante para a estrada de terra que serpenteava pela floresta. Para o extenso complexo de concreto que surgiu na curva seguinte, onde guardas já acenavam pela cerca de arame farpado.

Precisava ficar de olho no relógio. O respingo de água da passagem do mako tinha estendido o tempo que poderia permanecer na Superfície, mas uma coceira familiar havia começado uma hora antes. Mais uma porra de dor de cabeça com que lidar: cinco horas até que ele precisasse submergir de verdade. A costa ficava a duas horas de carro dali. Então… era melhor terminarem aquela merda em três. Duas, por precaução.

Tharion assentiu para os lobos diante do laboratório e observou o imenso prédio baixo. Não tinha sido feito para beleza, mas para funcionalidade e armazenamento.

Colunas de fumaça ondulavam atrás do laboratório, o qual parecia ter no mínimo oitocentos metros de comprimento e talvez o dobro de largura.

— Olhe só para este lugar — murmurou Tharion quando Cormac parou diante das portas de aço da entrada. Pareciam ser abertas por mãos invisíveis, outro guarda devia ter apertado o botão de segurança para deixá-los entrar. Tharion sussurrou: — Acha que Pippa vai aparecer? — Como Inferno ela conseguiria entrar?

Cormac desligou o motor e abriu sua porta, saindo para o sol da manhã.

— Ela já chegou.

Tharion piscou, mas acompanhou os movimentos militarmente precisos de Cormac conforme saiu do carro. O príncipe avalleno se virou para as portas abertas do laboratório.

— Eles estão nas árvores.

Declan passara o dia anterior secretamente plantando informação nas redes rebeldes: os rebeldes anti-Ophion que tinham destruído a base em Ydra atacariam aquele laboratório antes que Pippa e seus agentes conseguissem. Ela devia ter mandado a Ocaso em disparada até lá para chegar a tempo.

Tharion conteve a vontade de olhar nas árvores.

— E quanto aos lobos ferais?

— Este lugar fede a humanos, não sente o cheiro?

— Não.

Cormac marchou até as portas abertas, as botas pretas brilhando.

— Estão usando trabalho humano. Trazidos e levados em vagões todo alvorecer e anoitecer. Pippa teria sincronizado sua chegada com a deles, para que os cheiros ficassem disfarçados para os lobos ferais abaixo.

Solas.

— Então por que esperar até a gente chegar?

— Porque Pippa tem um ajuste de contas a fazer — Cormac grunhiu.

* * *

Bryce não fazia ideia de por que alguém iria querer morar na Cidade Eterna. Não apenas porque ficava nas sombras do palácio de cristal dos asteri, mas porque era… velha. Empoeirada. Desgastada. Nenhum arranha-céu, nenhuma luz de néon, nenhuma música aos berros de carros de passagem. Parecia presa no tempo, empacada em outro século, seus mestres indispostos a levá-la adiante.

Conforme ela, Hunt e Ruhn espreitavam às sombras de um pomar de oliveiras pouco mais de um quilômetro a oeste do palácio, acalmou seus nervos imaginando que os asteri eram um bando de velhos rabugentos, gritando para todo mundo parar de fazer barulho, reclamando que as luzes eram muito fortes e que os jovens eram fanfarrões demais.

Isso definitivamente ajudou. Só um pouco.

Bryce olhou para Hunt, que mantinha sua atenção nas oliveiras e no céu. Vestia o traje de batalha preto, junto com o elmo de Umbra Mortis, para seu choque. Um guerreiro voltando à batalha.

Será que aquela era a ação certa? Aquele risco, aquele perigo em que estavam mergulhando? Talvez fosse melhor terem ficado em Lunathion, de cabeça baixa.

Talvez Bryce fosse uma covarde por pensar aquilo.

Voltou sua atenção para Ruhn, o rosto do irmão tenso enquanto também monitorava as oliveiras. Ele também tinha vestido seu traje

de batalha do Aux, o cabelo preto preso para trás em uma trança que descia pela coluna, ao longo da extensão de Áster, presa ali. Agarrava o cristal-com em um punho, ocasionalmente abrindo os dedos para estudá-lo. Como se pudesse dar alguma dica sobre o estado de Day. Tinha dito que não o usara desde o primeiro contato com ela, mas Ruhn o pegara antes de saírem caso o cristal pudesse ajudar a localizá-la, se ela estivesse com a outra parte do objeto.

Ruhn trocou o peso do corpo entre os pés, botas pretas estalando sobre a terra rochosa e seca.

— Cormac já deveria estar aqui.

Bryce sabia que cada segundo desde que a Agente Daybright tinha se calado pesava sobre seu irmão. Bryce não queria pensar no que estava provavelmente acontecendo com a agente com a qual Ruhn parecia se importar tanto. Se tivessem sorte, ela estaria viva. Se tivessem mais sorte ainda, haveria o suficiente da fêmea para salvar. Qualquer tentativa que Ruhn tivesse feito de entrar em contato com ela, até mesmo chegar a usar o cristal, fora fútil.

— Dê um minuto a ele — disse Bryce. — É um salto distante. — Longe demais para ela conseguir, ou sequer tentar. Principalmente levando outros. Precisava de toda sua força para o que estava por vir.

— Você agora é uma especialista em teletransporte? — perguntou Ruhn com as sobrancelhas erguidas. O piercing em seu lábio inferior brilhou sob a luz quente da manhã. — Dec está à espera. Não quero interferir com os cálculos dele. Nem por um minuto.

Bryce abriu a boca, mas Cormac apareceu na pequena clareira adiante. Eles tinham estudado um mapa de satélite do pomar no dia anterior, Cormac havia memorizado o local, mapeando os saltos que precisaria fazer para chegar dali até o laboratório. E os saltos que precisaria fazer daquele pomar até o próprio palácio.

Cormac anunciou:

— Entramos. Tharion está na sala de espera. Eu escapuli para o banheiro. Todos os planos estão em curso. Pronto, Athalar? — Hunt, então Bryce e então Ruhn. Essa tinha sido a ordem que eles haviam combinado depois de uma hora de discussões.

Hunt sacou a arma, mantendo-a na coxa. Aquela cabeça no elmo se virou para Bryce, que conseguia sentir o olhar do anjo mesmo através do visor.

— Vejo você do outro lado, Quinlan — afirmou Hunt, pegando a mão enluvada de Cormac.

De um príncipe para outro. Maravilhou-se com aquilo.

E se foram, Bryce teve dificuldade de tomar fôlego.

— Eu sinto que não consigo respirar também — disse Ruhn, ao reparar. — Sabendo que Day está lá dentro. — Acrescentou: — E sabendo que você está prestes a entrar lá também.

Bryce deu a ele um sorriso trêmulo. Então decidiu mandar tudo ao Inferno e passou os braços em volta do irmão, apertando-o firme.

— Equipe Foda-se, lembra-se? A gente vai arrasar.

Ruhn riu, segurando-a firme.

— Equipe Foda-se para sempre.

A fêmea se afastou, observando os olhos azul-violeta do irmão.

— A gente vai tirar ela de lá. Eu prometo.

A pele reluzente de Ruhn empalideceu.

— Obrigado por me ajudar, Bryce.

Bryce o cutucou com o cotovelo.

— Nós Estrelados cuidamos uns dos outros, sabe?

Contudo, o rosto do irmão ficou sério.

— Quando a gente chegar em casa, acho que precisamos conversar.

— Sobre o quê? — Não gostava de sua expressão séria. E não gostava que Cormac estivesse levando tanto tempo.

A boca de Ruhn ficou tensa.

— Tudo bem, já que a gente pode muito bem morrer em alguns minutos…

— Isso é *tão* mórbido!

— Eu queria esperar até a merda se acalmar, mas… Você está acima do Rei Outonal em poder.

— E?

— Acho que está na hora de o reinado dele acabar, você não? — Ele estava falando sério.

— Você quer que eu apoie você em um golpe? Um golpe feérico?

— Eu quero apoiar *você* em um golpe feérico. Quero você como Rainha Outonal.

Bryce estremeceu.

— Não quero ser rainha.

— Vamos deixar de lado toda essa coisa de realeza relutante, está bem? Você viu o que os feéricos fizeram durante o ataque na primavera. Como eles recusaram inocentes e os abandonaram para morrer, com a bênção de nosso pai. Está me dizendo que isso é o melhor que nosso povo pode fazer? Está me dizendo que é isso que nós devemos aceitar como comportamento feérico normal? Eu não engulo por um segundo.

— *Você* deveria ser rei.

— Não. — Outra coisa brilhou em seus olhos, algum segredo que ela não sabia, mas que podia sentir. — Você tem mais poder do que eu. Os feéricos vão respeitar isso.

— Talvez os feéricos devessem apodrecer.

— Diga isso a Dec. E Flynn. E minha mãe. Olhe para eles e me diga que não vale a pena salvar os feéricos.

— Três. Da população inteira.

O rosto de Ruhn se tornou suplicante, mas então Cormac apareceu, ofegante e coberto de suor.

— Athalar está esperando.

— Pense nisso — murmurou Ruhn, quando Bryce se aproximou de Cormac. — Barra limpa?

— Nenhum problema. A informação estava certa: eles nem mesmo têm feitiços de proteção em volta do lugar — relatou Cormac. — Vermes arrogantes. — O macho estendeu a mão para Bryce. — Rápido.

Bryce pegou a mão do príncipe. E, com um último olhar para o irmão, sumiu no vento e na escuridão, o estômago se revirando. Cormac disse, por cima do rugir do espaço entre lugares:

— Ele pediu a você para ser rainha, não foi?

Bryce piscou para ele, embora fosse difícil com a força da tempestade ao redor.

— Como você sabe?

— Talvez eu tenha ouvido o final da conversa. — Bryce se agarrou mais forte quando o vento aumentou. Cormac disse: — Ele está certo.

— Me poupe.

— E você também estava certa. Quando nos conhecemos e você disse que a profecia do Oráculo era vaga. Eu entendo agora. Ela não quis dizer que nossa união em casamento traria prosperidade para

nosso povo. Ela quis dizer nossa união como aliados. Aliados nessa rebelião.

O mundo tomou forma nos limites da escuridão.

— Mas depois de hoje… — As palavras de Cormac ficaram pesadas. Cansadas. — Eu acho que a escolha sobre liderar nosso povo daqui em diante caberá a você.

* * *

Hunt não conseguia afastar o tremor das mãos. Estar ali, naquele palácio…

O cheiro era o mesmo. Mesmo no corredor diretamente fora dos arquivos, onde ele se escondia em uma alcova, o odor rançoso daquele lugar o irritava, deixava seus joelhos trêmulos.

Gritos, dor ofuscante ao serrarem suas asas lentamente…

Shahar estava morta, seu corpo machucado ainda estava coberto de terra depois de Sandriel tê-lo arrastado pelas ruas a caminho dali…

Pollux gargalhando enquanto mijava no cadáver de Shahar no meio da sala do trono…

Suas asas, as asas, as asas…

Hunt engoliu em seco, afastando as lembranças, focando a mente no corredor. Ninguém estava perto.

Bryce e Cormac apareceram, e a fêmea mal agradeceu antes de o príncipe sumir, de sair para pegar Ruhn para depois se teletransportar de volta ao laboratório. Seu rosto brilhava de suor e a pele estava macilenta. Devia estar exausto.

— Tudo bem? — murmurou Hunt, afastando o cabelo dela com a mão enluvada. Bryce assentiu, os olhos cheios de preocupação… e algo mais. Hunt, no entanto, fez uma carícia rápida no queixo de Bryce e voltou a monitorar.

Estavam de pé em um silêncio tenso, e então Ruhn estava ali, Cormac com ele. A pele do último estava pálida agora. Desapareceu imediatamente, de volta ao laboratório.

— Diga a Declan que estamos prontos — afirmou Hunt.

As sombras de Ruhn os esconderam de vista conforme digitava a mensagem em um telefone seguro que Declan tinha recondicionado

contra rastreamento. Em cinco minutos, Tharion entraria em contato com eles para dizer se deveriam ou não agir.

Bryce deslizou seus dedos para os de Hunt, segurando firme. O anjo apertou de volta.

Hunt não tinha ideia de como cinco minutos tinham se passado. Mal respirava monitorando o corredor adiante. Bryce segurou sua mão enluvada durante a espera, seu maxilar tenso.

Então Ruhn levantou a cabeça.

— Tharion disse que Cormac acaba de explodir o jipe.

Hunt a cutucou com a asa.

— Sua vez, Quinlan.

Ruhn falou:

— Lembre-se: cada minuto ali dentro arrisca detecção. Faça com que valham a pena.

— Obrigada pela conversa encorajadora — respondeu, mas sorriu sombriamente para Hunt. — Acenda, Athalar.

Hunt tocou seu coração com a mão, seu relâmpago uma mera chama sutil sugada para dentro da cicatriz. Quando os resquícios sumiram, Bryce se teletransportou para os arquivos.

Para encontrar qualquer que fosse a verdade dentro deles.



A respiração de Bryce estava tão irregular que mal conseguia pensar conforme tropeçava sozinha pela escuridão.

Estavam no palácio dos asteri. Em seus arquivos sagrados e restritos.

E ela estava… em uma escada?

Bryce tomou fôlegos tranquilizadores ao observar a escada espiral, feita completamente de quartzo branco. Primalux brilhou, dourada e suave, iluminando os degraus entalhados que davam para baixo. Às suas costas existia uma porta, o outro lado daquela pela qual tinham visto Sofie entrar na filmagem de segurança.

A porta rotulada com o número que Sofie havia gravado no bíceps.

Bryce começou a descer devagar, as botas pretas práticas quase silenciosas contra os degraus de quartzo. Não viu ninguém. Não ouviu ninguém.

Seu coração acelerava, e Bryce jurava que os veios de primalux no quartzo pulsavam com cada batida. Como se em resposta.

Ela parou depois de uma curva nas escadas e avaliou o longo corredor adiante. Quando não revelou nenhum guarda, entrou.

Não havia portas. Apenas aquele corredor, talvez com vinte metros de comprimento e uns cinco de largura. Provavelmente com sete

metros, para ser múltiplo de sete. O número sagrado.

Bryce observou o corredor. A única coisa nele era um conjunto de tubos de cristal que subia até o teto, com placas abaixo, e pequenas telas pretas ao lado das placas.

Sete canos.

O piso de cristal brilhou aos seus pés conforme ela se aproximou da placa mais próxima.

Hesperus. A Estrela Vespertina.

Erguendo as sobrancelhas, Bryce caminhou para o próximo tubo e placa. *Polaris*. A Estrela do Norte.

Placa após placa, cano após cano, Bryce leu os nomes individuais de cada asteri.

Eosphoros. *Octartis*. *Austrus*.

Quase tropeçou no penúltimo. *Sirius*. O asteri que o Príncipe do Fosso tinha devorado.

Sabia o que a última placa diria antes de alcançá-la. *Rigelus*. A Mão Iluminada.

O que Inferno era aquele lugar?

Era aquilo que Danika tinha achado importante o bastante para que Sofie Renast arriscasse a vida? O que os asteri queriam tanto guardar que tinham caçado Sofie para preservar o segredo?

O cristal aos seus pés se acendeu, e Bryce não teve para onde ir, não teve onde se esconder quando primalux, pura e iridescente, irrompeu.

Fechou os olhos com força, agachando-se.

No entanto, nada aconteceu. Pelo menos não com ela.

A primalux diminuiu o suficiente para que Bryce entreabrisse os olhos e a visse disparando para cima de seis dos canos.

As pequenas telas pretas ao lado de cada placa se acenderam ganhando vida, cheias de informações. Apenas o cano de Sirius permaneceu apagado. Fora de uso.

Ficou rígida ao ler a tela da A Mão Iluminada: *Nível de Poder de Rigelus: 65%*.

Ela se virou para a placa seguinte. A tela ao lado dizia *Nível de poder de Austrus: 76%*.

— Pelos deuses — sussurrou Bryce.

Os asteri se alimentavam de primalux. Os asteri… *precisavam* de primalux. Olhou para os pés, onde luz fluía em veios pelo cristal antes de se afunilar até os canos. O quartzo.

Um condutor de poder. Exatamente como os Portões em Cidade da Lua Crescente.

Construíram o palácio inteiro daquilo. Para alimentar e recolher a primalux que entrava.

Bryce estudou o mapa esboçado de Fury com a disposição do palácio. Aquela área ficava sete níveis abaixo da sala do trono, onde os asteri se sentavam em tronos de cristal. Será que aqueles tronos os enchiam de poder? À plena vista, carregavam-se como baterias, sugando primalux.

Náusea subiu pela sua garganta. Todas as Descidas que as pessoas faziam, a secundalux que os mortos entregavam… Todo o poder das pessoas de Midgard, o poder que as pessoas *davam* a eles… era engolido pelos asteri e usado contra os cidadãos. Para controlá-los.

Até mesmo os rebeldes vanir que eram mortos lutando tinham suas almas alimentadas às bestas que tentavam derrubar.

Eram todos apenas comida para os asteri. Um estoque infinito de energia.

Bryce começou a tremer. Os veios de luz entremeando sob os pés dela, brilhando e vibrantes… Quinlan os acompanhou até onde conseguiu enxergar pela pedra transparente, até uma massa brilhantemente cintilante. Um núcleo de primalux. Alimentando o palácio inteiro e os monstros que o governavam.

Era aquilo que Sofie tinha descoberto. O que Danika suspeitava.

Será que os asteri sequer possuíam estrelas sagradas no peito, ou era primalux, roubada do povo? Primalux que eles *obrigavam* que fosse entregue na Descida para alimentar cidades e tecnologia… e os senhores que governavam aquele mundo. Secundalux que era arrancada dos mortos, espremendo até a última gota de poder do povo.

Interromper a primalux, destruir aquele funil de poder, fazer com que as pessoas parassem de entregar o poder delas pela Descida naqueles centros que canalizavam sua energia, impedir os mortos de se tornarem secundalux…

Era assim que poderiam destruir os asteri.



Athalar caminhava de um lado para outro em um círculo fechado.

— Ela deveria ter voltado.

— Ela tem dois minutos — grunhiu Ruhn, apertando o cristal-com tão forte no punho que era impressionante que as pontas não estivessem permanentemente enterradas em seus dedos.

— Aconteceu alguma coisa. Ela já deveria estar aqui — Hunt falou.

Ruhn olhou para o relógio no pulso. Precisavam descer até o calabouço. E se não começassem logo… Ele olhou para o cristal na mão.

Day, disse ele, jogando o nome no vazio. Nenhuma resposta veio. Como em qualquer outra tentativa de resgatá-la recentemente.

— Vou agora — murmurou, guardando o cristal no bolso. — Vou me cobrir com minhas sombras. Se não voltar em dez minutos, saiam sem mim.

— Vamos todos juntos — disparou Hunt de volta, mas Ruhn fez que não com a cabeça. — Nós vamos encontrar você.

Ruhn não respondeu antes de sair de fininho pelo corredor, misturando-se à escuridão, e seguiu para as passagens que o levariam para o outro lado do complexo do palácio. Até o calabouço e a agente presa nele.

* * *

Bryce correu de volta para o alto das escadas, bile queimando em sua garganta.

Tinha ficado lá por tempo demais. Só podia poupar mais um minuto ou dois.

Chegou à porta e ao patamar, reunindo o que restava da carga de Hunt para se teletransportar de volta para ele e Ruhn, mas a maçaneta da porta pareceu brilhar. O que mais havia ali? O que mais ela poderia descobrir? Se aquela era sua única oportunidade…

Bryce não se permitiu duvidar quando deslizou para o corredor dos arquivos principais. Estava escuro e empoeirado. Completamente silencioso.

Estantes apinhadas de livros se erguiam ao seu redor, e Bryce esquadrinhou os títulos. Nada de interesse, nada útil…

Correu pela biblioteca, lendo títulos e nomes de seções o mais rápido possível, orando para que Declan tivesse acompanhado e estivesse movendo as câmeras para longe de si. Observou os vagos títulos de seção acima das estantes. *Registros de Impostos, Agricultura, Processamento de Água…*

As portas ao longo da extensão tinham sido nomeadas de forma semelhante, não em código, mas com um tema.

Alvorecer. Meia-noite. Meio-dia. Não fazia ideia do que qualquer um dos nomes significava, ou do que havia atrás da porta. Uma no centro chamou sua atenção, no entanto: *Crepúsculo.*

Bryce entrou.

* * *

Bryce estava atrasada. Hunt permaneceu no lugar apenas porque seu celular seguro havia brilhado com uma mensagem de Declan. *Ela está bem. Entrou em uma sala chamada Crepúsculo. Vou manter você informado.*

É óbvio que Quinlan estava fazendo pesquisa *extra*. É óbvio que não podia obedecer às regras e voltar quando deveria…

Por outro lado, *Crepúsculo* poderia ter algo a ver com Verdade do Crepúsculo. Não era à toa que Bryce tinha entrado.

Hunt caminhou de um lado para outro de novo. Deveria ter ido com ela. Obrigado Bryce a teletransportá-lo, mesmo que a drenasse em um momento em que precisariam de todos os seus dons.

Ruhn já tinha saído havia três minutos. Muito podia acontecer nesse tempo.

— Vamos lá, Bryce — murmurou Hunt, rezando para Cthona manter sua parceira segura.

* * *

Coberto em sombras, Ruhn disparava pelos corredores, sem encontrar ninguém. Nem um guarda.

Estava silencioso demais.

O corredor se abriu em uma bifurcação ampla: à esquerda havia o calabouço. À direita, as escadas até a área do palácio. Pegou a esquerda sem hesitar. Descendo as escadas que se transformaram de quartzo nebuloso em pedra escura, como se a vida tivesse sido sugada da rocha. A pele dele gelou.

Aquele calabouço… Athalar tinha conseguido escapar, mas a maioria jamais conseguia.

Seu estômago se revirou, Ruhn diminuiu o ritmo, preparando-se para o desafio adiante. Pontos de controle de guardas, muito fáceis de evitar com suas sombras, portas trancadas, e então dois corredores de celas e câmaras de tortura. Day devia estar em algum lugar ali.

Gritos começaram a ecoar. Os gritos eram de um macho, ainda bem, mas eram agoniantes. Suplicantes. Chorosos. Desejou poder tapar os ouvidos. Se Day estivesse fazendo um som semelhante, estivesse em tal agonia…

Ruhn prosseguiu, até que Mordoc se colocou em seu caminho com um sorriso feral. Fungou uma vez, o dom de farejador sem dúvida lhe dando uma gama de informações, antes de dizer:

— Você percorreu um longo caminho desde confabular com espiões nos becos de Lunathion, príncipe.

* * *

Tharion corria atrás de Cormac, tinha um escudo de água em seu entorno enquanto o príncipe atirava bola após bola de fogo no laboratório caótico e fumacento. Pedaços de máquinas em ruínas voavam na direção dos dois, em chamas, e Tharion os interceptava da melhor forma possível.

O doutor os levara direto ao laboratório sem pensar duas vezes. Cormac tinha colocado uma bala na cabeça do macho um momento depois, então acabado com a vida dos cientistas e engenheiros aos berros em torno dele.

— Você perdeu a cabeça, porra? — gritou Tharion correndo. — Você disse que limitaríamos as mortes!

Cormac o ignorou. O canalha estava fora de controle.

Tharion grunhiu, em parte debatendo se dominava o príncipe.

— Isso é melhor do que o que Pippa Spetsos faz?

Tharion recebeu sua resposta um segundo depois. Disparos de arma estalaram atrás deles e rebeldes invadiram. Bem a tempo.

Reforços vanir imperiais rugiam conforme avançavam, sendo abafados pela saraivada de armas. Uma emboscada.

Seria o suficiente para atrair a atenção dos asteri para longe? Cormac tinha incinerado o jipe com sua magia de fogo momentos antes de atirarem no doutor, certamente aquilo mandaria uma mensagem aos asteri. E a merda que se desenrolava…

Cormac derrapou até parar, Tharion com ele. Os dois se calaram.

Uma fêmea familiar, vestida de preto e armada com um rifle, colocou-se em seu caminho.

Pippa apontou a arma para Cormac.

— Eu estava ansiosa por isso. — Seu rifle estalou, Cormac se teletransportou, mas devagar demais. Seus poderes estavam drenados.

Sangue jorrou um momento antes de Cormac sumir e então surgir atrás de Pippa.

A bala tinha passado pelo ombro dele. Tharion se colocou em movimento quando Pippa se virou para o príncipe.

No entanto, o tritão foi impedido pelo chão trêmulo. Uma espada reluzente e eletrificada mergulhou no chão diante dele.

Uma espada de mec-traje.

Cormac gritou para Tharion:

— *Saia daqui!* — O príncipe enfrentou Pippa quando a mulher disparou de novo.

Tharion conhecia aquele tom. Conhecia aquele olhar. E foi então que ele entendeu.

Cormac não tinha simplesmente perdido o controle. Jamais pretendera sair dali com vida.

* * *

A porta marcada *Crepúsculo* estava destrancada. Bryce supôs que deveria agradecer a Declan pelo teclado eletrônico quebrado.

Braseiros de primalux brilhavam nos cantos da sala, iluminando fracamente o espaço. Uma mesa redonda ocupava o meio. Sete assentos em torno dela.

Seu sangue gelou.

Uma pequena máquina de metal estava no centro da mesa. Um dispositivo de projeção. Ainda assim, a atenção de Bryce se fixou nas paredes de pedra, cobertas de papel.

Mapas estelares, de constelações e sistemas solares, marcados com anotações rabiscadas e fixos com pontos vermelhos. A boca da fêmea secou quando se aproximou do mais próximo. Um sistema solar que ela não reconhecia, com cinco planetas orbitando um sol imenso.

Um planeta na zona habitável tinha sido marcado e rotulado.

Rentharr. Conq. A.E. 14000.

A.E. Não reconhecia o sistema de datação, mas podia adivinhar o que *Conq.* significava.

Conquistado… pelos asteri? Nunca ouvira falar de um planeta chamado Rentharr. Rabiscado ao lado havia um bilhete curto: *Um povo aquático beligerante. Vida terrestre primordial. Pouco suprimento. Exterminado A.E. 14007.*

— Ah, deuses — sussurrou Bryce, prosseguindo para o outro mapa estelar.

Ophaxia. Conq. A.E. 680. Perdido A.E. 720.

Leu o bilhete ao lado e seu sangue gelou. *Habitantes descobriram sobre nossos métodos rápido demais. Perdemos muitos para a frente unificada deles. Evacuado.*

Em algum lugar do cosmos, um planeta tinha conseguido expulsar os asteri.

De um mapa a outro, Bryce leu os bilhetes. Nomes de lugares que não eram conhecidos em Midgard. Mundos que os asteri tinham conquistado, com anotações sobre o uso deles da primalux e de como ou perderam ou controlaram aqueles mundos. Alimentando-se deles até que não restasse nada.

Alimentando-se do poder deles… como ela própria fizera com o Portão. Será que não era melhor do que eles?

A parede do fundo da câmara continha um mapa deste mundo.

Midgard, dizia o mapa. *Conq. 17003.*

O que quer que *A.E.* fosse, se estavam *neste* planeta há 15 mil anos, então eles existiam no cosmos há muito, muito mais tempo do que isso.

Se podiam se alimentar de primalux, gerá-la, de alguma forma em cada planeta… será que podiam viver para sempre? Seriam imortais e impossíveis de matar? Seis governavam este mundo, mas originalmente havia um sétimo. Quantos existiam além deles?

Páginas de anotações sobre Midgard tinham sido presas à parede, com desenhos de criaturas.

Mundo ideal localizado. Vida originária não sustentável, mas condições primorosas para colonização. Contatei outros para compartilhar recompensas.

Bryce franziu as sobrancelhas. O que Inferno aquilo queria dizer?

Olhou para um desenho de um tritão ao lado de um esboço de um metamorfo de lobo. *Os metamorfos aquáticos conseguem manter uma forma híbrida mais facilmente do que os da terra.*

Bryce leu a página seguinte, com um desenho de uma fêmea feérica. *Eles não viram o velho inimigo que ofereceu a mão através do espaço e do tempo. Como um peixe até a isca, eles vieram, e abriram os portões para nós voluntariamente. Eles passaram por eles, até Midgard, sob nosso convite, deixando para trás o mundo que conheciam.*

Bryce recuou da parede, se chocando contra a mesa.

Os asteri tinham atraído todos eles até aquele mundo de outros planetas. De alguma forma, usando as Fendas Norte e Sul, ou como quer que fosse que viajavam entre mundos, eles tinham… atraído todos para aquele lugar. Para cultivá-los. Para se alimentar deles. Para sempre.

Tudo era uma mentira. Sabia que muito da história aceita era um monte de merda, mas aquilo…

A fêmea se virou para o dispositivo de projeção no centro da mesa e esticou o braço para apertar o botão. Um mapa redondo e tridimensional do cosmos apareceu. Estrelas e planetas e nebulosas. Muitos marcados com anotações digitais, como os papéis nas paredes tinham.

Era um planetário digital. Como o de metal que vislumbrara quando criança no escritório do Rei Outonal. Como aquele no aposento do Astrônomo.

Será que tinha sido aquilo o que Danika descobrira em seus estudos sobre as linhagens? Que todos vinham de outro lugar, mas que tinham sido atraídos e presos ali? E então alimentados por aqueles sanguessugas imortais?

O mapa do universo girava acima. Tantos mundos. Bryce esticou o braço para tocar um. A anotação digital imediatamente surgiu ao lado dele.

Urganis. Crianças eram a nutrição ideal. Adultos incompatíveis.

Engoliu em seco para aliviar a secura na garganta. Era aquilo. Tudo o que restava de um mundo distante. Uma anotação sobre se seu povo servia como alimento e o que os asteri tinham feito com as crianças.

Será que havia um planeta natal? Algum mundo original de onde os asteri tinham vindo, tão devastado que precisaram sair caçando na imensidão do espaço?

Bryce começou a percorrer os planetas, um após o outro após o outro, arrastando estrelas e nuvens cósmicas de poeira.

Seu coração parou em um.

Inferno.

O chão pareceu deslizar de debaixo de si.

Inferno. Perdido. A.E. 17001.

A fêmea precisou afundar em uma das cadeiras ao ler a anotação. *Um mundo escuro e frio com poderosas criaturas da noite. Elas enxergaram através de nossos ardis. Antigas facções inimigas, os exércitos reais de Inferno se uniram e marcharam contra nós. Fomos sobrepujados e abandonamos o mundo deles, mas eles nos perseguiram. Descobriram com nossos tenentes capturados como passar pelas fendas entre os mundos.*

Bryce estava vagamente ciente de seu corpo trêmulo, de seus fôlegos breves.

Eles nos encontraram em Midgard em 17002. Tentaram convencer nossa presa iludida do que éramos, e alguns caíram na conversa deles. Perdemos um terço de nossas refeições para eles. A guerra durou até quase o fim de 17003. Eles foram derrotados e mandado de volta ao Inferno. Perigosos demais eles terem acesso a este mundo de novo, embora eles possam tentar. Eles desenvolveram ligações com os colonos de Midgard.

— Theia — sussurrou Bryce, rouca. Aidas amara a rainha feérica e…

O Inferno tinha ido ajudar, exatamente como Apollion dissera. O Inferno tinha expulsado os asteri do próprio mundo, mas… Lágrimas queimaram seus olhos. Os príncipes demônios haviam sentido uma obrigação moral de sair atrás dos asteri para que nunca mais fizessem de presa outro mundo. Para poupar outros.

Bryce começou a percorrer os planetas de novo. Tantos mundos. Tanta gente, e os filhos também.

Devia estar ali, o mundo natal dos asteri. Encontraria a informação e contaria aos príncipes do Inferno sobre ele, e, depois que terminassem de espancar aqueles canalhas até virarem pó em Midgard, iriam até seu mundo natal e o explodiriam…

Bryce soluçava entre os dentes.

Aquele império, aquele mundo… era apenas um imenso bufê para os seis seres que o governavam.

O Inferno havia tentado salvá-los. Durante quinze mil anos, o Inferno jamais parara de tentar achar um caminho de volta até ali. Para libertar todos eles dos asteri.

— De onde vocês vieram, *porra*? — perguntava-se, fervilhando.

Mundos disparavam pela ponta dos dedos dela, junto com as anotações sem emoção dos asteri. A maioria dos planetas não tinha a sorte que Inferno tivera.

Eles se rebelaram. Nós os deixamos em cinzas.

A primalux tinha um gosto estranho. Mundo extinto.

Habitantes lançaram bombas contra nós que deixaram planeta e população local saturados de radiação para serem alimento viável. Deixados para apodrecer no próprio lixo.

Primalux fraca demais. Mundo extinto, mas mantivemos vários cidadãos que produziam boa primalux para nos sustentar em viagens. Crianças se mostraram saborosas, mas não se adaptaram a nosso método de viagem.

Aqueles *monstros* psicóticos e desalmados…

— Você não vai encontrar nosso mundo natal aqui — disse uma voz fria pelo comunicador sobre a mesa. — Até mesmo nós já esquecemos onde jazem as ruínas dele.

Bryce estava ofegante, apenas ódio corria por seu corpo quando disse a Rigelus:

— *Eu vou matar você, porra.*



Rigelus gargalhou.

— Eu tive a impressão de que você só estava aqui para acessar a informação pela qual Sofie Renast e Danika Fendyr morreram. Vai me matar também?

Bryce apertou as mãos trêmulas em punhos.

— Por quê? Por que fazer tudo isso?

— Por que você bebe água e come comida? Nós somos seres superiores. Somos *deuses*. Você não pode nos culpar se nossa fonte de nutrição é inconveniente para você. Nós mantemos vocês saudáveis e felizes e permitimos que andem livremente por este planeta. Até mesmo deixamos os humanos viver esse tempo todo, só para dar a vocês, vanir, alguma coisa sobre a qual governar. Em troca, só pedimos um pouco de seu poder.

— Vocês são parasitas.

— O que são todas as criaturas, se alimentando dos recursos delas? Você deveria ver o que os habitantes de alguns mundos faziam com os planetas deles, o lixo, a poluição, os mares envenenados. Não era adequado que nós retribuíssemos o favor?

— Você não tem o direito de fingir que isso é alguma história de salvação.

Rigelus riu, e o som a tirou da fúria por tempo o bastante para se lembrar de Hunt e Ruhn, e, ah, deuses, se Rigelus sabia que ela estava ali, ele os encontraria…

— Não é isso o que você está fazendo?

— Que porra isso deveria querer dizer?

— Você deixou uma mensagem de voz tão solene para sua amiga Juniper. É óbvio que, depois que eu a ouvi, soube que você só podia estar indo para um lugar. Aqui. Até mim. Exatamente como eu esperava e tinha planejado.

Bryce afastou suas perguntas; em vez disso, exigiu saber:

— Por que você me quer aqui?

— Para reabrir as Fendas.

Seu sangue congelou mais uma vez.

— Não posso.

— Não pode? — A voz fria serpenteou pelo interfone. — Você é Estrelada e tem o chifre preso a seu corpo e tem poder. Seus ancestrais empunhavam o chifre e outro objeto feérico que os permitiram entrar neste mundo. Roubados, é óbvio, de seus mestres originais, nosso povo. Nosso povo, que construiu guerreiros temidos naquele mundo para serem seu exército. Todos eles protótipos para os anjos deste. E todos eles traidores dos criadores deles, juntando aos feéricos para derrubar meus irmãos e irmãs mil anos antes de chegarmos a Midgard. Eles mataram meus irmãos.

A mente da fêmea girava.

— Não entendo.

— Midgard é uma base. Nós abrimos as portas a outros mundos para atrair seus cidadãos para cá, tantos seres poderosos, todos tão ansiosos para conquistar novos planetas. Sem perceber que éramos nós os *seus* conquistadores. No entanto, nós também abrimos as portas para poder conquistar aqueles outros mundos. Os feéricos, a Rainha Theia e suas duas filhas tolas, perceberam isso, embora tarde demais. O povo dela já estava aqui, mas ela e as princesas descobriram onde meus irmãos tinham escondido seus pontos de acesso no mundo delas.

Ódio ondulava por cada palavra dele.

— Seus ancestrais Estrelados fecharam os portões para impedir que invadíssemos o reino deles mais uma vez e lembrássemos a eles

quem eram seus verdadeiros mestres. E, no processo, fecharam os portões para todos os outros mundos, inclusive aqueles para o Inferno, lar de seus aliados apoiadores. Então estamos presos aqui. Cortados do cosmos. Tudo que resta de nosso povo, embora nossos místicos sob este palácio tenham há muito tempo buscado outros sobreviventes, qualquer planeta em que possam estar escondidos.

Bryce tremia. O Astrônomo estava certo sobre a vastidão de místicos ali.

— Por que está me contando isso?

— Por que acha que permitimos que você vivesse nessa primavera? Você é a chave para abrir as portas entre os mundos de novo. Vai desfazer as ações de uma princesa ignorante de quinze mil anos atrás.

— De jeito nenhum.

— Seu parceiro e irmão não estão aqui com você?

— Não.

Rigelus gargalhou.

— Você é tão parecida com Danika, uma mentirosa nata.

— Vou aceitar isso como um elogio. — Bryce ergueu o queixo. — Vocês sabiam que ela havia descoberto sobre vocês.

— Evidentemente. Sua busca pela verdade começou com o dom de farejadora. Não é um dom da força do corpo, mas da *magia*, tal qual os metamorfos não deveriam ter. Ela conseguia sentir o cheiro de outros metamorfos com poderes estranhos.

Como Sofie. E Baxian. Danika o tinha encontrado pela busca de sua linhagem, mas também havia sentido o cheiro dele, não?

— Fez com que ela investigasse a história da própria linhagem, até a chegada dos metamorfos neste mundo, aprendendo de onde vinham seus dons. Por fim, ela começou a suspeitar da verdade.

A garganta de Bryce tremeu.

— Olha, eu fiz toda essa coisa do monólogo do vilão com Micah na primavera, então vá direto ao ponto.

Rigelus riu de novo.

— Vamos chegar lá em um momento. — Prosseguiu: — Danika percebeu que os metamorfos são feéricos.

Bryce piscou.

— O quê?

— Não o seu tipo de feéricos, óbvio, seu tipo vivia em uma linda e verde terra cheia de magia. Se é de algum interesse para você, sua linhagem Estrelada especificamente veio de uma pequena ilha a alguns quilômetros do continente. E, enquanto o continente tinha todo tipo de clima, a ilha existia em um crepúsculo lindo, quase permanente. Contudo, apenas alguns seletos seres de todo o seu mundo podiam se transformar das formas humanoides para as animais. Os metamorfos de Midgard eram feéricos de um mundo diferente. Todos os feéricos daquele mundo compartilhavam sua forma com um animal. Os tritões também descendem deles. Talvez um dia tenham compartilhado um mundo com seu tipo de feéricos, mas estavam sozinhos no próprio mundo há tempo demais e desenvolveram seus próprios dons.

— Eles não têm orelhas pontudas.

— Ah, nós as tiramos deles por cruzamentos. Sumiram em poucas gerações.

Uma ilha de quase permanente crepúsculo, o mundo natal do tipo *dela* de feéricos… Uma terra de Crepúsculo.

— A Verdade do Crepúsculo — sussurrou Bryce. Não era apenas o nome daquela sala sobre o qual Danika estava falando com Sofie.

Rigelus não respondeu e ela não soube o que pensar daquilo, mas Bryce perguntou:

— Por que mentir para todos?

— Duas raças de feéricos? Ambas ricas em magia? Eles eram a comida ideal. Não podíamos permitir que se unissem contra nós.

— Então vocês voltaram uma contra a outra. Transformaram-nas em duas espécies rivais.

— Sim. Os metamorfos fácil e rapidamente se esqueceram do que um dia tinham sido. Entregaram-se a nós alegremente e fizeram nossa vontade. Lideraram nossos exércitos. E ainda fazem isso.

O Primo tinha dito algo semelhante. Os lobos haviam perdido o que um dia foram. Danika sabia disso. Danika *sabia* que os metamorfos tinham sido feéricos. Que ainda eram feéricos, mas de um tipo diferente.

— E o Projeto Thurr? Por que Danika estava tão interessada nisso?

— Thurr foi a última vez em que alguém foi tão longe quanto Danika em descobrir sobre nós. Não acabou bem para eles. Suponho

que ela quisesse aprender dos erros deles antes de agir.

— Ela ia contar a todo mundo quem vocês eram.

— Talvez, mas ela sabia que precisaria fazer isso devagar. Ela começou com a Ophion, mas sua pesquisa das linhagens e das origens dos metamorfos, sua crença de que eles tinham um dia sido um tipo distinto de feérico, de um mundo feérico diferente, era tão importante que eles a colocaram em contato com uma das agentes mais talentosas deles: Sofie Renast. Pelo que eu entendi, Danika estava *muito* intrigada com Sofie e seus poderes, mas, entende, Sofie também tinha uma teoria. Sobre energia. O que os dons de pássaro-trovão sentiam quando ela usava a primalux. E melhor ainda para Danika: Sofie era uma desconhecida. Danika seria notada bisbilhotando, mas Sofie, como uma humana de passagem trabalhando nos arquivos, era facilmente ignorada. Então Danika a enviou para aprender mais, para se infiltrar, como vocês chamam.

Bryce cometera um grave erro indo até ali.

— Por fim, nós fomos notificados por um de nossos míticos aqui, que descobriu ao entrar na mente de um do Comando da Ophion. Então fizemos alguns arranjos. Apontamos Micah na direção da sintez. Na direção de Danika.

— Não. — A palavra foi um sussurro.

— Acha que Micah agiu sozinho? Ele era um macho impetuoso e arrogante. Só foi preciso que alguém o incentivasse, e ele a matou para nós. Não fez ideia de que foi por nós, mas acabou como planejamos: foi por fim pego e morto por perturbar nossa paz. Eu agradeço a você por isso.

Bryce pulou da cadeira. Tinham matado Danika para manter tudo aquilo em segredo. Ela os despedaçaria.

— Você pode tentar fugir — disse Rigelus. — Se isso vai fazer você se sentir melhor.

Bryce não deu a ele a chance de dizer mais, antes de se teletransportar de volta para a alcova. O poder de Hunt estava se dissipando como uma chama diminuindo dentro dela.

Nenhum sinal de Ruhn, mas Hunt…

O anjo estava de joelhos, o elmo de Umbra Mortis jogado no piso de pedra ao lado dele. As mãos às costas, atadas com algemas de gorsiana.

Seus olhos se tornaram selvagens, suplicantes, mas não havia nada que Bryce pudesse fazer quando a pedra gélida se fechou em seus pulsos também, e se viu frente a frente com uma sorridente Harpia.



Tharion corria… ou tentava. O mec-traje bloqueava sua saída com uma arma gigante.

O piloto ali dentro sorriu.

— Hora de fritar, peixe.

— Espertinho — disse Tharion entre dentes, saltando para trás quando a arma-canhão disparou. Apenas uma pilha fumegante de escombros restou do concreto onde ele estava.

— *Vá!* — gritou Cormac de novo, e o rifle de Pippa ressoou.

Tharion se virou e viu o príncipe desabar de joelhos, um buraco aberto no peito.

Precisava tirar Cormac dali. Não podia deixá-lo, onde a recuperação provavelmente seria sufocada por uma decapitação. Ainda assim se ficasse, se não fosse imediatamente morto…

O tritão tinha quatro horas para chegar à água. Os rebeldes usariam aquilo contra ele. E podia ter vendido a vida à Rainha Víbora, mas viver sem as barbatanas… Não estava pronto para perder aquela parte de sua alma.

Os olhos de Cormac ondularam com fogo quando encontrou o olhar de Tharion. *Fuja*, dizia o olhar.

Tharion fugiu.

O mec-traje às suas costas disparou de novo, e o tritão rolou entre as pernas imensas do dispositivo. Ficando de pé subitamente, correu para o buraco que o mec-traje tinha feito na parede. Luz do dia invadiu pela fumaça ondulante.

A corda em seu peito, a coleira da Rainha Víbora, pareceu sussurrar: *Vá para a água, seu babaca estúpido, então volte para mim.*

Tharion ousou olhar para trás quando saltou pela abertura. O mec-traje estava avançando contra Cormac. Pippa marchava ao seu lado agora, sorrindo em triunfo.

Além deles, fileira após fileira de mec-híbridos pela metade estavam adormecidos. Esperando a ativação e o massacre. Não importava para que lado lutassem.

Cormac conseguiu levantar a mão ensanguentada para apontar para trás de Pippa. Parou de súbito e se virou para encarar os cinco seres luminosos na outra ponta do espaço.

Os asteri. Ah, deuses. Eles tinham vindo.

Cormac não deu aviso quando explodiu em uma bola de fogo.

Pippa foi consumida por ela primeiro. Então o mec-piloto, que queimou vivo no traje.

No entanto, a bola continuou crescendo, espalhando-se, rugindo, Tharion começou a correr de novo, sem esperar para ver se poderia de alguma forma, contra todas as probabilidades, matar os asteri.

Correu para céu aberto, seguindo o puxão da coleira para a água, para Valbara, desviando dos guardas lobos que agora corriam até o prédio. Sirenes disparavam. Luz branca ondulava no céu, o ódio dos asteri.

Tharion passou das árvores. Continuou correndo até a costa. Talvez desse sorte e encontrasse um veículo antes disso, mesmo que precisasse roubar. Ou colocar uma arma na cabeça do motorista.

Estava a oitocentos metros de distância quando o prédio inteiro explodiu, levando junto Cormac, os trajes e os rebeldes.

* * *

Caído no piso da cela, o corpo de Ruhn doía devido à surra que tinha levado. Mordoc o cercara de lobos ferais. Nenhuma sombra teria sido

capaz de esconder Ruhn do farejador, de toda forma. Teria sido farejado imediatamente.

Será que Day o traíra? Fingira ser capturada para que fosse até lá? Fora tão ignorante, tão *ignorante*, porra, e agora…

A porta da cela bem abaixo do palácio dos asteri se abriu. Ruhn, acorrentado à parede como algemas de gorsiana, olhou para cima horrorizado quando Bryce e Athalar entraram, igualmente algemados. O rosto da irmã estava completamente pálido.

Athalar exibiu os dentes para a Harpia quando ela o empurrou para dentro. Como Mordoc ainda espreitava diante do arco da cela, sorrindo para os dois, Ruhn não tinha dúvida de que a Corça estava em algum lugar próximo, que seria ela que os machucaria.

Nem Athalar nem Bryce lutaram contra seus captores quando também foram acorrentados à parede. Bryce estava trêmula. Se de medo ou ódio, Ruhn não sabia.

O príncipe encarou Mordoc de volta, permitindo que o lobo feral visse com quem Inferno estava se metendo.

— Como sabia que eu estaria aqui?

O capitão lobo feral se afastou do arco, violência em cada movimento.

— Porque Rigelus planejou que fosse assim. Eu ainda não acredito que você foi direto para as mãos dele, seu tolo.

— Nós viemos aqui para ajudar os asteri — tentou Ruhn. — Você entendeu errado.

Pelo canto do olho, podia sentir Bryce tentando chamar sua atenção.

O rosto de Mordoc, no entanto, contorceu-se com um prazer cruel.

— Ah, é? Era essa desculpa que você ia usar naquele beco? Ou com os místicos? Você se esquece de com quem está falando. Eu jamais me esqueço de um cheiro. — Olhou com desprezo para Bryce e Hunt. — Segui vocês por toda a Lunathion, Rigelus ficou muito feliz de saber sobre suas atividades.

— Eu achei que você se reportasse à Corça — disse Athalar.

Os dardos de prata em volta do colarinho de Mordoc brilharam quando se aproximou.

— Rigelus tem um interesse especial por vocês. Ele me pediu para farejar por aí. — O lobo cheirou Hunt de modo afetado. — Talvez seja porque seu cheiro é errado, anjo.

Athalar grunhiu:

— Que porra isso quer dizer?

Mordoc inclinou a cabeça com avaliação debochada.

— Não é como nenhum outro anjo que eu já tenha farejado.

A Harpia revirou os olhos e disse ao capitão:

— Chega. Deixe-nos.

O lábio de Mordoc se retraiu.

— Nós devemos esperar aqui.

— *Deixe-nos* — disparou a Harpia. — Eu quero começar logo antes que ela estrague minha diversão. Você certamente está na mesma, se está saindo pelas costas dela para se reportar a Rigelus. — Mordoc fervilhou de ódio, mas saiu marchando com um grunhido baixo.

A mente de Ruhn estava acelerada. Jamais deveriam ter ido até lá. Mordoc *tinha* se lembrado do cheiro dele, e os seguira nas últimas semanas. Tinha passado cada local para Rigelus. Porra.

A Harpia sorriu.

— Faz um tempo desde que brinquei com você, Athalar.

Hunt cuspiu aos pés dela.

— Quero ver se você tem coragem.

Ruhn sabia que o anjo estava tentando evitar que a fêmea fosse até Bryce. Ganhando o tempo que pudesse para que conseguisse encontrar uma forma de sair daquela merda toda. Ruhn viu a expressão de pânico de Bryce.

Ela não podia se teletransportar, graças às algemas de gorsiana. Será que Cormac conseguiria voltar até ali? Era a única chance de saírem daquelas correntes, a única chance de sobreviverem. Será que Dec tinha visto a captura? Mesmo que tivesse, não havia reforços que pudesse enviar.

A Harpia sacou uma faca curta e letal. O tipo tão precioso que podia cortar pele dos lugares mais delicados. Girou a lâmina na mão, mantendo-se longe do alcance de Athalar, mesmo com as correntes. Sua atenção passou para Ruhn, o semblante dela tomado pelo ódio.

— Não está tão confiante agora, não é, principezinho? — perguntou. A Harpia apontou a faca para a virilha de Ruhn. — Sabe

quanto tempo leva para as bolas de um macho crescerem de novo?

Puro medo disparou por ele.

Bryce sibilou:

— Mantenha a porra das suas mãos longe dele.

A Harpia gargalhou.

— Isso incomoda você, princesa, ver seus machos serem tratados tão mal? — Aproximou-se de Ruhn, que não conseguiu fazer nada quando a Harpia passou o lado da lâmina por sua bochecha. — Tão lindo — murmurou a Harpia, os olhos como o mais escuro Inferno. — Vai ser uma pena estragar essa beleza.

Hunt grunhiu.

— Venha brincar com alguém interessante.

— Ainda o nobre bastardo — disse a Harpia, passando a faca pelo outro lado do rosto de Ruhn. Se ela se aproximasse o suficiente, Ruhn poderia tentar rasgar o pescoço dela com os dentes, mas era cautelosa demais. Mantinha-se afastada o suficiente. — Tentando me distrair de ferir os outros. Não se lembra de como eu cortei seus soldados pedacinho por pedacinho apesar das suas súplicas?

Bryce avançou contra as correntes e o coração de Ruhn se partiu quando a irmã gritou:

— *Saia de perto dele, porra!*

— Ouvir você gritar enquanto eu o retalho vai ser um prazer — disse a Harpia, e deslizou a faca até a base do pescoço de Ruhn.

Aquilo ia doer. Doeria, mas, por causa de seu sangue vanir, não morreria… ainda não. Continuaria cicatrizando enquanto ela o cortasse inteiro.

— *SAIA DE CIMA DELE!* — urrou Bryce. Um rugido gutural ecoou pelas palavras. O som mais feérico que já ouvira sua irmã fazer.

A ponta da faca perfurou o pescoço de Ruhn, o ardor aumentando. Ele mergulhou fundo, para o lugar até onde sempre fugia para evitar as ministrações do pai.

Tinham entrado ali tão tolamente, tinham sido tão ignorantes…

A Harpia inspirou, os músculos se flexionando para empurrar a faca para dentro.

Alguma coisa dourada e ágil como o vento se chocou contra o lado dela e lançou a Harpia estatelada.

Bryce gritou, mas todo o barulho, todos os pensamentos na cabeça de Ruhn se afastaram quando um familiar e delicioso cheiro o atingiu. Quando contemplou a fêmea que tinha ficado de pé com um salto, agora uma muralha entre ele e a Harpia.

A Corça.



— Sua *vadia* escrota — xingou a Harpia, se levantando para sacar uma longa e cruel espada.

Ruhn não conseguia se mover do chão conforme a Corça desembainhava a própria lâmina fina. Conforme seu cheiro atraente flutuava até ele. Um cheiro que de alguma forma estava entrelaçado ao seu. Era muito leve, como uma sombra, tão vago que duvidava que mais alguém percebesse que o cheiro subjacente pertencia a ele.

Seu cheiro tinha sido familiar desde o início porque Hypaxia era sua meia-irmã, percebeu. Laços familiares não mentiam. Ele estivera errado sobre ela ser da Casa de Céu e Sopro — a Corça podia afirmar total lealdade a Casa de Terra e Sangue.

— Eu sabia. Eu sempre *soube* — disse, furiosa, a Harpia, as asas farfalhando. — Escrota traidora.

Não podia ser.

Aquilo… não podia ser.

Bryce e Hunt estavam congelados de choque.

Ruhn sussurrou:

— Day?

Lidia Cervos olhou por cima de um ombro. E disse com tranquilidade baixa, em uma voz que ele conhecia como as batidas do

próprio coração, uma voz que nunca ouvira usar como a Corça:

— Night.

— Os asteri vão retalhar você e dar de comer aos seus lobos ferais — cantarolou a Harpia, inclinando a espada. — E eu vou ajudá-los a fazer isso.

A fêmea de cabelos dourados, Lidia, *Day*, apenas disse à Harpia:

— Não se eu matar você primeiro.

A Harpia avançou. A Corça estava à espera.

Espada encontrou espada, e Ruhn só conseguia assistir conforme a metamorfa desviava e bloqueava o ataque da anjo. Sua lâmina brilhava como mercúrio, e, quando a Harpia desferiu mais um golpe de quebrar um braço, uma adaga surgiu na outra mão de Lidia.

A Corça cruzou adaga e espada e segurou o golpe, usando o movimento da Harpia para chutar sua barriga exposta. A anjo caiu em uma pilha de asas e cabelos pretos, mas se levantou instantaneamente, circundando.

— Os asteri vão deixar Pollux fazer o que quiser com você, eu acho. — Uma risada amarga, cruel.

Pollux… o macho que… Um ruído branco estrondoso explodiu na mente de Ruhn.

— Pollux vai receber o que merece também — disse a Corça, bloqueando o ataque e girando de joelhos de forma que passasse para trás da Harpia. A Harpia virou, bloqueando o golpe, mas recuou um passo para mais perto de Ruhn.

Suas lâminas se encontraram, a Harpia avançando. Os braços da Corça se flexionaram, os músculos esguios em suas coxas eram visíveis pela calça branca colada ao corpo quando se impulsionou mais e mais cima, até se levantar. Manteve as botas pretas plantadas no chão, e a posição da Harpia não era nem de longe tão firme.

Os olhos dourados de Lidia desviaram para os de Ruhn. Assentiu sutilmente. Um comando.

Ruhn se agachou, se preparando.

— Mentirosa imunda — revoltou-se a Harpia, perdendo mais dois centímetros de distância. Só mais um pouquinho… — Quando eles corromperam você?

O coração de Ruhn acelerou.

As duas fêmeas se chocaram e recuaram com habilidade assustadora, então se chocaram de novo.

— Eu posso ser mentirosa — grunhiu Lidia, sorrindo selvagemente —, mas pelo menos não sou tola.

A Harpia piscou quando a Corça a empurrou mais um centímetro.

Até o limite do alcance de Ruhn.

Ruhn agarrou o tornozelo da Harpia e *puxou*. A anjo gritou, caindo de novo, as asas se abrindo.

A Corça golpeou.

Ágil como uma serpente, Lidia mergulhou a espada dela no alto da coluna da Harpia, bem através do pescoço. A ponta da lâmina atingiu o chão antes que seu sangue colidisse com ele.

A anjo tentou gritar, mas a Corça tinha inclinado o golpe de forma a perfurar suas cordas vocais. O golpe seguinte, com a adaga de bloqueio, mergulhou pela orelha da Harpia para dentro do crânio. Outro movimento e a cabeça saiu rolando.

E então silêncio. As asas da Harpia estremeceram.

Ruhn lentamente levantou o olhar para a Corça.

Lidia estava de pé acima dele, borrifada com sangue. Cada linha do corpo que ele tinha visto e sentido estava tensa. Alerta.

Hunt respirou:

— Você é uma agente dupla?

Lidia, no entanto, se colocou em movimento, agarrando as correntes de Ruhn, destrancando-as com uma chave do uniforme imperial.

— Não temos muito tempo. Vocês precisam sair daqui.

Jurara que não iria atrás dele se ele se metesse em problemas, mas ali estava ela.

— Isso foi uma armadilha? — indagou Bryce.

— Não da forma como você pensa — respondeu Lidia. Como a Corça, mantinha a voz grave e baixa. A voz de Day, a voz *dessa* pessoa, soava mais aguda. Aproximou-se o suficiente enquanto soltava os pés de Ruhn para que sentisse seu cheiro de novo. — Eu tentei avisar você que acreditava que Rigelus *queria* que você viesse até aqui, que ele sabia que você viria, mas… eu fui interrompida. — Por Pollux. — Quando eu finalmente pude alcançar você de novo, ficou óbvio que apenas alguns de nós entre os triários de Sandriel sabiam sobre o

plano de Rigelus, e que Mordoc estava dando informações a ele a respeito do seu paradeiro. Avisar você seria me entregar.

Hunt fez cara de ódio enquanto Ruhn encarava a Corça.

— E nós não podíamos permitir isso — disse o anjo.

Mordoc… como o farejador não tinha notado a sutil mudança no cheiro de Lidia? No de Ruhn? Ou será que tinha, e estava ganhando tempo até poder fechar a arapuca?

Lidia olhou com irritação para Hunt, sem recuar ao começar a trabalhar nas correntes de Bryce.

— Há muito que vocês não entendem.

Ela era tão linda. E completamente desalmada.

Você me lembra de que estou viva, dissera a ele.

— Você matou Sofie — chiou Bryce.

— Não. — Lidia balançou a cabeça. — Eu chamei o navio-cidade para salvá-la. Eles chegaram tarde demais.

— O quê? — disparou Athalar.

Ruhn piscou quando a Corça tirou a pedra branca do bolso.

— Estas são pedras de convocação, como faróis. A Rainha do Oceano as encantou. Elas chamam qualquer navio-cidade que esteja mais próximo quando são jogadas na água. Os místicos dela sentem quando os navios podem ser necessários em uma certa área, e as pedras são usadas como um método preciso de localização.

Fizera isso naquele dia em Ydra também. Chamara o navio para salvá-los.

— Sofie se afogou por sua causa — grunhiu Ruhn, sua voz como cascalho. — As pessoas morreram por suas mãos…

— Tenho tanto para contar a você, Ruhn — disse baixinho, seu nome na língua dela…

Mesmo assim, Ruhn virou o rosto para longe do da fêmea. Podia jurar que a Corça se encolheu.

Não se importava. Não quando Hunt perguntou para Bryce:

— Você descobriu a verdade?

Bryce empalideceu.

— Descobri. Eu…

Passos soaram no corredor. Distantes, mas se aproximando. A Corça ficou imóvel.

— Pollux.

Sua audição devia ser melhor do que a dele. Ou ela conhecia a cadência dos passos do desgraçado tão bem que sabia dizer de longe.

— Precisamos fazer parecer real — disse ela a Bryce, a Ruhn, a voz suplicante, completamente desesperada. — As linhas de informação *não podem* ser rompidas. — A voz falhou. — Estão entendendo?

Bryce entendeu, pelo visto. E riu.

— Eu não deveria sentir tanto prazer nisso.

Antes que Ruhn pudesse reagir, a irmã socou a metamorfa no rosto. Jogou-a no chão. Ele gritou, e aqueles passos no corredor se transformaram em uma corrida.

Bryce saltou sobre a Corça, os punhos voando, e o sangue da Harpia no chão manchando as duas. Hunt lutou contra as correntes, e Ruhn ficou de pé, avançando contra as fêmeas…

Pollux apareceu à porta.

Contemplou a Harpia morta, contemplou Bryce ensanguentada com a Corça sob ela, sendo esmurrada, contemplou Ruhn avançando e sacou a espada.

Ruhn podia jurar que a Corça sussurrou alguma coisa ao ouvido da irmã antes de Pollux agarrar Bryce pelo pescoço e a arrancar de cima da outra fêmea.

— Oi, princesa — cantarolou o monstro.

* * *

Hunt não tinha palavras na mente quando o macho que odiava acima de todos os outros agarrou sua parceira pelo pescoço. Ele a segurou acima do chão, de modo que a ponta dos tênis de Bryce se arrastassem na pedra ensanguentada.

— Olhe o que você fez com minha amiga — disse Pollux com aquela voz morta, desalmada. — E com minha amante.

— Eu vou fazer o mesmo com você — conseguiu dizer Bryce, os pés chutando o nada.

— *Coloque-a no chão, porra* — grunhiu Hunt.

Pollux olhou com desprezo para o anjo, e não obedeceu.

A Corça tinha conseguido tirar a espada do corpo da Harpia e apontar para Ruhn.

— Recuem contra a parede ou ela morre. — Sua voz era inexpressiva e grave, como Hunt sempre ouvira. Nada parecida com o registro mais baixo e mais agudo de antes.

Agente Daybright não precisava ser salva, afinal de contas. E a Corça… a fêmea que Hunt tinha visto tão impiedosamente caminhar sobre o mundo…

Ela era uma rebelde. Tinha salvado o couro deles naquele dia nas águas na costa de Ydra ao chamar o navio-cidade com a pedra de convocação. Não tinha sido a luz de Bryce. *Nós recebemos sua mensagem*, tinham dito.

Ruhn parecia ter sido socado no estômago. E na alma.

Pollux enfim desceu Bryce até o chão, um braço envolvendo o tronco conforme sorria para Hunt. Cheirou o cabelo de Bryce. A visão de Hunt ficou turva de ódio quando Pollux falou:

— Isso vai ser tão satisfatório.

Bryce estava tremendo. Sabia, qualquer que fosse a verdade sobre os asteri, sobre tudo aquilo, ela sabia. Precisavam tirá-la daquele lugar, para que aquela informação não morresse ali.

Para que ela não morresse ali.

Os próximos minutos foram um borrão. Guardas fluíram para dentro. Hunt se viu sendo puxado de pé, Bryce acorrentada ao seu lado, Ruhn do outro, a Corça marchando ao lado de Pollux do calabouço até o vão dos elevadores.

— Suas Graças esperam por vocês — disse a Corça, com uma frieza tão insensível que até mesmo Hunt acreditou, e se perguntou se tinha imaginado que a fêmea os ajudara. Imaginado que ela havia arriscado tudo para salvar Ruhn da Harpia.

Pela forma como Ruhn olhava com irritação para a Corça, Hunt só podia adivinhar o que o príncipe estava pensando.

Entraram no elevador, a Corça e Pollux olhando-os. O Martelo deu um risinho para Hunt.

Se pudessem matar Pollux… Mas câmeras monitoravam aquele elevador. Os corredores. A Corça seria revelada.

Bryce ainda estava trêmula ao lado do anjo. Entrelaçou seus dedos com os dela, pegajosos de sangue, o máximo quanto suas correntes permitiriam.

Tentou não olhar para baixo quando sentiu as correntes da parceira. As algemas estavam soltas. Destrancadas. Apenas a ponta dos dedos de Bryce as seguravam no lugar, a Corça não as fechara. Bryce encontrou o olhar de Hunt. Magoado e cheio de amor.

A Corça também sabia. Que Bryce, com a informação que carregava, precisava sair.

Será que a Corça estava planejando alguma coisa? Será que havia sussurrado um plano ao ouvido de Bryce?

Bryce não disse nada. Apenas segurou sua mão, pela última vez, percebeu Hunt, quando o elevador disparou para cima pelo palácio de cristal.

Ele estava segurando a mão da parceira dele pela última vez.

* * *

Ruhn encarou a fêmea que achava conhecer. Seu impassível e belo rosto. Os olhos dourados vazios.

Era uma máscara. Vira o verdadeiro rosto momentos antes. Tinha unido o corpo e a alma com os dela dias antes. Sabia que fogo queimava ali dentro.

Night.

A voz era uma súplica distante e baixa em sua mente. Como se Lidia estivesse tentando encontrar uma forma de ligar seus pensamentos de novo, como se o cristal em seu bolso tivesse mais uma vez forjado um caminho. *Night.*

Ruhn ignorou a voz suplicante. A forma como falhou quando ela disse: *Ruhn.*

Fortificou as paredes da mente. Tijolo após tijolo.

Ruhn. Lidia bateu às paredes da mente dele.

Então Ruhn a cercou com ferro. Com aço preto.

Pollux sorriu para ele. Passou a mão pelo pescoço manchado de sangue da Corça e beijou sob a orelha dela.

— Você gosta da aparência da minha amante, principezinho?

Alguma coisa letal se partiu ao ver a mão do macho no pescoço dela. A forma como apertava, e o sutil brilho de dor nos olhos de Lidia…

Ele a havia machucado. Pollux a havia machucado, de novo e de novo, e voluntariamente se submetia para poder continuar dando informação aos rebeldes. Suportara um monstro como Pollux por aquilo.

— Talvez a gente faça um espetáculo para você antes do final — disse Pollux, e lambeu a coluna do pescoço de Lidia, limpando o sangue respingado ali.

Ruhn exibiu os dentes com um grunhido silencioso. Ele o mataria. Lenta e completamente, punindo-o por cada toque, cada mão que tinha colocado sobre Lidia com dor e tormento.

Não tinha ideia do que isso fazia dele. Por que ele queria e precisava daquela muralha de aço entre ele e Lidia, mesmo enquanto seu sangue urrava para assassinar Pollux. Como poderia repugná-la e precisar dela, estar atraído por ela, no mesmo fôlego.

Pollux gargalhou para a pele da fêmea, então se afastou. Lidia sorriu friamente. Como se tudo não significasse nada, como se não sentisse absolutamente nada.

Mesmo assim, a voz contra as paredes de sua mente gritou: *Ruhn!*

Lidia bateu contra o aço preto e a pedra, de novo e de novo. Sua voz falhou de novo: *Ruhn!*

Ruhn a trancou do lado de fora.

Ela havia tirado inúmeras vidas, mas também trabalhara para salvá-los. Será que isso mudava alguma coisa? O macho sabia que Day era alguém no alto da hierarquia, teria sido um tolo se achasse que qualquer um com aquele nível de liberdade entre os asteri viria sem complicações. Ainda assim, para que fosse ela… O que Inferno significava com relação a ele, que Ruhn fosse capaz de sentir o que sentia por alguém como *ela*?

Sua aliada era sua inimiga. Sua inimiga era sua amante. Concentrou-se no sangue respingado nela.

Lidia tinha tanto sangue nas mãos que jamais seria possível lavá-lo.

* * *

Bryce sabia que ninguém viria salvá-los. Sabia que era provavelmente culpa sua. Ela mal suportava sentir os dedos de Hunt contra os dela

conforme caminhavam pelo longo corredor de cristal. Não suportava a viscosidade do sangue da Harpia conforme secava em sua pele.

Nunca vira um corredor tão longo. Uma parede de janelas se estendia de um dos lados, dando para o pátio do palácio e uma cidade antiga adiante. Do outro lado, bustos dos asteri em suas várias formas franziam o cenho para eles sobre pedestais.

Seus mestres. Os senhores. Os parasitas que tinham atraído todos eles para aquele mundo. Que se alimentavam deles havia quinze mil anos.

Rigelus não teria contado tanto a ela se planejava libertá-la.

Queria poder ligar para a mãe e Randall. Desejava poder ouvir suas vozes mais uma vez. Desejava ter consertado as coisas com Juniper. Desejava ter ficado na encolha e sido normal e vivido uma vida longa e feliz com Hunt.

Não teria sido normal, no entanto. Teria sido ignorância satisfeita. E qualquer filhos que tivessem… um dia seu poder também seria afunilado para alimentar aquelas cidades e os monstros que as governavam.

O ciclo precisava se encerrar em algum momento. Outros mundos haviam conseguido destroná-los. O *Inferno* tinha conseguido expulsá-los.

Mesmo assim, Bryce sabia que ela, Hunt e Ruhn não seriam aqueles a parar o ciclo. Essa tarefa seria deixada para outros.

Cormac continuaria lutando. Talvez Tharion e Hypaxia e Ithan retomariam a causa. Talvez Fury também.

Deuses, será que Jesiba sabia? Havia mantido os livros restantes de Parthos, sabendo que os asteri iriam querer apagar a narrativa que contradizia a própria história sancionada por eles. Então Jesiba *tinha* que saber que tipo de seres governavam ali, não é?

A Corça liderou o grupo pelo corredor, com Pollux às costas. No final da passagem, Bryce conseguia discernir um pequeno arco.

Um Portão de quartzo.

O sangue de Bryce gelou. Será que Rigelus planejava obrigá-la a abri-lo como algum tipo de teste antes de escancarar as Fendas?

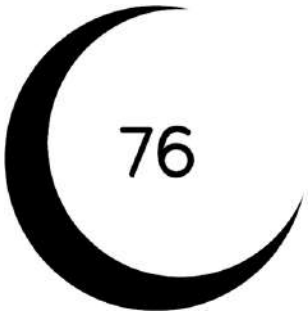
Ela obedeceria. Rigelus tinha Hunt e Ruhn em suas garras. Sabia que seu parceiro e seu irmão diriam a ela que suas vidas não valiam a pena, mas… não valiam?

A Corça se virou a um terço do caminho no corredor, na direção de um par de portas colossais abertas.

Sete tronos se erguiam em uma plataforma na ponta do espaço cavernoso de cristal. Todos, exceto um, estavam vazios. E o trono central, aquele ocupado… brilhava, cheio de primalux. Canalizando-a direto até o ser que se sentava sobre ele.

Alguma coisa feral abriu um olho na alma de Bryce. E grunhiu.

— Suponho que você esteja satisfeita por ter acrescentado mais um anjo à lista de vítimas com a morte da Harpia — disse, arrastado, a Mão Iluminada dos Asteri para Bryce, o olhar dele percorrendo o sangue seco sobre ela. — Espero que você esteja pronta para pagar por isso.



Hunt encarava suas asas cortadas, penduradas na parede bem no alto dos tronos dos asteri.

As asas impecavelmente brancas de Shahar estavam expostas acima das dele, ainda brilhando depois de todos aqueles séculos, bem no centro do conjunto. As de Isaiah estavam à esquerda das de Hunt. Tantas asas. Tantos Caídos. Todos preservados ali.

Sabia que os asteri as haviam guardado, mas ao vê-las…

Era prova de seu fracasso. Prova de que jamais deveria ter ido até lá. De que deveriam ter mandado a Ophion, Tharion e Cormac se foderem…

— Eu fiz um favor a você ao matar a Harpia — disse Bryce a Rigelus, que a observava com os olhos sem vida. Pelo menos os outros cinco não estavam ali. — Ela era um saco.

Hunt piscou para sua parceira manchada de sangue. Seus olhos queimavam como carvão em brasa, desafiadores e revoltados. Também tinha notado as asas do anjo.

Rigelus apoiou o fino queixo sobre um punho, inclinando um cotovelo ossudo contra seu trono. Tinha a aparência de um rapaz feérico de 17 anos, mais ou menos, de cabelos pretos e desajustado. Uma fachada fraca para encobrir o monstro antigo por baixo.

— Vamos nos provocar mais um pouco, senhorita Quinlan, ou posso chegar à parte em que eu ordeno a você que confesse os nomes de seus aliados?

Bryce riu, e Hunt jamais a amara tanto. Do outro lado dela, Ruhn olhava do asteri para sua irmã, como se tentando formular um plano.

Hunt sentiu um cheiro familiar e se virou e viu Baxian e Mordoc entrarem atrás deles. Caminharam até onde a Corça e o Martelo estavam de pé, perto das pilastras. Bloqueando a saída.

Rigelus sabia da missão deles até ali antes de sequer chegarem ao litoral de Pangera, antes de sequer partirem. Mordoc havia rastreado seus cheiros com seu dom de farejador pela cidade inteira, marcando cada localidade e reportando-se diretamente à Brilhante Mão.

Hunt tinha deixado seu telefone em Lunathion, por medo de que fosse rastreado até ali. Baxian não teria sido capaz de avisá-lo, nem que estivesse disposto a arriscar fazer isso.

Os olhos de Hunt encontraram os de Baxian. O macho não revelou nada. Nem um pingo de reconhecimento.

Será que tudo que tinha contado fora uma armadilha? Um golpe elaborado para levá-los até ali?

Bryce disse a Rigelus, atraindo a atenção de Hunt:

— Não há mais ninguém, mas vamos falar sobre como vocês são parasitas intergalácticos que nos enganam para que façamos a Descida para que possam se alimentar de nossa primalux. E depois se alimentar de nossa secundalux quando morremos.

Hunt ficou imóvel. Jurou que alguém atrás dele, Baxian ou a Corça, talvez, sobressaltou-se.

Rigelus riu com deboche.

— Essa é sua forma de contar a seus companheiros o que você sabe?

Bryce não desviou os olhos.

— Inferno, óbvio que é. Assim como o fato de que se destruirmos o núcleo de primalux sob este palácio…

— Silêncio — sibilou Rigelus, e a sala estremeceu com poder.

A mente de Hunt estava zonza. Os asteri, a primalux… Bryce encontrou o olhar do anjo, seus olhos fervendo de ódio e propósito. Havia mais, era o que parecia dizer. Tanto mais para ser usado contra os asteri.

Rigelus apontou para Ruhn.

— Tenho certeza de que você poderia elucidar para mim quem tem ajudado você. Eu sei sobre o Príncipe Cormac, esperava que suas atividades rebeldes pudessem ser úteis um dia. Quando descobrimos sobre sua traição, os outros quiseram matá-lo e acabar com isso, mas eu achei que poderia ser… valioso ver até onde e até quem ele nos levaria. Um príncipe dos feéricos sem dúvida acabaria entre outros vanir poderosos, talvez até mesmo tentasse recrutar alguns deles, e, assim, extrairia pela raiz a corrupção entre nossos súditos mais leais. Então por que matar um traidor, quando poderíamos por fim matar muitos? Infelizmente, ele está morto agora. É lá que estão meus outros irmãos, atraídos para o laboratório, como vocês sem dúvida esperavam. Contudo, eles relataram que outro macho estava com o príncipe e fugiu.

Bryce fez um ruído grave na garganta.

Rigelus se virou para ela.

— Ah, sim. Cormac incinerou a si mesmo e o laboratório. Um grande retrocesso, considerando o quanto era útil, mas um que nós superaremos, é óbvio. Principalmente com Pippa Spetsos entre os mortos.

Pelo menos Tharion tinha escapado sem ser identificado.

— Talvez possamos ligar para seu pai para ajudar com o interrogatório — prosseguiu Rigelus para Ruhn, entediado e frio. — Ele era tão habilidoso em usar o fogo para arrancar coisas de você quando você era menino.

Ruhn ficou tenso.

Hunt observou as feições respingadas de sangue de Bryce. Apenas uma vez vira aquele nível de ódio em seu rosto. Não para Rigelus, mas para o macho que a havia gerado. Era o mesmo ódio que contemplara no dia em que a fêmea matou Micah.

— Não é para isso que servem tantas das tatuagens? — prosseguiu Rigelus. — Para esconder as cicatrizes que ele deixou em você? Temo que precisemos estragar parte das tatuagens desta vez.

Inferno de merda. Os lábios de Bryce tinham ficado brancos por serem apertados tão forte um contra o outro. Seus olhos estavam brilhantes com lágrimas não derramadas.

Ruhn olhou para a irmã e disse, baixinho:

— Você trouxe tanta alegria para minha vida, Bryce.

Talvez fosse o único adeus que conseguiriam se dar.

Hunt levou a mão para os dedos de Bryce, mas deu um passo adiante. Ergueu o queixo do jeito rebelde que dizia foda-se e que o anjo amava tanto.

— Quer que eu abra um portal para você? Tudo bem. Mas apenas se você os soltar e concordar em deixá-los ilesos. Para sempre.

O sangue de Hunt gelou.

— Foi por isso que você nos atraiu até aqui? — viu-se exigindo saber dos asteri, mesmo enquanto rugia com ultraje devido à oferta de Bryce.

Rigelus falou:

— Eu não poderia exatamente arrancar vocês das ruas. Não figuras tão notórias e públicas. Não sem as acusações certas para trazê-los até aqui. — Um risinho para Bryce. — Seu amigo Aidas vai ficar terrivelmente desapontado ao descobrir que você não sabia dizer a diferença entre o verdadeiro Príncipe do Desfiladeiro e eu. Ele é terrivelmente vaidoso nesse sentido.

Hunt se sobressaltou, mas Bryce disse, revoltada:

— Você fingiu ser Aidas naquela noite.

— Quem mais poderia invadir os feitiços de proteção do seu apartamento? Você nem mesmo suspeitou de nada quando ele a encorajou na direção de atividades rebeldes. Embora eu suponha que o crédito por isso caiba a mim, interpretei bem o ódio dele por causa de Theia e Pelias, não acham?

Porra. O ente havia antecipado cada movimento deles.

Rigelus prosseguiu:

— E você nem mesmo investigou tanto assim os ceifadores que eu mandei desta cidade para provocá-la. O Quarteirão dos Ossos foi um local de teste para seu verdadeiro poder, entende, pois você pareceu ter pouca ciência ou interesse nele o verão todo. Você deveria aprimorar seus poderes, tudo para que pudéssemos utilizá-los bem. Você entrou no jogo perfeitamente.

Hunt fechou os dedos em punhos. Deveria ter previsto, deveria ter afastado Bryce daquela confusão, deveria tê-la levado ao primeiro indício de problema e ido até um lugar onde ninguém poderia jamais encontrá-los.

No entanto, estavam em Midgard. Não importava para onde fossem, não importava a que distância de Lunathion ou da Cidade Eterna, os asteri sempre os encontrariam.

Rigelus suspirou dramaticamente diante de seu silêncio chocado.

— Tudo isso parece muito familiar, não é? Uma rainha Estrelada que se aliou a um Príncipe do Inferno. Que confiou profundamente nele, e, por fim, pagou o preço.

Hunt se controlou o suficiente para assentir na direção do sétimo, e sempre vazio, trono.

— Mas o Inferno atingiu você no fim das contas, acredito.

O corpo de Rigelus brilhou com ira, mas sua voz permaneceu sedosamente suave.

— Eu estou ansioso para enfrentar Apollion novamente. Mordoc suspeitava de que o Devorador de Estrelas estava tentando chamar sua atenção nessas últimas semanas, para cutucá-los na direção dele.

Então um Príncipe do Inferno fora falso, o outro, verdadeiro. Apollion realmente havia mandado os caça-mortes, provavelmente para testar os poderes de Bryce, exatamente como Rigelus também queria, e os de Hunt. E queria tanto aquilo que estava disposto a arriscar sua morte caso não estivesse à altura da tarefa.

Ainda assim, Bryce se teletransportara naquela noite. Usara a habilidade para derrotar os caça-mortes. Tinha começado a dominar o dom e progredir a passos largos desde então. Literalmente.

Apollion devia saber que ela precisaria daquelas habilidades. Talvez para esse exato momento.

As correntes de gorsiana nos pulsos de Bryce estavam abertas. Se conseguisse tirá-las, conseguiria fugir. Se a Corça conseguisse de alguma forma tirar suas correntes, bloquearia o asteri e Bryce poderia continuar fugindo.

Hunt disse, uma última vez:

— Você é cheio de mentiras, e Mordoc deveria checar o nariz dele. Não somos rebeldes. Celestina pode confirmar.

Rigelus gargalhou, e Hunt fervilhou de ódio.

— Celestina? Está falando da arcanjo que reportou para mim que você mentiu a respeito de visitar a família da senhorita Quinlan semanas atrás, e então relatou para mim imediatamente quando viu

você deixar o quartel fortemente armado? — As palavras o atingiram como um soco fantasma no estômago.

O amor é uma armadilha, dissera Celestina a ele. Era esse o jeito dela de proteger o que amava? Provando sua confiabilidade aos asteri ao entregar Hunt e os amigos de forma que eles pudessem reagir com leniência caso descobrissem sobre Hypaxia? Será que ela fazia alguma ideia de que a bruxa que amava estava envolvida?

Rigelus pareceu ler essas perguntas no rosto de Hunt porque disse:

— Ela pode ter sido um dia amiga de Shahar, Orion, mas, com tanta coisa pessoalmente em risco para ela, Celestina não é sua amiga. Pelo menos não quando se trata de proteger aqueles que ela mais valoriza.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Ruhn, rouco.

Rigelus franziu a testa com desprezo.

— É uma questão de sobrevivência. — Um olhar para Bryce. — Embora a primeira tarefa dela para todos nós será um… assunto pessoal, creio.

— Você vai atacar o Inferno — sussurrou Hunt. Era isso o que Apollion estava antecipando? Por que continuava dizendo a eles, de novo e de novo, que os exércitos do Inferno estavam se preparando?

Não para atacar esse mundo, mas defender o próprio Inferno. Para se aliar com qualquer um que colocasse contra os asteri.

— Não — falou Rigelus. — Nem mesmo o Inferno está no topo de nossa lista daqueles contra quem nos vingaremos. — De novo, aquele sorriso para Bryce. — A estrela no seu peito, sabe o que é?

— Vamos presumir que eu não sei nada — disse Bryce, sombriamente.

Rigelus inclinou a cabeça.

— É um farol para o mundo do qual os feéricos originalmente vieram. Ela às vezes brilha quando está mais próxima dos feéricos que têm linhagens puras daquele mundo. Príncipe Cormac, por exemplo.

— Ela brilhava para Hunt — disparou Bryce de volta.

— Ela também brilha para aqueles que você escolhe como seus leais companheiros. Cavaleiros.

— E daí? — indagou Bryce.

— E daí que essa estrela vai nos levar de volta àquele mundo. Através de você. Eles destronaram nossos irmãos que um dia

governavam lá, não nos esquecemos. Nossa tentativa inicial de vingança foi frustrada por sua ancestral que também carregava essa estrela no peito. Os feéricos ainda não pagaram pelas mortes de nossos irmãos e irmãs. O mundo natal deles era rico em magia. Eu desejo mais dela.

Bryce tremeu, mas o coração de Hunt se partiu quando a fêmea empertigou os ombros.

— Meu acordo está de pé. Você deixa Hunt e Ruhn livres e ilesos, para sempre, e eu ajudarei você.

— Bryce — suplicou Ruhn, mas Hunt sabia que não tinha como discutir.

— Tudo bem — disse Rigelus, e sorriu, com triunfo em cada linha do corpo esguio. — Pode se despedir, como sinal de minha gratidão por sua assistência.

Bryce se virou para Hunt e o terror, a dor e o luto no rosto sujo de sangue dela quase acabaram com ele. Passou as mãos acorrentadas pela cabeça da parceira, puxando-a para perto. Sussurrou ao seu ouvido. Os dedos de Bryce se fecharam em sua camisa, em uma confirmação silenciosa.

Então Hunt recuou. Encarou o lindo rosto de sua parceira pela última vez.

Riu baixinho, um som de assombro destoante da sala do trono de cristal dos monstros dentro dela.

— Eu amo você. Eu queria ter dito mais. Mas amo você, Quinlan, e… — Sua garganta se fechou, os olhos ardendo. Os lábios de Hunt roçaram a testa de Bryce. — Nosso amor é mais forte do que o tempo, maior do que qualquer distância. Nosso amor se estende pelas estrelas e por mundos. Vou encontrar você de novo. Eu prometo.

Ele a beijou e Bryce estremeceu, chorando em silêncio quando sua boca se moveu na dele. O anjo saboreou o calor e seu sabor, gravando-os na alma.

Então recuou um passo. Bryce encarou Ruhn.

* * *

Ela não podia fazer aquilo.

Seu coração estava se estilhaçando; seus ossos estavam gritando que aquilo era *errado, errado, errado.*

Não podia deixá-los. Não podia prosseguir com o que Hunt tinha sussurrado para ela.

Agarrou-se ao irmão, incapaz de segurar seu choro. Mesmo quando um pequeno peso caiu em seu bolso.

Ruhn sussurrou ao seu ouvido:

— Eu menti para o Rei Outonal sobre o que o Oráculo me contou quando eu era menino. — Bryce ficou imóvel. Ruhn prosseguiu, ágil e urgente: — O Oráculo me contou que a linhagem real acabaria comigo. Que eu sou o último da linhagem, Bryce. — Tentou recuar para olhar boquiaberta para ele, mas Ruhn a segurou firme. — Mas talvez ela não tivesse visto que *você* apareceria. Que você entraria nesse caminho. Você precisa viver. Eu posso ver em seu rosto, você não quer fazer nada disso. Mas você *precisa* viver, Bryce. Você precisa ser rainha.

Imaginara o que o Rei Outonal tinha feito a Ruhn, como ele o torturara quando menino, embora jamais tivesse confirmado. E aquela dívida… faria seu gerador pagar, algum dia.

— Eu não aceito isso — sussurrou Bryce para Ruhn. — *Não aceito.*

— Eu aceito. Sempre aceitei. Se vou morrer agora mesmo ou se sou apenas infértil, eu não sei. — Ele riu. — Por que acha que eu curtia tanto nas baladas?

Não conseguiu rir. Não daquilo.

— Eu não acredito nessa merda por um segundo.

— Não importa agora.

Então Ruhn disse para sua mente: *Pegue Áster quando for.*

Ruhn…

É sua. Pegue. Vai precisar dela. Soltou as correntes?

Sim. Usara a chave que a Corça tinha passado para ela para abrir as algemas de Hunt e Ruhn enquanto os abraçava.

Bom. Eu disse a Athalar qual é o sinal. Está pronta?

Não.

Ruhn pressionou a testa contra a dela. *Precisamos de exércitos, Bryce. Precisamos que você vá para o Inferno por aquele Portão e traga os exércitos do Inferno de volta com você para combater esses desgraçados. Mas se o preço de Apollion for alto demais… não volte para este mundo.*

Seu irmão se afastou. E Ruhn disse, brilhando com orgulho:

— Vida longa à rainha.

Bryce não deu aos outros a chance de entender aquilo.

Girou os pulsos, as correntes caindo no chão quando agarrou Áster de Ruhn e se virou para Rigelus.

Mergulhou dentro de seu poder em um piscar de olhos. E, antes que a Mão Iluminada conseguisse gritar, ela o golpeou com luz estelar.

* * *

Hunt jogou suas correntes no chão assim que Ruhn disse a palavra *rainha*. E, quando a parceira dele lançou seu poder ofuscante contra Rigelus, Hunt voltou o dele para o macho também.

Relâmpago atingiu a pilastra de mármore logo acima do trono de cristal.

Era uma aposta: direcionar a explosão inicial de poder dele para Rigelus, para mantê-lo controlado, em vez de carregar Bryce e arriscar um ataque de Rigelus antes que terminasse.

Atrás deles, gritos se elevaram, e Hunt se virou e viu Bryce correndo para as portas, Áster nas mãos.

Pollux avançou contra ela, mas Baxian estava ali. O Cão do Inferno derrubou o macho no piso de cristal. Atrás dele, Mordoc estava sangrando de um corte no pescoço. A Corça estava no chão, inconsciente. Será que a traição de Baxian tinha sido uma surpresa para ela? Hunt supôs que não se importava. Não quando Baxian derrubou Pollux, e Bryce correu pelas portas, para o corredor infinito. Virou à esquerda, cabelo ruivo esvoaçando atrás de si, e então se foi.

Hunt se virou de volta para Rigelus, mas era tarde demais.

Poder, quente e dolorido, o explodiu contra uma pilastra próxima. Brilhando como um deus, Rigelus saltou para fora da plataforma, o piso de cristal se estilhaçando sob ele, e disparou atrás de Bryce, desejo de morte se agitando em seus olhos.

* * *

O coração de Bryce quebrou, um pedaço por vez, com cada passo que corria para longe da sala do trono.

Conforme disparava pelo longo corredor, os bustos dos asteri a condenavam com seus rostos odiosos.

Uma onda de maré de poder se elevou às suas costas e Bryce ousou olhar por cima do ombro para encontrar Rigelus em seu encalço. Brilhava branco com magia, irradiando fúria.

Vamos lá, Hunt. Vamos lá, vamos lá…

Rigelus lançou uma explosão de poder, e Bryce correu para a esquerda. O poder do asteri quebrou uma janela, e cacos de vidro voaram. Bryce escorregou nos cacos, mas continuou correndo até o arco no fim do corredor. O Portão que abriria para levá-la até o Inferno.

Arriscaria-se com Aidas, Thanatos e Apollion. Pegaria seus exércitos e os levaria de volta a Midgard.

Rigelus disparou mais uma lança de poder e Bryce se abaixou, deslizando agachada no momento em que o disparo estilhaçou um busto de mármore de Austrus. Fragmentos cortaram seu rosto, o pescoço, os braços, mas então estava fugindo de novo, agarrando Áster com tanta força que sua mão doía.

O deslize fora custoso.

Rigelus estava a três metros. Um e meio. Sua mão se esticou até o cabelo esvoaçante de Bryce.

Relâmpago disparou pelo corredor, estilhaçando janelas e estátuas conforme passavam.

Bryce o acolheu no coração, nas costas. Acolheu na tatuagem que havia ali quando o poder de Hunt queimou seu sangue e o deixou aceso.

Relâmpago irrompeu de sua cicatriz como uma bala passando. Bem para o meio do arco do Portão.

Não ousou ver se Hunt ainda estava de pé depois do disparo perfeito. Não quando o ar do arco do Portão se tornou preto. Turvo.

Os dedos de Rigelus agarraram seu cabelo.

Bryce se entregou ao vento e à escuridão e se teletransportou até o Portão.

Apenas para aterrissar três metros adiante de Rigelus, como se seus poderes tivessem atingido uma parede. Bryce conseguia senti-los

agora, uma série de feitiços de proteção, como aqueles que Hypaxia havia dito que o Sub-Rei tinha usado para prender Ithan e ela.

No entanto, Rigelus gritou de ódio e surpresa, como se chocado que sequer tivesse conseguido chegar tão longe, atirando seu poder de novo.

Três metros por vez, então. Bryce se teletransportou, e outra estátua perdeu a cabeça.

De novo, e de novo, e de novo, Rigelus disparou o seu poder em direção a ela, e Bryce saltou pelo espaço, de um feitiço de proteção a outro, zunindo e zapeando, vidro e inúmeras estátuas dedicadas ao ego dos asteri se estilhaçando, o Portão se aproximando…

Bryce saltou para *trás*, logo atrás de Rigelus.

Virou-se, disparando uma parede de luz no rosto do ente. O asteri uivou, e Bryce se teletransportou de novo…

Aterrissou a três metros da boca escancarada do Portão e continuou correndo.

Rigelus rugiu quando Bryce saltou para a escuridão que a esperava.

A escuridão a pegou, pegajosa como uma teia. O tempo diminuiu até um gotejar glacial.

Rigelus ainda estava rugindo, avançando.

Bryce atirou seu poder para fora, desejou que o Portão a levasse, apenas ela, estava caindo, caindo, caindo enquanto estava de pé, suspensa no arco, sugada para trás de forma que seu cabelo se esticasse para fora, na direção dos dedos esticados de Rigelus…

— *NÃO!* — urrou ele.

Foi o último som que Bryce ouviu quando a escuridão dentro do Portão a engoliu por inteiro.

A fêmea caiu, lenta e infinitamente… de lado. Não um mergulho para baixo, mas um puxão *através de algo*. A pressão em seus ouvidos ameaçava transformar seu cérebro em polpa, gritava para o vento e as estrelas e o vazio, gritava para Hunt e Ruhn, deixados para trás naquele palácio de cristal. Gritava…



Hunt mal conseguia tomar fôlego com a mordaça de pedra. Uma pedra gorsiana, para combinar com aquelas presas em seus pulsos e pescoço. O mesmo tipo segurava Ruhn e Baxian conforme os dois machos eram levados para as portas da sala do trono por Rigelus e seu séquito.

Nem uma faísca de luz restava no corpo de Hunt.

A Corça caminhava ao lado de Rigelus, falando baixo conforme passaram por onde Hunt estava de joelhos do lado de fora das portas. Nem mesmo olhou para Ruhn. O príncipe apenas olhava para a frente.

Baxian foi escoltado até ali, ensanguentado e roxo da luta com Pollux. Mordoc se recuperava da garganta cortada, ódio fervilhava dele enquanto sangrava deitado no chão. Hunt deu ao farejador um sorriso selvagem quando uma fita do poder de Rigelus puxou Hunt de pé.

— Uma breve parada antes do calabouço, acho — anunciou Rigelus, virando para a esquerda, na direção da ruína de estilhaços no corredor. Na direção do Portão agora vazio.

Hunt estava impotente para fazer qualquer coisa a não ser acompanhar, Ruhn e Baxian com ele. Estava no fim do corredor

quando Bryce fez sua corrida espetacular, teletransportando-se tão rápido quanto o vento na direção do abismo que havia se aberto dentro do pequeno Portão. Nenhum vestígio da escuridão ou de Bryce restavam agora.

Hunt rezava para que Bryce tivesse chegado ao Inferno. Para que encontrasse Aidas e o ente a protegesse enquanto reuniam os exércitos e os levavam de volta pela Fenda para Midgard. Para salvá-los.

Hunt duvidava que estaria vivo para ver aquilo. Duvidava que Ruhn ou Baxian estariam também.

Rigelus parou diante do Portão.

— Coloque o anjo de joelhos.

O cheiro de Bryce ainda pairava no ar do espaço vazio emoldurado pelo Portão. Hunt se concentrou nele e somente nele quando Pollux o empurrou para o chão diante do Portão.

Se aquele era o fim, podia morrer sabendo que Bryce tinha fugido. Havia passado de um Inferno para outro, literalmente, mas… havia fugido. A última chance de salvação.

— Vá em frente, Martelo — disse Rigelus, sorrindo para Hunt, morte fria em seus olhos atemporais.

Hunt conseguiu sentir Ruhn e Baxian o observando com horror silencioso. Hunt se curvou sobre os joelhos, esperando pelo golpe no pescoço.

Bryce, Bryce, Bryce…

As mãos de Pollux se fecharam de cada lado do rosto do anjo. Segurando-o erguido, como se fosse partir o pescoço de Hunt com as próprias mãos.

Pollux riu baixinho.

Hunt entendeu o motivo um momento depois quando Rigelus se aproximou, a mão erguida e quase ofuscante com luz branca.

— Não acho que preciso de uma das bruxas desta vez — disse a Brilhante Mão.

Não. *Não.* Tudo menos isso.

Hunt se debateu, mas Pollux o segurou firme, o sorriso sem hesitar.

Rigelus apoiou a mão brilhante na testa de Hunt e dor irrompeu por seu crânio, pelos músculos, pelo sangue, como se a própria

medula óssea estivesse sendo vaporizada.

O poder do asteri serpenteou e formou uma teia de aranha sobre a testa de Hunt, perfurando-o com cada ponta dos espinhos do halo que Rigelus tatuou ali.

Hunt gritou nesse momento. O grito ecoou pelas pedras, pelo Portão.

Ao lado dele, Baxian começou a tomar fôlegos entrecortados. Como se o Cão do Inferno soubesse que seria o próximo.

A dor na testa de Hunt se tornou ofuscante, sua visão se partiu.

O halo continuou se estendendo sobre seu crânio, pior do que qualquer grilhão de gorsiana. Seu poder se retorcia sob o controle de ferro, não mais sob seu comando total. Exatamente como sua vida, sua liberdade, seu futuro com Bryce… Sumiram.

Hunt gritou de novo e, quando a escuridão avançou para reivindicá-lo, perguntou se aquele grito da alma, não o halo, seria o que Rigelus queria. Se o asteri acreditava que o som de seu sofrimento poderia ser levado pelo Portão até o próprio Inferno, onde Bryce poderia ouvi-lo.

Então Hunt não soube de mais nada.



O Inferno tinha grama. E bruma.

Esses foram os dois primeiros pensamentos de Bryce quando aterrissou, ou surgiu. Em um momento, estava caindo de lado, e então seu ombro direito colidiu com uma parede de verde que se revelou ser o solo.

Respirou ofegante, a mente girando tão violentamente que só conseguiu continuar deitada no meio da neblina passageira e fria. Seus dedos se enterraram na grama verdejante. Sangue cobria suas mãos. Formando crostas sob suas unhas.

Precisava se levantar. Precisava começar a se mover antes que uma das criaturas do Inferno sentisse seu cheiro e a destroçasse. Se os caça-mortes a encontrassem, eles a matariam em um instante.

Áster…

Ali. A trinta centímetros de sua cabeça.

Bryce tremeu ao se ajoelhar devagar, curvando o corpo para abraçar os joelhos.

Hunt… Jurou ter ouvido os gritos do anjo ecoando pela bruma ao cair.

Precisava se levantar. Encontrar um caminho até Aidas.

Contudo, Bryce não conseguia se mexer. Levantar seria dar as costas ao seu mundo, a Hunt e Ruhn, e ao que quer que os asteri estivessem fazendo com eles…

Levante-se, disse a si mesma, trincando os dentes.

A bruma se abria adiante, recuando para revelar um tranquilo rio turquesa a talvez quinze metros de onde estava ajoelhada, fluindo logo além do… gramado.

Estava na grama cortada e imaculada de alguém. E do outro lado do rio, erguendo-se da bruma…

Uma cidade. Antiga e linda, como algo de um cartão-postal pangerano. Silhuetas indistintas perambulavam entre a névoa do outro lado do rio, os demônios do inferno.

Levante-se.

Bryce engoliu em seco, como se ela pudesse afastar o próprio tremor, e esticou uma perna para se levantar. O sangue da Harpia ainda encharcava sua calça legging, o tecido estava pegajoso contra sua pele.

Alguma coisa gelada e afiada pressionou seu pescoço.

Uma voz fria de macho falou acima dela, atrás dela, em uma língua que Bryce não reconheceu. As palavras breves e o tom, no entanto, eram óbvios o bastante: *Não se mexa, porra.*

Bryce levantou as mãos e buscou seu poder. Apenas cacos estilhaçados restavam.

A voz do macho exigiu alguma coisa na língua estranha, e Bryce permaneceu de joelhos. Chiou, então a mão forte de alguém se fechou sobre o ombro da fêmea, puxando-a para cima e a virando para ele.

Viu botas pretas. Armadura escura parecida com escamas sobre um corpo alto e musculoso.

Asas. Grandes asas pretas. As asas de um demônio.

Mesmo assim, o rosto do macho que olhava através da névoa, sério e letal… era belo, apesar do fato de que os olhos avelã dele não exibissem misericórdia. Falou de novo, com uma voz baixa que prometia dor.

Bryce não conseguiu impedir de respirar aceleradamente.

— Aidas. Eu preciso ver Aidas. Pode me levar até ele? — Sua voz falhou.

O macho alado percorreu os olhos sobre ela, observador e cauteloso. Reparou que o sangue que a cobria não era dela. Sua atenção repousou em Áster, jogada na grama entre os dois. Seus olhos se arregalaram levemente.

Bryce avançou um passo em sua direção, fazendo menção de segurar a frente de sua intricada armadura. O macho facilmente desviou do movimento, o rosto impassível quando ela perguntou:

— Você pode me levar até o Príncipe Aidas? — Não conseguiu segurar as lágrimas então. As sobrancelhas do macho se franziram.

— Por favor — implorou Bryce. — Por favor.

O rosto do macho não se suavizou quando pegou Áster embainhada e então indicou que ela se aproximasse.

Bryce obedeceu, trêmula, perguntando-se se deveria estar lutando, gritando.

Com as mãos cobertas de cicatrizes, o demônio tirou um retalho de tecido preto de um bolso escondido em sua armadura. Levantou o retalho na altura do rosto, indicando por mímica que o colocava. Uma venda.

Bryce inspirou, tentando se acalmar ao assentir. As mãos dele eram delicadas, mas determinadas, quando prendeu a venda com força sobre os seus olhos.

Então mãos estavam em seus joelhos e costas, e o chão sumiu… estavam voando.

Apenas o bater das asas encouraçadas dele e a névoa sussurrante preenchiam seus ouvidos. Tão diferente do farfalhar ondulante das penas de Hunt ao vento.

Bryce tentou usar o tempo no ar para parar de tremer, mas não conseguiu. Não conseguiu nem mesmo formar um pensamento coerente.

Deslizaram para baixo, o estômago girando com o movimento, e então aterrissaram, o estampido das botas do demônio atingindo o chão ecoou por ela. Bryce foi colocada no chão, levada pela mão. Uma porta se abriu com um rangido. Ar morno a recebeu, então a porta se fechou. O macho disse alguma coisa que ela não entendeu, e então tropeçou para a frente…

Ele a segurou e suspirou. Podia jurar que ele soava… exasperado. Não avisou quando a jogou por cima do ombro e marchou para baixo

de uma série de degraus antes de entrar em algum lugar… cheiroso. Rosas? Pão?

Comiam pão no Inferno? Tinham flores? *Um mundo escuro e frio*, disseram os asteri em suas anotações sobre o planeta.

Tábuas de piso rangeram sob suas botas, e então Bryce se viu mais uma vez sobre chão sólido, tapetes amortecendo seus pés. Ele a guiou pela mão e a empurrou para baixo. Bryce ficou tensa, lutando contra aquilo, mas o macho fez de novo, fazendo-a enfim se sentar. Em uma poltrona confortável.

Falou com a voz sedosa, mas Bryce balançou a cabeça.

— Eu não entendo você — disse rouca. — Não conheço as línguas do Inferno. Mas… Aidas? Príncipe Aidas?

Não respondeu.

— Por favor — repetiu. — Eu preciso encontrar o Príncipe Aidas. Meu mundo, Midgard, está em grande perigo, e meu parceiro… — A voz dela falhou mais uma vez e Bryce se curvou na escuridão. *Vou encontrar você de novo*, prometera Hunt.

No entanto, ele não encontraria. Não poderia. Não tinha como chegar ali. Ela não tinha como ir para casa.

A não ser que Aidas ou Apollion soubessem usar o chifre. Tivessem magia que pudesse carregá-lo.

Bryce havia abandonado Hunt e Ruhn. Tinha fugido e os abandonado e… soluçou.

— Ah, deuses — chorou. Arrancou a venda, exibindo os dentes. — *Aidas!* — gritou para o macho de rosto frio. — Chame *AIDAS*, porra.

Ele nem mesmo piscou. Não revelou um indício de emoção, de que se importava.

No entanto… aquela sala. Aquela… casa?

Pisos de madeira de carvalho escuro e mobília. Tecidos elegantes de veludo. Uma lareira crepitante. Livros nas estantes que cobriam a parede. Um carrinho com bebidas em decantadores de cristal ao lado da lareira de mármore preto. E do outro lado do arco, além do macho alado, um saguão e uma sala de jantar.

O estilo poderia combinar com o escritório de seu pai. Com a galeria de Jesiba.

O macho observou com cautela. Bryce engoliu as lágrimas, endireitando os ombros. Pigarreou.

— Onde estou? Em que nível do Inferno?

— Inferno? — disse por fim.

— Inferno, isso, Inferno! — Indicou a casa. Completamente o oposto do que esperava. — Que nível? Fosso? Desfiladeiro?

O macho balançou a cabeça, franzindo a testa. A porta da frente do saguão se abriu, e várias pessoas entraram correndo, machos, fêmeas, todos falando naquela língua estranha.

Bryce contemplou o primeiro e se levantou subitamente.

A fêmea mignon de cabelos pretos e olhos angulosos como os de Fury parou de repente. Sua boca pintada de vermelho se escancarou, sem dúvida devido ao sangue que cobria o rosto e o corpo de Bryce.

Aquela fêmea era… feérica. Vestindo lindas, porém absolutamente antiquadas, roupas. Como o que se usava em Avallen.

Outro macho alado, maior do que o primeiro, entrou arrogantemente, uma linda fêmea com cabelo castanho-dourado ao lado dele. Também feérica. Também usando roupas que pareciam saídas de algum tipo de filme de fantasia.

Bryce disparou:

— Eu estava tentando perguntar a ele, mas ele não entende. Aqui é o Inferno? Eu preciso ver o Príncipe Aidas.

A de cabelos pretos se virou para os demais e disse alguma coisa que os fez inclinar a cabeça para Bryce. O macho arrogante farejou, tentando decifrar o cheiro de sangue nela.

Bryce engoliu em seco. Só conhecia uma outra língua, e aquela…

Seu coração acelerou. Bryce disse, na antiga língua dos feéricos, dos Estrelados:

— Este mundo é o Inferno? Eu preciso ver o Príncipe Aidas.

A fêmea mignon de cabelos pretos cambaleou para trás, levando a mão à boca. Os demais olharam boquiabertos. Como se o choque da pequena fêmea fosse algo raro. A fêmea então olhou para Áster. Olhou para o primeiro macho alado, o captor de Bryce. Assentiu para a faca de cabo escuro ao lado do corpo dele.

O macho a sacou, e Bryce se encolheu.

Ela se encolheu, mas…

— Que porra é essa? — A faca poderia ser gêmea de Áster: cabo e lâmina pretos.

Era a gêmea dela. Áster começou a retinir dentro da bainha, luz branca cintilante vazando de onde o couro encontrava o cabo escuro. A adaga…

O macho soltou a adaga no tapete felpudo. Todos eles recuaram quando a arma se incendiou com luz preta, como se em resposta. Alfa e Ômega.

— Gwydion — sussurrou a fêmea de cabelos pretos, indicando Áster.

O macho maior inspirou. Então disse alguma coisa na língua desconhecida. A de cabelos pretos ao seu lado replicou alguma coisa que soou como uma repreensão.

— Aqui é o Inferno? — perguntou Bryce de novo, no antigo idioma dos feéricos.

A fêmea de cabelos pretos observou Bryce da cabeça aos pés: as roupas tão destoantes do próprio traje dela, o sangue e os cortes. Então respondeu na língua antiga:

— Ninguém fala essa língua neste mundo há quinze mil anos.

Bryce esfregou o rosto. Será que havia de alguma forma viajado no tempo? Ou será que o Inferno ocupava um tempo diferente e…

— Por favor — disse. — Eu preciso encontrar o Príncipe Aidas.

— Eu não sei quem ele é.

— Apollion, então. Certamente você conhece o Príncipe do Fosso.

— Eu não conheço essa gente. Este mundo não é o Inferno.

Bryce balançou a cabeça devagar.

— Eu… Então onde eu estou? — Observou os outros silenciosos, os machos alados e a outra fêmea feérica, que a observavam friamente. — *Que mundo é este?*

A porta da frente se abriu de novo. Primeiro, uma linda fêmea com o mesmo cabelo castanho-dourado da que já estava diante de Bryce entrou. Usava uma camisa larga sobre calça marrom, ambas sujas de tinta. Suas mãos eram tatuadas até os cotovelos com espirais complexas, mas seus olhos azul-acinzentados estavam receosos, calmos e curiosos, mas receosos.

O macho alado de cabelos pretos que entrou atrás dela…

Bryce arquejou.

— Ruhn?

O macho piscou. Seus olhos eram do mesmo tom de azul-violeta dos de Ruhn. O cabelo curto era do mesmo preto brilhante. A pele desse macho era mais marrom, mas o rosto, a postura… Eram de seu irmão. As orelhas também eram pontudas, embora também possuísse asas encouraçadas como os dois outros machos.

A fêmea ao seu lado fez uma pergunta à fêmea mignon na língua deles.

O macho, no entanto, continuava encarando Bryce. O sangue nela, Áster e a faca, as lâminas ainda brilhando com as luzes opostas.

Ergueu o olhar para ela, estrelas em seus olhos. Estrelas de verdade.

Bryce suplicou para a fêmea mignon:

— Meu mundo… Midgard… Está em grande perigo. Meu parceiro, ele… — Não conseguiu dizer as palavras. — Não tive a intenção de vir até aqui. Eu pretendia ir para o Inferno. Para conseguir ajuda dos príncipes. Mas não sei o que é este mundo. Ou como encontrar o Inferno. Eu preciso da sua ajuda.

Era tudo que restava fazer: se atirar à mercê e rezar para que fossem pessoas decentes. Que mesmo que tivesse vindo de outro mundo, eles a reconhecessem como feérica e tivessem compaixão.

A fêmea mignon pareceu repetir as palavras de Bryce para os outros. A fêmea com as mãos tatuadas fez uma pergunta a Bryce na língua deles. A mignon traduziu:

— Ela quer saber seu nome.

Bryce olhou da fêmea tatuada para o belo macho ao seu lado. Os dois possuíam um ar de autoridade silenciosa, gentil. Todos os outros pareceram esperar suas deixas. Então Bryce se dirigiu aos dois ao erguer o queixo.

— Meu nome é Bryce Quinlan.

O macho deu um passo adiante, fechando as asas. Sorriu suavemente e disse, na Velha Língua, em uma voz como noite gloriosa:

— Oi, Bryce Quinlan. Meu nome é Rhysand.

EPÍLOGO

Ithan Holstrom se agachou, um lobo imenso entre as sombras açoitadas pela chuva do lado de fora do prédio do Astrônomo, monitorando as poucas pessoas no beco que desbravavam a tempestade.

Nenhuma notícia viera de Pangera. Apenas a menção de uma explosão em um laboratório do lado de fora da cidade, e só isso. Não esperava ouvir nada de Bryce e dos demais pelo menos até o dia seguinte.

Ainda assim, não conseguia evitar a ânsia de caminhar de um lado para outro, mesmo ao vigiar as portas do outro lado do beco. Não vira um lampejo do Astrônomo. Nenhum cliente havia entrado. Será que Mordoc tinha levado o desgraçado para o interrogatório para saber por que Ithan e seus amigos o haviam visitado? E deixado os místicos ali, sem vigilância e sozinhos?

O lobo fodera o dever de guarda-costas com Hypaxia. Não cometeria esse erro de novo. Não com a mística enjaulada atrás daquelas portas.

Outra Fendyr herdeira do Primo. Uma alfa para desafiar Sabine.

Alguma coisa se moveu nas sombras no fim do beco, além do brilho néon das placas acima das lojas de tatuagem e dos bares. Ágil e imenso e… Farejou o ar. Mesmo com a chuva, conhecia aquele cheiro. Conhecia os olhos dourados que brilhavam na escuridão chuvosa.

O grunhido de Ithan ressoou sobre os paralelepípedos escorregadios, o pelo úmido dele se eriçando.

Amelie Ravenscroft, sua antiga alfa, apenas grunhiu de volta, fazendo qualquer cliente nas ruas sair correndo para dentro dos prédios, dissolvendo-se na escuridão.

Ithan esperou até que o cheiro dela tivesse se dissipado antes de exalar. Estava certo de ir até lá, então. Se não estivesse ali… Olhou para as portas de novo.

Não podia permanecer ali por tempo indeterminado. Precisaria que outros vigiassem enquanto descansava.

Seu telefone tocou de onde o havia deixado, nos degraus de uma porta do beco, Ithan se metamorfoseou para o corpo humanoide antes de atender.

— Flynn. Eu ia ligar para você agora. — Para implorar por um imenso favor. Se Sabine fosse até lá, ou se Amelie voltasse, com as matilhas ao encalço…

O lorde feérico não respondeu imediatamente. Ithan podia jurar que ouviu o macho engolir em seco.

Ele congelou.

— O que foi? — A respiração de Flynn ficou difícil. Irregular. — Flynn.

— Deu merda. — O lorde feérico parecia lutar para encontrar palavras. E para conter as lágrimas.

— Eles… — Não podia enfrentar aquilo. Não de novo. Não…

— Ruhn e Athalar foram levados como prisioneiros dos asteri. Dec viu nas câmeras do palácio. Tharion ligou da cápsula do *Cargueiro das Profundezas* para dizer que Cormac está morto.

Ithan começou a balançar a cabeça, mesmo enquanto contemplava o risco de discutir aquilo ao telefone. Respirar se tornou impossível quando sussurrou:

— Bryce?

Uma longa, longa pausa.

Ithan deslizou para o chão encharcado.

— Ela desapareceu. Você… você precisa vir ouvir de Dec.

— Ela está viva? — O grunhido de Ithan cortou a chuva, quicando dos tijolos.

— Na última vez em que a vimos neste mundo… ela estava.

— Como assim *neste mundo*? — Ainda assim, teve a sensação terrível de que já sabia.

— Você precisa ver por conta própria — Flynn disse rouco.

— Não posso — disparou Ithan. — Tem uma coisa que eu preciso fazer.

— Nós precisamos de você — disse o lorde feérico, sua voz estava cheia de uma autoridade que as pessoas fora do Aux raramente ouviam. — Somos amigos agora, lobo. Traga sua bunda peluda até aqui.

Ithan olhou para as portas imponentes. Sentiu-se sendo dividido pela própria Urd.

— Estarei aí em quinze minutos — disse Ithan, e desligou. Colocou o telefone no bolso. Marchou para o outro lado da rua.

Um golpe de seu punho amassou as portas de metal. O segundo quebrou a fechadura. O terceiro as lançou esmagadas para dentro.

Nenhum sinal do Astrônomo. Que pena. Estava com sede de sangue naquela noite.

Mas Ithan avançou para a banheira mais próxima. A mística loba flutuava na água turva cheia de sal, o cabelo espalhado ao seu redor, os olhos fechados. Máscara de respiração e tubos de volta no lugar.

— Acorde. — Suas palavras foram um grunhido baixo. — Vamos embora.

A mística não respondeu, perdida onde quer que sua mente a tivesse levado.

— Eu sei que você consegue me ouvir. Eu preciso ir a um lugar, e não vou deixar você aqui. As pessoas que estão espreitando lá fora querem você morta. Então ou você levanta a porra do corpo agora ou eu faço isso por você.

De novo, sem resposta. O lobo flexionou seus dedos, as garras se libertaram, mas manteve a mão ao lado do corpo. Era apenas uma questão de tempo até que alguém fosse investigar por que as portas tinham sido derrubadas, mas arrancá-la daquele estado onírico… ela tinha ficado tão atormentada da última vez.

— Por favor — pediu baixinho, curvando a cabeça. — Meus amigos precisam de mim. Minha… minha matilha precisa de mim.

Era o que eles tinham se tornado.

Havia perdido o irmão, a matilha do irmão, a matilha que um dia teria sido dele, mas aquela…

Não a perderia. Lutaria até o amargo fim para protegê-la.

— Por favor — sussurrou Ithan, a voz falhando. A mão da loba estremeceu, a água ondulou. A respiração de Ithan ficou presa na garganta.

Franziu a testa. As informações sobre o seu tanque começaram a disparar e apitar, piscando vermelho. Os pelos dos braços de Ithan se arrepiaram.

Então, com as pálpebras estremecendo, como se a alfa lutasse por cada centímetro em direção ao despertar, a Fendyr perdida abriu os olhos.

A seguir, um trechinho exclusivo dos bastidores com o que alguns dos seus personagens preferidos andavam fazendo fora das páginas de

CASA DE CÉU E SOPRO

Bryce & Hunt

Bryce mal começara a trabalhar em sua mesa quando o telefone tocou. Viu quem estava ligando e fez uma careta.

— Cormac. A que devo este prazer?

— Preciso que você compareça a um almoço formal comigo.

— Aqui no mundo real a gente diz: *vamos almoçar juntos.*

Uma pausa, então Bryce sorriu. O príncipe avalleno disse, tenso:

— É um almoço formal na casa de Lorde Hawthorne. Eu acabo de ser informado que você deve vir comigo.

Bryce se endireitou.

— Informado por quem?

— Meu pai.

Foi a sua vez de pausar.

— O que o *meu* pai tem a dizer sobre isso?

— Nada. Ele não foi convidado. — Uma pequena bênção. — A relação entre os Hawthorne e os Donnall remonta a gerações. Isso é só entre nossas famílias. E como você supostamente está prestes a se tornar parte da minha… — Bryce conseguiu ouvir o escárnio em sua voz. — Espera-se que você compareça.

Considerou protestar, mas… observou a mesa, o minúsculo escritório. Tão destoante das forças que se agitavam ao redor. Destoante da vida toda dela. Bryce aceitaria qualquer distração que fosse oferecida, mesmo que significasse socializar com os feéricos.

— Eu preciso ir chique?

* * *

Trinta minutos depois, Bryce se viu ao lado de Cormac ao entrarem na opulenta propriedade no coração do CiRo. Apenas dois quarteirões da casa de seu pai, quase idêntica: mármore pálido, oliveiras e laranjeiras, canteiros de lavanda balançando sob elas, fontes de água-marinha cintilando sob o sol… tudo gritava *dinheiro*.

Era difícil acreditar que Flynn tinha crescido ali. Um mordomo pomposo os levou pelos corredores lustrosos, tão imaculados e impessoais quanto um museu. Nenhuma TV pendia das paredes, nenhum sistema de som, nada além da ocasional primalux indicava que aquele lugar existia no século atual.

Cormac, no entanto, erguia as sobrancelhas, impressionado.

O mordomo caminhava à frente, e Bryce murmurou para o príncipe:

— Eu deveria saber que essa era a sua praia. O auge do estilo de vida antitecnologia. — Indicou uma porta de madeira fechada quando passaram. — As masmorras ficam lá embaixo. Se for agora, provavelmente vai chegar antes da multidão para o açoitamento de camponeses das catorze horas.

Cormac deu a ela um olhar de esguelha desanimador e falou, com igual quietude:

— Eu sugiro que você controle esse seu humor irreverente antes de entrarmos na sala de jantar. Você está aqui como representante da sua linhagem, e de nosso povo.

Bryce levantou os olhos para as cornijas de entalhe ornamental, silenciosamente implorando a Cthona por forças.

Vozes baixas flutuaram pelo corredor antes de o mordomo passar pelas portas abertas da sala de jantar.

Bryce ficou tensa por um segundo diante das vozes. Não eram apenas feéricos que a esperavam naquela sala. Era a *nobreza* feérica.

Olhou para o vestido branco de renda e as sandálias douradas. Limpos. Nenhum vinco ou sujeira. Bryce havia trocado de roupa, grata por ter deixado a peça no armário do escritório para o caso de uma reunião importante.

— Você está bonita — murmurou Cormac, sem voltar os olhos para a fêmea.

— Eu não dou a mínima — provocou Bryce em resposta. Ainda assim… aquele era o povo de seu pai. Que jamais soubera que ela era

sua filha antes da última primavera, mas… reparava em seus olhares nas ruas desde então. Jamais se esqueceria de que tinham trancado suas propriedades, *esta* propriedade, quando os demônios atacaram, deixando de fora qualquer um fugindo pelas ruas. Quantos tinham morrido na calçada logo além dos portões, implorando por misericórdia?

Quando o mordomo anunciou a chegada deles à multidão na sala de jantar, listando todos os dez nomes e títulos reais de Cormac, Bryce tirou o celular da bolsa e abriu a informação de contato de Hunt.

Ou *Hunt* era o que dizia naquela manhã. Agora seu contato estava gravado como: *Hunt, Que Eu Quero Agarrar Imediatamente.*

Reprimiu a gargalhada. Quando o anjo tinha mudado aquilo? Depois do beijo no beco ontem, não podia discordar. Bryce rapidamente digitou uma mensagem.

Você nunca vai adivinhar onde eu estou. Ótimo nome de contato, aliás. Muito preciso.

— Guarde isso — ordenou Cormac sussurrando quando o mordomo terminou o grande anúncio. — É falta de educação.

Bryce verificou o telefone mais uma vez, Hunt tinha respondido: *Em reunião. Ligo em uma hora.*

Mandou um *Ok!* como resposta antes de silenciar o celular e colocá-lo na bolsa olhando com raiva para Cormac.

O mordomo saiu da frente, fazendo uma reverência baixa e indicando que avançassem. Bryce tomou fôlego para se preparar e entrou no longo e iluminado espaço que se abria para o jardim dos fundos. Cormac colocou a mão em sua lombar, guiando-a para dentro. Bryce considerou tirar a mão do macho.

Uma sala cheia de pessoas a encarava. Nenhuma sorria para ela.

Ótimo. Não se deu ao trabalho de sorrir de volta.

Cormac a cutucou para a frente, aproximando-se de um macho feérico alto e belo que era uma cópia de Flynn. Um pouco mais velho, mas quase idêntico, desde o cabelo castanho até os olhos verdes. Lorde Hawthorne. Não pôde deixar de admirar o terno cor de carvão bem ajustado ao corpo, embora tenha feito isso a contragosto. Uma fêmea feérica magra e loira usando um vestido branco justo de corte reto estava ao seu lado, com o rosto fino e os olhos frios. Lady Hawthorne.

Flynn, que os deuses o abençoassem, vagueava diante das janelas do chão ao teto que davam para os canteiros de lavanda, entornando uma taça de champanhe. Bryce nunca o vira de terno, mas… Bem, será que aquilo deveria surpreendê-la, considerando quantas coisas estranhas pareciam estar acontecendo ultimamente?

Cormac e ela pararam diante dos anfitriões. Lorde e Lady Hawthorne curvaram a cabeça.

Bryce tentou não piscar. Certo. Ela era… uma princesa. Ou pelo menos uma não oficial, noiva de um príncipe.

Que Solas a assasse viva.

Lorde Hawthorne avaliou Bryce, seu olhar transparecendo um desgosto, mas não disse nada. A multidão ainda fitava. Não olhou para confirmar quantos estavam dando risinhos diante da recepção fria a ela.

— Acho que o termo que você está procurando é *Vossa Alteza* — disse, pausadamente, o Flynn mais jovem, caminhando com arrogância até eles, entregando a taça de champanhe vazia a um garçom. As palavras e os movimentos fizeram a multidão de cerca de duas dúzias de pessoas voltar a conversar e socializar, e, embora aparentassem estar distraídas, Bryce sabia que todos os olhos e ouvidos permaneciam fixos neles.

Flynn não pareceu dar a mínima ao se aproximar pelo outro lado de Bryce e beijar a bochecha dela.

— Oi, B.

As narinas de sua mãe se dilataram. Fosse pela demonstração descarada de afeição ou porque o precioso filho dela ousara tocar um pedaço de lixo.

Talvez Flynn tivesse feito aquilo pelos dois motivos. Não era todo dia que o coração dela amolecia um pouco pelo amigo do irmão, mas Bryce não pôde conter a descarga de gratidão que sentiu.

Cormac, no entanto, sorriu de maneira falsa e exagerada.

— Lorde Tristan. — O cumprimento foi um aviso. *Se manda, porra.*

Flynn não acatou. Eram aliados naquela sala cheia de cobras.

Então Bryce disse aos pais de Flynn, oferecendo a eles um sorriso de lábios fechados:

— Que bom ver vocês.

A mãe de Flynn apenas olhou Bryce de cima a baixo com desdém frio. O pai franziu o cenho profundamente.

Cormac interrompeu o silêncio tenso.

— Obrigado por oferecerem este almoço. Sinto-me honrado.

— Sempre. — A mãe de Flynn mudou de distância fria para toda sorrisos ao olhar para o príncipe. — Foi ideia de nossa adorável Sathia. Ela é tão atenciosa. — Flynn soltou um ronco de deboche à menção da irmã mais jovem, fazendo com que o pai o olhasse em aviso.

Talvez fossem parecidos no corpo e no rosto, mas os dois machos não podiam ser mais diferentes. Diziam os boatos que os espetaculares jardins da casa eram o resultado da magia da terra do Lorde Hawthorne mais velho, mas como um macho de coração tão duro poderia produzir coisas tão lindas estava além da compreensão de Bryce.

Cormac inclinou a cabeça, observando a sala até encontrar a pequena fêmea feérica de cabelos escuros que fazia a corte entre um grupo de machos feéricos altos reunidos. Aproveitando cada segundo, pelo sorriso tímido em seu belo rosto em formato de coração.

— Sathia nunca recusa uma chance de caçar pretendentes — disse Flynn, animado, e sua mãe fez cara de irritação de novo, fervilhando. — Talvez ela dê sorte desta vez e consiga mesmo agarrar algum pobre coitado.

— Você deve exibir boas maneiras, menino — grunhiu o pai. Bryce tinha captado o bastante ao longo dos anos para saber que, embora Lorde Hawthorne jamais tivesse estado no Aux, era um guerreiro altamente treinado. Pelos ombros largos e a ameaça contida no grunhido, Bryce não duvidava.

A princesa lançou a Flynn um olhar de empatia.

Contudo, foi Cormac quem respondeu com educação impassível:

— Vou cumprimentá-la. Faz muito tempo desde que nos vimos.

A mãe de Flynn deu um largo sorriso, praticamente espumando pela boca, mas, quando viu Bryce dando um risinho, reprovação fria brilhou em seus olhos. Tudo bem, então.

Bryce passou o braço pelo de Flynn e anunciou a Cormac:

— Vá dizer oi. Eu tenho algumas coisas a discutir com Flynn.

Cormac a olhou em aviso dizendo-lhe que estavam ali para incrementar a farsa, não para ser antissocial, mas Bryce já recuara rapidamente com Flynn para as janelas.

Flynn pegou duas taças de champanhe com um garçom que passava, entregando uma a Bryce. A fêmea bebeu da taça. Inferno, tinham trazido bebidas de qualidade para aquilo.

Bryce parou diante das janelas do chão ao teto e observou a sala antes de dizer a Flynn:

— Sua mãe é encantadora mesmo, hein? — Os outros convidados os olhavam do outro lado da sala, mas se mantiveram afastados. Bryce ignorou a todos.

Flynn tomou da própria taça.

— Ela está nervosinha porque você agarrou Cormac antes que minha irmã conseguisse. Sempre achou que Sathia seria uma princesa. Sathia também.

— E quanto a Ruhn?

Flynn a olhou tão irritado que pareceu até sua mãe.

— Amigos não deixam os outros amigos se casarem com babacas.

Bryce gargalhou.

— Sua irmã é tão ruim assim, é?

— Eu garanti que Ruhn ficasse muito ciente do que Sathia quer. — Flynn deu de ombros. — Para ser sincero, Sathia não é ruim. Ela sobrevive como consegue, acho. E não posso culpá-la pela ambição. Pelo menos ela sabe o que quer da vida.

Bryce decidiu não perguntar a Flynn o que ele queria da própria vida.

— Por que Sathia quer ser uma princesa? Ela tem bastante poder e dinheiro. — Acrescentar o título poderia colocá-la um degrau acima, sim, mas isso também viria com muito mais trabalho e responsabilidades.

— Eu não sei. Eu nunca perguntei. Talvez ela goste das coroas brilhantes. — Flynn bebeu de novo. — Fico surpreso por você ter permitido que o Príncipe dos Babacas arrastasse você até aqui.

— Parte do acordo. Manter as aparências e tal.

Flynn riu com deboche.

— É, idem. — Flynn podia agir como playboy, mas havia alguns deveres dos quais nem mesmo ele podia fugir. Bryce observou seu

rosto cuidadosamente neutro, o tédio estampado ali. Quem era o macho por baixo daquilo tudo? Por baixo das baladas e da irreverência?

Bryce arqueou uma sobrancelha.

— Você odeia mesmo tudo isso, não é?

O lorde feérico ergueu as sobrancelhas.

— Por que você está tão surpresa?

Deu de ombros.

— Não sei. Eu sinto como se devesse a você um pedido de desculpas por não ter me dado conta antes.

Flynn piscou um olho, mas sua diversão se dissipou quando disse, um tom mais baixo:

— Por isso Ruhn e eu nos tornamos amigos, sabe. Porque nós dois odiamos essa porcaria. Desde que éramos crianças.

— E Dec?

— A família dele é rica, mas não da nobreza. Não frequentam esses círculos. E Dec pôde ter uma infância normal por causa disso. — Uma risada baixa. — Por que acha que ele é o mais bem ajustado de todos nós? Os pais dele realmente se importavam.

Era a conversa mais pessoal que já tinham tido. Flynn prosseguiu:

— Então Ruhn e eu, e Dec, nós fizemos nossa própria família. — Outro piscar de olho. — E agora você é parte dela.

— Estou emocionada. De verdade.

Inclinou-se para sussurrar ao ouvido dela, champanhe no hálito:

— Se algum dia quiser comparar os feéricos com os anjos, venha me procurar, B. Eu não mordo. A não ser que você peça bem direitinho.

Bryce recuou.

— Vá ser autodestrutivo em outro lugar.

Flynn gargalhou, mas a alegria não chegou a seus olhos. Bryce sabia que o macho não quisera dizer uma palavra daquilo. Sabia que se sentia preso e puto por ter que estar ali, e estava se rebelando como podia.

De fato, sua mãe o chamava até onde falava com uma fêmea feérica pálida de aparência frágil. Flynn resmungou baixinho.

— O dever chama. — Terminou o champanhe e não se despediu antes de perambular até chegar ao lado da mãe. A menina feérica

corou para o que quer que ele tivesse dito com seu sorriso charmoso e juvenil, abaixando a cabeça e murmurando uma resposta.

Bryce riu com escárnio. Boa sorte para ela. E para Flynn.

* * *

— Dia difícil, hein? — perguntou Hunt a ela duas horas depois quando deslizou para o banco do bar ao lado de Bryce no gastropub da Archer Street.

Bryce segurava uma dose de café expresso em uma das mãos e uma de uísque na outra.

— Eu não consegui decidir de qual precisava mais: uma coisa para entorpecer a alma ou uma coisa para me acordar do funeral que foi o almoço.

Hunt gargalhou, a asa roçando o braço exposto de Quinlan em um toque casual e acolhedor. Bryce não conseguiu conter o tremor que percorreu sua pele em resposta.

— Foi tão ruim assim?

Entornou o expresso quando Hunt sinalizou para que o atendente do bar lhe trouxesse um café também.

— Passar o tempo em uma sala cheia de gente que me odeia não é exatamente o que considero diversão.

O anjo apoiou os braços no bar de mármore preto.

— É, eu conheço essa sensação — disse Hunt.

E conhecia mesmo. Se alguém entendia, era Hunt. Bryce encostou em seu ombro, suspirando profundamente.

— Eu sou patética por deixar que eles me afetem?

Hunt se afastou para observá-la. Ela não se escondeu ao notar a expressão de busca no rosto do anjo.

— Você está falando com o cara que recentemente foi jogado no calabouço do Comitium por espancar alguém que ainda me afeta depois de séculos repetindo para mim mesmo para ignorá-lo. Então, se você é patética, eu sou uma porra de um perdedor infeliz.

Bufou uma gargalhada, encostando em Hunt de novo.

— Você é minha pessoa preferida.

— Igualmente, Quinlan. — Athalar deslizou o braço em torno da fêmea, e Bryce aproveitou sua força inesgotável. Não uma força que a sobrepujasse, mas uma força que complementava a sua. Que a impulsionava e ajudava a prosperar. Era difícil não agradecer a Urd todo dia por ter colocado Hunt em seu caminho.

Ficaram sentados daquele jeito até que o atendente trouxe o café de Hunt e o anjo tirou o braço para tomar a bebida quente. Bryce o observou, notando a leve tensão em seus ombros, e as asas. Ela perguntou, com cautela:

— Em que tipo de reunião você estava?

É, suas asas se agitaram com a pergunta.

— Porra de um perdedor infeliz, lembra?

— Pollux, então?

— É. — Um músculo estremeceu na bochecha de Hunt. — Reunião de equipe com Celestina. Pollux estava… sendo Pollux. Tentando me abalar. E Isaiah e Naomi. Mas principalmente eu.

— Não é à toa que voou até aqui tão rápido quando pedi que me encontrasse.

Hunt deu um meio-sorriso.

— Ah, de maneira nenhuma. Eu só estava torcendo para que você estivesse disposta a uma pegação no banheiro.

Bryce gargalhou.

— Eu estaria disposta a isso também, Athalar.

Calor brilhou em seus olhos escuros.

— Ah, é? — Apoiou o café.

Alguma coisa na parte de baixo de sua barriga se comprimiu em resposta. Passou o dedo pelo balcão.

— Depois daquele almoço, eu preciso… extravasar um pouco.

Hunt acompanhou a passagem do dedo dela pelo mármore, sua voz baixando quando falou:

— Só tenho dez minutos antes de precisar voltar para o Comitium.

— Tenho certeza de que podemos encontrar alguma coisa para nos manter ocupados — ronronou, deliciando-se com o desejo puro no olhar do macho.

— Então vá até o banheiro, Quinlan — disse com a voz grave e grunhida que raspava os dedos por sua pele. — Estarei logo atrás de você.

Bryce desceu do banquinho, já ficando molhada entre as coxas, e sussurrou ao ouvido de Hunt:

— É exatamente onde quero você, Athalar.

Um grunhido baixo de pura vontade respondeu a ela, mas Bryce já estava seguindo para o banheiro nos fundos do bar. Sabendo que o olhar do anjo estava sobre si, talvez tenha rebolado um pouquinho. Podia jurar que um relâmpago percorreu seu corpo em resposta, como uma promessa sensual.

O banheiro de cabine única tinha uma tranca funcional, o que era tudo de que precisava, decidiu Bryce ao fechar a porta atrás de si, o coração acelerado.

Lavou as mãos para se ocupar com alguma coisa, olhando no espelho e vendo os olhos escuros de desejo, as bochechas coradas. Uma mulher pronta para conseguir o que precisava.

A porta se abriu e fechou, e o som de asas farfalhando preencheu o recinto. Bryce olhou pelo espelho conforme Hunt deslizava a fechadura no lugar devagar, os olhos em sua bunda ao dizer:

— Esse vestido é um crime.

Olhou por cima de um dos ombros, as mãos apoiadas na pia.

— Por que você não vem confiscá-lo?

Um sorriso sombrio agraciou seus lábios. Hunt avançou para mais perto. Bryce não deixou de notar a rigidez que fazia pressão contra a frente de seu traje de batalha. Só com a visão ficou mais molhada.

Hunt parou logo atrás de Bryce, a boca descendo até seu pescoço.

— Pronta tão rápido? — murmurou para a fêmea, cheirando sua pele delicadamente. Sentindo o aroma de sua excitação.

Bryce pressionou a bunda contra o corpo do anjo, arrancando um sibilo de Hunt ao dizer:

— Eu poderia perguntar o mesmo a você.

— Hmmm — disse beijando logo abaixo da orelha pontuda. — Acho que eu preciso de alguma confirmação. — As mãos deslizaram pelas coxas de Bryce. — Posso?

Bryce abriu as pernas.

— Pode confirmar.

Os dentes de Athalar roçaram o lóbulo de sua orelha, puxando suavemente antes que deslizasse a mão sob a bainha do vestido.

Isso, porra, *isso*. Seus dedos deslizaram pelas coxas nuas de Bryce, subindo devagar, fazendo-a arquear o corpo sutilmente na direção do seu, a respiração entrecortada.

Hunt mordiscou a orelha da fêmea, mordeu de novo quando seus dedos chegaram à frente da calcinha. Sibilou mais uma vez devido à umidade que encontrou.

— Por Solas, Quinlan.

Bryce só conseguiu dar um gemido rouco. Hunt a satisfez ao fazer pressão delicadamente para baixo, traçando o formato do sexo dela. Bryce mordeu o lábio, parando logo antes de suplicar para Hunt arrancar o fio-dental de renda.

— Vou precisar de mais do que dez minutos — disse Hunt, sombriamente, os dedos traçando e circulando. — Vou precisar de dez *dias* pra explorar você, porra. — Beijou o pescoço da fêmea de novo. — Semanas. — Outro beijo. — Meses.

Bryce gemeu novamente ao ouvir isso, o anjo fez pressão em seu clitóris. Mesmo daquele jeito, mesmo por cima da calcinha, tinha Bryce a poucas carícias de gozar. O desgraçado sabia também, disse contra a pele morna de seu pescoço:

— Tensão acumulada?

Bryce empurrou a bunda contra ele mais uma vez, roçando na rigidez considerável de Hunt. Seu gemido de resposta a mandou mais para perto do limite.

Ele brincou com a alça da calcinha da fêmea, um gato brincando com o jantar. Hunt provavelmente não iria mais longe até que dissesse a ele, *implorasse* a ele e…

A porta chacoalhou.

Bryce congelou, processando o desejo inebriante que pulsava por si e o que aquela porta chacoalhando queria dizer. Alguém estava tentando entrar. Alguém que poderia muito bem tirar fotos e reportar que ela e Hunt tinham saído de um banheiro juntos. Quando deveria estar noiva de Cormac, quando *acabara* de sair de um almoço com Cormac como sua noiva.

— Merda — murmurou Hunt, tirando as mãos de cima dela.

Bryce apenas gritou:

— Tem gente!

Hunt grunhiu com diversão.

É lógico que não havia janelas ali para que um deles saísse.

— O que a gente faz? — Bryce deu alguns passos nervosos.

— Observe e aprenda, Quinlan.

Abriu um pequeno bolso do traje de batalha e tirou de dentro um pedaço de atadura.

— Braço — disse, Bryce estendeu a mão para o anjo.

Athalar embrulhou seu antebraço com a atadura, prendendo-o no lugar. Então abriu um pacote de pomada antisséptica e uma pequena poção de cura. Jogou os dois na pia, os cheiros doces e estéreis preenchendo o ar. Então Hunt jogou o restante no lixo, sobre o amontado de toalhas de papel.

Quando Hunt abriu a porta, Bryce tinha entrado na farsa, abraçando o braço "ferido" contra o peito.

— Só não tire a atadura por pelo menos uma hora — dizia Hunt quando saiu para o corredor e assentiu para o macho sátiro que esperava para usar o banheiro. — A poção vai ter cicatrizado o corte até lá.

Bryce encontrou o olhar do sátiro e ofereceu um sorriso triste.

— Sou tão trapalhona. Ele nunca vai me deixar esquecer disso.

O sátiro apenas sorriu sutilmente antes de entrar no banheiro, e Bryce soube que ele havia sentido os odores fortes da pomada antisséptica e da poção de cura quando o macho fungou o ambiente. Odores que eram não somente "prova" da emergência médica, mas também tinham limpado qualquer cheiro restante da excitação deles.

Quando o sátiro trancou a porta, Bryce voltou-se para Hunt, que a olhava, o desejo ainda uma chama escura em seus olhos.

— Vejo você em casa hoje à noite — disse baixinho. Então se inclinou para sussurrar ao seu ouvido: — Talvez eu brinque de medbruxo e cuide do seu *machucado*.

A fêmea mordeu o lábio inferior. Mas, antes que pudesse responder, Hunt tinha marchado para fora do bar, as pessoas passando longe antes de o anjo saltar para o céu.

Somente quando estava subindo as escadas dos arquivos, Bryce percebeu que ainda estava sorrindo. Que todos os pensamentos sobre o almoço tinham sumido.

Hunt fizera aquilo por ela. Nunca deixaria de se sentir grata por aquilo, por ele. O coração de Bryce se apertou, e alguma coisa mais

forte do que luz estelar encheu suas veias.

Aquilo permaneceu, reluzindo e secreto, brilhando dentro de si pelo resto do dia.

Ruhn

Estava cedo pra caralho quando alguém começou a esmurrar a porta de entrada da casa de Ruhn, tocando a campainha sem parar.

Jogado, nu, na cama, Ruhn entreabriu um olho e berrou:

— É melhor alguém atender isso.

Dec gritou de volta de seu quarto, do outro lado do corredor:

— É melhor alguém matar essa pessoa.

Flynn não respondeu do próprio quarto. O babaca provavelmente estava dormindo durante a comoção.

Outra rodada de murros à porta e campainha tocando.

— Está bem, está bem — resmungou Ruhn ao deslizar da cama, atrapalhando-se para achar a calça jeans preta. Não se deu ao trabalho de vestir uma cueca ao colocar a calça, dispensando uma camisa e arrastando os pés escada abaixo.

Se a imprensa tinha vindo perguntar sobre a chegada de Cormac, receberia um alerta grosseiro pra caralho. Talvez não devesse ter deixado Áster no chão do quarto.

Ruhn puxou a porta com violência, encolhendo-se quando a luz do sol ofuscante o atacou.

A fêmea pequena e delicada de pé na sacada ainda estava com o punho erguido para a porta.

Era pior do que a imprensa.

A fêmea estava impecável em um vestido branco, o cabelo preto sedoso solto, o rosto tenso com desgosto. Usava pouca maquiagem, como era apropriado para todas as fêmeas feéricas de boa família, mas gemas de safira sólidas reluziam nos lóbulos de suas orelhas

pontudas. Um indício da riqueza obscena que sua família possuía. Aos olhos de todos, ela era linda, a fêmea feérica ideal.

Uma pena que ela possuísse a alma podre de um ceifador.

Ruhn não se incomodou em cumprimentá-la antes de se virar para gritar por cima do ombro:

— Flynn, sua irmã está aqui.

* * *

— Sabe que horas são, Sathia? — sibilou Flynn de onde estava agachado na grandiosa escada, aninhando uma xícara de café.

Ruhn encostou no corrimão na base da escada, o próprio café já consumido pela metade. Dec estava sentado no alto dos degraus, fazendo careta para a fêmea que observava todos eles.

— São nove horas da manhã — disse a irmã de Flynn em tom recatado. — A maioria das pessoas já está acordada há horas.

— Somente pessoas que vão dormir às oito horas da noite como boas ovelhinhas — disparou Flynn de volta.

Sathia, a irmã uma década mais nova de Flynn, sorriu friamente.

— Melhor do que os perdedores que bebem e fumam a noite inteira e têm o hábito de cuspir nos túmulos de seus ancestrais.

Ruhn riu com escárnio. A fêmea voltou seu olhar de reprovação para ele.

— Eu incluo você nesse grupo, príncipe.

Ruhn esboçou uma reverência.

— Tenho orgulho de fazer parte.

Os olhos escuros de Sathia se incendiaram.

Flynn interrompeu:

— Por que está aqui, *irmã*? Bancando a mensageira de mamãe e papai?

— Não. Eles não fazem ideia de que estou aqui. Vim falar com vocês. Todos os três.

— Que sorte a nossa — murmurou Dec.

Sathia o ignorou e disse a Ruhn:

— Sei por fonte segura que o Príncipe Cormac de Avallen chegou aqui ontem à noite e declarou sua irmã como noiva.

— Isso faz muito mais sentido agora — murmurou Flynn consigo mesmo. Então gargalhou. — Planeja caçar Cormac e arrastá-lo até o altar?

Os lábios de Sathia se contraíram.

— Eu vim descobrir a verdade.

— Não é da sua conta — disse Ruhn, friamente. Apesar de sua conversa com o pai e Cormac na noite anterior, a questão estava longe de ser resolvida.

— Eu devo à nobreza feérica de Valbara tornar público se algum solteiro elegível veio para a cidade.

Declan caiu na gargalhada.

— *Isso* é um monte de merda, Sathia, e você sabe.

A fêmea não recuou, embora cada um deles tivesse uns cinquenta quilos e cerca de trinta centímetros a mais do que ela. Ruhn não pôde deixar de admirá-la, apesar do fato de que a odiava. Sathia era predadora nata no coração. Nada e ninguém a assustavam.

— O Príncipe Ruhn está se casando fora da linhagem nobre — declarou Sathia. — Então nós precisamos procurar em outro lugar.

— *Nós* — provocou Flynn —, ou você?

Sathia encarou o irmão.

— Eu, pelo menos, tenho algum interesse em trazer honra para o nome de nossa família. — Olhou com escárnio para as garrafas de cerveja espalhadas pela sala da festa da noite anterior.

Flynn bocejou alto.

— Cormac e Bryce estão noivos. Está decidido. Agora saia daqui, porra.

Sathia colocou as mãos no quadril.

— O quão sólido é o noivado?

— Caralho — resmungou Flynn, e se levantou, batendo os pés ao descer os degraus. Agarrou a irmã pelo cotovelo. — Guarde o alpinismo social para alguém que se importa. Cormac está comprometido. Se você está decidida por um babaca avalleno, então Cormac tem primos gêmeos que poderiam se encaixar na descrição. Qual deles gosta de fêmeas? — A última pergunta foi direcionada a Declan.

— Darragh — respondeu Dec, e uma sombra de memória anuviou o rosto do amigo dele. Dec tinha se envolvido com Seamus, o outro

gêmeo, durante um tempo. Um tempo muito breve, pois se revelou ser a escória da terra.

— Certo. Darragh — prosseguiu Flynn ao levar a irmã até a porta. — Ele é um príncipe. Não um Príncipe Herdeiro, é lógico, mas você ao menos poderá usar uma tiara. — Abriu a porta com força e praticamente a empurrou para fora. — Por que não vai encher o saco dele?

Sathia plantou os calcanhares no chão antes que Flynn pudesse atirá-la dos degraus da entrada. Tirou seu braço da mão do irmão e grunhiu com ameaça impressionante:

— Você é uma vergonha para o nome Hawthorne.

— Ótimo — disse Flynn, e bateu a porta na cara dela. O lorde encostou na porta e esfregou o pescoço. — Pelos deuses. Ela é a pior.

— Aposto que o Ordálio dela vai ser alguma coisa envolvendo não ter tempo de fazer manicure — disse Dec, descendo as escadas.

Ruhn riu.

— Ou a agonia de suspeitar que a empregada roubou as joias dela.

— *De novo* — disse Flynn. Ele olhou para Ruhn. — Você tem sorte de não ter precisado se casar com ela.

— Isso nunca foi uma opção — falou Ruhn, mas era uma meia mentira. Se seu pai tivesse mandado, teria de se casar com Sathia, mas seu pai tinha ambições maiores.

Nunca pensou que se sentiria grato por isso.

— Alguém como Darragh Donnall seria um bom partido para ela. Eles fariam um ao outro infeliz — Declan falou.

— Você se esquece — disse Flynn — que eu precisaria chamar aquele cabeça de merda de irmão.

— Verdade — disse Declan.

— Ela seria mais feliz — prosseguiu Flynn — com algum macho de personalidade fraca em quem ela pudesse mandar.

— Muitos desses por aqui — murmurou Ruhn. A nobreza feérica era, em grande parte, formada por vermes patéticos, como evidenciado por seu comportamento na última primavera, trancando pessoas desesperadas fora de suas propriedades durante o ataque.

Nojo revirou o estômago de Ruhn.

Será que Áster tinha escolhido apenas ele, será que Urd fizera dele Estrelado porque não havia outros membros decentes da realeza para

carregar o fardo? A ideia de que o título e a espada caíssem nas mãos dos outros nobres feéricos, principalmente Cormac, mandou calafrios por sua coluna.

— É melhor Bryce tomar cuidado — disse Flynn. — Ela vai ter um exército de fêmeas feéricas em busca de sangue agora que está noiva de Cormac.

— Bryce vai gostar do desafio — disse Ruhn, franzindo profundamente a testa.

— Como foi com seu pai ontem à noite? — perguntou Dec.

— O mesmo de sempre. — Era tudo que precisava dizer. — O noivado está de pé.

— Não confio naquele cabeça de merda do Cormac nem por um segundo — murmurou Flynn. — Ele deve ter algum outro motivo para estar aqui.

— Talvez, mas é tão ruim quanto Sathia quando se trata de toda essa coisa de continuidade da linhagem — falou Ruhn.

— E, por falar nisso — disse Dec —, alguma notícia de Hypaxia?

Ruhn lançou ao amigo um olhar sarcástico.

— Não, babaca. — Ignorou o lampejo de temor que subiu por dentro de si. Não por sua prometida, a linda e sábia rainha-bruxa, mas pelo fato de que continuar a linhagem não seria possível para ele, mesmo que Ruhn quisesse.

Era justo para Hypaxia esconder essa informação? O que isso fazia dele, o fato de que escondia dela?

Aquilo o deixava vivo, para início de conversa. Pois seu pai certamente o mataria se soubesse.

Seu único valor para o pai era seu potencial de reprodução. E sem isso… não havia necessidade de uma pedra no sapato do Rei Outonal.

— Cormac é problema, com ou sem noivado. Eu tomaria cuidado se fosse você, Ruhn — Dec falou.

— Ele não vai me atacar na minha própria cidade — disse Ruhn.

— Ele tentou matar você da última vez que vocês dois se viram — avisou Dec, e Flynn grunhiu em anuência.

— Isso foi antes do Ordálio. Ele não ousaria agora — falou Ruhn.

— Ele guarda rancor — insistiu Dec. — Você não apenas ficou com Áster, mas derrotou Cormac na casa dele.

— *Nós* o derrotamos — corrigiu Flynn. — E, se Cormac guarda rancor, então nós certamente também. — Bateu na barriga de Dec, onde a cicatriz da espada de Cormac permanecia, apesar da cicatrização vanir do macho. Dec o afastou. — Vamos ver o que acontece se ele tentar começar a segunda rodada.

Por um momento, Ruhn estava novamente naquela caverna coberta de neblina, o sangue de Dec morno e pegajoso em suas mãos. Afastou a lembrança e disse:

— Apenas fiquem alerta.

Se matassem o príncipe, haveria uma guerra deflagrada entre os feéricos valbaranos e avallenos.

Não que Cormac tivesse mostrado tal preocupação tantos anos antes.

* * *

Ruhn entrou na pequena, porém linda, propriedade pelo portão dos fundos. É óbvio que os dois guardas feéricos posicionados do lado de fora tinham notado sua presença, e definitivamente tinham notado Áster presa às suas costas, mas pelo menos seriam as únicas testemunhas.

Não se importava que as pessoas soubessem que visitava a mãe, mas gostava de ao menos fingir que podia visitá-la sem que isso chegasse às rodas de fofoca.

O jardim nos fundos da vila era feito para o clima árido, diferentemente da maioria dos exuberantes terrenos alimentados por magia das propriedades dali. Pedras brancas cercavam as oliveiras, canteiros de lavanda balançando zumbiam com abelhas. Algumas laranjeiras no muro norte enchiam o lugar com seu doce cheiro, tão familiar para ele quanto o fedor de cerveja e raiz-alegre em sua própria casa.

Entrou na propriedade pelas portas de vidro que iam do chão ao teto entre duas pilastras brancas, indo até a cozinha, que estava ensolarada, porém fresca. Desafivelou Áster e sua bainha, guardando-a dentro do suporte para guarda-chuvas ao lado da porta do jardim.

O *tum* da lâmina dentro do receptáculo de cerâmica foi o único som no espaço imaculado.

Nenhum toque pessoal. Nenhuma foto dele. Nem mesmo quando era criança ali, sua arte jamais foi pendurada na geladeira de aço inoxidável. Nem mesmo sabia que pais faziam essas coisas até ir até a casa de Dec um dia e ver os trabalhos de arte medíocres que o amigo fazia na escola pendurados por todo o lugar.

Ruhn deixou a memória se dissipar conforme marchou pelos corredores brancos e reluzentes, dirigindo-se até o quarto em que sabia que encontraria sua mãe àquela hora da manhã.

Lorin estava de fato sentada na sala do café da manhã, um livro aberto na mesa carregada de frutas diante de si, vestida impecavelmente em um vestido de cor lilás. Era linda, como todos os feéricos, mas havia uma delicadeza em seu rosto. Uma tristeza em seus olhos azuis profundos… os olhos de Ruhn.

Estava sempre perfeitamente composta. Sempre impecável e pronta para receber visita.

Não uma visita dele, aprendera Ruhn há muito tempo.

Seu olhar, no entanto, alegrou-se quando o viu, um sorriso de acolhimento genuíno agraciando seu rosto.

— Ruhn — disse a mãe, levantando-se da mesa.

— Oi, mãe. — Ruhn indicou que ela se sentasse. Deu um beijo no cabelo preto sedoso antes de deslizar para a cadeira ao seu lado.

Embora fosse dois séculos mais velha do que ele, pareciam ter a mesma idade. Sempre invejara o fato de que os pais de Bryce continuariam parecendo ser pais dela, quer dizer, anos mais velhos do que ela.

— A que devo esse prazer? — perguntou sua mãe, empilhando pedaços de toranja e laranja em um prato para ele.

— Eu só queria dizer oi — esquivou-se Ruhn, sem estar pronto para entrar na conversa ainda. — Ver como você estava. O faz-tudo consertou aquele problema com os aspersores do jardim?

— Sim — disse Lori. — Obrigada por mandá-lo.

Ruhn evitou dizer que mais ninguém teria mandado o homem. A mãe não fazia ideia de sequer para quem ligar a respeito de problemas com a casa, e seu pai certamente não se importaria. Lorin não teria ousado incomodar o Rei Outonal, de toda forma.

Que Luna o matasse, mas Ruhn tinha voltado para a casa de seu Ordálio em Avallen e descoberto que sua mãe havia passado duas semanas no alto verão com o sistema de ar-condicionado quebrado. Quando perguntou por que ela não o havia consertado, a fêmea apenas disse que não queria incomodar ninguém.

Então Ruhn se certificou nas décadas seguintes de visitá-la pelo menos uma vez por semana para ver como ela estava, e como estava a casa.

Ruhn mordiscou suas frutas, então perguntou:

— Tem visto meu pai ultimamente?

Os olhos de sua mãe se abaixaram para o próprio prato.

— Não tive essa honra.

Ruhn trincou o maxilar.

— Ele… hã, anda ocupado.

A ideia de sua gentil e adorável mãe com o Rei Outonal… O macho a usara como égua de procriação, gerado Ruhn e então a largado naquela propriedade confortável para que apodrecesse.

Ainda assim, ao menos a menção do Rei Outonal oferecia a Ruhn uma boa abertura para o motivo pelo qual ele tinha vindo.

— Descobrimos ontem à noite que ele noivou Bryce a Cormac Donnall.

Sua mãe levantou a cabeça ao ouvi-lo, um sorriso agraciando seu lindo e delicado rosto.

— Isso é uma notícia maravilhosa.

Ruhn deu de ombros.

— Bryce não concorda.

— Ela não aprova a união? — Lorin franziu profundamente o cenho.

— Quando você foi… escolhida para o Rei Outonal — conseguiu dizer Ruhn por fim —, você teve alguma escolha?

A mãe piscou para Ruhn. Nunca perguntara a ela sobre aquilo, apenas ouvira histórias de terceiros sobre a união que tinha resultado em seu nascimento.

— Era meu dever e minha honra. Eu fiquei feliz em obedecer.

Ruhn respirou fundo pelo nariz.

— No entanto, você poderia ter dito que não. Certo?

— Por que eu teria dito que não?

Ruhn conteve a vontade de resmungar para o teto.

— Porque você não queria pular para a cama dele?

— Eu fui escolhida para continuar a linhagem real. Não tem motivo pelo qual eu não deveria ter desejado isso.

O problema era que a mãe tinha desenvolvido uma afeição por seu pai no processo. Uma que o Rei Outonal era incapaz de retribuir.

— Qual é o objetivo disso, Ruhn? — perguntou.

Não podia arriscar dizer a verdade, que tinha ido até ali para ver se havia alguma saída para o noivado de Bryce. Esperando que sua mãe pudesse se lembrar de alguma brecha que ela ou a família tivessem tentado explorar.

Tinha sido uma tarefa tola. Ruhn havia crescido sabendo que a mãe via o envolvimento com o pai como uma honra, mesmo que mal passasse de uma procriação arranjada. Ruhn não sabia por que esperava que ela subitamente admitisse ter tido dúvidas de antemão.

— Bryce é uma jovem esperta e gentil — disse Lorin. — Ela vai ver a sabedoria e honra nessa união com o Príncipe Cormac.

A mãe de Lorin tinha sido uma Donnall, era por esses laços de sangue que Ruhn havia sido convidado a Avallen tantos anos antes. Laços de sangue eram tudo que importava de verdade entre os feéricos. Passar a herança nobre, garantindo que ninguém a maculasse.

Caso seu pai tivesse sido um tipo de macho diferente, Ruhn teria acreditado que o relacionamento dele com Ember não passava de uma rebeldia àquela tradição.

Contudo, quaisquer que fossem as regras que o Rei Outonal pudesse ter quebrado para ficar com Ember Quinlan, nitidamente não se incomodava em permitir essas transgressões a seu povo. À própria filha. Talvez isso mudasse quando Ruhn assumisse o trono. Talvez fosse o primeiro a quebrar as regras e tradições e a colocar um fim à procriação planejada e aos casamentos arranjados.

Ruhn guardou esse pensamento e perguntou à mãe:

— Alguma coisa na casa que precisa que eu veja?

A fêmea deu um amplo sorriso, como se grata pela mudança na conversa.

Ruhn passou a hora seguinte com ela, até que seu telefone vibrou com uma mensagem de Flynn. *Onde você está? A reunião começou há cinco minutos.*

Merda, a reunião com os capitães do Aux. Ruhn digitou de volta: *Enrole para mim. Chego em dez minutos.*

Levantou-se da mesa e disse à mãe:

— Preciso sair para uma reunião, mas vamos planejar jantar algum dia na semana que vem ou na próxima, está bem? — Sua mãe sorriu, e o coração de Ruhn se apertou. Será que ele era melhor do que o pai, iludindo-a com ocasionais visitas e jantares?

A pergunta permaneceu enquanto Ruhn seguia para a quietude exuberante do CiRo alguns minutos depois, prendendo Áster de volta nas costas.

Será que seria melhor do que o pai quando fizesse diferença? Quando se tornasse rei?

Uma pequena parte sua imaginava se a pergunta sequer importava. Com o que o Oráculo tinha dito sobre a linhagem acabar nele, Ruhn nem mesmo sabia se viveria por tempo o suficiente para sequer ser rei.

Apertando o passo, Ruhn se manteve em becos e vielas, desviando das habituais multidões de turistas boquiabertos que ou o reconheceriam, ou a Áster, e começariam a tirar fotos.

Eu talvez não viva o suficiente para ser rei.

A ideia deveria tê-lo perturbado, mas tudo o que deixava ao encalço era uma estranha calma, um tipo horrível de alívio. Esperou que a culpa e a aversão por si mesmo se assentassem. Preparou-se para elas ao entrar nas instalações de treinamento do Aux, passando pelos guardas feéricos que o cumprimentaram.

Mesmo assim, o estranho e calmo alívio permaneceu, tranquilizando-o pelo resto do dia. Não queria pensar muito em qual poderia ser o motivo.

Urd tinha decidido seu destino. Ruhn guardaria seu fôlego para combater as coisas que ele poderia de fato mudar.

Tharion & Hypaxia

— Fitzroy, é? — disse Tharion, olhando para a lontra do rio usando o colete amarelo chamativo de mensageiro de pé diante dele na câmara de pressurização da Corte Azul. — De onde veio esse nome?

Os bigodes da lontra estremeceram, olhos castanhos grandes piscando para ele. As criaturas podiam entender a língua deles, mas não tinham as cordas vocais para falá-la, dependendo, em vez disso, da escrita. Animais, porém não. Nenhum poder de que se soubesse, além da ocasional magia da gota de água.

A lontra pegou um minúsculo tablet eletrônico e digitou, os dedinhos pretos tamborilavam as teclas uma a uma. Tharion se abaixou para pegar o tablet quando lhe foi oferecido, e leu: *Fitzroy era o nome do meu tatatataravô, senhor.*

— Ah — disse Tharion, sorrindo levemente antes de devolver o tablet. — Um nome de família.

Mais digitação. *Meus amigos me chamam de Fitz.*

— Um prazer conhecer você, Fitz — disse Tharion, ao colocar a mão no bolso e tirar de dentro dele um pedaço de papel. — Está disposto a entregar isto na embaixada das bruxas?

Um aceno de cabeça. Fitz extraiu um cilindro de metal de sua bolsa-carteiro e ofereceu a Tharion. Tharion colocou o bilhete dentro e rosqueou a tampa à prova de água antes de entregá-lo de volta à lontra.

— Entregue à Rainha Hypaxia, e apenas à Rainha Hypaxia.

Fitz assentiu de novo, nem um pingo de surpresa ou espanto no rosto peludo. Um verdadeiro profissional.

Tharion jogou para a lontra um marco de ouro.

— Vamos manter isso entre nós, Fitz.

Fitz apenas piscou um olho e saiu trotando até a pequena câmara de pressurização construída e reservada para as lontras mensageiras. Com um estampido de ar comprimido, a porta selou.

Tharion se demorou ao voltar para o seu escritório. Ele precisava manter a aparência de que procurava por Emile, mas, no momento, tinha um assunto próprio para investigar.

Depois de trancar a porta do escritório e ligar o computador, Tharion digitou o nome que o estava assombrando desde a noite anterior.

Morganthia Dragas.

A segunda no comando de Hypaxia. Também segunda da falecida Rainha Hecuba. Se alguém lideraria uma revolta ou faria uma tentativa contra a vida de Hypaxia, seria ela.

Embora as bruxas estivessem em seu radar apenas no mais vago sentido durante sua carreira, o tritão as investigou depois da Cimeira na última primavera. Sua amizade com a rainha delas lhe dava motivo para estar interessado em quem a cercava. E depois do que tinha ouvido sobre as suspeitas de Pax…

Tharion esquadrinhou artigo após artigo sobre Morganthia. Poucas informações apareciam além de seu laço com Hecuba, que tinha sido uma amada, ainda que enigmática, governante. Morganthia era a filha de Moria, general e segunda no comando da mãe de Hecuba, Horae. A mãe de Moria havia sido general e segunda no comando da mãe de Horae, Rainha Hestia, e assim por diante ao longo da história registrada. Uma longa linhagem de poderosas bruxas que sempre tinham servido ao trono de perto.

No entanto, parecia que Morganthia não estava feliz em ficar mais ao lado do trono. Será que o queria para si?

Tharion tamborilou distraidamente o dedo na mesa, encostando na cadeira. A última foto em que parou era de Morganthia e Hypaxia na Cimeira. Morganthia estava ao lado de sua rainha com o ar sombrio de um ceifador, toda angulosa e de olhos frios. Pax também

não estava sorrindo, mas a luminosidade em seus olhos sugeria gentileza e alegria silenciosa.

Era essa mesma luminosidade que tinha chamado a sua atenção quando a conheceu, dois dias antes de a foto ser tirada.

Por um momento, deixou que a lembrança o puxasse de volta para o calor abafado das piscinas subterrâneas sob o centro da Cimeira.

Tharion estava exausto do primeiro dia de reuniões, e optara por um mergulho tarde da noite nas imensas piscinas sinuosas. Foram moldadas para se parecerem com cavernas, com pilastras e tetos abobadados, algumas das piscinas tinham trinta metros de profundidade e foram equipadas com alojamentos para sereias que quisessem dormir submersas. Como a filha da Rainha do Rio quis ficar em uma unidade submarina, teve pouca escolha a não ser dormir lá embaixo na própria cápsula também. Entretanto, quando o sono demorou a embalá-lo, Tharion se encontrou desejando a quietude e calma de uma das piscinas mais rasas. Presumiu que estaria vazia tão tarde da noite.

À mesa dele, Tharion fechou os olhos, permitindo que a lembrança tomasse conta de si.

* * *

Exaustão pesava seu corpo, sua cauda, ao entremear as pilastras e grutas das piscinas, deliciando-se com a suavidade de seus movimentos.

Um momento de paz depois de um dia lidando com egos imensos. E *era* o seu trabalho lidar com eles, pois a filha da Rainha do Rio certamente não se prontificara.

Não tinha ideia de por que sua mãe a enviara para a Cimeira.

Bem, havia o motivo óbvio, o fato de a Rainha do Rio não deixava o Istros, mas enviar a filha, sem treino e que se assustava facilmente… Supôs que era por isso que fora enviado junto. Ele falara. Ouvira Micah e Sandriel e o Rei Outonal e Sabine e todos aqueles babacas tagarelando sobre guerra e comércio, cada um tentando se sobrepor ao outro. Imaginou que os deixaria falar por mais alguns dias,

deixaria que se exaurissem, antes de apresentar seus argumentos, e os argumentos de sua rainha.

Mesmo assim, apenas ficar sentado ali durante horas o havia drenado. E, embora tivesse nadado de manhã cedo para se certificar de que a metamorfose se sustentaria, precisava daquilo. Seu amor por todas as coisas da Superfície não anulava seu amor pela sensação de estar na água, de se mover nela, de ouvir suas correntes.

Mais seis dias daquele Inferno.

Pelo menos conseguira se sentar. Athalar, o pobre coitado, tinha sido obrigado a ficar de pé nos fundos o dia todo. Havia sido dado de presente a Sandriel, que Ogenas tivesse piedade do macho.

Não existia nada que Tharion pudesse fazer para ajudá-lo. De acordo com os boatos, Bryce Quinlan tinha oferecido não apenas ouro, mas a própria vida a Sandriel no lugar de Hunt. Sandriel recusara.

E, no processo, a arcanjo havia revelado o segredo de Bryce: Pernas era filha do Rei Outonal. Enquanto ouvia o babaca falar naquele dia, Tharion tinha ficado chocado ao perceber quantas feições e expressões o Rei Outonal e a filha compartilhavam. Como era possível que nem ele, nem mais ninguém, tivesse percebido?

Tharion balançou a cabeça, nadando mais uma volta em torno do espaço, deleitando-se com o poderoso varrer de sua cauda, o ondular de resposta da magia da água em suas veias.

Um leve respingo soou pela água. Como se alguma coisa tivesse sido jogada.

Seguiu para a superfície, emergindo devagar, mal fazendo uma onda ao olhar para a fonte do som.

Ali, sentada na beira da piscina com os pés na água, logo do lado de dentro das portas de vidro do corredor, sentava-se a Rainha Hypaxia.

Observou o espaço coberto por azulejos brancos em busca de qualquer indício de sua guarda, mas a bruxa tinha vindo sozinha. Parecia contente em apenas mergulhar os pés na piscina serena e se inclinar para trás apoiada nas mãos. Não havia sinal da coroa de amoras brancas ou de finos trajes. Apenas um vestido branco simples, como se fosse uma das virgens do templo de Luna.

Será que fora até ali procurando por alguém, ou apenas buscando solidão?

Tharion se manteve nas sombras de uma das pilastras, avançando pela água o mais silenciosamente possível.

Não tinha sido apresentado a Hypaxia formalmente, pois a filha da Rainha do Rio não a conhecera oficialmente, mas ele a vira durante a procissão, na refeição elegante depois daquilo, e durante a reunião do dia. Ficara tão calada quanto ele, ouvindo os demais em vez de cuspir ladainha. A rainha até mesmo tomara notas.

Jovem, porém sábia.

Hypaxia chutou, jogando água, inclinando o rosto para o teto. Jovem, porém sábia… e linda.

Sabia que não deveria deixar seus pensamentos avançarem, mas não conseguiu se impedir de nadar para mais perto. De deixar sua cauda respingar o bastante para que a bruxa olhasse na direção, os olhos arregalados de alarme.

Parou a cerca de três metros de distância, onde a água permanecia profunda o bastante para dar espaço para que sua cauda o mantivesse na vertical, e deu a ela um sorriso torto.

— Eu tomaria cuidado ao colocar os pés na água se fosse você — disse o tritão. — Alguma coisa pode morder esses dedinhos. — Piscou um olho.

Ela não sorriu, apenas perguntou sinceramente:

— O que poderia mordê-los?

Tharion riu.

— Preciso admitir que eu não tinha pensado além da cantada de apresentação.

A fêmea deu um leve sorriso então.

— Espero não estar incomodando.

Gesticulou para a imensa câmara, que se estendia para a escuridão que se dissipava às suas costas.

— O benefício de ter um espaço tão amplo quanto o centro de convenções inteiro: pouca chance de multidões.

A rainha o encarou com os olhos grandes, lindos.

— Você é Tharion Ketos. O Capitão de Inteligência da Rainha do Rio.

— Muita gente duvida de toda essa coisa de "inteligência" no que diz respeito a meu envolvimento, mas sim. Oi. — Fez uma reverência com a cabeça. — Você é, hã… Rainha Hypaxia.

Um aceno breve, seu rosto ficando um pouco distante.

— Sinto muito por sua mãe — complementou ele em voz baixa.

— Eu também — disse ela, mas acrescentou: — Obrigada.

Obviamente queria espaço e algum tempo sozinha, mas… o macho não deixou de notar a tristeza em seus olhos. A forma como seus ombros encurvaram-se com a referência à mãe morta. Então disse, ainda que para se livrar da tristeza no rosto da rainha:

— O que achou de hoje?

Hypaxia inclinou a cabeça, como se surpresa de que Tharion tivesse escolhido continuar a conversa em vez de sair nadando e permitir que o assunto educadamente morresse.

— Eu achei… informativo — disse com cautela.

— Que diplomática — provocou, nadando para mais perto, encostando um braço contra o lado da piscina. — Achei infernalmente chato. Muita pose e pouco conteúdo.

Seus lábios se curvaram para cima.

— Esse é seu relatório oficial como Capitão de Inteligência?

— Meu relatório oficial é mais do tipo: líderes falastrões se vangloriam demais quando brigam para saber quem tem o pau maior.

A fêmea riu, baixinho, mas com humor de verdade.

— Tenho certeza de que sua rainha vai gostar da sua avaliação precisa.

Levou a mão com garras ao coração debochadamente.

— Ela sempre gosta.

O olhar de Hypaxia percorreu a água calma e vazia atrás dele.

— Fui aconselhada a ouvir primeiro, a avaliar meus… companheiros aqui, então tornar minhas opiniões conhecidas.

— Por isso as anotações.

— Você estava observando?

— Capitão de Inteligência, lembra? A não ser que você estivesse rabiscando cartas de amor para seu belo noivo.

Corou diante daquilo.

— Rainhas não rabiscam. Nem escrevem cartas de amor.

— Errado e errado. — Com um poderoso movimento da cauda, saltou para o lado de Hypaxia na beira da piscina, molhando-a. — Desculpe — disse quando o vestido branco de Hypaxia absorveu a água que escorria de seu corpo.

A rainha gesticulou para que ele não se preocupasse.

— Um pouco de água nunca fez mal a ninguém.

Tharion examinou seu rosto por um momento, então perguntou:

— Há quanto tempo você e Ruhn se conhecem?

— Essa é uma pergunta muito pessoal.

Tharion sorriu.

— Se você acha que isso é pessoal, está com graves problemas.

Seus lábios se repuxaram de novo, como se combatesse um sorriso pleno.

— Não faz realmente muito tempo. Nós só nos conhecemos casualmente.

— Ele parece ter muito interesse em você. — Tharion manteve seu tom brincalhão. — Eu contei quantas vezes ele olhou para você hoje.

— Mentira.

— Estava em dezessete ao meio-dia.

A bruxa soltou uma gargalhada então, libertando seu sorriso.

— Tenho certeza de que está enganado.

— De jeito nenhum. O principezinho estava praticamente babando.

Outra gargalhada, como sinos prateados.

— Você é sinônimo de problema.

— Eu ouço muito isso.

Um silêncio amigável recaiu. Então perguntou:

— Você precisava de um tempo sozinha, não é?

A fêmea voltou a chutar os pés descalços na água distraidamente.

— Eu passei grande parte da vida na fortaleza particular de minha mãe nas montanhas, com apenas meus tutores como companhia. Nos últimos meses, consegui encontrar uma forma de me aclimatar ao mundo moderno, mas aqui descobri que preciso me ajustar a tantos olhos sobre mim como rainha.

Havia muito a interpretar ali.

— Por que você cresceu sozinha na natureza?

— Foi escolha de minha mãe. — Não era uma resposta, mas sua voz estava tão distante que soube que não deveria insistir. Hypaxia prosseguiu: — Eu tenho… dons incomuns. Dons que minha mãe achou melhor aprender em reclusão.

— Posso saber?

— Eu não teria mencionado se não pudesse.

Tharion falou pausadamente:

— Então me conte, Pax, que tipo de dons?

Os lábios se repuxaram para cima com o apelido.

— Necromancia. Eu posso despertar e falar com os mortos — disse.

Tharion soltou um assovio longo.

— Estou perplexo. — Ergueu as sobrancelhas. — No entanto, achei que as bruxas eram todas da Casa de Terra e Sangue. Necromancia é um dom da Chama e Sombra.

— Meu pai era um necromante — respondeu. — Eu herdei a força total dos talentos dele.

— Então você pode, tipo… realmente despertar os mortos? — O rosto da irmã dele lampejou em sua mente.

— Há limites, e pode haver consequências graves, mas sim. É por isso que em grande parte nós só falamos com eles, em vez disso.

— O que acontece quando os mortos voltam? Eles são… iguais?

— Não. Se o corpo deles tiver sido destruído, requerem um novo. O que é desorientador, para dizer o mínimo. E alguns descobrem que não querem ser arrancados das Terras Eternas. No entanto, não fiz um despertar verdadeiro, então só posso lhe dizer o que aprendi com meus tutores. Nós operamos sob um código moral rigoroso, e eles se certificaram de que eu fosse bem versada nele.

— Eles são necromantes?

— Não. Eles são fantasmas.

Tharion se espantou.

— Como é?

— Fantasmas muito antigos. Minha mãe achou que era melhor que eles me ensinassem. Não apenas necromancia, mas tudo mais que uma rainha precisa saber.

A mente do tritão estava zonza. Necromantes não eram comuns, mas também não eram raros. Que a rainha-bruxa fosse uma, no

entanto… isso poderia ter implicações interessantes.

— Esse conhecimento é segredo?

— Não. Alguns em meu coven queriam que fosse, mas não tenho vergonha. Eu não tenho motivo para esconder a habilidade. Funciona lado a lado com minhas habilidades de cura.

— Vida e morte.

— Exatamente.

Aquele silêncio amigável recaiu de novo, e Tharion balançou a cauda na água. Hypaxia perguntou:

— Você prefere sua forma de tritão ou a humanoide?

— Ninguém nunca me perguntou isso.

— É pessoal?

— Não. É que… — Considerou. — Eu não sei a resposta.

A rainha-bruxa o estudou. Como se pudesse ver a parte que às vezes só corria de volta para a água porque precisava, não porque queria. Tharion tentou não se agitar sob aquele olhar, voltando o foco para a fêmea ao perguntar:

— Você prefere estar na terra ou voando na vassoura?

Ela não comprou a brincadeira.

— Não é a mesma coisa. Mas, se quer saber, prefiro voar. — Indicou um broche com forma da Cthona de corpo volumoso em seu ombro. — Minha vassoura está contida aqui. Tão fácil de conjurar quanto suas barbatanas. Eu percebo que às vezes a ouço me chamando. Que eu posso ouvir o próprio vento me chamando, me convidando a cavalgar suas depressões e suas ondas. Há uma liberdade e uma quietude em fazer isso. — Hypaxia o olhou em compreensão. — Suspeito que você estivesse nadando por aqui por um motivo semelhante.

Jovem e sábia, de fato.

— "Nadar por aqui" me faz parecer tão… ocioso — protestou. — Que tal "espreitando as águas" em vez disso?

De novo, um sorriso sutil.

— Espreitando as águas, então.

Tharion esfregou a nuca.

— Eu precisava de um tempo para aliviar a tensão — admitiu Tharion. — Eu, hã… estou noivo da filha da Rainha do Rio. — Dizia as palavras em voz alta tão, mas tão raramente. — Isso tem seus

benefícios, lógico, mas também vem com muitas obrigações cotidianas. Tantas que… — Interrompeu-se antes de falar demais, mas, pelo brilho nos olhos da fêmea, soube que a rainha-bruxa entendia as palavras não ditas: *que foi um erro terrível que cometi para início de conversa.* — Mas, além disso, eu só precisava refletir sobre toda a porcaria que os falastrões da Cimeira disseram hoje.

— Quando eu falar, vou me certificar de tentar impressionar você.

— Você já me impressionou muito, Pax. — Quantos jovens governantes compartilhariam coisas com ele daquela forma? Reservadamente, sim, mas, mesmo assim, abertamente. Amigavelmente. Se passara a vida toda cercada por fantasmas, Tharion não a culpava por querer uma companhia viva. A rainha, no entanto, era diferente. Da tímida filha da Rainha do Rio, dos governantes feéricos aprumados, dos arcanjos rabugentos. Um tipo de luminosidade brilhava em seus olhos, dos quais não conseguia desviar o olhar.

E foi precisamente por isso que pulou de volta na água, tentando não molhar a rainha. Quando Tharion emergiu, jogando o cabelo molhado para trás, disse:

— Bem, eu preciso ir dormir. Preciso estar alerta para mais concursos de medição de pau amanhã.

— Está falando de você mesmo ou dos outros?

A fêmea disse tão tranquilamente que o fez cair na gargalhada:

— Boa noite, Pax.

A rainha corou e Tharion nadou alguns metros para longe.

— Boa noite — cumprimentou de volta.

— Vejo você cedinho — respondeu, mergulhando sob a água. Tharion se dirigiu à própria cápsula de dormir do outro lado do espaço e, mesmo quando soube que tinha nadado fundo o bastante para que ela não o visse, podia jurar que sentia o olhar da bruxa sobre si.

* * *

Um apito no computador de Tharion o agitou da lembrança. Ele abriu os olhos e encontrou uma fila de novos e-mails para ler.

Mas o tritão se permitiu mais um momento para se lembrar. De como durante os dias seguintes continuamente mostrou a ela um pedaço de papel durante as reuniões em que havia contado as vezes que Ruhn a fitara. Como a fêmea havia corado e gesticulado como se o ignorasse.

Como tinham se encontrado na piscina todas as noites para conversar sobre tudo e nada, às vezes apenas por cinco minutos, às vezes por uma hora. Quando tudo virou um Inferno, literalmente, Tharion a considerava uma amiga. Sabia que ela sentia o mesmo.

Tharion havia voltado a Lunathion durante a invasão dos demônios e não tinha ideia se a veria de novo. Até a noite passada. Até o ataque contra ela e Bryce. Será que o coven traidor era o culpado? Quem melhor para descobrir aquilo do que um capitão de inteligência?

Tharion deu uma olhada em seus seus e-mails, então voltou à pesquisa.

Tinha amigos, é óbvio. O Capitão Tharion Ketos não era nada se não amigável. Contudo, esses amigos sempre haviam sido casuais. Sua conexão com Pax tinha parecido instantânea, honesta e profunda. Certamente não deixaria os abutres no coven a ferirem ou tirarem seu direito de nascença. No que quer que fosse preciso, ele ajudaria.

Quer dizer, se conseguisse sobreviver a todo esse negócio com Emile Renast e os rebeldes da Ophion. Sem falar de sua rainha.

Ainda estava pesquisando Morganthia quando Fitzroy voltou, portando uma mensagem no tubo de metal.

A lontra esperou educadamente à porta enquanto Tharion lia a resposta de Hypaxia, escrita sob sua mensagem original:

Fui sincero anteriormente. Cuido de você. Se precisar que eu lide com seu coven, eu vou. Sem fazer perguntas. Conheço muitas feras famintas do rio.

A rainha havia respondido: *Você é um bom amigo. Obrigada.*

Franziu um pouco o cenho diante da resposta curta e impessoal, mas então viu a observação que ela havia acrescentado:

OBS.: Parece que voltamos a lidar com os medidores de pau.

Tharion gargalhou e guardou o bilhete no bolso, então disse à lontra:

— Isso é tudo, Fitz.

A lontra saiu digitando no tablet, então entregou a Tharion tanto o dispositivo quanto um cartão de visitas laminado. *Se você precisar de alguém discreto, estou disponível para contratação privada por fora da agência. Ofereço taxas competitivas, geralmente superlativas.*

Tharion olhou para o cartão, que dizia: *Fitzroy Brookings, Mensageiro Pessoal.*

E listava um endereço de e-mail privado, afirmando que estava disponível todos os dias do ano, mesmo nos feriados.

— Empreendedor — disse Tharion, guardando o cartão no bolso. — Gostei.

Os bigodes da lontra estremeceram, e lançou a Tharion um pequeno sorriso cheio de presas.

— Vou entrar em contato, Fitz — disse Tharion, com um aceno amigável. A lontra se curvou em despedida antes de sair andando.

Tharion tirou tanto o cartão de visitas quanto o bilhete de Hypaxia do bolso.

Definitivamente entraria em contato com a lontra. Se Hypaxia estivesse em perigo, empregaria todos os recursos possíveis para protegê-la.

Mesmo que isso significasse arriscar tudo o que tinha.

AGRADECIMENTOS

A Robin Rue: como eu posso expressar minha gratidão por tudo que você faz tanto como agente e amiga? (Dedicar este livro a você é uma tentativa pífia de fazer isso!) Obrigada do fundo do coração por sua sabedoria e encorajamento, e por estar presente em um piscar de olhos. E obrigada, como sempre, por ser uma parceira em todas as coisas relacionadas à boa comida e a um bom vinho!

A Noah Wheeler: agradeço ao universo todos os dias por nossos caminhos terem se cruzado. Desde sua opinião brilhante a sua atenção aos detalhes sem igual, você é o editor mais incrível com quem eu já trabalhei. (E a única pessoa que realmente entende minhas obsessões com as palavras cruzadas do *NYT* e concursos de soletrar.) Um brinde a muito mais livros juntos!

A Erica Barmash: voltar a trabalhar com você é um prazer! Obrigada por todos os anos passados promovendo meus livros e sendo uma grande amiga!

A Beth Mille, uma pedra preciosa da humanidade em todos os sentidos, e uma colega fã de biologia marinha: obrigada por todo seu trabalho árduo e por ser um constante raio de sol! (E pelas fotos incríveis da vida marinha selvagem!)

À equipe global da Bloomsbury: Nigel Newton, Kathleen Farrar, Adrienne Vaughn, Ian Hudson, Rebecca McNally, Valentina Rice, Nicola Hill, Amanda Shipp, Marie Coolman, Lauren Ollerhead, Angela Craft, Lucy Mackay-Sim, Emilie Chambeyron, Donna Mark, David Mann, Michael Kuzmierkiewicz, Emma Ewbank, John Candell, Donna Gauthier, Laura Phillips, Melissa Kavonic, Oona Patrick, Nick

Sweeney, Claire Henry, Nicholas Church, Fabia Ma, Daniel O'Connor, Brigid Nelson, Sarah McLean, Sarah Knight, Liz Bray, Genevieve Nelsson, Adam Kirkman, Jennifer Gonzalez, Laura Pennock, Elizabeth Tzetzo, Valerie Esposito, Meenakshi Singh e Chris Venkatesh. Não consigo imaginar trabalhar com um grupo de pessoas melhor. Obrigada a vocês por toda sua dedicação e trabalho tremendo! E uma tonelada de gratidão e amor a Grace McNamee por pular a bordo tão rápido para ajudar com este livro! Um obrigada especialmente grande a Kaitlin Severini, preparadora de texto excepcional, e a Christine Ma, revisora com olhos de águia!

Cecilia de la Campa: você é uma das pessoas mais esforçadas e gentis que conheço. Obrigada por tudo o que faz! A toda a equipe da Writers House: vocês são incríveis, e é uma honra trabalhar com vocês.

Obrigada à destemida e adorável Jill Gillet (e Noah Morse!) por fazerem tantos de meus sonhos se tornarem realidade e por ser absolutamente prazeroso trabalhar com vocês! A Maura Wogan e Victoria Cook: me sinto tão grata por ter vocês ao meu lado.

A Ron Moore e Maril Davis: trabalhar com essas duas estrelas foi o ponto alto da minha *vida*. E muito obrigada a Ben McGinnis e Nick Hornung, vocês são maravilhosos!

A minha irmã Jenn Kelly: o que eu faria sem você? Você traz tanta alegria e luz para minha vida. Te amo.

Eu poderia escrever mais mil páginas sobre as mulheres maravilhosas e talentosas que me motivam e que me sinto honrada em chamar de amigas: Steph Brown, Katie Webber, Lynette Noni e Jillian Stein. Adoro todas vocês!

Obrigada, como sempre, a minha família e meus sogros pelo amor incondicional.

A Annie, fiel amiga e companheira de escrita: amo você para sempre, cachorrinha.

A John e Taran: obrigada por sempre me fazerem sorrir e gargalhar. Meu amor por vocês é maior do que a quantidade de estrelas no céu.

E obrigada a *você*, querido leitor, por ler e apoiar meus livros. Nada disso seria possível sem você.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Kit Cidade da Lua Crescente

Wikipédia da autora:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarah_J._Maas

Instagram da autora:
https://www.instagram.com/therealsjmaas/?hl=pt-br

Site da autora:
https://sarahjmaas.com/